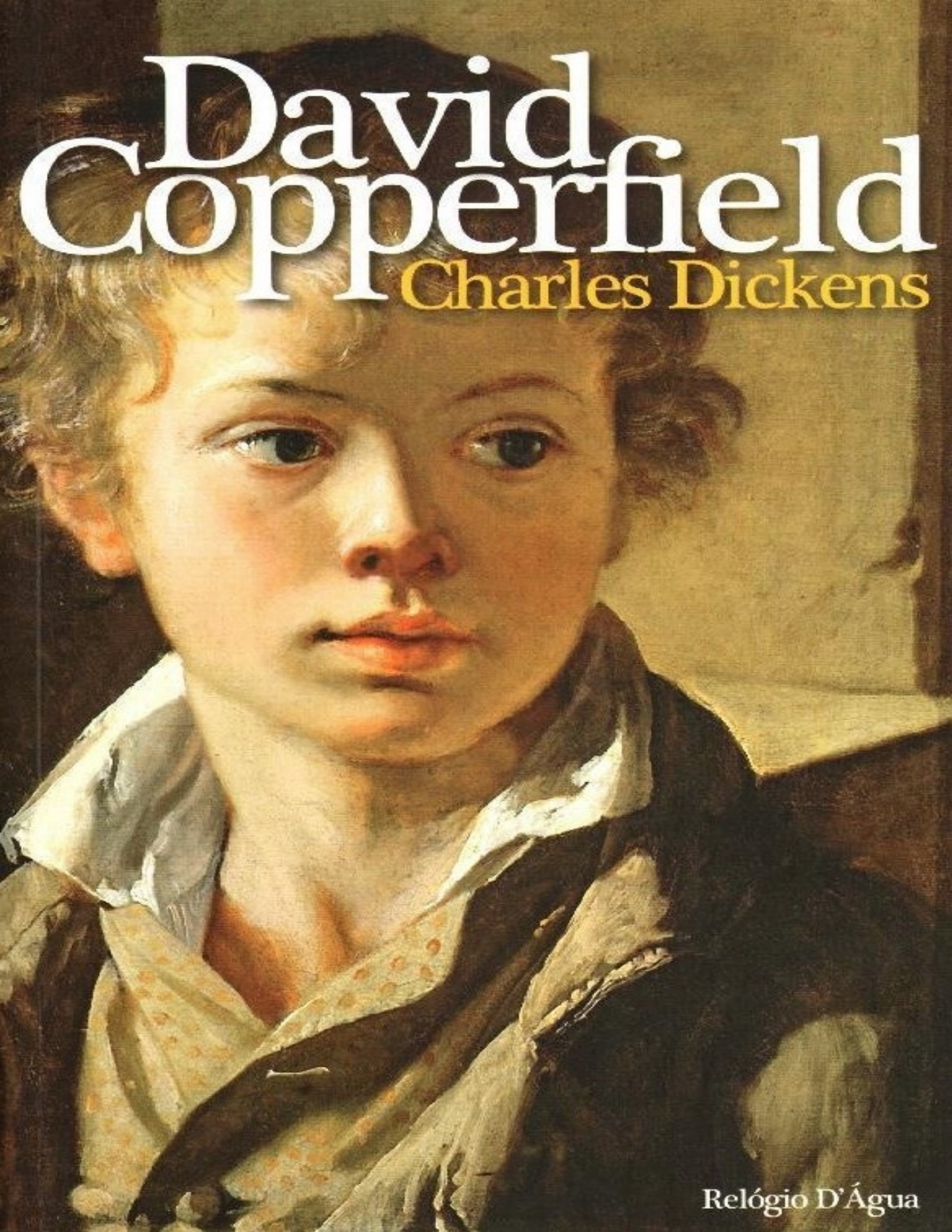

David Copperfield
Charles Dickens
Relógio D'Água

DAVID COPPERFIELD

CHARLES DICKENS

Índice

PREFÁCIO DO AUTOR NA PRIMEIRA EDIÇÃO (1850)
DO PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO (1869)
O AUTOR E A SUA OBRA

- I. VENHO AO MUNDO
- II. COMEÇO A OBSERVAR
- III. MUDO DE SITUAÇÃO
- IV. ENTRO EM DESFAVOR
- V. SOU EXPULSO DE CASA
- VI. ALARGO O CÍRCULO DOS MEUS CONHECIMENTOS
- VII. O MEU PRIMEIRO SEMESTRE NO INTERNATO
- VIII. MÍNHAS FÉRIAS, ESPECIALMENTE UMA TARDE AFORTUNADA
- IX. PASSO UM ANIVERSÁRIO MEMORÁVEL
- X. FICO ABANDONADO, MAS A PROVIDÊNCIA SOCORRE-ME
- XI. INICIO A VIDA POR MINHA CONTA E NÃO A ACHO AGRADÁVEL
- XII. NÃO MELHORA O MEU GOSTO PELA VIDA INDEPENDENTE, E EU TOMO UMA RESOLUÇÃO IMPORTANTE
- XIII. CONSEQUÊNCIAS DA MINHA RESOLUÇÃO
- XIV. A TIA TOMA UMA RESOLUÇÃO A MEU RESPEITO
- XV. FAÇO OUTRA INICIAÇÃO
- XVI. SOU OUTRO EM MUITOS ASPECTOS
- XVII. APARECE ALGUÉM
- XVIII. UMA RETROSPECTIVA
- XIX. OLHO DERREDOR E FAÇO UMA DESCOBERTA
- XX. EM CASA DE STEERFORTH
- XXI. EMILY
- XXII. VELHOS CENÁRIOS E PERSONAGENS NOVAS
- XXIII. CONCORDO COM O SENHOR DICK E ESCOLHO UMA PROFISSÃO
- XXIV. A MINHA PRIMEIRA DISSIPAÇÃO
- XXV. ANJOS BONS E MAUS
- XXVI. TORNO-ME CATIVO
- XXVII. TOMMY TRADDLES
- XXVIII. O DESAFIO DE MICAWBER
- XXIX. FAÇO NOVA VISITA A CASA DE STEERFORTH
- XXX. UMA PERDA
- XXXI. UMA PERDA AINDA MAIOR
- XXXII. COMEÇO DE UMA VIAGEM LONGA
- XXXIII. FELICIDADE
- XXXIV. A TIA CAUSA-ME ESPANTO
- XXXV. DEPRESSÃO
- XXXVI. ENTUSIASMO
- XXXVII. UM BALDE DE ÁGUA FRIA
- XXXVIII. DISSOLUÇÃO DE SOCIEDADE
- XXXIX. WICKFIELD & HEEP

XL. O VIANDANTE
XLI. AS TIAS DE DORA
XLII. INJÚRIA
XLIII. OUTRA RETROSPECTIVA
XLIV. O NOSSO LAR
XLV. O SENHOR DICK REALIZA AS PROFECIAS DE BETSEY
XLVI. COMPREENSÃO
XLVII. MARTHA
XLVIII. A MINHA VIDA DOMÉSTICA
XLIX. ESTOU ENVOLTO EM MISTÉRIO
L. REALIZA-SE O SONHO DE DANIEL PEGGOTTY
LI. INÍCIO DE UMA VIAGEM MAIS LONGA
LII. ASSISTO A UMA EXPLOSÃO
LIII. OUTRA RETROSPECTIVA
LIV. AS TRANSACÇÕES DE MICAWBER
LV. TEMPESTADE
LVI. A FERIDA NOVA E A ANTIGA
LVII. OS EMIGRANTES
LVIII. AUSÊNCIA
LIX. REGRESSO
LX. AGNES
LXI. MOSTRAM-ME DOIS PENITENTES INTERESSANTES
LXII. DIVISO UMA LUZ NO MEU CAMINHO
LXIII. UMA VISITA
LXIV. ÚLTIMA RETROSPECTIVA

PREFÁCIO DO AUTOR NA PRIMEIRA EDIÇÃO (1850)

Não me é fácil abstrair suficientemente deste livro, ainda sob a primeira impressão de o ter concluído, para dele falar com o sangue-frio que este nome cerimonioso de Prefácio parece exigir. O meu interesse nele é demasiado forte e recente; e tenho o espírito ainda tão dividido entre o prazer e a mágoa (o prazer de terminar tão velho propósito e a mágoa de me separar de tantos companheiros), que me arrisco a fatigar o leitor com as minhas confidências pessoais e comoções particulares.

Além disso, tudo quanto poderia dizer da obra, de qualquer "maneira o disse já nas próprias páginas dela.

Talvez para o leitor haja pouco interesse em saber com que desgosto se descansa a pena depois de dois anos de um trabalho de ficção; ou o que sente o autor ao lançar algo de si mesmo neste mundo sombrio quando a multidão de criaturas nascidas do seu cérebro o abandona para sempre. Todavia nada mais eu tinha Para dizer, excepto provavelmente confessar (e isto decerto ainda tem menos importância) que ninguém poderá, ao ler esta história, acreditar mais nela do que eu o fiz ao escrevê-la.

Em vês de olhar, contudo, para trás, eu olharei para a frente. E não poderei fechar este volume mais agradavelmente para mim do que deitando um relance esperançado ao tempo em que tornarei a apresentar mensalmente as minhas novas laudas, sem me esquecer no entanto do sol alegre e dos aguaceiros que caíram nestas folhas do David Copperfield e me fizeram feliz.

Londres, Outubro, 1850.

DO PREFÁCIO DA SEGUNDA EDIÇÃO (1869)

... Esta confissão é hoje ainda tão verdadeira que não posso acrescentar senão uma nova confidência ao leitor. De todos os meus livros, este é o de que eu mais gosto. Facilmente se admitirá que tenha por qualquer produto da minha imaginação uma ternura paternal e que ninguém, mais do que eu, possa amar esta progenitura. Mas, como acontece a muitos pais, guardo no fundo do coração um filho preferido: chama-se David Copperfield.

1869.

O AUTOR E A SUA OBRA

Em 1812, ano em que nasceu Charles Huffam Dickens, a Inglaterra atravessava uma época decisiva na Sua história. A Inglaterra rural, indolente e alegremente resignada, transformava-se na Inglaterra industrial de meados do séc. XIX, envolta em fumo e névoa, mas dinâmica e sedenta de progresso material. Nas recordações de infância, de Dickens, o ruído saltitante das últimas diligências rolando pelo empedrado das estradas de província já se confundia com o roncar das máquinas a vapor das fábricas e com o longo silvo das primeiras locomotivas. Dickens nasce com um mundo novo. Tudo o que é velho começa a vacilar. Há um quarto de século que uma onda de revolução salpica de vermelho todas as velhas nações. Na ilha, pelo contrário, a classe governante, mais consciente dos problemas económicos, conseguiu avaliar melhor a situação social e, cedendo privilégios políticos, evitou a guerra civil. No entanto, em nenhum outro país os operários foram pior tratados: tugúrios, quinze horas diárias de trabalho, crianças de cinco anos nas fábricas... A Inglaterra não estava ainda despida das escandalosas diferenças sociais que provocaram a revolução no continente! Apesar disso, as mudanças efectuaram-se progressivamente num sentido que ninguém no continente pôde sequer prever: A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL.

Torna-se necessário, destacar a situação do mundo em que Dickens nasceu e viveu, porque poucos homens foram fruto do seu tempo com a intensidade com que Dickens o foi, nem tão solidários para com o ambiente em que nasceram. Houve quem dissesse que Dickens constituiu uma causa importante para que a Inglaterra não sofresse uma revolução como as que assolaram o resto da Europa,. Eu chego ao ponto de afirmar que ele e a sua obra representam uma mentalidade que torna impossíveis as revoluções.

Em França, o romance burguês de costumes, concebe como produtos do ambiente cada um dos tipos que desenha. Claro está que esta concepção supõe que o processo mais radical para mudar a sorte do homem é mudar o meio, o ambiente, as condições sociais - a revolução. Em Inglaterra, pelo contrário, o romance burguês de costumes prefere enquadrar invariavelmente os seus personagens na família. O inglês, onde quer que se encontre, é só por si uma ilha, e este isolamento cerrado estende-se à raça que, deste modo, se converte numa «ilha» auto-suficiente.

O romance inglês de costumes relata sempre, esquematicamente, a

evolução de alguns indivíduos no seio do seu clã, preconizando a formação de um novo tipo de sociedade através de um casamento, no qual se realize, com a bênção dos céus, a feliz e útil união do amor e do dinheiro. (Claro que, entre os maiores romancistas este esquema rígido se amplia mas, de um modo geral, continua a exercer a mesma pressão umas vezes por meio da sátira e outras, como em Díckens, através dum humor um tanto ingénuo, mas carregado de amargura.)

O carácter muito peculiar da Revolução Inglesa vai entroncar naquele tipo de matrimónio que une o amor e o dinheiro. Uma Revolução que, à escala universal, veio a chamar-se industrial, mas que foi, na sua origem, uma revolução doméstica; uma revolução que, por ser de carácter doméstico não foi menos dolorosa e que atingiu milhares de famílias, entre as quais a de Dickens.

Charles Díckens nasceu a 7 de Fevereiro de 1812, em Landport, Portsmouth, sendo o segundo de oito irmãos. O pai era um modesto funcionário da Tesouraria da Armada, alegre e bom conversador, mas perdulário e péssimo orientador dos parcos proventos da família. A mãe era um ser medíocre, desorientada e, embora culta, incapaz de produzir uma ideia que não fosse louca, e desprovida de sentido. Dickens julgou-a severamente. A vida da família não era nada fácil. No entanto, os primeiros anos da vida de Dickens estão envoltos numa deliciosa auréola de ternura e permanente alegria que tomam forma - como em David Copperfield - na recordação dos cabelos e do rosto juvenil da mãe inclinada sobre ele, quando apenas contava dois anos, ou as histórias divertidas que seu pai lhe narrava, durante longos passeios pelo campo.

Aos nove anos foi confiado a um professor com quem fés rápidos progressos. No entanto, os verdadeiros mestres de Dickens foram ROBINSON CRUSOE, GIL BLAS, AS MIL E UMA NOITES e, sobretudo, DOM QUIXOTE, cuja leitura devorava escondido no sótão da casa, entre trastes velhos e teias de aranha. Como o número de dívidas aumentava, a família pensou em mudar-se Para Londres, onde julgava ser a vida mais fácil. Em 1823, após terem vivido alguns anos em Chatham, instalaram-se em Londres. A mãe de Dickens quis abrir uma sala de estudo para raparigas, mas nunca conseguiu uma só aluna. Entretanto, as dívidas aumentavam progressivamente e a família começou a ser mal vista em todo o bairro, sendo o Sr. Dickens preso por dívidas e encerrado na prisão de Marhsalsea. O jovem Charles é então o chefe da família, preocupando-se com o futuro dos irmãos. Vende os poucos móveis que ainda possuem e, com uma mãe incapaz de fazer qualquer coisa de útil, entra aos onze anos como aprendiz numa fábrica de betume, que pertencia a uns parentes remotos.

Estes foram os anos mais duros da sua vida. Toda a humilhação e vergonha que sofreu, jamais se apagou da sua memória. Dickens, tal como toda a sua família, apesar da escassez de meios, considerava-se como pertencente à classe burguesa e nunca esqueceu que, numa determinada fase da sua vida, as circunstâncias sociais o obrigaram a sujar as mãos num trabalho que desprezava, a humilhar-se perante patrões que considerava inferiores e, pior ainda, a conhecer o ambiente terrível da cadeia. Nem a mulher, nem os filhos, nem o seu melhor amigo o biógrafo puderam conhecer aquele período da sua vida, que virá a ser revelado sob a forma de romance e, com um certo alívio: David Copperfield é, na realidade, a sua autobiografia e a sua melhor obra.

Em breve deixou de haver com que pagar a renda da casa e a família inteira, a mãe e os filhos, foi viver para a prisão de dívidas. Nestas prisões extraordinárias, alugavam-se quartos para famílias! Houve quem nascesse e aí fosse educado até aos vinte anos! Dickens continuava a trabalhar na fábrica de betume e morava num pequeno quarto. Aos domingos ia passar o dia com a família, na prisão. Foi esta vida em permanente relação com as classes mais pobres da grande cidade que lhe forneceu o ambiente de todas as suas obras posteriores, assim como uma interminável galeria de personagens, muitos dos quais aparecem caricaturados, com os seus defeitos e qualidades rudemente marcados, tal como o trabalho de um desenhador procura reproduzir os traços mais característicos de uma pessoa, embora quase sempre distorcendo-os como que vistos pelos olhos desmesuradamente abertos de uma criança assustada. Mais adiante teremos ocasião de insistir sobre esta característica da obra de Dickens, assim como das duas qualidades que o classificam definitivamente como retratista - ou melhor, caricaturista -, insuperável, de personagens e ambientes, que explicam a extraordinária fidelidade e precisão das suas recordações: o seu sentido da vista extraordinariamente desenvolvido e a sua memória quase fotográfica.

Em determinada altura, um golpe de sorte, sob a forma de uma pequena herança, permitiu à família sair da prisão e retomar, pelo menos parcialmente, a existência cómoda e relativamente desafogada de pequenos-burgueses, que o pai considerou sempre como a maior das bênçãos celestes, e que sempre foi a sua ambição máxima. O jovem Dickens pôde então prosseguir regularmente os seus estudos durante dois anos, em casa de um professor ignorante e brutal, cujo único método pedagógico consistia num enorme bordão com que castigava violentamente os seus alunos. Este outro aspecto da miséria da infância inglesa ficou vivamente reproduzido nas horríveis escolas de DAVID COPPERFIELD, NICHOLAS NICKLEBY e DOMBEY. Mas em breve o dinheiro falta

novamente, e Charles volta a trabalhar, mas agora no cartório de um advogado. De novo encontramos, nas suas obras, testemunho deste período da sua vida. O desfile contínuo de personagens de todos os tipos que passavam pelo escritório do advogado assim como o conhecimento das ruas de Londres que o seu mister de mandarete lhe proporcionava, forneceram-lhe um imenso caudal de elementos acerca da vida quotidiana, vulgar, da cidade, e da beleza e miséria dessas mesmas ruas. Todavia, não deixou de estudar. Durante os dois anos em que trabalhou com o advogado, o dinheiro da sua herança foi diminuindo, obrigando o pai a trabalhar como repórter na Câmara dos Comuns. Agora, Charles já invejava a profissão do pai. Do seu bolso comprou um velho método de estenografia, convertendo-se num estenógrafo consumado. Conseguiu um emprego no Tribunal do Lord Chanceler e, mais tarde, foi encarregado por um jornal de fazer a reportagem dos debates parlamentares. Finalmente conseguia viver sem dificuldades. Foi então que se decidiu a escrever. Dickens tinha vinte anos.

Tanto quanto a nossa perspectiva nos permite, é difícil fazermos uma ideia da imensa bagagem de experiências que Dickens tinha acumulado já aos vinte anos. Convém agora recordar as características fundamentais da sua personalidade: uma extraordinária memória e um agudo sentido da vista. Aquela primeira qualidade permitir-lhe-á recordar tudo quanto tenha visto, nos seus mais pequenos pormenores, sem esquecer as humilhações nem os sofrimentos. (Conservará por toda a vida um sentimento de solidariedade e piedade em relação a todos os que sofrem}. O seu olhar penetrante, mas puro como o de uma criança, viu um mundo de ladrões, de hipócritas, de violência, de miséria, de prisão, de insolência... Dickens, aos vinte anos já tinha visto tudo, em todas as suas cambiantes, com olhos de criança, com olhos que deformam a imagem. Quando vê chegada a ocasião, deseja a desforra. Considera-se socialmente degradado por um sistema injusto e sem piedade e, ambiciona um triunfo material. Dickens não é um revolucionário. É um burguês e não imagina sequer vir a ser outra coisa. Um pouco de bondade, de amor, poderia mudar tantas coisas... Esta é a sua bagagem: uma imensa dose de experiências e um imenso amor. Amor pelo seu semelhante mas, como inglês de raça, também dedicava um legítimo amor ao dinheiro.

Um dia, aos vinte e dois anos, escreveu uma pequena história Para o EVENING CRONICLE, e ficou satisfeito com o resultado. A partir de então, continuou uma série de quadros da vida da província e de Londres, que assinou com o pseudónimo de BOZ. O êxito foi imediato. Até então, ninguém se havia detido a olhar a cidade com os olhos tão cheios de poesia. Aqueles que andam

pela rua admiram-se com as coisas que descobrem, dia após dia, à medida que vão lendo os SKEETCHES BY BOZ. São contos estranhos em que se fala do asfalto, dos autocarros, das locomotivas. Trata-se de um mundo que, até então, se encontrava à margem da literatura. Dickens vai ensinando aos londrinos a admirar, a amar a sua vida vulgar dentro da cidade. Ensina-os a amar-se a si mesmos, por muito desprezíveis e insignificantes que se considerem. Carlyle quis conhecê-lo; foi este o retrato que dele nos deixou: «É um belo rapaz, esse Boz; tem uns olhos azuis, claros, inteligentes, fortes sobrancelhas arqueadas, uma boca grande, um rosto inquieto, expressivo, no qual tudo - sobrancelhas, olhos, boca - toma um estranho movimento, quando fala.»

Dois anos depois, em 1836, Dickens casa com a filha de um dos directores do jornal. Tinha vinte e quatro anos e começava a granjear fama. Foi então que um caricaturista muito em voga na época, propôs aos editores Chapman e Hall a publicação de uns desenhos para os quais tinha pensado em um texto de Boz. E assim nasceu MISTER PICKWICK. Era necessário narrar a história de um grupo de caçadores inexperientes, sem habilidade e incapazes de praticar qualquer desporto, que constituíam um clube, resultando daí uma infinidade de situações jocosas. A publicação deveria faser-se em fascículos. De princípio, a ideia não desagradou a Dickens, mas pareceu-lhe mais lógico escrever antes um texto que o desenhador ilustraria. E assim se fez. No primeiro número ainda foi respeitada a ideia original da constituição de um clube, mas em breve se escapa das mãos do romancista o solene, sentencioso e quixotesco Mister Pickwick. Quando Dickens iniciou a elaboração da história, não imaginava sequer como ela se desenrolaria e, muito menos, como acabaria. Além disso, antes que tivesse aparecido o terceiro episódio, o desenhador suicidou-se, motivo que levou a suspender a publicação. No entanto, encontrou-se outro desenhador e ficou decidido continuar. Mas o resultado não conseguiu ser satisfatório. (Dos primeiros números venderam-se apenas quatrocentos exemplares). Dickens deu-se conta de que o seu Dom Quixote tinha falta de um Sancho Pança e criou um criado para Mister Pickwick: SAM WELLER. O êxito foi imediato. Do número quinze venderam-se mais de quarenta mil exemplares. Sam Weller era a criação literária mais importante, na literatura inglesa, desde Fielding. As pessoas chegavam a esperar à porta a chegada do carteiro que fazia a distribuição; um padre teria contado a Carlyle que, ao sair do quarto de um moribundo, o teria ouvido dizer: «Enfim, se Deus quiser, aconteça o que acontecer, o próximo número de MISTER PICKWICK há-de sair amanhã!». Não importa saber se a história é verdadeira, ou não. O importante é que, pela primeira vez se verificava que uma obra literária de qualidade conseguia calar tão fundo na alma do povo, a

ponto de chegar a fazer parte da linguagem de todos os dias.

É fácil adivinhar que Dickens veio revolucionar o comércio de livros com o seu sistema de romances em fascículos, decidindo a sorte da indústria livreira em Inglaterra, durante o quarto de século que se seguiu. Mais adiante teremos ocasião de ver como Dickens se tornará num verdadeiro fenómeno social nos países de língua inglesa, mas não será nunca demais destacar a intensidade de tal fenómeno. Como explicar essa revolução num tipo de comércio tão pouco sujeito a deixar-se deslumbrar por fenómenos artísticos, por muito elevados que sejam?

Mas prossigamos com a sua vida. Dickens é ainda muito jovem. Encontra-se recém-casado e Mary, irmã mais nova de Catarina, sua mulher, começa a frequentar a casa dos Dickens. Houve quem dissesse que Dickens admitiria ser a cunhada quem realmente amava. Na realidade é certo que sentia por ela uma grande afeição. Além disso, a sua recordação teve para Dickens grande importância, tanto mais que Mary morreu muito jovem, quase uma criança, e a sua figura, longe de perder o encanto com o tempo, foi-se tornando cada vez mais ideal, quase divina. Mary Hogarth é o modelo que Dickens tem sempre presente para as figuras femininas dos seus romances: Nell, etérea e perfeita, na LOJA DE ANTIGUIDADES, Agnes em DAVID COPPERFIELD, a PEQUENA DORRIT, são outros tantos aspectos da figura idealizada de Mary. O amor que Dickens lhe dedicava era tão intenso que, durante semanas após a sua morte, se sentiu incapaz de escrever uma linha que fosse e, mais tarde, fez disposições para que, quando da sua morte, o sepultassem junto a ela.

Dickens acabou por refazer a sua vida. Começou a escrever OLIVER TWIST, uma história completamente diferente de PICKWICK. Esta história é uma narração continua: um verdadeiro romance. Conta a vida de um rapazinho órfão, educado num asilo oficial, o qual, não obstante a sua convivência com gente da pior espécie, se mantém puro. Trata-se de uma sátira violenta contra o que a caridade oficial encerra em si de desumano, e consagrou Dickens definitivamente. Tinha então vinte e seis anos. É necessário que o leitor não se deixe enganar pela emotividade e calor que Dickens imprime às suas obras - e isto refere-se a todos os seus livros -, pelo tom melodramático, pelo seu sentimentalismo. Esta aparência oculta muitas vezes uma crueldade terrível; o seu humor é um sorriso por entre lágrimas de impotência, e o comportamento dos seus personagens, tão burgueses, toca as raias do crime. Dickens é o verdadeiro mestre do naturalismo inglês. O facto de este naturalismo, com toda a sua brutalidade descritiva, com a superabundância de detalhes, por vezes repelentes mas cobertos pelo pudico véu do puritanismo victoriano, ser

apresentado como num sonho, reduz a estatura dos seres monstruosos, até convertê-los em inofensivos anões. Mas Dickens vivia num mundo atormentado e que o atormenta, e não pode impedir-se de escrever. Inicia NICHOLAS NICKLEBY sem um plano definido, tal como as suas obras anteriores. Trabalha angustiadamente. Os impressores importunam-no constantemente, sempre à espera do episódio seguinte. Escreve pela manhã e, pela tarde, sobretudo ao anoitecer, dá grandes passeios pela cidade. Como seria natural, os convites choviam, mas Dickens fugia dos grandes salões. O seu olhar, preciso e agudo, captava sempre o lado desagradável dos poderosos, cujo brilho tinha necessidade do sombrio latido da cidade. No entanto, prosseguia na tentativa de obter para si e para os seus, a vida brilhante e fácil do burguês de 1838. Dickens sentia-se capaz de criar, por si só, um universo de seres. Assim, iniciou, em 1840, a publicação de uma revista na qual personagens totalmente fictícios comentariam, cada um segundo a sua própria personalidade, os acontecimentos da vida diária, contariam histórias... E criou os dois titãs que sustentariam aquele universo, Gog e Magog. A publicação chamar-se-ia O RELÓGIO DE MAESE HUMPHREY, e tratar-se-ia de um velho que contaria as histórias que guardava no seu relógio. Do primeiro número venderam-se sessenta mil exemplares, mas quando o público se deu conta de que não se trataria de uma história contínua, abandonou-o. Dickens tudo tentou inutilmente, até que, por fim, resolveu dar a saber que uma das histórias começadas, A LOJA DE ANTIGUIDADES, continha material para um longo romance. Foi outro êxito. A figura central, a jovem Nell, rodeada de personagens cruéis, cativou o público. O próprio Dickens hesitava em dar ao romance um fim trágico de acordo com o teor da história. Nunca um autor se identificou tanto com o seu público. Agora (1842) Dickens é um dos homens mais admirados do seu tempo. Nos Estados Unidos, há muitos leitores que reclamam a sua presença e ele acede. Por aquilo que nós conhecemos acerca das recepções que os americanos costumam prodigalizar aos visitantes que admiram, pode-se calcular o acolhimento que Dickens recebeu. Este surpreende-se e orgulha-se. No entanto, a América decepciona-o. Ao regressar à Europa publica umas NOTAS AMERICANAS nas quais se propõe julgar assaz duramente a realidade dos Estados Unidos.

Em seguida inicia outro romance, MARTIN CHUZZLEWIT, que começa com uma forte sátira sobre o defeito nacional: a hipocrisia. Talvez aqui o autor tivesse ido longe demais, pois se verificou que as assinaturas baixaram fortemente. Antes de acabar, tinha já começado outro relato, UM CONTO DE NATAL, o primeiro dos que, ao longo dos cinco anos seguintes havia de produzir. O segundo foi OS SINOS. O terceiro, O GRILO DA LAREIRA.

Contos deliciosos com que Dickens se distrai vendo passar pelas ruas de Londres, gente atarefada, carregada de embrulhos, na véspera de Natal.

Dickens decide efectuar uma breve viagem pela Europa. Percorre a França e a Itália, donde traz vários livros já escritos, cujo tema incidirá, paradoxalmente, sobre Inglaterra. Em Paris encontra-se com Vítor Hugo. Sem dúvida que o autor de OS MISERÁVEIS e o de OLIVER TWIST nasceram para conhecer-se. Enquanto permaneceu em Paris, Dickens trabalhou num novo livro, DOMBEY & FILHO, no qual o principal defeito focado é o orgulho. Mister Dombey é um poderoso homem de negócios, cuja única preocupação é o filho, não porque lhe tenha uma grande afeição, mas sim porque ambiciona para a sua firma o nome de DOMBEY <& FILHO, e despreza a filha, uma criaturinha encantadora. Este romance poderia ter vindo a ser tão bom como DAVID COPPERFIELD, mas Dickens não pôde resistir à tentação de oferecer aos seus leitores um final felis e, violentando a tendência natural do argumento, permitiu que Mister Dombey se arrependesse e voltasse para junto da filha.

Por essa altura, já de volta a Londres, uma associação de beneficência solicitou a colaboração de Dickens para uma representação teatral. O teatro tinha sido desde sempre a sua ambição secreta e, agora, via chegada a oportunidade de a satisfazer. O êxito obtido foi excessivo e catastrófico para a saúde de Dickens. A companhia teve que se deslocar à província porque todas as associações de beneficência se consideravam com direito a exigir de Dickens o mesmo favor. Semanas de febril agitação abalaram a sua resistência física; sofria de violentas enxaquecas e adoeceu da vista. No entanto, fundou um jornal diário, o DAILY NEWS, cuja direcção se viu obrigado a abandonar, ao reconhecer que não nascera para o jornalismo. Continuava sentindo a necessidade de criar. O seu amigo Foster sugeriu-lhe que tentasse escrever na primeira pessoa e, pela primeira vez pensou seriamente em utilizar a sua vida como tema de um romance. Assim nasceu DAVID COPPERFIELD (1849). Era a sua própria história, apenas com uma pequena alteração: no romance, o protagonista seria órfão. Dickens segue de tão perto a sua própria vida que, no final da obra, David se torna escritor. Mas neste romance há um personagem verdadeiramente imortal, que vale por qualquer um das suas outras obras. Trata-se de Mister Micawber, retrato vivo do próprio pai de Dickens, alegre, um pouco ridículo-, sempre arruinado mas, equilibrando-se sempre de uma maneira ou doutra e, sempre satisfeito. O público soube ver o que existia de excepcional neste romance, e nenhum dos livros de Dickens alcançou o êxito de DAVID COPPERFIELD. Como se isso não bastasse, toda a gente adivinhou o carácter auto-biográfico da obra, o que aumentou o interesse suscitado.

A partir de agora, Dickens já é mais do que UM grande escritor. Passa a ser O grande escritor, não só em Inglaterra e nos outros países de língua inglesa, como também na Europa, onde as suas obras são traduzidas em todos os idiomas. Dickens multiplica-se. A actividade consola-o; necessita aturdir-se; trabalha até se endurecer. Fala em público, preocupa-se com os mais pequenos pormenores da sua casa, trabalha incessantemente. Os romances sucedem-se: CASA DESOLADA (1852), TEMPOS DIFÍCEIS (1853), A PEQUENA DORRIT (1857), sendo esta última uma pintura da burocracia inglesa, que merece ser considerada como uma das melhores narrativas de Dickens, apesar de ser uma obra frequentemente esquecida. Ao falar de A PEQUENA DORRIT, vale a pena recordar que Dickens a dividiu em duas partes: «Pobreza» e «Riqueza». Este era o mundo de Dickens, a estrutura da sociedade burguesa. Servindo-nos de uma frase do próprio Dickens, eram «...as camadas vermelhas e brancas de um toucinho entremeado, bem curado». Na realidade, todas as suas obras se compõem destas camadas alternadas e irreconciliáveis de «branco» e «vermelho», de ricos e pobres. Esta mesma simplicidade e ingenuidade de exposição foi o elemento que atraiu os públicos de todos os tempos. Em Dickens não se pode procurar o delineamento de graves e transcendentes problemas socio-políticos. Tudo nos seus romances é pequeno, fácil, popular. Dickens teve com os seus contemporâneos o mesmo tipo de relação que os filmes de Hollywood têm connosco. A sua técnica - que nos sabe a bafio devido a essa mesma ingenuidade - está mais perto da de um narrador de histórias do que da de um romancista. Não é o mesmo. Divide o mundo em pessoas boas e más, num contraste de branco e negro, não por falta de experiência realista, mas porque assim o exige a expressão da sua épica imaginativa. Ao criar o herói de qualquer dos seus romances, precisa deixar bem claro os contrastes porque assim o exige aquela grande parcela da nossa alma que nunca deixou de ser infantil. Dickens cria mitos, seres de uma só peça que penetram no espírito dos seus leitores, a enorme massa de leitores a cujo alcance pôs o romance. E, para voltar ao cinema - que deve a Dickens mais do que os cineastas costumam reconhecer - , basta recordar Chaplin, criando um personagem que se converteu em mito, graças à sua extraordinária plasticidade, que ficou gravada nos sentidos do espectador a traços perfeitamente visíveis, hieráticos, quase rígidos. Ou poder-se-ia pensar nos heróis do Longínquo Oeste, bons e maus, branco e negro, camadas vermelhas e camadas brancas. Nenhuma destas películas, - nenhum dos romances de Dickens - teria conseguido prender-nos ao «écran», se apresentasse uma análise exaustiva da personalidade dos seus protagonistas. Os seus realizadores, tal como Dickens, não pretenderam apresentar-nos as últimas descobertas no campo da psicologia, mas sim mostrar claramente o que é a

bondade e o que é a maldade naquele mundo mítico, ao mesmo tempo que nos distraíam.

Além disso Dickens nunca pretendeu dar-se ares de intelectual, nem sequer perdeu o contacto com a realidade social, como ainda tinha dela a mesma ideia que qualquer um dos seus leitores. É esta a razão que fés com que se entendessem tão bem. Mas a indústria cinematográfica ainda deve mais a Dickens. Em primeira análise, Dickens é o primeiro romancista da era industrial, o primeiro grande artista totalmente condicionado por esse novo fenómeno que é a empresa capitalista. E mais ainda: sem a revolução industrial e as consequências que a ela se seguiram, teríamos um Dickens muito diferente, se acaso chegássemos a tê-lo. Por outro lado, o cinema é a arte da era industrial, a arte, por antonomásia, «industrial». Será então tão estranho que um e outro estejam relacionados, quando se atenta na origem comum de ambos? E a relação vai ainda mais longe. Dickens ensinou, ao cinema a linguagem que hoje chamamos cinematográfica. Montagem, acção paralela, primeiros planos, acção paralela escalonada, são outras tantas formas gramaticais dessa nova linguagem. Em Dickens já encontramos tudo isso. Ora vejamos a primeira linha de O GRILO DA LAREIRA. Começa assim: «Foi a panela que começou...» É o melhor exemplo de primeiro plano que se pode encontrar. Ou ainda na estrutura de OLIVER TWIST. Por exemplo o capítulo XXI: não será isto montagem cinematográfica? Qualquer dos romances de Dickens se desenvolve «visualmente» a nossos olhos.

Muito poucas pessoas adultas voltaram a ler Dickens depois dos seus quinze anos. No entanto, Dickens adquire todo o seu valor não só como entretenimento na infância, mas também observado do ponto de vista que adotámos nos parágrafos anteriores. Por outras palavras, Dickens constitui uma peça tão importante na história da cultura que não só é capaz de nos pôr em contacto com o nosso passado mais remoto, como nos revela a suprema qualidade de servir de fermento e incentivo para as empresas inteiramente novas. Onde está então a crítica ao escasso sentido social de Dickens?

Mas voltemos à sua biografia. Após a publicação de A PEQUENA DORRIT, Dickens sente-se fatigado, sente que a sua pena já não voa sobre o papel como dantes, pensa que a sua força criadora se vai esgotando. E, para compensar esta sensação, trabalha ainda mais. Não pode estar quieto; tem vontade de viajar, ir à Austrália, voltar. Aturdir-se. Perde a confiança em si mesmo. A fadiga e o excesso de trabalho são afinal a desculpa para se enganar a si próprio, mas em breve descobre a verdadeira razão: a vida ao lado da mulher tornava-se-lhe insuportável. Poucos meses depois de casado, Dickens tomara

consciência de que havia escolhido mal. Talvez fosse essa a razão. Mas a verdade é que um artista não é fácil de suportar, e o ofício de mulher de um romancista deve ser terrível. Além disso, no caso de Dickens, enquanto as suas recordações foram subsistindo, enquanto o seu único trabalho consistia em recolher materiais que a sua memória prodigiosa transformava em histórias, foi-lhe possível conter-se. Se agora começava a tornar-se irritável e fatigado, era porque a partir da publicação de DAVID COPPERFIELD, esgotadas as suas recordações, começava um período de difícil criação, de parto lento e doloroso. Tem quarenta e cinco anos e, agora, com a imortalidade literária garantida, vê-se obrigado a fazer o que nunca fizera: tomar notas, planificar cada capítulo, refazer uma e outra página repetidas veses... Dickens torna-se insuportável. Além disso, enquanto a mulher foi jovem e teve um aspecto atraente - apesar de sempre a ter considerado mais como uma carga do que como um apoio -, Dickens suportou-a. Mas agora é uma mulher baixa, quase feia e de presença insignificante. No entanto, viveram vinte e dois anos juntos e tiveram dez filhos. A rotura final sobreveio em 1858. Houve quem dissesse que Dickens se enamorou da cunhada mais nova, Georgina Hogarth, como acontecera anos antes com Mary Hogarth, tendo a cunhada tirado o lugar à mulher. É possível. Para outros, o novo amor de Dickens foi uma actriz de teatro, Ellen Ternan. É impossível saber a verdade. O certo é que a disputa definitiva foi provocada por um motivo de pequena importância e que Dickens, perdido todo o controlo durante a discussão, publicou no seu próprio diário um extenso relato das disputas com a sua mulher, o que constituiu uma amostra bastante reveladora da falta de educação a que pode chegar um artista da categoria de Dickens.

Dickens passou a viver com os filhos em Gad's Hill, convertendo-se num verdadeiro Mister Pickwick. Organizava festas para as crianças, que ele próprio animava, com diversos jogos, pantomimas e sessões de prestidigitação... Transformou-se. Mas em breve voltaria a sentir-se dominado pela agitação que já não o abandonaria.

Uma instituição de beneficência pediu-lhe uma leitura pública de algumas páginas das suas obras. O êxito foi tão grande que os empresários viram nessas leituras uma nova fonte de proventos. Dickens, apesar dos conselhos de vários amigos, aceitou fazer uma digressão pelo país, lendo fragmentos das suas obras, tarefa a que se entregou completamente. Dickens estava muito envelhecido. Viajava de dia e recitava de noite. Cada leitura é uma sessão esgotante, porque Dickens gesticula, grita, representa. Chega a suprimir do texto a descrição dos gestos de cada personagem, substituindo-os pela acção... Apesar disso, pertencem a esta época os seus três grandes livros: UMA HISTÓRIA EM DUAS

CIDADES, cuja acção se situa em Paris e em Londres, durante a Revolução Francesa; GRANDES ESPERANÇAS, em que se apresenta o reverso, por vezes trágico, da história de Copperfield. É provavelmente a obra mais moderna, e também mais solitária, de Dickens. E O NOSSO AMIGO COMUM, que constitui uma notável representação plástica dos novos ricos de meados do século.

Dickens desloca-se de novo à América, onde lhe solicitam leituras. Não dorme. Todas as noites precisa de suporíferos e todas as manhãs de estimulantes, mas o êxito é uma verdadeira apoteose. No entanto, ao regressar a Inglaterra (1868), encontra-se tão débil que os amigos têm que o vestir para cada leitura. Em 1869 começa um romance, O MISTÉRIO DE EDWIN DROOD, que deixou inacabado.

A 9 de Junho de 1870 morre Charles Dickens. Tinha cinquenta e oito anos. Dickens, imagem perfeita da sua época, deixou-se arrastar pelo mecanismo da sua vida, como o mundo do séc. XIX se deixara deslumbrar pelas suas descobertas. Todavia, Dickens, ao contrário do seu século, pressentiu o vazio do seu mundo interior. Viveu sempre projectado para o exterior, quer através dos seus personagens, quer de atitudes. Não aceitou o descanso porque isso significaria rejeitar-se a si mesmo e ao seu tempo. Defensor dos deserdados, chegou ao ponto de destruir a sua vida, na busca afanosa de dinheiro. Materialista e céptico, deixou, com a sua obra, um dos mais belos cantos de amor da literatura universal. Tal como o seu século, a obra que nos legou revelou-se ,após a sua morte, cheia de promessas de artes novas para os homens do séc. XX.

Carlos Ayala Agosto de 1969

* * *

I. VENHO AO MUNDO

Se hei-de ser o herói da minha própria existência, ou se outrem deverá ocupar essa posição, é coisa que adiante se verá. Para começar a minha vida no seu verdadeiro início, direi que nasci (como mais tarde me explicaram, e eu acredito) numa sexta-feira à meia-noite. É curioso que o relógio principiou a badalar e eu simultaneamente desatei a chorar.

Considerando o dia e hora do meu nascimento, declarou a parteira (e outras mulheres da vizinhança, que tomaram interesse por mim antes que eu chegasse à idade do entendimento) que estava, em primeiro lugar, destinado a uma vida infeliz; segundo, que seria daqueles que vêem almas do outro mundo - ambos os dons inevitavelmente atribuídos, segundo criam, a todas as crianças do sexo masculino ou feminino que tiveram a pouca sorte de nascer a tais horas de uma sexta-feira.

Não preciso, neste primeiro capítulo, de comentar aquele augúrio, pois a minha história documentará melhor se semelhante predição é confirmada ou rebatida. Quanto à segunda parte do vaticínio, apenas observarei que não aconteceu até agora, a menos que isso ocorresse quando eu andava ainda ao colo. Mas não me queixo da demora, e, se mais alguém for titular da mesma prerrogativa, sinceramente lhe desejo que Deus o preserve dela.

Nasci com uma coifa [{1}], que foi anunciada para venda, nos jornais, pela módica quantia de quinze guinéus. Se as pessoas que tencionavam embarcar estavam falhadas de capitais naquela altura, ou se lhes escasseava a fé, preferindo coletes de cortiça, eis o que ignoro; tudo quanto sei é que só houve uma proposta, e esta de um advogado que se dedicava à corretagem, o qual ofereceu duas libras, metade em espécie metade em xerez, recusando-se porém a pagar mais qualquer coisa pela isenção de naufrágio. De maneira que o anúncio foi retirado com prejuízo, porque quanto ao xerez a minha mãe de bom gosto também venderia o seu. E assim, da coifa, dez anos mais tarde fizemos uma rifa. Eram cinquenta bilhetes a meia coroa cada um; quem ganhasse esportularia ainda cinco xelins. Eu estive presente ao sorteio e lembro-me de que me senti um tanto constrangido ao ver disporem desse modo de uma parte de mim mesmo. A coifa saiu a uma velha, que trazia um cabaz e que, cheia de relutância, apresentou os cinco xelins em moedinhas de cobre: como faltassem dois dinheiros e meio, levámos imenso tempo a querer demonstrar-lho e consumimos

nisso grandes esforços de aritmética. O caso é que a mulher nunca se afogou; morreu de morte natural, aos noventa e dois anos. Conta-se, aliás, que se gabava de nunca ter estado sobre água, excepto numa ponte. Ao terminar o seu chá diário (jamais prescindia dele), costumava exprimir a sua indignação contra os marinheiros, que não faziam senão vagabundear. Em vão lhe objectavam que isso trazia muitas vantagens, entre as quais a importação do chá, ao que ela replicava, com mais ênfase, e muito convencida das suas razões: «Não deixam de vagabundear.» Para que não me acusem também do mesmo pendor, voltarei à vaca fria, isto é, às circunstâncias do meu nascimento.

Nasci em Blunderstone, no Suffolk. Sou filho póstumo. Meu pai fechara os olhos à luz do mundo seis meses antes de eu abrir os meus. Era uma coisa estranha (e ainda hoje me parece) pensar que ele nunca me tinha visto, e mais estranha ainda lembrar-me de que o meu progenitor jazia sozinho sob uma laje branca do cemitério, na escuridão da noite, enquanto a nossa sala estava tépida, de fogão aceso, iluminada de velas e com as portas trancadas - ideia que se me afigurava o cúmulo da crueldade.

Uma tia de meu pai, por consequência minha tia-avó, de quem me ocuparei mais adiante, era o elemento principal da nossa família. A senhora Trotwood, ou senhora Betsey, como sempre lhe chamava a minha pobre mãe (quando conseguia dominar o terror que lhe causava essa tremenda personagem, o que raras vezes sucedia), fora casada com um homem muito novo, belo, mas não dessa beleza verdadeira que se diz vir do coração, pois era voz corrente que lhe infligia maus tratos; e até certa vez, durante uma disputa de natureza económica, deliberara resolutamente lançá-la pela janela do segundo andar. Estas manifestações de incompatibilidade de génios levaram a senhora Betsey a querer descartar-se do marido e, de facto, seguiu-se a separação por mútuo consentimento. O homem embarcou para a índia, com os bens de que dispunha, e ali, dando-se crédito a uma lenda divulgada na família, apareceu uma vez montado num elefante e acompanhado de um babuino, mas eu penso que devia ser um «babu» [{2}], ou uma begum [{3}]. Fosse como fosse, passados dez anos chegou a notícia da sua morte. Não se sabe como a viúva reagiu, pois logo após a separação retomou o apelido de solteira, comprou uma vivenda à beira-mar e aí se instalou e se manteve em isolamento rigoroso, na companhia de uma criada.

Outrora meu pai fora o seu predilecto, segundo se dizia, mas o casamento do sobrinho ofendera-a deveras, tanto mais que considerava minha mãe uma boneca de cera. Aliás nunca a tinha visto: sabia apenas que era uma rapariga de menos de vinte anos. Meu pai e minha tia não tornaram a encontrar-se. Ele orçava pelo dobro da idade da mulher quando se casaram; era de constituição

delicada e morreu no ano seguinte, seis meses antes, como já disse, da minha vinda ao mundo.

Tal era a nossa situação nessa tarde de sexta-feira, que eu peço desculpa de julgar tão importante. Não pretendo ter sabido, nessa época, em que pé estavam as coisas, nem conservar a recordação, fundada no testemunho dos meus sentidos, do que vai agora seguir-se.

A minha mãe achava-se sentada junto do lume, enfraquecida e desalentada, olhando através das lágrimas e pensando na sua vida e na do pequenino ser que se anunciava para breve - quando, erguendo os olhos, enquanto os enxugava, viu pela janela uma desconhecida adiantar-se no jardim.

Ao segundo relance, a mãe pressentiu, sem sombra de dúvida, que era a tia Betsey. O sol crepuscular, incidindo por cima da vedação do jardim, punha em evidência a dama, que se aproximava da porta da casa com um passo tão firme e uma expressão tão rígida que não podia realmente pertencer a mais ninguém. Ao chegar, deu outra prova da sua identidade. Meu pai insinuara muitas vezes que ela quase nunca se comportava como um ente normal. Nesse momento, em lugar de sacudir a campainha, veio espreitar pela janela, premindo o nariz contra a vidraça, com tanta força que logo ficou achatado e lívido, consoante mais tarde contou a minha mãe. Nesta, o caso produziu tão grande abalo que eu sempre me convenci de que devo à tia Betsey a circunstância de haver nascido numa sexta-feira.

Na sua agitação, a mãe levantou-se e contornou a cadeira, refugiando-se atrás dela, e a senhora Betsey, circunvagando o olhar lento e perscrutante, começou pelo lado oposto da saleta até se fixar na dona da casa: dir-se-ia uma cabeça de mouro num relógio de mesa. Então carregou o cenho e, como pessoa habituada a ser obedecida, fez um gesto para que se lhe abrisse a porta. A mãe cumpriu a ordem.

- É a viúva Copperfield, creio eu - disse a visita. A ênfase dada à frase aludia naturalmente ao vestido de luto e ao aspecto geral da minha mãe, que retorquiu:

- Sou, sim.

- E eu a tia Trotwood - continuou a dama. - Com certeza que já ouviu falar de mim.

A mãe respondeu que já tivera esse prazer; sentiu, porém, que o não exteriorizara suficientemente.

- Pois aqui me tem em carne e osso.

Minha mãe curvou a cabeça e convidou a senhora Trotwood a entrar.

Depois penetrou com ela na saleta, porque na sala de visitas o fogão estava apagado; na realidade, o lume nunca mais ali se acendera desde o enterro de meu pai. Uma vez ambas sentadas, a tia conservou-se calada, e a mãe, não podendo dominar-se mais, principiou a chorar.

- Hum - murmurou a outra. - Deixe-se disso. Então, então!

A mãe abandonou-se largamente à sua dor e a tia acabou por ordenar:

- Tire a touca, minha filha. Quero vê-la bem.

Muito assustada para recusar, a mãe obedeceu à estranha injunção, embora se não achasse muito disposta, e fê-lo com tal nervosismo que o cabelo, bonito e abundante, lhe cobriu a cara.

- Meu Deus! - exclamou a senhora Trotwood -, é ainda uma criança.

Na verdade, tinha um ar extremamente juvenil, mesmo para a idade. Baixou a cabeça, como se fosse culpada, e disse, soluçando, que de facto lastimava ser uma viúva tão nova, e em breve, se sobrevivesse, uma mãe inexperiente. Na curta pausa que se seguiu, teve a sensação de que a tia lhe tocara no cabelo, sem muita ternura; mas quando se endireitou, viu a dama, de aspecto carrancudo, sentada com a orla da saia erguida, as mãos cruzadas sobre os joelhos e os pés poisados no guarda-fogo.

- Por amor de Deus! - bradou a tia de repente. - Gralhas... porquê?

- Refere-se ao nome da casa? - perguntou a mãe.

- Gralhas, porquê? - insistiu a primeira. - Melhor seria «Casa das Gralhas», se a menina tivesse algum sentido prático da vida.

- Foi escolhido pelo meu defunto - volveu a mãe. - Quando comprámos a propriedade, ele pensou que devia haver gralhas por estes sítios.

Nesse instante o vento da tarde soprou com certa força entre os ulmeiros antigos do jardim, e as duas senhoras olharam para lá. As árvores dobravam-se umas para as outras, quais gigantes que confiassem os seus segredos e, após uns momentos de repouso, foram de novo sacudidas por uma rajada violenta: agitaram as ramadas enormes, como se as últimas confidências fossem de facto demasiado atrozes para que pudessem estar em paz. Alguns velhos ninhos de gralhas, dos ramos mais altos, despedaçados já, pareciam destroços de naufrágio num mar tempestuoso.

- Onde estão as aves? - inquiriu a senhora Trotwood.

- As quê?

Minha mãe pensava em coisas diferentes.

- As gralhas. Que é feito delas?

- Não tem havido desde que aqui estamos. Cremos... cria o meu marido... que deviam ser muitas, mas os ninhos estavam velhos e as aves abandonaram-nos há bastante tempo.

- David Copperfield dos pés à cabeça! - exclamou a tia. - Baptizar uma vivenda de «Casa das Gralhas» quando não havia uma só! Apenas porque tinha visto os ninhos!

- David já morreu, e se a senhora veio para dizer mal dele...

Imagino que a minha pobre mãe teve a momentânea intenção de agredir a tia, que aliás a reduziria à impotência só com um braço, ainda que a sobrinha não estivesse nessa tarde em tamanha inferioridade física. Todavia esse desejo depressa lhe passou: chegara a levantar-se da cadeira, mas tornou logo a sentar-se e perdeu os sentidos.

Quando os recobrou, ou quando a senhora Trotwood a reanimou, descobriu esta última, de pé, à janela. As sombras do crepúsculo adensavam-se cada vez mais, e elas mal se poderiam ver uma à outra sem a claridade débil do lume.

- E então? - perguntou a tia, voltando para o seu lugar, como se tivesse ido apenas dar uma vista de olhos à paisagem. - Para quando é que espera...?

- Sinto-me tão trémula! - murmurou, ofegante, a minha mãe. - Não estou em mim... Tenho a certeza de que vou morrer.

- Qual! - replicou a tia.-Tome uma gota de chá.

- Meu Deus, acha que isso me faria bem?

A mãe mostrava uma expressão bastante desanimada.

- Sem dúvida que sim. Isso tudo é simplesmente imaginação. Como se chama a rapariga?

- Sei lá se será rapariga! - redarguiu a interpelada, com o ar mais inocente do mundo.

- Não me refiro à criança - declarou a senhora Trotwood - mas à sua criada.

- Peggotty.

- Peggotty!-repetiu ela, indignada. - Quer dizer, menina, que alguém levou um dia um inocente à pia baptismal para lhe dar o nome de Peggotty?

- É o apelido de família. O meu marido tratava-a assim porque ela tem o mesmo nome próprio que eu.

- Anda cá, Peggotty! -gritou a senhora Trotwood, que abrira a porta da saleta.-Chá! A tua ama não se encontra muito bem. E depressa!

Proferiu esta ordem tão imperiosamente como se fosse de há muito uma autoridade naquela casa. Depois de ter enfrentado a estupefacta Peggotty, que avançava pelo corredor com uma vela na mão, a tia tornou a fechar a porta e sentou-se outra vez, como antes, isto é, com os pés no guarda-fogo, a saia arregaçada e as mãos cruzadas nos joelhos.

- Estava na dúvida de que a criança seja do sexo feminino? - disse ela. - Eu tenho o pressentimento de que sim. E agora, minha filha, logo que nasça essa pequena...

- Pode ser rapaz - observou minha mãe, que tomou a liberdade de discordar.

- Repito-lhe que tenho o pressentimento de que será rapariga - insistiu a senhora Trotwood. - Não me contradiga. E, logo que nasça a pequena, serei muito sua amiga, serei a sua madrinha. Quero que lhe dê o nome de Betsey Trotwood Copperfield. Não se confundirá com esta Betsey Trotwood, ninguém fará pouco dos seus sentimentos, coitadinha. Há-de ser educada decentemente e estará de atalaia contra o perigo de depositar confiança em quem a não merecer. Incumbe-me este cuidado.

No final de cada uma destas frases, ela fazia um movimento nervoso com a cabeça, como se se recordasse dos seus desgostos passados e quisesse evitar ser mais explícita a esse respeito. Pelo menos foi o que a minha mãe calculou, observando-a à claridade trémula do lume. Aliás, estava bastante assustada com a presença de Betsey, deveras indisposta consigo mesma e demasiado inquieta para ver as coisas com exactidão ou para saber que linguagem empregar.

- E David era seu amigo, minha filha? - perguntou Betsey, depois de breve silêncio e de haver cessado a pouco e pouco os gestos de cabeça. - Entendiam-se bem?

- Éramos felizes. Ele tratava-me bem de mais. --Estragava-a com mimos, hem?

- Excessos de mimos para quem se haveria de ver só neste triste mundo, onde não conta com mais ninguém - respondeu a mãe, soluçando.

- Vamos, não chore! - redarguiu Betsey. - Não quadravam um com o outro, minha filha (se é que já houve esposos que se ajustassem). Por isso fiz a

pergunta. Era órfã, julgo eu.

- Era.

- E governanta?

- Fui governanta de meninos numa casa que ele frequentava. Copperfield mostrou-se amável, distinguia-me muito e acabou por pedir a minha mão. Aceitei. De maneira que nos casámos - concluiu naturalmente a mãe.

- Pobre pequena! - volveu a outra, pensativa, olhando sempre carrancuda para o fogo. - Sabe fazer alguma coisa?

- Não percebo... - gaguejou a mãe.

- Por exemplo, tomar conta de uma casa.

- Creio que não tenho muito jeito... não tanto como desejava. Mas Copperfield ia-me ensinando...

«Havia de saber muito!», murmurou Betsey com os seus botões.

- Se não fosse a desgraça daquela morte, penso que acabaria por aprender, pois ele tinha tanta paciência para me ensinar...

A mãe, comovida, não pôde prosseguir.

- Está bem, está bem! - acudiu Betsey.

- Eu escrevia as contas numa agenda e o meu marido verificava-as todas as noites! - exclamou a mãe, outra vez desanimada e lacrimosa.

- Está bem, está bem - repetiu a tia. - Não chore mais.

- E nunca houve disputas a esse respeito - recomeçou a mãe

de novo entregue à sua dor. - A não ser que ele me censurava por fazer os três e os cincos muito parecidos e pôr hastes compridas e recurvas nos setes e nos noves...

- Veja lá não adoeça - observou Betsey. - Bem sabe que seria

mau tanto para si como para a sua filha. Deixe-se de lamúrias!

Este argumento produziu certo efeito, se é que não foi o acréscimo de mal-estar que fez cessar o choro. Seguiu-se um intervalo de silêncio, cortado apenas, de tempos a tempos, pelas exclamações da senhora Trotwood, sempre sentada com os pés no guarda-fogo. Até que disse:

- Sei que o David arranjara para si próprio uma renda vitalícia. E, para si, que conseguiu ele, minha filha?

- Teve a prudência e a bondade de garantir para mim a reversão de parte desse rendimento.

- Quanto?

- Cinco libras por ano.

- Podia ter sido pior - comentou a tia.

O comentário era oportuno. Minha mãe estava tão mal que Peggotty, ao chegar com o tabuleiro do chá e as velas, e vendo num relance o estado da patroa (o qual Betsey não notara mais cedo, devido à escuridão que reinava na saleta), a transportou ao primeiro andar, ao quarto dela, a toda a velocidade; e mandou imediatamente o sobrinho, Ham Peggotty (há uns dias ali na casa, a ocultas da minha mãe, para o que desse e viesse), em busca do médico e da parteira.

Estes poderosos aliados ficaram enormemente perplexos quando, a poucos minutos de intervalo, se viram perante uma desconhecida de aspecto rebarbativo, sentada defronte do lume, com a touca enfiada no braço esquerdo e ocupada a tapar os ouvidos com bocadinhos de algodão. Peggotty ignorava tudo a respeito da senhora Trotwood (a mãe não fizera confidências), de forma que a sua presença na saleta constituía verdadeiro mistério. O facto de ter um pacote de algodão de que extraía os pedacinhos que Punha nas orelhas não diminuía a austeridade da sua pessoa.

O médico subiu ao andar superior e tornou a descer e, admitindo a possibilidade de ser obrigado a fazer demorada companhia à desconhecida, resolveu mostrar-se cortês e sociável. Portou-se como o mais dócil do seu sexo, o mais moderado dos homens. Deslizava de banda quando entrava num quarto ou dele saía, para ocupar sempre o menor espaço. Andava mais leve do que o Fantasma do Hamlet, e ainda mais lentamente. Punha a cabeça ao lado, em parte para se dissimular, por modéstia, em parte para aplacar toda a gente. Não basta dizer que seria incapaz de dirigir más palavras a um cão; nunca o faria, nem a um cão danado. Quando muito, empregaria uma palavra afável, ou metade dela, ou ainda menos, porque falava com a mesma lentidão que punha no mover-se. Rude é que jamais seria, pela absoluta incapacidade de exteriorizar rudeza.

O doutor Chillip contemplou suavemente a senhora Trotwood, de cabeça inclinada, fez uma vénia curta, e disse, como se aludindo ao algodão e tocando de leve na orelha:

- Irritaçãozinha local, não é verdade?

- O quê?! - exclamou ela, arrancando o algodão como quem tira uma rolha.

O médico ficou tão perturbado com aquela brusquidão (conforme contou mais tarde à minha mãe) que foi sorte não perder a serenidade. Limitou-se a repetir, com brandura: - Irritação local, minha senhora?

- Que disparate! - repetiu a dama, que voltou a tapar os ouvidos.

E o doutor Chillip não teve outro remédio senão sentar-se e olhar timidamente para o fogão, até que o chamaram do andar de cima. Passado um quarto de hora, regressou.

- Então? - indagou Betsey, retirando o algodão do ouvido. - Pois, minha senhora, a coisa vai, mas devagar.

A tia soltou uma interjeição desdenhosa e calafetou mais uma vez o ouvido.

Na verdade, na verdade, o doutor Chillip estava quase escandalizado; sim, do ponto de vista profissional, estava quase escandalizado. Todavia, sentou-se e observou a minha tia perto de duas horas, enquanto ela contemplava o lume. Mas vieram outra vez chamá-lo; daí a pouco regressava, e a senhora Trotwood, retirando o algodão do ouvido mais próximo do médico, perguntou:

- E agora?

- Fazem-se progressos, minha senhora, se bem que lentos...

Betsey resmungou de uma maneira que Chillip considerou intolerável. Esteve prestes a perder as estribeiras, como depois confessou. Preferiu então ir sentar-se na escada, ao escuro e numa corrente de ar, até que o viessem chamar de novo.

Ham Peggotty, que frequentava a escola oficial e era muito forte no catecismo, pelo que pode ser tomado como testemunha digna de fé, declarou no dia seguinte que, ao deitar a vista à saleta, uma hora depois daquele incidente, viu Betsey andar cá e lá no compartimento, muito agitada. Ao descobri-lo, correu para ele, antes que o rapaz fugisse. Nessa ocasião ouviram-se sons de vozes e de passos, que o algodão dos ouvidos não impedira de serem sentidos, visto que a dama o agarrou pelo pescoço, arrastando-o no seu contínuo vaivém, sacudindo-o, puxando-lhe pelo cabelo, tapando-lhe as orelhas como se se tratasse das suas; enfim, esfrangalhando-o e maltratando-o a valer. Isto foi confirmado pela própria tia, cerca da meia-noite e meia hora, quando ele recuperou a liberdade. O rapaz estava vermelho como um tomate.

O brando doutor Chillip, em semelhante momento, seria incapaz de conservar rancor. Enfiou pela saleta, logo que lhe foi possível, e disse a Betsey em tom suavíssimo:

- Pois, minha senhora, tenho o prazer de a felicitar.

- De quê? - volveu, bruscamente, a minha tia.

O doutor melindrou-se outra vez com o ar intempestivo de Betsey; de forma que fez um leve cumprimento e esboçou o sorriso mais doce do mundo, a fim de amansar a dama.

- Fale, homem de Deus! - ordenou ela.

- Sossegue, minha senhora. Já não há motivo para sustos. Tem-se considerado quase milagroso o facto de a tia não o ter

abalado, para que ele dissesse o que tinha a dizer. Limitou-se a mover a cabeça, porém num jeito que o descoroçoou.

- Pois, minha senhora - prosseguiu Chillip, quando se achou capaz de falar - , tenho o prazer de lhe dar os meus parabéns. Está tudo acabado, e acabou bem.

Durante cerca de cinco minutos Chillip continuou o seu discurso e Betsey nunca deixou de o perscrutar.

- Como está ela? - perguntou por fim, de braços cruzados e sempre com a touca enfiada num deles.

- Ficará restabelecida em pouco tempo; assim o espero - replicou o médico. - Tanto quanto se pode esperar de uma mãe jovem na triste situação em que esta se encontra. Não há inconveniente em a senhora ir agora visitá-la. Até lhe fará bem.

- E ela? Como está? - insistiu vivamente Betsey.

O doutor Chillip inclinou a cabeça um pouco mais e mirou a minha tia com um ar de pássaro atento.

- A criança - acrescentou ela. - Como vai a menina?

- Minha senhora - respondeu o médico - julguei que já soubesse. É um rapaz.

Betsey não disse nada. Pegou na touca pelas fitas, como uma funda, atingiu com ela a cara de Chillip, pô-la na cabeça, saiu, e não tornou a aparecer. Dissipara-se como uma fada descontente, ou como um desses seres sobrenaturais que a crendice popular considerava possíveis de serem vistos por mim. Nunca mais voltou!

Eu estava deitado na minha alcofa, e a minha mãe na sua cama. Contudo, a Betsey Trotwood Copperfield errava para sempre no país dos sonhos e das

sombras, na região misteriosa donde eu viera. E a luz que incidia na janela do nosso quarto iluminava no exterior o que é o domínio terrestre de tantos peregrinos como eu e o montículo de cinzas daquele que fora outrora o meu progenitor.

II. COMEÇO A OBSERVAR

As primeiras imagens que se me impõem, quando olho para o passado, para o vazio da minha infância, são minha mãe com o seu belo cabelo e formas juvenis, e Peggotty, informe, mas de olhos tão sombrios que pareciam escurecer-lhe o resto da cara, e de faces e braços tão rijos e corados que me admira não viessem as aves debicá-los de preferência às maças.

Julgo ser capaz de me recordar dessas duas, tão próximas e encurtavam aos meus olhos, porque se curvavam, ajoelhadas, para o chão, no espaço em que eu corria, vacilante, de uma para a outra. Tenho presente na memória, sem poder distingui-la da verdadeira lembrança, a impressão produzida pelo contacto do indicador de Peggotty quando ela mo apontava, conforme o seu costume - um dedo que a costura calejara e que parecia um ralador de noz-moscada.

Isto pode ser imaginação, mas eu penso que a nossa memória é capaz de recuar mais do que se supõe; creio também que há crianças dotadas de uma faculdade de observação tão exacta quanto extraordinária. Quem sabe se certos adultos, notáveis a esse respeito, mais não fizeram do que conservar aquela faculdade, em vez de a ter perdido? A frescura, docilidade, simpatia que neles se observam talvez sejam qualidades que lhes ficaram da infância.

Poderia recear que semelhante parêntese fosse um simples devaneio, mas a verdade é que aquelas conclusões são filhas da minha experiência. Ver-se-á desta narrativa que eu era uma criança observadora, ou que, já adulto, conservei íntegra memória da infância. É indubitável que reivindico estas duas qualidades.

Olhando para o passado, como dizia, as primeiras imagens que destrinço da confusão das coisas são a de minha mãe e a de Peggotty. De que mais me recordo? Vamos a ver.

Eis que dessa névoa surge a nossa casa: não é nova para mim, antes pelo contrário inteiramente familiar nas minhas mais remotas lembranças. No rés-do-chão está a cozinha de Peggotty: deita para um pátio, e no meio desse pátio, sobre uma estaca, um pombal sem pombas. A um canto fica uma casota de cão, mas também sem ocupante. E uma porção de galinhas que se me afiguram gigantescas, andando cá e lá ameaçadoras e cruéis. Há um galo que sobe a um poleiro para cantar e que parece dar pela minha presença quando eu o observo da janela- o que me faz tremer, porque o seu aspecto é feroz. Quanto aos gansos, que do outro lado do portão se aproximam de mim bamboleando-se e de pescoço

estendido, esses aparecem-me em sonhos, como poderia suceder a um homem que estivesse rodeado de feras e sonhasse com leões.

Eis um corredor comprido - enorme perspectiva para os meus olhos! - que leva à cozinha de Peggotty e à porta da rua. Para este corredor deita um quarto de arrecadação, escuro, diante do qual, à noite, se tem de passar a correr, pois não sei o que pode haver no meio desse amontoado de tinas, jarros e caixas velhas de chá, se não estiver lá ninguém que segure uma vela acesa. Dali se evola um cheiro bafiento de sabão, conservas, pimenta, cera, café. Depois, há as duas salas: aquela em que nos instalamos à noite, minha mãe, eu e a criada (que nos faz companhia quando acaba o seu serviço e nós estamos sós), e a de cerimónia, que utilizamos aos domingos; é grande, mas não confortável. Reina aí uma atmosfera de luto, porque Peggotty me contou (não sei quando, mas há imenso tempo!) que nesta sala esteve o caixão de meu pai e as pessoas que o acompanharam, todas vestidas de preto. Foi nesse mesmo lugar que a mãe nos leu, um domingo, a Peggotty e a mim, como Lázaro ressuscitou dentre os mortos. E eu tive tanto medo que foi preciso virem tirar-me da cama para me mostrar o cemitério tranquilo onde repousam os mortos nas suas campas, sob a solenidade do luar.

Não conheço em parte alguma erva mais verde do que a desse cemitério; nada que faça tanta sombra como essas árvores, nem maior calma do que a desses túmulos. Os rebanhos pastam por ali quando eu ajoelho, manhã cedo, na cama, num quartinho contíguo ao da minha mãe, para os poder contemplar. Ainda vejo a luz rubra incidindo no relógio de sol, e digo comigo mesmo: terá ele gosto em marcar outra vez as horas?

Agora o nosso banco na igreja, com o seu grande espaldar. Perto existe uma janela, donde se vê a nossa casa, Peggotty entretém-se a contemplá-la vezes sem conta, durante os ofícios matinais, pois gosta de se certificar de que não entra lá nenhum ladrão ou não rebentou nenhum incêndio. Mas, se ela se permite errar a vista, ofende-se se eu me ergo no banco para deitar uma olhadela ao padre. Aliás, não o observo com insistência: estou habituado a vê-lo sem aquela capa branca de que se reveste e assusta-me a ideia de que censure a minha curiosidade. Quem sabe se vai interromper a cerimónia para me interrogar... e o que será de mim, neste caso? Bocejar, também não é recomendável; todavia tenho de fazer alguma coisa. Olho para minha mãe, que finge não dar por isso; encaminho o olhar para um rapazinho que está junto da nave, e que me faz caretas. Admiro o sol que entra pela porta aberta e descubro uma ovelha tresmalhada (não me refiro a um pecador, mas a um animal), que parece desejosa de penetrar no templo; convenço-me de que, se a olhar mais demoradamente,

serei tentado a falar, e que aconteceria então! Levanto a vista para as estelas funerárias da parede: diligencio pensar no defunto senhor Bodgers, desta paróquia, e no desgosto por que passou a senhora Bodgers, e nos médicos que o trataram inutilmente. Teriam chamado o doutor Chillip e seria este quem se confessou impotente? Em tal caso, que sentirá ao deparar-se-lhe aquele monumento, uma vez por semana? Desvio a vista do doutor Chillip (com a sua gravata branca dos domingos) para o púlpito. Que belo sítio para brincar, que fortaleza se faria daquilo. Se outro garoto subisse os degraus, para o ataque, atirar-se-lhe-ia à cabeça o coxim de veludo com borlas. A pouco e pouco fecho os olhos e imagino ainda o sacerdote a entoar um cântico soporífico; depois deixo de o ouvir e por fim caio do assento com estrondo, e Peggotty leva-me para fora, mais morto do que vivo.

Vejo agora o exterior da nossa casa, com as janelas de persianas nos quartos de dormir, abertas ao ar embalsamado, e os velhos ninhos de gralhas, esgarçados, ainda pendentes dos ulmeiros, no extremo do jardim da frente. Eis-me entretanto no quintal das traseiras, além do pátio, onde fica o pombal sem pombas e a casota sem cão, autêntica tapada de borboletas, com a sua alta sebe e o portão de cadeado. Os frutos acumulam-se nas árvores, maduros e mais perfeitos do que em nenhuma parte, e a mãe colhe-os aqui e ali e mete-os num cabaz, enquanto eu, a seu lado, como groselhas às escondidas procurando manter a impassibilidade. Levanta-se um vento forte e, num momento, o Verão findou. Brinco à luz crepuscular, no Inverno, e dançamos na sala. Quando a minha mãe fica ofegante, senta-se numa poltrona, a descansar; vejo-a enrolar nos dedos os anéis lustrosos do cabelo e apertar a cintura. Ninguém, como eu, sabe quanto ela gosta de parecer bem e se orgulha de ser tão bonita.

O que acabo de dizer figura entre as minhas primeiras impressões. Creio também que tínhamos certo receio de Peggotty e que nos submetíamos à sua vontade na maior parte das coisas: isto agora já pertence às minhas primeiras opiniões, se é que lhes posso dar esse nome, e procede do que eu testemunhei.

Uma noite eu e Peggotty estávamos à lareira, sozinhos. Havia-lhe lido um trecho acerca de crocodilos, e devia tê-lo feito tão conspicuamente (ou a pobre criatura interessara-se a valer) que, ao fim da leitura, recordo-me de que ela conservava a impressão de que os crocodilos eram uma espécie de legumes. Estava cansado de ler e morto de sono; mas, tendo recebido como alta distinção a autorização para ficar acordado até que a mãe voltasse de uma visita a uma senhora da vizinhança, antes queria morrer no meu posto que ter de ir para a cama! Contudo o sono era tão grande que Peggotty me parecia crescer e inchar desmedidamente. Conservava os olhos abertos porque segurava as pálpebras

com a ponta dos dedos, e observava fascinado a minha companheira no seu trabalho de costura. Via também o coto de vela de que se servia para encerar a linha, e a caixa em que guardava a fita métrica, e o dedal com que se protegia da agulha, e o estojo da costura que ostentava na tampa uma reprodução colorida da catedral de São Paulo, por sinal com a cúpula cor-de-rosa. Bem sabia que, se deixasse de olhar para qualquer destes objectos, o sono me dominaria por completo. - Peggotty - disse de súbito - já foste casada?

- Meu Deus, menino Davy! - replicou ela. - Como se lhe meteu semelhante ideia na cabeça?

Mostrou, ao mesmo tempo, tal sobressalto que eu despertei de vez. Depois deixou de trabalhar e fitou-me, puxando a linha em todo o seu comprimento.

- Mas afinal não casaste? - insisti. - Tu és bonita.

Era, decerto, uma beleza diferente da de minha mãe; mas, dentro do seu tipo, afigurava-se-me perfeita. Havia na sala um tamborete de veludo encarnado, no qual minha mãe pintara um ramalhete. O fundo desse tamborete e a tez de Peggotty apareciam-me muito semelhantes, a não ser que a superfície do assento era macia e a pele da criada rugosa. Mas isto não importava.

- Bonita, eu menino? - exclamou Peggotty. - Isso é que não. Mas, quanto ao casamento, quem lhe meteu tal coisa na cabeça?

- Sei lá! Não se casa com mais de uma pessoa ao mesmo tempo, não é verdade, Peggotty?

- Decerto que não - respondeu ela em tom peremptório.

- Mas, se se casar com alguém que depois morre, pode-se casar outra vez?

- Se houver vontade disso, menino. Há opiniões.

- E qual é a tua opinião, Peggotty?

Interrogava-a olhando cheio de curiosidade, porque também ela me olhava curiosa.

- A minha opinião - declarou por fim, desviando de mim a vista e recomeçando a costura - é que eu, por mim, não me casei, menino Davy, e não espero fazê-lo. É tudo quanto sei a este respeito.

- Não estás zangada, não? - inquiri, após um intervalo de silêncio.

Supunha realmente que estava zangada, porque me respondera com secura. Mas enganava-me, porque Peggotty descansou a agulha e abriu-me os braços, apertando bem ao peito a minha cabeça encaracolada. Foi, de facto, um abraço

forte, pois sendo roliça sempre que fazia qualquer esforço rebentavam-lhe os botões do vestido. Precisamente dois deles saltaram para o outro canto da sala no momento em que ela me cingia.

- Agora leia-me mais qualquer coisa a respeito dos «cracodi-los», porque ainda não ouvi bastante.

Não percebi por que motivo Peggotty se mostrava tão ansiosa de voltar ao assunto dos crocodilos. Fosse como fosse, tornamos aos monstros; eu estava mais desperto do que nunca. Metemos, pois, os seus ovos na areia adusta, para os chocar; fugimos deles e retrocedemos, desconcertando-os sem cessar, o que esses animais não podiam fazer devido à sua corpulência; perseguimo-los na água, como indígenas, para lhes enfiar paus aguçados nas goelas; enfim, esgotámos o assunto, pelo menos eu; Peggotty, cismadora, espetou várias vezes a agulha na cara e nos braços.

íamos passar aos aligatores quando retiniu a campainha do jardim. Fomos abrir o portão: era a minha mãe, mais bonita do que nunca (ao que me pareceu) e acompanhada de um senhor de soberbo cabelo preto e suíças da mesma cor, pessoa que voltara connosco da igreja no domingo passado.

A mãe deteve-se no limiar para me tomar nos braços e beijar, e o cavalheiro que a acompanhava declarou que eu era mais feliz do que um rei, ou algo neste género, porque neste momento sinto que a compreensão do adulto pretende vir em meu auxílio.

- Que significa isto? - perguntei sobre o ombro de minha mãe. Ele afagou-me a cabeça, mas, não sei porquê, não gostei da sua pessoa nem da sua voz, e diligenciei evitar, ciosamente, que a sua mão, ao tocar-me, não tocasse na da minha mãe - o que afinal aconteceu. Afastei-a conforme pude.

- Oh, Davy!--observou ela, em tom de censura.

- Lindo menino - disse o cavalheiro. - Não me admira a sua devoção filial.

Nunca eu vira antes tão belas cores nas faces da minha mãe. Ralhou-me pela descortesia de que dera provas, e, abafando-me com o seu xaile, agradeceu àquele senhor a atenção que tivera de a acompanhar a casa. Enquanto falava, estendeu-lhe a mão, e, quando tocou na dele, parece-me que me olhara de relance.

- Diga-me boa-noite, menino - sugeriu, depois de haver tocado com os lábios na mão enluvada da minha mãe, facto que não me passara despercebido.

- Boa noite - respondi.

- Sejamos bons amigos - continuou ele, rindo. - Venha uma mãozada.

A minha mão direita estava retida na da minha mãe, de forma que lhe apresentei a esquerda.

- Essa não, Davy! - observou o cavalheiro, continuando a rir.

A mãe desembaraçou-me, mas eu estava decidido a não obedecer, sempre pelo mesmo motivo; de maneira que conservei estendida a mão esquerda, que ele afinal apertou cordialmente, dizendo que eu era um bom camarada. E foi-se embora.

Ainda o vejo virar-se para trás, no jardim, e despedir dos seus olhos negros de mau agoiro um derradeiro olhar antes que a nossa porta se fechasse.

Peggotty, que não dissera uma palavra nem se movera, cerrou-a imediatamente e nós fomos para a sala. A mãe, contra o seu hábito, permaneceu na outra extremidade em vez de vir sentar-se na sua poltrona ao lado do fogão. E começou a cantar.

- Penso que foi uma noite agradável, minha senhora - disse a criada, hirta de pé a meio da casa, com uma vela na mão.

- Obrigada, Peggotty, foi na verdade uma noite muito agradável - respondeu a mãe em tom jovial.

- Gente diferente traz modificações divertidas - insinuou Peggotty.

- Modificações bastante divertidas - corroborou a patroa.

Peggotty continuava imóvel no meio da sala e a mãe recomeçara a cantar. Eu adormeci, se bem que o sono não fosse demasiado profundo para que deixasse de ouvir vozes, sem todavia, perceber o que diziam. Quando despertei desse torpor incómodo, vi a mãe e a criada lavadas em lágrimas, e falando.

- Um como este... não seria do agrado do senhor Copperfield - participou a criada.-por isso respondo eu!

- Meu Deus! - volveu a minha mãe - tu dás-me volta ao juízo! Nunca vi uma rapariga ser tão mal tratada pelos seus servidores. Mas também não sei por que me considero rapariga. Não fui casada, Peggotty?

- Deus bem sabe que foi.

- Então, como te atreves... não, não me refiro a atrevimento... como é que tens coragem de me tornar tão infeliz e de me dizer coisas amargas? Sabes perfeitamente que eu, fora daqui, não tenho um único amigo a quem me apegue?

- Mais uma razão para que eu diga o que não deve fazer. Não, aquilo não lhe serve. De maneira nenhuma.

Até me pareceu que Peggotty ia atirar o castiçal tanto o brandia para sublinhar as palavras.

- Como é possível que me trates tão injustamente? - exclamou a mãe, vertendo lágrimas copiosas. - Julgas que está tudo combinado e decidido, mas repito-te, minha tirana, que não houve nada, mesmo nada, além dos banais cumprimentos do estilo. Falas da admiração que desperto. Que hei-de fazer? Se as pessoas fazem a tolice de se mostrar interessadas por mim, será isso culpa minha? Em que concorri para tal coisa? Gostava que me dissesses como devo proceder. Queres que rape a cabeça e use a cara mascarrada? Ou que me desfigure, queimando-me ou recorrendo a qualquer outro meio? Se calhar era isso que desejavas, Peggotty. Até ficarias satisfeita!

A criada, ao que me pareceu, tomou este desabafo muito a peito.

- E o meu querido filho - prosseguiu a mãe, aproximando-se da poltrona em que eu estava-o meu querido Davy! Alguém dirá que perdi o afecto a este adorado tesouro, o mais belo rapazinho que jamais vi?!

- Ninguém pensa semelhante coisa - retorquiu Peggotty.

- Tu, Peggotty, por exemplo - aduziu a mãe. - Sabe-lo muito bem. Que mais se poderia concluir das tuas palavras, minha malvada, quando afinal, só por sua causa, deixei de comprar uma sombrinha nova, quando recebi a minha última renda, apesar de ter esta já toda esgarçada? Repara no estado em que ela está. Serás capaz de me desdizer? - Depois, virando-se enternecida para mim e unindo o seu rosto ao meu: - Tenho sido uma mãezinha má, egoísta, cruel? Diz que sim, meu amor, para que Peggotty rejubile. A estima de Peggotty vale mais do que a minha, não é assim? Achas que não te quero bastante?

Nesta altura, desatámos todos a chorar. Creio que fui o mais barulhento dos três, mas suponho havia sinceridade em todos. Eu sentia-me contristado ao máximo e parece-me que, nas minhas primeiras expansões de ternura magoada, chamei «fera» à Peggotty. Esta pobre criatura mostrava-se profundamente aflita e, em tais circunstâncias, devia ter rebentado todos os botões do vestido, porque se ouviu uma espécie de detonação quando, uma vez feitas as pazes com a patroa, ela ajoelhou junto da poltrona para se reconciliar comigo.

Fomo-nos deitar deveras desanimados. Por muito tempo os meus soluços conservaram-me acordado; e quando um, mais forte, me obrigou a erguer-me da cama, descobri a minha mãe sentada na manta e inclinada para mim. Depois

disso dormi nos braços dela e de um sono profundo.

Não me lembro se foi no dia seguinte que tornei a ver o tal senhor ou se passou muito tempo antes que ele reaparecesse. Não pretendo ser rigoroso em matéria de datas. O certo é que ele estava na igreja e que nos acompanhou a casa. Chegou mesmo a entrar para ver um gerânio famoso que tínhamos na janela da sala. Desconfio que não lhe deu uma atenção por aí além, mas antes de se retirar pediu à minha mãe que o mimoseasse com uma dessas flores. Ela convidou-o a escolher a que lhe aprouvesse e o homem recusou-se a tomar aquela liberdade - ignoro porquê - de forma que a mãe cortou uma com a sua mão e apresentou-lha. Então o cavalheiro declarou que nunca, nunca se separaria da flor, o que achei disparate, porque ela dentro de poucos dias se reduziria a pó.

Peggotty começou a fazer-nos menos companhia, à noite, do que era seu costume. A mãe condescendia muito com a criada, mais do que fora seu hábito, ao que julgo, e nós três tratávamo-nos como bons amigos; havia, contudo, algo de mudado entre nós. Às vezes imaginava que talvez fosse pela razão de Peggotty censurar minha mãe por fazer uso de todos os bonitos vestidos que guardava nas gavetas ou por ir com tanta frequência a casa da vizinha. A verdade, porém, é que não consegui tirar o caso a limpo.

Gradualmente me acostumei a ver o senhor das suíças pretas. Não o tolerava mais do que a princípio: inspirava-me sempre o mesmo ciúme inquietante; mas se me assistia outro motivo além da antipatia instintiva própria duma criança e da convicção de que eu e Peggotty bastávamos a minha mãe, sem necessidade de auxílio estranho, esse não seria decerto o mesmo que me impeliria se eu fosse idoso. Nada deste género me acudira nem por sombras à ideia. Sabia, naturalmente, observar, mas de modo fragmentário, por assim dizer; todavia não tinha idade para ligar todos esses fragmentos de molde a tirar uma conclusão.

Certa manhã de Outono estava eu com a mãe no jardim da frente quando o senhor Murdstone (sei agora o seu nome) passou na rua a cavalo. Deteve-se para cumprimentar a minha mãe e disse que ia a Lowestoft visitar uns amigos, que ali se achavam, com um iate; muito jovialmente, propôs-se levar-me também, se o passeio me tentasse.

A atmosfera tinha tal pureza e amenidade (até o próprio cavalo parecia contente com a ideia do passeio, resfolegando e escarvando a terra) que eu me impacientei no desejo de aceitar o convite. De maneira que me mandaram ao andar superior a fim de que Peggotty me pusesse janota. Entretanto o senhor Murdstone apeara-se, e, com o animal pela rédea (que enfiara no braço),

começou a andar acima e abaixo ao comprido da sebe, devagarinho, e a minha mãe acompanhava-o do lado de dentro. Lembro-me de que eu e Peggotty os espreitámos da janela e que os achei muito próximos um do outro, só com as roseiras bravas a separá-los; e que Peggotty, até aí bem disposta, se tornou enervada e me escovou o cabelo com gestos bruscos.

Depressa partimos, eu e o senhor Murdstone, num largo trote pela berma arrelvada do caminho. Ele segurava-me facilmente com um só braço e, embora eu não estivesse, suponho, muito agitado, não conseguia no entanto coibir-me de voltar de vez em quando a cabeça e observar-lhe o rosto de perto. O homem tinha aquela espécie de olhos pretos superficiais (faltam-me os verdadeiros termos para descrever um olhar sem profundeza, onde se possa mergulhar o nosso) e que, quando distraídos, parecem, por qualquer peculiaridade da luz, estar deformados como se fossem vesgos. Em certas ocasiões, ao virar-me, contemplava aquela expressão com terror e cogitava no que seriam nesse instante os seus pensamentos. Vistos àquela proximidade, o cabelo e as suíças eram ainda mais negros e espessos do que eu imaginara. A forma quadrada do queixo e a raiz de uma barba muito preta e forte, diária e cuidadosamente rapada, lembravam-me as figuras de cera que, seis meses antes, haviam passado pelos nossos arredores. Estas minúcias, e ainda as sobrancelhas regulares e os tons branco, preto e castanho, tão opulentos, da tez (raios partam essa tez e estas lembranças!), obrigaram-me a considerá-lo um belo homem, apesar da minha hostilidade. Compreendo que a minha pobre mãe pensava da mesma forma que eu.

Fomos ter a um hotel da beira-mar, onde dois cavalheiros fumavam charuto numa sala em que não se encontrava mais ninguém. Cada um deles descansava pelo menos em quatro cadeiras e usava uma ampla jaqueta. A um canto jazia um montão de casacos, capas de marinheiro e uma bandeira, tudo entrouxado.

Quando entrámos, rolaram sobre si mesmos, para se porem de pé, e disseram:

- Viva, Murdstone! Pensámos que tinhas morrido.

- Ainda não - replicou Murdstone.

- E quem é esse fedelho? - perguntou um dos senhores, tomando-me à sua conta.

- É Davy - explicou Murdstone. -Davy quê? Jones?

- Copperfield.

- Qual! Será pois o pingente da linda viuvinha Copperfield?

- Se fazes favor, Quinion, modera a linguagem. É perspicaz.

- Quem? - perguntou Quinion.

- Nada, nada... O Brooks de Sheffield.

Fiquei aliviado, porque julgara que se tratava de mim.

A reputação do senhor Brooks de Sheffield devia ser bastante cómica, porque os dois senhores desataram a rir à simples menção deste nome. A hilaridade contagiou também Murdstone. Passado o incidente, o cavalheiro a quem chamavam Quinion disse:

- E qual é a opinião de Brooks de Sheffield acerca do projecto em causa?

- Não sei se esse Brooks percebe muito disso, por agora - replicou Murdstone. - Mas, de um modo geral, é-lhe desfavorável.

Houve novas risadas e o senhor Quinion participou que ia tocar a campainha para que trouxessem xerez, a fim de beberem à saúde do Brooks. E fê-lo, realmente. Quando chegou o vinho, ele quis que eu tomasse um pouco e comesse uma bolacha. Levei o copo à boca, mas, antes de ingerir o conteúdo, Quinion pediu que me levantasse e dissesse: «Para vergonha de Brooks de Sheffield!», o que provocou grandes aplausos e francas gargalhadas, a que me associei - e isto aumentou-lhes ainda mais a jovialidade. Em suma, divertíamo-nos a valer.

Em seguida passeámos no penhasco e sentámo-nos no chão. Havia um óculo, de que se serviram, e eu aproximei-o da vista (fingindo distinguir qualquer coisa, mas na realidade não vi nada). Até que regressámos ao hotel a fim de jantar mais cedo. Enquanto andámos por fora, aqueles dois senhores nunca deixaram de fumar; como se poderia deduzir do cheiro das suas vestias grossas, deviam tê-lo feito desde que elas vieram a primeira vez do alfaiate. Não me esquecerei de dizer que fomos a bordo do iate, onde todos três desceram ao camarote e estiveram ocupados a examinar papéis. Assim os vi quando espreitei de cima, através da vigia. Haviam-me deixado entregue, durante esse tempo, a um homem simpaticíssimo, de cabeça grande e cabelo ruivo, com um chapelinho de oleado. A camisola de riscas transversais ostentava a meio, em letras grandes a palavra COTOVIA. Pensei que fosse o seu nome, e que, vivendo no barco, não tivesse porta da rua para o exibir, e por isso o escrevesse no peito. Mas, quando o tratei por senhor Cotovia, ele informou-me que isso era a designação do iate.

Reparei, em todo esse dia, que Murdstone era mais sério e ponderado do que os outros, que se mostravam sempre descuidados e alegres. Gracejavam

frequentemente entre si, mas quase nunca com o primeiro. Achei-o também mais inteligente e mais insensível; creio que os seus amigos tinham a respeito dele a mesma impressão que eu. Por uma ou duas vezes percebi que o senhor Quinion observava Murdstone de soslaio, como para verificar se o que dizia lhe não desagradava. E uma ocasião em que o senhor Passnidge (o outro cavalheiro) estava muito animado, Quinion pisou-lhe o pé e indicou-lhe, com um olhar, Murdstone, que se sentara grave e silencioso. Nem me lembro de que Murdstone risse uma só vez naquele dia, excepto quando da brincadeira de Sheffield, de que aliás fora o autor.

Voltámos para casa à noite, mas não muito tarde. O tempo estava óptimo e a minha mãe e Murdstone tornaram a passear ao longo da sebe de roseiras, enquanto eu, recolhido no interior, tomava chá. Depois de ele partir, a mãe perguntou-me tudo: como é que eu passara o dia, que tinham feito os senhores, que conversas houvera. Comuniquei-lhe o que ouvira a respeito dela, e a mãe riu e explicou que eram uns patuscos que se divertiam com disparates. No entanto, vi que se lisonjeara com o caso. Aproveitei o ensejo para indagar o que sabia do senhor Brooks de Sheffield; respondeu que o não conhecia e que devia ser um fabricante de facas e garfos.

Poderei dizer do seu rosto - alterado, como tenho razões para recordar, fenecido como sei que é - que já se extinguiu de vez, quando ele agora mesmo surge à minha frente, tão distintamente como qualquer que eu visse em plena rua? Poderei dizer que a sua beleza de rapariga se finou para sempre, quando o seu hálito me humedece a face, como eu senti naquela noite? Poderei dizer que ela nunca mudou, quando a minha memória, e só esta, a ressuscita perante mim e, mais fiel do que eu fui (ou outro mortal qualquer), retém na perfeição a imagem querida?

Descrevo-a exactamente como era quando veio dar-me boa-noite à minha cama. Ajoelhou contente à beira do leito e, com o queixo apoiado nas mãos, e rindo, pediu-me:

- Que é que eles disseram, Davy? Repete-o. Não posso acreditar...

- Linda viuvinha... - comecei.

A mãe deteve-me, pondo um dedo na minha boca. -Não, não, nunca o fui! - exclamou, continuando a tapar-me a boca.

- Sim, sim, linda viuvinha...

- Que loucos, que descarados! - murmurou ela, cobrindo a cara e rindo sempre. - Que patetas! Não achas, Davy? Não contes nada à Peggotty. Seria

capaz de se indignar com eles. Mais vale que não saiba.

É claro que prometi. Tornámo-nos a beijar e eu depressa adormeci.

A esta distância, afigura-se-me ter sido no dia seguinte que a criada me fez a extraordinária proposta de que vou falar. Mas é provável que já tivessem decorrido uns dois meses.

Uma noite, estávamos sentados, como antes, eu e Peggotty, com a agulha, meias, e a caixa em cuja tampa havia a reprodução da catedral de São Paulo, e tudo mais, quando a criada, depois de me ter observado várias vezes e outras tantas aberto a boca (como se fosse dizer qualquer coisa, mas o mais possivelmente para bocejar), me disse em tom de adulação:

- Menino Davy, que achava se fôssemos ambos passar duas semanas a casa do meu irmão, em Yarmouth? Seria um bom divertimento.

- O teu irmão é pessoa simpática? - perguntei, à cautela.

- Ora se é! - replicou Peggotty, erguendo os braços. - E depois, há o mar, e navios, e barcaças, e pescadores, e a praia... E Ham, com quem o menino pode brincar.

Corei na antevisão dessas delícias e respondi que seria na verdade um bom divertimento. Mas a minha mãe estaria de acordo?

- Aposto um guinéu em como dá licença - declarou a criada, perscrutando-me o rosto. - Pedir-lhe-ei, se quiser, logo que ela chegue a casa.

- E que fará a mamã aqui sozinha? - objectei, colocando os cotovelos em cima da mesa, preparado para discutir aquele ponto.

O buraquinho que Peggotty começou a procurar, de repente, no calcanhar da meia que empunhava devia ser na verdade muito pequeno e nem havia de valer a pena perder tempo com ele.

- Escuta, Peggotty, a mamã não pode ficar só...

- Meu Deus, então não sabe? - exclamou a criada, fitando-me de novo. - A sua mamã vai estar uns quinze dias em casa da senhora Grayper. A senhora Grayper espera muitos hóspedes.

Ah, se assim era, eu estava decidido a partir. Aguardei na maior impaciência, o regresso da minha mãe, que fora visitar a senhora Grayper (a nossa vizinha), para me certificar de que seríamos autorizados a levar por diante o nosso grande projecto. Ora a mãe. em vez de mostrar a surpresa que eu calculava, anuiu até com entusiasmo. Nessa mesma noite deliberámos tudo,

inclusivamente a pensão que eu deveria pagar durante a estada em Yarmouth.

Depressa chegou o dia da partida. Estava tão próximo que de facto veio depressa, mesmo para mim, que o esperava febrilmente ou um tanto receoso de que fosse impedido por algum tremor de terra, ou erupção vulcânica, ou outra qualquer catástrofe da natureza. Devíamos viajar numa carroça de transporte, a qual saía depois do primeiro almoço. Teria dado tudo para que me permitissem dormir vestido, calçado e de chapéu na cabeça.

Ainda me sinto comovido - embora o refira neste tom despreocupado - ao recordar quanto estava ansioso de deixar o meu lar feliz e ao lembrar-me de que nem por sombras admitira a ideia de que essa felicidade a deixava para sempre.

Tenho também na memória o pormenor da carroça estacionada à porta da rua e a minha mãe a beijar-me - e a saudade que experimentei nesse momento por ela e pela velha residência de que nunca me havia separado. Chorei, a mãe chorou igualmente, e eu ouvi o seu coração bater de encontro ao meu.

Quando o carroceiro pôs o veículo em andamento, a minha mãe correu e gritou-lhe que parasse para me beijar ainda uma vez. É com alegria que evoco a ternura ardente com que ela ergueu a cara para me dar mais um beijo.

Seguíamos já pela estrada além e aquele ente adorado continuava no meio da rua quando apareceu Murdstone e a censurou, suponho, por estar tão impressionada. Olhando para trás, sob o toldo, pensei que teria que fazer ali aquele senhor, e Peggotty, que também olhava, não parecia mais satisfeita do que eu: assim depreendi do seu semblante quando ela se virou para dentro.

Fiquei a olhar para a criada, reflectindo neste problema imaginário: se ela houvesse sido encarregada de me abandonar como o rapazinho do conto de fadas, seria eu capaz de reconhecer o caminho por meio dos botões que ela semeava?

III. MUDO DE SITUAÇÃO

O cavalo do carroceiro era o mais indolente do mundo, em minha opinião. Arrastava-se pela estrada adiante, de cabeça baixa, como se quisesse fazer esperar as pessoas a quem as encomendas eram dirigidas. Imaginei até que ele se ria à socapa com esta ideia, mas o dono esclareceu-me que era apenas por causa da tosse que o importunava.

O homem conservava também a cabeça pendida, como o animal, e todo o corpo se inclinava sonolento, com os braços poisados nos joelhos, enquanto conduzia a carroça; mas, se digo que conduzia, não deixo de pensar que o veículo seria capaz de ir sem ele até Yarmouth, pois o cavalo se encarregaria de tudo. Quanto a conversar, não era coisa que soubesse fazer: limitava-se a assobiar. Peggotty levava sobre os joelhos um cabaz de mantimentos que duraria lindamente até Londres se lá fôssemos pelo mesmo transporte. Comemos muito e dormimos muito. Em geral a criada adormecia com o queixo apoiado à asa do cesto, que nunca largava. Custar-me-ia a acreditar, se não tivesse ouvido eu mesmo, que uma mulher tão fraca dessonasse daquela maneira.

Demos tantas voltas, subindo e descendo atalhos, e demorámos tanto tempo a descarregar num albergue uma armação de cama, e parámos em tantos outros lugares, que eu já estava fatigadíssimo quando, com enorme júbilo, avistámos Yarmouth. Achei aquilo bastante húmido e ensopado no instante em que vagueei o olhar pela imensa extensão desgraciosa que campeava para lá do rio; e não me coibi de pensar que, se o mundo era na verdade redondo (como ensinava a minha Geografia), como é que podia haver uma parte dele tão plana. Mas considerei que Yarmouth talvez se situasse num dos pólos, e assim a coisa teria explicação.

Aproximando-nos mais, vi todo o panorama como uma linha baixa sob o céu e sugeri a Peggotty que um ou dois outeiros bem poderiam melhorar a paisagem. E que seria também mais bonito se a terra estivesse menos ligada ao mar, e as marés não invadissem tanto a cidade. Mas Peggotty declarou, com maior energia que a usual, que se deviam aceitar os factos tais como eram e que ela se honrava de ser um Arenque de Yarmouth.

Entrámos numa rua (deveras inesperada para mim), e respirámos o cheiro do peixe, do breu, da estopa e do alcatrão, e vimos [marinheiros que deambulavam, e ouvimos o tinido das carroças que oscilavam sobre o empedrado. Sentia então quanto fora injusto para com um lugar tão animado, e

disse-o à minha companheira, que se mostrou satisfeita com a retratação.

Afirmou-me ser bem sabido (creio que daqueles que tiveram a sorte de nascer Arenques) que Yarmouth era o ponto mais belo do universo inteiro.

- Ali está o Ham! - gritou Peggotty. - Como ele cresceu! Com efeito, o rapaz esperava-nos no albergue. Perguntou como é que eu passava, exactamente como fazem os velhos conhecidos. De começo, achei que o não conhecia tão bem como ele a mim, porque não fora lá a casa desde o meu nascimento, e isto era uma vantagem da sua parte. Mas a nossa intimidade progrediu quando me levou às cavalitas para a sua residência. Ham estava um mocetão de seis pés de altura, espadaúdo, de cabelos loiros encaracolados, que lhe davam o ar de carneirinho. Vestia casaco de lona e calças tão rígidas que se manteriam sozinhas mesmo que não houvesse duas pernas lá dentro. Quanto a chapéu não se poderia dizer que o tinha, pois o que se lhe via na cabeça era qualquer coisa alcatroada, como um tecto de velha construção.

Seguimos, pois, Ham comigo às costas e uma das nossas malas debaixo do braço, e Peggotty com a outra, através de carreiros sinuosos juncados de aparas e de montículos de areia. Passámos por um gasómetro, cordoarias, estaleiros, oficinas de reparação e de calafetagem, forjas e muitos outros estabelecimentos do género, até chegarmos à extensão deserta que eu já vira à distância. Então o rapaz explicou:

- É aqui a nossa casa, menino Davy.

Olhei em todas as direcções, tão longe quanto pude, para aquele ermo que confinava com o mar e o rio, mas a respeito de casa, foi coisa que não lobriguei. Não muito para além havia uma barcaça escura ou embarcação fora de uso, alta e encalhada, donde saía, à laia de chaminé, um cano de ferro fumegante, de aspecto caseiro; todavia, em matéria de habitação nada se me deparou.

- Não há-de ser aquilo - observei. - Essa coisa parece um barco!

- Pois é isso mesmo, menino Davy - replicou Ham.

Se fosse o palácio de Aladino ou o ovo do roque eu creio que me não teria encantado tanto a perspectiva romanesca de aí morar. Abria-se no costado uma porta encantadora. Possuía telhado e janelas pequeninas. O que, porém, me seduziu a valer foi verificar que se tratava de um barco autêntico, um barco que sem dúvida navegara centenas de vezes e jamais fora destinado a servir de habitação em terra firme. Era isto o que me cativava. Se o construíssem de propósito para alojamento, eu achá-lo-ia pequeno, ou incómodo, ou isolado; mas, nunca tendo sido projectado para tal uso, tornava-se para mim a residência

ideal.

Que asseio no interior! O mais limpo que se poderia desejar. Existia mesa, relógio, cómoda, e, em cima desta, um tabuleiro de chá, onde se via pintada uma senhora de guarda-sol, a qual passeava uma criança de aspecto marcial, que rolava um arco.

Esse tabuleiro estava escorado com uma Bíblia, pois, se caísse, reduziria a fanicos uma porção de xícaras e pires, assim como um bule, objectos agrupados de roda do livro. Nas paredes avultavam estampas vulgares coloridas, com vidro e moldura, relacionadas com temas tirados das Escrituras. Sempre que as vejo nas mãos dos bufarinheiros, revejo logo o interior da casa do irmão de Peggotty. As mais evidentes dessas imagens eram um Abraão de encarnado, disposto a sacrificar um Isaac de azul, e um Daniel de amarelo dentro da fossa de leões verdes. Por cima da pequenina prateleira do fogão exibia-se um quadro que figurava o lugre Sarah Jane, construído em Sunderland, e ao qual tinham colado uma popa de madeira, obra de arte que combinava a pintura com a marcenaria. Considerei esse quadro como um dos maiores valores que se poderiam possuir neste mundo. Nas vigas do tecto sobressaíam ganchos, cuja utilidade não consegui perceber. Para obviar à ausência de cadeiras, serviam-se de caixas, baús e outras coisas semelhantes.

Tudo isto eu vi ao primeiro relance, depois de transpor o limiar - o que é próprio de uma criança, de acordo com a minha teoria. Em seguida Peggotty abriu uma portinha e mostrou-me o meu quarto de dormir. Era o mais apetitoso e completo que eu até aí contemplara e ficava à popa do barco; no lugar do leme tinha uma janela minúscula; um espelho pendurado na parede, precisamente para a minha altura, enquadrado de conchas; uma cama, tão pequena que eu mal me poderia estender; e, na mesa, um ramo de algas marinhas num vaso azul. As paredes, caiadas, eram de um branco de leite e a colcha de retalhos ofuscava-me a vista com o brilho das suas cores. Uma circunstância que eu notei particularmente nessa deleitosa casa foi o cheiro a peixe: era tão penetrante que, ao tirar o lenço da algibeira para me assoar, poderia julgar-se, pelo odor, que ele tinha servido para embrulhar uma lagosta. Quando fiz a Peggotty uma observação a este respeito, disse-me ela que o irmão negociava com lagostas, caranguejos e camarões. Mais tarde descobri que havia montes desses animais envolvidos uns nos outros e agarrando-se a tudo quanto podiam; estavam num reservatório de madeira, onde se guardavam caldeirões e panelas.

Fomos recebidos por uma mulher atenciosa, de avental branco, que eu já vira à porta quando vinha às costas de Ham, a cerca de um quarto de milha de

distância. Também se encontrava presente uma linda menina (pelo menos assim a considerei) que ostentava um colar de contas azuis: não consentiu que a beijasse, quando pretendi fazê-lo, e correu para se esconder algures. Depois de um jantar excelente, composto de azevias cozidas, com batatas e manteiga derretida (e ainda uma costeleta para mim), fez a sua aparição um homem cabeludo, de cara simpática. Tratou Peggotty por «rapariga», e deu-lhe um beijo repenicado na face: vi logo, pela atitude circunspecta da minha criada, que se tratava do seu irmão. E era-o na verdade, porque mo apresentaram como o senhor Peggotty, dono da casa.

- Muito prazer em conhecê-lo - disse ele. - Vai-nos achar

rudes, mas estamos aqui para o servir.

Agradeci-lhes e disse que tinha a certeza de me dar bem num lugar tão agradável.

- E como está a sua mamã? - perguntou o senhor Peggotty. - Deixou-a de boa saúde?

Informei-o de que ela estava o melhor possível e que lhe mandava cumprimentos, o que era uma delicada invenção da minha parte.

- Fico muito reconhecido - volveu ele. - Se o menino se acomodar aqui, por duas semanas, com aquela - fez um gesto de cabeça para designar a irmã -, com Ham e a Emily, todos teremos muito gosto na sua companhia.

Tendo feito assim as honras da casa, com tanta hospitalidade, o senhor Peggotty para se lavar utilizou uma cafeteira de água quente, porque, explicou, «a água fria não bastava para se desemporcalhar». Voltou daí a pouco, muito melhorado na aparência, mas tão rubicundo que eu não pude coibir-me de pensar que aquela cara se assemelhava muito às lagostas, lagostins e caranguejos, os quais entravam pretos na água quente e dela saíam vermelhos.

Terminado o chá e uma vez fechada a porta, quando nos instalámos voluptuosamente à lareira (porque as noites estavam frias e brumosas), considerei-me no mais delicioso retiro que a imaginação humana pode conceber. Que coisa encantadora, de facto, ouvir o vento levantar-se sobre o mar, saber que lá fora o nevoeiro se arrastava pela planura desolada, olhar para o lume e pensar que não havia outra casa nas imediações e que essa casa era um barco! A pequena Emily dominara a timidez: sentara-se a meu lado, no baú mais baixo e mais estreito, onde só nós dois caberíamos e que ocupava o cantinho do fogão. A senhora Peggotty, com o seu avental branco, fazia meia no extremo oposto. A minha criada achava-se tão à vontade como se nunca houvesse conhecido outro

lar, e trabalhava com os apetrechos do costume. Ham, que se entretivera a ensinar-me um jogo de cartas, deixara em todo o baralho já sebento, com os dedos sujos da faina piscatória, novas manchas ainda mais evidentes. O senhor Peggotty saboreava o seu cachimbo. Calculei, pois, que fosse o momento azado para dois dedos de conversa.

- Senhor Peggotty - comecei.

- Faça favor de dizer.

- Deu ao seu filho o nome de Ham por viver numa espécie de arca? [4]

O senhor Peggotty parecia achar que era uma ideia profunda, mas respondeu:

- Não, senhor, não lhe dei nome nenhum.

- Então quem foi?

- O pai dele.

- Julgava que o senhor fosse o pai.

- O pai era o meu irmão Joe.

- Já morreu? - sugeri, após uma pausa respeitosa. - Afogado - disse o senhor Peggotty.

Fiquei muito admirado com o facto de o senhor Peggotty não ser o pai de Ham e reflecti se não estaria enganado quanto ao parentesco das restantes pessoas de família. A curiosidade de saber era tanta que resolvi tirar o caso a limpo.

- E a pequena Emily? - inquiri, relanceando-a. - Não é sua filha, senhor Peggotty?

- Não, senhor, essa é filha do meu cunhado Tom.

Não pude resistir e observei, após outro silêncio respeitoso:

- Morreu, senhor Peggotty?

- Afogado - replicou ele.

Compreendi a dificuldade de recomeçar a conversa; mas ainda não atingira o âmago da questão e queria fazê-lo a todo o custo. De maneira que disse:

- Não tem filhos, senhor Peggotty?

- Não, menino Davy - retorquiu, dando uma risada. - Sou solteiro.

- Solteiro! - exclamei, assombrado. - Então quem é...? E indiquei a mulher

do avental.

- É a senhora Gummidge.

- Gummidge, senhor Peggotty?

Neste comenos, Peggotty (quer dizer, a minha Peggotty) fez-me tais accionados para que me calasse que me limitei a ficar sentado, olhando os circunstantes em silêncio, até ao momento de ir para a cama. E aí, na intimidade do meu camarote, a minha criada informou-me de que Ham e Emily eram um sobrinho e uma sobrinha órfãos, adoptados em diferentes ocasiões, quando estavam ao desamparo; e que a senhora Gummidge era a viúva de um Sócio dele num barco, homem que morrera muito pobre. O irmão de Peggotty, declarou ela, possuía duas grandes virtudes, a bondade e a rectidão, mas insurgia-se quando lhe falavam nos seus actos de generosidade, chegando a dar murros na mesa (com que uma vez a rachou). Se tornassem a aludir a isso, dizia, estava disposto a desaparecer para sempre.

Fiquei muito impressionado com a bondade do meu hospedeiro e senti-me num estado de beatitude perfeita, enquanto ouvia as mulheres deitarem-se num camarote do mesmo lado do meu e o senhor Peggotty e o sobrinho pendurarem as redes nos ganchos que eu já havia notado. O sono principiou a invadir-me e eu ouvi o vento soprar fortemente do mar através da extensão deserta, o que me fez temer que, durante a noite, não se abrissem os abismos marítimos. Lembrei-me então de que estava num barco e que, se acontecesse qualquer percalço, tinha a bordo uma pessoa tão prestável como o senhor Peggotty.

Nada sucedeu, porém, além do amanhecer. Logo que a claridade do dia se projectou na moldura de conchas do meu espelho, saltei da cama e saí com Emily para a praia, onde começámos a apanhar pedrinhas.

- Tu és boa marinheira? - observei-lhe. Creio que não pensava a sério em semelhante coisa, mas fi-lo por simples galanteio, para dizer qualquer coisa. A ideia ocorrera-me por causa dum barco que passava nesse instante e cuja vela se reflectiu nos olhos da pequena.

- Não - respondeu esta, abanando a cabeça. - Tenho medo do mar.

- Medo! - repeti, num rompante de ousadia, olhando para o oceano poderoso do alto da minha importância. - Eu, não!

- Ele é tão mau! - volveu Emily. - Tenho-o visto muito mau para os nossos homens. Vi-o despedaçar um barco do tamanho da nossa casa.

- Espero que não tenha sido aquele em que...

- Se afogou o meu pai? Não, não foi. Esse não o vi.

- E ele?

A pequena abanou a cabeça.

- Dele não me lembro.

Eis uma coincidência. Comecei logo a explicar que também não conhecera o meu pai; que eu e minha mãe sempre vivêramos juntos na melhor das harmonias, que assim continuávamos e que do mesmo modo seria para o futuro; que o túmulo do meu pai ficava no cemitério próximo da nossa casa, à sombra de uma árvore, sob cujos ramos eu passava manhãs agradáveis ouvindo cantar os pássaros. Havia, porém, algumas diferenças entre a minha orfandade e a de Emily. Ela perdera a mãe antes do pai; ninguém sabia onde este estava sepultado, salvo que devia ser nas profundezas do mar.

- Além disso - disse Emily, enquanto procurava conchas e pedrinhas - o seu pai era um senhor e a sua mãe uma senhora, ao passo que o meu pai era pescador e a minha mãe filha de pescador. Pescador também é o meu tio Dan.

- Dan é o senhor Peggotty? - inquiri.

- Fala do meu tio Dan... além?-perguntou ela, designando com a cabeça o barco-habitação.

- Sim, é desse que falo. Deve ser muito bom homem, não te parece?

- Se é bom? Fosse eu uma senhora e dava-lhe um casaco azul-celeste com botões de diamantes, calças de nanquim, colete de veludo encarnado, chapéu tricórnio, um relógio grande, de ouro, um cachimbo de prata e um cofre cheio de dinheiro.

Afirmei-lhe que o senhor Peggotty merecia tudo isso. Devo confessar que me sentia duvidoso quanto à figura que o homem faria vestido do modo proposto pela sobrinha, em especial no que se referia ao tricórnio. Mas guardei para mim estas apreensões.

A pequena Emily havia parado e enumerara todos aqueles artigos de vestuário e adorno olhando para o céu, como se estivesse a contas com uma visão celestial. Depois recomeçámos na colheita das conchas e pedrinhas.

- Gostavas de ser uma senhora? - indaguei.

A pequena mirou-me, riu-se e, assentindo, murmurou: - Gostava muito. Passávamos então a ser pessoas de categoria, eu, o tio, o Ham e a senhora Gummidge. Já não nos importávamos que viesse mau tempo. Nós não, mas os

pobres pescadores, esses sim. Com o nosso dinheiro havíamos de os socorrer.

Isto pareceu-me justo e, por isso, nada inverosímil. Disse-lhe quanto essa ideia me regozijava e a pequena animou-se e redarguiu timidamente:

- Agora já tem medo do mar?

Nessa ocasião o mar estava suficientemente calmo para me tranquilizar. Todavia, se visse levantar-se uma vaga, daria às de vila-diogo, lembrando-me dos parentes de Emily, todos afogados. Ainda assim não dei resposta afirmativa, observando:

- Tu também parece que não tens medo, apesar de dizeres o contrário. - Falei assim porque a vi andar muito à beira da velha prancha por onde seguíamos e receei que ela caísse à água.

- Não é disso que tenho medo - declarou Emily. - O que acontece é acordar quando o vento sopra rijo e tremo ao pensar no tio Dan e no Ham. Até julgo ouvir gritos de socorro! Por isso é que queria ser uma senhora. Agora, quanto a andar por aqui, é coisa que não me assusta. Mesmo nada. Ora veja!

Afastou-se do meu lado e correu ao longo de uma viga oscilante que não apresentava qualquer resguardo e que ficava a certa altura sobre a água. O incidente fixou-se-me de tal maneira na memória que, se eu fosse desenhador, ainda hoje poderia representar a pequena Emily precipitando-se para a destruição (segundo ali se me afigurou), com um olhar que nunca mais esqueci, dirigido para o mar ingente.

A figurinha leve, audaciosa, aérea, virou-se e voltou para junto de mim sã e salva, e eu não tardei a rir dos meus temores e do grito de angústia que tinha soltado (inútil, no fim de contas, porque não havia ninguém nas proximidades). Contudo, muitas vezes mais tarde, tenho pensado se seria possível que, nessa brusca temeridade infantil, nesse olhar alucinado, não houvesse, pelo efeito da graça divina, a atracção do perigo ou o chamamento do pai afogado, para que a vida de Emily terminasse naquele dia?

Ainda agora reflicto neste ponto: se o futuro dessa criatura me fosse revelado naquele mesmo instante, com a clareza necessária para ser compreendido por uma criança, e admitindo que a existência da pequena dependia de um gesto meu, deveria eu correr ao seu encontro e salvá-la do abismo? Em certas ocasiões (muito breves, mas no entanto inegáveis) pensei se não teria sido preferível para ela que as águas se fechassem sobre a sua cabeça, naquela manhã, diante dos meus olhos. E cheguei à conclusão de que realmente teria sido melhor.

Isto pode ser prematuro. Talvez tenha ido longe de mais. Paciência, já fica dito.

Caminhámos por muito tempo, enchendo-nos de coisas que achámos curiosas e pondo cuidadosamente na água estrelas-do-mar dadas à costa - mal sei, nem mesmo hoje, quais são ao certo os hábitos desta espécie para acreditar que nos ficariam reconhecidas - e depois regressámos à residência do senhor Peggotty. Detivemo-nos sob o alpendre das lagostas para trocar um beijo inocente e entrámos por fim, resplandecentes de alegria e saúde, para tomarmos o almoço.

- Parecem dois tordozinhos - comentou o senhor Peggotty. Eu sabia o que isto significava, no nosso dialecto local, e aceitei como um cumprimento.

É claro que eu estava enamorado da pequena Emily. Tinha a certeza de que amava aquela criança com a franqueza, ternura e pureza que não se encontram na idade adulta, por mais alto e nobre que seja o amor. Sem dúvida que a minha imaginação punha naquela migalha de gente, de lindos olhos azuis, algo de etéreo que a fazia angelical. Se ela, por uma tarde soalheira, estendesse um par de asas e voasse perante mim, creio que presenciaria esse espectáculo com a maior naturalidade.

Passeávamos, como namorados, horas e horas, na planura sombria de Yarmouth. Os dias passavam por nós, risonhos, como se o próprio tempo não envelhecesse e se conservasse uma criança jovial. Declarei à Emily que a adorava e que, se ela me não correspondesse explicitamente, eu me veria forçado a matar-me com uma espada. Respondeu que me adorava, sim, e eu acredito que fosse sincera.

Não possuíamos o mínimo sentido da desigualdade social, ou da pouquidade dos anos, ou de outro obstáculo qualquer, pois o porvir não existia para nós. Não nos preocupava mais a ideia da maturidade do que a do rejuvenescimento. Provocávamos a admiração da senhora Gummidge e da Peggotty, que murmurava à noite, ao ver-nos sentados lado a lado, em cima do baú: «Deus do Céu, como enternece!» O senhor Peggotty sorria-nos por trás do seu cachimbo e Ham não fazia outra coisa senão sorrir-nos também. A eles proporcionávamos nós dois o mesmo prazer que um brinquedo delicado ou uma reprodução miniatural do Coliseu.

Cedo descobri que a senhora Gummidge se não mostrava sempre tão amável como se poderia esperar, atendendo às condições da sua permanência em casa do senhor Peggotty. Era pessoa mal disposta e lastimava-se com frequência, ao ponto de incomodar os outros habitantes de tão exígua residência. Eu

aborrecia-me com isso e pensava que seria melhor para nós que ela dispusesse de aposentos à parte, onde curasse o seu mau humor.

O senhor Peggotty ia uma vez por outra a um botequim chamado «Boa Vontade». Dei pelo facto quando se ausentou na segunda ou terceira noite da minha estada ali, e a senhora Gummidge, entre as oito e as nove horas, começou a olhar para o relógio, dizendo que ele devia estar na taberna e que sabia, desde a manhã, que assim devia suceder. Todo o dia ela estivera irritada. Chegara mesmo a chorar, de manhã, quando acendeu o fogão e o fumo se espalhou pela casa.

- Sou uma infeliz - resmungou, na ocasião desse incidente desagradável. - Estou só no mundo e só me acontecem contrariedades.

-Vai passar depressa - atalhou Peggotty (falo da minha criada). - E, além disso, o mal é tanto para si como para nós.

- Eu sofro mais do que os outros - ripostou a senhora Gummidge.

Estava um dia frio, com fortes rajadas de vento. O canto reservado à senhora Gummidge afigurava-se-me o mais quente e abrigado, tal como a sua cadeira o assento mais cómodo da habitação. Todavia, desta vez, ela não achava nada a seu gosto. Queixava-se constantemente do frio, o qual lhe provocava uma sensação nas costas, a que dava o nome de formigueiro. Por fim, tornou a verter lágrimas e repetiu que estava só no mundo e só tinha contrariedades.

- Não há dúvida de que está frio - disse Peggotty. - Todos o sentem.

- Eu sinto mais do que ninguém - replicou a senhora Gummidge.

Ao jantar foi a mesma coisa. A senhora Gummidge era servida logo depois de mim (a quem concediam as honras de hóspede de distinção). O peixe, muito pequeno, tinha inúmeras espinhas, e as batatas estavam levemente queimadas. Todos nos mostrámos desanimados, mas a senhora Gummidge recomeçou a chorar e repetiu as declarações do costume, com reforçada amargura.

Nestas condições, achava-se ela bastante contristada e chorosa, a um canto, fazendo meia, quando o senhor Peggotty regressou, aí pelas nove horas. A minha criada, muito jovial, reiniciou o seu trabalho, e Ham sentou-se a consertar um par de botas de água. Eu, com a pequena Emily a meu lado, lia para todos. A senhora Gummidge só se manifestava com suspiros e nunca mais levantara os olhos do chão.

- Então, como se passa? -perguntou o senhor Peggotty, sentando-se no seu lugar habitual.

Cada qual proferiu uma palavra de saudação, excepto a senhora Gummidge,

que se limitou a menear a cabeça, sem largar as agulhas.

- Que lhe aconteceu, santinha? - inquiriu ele. - Anime-se. A viúva não parecia disposta a animar-se. Tirou da algibeira um velho lenço de seda preta e enxugou os olhos; e, em vez de o tornar a guardar, conservou-o na mão e tornou a secar as lágrimas. O lenço ficava assim preparado para servir na primeira oportunidade.

- Que lhe aconteceu? - repetiu o senhor Peggotty.

- Nada. Vem da «Boa Vontade», Dan?

- Venho. Passei lá um bocadinho esta noite.

- Tenho pena que o faça por minha causa - disse a senhora Gummidge.

- Essa agora! Ninguém me obriga a isso! - redarguiu ele, dando uma risada. - Vou por gosto.

- De bom gosto - comentou a viúva. - Sim, sim, de bom gosto - repetiu, enxugando outra vez os olhos. - O que lastimo é que seja por minha causa e que o faça de tão bom gosto.

- Por sua causa! Não tem nada que ver consigo! - asseverou o senhor Peggotty. - Não suponha semelhante coisa.

- Ora, ora, eu sei quem sou. Uma pobre criatura sem mais ninguém, que não só tem contrariedades como origina as contrariedades dos outros, é verdade, sofro mais do que todos e dou-o a entender em excesso. Aí está a minha desgraça.

Não pude impedir-me de pensar, ao ouvir o que ela dizia, que a mesma desgraça atingia outros ocupantes da casa, além da senhora Gummidge. Mas o senhor Peggotty não deu resposta, limitando-se a aconselhá-la de novo a que se animasse.

- Quem me dera não ser assim! - disse a viúva. - Mas quê! Conheço-me bem. Isto provém dos meus aborrecimentos e eles trazem-me contrariada. Pudesse eu deixar de sofrer! Infelizmente, não posso. Preferia estar calejada e não estou. Apoquento os outros. Todo o dia apoquento a sua irmã e o menino Davy.

Aqui enterneci-me subitamente e interrompi.

- Não, senhora Gummidge, de maneira nenhuma!

- Não tenho o direito de proceder assim - continuou ela. - Recompenso-os muito mal! O que eu devia era ir para um hospício e lá morrer. Sou uma pobre

mulher e aqui não passo de um estorvo. Se é necessário que só tenha contrariedades, melhor será que as sofra na minha freguesia. Dan, deixe-me ir morrer longe, para não incomodar mais ninguém.

Dito isto, a senhora Gummidge retirou-se e foi meter-se na cama. Então o senhor Peggotty, que não manifestara outro sentimento senão profunda compaixão pela infeliz, olhou de roda para nós e, ainda com uma expressão penalizada, murmurou:

- Ela pensava no velhote!

Não compreendi qual era o velho que ocupava desse modo os pensamentos da senhora Gummidge. Mas a minha criada, quando foi deitar-me, explicou que se tratava do defunto marido, e que essa verdade inegável comovia sempre o irmão. Passado algum tempo, quando ele já estava na sua rede, ouviu-o repetir a Ham: «Coitada! Pensava no velhote». E sempre que a senhora Gummidge se sentia dominada por aquela angústia (o que sucedeu algumas vezes durante a minha permanência no barco), o senhor Peggotty dizia a mesma frase como se alegasse uma circunstância atenuante e nunca deixava de exteriorizar a maior comiseração.

Neste teor decorreram as duas semanas, sem outra variedade senão a das marés, o que modificava o horário das idas e vindas do senhor Peggotty e também das ocupações do Ham. Quando este último estava inactivo, passeava às vezes connosco para nos mostrar as barcaças e os navios. Em duas ou três ocasiões levou-nos num barco de remos. Não sei por que motivo um conjunto de impressões gerais se associa mais particularmente a um lugar do que a outro; realmente deve acontecer isto à maior parte das pessoas, sobretudo no que toca às suas recordações da infância. Quanto a mim, nunca ouço ou leio a palavra Yarmouth sem me lembrar de certa manhã de domingo na praia, com os sinos a convocar os fiéis para a igreja, a pequena Emily apoiada ao meu ombro. Ham atirando distraído pedras ao mar, e o Sol, atravessando a bruma densa a nos revelar os navios, que pareciam as suas próprias sombras.

Chegou por fim o dia do regresso. Não me importava muito deixar o senhor Peggotty e a senhora Gummidge, mas separar-me da Emily, isso, só de pensar, é que me cortava o coração. Fomos de braço dado até ao albergue, onde a carroça parava, e eu prometi à pequena, pelo caminho, escrever-lhe de vez em quando. (Cumpri esta promessa em caracteres maiores do que os dos anúncios manuscritos dos quartos para alugar.) Comovemo-nos enormemente na altura dos adeuses. E se jamais, na minha vida, eu experimentei um grande vácuo, esse foi com certeza no dia da partida.

Durante todo o tempo da ausência eu fora ingrato para com o meu lar, porque nunca mais pensara nele, ou muito pouco. Mal, porém, iniciara a viagem, a consciência infantil logo me apontou o remorso. E eu senti, naquele abatimento, que era lá o meu ninho e que a minha mãe era o meu consolo e a minha amiga.

Conforme avançávamos no caminho, mais isto se me avolumava no espírito. Quanto mais as coisas se tornavam familiares, mais crescia a excitação e o desejo de estar em casa e de cair nos braços maternos. Mas Peggotty, em vez de compartilhar destas comoções, tentava refreá-las (suavemente, embora) e parecia embaraçada e abatida. Todavia, e a despeito deste modo de pensar da minha criada, Blunderstone surgiu à vista. Como conservo esse instante na memória! A tarde estava fria e cinzenta, o céu era triste e havia ameaças de chuva.

Abriu-se a porta, e, meio a rir, meio a chorar, alegre e simultaneamente preocupado, busquei com os olhos a minha mãe. Não era ela que lá estava, mas uma criada desconhecida.

- Que aconteceu, Peggotty? - exclamei, lastimoso. - A mamã ainda não voltou?

- Voltou, sim, menino... Espere um instante... Eu vou... eu vou dizer-lhe uma coisa.

Peggotty saía com dificuldade da carroça, tanto pelo embaraço da roupa como pela atrapalhação moral em que se achava. Todavia, calei-me. Uma vez apeada, ela pegou-me na mão, e levou-me, sempre confusa, até à cozinha. Aí, fechou a porta.

- Que aconteceu? - repeti então, já assustado.

- Não foi nada. Sossegue, querido menino - replicou, afectando um ar satisfeito.

- Tenho a certeza de que há qualquer coisa - insisti. – Onde está a mamã?

-Onde está a mamã? - disse ela, arremedando as minhas palavras.

- Sim, sim. Por que é que não foi esperar-me ao portão e por que motivo viemos para aqui?

Marejaram-se-me os olhos. Senti que ia desfalecer.

- Deus lhe valha, meu filho! Que é que tem? Fale!

- Morreu... também?

A criada gritou um «não» com extraordinária força, e depois sentou-se, anelante. Eu pregara-lhe um susto, declarou.

Dei-lhe um abraço apertado, para atenuar esse efeito, e então, de pé diante dela, olhei-a interrogativamente.

- Eu já lho devia ter dito, menino Davy, mas não houve ensejo. Devia tê-lo provocado, esse ensejo... No entanto, não consegui decidir-me...

- Continua, Peggotty - supliquei, mais alarmado do que nunca. Ela desatou as fitas da touca, com dedos trémulos, e começou, sempre ofegante:

-Pois quer saber? Tem agora um papá!

Tremi, fiquei pálido. Não sei o quê nem como, mas algo que se relacionava com o cemitério e a ressurreição dos mortos atingiu-me como uma baforada insalubre.

- Outro - acrescentou.

- Outro pai?

Peggotty abriu a boca, como se fosse engolir qualquer coisa muito dura, estendeu a mão e disse:

- Venha vê-lo.

- Não quero.

- E a mamã, também- acrescentou Peggotty.

Cessei a resistência e fomos direitos à sala, onde a criada me deixou. A um lado do fogão estava a minha mãe; do outro o senhor Murdstone. A mãe interrompeu o trabalho de costura que tinha entre mãos, e ergueu-se precipitadamente, mas com ar receoso, segundo me pareceu.

-Então, Clara, minha querida! - disse Murdstone. - Domina-te. Davy, estás bom?

Dei-lhe a mão. Após um momento em que ficámos indecisos aproximei-me da mãe, que me afagou brandamente o ombro e recomeçou o seu trabalho. Eu não podia olhar nem para ela nem para ele, mas pressentia que Murdstone nos observava a ambos. Então fui até à janela e olhei para fora, para os arbustos que curvavam os ramos na aragem fria.

Logo que me foi possível, escapei-me e subi a escada O. meu antigo quarto havia sido transformado, e eu devia dormir muito longe dali. Desci ao rés-do-chão, e também lá encontrei tudo com aspecto diferente. Em seguida vagueei no

pátio - mas recuei vivamente, porque a casota sem cão tinha agora um ocupante enorme, de bocarra ameaçadora e um pêlo negro que me fez recordar o senhor Murdstone. O animal enfurecera-se ao ver-me e tentou saltar sobre mim.

IV. ENTRO EM DESFAVOR

Se o quarto para onde transportaram a minha cama fosse dotado de sentimentos e pudesse testemunhar, ainda hoje eu podia (quem lá dorme agora? Quem me dera saber!) chamá-lo a depor a fim de dizer quanto o coração se me confrangeu naquela noite. Segui para lá ouvindo o cão ladrar no pátio todo o tempo que subi os degraus; e, lançando ao aposento um olhar tão desanimado como o que ele devia por seu turno endereçar-me, sentei-me, cruzei os braços e comecei a reflectir.

Pensei nas coisas mais díspares: no aspecto do meu quarto, nas fendas do tecto, no papel das paredes, nos defeitos da vidraça, que tornavam a paisagem distorcida, e no lavatório de pés coxos, cuja expressão descontente me fazia lembrar a senhora Gummidge quando estava sob a influência do velhote. Chorei durante todo esse tempo, mas, excepto quanto ao facto de me sentir cheio de frio e abatido, eu não sabia ao certo por que chorava. Por fim, no meu desespero, considerei que amava apaixonadamente a Emily, que me haviam separado dela para me levar para ali, onde ninguém se preocupava comigo nem me dedicava metade da afeição que ela me tinha. Isto tornou-me tão infeliz que me encolhi a um canto do colchão e adormeci à força de chorar.

Acordou-me alguém que dizia «Ei-lo!», pondo-me a sua mão na testa ardente. A mãe e Peggotty vinham buscar-me e uma delas proferira aquela frase e fizera o gesto.

- Davy - perguntou a minha mãe - que tens tu?

Achei estranho que ela me fizesse essa pergunta e respondi: «Nada.» Recordo-me de que desviei a cara, para ocultar o tremor dos lábios, o que esclarecia sem dúvida a situação.

--Davy, meu querido filho!-exclamou a mãe.

Na verdade, aquele apelo de «querido filho» comoveu-me mais do que tudo o que eu pudesse ouvir. Escondi as lágrimas nos lençóis e repeli a sua mão quando ela ma estendeu para me ajudar a erguer-me.

- Isto é obra tua, Peggotty - disse a mãe. - Não há dúvida de que é! Como é possível que indisponhas o meu filho contra mim ou contra quem me é afeiçoado? Que pretendes tu, Peggotty?

A pobre da criada, levantando os braços e os olhos, replicou apenas com

uma espécie de paráfrase das graças que eu habitualmente repetia depois do jantar:

- Que Deus lhe perdoe, senhora Copperfield, pelo que acaba de dizer e de que terá de arrepender-se!

- E estas coisas acontecem-me em plena lua-de-mel, quando se podia supor que nem o meu maior inimigo seria capaz de o fazer! Oh, filho, como és maldoso! E tu, Peggotty, como és cruel!Meu Deus! - exclamou a mãe, voltando-se ora para um ora para outro de nós. - Que mundo este de arrelias, quando eu tinha o direito de esperar que a vida me fosse agradável!

Senti o contacto de uns dedos que não eram os da mãe nem os de Peggotty. Deslizei para o chão e pus-me de pé ao lado da cama. Era a mão do senhor Murdstone, que me agarrava no braço e dizia:

- Que vem a ser isto? Clara, meu amor, esqueceste-te? Firmeza, minha querida!

- Desculpa, Edward - volveu a mãe. - Desejaria ser razoável, mas estou muito contristada!

- Realmente, Clara, não esperava ouvir isso tão cedo.

- O que digo é que é triste tornarem-me infeliz neste momento - replicou a mãe, amuando. - E na verdade é bastante triste, não achas?

Murdstone puxou-a para si, murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido e beijou-a. Percebi logo que ele moldaria sempre à sua vontade uma natureza tão dócil como a da mãe.

- Vai andando, meu amor - disse Murdstone. - Eu e o Davy iremos juntos. - Voltando-se para a criada, ajuntou: - Sabe o nome da sua senhora, não sabe? - Olhava-a furibundo, depois de ter sorrido à minha mãe quando ela se afastava.

- Há muito tempo que é minha patroa, senhor Murdstone. Tenho obrigação de saber.

- Pois sim, mas quando me aproximava deste quarto ouvi-a dar-lhe um nome que não é o seu. Não ignora, com certeza, que a sua senhora tomou o meu apelido. Fixe bem isto.

Peggotty saiu do quarto sem replicar, mas deitou-me um olhar inquieto, depois de fazer uma vénia ao patrão. Bem percebia que ele esperava a sua retirada e que não havia motivo para se demorar mais tempo. Quando ficámos sós, Murdstone fechou a porta, sentou-se numa cadeira, e, conservando-me de pé

à sua frente, fitou-me de tal forma que eu também o olhei fixamente. Ao lembrar-me daquela cena ainda hoje sinto pulsar-me com força o coração.

- Davy - principiou, comprimindo os lábios -, se eu tiver um cavalo ou um cão teimoso, como devo proceder? Que te parece?

- Não sei.

- Sei eu: bato-lhe.

Respondera-lhe quase num murmúrio, sustendo a respiração; sentia, porém, ao calar-me, que ainda respirava com maior dificuldade.

- Aperto-o e faço-o sofrer. E digo: Hei-de o domar custe o que custar, ainda que o faça derramar sangue. Que tens na cara?

- Está suja.

Murdstone bem sabia que eram vestígios de lágrimas, e eu sabia-o igualmente. Mas, se me fizesse a pergunta vinte vezes, de cada vez com vinte pancadas, creio que o meu coração de criança rebentaria antes de eu lhe confessar a verdade.

- És muito esperto para a idade - observou com o seu sorriso grave - e já me compreendeste muito bem. Lava a cara e acompanha-me.

Indicou-me aquele móvel que me lembrava a senhora Gummidge, e, com a cabeça, fez sinal de que lhe obedecesse. Convenci-me então, e ainda o estou, de que me batia sem dó se eu hesitasse no cumprimento da ordem.

- Minha querida Clara - disse ele logo que chegámos à sala, sempre com a mão apoiada no meu braço - espero que não voltes a ter aborrecimentos. Depressa havemos de lhe aperfeiçoar o génio.

Que Deus me perdoe, mas uma palavra bondosa, dita naquele momento, aperfeiçoar-me-ia de vez o génio. Uma palavra de incitamento, esclarecedora, uma frase compassiva pela minha ignorância infantil; qualquer coisa que fosse um acolhimento no lar - e o senhor Murdstone teria conquistado a minha submissão em lugar de me compelir a uma atitude hipócrita. Em vez do ódio teria obtido o meu respeito. Afigurou-se-me que a minha mãe estava contrariada por me ver ali no meio da sala, perplexo e apavorado, e que, na ocasião em que eu ia sentar-me furtivamente numa cadeira, os seus olhos me seguiram ainda mais tristes, como se ela sofresse com o constrangimento dos meus passos. Mas essa palavra não chegou a ser proferida, e a oportunidade passou.

Jantámos sozinhos, todos os três. Murdstone parecia apaixonado pela minha

mãe - o que, sem dúvida, mais me irritou - e ela retribuía-lhe com igual amor. Do que diziam, depreendi que uma irmã dele era esperada nessa noite e que ficaria connosco. Não estou certo de que fosse nesta altura, ou mais tarde, que eu soube possuir o meu padrasto interesses num estabelecimento de vinhos de Londres, embora não exercesse nenhuma actividade comercial, e que nessa mesma casa (a que a família estava ligada desde o tempo do bisavô) a tal irmã tinha interesses similares. Seja como for, menciono agora o facto.

Terminado o jantar, estávamos instalados junto do fogão e eu cogitava na maneira de ir ter com Peggotty, sem me atrever a tomar tão arrojada decisão, para não ofender o dono da casa, quando parou uma carruagem à porta do jardim e ele se levantou para ir receber a visita. A minha mãe seguiu-o. Eu acompanhei-a timidamente, mas, à porta da sala, ela deteve-se no escuro e tomou-me nos braços, como antigamente, murmurando-me ao ouvido que eu devia estimar o meu novo pai e obedecer-lhe. Falou-me apressada, em segredo, como se cometesse uma acção má; fê-lo, porém, com ternura, e, pondo a mão atrás das costas, segurou a minha até atingirmos o ponto do jardim em que se encontrava Murdstone. Então largou-me e tomou-lhe o braço.

Era a senhora Murdstone quem chegava. Tinha aspecto severo, morena como o irmão, com quem se parecia muito na cara e na voz. As sobrancelhas espessas uniam-se quase por cima do nariz grande, como se assim compensassem a impossibilidade (devida ao sexo) de usar suíças. Trazia duas malas pretas, sólidas, rebarbativas, as quais ostentavam na tampa, em pregos dourados, as iniciais da sua dona. Para pagar ao cocheiro, exibiu uma bolsa de aço de dentro de um saco (ao qual estava presa por uma corrente grossa) que lhe pendia do braço. Nunca eu vira uma senhora tão metálica!

Convidaram-na a ingressar na sala com muitos rapapés e ali ela saudou a minha mãe como novo membro da família. Em seguida, olhando para mim, perguntou:

- É este o seu menino, querida mana? A mãe reconheceu-me como tal.

- Genericamente falando - disse a senhora - eu não gosto de rapazes. Como vais, meu pequeno?

Sob estes auspícios animadores, respondi que ia bem e que esperava lhe acontecesse outro tanto. Ela, porém, com ar superior, definiu-me nestes termos:

- Não tem maneiras.

Após ter pronunciado estas palavras com grande nitidez, pediu se dignassem conduzi-la ao seu quarto, que passou a ser para mim um antro de

terror e mistério. As duas malas pretas estavam sempre fechadas à chave. Ao espreitar para dentro do quarto por uma ou duas vezes, na sua ausência, vi uma porção de grilhões e alfinetes de aço, com que a senhora Murdstone se ataviava em dias assinalados e que pendiam em geral da moldura do espelho, numa exibição espaventosa.

Segundo concluí, ela viera habitar para sempre em nossa casa. No dia seguinte começou a «ajudar» a minha mãe, entrando na despensa a cada instante, pondo tudo em ordem e alterando o que até aí ficara estabelecido. A primeira preocupação que observei naquela dama foi a suspeita de que as criadas tivessem homens escondidos em qualquer parte da casa. Sob a influência desta desconfiança, mergulhava na loja do carvão a horas inesperadas e abria sempre as portas dos armários com um puxão brusco, certa de que lá encontraria o delinquente.

Se bem que nada tivesse de alegre na sua pessoa, a senhora Murdstone era matutina como uma cotovia. Levantava-se (supunha eu, e ainda o creio, para descobrir o homem oculto) antes que mais ninguém o fizesse. Peggotty era de opinião que ela dormia só com um olho fechado; mas, neste ponto, eu estava em desacordo, pois quis fazer em mim mesmo a experiência e achei que o processo não dava resultado.

Na manhã seguinte ao dia da sua chegada, levantou-se ao primeiro canto do galo, e tocou a campainha. Quando a minha mãe desceu para o almoço (ela própria fazia o seu chá), a senhora Murdstone deu-lhe uma espécie de bicada na face (era a sua forma de beijar), e disse:

- Querida Clara, eu vim para cá a fim de a aliviar de trabalhos, tanto quanto possível. A mana é bastante bonita e despreocupada - a mãe corou e riu, e parece que não desgostou -- para se impor obrigações de que eu posso encarregar-me. Se quiser ceder-me as chaves, tratarei de tudo daqui em diante.

Desde esse momento, a senhora Murdstone guardou as chaves, de dia, sob ferrolho, e à noite debaixo do travesseiro, e a minha mãe nunca mais teve de lidar com elas. Abandonou, pois, a sua autoridade, sem uma sombra de protesto. Uma vez, quando a cunhada expunha ao dono da casa certos planos de natureza doméstica, a mãe começou repentinamente a chorar e declarou que tinha o direito de ser consultada.

- Clara! - bradou o marido, severo. - Clara, estou espantado contigo.

- É fácil dizer que estás espantado, Edward - retorquiu a minha mãe - e é fácil falar também de firmeza; mas, se se tratasse de ti, com certeza que não

gostarias...

Firmeza (foi-me dado observá-lo bem) era a grande virtude sobre que os manos Murdstone se apoiavam. Não sei como me expressaria, se me houvessem pedido que a definisse conforme o meu entendimento de então; mas sentia claramente que era um género de tirania, um humor diabólico, arrogante, sombrio, comum aos dois. O seu credo já posso agora explicá-lo deste modo: Murdstone era firme, e ninguém, no seu meio, o seria mais. Os outros não deviam, porém, mostrar firmeza, pois tinham obrigação de se dobrar à firmeza dele, com excepção da senhora Murdstone. Esta podia ser firme, mas só por afinidade, e num grau inferior e tributário. Minha mãe também constituía excepção: tinha o direito de ser firme e devia sê-lo, contudo na subordinação da firmeza do marido e da cunhada e crendo firmemente ser aquela a única que existia no mundo.

- Custa-me muito - contraveio a mãe - que na minha própria casa...

- Minha própria casa? - repetiu o senhor Murdstone. - Oh, Clara!

- Isto é, a nossa casa - balbuciou a minha mãe, evidentemente assustada. - Compreendes o que quero dizer, Edward. Custa-me que na tua própria casa eu não possa pronunciar-me acerca dos assuntos domésticos. Desembaraçava-me bem, suponho, antes do nosso casamento. Queres provas? - acrescentou, soluçando.

- Pergunta à Peggotty se eu não me desembaraçava na perfeição quando não interferiam na minha vida.

- Edward - atalhou a irmã - acabemos com isto. Amanhã vou-me embora.

- Cala-te, Jane Murdstone -trovejou Edward. - Como te atreves a insinuar que não conheces o meu feitio?

- Não desejo que ninguém se vá embora - continuou a minha mãe, que estava em desvantagem notória e vertia lágrimas abundantes. - Desgostar-me-ia a valer se alguém partisse por minha causa. Não peço muito, e creio que não são coisas desrazoáveis: desejo unicamente que me consultem de vez em quando. Estou muito reconhecida a todos os que me auxiliam, mas gostaria de ser ouvida, nem que seja por simples formalidade. Cheguei a julgar que te agradava, Edward, a minha inexperiência de rapariga (suponho que te referiste a isso), mas penso agora que me detestas por esse motivo. Mostras-te tão severo!

- Edward - interveio de novo a senhora Jane Murdstone - vamos acabar com isto. Eu parto amanhã.

- Jane - replicou o irmão com voz trovejante -, faze o favor de te calares. Como é que te atreves?

A interpelada libertou da sua bolsa um lenço de assoar e pô-lo diante dos olhos.

- Clara - prosseguiu ele, olhando para minha mãe - palavra que estou admirado. Sim, eu fiquei contente com a ideia de casar com uma pessoa simples e sem experiência, pensando formar-lhe o carácter e dar-lhe alguma dessa firmeza e decisão que considerei necessárias. Mas quando a Jane condescendeu em vir ajudar-nos neste empenho, e assumir, por amizade para comigo, um papel que é quase o de uma governanta, a recompensa que teve foi ser tratada desta maneira...

- Oh, Edward, por favor! Não me acuses de ser ingrata - exclamou a minha mãe. - Nunca ninguém me havia chamado semelhante coisa. Tenho a certeza de que não sou ingrata. Possuo muitos defeitos, mas esse não. Por favor, Edward!

Quando ela se calou, o marido redarguiu:

- Ressinto-me sempre que vejo tratar injustamente a minha irmã.

- Não digas isso, querido Edward - implorou-lhe a mulher, deveras penalizada. - NãO, não suporto isso. Por mais defeitos que tenha, não deixo de ser afectuosa. Se não estivesse convencida, não o diria. Pergunta à minha criada e ela te confirmará quanto sou afectuosa.

- Não há fraqueza que possa servir de justificação, Clara. Estás a perder alento.

- Rogo-te, Edward, que voltemos a ser amigos - respondeu a minha mãe. - Aflige-me tanto a dureza ou a indiferença! Apresento as minhas desculpas. Não me escasseiam os defeitos, bem no sei, e compete à tua bondade procurar corrigi-los, Edward. Quanto à Jane, declaro que não oponho mais nenhuma objecção. Desgostar-me-ia profundamente que se fosse embora.

Estava muito comovida para poder continuar.

- Jane - disse o senhor Murdstone à irmã - creio que não são vulgares palavras amargas entre nós. Não foi por minha culpa que esta noite se deu um incidente. Outrem o provocou. Façamos ambos por esquecer. E como - acrescentou, depois destas palavras generosas - a cena não é edificante para uma criança... David, vai para a cama!

A custo encontrei a porta, tão enevoados de lágrimas tinha os olhos. Sentia profundamente o desgosto de minha mãe. Saí, pois, às apalpadelas e fui até ao

meu quarto, sem ter coragem sequer de dar boas-noites a Peggotty nem de lhe pedir uma vela para me ajudar no caminho. Quando a criada subiu cerca de uma hora mais tarde, a fim de verificar o que eu fazia, acordou-me para informar que a mãe recolhera à cama muito combalida e que os irmãos Murdstones haviam ficado sozinhos.

No dia seguinte, de manhã, desci mais cedo do que o habitual e detive-me à porta da saleta ao ouvir lá dentro a voz de minha mãe. Pedia ela, humilde e insistentemente, perdão à cunhada, o que esta liberalmente lhe concedeu. Estava feita a reconciliação. Depois disso, nunca mais a mãe deu o seu parecer fosse no que fosse sem primeiramente consultar a senhora Murdstone ou garantir-se, por meios insofismáveis, de qual era a esse respeito a opinião da solteirona. Igualmente a minha mãe jamais deixou de revelar no rosto uma expressão de puro terror quando Jane, num repente de cólera (era atreita a esta enfermidade), levava a mão à bolsa, como para entregar, resignada, as chaves de que era portadora.

O humor tenebroso que tingia o sangue dos Murdstones ensombrava-lhes também a religião, que era baseada na austeridade e na ira. Tenho pensado que essa religião assumia tal aspecto em consequência da firmeza do senhor Murdstone, pessoa incapaz de perdoar o castigo a quem o merecesse. Seja como for, lembro-me bem do ar tremendo que nos impúnhamos ao ir à igreja e da mudança que se notava na atmosfera do lugar. Sempre que chega esse temido domingo, eu insinuo-me à frente dos outros no nosso velho banco, como um preso sob escolta que vai assistir ao ofício dos condenados. A senhora Murdstone, com um vestido de veludo preto que se diria talhado num pano mortuário, segue-me muito de perto. Em seguida a minha mãe e após ela o marido. Na cena já não figura Peggotty, como nos tempos antigos. Uma vez mais, eu oiço a senhora Murdstone salmodiar, dando às palavras um tom enfático, que ela saboreia cruelmente. Os seus olhos escuros ainda os vejo circunvagar o templo ao pronunciar «míseros pecadores», como se nomeasse deste modo todos os componentes da assembleia.

Por intervalos vejo a minha mãe mover os lábios com timidez, ali colocada no meio dessas duas personagens que, aos seus ouvidos, uma de cada lado, fazem ressoar preces que são como trovões. E eu penso, todas as semanas, tomado de súbito receio, se o nosso venerando pastor labora acaso no erro e se são os Murdstones quem tem razão, e se todos os anjos do Céu são anjos destruidores. Se me acontece mexer um dedo ou alterar um músculo da face, o senhor Murdstone dá-me com o livro das orações e não é pequena a dor que eu sinto.

Ao voltarmos para casa, observo os nossos vizinhos, que nos observam por seu turno e falam baixinho entre si. Quando os dois esposos caminham à frente, ao lado da mana Murdstone, todos de braço dado, eu deixo-me ficar para trás e sigo a direcção de certos olhares. E penso se o andar da mãe não será menos leve e se os cuidados não lhe hão embaciado o esplendor da beleza. Recordar-se-ão esses vizinhos, como eu, do tempo em que voltávamos da igreja, a mãe e o filho? Só a cogitar neste ponto eu passo estupidamente o resto dos domingos.

A minha ida como interno para um colégio fora assunto repisado lá em casa. Os irmãos Murdstones deram o alvitre e a mãe, já se sabe, submetera-se-lhes logo. Todavia nada havia sido deliberado. E eu, entretanto, recebia as minhas lições em casa.

Lições que nunca esquecerei! Eram superintendidas nominalmente pela minha mãe, mas na realidade pelo senhor Murdstone e a irmã, os quais estavam sempre presentes e aproveitavam a oportunidade para dar à minha mãe algumas noções dessa firmeza mal entendida, que era o flagelo da nossa existência. Suponho que me conservava em casa só para esse propósito. Quando vivíamos sós, eu dera provas de aptidão ao estudo e de boa vontade em aprender. Lembro-me vagamente do tempo em que soletrava o alfabeto nos seus joelhos. Hoje em dia, ao ver as letras grossas da cartilha, a embaraçosa novidade da sua forma e o ar simpático dos oo, dos qq e dos ss, o passado acode-me logo à memória, sem nenhum travo, sem nada que provoque aversão. Pelo contrário, parece-me haver caminhado à beira de um alegrete até ao livro que falava dos crocodilos, sempre incitado pela sua voz suave e as maneiras doces da minha mãe. Mas as lições solenes que sucederam a estas, delas me recordo como de um golpe mortal vibrado na minha paz e uma grande provação quotidiana. Eram numerosas, árduas - algumas perfeitamente ininteligíveis para mim e tornavam-me perplexo como perplexa ficava a minha mãe.

Evoquemos uma dessas manhãs para ver como as coisas se passavam.

Depois do primeiro almoço desço à saleta, com os livros, cadernos e uma ardósia. A mãe, sentada à secretária, está pronta para me escutar, mas não menos pronto está o senhor Murdstone, na sua poltrona perto da janela (embora finja ler um livro), ou a senhora Jane, sentada próximo da minha mãe, a enfiar contas de aço. Só o espectáculo destas duas personagens exerce em mim tamanha influência que principio a sentir fugirem-me as palavras que tive tanta dificuldade em decorar. A propósito, se elas fugiam, para onde é que iriam?

Apresento o primeiro livro à minha mãe. Talvez seja a Gramática, ou a História, ou a Geografia. Lanço um derradeiro olhar à página, um olhar

desesperado, e começo a papaguear, enquanto a memória está fresca. Tropeço em qualquer termo. O senhor Murdstone alça a vista. Coro, precipito-me sobre meia dúzia de palavras, e paro. Calculo que a mãe mostraria o livro, se se atrevesse a tanto; mas não ousa e diz-me meigamente:

- Oh, Davy, Davy!

- Então, Clara? - acode o marido. - Sê firme com o rapaz. Não digas «Davy, Davy», é puerilidade. Ou ele sabe a lição, ou não a sabe.

- Não a sabe - intervém Jane com voz tremenda.

- Bem me parece que não - obtempera a mãe. A cunhada replica-lhe:

- Já vê, Clara. O que tem de fazer é restituir-lhe o livro, para que ele estude.

- Com certeza, Jane - disse a minha mãe - é o que tenciono fazer. Vamos, Davy, experimenta outra vez, e não sejas pateta.

Obedeço à primeira parte da ordem, tentando mais uma vez, mas não tenho êxito quanto à segunda, porque sou realmente pateta. Vou-me abaixo antes de chegar ao trecho de ainda há pouco, num ponto em que antes estava seguro, e detenho-me a pensar. Mas não concentro o pensamento na lição: magico na quantidade de tecido que seria necessária para fazer a touca da senhora Murdstone ou no preço do roupão do meu padrasto, ou noutro problema que não me diz respeito e que, afinal, me é indiferente. O senhor Murdstone esboça o movimento de impaciência que eu já esperava. A irmã imita-o. A mãe olha submissa para eles, fecha o livro e põe-no de lado, para recomeçar quando estiverem dadas as outras lições.

Depressa se acumulam esses processos «de segunda leitura». Quanto mais a coisa cresce, mais pateta me considero. O caso é de tal modo desesperado e eu debato-me em tão grande lodaçal que renuncio à ideia de me tirar dali e me entrego ao meu destino. São deveras desanimadores os olhares que trocamos, minha mãe e eu. Mas o pior de tudo é quando a mãe, supondo que a não observam, pretende dar-me a deixa pelo mover dos lábios. Nesse instante a senhora Jane, que já estava de sobreaviso, chama-a à ordem, em voz ameaçadora:

- Clara!

A mãe estremece, ruboriza-se e sorri dèbilmente. O senhor Murdstone levanta-se, pega no livro, bate-me com ele na cabeça e empurra-me para fora da saleta.

Embora terminada a lição, o pior ainda está para vir: trata-se de um

problema assustador, inventado pelo meu padrasto. Principia assim: Se fores a uma mercearia encomendar cinco mil queijos a quatro dinheiros e meio cada um, pagos de pronto... Nesta altura Jane Murdstone mal disfarça o seu contentamento. Medito no assunto dos queijos sem chegar a qualquer resultado, até que chega a hora do jantar. Com o esforço despendido sobre a ardósia, absorvendo por todos os poros a sujidade que ela contém, fico uma espécie de mulato. Dão-me um bocado de pão, decerto para acabar os queijos, e continuo banido para o resto da noite.

Visto agora a distância, afigura-se-me que era sempre assim o final das minhas lições. Talvez as consequências fossem diversas sem a presença dos Murdstones, porque o seu efeito assemelhava-se ao de duas serpentes que fascinam um desgraçado passarinho. Ainda que a manhã decorresse sem incidentes, o único proveito que eu obtinha era a refeição da tarde. Se Jane me topava inactivo, chamava logo a atenção da minha mãe: «Clara, não há nada como o trabalho. Mande esse pequeno fazer qualquer exercício.» Deste modo me forçavam a novas tarefas, pelo que raramente conseguia brincar com outras crianças da minha idade; a tenebrosa teologia dos Murdstones representava-as a todas como uma raça de víboras (embora houvesse uma, outrora, que tomou lugar entre os Discípulos e) pretendia que o seu papel era de se corromperem mutuamente.

O resultado natural deste trato, que durou, penso eu, uns seis meses, foi tornar-me sorumbático, desanimado, teimoso, e para isto não contribuiu menos a segregação em que me tinham, cada vez mais, da minha mãe. Creio que ficaria completamente estúpido se não fosse a circunstância de meu pai haver deixado uma colecção de livros num quartinho do último andar, ao qual eu tinha acesso, por ser contíguo ao meu e por mais ninguém se importar com isso. Desse compartimento precioso surgiram, magnífica hoste, para consolo do meu isolamento, Roderick Rondam, Peregrine Pickle, Humphrey Clinker, Tom Jones, O Vigário de Wakefield, D. Quixote, Gil Blas e Robinson Crusoe. Estes volumes mantiveram-me desperta a imaginação e a esperança numa vida diferente daquela existência que eu levava, e num lugar diferente - estes, e as Mil e Uma Noites e os Contos dos Génios - e não me fizeram qualquer mal, porque o mal que havia nalguns não poderia atingir-me. Admiro-me hoje como tinha vagar para ler todos esses livros no meio de tantas canseiras e estouvamentos, e como conseguia consolar-me das minhas pequenas perturbações (todavia grandes para mim) incarnando essas personagens favoritas e atribuindo os papéis antipáticos aos dois irmãos Murdstones. Fui Tom Jones (um Tom Jones infantil, puramente inofensivo) durante uma semana. Fui Roderick Random (idealizado por mim)

durante um mês inteiro. Li com voracidade descrições de viagens marítimas e terrestres, de livros que estavam nas estantes e dos quais me não lembro agora. Mas recordo-me de que, dias seguidos, percorri a parte da casa que era o meu domínio, armado de umas velhas encóspias, e arremedando certo comandante da Marinha Real Britânica, com risco de ser atacado por selvagens e resolvido a vender cara a minha vida. Podia o comandante receber nas orelhas pancadas da Gramática Latina: era um herói, e os heróis, a despeito de todas as gramáticas de todas as línguas do mundo, vivas ou mortas, não abdicam nunca da sua coragem.

Consolação singular, mas duradoira. Quando penso nisto, revejo a cena, uma bela tarde de Verão, os rapazes da aldeia brincando no adro da igreja, e eu sentado na minha cama, a ler, como se a minha existência aí se concentrasse. Cada celeiro da vizinhança, cada pedra do templo, cada nesga do cemitério, associam-se no meu espírito, de uma forma ou de outra, a esses volumes e representam alguns dos lugares célebres das minhas leituras. Lobrigo Tom Pipes a trepar o campanário da igreja; distingo Strap, de mochila aos ombros, parando à portinhola para descansar; e sei que o comodoro Trunnion e o senhor Pickle organizam o seu clube no salão da cervejaria local.

Compreende agora o leitor, tão bem como eu, o que fui nesse período da minha infância. A ele, regresso, pois.

Certa manhã, quando descia à sala dos livros encontrei lá a minha mãe, com aspecto preocupado, a senhora Jane, numa atitude de firmeza, o senhor Murdstone a atar qualquer coisa na ponteira de uma bengala - objecto flexível, manejável. Vendo-me, cessou o trabalho, sopesou a bengala e vibrou-a no ar.

- Fica sabendo, Clara - disse ele - que também fui muitas vezes açoitado.

- Sem dúvida - observou a irmã.

- Acredito - volveu, condescendente, a minha mãe. - Mas... parece-lhe que isso tenha tornado melhor o Edward?

-Julgas acaso que me fez mal? - acudiu gravemente o marido.

- Eis a questão - retorquiu Jane. Ao que a mãe aduziu:

- Com certeza, Jane. E calou-se.

Pressenti, apreensivamente, que o diálogo me dizia respeito e perscrutei o olhar do senhor Murdstone quando este me fixou.

- Pois, David - começou ele - hoje terás de ir mais longe. - Assim falando, tornou a sopesar a bengala e brandiu-a de novo no ar. Feitos estes preparativos, guardou-a a seu lado, com uma expressão significativa, e pegou no livro.

Que belo início para me estimular a memória! Senti escaparem-me as palavras da lição, não uma a uma, nem linha a linha, mas a página inteira. Tentei detê-las; dir-se-ia, porém, que tinham patins e que deslizavam para longe com velocidade incrível.

Comecei mal e fui de mal a pior. Viera com a ideia de fazer excelente figura, pois supunha-me bem preparado; mas fora um tremendo equívoco. Compêndio após compêndio, foram-se acumulando os desastres. E a senhora Jane não me desfitava um só momento! Enfim, quando chegámos aos cinco mil queijos (nesse dia foram bengalas que ele me obrigou a multiplicar) a mãe rompeu num pranto desabalado.

- Clara! - bradou a cunhada, com a sua voz imperiosa.

- Creio que não me sinto muito bem, querida Jane...

O senhor Murdstone olhou solenemente para a irmã, levantou-se, e, lançando mão da bengala, disse:

- Não, Jane, não podemos esperar que a Clara suporte com firmeza o aborrecimento e as torturas que David lhe infligiu hoje. Seria estoicismo. Clara tem aperfeiçoado o seu carácter, mas não é justo contar com mais nada. David, acompanha-me lá acima.

Encaminhou-me para a porta e a minha mãe correu atrás de nós. Jane interpôs-se, perguntando: «Enlouqueceu, Clara?» Vi então a mãe tapar os ouvidos com as mãos e ouvi-a chorar.

Murdstone levou-me para o meu quarto, devagar e solenemente. Tenho a certeza de que ele se deliciava com essas formalidades de verdugo. Uma vez lá dentro, passou-me o braço de roda da cabeça. Gritei:

- Não, senhor Murdstone! Não me bata, peço-lhe! Fiz o possível de aprender, mas não consigo quando o senhor e a sua irmã estão presentes. Palavra que não consigo!

- Ah, realmente, não podes? Vamos já ver isso.

Conservava-me a cabeça como num torninho de serralheiro, mas eu torcia-a e retorcia-a, suplicando sempre que não me batesse. Por um momento - um só - consegui detê-lo, pois logo a seguir apertou-me com mais força e desfechou-me uma pancada na boca. Então prendi-lhe a mão com os dentes e mordi-a até fazer sangue. Depois continuou a espancar-me, sem dó nem piedade. No meio deste barulho, sobressaiu o som de passos pela escada acima, e choros - minha mãe chorava alto, assim como Peggotty. Murdstone abandonou o quarto, deixando-

me fechado à chave, deitado no chão, esfolado vivo, num desespero impotente.

Quando me acalmei, senti um silêncio anormal, silêncio que me pareceu reinar em toda a casa. E que perverso me considerei quando a paixão me passou e me tornei arrogante!

Fiquei muito tempo a escutar, porém não ouvia nenhum ruído. Ergui-me a custo e contemplei o rosto no espelho: estava tão inchado, e rubro, e horrendo que me enchi quase de pavor. Eram grandes os vergões na pele e faziam-me soltar gritos quando tentava mexer-me. Nada, todavia, que se comparasse com a sensação de culpa: creio que tinha na consciência um peso maior do que o criminoso mais atroz.

Escurecera. Fechei a janela. Aí permaneci muito tempo, com a cabeça apoiada ao peitoril, ora chorando, ora dormitando, e olhando sem ver. Até que senti darem a volta à chave. Era a senhora Murdstone, que me trazia leite, pão e carne. Sem dizer palavra, colocou estas coisas na mesa e foi-se embora e fechou outra vez a porta à chave.

Era noite fechada e eu mantinha-me no mesmo sítio, pensando se não viria mais ninguém. Quando me convenci de que me deixavam ao abandono, despi-me e meti-me na cama. Ali comecei a reflectir, horrorizado, no que me poderia suceder. Seria delituoso o acto que eu cometera? Levar-me-ia preso para a cadeia? Correria o risco de ser enforcado?

Jamais esquecerei o despertar, no dia seguinte. De começo senti-me alegre e repousado, e em seguida oprimido pela recordação amarga da véspera. Jane reapareceu antes de eu estar levantado. Disse-me, em resumo, que me permitiam dar uma volta no jardim, por meia hora o máximo; depois retirou-se, deixando a porta aberta para que eu aproveitasse aquela autorização.

Foi isso mesmo que fiz, e igualmente nos outros dias do meu encarceramento, que foram cinco ao todo. Se pudesse encontrar-me a sós com a minha mãe, ajoelhar-me-ia à sua frente e pedir-lhe-ia perdão. Mas não topava ninguém durante o dia inteiro, excepto a solteirona. À hora da oração vesperal, para a qual ia escoltado pela mesma dama, os outros já estavam nos seus lugares, e eu ficava, como um banido, à porta da sala; depois a minha carcereira reconduzia-me, antes que os demais saíssem. Notei que a mãe ficava muito afastada de mim e que virava a cara para outro lado de modo que nunca a via, e que a mão do senhor Murdstone se envolvia numa enorme ligadura.

Não me é fácil dar uma ideia de como decorreram esses cinco dias, que para mim pareceram longos anos. A maneira como eu escutava todos os

incidentes da casa, tocar de campainhas, barulho de portas, passos na escada, o mais pequeno riso, ou canto, ou assobio, sons que me pareciam mais lúgubres que tudo na minha solidão e opróbrio; o transcorrer desigual das horas, em especial à noite, quando acordava supondo que já era manhã e depois compreendia que os outros ainda estavam dormindo e ainda faltava muito para o alvorecer; os sonhos e pesadelos terríveis que eu tinha; o regresso do meio-dia, da tarde, do crepúsculo, quando os rapazes brincavam no adro da igreja, e eu os espiava de longe, do meu quarto, receoso de me mostrar à janela e de que me soubessem prisioneiro; a estranha sensação de nunca ouvir a minha própria voz; os ecos de certa alegria derivada dos prazeres da mesa, que me chegavam de súbito e se extinguiam; o rumor da chuva, uma noite, acompanhado de um cheiro de frescura, chuva que tombava cada vez mais forte, e que acabou por me dar a impressão de que afogava o medo e o remorso - tudo isto me parece que durou anos e não apenas dias, tão vivo e intenso se me conservou na memória.

Na última noite do encarceramento acordei ao ouvir o meu nome proferido num sussurro. Estremeci na cama e, estendendo os braços no escuro, perguntei:

- És tu, Peggotty?

A resposta não veio logo, mas acabei por escutar outra vez o meu nome, num tom tão misterioso como assustador que, se não percebesse que falavam pelo buraco da fechadura, teria com certeza desmaiado.

Encaminhei-me às apalpadelas para a porta e, apoiando a boca ao orifício, murmurei:

- És tu, querida Peggotty?

- Sou, menino Davy - respondeu ela. - Mas esteja calado como um rato para que o gato o não oiça.

Percebi que se tratava de Jane Murdstone e que a situação era de perigo: o quarto da criada ficava pegado ao meu.

- A mamã como está, Peggotty? Ficou muito zangada comigo? Ouvi-a chorar baixinho do outro lado do fecho (como eu fazia da banda de dentro), antes de replicar:

- Não, não muito.

- Sabes o que vão fazer de mim?

- Vai para um colégio perto de Londres - declarou Peggotty. Vi-me obrigado a fazê-la repetir, porque me esquecera de retirar a boca do buraco para aí colocar de novo o ouvido.

- Quando, Peggotty?

- Amanhã.

- Então foi para isso que a senhora Jane tirou a minha roupa das gavetas? - Procedera realmente a esse trabalho, mas eu esqueci-me de mencionar aqui.

- Sim, menino. Encheu a mala.

- Deixam-me falar com a mamã?

- Na parte da manhã.

Então Peggotty colou os lábios ao orifício da fechadura e pronunciou as palavras seguintes com um sentimento e energia a que jamais semelhante buraquinho servira de transmissor. Cada fragmento do período escapava-se-lhe convulsamente, como se trouxesse um pouco dela mesma:

- Querido menino Davy, tenho andado arredada nestes últimos dias, contra o costume, mas não quer dizer que o estime menos. Tanto como antes, ou talvez mais. Mas pensei que seria melhor para si, e também para outra pessoa. Está a ouvir, menino?

- Es... tou... - solucei.

- Querido menino! - disse ela, cheia de compaixão. - O que eu quero dizer é isto: que nunca me deve esquecer, porque eu também o não esqueço. Tratarei com muito cuidado da sua mamã, como tomei de si. Não a deixarei nunca. Hei-de escrever-lhe, menino, apesar de não ter grande instrução. Eu... eu...

E Peggotty, não podendo beijar-me directamente, fê-lo através do buraco da fechadura.

- Obrigado, querida Peggotty. Agradeço-te muito. Queres fazer-me um favor? Quando escreveres aos teus, diz ao senhor Peggotty, e à Emily, e à senhora Gummidge, e ao Ham, que eu não sou tão mau como podem julgar e que lhes mando muitas saudades, em especial à Emily. Não te esqueças, Peggotty. Prometes?

Aquela boa alma prometeu, e nós, de cada lado da porta, beijámos a fechadura com o maior afecto (a qual afaguei com a mão, bem me lembro, como se fosse a cara simplória da criatura). E separámo-nos. Desde essa noite nasceu-me no peito um sentimento por Peggotty que ainda não fui capaz de definir. Ela não substituía a minha mãe, porque esta era insubstituível, mas preencheu-me um vazio que eu tinha no coração. Nunca outro ser humano me inspirou coisa igual. Talvez fosse uma afeição um tanto cómica, e contudo, se Peggotty

morresse, eu nem queria pensar o que faria numa circunstância que considerava autêntica tragédia.

De manhã, Jane Murdstone apareceu, como de costume, e disse-me que ia para um colégio, o que não constituiu para mim grande novidade, como ela supunha. Acrescentou que, uma vez vestido, desceria à saleta, para o primeiro almoço. Aí encontrei a minha mãe, muito pálida e de olhos vermelhos. Corri aos seus braços e pedi-lhe, com o coração alanceado, que tivesse a bondade de me perdoar.

- Davy - ripostou - pensar que foste cruel para uma pessoa que eu amo! Vê se te emendas. Por favor, emenda-te. Perdoo-te, Davy, mas custa-me saber que abrigas tanta maldade na tua alma.

Haviam-na persuadido de que eu era um malvado, e isso pungia-a mais do que a minha partida. Ressenti-me bastante. Tentei ingerir o almoço, que seria o último, mas as lágrimas desciam-me pela cara, molhando a fatia de pão e amargando o chá. A mãe olhou-me por momentos e desviou a vista para Jane Murdstone, que estava sempre de atalaia.

- Tragam a mala - ordenou esta, quando se ouviu o barulho das rodas da carroça.

Procurei Peggotty, mas não a vi, nem vi o senhor Murdstone. À porta achava-se o meu velho conhecido, o carroceiro, que levou a mala para o veículo.

- Clara! - disse Jane no seu tom autoritário.

- Pronto - respondeu a mãe. - Adeus, Davy. É para teu bem que nos deixas. Virás a casa nas férias e serás mais assisado.

- Clara! - repetiu a cunhada.

- Está bem, Jane - condescendeu minha mãe, que me apertava nos seus braços. - Perdoo-te, querido filho. Que Deus te proteja!

- Clara! - insistiu Jane.

E Jane Murdstone teve a bondade de me acompanhar até à carroça, dizendo-me pelo caminho esperar que eu me arrependesse, para não acabar mal. Em seguida subi para a viatura, que o cavalo indolente começou tirando com todo o vagar.

V. SOU EXPULSO DE CASA

Devíamos ter andado cerca de meia milha, e o meu lenço estava já ensopado, quando o carroceiro estacou bruscamente.

Alcei a vista para ver de que se tratava, e descobri, com grande espanto, Peggotty surgir de uma sebe e tomar assento na carroça. Apertou-me nos braços e cingiu-me contra o espartilho, pelo que fiquei com o nariz a doer, mas não disse uma única palavra. Desembaraçando uma das mãos, mergulhou-a no bolso e extraiu de lá vários sacos de doces, com que me encheu as algibeiras, assim como uma bolsa, que me entregou, continuando sempre sem abrir a boca. Depois de me ter abraçado mais uma vez, apeou-se da carroça e fugiu a correr. Pensei, e ainda hoje o creio, que não lhe ficara nenhum botão no vestido; apanhei um dos que caíram e guardei-o por muito tempo como recordação.

O carroceiro contemplou-me como para inquirir se ela voltaria. Meneei negativamente a cabeça e respondi que não achava provável. «Então, a caminho!», disse ele ao cavalo mandrião, que obedeceu à ordem dada.

Tendo já chorado o mais que me fora possível, comecei a considerar a inutilidade do pranto, tanto mais que nem Roderick Random nem o capitão da Marinha Real Britânica choraram em situações críticas como esta, se é que bem me recordava. O carroceiro, ao notar esta minha resolução, propôs-me estender o lenço na garupa do cavalo, para o secar. Agradeci-lhe e concordei; e como ele parecia pequenino, ali desdobrado!

Havia agora tempo para examinar a bolsa. Era de cabedal grosso, com um fecho, e continha três xelins luzidios, e, para meu maior encanto, muito bem polidos com greda, Mas o que mais me agradou foi encontrar duas meias coroas embrulhadas num bocado de papel em que estava escrito, na caligrafia da minha mãe, «Para o Davy, com muitas saudades». Isto comoveu-me tanto que pedi ao carroceiro me devolvesse o lenço. Ele, porém, aconselhou-me a dispensá-lo, e achei que o homem tinha razão, de modo que enxuguei os olhos na manga do casaco e deixei de chorar. Fi-lo de vez, embora, devido às comoções sofridas, ainda soltasse, a espaços, um grande soluço. Depois de havermos seguido a meio trote por mais uns momentos, perguntei ao carroceiro se ele ia levar-me todo o caminho.

- Até onde? - inquiriu o homem.

- Até lá.

- Lá o quê?

- Arredores de Londres.

- Este cavalo - replicou ele, sacudindo as rédeas para indicar o animal - ficaria mais morto que vivo antes de metade do trajecto.

- Então vai só até Yarmouth?

- Mais ou menos. Aí entrego o menino na diligência, e esta é que o leva... para onde vai.

Como isso constituía conversa para o carroceiro (que se chamava Barkis), pois era, como já expliquei num capítulo anterior, de temperamento fleumático, e nada tagarela, ofereci-lhe um dos bolos em testemunho de consideração, e o homem engoliu-o duma vez, exactamente como faria um elefante - e ficou tão impassível como ficaria um mastodonte.

- É ela que os faz? - perguntou Barkis, sempre inclinado para a frente, com o seu ar pesadão e os braços apoiados aos joelhos.

- Refere-se a Peggotty?

- Hem? Ah, sim, a ela mesma.

- Pois é Peggotty quem faz os doces e cozinhados lá em nossa casa.

- Palavra? - volveu Barkis.

Afeiçoou a boca como se fosse assobiar, mas não assobiou. Continuou a olhar para as orelhas do animal, tal se aí descobrisse algo de novo. Permaneceu assim largo tempo. Por fim disse:

- Espera marido? Acha que sim?

- Espera-maridos e todos os doces - repliquei, supondo que ele aludia a essa excelente guloseima.

- Não é Isso. Se alguém tenciona casar...

- Com Peggotty?

- Sim, senhor.

- Não, nunca teve namorado.

- Ah, não?! - exclamou Barkis.

Afeiçoou outra vez os lábios para assobiar, e de novo desistiu, continuando, porém, a observar as orelhas do cavalo.

- Com que então - disse por fim, após demorada reflexão - ela faz todos os

doces e todos os cozinhados, hem?

Informei-o de que assim era realmente.

- Muito bem - retorquiu. - Vou-lhe pedir uma coisa. Naturalmente pensa em escrever-lhe...

- Com certeza que lhe escreverei.

--Ah! - tornou ele, virando lentamente os olhos para mim.- Se lhe escrever, talvez pudesse dizer-lhe que o Barkis suspira...

- Que o senhor Barkis suspira? - repeti com a maior inocência. - É só esse o recado?

- E - confirmou, parecendo meditar. - É. O Barkis suspira.

- Mas o senhor amanhã estará de volta a Blunderstone - tartamudeei, na ideia de que eu já me encontraria então muito longe. - Pode perfeitamente entregar-lhe o recado...

Todavia, como abanasse a cabeça, repudiando a alternativa e insistindo em que eu devia escrever, prontifiquei-me a servir de intermediário. Enquanto esperava pela diligência no albergue de Yarmouth, nessa mesma tarde, arranjei uma folha de papel e um tinteiro e escrevi uma cartinha à Peggotty, concebida nestes termos:

«Querida Peggotty. Cheguei aqui são e salvo. Barkis suspira. Saudades à mamã. Teu muito amigo David.

«P. S. Diz ele que deseja particularmente recomendar-te isto: Barkis suspira.»

Depois de me prontificar a esta incumbência, Barkis recaiu em absoluto silêncio; e eu, sentindo-me esgotado pelos acontecimentos, estirei-me em cima de um saco, na carroça, e adormeci. Dormi profundamente até chegarmos a Yarmouth; pareceu-me tão diferente, em especial o pátio da estalagem onde penetrámos, que abandonei a secreta esperança de reencontrar alguém da família do senhor Peggotty, talvez a própria Emily!

A diligência estava lá, mas ainda sem os cavalos, o que me deu a impressão de que tão cedo não partiria para Londres. Cogitava nisto, e no que fora feito da minha mala, que Barkis deixara no pátio, junto da cavalariça, quando uma mulher enfiou a cabeça pela janela em que havia galinhas e peças de carne penduradas e me perguntou:

- É o passageiro de Blunderstone?

- Sou, sim, senhora.

- Como se chama?

- Copperfield.

- Não é esse nome. Pagaram o jantar mas não foi para si.

- Será Murdstone?

- Se é Murdstone, então está bem. Por que começou por me dar outro nome?

Expliquei o caso. A senhora tocou a campainha e gritou: «William, leva este menino à casa de jantar!», após o que saiu, a correr, um criado da cozinha, no extremo oposto do pátio, e indicou-me o refeitório. Pareceu muito admirado de que fosse eu a pessoa a quem devia servir.

A casa de jantar era larga e comprida, adornada de mapas enormes. Creio que me sentiria menos estranho se esses mapas fossem verdadeiros países estrangeiros e eu me encontrasse de repente nalgum deles. Tive a impressão de que praticava um sacrilégio sentando-me, de barrete na mão, à beirinha da cadeira mais aproximada da porta. E, quando o criado estendeu uma toalha expressamente para mim, e sobre ela colocou o galheteiro, todo eu me ruborizei na minha modéstia.

O homem trouxe costeletas e legumes, destapando as travessas com tanta veemência que eu supus havê-lo de qualquer maneira ofendido. Tranquilizei-me, porém, ao vê-lo arrastar uma cadeira para junto da mesa e convidar-me a tomar aí assento.

Agradeci e instalei-me. Todavia achei bastante difícil manejar a faca e o garfo com a necessária destreza, e evitar que o molho se entornasse, tanto mais que o criado se mantinha de pé à minha frente, observando-me com fixidez. Como eu corei de cada vez que os nossos olhares se encontravam! Ao ver-me iniciar a segunda costeleta, participou:

- Há uma cerveja para si. Quere-a agora?

- Pois sim, obrigado.

Despejou-ma do jarro numa caneca avantajada, admirou-lhe a transparência, de encontro à luz, e disse:

- Que beleza, hem?

- Não há dúvida - concordei, sorrindo. Encantava-me verificar que ele era tão amável.

Tratava-se de um homem de olhos piscos, cara com borbulhas, cabelo eriçado. Enquanto segurava o copo, apoiava a outra mão à ilharga e tomara uma atitude condescendente.

- Esteve cá ontem um senhor - disse ele - um senhor gordo, chamado Topsawyer [{5}]... talvez o conhecesse...

- Não, creio que não.

- Usava calções e polainas, um chapéu largo, casaco cinzento, gravata de pintinhas...

-Não - repeti envergonhado - não tenho o gosto de...

- Pois veio aqui - continuou o criado, mirando sempre a minha cerveja - pediu um copo disto... Aconselhei-o a não tomar... Mas insistiu em beber e caiu morto. Era forte de mais para ele. Não o deviam ter servido. Ora aí tem.

Fiquei muito impressionado com o triste acontecimento e declarei que talvez fosse preferível eu tomar água em vez de cerveja.

- Já vê... - replicou o homem, ainda com o copo erguido à luz e fechando um dos olhos. - A patroa não gosta que se encomendem coisas e se deixem ficar... Sente-se vexada. Não importa, eu tomo, se me dá licença. Estou habituado. Não me fará mal se inclinar a cabeça para trás e ingerir tudo rapidamente. Permite?

Respondi-lhe que era um favor que me fazia, se tinha a certeza de que não lhe traria dano; mas só com esta condição. Quando deitou a cabeça para trás, a fim de absorver a cerveja de um trago, senti um medo terrível, devo confessá-lo: podia o homem ter o destino do senhor Topsawyer e cair redondo no chão. Ora, pelo contrário, a coisa pareceu fazer-lhe bem.

- Que temos aqui? - perguntou, metendo um garfo no meu prato. - Não são costeletas?

- São - repliquei.

- Deus seja louvado! Não sabia que eram costeletas. Exactamente o que é preciso para contrariar os maus efeitos desta cerveja. Que sorte, hem?

Com a mão bifou-me uma costeleta, agarrando-a pelo osso; com outra agarrou numa batata, e tudo devorou com apetite extraordinário, o que me causou admiração. Serviu-se de segunda costeleta e de segunda batata, e, depois

de as haver comido, foi-me buscar um pudim. Colocou-o à minha frente, mas conservou-se com ar absorto, como se perdido em meditações. De repente indagou:

- Que tal o pastelão?

- É um pudim - informei-o.

- Pudim!-repetiu. - Oh, meu Deus, é verdade!-acrescentou, olhando-o mais de perto. - Não tem crosta de pastelão?

- Tem, sim.

- Pudim com uma crosta! O meu pudim predilecto! Continua a sorte, hem? Vamos ver então qual é o que come mais depressa.

Evidentemente que ele levou a melhor na competição. Por mais de uma vez incitou-me a ganhar, mas havia grande diferença entre a minha colher de café e a sua colher de sopa, entre o meu desembaraço e o seu, entre o meu apetite e o dele. Estive sempre, pois, em desvantagem. Creio que nunca vi ninguém comer um pudim com tanto gosto. Quando tudo desapareceu do prato, ainda o homem ria, como se o prazer continuasse.

Achando-o tão amigo e camarada, pedi-lhe pena, tinteiro e papel a fim de escrever à Peggotty. Não só me obsequiou imediatamente como seguiu com os olhos, por cima do meu ombro, o que eu ia redigindo. Terminada a carta, quis saber onde ficava o meu colégio.

- Perto de Londres. Era tudo o que eu sabia.

- Oh! -murmurou, contristado.- Lamento muito.

- Porquê? - indaguei.

- Oh, Deus meu! - retorquiu, oscilando a cabeça. - Foi mesmo nesse colégio que partiram as costelas de um rapaz... duas costelas... e era um rapazinho. Devia ter... vejamos... que idade é a sua?

Informei-o de que ia nos nove.

- Precisamente o mesmo. Ele tinha oito anos e seis meses quando lhe quebraram a primeira costela; oito anos e oito meses quando da segunda.

Não pude dissimular o desagrado que essa notícia me provocava e perguntei-lhe como acontecera tal coisa. A resposta não foi animadora, pois esclareceu-me com uma palavra sinistra: açoites.

Um som de trompa no pátio desviou-nos oportunamente a atenção.

Levantei-me e inquiri, hesitante, com um misto de vaidade e temor (que me inspiravam a ideia de possuir uma bolsa com dinheiro) se havia alguma coisa em dívida.

- Uma folha de papel de carta. Já comprou algum dia papel de carta?

Bem me parecia que não.

- É caro - prosseguiu ele - por causa dos impostos. Três dinheiros-. Assim são as alcavalas neste país! A tinta é de graça. Resta só o criado.

- Quanto é.que... quanto devo... O que é que se costuma pagar ao criado? - tartamudeei, corando.

- Se eu não tivesse família, e a família não estivesse com bexigas... - observou o homem - não aceitaria meio xelim... Se não tivesse mãe, por sinal velha, e uma irmã adorável... não aceitaria nada... - acrescentou, em tom comovido. - Se possuísse um bom lugar, e fosse bem tratado... seria capaz de pedir que aceitasse uma lembrança, em vez de ser eu a recebê-la. Mas vivo... sabe-se lá como vivo e como durmo!

Nesta conjuntura desatou a chorar. A infelicidade do homem afligia-me bastante, e achei que gratificá-lo com menos de nove dinheiros seria muita dureza de coração. De maneira que lhe dei um dos meus xelins luzidios, que ele aceitou com grande humildade e veneração, e logo a seguir fê-lo saltar com um piparote, para experimentar a genuidade da moeda.

Foi um tanto desconcertante verificar, quando me ajudaram a subir a diligência, que supunham ter eu comido todo o jantar, sem a colaboração de ninguém. Ouvi a dama que estava à janela dizer ao cocheiro: «Cuidado com essa criança, não vá rebentar!», e vi as criadas da estalagem acorrerem a observar o fenómeno, sufocando risadinhas. O meu infortunado amigo, aquele que me servira o jantar, recobrara o bom humor e associava-se ao desfrute e não parecia nada comprometido. Isto despertou-me certa desconfiança quanto à sua seriedade, embora, de um modo geral, eu possuísse então a boa fé das crianças, que lastimo haver depois trocado pela sabedoria das pessoas experientes.

Considerei todavia um pouco duro, confesso, dar azo, sem o merecer, às graçolas do cocheiro, que fingiu recear que a diligência tombasse para o lado que eu ocupava. A história do meu suposto apetite não tardou a espalhar-se entre os passageiros, que se divertiram à minha custa. Até me perguntaram se, no colégio que eu ia frequentar, pagaria por dois ou três; se tinham feito preço especial para mim ou se se resignavam à tarefa ordinária; e muitas outras perguntas chocarreiras. Mas o pior de tudo era saber que me envergonharia de tornar a

comer, quando se oferecesse oportunidade, e que, após uma refeição tão frugal, passaria fome toda a noite - pois na minha precipitação esquecera-me dos bolos no albergue. As minhas apreensões não foram vãs. Quando nos apeámos para cear, faltou-me a coragem de o

fazer, se bem que tanto me apetecesse, e eu sentei-me ao canto da lareira e declarei que não queria nada, o que não evitou novas pilhérias: um cavalheiro de voz rouca e feições grosseiras, que todo o caminho mastigara sanduíches (além de ter emborcado uma garrafa), disse que eu era como a jibóia, que se alimenta por uma vez e passa o resto do tempo a digerir.

Partíramos de Yarmouth às três horas da tarde e devíamos chegar a Londres na manhã seguinte, às oito horas. Estava um tempo magnífico e a tarde apresentava-se deliciosa. Quando atravessámos uma aldeia, imaginei o que seria o interior dessas residências e as ocupações dos habitantes; e quando os garotos corriam atrás de nós, agarrando-se aos varais do veículo e ali balançando por uns momentos, eu pensava se eles teriam os pais vivos e se reinava a felicidade nos seus lares. Não me faltavam temas para meditação, além de que o meu espírito jamais deixava de incidir no colégio para onde eu ia, o que era motivo de horríveis conjecturas. Às vezes, bem me lembro, a memória evocava Peggotty e a minha casa, e eu tentava, de forma confusa e obscura, recordar-me dos meus sentimentos passados, antes de haver mordido a mão do senhor Murdstone: mas não consegui fazê-lo inteiramente, tanto me parecia remota a data em que sucedera o incidente.

A noite não foi tão amena como a tarde, porque o tempo refrescara; e, como me tinham encaixado entre dois senhores (um deles o da voz rouca), para evitar que eu caísse da diligência, aqueles quase me sufocaram, cabeceando de sono e apertando-me de um lado e outro. Em certa ocasião não me coibi de gritar «Por amor de Deus!», o que lhes desagradou, pois acordaram. Defronte de mim ia uma senhora idosa, com um casaco enorme de peles, a qual ao escuro mais parecia um molho de feno, tanta era a roupa que a cobria. Essa dama transportava um cabaz, de que não soubera como desembaraçar-se antes de mo pôr debaixo dos pés. O cabaz provocava-me cãibras e tornava-me infeliz; mas, a cada movimento meu, chocavam-se lá dentro objectos de vidro, e a sua possuidora pespegava-me um pontapé doloroso, dizendo: «Esteja quieto, menino!»

Finalmente nasceu o Sol e os meus companheiros puderam dormir mais sossegados. Não se imaginam as dificuldades que tiveram durante a noite, manifestadas em suspiros e roncos espantosos. Conforme, porém, clareava, o

sono tornava-se mais leve, e, a pouco e pouco, foram despertando. Fiquei admirado quando os vi fingir que não haviam dormido nada, repudiando indignados a simples hipótese de terem fechado os olhos. Eis o que ainda hoje me surpreende, pois cheguei à conclusão que, de todas as fraquezas humanas, a que estamos menos dispostos a confessar (sei lá porquê!) é a de pegar no sono em viagem.

Não me deterei aqui a relatar que lugar assombroso se me afigurou Londres quando descobri de longe a cidade, nem como imaginei que as aventuras dos meus heróis predilectos ali se desenrolavam de contínuo, nem como vagamente entrevi esse cenário repleto de maravilhas e perversões, como nenhum outro no mundo. A pouco e pouco nos fomos aproximando, e chegámos à estalagem do bairro de Whitechapel à hora prevista. Não me lembro se era a do Touro Azul se a do Javali Azul, mas sei que era qualquer coisa dessa cor e que havia uma reprodução pintada na parte posterior da diligência.

O condutor relanceou-me, ao descer, e disse à porta do escritório:

- Vem um menino chamado Murdstone, de Blunderstone, Suffolk. Alguém espera por ele?

Ninguém se apresentou.

- Experimente com o nome de Copperfield - lembrei, desalentado.

O homem repetiu a pergunta, com o meu verdadeiro apelido.

Mas não. Não havia ninguém à minha espera. Aliás o inquérito não impressionara os assistentes, excepto um sujeito de polainas, cego de um olho, e que sugeriu me pusessem ao pescoço uma coleira de latão e me guardassem na cavalariça.

Trouxeram uma escada e eu apeei-me atrás da senhora que se assemelhava a um molho de feno: não me atrevera a mexer-me sem que ela recolhesse o cabaz. Já não havia mais passageiros na diligência, as malas foram todas retiradas, e começavam a desatrelar os cavalos. E ninguém aparecia para reclamar o moço embarcado em Blunderstone, Suffolk!

Mais solitário do que Robinson Crusoe (que não teve quem contemplasse a sua solidão), eu entrei no escritório e, por convite do funcionário de serviço, passei para trás do balcão e sentei-me na balança em que pesavam a bagagem. Aí, enquanto olhava os embrulhos, fardos, livros, e aspirava o odor dos estábulos (desde então associado no meu espírito a essa manhã), começou a desfilar-me na mente um cortejo de formidáveis considerações. Se ninguém viesse buscar-me, por quanto tempo consentiriam na minha permanência ali? Deixar-me-iam ficar

até que nada mais restasse dos meus sete xelins? Dormiria essa noite num daqueles caixotes, com as outras bagagens, e lavar-me-ia de manhã debaixo da bomba do pátio? Ou pôr-me-iam na rua todas as noites e voltaria no dia seguinte ao escritório, quando este reabrisse, até ser definitivamente reclamado? E que devia fazer se, afinal, o senhor Murdstone tivesse ideado esse plano para se desembaraçar de mim? Se permitissem a minha estada só até ao consumo completo dos sete xelins, que aconteceria quando eu começasse a sentir os efeitos da fome? Isso seria obviamente desagradável para os fregueses, além de implicar fosse para quem fosse a possibilidade de despesas do funeral.

Admitindo que partia imediatamente, iniciando uma marcha de regresso ao lar: como descobrir o caminho? E como esperaria andar tanto a pé? E, caso fosse bem sucedido na jornada, talvez o acolhimento o não fosse, excepto no tocante à Peggotty. Poderia apresentar-me às autoridades competentes e oferecer-me para soldado ou marinheiro; mas, com a minha idade, quem me aceitaria? Estes pensamentos, e muitos outros semelhantes, faziam-me ruborizar. O medo, as apreensões davam-me volta ao miolo. Estava no auge da minha aflição quando entrou um sujeito que disse qualquer coisa ao ouvido do empregado; este foi logo buscar-me à balança, puxando-me de esguelha, e empurrou-me para o recém-vindo como se eu acabasse de ser pesado, pago e expedido.

Ao sair do escritório, de mão dada com esse novo conhecimento, lancei-lhe um olhar de revés. Tratava-se de um rapaz esgalgado, de faces cavadas, e queixo quase tão negro como o do senhor Murdstone; mas nisto acabavam as semelhanças, pois não tinha suíças, e o cabelo, em vez de ser lustroso, era seco e rebelde. Envergava um fato preto, mal adaptado ao corpo, de mangas e pernas um tanto curtas. Usava plastrão branco, que não parecia impecavelmente limpo. Não quero dizer que o plastrão fosse toda a sua roupa branca, mas foi esta a impressão que me deixou.

- É o novo aluno? - perguntou-me.

- Sou, sim, senhor. Supus que sim. Não sabia.

- Sou um dos professores do Internato de Salem - explicou ele. Fiz uma vénia, dominado pelo mais profundo respeito. E tive tanta vergonha de aludir a uma coisa tão prosaica como a minha mala perante uma sumidade daquelas que andámos uns poucos de passos antes que eu me atrevesse a mencioná-la. Voltámos, pois, atrás, após a insinuação discreta que fiz de que essa mala me poderia ser necessária mais tarde. O professor informou o empregado da estação de que o carroceiro se encarregaria do transporte, ao meio-dia.

- É longe? - perguntei timidamente, quando nos pusemos de novo a

caminho.

- Depois de passar Blackheath.

- Mas fica longe? - insisti.

- Um bom bocado de caminho. Iremos na diligência. Cerca de seis milhas.

Sentia-me tão fraco e cansado que a perspectiva dessa distância me inquietou bastante. Tomei então alento para lhe declarar que não comera nada em toda a noite e que lhe agradecia se me permitisse comprar qualquer alimento. Pareceu admirado - ainda o vejo deter-se e olhar-me - e, após uns instantes de reflexão, disse que precisava visitar uma velha que morava ali perto e que o melhor seria eu adquirir pão ou outra coisa que fosse saudável e preparar um almoço em casa da tal mulher; aí podia até encontrar leite.

Por consequência, entrámos numa padaria e, depois de eu ter proposto sucessivamente o que havia de mais indigesto, e que ele foi rejeitando, decidimo-nos por um belo pãozinho escuro, que me custou três dinheiros. A seguir, numa mercearia, comprámos um ovo e uma fatia de presunto bastante entremeado, e disto resultou uma bela demasia do segundo dos meus xelins, pelo que considerei muito barata a vida na capital. Munidos destas provisões, recomeçámos a andar, no meio de tumulto e algazarra, de que se ressentiu a minha cabeça enfraquecida. Atravessámos a Ponte de Londres (creio que o meu companheiro assim a nomeou, mas eu já ia cheio de sono), e chegámos finalmente à casa da infeliz criatura a que me referi. Esta casa fazia parte de um bairro pobre, como percebi pelo seu aspecto, e também pela inscrição gravada numa pedra, sobre o portão: nela se dizia que o bairro havia sido fundado para vinte e cinco mulheres indigentes.

O professor do Internato de Salem levantou a aldrava de uma dessas portinhas pretas, todas semelhantes; tinham a um lado uma janela de vidraças, e, por cima, outra janela igual. Nessa casa vivia uma mulher velha e pobre, que nesse momento agitava o lume a fim de ferver o conteúdo de uma caçarola. A velha, ao descobrir o visitante, parou e, com o abanador nos joelhos, disse qualquer coisa que me soou como «Meu Charley!»; mas, ao ver-me também, pôs-se de pé e, esfregando as mãos, embaraçada, fez uma espécie de reverência curta.

- É capaz de cozer o almoço deste menino? - perguntou o meu companheiro.

- Se sou capaz? Pois não havia de ser?

- Como está hoje a senhora Fibbitson? - inquiriu o professor, olhando para a

outra mulher, que ficara sentada numa poltrona, próxima da lareira; lembrava de tal modo um saco de roupa, que ainda hoje me felicito por não me haver sentado em cima dela, por engano.

- Não vai bem - respondeu a primeira. - Está num dos seus dias maus. Se o lume se apagasse, por casualidade, acredito que a sua vida se apagaria também.

Olharam para a velha doente, e eu olhei também. Embora o dia estivesse temperado, a criatura dir-se-ia só pensar no fogo. Até a julguei ciumenta da caçarola! Devia ter-se indignado com o facto de o meu ovo ser posto logo a cozer e o meu presunto a fritar, pois vi-a (quando mais ninguém olhava) brandir-me o punho no decorrer dessas operações culinárias. O sol entrava a jorros pela janelinha, mas a enferma voltava-lhe as costas e só se preocupava com o calor do fogão. Terminados que foram os preparativos do meu almoço, e desembaraçado o lume, a mulher desatou a rir, com grande regozijo - e devo esclarecer que as suas risadas não eram nada melodiosas.

Sentei-me à mesa, diante do pão, do ovo e da delgada fatia de presunto, assim como de uma tijela de leite, e saboreei a minha refeição. Enquanto estava assim ocupado, a primeira das velhas indagou do professor:

- Trouxeste a flauta?

- Trouxe - respondeu ele.

- Então toca qualquer cousa - rogou a mulher. - Faz esse favor!

Com isto, o professor levou a mão à algibeira da sobrecasaca e exibiu três bocados de uma flauta, os quais atarrachou uns nos outros, e começou logo a tocar. A minha impressão, passados todos estes anos, é que jamais se tocou tão mal neste mundo. Extraiu do instrumento os sons mais tristes que eu até então ouvira, produzidos natural ou artificialmente. Não sei de que música se tratava (se música era, o que duvido), mas o caso é que me reconduziu aos meus desgostos, de tal maneira que a custo reprimi as lágrimas. Além disso tirou-me o apetite e em seguida fez-me tal sono que mal podia conservar os olhos abertos. Estes principiam a fechar-se e a cabeça pende-me para a frente sempre que recordo aquela cena. Mais uma vez o quartinho com a sua cantoneira, as cadeiras de espaldar direito, a escada íngreme que conduzia ao andar superior, as três penas de pavão que ornavam a prateleira da chaminé (quando lá entrei a primeira vez pensei que diria esse pavão se soubesse o destino que as suas penas teriam) - mais uma vez tudo isso se dissipa aos meus olhos, e eu inclino a cabeça e adormeço. A flauta torna-se inaudível, substituída pelo rumor das rodas da diligência, e eis-me de novo em viagem. Um solavanco do veículo desperta-me

em sobressalto e a ária volta a soar; o professor do Internato de Salem, sentado de pernas cruzadas, toca com ar melancólico, enquanto a velha da casa o contempla deliciada. Ela, por sua vez, desaparece, ele desaparece também; já não há flauta, nem professor, nem Internato, nem David Copperfield: unicamente impera um sono profundíssimo.

Foi sonho, com certeza, mas em certo momento, enquanto ele soprava na flauta incrível, a velha da casa, que se aproximara cada vez mais do professor como se enlevada, debruçou-se sobre as costas da cadeira e cingiu-lhe meigamente a cabeça nos braços, o que fez parar por instantes a música. Eu estava meio acordado meio adormecido, naquela ocasião ou logo após, pois quando o homem recomeçou, vi e ouvi a velha perguntar à senhora Fibbitson se não era um encanto (o som da flauta, naturalmente), ao que a outra respondeu:

- Com certeza! Com certeza!

E curvou-se para o lume, ao qual atribuiu, estou em crer, todo o mérito do concerto.

Transcorrido muito tempo do meu estado de torpor, o mestre do Internato de Salem desatarrachou a flauta, guardou no bolso os três pedaços, e trouxe-me para fora da casa. A diligência encontrava-se ali à mão; subimos para o lado do cocheiro, mas o sono não me largava, e foi preciso (quando houve nova paragem) meterem-me no interior, onde eu dormi como um justo, até à subida de uma encosta íngreme, entre folhagem verde. Aí se deteve a diligência, pois atingíramos o término.

Meia dúzia de passos, e eu e o professor achámo-nos no Internato de Salem, que era rodeado de muros de tijolo e tinha um ar soturno. Sobre a porta, aberta num desses muros, via-se uma tábua com o nome do estabelecimento, e, por uma abertura gradeada, alguém nos examinou lá de dentro, quando puxámos a campainha. Era uma cara carrancuda, que eu, depois, vi pertencer a um homem forte, de pescoço taurino, fontes estreitas e cabelo rapado. Usava uma perna de pau. o professor explicou:

- É o novo aluno.

O coxo inspeccionou-me dos pés à cabeça (não demorou muito tempo, atendendo à minha pequena estatura) e fechou a porta atrás de nós, arrecadando a chave. Encaminhámo-nos para a casa, que ficava no meio de árvores grandes e sombrias, e ele, que permanecia no seu posto, chamou pelo meu guia:

- Senhor Mell!

Retrocedemos. O homem, de pé à porta de um cubículo, onde vivia,

segurava um par de botas na mão.

- O sapateiro - continuou ele - veio depois de o senhor ter saído e disse que não podia consertá-las mais. Já nada resta das primitivas!

Com estas palavras atirou as botas ao senhor Mell, que recuou uns passos para as apanhar e as considerou com ar desconsolado quando retomávamos a marcha. Notei então, pela primeira vez, que o calçado que ele trazia estava muito gasto e tinha até um buraco por onde espreitava a peúga.

O prédio, construção quadrada, de tijolos, compunha-se de duas alas e parecia totalmente desguarnecido. Em volta estava tudo tão calmo que eu disse ao senhor Mell ter a impressão de que os alunos se haviam ausentado. O professor admirou-se então de que eu não soubesse ser tempo de férias. Os estudantes tinham recolhido a penates, e o proprietário do estabelecimento, senhor Creakle, achava-se com a mulher e a filha numa estância balnear. Segundo informação também do senhor Mell, eu fora para ali mandado como castigo do meu mau procedimento. Isto tudo foi-me dito enquanto caminhávamos.

A aula, aonde ele me levou, deu-me uma impressão de desamparo e tristeza como nunca sentira. Ainda hoje a recordo.

É uma sala comprida, com três longas filas de carteiras e seis bancos, e paredes eriçadas de escápulas para chapéus e ardósias. No chão mal lavado espalham-se restos de cadernos velhos. Há caixas de papel para bichos-da-seda dispostas por cima das carteiras. Dois pobres ratinhos brancos, abandonados pelo dono, percorrem de alto a baixo um castelo bolorento feito de cartão e arame, e os seus olhinhos vermelhos procuram por todos os cantos um pouco de comida. Numa gaiola quase do seu tamanho, um pássaro salta ao poleiro e desce imediatamente, fazendo um rumor de matraca; mas não pia nem canta. Erra na aula um cheiro estranho e malsão, como o que se exala da belbutina húmida, das maçãs maduras de mais, dos livros apodrecidos. Se a sala não tivesse tecto e do céu caísse tinta em forma de chuva, neve ou granizo, conforme as estações do ano, o soalho não poderia estar mais negro e conspurcado.

Como o senhor Mell me deixasse só para ir guardar o par de botas sem conserto, eu dirigi-me lentamente até ao outro extremo da aula, observando tudo isto, de caminho; e foi então que descobri de súbito um aviso de cartão, deixado na secretária. Tinha escritas estas palavras: Cuidado com ele, porque morde.

Saltei logo para cima da mesa, receoso de que estivesse debaixo dela pelo menos algum canzarrão. Mas, por mais que olhasse ao redor, não vi nada de

semelhante. Estava ainda a investigar a sala quando voltou o senhor Mell e me perguntou que fazia eu ali empoleirado.

- Desculpe - respondi. - Procurava o cão. - Cão? Qual cão?

- Aquele de que é preciso ter cautela. O que morde.

- Não, Copperfield - volveu-me gravemente. - Não se trata de um cão mas de um menino. Tenho instruções para colocar este cartaz nas suas costas. Lastimo ver-me obrigado a começar assim, mas são ordens.

Fez-me descer da secretária e pendurou-me dos ombros o cartão (que fora preparado para esse fim), como quem assenta uma mochila. Por toda a parte por onde andei, depois disso, tive o consolo de o trazer comigo.

O que sofri por causa desse letreiro ninguém pode imaginar. Quer o vissem ou não, eu julgava que o estavam sempre a ler; nem era alívio o facto de me virar e não ver ninguém, porque supunha que havia fatalmente alguém atrás de mim. O homem da perna de pau agravava-me o sofrimento com o seu rigor feroz. Constituía uma autoridade, e, se me topava apoiado a uma árvore ou à parede, berrava lá do seu cubículo, com voz estentórea: «Você, aí, Copperfield! Mostre o distintivo, ou então faço queixa!»

O pátio do recreio, terreno vazio, de cascalho, ficava entre as traseiras da casa e as dependências, e eu sabia que os criados liam o cartaz, que o homem do talho e o padeiro também o liam, que todos, em suma, que entravam e saíam, tomavam conhecimento do meu opróbrio e tomavam precauções para não ser mordidos. Cheguei a ter realmente medo de mim, como de um selvagem perigoso.

Havia nesse pátio uma porta velha, na qual os rapazes costumavam gravar o nome. Estava inteiramente coberta de inscrições deste género. No terror de ver chegar o fim das férias e o regresso dos alunos, eu não podia ler o nome de nenhum sem pensar no que imaginariam ao ver o aviso Cuidado com ele, porque morde. Entre eles figurava o de J. Steerforth, gravado tão profunda e tão repetidamente que me convenci de que iria soletrar o cartaz com voz fortíssima e me puxaria pelos cabelos. Encontrei também outro, Tommy Traddles, que me deu a impressão de ser trocista e fingir que a minha pessoa o assustava. E ainda um terceiro, George Demple, que me incutiu a ideia de que entoaria o aviso com acompanhamento musical. Olhava assim, pobre criatura trémula, para todos esses nomes e ouvia já os seus possuidores - eram quarenta e cinco os estudantes matriculados, conforme dissera o senhor Mell - decretarem a minha exclusão, por unanimidade, e gritarem, cada qual a seu modo: Cuidado com ele, porque

morde!

O mesmo quanto aos bancos e carteiras. O mesmo quanto à selva de leitos abandonados, que lobriguei furtivamente ao subir para me deitar, e o mesmo quando na cama. Todas as noites sonhava com minha mãe, tal como ela fora, ou que ia de visita a casa do senhor Peggotty, ou que viajava em diligência, ou que tornava a jantar com aquele infeliz criado meu amigo; e em todas estas ocasiões as pessoas gritavam alarmadas ao descobrir que eu não tinha como vestuário senão a camisa de dormir e o nefando cartaz às costas. Insuportável aflição esta, na monotonia da minha vida, sempre com a ideia de que as aulas reabririam! Diariamente me impunha o senhor Mell diversos trabalhos, de que eu me desempenhava menos mal, porque não tinha a presença dos irmãos Murdstones. Antes e depois desses exercícios escolares, passeava sob a vigilância do homem da perna de pau. Quão vívida me resta a lembrança da humidade da casa, das lajes estaladas do pátio, de um velho tonel rombo que aparava a água da chuva, dos troncos descorados de certas árvores sinistras, que pareciam gotejar mais, no Inverno, do que as outras, e florir menos na Primavera! Almoçávamos à uma hora, eu e o senhor Mell, no extremo da comprida sala desguarnecida, que só continha mesas de pinho e que cheirava a ranço. Em seguida voltavam os exercícios escolares, até à hora do chá, quando o professor se servia de uma xícara azul e eu de uma tijela de estanho. Todo o dia (só terminava às sete ou oito da noite), o senhor Mell, sentado à secretária na aula, e munido de papel, livros, pena, tinteiro e régua, fazia as contas (ao que averiguei) do último semestre. Depois de arrumar tudo aquilo, à noite, extraía a flauta da algibeira e soprava nela - e eu a pouco e pouco cria vê-lo transformar-se em sopro e sumir-se pelos buracos do instrumento.

Evoco-me ainda naquela tenra idade, nesses quartos mal iluminados, com a cabeça apoiada na mão, a escutar a música do senhor Mell e preparando as lições para o dia seguinte. Vejo-me depois, com os livros fechados e postos de parte, ainda a ouvir as melodias lúgubres do professor; mas, sentindo-me triste e solitário, o que eu imaginava era a música que se tocava em minha casa ou o vento varrendo os plainos de Yarmouth. Revejo-me a subir os degraus para me ir deitar e profiro, entre lágrimas, o nome de Peggotty; ou a descer de manhã e a espreitar, por uma fresta comprida da escada, para o sino do colégio, suspenso no topo de um alpendre sobrepujado de catavento, o que me fazia lembrar a hora em que ele soaria para as aulas, convocando J. Steerforth e os outros... Isto, todavia, era o menos comparado com a apreensão que me tolhia ao pensar no momento em que o coxo desferrolharia o portão ferrugento para dar entrada ao temível senhor Creakle. Não posso acreditar que fosse, em nenhum destes

aspectos, personagem realmente perigosa; a verdade, porém, é que exibia sempre, nas costas, o cartaz ignominioso.

O senhor Mell não falava muito comigo, mas também não me tratava com rudeza. Julgo que, sem palavras, fazíamos companhia um ao outro. Esqueci-me de dizer que ele falava às vezes consigo mesmo, rangia os dentes, cerrava os punhos, arrepelava os cabelos de modo incrível, e fazia caretas. E, se de começo me inspirou medo, o certo é que depressa me habituei.

VI. ALARGO O CÍRCULO DOS MEUS CONHECIMENTOS

Havia já cerca de um mês que eu levava esta existência quando o coxo começou a manquejar por toda a casa, com uma vassoura e um balde. Daí tirei a conclusão de que se faziam preparativos para receber o senhor Creakle e os estudantes. Não me enganava, porque não tardou que a vassoura entrasse na aula e nos expulsasse, a mim e ao senhor Mell. Fomos viver onde pudemos, desembaraçando-nos de qualquer modo, durante dias, e incomodando duas ou três raparigas que pouco se tinham mostrado anteriormente. Andámos de contínuo no meio de tais ondas de poeira que eu espirrava como se o Internato de Salem fosse uma tabaqueira gigantesca.

Certo dia o professor participou-me que o senhor Creakle vinha nessa tarde. Depois do chá, soube que ele já tinha chegado, e, antes de me deitar, o coxo foi buscar-me para comparecer diante do director.

A parte da casa que este habitava era muito mais confortável do que o resto; até lhe pertencia um jardinzito que se podia considerar aprazível comparado com o nosso pátio poeirento, verdadeiro deserto em miniatura, onde (estava eu convencido) nenhum camelo ou dromedário se sentiria à vontade. Tomei a liberdade de reparar no corredor que atravessei e achei-o também confortável. Foi a tremer que me apresentei ao senhor Creakle, e fiquei tão embaraçado que mal dei pela presença da mulher e da filha; só a ele prestei atenção. O senhor Creakle era homem forte, estava sentado numa poltrona, usava na corrente do relógio vários berloques e tinha à sua beira um copo e uma garrafa.

- Com que então - exclamou - é este o cavalheiro cujos dentes precisam de ser limados! Vira-o de costas.

O da perna de pau voltou-me, para que se visse o letreiro. E, depois de deixar correr algum tempo para um exame perfeito, voltou-me outra vez e colocou-se ao lado do director.

O senhor Creakle tinha cara rubicunda, olhos pequenos e muito encovados, veias grossas na testa, nariz curto e queixo saliente. Era calvo no alto da cabeça, mas puxava para cima as farripas grisalhas, que pareciam húmidas, de forma a entrelaçarem-se. Mas o que mais me impressionou foi a circunstância de não ter voz e falar sussurrando. O esforço que isto lhe exigia, ou a consciência de se

exprimir tão baixinho, dava-lhe um ar irritado, que mais se evidenciava no inchar das veias quando queria conversar.

- Que me dizes acerca deste pequeno? - perguntou o senhor Creakle ao da perna de pau.

- Por enquanto ainda não há nada contra ele. Não houve oportunidade.

Penso que o senhor Creakle teve uma desilusão, mas não compartilhada pela mulher e pela filha, as quais, pela primeira vez, observei de soslaio, reparando também que eram ambas magras e de aspecto pacífico.

- Aproxima-te - ordenou o senhor Creakle, fazendo um gesto com o dedo.

- Venha cá - disse o coxo, repetindo o gesto do director.

- Tenho o gosto de conhecer o teu padrasto - murmurou aquele, agarrando-me numa orelha. - É um homem de valor, e muito digno. Conhece-me e eu conheço-o. E tu, conheces-me? Hem? - prosseguiu o senhor Creakle, sempre a segurar-me pela orelha.

- Não senhor, ainda não.

- Ainda não? Pois não demorará muito, nem?

- Não demorará muito - repetiu o coxo. Mais tarde descobri que, devido a ter voz forte, servia de intérprete ao senhor Creakle junto dos alunos.

Assustei-me muito e respondi que assim o esperava, se fosse do seu gosto; e ele, durante todo esse tempo, não deixou de me puxar a orelha, que já estava escaldante.

- Vou dizer-te como sou - murmurou o director, acabando por me largar a orelha, mas torcendo-a a ponto de me fazer lágrimas nos olhos. - Sou um tártaro.

- Um tártaro - ecoou o coxo.

- Quando digo que faço uma coisa, faço-a - declarou o senhor Creakle. - E quando digo que se faça uma coisa, ela faz-se.

O da perna de pau repetiu a declaração.

- Sou pessoa decidida - continuou o senhor Creakle. - Assim mesmo. Cumpro o meu dever. Assim mesmo. Quando a carne e o sangue se revoltam contra mim - dizendo Isto olhou para a mulher - eu já não considero que seja a minha carne e o meu sangue.-Virou-se para o coxo e inquiriu: - O tipo voltou?

- Não, senhor.

- Ah, não? Ele sabe quem sou. Que se conserve afastado! Que se conserve

afastado - repetiu o director, olhando para a mulher e dando uma punhada na mesa. - Conhece-me bem. E tu, rapazola, também começas a conhecer-me - ajuntou dirigindo-se a mim. Em seguida ordenou ao coxo:-Podes levá-lo.

Gostei que ele me mandasse embora, pois a senhora Creakle e a filha já começavam a enxugar os olhos, e eu sofria tanto por elas como por mim. Entretanto lembrei-me de uma pretensão que tinha em vista e não pude coibir-me de pedir, ao mesmo tempo admirado da minha coragem:

- Faz-me um favor?

- Oh, oh! - retorquiu Creakle. - O que temos agora? - acrescentou, fitando-me como se quisesse comer-me com os olhos.

- Faz-me um favor? Estou muito arrependido do meu acto e, se quisesse ter a bondade de me tirar este letreiro... antes que os alunos regressem...

Se o senhor Creakle estava furioso ou se quis apenas assustar-me, isso não sei; a verdade é que pulou da cadeira, o que me levou a dar às de vila-diogo sem esperar pelo meu custódio da perna de pau - e só parei no quarto de dormir, quando vi que ninguém me perseguia. Deitei-me, porque já era tempo, e ali fiquei a tremer cerca de duas horas.

Na manhã seguinte chegou o senhor Sharp, que era o primeiro dos professores, porque o senhor Mell lhe estava subordinado. Este tomava as refeições com os rapazes, ao passo que o outro se sentava à mesa do director. Era homem dócil, de aspecto decente, segundo me pareceu; tinha nariz grande, a cabeça um pouco à banda, como se lhe pesasse muito, e cabelo fino e ondulado. Todavia um dos alunos recém-vindos informou-me que se tratava de uma peruca, e que o senhor Sharp a levava a pentear, todos os sábados, ao cabeleireiro.

Este esclarecimento prestou-mo o próprio Tom Traddles, o primeiro a voltar ao colégio após as férias. Apresentou-se-me dizendo que o seu nome figurava no canto direito do portão, por baixo da cavilha mais alta. «Traddles?», repeti, e ele respondeu: «Eu mesmo.» Em seguida pediu-me todos os pormenores respeitantes a mim e à minha família.

Foi sorte ter sido esse Traddles o primeiro a regressar. O cartaz que eu trazia às costas divertiu-o bastante e poupou-me o embaraço de lho mostrar ou de o esconder. Indicou-me aos outros, que depois apareceram, desta maneira: «Olhem pr'aquilo! Não é pândego?» Felizmente que eles vinham fatigados e não se entregaram às manifestações de troça que eu receava. É certo que alguns dançaram à minha volta, como índios, e a maior parte não resistiu à tenção de

fingir medo de que eu mordesse. Até me afagaram o lombo, como se eu fosse um cão. A coisa, é claro, atrapalhou-me um pouco, vendo-me assim no meio de tantos desconhecidos, e até as lágrimas me vieram aos olhos. Todavia não foi tão mau como previa.

Só me consideraram formalmente admitido no colégio depois da chegada de J. Steerforth, rapaz que tinha fama de sabedor, era bem parecido e seria uns seis anos mais velho do que eu. Conduziram-me junto dele como perante um juiz. Interrogou-me no alpendre do pátio, acerca das particularidades do castigo que me fora aplicado, e dignou-se opinar que a pena era vergonhosa, o que o tornou merecedor da minha eterna gratidão.

- Que dinheiro tens contigo, Copperfield? - perguntou, tomando-me de parte depois de ter lavrado aquela sentença.

Revelei-lhe que possuía sete xelins.

- É melhor que mos dês para eu os acautelar. Isto é, se quiseres. Ninguém te obriga.

Apressei-me a anuir àquela sugestão amigável e, abrindo a bolsa, despejei-lhe na mão todo o seu conteúdo.

- Queres gastar agora algum dinheiro? - indagou Steerforth.

- Não, obrigado.

- Se quiseres é só dizer.

- Não, obrigado - repeti.

- Talvez te agradasse a ideia de despender uns dois xelins, mais ou menos, numa garrafa de licor de groselha, para se tomar no dormitório. Hem?

- Sim, gostava - asseverei, se bem que tal hipótese jamais me houvesse ocorrido à mente.

- Óptimo - volveu Steerforth. - E decerto te seduz também a ideia de se comprarem uns bolos de amêndoa, coisa para um xelim...

Concordei novamente.

- E outro xelim, ou mais, em fruta, hem? Que tal? - insinuou Steerforth. - Meu caro Copperfield, não te privas de nada!

Sorri, porque ele sorrira, mas estava um tanto preocupado.

- Excelente - disse Steerforth. - Temos de aproveitar o melhor possível. Farei por ti tudo quanto estiver ao meu alcance. Posso sair quando me apetecer e

trazer a mercadoria escondida. - Com isto, meteu o dinheiro no bolso e, bondosamente, aconselhou-me a que não me inquietasse: ele procederia de modo a que tudo corresse bem.

Cumpriu a sua palavra, se se pode dizer que tudo correu bem, pois eu sentia que as coisas corriam mal (imagine-se, esbanjar assim o dinheiro da minha mãe!); conservei, no entanto, o papel que o envolvera, preciosa economia! Quando subimos para ir dormir, Steerforth mostrou-me o produto dos meus sete xelins e espalhou-o na cama, iluminada pelo luar, esclarecendo:

- Aí tens, Copperfield, o que será um grande banquete. Atendendo à minha idade, não poderia fazer as honras da festa,

tanto mais com a presença de Steerforth. Só pensar nisso me causava calafrios. Roguei-lhe, pois, que se desse ao incómodo de presidir, no que fui secundado pelos outros rapazes que estavam no dormitório. Steerforth acedeu, sentou-se no meu travesseiro e distribuiu as vitualhas com perfeita equidade, devo confessá-lo. O licor foi servido num cálice sem pé, que era propriedade dele. Quanto a mim, fiquei instalado à sua esquerda, e os restantes comensais agruparam-se no chão e nos leitos mais próximos.

Recordo-me tão bem! Estamos ali sentados, cochichando (eu escuto respeitosamente), o luar penetra um pouco no quarto, através da janela, reproduzindo-a pàlidamente no chão. Achamo-nos quase todos na sombra, excepto quando Steerforth acende um fósforo a fim de procurar qualquer coisa na mesa e nos envolve numa efémera claridade azulada. De novo me invade uma impressão misteriosa resultante da obscuridade, do sussurro de vozes e do segredo de que a nossa festa se reveste. Ainda os oiço com um vago sentimento de solenidade e receio, que me enche de prazer por os ter assim reunidos, tão perto de mim, e que me faz tremer (embora finja rir) quando Traddles declara ter visto um fantasma a um canto.

Soube que o homem da perna de pau, cujo nome era Tungay, praticara no comércio do lúpulo e seguira depois Creakle na carreira do ensino, em consequência (diziam os rapazes) de se haver mutilado ao serviço do mesmo Creakle, por quem cometera muita desonestidade e de quem conhecia os segredos. Soube também que, salvo o director, Tungay considerava todo o estabelecimento, professores e alunos, como um antro de inimigos e que o único gozo da sua vida era ser mau e azedo. E soube ainda que o senhor Creakle tinha um filho de quem o coxo não gostava; o qual filho, que ajudava o pai no Internato, lhe dirigira algumas observações num dia em que a disciplina do colégio se tornara mais rigorosa, censurando-o igualmente pela forma como

tratava a mãe. Em consequência disto, o senhor Creakle expulsara-o, e a mulher e a filha levavam uma existência triste.

Mas o que mais me espantou foi ouvir contar que havia um único aluno do colégio para quem o director jamais ousara levantar a mão, e que o tal aluno era J. Steerforth. Este confirmou o facto e declarou que gostaria de ver o senhor Creakle atrever-se a semelhante façanha. Quando um aluno moderado (não fui eu) lhe perguntou o que faria se o caso se verificasse, ele acendeu um fósforo, como para dar mais brilho à sua resposta, e afirmou que principiaria por deitá-lo a terra lançando-lhe à cara um tinteiro (de sete xelins e meio) que estava sempre na prateleira do fogão. Ficámos todos ao escuro, imóveis, com a respiração suspensa.

Contaram-me também que o senhor Sharp e o senhor Mell eram muito mal remunerados; e que, havendo à mesa do senhor Creakle pratos quentes e frios para o jantar, esperavam sempre que o senhor Sharp optasse pelos últimos. Quanto à cabeleira deste último, via-se bem que não lhe acertava na cabeça, pois deixava à mostra, por trás, as ripas do cabelo natural.

Fui igualmente informado de que um dos estudantes frequentava o colégio em paga do fornecimento de carvão, por ser filho de um negociante deste produto, pelo que lhe chamavam o Permuta, nome extraído do compêndio que se referia a esta convenção comercial. A cerveja servida à mesa era um roubo feito aos pais, e o pudim uma imposição dos mesmos. Constava que a menina Creakle estava apaixonada por Steerforth, o que não me admirou, visto ele ter voz bonita, rosto aprazível, maneiras desenvoltas e cabelo encaracolado. O senhor Mell não era má pessoa, mas não possuía meio xelim de seu, e a mãe dele passava por indigente: ao ouvir este pormenor lembrei-me da exclamação «Meu Charley!» proferida pela velha do bairro pobre. Mas, a este respeito, não fui indiscreto, o que intimamente me regozija.

Já havia terminado o banquete e ainda tudo isto me ressoava aos ouvidos. Na maior parte, os comensais tinham recolhido aos seus leitos logo que se esgotaram os comes e bebes. Eu e Steerforth ainda ficámos a conversar em surdina, já meio despidos, até que ele disse:

- Boa noite, Copperfield. Encarregar-me-ei de ti.

- És muito bondoso - repliquei. - Fico-te bastante reconhecido.

- Não tens nenhuma irmã? Se tivesses havia de ser uma linda rapariga tímida, de olhos vivos. Gostaria de a conhecer.

- Não, não tenho - respondi. - Boa noite, Steerforth. Uma vez deitado, fiquei

muito tempo a pensar nele, e lembro-me de que me soergui na cama para o ver iluminado pelo luar: tinha o belo rosto voltado para mim e a cabeça reclinada no braço. Era, aos meus olhos, uma grande personagem, e, por isso, ocupava-me os pensamentos. Os segredos do futuro não se reflectiam, porém, nessa face resplandecente. E no jardim dos sonhos em que passei toda a noite não havia uma única sombra debaixo dos seus passos.

VII. O MEU PRIMEIRO SEMESTRE NO INTERNATO

As aulas recomeçaram solenemente no dia seguinte. Que profunda impressão experimentei quando, após o primeiro almoço, o senhor Creakle entrou e ao ruído das altercações sucedeu um silêncio mortal! O director parou à porta e relanceou-nos a vista como um gigante dos livros de contos que vigia os seus cativos.

Tungay conservava-se ao lado dele. Não houve necessidade de nos mandar calar, porque estávamos todos tolhidos da voz e dos movimentos.

Creakle tomou a palavra e o coxo, como de costume, repetiu o que o patrão dizia.

- Entramos no segundo período, rapazes. Tomai cuidado no que ides fazer. Sede fortes nas Upções que eu, previno-vos, serei forte nos castigos. Nunca hesito. Por mais que vos laveis não apagareis os vestígios das marcas que eu vos deixar. E, agora, todos ao trabalho!

Acabada esta exortação, que se tornou a ouvir amplificada na voz de Tungay, Creakle aproximou-se de mim e disse-me que, se eu sabia morder, ele não o sabia menos. Mostrou-me então a bengala e perguntou o que eu pensava daquele dente? Era aguçado, hem? Mordia bem? E a cada pergunta dava-me uma pancada que me fazia torcer com dores. Depressa paguei, pois, como observou Steerforth, o meu tributo ao Internato de Salem. Quantas lágrimas verti.

Não quero dizer que só eu recebesse estes cunhos especiais de distinção. Pelo contrário, os alunos, na sua grande maioria (principalmente os mais novos) auferiam exemplos semelhantes deste tratamento todas as vezes que o senhor Creakle dava um giro pela sala. Metade da aula pranteava, antes mesmo de se iniciarem as lições quotidianas. E quantos estudantes choravam e sofriam no decorrer do ano lectivo, eis o que não me atrevo a comentar, com medo de parecer exagerado.

Creio que mais ninguém neste mundo apreciou a sua profissão como fez o senhor Creakle. Tinha um prazer mórbido em vergastar os rapazes, como se fosse a satisfação de um apetite devorador. Aquilo exercia nele uma fascinação que lhe não deixava repousar o espírito sem haver açoitado a torto e a direito durante todo o dia. Quando penso agora em semelhante criatura, o sangue

revolta-se com uma indignação tão desinteressada como se o caso pessoalmente me não dissesse respeito; mas sei que o homem era um brutamontes e um incapaz, que não tinha mais direito de ser director de um colégio como de ser almirante ou general, funções em que decerto teria feito muito menos mal.

Míseros propiciadores de um ídolo implacável, como nos curvávamos abjectamente diante dele! Que começo de vida foi o nosso, agora que o recordo: mostrar-nos baixos e servis a quem não possuía qualidades mas apenas pretensões!

Vejo-me sentado na minha carteira, observando o olhar dele, observando-o humildemente, enquanto traça riscas num caderno de aritmética para outra vítima cujas mãos foram flageladas por essa mesma régua e que procura aplacar a dor esfregando-as num lenço. Tenho muito que fazer. Não lhe espio o olhar por frivolidade mas porque me atrai morbidamente, num desejo temeroso de adivinhar o que vai fazer em seguida e se será a minha vez de sofrer ou a de outrem. Uma fila de miúdos, atrás de mim, também o espreita com interesse igual ao meu. Julgo que ele o sabe, embora finja que não. Faz esgares temíveis enquanto traça as linhas no caderno; e ei-lo que envesga os olhos para o nosso lado, e nós baixamos todos a cabeça sobre os livros, e trememos. Momentos depois tornamos a erguer a vista. Um réu infeliz, acusado de ter feito mal o exercício, avança para o senhor Creakle, obedecendo ao seu chamamento. O delinquente balbucia desculpas, e promete ser melhor no dia seguinte. Creakle profere um gracejo antes de lhe bater, e todos rimos - cachorros miseráveis que somos, mortalmente pálidos e de coração desfalecente.

Estou outra vez sentado à minha carteira, numa tarde sonolenta de Verão. Em volta de mim há um zumbido e um frémito, como se os rapazes fossem moscardos. Experimento uma sensação de amolecimento, devido à carne que comi (almoçámos cerca de hora e meia antes) e tenho a cabeça pesada como chumbo. Quem me dera dormir! Não desfito o senhor Creakle, pestanejando como uma coruja nova. Quando, um instante, sou vencido pelo sono, ainda o vejo, no meu torpor, a contar os cadernos famosos, até que ele vem subtilmente por trás e me desperta com uma reguada rápida nas costas.

Agora encontro-me no pátio do recreio, sempre fascinado por ele, se bem que o não possa ver. A janela, perto da qual o director está a jantar, eleva-se à minha frente e os meus olhos aí se cravam já que não me é possível cravá-los na sua pessoa. Se o homem a ela assoma, o meu rosto reflecte um ar de submissão implorativa; se ele mira através da vidraça, os alunos mais atrevidos (excepto Steerforth) param no meio das suas brincadeiras para tomar um aspecto

pensativo. Certo dia Traddles (o mais desastrado de todos) parte essa mesma vidraça com uma bola. Estremeço neste momento ao rever a cena e pensando que a bola podia ter atingido a cabeça preciosa do senhor Creakle.

Coitado do Traddles! Com o seu fato apertadíssimo, que lhe fazia os braços e as pernas assemelharem-se a salsichas ou a tortas, era o mais alegre e também o mais infortunado de todos os alunos. Apanhava sempre (creio que nesse semestre apanhou diariamente, salvo uma segunda-feira, dia de saída, em que só recebeu reguadas nas duas mãos). Tencionava escrever ao tio para se queixar deste tratamento, mas nunca o fez. Depois de ficar por algum tempo com a cabeça apoiada à carteira, animava-se de novo, começava a rir e desenhava esqueletos na ardósia, mesmo antes de haver enxugado as lágrimas. A princípio estranhei que ele achasse consolação em fazer tais esqueletos e, durante certo tempo, considerei-o uma espécie de ermita que quisesse ter sempre presente, por meio desses símbolos de morte, que o suplício da bengala não duraria eternamente. Mas concluí que a razão estava em ser coisa mais fácil, visto não exigir o desenho das feições.

Possuía em alto grau a noção da honra. Achava um dever solene, para todos os rapazes, apoiarem-se uns aos outros. Disto veio a sofrer por mais de uma vez, especialmente um dia em que Steerforth riu na igreja e o sacristão o expulsou, tomando-o por aquele. Ainda me lembro de o ver conduzido sob escolta, enquanto a assembleia inteira o olhava com desprezo. Nunca revelou quem fora o verdadeiro sacrílego, apesar de que, no dia seguinte, o caso o amargurasse: ficou tantas horas preso que saiu do cárcere com um autêntico cemitério de esqueletos desenhados no Dicionário de Latim. Teve ,porém, a sua recompensa: Stterforth declarou que Traddles não era nada cobarde, e todos compreenderam que não podia haver maior elogio. Eu, por minha parte, suportaria muita coisa (não sendo, atinai, tão corajoso como Traddles e muito mais novo do que ele) só para obter semelhante recompensa.

Ver Steerforth ir para a igreja de braço dado com a menina Creakle era um dos encantos da minha vida. Não achava que ela igualasse a pequena Emily em matéria de beleza, nem me sentia enamorado (não tinha semelhante audácia), mas considerava-a uma rapariga bastante simpática, e quanto a distinção ninguém a ultrapassaria. Quando Steerforth, de calças brancas, lhe segurava na sombrinha, eu sentia-me honrado com a sua camaradagem, e pensava que ela não podia deixar de o amar. Para mim, o senhor Sharp e o senhor Mell eram pessoas notáveis; mas, comparado com eles, Steerforth parecia o Sol no meio de duas estrelas.

Steerforth continuava a proteger-me, e a sua amizade resultava muito útil, porque ninguém se atrevia a maçar-me sabendo que ele me distinguia com o seu favor. Não seria capaz - pelo menos não o fazia - de me defender do senhor Creakle, por mais severo que este fosse comigo; dizia-me sempre que eu precisava de imitá-lo no denodo, que, se a coisa fosse com ele, jamais a suportaria. Bem percebia que falasse desse modo para me incutir coragem e no íntimo agradecia-lhe a solicitude.

A austeridade do director deu-me, aliás, certa vantagem, a única que desfrutava: o letreiro que eu trazia às costas começou a incomodá-lo, de modo que tempos depois tive ordem de o tirar, e para sempre.

Uma circunstância fortuita cimentou a intimidade entre mim e Steerforth, duma forma que me trouxe grande orgulho e satisfação, embora originasse os seus inconvenientes. Certo dia, quando ele me honrou com a sua conversa no recreio, eu aventurei-me a falar-lhe de alguém ou de qualquer coisa (não me recordo de que se tratava) que me fazia lembrar personagem ou facto de Peregrine Pickle. Na ocasião Steerforth não disse nada, mas quando íamos deitar, à noite, perguntou-me se eu possuía aquela obra.

Respondi-lhe que não, e expliquei-lhe como acontecera que a tivesse lido, assim como os outros livros de que já falei.

- E lembras-te deles? - indagou Steerforth.

- Perfeitamente. - A minha memória era boa, o que me permitia recordar tudo muito bem.

- Nesse caso, Copperfield, hás-de me contar. Não adormeço com facilidade e costumo acordar muito cedo. Repetir-me-ás essas histórias umas após outras. Será como nas Mil e Uma Noites.

Lisonjeou-me deveras este acordo e resolvemos começar naquela mesma noite. Que tropelias pratiquei no texto dos meus autores favoritos, ao interpretá-los de cor, não serei capaz de dizer e prefiro ignorá-lo. Mas tinha neles arreigada fé, e o meu relato, ao que se me afigura, era simples e vivo, qualidades que hão-de desculpar o resto.

Entretanto, à noite, eu caía de sono e outras vezes estava pouco disposto a reencetar a narrativa, o que me tornava penosa aquela obrigação. Devia, porém, fazê-lo, sob pena de desiludir e desgostar Steerforth. Também, de manhã, via-me ensonado, com vontade de continuar a dormir e achava desagradável ser acordado em sobressalto como a sultana Xerazada e ter de contar uma longa história antes que soasse a sineta do colégio. Ora Steerforth não desistia. Em

compensação, explicava-me os problemas e exercícios e ajudava-me a fazer tudo quanto eu considerava difícil. Não perdia, pois, com a transacção. Contudo faça-se-me a justiça de acreditar que não era movido por interesse ou egoísmo, nem pelo medo que ele pudesse inspirar-me. Admirava-o e estimava-o, bastando-me como recompensa a sua aprovação. Dava tanto valor a isto que me dói o coração ao pensar hoje em tais ninharias. Steerforth mostrava-se igualmente compreensivo, e de um modo que, em certos casos, suponho ter provocado um suplício de Tântalo em Traddles como nos outros. A prometida carta de Peggotty chegou por fim, e que carta consoladora! O segundo período já ia avançado quando isto sucedeu.

Além da carta veio um bolo, várias laranjas e duas garrafas de licor, e este tesouro, como era justo, depu-lo aos pés de Steerforth, pedindo-lhe que o distribuísse.

- Ouve, Copperfield - disse o meu protector - estas garrafas serão para humedeceres a garganta quando contares histórias.

Corei à sugestão e, na minha modéstia, pedi-lhe que não pensasse em tal. Mas ele replicou-me observando que eu às vezes andava encatarroado e que o licor o usaria para esse mesmo fim que ele determinara. Nestas condições guardou-o no seu baú e passava-o aos poucos para um frasco, quando achava que eu tinha necessidade de me fortalecer, dando-mo a tomar através de uma cânula atravessada na rolha. Nalgumas ocasiões, para tornar o remédio mais eficaz, espremia nele uma laranja, ou adicionava umas gotas de essência de hortelã-pimenta ou misturava-lhe gengibre; e, embora não possa reconhecer que o gosto melhorava com estes adjuvantes nem que fosse o digestivo ideal para tomar àquela hora da noite, ou de manhã ao acordar, eu bebia-o no entanto agradecido à sua bondade e manifestava-lhe a minha gratidão.

O Peregrine e as outras histórias ocuparam-nos durante meses, se não me engano. O entusiasmo nunca enfraqueceu por falta de temas e o licor durou quase tanto como as narrações. Traddles, coitado (nunca me lembro dele sem experimentar uma estranha vontade de rir e sem que as lágrimas me aflorem aos olhos), representava geralmente a parte do coro: fingia hilaridade nos passos mais cómicos e terror quando a descrição tomava um aspecto alarmante, o que, muitas vezes, me fazia perder o fio da meada. O seu maior truque era dar a impressão de que batia os dentes sempre que eu mencionava um alguazil, nas aventuras de Gil Blas, e lembro-me de que, no momento em que Gil Blas encontra em Madrid o chefe dos ladrões, ele teve a ideia infeliz de simular tamanho horror que o senhor Creakle, rondando então nas proximidades do

dormitório, ouviu o escarcéu e o castigou por mau comportamento nocturno.

O que em mim havia de romanesco e sonhador foi amplificado por esses relatos nas trevas, e talvez que, a este respeito, o caso me não favorecesse. Mas eu era acarinhado como um brinco naquela sala comum, sabia que a minha habilidade se divulgara entre os colegas e que lhes atraía a atenção, apesar de ser dos mais novos, e assim a reputação granjeada estimulava o meu pendor. Num colégio em que impera a pura crueldade, presidido ou não por um estúpido, não é de crer que se aprenda por aí além. Suponho que os meus camaradas foram tão ignorantes como costumam ser quaisquer alunos de colégio; estávamos atormentados, ensinavam-nos à força e, portanto, éramos incapazes de aprender com proveito numa vida de infortúnio e de sobressaltos contínuos. Mas a minha vaidadezinha, estimulada por Steerforth, de certa maneira me serviu; sem ser muito poupado em matéria de castigos, tornei-me contudo uma excepção à regra geral, a ponto de ir armazenando algumas migalhas de ciência.

Nisto muito me valeu o senhor Mell, a quem me sinto grato pela afeição que me dispensou. Sempre me afligiu ver como Steerforth o arreliava sistematicamente; raras vezes perdia ocasião de o ferir nos seus sentimentos e de induzir os outros a fazê-lo. Por muito tempo me afligiu essa atitude, tanto mais que eu revelara a Steerforth a minha visita à casa das duas velhas indigentes: ser-me-ia impossível guardar esse segredo como me era impossível deixar de partilhar com ele um bolo ou qualquer outra coisa tangível. E sempre receei que o meu colega lhe falasse nisso e o magoasse com a alusão. Aquela visita teria consequências imprevistas e não despiciendas.

Certo dia em que o senhor Creakle ficou no seu quarto, por motivo de qualquer indisposição, houve grande balbúrdia na aula da manhã. Os estudantes, contentes com a ausência do director, mostravam-se insubmissos, apesar de o coxo Tungay ter aparecido lá mais de uma vez e apontado o nome dos principais rebeldes (o que aliás não produziu muita impressão, porque de uma forma ou de outra os castigos abundariam no dia seguinte, e assim se aproveitava a oportunidade inesperada).

Era, a bem dizer, um meio feriado, por ser o último dia da semana. Mas como o barulho que faríamos no pátio podia incomodar o senhor Creakle, e o tempo não estava bom para passeios, obrigaram-nos a reentrar na aula durante a tarde a fim de fazermos exercícios mais simples do que os habituais. Ao sábado, precisamente, é que o senhor Sharp ia pentear e frisar a cabeleira, e por isso o senhor Mell, que aguentava todas as estopadas, dirigiu sozinho os trabalhos desse dia.

Se eu pudesse ligar a ideia de um urso ou de um touro a um ente tão pacífico como o senhor Mell, diria que nessa tarde, em meio da refrega, ele se comparava com um desses animais assediado por uma chusma de cães. Ainda o evoco com a cabeça pendida sobre o livro e apoiada na mão ossuda, diligenciando prosseguir o seu labor fatigante, no meio de uma barulheira infernal susceptível de aturdir o próprio presidente da Câmara dos Deputados. Havia alunos que se levantavam para ir brincar num canto ao jogo do lume; havia os que cantavam, riam, falavam, dançavam, bramiam. Uns arrastavam os pés, outros andavam de roda do professor, troçando, fazendo esgares, imitando-o nas costas ou às claras, motejando da sua pobreza, das botas, do casaco, da mãe, de tudo o que se relacionava com ele e que devia merecer respeito.

Erguendo-se de repente, o senhor Mell bateu com o livro na secretária e gritou:

- Silêncio, rapazes! Que vem a ser isto? É intolerável! Acabo por enlouquecer. Por que se portam comigo dessa maneira?

Foi com o meu livro que ele bateu na mesa. Eu estava ao lado e segui o seu olhar, que relanceava toda a aula. Os alunos sustiveram-se, alguns surpreendidos, outros amedrontados, muitos talvez arrependidos.

O lugar de Steerforth ficava ao fundo da sala; achava-se indolentemente encostado à parede, de mãos nas algibeiras. Sempre que o professor o fitava, ele fazia o mesmo e fingia assobiar.

- Cale-se, Steerforth! - bradou-lhe o senhor Mell.

- Cale-se o senhor! - replicou Steerforth, que enrubescera.- A quem é que fala?

- Sente-se! - ordenou o professor.

- Sente-se também, e cumpra as suas obrigações.

Houve risinhos abafados e alguns aplausos. Mas o mestre estava tão pálido que o silêncio se restabeleceu logo. Um rapaz, que correra de trás da cátedra para arremedar mais uma vez a mãe do senhor Mell, mudou de intenção e disse que ia aparar a pena.

- Se julga, Steerforth, que eu desconheço a influência que exerce aqui sobre estes rapazes -e poisou a mão na minha cabeça, sem reparar no que fazia, julgo eu - ou que eu o não vejo incitá-los a ofender-me por todos os meios... então está muito enganado!

- Enganado não estou - redarguiu Steerforth, com a maior frieza - e nem me

dou ao trabalho de pensar no senhor.

O professor, de lábios trémulos, prosseguiu:

- Abusa da sua posição de favoritismo para insultar um cavalheiro...

- Um quê? Onde está ele?

Alguém exclamou:

- Devias envergonhar-te, Steerforth. Isso é feio.

Era Traddles, a quem o mestre mandou imediatamente calar-se.

- ... para insultar quem não é afortunado na vida e nunca lhe fez o menor mal. Você tem idade e entendimento para compreender as muitas razões que há para não me tratar dessa maneira - continuou o senhor Mell, cujos lábios tremiam cada vez mais. - Comete uma acção baixa, indigna. Tu, Copperfield, podes ir para o teu lugar se quiseres.

- Copperfield - atalhou Steerforth, avançando. - Espera um instante. Oiça-me, senhor Mell, por uma vez. É o senhor que me classifica de baixo e indigno, e não passa de um mendigo descarado. Sempre foi mendigo, bem o sabe, mas, no caso presente, assume as raias do descaramento.

Não sei bem se ia bater no senhor Mell ou se o senhor Mell é que lhe ia bater, ou se realmente existia semelhante intenção em qualquer dos dois. Mas, de súbito, estabeleceu-se em toda a aula uma suspensão, como se tudo se houvesse tornado de pedra, e nós vimos que o senhor Creakle e Tungay estavam no meio de nós. A mulher e a filha do director apareceram à porta, apavoradas, o senhor Mell, com os cotovelos na secretária, ficou por instantes paralizado. Então aquele, sacudindo-o por um braço, disse assim:

- Espero que não se tenha esquecido, senhor Mell.

Desta vez o seu sopro de voz foi audível e o coxo não teve necessidade de lhe repetir as palavras.

- Não, senhor - respondeu o mestre, oscilando a cabeça e afastando as mãos trémulas com que ocultava a cara. - Não, senhor, não me esqueci e só lastimo que o senhor Creakle não se tenha lembrado de mim um pouco mais cedo. Teria sido mais generoso e mais justo. Poupar-me-ia muita coisa.

O senhor Creakle, olhando fixamente para o senhor Mell, apoiou-se ao ombro de Tungay, subiu para o banco mais próximo e sentou-se na secretária. Continuando a fitar do alto do seu trono o professor, que abanava sempre a

cabeça e esfregava as mãos, muito agitado, voltou-se para Steerforth e disse:

- Já que ele se não digna responder, fale você. Que se passou? Steerforth iludiu a pergunta durante uns segundos. Observava

o seu opositor com desprezo e cólera e permanecia silencioso. Não pude deixar, nesse momento, de pensar quanto a sua atitude era nobre e, em contrapartida, como era vulgar e mesquinha a do senhor Mell.

- Pois bem - começou por fim o meu camarada - que pretendia ele com isso de favoritismo?

- Favoritismo? - repetiu o director, cujas veias incharam de repente. - Quem falou de tal coisa?

- Foi ele.

Creakle virou-se para o seu assistente.

- Que queria dizer com isso, senhor Mell?

- Queria dizer, senhor Creakle - replicou o interpelado em voz baixa - que nenhum aluno tem o direito de se valer da sua situação de favor para me rebaixar.

- Rebaixá-lo, a si? Meu Deus! - exclamou Creakle. - Permita que lhe pergunte - e aqui cruzou os braços no peito, com a bengala e tudo, e carregou de tal modo o cenho que mal se lhe viam os olhos - permita que lhe pergunte se, ao empregar o termo favoritismo, não perdeu o respeito que me é devido. A mim, senhor - insistiu, avançando a cabeça e - Não fui justo - replicou o senhor Mell - confesso-o. Não falaria dessa maneira se estivesse mais sereno.

Neste comenos interveio Steerforth.

- Então saiba que ele me chamou baixo e indigno e eu o tratei de mentiroso descarado. Talvez não devesse ter feito isso, mas fi-lo e estou pronto a tomar a responsabilidade.

Sem calcular qual fosse aquela responsabilidade, eu rejubilei ao ouvir tão destemidas palavras. Os rapazes também se impressionaram, pois houve um sussurro geral, embora sem comentários mais concretos.

- Admiro-me, Steerforth - volveu o director - se bem que a sua franqueza lhe faça honra. Admiro-me que pronunciasse tal epíteto em relação a uma pessoa empregada neste Internato e por ele remunerada.

Steerforth deixou escapar uma risada.

- Isso não é resposta - insistiu Creakle. - Espero de si mais qualquer coisa.

Se o professor Mell me parecera desprezível perante a atitude elegante do aluno, que direi do director, que se me afigurava ainda mais desprezível?

- Ele que o negue - disse Steerforth.

- Negar que é mendigo? - acudiu Creakle. - Acha que pede esmola pelas ruas?

- Se não o faz pessoalmente, então é alguém da sua família. Vem a dar no mesmo.

Steerforth lançou-me uma olhadela, e o senhor Mell afagou-me o ombro. Voltei-me para ele, rubro de vergonha, mas os olhos de Mell estavam fixos em Steerforth; entretanto continuou a afagar-me o ombro, sempre a fitar o seu adversário.

- Já que deseja uma explicação, senhor director - começou Steerforth - aí vai ela: a mãe do senhor Mell vive da caridade pública, numa casa de indigentes.

O alvejado não deixava de me passar a mão pelo ombro e de olhar para Steerforth. Num murmúrio, se bem ouvi, desabafou: «Era o que eu pensava.»

O director voltou-se para o seu assistente, carrancudo, severo, e disse com forçada cortesia:

- Pois, senhor Mell, acaba de ouvir o que afirmou o aluno Steerforth. Peço-lhe que tenha a bondade de o desmentir perante este auditório.

- Não há nada que desmentir - respondeu o professor, no meio de um silêncio confrangedor. - Ele tem razão, disse a pura verdade.

- Seja suficientemente leal para declarar diante de todos - retorquiu Creakle -, se, até agora, eu tinha conhecimento desse facto.

- Conhecimento directo, não.

- O quê?! Pois não sabe que...

- Suponho que ao senhor nunca passou pela cabeça que eu desfrutasse de uma situação abastada - explicou o professor. - Não ignora qual tem sido sempre a minha posição nesta casa.

- O que percebo - comentou o director, e as veias tornaram a entumescer-se-lhe - é que está aqui numa situação falsa e que tomou o colégio por um asilo. Senhor Mell, faça favor de se ir embora, e quanto mais cedo melhor.

- Imediatamente - disse o outro, levantando-se. - Despeço-me de si e de

todos - acrescentou, relanceando a vista pela sala e dando-me pancadinhas afáveis nas costas. - James Steerforth, o que lhe desejo é que um dia se envergonhe do que hoje me fez. Por agora, prefiro que não seja meu amigo nem de ninguém da minha consideração.

Mais uma vez poisou a mão no meu ombro, tirou da secretária a flauta e alguns livros, deixou a chave para o seu sucessor e saiu da sala, com aquelas coisas debaixo do braço. Então o senhor Creakle fez um discurso, repetido pelo coxo, no qual agradeceu a Steerforth por haver afirmado (talvez com excessivo calor) a independência e a honorabilidade do Internato de Salem. Concluiu apertando a mão de Steerforth, enquanto nós soltávamos hurras, não sei por quem, mas decerto pelo meu protector, o que me fez associar a eles com energia, embora me sentisse acabrunhado. Seguidamente o senhor Creakle deu bengaladas em Traddles, porque o surpreendeu a chorar, em vez de aplaudir, pela partida do senhor Mell. E por fim regressou ao sofá, ou à cama, donde se havia levantado.

Ficámos sós e olhámos uns para os outros, desconcertados. Quanto a mim, estava tão triste e contrito do papel que desempenhara que só retive as lágrimas com medo de que Steerforth, que me observava, pudesse achar-me pouco amigável, ou pouco atencioso para com ele, atendendo à nossa diferença de idade. Steerforth mostrou-se indignado com Traddles e regozijou-se com o castigo que o rapaz recebeu. O pobre Traddles, a quem a fase de depressão já havia passado, desenhava (de cabeça curvada sobre a carteira) uma nova série de esqueletos e insistiu em que o procedimento para com o senhor Mell não fora digno. No que lhe tocava, acrescentou, a coisa não tinha importância.

- Quem é que procedeu mal, ó maricas? - replicou Steerforth.

- Quem senão tu, Steerforth!

- Que fiz eu?

- Que fizeste? Magoaste-o nos seus sentimentos e causaste a perda do seu emprego.

- Magoei-o? - repetiu o outro com ar desdenhoso. - Depressa se consolará. Não é tão sensível como a menina Traddles. E no que respeita ao emprego... tão bom, não é verdade?... julgas que não vou escrever para minha casa, recomendando que lhe enviem dinheiro?

Achámos nobilíssima a intenção de Steerforth, cuja mãe era viúva e rica e fazia tudo o que o filho lhe pedia; gostámos também de ver Traddles posto no seu lugar e elevámos Steerforth às nuvens, em especial quando nos disse, quando

nos contou (teve essa condescendência) que fizera tudo aquilo por nossa causa e para nosso bem, sem o menor proveito da sua parte.

Devo, porém, confessar que nessa noite, ao recomeçar as minhas histórias, a flauta do senhor Mell me soou dolorosamente aos ouvidos - som que me pareceu realmente lúgubre quando, vendo Steerforth cansado, acabei por me calar, cada vez mais infeliz.

Não tardei em esquecer o senhor Mell, porque Steerforth, com o maior desembaraço, sem auxílio de qualquer livro (creio que sabia tudo de cor) se encarregou de substituir aquele nalgumas aulas, até que fosse contratado novo professor. Este veio-nos de uma escola de ensino secundário e, antes de entrar em funções, jantou no colégio para nessa altura ser apresentado a Steerforth, que o aceitou sem reparos e nos disse que era um «tipo decente». Sem fazer ideia do que isto significava quanto às qualidades pedagógicas do mestre, desde logo o respeitei, sem duvidar dos seus altos conhecimentos científicos. Contudo, nunca ele me concedeu as atenções que recebi do seu antecessor, mas a verdade é que eu não tinha nada que me recomendasse.

Nesse período houve só outro acontecimento que saiu do ramerrão diário e que me deixou uma impressão indelével. E isto por muitas razões.

Uma tarde em que estávamos a ser atormentados de modo terrível, sob a férula do senhor Creakle, Tungay entrou na aula e gritou no seu vozeirão:

- Visitas para o Copperfield!

O director e o coxo trocaram algumas palavras acerca da identidade dessas visitas e quanto à sala em que seriam recebidas. Eu pusera-me de pé, como de costume ao ouvir o meu nome; quase me senti doente de espanto. Enfim, deram-me ordem de subir a escada de serviço, a fim de pôr um colarinho lavado antes de seguir para o refeitório. Obedeci e fi-lo num estado de agitação e perplexidade como nunca experimentara. Alcancei a porta da sala, pensando que talvez fosse a minha mãe (até esse momento só me lembrara dos irmãos Murdstones), e, antes de dar volta ao puxador, parei para sufocar um soluço.

De começo, não vi ninguém. Mas como sentisse a porta resistir, olhei para trás dela, e, com a maior admiração, deparou-se-me o senhor Peggotty e o sobrinho Ham, que me faziam grandes cumprimentos, encostados à parede; não pude deixar de rir, mais do prazer de os encontrar do que do seu ar brincalhão. Apertamos efusivamente a dextra e eu tornei a rir, até que tirei o lenço e enxuguei os olhos.

O senhor Peggotty - que, bem me lembro, nunca fechou a boca durante a

visita - ficou inquieto ao ver-me chorar e deu uma cotovelada em Ham, para que este dissesse qualquer coisa.

- Então, menino Davy! - começou o rapaz, com o seu sorriso ingénuo. - Está muito crescido - ajuntou a seguir.

- Cresci? - repliquei, ainda a secar as lágrimas. Não tinha, se bem recordo, razões especiais para chorar. Mas os olhos humedeceram-se-me só por estar em presença de velhos amigos, não sei realmente porquê.

- Se cresceu! - insistiu Ham. - Não se faz ideia!

- É verdade!-corroborou o tio.

Riram e eu ri também, e assim continuámos os três, até que me voltou a vontade de chorar.

- Tem tido notícias da minha mãe? - perguntei ao senhor Peggotty. - E como vai a sua irmã e minha querida amiga?

- optimamente.

- E a Emily? E a senhora Gummidge?

- Optimamente.

Fez-se um silêncio. Peggotty, para o preencher, extraiu das algibeiras duas lagostas enormes, um caranguejo também grande e um saco amplo de lona cheio de camarões, colocando tudo nos braços de Ham.

- Ora aqui tem, menino. Sabíamos que gostava disto, quando esteve connosco. Por isso tomei a liberdade. Foi a velhota quem os cozeu. - Como se lhe faltasse o assunto, insistiu no mesmo ponto: - Sim, menino, foram cozidos pela senhora Gummidge.

Apresentei-lhe os meus agradecimentos. Depois de olhar para Ham, que sorria acanhado, sem lhe fornecer qualquer deixa, Peggotty acrescentou:

- Viemos com vento favorável, aproveitando a maré, desde a nossa Yarmouth até Gravesend. Minha irmã escreveu-nos a dizer o nome desta terra e pediu-me que o visitasse se viesse um dia a Gravesend, e lhe desse os seus cumprimentos e que, quanto à família, vai optimamente. A Emily deve escrever à minha irmã quando nós voltarmos, para contar como é que eu encontrei o menino e como estava de saúde; e assim se fez uma bela ida e volta.

Pensei um bocado no que ele queria exprimir e percebi, por fim, que se referia ao círculo giratório das notícias. Então agradeci-lhe sinceramente, e disse, sentindo-me corar, que sem dúvida a Emily estava também muito mudada desde

o tempo em que apanhávamos conchas na praia.

- Dia a dia torna-se uma mulherzinha - esclareceu o pescador. - Pergunte-lhe a ele.

Com isto designou Ham, que resplandecia de prazer, concordava e exibia sempre o braçado de mariscos.

- Tem uma carinha que é um encanto! - ajuntou Peggotty.

- E tão instruída! - acudiu o sobrinho.

- Escreve na perfeição - acrescentou o tio. - Uma letra que salta aos olhos, tão bem-feitinha!

Era comovedor ver o entusiasmo do pescador pela sobrinha. O rosto grosseiro e peludo irradiava uma expressão de amor e de orgulho feliz, que eu não consigo descrever. Os olhos leais cintilavam como que animados por um sentimento que lhe vinha do coração. O peito largo arfava de prazer. As mãos vigorosas premiam-se uma contra a outra, com ardor. Ao falar, sublinhava as frases com o braço direito, que para mim, pigmeu, tomava as proporções de um martelo de bigorna.

Ham estava tão entusiasmado como ele. Creio que continuariam ainda a falar de Emily se não fosse a entrada intempestiva de Steerforth; este, vendo-me conversar a um canto com dois desconhecidos, interrompeu a ária que vinha cantarolando e disse:

- Não sabia que te encontravas aqui, Copperfield.

De facto, a sala não era geralmente a mais frequentada. Depois daquela observação, saiu.

Não sei se seria o facto de querer mostrar ter um amigo como Steerforth, se o desejo de lhe explicar como é que me relacionara com um homem como Peggotty que me fez chamá-lo quando ele se retirava.

- Espera, Steerforth - gritei. - São dois marítimos de Yarmouth, excelentes amigos, parentes da minha antiga criada. Vieram de Gravesend para me visitar.

Steerforth retrocedeu.

- Ah, ah, muito prazer. Como passam?

Nas suas maneiras havia tal desembaraço, uma graciosidade tão isenta de basófia, que (ainda hoje estou persuadido) exercia nos outros uma espécie de enfeitiçamento. E ainda estou convencido de que o seu porte, vivacidade, voz agradável, beleza das feições e do corpo e não sei que encanto inato o dotavam

de tamanha sedução que justificava as pessoas do facto de não lhe poderem resistir. Vi logo que os dois visitantes simpatizavam com Steerforth e parecia haverem-se-lhe entregado de alma e coração.

- Senhor Peggotty - disse eu - quando escrever à sua irmã diga-lhe que o senhor Steerforth é muito bondoso e que, sem ele, não saberia que fazer de mim.

- Que disparate - atalhou, rindo, o interessado. - Não diga nada disso!

- E se o senhor Steerforth - prossegui, dirigindo-me sempre ao pescador - aparecer algum dia em Norfolk ou Suffolk, pode crer que o levarei a ver a sua casa. - Virando-me para o meu colega, observei:- É uma casa construída num barco.

- Num barco? - exclamou Steerforth. - Pois então é a melhor residência para um marinheiro perfeito como este senhor.

- Tem razão, tem razão - interrompeu Ham, rindo. - Menino

Davy, o seu amigo tem muita razão. Um marinheiro perfeito, é o que ele é!

Peggotty não estava menos contente que o sobrinho, embora a sua modéstia lhe não permitisse fazer-se eco desse louvor. Limitou-se, pois, a agradecer, enquanto enfiava no colete as pontas do lenço de pescoço.

--Faço o que posso, meus senhores...

-. Não se pode exigir mais, senhor Peggotty - asseverou Steerforth, que já decorara o nome do pescador.

- Aposto que é o mesmo que o senhor faz - aduziu este - porque há-de fazer tudo pelo melhor. Agradeço-lhe a atenção que me dispensou. Não passo de homem rude, mas estou às suas ordens. E a minha casa tambem, ofereço-lha da melhor vontade se nos der o prazer de a visitar, na companhia do menino Davy. Desculpem o tempo que lhes tomámos, são horas de nos irmos andando. Desejo a ambos as maiores venturas.

Ham comungou nestes sentimentos e nós despedimo-nos com a maior cordialidade. Nessa noite estive quase tentado a falar a Steerforth na pequena Emily, mas a minha timidez não o consentiu, tanto mais que tinha medo de que ele se risse. Transportámos os mariscos para o dormitório, às ocultas, e, antes de nos deitarmos, banqueteámo-nos opiparamente. Mas Traddles não teve sorte. Era tão infortunado que mesmo uma ceia como aquela foi suficiente para lhe trazer complicações. Passou mal a noite, verdadeiramente prostrado, tudo por causa do caranguejo. Depois de haver ingerido purgantes sob formas líquidas e sólidas, em doses suficientes para matar um cavalo (na opinião de Demple, cujo pai era

médico), ainda por cima recebeu bengaladas e ordem de traduzir seis capítulos gregos do Novo Testamento, por não ter confessado o delito.

O resto do período lectivo tenho-o confuso na memória: só me lembro da nossa luta diária; da mudança das estações; das manhãs geladas, quando a sineta do colégio nos arrancava da cama e nos chamava de novo, nas noites escuras e frias, para o leito; da aula, à tarde, vagamente iluminada e mal aquecida (a da manhã era também uma máquina de fazer constipações); da carne cozida e da carne assada, do carneiro cozido e do carneiro assado; das fatias de pão com manteiga; dos livros dobrados no cantinho da margem; das ardósias estaladas; dos cadernos molhados de lágrimas; das bengaladas e reguadas; dos cortes de cabelo; dos domingos chuvosos; dos pudins de sebo; da atmosfera de tinta de escrever, que envolvia tudo.

Recordo-me também, todavia, que a longínqua perspectiva das férias, por muito tempo um simples ponto estacionário, começava a aproximar-se a pouco e pouco, a crescer mais e mais. Contávamos os meses, depois as semanas, por fim os dias.

No íntimo receava que não me mandassem buscar, e, quando Steerforth me disse que me reclamavam e eu tive a certeza de ir para casa, quanto temi quebrar uma perna, por exemplo, antes que esse momento chegasse! O dia da partida, que era de uma semana distante, passou a ser da semana seguinte, depois de amanhã e finalmente um hoje, uma determinada noite - em que tomei lugar na mala-posta de Yarmouth e regressei ao lar.

De caminho, dormi pouco e mal, com sonhos incoerentes acerca de mil e uma coisas. Mas, quando uma vez por outra acordava, o chão que eu via pela portinhola não era o do pátio de Salem, e o som que me chegava aos ouvidos não era o das pancadas que o senhor Creakle dava no Traddles mas o do cocheiro tangendo os seus cavalos.

VIII. MÍNHAS FÉRIAS, ESPECIALMENTE UMA TARDE AFORTUNADA

Quando chegámos, antes do alvorecer, à estalagem onde vivia o criado meu amigo, convidaram-me a subir a um lindo quartinho de dormir que tinha sobre a porta esta palavra pintada: DELFIM. Sentia imenso frio, apesar do chá muito quente que me haviam servido no rés-do-chão, ao canto da lareira. E foi com prazer que me deitei no leito do Delfim, envolto nos seus lençóis e adormeci.

O carroceiro Barkis viria buscar-me às nove horas da manhã. Levantei-me às oito, um pouco aturdido pela brevidade do repouso nocturno, e já estava pronto à hora marcada. O homem recebeu-me exactamente como se nos tivéssemos separado naquele instante e eu só houvesse entrado na estalagem para trocar dinheiro ou coisa parecida.

Logo que eu e a minha mala entrámos na carroça, o cavalo indolente partiu com o seu passo costumado.

- Está com bom aspecto, senhor Barkis - disse-lhe, pensando que isto lhe seria agradável.

Barkis esfregou a cara com o punho da camisa e olhou para ele como se esperasse aí encontrar um pouco de cor das faces; mas não se dignou replicar ao meu cumprimento.

- Entreguei o seu recado - acrescentei. - Escrevi à Peggotty.

O homem pareceu mal humorado e deu uma resposta seca.

Hesitei um instante e inquiri:

- Ficou zangado?

- Não, senhor.

- O recado não era esse?

- Sem dúvida... mas ficou tudo na mesma. Sem perceber bem, repeti:

- Ficou tudo na mesma?

- Não me ligou nenhuma.

- Esperava uma carta? - volvi, admirado, pois a hipótese era nova para mim.

- Quando se diz que se suspira - explicou o carroceiro, voltando-se devagar no assento - é porque se espera uma resposta.

- E então, senhor Barkis?

- Então - retorquiu, tornando a olhar para as orelhas do cavalo - ainda estou esperando essa resposta.

- Disse-lhe isso, senhor Barkis?

- Não, senhor, não tinha razões para lhe escrever. Nunca lhe dirigi meia dúzia de palavras, e não iria agora dizer-lhe...

- Quer que me encarregue disso? - perguntei sem muita confiança.

- Se o menino quisesse ter a bondade - começou ele, voltando-se de novo, lentamente, para mim -, de lhe dizer... que o Barkis espera uma resposta... O nome dela é...?

- Peggotty.

- Nome próprio ou de família?

- De família. Foi baptizada com o de Clara.

Aquilo forneceu-lhe matéria para grande reflexão. Cismava, e ia assobiando ao mesmo tempo.

- Pois,-se fizer favor, diga-lhe isto: «Peggotty, o Barkis espera resposta.» Ela, naturalmente, vai perguntar: «Resposta a quê?» E o menino replica: «Ao que te disse.» E ela: «Que é que disse?» E o menino: «Barkis suspira.» Ora aí tem.

Com esta sugestão engenhosa, o cocheiro deu-me uma cotovelada, que me atingiu em cheio nas costelas. Em seguida, curvou-se para o cavalo, como habitualmente, e não aludiu mais ao caso, excepto daí a meia hora, pouco mais ou menos, quando tirou da algibeira um bocado de giz e escreveu no interior da carroça: «Clara Peggotty», talvez para não se esquecer.

Que estranha sensação eu experimentava! Regresso ao lar, quando já não é o meu lar; recordar-me dos velhos tempos, que são como os sonhos que não poderei sonhar mais... Esses dias em que eu, minha mãe e Peggotty não fazíamos senão um, sem ninguém que se interpusesse na nossa vida! Como isto se impunha ao meu espírito e me tornava triste, enquanto rodava pela estrada! Nem já sabia se me alegraria por voltar ou se mais valera ficar longe e esquecer tudo na companhia de Steerforth. Mas o facto era irremediável; depressa cheguei a

casa, em cujo jardim os ulmeiros sem folhas contorciam os ramos numa atmosfera invernosa e desolada e o vento arrancava o que ainda havia dos antigos ninhos de gralhas.

O carroceiro depositou a mala ao portão, e deixou-me. Eu dirigi-me para casa, através da vereda de entrada, sempre a olhar para as janelas, não fosse aparecer a qualquer delas o senhor Murdstone ou a irmã! Todavia não vi ninguém e, chegando à porta da residência, como sabia abri-la mesmo às escuras, fi-lo sem ruído e entrei devagarinho.

Sabe Deus que memórias da infância despertaram em mim ao ouvir a voz da minha mãe, voz que vinha da saleta e que me alcançou quando eu penetrava no vestíbulo! Cantava em voz baixa, como devia fazer quando eu ainda não passava de um bebé. A cantiga é que era nova para mim, e contudo achei-a tão familiar. Foi como um amigo que voltasse, após longa ausência.

Calculei, pela maneira pensativa como ela entoava a sua canção, que se encontrasse nesse momento só. Por isso entrei pé ante pé no quarto. A mãe estava sentada perto do lume, amamentando uma criança cuja mãozinha apertava contra o pescoço. Olhava-a com ternura. Enganara-me apenas em parte, porque não tinha outra companhia além desse miúdo.

Falei-lhe, a mãe assustou-se e soltou um grito. Vendo-me, porém, chamou-me seu querido Davy, seu adorado filho, e, vindo ao meu encontro, ajoelhou no chão e beijou-me, cingindo a minha cabeça ao seu peito, muito próximo do pequeno ser que aí continuava aninhado, e pôs a mão dele nos meus lábios.

Desejei morrer. Tenho pena de não ter morrido nesse instante, com aquele sentimento no coração. Estava mais destinado ao Céu do que o estive pela vida fora.

- É teu irmão - disse-me ela, afagando-me. - Davy, meu filho, meu querido filho!

Beijava-me sempre, com os braços de roda do meu pescoço. Achava-se nessa posição quando Peggotty apareceu correndo e se acocorou junto de nós, acrescentando as suas manifestações às da minha mãe, por cerca de um quarto de hora.

Não deviam esperar-me tão cedo. O carroceiro antecipara a hora da chegada. O senhor Murdstone e a irmã parece que tinham ido fazer uma visita na vizinhança e não regressariam antes da noite. Eu não contara com tanta sorte! Estarmos outra vez reunidos, sem estranhos! Por então, julguei-me transportado aos velhos tempos.

Jantámos juntos perto da lareira. Peggotty queria servir-nos, mas a minha mãe não consentiu e fê-la sentar-se connosco. Puseram-me o meu antigo prato, onde estava representado, a castanho, um navio de guerra com as velas desfraldadas: Peggotty guardara-o preciosamente durante a minha ausência, não queria por nada deste mundo vê-lo destruído. Eu possuía também uma caneca privativa, com o nome David aí gravado, e tinha ainda um garfo e uma faca (a qual, aliás, não cortava).

Enquanto permanecemos à mesa, achei oportuno referir-me ao senhor Barkis, mas ainda não acabara de falar e já Peggotty desatara a rir, cobrindo a cara com o avental.

- Que te aconteceu, rapariga? - perguntou minha mãe.

A criada riu-se com maior vontade, apertando com mais força o avental de encontro ao rosto; parecia ter enfiado a cabeça num saco. Minha mãe tentou arrancar-lho.

--Que é isso, pateta? - insistiu ela.

- O raio do homem! - exclamou por fim Peggotty. - Imagine que quer casar comigo!

- Seria bom casamento para ti...

- Sei lá! Não me fale nisso. Nem que ele estivesse cheio de ouro até aos olhos. Nem esse nem outro.

- Então por que lho não dizes?

- Dizer-lhe? - repetiu Peggotty, olhando por cima do aventàl. - A mim nunca fez a mínima declaração. Sabe bem com quem se metia. Se se atrevesse a tanto, pespegava-lhe uma bofetada.

Estava vermelha como um tomate; mas tornou a esconder a cara, duas ou três vezes mais, para dissimular um violento acesso de hilaridade. Até que finalmente recomeçou a comer.

Notei que a minha mãe, embora sorrisse quando Peggotty olhava para ela, se tornara séria, meditabunda. Já desconfiara de que havia mudança. Ainda era bonita, porém denotava excesso de preocupações. Tinha as mãos tão magras e brancas que me pareciam transparentes. Contudo, a diferença que se produzira era de outro género: respeitava ao seu feitio, que achei nervoso, agitado. Estendeu os dedos e poisou-os nos da criada, dizendo-lhe, em tom afectuoso:

- Minha querida Peggotty, não vais casar-te, pois não?

- Eu! - exclamou a interpelada, alçando os braços. - Por certo que não!

- Não seria já?

- Nunca! - bradou a criada.

A mãe pegou-lhe na mão e disse:

- Peggotty, não me abandones. Fica comigo. Talvez não seja por muito tempo. Que faria eu sem ti?

- Abandoná-la, minha querida senhora? Por nada deste mundo! Como se lhe meteu semelhante ideia nessa cabecinha?

Havia já muito tempo que ela tratava minha mãe como uma criança.

A resposta foi um agradecimento, e Peggotty continuou, à sua moda:

- Eu, deixá-la? Gostava de ver isso! Não, não, minha querida senhora! - declarou, meneando a cabeça e cruzando os braços. - Conheço quem ficaria satisfeito, se tal acontecesse. Mas engana-se. Ficarei consigo até ser uma velha tonta. E quando estiver surda, cega e achacada, e não prestar para nada mais, só para receber ralhos dos senhores, então vou ter com o meu Davy e peço-lhe que me dê asilo.

- Oh, Peggotty - atalhei - ficaria muito contente e recebia-te de braços abertos.

- Deus abençoe o seu bom coração. Eu bem o sabia, menino. E beijou-me, antecipando o seu reconhecimento pela prometida hospitalidade. Depois disto, tornou a cobrir a cabeça com o avental e riu-se mais uma vez pensando no Barkis. Então pegou no bebé, que estava no berço, embalou-o, e repô-lo no mesmo lugar. Levantou a mesa, saiu, e veio com outra touca, e a caixa de costura, a fita métrica e um coto de vela, tudo exactamente como antes.

Sentámo-nos defronte do fogão e conversámos pacificamente. Contei-lhes a severidade de Creakle e elas lastimaram-me condoídas. Expliquei-lhes também como Steerforth era um rapaz simpático e quanto me protegia, e Peggotty participou que andaria vinte milhas a pé só para o conhecer. O meu irmãozinho acordou e eu, tomando-o nos braços, acarinhei-o ternamente. Quando outra vez adormeceu, aproximei-me da minha mãe, repetindo o hábito de outrora, tão longamente interrompido, cingi-a pela cintura e apoiei a cara no ombro dela. Os seus lindos cabelos de novo me envolveram como uma asa de anjo (lembro-me que era esta a comparação que eu fazia) e senti-me verdadeiramente feliz.

Enquanto estive ali sentado, a olhar para o lume e a imaginar imagens

formando-se nas brasas, eu quase acreditei que nunca me havia ausentado, que o senhor Murdstone e a irmã eram pura fantasia e que deviam extinguir-se juntamente com o fogo. E que não existia mais nada de real senão a minha mãe, Peggotty e eu.

A criada passajava uma meia e trabalhou até que lhe faltou a luz, e então ficou com ela enfiada na mão esquerda, como uma luva, e a agulha na direita, pronta a dar outro ponto quando do borralho surgisse novo clarão. Não imagino a quem pertenceriam as meias que Peggotty continuamente passajava, nem donde podia vir uma provisão tão abundante. Desde a minha mais tenra infância que sempre a vi ocupada unicamente nesse género de trabalhos de agulha.

- Gostava de saber - disse Peggotty, que às vezes era tomada de uma curiosidade quanto aos assuntos mais inesperados -, gostava de saber que será feito da tia-avó de Davy.

- Oh, Peggotty, lembras-te de cada uma! - murmurou minha mãe, que parecia emergir do seu devaneio.

- Em todo o caso sempre queria saber...

--Como é que te veio isso ao pensamento? Não haverá outras pessoas de quem possamos falar?

- Não sei como é, talvez até seja disparate, mas não escolho as pessoas de quem me recordo. As lembranças acodem, vêm e vão sem eu querer. Realmente, que seria feito daquela senhora?

- Ao ouvir-te, julgar-se-ia que desejas nova visita da tia Betsey.

- Deus nos livre! - exclamou Peggotty.

- Então não fales mais em coisas desagradáveis, se desejas o meu bem-estar. A tia Betsey há-de estar fechada na sua vivenda à beira-mar, e lá continuará decerto. Mas, seja como for, não é provável que venha de novo incomodar-nos.

- Não é provável, não. O que eu penso - continuou a criada, com ar pensativo - é se ela, por sua morte, deixa alguma coisa ao Davy.

- Meu Deus, Peggotty! Enlouqueceste. Não vês que até ficou ofendida só pelo facto de ele nascer?

- Talvez agora esteja disposta a perdoar-lhe - sugeriu Peggotty.

- Mas porquê? - retorquiu vivamente a minha mãe.

- Porque tem agora um irmão...

A mãe começou logo a chorar, dizendo não compreender como é que Peggotty se atrevia a supor tal coisa.

- Como se este inocentinho, no seu berço, tivesse feito mal, a ti ou a quem quer que seja... Deixa-te de ciúmes. Olha, mais vale que te cases com o senhor Barkis carroceiro. Quem to impede?

- Daria grande satisfação à senhora Murdstone - afirmou Peggotty.

- Ai, que mau carácter o teu! Tens ciúmes da senhora Murdstone, o que é ridículo. Preferias seres tu a guardar as chaves e a distribuir os mantimentos? Não me admiraria nada. Bem sabes que ela só o faz por generosidade, na melhor das intenções. Não me digas, Peggotty, que não sabes.

A criada resmungou qualquer coisa que significava: «Vá ela para o diabo com as suas boas intenções», e deu a entender que, destas, estava o inferno cheio.

- Percebo o que queres dizer, minha rabugenta. Devias corar de vergonha. Mas vamos a uma coisa de cada vez. Não me escapas, Peggotty. Não a ouviste observar, com frequência, que sou muito estouvada e muito...

- Bonita - concluiu a criada.

- Seja - volveu a mãe, meio sorridente - se ela tem o mau gosto de o pensar. Mas sendo assim, que culpa tenho eu?

- Ninguém a culpou de ser bonita.

- Sim, realmente ninguém o terá feito. No entanto, essa é a razão pela qual ela deseja poupar-me muitos trabalhos. Nem eu sei se seria capaz de os levar a cabo! Levanta-se cedo, deita-se tarde, sempre num rodopio, a fazer tudo e a vasculhar tudo, na carvoeira, na despensa, em tantos lugares que não devem ser agradáveis. E ainda insinuas que não é pessoa dedicada!

- Não insinuei nada - replicou Peggotty.

- Ora!-atalhou a mãe. - Não fazes outra coisa, além do teu serviço. Passas o tempo a insinuar. Era o que te dizia há pouco. Insinuas constantemente. Disse-te que te compreendia e tu bem vês que sim. E quando falas das boas intenções do senhor Murdstone, finges que não as tomas a sério (porque, no fundo, não estás a ser sincera). Sabes tão bem como eu que essas intenções são boas e que não procedem de nenhum outro sentimento. Se parece haver nele severidade para com alguém (estou certa de que me entendes, Peggotty, assim como o Davy), é porque está convencido de que isso só traz vantagem. Estima bastante essa pessoa por amor de mim; trata-se apenas do seu bem. Julga melhor do que eu,

pois sou um tanto fraca, e vã, e muito nova, e ele é um homem sério, grave, e mais seguro juiz do que eu. Dá-se a muitos trabalhos por minha causa - rematou a mãe, cujos olhos se encheram de lágrimas - e eu devo ser-lhe reconhecida e submissa, mesmo em pensamento. Se não for assim, sinto remorsos e a mim própria me censuro.

Peggotty levou ao queixo o pé da meia que passajava e contemplou em silêncio o lume no fogão.

- Então - disse a mãe, mudando de tom - continuemos boas amigas, não suportaria a ideia de que te havias zangado. Sei que és amiga sincera, a única que tenho. Quando digo que és ridícula, ou irritante, ou qualquer coisa neste género, não esqueço a tua dedicação já tão antiga... desde o dia em que o meu defunto Copperfield me trouxe aqui pela primeira vez e tu vieste ao portão receber-me.

A criada não se demorou a ratificar este tratado de amizade, apertando-me ao peito com toda a força. Julgo que suspeitei então, por momentos, qual o verdadeiro sentido daquela conversa; e hoje estou convencido de que Peggotty a provocou só para dar à minha mãe oportunidade de se consolar fazendo-lhe o pequeno sumário de querela a que se entregou com tanto gosto. O cálculo era justo, porque notei nela, no resto do serão, um ar mais à vontade e maior desprendimento em Peggotty.

Depois do chá, revolvidas as brasas e espevitadas as velas, eu li à Peggotty um capítulo do Livro dos Crocodilos, como evocação dos tempos idos (tirou-o da algibeira; eu desconfio que ali o tivera guardado desde a minha partida). Em seguida falámos do Internato de Salem, o que me trouxe à balha o assunto de Steerforth, para mim o preferido. Sentíamo-nos felizes. Aquela noite foi a última do nosso convívio e estava destinada a fechar uma parte da minha vida, que jamais se me apagará da memória.

Eram quase dez horas quando ouvimos um som de rodas. Pusemo-nos todos de pé. A mãe disse-me precipitadamente que a noite já ia adiantada e que o senhor Murdstone e a irmã professavam a opinião de que as crianças deviam deitar-se cedo; em suma, que chegara o momento de eu recolher à cama. Beijei-a e subi logo a escada, com uma vela na mão, antes que os Murdstones chegassem. Ao entrar no meu quarto (onde estivera encarcerado), tinha a impressão de que, com esses dois irmãos, penetrara na casa um sopro de ar frio, o qual levara dali, como uma pluma, o velho sentimento familiar.

Senti grande relutância, no dia seguinte, em descer para o primeiro almoço, pois não tornara a ver o meu padrasto depois do dia memorável em que o

ofendera tão gravemente. Devia, porém, decidir-me. Fui por duas ou três vezes até ao patamar e voltei ao quarto, em bicos de pés, até que, por fim, me apresentei na saleta.

O senhor Murdstone estava de costas para o fogão e a irmã preparava o chá. Ele olhou-me com fixidez, como se não me reconhecesse.

Após um momento de embaraço, avancei e disse:

- Peço-lhe perdão. Estou muito arrependido do que fiz e espero que seja benevolente.

- Estimo saber que te arrependeste, David - respondeu ele.

Estendeu a mão, essa mesma mão que eu mordera, e eu não pude coibir-me de olhar um instante para a cicatriz vermelha que aí avultava; mas não seria tão vermelha como a cor que me subiu às faces quando notei a sua expressão ameaçadora.

--Como passa, minha senhora? - perguntei, dirigindo-me à Murdstone.

- Ah, meu Deus! - suspirou ela, apresentando-me a colher de chá em vez dos dedos. - Quanto tempo duram as férias?

- Um mês.

- A contar de quando?

- A contar de hoje.

- Oh! Então faz menos um dia.

Assim tinha ela o calendário das férias, no qual todas as manhãs abatia um dia. Fez isso com ar triste até chegar a dez, mas, quando principiaram a ser dois algarismos, tornou-se esperançada, e, conforme o tempo decorria, até parecia mais alegre.

Logo no primeiro dia tive a pouca sorte de a lançar num estado de sobressalto e consternação, embora ela, em geral, não fosse sujeita a estas fraquezas. Entrei no quarto em que a solteirona se encontrava com a minha mãe: nos joelhos desta estava o bebé, que não tinha mais do que umas semanas, e eu peguei-o ao colo, com o maior cuidado. De súbito, a senhora Murdstone soltou um grito, e eu quase o deixava cair.

- Oh, Jane, que foi? - inquiriu minha mãe.

- Pois não vê, Clara?

- Não vejo o quê, Jane?

- Ele tem-no! Esse pequeno pegou no bebé!

Desfalecia de horror, mas endireitou-se para correr até mim e tirou-me a criança dos braços. Nessa altura perdeu os sentidos. E parecia tão doente que se viram obrigados a dar-lhe licor de ginja. Quando se recompôs, proibiu-me formalmente de tocar no meu irmão, sob nenhum pretexto. E a minha mãe, coitada, que teria desejado outra coisa (bem o compreendi), confirmou timidamente a interdição dizendo:

- Não há dúvida, querida Jane, de que tem razão.

Noutra ocasião em que estávamos juntos, essa criança inocente (que eu estimava tanto, por amor de minha mãe) foi causa de nova cólera da senhora Murdstone. A mãe conservava-a ao colo e observava-lhe os olhos. Depois chamou-me e começou a examinar os meus.

A solteirona pôs de lado as contas que enfiava.

- Parecem-se muito - declarou por fim a mãe. - São da cor dos meus. É espantosa a semelhança dos dois irmãos.

- Clara - interveio a senhora Murdstone - de que é que fala? - Querida Jane - volveu a interpelada, que se assustara com a dureza de tom da sua inquisidora. - Acho que os dois pequenos têm os olhos iguais.

- Enlouqueceu, com certeza! - exclamou a senhora Murdstone, levantando-se furiosa. - Não há semelhança nenhuma. Diferem em tudo. Como se atreve a comparar o filho do meu irmão com o seu? Não ficarei aqui nem mais um instante, se é para ouvir tais dislates. - Disse isto e saiu, batendo a porta com força.

Em suma, eu não gozava de simpatia junto da senhora Murdstone. Nem junto de mais ninguém, nem sequer de mim mesmo, pois os que me estimavam não o podiam manifestar e os outros mostravam-mo tanto que eu tinha sempre a sensação dolorosa do meu embaraço, rudeza e estupidez.

Compreendia que os incomodava tanto quanto eles me incomodavam. Se entrava num quarto em que estavam a conversar e se a minha mãe parecia contente, logo a inquietação lhe passava pelo rosto, como uma nuvem. Se o senhor Murdstone se achava de bom humor, eu anulava imediatamente essa boa disposição. Tinha a percepção suficiente para saber que a minha mãe era sempre a vítima; ela receava falar-me ou ser agradável comigo, com medo de os magoar e de ouvir em seguida uma sarabanda; vivia no temor constante não só de os ofender mas de os ver ofendidos só com a minha presença. De maneira que tomei a decisão de me conservar o mais possível de parte. Quantas vezes ouvi,

sozinho, o relógio da igreja soar as horas de Inverno, sentado no meu quarto triste, embrulhado no meu sobretudo e debruçado sobre um livro.

À noite, eu muitas vezes ia à cozinha e aí me sentava com Peggotty. Sentia-me à vontade, mesmo sem aquele medo instintivo de mim mesmo. Os outros, porém, não gostavam disto. Consideravam-me ainda necessário à reeducação da minha pobre mãe, para quem eu constituía uma provação que eles não podiam dispensar.

- David - disse uma vez o senhor Murdstone, depois do jantar, quando me preparava, como de costume, para me retirar. - Desgosta-me ver que continuas taciturno.

- Como um urso! - acrescentou a irmã. Fiquei parado e baixei a cabeça.

- Pois, David - insistiu ele -, um temperamento desses é o pior que pode haver. Jane atalhou:

- Este rapaz é o mais obstinado de quantos tenho visto. Querida Clara, não lhe parece?

- Desculpe - retorquiu a mãe. - Estou certa de que me perdoará. Mas acha que compreende o David?

- Envergonhar-me-ia de mim mesma, Clara, se não compreendesse o rapaz, este ou outro qualquer. Não pretendo ser profunda, no entanto não me falta bom senso.

- Sem dúvida, querida Jane - replicou a mãe. - Sei que é uma pessoa enérgica...

- Não se trata disso, por amor de Deus!-acudiu a outra, melindrada.

- É, sim, e todos o sabem. Estou plenamente convencida...

- Admitamos, Clara, que eu não compreendo o David - disse a senhora Murdstone, compondo os grilhões da pulseira. - Admitamos que não o compreendo inteiramente. É muito complicado para mim. Mas talvez a perspicácia de meu irmão nos ajude a entender o carácter do rapaz. E creio que ele dizia qualquer coisa a este respeito quando nós o interrompemos, aliás de uma forma pouco delicada.

- Suponho, Clara - começou o marido, em voz baixa e com ar grave - que pode haver, neste assunto, juízes menos apaixonados e melhores do que tu.

- Edward - redarguiu timidamente a mulher - és sempre melhor juiz do que eu, em todas as questões. Tu, e igualmente a Jane. Eu apenas dizia que...

- Dizias apenas uma coisa que demonstrava a tua fraqueza e inconsideração. Faze o possível de não insistir e domina-te.

Os lábios da minha mãe moveram-se, mas, em voz alta, só proferiu isto:

- Sim, querido Edward...

O senhor Murdstone virou-se para mim e, com semblante sério, repetiu:

- Eu tinha observado, David, o meu desagrado por ver que tinhas esse feitio macambúzio. É uma coisa que não posso deixar desenvolver-se sob as minhas vistas, sem a devida correcção. Tens de te esforçar por te corrigir. E a nós compete diligenciar nesse sentido.

- Desculpe - balbuciei. - O meu desejo não era esse, desde que voltei.

- Não te refugies na mentira - replicou tão enfurecido que a minha mãe estendeu involuntariamente a mão para se interpor. - Escondes-te no teu quarto, por teimosia, em vez de vires para junto de nós. Fica sabendo, de uma vez para sempre, que te quero aqui. Exijo também que sejas obediente. Conheces-me, David. Esta è a minha vontade.

A senhora Murdstone emitiu um riso rouco, meio sufocado, que denunciava a sua satisfação.

- Quero prontidão respeitosa para comigo, a tua mãe e a minha irmã. Não suporto que uma criança, por seu mero prazer, evite esta sala como se estivesse infectada. Senta-te.

Deu-me esta ordem como se faz a um cão, e, como um cão, obedeci.

- Mais uma coisa - ajuntou ele. - Reparo que tens prazer em companhias baixas, vulgares. Não deves acamaradar com os criados. A cozinha não te melhora nos aspectos em que precisas de aperfeiçoamento. Da mulher que te incita não direi nada, visto que tu, Clara - e dirigiu-se à minha mãe, baixando a voz - tens a fraqueza de a escutar, devido decerto a velhas recordações e certas fantasias de há muito toleradas.

- Ilusão inexplicável!-comentou Jane Murdstone.

- Quero dizer - continuou ele, dirigindo-se a mim - que não concordo com o teu gosto pela companhia da senhora Peggotty e que tens de renunciar a ela. Agora, David, que me ouviste sabes quais podem ser as consequências de não me obedeceres à letra.

Eu sabia bem quais eram, mais do que o próprio suporia, e portando obedeci. Nunca mais me isolei no meu quarto, nem me refugiei junto de

Peggotty. Dias após dias, fiquei melancolicamente na saleta, esperando pela hora de me ir deitar.

Que penoso constrangimento não experimentei, ali na mesma posição durante tanto tempo, sem me atrever a erguer um braço ou estender uma perna, com medo de que Jane Murdstone não se queixasse da minha agitação (como fazia ao menor pretexto!). Nem sequer dirigia a vista para esse lado, porque podia encontrar aqueles olhos hostis e perscrutantes que até nos meus achariam motivo de censura. Que aborrecimento intolerável, esse de ouvir o tiquetaque do relógio ou ver a senhora Murdstone enfiar contas de aço luzidias. Pensava então se essa mulher jamais se casaria e qual devia ser a sorte do marido infortunado que a recebesse, e contava, para me distrair, os torneados do fogão ou admirava o tecto e os desenhos do papel da parede.

Quantos passeios dei, sozinho, pelos caminhos enlameados, sob o Inverno rigoroso, levando comigo a pesada recordação da saleta com os irmãos Murdstones, carga monstruosa que era obrigado a suportar, pesadelo diurno impossível de banir do pensamento, que me esmagava a inteligência e a embotava!

Quantas refeições tomei em silêncio, constrangido, sentindo sempre que havia uma faca e um garfo a mais, os meus; um apetite a mais, o meu; um prato e uma cadeira a mais, esses de que me servia; e, enfim, alguém a mais, que era eu mesmo!

Quantas noites passei, quando traziam as velas e eu devia entreter-me comigo só, sem me atrever a abrir um livro, a não ser o compêndio de Aritmética, sobre o qual suava, tão vazio ele era de interesse humano! As tabelas dos Pesos e Medidas, de súcia com hinos patrióticos e canções, recusavam-se a ser decoradas, entravam-se por um ouvido e saíam-me por outro.

Quantos bocejos, quanto cabecear de sono, apesar dos meus esforços para me manter direito! Às vezes despertava sobressaltado; e, se fazia qualquer pergunta, ninguém se dignava responder. Eu não era ninguém, só servia para incomodar os outros. E que alívio quando Jane Murdstone, à primeira badalada das nove horas, me dava ordem de recolher à cama!

Assim se arrastaram os dias, até que chegou certa manhã em que a minha inimiga-, passando-me a última xícara de chá, declarou: «Acabaram-se as férias!»

Não me importava partir. Encontrava-me em tal estado de embrutecimento que o meu desejo era reencontrar Steerforth, se bem que por trás dele aparecesse

a sombra de Creakle. Mais uma vez apareceu ao portão o carroceiro Barkis e mais uma vez a senhora Murdstone avisou minha mãe com um «Clara!» enérgico quando ela se inclinou para me dar o beijo de despedida.

Beijei-a também, assim como o meu irmãozinho, e então senti-me triste, não, porém, de me ir embora, pois entre nós cavara-se um abismo e a separação já existia. O seu adeus, embora caloroso, não está tão presente na minha memória como o que se seguiu.

Achava-me na carroça quando a ouvi pronunciar o meu nome. Voltei-me e vi-a à porta, com o pequenito nos braços, erguendo-o para que eu o contemplasse. O tempo ainda se mantinha frio, mas sem vento. Nem um cabelo, nem uma dobra do seu vestido se moveu enquanto ela ali ficou olhando-me intensamente e segurando sempre a criança à altura da cabeça.

Foi assim que a perdi. Foi assim que a evoquei mais tarde, no Internato - uma presença silenciosa junto da minha cama -, olhando-me com o mesmo olhar fixo e o bebé erguido nos braços.

IX. PASSO UM ANIVERSÁRIO MEMORÁVEL

Não falarei dos acontecimentos que se produziram no colégio até ao dia do meu aniversário, que é no mês de Março. Nada recordo, aliás, senão que Steerforth continuava a merecer a minha maior admiração; devia partir no fim do período lectivo, quando muito, e andava mais animado e independente do que nunca, portanto mais simpático ainda aos meus olhos. É tudo quanto me lembra. O que distingue, para mim, aquela época é de tal importância que absorve todos os outros factos e os dissipa por completo.

Custa-me a crer que passaram dois meses inteiros entre o regresso ao Internato de Salem e o advento do dia dos meus anos. Aceito, porém, que assim foi, porque não podia ter deixado de ser. De outra maneira acreditaria que o fim das férias e o meu natalício se seguiram sem interrupção.

Jamais me esquecerei do tempo que fazia nessa altura. Havia nevoeiro, através do qual via as coisas espectralmente. Sentia os cabelos colarem-se, húmidos, às faces. À minha frente estendia-se a aula, com uma ou outra vela acesa para nos iluminar na manhã brumosa. O hálito dos rapazes transformava-se em vapor, que subia no ar quando eles respiravam. E quantos sopravam nos dedos, para atenuar o frio, ou batiam com os pés no soalho!

Era depois do primeiro almoço. Acabávamos de voltar do recreio quando chegou o senhor Sharp e me disse:

- David Copperfield, vai à sala!

Esperava um cabaz de Peggotty e esta ordem encheu-me de regozijo. Alguns colegas pediram-me que os contemplasse na distribuição do conteúdo do cesto, quando me levantei para sair, impando de satisfação.

- Não tenhas pressa, David - recordou-me o professor. - Há tempo de sobra, meu rapaz.

Surpreender-me-ia o tom compassivo com que se exprimia se eu lhe tivesse prestado atenção. Mas só mais tarde pensei nisso. Desci precipitadamente e fui aos aposentos do senhor Creakle. Este encontrava-se à mesa, almoçando, com a bengala e um jornal à sua frente, na mesa, e segurava na mão uma carta aberta. Quanto ao cabaz, nem sombras dele.

- David Copperfield - disse a senhora Creakle, conduzindo-me a um sofá. Sentou-se e convidou-me a sentar-me a seu lado. - Preciso de falar contigo. Há uma coisa que é necessário dizer-te.

O marido, para quem naturalmente olhei, abanou a cabeça, sem erguer os olhos para mim, e sufocou um suspiro levando à boca uma enorme fatia de pão com manteiga.

- És muito novo - continuou a senhora Creakle - para saber que o mundo se modifica de hora a hora e que os que o habitam acabam por desaparecer. No entanto, todos nós temos de estar prevenidos. A alguns, acontece isso quando ainda são novos, outros quando já são velhos, e a muitos em qualquer altura da sua existência.

Observei-a inquieto.

- Quando voltaste para aqui, depois das férias - acrescentou ela, após um silêncio - estavam todos bem na tua casa? - Fez mais outra pausa e inquiriu: - A tua mamã achava-se de perfeita saúde?

Tremi, sem saber porquê, e continuei a observá-la intensamente, sem sequer tentar responder.

- É porque - prosseguiu a senhora Creakle - tive esta manhã a triste notícia de que estava muito doente.

Entre mim e a mulher do director levantou-se uma névoa, na qual, por instantes, ela pareceu afastar-se. Então senti correrem-me pelas faces lágrimas ardentes, e a sua figura tornou a surgir à minha frente.

- Está mesmo muito doente - insistiu a senhora Creakle. Compreendi tudo.

- Morreu - concluiu a minha informadora.

Não precisava dizer-mo. Eu já principiara a chorar. Era órfão, sentia-me só no mundo.

A senhora Creakle procedeu com muita bondade. Deixou-me ali ficar todo o dia, e raras vezes desacompanhado. Continuei chorando, adormeci de cansaço e, ao acordar, tornei a verter lágrimas. Quando elas se me esgotaram, comecei a reflectir, e então a opressão que tinha no peito foi ainda mais forte. Nada poderia aliviar a minha dor.

Contudo os pensamentos eram vagos; não incidiam sobre a calamidade que me avassalara, mas erravam à volta dela. Pensei na nossa casa fechada e silenciosa; pensei no bebé que (segundo me dissera a senhora Creakle) se

consumia há já algum tempo e que esperavam viesse a morrer também; pensei na cova de meu pai, no cemitério próximo da residência, e evoquei a minha mãe ali sepultada, sob a árvore que eu conhecia tão bem. Ao ficar só, subi para uma cadeira e vi-me no espelho: tinha os olhos avermelhados, uma sombra de tristeza em todo o rosto. Passadas que foram umas horas, e como as lágrimas já não corriam com facilidade, considerei no que mais me haveria de afectar, quando me aproximasse da casa - visto que me haviam convocado para o enterro. Experimentava uma impressão de dignidade ligada ao desgosto, o que me faria sobressair entre os meus camaradas e me dava certa importância.

Se jamais uma criança sofreu mágoa sincera, esse caso foi o meu. Contudo recordo-me de que aquela sensação de importância me trouxe alguma satisfação quando atravessei o pátio enquanto Os outros alunos estavam nas lições. E ao vê-los observarem-me das janelas, nessa tarde, no momento em que se dirigiam para as aulas, achei-me diferente, tomei um ar mais melancólico e andei com passo mais lento. Terminados os trabalhos escolares, eles vieram falar-me e eu, no íntimo, considerei quanto fora bondoso em não afectar orgulho e os tratar exactamente como antes.

Devia partir no dia seguinte, à noite, não pela mala-posta mas numa pesada carruagem que só fazia viagens nocturnas e era utilizada em especial pela gente do campo, que se deslocava para distâncias curtas. Nessa noite não contei histórias, e Traddles insistiu em me emprestar o seu travesseiro: não sei que vantagem supunha que isso me trazia, pois que eu tinha o meu; era, porém, tudo o que ele, coitado, podia dispor, além de uma folha de papel de carta coberta de desenhos de esqueletos. E isto mesmo me ofereceu quando nos despedimos, para me suavizar a dor e contribuir para o restabelecimento da paz da minha alma.

No dia seguinte, à tarde, deixei o Internato de Salem, e não tive dúvidas de que jamais lá voltaria. A viagem decorreu lentamente, a noite inteira; só chegámos a Yarmouth pelas nove ou dez horas da manhã. Procurei o senhor Barkis, e não o vi; no seu lugar estava um homem gordo, asmático, já velho, mas de aspecto jovial. Vestia de preto, tinha meias da mesma cor e fitas esgarçadas a apertarem-lhe os calções nos joelhos. Na cabeça, um chapéu de abas largas. Chegou-se ofegante à portinhola da carruagem e perguntou:

- É o menino Copperfield?

- Eu mesmo.

- Faça favor de vir comigo. Eu é que terei o prazer de o levar a casa.

Estendi-lhe a mão, pensando quem seria aquele homem, e fomos a uma loja

que ficava numa rua estreita e sobre a qual se via um letreiro com estes dizeres: OMER. NEGOCIANTE DE PANOS. ALFAIATE. CAPELISTA. TRAJES DE LUTO. Era um estabelecimento acanhado, onde se sufocava, cheio de fatos de toda a espécie, uns feitos, outros por acabar. Havia uma montra repleta de chapéus de feltro e toucas de senhora. Penetrámos num quarto contíguo onde trabalhavam três raparigas numa porção de tecidos pretos amontoados na mesa; pelo chão viam-se bocadinhos de fazenda e retalhos. O fogão estava aceso. No ar errava o cheiro sufocante de crepes mornos; nessa altura eu não sabia o que era, mas sei-o agora.

As três raparigas, que pareciam muito activas e satisfeitas, ergueram a cabeça para mim e retomaram logo o trabalho. Cosiam, cosiam, cosiam... Ao mesmo tempo ouviu-se, duma oficina situada no pátio para onde dava a janela da loja, um som martelado e uniforme, rat... tat... tat... rat... tat... tat... tat...

O meu companheiro perguntou a uma das operárias:

- Isso vai adiantado, Minnie?

- Estamos a aprontar para a prova. Não tenha receio, pai. O senhor Omer tirou o chapéu e sentou-se, arquejante. Só daí a pouco conseguiu replicar:

- Muito bem.

--Pai!-observou Minnie - já me parece um porco-marinho!

- Não sei como isto acontece - redarguiu o homem. - Eu sou assim.

- Não coma tanto. Isso faz-lhe mal.

- De que serve privar-me? - murmurou o senhor Omer.

- De nada, realmente - concordou a filha. - Aqui, graças a Deus, fazemos pelo melhor.

- Espero que sim. Agora que já descansei um pouco, vai-se tomar as medidas deste menino. Quer passar à loja? - acrescentou, falando comigo.

Obedeci e passei à sua frente. Depois de me haver mostrado uma fazenda que, segundo a sua expressão, era de qualidade extra, e conveniente para luto de pai ou mãe, tomou-me as medidas, que apontou num livro. Entretanto chamava-me a atenção para o que tinha armazenado, certas novidades «acabadas de chegar».

- Desta maneira é que perdemos dinheiro - disse ele. - Mas as modas são como as pessoas. Aparecem, não se sabe quando, nem porquê, nem como, e depois vão, também não se sabe quando, nem porquê, nem como. Neste aspecto

são como a vida, em minha opinião.

Eu estava muito acabrunhado para discutir este assunto, o qual, de qualquer modo, ultrapassaria as minhas possibilidades; e o senhor Omer conduziu-me outra vez ao anexo, respirando de caminho com grande dificuldade.

Abriu então uma porta que dava para uma escada íngreme e gritou: «Tragam o chá e o pão com manteiga.» Ao fim de certo tempo, que aproveitei para reflectir, escutando o rumor das agulhas no compartimento e o som martelado que vinha do pátio, apareceu o tabuleiro do chá, que verifiquei ser-me precisamente destinado.

- Conheço-o - declarou o senhor Omer, depois de me ter examinado um momento, sem que eu (como o luto me tirara o apetite) fizesse muita honra àquele almoço. - Conheço-o há bastante tempo, meu amiguinho.

- Ah, sim?

- Desde que nasceu. Bem posso dizer que mesmo antes. Conheci o seu pai: media cinco pés e nove polegadas e meia, e a sua cova ocupa uma área de vinte e cinco pés...

Rat-tat-tat... Rat-tat-tat...

- Jaz numa cova de vinte e cinco pés - repetiu em tom amável. Não me lembro se foi por sua vontade ou a pedido de outrem.

- Sabe como passa o meu irmãozinho? - perguntei.

O senhor Omer sacudiu a cabeça. Rat-tat-tat... Rat-tat-tat...

- Está nos braços da mãe - replicou.

- Coitado! Morreu, o pobre pequeno?

- Não se amofine mais do que é justo. Sim, menino, o miúdo morreu.

Ao ouvir esta notícia reabriram-se as feridas da alma. Abandonei o almoço, que mal encetara, e fui para outro canto da sala, apoiar a cabeça a outra mesa, que Minnie limpou a toda a pressa com medo de que as minhas lágrimas pusessem nódoas nos vestidos de luto que aí estavam. Era boa rapariga, e nada feia. Afastou-me suavemente o cabelo, que me caía nos olhos; mas o facto de haver terminado a tempo a sua tarefa tornava-a alegre, ao passo que os meus pensamentos eram tristes.

Depressa acabou a toada dos martelos. Um rapaz de boa aparência atravessou o pátio e entrou no quarto. Trazia um martelo na mão, e a boca tão cheia de pregos que foi preciso tirá-los para poder falar.

- Então, Joram - disse o senhor Omer - como vai a coisa?

- Está pronta - respondeu Joram.

Minnie corou de leve e as duas outras raparigas entreolharam-se e sorriram.

- Quer dizer que trabalhou aqui à luz da vela, ontem à noite, enquanto eu estava na assembleia?

- Sim, senhor. Como prometeu que daríamos um passeio, concluído que fosse o trabalho, eu, a Minnie... e o senhor...

- Ah, julguei que me iam pôr de lado - retorquiu Omer, levantando-se. Houve uma pausa; voltando-se para mim, acrescentou:- Gostaria de ver o...?

- Não, pai - acudiu Minnie.

- Pensei que isso talvez lhe fosse agradável, meu amigo - disse Omer. - Mas é possível que tenha razão.

Não sei explicar como percebi que se tratava de ver o caixão da minha querida mãe. Nunca ouvira esse ruído, mas adivinhara o que era. E, quando o rapaz entrou, tive a certeza de que o trabalho estava concluído.

"Elas, por sua vez, deram por terminada a sua tarefa; as duas raparigas, cujos nomes eu ignorava, sacudiram as linhas e retalhos que tinham no fato e foram à loja pôr-se em ordem e atender clientes. Minnie ficou a dobrar a costura e a guardá-la em dois cabazes; achava-se de joelhos e cantarolava uma ária alegre. Joram, evidentemente seu namorado, chegou-se a ela e furtou-lhe um beijo enquanto a pequena estava assim ocupada, e sem se preocupar com a minha presença; disse-lhe que o pai fora buscar a carruagem e que devia preparar-se a toda a pressa. Em seguida saiu. Então ela meteu o dedal e a tesoura na algibeira, enfiou cuidadosamente no corpete uma agulha com linha preta, e ajustou galantemente a capa e o chapéu, mirando-se num espelhinho colocado atrás da porta, no qual eu via reflectir-se-lhe o rosto satisfeito.

Eu observava tudo isto do canto da mesa, perto da qual me sentara com a cabeça apoiada à mão e pensando em coisas muito diferentes. A carruagem não tardou a chegar defronte do estabelecimento. Aí puseram em primeiro lugar os cestos, depois eu subi para lá e os outros seguiram-me. Era, tanto quanto me recordo, um veículo do tipo dos de transporte de pianos, pintado de cor escura e tirado por um cavalo preto de cauda comprida. Havia lugar suficiente para todos nós.

Creio nunca ter experimentado na minha vida (hoje talvez tenha mais experiência) um sentimento tão estranho como esse que me tomou ao vê-los ir

tão felizes, de carruagem, após semelhante ocupação. Não que estivesse zangado: mais provavelmente receoso, por me ver perdido no meio de criaturas de natureza completamente diversa da minha. Estavam tão contentes! O velho sentara-se à frente e conduzia o veículo; o par jovem ia atrás e, sempre que ele falava, os dois inclinavam-se para diante, cada qual de um lado daquele rosto bochechudo, com ar de profundo interesse. Desejariam conversar comigo, eu porém mantinha-me triste no meu cantinho, escandalizado com aquelas carícias e alegria, que todavia não eram ruidosas, e admirado que o juízo de Deus os não castigasse pela sua dureza de coração.

Quando pararam para dar de comer ao cavalo, também comeram e beberam e se divertiram, mas eu não consegui tocar em nenhuma das coisas que lhes davam tanto gosto, e assim permaneci em jejum. Pela mesma razão, quando chegámos a casa, deixei-me escorregar da carruagem, pela parte de trás, tão depressa quanto pude, a fim de me não encontrar com eles diante dessas janelas graves que em mim poisavam o seu olhar vazio, como olhos que outrora brilharam e agora se fechavam. Oh, nem valia a pena eu ter pensado no que me faria chorar ao regressar a casa: bastou-me ver a janela do quarto da minha mãe e, em seguida, aquela que, em melhores tempos, fora a minha.

Achei-me nos braços de Peggotty antes mesmo de chegar à porta, e ela é que me levou ao colo para casa. Logo que me viu, desatou a chorar, mas depressa se conteve e começou a andar devagarinho e a cochichar, como se tivesse medo de acordar os mortos. Soube que não se deitara nessa noite: passara-a toda sempre acordada, em vigília; enquanto a pobrezinha (declarou) estivesse ali, ela jamais a abandonaria.

O senhor Murdstone não me ligou importância quando entrei na sala em que ele se encontrava próximo do lume, reflectindo sentado na sua poltrona. A irmã, muito ocupada à secretária, que estava repleta de cartas e papéis, estendeu-me dois dedos frios e perguntou-me em voz baixa, mas enérgica, se me haviam tirado as medidas para o fato de luto. Disse-lhe que sim.

- E as suas camisas, trouxe-as?

- Trouxe, minha senhora, juntamente com a minha roupa toda.

Foi todo o consolo que me dispensou a sua firmeza. Estou certo de que ela sentia grande prazer em mostrar, nessa ocasião, o que chamava o seu domínio, firmeza, força de carácter e todo o género de qualidades desagradáveis. Orgulhava-se da sua inclinação para os negócios e provava-o nessa altura, reduzindo tudo a uma questão de escrituras, sem se comover fosse com o que fosse. Todo o resto do dia, e dias seguintes, de manhã à noite, ficou sempre

sentada à secretária, escrevendo tranquilamente, com uma pena dura e rangente, falando no mesmo tom baixo e imperturbável a qualquer pessoa, sem que um músculo da face se distendesse, sem que o som da voz se dulcificasse por um momento, sem que o vestuário manifestasse o mínimo descuido. O irmão, às vezes, pegava num livro, mas sem nunca o ler, ao que parecia. Abria-o e olhava-o como se lesse, mas permanecia uma hora sem voltar a página; em seguida poisava-o e começava a andar cá e lá na sala. Eu ficava horas inteiras sentado, de braços cruzados, a vê-lo passear e a contar-lhe os passos. Murdstone raramente falava com a irmã, e, comigo, nem uma única vez. Só ele é que se agitava, à parte os relógios, na imobilidade absoluta da casa.

Durante os dias que precederam o enterro, não conversei com Peggotty: apenas a encontrava, ao subir ou descer a escada, perto do quarto em que jazia minha mãe e o filhinho; à noite, ela entrava no meu e sentava-se à cabeceira da minha cama, antes que eu adormecesse. Um dia ou dois antes do enterro (creio que foi assim, embora não tenha a noção exacta do tempo nessa época penosa), ela levou-me ao aposento da defunta. Lembro-me somente de que, debaixo de qualquer coisa branca que cobria o leito, numa atmosfera de deslumbrante limpeza e frescura, eu imaginei ver corporizado o silêncio grave que reinava na casa; e quando quis erguer suavemente o lençol, eu bradei: «não, não, Peggotty!» e sustive-lhe a mão.

O funeral podia ter-se efectuado ontem à noite que eu não me recordaria mais pormenorizadamente: a própria atmosfera da sala, na ocasião em que cheguei à porta, o esplendor do lume no fogão, o vinho que cintilava nas garrafas, a forma dos copos e dos pratos, o perfume adocicado do bolo, o aroma que exalava o vestido da senhora Murdstone e os nossos fatos pretos.

O doutor Chillip encontrava-se presente e falou-me.

--Como vai isso, David?-perguntou amigavelmente.

Não pude dizer-lhe que estivesse muito bem. Dei-lhe a mão e ele reteve-a na sua.

- Meu Deus! - comentou com um sorriso bondoso - como esta gente nova cresce a olhos vistos! Cresce tanto que a deixamos quase de reconhecer. Não é verdade, minha senhora?

Mas a senhora Murdstone não se dignou responder, e o médico, desconcertado, levou-me para um canto e ficou silencioso.

Noto este facto não porque me preocupasse com a minha pessoa mas porque dei fé de tudo quanto se passou desde a minha volta a casa. O sino

começou a tocar e o senhor Omer veio com outro homem para ultimar os preparativos. Naquela mesma sala se formou outrora o cortejo que acompanhou meu pai ao jazigo, conforme a Peggotty me contou.

Além do senhor Murdstone, de mim e do médico, está o nosso vizinho Grayper. Ao alcançarmos a porta da rua, vemos no jardim os homens que hão-de conduzir o féretro. Depois seguem à nossa frente, com a sua carga, ao longo do atalho, entre os ulmeiros, transpõem o portão e entram no cemitério, onde tantas vezes ouvi cantar os pássaros em manhãs de Verão.

Estamos de pé em torno do caixão. Este dia parece-me diferente dos outros; a luz não tem a mesma cor, é mais atenuada. Além disso há um silêncio solene, que nós trouxemos de casa com aquilo que descansa agora em terra. E enquanto ali estamos, oiço a voz do sacerdote, longínqua devido a nos acharmos ao ar livre, mas distinta e clara. Cita ele: «Eu sou a ressurreição e a vida, diz o Senhor.» Em seguida escuto soluços e descubro, um pouco distanciada, a serviçal boa e fiel que eu estimo como a mais ninguém no mundo e a quem tenho a certeza de que Deus dirá um dia: «Muito bem.»

Há muitas caras do meu conhecimento no meio da pequena assistência; caras que eu vi na igreja, de pessoas que foram das relações da minha mãe quando ela chegou à aldeia, em plena mocidade. .Não faço caso delas (só penso no meu desgosto) e contudo vejo-as e reconheço-as a todas; até Minnie, que está lá ao fundo, e lança olhadelas ao seu apaixonado, que se acha perto de mim.

Acabou-se. Deitam terra na cova e nós tomamos o caminho de regresso. A casa ergue-se diante de nós, tão bela e sempre a mesma, tão ligada no meu espírito à recordação infantil de tudo o que já não existe que o meu desgosto de há pouco nada é comparado com o que ela origina neste instante. Todavia conduzem-me. O doutor Chillip fala-me, e, quando chegamos à residência, dá-me um copo de água. Peço-lhe licença para subir ao meu quarto e ele diz-me adeus com uma doçura feminina.

Para mim, repito, tudo isto foi como se acontecesse ontem. Factos mais recentes foram-se arrastados para a margem onde renascerão um dia como todas as coisas esquecidas. Aquilo, porém, permanece como um rochedo imenso no meio do oceano. Eu sabia que a Peggotty viria visitar-me ao quarto. A calma dominical desses momentos (o dia assemelhou-se a um domingo!) coadunava-se bem com a nossa natureza. Ela sentou-se à borda da minha cama, pegou-me na mão e ora a acariciou ora a levou aos lábios, como poderia fazer para consolar o meu irmãozinho, contando-me à sua maneira o que tinha para me dizer acerca dos eventos passados.

«Havia já muito tempo que a sua mamã se não encontrava bem», começou Peggotty. «Tinha o espírito inquieto e não se sentia feliz. Quando a criança veio ao mundo, julguei de começo que a sua mãe melhorava, mas, pelo contrário, foi-se tornando mais delicada, um pouco mais fraca todos os dias. Antes de nascer o seu irmãozinho, ela gostava de estar só, e nessas ocasiões chorava; mas, depois, cantava-lhe tão meigamente que me pareceu uma vez, ao ouvi-la, escutar uma voz celestial que se perdia nas alturas...

«Tornara-se mais tímida, creio eu, e como que mais assustada, nos últimos tempos; uma palavra dura equivalia a uma pancada. Comigo, porém, foi sempre a mesma. Querido menino, a sua mãe nunca mudou para a Peggotty.»

Aqui a minha criada fez uma pausa e, por instantes, afagou a mão que eu lhe estendera.

- A derradeira vez que a vi Igual ao que fora antigamente foi naquela noite em que o menino chegou. No dia em que partiu, disse-me ela: Não tornarei a ver o meu querido filho. Pressinto isto e sei que não me engano.

«Tentou manter-se assim, e muitas vezes mostrava-se alegre, mas era forçado. Nunca disse ao marido o que a mim dissera nesse dia; uma noite, contudo, pouco mais ou menos uma semana antes daquilo, endereçou-lhe estas palavras: Meu amigo, creio que cheguei ao fim.

«- Tenho a alma serena, Peggotty - disse-me ela quando nesse dia a deitei. - Ele há-de habituar-se, a pouco e pouco, a esta ideia, coitado, durante os dias que ainda restam. Depois, acabar-se-á tudo. Estou deveras fatigada. Se é sono, fica junto de mim enquanto durmo; não me abandones. Que Deus abençoe os meus dois filhos! Que Deus proteja e guarde o meu pobre pequeno órfão de pai!

«Desde então não a deixei», continuou Peggotty. «Ela falava-lhes muitas vezes, no andar de baixo. (Amava-os, não podia impedir-se de amar os que a rodeavam.) Mas, quando se iam embora, voltava-se para mim como se não houvesse descanso senão ao lado da Peggotty, e nunca adormecia sozinha.

«Na última noite, beijou-me e disse: - Se o meu pequenino morrer também, peço-te que o ponhas nos meus braços e nos enterrem ambos. - Assim se fez, porque o pobre cordeirinho só lhe sobreviveu um dia. - Que o meu filho querido nos acompanhe ao cemitério, e diz-lhe que a mãe, todo o tempo que esteve aqui deitada, o abençoou não só uma como mil vezes.

A estas palavras seguiu-se novo silêncio. Peggotty tornou a afagar-me.

«A noite ia avançada quando ela me pediu água. Depois de ter bebido, mostrou-me um sorriso resignado.

«Chegou o dia seguinte. O sol nascera. A sua mãe disse-me então quanto o senhor Copperfield havia sido sempre bom e indulgente, afirmando-lhe muitas vezes, quando ela duvidava de si mesma, que um coração terno era mais precioso e mais forte do que toda a sabedoria do mundo e que ela o tornava bastante venturoso. - Peggotty - acrescentou a sua mãe - chega-me a ti (estava muito fraca) e volta-me na tua direcção: a tua cara afasta-se e eu quero tê-la mais perto. - Fiz o que me pedia. Ah, menino Davy, chegara o tempo em que se mostrava certo o que eu lhe dissera aquando da nossa primeira separação. A sua mãe sentiu-se feliz em descansar a cabeça no braço desta tonta da Peggotty e morreu como uma criança que adormece.»

Assim acabou o relato da Peggotty. Desde que eu soube da morte da minha mãe, desapareceu-me da memória a lembrança do que ela fora recentemente. Evocava-a, daí por diante, como a mãe juvenil das minhas primeiras impressões de criança, aquela que enrolava os seus anéis de cabelo em torno dos dedos e que dançava comigo ao crepúsculo, na sala. A narração da Peggotty, em vez de me recordar os últimos tempos da sua vida, enraizou-me no espírito a primeira imagem. É decerto estranho, mas verdadeiro. Pela morte, recuperara, de golpe, a calma e a mocidade; o resto estava cancelado.

A mãe que jazia no túmulo era a mãe da minha primeira infância. A criaturinha que ela guardava nos braços era como se fosse eu próprio, tal como fora outrora, e para sempre silencioso no seu seio.

X. FICO ABANDONADO, MAS A PROVIDÊNCIA SOCORRE-ME

O primeiro assunto de que tratou a senhora Murdstone, depois do dia da cerimónia fúnebre, quando a luz entrou livremente pelas janelas da casa, foi despedir a Peggotty, prevenindo-a com um mês de antecipação. Embora a rapariga tivesse pouca vontade de continuar ao serviço, creio que ela teria ficado por amizade para comigo, de preferência a aceitar o melhor lugar do mundo. Explicou-me então que nos teríamos de separar e ambos nos apoquentámos com essa perspectiva.

Quanto a mim e ao meu futuro, nem uma palavra me disseram. Quanto gostariam eles de me mandar também embora, avisando-me trinta dias antes, como fizeram à criada! Um dia reuni toda a minha coragem e perguntei à senhora Murdstone quando voltava para o internato; respondeu-me secamente ser de opinião de que eu não voltava a Salem. Não apurei mais nada. Sentia-me preocupado com o que fariam de mim, e Peggotty não o estava menos, mas nem ela nem eu obtivemos qualquer esclarecimento a este respeito.

Produzira-se na minha situação certa mudança que, se bem me descarregasse de um grande peso na actualidade, teria podido, se eu fosse capaz de reflectir nisso atentamente, inquietar-me ainda mais quanto ao futuro. Eis o facto. As obrigações que me haviam imposto quase tinham cessado de todo. Nem exigiam que me conservasse no meu triste posto da sala; e até a senhora Murdstone, com expressão carrancuda, me fazia sinal para que me afastasse, quando me ia sentar. Deixavam-me ir, sempre que quisesse, para o lado de Peggotty, e nem sequer me perguntavam para onde me dirigia. De começo, tremia todos os dias pensando se o senhor Murdstone iria tomar conta da minha educação, ou que a ela se consagrasse a sua irmã. Mas depressa compreendi que esses temores eram infundados e que o mais que podia recear era que me deixassem ao abandono.

Julgo que esta descoberta me não impressionou muito nessa ocasião. Eu andava ainda atordoado com o desgosto da morte da minha mãe, e como que insensível a todas as considerações secundárias. Lembro-me de que meditei, nesses momentos, no caso, e conclui ser possível que eu não aprendesse mais e que ninguém se ocupasse de mim; que me transformasse num pobre diabo melancólico, votado a uma vida de ociosidade na aldeia. Como poderia escapar a

esse destino? Partindo para longe, como um herói de romance, a fim de procurar fortuna algures? Isto, porém, eram só visões passageiras, sonhos de acordado, que se desenhavam ou inscreviam vagamente nas paredes do meu quarto e, dissipando-se, só deixavam a nudez da cal.

- Peggotty - disse-lhe um dia, em tom pensativo e em voz baixa, quando aquecia as mãos à lareira da cozinha. - Peggotty, o senhor Murdstone ainda gosta menos de mim do que antigamente. Se pudesse deixar de me ver, ficaria satisfeitíssimo.

- Deve ser do desgosto - volveu a criada, afagando-me o cabelo.

- Eu também sinto esse desgosto, Peggotty. Se acreditasse que era só isso, não me importava. Mas não é, é outra coisa.

- Como o sabe, menino? - inquiriu ela, após um silêncio.

- O desgosto dele é outro, muito diferente. Está triste neste momento, sentado ao pé do lume, com a irmã. Mas se eu entrasse, ele sentiria logo outra coisa.

- O quê?

- Cólera - respondi, imitando involuntariamente o seu torvo carregar de cenho. - Se estivesse apenas triste, não me olharia como olha. Eu só tenho tristeza, e creio que isso me torna mais amável.

Peggotty ficou um momento calada, e eu, também silencioso, entretive-me a aquecer as mãos.

- Menino Davy - disse ela por fim.

- Que é, Peggotty?

- Tentei, por todas as formas possíveis e impossíveis, encontrar aqui em Blunderstone um lugar que me conviesse; mas é coisa que não existe, meu querido.

- E que tencionas fazer, Peggotty? - indaguei preocupado. - Aonde vais tentar a fortuna?

- Suponho que serei obrigada a viver em Yarmouth - respondeu ela.

- Se fosses um pouco mais longe, a verdade é que te perderia para sempre - observei, animando-me um tanto. - Mas, aí, ver-te-ei uma vez por outra. Não estarás no fim do mundo, parece-me...

- Pelo contrário, e graças a Deus! - exclamou Peggotty, entusiasmada. -

Enquanto o menino estiver aqui, não se passará uma semana sem que eu venha visitá-lo.

Esta promessa desanuviou-me o espírito. Mas ainda havia mais, pois a rapariga continuou:

- Olhe, menino Davy, eu vou passar, primeiramente, uns quinze dias com o meu irmão, o tempo necessário para assentar na minha vida futura e descansar um bocadinho. E como não precisam de si neste momento, pensei que talvez deixassem que me acompanhasse a Yarmouth.

A parte o meu desejo de estar de bem com as pessoas que me rodeavam, este projecto era a coisa que mais me poderia despertar um sentimento de prazer naquela ocasião. A ideia de voltar a ter à minha roda aqueles rostos francos, iluminados por um sorriso de bom acolhimento, de reencontrar a calma e a doçura das manhãs de domingo, em que os sinos tocam, de tornar a ver os navios emergindo vagamente da bruma e de vaguear com a Emily em procura de conchinhas na praia - estas imagens tranquilizavam-me o coração. Mas cedo me assaltaram dúvidas quanto à realização do plano. A senhora Murdstone consentiria nele? Todavia esta inquietação não tardou em abrandar: Peggotty, com uma ousadia que me espantou, fez imediatamente a proposta, quando a irmã do meu padrasto irrompeu na cozinha para a sua ronda nocturna.

- David não fará nada de bom nessa terra - disse a senhora Murdstone, examinando um frasco de conservas. - Mas também, aqui, não será melhor, e a preguiça é a mãe de todos os vícios.

Peggotty ia já replicar, mas conteve-se por amor do seu menino e ficou muda.

- Hum! - continuou a solteirona, sempre ocupada com a inspecção. - O que mais importa é que o senhor Murdstone não seja incomodado. Parece-me que o mais acertado é autorizar essa ida.

Agradeci-lhe, sem manifestar muita alegria, com medo que isso a levasse a retirar o consentimento. Não me coibi de pensar que esta atitude era prudente, tanto mais que a vi olhar-me por cima do bocal do frasco com tanta acidez como se os olhos dela tivessem absorvido todo o vinagre da conserva. Fosse como fosse, a permissão estava dada, e manteve-se. Terminado que foi o prazo de um mês, preparámo-nos ambos para partir, eu e Peggotty.

Barkis entrou para vir buscar as malas da criada. Jamais o vira transpor os umbrais da casa. Ao colocar aos ombros o baú de Peggotty, lançou-me um olhar que tinha certo significado, se é que o rosto de Barkis alguma vez exprimiu

qualquer coisa.

Naturalmente que a rapariga estava triste com a Ideia de deixar uma residência que fora sua durante tantos anos e onde formara as duas afeições mais sólidas da sua existência: a que me votava e a que dedicara à minha mãe. Nessa manhã ela havia ido ao cemitério. Quando tomou assento na carroça, levou o lenço aos olhos para os enxugar.

Enquanto a viu nessa posição, o carroceiro não deu o menor sinal de vida; estava no mesmo lugar e na mesma atitude do costume, como um boneco empalhado. Mas quando Peggotty começou a olhar ao redor e a falar comigo, ele meneou a cabeça e fez uma carantonha que queria dizer um sorriso. A quem o dirigia, e porquê? Não faço a mínima ideia.

- Lindo dia, senhor Barkis! - disse eu, por delicadeza.

- Não está mau - confirmou o homem, que em geral era muito reservado e não se comprometia com facilidade.

- Actualmente a Peggotty goza de perfeita saúde - acrescentei, a fim de lhe dar prazer.

- Ah, sim? - volveu Barkis. Reflectiu uns segundos, deitou-lhe uma olhadela e inquiriu: - Está confortável, na verdade?

Peggotty largou a rir e respondeu afirmativamente.

- Tem a certeza? - insistiu ele, deslizando no banco para lhe dar uma cotovelada. - Tem a certeza? Hem?

E, a cada pergunta, Barkis aproximava-se mais e movia o cotovelo, de tal modo que, por fim, estávamos acurralados a um canto e eu tão apertado que me sentia desfalecer.

Como a criada lhe chamasse a atenção para o meu constrangimento, Barkis deixou-me logo um pouco de espaço e foi-se afastando gradualmente. Mas não pude impedir-me de considerar que ele descobrira um meio excelente de exprimir os seus sentimentos, um processo original e pitoresco, que o dispensava de fazer as despesas da conversa. Por algum tempo ainda soltou risadinhas de satisfação, até que, virando-se outra vez para Peggotty, repetiu: «Com que então sente-se confortável!», e tornou a apertar-se contra nós, ao ponto de quase me tolher a respiração. Serviu-se mais vezes dessa manobra, fazendo sempre a mesma pergunta e com idêntico resultado. Acabei por me levantar, quando o via abeirar-se de nós, e invoquei o pretexto da paisagem; assim achei-me mais à vontade.

Barkis teve a amabilidade de parar a carroça diante de uma estalagem, para nos oferecer cerveja e carneiro assado. Enquanto Peggotty bebia, o homem foi tomado de novo desejo de contacto e esteve prestes a sufocá-la. Mas, ao retomarmos a jornada, várias circunstâncias se opuseram a que ele prosseguisse nas suas galantarias: o pavimento da estrada estava em tais condições que não nos deixou tempo para pensarmos noutra coisa.

O senhor Peggotty e o sobrinho Ham esperavam-nos no lugar do costume. Receberam-me, e à minha criada, da maneira mais afectuosa, e apertaram a mão de Barkis (que, de chapéu desabado para a nuca e de ar distraído, sorria com um embaraço que me pareceu comunicar-se-lhe também às pernas). O senhor Peggotty e o Ham pegaram cada qual numa das malas da irmã e da tia e nessa ocasião o carroceiro fez-me sinal para que me aproximasse dele.

- Escute, menino. A coisa caminha bem!

Olhei-o no rosto e repliquei com um acento que procurei tornar profundo:

- Ah!

- Não foi só aquilo - ajuntou ele em tom confidencial. - A coisa caminha bem!

- Ah! - repeti.

- Sabe quem «suspirava», hem? Fiz com a cabeça um sinal afirmativo.

- Pois caminha muito bem - rematou Barkis, apertando a minha mão. - Sou seu amigo. Graças a si, a coisa caminhou muito bem. E vai de bem a melhor.

Quando queria exprimir-se com clareza, Barkis era tão enigmático que eu poderia contemplá-lo durante uma hora sem que a sua expressão me esclarecesse mais do que o mostrador de um relógio parado. Mas Peggotty chamava por mim, e, de caminho, perguntou-me o que é que ele dissera. Informei-a de que a sua frase predilecta fora: «a coisa vai muito bem».

- Não me admira, vindo desse descarado - comentou ela. - Mas não importa. Menino Davy, que diria se a sua Peggotty pensasse em casar-se?

- Ora... suponho que gostarias de mim como tens gostado sempre - respondi após um momento de reflexão.

Com grande pasmo dos transeuntes e dos membros da família, que nos acompanhavam, a corajosa rapariga não resistiu a beijar-me ali mesmo, protestando a sua afeição inalterável.

--Então, menino, que diria a uma coisa dessas?

- Se pensasse em casar... com o senhor Barkis?

- Nem mais nem menos.

- Acho excelente ideia, pois nesse caso terias à disposição cavalo e carroça para ires visitar-me...

- Ah, que este menino possui bom senso! - murmurou ela. - É nisso mesmo que eu penso há um mês. É nisso mesmo que eu penso há um mês. É verdade, creio que seria a minha independência, sem contar que trabalharia de melhor vontade, em minha casa, do que na casa alheia. Sei lá para que prestaria agora, se servisse em casa dos outros! Demais a mais ficaria perto do sítio em que repousa a minha defunta querida - acrescentou Peggotty com ar sonhador - e podia lá ir de vez em quando. E, ao vir a minha vez, talvez ficasse enterrada não muito longe dela.

Durante algum tempo não dissemos nada.

- Mas não pensarei mais nisso se a ideia o contraria, menino Davy. Nem que leiam os banhos cem vezes na igreja, eu num caso desses não tomaria marido!

- Olha bem para mim, Peggotty, e vê se não estou contente, se não desejo isso com tanta vontade!

Com efeito, desejava-o de todo o meu coração.

- Pois bem, menino - retorquiu ela, apertando-me nos braços. - Tenho pensado maduramente no assunto. Mas tornarei a pensar e falarei ao meu irmão. Entretanto fica o segredo entre nós. Barkis é homem sério, pessoa simples, e eu espero cumprir os meus deveres de esposa. Veremos se a coisa caminha bem...

Esta citação, tirada dos discursos de Barkis, divertiu-nos tanto que começámos a rir. íamos pois de excelente humor quando chegámos à vista da residência do senhor Peggotty, a qual não mudara muito, salvo que me pareceu mais pequena.

A senhora Gummidge esperava-nos à porta, como se não houvesse saído dali desde a última vez. Tudo no interior estava na mesma, até o vaso azul do meu quarto, guarnecido de plantas marinhas. Fui dar uma volta pelo alpendre, onde as mesmas lagostas, lagostins e caranguejos, possuídas do mesmo desejo de se agarrarem a tudo, pareciam sempre aglomeradas no mesmo canto.

Quanto, porém, à Emily - nada. Por isso perguntei ao senhor Peggotty onde se encontrava a pequena.

- Está na escola - informou ele, limpando o suor da testa, que o esforço de carregar a mala da irmã lhe produzia. - Dentro de vinte ninutos estará de volta - ajuntou, consultando o relógio. - Sentimos a sua falta, durante este tempo.

A senhora Gummidge gemeu.

- Anime-se, mulher! - disse o senhor Peggotty.

- Sofro com isso mais do que ninguém. Sou uma pobre criatura só no mundo, e ela é a única pessoa que tem paciência de me aturar.

A senhora Gummidge, sempre a gemer e a abanar a cabeça, foi activar o lume, e o senhor Peggotty circunvagou por nós a vista e murmurou: «o velho», do que eu conclui que o humor da sua hóspeda não melhorara desde a minha última visita.

A casa achava-se - ou pelo menos devia achar-se - tão agradável como outrora. Contudo não me produziu a mesma impressão. Sentia-me um pouco descoroçoado. Talvez fosse devido à ausência de Emily. Sabia por que caminho ela vinha e não tardei a sair ao seu encontro, tomando pelo atalho.

Passado pouco tempo apareceu ao longe um vulto, e eu reconheci Emily, sempre pequenina de estatura, se bem que tivesse crescido alguma coisa. Mas, quando se aproximou e eu lhe vi os olhos mais azuis do que nunca, o rosto cheio de covinhas e toda a sua pessoa bela e jovial, experimentei uma sensação tão estranha que fui tentado a fingir que a não reconhecia e a passar sempre, como se me interessassse apenas algo no horizonte. Se não me engano, continuei a proceder assim no resto da minha vida.

A pequena é que não fez caso disso. Descobriu-me logo e começou então a correr e a rir, sem se deter junto de mim. Fui-lhe no encalço, mas Emily correu tão depressa que só a alcancei já perto de casa.

- Com que então és tu? - disse ela.

- Bem sabias que eu estava cá, Emily.

Tentei beijá-la, mas a pequena levou as mãos aos lábios rubros, declarando que já neto era criança, e fugiu para dentro de casa, rindo mais do que nunca.

Parecia deliciada com o facto de me arreliar, e esta mudança espantou-me deveras. Estava a mesa posta para o chá, com o nosso baú colocado como assento no lugar costumado; mas, em vez de vir sentar-se junto de mim, Emily foi fazer companhia à resmungona da senhora Gummidge. E, quando o senhor Peggotty lhe perguntou qual o motivo, ela espalhou os cabelos pela cara, a fim de se esconder, e limitou-se a rir.

- É muito mimada - comentou ele, afagando-a com a mão grossa.

- Ora se é! - exclamou Ham. - É, sim, senhor Davy. Olhava-a risonho, com um misto de admiração e amor, o que o tornava corado como um pêro.

De facto, toda a gente mimava a pequena Emily, em especial o tio Peggotty, de quem ela fazia gato-sapato. Tal era a minha opinião, pelo menos quando a vi tão desembaraçada. Tinha, porém, natureza afectuosa e tão doce, umas maneiras tão hábeis em conciliar a astúcia com a timidez, que eu me senti mais do que nunca subjugado.

Mostrou-se ao mesmo tempo sensível pelos infortúnios alheios. Quando nós todos estávamos em círculo de roda da lareira, depois do chá, o senhor Peggotty aludiu à dor por que eu acabava de passar, as lágrimas afloraram aos olhos de Emily e ela contemplou-me com tanta bondade que fiquei para sempre reconhecido.

- Também aqui temos uma órfãzinha - disse o dono da casa, passando-lhe os dedos nos caracóis do cabelo. Depois virou-se para Ham, a quem deu uma palmada no peito, e acrescentou: - E este também é órfão, embora não pareça.

- Se o tivesse como tutor, senhor Peggotty - ripostei - julgo que não me sentiria órfão.

- Muito bem lembrado, senhor Davy - bradou Ham, entusiasmado. - Muito bem!

E retribuiu a palmada ao tio, enquanto Emily se levantava para o beijar.

- E o seu amigo como passa? - perguntou-me o pescador.

- Steerforth? - sugeri.

- Ah, é este o nome - exclamou o senhor Peggotty, falando com Ham. - Já me havia esquecido.

- Chamava-lhe Rudderford - observou o sobrinho com uma risada.

- Pois seja, mas Steer ou Rudder é tudo o mesmo. Como vai ele, senhor Davy?

- Estava óptimo quando parti - repliquei.

- Esse é que é um amigo! - disse o senhor Peggotty, estendendo o cachimbo. - Amigo às direitas. Raios me comam se não dá gosto de ver!

- E é bonito, não é? - atalhei, porque aqueles elogios me enchiam o coração.

- Bonito? Até parece um... um... palavra que não sei explicar. Tem um ar tão

decidido!

- Realmente, é esse o seu carácter - asseverei. - É bravo como um leão e não se imagina quanto é leal.

- Suponho - murmurou o pescador, olhando através do fumo do cachimbo - que no tocante a aprender em livros ninguém lhe leva a palma.

- Tem razão - acentuei, encantado. - Sabe tudo. É uma inteligência portentosa.

- Ora aí está um amigo! - repetiu o senhor Peggotty, agitando gravemente a cabeça.

- Nada parece ser-lhe difícil - disse por meu turno. - Basta-lhe um olhar para uma lição para ficar a sabê-la. E é o melhor jogador de criquete que jamais houve. Facilmente nos vence, assim como no jogo das damas.

O senhor Peggotty tornou a oscilar a cabeça, como se quisesse confirmar estes acertos.

- Fala tão bem que é capaz de convencer toda a gente. E que diria o senhor se o ouvisse cantar?

Novamente Peggotty meneou a cabeça, querendo significar que não punha em dúvida.

- E, além disso, é um rapaz tão generoso, belo e nobre - continuei, arrastado pelo meu tema preferido - que nem se lhe podem dar todos os adjectivos que merece. Sei que nunca lhe agradecerei suficientemente a protecção tão generosa que ele me concedeu a mim que era tão pequeno e estudante de uma classe tão abaixo da sua!

Prossegui neste teor, inflamando-me a pouco e pouco, quando o meu olhar se poisou no rosto de Emily, apoiado sobre a tábua da mesa; a pequena escutava-me com a mais profunda atenção, sem respirar, de pupilas brilhantes como jóias e faces cobertas de rubor. Estava tão séria e tão bonita que eu me detive, admirado; todos a observaram nesse instante e começaram a rir.

- Emily é como eu - disse a minha criada. - Gostaria de o ver.

A pequena perturbou-se, ao notar que a examinávamos. Baixou a cabeça e corou ainda mais. Depois, relanceando-nos e percebendo que ainda a olhávamos (eu seria capaz de ficar horas inteiras a vê-la), fugiu dali e só regressou na ocasião de ir para a cama.

Eu dormia no meu antigo leito, à popa do barco, e o vento varria o plaino,

exactamente como outrora. Mas não podia coibir-me de pensar, agora, que ele gemia por aqueles que já não eram deste mundo; e, em vez de imaginar, como antes, que o mar poderia subir e arrastar o barco, sonhava com outro mar que galgara a minha vida e subvertera o meu lar feliz. Enquanto a queixa do vento e da água sussurrava aos meus ouvidos, eu pedia a Deus que me tornasse homem para casar com a Emily. E, nesta súplica, adormeci cheio de amor.

Os dias passavam quase como anteriormente, apenas com a diferença (mas diferença grande) de que raramente passeávamos na praia. Emily tinha de estudar as suas lições, tinha tarefas caseiras e, grande parte do dia, eu não lhe punha a vista em cima. Sabia eu, porém, que mesmo noutras circunstâncias não vaguearíamos como outrora. Embora cheia de caprichos infantis, ela era uma mulherzinha, muito mais do que eu esperava. Dava-me a impressão de que se distanciara bastante de mim em pouco mais de um ano. Estimava-me, é certo, mas troçava-me também e arreliava-me. Quando eu ia ao seu encontro, ela tomava por outro caminho e ria-me na cara quando eu regressava a casa, desiludido. O melhor momento para mim era esse em que Emily trabalhava na soleira da porta; eu sentava-me nos degraus de madeira e lia-lhe qualquer coisa. Hoje tenho a impressão de que nunca vi mais luminosas tardes de Abril, de jamais haver contemplado uma criaturinha mais radiante do que essa que estava à entrada do velho barco-residência, e de jamais ter admirado um céu como aquele, nem um mar semelhante, nem iguais navios vogando ao longe no esplendor de uma atmosfera de oiro.

Logo na primeira noite Barkis apareceu, extremamente perturbado. Trazia um lenço com laranjas, dobrado pelos quatro cantos, e, como não houvesse feito qualquer referência a esse objecto, supuseram, depois da partida dele, que o deixara por esquecimento; Ham correu na sua peugada, para lho entregar, e, à volta, informou-nos que se tratava de uma oferta para a Peggotty. Desde então veio todas as noites, sempre à mesma hora, acompanhado de um embrulho a que nunca aludia e que abandonava atrás da porta. Estas dádivas afectuosas eram do género mais estranho e variado. Lembro-me, entre outras, de meio alqueire de batatas, dois brincos de azeviche, cebolas, uma caixa de dominó, um canário na sua gaiola, um presunto fumado, pés de porco e uma almofadinha para pregar alfinetes.

Tanto quanto me recordo, Barkis fazia a corte à minha criada de uma forma particularíssima. Raras vezes abria a boca; ficava sentado perto do fogão, na mesma atitude que tomava quando em cima da carroça, e olhava fixamente para a Peggotty, que estava do outro lado da mesa. Certa noite, creio que inspirado pelo amor, apoderou-se do coto da vela com que a rapariga costumava encerar a

linha de coser, meteu-o no bolso do colete e levou-o consigo. Daí por diante a sua maior satisfação consistia em apresentar a Peggotty, quando esta precisava, o coto de vela pegado ao forro da algibeira e meio derretido; logo que ela acabava de se servir, metia-o outra vez no bolso. Tinha o ar de pessoa feliz e não se sentia obrigado a falar. Mesmo quando levava a rapariga a passear na praia, limitava-se a perguntar-lhe, de tempos a tempos, se estava confortável. Não me esqueço dos ataques de riso que ela tinha, por mais de meia hora, com a cara escondida no avental, depois da partida do seu apaixonado. A verdade é que nos divertíamos todos menos mal, salvo essa triste senhora Gumniidge, que devia ter sido, ao que parece, cortejada de maneira semelhante, e a quem isto fazia constantemente evocar a memória do «velho».

Aproximava-se o fim das minhas férias quando me participaram que a Peggotty e o senhor Barkis iam sair por um dia e que nós devíamos acompanhá-los, eu e a Emily. Quase tive uma insónia, na perspectiva desse imenso prazer: estar um dia inteiro com Emily. Levantámo-nos cedo e, mal acabáramos o primeiro almoço, apareceu Barkis ao longe, conduzindo uma carruagem de duas rodas e de quatro lugares; vinha ao encontro do objecto das suas inclinações. Este - ou seja, Peggotty - vestia, como de costume, o seu traje de luto, simples e asseado. Mas Barkis estava resplandecente no seu casaco novo, azul. O alfaiate deixara-o tão folgado que o comprimento das mangas tornava inúteis as luvas, ainda que o tempo fosse dos mais frios. Quanto à gola, era tão alta que lhe levantava o cabelo para o topo do crânio. Os botões, enormes, cintilavam. Calças castanhas escuras e colete de camurça acabavam por fazer do senhor Barkis, aos meus olhos, um prodígio de respeitabilidade.

No meio da pressa que se estabelecera, percebemos que o senhor Peggotty tinha preparado um sapato velho para ser atirado aos noivos, quando estes partissem, e que significava boa sorte. Ofereceu-o, pois, à senhora Gummidge.

- Não, Daniel, mais vale que seja outrem a lançá-lo - disse ela, falando com o pescador. - Sou apenas uma pobre criatura, sozinha no mundo, e tudo o que me lembra isto causa-me contrariedades.

- Ora, adeus! - respondeu o senhor Peggotty. - Pegue nisso e atire!

- Não, Daniel - insistiu a senhora Gummidge, abanando a cabeça e gemendo. - Se eu fosse menos sensível, não digo que o não fizesse. O Daniel não é tão sensível como eu. Não tem contrariedades e não é uma contrariedade para os outros. Mais vale que o lance com a sua própria mão.

Mas nessa altura a Peggotty, que beijara já toda a gente derredor, com grande precipitação, gritou da carruagem onde nos achávamos (eu e Emily lado

a lado) que competia à senhora Gummidge atirar o sapato velho. De modo que ela acabou por o fazer, mas custa-me dizer que se desempenhou da incumbência de tal maneira que lançou como que um balde de água fria na alegria geral; logo a seguir desfez-se em lágrimas e caiu desamparada nos braços de Ham, declarando saber muito bem que era um fardo para todos e que seria preferível levá-la já para o asilo. Esta ideia afigurou-se-me sensata e eu achei que Ham se devia desempenhar imediatamente do encargo.

Em todo o caso, partimos e o nosso primeiro cuidado foi parar defronte de uma igreja. O senhor Barkis amarrou o cavalo às grades do portão e entrou com a Peggotty, deixando-me só com Emily na carruagem. Aproveitei o ensejo para passar o braço em volta da cintura da pequena e lhe propor que nos tornássemos muito amigos. Ela aceitou a sugestão e permitiu-me que a beijasse: e eu fui ao ponto de lhe declarar que não poderia amar nunca outra mulher e que estava disposto a derramar o sangue de quem aspirasse ao seu afecto.

Como Emily achou aquilo engraçado! Com muita gravidade, fingiu-se infinitamente mais velha e ajuizada do que eu, e tratou-me, essa feiticeira, de «piegas». Em seguida desatou a rir tão contente que esqueci o desgosto de ter ouvido dos seus lábios aquela classificação tão desdenhosa, e todo me entreguei ao gosto de a contemplar.

Barkis e a Peggotty ficaram muito tempo na igreja, mas saíram por fim, e nós tomámos o caminho do campo. Barkis voltou-se para mim e disse, piscando o olho (observe-se, de passagem que o não julgava capaz de semelhante liberdade):

- Que nome tinha ela quando partimos?

- Clara Peggotty - respondi.

- E agora, que nome tem?

- Não é o mesmo?

- Não. É Clara Peggotty Barkis - exclamou com uma gargalhada que fez tremer a carruagem.

Em suma, estavam casados. Por isso haviam entrado na igreja. Peggotty decidira que tudo se passaria discretamente; o sacristão fora a única testemunha. Ficou um tanto escandalizada por ouvir o marido anunciar daquela forma a sua união, e não deixou de me apertar contra si para provar que o seu afecto não diminuía. Daí a pouco, já mais reconfortada, declarou-se satisfeita com o sucedido.

Parámos numa estalagem onde éramos esperados e em que nos serviram um bom almoço. O dia passou-se agradavelmente. Se Peggotty se casasse todos os dias, desde há dez anos, não teria um ar tão à vontade. Não se modificara nada. Saí com ela e com Emily, para dar uma volta antes do chá, enquanto Barkis fumava filosoficamente, contente, suponho, de pensar na sua felicidade. Em todo o caso despertou-se-lhe o apetite; embora tivesse comido muita carne de porco e hortaliças, e consumido uma galinha ou duas, foi necessário dar-lhe ainda toucinho frio ao chá, o que ele fez desaparecer sem qualquer dificuldade.

Tenho reflectido neste casamento e acho sempre que foi deveras curioso, inocente e original. Ao cair da noite tomámos de novo a carruagem e voltámos tranquilamente, admirando as estrelas, que foram o assunto da conversa. Era eu, sobretudo, quem dava as explicações e assim abria ao senhor Barkis horizontes novos.

Disse-lhe tudo quanto sabia; mas ele teria acreditado em mais, se a fantasia me levasse a inventar, tanto o seu respeito pela minha inteligência. Até o ouvi declarar à mulher, dessa vez, que eu era um Róscio {6} menino.

Depois de termos esgotado esse tema, ou melhor, quando esgotei as faculdades intelectuais de Barkis, a pequena Emily envolveu-se comigo num cobertor velho que nos abrigou no resto da viagem. Ah, quanto eu a amava! Que ventura, pensei, se fôssemos casados, e vivêssemos não importa onde, no meio de árvores, no campo, sem nunca envelhecer, sem aprender mais nada, sempre crianças, sempre errando de mão dada, ao sol, pelos prados floridos, descansando à noite a cabeça no musgo, para dormir de um sono só, calmo e puro, até ao momento em que, mortos, os pássaros nos enterrassem! Eis o género de imagem desprovida de qualquer realidade terrena, iluminada pelo resplendor da nossa inocência e tão imprecisa como as estrelas longínquas, que nos povoavam os sonhos em todo o trajecto. Agrada-me pensar que no enlace de Peggotty havia dois corações tão cândidos como o da pequena Emily e o meu; agrada-me pensar que os Cupidos e as Graças tomaram essas formas imateriais no seu modesto cortejo.

Chegámos a boas horas, nessa noite, ao velho barco; e, à porta, despedimo-nos do senhor e da senhora Barkis, que seguiam para a sua nova morada, ternamente unidos. Compreendi então, pela primeira vez, que perdera a minha Peggotty; e, ao deitar-me, experimentaria grande desgosto se não tivesse a povoar-me o espírito a imagem de Emily, que dormia sob o mesmo tecto que eu.

O pescador e o sobrinho sabiam tão bem como eu quais eram os meus pensamentos. À ceia, mostraram-se risonhos para ver se me afugentavam as

ideias tristes. Emily veio sentar-se a meu lado pela primeira e última vez durante a minha permanência ali. Foi uma forma extraordinária de pôr remate a esse dia extraordinário.

A maré era à noite. Pouco tempo depois de nos deitarmos, o senhor Peggotty e Ham foram para a pesca. Eu sentia-me cheio de bravura ao pensar que ficava só nessa casa solitária para proteger a pequena Emily e a senhora Gummidge. Desejaria que um leão ou uma serpente nos atacasse, ou qualquer monstro mal intencionado. Daria cabo dele e cobrir-me-ia de glória. Mas nenhum animal deste género passeou nessa noite na praia de Yarmouth e eu supri o feito heróico sonhando com dragões até de manhã.

Nessa altura Peggotty voltou e, como de costume, bateu-me à janela, tudo como se o carroceiro Barkis fosse apenas um sonho. Depois do primeiro almoço, ela levou-me ao seu novo domicílio, que era pequeno mas bonito. Entre todos os bens móveis que aí figuravam, o que maior impressão me fez foi sem dúvida, na sala, uma velha secretária feita não sei de que madeira escura, cuja parte superior se abria e, uma vez abaixada, servia de mesa de escrever. Dentro havia uma edição in-quarto do Livro dos Mártires de Fox. Descobri esse volume precioso (de que não lembro uma só palavra) e mergulhei logo na sua leitura. Após esse dia nunca mais fui a essa casa sem me ajoelhar numa cadeira para abrir o escrínio onde tamanho tesouro se encerrava; em seguida estendia os braços na mesa e devorava de novo aquele texto. Suponho que me atraíam em especial as gravuras numerosas que representavam toda a espécie de atrocidades. Os Mártires e a casa da Peggotty ficaram para sempre associados no meu espírito.

Nesse dia despedi-me do senhor Peggotty, de Ham, da senhora Gummidge e da pequena Emily, e passei a noite na residência da minha antiga criada, num quartinho do sótão (o Livro dos Crocodilos estava no chão, perto da minha cabeça). Esse quarto, dizia Peggotty, era para mim e conservar-se-ia sempre no mesmo estado.

- Nova ou velha, querido menino Davy, enquanto eu viver e tiver este tecto, encontrá-lo-á a toda a hora ao seu dispor. Ocupar-me-ei dele todos os dias, como fazia ao seu quarto lá na sua casa; e ainda que o menino vá para a China, pode ter a certeza de que ele ficará sempre limpo e arrumado na sua ausência.

No fundo do coração eu sentia a fidelidade sincera da minha Peggotty, e agradeci-lhe o melhor que pude, isto é, com dificuldade, porque ela me cingia com os braços. Vim na carroça, com o casal Barkis; deixaram-me, desgostosos, ao portão da residência, e foi para mim um espectáculo novo ver a carroça afastar-se levando Peggotty e deixando-me só, sob os velhos ulmeiros, diante da

casa onde ninguém me olhava com ternura ou afeição.

Caí então num estado de abandono de que não consigo lembrar-me sem angústia. Fiquei na maior solidão, longe de qualquer olhar amigo, privado da companhia dos rapazes da minha idade e só a contas com pensamentos sombrios, que ainda parecem enevoar este papel em que escrevo.

Quanto não teria eu dado para que me mandassem para o mais severo dos internatos, aprender qualquer coisa, fosse ela qual fosse e em qualquer lugar do mundo! Não antevia, porém, nenhuma mudança na minha situação. Não gostavam de mim e desleixavam-me, fria e obstinadamente. Creio que as finanças do senhor Murdstone não iam bem nesse momento, mas este precalço em nada influenciava a minha sorte. Ele não me tolerava, e, pondo-me de parte, tentava, suponho, afastar a ideia de que eu tinha alguns direitos; e o caso é que o conseguiu.

Eu não era precisamente maltratado. Não me batiam, não morria de fome; mas os processos com que me distinguiam jamais se atenuavam: aplicavam-nos sistematicamente e sem cólera. Os dias sucediam-se aos dias, as semanas às semanas, os meses aos meses, e em casa continuavam a descurar-me friamente. Às vezes penso no que teriam feito de mim se eu houvesse adoecido; deixar-me-iam deitado no meu quarto solitário para aí deperecer no isolamento habitual, ou alguém me ajudaria a curar-me?

Quando os irmãos Murdstones estavam em casa, eu tomava as refeições com eles; na sua ausência almoçava e jantava só. Mas, sempre, passava o tempo a vaguear pelas salas e jardim ou na vizinhança, sem que tomassem conta da minha pessoa. Entretanto providenciavam ciosamente para que eu não arranjasse amigos, com medo talvez de que me queixasse a algum deles. Por isso, embora o doutor Chillip me convidasse com frequência a visitá-lo (era viúvo, perdera anos antes uma esposa loira, que associo na minha memória a uma pelagem pálida de gato mosqueado), raras vezes tinha o gosto de passar a tarde no seu consultório, a ler qualquer livro para mim desconhecido, enquanto o odor de farmácia me chegava às narinas, ou a esmagar qualquer coisa num almofariz, sob a sua direcção complacente.

Pela mesma razão e também, sem dúvida, por causa do ódio antigo que lhe votavam, raras vezes me permitiam ir visitar a Peggotty. Fiel à sua promessa, ela vinha ver-me, ou melhor, concedia-me uma entrevista a pouca distância dali, uma vez por semana, e nunca chegava de mãos vazias. Mas eu recebia quase sempre uma recusa quando pedia licença para ir a casa dela; se, porém, a obtinha, o que só acontecia com largos intervalos, verificava então coisas

curiosas, por exemplo: que o senhor Barkis era um nadinha forreta, ou, como dizia delicadamente a mulher, «um pouco apertado», e que guardava dinheiro num baú debaixo da cama, fingindo no entanto que lá só havia roupa. Era nesse sítio que se ocultava a sua riqueza, com uma modéstia tão teimosa que não seria possível, senão usando qualquer ardil, fazer surgir a mais pequena parcela do tesouro. Para regularizar as suas contas, ao sábado, Peggotty entregava-se a maquinações longas e complicadas como a Conspiração da Pólvora contra Jaime I e o Parlamento.

Durante este tempo sentia perderem-se as poucas esperanças que tinha (no abandono geral a que me entregara) de modificar a minha vida; e que desgraçada ela seria sem os meus velhos livros! Era esta a única consolação. Se me conservei fiel a eles, por seu turno eles me compensaram desse amor. Li-os e reli-os não sei quantas vezes!

Agora abeiro-me de uma época da minha existência de que nunca poderei esquecer-me, tanto se me gravou na memória. Ela sempre se me apresentou diante de mim sem sequer ser evocada, como um fantasma que assombrou os meus tempos mais felizes.

Certo dia em que saíra e errava pelas imediações, sem fito e sonhador, como o meu género de vida me impusera, encontrei ao virar de uma esquina o senhor Murdstone que passeava com outro cavalheiro. No embaraço que isso provocou, ia cruzar-me com eles quando o desconhecido exclamou: - Não é Brooks?

- Não, senhor. Sou David Copperfield.

- Ora, não me diga. É Brooks - insistiu o homem. - Brooks de Sheffield. Este é que é o seu nome.

A estas palavras observei-o mais atentamente. A sua maneira de rir recordou-me o senhor Quinion, que eu fora visitar em Lowestoft, com o próprio Murdstone, antes... Enfim, adiante, não preciso de lembrar a época.

- Que é feito de você, Brooks? Que escola frequenta?

- Por enquanto está em casa - disse o meu padrasto. - Não vai ao colégio. Não sei que deva fazer dele. É difícil de dirigir.

O seu olhar, esse olhar falso que eu conhecia tão bem, poisou-se em mim por instantes. Então Murdstone carregou o cenho e desviou a vista num gesto de aversão.

- Pois está um lindo tempo! - comentou o senhor Quinion, olhando para nós

ambos, ao que se me afigurou.

Houve um silêncio e eu procurei a melhor forma de desembaraçar o ombro da mão de Quinion; mas este disse:

- Julgo que continua a ser um rapazinho esperto. Hem, Brooks?

- Oh, é esperto de mais - atalhou, impaciente, o senhor Murdstone. - É melhor que o deixes ir. Não gostará que o retenhas.

Ouvindo isto, o homem deixou-me seguir e eu fui para casa. Voltando-me para trás, quando entrava no jardim, vi o senhor Murdstone apoiado ao portão do cemitério e a conversar com o seu amigo. Olhavam ambos para mim e calculei que se ocupavam da minha pessoa.

Nessa noite, o senhor Quinion dormiu em nossa casa. Depois do primeiro almoço, no dia seguinte, preparava-me para sair da sala quando o senhor Murdstone me chamou. Sentou-se gravemente a outra mesa e a irmã instalou-se à sua secretária. O senhor Quinion, de mãos nas algibeiras, olhava pela janela. Eu, de pé, observava-os a todos.

- David - disse o senhor Murdstone - quando se é novo deve-se fazer qualquer coisa, e não ser ocioso e vadiar.

- Como tu - acrescentou a irmã.

- Jane, deixa-me falar, se fazes favor. Dizia eu, David, que se deve fazer qualquer coisa, quando se é novo, e não andar de braços cruzados. Sobretudo quando se trata de um rapaz do teu génio, que bem precisa ser corrigido e a quem o melhor serviço que se pode prestar será obrigá-lo ao trabalho, para o disciplinar.

- Disso precisa bastante! - comentou a senhora Murdstone. - Tem de ser disciplinado.

O irmão lançou-lhe um olhar meio de censura meio de aprovação, e prosseguiu:

- Creio que sabes, David, que não sou rico. Em todo o caso, participo-te. Recebeste uma educação esmerada. A educação custa dinheiro, e, ainda que eu o pudesse despender, acho que não haveria vantagem em voltares para o colégio. O que te espera é a luta pela vida e, quanto mais cedo principiares, melhor.

No íntimo pensei que isso já tinha eu começado, à minha maneira. O senhor Murdstone continuou:

- Já ouviste falar, suponho, dos nossos escritórios...

- Os nossos escritórios? - repeti.

- Sim, de Murdstone & Grinby, negociantes de vinhos.

Eu devia ter dado a impressão de que hesitava, porque ele ajuntou precipitadamente:

- Ouviste falar de escritórios, ou negócios, ou caves, ou armazéns, ou algo de semelhante...

- Acho que sim, que ouvi falar de vinhos - declarei, lembrando-me dos informes vagos que tinha quanto aos recursos dele e da irmã.

- Pouco importa - respondeu. - Esse negócio dirige-o o senhor Quinion.

Deitei uma olhadela respeitosa ao senhor Quinion, que continuava postado à janela.

- O senhor Quinion explicou-me que há vários rapazes empregados na casa e não compreende por que motivo tu também não estás lá.

- Visto não haver nada em perspectiva para ele... - observou o senhor Quinion em voz baixa, voltando metade do corpo.

Murdstone esboçou um gesto de impaciência, quase de cólera, e atalhou:

- As condições são estas: ganharás o bastante para o teu sustento e os teus alfinetes. Quanto ao alojamento, pagá-lo-ei do meu bolso, assim como à lavadeira.

- Até a certa importância que estabeleceremos - acudiu a irmã.

- Ocupar-nos-emos ainda do teu vestuário, pois que não estás apto, por enquanto, a esportular para isso. Irás então para Londres com o senhor Quinion a fim de te estreares na vida, David, por tua conta.

- Em suma - acrescentou a senhora Murdstone - ficas instalado na existência e poderás cumprir as tuas obrigações.

Compreendi muito bem que se desembaraçavam de mim, mas não me recordo se estava assustado ou contente. Ficara indeciso e oscilava entre dois pólos, sem tocar num nem noutro. Aliás não tinha muito tempo à minha frente, para classificar as ideias, porque o senhor Quinion partia no dia seguinte.

Imagine-se a minha saída nesse dia: levava o meu chapelinho branco muito usado, com uma fita de crepe pelo luto da minha mãe, casaco preto e calças de belbutina grossa, que a senhora Murdstone devia considerar uma armadura perfeita para me proteger as pernas nessa luta com a vida, que eu ia iniciar. E eis-

me assim equipado, com tudo o que possuo metido numa mala pequena, sentado, pobre criança só no mundo (como diria a senhora Gummidge) na mala-posta que me leva com o senhor Quinion a Yarmouth, onde tomaremos a diligência para Londres. A nossa casa e a igreja diminuem ao longe: o túmulo e a sua árvore ocultam-se com as coisas que desfilam diante de nós. Do meu velho largo dos jogos já não se ergue o campanário. O céu está vazio.

XI. INICIO A VIDA POR MINHA CONTA E NÃO A ACHO AGRADÁVEL

Conheço agora suficientemente a vida para ser capaz de me admirar demasiado seja do que for; mas surpreendo-me, ainda hoje, da facilidade com que fui abandonado em idade tão tenra. Acho extraordinário que ninguém intercedesse em favor de uma criança tão dotada, possuidora de grandes faculdades de observação, de espírito vivo, ardente, delicado e muito sensível de alma e corpo. Mas ninguém esboçou um gesto e eu, aos dez anos, tornei-me servente da casa Murdstone & Grinby.

O armazém de Murdstone & Grinby ficava situado à borda de água, em Blackfriars. Melhoramentos recentes alteraram a fisionomia do local: nesse tempo era o último prédio ao fim de uma rua estreita que descia serpenteando até ao rio e que terminava nuns degraus de embarque e desembarque. Casa velha, arruinada, com um embarcadouro privativo, dava para a água quando a maré subia e para o lodo quando esta baixava. Os ratos corriam por toda a parte.

Murdstone & Grinby tinham negócios variados, mas o fornecimento de vinhos e licores a certos navios constituía parte importante do seu comércio. Não sei aonde se destinavam esses barcos; alguns faziam a travessia das índias Orientais e também das Antilhas. Daí resultava grande quantidade de garrafas vazias, pelo que empregavam muitos homens e crianças a examiná-las à luz, a separar as que estavam rachadas e a lavar as outras. Quando não existiam garrafas vazias, havia letreiros para colar nas garrafas cheias, rolhas para adaptar aos gargalos, cápsulas que se punham nessas rolhas, garrafas que se acomodavam em caixas. Eis qual era a minha tarefa, assim como a das outras crianças.

Éramos três ou quatro. Tinham-me instalado num canto perto da entrada, e, para me ver, ao senhor Quinion bastava levantar-se, no seu escritório, e olhar por uma abertura praticada na parte superior da secretária. Foi aí que, na manhã do meu primeiro dia de trabalho, compareceu o mais velho dos pequenos operários para me indicar o que eu devia fazer. Chamava-se Mick Walker, usava avental esfarrapado e um boné de papel. Disse-me que o pai era barqueiro e que figurava, com chapéu de veludo preto, no cortejo do presidente da Câmara.

Informou-me também de que o nosso camarada principal seria um rapaz que me apresentou com o nome, para mim extraordinário, de Batata Farinhenta. Descobri no entanto que esse nome não era o do baptismo mas que lhe fora dado no armazém em consequência da sua cor semelhante à farinha. O pai do Batata acarretava água, função que desempenhava com outra, mais honrosa, de bombeiro num grande teatro, onde uma parenta do rapaz, creio que sua irmã, representava nas pantominas.

As palavras não conseguem descrever as torturas secretas da minha alma quando me vi mergulhado em semelhante companhia. Comparava esses colegas da vida quotidiana com os que tive na minha infância feliz, sem falar de Steerforth, Traddles e outros. Senti sufocadas à nascença todas as esperanças de me tornar um homem distinto e instruído. A ideia da minha satisfação desesperada, a vergonha da minha condição, a dor de pensar que tudo quanto aprendera, fizera a minha alegria e me estimulara a imaginação e as ambições se apagaria pouco a pouco sem nunca mais voltar, eis o que realmente é impossível descrever. Todas as vezes que Mick Walker me deixava só, nessa manhã, eu misturava as minhas lágrimas à água com que lavava as garrafas, e soluçava como se também houvesse uma fenda no meu peito e ele ameaçasse romper-se.

O relógio do escritório marcava meio-dia e meia-hora e todos se preparavam para comer, quando o senhor Quinion bateu na vidraça do seu gabinete e me fez sinal para entrar. Achei-me diante de um homem de meia-idade, deveras corpulento, com sobretudo castanho e calças pretas justas, calvo, de crânio enorme e luzidio. Voltou para mim a cara larga. O fato estava muito usado, mas o colarinho era imponente. Usava bengala, de cujo castão pendiam duas borlas; do pescoço descia-lhe um fio que segurava o monóculo: era só para ornamento, como mais tarde descobri, pois raras vezes olhava através dele e, quando o fazia, não conseguia ver nada.

- Aqui o tem - disse o senhor Quinion, designando-me.

- É esse o moço Copperfield? - retorquiu o desconhecido com certa entoação condescendente e ar de importância, difícil de definir, mas que pretendia ser distinto e que me causou grande impressão. - Espero que passe bem de saúde.

Respondi que ia muito bem e que pensava o mesmo a seu respeito. Deus sabe como me sentia constrangido, mas não estava no meu feitio queixar-me muito nesse período da minha existência.

- Graças a Deus, estou óptimo - replicou o desconhecido. - Recebi do senhor Murdstone uma carta em que manifestava o desejo de que eu o recebesse,

a si, Copperfield, num aposento situado nas traseiras da minha casa e que presentemente está vago... para arrendar, evidentemente... - acrescentou, com um sorriso e numa efusão de confiança. - Será o quarto de dormir do jovem estreante que neste momento tenho o prazer de...

Aqui, fez um gesto de mão e repôs a papada dentro do colarinho.

- É o senhor Micawber - explicou-me o senhor Quinion.

- É o meu nome - confirmou aquele.

- O senhor Murdstone - prosseguiu o meu patrão - conhece o senhor Micawber, que recebe uma comissão sobre as encomendas que nos transmite, quando as obtém. O senhor Murdstone escreveu-lhe a propósito do seu alojamento, Copperfield, e ele tomá-lo-á como locatário.

- O meu endereço - participou Micawber - é Windsor Terrace, no caminho da City. Eu... enfim - rematou com o mesmo ar distinto e nova efusão de confiança - é lá que moro.

Cumprimentei-o, com uma vénia.

- Como imagino - prosseguiu ele - que as suas peregrinações nesta metrópole ainda não foram muito dilatadas, e que o meu jovem amigo tenha alguma dificuldade em penetrar nos dédalos da moderna Babilónia quando procurar o caminho da City... isto é - resumiu, numa nova efusão de confiança - que possa perder-se... terei o gosto de o vir buscar para o iniciar no caminho mais curto.

Agradeci-lhe sinceramente, pois era mostrar muita amizade aquela proposta que ele se dava o incómodo de apresentar.

- A que horas - disse Micawber - é que...

- Pelas oito - esclareceu o senhor Quinion.

- Está bem, pelas oito. E agora, senhor Quinion, dê-me a honra de que me despeça de si. Não o quero perturbar por mais tempo.

Com estas palavras, pôs o chapéu e saiu, de bengala debaixo do braço. Ia muito direito e principiou a cantarolar logo que deixou o gabinete.

Então o senhor Quinion exortou-me solenemente a ser o mais útil possível no armazém de Murdstone & Grinby e contratou-me por um salário semanal de seis xelins. Não tenho a certeza de que fossem seis xelins ou sete; talvez fossem seis de começo e sete depois. Pagou-me uma semana adiantada (do seu bolso, suponho), e dessa importância dei seis dinheiros ao Batata Farinhenta para me

levar nessa mesma noite a minha mala a Windsor Terrace; embora pequena, era pesada de mais para mim. Gastei ainda outros seis dinheiros no almoço, que constou de um pastel de carne e uma cerveja num botequim da vizinhança. Em seguida consumi a hora destinada a essa refeição passeando pelas ruas do bairro. À noite, quando chegou a hora fixada, reapareceu Micawber. Lavei as mãos e a cara para poder emparceirar com a distinção das suas maneiras, e fomos à nossa casa, pois é assim, julgo eu, que a devo nomear daqui por diante. De caminho, Micawber chamou-me a atenção para os nomes das ruas e a forma das esquinas, para que me servissem de pontos de referência no dia seguinte de manhã.

Uma vez em Windsor Terrace (notei que o local, miserável como o seu morador, se esforçava por disfarçar, como ele), Micawber apresentou-me à esposa, que era uma mulher magra e envelhecida e que estava sentada na sala, com uma criança ao colo. O primeiro andar da residência quase não tinha mobília e, para que não se reparasse nisso, costumavam fechar as janelas. Essa criança era gémea de outra, e ora uma ora outra a senhora Micawber segurava nos braços, de forma que nunca as vi lado a lado.

Havia mais dois filhos: um de quatro anos, do sexo masculino, e uma menina dos seus três anos. O número de habitantes completava-se com uma rapariga muito morena, que tinha o costume de fungar e que servia de criada. Ainda não decorrera meia hora e já ela me informava que era órfã e que viera do asilo de São Lucas, nos arredores. O meu quarto situava-se no último andar, na parte de trás; estreito, de paredes forradas de papel copiografado (onde a minha imaginação via pãezinhos azuis), não continha quase nenhum mobiliário.

- Nunca pensei - disse a senhora Micawber, sentando-se para tomar fôlego, depois de ter subido a escada (sem nunca largar a criança) a fim de me mostrar o aposento; - nunca pensei, antes do meu casamento, quando vivia com meus pais, que me veria obrigada um dia a tomar um inquilino... Mas o meu marido tem as suas dificuldades e a gente deve passar por cima dos sentimentos pessoais.

- É verdade - ripostei.

- As dificuldades do Micawber acabrunham-no por agora, e nem sei se conseguirá livrar-se delas. Quando eu vivia com meus pais, nem compreendia o que significava essa palavra dificuldades, no sentido em que a emprego nesta ocasião: mas a experiência ensina{7}, como dizia o papá.

Não sei se me disse que Micawber fora oficial dos fuzileiros navais, ou se eu imaginei tal coisa. Sei apenas que me convenci, ignoro porquê, de que ele servira efectivamente na infantaria da Marinha. Nessa altura, era corretor de diversas casas comerciais, mas ganhava pouco, ou quase nada, se tanto me

atrevo a supor.

- Se os seus credores - prosseguiu a dona da casa - não lhe quiserem dar uma oportunidade, sofrerão as consequências, e quanto mais cedo as coisas acabarem, melhor. Micawber, neste momento, não pode pagar nada, nem sequer as custas judiciais.

Nunca compreendi se a minha independência precoce fazia esquecer a minha idade à senhora Micawber, ou se o assunto a preocupava a tal ponto que ela seria capaz de o mencionar aos próprios gémeos, se não tivesse outro interlocutor; em todo o caso, foi este o tema que iniciou e que prosseguiu durante todo o tempo em que a conheci.

Coitada da senhora Micawber! Dizia ter feito todos os esforços possíveis, e não duvido. A meio da porta da rua havia uma chapa de cobre onde se liam estas palavras: Pensão para gente moça. Nunca vi, porém, que alguém ali fosse educado, nem sequer que aparecesse qualquer rapaz ou rapariga, ou que se fizessem preparativos para receber um pensionista. Os únicos visitantes de quem se falava eram os credores, e estes vinham a toda a hora do dia (e alguns verdadeiramente ferozes). Conheci um, mal encarado, sapateiro de seu ofício, que se metia no corredor logo às sete da manhã e que gritava ao dono da casa, nos primeiros degraus:

- Ainda não saiu, não é verdade? Então pague! Não se esconda! Cobarde! Eu no seu lugar aparecia e pagava. Vamos a isso!

Como não recebesse resposta a estas palavras contundentes, o homem empregava termos mais fortes, como «ladrão» e «caloteiro». Estes, porém, não faziam mais efeito que os outros, e o credor descia à rua e barafustava sob as janelas, pois sabia que Micawber se achava num dos quartos do segundo andar. Nesse momento Micawber estaria cheio de dor e de remorsos, a ponto (descobri-o mais tarde, ouvindo a mulher gritar) de voltar contra si uma navalha de barba; mas, daí a meia hora, quando muito, engraxaria as botas com minucioso cuidado e sairia cantarolando, com um ar mais distinto do que nunca. A mulher também mudava facilmente de humor. Vi-a uma vez desmaiar às três horas, por terem vindo reclamar certos impostos, e depois (às quatro horas) presentear-se com costeletas panadas e cerveja morna, tudo pago à custa de duas colheres de café postas no prego. Outra vez, ao voltar para casa mais cedo que o costume, deparei-a estendida diante do fogão (com um dos gémeos, já se sabe) e aparentemente sem sentidos; e contudo, nessa noite, vi-a muito contente a comer costeletas e a contar a sua vida em casa dos pais, nos bons tempos de outrora.

Foi nesta casa e com esta família que eu passei todas as minhas horas

vagas. Por minha conta corria a despesa do primeiro almoço, que se compunha de um pãozinho de um dinheiro e de um dinheiro de leite. Tinha outro pão e um bocado de queijo guardado para quando voltasse, à noite. Isto fazia um furo no meu salário, é certo, mas passava o resto do dia no armazém e o dinheiro devia durar-me até ao fim da semana. Desde a segunda-feira de manhã até ao sábado à noite, eu não recebia conselho, incitamento, consolo ou auxílio de ninguém, fosse de que género fosse. Esperava tanto isso como ir para o Céu!

Era tão novo, tão criança e tão pouco preparado - como podia ser de outra forma? - para me governar a mim mesmo que me acontecia às vezes, ao dirigir-me para o armazém, deixar-me seduzir por bolos rançosos vendidos por metade do preço à porta das confeitarias, e gastar assim o dinheiro do meu almoço. Nesses dias, dispensava-me de almoçar ou então comprava um pão dos mais pequenos ou uma fatia de pudim. Lembro-me de duas pastelarias onde se vendia pudim e que eu frequentava alternadamente consoante o estado das minhas finanças. Uma ficava situada num pátio próximo da igreja de São Martinho e que hoje desapareceu por completo. Aí, o pudim era de passas de Corinto (verdadeira especialidade), mas custava caro e, por dois dinheiros, não se tinha mais do que o equivalente a um dinheiro da qualidade mais ordinária. Este encontrava-se numa loja do Strand, num sítio mais tarde reconstruído. Era um pudim pálido, compacto, pesado e mole, com as passas inteiras e muito espaçadas. Estava quente à hora do meu almoço, que muitas vezes constava apenas desse alimento. Quando eu almoçava a valer, comprava chouriço e um pão grande, ou então, num restaurante, um pedaço de carne de vaca por quatro dinheiros; ou, ainda, entrava num café defronte do nosso armazém, estabelecimento velho e de ar miserável, chamado Leão, ou Leão e qualquer coisa mais que esqueci, e pedia pão, queijo e um copo de cerveja. Lembro-me de que um dia, trazendo o meu pão debaixo do braço, embrulhado num bocado de papel, como um livro, fui depois a um restaurante famoso perto de Drury Lane comer, com esse pão, meia dose de bife. Não sei o que o criado teria pensado dessa estranha aparição de um rapazinho desacompanhado num lugar tão à moda: o certo é que me viu, com espanto, devorar o pão com bife e até chamou outro empregado para assistir à cena. Dei-lhe meio dinheiro como gorjeta, e lamento que ele tenha aceitado.

À hora do chá dispúnhamos, creio, de trinta minutos. Quando eu tinha dinheiro suficiente, tomava uma xícara de café e uma fatia de pão com manteiga; caso contrário, contemplava uma loja de caça na Fleet Street, ou ia de passeio até ao mercado de Covent Garden admirar os ananases. Apreciava errar em volta do Adelph(1), por me parecer local misterioso, com as suas arcadas e chegar defronte de uma taberna junto do rio: em frente abria-se um largo onde

dançavam descarregadores de carvão. Sentei-me num banco, para assistir ao baile. Que teriam pensado de mim?

Era tão novo, tão pequeno, que muitas vezes, ao entrar num botequim onde me não conheciam, a fim de tomar um copo de cerveja ou de trazer uma garrafa para o meu almoço, os empregados hesitavam em me servir. Recordo-me de que, numa noite quente, penetrei num café e perguntei ao dono:

- Quanto custa uma caneca da melhor cerveja, de qualidade realmente superior?

Tratava-se de uma ocasião extraordinária, não sei qual. Talvez o dia dos meus anos.

- Dois dinheiros e meio. É o preço da cerveja verdadeiramente boa.

- Pois então - disse eu, exibindo a bolsa - dê-me uma caneca bem tirada.

O homem olhou-me dos pés à cabeça, por cima do balcão, com um sorriso estranho. E, em vez de tirar a cerveja, olhou para o outro lado do tabique e falou com a mulher. Esta compareceu, com a costura na mão, e começou a examinar-me. Ainda nos vejo, aos três: o taberneiro, em mangas de camisa, apoiado ao balcão, a mulher olhando-me curiosa e eu, um pouco confuso, mirando-os do outro lado do estabelecimento. Interrogaram-me abundantemente, quiseram saber o meu nome, idade, morada, emprego e como viera ter ali. A isto, confesso, para não comprometer ninguém, inventei respostas adequadas. Serviram-me cerveja, porém desconfio que não foi da melhor; e a dona da casa, inclinando-se no seu posto, restituiu-me o dinheiro e deu-me um beijo meio de admiração meio de dó, mas onde pôs, tenho a certeza, todo o seu coração de mulher.

Não, não exagero, mesmo inconsciente e involuntariamente, a exiguidade dos meus recursos nem as dificuldades da minha vida. Se o senhor Quinion me dava às vezes um xelim, eu empregava-o numa refeição, almoço ou chá. Trabalhava de manhã à noite, miseravelmente vestido, com homens e crianças vulgares. Vagueava pelas ruas, mal alimentado. Sem a Providência divina, atendendo ao pouco cuidado que me dispensavam, eu teria podido tornar-me um ladrão ou um vagabundo.

No entanto, adquiri certa posição na firma Murdstone & Grinby. O senhor Quinion, apesar de tão ocupado, procurava diferençar-me dos restantes operários; por meu lado, nunca disse a ninguém quais tinham sido as circunstâncias que me levaram àquele emprego. Sofri em segredo, e muito, e esse segredo jamais transpareceu. A extensão desse sofrimento ultrapassa, como

já observei, as minhas faculdades de narrador. Calava-me, e ia trabalhando. Desde o princípio compreendi que, se não me desempenhasse das funções tão bem como os outros, não escaparia aos insultos e ao desprezo. Depressa fiquei tão hábil e expedito como qualquer dos restantes rapazes. Embora me familiarizasse com eles, o meu comportamento e maneiras divergiam das suas o suficiente para os conservar a distância. Chamavam-me em geral (e os homens também) o «fidalguinho» e igualmente o «menino de Suffolk». Um tal Gregory, capataz dos enfardadores, e outro chamado Tipp, carroceiro, que usava jaqueta encarnada, tratavam-me por David, mas creio que era só quando estávamos sem mais ninguém e porque eu procurava distraí-los (sempre trabalhando, é claro) com o que me ficara de antigas leituras, pois a maior parte delas diluíam-se na memória. O Batata Farinhenta revoltou-se um dia contra a deferência que me concediam, mas Mick Walk pô-lo logo no seu lugar.

Não tinha qualquer esperança de fugir a este género de vida, e até já renunciara à ideia. Estou plenamente convencido de que nunca me conformei nem por um instante, e que me considerava o mais desgraçado do mundo; todavia suportava a minha sorte e não revelava a verdade nas cartas que escrevia, nem sequer à Peggotty (a minha mais assídua correspondente), não só por vergonha como também pela afeição que lhe consagrava.

Os embaraços financeiros de Micawber aumentavam os tormentos. No estado de abandono em que me achava, ligara-me bastante a essa família e, mesmo só, não deixava de cogitar nos aborrecimentos da senhora Micawber e nas dívidas do marido. Sábado à noite era uma alegria para mim, pois voltava com o meu salário de seis ou sete xelins no bolso e vinha de caminho admirando as lojas: até fazia cálculos quanto às coisas que poderia comprar com essa quantia. Demais a mais, a saída do emprego verificava-se mais cedo. O mesmo sucedia no domingo de manhã, quando preparava numa bacia de barba a quantidade de chá ou café que adquirira na véspera e me demorava, sentado, a gozar o almoço. Não era raro que o senhor Micawber soluçasse violentamente no começo dos nossos serões de sábado para acabar mais tarde por uma canção. Quantas vezes o vi entrar lavado em lágrimas, declarando que só lhe restava entregar-se à prisão! E depois via-o deitar-se, já fazendo cálculos quanto à despesa de uma varanda na casa, na hipótese de «as coisas mudarem», que era a sua expressão favorita. A mulher navegava nas mesmas águas.

Mal-grado a diferença de idade, estabeleceu-se entre nós uma camaradagem que, suponho, se originava na semelhança de situações económicas. Todavia nunca aceitei nenhum convite para comer ou beber a expensas deles (sabendo que deviam no talho e na padaria e que possuíam apenas o necessário), até ao dia

em que a senhora Micawber me concedeu plena confiança. E fê-lo, uma noite, nestes termos:

- Senhor Copperfield, não o considero como um estranho e não hesito em lhe dizer que as dificuldades do meu marido atingiram um ponto crítico.

Estas palavras provocaram-me grande desgosto e foi bastante condoído que contemplei os olhos vermelhos da dona da casa. Esta prosseguiu:

- Salvo uma fatiazinha de queijo flamengo, recurso inútil para as necessidades de uma família, não temos na despensa nada que se possa comer. Habituei-me a falar de despensa quando habitava com meus pais e emprego o termo quase sem pensar. O que quero dizer é que estamos na última penúria.

Tinha dois ou três xelins das minhas economias da semana, pelo que hoje presumo que esta conversa se verificava numa quarta-feira à noite. Tirei precipitadamente o dinheiro do bolso e pedi à senhora Micawber, com sincera comoção, que se dignasse aceitar esse empréstimo. Mas a dama, beijando-me, convidou-me a guardar outra vez as moedas, explicando que não podia consentir em tal coisa.

- Não, caro senhor Copperfield, longe de mim semelhante ideia! Mas como tem inteligência superior ao comum da sua idade, pode prestar-me, se quiser, um serviço de outra ordem, o qual aceitarei reconhecida.

Incitei a senhora Micawber a declarar de que se tratava.

- Tenho-me desfeito dos meus objectos de prata, por várias vezes: seis colheres de café, duas de sal e uma concha de açúcar, tudo isto em segredo. Mas os gémeos ocupam-me muito, e, quando me recordo dos meus pais, acho estas transacções penosas. Há ainda algumas coisas de que nos podíamos desfazer. O meu marido é muito sensível para se encarregar do assunto, e Clickett -era o nome da rapariga que viera do asilo - tem um espírito tão vulgar que tomaria grandes liberdades se lhe déssemos essa confiança. Senhor Copperfield, se eu ousasse pedir-lhe...

Compreendi, enfim, a senhora Micawber e ofereci-lhe, sem reserva, os meus préstimos. Comecei nessa mesma noite a separar os objectos de transporte mais fácil, e quase todas as manhãs me incumbia de serviços dessa natureza, antes de ir ao armazém de Murdstone & Grinby.

O senhor Micawber possuía vários livros num cacifo que ele chamava a sua «biblioteca», e foi por eles que principiámos. Levei-os uns atrás dos outros a um alfarrabista da estrada que conduz à City (a qual, em grande parte, se compõe de lojas desse género e de mercadores de pássaros) e vendi-os pelo preço que ele

estipulou. Este alfarrabista, que morava nuns aposentos atrás da loja, embebedava-se todas as noites, e a mulher ralhava-lhe todas as manhãs. Por mais de uma vez, ao ir lá de manhã cedo, encontrei-o num leito de campanha, com um olho negro, testemunho evidente dos excessos da véspera (creio que era irascível quando bebia); então procurava com mãos trémulas nas algibeiras do fato disperso no chão os xelins necessários à compra, ao passo que a mulher, de sapatos cambados e um filho nos braços, o descompunha de contínuo. Em certas ocasiões o homem perdera o dinheiro e pedia-me que voltasse mais tarde; mas a mulher nunca estava desprevenida (naturalmente apoderara-se do dinheiro durante a embriaguez do marido) e regularizava o negócio secretamente na escada, enquanto descíamos ambos.

Começava a ser conhecido em casa do penhorista. O empregado principal interessava-se por mim e pedia-me às vezes que declinasse um substantivo ou um adjectivo latino ou conjugasse um verbo, ao mesmo tempo que se ocupava do meu assunto. Nessas ocasiões a senhora Micawber preparava uma boa refeição, que tinha para mim um sabor particular, de excelentes recordações.

Enfim, o embaraço financeiro de Micawber atingiu o auge. Um dia foi preso, de manhã cedo, e conduzido à esquadra de Kings Bench, em Boroupgh High Street. Ao sair de casa, declarou-me que tudo acabava para ele, e creio que, de facto, estava muito confrangido. Eu também. Soube, depois, que antes do meio-dia se entretivera alegremente a jogar aos nove paus, na prisão.

No primeiro domingo após o encarceramento, eu devia ir visitá-lo e jantar com ele. Tinha de perguntar qual o caminho para certo sítio e, antes de chegar, topar outro sítio e, perto deste, encontrar um pátio que haveria de atravessar, depois seguir direito até descobrir um carcereiro. Fiz tudo isto e, quando lobriguei por fim o carcereiro (pobre criança que eu era!), pensei em Roderick Random na prisão, por dívidas, e no homem que ele vira, o qual só tinha por vestuário uma velha manta: e o coração pulsou-me tão fortemente que mal distingui a imagem flutuante do homem.

Micawber esperava-me à porta; subimos para a sua cela (no penúltimo andar) e chorámos muito. Declarou-me solenemente, bem me recordo, que a sua sorte me devia servir de lição e observou-me que, se alguém tivesse um rendimento de vinte libras anuais e gastasse dezanove libras, dezanove xelins e seis dinheiros, seria feliz, mas, se despendesse vinte libras e um xelim, seria desgraçado. Após o que me pediu um xelim emprestado para comprar cerveja, me entregou uma letra sacada sobre a senhora Micawber pela dita importância, e, repondo o lenço na algibeira, recuperou o bom humor.

Ficámos sentados diante do lume (dois tijolos colocados na grelha ferrugenta impediam que se queimasse muito carvão), até ao momento em que outro devedor, que partilhava a mesma cela, chegou da cozinha com o pedaço de carneiro que era a nossa refeição, paga pelos três. Depois mandaram-me ter com o «capitão Hopkins», que habitava mesmo por cima, a fim de lhe dizer que eu era amigo de Micawber e lhe pedia me emprestasse uma faca e um garfo.

O capitão Hopkins emprestou-me a faca e o garfo e pediu-me transmitisse os seus cumprimentos ao senhor Micawber. No quartinho estava uma senhora de ar enxovalhado, assim como duas raparigas pálidas, filhas daquele, e de cabelos espessos e sujos. Pensei que mais valia solicitar do capitão Hopkins a sua faca e o garfo do que o seu pente de uso pessoal. O homem usava bigodes enormes e tinha um sobretudo castanho, muito velho, sem outra roupa. O colchão estava enrolado a um canto, com os lençóis e o resto, e tudo quanto ele possuía de loiça e panelas enfileirava numa única prateleira. Adivinhei (sabe Deus como!) que as duas raparigas cabeludas eram filhas do capitão, mas que a mulher enxovalhada não era sua esposa. Permaneci timidamente no limiar, durante uns dois minutos, e depois desci com a faca e garfo emprestados.

Aquele jantar teve qualquer coisa de boémio e agradável, no fim de contas. De tarde fui devolver ao capitão o que ele me cedera e voltei a casa para reconfortar a senhora Micawber, relatando-lhe a minha visita. Ao ver-me regressar, desmaiou.

Depois preparou-nos uma bebida composta de cerveja, ovos e noz-moscada.

Não sei como a mobília veio a ser vendida, nem quem a vendeu, porque eu não fui. Em todo o caso, tudo foi vendido e levado numa carroça de mudanças, salvo as camas, algumas cadeiras e a mesa da cozinha; com estes móveis acampámos, por assim dizer, nas duas salas de Windsor Terrace, a senhora Micawber, os filhos, a órfã e eu, e assim vivíamos noite e dia. Ignoro quanto tempo durou esta vida, mas parece-me que foi longa. Por fim a senhora Micawber resolveu instalar-se na prisão, onde o marido dispunha agora de um quarto particular. Fui encarregado de levar a chave da casa ao senhorio, que ficou contente por a recuperar; as camas seguiram (exceptuando a minha) para a cadeia de Kings Bench. Para mim, alugaram um quarto nos arredores deste estabelecimento, o que me deu prazer, porque nos habituáramos a viver juntos, eu e os Micawbers, através de todos os percalços. Também descobriram, para a órfã, alojamento barato nas proximidades. O meu aposento era uma água-furtada tranquila, que dava para o estaleiro; quando dele tomei posse, julguei-me num

verdadeiro paraíso, tanto mais que me parecia haver uma solução para as dificuldades de Micawber.

Durante este tempo continuei a trabalhar no armazém de Murd-stone & Grinby, nas mesmas ocupações vulgares, com os mesmos companheiros vulgares, e experimentando sempre a mesma sensação de uma decadência imerecida. Felizmente para mim nunca travei conhecimento com aqueles numerosos rapazes que eu via diariamente entrar no emprego e sair de lá, ou errando pelas ruas à hora das refeições: prosseguia nessa vida triste e solitária e só contava comigo. As únicas alterações de que me lembro foram, em primeiro lugar, o estado miserável a que o meu fato chegou e, em segundo, o sentir-me liberto, em grande parte, das preocupações dos Micawbers, pois houve parentes e amigos que lhes valeram no transe aflitivo por que passavam. Viviam na prisão com mais conforto do que ultimamente desfrutavam. Eu tomava, ao presente, o primeiro almoço com eles, em virtude de qualquer combinação cujos pormenores esqueci. Esqueci-me também das horas a que abriam as portas, de manhã, para me deixarem entrar; só sei que estava a pé às seis horas e que o lugar em que esperava, passeando, era em geral a velha ponte de Londres. Às vezes sentava-me num dos contrafortes de pedra e observava os transeuntes; por cima dos balaústres via o sol brilhar na água e iluminar a parte superior do monumento. A órfã vinha ao meu encontro e eu inventava, para ela, histórias surpreendentes acerca dos cais e da Torre de Londres: naturalmente eu também acreditava nelas. À noite, voltava à prisão e andava cá e lá no pátio com o senhor Micawber, ou a jogar às cartas com a senhora Micawber, ouvindo ao mesmo tempo o que ela contava a respeito dos pais. Ignoro se o meu padrasto sabia qual era então o meu domicílio; nunca falei nisso nos escritórios de Murdstone & Grinby.

Os negócios de Micawber, embora já houvesse passado a crise mais aguda, continuavam complicados em virtude de certa acta de que falavam muito e que hoje suponho ter sido qualquer acordo com os credores; mas eu compreendia mal do que se tratava e confundia, bem me recordo, com esses pergaminhos diabólicos que parece foram outrora muito espalhados na Alemanha. Afinal esse documento desapareceu, ao que julgo, não sei como; pelo menos deixou de ser um escolho ameaçador para os Micawbers, e a dama informou-me de que a «sua família» decidira que o preso requeresse a sua libertação baseado na lei dos devedores insolventes, o que se devia verificar daí a seis semanas.

- E então - disse por seu turno Micawber, que estava presente - se Deus quiser começarei a deitar a cabeça de fora e a viver de uma forma muito diferente, se... enfim, se as coisas se modificarem.

Para corresponder a todas estas possibilidades, lembro-me de que Micawber, por essa época, enviou uma petição à Câmara dos Deputados, em que sugeria a modificação da lei relativa à prisão por dívidas. Aponto isto porque demonstra como eu acomodava o texto dos meus antigos livros à minha nova existência; como contava histórias cujas personagens eram tiradas das pessoas que encontrava na rua; e como certas facetas do meu carácter (que revelarei inconscientemente, escrevendo acerca da minha vida) se já iam formando a pouco e pouco.

Havia na prisão um clube no qual o senhor Micawber, como pessoa bem educada, gozava de muita autoridade. Ele expusera ao clube a ideia da sua petição, e o clube aplaudira-o vivamente. Em consequência disto, Micawber (que era homem excelente, activo em tudo menos nos seus negócios e desejoso sempre de trabalhar em qualquer coisa de que auferisse benefício) deitara mãos à obra: escrevera a petição, copiara-a numa folha enorme de papel, colocara-a em cima da mesa e convidara todos os encarcerados a virem assiná-la no seu quarto, se quisessem.

Quando ouvi dizer que era ocasião da assinatura, tive imensa curiosidade de os ver entrar um após outro, embora já os conhecesse quase todos, e consegui autorização de Murdstone & Grinby Para me ausentar durante uma hora. Assim, instalei-me a um canto do quarto de Micawber. O capitão Hopkins (que se lavara nesse dia em honra da cerimónia), postou-se a um lado para ler o documento aos que ainda o não conheciam. Por fim abriu-se a porta e começaram a entrar os presos, que assinavam e logo saíam. A todos o capitão perguntava:

- Leu o papel?

- Não.

- Quer ouvi-lo?

Se o interpelado tinha a fraqueza de se mostrar disposto a escutar a leitura, ele, com voz forte e sonora, lia a petição, sem poupar uma só palavra. Tê-la-ia lido vinte mil vezes seguidas se vinte mil pessoas pretendessem ouvir. Lembro-me de como dava ênfase a expressões como «Os representantes do povo reunidos em Parlamento... Os autores desta petição dirigem-se humildemente aos dignos deputados... Os infortunados súbditos de Sua Majestade...» Dir-se-ia que estas frases tomavam na sua boca forma real e suculenta. Durante esse tempo, Micawber escutava com a vaidade do autor e contemplava (com ar indulgente) as pontas aguçadas que guarneciam o muro fronteiro.

Enquanto eu, todos os dias, fazia o percurso entre Southwark e Blackfriars,

e deambulava à hora das refeições pelas ruas sombrias cujo pavimento talvez ainda tenha a marca dos meus passos de criança, a mim mesmo perguntava se faltaria alguém na multidão de indivíduos que desfilavam no meu espírito ao som da voz do capitão Hopkins. Quando evoco o passado, nessa época dolorosa da minha infância, penso a que ponto as histórias, que eu inventava então para eles, sustinham como numa bruma fantástica os factos que a memória me representa. E, quando piso de novo esses lugares, não me admiro de ver andar à minha frente uma criança inocente, que eu sigo com olhar compadecido, uma criança romanesca que, dessas aventuras estranhas e dessas coisas sórdidas, criou um mundo imaginário.

XII. NÃO MELHORA O MEU GOSTO PELA VIDA INDEPENDENTE, E EU TOMO UMA RESOLUÇÃO IMPORTANTE

A petição de Micawber foi oportuna, e a sua restituição à liberdade não tardou, com grande aprazimento meu, em virtude da lei relativa aos devedores insolventes. Os credores não se mostraram implacáveis; a senhora Micawber informou-me que o terrível sapateiro declarara, em plena audiência, que não lhe queria pessoalmente mal, mas que gostava lhe pagassem o que lhe deviam. Acrescentou que isto participava da natureza humana.

Uma vez regularizado o seu caso, Micawber voltou à cadeia de Kings Bench a fim de pagar as custas judiciais e preencher as formalidades necessárias à sua soltura. O clube recebeu-o com entusiasmo e, nessa noite, reuniu-se em sua honra, enquanto eu e a senhora Micawber comíamos guisado de carneiro, rodeados pelas crianças adormecidas.

- Em semelhante circunstância - disse ela - quero que tome mais um pouco desta cerveja morna em memória de meus pais.

- Já morreram? - perguntei, depois de haver feito o brinde.

- A minha mãe deixou o mundo antes de começarem as dificuldades do meu marido, ou pelo menos antes que elas se tornassem sérias .O meu pai viveu o suficiente para lhe servir várias vezes de fiador, depois expirou, no meio da consternação geral.

Meneou a cabeça e verteu uma lágrima de piedade filial sobre o gémeo que segurava ao colo nesse instante.

Eu não podia desejar ocasião mais favorável para lhe fazer uma pergunta que me respeitava intimamente:

- Posso indagar o que tenciona fazer, agora que o senhor Micawber retoma a liberdade, isento das antigas preocupações? Já tomou alguma deliberação?

- A minha família - retorquiu ela, pronunciando esta palavra em tom grave, se bem que eu não percebesse a quem se referia -, a minha família é de parecer

que o meu marido faria bem em sair de Londres e empregar os seus talentos na província. Micawber é homem de muito engenho, senhor Copperfield.

Confirmei a asserção.

- De muito engenho - repetiu a senhora Micawber. - A minha família acha que com um pouco de protecção se podia tirar partido da sua capacidade na administração das alfândegas. A minha família é influente na região e deseja que ele vá para Plymouth. Considera indispensável a sua presença nesse lugar.

- Para estar pronto...?

- Exactamente, para estar pronto no caso de aparecer qualquer coisa...

- A senhora iria também?

Os acontecimentos do dia, combinados com os gémios e a libação da cerveja morna e misturada de especiarias haviam actuado nos nervos da senhora Micawber, que principiou a chorar e respondeu:

- Nunca abandonarei o meu marido, Micawber pode, de início, dissimular-me os seus embaraços, e o seu carácter optimista é capaz de supor que os subjuga. O colar de pérolas e os braceletes que herdei da minha mãe foram vendidos por menos de metade do seu valor. O adereço de coral que era o presente de casamento do meu pai foi completamente desbaratado. Mas nunca abandonarei Micawber. Não! - insistiu a mulher, cada vez mais comovida - Jamais consentirei! É inútil pedirem-no.

Perante tamanha agitação senti-me pouco à vontade. Como se a senhora Micawber pudesse imaginar que eu lhe pedia esse sacrifício. Fiquei, pois, inquieto, contemplando-a.

- Micawber tem os seus defeitos. Não nego que é muito imprevidente. Não nego que me deixou na ignorância dos seus recursos e das suas dívidas - continuou ela, olhando para a parede. - Mas jamais o abandonarei!

Como elevasse a pouco e pouco a voz, por fim já soltava autênticos berros. Assustei-me tanto que corri à sala onde o clube se reunia sob a presidência de Micawber, que nesse momento dirigia um coro frenético, e participei-lhe que a esposa se achava em estado alarmante. O homem enterneceu-se e acompanhou-me, com o colete coberto de restos de mariscos com que ele acabava de se regalar.

- Emma, anjo meu! - bradou, precipitando-se para o quarto. - Que aconteceu?

- Nunca te abandonarei, Micawber! - replicou ela.

- Vida minha! - disse Micawber, tomando-a nos braços.- Não duvido.

- És o pai dos meus filhos! - continuou a mulher. - O pai dos meus gémeos. O esposo da minha alma! Jamais abandonarei o senhor Micawber!

Ficou ele tão impressionado com esta prova de ternura (eu próprio estava banhado em lágrimas) que abraçou a mulher com paixão, implorando-lhe que se tranquilizasse e olhasse para ele. Mas quanto mais o fazia, mais ela se enervava e mais desviava a vista. Nestas circunstâncias, Micawber cedeu à comoção da esposa e misturou as suas lágrimas às dela e às minhas; e acabou por me pedir que lhe levasse uma cadeira ao patamar enquanto ele a metia na cama. Bem desejaria eu safar-me, mas o homem não consentiu enquanto a sineta não tocou para a saída das visitas. Conservei-me, pois, no patamar, até que Micawber reapareceu, com outra cadeira.

- Como está agora a senhora? - perguntei-lhe.

- Muito combalida - replicou, abanando a cabeça. - É a reacção. Ah, que dia tremendo! Estamos agora sós no mundo e desprovidos de tudo!

Micawber apertou a minha mão, gemeu e desatou a chorar. Sentia-me comovido mas, ao mesmo tempo, descoroçoado. Pensava que seria de contentamento esta conjuntura há tanto tempo esperada! Os Micawber, habituados de tal maneira à adversidade, não tiravam partido da situação, e nessa noite pareciam tão tristes como antes. Quando a sineta tocou, ele acompanhou-me até ao pátio e, ao despedir-se de mim, deu-me a sua bênção. Afligia-me a ideia de o deixar, tão desesperado o via.

Através de toda esta confusão e abatimento, tão inesperados para mim, o que eu compreendia era que eles iam sair de Londres: portanto, estava próxima a nossa separação. Nessa noite, no meu regresso a casa e no decurso das horas de insónia que se seguiram, enquanto estava estirado na cama, veio-me uma ideia (não sei como me germinou no espírito) que depois tomou a forma de uma resolução perfeita.

Eu estava habituado aos Micawbers, tornara-me seu íntimo nas horas amargas e, sem eles, achava-me destituído de amigos. Tinha de procurar de novo um quarto e viver outra vez entre estranhos. Achar-me-ia à toa na vida, e a experiência dizia-me com antecipação o que seria de mim. Essa experiência futura feria-me os sentimentos delicados, o opróbrio e o sofrimento renasciam na minha alma, e a conclusão que tirei foi de que tal existência me seria insuportável.

Bem podia não haver qualquer esperança de me esquivar ao destino se não tomasse uma iniciativa. Raras vezes ouvia falar da senhora Murdstone e nunca do irmão. Tinham-me remetido dois pacotes de roupa por intermédio do senhor Quinion, acompanhados de ambas as vezes de um papel que dizia confiarem na minha aplicação ao trabalho e cumprimento dos deveres. Nunca me davam esperança de sair da condição de operário vulgar, condição que tendia a ser perpetuamente a minha.

No dia seguinte (ainda estava muito agitado por causa da minha resolução), verifiquei que a senhora Micawber não exagerara quanto à partida da família. Arrendaram um apartamento por uma semana na casa em que eu morava; depois deviam ir para Plymouth. O senhor Micawber, nessa mesma tarde, foi ao escritório de Murdstone & Grinby participar ao senhor Quinion que a sua partida o obrigava a separar-se de mim e para lhe dar as melhores informações a meu respeito, que aliás eu merecia, ao que julgo. O senhor Quinion chamou o carroceiro Tipp, que era casado e tinha um quarto para alugar. Esse quarto ficou para mim, com grande satisfação recíproca, segundo ele devia supor, porque eu mantinha a decisão tomada, embora não a dissesse a ninguém.

Passei com os Micawbers o tempo que ainda nos restava de vida sob o mesmo tecto, e creio que a nossa amizade aumentava com o decorrer dos dias. No último domingo convidaram-me para o jantar, que constou de fatias de carne de porco com doce de maçãs e um pudim. Eu comprara na véspera à noite um cavalinho de pau para oferecer ao pequeno William Micawber e uma boneca para a pequena, que se chamava Emma como a mãe. Gratifiquei ainda com um xelim a órfã, que ia ser despedida.

O dia foi muito agradável, apesar de estarmos todos um tanto comovidos com a ideia da separação próxima.

- Nunca mais poderei, senhor Copperfield - disse a senhora Micawber - pensar neste período em que meu marido andou tão atrapalhado sem pensar igualmente em si. Procedeu sempre connosco da forma mais obsequiosa e delicada. Não era um locatário, era um amigo.

- Minha querida - acudiu o marido - Copperfield (ultimamente habituara-se a tratar-me mais familiarmente) tem coração sensível aos infortúnios dos seus semelhantes quando estão na adversidade; tem cabeça capaz de raciocinar e mãos para... enfim, uma aptidão geral a dispor de todos os objectos de que nos queremos desfazer.

Declarei quanto ficava grato ao elogio e repeti que tinha muita pena de me separar deles.

- Meu jovem amigo - redarguiu Micawber -, eu sou mais velho do que você, tenho experiência da vida, tenho experiência... em suma, de aborrecimentos. Por agora, e antes que me depare qualquer coisa (não será mais, posso dizer-lhe, que uma questão de horas), nada tenho para lhe oferecer senão conselhos. Entretanto, os meus conselhos valem a pena ser escutados, no sentido de que... enfim, de que eu próprio nunca os segui e que sou...

Aqui Micawber, que não fizera outra coisa senão sorrir, deteve-se, carregou o cenho e concluiu: - ... sou o miserável que você tem debaixo da sua vista.

- Oh, Micawber! - exclamou vivamente a esposa.

- Sim - replicou ele, tornando a sorrir - o miserável que tem sob a sua vista. Eis o meu conselho: não deixe nunca para o dia seguinte o que possa fazer hoje mesmo. Protelar é roubar tempo.

- A máxima de meu defunto pai - comentou a senhora Micawber.

- Minha querida, o teu pai era perfeito no seu género e Deus me defenda de o denegrir. Era no conjunto um verdadeiro homem, como diz Shakespeare. Jamais conheceremos outro da sua idade com pernas tão bem feitas para as polainas nem tão capazes de ler sem óculos. Mas aplicou aquela máxima ao nosso casamento, minha querida, e tudo se concluiu de modo tão prematuro que nunca me restabeleci dessa despesa.

Micawber lançou um olhar de soslaio à mulher e acrescentou:

- Não que esteja arrependido. Pelo contrário, minha filha. Depois disto tomou um ar grave durante uns minutos.

- O meu outro conselho, Copperfield, você conhece-o: rendimento anual, vinte libras; despesa anual, dezanove libras, dezanove xelins e seis dinheiros. Resultado: felicidade. Rendimento anual: vinte libras. Despesa anual: vinte libras e seis dinheiros. Resultado: infelicidade. A flor está murcha, a folha seca, o deus do dia desaparece iluminando uma cena lúgubre e... numa palavra, você está para sempre vencido. Como eu!

Para tornar o seu exemplo mais impressivo, Micawber ingeriu um trago de ponche, com ar de imensa satisfação, e assobiou uma ária de gaita de foles.

Não me esqueci de lhe afirmar que observaria esses preceitos, com todo o rigor, o que aliás era inútil, pois nesse momento percebia-se que eles me sugestionavam fortemente. No dia seguinte voltei a encontrar toda a família na estação da diligência e vi-os, saudoso, tomar assento na viatura.

- Senhor Copperfield - disse a senhora Micawber - que Deus o abençoe!

Nunca poderei esquecer o que se passou, e, ainda que o pudesse, não o quereria.

- Copperfield, adeus! - exclamou Micawber. - Prosperidades! Se eu, de futuro, chegar a crer que a minha ruína lhe serviu de lição, sentirei que não ocupei inutilmente o lugar de outrem neste mundo. No caso de se me deparar qualquer coisa (no que eu confio), serei deveras feliz se estiver em meu poder melhorar a sua situação.

Creio que, enquanto estava sentada com as crianças na diligência e me encontrava na rua, a vê-los com ar triste, a senhora Micawber compreendeu que espécie de rapaz eu era na realidade. Julgo isso porque ela me fez sinal para subir, com uma expressão diferente, maternal: cingiu-me o pescoço com o braço e beijou-me como se eu fosse seu próprio filho. Só tive o tempo de me apear antes que o veículo partisse; mal podia distinguir a família Micawber no meio dos lenços agitados. Num minuto tudo desapareceu. Ficámos na estrada, eu e a órfã, olhando-nos sem nos ver; depois, com um aperto de mão, despedimo-nos: ela voltou, suponho, para o asilo de São Lucas e eu fui iniciar um dia melancólico no armazém de Murdstone & Grinby.

Não tencionava, porém, continuar aí uma existência medíocre. Não. Tinha decidido fugir, fosse como fosse, para o campo e ir contar a minha triste história à única parente que possuía no mundo, à minha tia Betsey.

Já observei que não sabia como me entrara na cabeça essa ideia desesperada. Mas, uma vez aí, permaneceu.

E fixou-se de tal maneira que nunca tive outra tão determinada em todo o resto da minha vida. Não me parece que jamais acreditasse haver nela a mínima esperança, mas a resolução estava tomada e só faltava dar-lhe execução.

Cem vezes desde que a ideia me acudira, afugentando-me o sono, eu repisara mentalmente a história do meu nascimento; agradava-me tanto, outrora, que a minha mãe ma contasse que já a sabia de cor. A tia tinha nela apenas uma aparição, aparição terrível, mas havia no seu comportamento uma pequena particularidade que eu gostava de lembrar e que me infundia um clarão de esperança. Não me podia esquecer de que a mãe sentira que ela lhe acariciava os cabelos; embora isto talvez fosse uma ilusão, ainda assim eu imaginava um quadro em que a tia terrível se deixava enternecer pela beleza da sobrinha. Este episódio dulcificava tudo, e é muito possível que, sendo apenas um pormenor, se ampliasse no entanto no meu espírito e gradualmente engendrasse a minha resolução.

Como eu próprio não soubesse onde habitava a tia Betsey, escrevi uma carta

extensíssima à Peggotty e, à laia de parêntese, introduzi este período: fingi ter ouvido falar de uma dama que vivia algures (indiquei um sítio, ao acaso) e mostrei curiosidade em saber se era esse o nome. No decurso da carta, disse que precisava de meio guinéu, para certo fim que revelaria mais tarde se ela quisesse emprestar-me essa quantia, reembolsável quando eu estivesse apto a fazê-lo.

Não tardei a receber a resposta de Peggotty, cheia como de costume das maiores demonstrações de amizade. Incluía nela o meio guinéu (quanto lhe custaria a extraí-lo do cofre de Barkis?) e dizia que a tia Betsey morava perto de Dover, mas que ignorava se era mesmo em Dover, ou Hythe, Sandgate ou Folkestone. Um dos homens que trabalhavam comigo informou-me entretanto que essas localidades ficavam perto umas das outras, e considerei que isto bastava para o meu propósito. Resolvi, pois, pôr-me a caminho no fim da semana.

O meu conceito de boa reputação não me permitiu que deixasse Murdstone & Grinby antes do sábado à noite. Recebera uma semana adiantada, e por isso resolvi não me dirigir à caixa à hora habitual para receber o salário. Por esta mesma razão é que pedira o meio guinéu emprestado; com ele faria as despesas da viagem. Assim, quando chegou o sábado, estando nós todos no armazém à espera do pagamento costumado, o carroceiro Tipp foi à frente receber o seu dinheiro, e, nesse momento, apertei a mão de Mick Walker e pedi-lhe que, ao chegar a minha vez, dissesse ao senhor Quinion que eu fora levar a minha mala a casa de Tipp; despedi-me do Farinhento e saí.

Essa mala estava no meu antigo alojamento, do outro lado do rio. Aproveitei o reverso de um dos rótulos de expedição que colávamos nos barris e escrevi: David. Para ser reclamada no Escritório da Diligência em Dover. Tinha esse letreiro pronto na algibeira para o colocar na mala quando a retirasse da casa. Pelo caminho fui procurando alguém que ma pudesse levar ao local da diligência.

Havia um rapaz de pernas compridas que costumava estar na estrada de Blackfriars junto do Obelisco, com o seu carrinho de transportes. Vi-o e perguntei-lhe se queria encarregar-se de um serviço.

- Que serviço? - replicou.

- Levar uma mala.

- Que mala?

Expliquei-lhe que era a minha, que a deixara no extremo da rua e que desejava alguém que a conduzisse por seis dinheiros à estação da diligência, a

fim de seguir para Dover.

Aceitou o preço, saltou logo para a traquitana, que era um estrado de madeira assente sobre rodas, e partiu com grande estardalhaço, tão rápido que eu mal podia acompanhar a corrida do muar.

O ar insolente do rapaz e, em particular, o modo como ele mascava uma palhinha enquanto falava, não me agradava positivamente; mas o contrato estava feito. Mandei-o, pois, ao quarto que eu deixara, ele desceu com a mala e colocou-a na carreta. Ainda não me apetecia colar o letreiro, com medo que algum membro da família do senhorio percebesse o meu plano e me detivesse. Disse então ao rapaz que lhe agradecia se parasse um instante ao chegar diante da muralha da prisão de Kings' Bench. Mal pronunciara estas palavras, partiu à desfilada, como se ele, a mala, o carro e o muar estivessem todos furiosos. Sentia a alma pela boca fora de tanto correr atrás deles e de chamar, quando cheguei ao ponto combinado.

Estava coradíssimo e, na minha agitação, deixei cair o meio guinéu da algibeira, ao tirar de lá o letreiro. Meti-o na boca, por precaução, e, apesar de ter as mãos trémulas, consegui fixar o rótulo quando senti o rapaz dar-me um soco no queixo e arrancar-me o dinheiro.

- Com que então! - berrou ele, agarrando-me no casaco e fazendo uma careta medonha. - Isto diz respeito à polícia, não? Tencionas safar-te, hem? Vem comigo à esquadra, patife!

- Entregue-me o dinheiro, por favor! - roguei, assustado. - E deixe-me em paz.

- Vamos à esquadra - repetiu o moço de fretes. - Provarás na polícia que te pertence.

- Dê-me o dinheiro e a mala! - insisti, já lavado em lágrimas. O outro repetia sempre «Vamos à esquadra!», e puxava-me com

força para junto do muar, como se achasse analogia entre o animal e a autoridade policial. Depois mudou de táctica, saltou para o carro, sentou-se na minha mala e, declarando que ia chamar um polícia, partiu com maior estrondo e velocidade do que nunca.

Corri atrás dele, tão depressa quanto pude, mas estava muito ofegante para gritar e, ainda que me fosse fácil, não ousaria fazê-lo. Durante meia milha estive para ser esmagado uma dúzia de vezes. Ora perdia de vista o fugitivo, ora o tornava a descobrir, para de novo me desaparecer e vê-lo daí a instantes; recebia chicotadas de passagem, insultos, caía na lama, levantava-me, esbarrava num

transeunte, precipitava-me contra um poste. Finalmente, vencido pelo calor e o medo, pensando que meia Londres me perseguiria e prenderia, deixei o moço levar a mala e o dinheiro para onde quisesse; e, arquejando e banhado de pranto, mas sem parar, tomei a direcção de Greenwich, que sabia ficar no caminho de Dover, para alcançar o sítio onde minha tia Betsey se acolhera. Dos bens deste mundo possuía tão poucos como os que trouxera na noite em que a minha vinda a ele causara a essa dama tanto temor.

XIII. CONSEQUÊNCIAS DA MINHA RESOLUÇÃO

Tanto quanto sei, eu devia ter a ideia louca de ir a correr até Dover quando renunciei à perseguição do rapaz e da sua carroça para tomar o caminho de Greenwich. Consegui, pois, reconsiderar, porque parei em Kant Road, num terreiro em que havia uma fonte com uma estátua enorme e desinteressante, a qual soprava uma concha sem água. Aí me sentei no degrau de uma porta, esfalfado, exausto dos esforços a que me entregara e tão ofegante que mal tinha força de lamentar a perda da mala e do meio guinéu.

Caíra a noite. Enquanto ali repousava, ouvi os relógios darem as dez horas. Felizmente era uma noite de Verão e o tempo estava óptimo. Quando recobrei fôlego e me refiz da impressão de afogamento que sentia na garganta, levantei-me e recomecei a andar. Por maior que fosse a desolação em que me abismara, nem por um instante pensei em arrepiar caminho. Ainda que a estrada se achasse obstruída pela neve, suponho que nem nesse caso desistiria do intento.

Aborrecia-me no entanto saber que, no bolso, só tinha três moedas de cobre, cuja proveniência até ignorava. Comecei a imaginar o que diriam os jornais se eu fosse encontrado dois dias mais tarde, morto, ao lado de uma sebe; e ia andando a custo e cheio de tristeza, embora com a pressa de que era capaz, quando passei perto de uma loja em que havia um cartaz. Lendo-o, verifiquei que anunciava a compra de vestuário de homem e de senhora; também pagavam bem trapos, ossos e lixo doméstico. O dono da loja estava sentado à porta, em mangas de camisa, a fumar. Como se viam fatos pendurados do tecto, à luz débil de duas velas acesas no interior, deu-me ele a impressão de que enforcara os seus inimigos, por vingança, e que saboreava agora a sua vitória.

A minha frequentação recente do casal Micawber ensinara-me que há sempre meio de obviar às nossas necessidades. Dobrei a esquina da primeira rua, tirei o colete, pu-lo embrulhado debaixo do braço e voltei à porta da loja.

- Faz-me favor... - disse ao homem. - Queria vender isto por um preço razoável.

O senhor Dolloby (era, pelo menos, o nome que figurava no anúncio) pegou no colete, descançou o cachimbo e entrou na loja. Eu segui-o. Ele, com os dedos, retirou o morrão das velas, estendeu o colete no balcão e contemplou-o; depois

expô-lo mais à luz, e tornou a contemplá-lo. Acabou por me dizer:

- Quanto quer por isto?

- O senhor sabe melhor do que eu - repliquei modestamente. - Não posso ser ao mesmo tempo comprador e vendedor. Diga um preço.

- Talvez dezoito dinheiros... - volvi tímido, após uma hesitação.

O senhor Dolloby dobrou o colete e devolveu-mo.

- Se lhe desse metade disso, punha a família a pão e água. Esta forma de apresentar a questão desagradava-me bastante, porque me colocava na situação dolorosa de pôr a família do senhor Dolloby a pão e água. No entanto, a minha necessidade era tão urgente que declarei aceitar nove dinheiros se a transacção lhe conviesse. O homem pagou-mos, resmungando. Desejei-lhe boa noite e saí da loja com nove dinheiros a mais e um colete a menos. Mas, ao abotoar o casaco, achei que ele não fazia muita falta.

Na realidade, previa que o casaco ia tomar o mesmo caminho e que teria de chegar a Dover em ceroulas e camisa. E ainda era estar com sorte! Todavia o caso não me preocupava grandemente. À parte o facto de sentir que havia à minha frente uma distância considerável e a irritação que me causava o procedimento do moço de fretes, suponho que não compreendia bem as dificuldades que se me deparavam quando recomecei a andar com mais esses nove dinheiros no bolso.

Ideara um projecto para passar a noite, e preparava-me para o executar. O plano consistia em deitar-me por trás do muro do meu antigo internato, onde havia medas de feno. Achava que a proximidade dos condiscípulos e do dormitório (em que contara tantas histórias) me daria a sugestão de estar acompanhado, embora os rapazes ignorassem a minha presença e o dormitório me não servisse de abrigo.

O dia fora ingrato e eu estava fatigadíssimo quando finalmente trepei a encosta de Blackheath. Não me foi fácil descobrir o colégio de Salem, mas sempre dei com ele, e topei, a um canto, a palha, sobre que me deitei depois de ter ladeado o muro, olhado para todas as janelas e reconhecido que no interior reinavam as trevas e o silêncio. Nunca esquecerei a sensação de isolamento que experimentei ao estender-me sobre a meda, sem ter, pela primeira vez, um tecto que me cobrisse.

O sono venceu-me, nessa noite, como a tantos outros proscritos para quem as portas das casas estavam fechadas e contra quem ladravam os cães de guarda. Sonhei que estava deitado no meu leito do internato e que conversava com os

alunos. Acordei e vi-me sentado, com o nome de Steerforth nos lábios, a olhar espantado para a claridade trémula das estrelas que me envolviam. Quando me recordei do lugar em que me encontrava a essa hora tardia, fui tomado de uma espécie de terror e, erguendo-me, caminhei sem fito. Mas sosseguei vendo atenuar-se a luz das estrelas e a palidez do céu anunciar-me o regresso do dia. Como os olhos se me fechassem do cansaço, tornei a deitar-me e adormeci, com a impressão contínua, durante o sono, de que tinha frio. Enfim, fui despertado pelos raios de sol e pela sineta que badalava dentro dos muros do colégio. Se me fosse possível ter um encontro com Steerforth, erraria pelas imediações até que ele saísse sozinho: mas sabia que devia ter deixado o internato há muito tempo. Talvez lá estivesse ainda Traddles, o que se me afigurou duvidoso, e além disso não confiava muito na sua discrição para lhe dar conta da minha aventura, por mais que reconhecesse a bondade da sua alma. Afastei-me, pois, do colégio, com precaução, enquanto os alunos do senhor Creakle se levantavam, e tomei o caminho poeirento que me tinham indicado como sendo a estrada de Dover, na altura em que frequentava as aulas de Salem. Mal pensava então que poderia um dia jornadear por aquelas paragens!

Como essa manhã de domingo me pareceu diferente das que eu passara outrora em Yarmouth! À hora do ofício divino ouvi soar os sinos das igrejas, enquanto eu prosseguia dificultosamente pela estrada fora. Cruzava-me com pessoas que se dirigiam para lá. Passei defronte de uma ou duas em que os fiéis se reuniam; daí saíam cânticos que se evolavam ao céu: e o sacristão, sentado à sombra fresca do pórtico ou debaixo de um teixo, enxugava a testa com a mão e olhava-me espantado. A paz desses domingos passados reinava por toda a parte, excepto no meu coração. Aqui residia a diferença. Sentia-me criminoso sob a sujidade e o pó, com o cabelo desgrenhado. Se não evocasse a minha mãe, em todo o esplendor da mocidade e da beleza, chorando ao canto da lareira, e a minha tia enternecida junto dela, não sei se teria ânimo de continuar até ao dia seguinte. Mas essa visão ia à minha frente e eu seguia-a.

Caminhei, nesse domingo, vinte e três milhas em linha recta, e com que dificuldade, porque não estava habituado a semelhante fadiga! Vejo-me ainda, ao anoitecer, atravessando a ponte de Rochester: estava esgotado, doíam-me os pés e comia o pão que comprara para a ceia. Por momentos tentaram-me certas casas que ostentavam o letreiro: «Dá-se hospedagem a viandantes». Não me atrevia, porém, a gastar os poucos cobres que me restavam, e tinha sobretudo medo da cara sinistra dos caminhantes que se cruzavam comigo. Não pedia, pois, abrigo senão ao céu. Custosamente cheguei a Chatham, que, no seu aspecto nocturno, é uma fantasmagoria de greda, pontes levadiças e barcos desmantelados junto a

um rio de lama onde arribassem arcas de Noé. Enfiei, por fim, numa espécie de plataforma de canhões coberta de ervas, acima de um atalho onde andava cá e lá uma sentinela. Deitei-me, ao lado de uma peça de artilharia e, contente por ouvir os passos da sentinela e sentir a sua companhia (embora soubesse tanto da minha presença como os internos de Salem quando me estendi atrás do muro), adormeci profundamente e assim fiquei até de manhã.

De manhã, achei-me inteiriçado e com dores nos pés. Aturdia-me por completo o rufar dos tambores e o barulho dos passos dos soldados que pareciam cercar-me por toda a parte quando considerei necessário descer pelo atalho estreito e comprido. Sentindo que não poderia ir muito além nesse dia, para conservar algumas forças com que alcançasse o termo da jornada, resolvi consagrar essas horas à venda do meu casaco. De modo que o tirei, para me habituar à sua falta, e, metendo-o debaixo do braço, comecei a inspeccionar as diversas baiucas dos adelos.

O lugar era bem escolhido para vender um casaco, pois havia inúmeros negociantes de roupa usada, os quais em geral estacionavam à porta das respectivas lojas, cocando a aproximação dos clientes. Como, porém, muitos deles tinham em depósito dólmanes de oficiais com dragonas e outros acessórios, fiquei intimidado com o aspecto sumptuoso do seu comércio e vagueei durante muito tempo antes de oferecer a minha mercadoria.

Esta modéstia atraiu a minha atenção para os negociantes de ferro-velho para uso dos marinheiros e armazéns do género do do senhor Dolloby, de preferência aos comerciantes vulgares. Até que descobri um, cuja aparência achei prometedora, à esquina de uma travessa suja que terminava num campo de urtigas entre uma paliçada em que se viam roupas de marujo, em segunda mão: estas pareciam ter transbordado da loja e flutuarem ao vento no meio de camas de ferro, espingardas ferrugentas, chapéus de oleado e bandejas repletas de chaves de todos os tamanhos e feitios, capazes de abrirem todas as portas deste mundo.

A lojeca, pequena e baixa, era obscurecida mais do que iluminada por uma janela donde pendiam fatos. Chegava-se lá descendo uns degraus. O coração batia-me quando entrei e o meu tremor não diminuiu ao lobrigar um velho medonho, cuja parte inferior da cara estava coberta de barba grisalha e espessa. O homem saía de uma espécie de caverna soturna, atrás da loja, e agarrou-me pelos cabelos. Realmente, era um velho horrível! Usava um colete de flanela cheio de nódoas e tresandava a aguardente. A cama, tapada com um pedaço de pano rasgado e remendado, ficava nesse antro donde ele saía e por onde se via,

através de uma janela, o campo de urtigas e um burro coxo.

- Que queres? - perguntou em tom lamuriento, mostrando os dentes com ar feroz. - Ai, os meus olhos, os braços! Que é que queres? Ai os pulmões, o fígado! Que queres? Gorou! Gorou!

Admirei-me tanto deste discurso, e em especial desse estranho nome repetido duas vezes, semelhante a uma matraca que tivesse na garganta, que me faltou a voz para responder. Então o velho, que não me largava os cabelos, insistiu:

- Que queres? Ai, meus olhos, meus braços! Que queres? Ai, os meus pulmões, o meu fígado! Que queres? Oh, Gorou!

E soltou este último grito com tal energia que os olhos quase lhe saíram das órbitas.

- Desejava saber - disse, tremendo todo - se me comprava este casaco...

Então aqueles dedos, que pareciam as garras de uma ave gigantesca, largaram-me o cabelo. O homem pôs os óculos, que não embelezavam muito os olhos inflamados, e perguntou, examinando a mercadoria:

- Quanto queres pelo casaco? Oh, Gorou! Quanto queres?

- Meia coroa - repliquei, recobrando ânimo.

- Ai os meus pulmões, o meu fígado! Não! Ai os meus olhos! Não! Ai os meus membros! Não! Dezoito dinheiros. Gorou!

Todas as vezes que soltava esta exclamação, os olhos pareciam sair-lhe das órbitas. Pronunciava as palavras num tom plangente, sempre o mesmo, que principiava docemente, aumentava e decrescia de novo.

- Está bem - disse, encantado por fechar o negócio. – Aceito dezoito dinheiros.

- Ai o meu fígado!-gritou o velho, atirando o casaco para cima da mesa. - Sai daqui! Ai os meus pulmões! Sai daqui! Ai os meus olhos, as pernas... Gorou! Não me peças dinheiro. Façamos uma troca.

Nunca na minha vida estive tão apavorado. Mas disse-lhe humildemente que precisava de dinheiro e que outro objecto me seria inútil; que esperaria lá fora, como ele desejava; que não havia pressa nenhuma. Saí, pois, e sentei-me num canto. Ali fiquei durante horas, tantas que o sol sucedeu à sombra e a sombra ao sol, e eu sempre à espera do dinheiro.

Calculo que naquele negócio jamais houve semelhante louco ou semelhante

bêbedo. O homem era conhecido na vizinhança e passava por ter vendido a alma ao diabo, como logo soube pelos garotos que a cada instante faziam irrupção na loja e apregoavam essa história, gritando-lhe que fosse buscar o oiro.

- O senhor não é pobre, Charley, mas finge-o. Mostre um pouco desse oiro que o diabo lhe deu em troca da sua alma. Vamos! Está dentro do colchão. Basta rasgá-lo, e pronto, Charley!

Aquelas entradas intempestivas e a proposta de lhe emprestarem uma faca para rasgar o colchão exasperavam-no a tal ponto que ele passava o dia a correr atrás dos pequenos e estes a fugir. Por vezes, na sua fúria, o velho tomava-me por um desses garotos e atirava-se a mim, com uma carantonha horrível, como se quisesse despedaçar-me; depois, reconhecendo a tempo o engano, reentrava na loja e estendia-se na cama (segundo me parecia, pela direcção da voz), e vociferava, entremeando as palavras com muitos «Gorous». Para cúmulo da desgraça, os diabretes estabeleciam um elo entre mim e o velho, atendendo à perseverança com que eu esperava à porta, e atiravam-me pedras, maltratando-me constantemente.

O homem fez várias tentativas para me persuadir a aceitar uma troca: apareceu com uma cana de pesca, depois com um violino, um chapéu tricórnio, uma flauta... Resisti a todas estas propostas e mantive-me no meu posto, desesperado, suplicando-Lhe de cada vez, com lágrimas nos olhos, que me desse o dinheiro ou o casaco. Finalmente começou a pagar-me moedinha a moedinha e muito tempo decorreu antes que chegássemos à quantia de um xelim.

- Ai meus olhos, meus membros! - exclamou então, lançando um olhar horrendo pela porta da loja, após um longo intervalo. - Chegam mais dois dinheiros?

- Partiria sem lhe pedir mais nada - respondi. - Mas preciso absolutamente de dinheiro.

- Oh, Gorou! (É impossível descrever a careta que acompanhou esta exclamação. Estava meio oculto pela porta e só deixava ver o rosto velhaco.) - Chegam mais quatro dinheiros? Eu estava tão esgotado que concluí a transacção. Em seguida, pegando com a mão trémula no dinheiro que ele segurava nas garras, afastei-me dali, por estar cheio de fome e de sede, mas só depois de comer e beber é que, tomando coragem, retomei a caminhada por mais umas sete milhas, manquejando sempre.

Quando anoiteceu deitei-me sobre outro feixe de palha, e aí repousei convenientemente, depois de ter lavado num riacho os pés cobertos de empolas e

os haver embrulhado, como pude, nalgumas folhas frescas. Ao partir de novo, no dia seguinte de manhã, vi que o percurso seria através de lúpulos e de pomares. Como a estação ia adiantada, as maçãs maduras davam a esses campos um matiz vermelho, e em alguns lugares os que colhiam lúpulo já tinham iniciado o seu trabalho. Tudo isto se me afigurou muito belo, e eu decidi deitar-me nessa noite no meio das plantas, imaginando achar alegre companhia nessas longas filas de estacas em que as folhas se enlaçavam graciosamente.

Os vagabundos inquietaram-me dessa vez mais do que nunca e inspiraram-me um terror de que ainda guardo viva lembrança. Alguns bandidos de ar feroz, olhavam-me de passagem, detinham-se, gritavam de longe, para que lhes fosse falar, e, quando eu dava às de vila-diogo, atiravam-me pedras. Recordo-me de um rapaz, creio que picheleiro, a avaliar pela sacola e pelo maçarico, e que ia acompanhado de uma mulher. Voltou a cara para mim e fitou-me; em seguida ordenou-me com voz tremenda que voltasse atrás, e eu, assustado, parei.

- Vem quando te chamarem - disse o picheleiro. - Senão espeto-te a barriga.

Achei preferível obedecer. Ao aproximar-me, e olhando para eles com ideia de os enternecer, notei que a mulher tinha uma vista tapada.

- Para onde vais? - perguntou o rapaz, agarrando-me na camisa para se assegurar de que eu não fugiria.

- Para Dover - respondi.

- E donde vens? - continuou, sem nunca me largar a camisa.

- De Londres.

- Que é que roubas?

- Nada...

- Ah, se te fazes muito fino, racho-te a cabeça!

Com a mão livre esboçou o gesto de me bater. Depois olhou-me de alto a baixo.

- Tens contigo com que se possa tomar uma cerveja? Se tens, despacha-te, antes que te tire o dinheiro.

Tê-lo-ia feito se não encontrasse o olhar da mulher, que me fez um sinal imperceptível e disse «não» simplesmente com o mover dos lábios.

- Sou muito pobre - redargui, tentando sorrir. - Não tenho dinheiro.

- Que é isso que eu vejo? - exclamou o picheleiro; observava-me com

tamanha severidade que eu quase receei que ele tivesse visto o meu dinheiro através do forro da algibeira.

- Por favor... - balbuciei.

- Que vejo eu? Usas o lenço de seda do meu irmão? Dá-mo já! Arrebatou-mo do pescoço num instante e entregou-o à mulher, que desatou a rir, como se se tratasse de um gracejo; em seguida restituiu-mo, tornou a fazer um sinal imperceptível e murmurou: «Vai-te!» Antes que eu pudesse obedecer, o rapaz voltou a tirar-me o lenço, com tamanha brutalidade que eu voei como uma pena, e atou-o no seu pescoço. Virando-se para a mulher, blasfemando, deitou-a ao chão com um soco. Jamais esquecerei o espectáculo dessa mulher caída por terra. Tombara-lhe o chapéu e os cabelos ficaram brancos de poeira. Quando já ia a certa distância, olhei para trás e vi-a sentada, no meio da vereda, limpando com a ponta do xaile o sangue que lhe escorria da cara. O homem continuara o seu caminho.

Esta aventura horripilou-me de tal maneira que, desde então, quando percebia a aproximação de gente desta espécie, retrocedia para me ocultar fosse onde fosse, e aí ficava até que se perdessem de vista. Tive de repetir muitas vezes esta manobra, de que resultou atrasar consideràvelmente a viagem. Mas, em todas estas dificuldades, fui sempre protegido e guiado pelo retrato imaginário da minha mãe na sua mocidade, antes da minha vinda ao mundo. Era a minha companhia de todas as horas.

Estava lá, no meio dos campos de lúpulo, quando me estendia para dormir. Estava presente ao meu despertar, de manhã. Seguira à minha frente durante todo o dia. Desde esse tempo, está associado no meu espírito à recordação da rua soalheira de Cantuária, que parece dormitar sob esta luz escaldante; associado igualmente ao espectáculo das velhas casas, das velhas portas, da catedral majestosa, cor de cinza, e aos corvos que voavam de roda das torres. Quando cheguei finalmente às colinas nuas de greda que se estiram a perder de vista, nos arredores de Dover, essa imagem infundiu-me alguma esperança na desolação da paisagem, e só me abandonou quando atingi esse primeiro objectivo da jornada, pondo o pé na própria cidade de Dover, seis dias após o início daquela; porque então, coisa estranha, quando me achei seminu, de sapatos dilacerados, poeirento e queimado do sol, no lugar por que ansiara tanto, essa imagem dissipou-se como um sonho e eu fiquei sozinho, fraco e abatido.

Perguntei primeiramente aos barqueiros se conheciam a minha tia, e recebi diversas respostas, todas diferentes. Disse-me um que ela morava no farol de South Foreland e que o ar do mar lhe queimara os bigodes. Outro disse que

estava amarrada à bóia ao largo do porto e só podia ser visitada na maré baixa. Disse-me um terceiro que se encontrava presa em Maidstone por haver raptado crianças. Ainda outro, que fora vista montada numa vassora, na última rajada forte, e que viajara directamente para Calais. Os cocheiros de praça, entre os quais procedi a um inquérito, não foram menos chalaceadores nem menos desrespeitosos. E os lojistas, desagradados da minha aparência pouco recomendável, geralmente replicavam (sem me ouvir) que não davam esmolas a ninguém. Sentia-me mais abandonado e infeliz do que em nenhum outro momento da minha evasão. O dinheiro fora-se e já não tinha nada que vendesse. Estava cheio de fome e de sede, consumido, e o propósito da viagem afigurava-se-me tão longínquo como se ainda me achasse em Londres.

Passara a manhã naquelas buscas, e sentara-me nos degraus de uma loja desocupada, à esquina da rua, perto do mercado, a pensar se devia ir ao acaso até às outras terras de que ouvira falar, quando um cocheiro que seguia com o seu trem deixou cair o cobertor do cavalo. Ao restituir o que acabava de apanhar do chão, notei o ar simpático do homem e animei-me a perguntar-lhe se sabia onde morava a senhora Trotwood, embora já houvesse indagado isto tantas vezes que as palavras quase me expiravam nos lábios.

- Trotwood? Deixa-me ver, Esse nome não me é estranho. Uma senhora velha?

- Sim, bastante.

- Mas que se conserva muito direita? - continuou ele, endireitando também as costas.

- Creio que sim.

- E usa um saco? Um saco muito grande? E que é um tanto rabugenta, impertinente?

O coração pulava-me ao ouvir a verosimilhança desta descrição.

- Pois então, sobe por ali fora - disse o cocheiro, indicando o sítio com o chicote - e vai sempre em frente até chegar às casas que deitam para o mar. Mas a minha opinião é que ela te não dará nada. Toma lá isto para ti.

Era um dinheiro, que aceitei reconhecido e com que comprei um pão. Fui-o comendo pelo caminho indicado e andei muito tempo antes de alcançar as casas de que o homem me falara. Por fim enxerguei-as e, já próximo delas, entrei numa loja que parecia vender de tudo e onde perguntei se me podiam informar quanto à residência da senhora Trotwood. Dirigira-me a um homem que estava atrás do balcão e que nessa altura pesava arroz para uma mulher nova; esta,

porém, tomou a pergunta como endereçada a ela mesma e voltou-se vivamente.

- A minha patroa? - exclamou. - Que queres, pequeno?

- Desejava falar-lhe...

- Para lhe pedires esmola, não é isso? - replicou a mulher.

- Não, senhora.

Depois, lembrando-me que, no fim de contas, a minha finalidade era essa, calei-me embaraçado e senti o rubor subir-me às faces.

A criada da minha tia (visto que era esta a sua profissão, a avaliar pelo que dissera) meteu o arroz no cabaz que trazia e saiu da loja, aconselhando-me que a seguisse se queria saber onde morava a senhora Trotwood. Não me fiz rogado, se bem que tivesse chegado a tal grau de confusão e cansaço que as pernas se me dobravam. Segui, pois, a mulher e chegámos daí a pouco a uma vivenda pequena e nada feia, com janelas salientes. Tinha adiante um pàtiozinho ou jardim quadrado, coberto de areia e adornado de algumas flores bem cuidadas, que exalavam perfume delicioso.

- É esta a casa da senhora Trotwood - disse a criada -, Já ficas a saber. Não te posso fazer mais nada.

Com isto, entrou precipitadamente, como se quisesse repudiar qualquer responsabilidade na minha visita. Deixou-me, pois, junto à porta do jardim, e eu olhei com ar melancólico para a janela do que julguei ser a sala: uma cortina de cassa entreaberta, um anteparo em forma de leque fixado ao peitoril da janela, uma mesa pequena e uma poltrona levaram-me a pensar que talvez a minha tia, nesse momento, aí pontificasse com toda a majestade.

Eu tinha as botas em mísero estado, com as solas totalmente esfrangalhadas, a biqueira partida e tão arrebentada que nem se podia reconhecer o que era. O chapéu (que me servira de barrete de dormir) estava tão amachucado e deformado que sem exagero se poderia comparar com uma caçarola velha e amolgada, sem cabo, atirada para o lixo. A camisa e as calças, molhadas do suor e do orvalho, e sujas das ervas, apresentavam rasgões e só serviriam para vestir um espantalho. O cabelo não fora penteado nem escovado desde que abandonara Londres. A cara, o pescoço, que não estavam habituados ao sol e ao ar livre, mostravam-se da cor das amoras maduras. Sentia-me da cabeça aos pés coberto de greda e de terra e quase tão branco como se saísse de um forno de cal. Foi desta forma, de que eu tinha perfeita consciência, que resolvera apresentar-me e dar uma primeira impressão à temível tia Betsey.

Nada se movia na janela da sala e eu concluí, ao fim de uns minutos, que a tia não estava lá. Ergui a vista ao andar superior e vi um cavalheiro de aspecto risonho e agradável, e de cabelos grisalhos, o qual me fechou um olho com ar grotesco e me fez, com a cabeça, por várias vezes, sinais ora de incitamento ora de negação; depois deu uma gargalhada e desapareceu.

Mais desconcertado fiquei com esse procedimento inesperado, e até deliberara eclipsar-me para reflectir no melhor modo de agir quando surgiu de casa uma dama, com um lenço enrolado na touca, luvas de jardinagem, avental de grande algibeira, como o dos portageiros, e enorme podão. Reconheci imediatamente a tia Betsey, pois saíra de casa em passo firme, como a minha mãe, coitada, ma descrevera muitas vezes, depois de a ter visto andar no nosso jardim das «Gralhas», em Blunderstone.

- Vai-te embora! - gritou ela, abanando a cabeça e agitando o podão. - Circula. Aqui não quero garotos.

Vi-a, de coração alvoroçado, encaminhar-se rigidamente para um canto do jardim e abaixar-se para arrancar qualquer plantazinha. Então, sem muita coragem mas com a energia do desespero, avancei lentamente para ela e toquei-lhe com um dedo.

- Faça favor, senhora... Estremeceu e alçou a vista.

- Faça favor, minha tia.

- Hem? - replicou a velha, espantada ao máximo.

- Tia, sou o seu sobrinho...

- Oh, Deus do Céu!

E caiu sentada no passeio do jardim.

- Sou David Copperfield, de Blunderstone, Suffolk, aonde a senhora foi, na noite em que nasci, visitar a minha mãe. Tenho sido muito infeliz depois da sua morte. Descuidaram-me, não fizeram nada pela minha educação, fiquei entregue a mim mesmo, puseram-me num trabalho para que não fui feito. Por isso fugi, para vir procurá-la. Roubaram-me na ocasião da partida e eu vim a pé todo o caminho, sem dormir numa cama desde o princípio da viagem.

Aqui o meu estoicismo abandonou-me de repente e, fazendo um gesto com as mãos para mostrar os andrajos e tomá-los como testemunhas do que havia sofrido, senti-me dominado pelo choro que tentara reter durante toda aquela semana.

O pasmo expulsara da fisionomia da senhora Trotwood qualquer outra expressão. Ela continuava sentada no saibro e olhava-me fixamente, mas, quando comecei a chorar, levantou-se com rapidez, agarrou-me pela gola da camisa e levou-me para a sala. O seu primeiro cuidado foi de abrir um vasto armário, donde tirou várias garrafas; e fez-me ingerir um pouco de cada uma delas. Creio que as tirara ao acaso, pois tenho quase a certeza de que provei anis, molho de anchovas, condimento de salada... Depois de me administrar estes cordiais, como eu estivesse em estado de grande depressão nervosa, que se manifestava por soluços contínuos, a tia colocou-me no canapé, com um xaile debaixo da cabeça e, sob os pés, o lenço que lhe adornava a touca, tudo para que eu não lhe sujasse a cobertura do móvel; em seguida, sentando-se atrás do anteparo verde da janela (o que me impedia de lhe ver a cara), exclamou por intervalos: «Deus do Céu!», como se fossem tiros de canhão disparados de minuto a minuto.

Daí a pouco tocou a campainha.

- Janet - disse a tia, quando a criada compareceu - vai lá acima, dá os meus cumprimentos ao senhor Dick e diz-lhe que lhe quero falar.

A rapariga pareceu um tanto surpreendida de me ver estendido no canapé, sem movimento (não desejava mexer-me para não desagradar à tia), mas foi cumprir a ordem. A dona da casa, de mãos atrás das costas, passeou cá e lá na sala, até que entrou, sorrindo, o cavalheiro que me vira da janela do primeiro andar.

- Senhor Dick, não se faça tolo, porque mais ninguém será tão sensato quando quer. E por de mais sabido. De maneira que lhe peço dê atenção...

O senhor Dick tomou logo um ar grave e olhou para mim, como que a suplicar-me que nada dissesse quanto à cena da janela. A tia prosseguiu:

- Já ouviu falar, não é verdade, de David Copperfield? Sabemos bem que sim, não se finja desmemoriado.

- David Copperfield? - repetiu o senhor Dick, que me deu a ideia de não estar muito lembrado do nome. - David Copperfield? Ah, sim, sim! David, com certeza.

- Pois este rapaz é filho dele. Seria muito parecido com o pai, se o não fosse também com a mãe.

--Filho dele?-exclamou o senhor Dick. - Filho de David? Realmente?

- Sim, senhor, e fê-la bonita. Fugiu! Ah, não seria a irmã, Betsey Trotwood,

que faria uma coisa dessas!

E a tia meneou energicamente a cabeça, cheia de confiança no carácter e procedimento de uma criatura que afinal não chegara a nascer.

- Acha que ela não fugiria? -observou o senhor Dick.

- Meu Deus, que homem! - bradou a tia. - Como ele fala! Pois eu não sei isso muito bem? Ela ficaria a viver com a madrinha, tão dedicadas uma à outra como nunca! Donde fugiria Betsey Trotwood, ou para onde?

- Para parte nenhuma - respondeu o senhor Dick.

- Nesse caso - retorquiu a senhora Trotwood - por que faz cara de parvo quando o senhor é fino como um coral? Pois aqui está o moço David Copperfield, e o que lhe pergunto agora é o seguinte: que hei-de fazer dele?

- Que há-de fazer dele? - repetiu o senhor Dick em voz débil e coçando a cabeça. - Sim, que fazer dele?

A tia ergueu um dedo, e, com expressão séria, declarou:

- Preciso de um conselho, e que seja bom.

- Eu, se fosse a senhora - volveu o senhor Dick, reflectindo e olhando-me com ar abstracto - eu...-Pareceu de repente inspirado e acrescentou vivamente: - Dava-lhe um banho!

- Janet - disse a tia, voltando-se numa atitude triunfante, que eu então não compreendi. - Aquece o banho para o menino.

Embora bastante interessado no diálogo, não pude impedir-me de observar a dona da casa, a criada e o senhor Dick, e de terminar o exame da sala em que estávamos.

A tia era uma senhora alta, de feições duras mas não desagradáveis. O rosto, a voz, o porte, o andar tinham qualquer coisa de inflexível que bastava para explicar o efeito que produziu sobre uma criatura dócil como a minha mãe. Todavia esse rosto não era feio, apesar de rude e austero. Notei, em particular, que possuía um olhar vivo e brilhante; os cabelos brancos formavam dois bandós encimados por uma touca frisada: esse toucado estava então mais difundido do que hoje, e terminava em fitas que se prendiam sob o queixo. O vestido cor de alfazema, apresentava-se muito limpo, mas curto, decerto para lhe deixar os movimentos livres: lembro-me de que esse vestido me sugeriu um traje de amazona a que tivessem encurtado a saia. Exibia a um lado um relógio de homem, a calcular pelo seu volume, seguro por uma corrente com berloques. No

pescoço e nas mangas via-se uma espécie de colarinho e de punhos de camisa.

O senhor Dick, como já disse, tinha cabelo grisalho e cor rosada; e isto seria suficiente, se não devesse acrescentar que a cabeça era singularmente curvada, embora não pela idade: supor-se-ia antes a cabeça de um dos alunos do senhor Creakle, depois de castigado. Os olhos grandes, salientes, brilhavam com uma claridade húmida e estranha, o que, junto às suas maneiras distraídas, à submissão perante a senhora Trotwood, e à alegria infantil quando esta o elogiava, me fazia pensar que não possuía o juízo todo. Ora, mais por isto do que pelo resto, a sua presença na casa intrigava-me deveras. Vestia como toda a gente, um casaco cinzento, simples, colete branco e calças brancas. Usava também relógio, no bolsinho do colete, e fazia tinir dinheiro nas algibeiras, do que parecia muito orgulhoso.

Janet, rapariga de faces frescas, orçava pelos vinte anos e constituía um modelo de asseio. Se bem que não observasse então mais nada de especial a seu respeito, posso agora dizer o que não descobri senão mais tarde, isto é, que estava incluída numa série de protegidas que a minha tia tomara ao seu serviço precisamente para as educar no horror dos homens, renúncia que afinal terminava, em geral, por um casamento com o rapaz da padaria.

A sala apresentava-se tão limpa como a senhora Trotwood ou a criada. Descansando ainda há pouco a pena, para meditar, senti de novo entrar o ar salino de mistura com o aroma das flores. Revi os móveis à moda desse tempo, bem esfregados e luzidios, a cadeira e a mesa que só a tia tinha o direito de ocupar atrás do anteparo verde, em forma de leque, fronteiro à janela, o tapete coberto com um pano, o gato, o escalfador, os dois canários, a loiça antiga, a poncheira cheia de pétalas de rosa secas, o armário grande que guardava todo o género de garrafas e frascos, e, ó milagre, destoando de tudo isto, a minha pessoa poeirenta em cima de um canapé, atento ao mínimo pormenor do que me rodeava.

Janet fora preparar o banho. De repente a senhora Trotwood empertigou-se cheia de indignação e gritou em voz sufocada, que me assustou:

- Burros, Janet!

Reapareceu a criada, a correr, como se houvesse fogo em casa, e precipitou-se para um trato de relva da frente, onde duas senhoras, montadas em burros, haviam tido a audácia de entrar. Ela própria arremessou-se para lá e, puxando pela rédea de um terceiro animal (em cima do qual estava uma criança escarranchada), desviou-o para fora desse recinto sagrado. Em seguida puxou as orelhas do infeliz arrieiro, que se atrevera a permitir semelhante profanação.

Nunca soube se a minha tia tinha legalmente direito de passagem por aquele relvado, mas assim se convencera e isso bastava. A ofensa mais grave que se lhe podia fazer e que exigia vingança imediata era conduzir um burro por esse sítio imaculado. Fosse qual fosse a ocupação que a absorvesse nesse momento, e por mais interessante que se mostrasse a conversa em que tomasse parte, bastava um daqueles animais para a distrair de tudo; sem demora investia sobre ele..Havia cântaros de água e agulhetas em pontos ocultos, prontos a serem despejados em cima dos contraventores. Havia paus atrás da porta. Faziam-se rondas inesperadas. Era um estado de guerra permanente. Talvez que isto estimulasse agradavelmente os arrieiros, talvez que os burros (os mais inteligentes), sabendo do que se tratava, gostassem de ir ali em razão da teimosia que lhes é habitual. Só sei que houve três alarmes enquanto me preparavam o banho; no decurso do último, que foi o mais movimentado, vi a minha tia acometer sozinha um rapaz ruivo dos seus quinze anos e bater com a cabeça dele contra a porta do jardim antes que a vítima pudesse compreender o que se passava. Estas interrupções pareciam-me na verdade risíveis, tanto mais que a senhora Trotwood estava então ocupada em ministrar-me caldo às colheres de sopa (persuadida de que eu realmente morria de fome e que era preciso alimentar-me em pequenas doses); e quando eu tinha ainda a boca aberta, largou a colher no chão e gritou: «Burros, Janet!», partindo logo ao ataque. O banho suavizou-me muito, pois começava a sentir dores agudas nos membros, em consequência das noites passadas ao relento, e estava tão cansado que tinha dificuldade em manter-me atento cinco minutos seguidos. Depois de tomar o banho, a tia e Janet vestiram-me uma camisa e um par de calças do senhor Dick e envolveram-me em dois ou três xailes grandes. Não sei a que espécie de embrulho me assemelhava, assim entrajado, mas, em todo o caso, o embrulho produziu calor. Estava, porém, muito fraco e caía de sono; estendi-me outra vez no canapé e adormeci. Fora decerto um sonho originado na imagem que há muito tempo me ocupava o espírito, mas acordei com a impressão de que a tia viera curvar-se sobre mim, que me afastara o cabelo do rosto, que permanecera um grande bocado de pé a contemplar-me. As palavras «belo rapazinho» ou «coitadito», pareciam ressoar-me aos ouvidos, mas, ao despertar, não havia nada, com certeza, que pudesse convencer-me de que ela as pronunciara, pois vi-a sentada à janela, atrás do anteparo verde que estava montado numa espécie de eixo e rodava em todos os sentidos.

Jantámos daí a curtos instantes. Serviram-nos galinha assada e um pudim. Eu próprio achava-me à mesa um pouco à maneira de um frango encordelado e só com muita dificuldade mexia o braço. Mas como fora a tia quem me enfaixara, eu não me atrevia a queixar-me de estar constrangido. Durante todo o

tempo, inquietava-me a ideia de saber o que a senhora Trotwood ia fazer de mim; ora ela comia em silêncio profundo, limitando-se a fitar-me por momentos (achava-me à sua frente) e a repetir «Deus do Céu!»

Quando levantaram a toalha para trazer xerez, de que tomei um copo, a tia mandou de novo chamar o senhor Dick, que se sentou connosco e assumiu um ar grave a pedido da dona da casa. Então ordenou-me esta que contasse a minha história; fi-lo devagar, sempre interrompido pelas suas perguntas. Ao passo que seguia no meu relato, o senhor Dick olhou de contínuo para mim (decerto para não adormecer) e, quando lhe escapava um sorriso, logo se arrependia vendo a senhora Trotwood franzir a testa.

- O que não posso compreender é a razão por que tornou a casar essa desgraçada rapariga - observou a tia, quando acabei.

- Talvez se apaixonasse pelo segundo marido - sugeriu o senhor Dick.

- Apaixonar-se! - repetiu a senhora Trotwood. - Que quer dizer? Que tinha ela que se apaixonar?

- Quem sabe se achou prazer nisso?... - volveu o senhor Dick.

- Prazer! Francamente! Belo prazer para esta pobre criança... dar-lhe outro pai que não deixaria de a maltratar, de uma forma ou de outra! Que queria essa rapariga, gostaria de saber. Tivera um marido. Vira David Copperfield deixar o mundo; tivera um filho. Que mais desejava?

O senhor Dick fez-me, às escondidas, um sinal de cabeça, como se considerasse aquele raciocínio irrefutável.

- Nem conseguiu ter outra criança - continuou a tia. - Onde está a irmã deste, a minha afilhada Betsey Trotwood? Não haveria perigo de que ela viesse ao mundo!

O senhor Dick parecia consternado.

- Esse mèdicozinho de pacotilha - acrescentou a senhora Trotwood - Jillips ou lá como é que se chama, que é que fazia? Tudo o que soube dizer nesse momento foi: «É um rapaz!» Um rapaz! Ah, que imbecis todos eles!

O ardor deste discurso apavorou o senhor Dick, e a mim também, para dizer a verdade.

- E depois - insistiu a senhora Trotwood - além de prejudicar a irmã deste pequeno, ainda por cima torna a casar-se! Casa-se com um qualquer e prejudica por seu turno este rapazinho! E a consequência natural (só ela para não prever

isto) é que o transformou num vagabundo, um verdadeiro Caim antes de atingir a idade adulta.

O senhor Dick olhou-me atentamente para ver se eu correspondia à descrição.

- E ainda essa mulher chamada Pagã, ou Peggotty, também se casa por sua vez, como se não tivesse visto os males que acompanham necessariamente um acto desses. Espero ao menos - ajuntou a tia, oscilando a cabeça - que o marido saiba pegar num atiçador e metê-la uma vez por outra na ordem.

Afligia-me ouvir falar assim da minha velha amiga Peggotty, e ripostei à caluniadora dizendo que a minha antiga criada era das pessoas mais fiéis, sinceras e desinteressadas deste mundo; que sempre estimara com a maior ternura; que fora muito dedicada à minha mãe, e até a sustivera, moribunda, no braço e dela recebera um beijo de gratidão. Ao lembrar-me de ambas, a comoção sufocou-me e foi entre lágrimas que declarei considerar a casa de Peggotty o meu lar, que tudo o que era seu meu era também, e que eu iria refugiar-me lá se não fosse a sua condição modesta, que me coibia de lhe causar embaraços.

Com o choro, deixei tombar a cabeça na esquina da mesa e escondi a cara nas mãos.

- Está bem, está bem, tens razão em defender os que te protegeram - observou a tia. E, em voz alta, acrescentou: - Burros, Janet!

Estou convencido de que, sem esses burros inoportunos, chegaríamos a compreender-nos, eu e a tia, pois ela colocara a mão no meu ombro; assim animado, senti qualquer coisa que me impelia a abraçá-la e a pedir-lhe protecção. Mas aquelas interrupções e a agitação em que a pôs a luta que se travava fora extinguiram por então qualquer pensamento mais terno. E a tia não cessou de dizer, indignada, dirigindo-se ao senhor Dick, que estava disposta a pedir justiça aos tribunais, intentando processos por violação de propriedade aos donos de todos os burros de Dover. A coisa prolongou-se até à hora do chá.

Depois desta refeição, ficámos perto da janela para espiar os possíveis invasores, até que caiu a noite e Janet trouxe velas e o tabuleiro do gamão. Em seguida correu os reposteiros.

- Agora, senhor Dick - recomeçou a tia, com semblante grave e erguendo um dedo, como antes. - Tenho outra pergunta para si. Olhe para este pequeno.

- O filho de David? - disse aquele, com ar de atenção e embaraço.

- Precisamente. Que faria você, entretanto?

- Que faria eu do filho de David, é o que quer saber? Mandava-o para a cama.

- Janet! - gritou a tia com o mesmo tom de satisfação triunfante que já notara. - O senhor Dick tem sempre razão. Se a cama estiver pronta, lá iremos levá-lo.

Janet participou que sim e então fizeram-me subir a escada, suavemente, mas um pouco à maneira de um preso: a senhora Trotwood ia à frente e Janet fechava o cortejo. A única circunstância que me incutiu esperança foi a tia haver parado nos degraus para inquirir donde vinha certo cheiro a queimado. Janet respondeu que acabara de lançar fogo, na cozinha, à minha camisa esgarçada e suja. Ora no meu quarto não havia outra roupa além da incrível vestimenta que eu envergava. E, depois de a tia me deixar ali, prevenindo-me de que a vela, já muito consumida, só duraria cinco minutos, senti fechar-se a porta à chave, pelo lado de fora. Reflectindo em tudo isto, deduzi que ela, nada conhecendo a meu respeito, concluíra que eu tinha o hábito de fugir e, consequentemente, tomava precauções para me conservar a bom recato.

O quarto ficava no último andar da casa, o que me agradou verificar. Dava para o mar, que o luar prateava. Após ter rezado, vi extinguir-se o resto da vela, e fiquei sentado a contemplar o efeito dos raios da Lua na água, como se fosse um livro em que se pudesse ler o meu destino; ou como se devesse ver a minha mãe com o seu filhinho descer do céu e avançar por essa estrada cintilante, para me olhar - como no dia em que eu surpreendera o seu rosto meigo pela derradeira vez. Lembro-me como esta impressão solene foi substituída, quando desviei a vista, pelo sentimento de gratidão e de calma que me inspirava o espectáculo do leito de cortinados brancos; e, mais ainda, ao deitar-me, pelo doce refúgio de lençóis imaculados! Recordo-me também que pensei em todos os lugares solitários em que dormira ao ar livre, e pedi a Deus me fizesse mercê de nunca mais me achar sem abrigo nem de esquecer aqueles que o não têm. Em seguida afigurou-se-me que flutuava ao longo da esteira melancólica e luminosa traçada no mar, para me perder enfim no mundo dos meus sonhos.

XIV. A TIA TOMA UMA RESOLUÇÃO A MEU RESPEITO

De manhã, quando desci, encontrei a tia mergulhada em profundas meditações, diante da mesa do primeiro almoço, com o cotovelo no tabuleiro, de modo que a água da chaleira caía na toalha, ensopando-a. A minha entrada fê-la recair em si. Eu tinha a certeza de ser o tema dos seus devaneios e mais do que nunca fiquei ansioso quanto às suas intenções a meu respeito. Todavia não ousei exprimir os meus sentimentos com medo de a escandalizar. Como, porém, os meus olhos eram menos dóceis do que a língua, muitas vezes se poisaram no rosto da senhora Trotwood durante o tempo que durou o almoço. E sempre que a olhava, não podia deixar de ver que ela também me estava observando, de forma estranha e pensativa, como se eu me encontrasse a imensa distância e não a seu lado na mesinha de pé de galo. Acabado o almoço, reclinou-se com ar decidido no espaldar da cadeira, enrugou a testa, cruzou os braços e contemplou-me demoradamente, com tamanha atenção que experimentei um constrangimento insuportável. Como eu ainda não acabara de comer, disfarcei a perturbação continuando ocupado a mastigar; mas a faca embaraçava-se no garfo, saltavam-me a grande altura bocadinhos de presunto quando os queria cortar, sufocava-me com o chá, que me dava no goto. Por fim achei preferível desistir e mantive-me parado, com as faces a arder, sob o olhar perscrutante da tia Betsey.

Passado um bom momento, ela disse:

- Escuta.

Ergui a vista e sustive respeitoso a vivacidade dos seus olhos.

- Escrevi-lhe - declarou. - Ao teu padrasto. Mandei-lhe uma carta, que espero seja tomada em consideração. Caso contrário, teremos guerra aberta.

- Ele sabe onde eu estou? - perguntei inquieto.

- Comuniquei-lhe isso - respondeu a tia, apoiando a frase com um gesto de cabeça.

- E vai... mandar-me para lá? - continuei, ainda mais Inquieto.

- Não sei. Veremos.

- O que será de mim, voltar para a companhia do senhor Murdstone! - exclamei num desabafo.

- Não sei ainda. Por enquanto nada te posso dizer. Veremos.

A estas palavras a coragem abandonou-me. Senti-me abatido, de coração pesado. A tia, sem parecer reparar em mim, pôs um avental de tecido grosseiro, que tirou do armário, lavou ela mesma as xícaras, que pôs no tabuleiro, a que juntou a toalha, que dobrara, e tocou para que Janet viesse buscar tudo. Varreu em seguida as migalhas, com uma vassourinha (depois de haver calçado um par de luvas), até que se não viu no tapete o mínimo grão de poeira, e arrumou a sala, que aliás já estava cuidadosamente arrumada. Cumpridas que foram todas estas obrigações, tirou as luvas e o avental, dobrou-o, e guardou este e aquelas outra vez no armário. Seguidamente trouxe a caixa de costura para a mesa pessoal do cantinho da janela aberta e começou a trabalhar por trás do anteparo verde que a protegia da luz.

- Queres fazer-me um favor? - disse ela, enquanto enfiava a agulha. - Vai lá acima ao quarto do senhor Dick, dá-lhe bons-dias por mim e informa-o de que eu gostaria de saber se o seu memorial vai adiantado.

Levantei-me pressuroso para me desempenhar da incumbência.

- Suponho - continuou, fitando-me com tanta intensidade como à agulha que acabava de enfiar - suponho que julgas o nome do senhor Dick muito abreviado.

- Assim pensei ontem, tia - confessei.

- Não imaginas que o não tem completo, se lhe apetecer usá-lo - acrescentou a senhora Trotwood, com certa sobranceria. - Chama-se Richard Babley.

Ia ripostar, por um sentimento de modéstia, que estava pronto a tratá-lo por esse nome completo; mas a tia logo atalhou:

- Contudo não o trates assim, porque ele não gosta. É uma das suas singularidades. Afinal, pensando bem, não é tão singular como isso. Deus sabe quanto o senhor Dick tem sofrido de parte das pessoas que usam aquele apelido! Daí a sua antipatia figadal. Ao presente é apenas Dick, aqui e por toda a parte, embora ele não vá a mais parte nenhuma. Tem, pois, cuidado meu filho, de não o chamares senão senhor Dick.

Prometi obedecer e subi ao outro piso para me desempenhar do encargo; de caminho pensei que, se o senhor Dick trabalhava há tanto tempo no seu memorial, com o ardor com que eu o vira fazê-lo (através da porta aberta) quando descera a escada, o dito memorial devia realmente ir muito adiantado. Achei-o à secretária, com uma pena comprida na mão e a cabeça quase colada ao

papel. Estava ele tão absorto que tive tempo de observar um enorme papagaio voador, a um canto, maços de manuscritos em desordem, uma quantidade de penas e sobretudo grande provisão de tinta (parecia ter dúzias de frascos). Só depois é que reparou em mim.

- Ah! - exclamou ele, descansando a pena. - Vou-lhe dizer uma coisa - acrescentou, baixando a voz. - Mas não o repita a ninguém.

Fez sinal para que me aproximasse e falou-me ao ouvido:

- Este mundo é louco. Louco como o manicómio de Bedlam - sentenciou, rindo satisfeito e servindo-se de uma pitada de rapé, de uma boceta colocada na mesa.

Dei-lhe conhecimento da minha missão sem me atrever a emitir opiniões pessoais acerca disso.

- Pois bem, rapaz, dê por mim cumprimentos à senhora Trotwood e diga-lhe que... julgo fazer progressos - concluiu o senhor Dick, passando a mão pelo cabelo e lançando um olhar desconfiado ao manuscrito, - Frequentou o liceu?

- Sim, senhor, mas pouco tempo - respondi.

- Lembra-se - ajuntou, olhando-me com atenção e pegando na pena para escrever o meu esclarecimento - em que data cortaram a cabeça ao rei Carlos I?

Disse crer que fora no ano de 1649.

- Ora bem - volveu ele, roçando-me a orelha com a pena e fitando-me duvidoso - isso é o que contam os livros, mas eu não percebo como é possível. Porque, se foi há tanto tempo, como se explica que as pessoas que o rodeavam cometeram o erro de transpor para a minha cabeça um pouco da confusão que havia na dele, após ter sido cortada?

Surpreendi-me a valer com o problema, todavia não pude dar-Lhe qualquer justificação aceitável.

- É muito estranho - observou o senhor Dick, olhando desanimado para os seus documentos e tornando a passar a mão na cabeça. - Mas nunca logrei tirar isto a limpo. Não há maneira, não há! Mas não importa - acrescentou jovialmente, como se despertasse das suas meditações. - Temos muito tempo. Dê cumprimentos à senhora Trotwood e diga-lhe que isto avança.

Ia-me embora quando ele me chamou a atenção para o papagaio de papel.

- Que lhe parece isto?

Repliquei que achava óptimo, e que devia ter pelo menos sete pés de altura.

- Eu é que o fiz. Nós dois pô-lo-emos a voar. Vê aqui? Mostrou-me uma caligrafia miudinha e laboriosamente traçada no papel, mas tão nítida que, ao percorrer as linhas com a vista, me pareceu descobrir uma ou outra alusão ao rei Carlos I.

- Tem muita guita - participou-me - e, quando sobe muito alto, proclama os factos a maior distância. É uma forma de difusão. Não sei onde eles podem cair, depende das circunstâncias, do vento, etc. Tento a minha oportunidade.

Era tão ingénua a sua fisionomia, tão simpática e respeitável, apesar da aparência de força e de vida, que eu não tinha a certeza de que, da sua parte, não fosse uma brincadeira inocente. Por isso comecei a rir, e ele fez o mesmo; separámo-nos, pois, como os melhores amigos do mundo.

- Então, pequeno - disse a minha tia, quando voltei - que faz esta manhã o senhor Dick?

Referi que lhe mandava cumprimentos e que fazia progressos.

- Que pensas do senhor Dick? - inquiriu a tia.

Procurei vagamente esquivar-me a esta pergunta, retorquindo que o achara bem. Mas era impossível iludir a senhora Trotwood, que poisou a costura nos joelhos e replicou, cruzando os braços:

- Ora... A tua irmã Betsey Trotwood dir-me-ia imediatamente o que pensava fosse de quem fosse. Imita a tua irmã o melhor que puderes, e fala.

- Não será o senhor Dick... não será... Pergunto porque não sei, tia... Não terá a cabeça... um tanto desarranjada? - balbuciei, pois sentia aventurar-me num terreno escorregadio.

- Não a tem mesmo nada!

- Ah!-volvi com voz fraca.

- Se há qualquer coisa no mundo que não esteja desarranjada, essa é a cabeça do senhor Dick - asseverou a tia num tom enérgico e peremptório.

Não encontrei nada que dissesse senão o mesmo «Ah!».

- Consideraram-no louco - prosseguiu a senhora Trotwood. - Tenho prazer em repetir isto, porque afinal a verdade é que gozo da sua companhia e dos seus conselhos há já dez anos, ou seja, desde que a tua irmã Betsey iludiu as minhas esperanças.

- Há já tanto tempo?

- E eram pessoas distintas essas que tiveram a audácia de o apodar de louco. O senhor Dick é meu parente por afinidade, mas afastado; não vale a pena explicar como. Se não fosse eu, o irmão punha-o no manicómio para sempre. Ora aí está.

Não me agrada ser hipócrita, mas ao ver a tia tão acalorada neste assunto, esforcei-me por fazer coro com ela, mostrando-me igualmente indignado.

- Esse irmão é um estúpido orgulhoso - afirmou a tia. -Achava o senhor Dick um tanto excêntrico... embora não o seja mais do que a maioria dos mortais... e ia interná-lo, apesar de haver sido entregue ao seu cuidado pelo defunto pai, que o tinha apenas como um pobre de espírito. Esse pai é que era ajuizado, por pensar assim! Não passava de um louco, esse!

A senhora Trotwood tinha um ar tão convencido que eu tratei de compor um semelhante que incutisse a mesma convicção.

- Eu intervim - continuou ela - e fiz uma proposta. Disse-Lhe: «O seu irmão está em perfeito juízo; tem-no mais do que o senhor. Deixe-o usufruir do seu pequeno rendimento e deixe-o vir viver comigo. Eu, por mim, não o receio. Não o maltratarei como fazem certos indivíduos (não falo apenas dos do manicómio).» Depois de alguma discussão, entregaram-mo e ele vive cá desde esse tempo, é de facto o homem mais amável e mais fácil de tratar. E quanto aos seus conselhos! Mas ninguém sabe o que vale o espírito deste homem, senão eu! Ele tinha uma irmã de quem era muito amigo: excelente criatura que só pecou por fazer o que as mulheres fazem: casou-se! E o marido fez o que estes costumam fazer: tornou-a infeliz. O caso produziu tal efeito no senhor Dick que, junto ao medo que o irmão lhe inspirava, o receio de ser maltratado pelo cunhado causou-lhe uma febre cerebral. Isto passou-se muito antes de vir morar nesta casa, mas a lembrança ainda o acabrunha. Ele falou-te do rei Carlos I?

- Falou, sim, tia.

- Ah! - exclamou ela, esfregando o nariz, como se levemente contrariada. - É uma forma alegórica que o senhor Dick arranjou para evocar essa história. A doença está associada na sua mente a uma grande perturbação (o que é natural) e assim vem a comparação... a imagem ou lá que é... de que se serve para a definir. E por que não, se isso lhe agrada?

- Sim, senhora.

- Não é a linguagem dos negócios nem a da sociedade, bem sei, e eis a razão por que insisto com ele para que não aluda ao caso no seu memorial.

- É um memorial acerca da sua própria vida? - perguntei.

- É, filho - volveu a tia, esfregando outra vez o nariz. - Compõe um memorial a respeito da sua situação, dirigido ao ministro da Justiça ou ao ministro de qualquer coisa, enfim a um desses sujeitos pagos para receberem memoriais. Creio que o enviará dentro de dias. Ainda não conseguiu redigi-lo sem fazer alusão àquele caso... Mas não importa. Está ocupado.

Realmente descobri, com o tempo, que o senhor Dick se esforçava havia mais de dez anos por impedir que o rei Carlos I entrasse no seu memorial: este, porém, não deixava de aí se introduzir, e ainda lá estava.

- Repito que ninguém além de mim - insistiu a tia Betsey - sabe o que vale o espírito deste homem. Gosta de pôr a voar, de tempos a tempos, um papagaio de papel. E depois? Franklin fazia o mesmo. Era quacre ou coisa parecida, se não me engano. E um quacre que põe a voar um papagaio de papel é muito mais risível do que outro homem qualquer.

Se soubesse que a tia recapitulava estes pormenores para minha edificação pessoal ou para me dar uma prova de confiança, sentir-me-ia lisonjeado e acharia de bom agoiro esse testemunho de estima. Mas com dificuldade poderia deixar de ver que, se ela se lançava nessas explicações, era porque fazia a pergunta a si mesma, independentemente da minha pessoa, embora se me dirigisse na ausência de qualquer auditório.

Ao mesmo tempo devo dizer que a generosidade com que a senhora Trotwood defendia o pobre e inofensivo senhor Dick me não inspirava apenas esperanças egoístas a meu respeito mas despertava no meu coração sentimentos desinteressados quanto a ela. Creio que começava a persuadir-me de que, apesar de todas as suas excentricidades e caprichos singulares, a tia Betsey merecia alguma deferência e confiança. Embora estivesse nesse dia tão alerta como na véspera, e que os burros fossem da mesma forma escorraçados; se bem que experimentasse violento acesso de indignação ao notar um rapaz que passara e piscara o olho a Janet, que estava a uma das janelas (o que constituía grave atentado à dignidade da senhora Trotwood), afigurou-se-me que sentia por ela, se não menos temor, pelo menos maior consideração.

Andei extremamente inquieto enquanto não chegava a resposta do senhor Murdstone à carta que a tia lhe escrevera. Fazia, porém, grandes esforços para dissimular e ser o mais possível agradável tanto a ela como ao senhor Dick. Eu devia sair com este para experimentarmos aquele gigantesco papagaio de papel, mas não tinha outro fato além do traje pouco dignificante de que me dotaram no primeiro dia, o que me fazia reter em casa, excepto para um passeio higiénico de uma hora que dava com a tia diante da vivenda, antes de me deitar, logo que

principiava a anoitecer. Enfim, chegou a resposta do senhor Murdstone, e a tia participou-me (o que me apavorou) que ele viria em pessoa no dia seguinte, para lhe falar. Nesse dia, pois, sempre vestido daquela maneira estranha, eu comecei a contar as horas, nervoso e febril, debatendo-me entre fracas esperanças e receios crescentes. Previa o terror em que me lançaria a vista dessa personagem sinistra e tremia naquela expectativa ansiosa.

A tia estava um pouco mais severa e imperiosa que o costume, mas não observei nenhum outro sinal de que se preparasse para receber a visita que tanto me aterrava. Ficara a trabalhar junto da janela e eu permaneci à sua beira até uma hora avançada da tarde, pensando em todos os resultados possíveis e impossíveis da diligência do senhor Murdstone. O jantar atrasava-se indefinidamente, até que a tia o mandou servir - mas nesse momento deu um grito de alarme: «Burros, Janet», e eu vi, cheio de aflição, a senhora Murdstone montada num asno, atravessar deliberadamente o relvado proibido e parar diante da residência, sobre que circunvagava o olhar curioso.

- Siga o seu caminho! - ordenou a tia, agitando, da janela, a cabeça e o punho. - Não tem nada que fazer aqui! Isso é violação de propriedade. Descarada!

Estava de tal forma exasperada com a forma calma como a senhora Murdstone examinava tudo à sua volta, que na verdade acreditei não tardar a ficar paralisada e momentaneamente incapaz de proceder ao ataque, como de costume. Aproveitei o ensejo para lhe dizer que se tratava da senhora Murdstone e que o senhor que chegava nessa ocasião, logo atrás da delinquente, era o próprio Murdstone em carne e osso.

- Tanto me faz! - replicou a tia, agitando sempre a cabeça e fazendo pela janela gestos pouco acolhedores. - Não admito violação da propriedade. Vão-se embora! Janet, expulsa-os!

E então presenciei, escondido atrás da tia, uma cena de batalha renhida: o burro, solidamente estribado nas quatro patas, resistia a toda a gente. Janet puxava-o pela rédea a fim de o fazer voltar, o senhor Murdstone procurava impeli-lo para a frente, a irmã daquele dava à Janet pancadas com a sombrinha, e vários garotos, que tinham vindo assistir ao combate, soltavam gritos infernais. Mas a tia, reconhecendo entre os últimos o arrieiro da sua maior aversão, um dos inimigos encarniçados (se bem que só tivesse treze anos), precipitou-se para o teatro da refrega, atirou-se a ele e agarrou-o. Depois trouxe-o para o jardim, com a camisa repuxada para a cabeça e raspando o calçado no chão; ao mesmo tempo gritava à Janet que fosse chamar a polícia e o juiz, para o prender, julgar e

executar imediatamente. Todavia esta fase da acção não durou muito, pois o birbante, que era perito em esquivar-se (arte de que a minha tia ignorava as regras), depressa fugiu com um grito de vitória, deixando na relva a marca das botas ferradas e levando triunfalmente o seu burro.

Durante esta última parte da luta, a senhora Murdstone deixara a montada, e, com o irmão, esperava, no baixo da escada, que a senhora Trotwood tivesse oportunidade de os receber. Um pouco agitada ainda por aquele combate, a tia passou ao lado deles, com grande dignidade, entrou em casa e fingiu não os ver senão no momento em que Janet os veio anunciar.

- Vou-me embora ou fico? - perguntei trémulo.

- Fica - respondeu a tia.

Com isto, empurrou-me para um canto, à sua ilharga, e aí me aprisionou atrás de uma cadeira, como se eu estivesse no cárcere ou na teia de um tribunal. Continuei a ocupar esta posição durante toda a entrevista e foi assim que vi penetrar na sala os irmãos Murdstones.

- Oh! - disse a tia Betsey - eu não sabia a quem tinha a honra de dirigir recriminações. Mas é que não permito a ninguém que passe com um burro sobre a relva. Não abro excepções.

- Aí está uma norma pouco agradável para os visitantes - observou a senhora Murdstone.

- Pois é!

O senhor Murdstone temeu que se reabrissem as hostilidades e interveio, exclamando:

- Minha senhora ...

- Perdão, cavalheiro - retorquiu a dona da casa, lançando-lhe um olhar penetrante. - O senhor é aquele que casou com a viúva do meu defunto sobrinho David Copperfield, das «Gralhas», em Blunderstone? Não percebo o que fazem lá essas gralhas.

- Sou eu - declarou o meu padrasto.

- Desculpe lhe diga que teria sido muito melhor que houvesse deixado essa pobre senhora tranquila.

- Estou de acordo com a opinião da senhora Trotwood - acudiu a Murdstone, que não podia estar calada - na medida em que acho que a pobre Clara não passava, nas coisas essenciais, de uma criança...

- É um consolo, minha senhora, para si e para mim, que avançamos na vida e não receamos que os encantos pessoais façam a nossa desgraça, que ninguém possa dizer outro tanto de nós.

- Sem dúvida! E, como diz, teria sido muito melhor para o meu irmão que jamais houvesse contraído semelhante casamento. Sempre fui desse parecer.

- Não duvido - rematou a tia. Tocou a campainha e disse: - Janet, dá os meus cumprimentos ao senhor Dick e pede-lhe que venha cá.

Enquanto esperava, a tia Betsey conservou-se direita, rígida, olhando para a parede com ar aborrecido. Depois de o senhor Dick chegar, ela procedeu à cerimónia das apresentações.

- O senhor Dick, um velho amigo, em cujo julgamento deponho toda a confiança - acrescentou elevando a voz para chamar à ordem o apresentado, que mordia a unha do polegar numa atitude pouco espiritual.

O velhote, compreendendo a alusão, tirou o dedo da boca e ficou de pé no meio do grupo, enquanto o seu rosto exprimia crescente gravidade e atenção. A tia fez sinal de cabeça ao senhor Murdstone, que recomeçou:

- Quando recebi a carta, minha senhora, calculei que seria mais digno de mim e decerto mais respeitoso para si...

- Obrigada - atalhou a tia, que o examinava sempre. - Não se preocupe comigo.

- ... vir pessoalmente responder, apesar do transtorno da viagem. Essa infeliz criança, que fugiu do seio dos seus amigos e das suas ocupações...

- E cujo aspecto - interrompeu a senhora Murdstone, para atrair a atenção geral para o meu traje escandaloso - é tão deselegante...

- Jane - acudiu o irmão - faz o favor de não me interromperes. Esta infeliz criança, senhora Trotwood, foi causadora de muitos aborrecimentos e embaraços na nossa vida conjugal, durante a vida da minha querida mulher, e mesmo depois. É taciturno e revoltado, tem carácter violento, uma natureza indócil, intratável. Experimentámos, eu e minha irmã, corrigir-lhe os vícios; nada conseguimos. Julguei, ou melhor, julgámos, porque a minha irmã, devo dizê-lo, goza da minha inteira confiança, que seria mais conveniente que a senhora recebesse esta grave declaração feita directamente por nós, sem o mínimo rancor.

- Meu irmão não precisa do meu testemunho para confirmar as suas palavras - disse a senhora Murdstone. - Só lhe peço licença para acrescentar que,

de todos os rapazes deste mundo, eu considero este o pior.

- E é dizer muito! - comentou a tia Betsey, num tom seco.

- Vistos os factos, não é exagero - respondeu a visitante.

- Tenho opiniões pessoais quanto à sua educação - recomeçou o meu padrasto, cujo rosto se tornava mais sombrio conforme a tia e ele se observavam com maior atenção. - Elas são fundadas em parte no que sei acerca do David e em parte no que sei a respeito dos meus meios e recursos. Enfim, actuo em consequência e não preciso de ajuntar mais nada. Basta-me dizer que coloquei esse pequeno sob a vigilância de um dos meus amigos, numa casa de comércio muito digna. Mas não lhe agradou, e ele fugiu, errando pelos campos como um vagabundo. Chegou aqui andrajoso, minha senhora, e eu desejo pôr debaixo dos seus olhos, com toda a franqueza, os resultados concretos do socorro que tenciona prestar-lhe.

- Mas falemos antes desse emprego numa casa muito digna - interveio a tia. - Se se tratasse do seu próprio filho, o senhor tê-lo-ia colocado lá?

- Se fosse filho do meu irmão - acudiu a senhora Murdstone -, o seu feitio seria, espero, muito diverso.

- Ou então, se a pobre mãe fosse ainda viva, pô-lo-iam nesse mesmo lugar tão digno? - insistiu a tia Betsey.

- Creio - respondeu o senhor Murdstone - que a Clara se não teria oposto ao que nós, eu e minha irmã, considerámos o melhor partido.

A senhora Murdstone corroborou estas palavras com um murmúrio suficientemente audível.

- Ah, que infeliz criatura, essa Clara!

O senhor Dick, que durante todo este tempo fizera tilintar dinheiro nos bolsos, tornou-se tão indiscreto que a sua protectora achou necessário impor-lhe silêncio com o olhar, antes de dizer:

- A pensão dessa pobre mulher caducou com ela?

- Sim, senhora - replicou o meu padrasto.

- E a propriedadezinha, a casa e o jardim, não sei se das «Gralhas»... sem gralhas... não devia passar para o filho?

- Tudo isto lhe havia sido deixado sem condições pelo primeiro marido - explicou a senhora Murdstone. Mas a minha tia interrompeu-a com extrema impaciência e irritação:

- Meu Deus, não precisa dizê-lo! Deixado sem condições... Sim, não vejo David Copperfield tão previdente que impusesse condições. Mas, quando ela tornou a casar, quando cometeu o erro espantoso de o tomar como segundo marido, senhor Murdstone, ninguém levantou a voz em favor desta criança?

- A minha defunta esposa amava-me muito - afirmou o senhor Murdstone - e depositava em mim confiança absoluta.

- A sua defunta esposa era uma infeliz criança que não percebia nada da vida - respondeu a senhora Trotwood, acompanhando as palavras com um movimento de cabeça. - Era isso mesmo, senhor Murdstone. E agora, que tem mais para dizer?

- Simplesmente isto, minha senhora. Vim aqui para levar o David, sem condições, e fazer dele o que entender que é melhor e o tratar da maneira que me aprouver. Não vim fazer promessas nem tomar consigo qualquer compromisso. É possível que a senhora tenha a intenção de o apoiar na sua fuga e de lhe escutar as queixas. As suas maneiras, senhora Trotwood, permita que lhe diga, não me parecem conciliadoras. Pois bem: devo preveni-la de que, se o apoiar uma vez, será para sempre; se intervier entre mim e ele, a sua intervenção será definitiva. Não estou a brincar, porque comigo não se brinca. Estou disposto a aceitá-lo e levá-lo, mas pela última vez. Estará ele pronto a acompanhar-me? Se não estiver, se a senhora quer declarar que ele não está... sob qualquer pretexto que seja, não importa qual, a minha porta fechar-se-á para sempre e entenderei que a sua, minha senhora, está aberta.

A tia Betsey escutou este discurso com a maior atenção, mais empertigada do que nunca, de mãos cruzadas nos joelhos e olhar severamente fixo no seu interlocutor. Quando este acabou, ela voltou os olhos de modo a ver a senhora Murdstone, sem todavia mudar de atitude, e disse:

- E a senhora, tem alguma coisa a acrescentar?

- Realmente, senhora Trotwood, o que tínhamos que dizer foi tão bem apresentado pelo meu irmão, e todos os factos que conheço foram tão claramente expostos por ele, que só me resta agradecer a sua delicadeza. Na verdade, a sua extrema delicadeza, minha senhora - repetiu a irmã do meu padrasto, com uma ironia que não perturbou mais a tia Betsey do que a teria perturbado o explodir do canhão sob o qual eu dormira em Chatham.

- E o interessado, que diz? - perguntou a tia. - Estás pronto para partir, David?

Informei-a de que não e roguei-lhe que não me deixasse fazê-lo. Disse que

o senhor Murdstone e a irmã nunca tinham gostado de mim, que nunca foram bons para mim. Que haviam tornado a minha mãe (tão minha amiga!) infeliz por minha causa; sabia-o muito bem e Peggotty igualmente o sabia. Disse ainda que sofrera mais do que se podia crer, atendendo à minha pouca idade. Supliquei-lhe (não me lembro já em que termos, só me recordo de que estava muito comovido) que me protegesse e me defendesse por amor do meu pai.

- Senhor Dick - acrescentou a tia - que se há-de fazer desta criança?

O senhor Dick reflectiu, hesitou; então a cara iluminou-se-lhe e ele redarguiu:

- Mande-o tirar medidas para um fato.

- Senhor Dick - disse, triunfante, a tia Betsey - o seu bom senso é inestimável.

Em seguida, tendo-lhe dado um aperto de mão caloroso, puxou-me para si e foi dizendo ao senhor Murdstone:

- Podem partir quando quiserem. Conservo este pequeno, correrei o risco. Se é como declararam, poderei, em todo o caso, fazer tanto por ele como os senhores fizeram. Mas não acredito uma só palavra do que disseram.

- Se a senhora fosse um homem... - ripostou o meu padrasto, encolhendo os ombros e levantando-se.

- Que disparate! - volveu a tia. - Cale-se!

- Extrema delicadeza! - exclama a senhora Murdstone, levantando-se também. - É de mais, francamente.

- Julga - disse a tia, fingindo não ouvir a irmã de Murdstone e continuando a dirigir-se a este e a sacudir a cabeça duma forma indescritível - julga que não adivinho a existência que passou a infortunada mulher nas suas mãos? Julga que não sei que dia nefasto foi para a desgraçada criatura esse em que o senhor lhe apareceu pela primeira vez, sorridente e amável, como se fosse incapaz de fazer mal a uma mosca?

- Nunca ouvi nada de tão delicado! - comentou a senhora Murdstone.

- Compreendo-o muito bem - prosseguiu a tia - como se sempre o tivesse visto e ouvido. Ah, o senhor começou por ser o mais requintado deste mundo. A inocentinha nunca vira semelhante homem. Era a doçura em pessoa! Mostrava-se encantador para com o filho. Seria para ele um segundo pai, viveriam todos no paraíso, hem? Ora adeus, deixe-me em paz!

- Nunca na minha vida ouvi ninguém exprimir-se deste modo - desabafou a senhora Murdstone.

- E quando se apoderou daquela tontinha (Deus me perdoe falar assim de quem já lá está!), o senhor tratou de a moldar, como se não lhe tivesse feito bastante mal, a ela e aos seus! Começou a aprisioná-la, como um passarinho, e, depois de a engordar, fê-la despojar-se a pouco e pouco, ensinando-a a cantar no mesmo tom do senhor!

- Isso é loucura ou embriaguez! - bradou a senhora Murdstone, furiosa por não poder estancar a corrente de palavras da minha tia. - Mas suponho que é embriaguez!

Betsey Trotwood, sem fazer o mínimo caso desta interrupção, continuou a dirigir-se ao senhor Murdstone.

- Tornou-se o tirano dessa infeliz - disse apontando-lhe o dedo - e esmagou-lhe o coração. Era dócil, bem sei, sabia-o muito antes que o senhor a conhecesse, e o senhor escolheu o seu ponto fraco para lhe infligir os golpes que a mataram.

Eis a verdade; quer lhe agrade ou não, aqui a tem para o seu governo. Façam agora o que quiserem, o senhor e os que foram os seus instrumentos.

- Dê-me licença que pergunte - atalhou a senhora Murdstone - a quem se referia quando falou nos instrumentos do meu irmão.

Sempre sem lhe ligar importância, e sem dar sinal de escandalizada, a tia Betsey continuou:

- Saltava à vista, como disse, muitos anos antes que o senhor a conhecesse (e por que entrou nos planos misteriosos da Providência que esse conhecimento se verificasse, eis o que não entendo), saltava à vista, repito, que essa pobre criaturinha tão dócil voltaria a casar mais dia menos dia; mas eu esperava que não fosse tão desastrosamente. Foi na época em que ela deu à luz o pequeno que aqui está, este pequeno que lhe serviu, senhor Murdstone, para atormentar a mãe e que para si se tornou uma lembrança desagradável, um objecto odioso. Mas não vale a pena estremecer - acrescentou a tia -, eu sei que digo a verdade.

O homem conservara-se todo este tempo de pé, junto da porta, olhando atentamente para a dona da casa. Tinha um sorriso nos lábios e franzia o sobrecenho. Notei então que, sempre a sorrir, empalidecera de repente e que parecia ofegar como quem acabasse de correr.

- Passe muito bem - concluiu Betsey Trotwood. - Adeus igualmente, minha senhora - ajuntou, virando-se de súbito para a irmã do meu padrasto. - Se a vir

mais alguma vez passar de burro sobre a minha relva, arranco-lhe o chapéu e espezinho-o. Tão certo como estarmos aqui neste momento!

Seria preciso um pintor, e um pintor pouco vulgar, para reproduzir a fisionomia da senhora Trotwood enquanto expressava este sentimento tão inesperado, e a da senhora Murdstone, enquanto escutava a outra. Mas o tom do discurso, como o seu conteúdo, era tão fogoso, que a última, sem dizer palavra, tomou discretamente o braço do irmão e saiu de casa com ar sobranceiro. A tia, sempre na janela, viu-os afastarem-se, pronta, não duvido, a pôr em execução a sua ameaça, no caso em que o burro reaparecesse.

Todavia, como não houvesse nenhuma provocação, o rosto da tia suavizou-se a pouco e pouco e ela ficou tão amável que me atrevi a agradecer-lhe e a beijá-la, passando-lhe os braços de roda do pescoço. Em seguida apertei a mão do senhor Dick, que comentava o resultado do incidente com grandes gargalhadas.

- O senhor ficará a ser, juntamente comigo, tutor deste pequeno - disse-lhe Betsey.

- Terei muito gosto em ser tutor do filho de David - respondeu ele.

- Muito bem - replicou a tia - a coisa está resolvida. Lembrei-me agora de uma coisa, senhor Dick. Se lhe chamasse, a ele, Trotwood?

- Decerto, decerto. Chame-lhe Trotwood. Trotwood, filho de David.

- Quer dizer Trotwood Copperfield?

- Sim, sem dúvida, Trotwood Copperfield - repetiu o outro, um pouco desconcertado.

A tia ficou tão encantada com a ideia que a roupa já feita que me comprou nessa mesma tarde foi marcada com a sua própria mão, a tinta indelével com um «Trotwood Copperfield», antes de eu a vestir. E ficou combinado que o resto do fato, encomendado por medida, levaria a mesma marca.

Assim principiei a minha nova existência, com um nome novo e entre coisas que para mim eram todas novas. Uma vez fora de incertezas, julguei sonhar ainda por mais uns dias. Nem pensava que tinha um estranho par de tutores: a tia e o senhor Dick. Nunca pensava em nada distintamente. O que havia de mais claro no meu espírito era que a minha vida passada em Blunderstone se afastara bruscamente e que flutuava no vago a uma distância infinita, e também que acabava de descer um véu, e para sempre, sobre a vida que eu levara no armazém de Murdstone & Grinby. Ninguém jamais ergueu esse

véu; e neste relato só o levantei de má vontade para o deixar cair de novo com o maior gosto. A recordação dessa existência é para mim dolorosa, tanto de sofrimento moral como de desespero, e nunca tive coragem de calcular quanto tempo tive de a suportar. Durou um ano, ou mais, ou menos? Não sei. Sei apenas que foi, depois cessou de ser, que a contei e não a evocarei mais.

XV. FAÇO OUTRA INICIAÇÃO

Eu e o senhor Dick depressa nos tornámos os melhores amigos do mundo. Muitas vezes, depois de ele acabar o seu trabalho quotidiano, nós saíamos juntos para altear o papagaio de papel. O homem não deixava passar um dia sem consagrar umas horas ao memorial, que afinal não progredia nada, por mais que o autor diligenciasse, pois o rei Carlos I aí se introduzia sempre. O senhor Dick largava então o manuscrito e começava outro. A sua paciência e esperança perante as decepções contínuas, os esforços que fazia para rechaçar o rei Carlos I de um relato, em que vagamente sentia ser assunto estranho, e a exactidão com que este voltava para alterar a estrutura completa do memorial, tudo isto produzia em mim uma impressão profunda. O que ele tencionava fazer da obra, uma vez concluída; o destinatário e os efeitos que esperava obter, eis o que o próprio Dick ignorava, suponho eu, aliás como as outras pessoas que o cercavam. Mas não era necessário que se preocupasse com este problema, porque se havia alguma coisa certa no mundo era que o memorial nunca seria terminado.

Que espectáculo comovedor esse de o ver com um papagaio, quando este subia a grande altura! Dissera-me o senhor Dick que o papagaio era feito de velhas folhas de memoriais inutilizados e que tinha confiança nesse processo para divulgar os factos; mas, uma vez o aparelho no ar, deixava de pensar nisso, entretido a puxá-lo, aos sacões, com uma guita. Jamais se mostrava tão sereno como nessa ocasião. Eu acreditava, quando à tarde lhe fazia companhia no declive de um outeiro verdejante, que esse objecto lhe arrancava o espírito da confusão e o levava consigo (tal a minha credulidade infantil!) para as regiões celestiais. Quando enrolava o cordel, e quando o papagaio, descendo a pouco e pouco, abandonava aquela zona de luz esplendorosa, para cair, palpitante, no chão, estendido como uma criatura morta, o senhor Dick parecia emergir lentamente de um sonho. Eu via-o apanhar depois o papagaio, olhar derredor com ar alucinado, como se houvessem sido ambos derrotados - e lastimava-o de todo o coração.

Enquanto eu progredia na amizade e intimidade do velhote, avançava também nas boas graças da sua amiga devotada, a minha tia. Esta concebeu por mim tal afeição que ao fim de poucas semanas abreviou o meu nome adoptivo de Trotwood em Trot; e até me animou a esperar que poderia, se continuasse como principiara, ocupar nos seus sentimentos o lugar da minha irmã Betsey

Trotwood.

- Trot - disse ela uma noite, no momento em que, como de costume, lhe traziam o gamão para jogar com o senhor Dick - não devemos negligenciar a tua educação.

Era o meu único tema de inquietação, e fiquei satisfeitíssimo ao ouvir semelhante referência.

- Gostarias de estudar em Cantuária? - prosseguiu a tia. Respondi que isso me agradava deveras, tanto mais que ficava perto.

- Pois então está decidido. Queres partir amanhã?

A rapidez das deliberações da senhora Trotwood não me era ainda familiar. Fiquei, pois, surpreendido com uma proposta tão súbita e repliquei:

- Sim, senhora.

- Janet, manda reservar a carruagem e atrela o cavalo ruço amanhã de manhã às dez horas. Esta noite farás a mala do menino.

Sentia-me inundado de alegria ao ouvir dar estas ordens, mas sofreei o entusiasmo e censurei o meu egoísmo quando notei a tristeza que a nossa separação causava no senhor Dick. Nessa noite jogou tão mal que, depois de o haver chamado à ordem várias vezes, a tia fechou o gamão e se recusou a continuar a partida. Quando, porém, lhe disse que eu viria no sábado e que poderia também ir visitar-me às quartas-feiras, o senhor Dick reanimou-se e prometeu construir outro papagaio de papel maior do que o primeiro. No dia seguinte de manhã, recaíra no desânimo e quis consolar-se oferecendo-me tudo quanto possuía de ouro e prata; mas a tia interveio para limitar o seu presente a cinco xelins, que a instâncias suas foram alargados para dez. Despedimo-nos à porta do jardim, do modo mais afectuoso, e ele só reentrou em casa quando a tia lhe ordenou que o fizesse.

Indiferente à opinião pública, a senhora Trotwood conduziu com mestria o cavalo ruço através das ruas de Dover. Ia direita como um cocheiro num cortejo de gala e não perdia de vista os mínimos movimentos do animal, fazendo filé em não permitir que ele seguisse a sua própria vontade, sob nenhum pretexto. Quando alcançámos o campo, ela deu-lhe certa liberdade e, lançando a vista para o vale de coxins em que eu estava mergulhado, à sua beira, perguntou se me considerava feliz.

- Bastante, minha tia. Muito obrigado - respondi.

Ela ficou tão contente que, não tendo as mãos livres para testemunhar o seu

prazer, me acariciou a cabeça com o chicote.

- É um colégio importante? - indaguei.

- Ignoro, Trot. Vamos em primeiro lugar a casa do doutor Wickfield.

- É o director do colégio?

- Não, mas tem um escritório.

Não pedi mais informações quanto ao doutor Wickfield, e a minha tia não mas deu de moto próprio. Conversámos, pois, de outros assuntos até à altura de chegarmos a Cantuária. Era dia de feira, e a tia encaminhou o veículo pelo meio dos carrinhos, cestos, hortaliças e mercadorias expostas. As voltas e desvios que executávamos (aliás na perfeição) valiam-nos comentários, às vezes pouco lisonjeiros, da parte dos feirantes. Mas Betsey seguia sempre com indiferença soberana; creio até que abriria caminho, com a mesma calma, através de um país inimigo.

Por fim parámos diante de uma casa de aspecto antigo, que fazia saliência na rua; as janelas altas e gradeadas avançavam ainda mais, e as traves, com as extremidades esculpidas, formavam também protuberância: afigurava-se-me que todo o prédio se inclinava para a frente a fim de ver o que se passava no passeio estreito. Essa casa era de uma limpeza extraordinária. O velho batente de cobre, na porta baixa e abobadada, ornado de grinaldas de flores e frutos esculpidos, brilhava como uma estrela. Os dois degraus de pedra que se tinha de descer para entrar estavam tão brancos como se fossem atapetados de linho alvo. Todos os ângulos, recantos, esculturas, molduras, vidros, frestas, tudo isto, embora antiquíssimo, tinha o resplendor da neve.

Quando a carruagem se deteve à porta, descobri, ao observar o prédio, uma figura cadavérica a uma janelinha do torreão, figura que rapidamente desapareceu. Abriu-se então a porta e eu vi reaparecer esse rosto, realmente cadavérico, mas que tinha no grão da pele um pouco desse tom rubro que distingue às vezes a pele das pessoas ruivas. Os cabelos eram ruivos. Tratava-se de um rapaz que podia ter quinze anos (segundo agora calculo) mas que parecia de muito mais idade. O cabelo estava cortado à escovinha. Não se lhe viam sobrancelhas, nem pestanas. Os olhos, castanhos avermelhados, eram tão desprovidos de algo que os sombreasse que eu pensei como é que ele conseguiria adormecer. Ossudo, tinha os ombros levantados, vestia com decência fato preto (com uma suspeita de gravata branca) abotoado até ao pescoço. Mão comprida, muito magra, verdadeira mão de esqueleto: chamou-me a atenção enquanto ele, de pé junto à cabeça do cavalo, esfregava o queixo e nos

observava.

- O doutor Wickfield está, Uriah Heep? - perguntou minha tia.

- Está, sim, senhora. Se quiser fazer o favor de entrar... -respondeu Uriah Heep, indicando com a mão comprida uma sala.

Apeámo-nos, e, deixando-o tomar conta da carruagem, entrámos numa sala baixa e extensa, que dava para a rua. Ao entrar ali, vi pela janela que Uriah Heep soprava nas ventas do cavalo, depois as tapava com a mão, precipitadamente, como se lhe fizesse um feitiço. Diante do fogão alto e antigo havia dois retratos: um representando um homem de cabelo branco (que não era propriamente velho) e sobrancelhas pretas, o qual olhava para documentos amarrados com uma fita encarnada. O outro era de uma senhora de fisionomia sossegada e meiga e que parecia contemplar-me.

Julgo que procurava ainda um retrato de Uriah quando se abriu uma porta na outra extremidade da sala, e entrou um cavalheiro. Ao vê-lo, voltei-me para o primeiro dos retratos para me certificar de que o recém-chegado não saíra da moldura: o retratado, porém, continuava imóvel. Quando o homem se aproximou da luz, vi que era um pouco mais velho do que no tempo em que fora pintado.

- Senhora Betsey Trotwood - disse ele - entre, se faz favor. Eu estava ocupado, desculpe-me. Sabe o que me absorve tanto. Só tenho uma razão de viver.

Betsey agradeceu-lhe e nós penetrámos no seu escritório, que estava mobilado como o de um homem de negócios, com livros, papéis, caixas de folha, etc. Dava para um jardim e continha um cofre de ferro, embutido na parede mesmo por cima da prateleira do fogão: pensei como fariam os limpa-chaminés para o contornar, quando procediam à limpeza.

- Pois, minha senhora - disse o doutor Wickfield (percebi que era ele, que exercia advocacia e administrava as terras de um proprietário rico da região). - Que bom vento a traz por cá? Suponho que é bom vento...

- Decerto. Não venho por causa de nenhum processo.

- Faz bem, minha senhora. Mais vale vir por outra coisa qualquer.

O doutor Wickfield tinha o cabelo todo branco, mas as sobrancelhas ainda estavam pretas. O rosto era prazenteiro e, à minha vista, chegava a ser belo, e apresentava um esplendor que os ensinamentos da Pegotty me habituaram a considerar como resultado do vinho do Porto. A mesma causa atribuí eu à voz e à nutrição incipiente. Mostrava-se muito bem trajado, com um casaco azul,

colete às riscas e calças de nanquim. A camisa de peitilho de rendas e a gravata de cambraia pareciam de perfeita brancura e, àminha imaginação, evocavam a penugem de um cisne.

- Apresento-lhe o meu sobrinho - disse Betsey.

- Não sabia que tinha sobrinhos - replicou Wickfield.

- Sobrinho-neto, para explicar melhor. - Também não sabia que os tivesse.

- Adoptei-o - declarou a tia, com um gesto de mão que indicava a sua indiferença pelo que ele pensava ou sabia - e trouxe-o cá para o matricular num colégio onde possa ser bem tratado e educado. Nomeie-me um estabelecimento nessas condições e dê-me todos os informes a esse respeito.

- Antes de a poder aconselhar como deve ser - disse o doutor Wickfield - farei a velha pergunta: qual a razão para isto?

- Diabos o levem!-exclamou a tia. - Sempre à procura dos motivos, quando eles estão à vista! Pois bem: a razão é tornar esta criança feliz e útil.

- A coisa traz água no bico - volveu Wickfield, sacudindo a cabeça e sorrindo com ar incrédulo.

- O senhor quer convencer-me de que os seus motivos são sempre únicos e claros? - replicou a tia, sorrindo também. - Julga-se mais recto do que ninguém nos negócios que faz.

- É que tenho um só motivo na vida, minha senhora. Os outros têm dezenas deles, mesmo centenas. Mas eu só tenho um. Aí está a diferença. Em todo o caso, este é evidente. O melhor colégio? Quer realmente o melhor?

Betsey fez um sinal afirmativo.

- O melhor dos que possuímos - continuou o doutor Wickfield, reflectindo - não poderia aceitar neste momento o seu sobrinho como interno.

- Todavia, ele pode hospedar-se, entretanto, noutro lugar - sugeriu Betsey.

Wickfield achou que isso era possível. Depois de breve discussão, ele propôs levar a tia a esse colégio, para que julgasse por si mesma. Levá-la-ia também a duas ou três casas que aceitavam hóspedes. A tia concordou e nós saímos todos três, quando ele parou para dizer:

- Mas este nosso amiguinho não precisa de nos acompanhar. Mais vale deixá-lo aqui.

A tia parecia disposta a discutir este ponto, mas, para facilitar as coisas,

declarei que ficaria de boa vontade, e reentrei no escritório do senhor Wickfield, onde, à espera deles, tornei a sentar-me na cadeira que ocupara.

Essa cadeira achava-se defronte de um corredor estreito que ia dar ao quartinho redondo do terreão em que eu descobrira o rosto pálido de Uriah Heep. Depois de ter levado o cavalo à estrebaria próxima, Uriah começara a trabalhar abancado a uma carteira em que estava o quadro de cobre para colocar papéis e onde ele fixara o manuscrito que copiava. Embora tivesse a cara voltada para o meu lado, julguei a princípio que esse manuscrito o impedisse de me ver; mas, olhando com maior atenção, notei, não sem constrangimento, que os seus olhos vigilantes apareciam de vez em quando como dois sóis rubros e que ele me espiava por momentos, enquanto a pena corria, ou fingia correr, no papel. Fiz várias tentativas para fugir a essa espionagem: subi a uma cadeira a fim de ver de perto um mapa colocado na outra parede da sala; mergulhei na leitura do jornal de Kent; mas aqueles olhos atraíam-me sempre, e todas as vezes que o relanceava tinha a certeza de que ele estava consciente dessa minha investigação.

Por fim, e para meu grande alívio, a tia e o doutor Wickfield voltaram. A ausência fora demorada. Não tinham sido felizes na sua diligência, tanto quanto eu desejaria, pois se eram incontestáveis as vantagens oferecidas pelo colégio a senhora Trotwood não engraçara com nenhuma das casas susceptíveis de me hospedarem.

- É de lamentar - disse ela. - Não sei que faça, Trot.

- É, de facto, lamentável - corroborou o doutor Wickfield. - Mas há uma solução, que lhe vou apresentar.

- Qual é?

- Deixe por enquanto aqui o seu sobrinho. É rapaz sossegado. Não me incomodará. A casa, tranquila como um convento, foi mesmo feita para favorecer o estudo. E tem muita acomodação.

A ideia agradou, evidentemente, à minha tia, mas um escrúpulo de delicadeza impediu-a de aceitar. E a mim também.

- Vamos, minha senhora - disse o doutor Wickfield. - É um meio de sair de dificuldades. Trata-se apenas de um arranjo provisório, que se anulará quando lhe convier. Teremos muito tempo, daqui até lá, para achar melhor. Acho preferível que o deixe aqui por enquanto.

- Fico-lhe muito agradecida - respondeu a tia. - E ele igualmente, mas...

- Bem sei o que quer dizer - atalhou o doutor Wickfield. - Não desejo

impor-lhe qualquer favor, minha senhora. Pagará a pensão, se achar mais acertado. Não disputaremos quanto ao preço: paga o que quiser.

- Nessas condições - retorquiu Betsey - terei muito gosto em deixar aqui o Trot, o que não impede de lhe ficar do mesmo modo reconhecida

- Então vamos visitar a minha pequena governanta - disse Wickfield.

Subimos uma escada sumptuosa. O corrimão era tão amplo que quase poderíamos andar por cima dele. Depois entrámos numa sala sombria, com três ou quatro janelas de forma esquisita, que eu já observara da rua. Nos vãos havia velhos bancos de carvalho que pareciam provir das mesmas árvores que deram o soalho reluzente e os grandes barrotes do tecto. Via-se ainda um piano e móveis de cores garridas, verde e encarnado, e algumas flores. Dir-se-ia ser uma sala feita apenas de cantos e recantos. E em cada canto encontrava-se um móvel curioso, mesinha, credencia, estante, poltrona, o que me fazia supor que não existia outro ângulo mais confortável do que aquele. Era assim que eu pensava, até chegar a novo recanto, que se me afigurava tão bom ou talvez melhor. Em tudo se respirava o ar de tranquilidade e de perfeito asseio que distinguia o prédio já no exterior.

O doutor Wickfield bateu à porta que se abria num desses lados, e surgiu uma rapariguinha mais ou menos da minha idade, que o beijou. Reconheci logo no rosto dela a expressão calma e doce da senhora de que eu vira o retrato no rés-do-chão. Poderia supor-se que o original continuava criança e que o retrato é que se fizera adulto. Se bem que a fisionomia fosse alegre, inculcava uma serenidade, um espírito bom e tranquilo, que eu jamais esquecerei.

Era, segundo explicou o doutor Wickfield, a sua pequena governanta, a filha Agnes. Ao ouvir o tom com que ele pronunciara essas palavras e ao ver a maneira como lhe pegava na mão, compreendi qual era a sua única razão de viver. Tinha a um lado, pendente, uma bolsinha, onde guardava as chaves, e a menina parecia já bastante grave e avisada para o governo doméstico. Escutou com ar interessado o que o pai lhe disse de mim e, quando ele acabou, ela propôs-nos que fôssemos ao quarto que me seria destinado. Era espaçoso e excelente, também com vigas de carvalho e vitrais. Ficava noutro andar, e a escada que subia até lá tinha igualmente belas proporções.

Não me lembro onde e quando vi, na minha infância, vitrais numa Igreja. Nem me recordo do assunto. Mas sei que, ao ver aquela pequena virar-se e esperar, no alto da escada, sob essa luz solene, pensei no vitral da igreja e o seu brilho suave permaneceu para sempre associado à pessoa de Agnes Wickfield.

A tia estava tão satisfeita como eu com a solução encontrada. Não quis de modo nenhum ficar para jantar, com medo de ser noite quando regressasse com o seu famoso cavalo ruço, e creio que o doutor Wickfield a conhecia bem para não discutir com ela. Trouxeram-lhe apenas uma refeição ligeira, e Agnes voltou para junto da sua perceptora e o pai ao seu gabinete. De forma que nos deixaram, para nos despedirmos sem constrangimento.

Disse-me Betsey que o doutor Wickfield providenciaria em tudo e que não me faltaria nada; em seguida falou-me afectuosamente e deu-me os melhores conselhos.

- Trot - concluiu ela - faz honra a ti mesmo, a mim e ao senhor Dick, e que Deus esteja contigo!

Eu sentia-me deveras comovido e mal pude agradecer-lhe. Pedi-lhe então que me recomendasse ao senhor Dick.

- Nunca pratiques acções indignas, não mintas, nem sejas cruel. Evita estes três vícios, Trot, e eu confiarei sempre em ti.

Prometi não abusar da sua bondade e não esquecer aqueles conselhos.

- A carruagem está à porta - acrescentou a tia. - Vou partir. Deixa-te estar aqui.

Com isto, beijou-me à pressa e saiu da sala, fechando a porta atrás de si. De começo fiquei um pouco surpreendido com essa partida brusca e quase receei haver-lhe desagradado; mas, olhando para a rua, vi como ela subiu melancólica para a carruagem e desapareceu sem voltar a vista.

Compreendi então e fui menos injusto para com ela.

Às cinco horas (a do jantar em casa do doutor Wickfield) eu havia recobrado ânimo e sentia certo apetite. Tinham posto somente dois talheres, porém Agnes, que esperara pelo pai na sala, antes de jantar, desceu com ele e sentou-se à sua frente, à mesa. Custou-me a crer que o advogado pudesse jantar sem ser com a filha.

Não nos demorámos ali após a refeição; subimos à sala e, num canto bastante confortável, Agnes trouxe um copo para o pai e uma garrafa de Porto. Acredito que esta bebida não teria para o meu hospedeiro o perfume costumado se lhe fosse dada por outras mãos.

Wickfield bebeu, e em quantidade razoável, durante duas horas, enquanto a filha tocava piano ou trabalhava, conversando connosco. Estava quase sempre alegre, mas às vezes o seu olhar poisava na filha e ele tornava-se pensativo e

calava-se. Agnes não tardava a perceber isso e arrancava-o sempre a essa concentração com uma pergunta ou um afago. Então o pai saía das suas meditações e recomeçava a beber.

Agnes presidiu ao chá que preparara. Depois correu o tempo, como a seguir ao jantar, até ao momento de recolher à cama. O pai tomou-a então nos braços e beijou-a. Uma vez só comigo, pediu velas para o escritório. Eu, por meu turno, subi a escada para me deitar.

Durante a tarde eu descera até à porta e até havia dado uns passos na rua, para lançar ainda uma vista de olhos aos prédios antigos e à catedral, pensando como atravessara aquela velha cidade na minha viagem e, sem o saber, passara perto da casa em que morava agora. Voltando para trás, vi Uriah Heep, que fechava o escritório. Sentia-me bem disposto para com todos e por isso entrei para lhe falar e, ao sair, apertei-lhe a mão. Mas que mão viscosa, meu Deus, a sua! Se, ao vê-la, me parecera a de um espectro, o tocá-lo confirmou-me essa impressão. Esfreguei em seguida os dedos a fim de os aquecer e apagar os vestígios do contacto.

Este contacto fora tão desagradável que ao chegar ao meu quarto sentia ainda frio e humidade. Debruçando-me à janela, observei uma das figuras esculpidas no extremo das traves: dir-se-ia olhar-me de soslaio e pareceu-me que era Uriah Heep que subira até lá, não sei como. Precipitadamente, fechei-lhe a janela na cara.

XVI. SOU OUTRO EM MUITOS ASPECTOS

No dia seguinte de manhã, depois do primeiro almoço, retomei a vida de estudante. Acompanhado do doutor Wickfield, compareci no lugar das minhas lições: um edifício de aspecto grave, dentro de um pátio. Reinava aí uma atmosfera de erudição que parecia convir perfeitamente às gralhas que desciam das torres da Sé para deambular na relva com o seu ar de sabichonas. Fui apresentado ao meu novo professor, o doutor Strong.

Este pareceu-me quase tão enferrujado como as grades de ferro das portas exteriores do edifício, quase tão hirto e pesado como as enormes urnas de pedra que as ladeavam, a intervalos regulares, por cima do muro de tijolos derredor do pátio, como um jogo colossal de chinquilho para entreter o tempo. Achava-se ele na biblioteca (o doutor Strong), com o seu fato mal escovado, o cabelo mal penteado, as polainas pretas mal abotoadas; os sapatos bocejavam como duas cavernas no tapete do fogão. Concedeu-me um olhar sem brilho: deu-me a impressão do cavalo cego, há muito tempo abandonado, que pastava no cemitério de Blunderstone. Disse que tinha gosto em conhecer-me, estendeu a mão, e eu mal soube que devia fazer dessa mão que, por si mesma, não fazia nada.

Mas ao lado do doutor Strong estava sentada, trabalhando, uma mulher nova. Ele tratou-a por Annie e calculei que fosse sua filha. A rapariga tirou-me das dúvidas, porque ajoelhou a fim de calçar os sapatos ao professor e abotoar-lhe as polainas com muita graça e solicitude. Quando acabou, saímos para ir à aula. Fiquei admirado por ouvir o senhor Wickfield chamá-la «senhora» Strong e pensei se não seria casada com o filho do mestre ou esposa deste mesmo; mas o próprio Strong me elucidou, dizendo na ocasião em que se deteve no corredor:

- A propósito, Wickfield, ainda não descobriu nenhum emprego que convenha ao primo da minha mulher?

- Ainda não - respondeu o advogado.

- Gostaria que se conseguisse o mais depressa possível, pois Jack Maldon não faz nada e precisa de ganhar, situação que às vezes origina graves consequências. Segundo o doutor Watts - acrescentou olhando para mim e oscilando a cabeça ao compasso da citação: - «Satanás dá sempre maus

conselhos àqueles cujas mãos estão desocupadas.»

- Ah, doutor, se Watts tivesse conhecido os homens, poderia ter escrito, com mais verdade, que isso acontece de preferência aos que têm as mãos ocupadas. Estes fazem o seu quinhão de mal no mundo, pode crer.

Quais as acções dos que estiveram mais ocupados a ganhar dinheiro, ou poderio, nos dois últimos séculos? Não foram maléficas?

- Bem me parece que Jack Maldon nunca estará tão ocupado para tanto - volveu o doutor Strong afagando pensativamente o queixo.

- Talvez não - replicou Wickfield. - Mas voltando à vaca-fria, com desculpas pela digressão: ainda não achei nada para o senhor Jack Maldon. Suponho - ajuntou, com certa hesitação - que adivinhei o seu propósito, e isso dificulta a coisa...

- O meu propósito - asseverou Strong - é querer descobrir uma situação que convenha ao primo e antigo companheiro de infância de Annie.

- Bem sei. Aqui ou no ultramar.

- Sim, aqui ou no ultramar - repetiu Strong, aparentemente surpreendido com a ênfase que o outro dera à frase.

- Empreguei a sua própria expressão: «ou no ultramar» - declarou o advogado.

- Sem dúvida - redarguiu o professor. - Ou num lado ou noutro.

- Não tem preferência por nenhum? - perguntou Wickfield.

- Não - respondeu o doutor.

- Não? - repisou Wickfield, admirado.

- Creia que não.

- Nenhuma razão para optar pela pátria ou pelo ultramar?

- Nenhuma.

- Devo acreditá-lo, e com certeza que acredito - rematou Wickfield. - Se mais cedo o soubera, mais fácil teria sido o meu trabalho. Mas confesso que julgava diferentemente.

O doutor Strong considerou-o com ar intrigado, indeciso, quase imediatamente transformado num sorriso que me satisfez, pois achava-o amável e condescendente. Em todo o seu aspecto, abstraindo da camada de gelo que o cobria e que era proveniente das suas preocupações de estudioso, havia afinal

algo de amabilidade e doçura e também de simplicidade, apreciáveis para um aluno como eu. Continuando a dizer «não» e «nenhuma» e outras palavras lacónicas de igual significado, o doutor Strong seguia à nossa frente, com passinhos irregulares, e nós íamos atrás dele: notei que Wickfield tomara uma atitude séria, meneando a cabeça sem dar fé de que eu o observava.

A aula, bastante ampla, ficava do lado mais aprazível do edifício, dominado por meia dúzia de urnas majestosas; daí se descortinava um velho jardim privado, que pertencia ao doutor Strong, e onde havia pessegueiros com frutos que amadureciam junto do muro soalheiro, voltado ao sul. Viam-se também dois grandes aloés, em caixotes, no relvado sob as janelas: as suas folhas rígidas e largas, que se diriam feitas de zinco pintado, sempre foram para mim, por associação de ideias, o símbolo do silêncio e do repouso. Cerca de vinte e cinco rapazes curvavam-se laboriosamente sobre os livros, quando entrámos na sala, mas logo se ergueram para saudar o professor e permaneceram de pé quando nos viram, ao doutor Wickfield e a mim.

- Mais um aluno, meus amigos - participou o doutor Strong.- É Trotwood Copperfield.

Um dos presentes, chamado Adams, que era o chefe de turma, deu um passo ao meu encontro e desejou-me boas vindas. Tinha o ar de um moço sacerdote, com a sua gravata branca, mas achei-o afável e bem disposto. Mostrou-me o meu lugar e apresentou-me aos professores com uma naturalidade capaz de me pôr à vontade, se isso fosse possível.

Quão longe se me representava o tempo em que me encontrara entre camaradas da minha idade, salvo Mick Walker e o Batata Farinhenta! Aqui, sentia-me mais deslocado do que nunca na minha vida. Atravessara lugares de que nem se fazia ideia, adquirira uma experiência superior aos meus verdes anos, ao meu aspecto, à minha situação. Por isso imaginava vagamente que era uma impostura figurar nesse colégio como um estudante igual aos outros. Tornara-me, na época de Murdstone & Grinby, tão avesso às distracções e aos jogos infantis que me reconhecia desajeitado nas coisas mais habituais. Tudo quanto aprendera dissipara-se de tal modo nas vis preocupações da existência quotidiana, que após me haverem interrogado me relegaram para a última bancada da classe. Mas, embora me inquietasse a minha falta de aptidão e também o desconhecimento das noções livrescas, ainda me afligiu mais pensar que as coisas que eu sabia me afastavam muito mais dos meus colegas do que a minha própria ignorância. Calculava o que diriam de mim se soubessem as horas que passei com os reclusos de King's Bench. Haveria algo em mim que

denunciasse as minhas relações com a família Micawber? Aquelas idas às casas de penhores, aquelas vendas, aquelas ceatas... Algum destes alunos ter-me-ia visto atravessar Cantuária, andrajoso, moído, e iria reconhecer-me? Que ideia fariam, eles para quem o dinheiro valia tão pouco, se soubessem como eu, a muito custo, reunia uns cobres para a compra diária das minhas salsichas, da minha cerveja, das minhas fatias de bolo? Como reagiriam, ignorantes que eram da vida nas ruas de Londres, se descobrissem a vergonhosa familiaridade (de que eu mesmo me envergonhava) que tivera com certos presos por dívidas? Tudo isto me corria no espírito nesse dia passado no colégio. Receava o mínimo dos meus gestos ou olhares; encolhia-me de cada vez que se aproximava um dos meus novos camaradas. E, quando a aula acabou, fugi imediatamente, temendo atraiçoar-me se correspondesse a qualquer sinal de amizade ou simpatia.

Mas da velha residência do doutor Wickfield emanava tal influência que ao bater à porta, com os livros debaixo do braço, comecei a sentir apaziguar-se a minha ansiedade. Ao subir ao quarto espaçoso, a sombra grave da escadaria pareceu afugentar-me as dúvidas e os pavores. Estudei deliberadamente até ao jantar (saíamos do colégio às três horas) e desci com a esperança de me tornar outra vez um rapazinho aceitável.

Agnes estava na sala, à espera do pai, que uma visita retinha no escritório. Acolheu-me com o seu delicioso sorriso e quis saber se o colégio me agradava. Respondi que tinha esperança de me comprazer nas aulas, mas que, sendo a primeira vez, me sentia um tanto deslocado.

- Nunca andou no colégio?-perguntei-lhe.

- Ora, todos os dias!

- Mas... quer dizer aqui em casa?

- O papá não poderia dispensar-me - replicou ela, sorrindo e movendo a cabeça. - É necessário que a sua governanta esteja presente.

- Gosta muito de si, ao que vejo.

Fez um gesto afirmativo e foi escutar à porta, para se certificar de que ele vinha e ir recebê-lo à escada. Mas como o doutor Wickfield ainda não viesse, ela regressou junto de mim.

- A mamã morreu ao dar-me à luz - replicou com o seu ar tranquilo. - Só a conheço através do retrato que está lá em baixo. Notei que ontem o contemplou. Pensou decerto que era meu...

Disse-lhe que as achava bastante parecidas.

- É a opinião do papá - confirmou Agnes, satisfeita. - Oiça. Cá está ele!

O rosto calmo e puro da rapariga iluminou-se de alegria, enquanto ela ia ao encontro do pai. Voltaram daí a instantes, de mão dada. O doutor Wickfield cumprimentou-me cordialmente e emitiu o parecer de que me daria bem no colégio do doutor Strong, que era um dos homens mais simpáticos do mundo.

- Deve haver pessoas que abusem da sua bondade. Nunca seja desse número, Trotwood. Ele é o menos desconfiado dos mortais e, quer constitua virtude ou defeito, isso merece que se tenha em conta em todas as relações com o doutor, importantes ou não.

Pareceu-me que se exprimia como um homem cansado ou desiludido, mas este problema não reteve muito tempo a minha atenção, porque vieram anunciar o jantar e nós descemos a fim de nos sentarmos nos lugares já determinados.

Mal nos havíamos instalado, Uriah Heep apareceu, mostrando à porta a cabeça ruiva e a mão magra.

- O senhor Maldon - disse ele - deseja falar ao senhor.

- Ainda há pouco estivemos juntos - replicou o dono da casa.

Conservando, com a mão, a porta aberta, Uriah Heep olhou para mim, para Agnes, para os pratos e os talheres, para cada objecto da sala, mas sem ter o ar de reparar em nada, tanto era o cuidado que punha em interessar o patrão no assunto que ali o trouxera.

- Desculpe... é apenas para lhe dizer... - proferiu uma voz atrás de Uriah, enquanto a cabeça deste se substituía pela do homem que falava. - Desculpe esta invasão... Se estivesse em meu poder, antes teria ido para o estrangeiro. A minha prima Annie prefere no entanto ter os seus amigos próximo de si em vez de os ver exilados... e o velho doutor...

- O doutor Strong - interrompeu gravemente o senhor Wickfield.

- O doutor Strong, naturalmente - redarguiu o outro. - Eu chamo-lhe «velho doutor». Dá no mesmo.

- Ignorava isso - declarou Wickfield.

- Pois bem. O doutor Strong julgava eu que fosse da mesma opinião. Mas, da forma como o senhor procede comigo, vejo que ele mudou de parecer. Neste caso, não tenho nada a acrescentar, salvo que partirei em breve. Assim é melhor. Pensei vir cá dizer-Lho. Quando tencionamos afogar-nos, não vale a pena parar diante da água...

- Esteja certo de que, no seu caso, a demora não será grande - sentenciou Wickfield.

- Obrigado. Muito obrigado. A cavalo dado não se olha o dente... o que não é coisa agradável de fazer. Aliás, suponho que a minha prima Annie podia resolver o caso à sua moda. Bastaria que ela dissesse ao velho doutor...

- Acha que seria suficiente a senhora Strong falar ao marido... É isso?

- Nem mais. Se disser «faça isto ou aquilo», a coisa faz-se impreterivelmente.

- E porquê? - inquiriu o dono da casa, que continuava calmamente a jantar.

- Porque a Annie é uma rapariga encantadora, ao passo que o velho doutor... isto é, o doutor Strong... não é um rapaz encantador - disse, rindo, Jack Maldon. - Sem ofensa para ninguém, senhor Wickfield. O que pretendo explicar é que é justo e razoável conceder compensação numa união desta natureza.

- Conceder compensações à mulher? - indagou, sério, o doutor Wickfield.

- Sim, à mulher - repetiu, rindo, Jack Maldon.

Vendo, porém, que o advogado prosseguia a refeição com a mesma calma imperturbável, e que não havia esperança de o impressionar, acrescentou:

- Em todo o caso, disse o que tinha que dizer, e, pedindo mais uma vez desculpa de o incomodar, só me resta ir-me embora.

E claro que seguirei as suas instruções. Este assunto tem de ser resolvido exclusivamente entre nós dois; nem vale a pena falar ao doutor.

- Já jantou? - perguntou Wickfield, apontando para a mesa.

- Obrigado. Vou jantar a casa da minha prima Annie. Até à vista.

Wickfield, sem se levantar, viu-o sair com ar pensativo. Era, em minha opinião, um rapaz um tanto leviano, bem parecido, eloquente, confiante e ousado. Tal foi o meu primeiro encontro com o senhor Jack Maldon. Não esperava vê-lo tão cedo depois do que, de manhã, dissera o doutor Strong.

Acabado o jantar, tornámos a subir ao andar superior e tudo se passou como na véspera. Agnes colocou as garrafas e os copos no mesmo canto da sala. O doutor Wickfield começou a beber e fê-lo copiosamente. Agnes tocou piano para ele, junto de quem depois se sentou; fez costura, conversou, e jogou comigo várias partidas de dominó. Em seguida preparou o chá, e mais tarde, quando peguei nos livros de estudo, deitou-lhes uma olhadela, indicou-me o que conhecia (não era pouca coisa) e referiu a melhor maneira de trabalhar e

compreender. Ainda a vejo, tímida, cuidadosa e calma; escuto-lhe ainda a voz bela e tranquila, à hora em que escrevo estas palavras. A influência, favorável entre nós, que daí por diante exerceria sobre mim, começava já a penetrar-me o coração. Amo a pequena Emily, não amo Agnes - não, de maneira nenhuma nesse sentido - mas sinto que a bondade, a paz, a verdade se encontram onde se encontra Agnes, e que a doce claridade daquele vitral que vi outrora na igreja a banha sempre (e a mim quando estou perto dela) e a tudo o que a rodeia.

Chegado o momento de recolher, Agnes deixou-nos e eu estendi a mão ao doutor Wickfield, disposto a retirar-me também. Mas ele deteve-me e disse:

- Você, Trotwood, preferia ficar connosco ou ir para outra casa?

- Preferia ficar - respondi sem hesitação.

- Está certo disso?

- Se me dá licença...

- Mas... é que levamos aqui uma vida muito aborrecida.

- Não mais para mim do que para a Agnes. Mesmo nada aborrecida!

O doutor Wickfield repetiu as minhas palavras, enquanto passeava lentamente na sala. Encostou-se à prateleira do fogão e tornou a repeti-las.

Nessa noite tomara vinho (ou então imaginei) até que os olhos se lhe injectassem de sangue. Eu não os via nessa ocasião, porque ele os baixara, tapando-os com os dedos, mas observara um momento antes.

- Gostava de saber - murmurou - se a minha Agnes se fatiga de mim. Como poderia eu fatigar-me dela? Mas não é a mesma coisa, não é a mesma coisa...

Falava como num sonho, sem se me dirigir. Por isso permaneci silencioso.

- É uma casa velha, enfadonha, e uma vida monótona - continuou. - Todavia preciso da companhia de Agnes. A ideia de que posso morrer e abandonar a minha querida filha, ou que ela pode morrer e abandonar-me, entenebrece as minhas horas mais felizes e só se dilui afogando-a em...

Não completou a frase, mas voltou ao ponto em que estivera antes. Fez maquinalmente o gesto de deitar vinho com a garrafa vazia e recomeçou a andar.

- Se essa ideia ,é penosa e difícil de suportar quando Agnes está presente, que será sem ela? Não, não e não. É-me impossível tentar isso...

Apoiou-se de novo ao fogão e meditou demoradamente; eu já não sabia se devia deixá-lo ou continuar ali em silêncio, aguardando o fim do seu devaneio.

Por fim despertou, circunvagou o olhar pela sala e os seus olhos encontraram os meus.

- Fica connosco, Trotwood, hem? - disse ele em tom natural e como se respondesse a uma frase que eu acabasse de proferir. - Alegra-me muito. Far-nos-á companhia, a nós dois. Vê-lo aqui dá-nos prazer. É bom para mim e para Agnes. E bom para todos.

- Tenho a certeza de que é bom para mim - repliquei. - Gosto imenso de estar cá.

- Você é um rapaz digno! Fique tanto tempo quanto lhe agrade. Com isto, deu-me um aperto de mão e uma pancadinha no ombro e disse-me que, se eu trabalhasse de noite, após a filha recolher, ou se me apetecesse ler, fosse até ao seu escritório, caso ele lá estivesse e se desejasse a sua companhia. Agradeci-lhe a amabilidade. Então desceu a escada, e eu, não me sentindo cansado, fui no seu encalço a fim de aproveitar por meia hora a autorização concedida.

O gabinete estava iluminado; imediatamente me atraiu a atenção Uriah Heep, que já exercia sobre mim uma espécie de fascinação. Uriah entretinha-se a ler - era um livro grande e volumoso - com tão manifesta atenção que o indicador descarnado seguia cada linha e deixava na página marcas viscosas (pelo menos assim o julguei) como deixa um caracol.

- Esta noite trabalha até tarde - observei-lhe.

- É verdade, menino Copperfield.

Trepei para o tamborete fronteiro, de modo a poder falar-lhe mais comodamente. No rosto de Uriah não havia nada que se assemelhasse a um sorriso: alargava a boca, formando dois vincos profundos de cada lado da cara. Era tudo o que podia fazer.

- Isto não é propriamente trabalho, menino Copperfield.

- Então que é? - perguntei.

- Aumento os meus conhecimentos de Direito. Estudo o Tratado de Tidd. Que escritor, este Tidd!

O tamborete era excelente observatório. Enquanto, após esta exclamação entusiasta, Uriah continuava na leitura, seguindo as linhas com o dedo, eu reparei nas suas narinas, transparentes e afiadas, que se dilatavam e contraíam de maneira estranha e impressionante: pareciam piscar em vez dos olhos, cuja expressão permanecia inalterável.

- Creio que o senhor é um grande homem de leis - disse-lhe depois de prolongada observação.

- Eu, menino Copperfield? Ah, não! Sou uma pessoa muito modesta.

Não me enganara acerca das mãos dele, pois que esfregava com frequência as palmas uma contra a outra, para as secar e aquecer, além de as enxugar de vez em quando com o lenço.

- Sei perfeitamente que sou a pessoa mais modesta do mundo - declarou Uriah Heep. - Minha mãe também é uma criatura modesta. Vivemos numa casa humilde, mas temos muitas razões para agradecer a Deus. O ofício do meu pai era igualmente modesto: sacristão.

- Que faz ele agora?

- Compartilha com outros da glória do Senhor. Mas temos de ser gratos. Que felicidade para mim viver em casa do doutor Wickfield!

Perguntei-lhe se estava há muito tempo ao serviço do advogado.

- Há quatro anos, menino Copperfield - respondeu Uriah, fechando o livro depois de haver cuidadosamente marcado a página. - Desde a morte de meu pai. Que maior motivo de gratidão para mim do que a bondade do doutor Wickfield, que me aceitou como praticante para que eu aprendesse o ofício, o que não estava nas fracas possibilidades económicas da minha mãe?

- Então, quando terminar o seu aprendizado, será um verdadeiro homem de leis?

- Se Deus quiser, menino Copperfield.

- Vai decerto ser associado nos negócios do doutor Wickfield. Veremos na tabuleta Wickfield e Heep ou então Heep, sucessor de Wickfield.

- Ah, não, senhor - replicou Uriah, abanando a cabeça. - Sou muito modesto para tanto.

Na verdade, parecia-se extraordinariamente com o rosto esculpido na trave da parte exterior da minha janela. Recolhido na sua humildade, olhava-me de revés, com a boca escancarada e as faces enrugadissimas.

- O doutor Wickfield é homem excelente, menino Copperfield - disse Uriah. - Se o conhecesse há mais tempo, saberia isto muito melhor ainda.

Respondi que estava persuadido de que assim era, mas que pessoalmente o conhecia há pouco tempo, embora fosse amigo da minha tia.

- A sua tia, menino Copperfield, é uma senhora muito simpática.

Exprimia o seu entusiasmo agitando-se de uma forma esquisita. As contorções desviaram-me a atenção do cumprimento que ele dirigira à senhora Trotwood para as torceduras que dava à garganta e a todo o corpo.

- Uma senhora simpaticíssima, menino Copperfield. Ela tem grande admiração por Agnes Wickfield, não tem?

Informei-o de que sim, e fi-lo ousadamente, se bem que não tivesse a certeza do que dizia.

- Conto que seja da mesma opinião. Sem dúvida que é!

- Todos devem admirá-la - asseverei.

- Obrigado, menino Copperfield, obrigado por isso. É pura verdade. Por mais modesto que eu seja, não deixo de ver quanto é verdade. Obrigado, menino Copperfield!

À força de se contorcer, na exaltação dos seus sentimentos, deixou o banco que ocupava e uma vez de pé, começou a preparar-se para recolher aos seus aposentos.

- A minha mãe está à espera - disse ele, consultando um relógio de bolso - e decerto principia a inquietar-se. Embora sejamos humildes, somos muito dedicados um ao outro. Se quiser dar-nos o prazer de uma visita, uma destas tardes, e tomar chá connosco, a minha mãe terá imenso prazer na sua companhia, tanto como eu.

Participei que teria muito gosto em ir.

- Obrigado, menino Copperfield - respondeu Uriah, repondo o livro na estante. - Creio que está cá por algum tempo, não é verdade?

Expliquei que tencionava ficar ali enquanto frequentasse o colégio.

- Suponho que acabará por pertencer a este escritório, menino Copperfield.

Protestei que não alimentava nenhum projecto nesse sentido, nem que ninguém me incitava a isso, mas Uriah persistiu na sua ideia, retorquindo com brandura:

- Pois acho que virá para aqui um dia.

Já pronto a sair do escritório por aquela noite, perguntou-me se não me importava que apagasse a luz. E, como lhe respondesse que estava às suas ordens, apagou-a finalmente.

Depois de me ter estendido a mão (no escuro, deu-me a impressão de um peixe), Uriah entreabriu a porta que dava para a rua, deslizou para lá e fechou-a, deixando-me reencontrar às apalpadelas o caminho do interior da casa, o que me custou a valer, depois de vários encontrões. Tal foi, creio, a causa imediata que me levou a sonhar com ele durante metade da noite: entre outras coisas vi-o lançar ao mar o barco-residência do senhor Peggotty, embarcado numa expedição de pirataria. No alto do mastro flutuava a bandeira preta, com a divisa Tratado de Tidd, símbolo diabólico sob o qual nos levava, a mim e à pequena Emily, até ao mar das Caraíbas, a fim de nos afogar.

No dia seguinte, no colégio, venci um pouco o meu embaraço, e no outro dominei-o por completo; em pouco menos de quinze dias, senti-me perfeitamente à vontade e feliz no meio dos meus novos companheiros. Eu era um pouco azelha nos jogos, bastante atrasado nos estudos, mas contava com o hábito para melhorar o primeiro ponto e com o trabalho para aperfeiçoar o segundo. Pus mãos à obra, com seriedade, e senti-me recompensado com os elogios que recebi. Não tardou que a época de Murdstone & Grinby se me tornasse tão estranha que eu mal acreditava tê-la vivido. Pelo contrário, a existência actual parecia-me tão familiar como se a vivesse há muito tempo.

Era excelente o colégio do doutor Strong, tão diverso do do senhor Creakle como o dia da noite. Boa ordem, método inteligente. Dignificava-se em tudo a lealdade e a boa-fé dos alunos, com a intenção confessada de confiar nas suas virtudes; a menos que não se mostrassem merecedores, o sistema operava maravilhas. Tínhamos todos a impressão de que tomávamos parte no progresso do estabelecimento, que éramos sustentáculos da sua honra e da sua reputação. Por isso se lhe tornámos verdadeiramente dedicados, e eu em primeiro lugar: não conheci aluno, durante todo o tempo que lá estive, que não comungasse destes sentimentos. Estudávamos da melhor vontade, com o desejo de dignificar a nossa escola. Fora dos períodos de aula, jogávamos no recreio, em franca liberdade. Na cidade gozávamos de boa fama.

Entre os estudantes, alguns viviam como pensionistas em casa do director. Por eles soube de alguns pormenores quanto à vida dele. Era casado há pouco menos de um ano com a bela rapariga que eu vira na secretaria; fora um casamento de amor. A mulher não tinha dinheiro e cercava-a uma roda de parentes pobres (diziam os rapazes) capazes de o assediarem, ao doutor, até o expulsarem da própria casa. Admirava-se, em geral, o ar meditabundo de Strong, sempre em busca de raízes gregas; na minha ignorância e inocência julguei que se tratasse de uma monomania botânica (tanto mais que ele, ao andar, olhava sempre para o chão) até ao dia em que compreendi serem as raízes das palavras,

com vista a um novo dicionário que planeava. Adams, o primeiro da turma, que se notabilizava nas matemáticas, havia calculado, disseram-me, o tempo que faltaria para concluir esse dicionário, consoante o método do autor e o andamento do trabalho: considerava que a obra ficaria pronta dentro de mil seiscentos e quarenta e nove anos, a contar do último aniversário do doutor, o sexagésimo segundo.

Strong era o ídolo de todo o colégio, e só numa instituição muito mal formada é que poderia deixar de ser assim, pois que se tratava do melhor dos homens, duma fé tão simples que enterneceria um coração empedernido. Quando passeava no pátio adstrito à sua residência, vigiado pelas gralhas que erguiam a cabeça com ar entendido como se tivessem a pretensão de conhecer melhor que ele as coisas da vida, bastava que se aproximasse um vagabundo e o impressionasse com alguma frase do relato das suas desditas para que a sua sorte ficasse garantida durante dois dias. O facto era tão notório que os professores e oS alunos mais velhos se encarregavam de cortar o passo a esses vadios: saltavam pela janela e expulsavam-nos antes que pudessem fazer-se notados do mestre, o que às vezes se verificava a pequena distância dele em que o bom do homem se desse conta do facto. E assim ele prosseguia a sua lenta deambulação. Fora do domínio que lhe era próprio, e entregue a si mesmo, era uma ovelha nas mãos dos tosquiadores. Tiraria as polainas para as dar como esmola ao primeiro que lhas pedisse. Até corria entre nós uma história cuja origem nunca soube mas a que dei tanto crédito que hoje chego a tê-la por verídica. Num dia de Inverno gelado, Strong oferecera realmente as polainas a um mendigo que causou escândalo na vizinhança por andar de porta em porta a mostrar um lindo bebé envolto numa coisa que toda a gente reconheceu: as polainas do doutor, célebres naquelas redondezas. A lenda acrescenta que o único que os não identificou foi o próprio Strong. Quando elas apareceram à venda, dias depois, à porta de um adelo mal afamado (onde trocavam roupa por aguardente) viram-no por mais de uma vez deter-se ali, apalpando e examinando a mercadoria com ar de entendido, como se admirasse a elegância do corte e julgasse aquelas polainas superiores às suas.

Era bastante agradável ver o doutor em companhia da bela esposa. Tinha ele um modo paternal e benigno de lhe demonstrar ternura, no qual se reconhecia a expressão da sua bondade. Não raramente os encontrava passeando no jardim, próximo dos pessegueiros. Observava-os de mais perto na secretaria ou na sala. Parecia-me que ela tomava muito cuidado nele e o amava deveras, se bem que a não achasse interessada em excesso pelo dicionário, obra de que o doutor transportava sempre alguns fragmentos nas algibeiras e na carneira do chapéu.

Nesses passeios, dir-se-ia que Strong lhe fazia prelecção acerca do seu trabalho.

Eu via a mulher com relativa frequência. A senhora Strong afeiçoara-se a mim e interessava-se pelos meus estudos. Além disso, estimava muito Agnes Wickfield e vinha muitas vezes à nossa casa. Havia, pareceu-me, certo constrangimento entre ela e o advogado (de quem se julgaria ter medo) e esse constrangimento nunca se dissipou. Quando aparecia à noite, não queria que o meu hospedeiro a acompanhasse no regresso, e saía então comigo. Ao atravessarmos alegremente o adro da Sé, na esperança de não encontrar ninguém, não era raro surgir-nos o senhor Jack Maldon, que se mostrava sempre surpreendido com o encontro.

A mãe da senhora Strong era uma senhora com quem eu simpatizava a valer. Tinha o apelido Markleham, mas os alunos chamavam-na o «Veterano», devido ao seu talento estratégico e à habilidade com que dirigia importantes efectivos de parentes contra o doutor. Mulher pequenina, de olhar vivo, usava um chapéu imutável enfeitado de flores artificiais e duas borboletas também artificiais que oscilavam sobre essas flores. Para nós, o chapelinho viera de França, pois não podia ter nascido senão da arte dessa nação engenhosa. Em todo o caso, o adorno capilar acompanhava-a por toda a parte e, quando havia reuniões nocturnas, a senhora Markleham transportava-o num cestinho. As borboletas tinham a propriedade de tremer constantemente, e, como abelhas operosas aproveitavam-se dos melhores momentos mas à custa do doutor Strong.

Observei o Veterano (emprego este nome sem intenção desrespeitosa) numa ocasião que me ficou gravada na memória por causa de outro facto que relatarei. Certa tarde, quando da partida de Jack Maldon para a índia, onde serviria como cadete ou coisa que o valha (o doutor Wickfield conseguira finalmente obter-lhe esse posto), festejava-se o aniversário de Strong. Nós alcançáramos feriado, de manhã tínhamos-lhe dado presentes e feito um discurso de que foi porta-voz o primeiro aluno do curso, e déramos vivas até enrouquecer e provocar lágrimas. Depois, ao serão, Wickfield, Agnes e eu fomos tomar chá com ele, na intimidade.

Jack Maldon chegara antes de nós. A senhora Strong, vestida de branco, com fitas cor de cereja, tocava piano quando entrámos, e ele voltava-lhe as páginas, curvado sobre a prima. No momento em que esta se virou para nós, pareceu-me que a sua tez rosada e branca não estava tão pura como de costume. Todavia conservava-se extraordinariamente bela.

- Esqueci-me - disse a mãe da senhora Strong, quando nos sentámos - de lhe endereçar os meus parabéns, caro doutor. Acredite que não é simples

formalidade. Faço os melhores votos pela sua felicidade.

- Muito obrigado - respondeu Strong.

- Os melhores votos - insistiu o Veterano. - Não só para si como para Annie e Jack Maldon e para muitos outros. Ainda me parece que foi ontem - continuou, dirigindo-se a Jack:-Tu eras um rapazinho como Copperfield e já fazias a corte à tua prima, atrás das groselheiras do quintal.

- Querida mãe - atalhou a senhora Strong - para quê falar disso, agora?

- Annie, não sejas ridícula - replicou a mãe. - Se não podes ouvir lembrar coisas sem corar, agora que és uma velha casada, quando é que deixarás de corar?

- Velha? - observou Jack Maldon. - A Annie? Ora adeus!

- Sim, Jack - retorquiu o Veterano. - Virtualmente, é uma velha casada, embora velha não seja pela idade. A tua prima é a mulher do doutor e eu posso falar dela nestes termos. É bom para ti, Jack, que Annie seja a mulher do doutor. Tu achaste nele um amigo benévolo e influente, que te concederá ainda mais favores se o mereceres. Não tenho falso orgulho, nunca hesito em dizer, francamente, que certos membros da nossa família precisam de um amigo. Tu eras um desses, antes que a influência da tua prima te facilitasse um.

O doutor, na sua grande bondade, agitou a mão como para significar que isso não tinha importância e evitar a Jack Maldon mais largas recordações de outros tempos. Mas a senhora Markleham mudou de cadeira para se aproximar mais do dono da casa e, tocando com o leque na manga do casaco dele, prosseguiu:

- Caro doutor, desculpe-me se insisto neste ponto, mas é coisa que tenho muito a peito. Até lhe chamo a minha monomania. É um assunto que me absorve tanto! O senhor foi para nós uma bênção do Céu. Consideramo-lo o nosso benfeitor.

- Exageros... - replicou Strong.

- Não, não, perdoe-me - contraveio o Veterano. - Em presença do doutor Wickfield posso falar, porque é nosso amigo íntimo. Vou começar exercitando os privilégios duma sogra; se continua nesse tom, acabo por lhe ralhar. Sou franca, sincera. O que digo neste momento disse-o quando o senhor me surpreendeu (lembra-se como fiquei admirada?) ao pedir-me a Annie em casamento. Não que esse pedido fosse de estranhar (seria absurdo pensar tal coisa), mas porque o senhor conhecera o pai, e conhecia-a, a ela, desde a idade de seis meses, e eu

nunca previra semelhante situação... Imaginá-lo casado... e com a minha filha!

- Bem, não pense mais nisso - respondeu Strong.

- Mas tenho que pensar - atalhou o Veterano, pondo o leque nos lábios do doutor.- E penso muito. Lembro estas coisas para que me chamem a atenção para qualquer engano. Falei em seguida com a Annie e disse-lhe: «Minha filha, o doutor Strong procurou-me e tu foste o objecto de uma declaração e de um belo pedido de casamento.» Fiz alguma pressão? Não, senhor. Disse: «Agora, Annie, conta-me toda a verdade, imediatamente. O teu coração está livre?» «Mamã», volveu ela, chorando, «sou muito nova (o que era perfeitamente verdadeiro) e não sei ainda se tenho coração.» «Então, filha», disse-lhe, «podes ter a certeza de que estás livre. Em qualquer caso, meu amor, o doutor Strong anda inquieto, convém dar-lhe uma resposta. Não podemos deixá-lo na incerteza.» «Mamã!», exclamou Annie, sempre a chorar, «ele seria infeliz sem mim? Sendo assim, creio que aceito, porque o venero.» Deste modo se concluiu o ajuste. Só então disse à Annie: «Annie, o doutor Strong não será só teu marido, mas também o representante do teu defunto pai; será o representante do chefe da família, o representante da sabedoria e da estabilidade e, acrescentarei, dos recursos da nossa família. Em suma, será para ti um benfeitor.» Empreguei então este termo e repito-o agora. Se possuo alguma qualidade, essa é o espírito de continuidade.

A filha permaneceu silenciosa e imóvel durante esta longa tirada, de olhos fitos no chão. O primo, de pé a seu lado, baixara também a vista. Annie disse então, docemente, com voz trémula:

- Acabou, minha mãe?

- Não, querida Annie - ripostou o Veterano. - Ainda não acabei. é pena que mostres pouca afeição pela tua família, e como não serve de nada queixar-me a ti, vou fazê-lo ao teu marido. Vamos, caro doutor, olhe para a tontinha da sua mulher.

Como o doutor voltasse para a esposa o rosto bondoso, em que se estampava a doçura e a simplicidade, ela baixou ainda mais a cabeça. Notei que Wickfield a olhava com atenção.

- Quando disse a esta marota, outro dia - continuou a mãe, agitando a cabeça e o leque, com ar divertido - que havia um caso na família de que poderia ocupar-se com o marido, respondeu-me que isso era fazer um requerimento e que, sendo o senhor sempre tão generoso, satisfazendo todos os seus desejos, não queria por essa vez falar-lhe nisso.

- Annie, minha querida - acudiu o doutor - tu não tens razão. Privaste-me de

um prazer.

- Foi exactamente o que eu lhe disse! - exclamou o Veterano. - Daqui por diante apetece-me ser eu mesma a falar, já que a minha filha o não faz!

- Teria muito gosto em ouvi-la - replicou o genro.

- Palavra?

- Com toda a certeza.

--Então será assim! - declarou a senhora Markleham.

- Está combinado.

Tendo desta forma levado a água ao seu moinho, deu com o leque umas pancadinhas na mão do doutor Strong e regressou triunfante ao seu primeiro posto.

Chegaram outros convidados, entre eles os dois professores e Adams, e a conversa generalizou-se. Naturalmente, falaram de Jack Maldon, da sua viagem, do país para onde se dirigia e de todos os seus projectos. Maldon devia partir nessa mesma noite, depois do jantar, na mala-posta para Gravesend, lugar do embarque. Salvo se viesse de licença ou por motivo de doença, ele devia estar ausente não sei quantos anos.

Todos se desvelavam a afirmar-lhe que a índia era uma terra caluniada. De nada a podiam acusar, a não ser de um tigre ou dois na sua fauna e de ser um pouco escaldante nas horas quentes do dia. Pela minha parte, eu via no senhor Jack Maldon um Sindbad moderno e imaginava-o intimamente relacionado com todos os rajás, sentado sob um dossel, a fumar cachimbo dourado em forma de espiral.

A senhora Strong tinha voz agradável: muita vez a ouvira cantar na intimidade. Mas, fosse por ter receio de o fazer em público, nessa noite foi-lhe impossível exibir essa prenda. Tentou, uma vez, encetar um duo com o primo Maldon, mas foi mesmo incapaz de começar. E mais tarde, quando quis cantar a solo, embora principiasse num tom delicioso, a voz logo lhe faltou, deixando-a infeliz, de cabeça pendida sobre o piano. O bom do doutor alegou a sua timidez e, para a distrair, propôs que jogasse às cartas, coisa em que ele não era nada perito. O Veterano aproveitou a oportunidade de o ter como parceiro e, como preliminares da iniciação, fez-se depositário de todas as moedas de prata que o genro tinha na algibeira.

A partida foi animada, mercê, por um lado, dos erros do doutor, pois os cometeu com abundância, mal-grado a vigilância das borboletas do chapéu. A

senhora Strong recusara-se a jogar, porque não se sentia muito bem. Quanto ao primo Maldon, esse tinha ainda de fazer as malas; mas, terminado este trabalho, voltou e sentou-se junto dela, no sofá, a conversar. De vez em quando, ela levantava-se e ia deitar uma vista de olhos ao jogo do marido e indicar-lhe como devia proceder. Estava muito pálida; vi-lhe tremer o dedo quando, para dar qualquer indicação, se inclinou sobre o ombro do doutor. Mas este, feliz com a atenção que ela lhe testemunhava, não notou coisa nenhuma, a menos que eu me enganasse.

O jantar já não foi tão alegre. Cada qual parecia denotar o aborrecimento causado pela separação e, conforme se aproximava a hora da partida, esse sentimento aumentava. Jack Maldon procurou gracejar, mas estava pouco à vontade e só piorou as coisas. Também me pareceu que o Veterano não concorria para desanuviar a atmosfera, porque se fartou de recordar fases da mocidade de Jack Maldon.

Todavia o doutor Strong julgava tornar toda a gente satisfeita, porque ele o estava, e supunha que atingíramos o auge da alegria e do contentamento.

- Querida Annie - disse ele consultando o relógio e enchendo o copo - eis a hora em que o nosso primo tem de partir e não há o direito de o reter. A maré, que representa o seu papel nesta conjuntura, não espera por ninguém. Senhor Jack Maldon, tem à sua frente uma longa travessia e uma terra desconhecida; muitos homens, porém, se têm achado no seu caso e se acharão antes do fim dos tempos. Os ventos que vai afrontar levaram milhares e milhares de pessoas para a riqueza, e trouxeram milhares e; milhares de pessoas afortunadas.

- Não é pouco - interveio a senhora Markleham - ver um rapaz que conhecemos desde a infância partir para o fim do mundo, abandonando todos os que conheceu e sem conhecer nada do que vai encontrar! Quem consente em praticar semelhante sacrifício merece realmente ser sustentado e ajudado sempre.

- O tempo passará depressa para si - prosseguiu o doutor, dirigindo-se ao viajante - e depressa para cada um de nós. Alguns de nós, certamente, segundo o curso natural das coisas, não podem ter a satisfação de o saudar à volta. Não o fatigarei com os meus conselhos: mas tem quem o fará melhor do que eu, a sua prima Annie. Imite-lhe as virtudes tanto quanto puder.

A senhora Markleham abanou-se com o leque e moveu a cabeça. - Adeus, senhor Jack - disse o doutor, levantando-se, seguido logo por todos nós. - Desejo-lhe óptima viagem e uma bela carreira no ultramar. E feliz regresso à Inglaterra!

Fizemos coro com o dono da casa e apertámos a mão de Jack Maldon. Em seguida, o rapaz despediu-se à pressa das senhoras presentes e correu para a porta. Foi acolhido, no momento em que entrava na carruagem, por uma série formidável de aclamações da parte dos alunos que se haviam reunido no relvado, para esse fim. Precipitando-me no meio deles para engrossar o grupo, cheguei perto do veículo, quando este começava a deslocar-se, e tive a impressão de ver passar, de cara transtornada, o senhor Jack Maldon segurando qualquer coisa cor de cereja na mão. Depois de mais ovações, agora em honra do doutor Strong e da mulher, os estudantes dispersaram-se e eu reentrei na casa, onde encontrei os convidados, em círculo de roda do anfitrião, ocupados a discutir a partida de Jack Maldon, os seus sentimentos, a sua atitude. No meio dessas observações, a senhora Markleham exclamou:

- Onde está Annie?

Não estava ali. Chamaram-na e ela não respondeu. Deixámos a sala em grupo compacto para ir ver o que se passava no vestíbulo. Houve um instante de pavor, e depois percebemos que a senhora Strong se achava desmaiada e que faziam o que é costume para que recobrasse os sentidos. Então o marido, que lhe fizera descansar a cabeça nos seus joelhos, afastou-lhe os caracóis e disse, olhando derredor:

--Coitada da Annie! Tão fiel e tão terna! Foi a separação de um primo, amigo de infância e companheiro de brincadeiras que lhe provocou o desmaio. Estou desolado!

Annie abriu os olhos e verificou que a rodeávamos. Pôs-se de pé, ajudada por outrem, e apoiou a cabeça ao ombro do doutor, ou aí a escondeu, não sei bem. Entrámos na sala para a deixar só com o marido e com a mãe; ela, porém, declarou que estava tão bem como nunca estivera desde manhã e que preferia fazer-nos companhia. Trouxeram-na, pois, muito pálida e com ar cansado, e instalaram-na num canapé.

- Querida Annie - disse a mãe, compondo-lhe o vestido. - Olha, perdeste um laço de fita. Alguém fará o favor de o procurar? É uma fita cor de cereja.

Era o laço que ela tinha antes sobre o peito. Procurámo-lo. Eu próprio o fiz por todos os cantos. Mas ninguém o encontrou.

- Lembras-te da última vez que o tinhas? - inquiriu a senhora Markleham.

A mim mesmo perguntei como é que a achara tão pálida. Estava agora coradíssima, quando respondeu que o tinha pouco antes, mas que não valia a pena procurá-lo mais.

Entretanto recomeçaram a busca, sem maior êxito. A senhora Strong suplicou que desistissem, mas houve ainda quem persistisse, até que a dona da casa se considerou perfeitamente recomposta e os convidados se despediram.

Voltámos vagarosamente para casa, eu, Agnes e o doutor Wickfield. Eu e Agnes admirávamos o luar e o doutor Wickfield mal levantava os olhos do chão. Quando alcançámos a porta da rua, a rapariga descobriu que se esquecera da sua bolsinha. Contente por lhe poder prestar um serviço, retrocedi a correr, a fim de a procurar.

Entrei na sala de jantar do doutor Strong, onde Agnes deixara a bolsa. Estava deserta a essa hora, mas vi entreaberta a porta de comunicação com o gabinete do doutor. Fui lá para explicar a minha diligência e pedir uma vela.

Strong, sentado na sua poltrona, ao lado da lareira, tinha a mulher aos pés, instalada num tamborete. O marido, com um sorriso de satisfação, lia em voz alta, num manuscrito, a exposição de qualquer teoria extraída do seu interminável dicionário, e ela, de olhos erguidos, fitava-o. Nunca a vira assim: era tamanha a sua palidez, tão estranho o seu ar de sonâmbula, tão impressionante a expressão de medo, que ainda hoje, com o meu juízo mais amadurecido, não sei explicar o que tudo aquilo significava. Penitência, humilhação, pejo, orgulho, amor, lealdade? Talvez tudo isso. Tinha os olhos muito abertos, o cabelo escuro descaía-lhe sobre os ombros e sobre o vestido branco, desarranjado pela falta do laço.

Entrei e expliquei a razão da minha ida ali. Annie saiu do seu devaneio. Quando voltei ao gabinete para devolver a vela, Strong afagava paternalmente a cabeça da mulher e acusava-se de ser um maçador impenitente. Annie pediu-lhe que recomeçasse a leitura, mas ele não quis e aconselhou-a a ir deitar-se.

No entanto, a mulher rogou que a deixasse ficar, e fê-lo com voz rápida e instante. Desejava, nessa noite, sentir-se na verdade a sua confidente. (Ainda a oiço murmurar umas frases entrecortadas, de súplica.) E quando virava de novo a cara para ele, depois

de me ter lançado um olhar quando eu saía, vi-a cruzar as mãos sobre os joelhos do marido e erguer a vista, com um rosto mais calmo, enquanto ele retomava a leitura.

Esta cena causou-me uma impressão profunda, de que me lembrei por muito tempo.

XVII. APARECE ALGUÉM

Não tive ainda oportunidade de falar da Peggoty após a minha fuga; mas, já se sabe, escrevi-lhe uma carta de Dover, quase a seguir à chegada, e outra carta, mais comprida, com minudências acerca da protecção que a tia me dispensara. Uma vez matriculado no colégio, tornei a escrever-lhe para lhe contar pormenorizadamente a minha situação e as perspectivas felizes que se me ofereciam. Não teria nada que me desse tanto prazer para o emprego do dinheiro do senhor Dick como o envio à antiga criada, pela mala-posta, junto com outra carta, de meio guinéu que lhe devia; e só nesta última epístola lhe falei do malandrim que me desapossara dessa importância e da sua carroça puxada por um burro.

A estas comunicações respondeu Peggotty com a prontidão de um correspondente comercial, embora sem a concisão de que este usaria. Esgotou todas as suas faculdades de expressão a tentar descrever-me o que pensava da minha viagem, e assim encheu quatro páginas com inícios de frases incoerentes, cortadas de interjeições, que não conduziam a nenhum fim, a não ser nódoas de tinta. Mas estas valiam mais do que o melhor estilo, pois me revelavam que Peggotty chorava sobre o papel. Que mais poderia eu desejar?

Compreendi sem muita dificuldade que ela não seria capaz, apesar de tudo, de ter grande estima pela minha tia. Este período era bastante curto em relação ao resto. Nunca se conhecem bem as pessoas, escrevia Peggotty; mas pensar que a senhora Trotwood estava tão diferente do que fora, eis o que se podia chamar Moralidade. Tal foi o termo que empregou. Evidentemente que sempre tivera medo da minha tia, pois só com timidez lhe enviava os seus respeitos e agradecimentos. E também era evidente que tinha medo de mim, ao admitir a possibilidade de segunda fuga, se fosse inferir das alusões repetidas à hipótese de me enviar o preço para Yarmouth, se eu lho pedisse.

Deu-me depois uma notícia que me confrangeu: a mobília da nossa antiga casa fora vendida e os irmãos Murdstones haviam partido, fechando a residência, que seria alugada, se não aparecesse comprador. Se bem que eu não usufruísse dela enquanto eles lá estavam, a verdade é que me penalizou imaginar esse velho lar completamente abandonado; pensar que as ervas ruins cresciam no quintal e que as folhas caídas cobriam os passeios com o seu espesso tapete húmido! Evoquei o vento de Inverno uivando derredor, a chuva fria batendo nas vidraças, o luar criando fantasmas nas paredes dos quartos vazios e velando todas as

noites a solidão da casa. Tornei a ver o túmulo no cemitério, debaixo da árvore, e pareceu-me que o prédio também estava morto e se dissipara tudo quanto se associara à saudade do meu pai e da minha mãe.

Não havia mais nenhuma notícia nas cartas da Peggotty. O senhor Barkis era marido exemplar, dizia ela, embora um tanto aferrado ao dinheiro; mas todos nós temos os nossos defeitos, e ela tinha com certeza o seu quinhão (apesar de eu não saber qual era). Barkis enviava-me os seus cumprimentos e informava que o meu quarto, em casa deles, me esperava sempre. O irmão, o pescador Peggotty, ia bem, assim como o sobrinho Ham; a senhora Gummidge passava sofrivelmente, e a pequena Emily recusara-se a mandar-me lembranças, dizendo no entanto que a Peggotty, se quisesse, as enviasse por sua conta.

Todas estas informações comuniquei-as à tia Betsey, só ocultando o que respeitava à Emily, pois sentia instintivamente que não seria do agrado da senhora Trotwood. Nos meus primeiros tempos da estada em casa do doutor Strong, a tia foi visitar-me várias vezes a Cantuária, e sempre a horas impróprias, na intenção, suponho eu, de me fazer surpresa. Mas, achando-me ocupado, estudioso e com bons créditos, e sabendo de todos que alcançava renome no colégio, depressa renunciou a semelhantes visitas. Eu via-a aos sábados, todas ou quase todas as semanas, quando ia a Dover em passeio; e via o senhor Dick quinzenalmente, à quarta-feira: ele chegava ao meio-dia, na diligência, e ficava até ao dia seguinte de manhã.

Nessas ocasiões o senhor Dick nunca se deslocava sem uma pasta de cabedal que continha boa provisão de objectos de escritório e o livro das suas memórias. A respeito deste documento, pensava ele que o tempo, agora começava a urgir e que precisava de terminar o trabalho.

O senhor Dick gostava muito de pão de espécie. Para tornar mais agradáveis as suas visitas, a tia pedira-me que lhe abrisse uma conta na pastelaria, estipulando contudo que não lhe servissem mais de um desses bolos por dia. Além disso, todas as despesas da estalagem passavam pelas mãos da tia antes de serem liquidadas; acabei por desconfiar que ele tinha apenas direito de fazer tilintar o seu dinheiro, mas não de o gastar. Prosseguindo nas minhas investigações, descobri que as coisas se passavam realmente desta forma, ou pelo menos que havia, entre a tia e o senhor Dick, um acordo que estipulava que ele lhe prestaria contas de todos os seus desembolsos. Como lhe não ocorria a ideia de a enganar, e como desejava sempre ser-lhe simpático, jamais se aventurava a outras despesas. Neste ponto, assim como nos demais, o senhor Dick estava convencido de que a tia Betsey era a mulher mais prudente e

assisada do mundo; isso me repetia o próprio, em segredo e sempre em voz baixa.

- Trotwood - disse-me ele com ar de mistério, após me haver feito essa confidência, numa quarta-feira - qual é o homem que se dissimula junto da nossa casa e mete medo à sua tia?

- Medo à tia? - repeti.

O senhor Dick oscilou a cabeça.

- Pensava que ela não tinha medo de nada - observou-me - pois que é - aqui a voz tornou-se-lhe um sussurro - a mulher mais extraordinária do mundo.

Assim falando, recuou, para ver o efeito que essa sua declaração produzira em mim.

- A primeira vez que ele veio - continuou o senhor Dick - foi... Vejamos, o rei Carlos morreu em 1649... Disse 1649, não é verdade?

- Sim, senhor.

- Suponho que a História não mente, hem? - prosseguiu o senhor Dick.

- Com certeza que não.

Eu era novo e ingénuo. Acreditava-o.

- Não compreendo - disse ele, meneando a cabeça. - Há um erro qualquer. Seja como for, foi pouco tempo depois do lapso que fez passar para a minha cabeça certos dissabores do rei que o homem se apresentou pela primeira vez. Eu saía com a senhora Trotwood, tomado que foi o chá, aí ao anoitecer. Ele estava lá, muito perto da residência.

- Passeava? - inquiri.

- Passeava...?-repetiu o senhor Dick.-Vejamos... Preciso de puxar pela memória. Não, não passeava.

A fim de concluir o caso mais depressa, indaguei o que é que ele fazia,.

--Bem... não estava lá propriamente... até à ocasião em que se aproximou por trás dela e segredou. Então a senhora Trotwood voltou-se, e desmaiou; eu fiquei imóvel e olhei para o homem, que partiu. O mais extraordinário é que, desde esse dia, tenha ficado escondido, na terra ou algures.

- Mas ficou realmente escondido desde esse dia?

- É indubitável - replicou o senhor Dick, movendo sempre a cabeça. - Não tornou a surgir senão ontem à noite. Nós passeávamos e ele veio por trás, outra

vez, e eu reconheci-o.

- Voltou a assustar a tia?

- Estava trémula - assegurou o senhor Dick, batendo os dentes para imitar o terror da tia. - Apoiou-se às grades, e chorou. Agora escute...-Chegou-se mais e cochichou:-Por que lhe deu ela dinheiro, ao luar?

- Talvez fosse um mendigo...

O senhor Dick abanou mais uma vez a cabeça, como para repelir semelhante hipótese. Repetidamente, com ar confidencial, explicou: «Mendigo, não; mendigo, não!» Acrescentou que, da janela do seu quarto, descobrira, a uma hora adiantada da noite, do outro lado da vedação do jardim, a tia dar dinheiro a esse homem, ao luar. Em seguida o homem sumira-se (enfiara pela terra, ao que lhe parecia) e não o vira mais. A tia entrou precipitadamente em casa, às ocultas, e de manhã ainda andava trémula. O senhor Dick sentia-se preocupado.

Fiquei absolutamente persuadido de que o desconhecido desta história era apenas uma alucinação do senhor Dick, no género da do príncipe infeliz que lhe causava tanto transtorno. Mas, após um momento de reflexão, comecei a aceitar a ideia de que talvez tentassem ou ameaçassem raptar o próprio Dick, subtraindo-o à protecção da minha tia, dada a afeição profunda que nutria pelo seu hóspede; e ela se visse obrigada a pagar certa importância para que os deixassem em paz. Eu já estimava deveras o senhor Dick e preocupava-me com a sua tranquilidade. Os meus receios reforçaram aquela hipótese; durante algum tempo nunca via chegar uma quarta-feira sem experimentar a apreensão de que ele se não encontrasse na diligência, como de costume, quando esta aparecia. Afinal chegava sempre, com o seu cabelo branco, o seu sorriso e o seu ar feliz; jamais me tornou a falar do homem que fora capaz de amedrontar a tia Betsey.

Essas quartas-feiras eram os dias mais alegres da vida do senhor Dick, e decerto da minha. Não tardou que todo o colégio o conhecesse. Ele não participava activamente em nenhum jogo, excepto no lançamento de papagaios de papel, mas interessava-se muito pelas nossas distracções. Quantas vezes o vi seguir atento uma partida de chinquilho ou de pião! O seu rosto exprimia verdadeira curiosidade; nos momentos críticos, retinha a respiração. Noutras ocasiões, durante a perseguição à lebre, descobria-o empoleirado numa árvore, animando os jogadores, agitando o chapéu por cima da cabeça, e esquecido do rei Carlos e de tudo quanto lhe dizia respeito. Passava imenso tempo, no Verão, no recinto de críquete, e, nos dias de Inverno, não era raro lobrigá-lo, de pé, com o nariz azulado do frio, à neve e ao vento, a olhar para os alunos que desciam o escorregadouro e batiam uns contra os outros as mãos enfiadas em luvas de lã.

Era o favorito de toda a gente e possuía notável engenho. Cortava laranjas consoante métodos de que nenhum de nós fazia a menor ideia. Construía um barco fosse lá com que fosse. Fabricava peças de xadrez com ossos de carneiro e carros romanos com figuras de velhas cartas de jogar; fazia rodas com carrinhos de linhas e gaiolas de pássaros utilizando bocados de arame. No que, porém, se mostrava mais hábil era nos trabalhos de cordelinhos e palha. Estávamos convencidos de que sabia fazer tudo o que mãos humanas são capazes de realizar.

A fama do senhor Dick transpôs depressa o nosso círculo. Após algumas quartas-feiras, o próprio doutor Strong fez-me perguntas acerca dele e eu repeti tudo quanto a tia Betsey me contara. O meu relato interessou tanto o doutor que me pediu lhe apresentasse o senhor Dick aquando da sua próxima visita. Desempenhei-me do encargo. O director do colégio recomendou ao senhor Dick que, não me encontrando à chegada da diligência, fosse directamente à escola e aí aguardasse o final das lições da manhã. Assim nos habituámos a vê-lo aparecer naturalmente; quando nos atrasávamos nas aulas, o que sucedia em geral às quartas-feiras, já o encontrávamos no pátio do recreio. Foi aí que ele conheceu a juvenil esposa do director (mais pálida do que antigamente mas não menos bela). Destarte se tornou cada vez mais familiar no estabelecimento, até que um dia entrou na aula para aí esperar por nós. Sentava-se sempre num canto reservado, num tamborete que por esse motivo recebeu o nome de Dick. Aí ficava, com a cabeça encanecida um pouco à banda, atento ao que se fazia e tomado de profundo respeito pela ciência que nunca pudera adquirir.

Esse respeito o senhor Dick alargou-o ao doutor Strong, que considerou como o maior filósofo de todos os tempos. A princípio, só lhe falava de chapéu na mão. E mesmo quando se tornaram grandes amigos e passavam horas passeando juntos, no lado do pátio conhecido pelo nome de Jardim do Doutor, o senhor Dick descobria-se de vez em quando, indicando assim a veneração que dedicava à sabedoria e à ciência. Como aconteceu que o doutor começasse a ler-lhe trechos do famoso dicionário durante aqueles passeios? Não sei. Talvez de início tivesse a impressão de que os lia para si mesmo. O caso é que essa leitura se converteu em habitual. O senhor Dick escutava, de faces brilhantes de orgulho e prazer; acreditava plenamente que o dicionário era o livro mais deleitoso do mundo.

Assim os víamos passar e repassar diante das aulas: o doutor lia, brandindo às vezes o manuscrito, ou movia gravemente a cabeça, e o senhor Dick escutava-o como se preso àquela leitura; mas o seu pobre espírito devia errar sabe Deus por onde, nas asas das palavras difíceis. Este espectáculo constituía uma das

coisas mais agradáveis a que me era dado assistir. Dir-se-ia que eles podiam ir e vir eternamente deste modo, e que o mundo podia, de certa maneira, tornar-se melhor, como se mil coisas em que tanto empenho se faz não tivessem qualquer importância para ele nem para mim.

Cedo a Agnes se relacionou com o senhor Dick, e por laços de amizade, pois este ia com frequência a casa do doutor. Igualmente conheceu Uriah Heep. A afeição entre nós dois continuou também a aumentar e manteve-se neste aspecto singular: o senhor Dick queria vigiar-me como um tutor, mas consultava-me sempre acerca das mínimas coisas e guiava-se invariavelmente pelos meus conselhos. Não só tinha grande consideração pela minha sagacidade natural como achava que eu herdara boa parte das qualidades da minha tia.

Uma quinta-feira de manhã, na ocasião de deixar o hotel com o senhor Dick para ir ao escritório da diligência antes de voltar à escola (pois tínhamos uma hora de aula antes do primeiro almoço), encontrei na rua Uriah, que me lembrou a promessa de tomar chá com ele e com a mãe; e acrescentou, num esgar: «Não tinha a certeza de que tivesse aceitado, senhor Copperfield. Somos tão humildes...»

Na verdade, eu ainda não sabia se gostava de Uriah ou se o detestava; laborava em dúvidas nesse ponto, e fiquei ali na rua a olhá-lo bem de frente. Contudo, melindrei-me com a suposição que ele alimentava quanto ao meu orgulho e declarei que esperava apenas um convite mais concreto.

- Se é isso, senhor Copperfield, se não é a nossa condição modesta o que o retém, quererá aparecer esta noite? Mas, se o motivo é o nosso estado social, espero que não haja inconveniente em confessá-lo, senhor Copperfield, porque nós não temos ilusões a esse respeito.

Disse-lhe que falaria com o senhor Wickfield, e, se ele concordasse (o que era mais que certo) eu iria com o maior prazer.

Às seis horas, pois (nesse dia o consultório do advogado fechava mais cedo), anunciei a Uriah que estava pronto.

- A minha mãe vai ficar orgulhosa - disse ele, enquanto caminhávamos juntos. - Ou, pelo menos, ficaria, se não fosse pecado, senhor Copperfield.

- No entanto, você esta manhã não hesitou em classificar-me de orgulhoso.

- Meu Deus, que ideia! Não, não julgue tal coisa. Nem por sombras tive semelhante pensamento, mesmo que o senhor nos considerasse muito humildes, porque na verdade o somos.

- Tem estudado muito Direito, ultimamente? -perguntei para mudar de conversa.

- Oh, senhor Copperfield!-retorquiu, num tom de extrema modéstia - as minhas leituras não merecem o nome de estudo. O que me acontece é passar, à noite, uma hora ou duas a ler o senhor Tidd.

- Trabalho árduo, hem?

- Árduo para mim, às vezes. Mas não sei o que seria para uma pessoa mais bem dotada.

Depois de ter batido o compasso de uma ária, com dois dedos da mão esquelética no queixo, mas sempre a andar, Uriah acrescentou:

- Bem vê, senhor Copperfield, há expressões... palavras latinas... modos de dizer no livro do senhor Tidd que são difíceis para um leitor tão ignorante como eu.

- Gostaria de aprender latim? - ripostei logo. - Eu ensinava-lhe, com todo o prazer, ao mesmo tempo que aprendia também...

- Muito obrigado, senhor Copperfield. É deveras amável em fazer-me essa proposta, mas sou muito humilde para aceitar.

- Que absurdo, Uriah!

- Desculpe, fico-lhe muito grato e teria o maior gosto nisso, garanto-lhe. Mas sou demasiado humilde. Há tanta gente que despreza a minha situação modesta! Se me tornasse mais culto, essas pessoas sentir-se-iam escandalizadas. Um homem como eu não deve ter ambições. Se tem de vencer na vida, que o seja humildemente, senhor Copperfield.

Jamais aquela boca se alargara tanto nem tão grandes se fizeram as rugas das faces como no instante em que confessava os seus sentimentos. E a cabeça acompanhou estas expressões de modéstia numa agitação incessante.

- Julgo que não tem razão, Uriah. Estou mesmo convencido de que há várias coisas que lhe poderia ensinar, se quisesse aprendê-las.

- Não duvido, senhor Copperfield, não tenho a menor dúvida. Não sendo, porém, o senhor uma pessoa humilde, como pode ser bom juiz num caso destes? Não quero, com a minha futura sabedoria, irritar os meus superiores. Não, muito obrigado. Sou deveras humilde. E aqui está a minha modesta habitação, senhor Copperfield.

Entrámos num quarto baixo e antiquado, que dava directamente para a rua,

e encontrámos aí a senhora Heep, parecidíssima com Uriah, embora em proporções mais reduzidas. Recebeu-me com extrema humildade e desculpou-se por dar na minha presença um beijo ao filho; apesar da humildade da sua condição, disse ela, tinham natureza afectuosa e esperavam que ninguém se ofendesse com isso. O quarto era decente, misto de sala e cozinha, mas não tinha qualquer requinte. O serviço de chá estava colocado na mesa e a chaleira na prateleira do fogão. Havia uma cómoda com uma estante, onde Uriah lia ou estudava à noite. Via-se também a pasta azul de Uriah, da qual surgiam alguns papéis; e ainda os livros do mesmo, espécie de batalhão comandado pelo senhor Tidd. A um canto, avultava um armário. O resto compunha-se dos móveis habituais. Não me lembro que nenhum objecto especial tivesse o ar nu, seco, desguarnecido que todavia a impressão do conjunto me deixou. Seria também por humildade que a senhora Heep usava ainda crepes, apesar do tempo que decorrera após a morte do marido? Creio que a touca disfarçava um pouco esse aspecto porque no mais ela exibia o luto cerrado das primeiras semanas.

- Este dia, Uriah - disse ela ao filho, enquanto preparava o chá - há-de ficar memorável, porque recebemos o senhor Copperfield.

- Foi o que eu já disse a ele mesmo - respondeu Uriah.

- Se há um motivo para que eu desejasse que o meu marido estivesse ainda vivo - continuou ela - esse é o de ter podido aproveitar a sua companhia nesta noite.

Estes cumprimentos embaraçaram-me, mas a verdade é que sentia que me acolhiam de facto como uma pessoa de importância, e considerei a senhora Heep com um sentimento de gratidão.

- Há muito tempo - acrescentou a senhora Heep - que Uriah esperava este dia. Receava contudo que a nossa condição modesta fosse um obstáculo. Humildes éramos, humildes somos e humildes continuaremos a ser - concluiu a dona da casa.

- Estou persuadido, minha senhora, de que não há nenhuma razão para isso, senão o facto de lhe ser agradável que assim seja - respondi.

- Obrigada, senhor Copperfield. Conhecemos a nossa posição e satisfazemo-nos com ela.

A pouco e pouco, a senhora Heep foi-se aproximando de mim. Também a pouco e pouco Uriah passou para a minha frente, e ambos, respeitosamente, insistiram em que eu me servisse das melhores coisas que havia na mesa. Não notei nada de particularmente delicado, mas tomei a intenção como realidade e

achei que assim agradava à mãe e ao filho. Não tardou que falassem das suas tias e eu aludi à minha. Em seguida ocuparam-se dos pais e eu mencionei os meus. Por fim a senhora Heep referiu-se ao padrasto e eu nomeei o meu, porém logo me detive, porque a tia me aconselhara a guardar silêncio a este respeito.

O certo é que eles foram tirando nabos da púcara e souberam de mim o que quiseram, circunstância de que ainda hoje me recordo com vergonha. Na minha candura juvenil, sentia-me lisonjeado com aquelas confidências que me faziam e, ripostando, cria-me o protector dos meus dois respeitosos hospedeiros.

Havia entre eles grande amizade, eis o que era evidente. Julgo que isso me comovia como uma pincelada da natureza; mas a perícia com que um retomava tudo o que o outro dizia constituía um efeito da arte, perante o qual eu me sentia ainda mais desarmado. Quando já não houve mais nada para investigar acerca da minha pessoa (pois me calei no assunto Murdstone & Grinby, e assim no da fuga), começaram a falar do doutor Wickfield e da Agnes. Uriah atirou a bola à senhora Heep, esta aparou-a e devolveu-lha, Uriah conservou-a um momento em seu poder, depois tornou a atirá-la à mãe, e assim prosseguiram nestas idas e vindas, até que por fim eu não sabia quem tinha a bola, e estava desnorteado. Aliás, ela mudava continuamente, tão depressa elogiava Wickfield como Agnes, tão depressa as altas virtudes daquele como a minha admiração pela filha; ora a importância dos processos e recursos do advogado, ora a nossa vida doméstica depois do jantar; ora o vinho que o doutor Wickfield tomava, a razão que o impelia a isso e a infelicidade de assim suceder; ora uma coisa e outra, ora as duas ao mesmo tempo. E sem eu próprio falar o fantasma da sua humildade e a honra que lhes proporcionava a minha companhia, achei-me a soltar a cada instante, sobre uma coisa e outra, palavras que nada me autorizava a pronunciar e cujos efeitos eu via, estarrecido, no fremir nervoso do nariz de Uriah.

Começava a sentir-me pouco à vontade e a desejar pôr termo à visita quando, descendo a rua, passou um vulto diante da porta (tinham-na deixado aberta a fim de arejar o quarto, onde estava calor, porque o tempo ia pesado para a estação). Esse transeunte voltou atrás, lançou uma olhadela ao interior e depois entrou, exclamando em voz muito alta:

- Copperfield! Será possível?!

Era o senhor Micawber. O senhor Micawber com o seu monóculo, o colarinho avantajado, o ar distinto, a bengala e o tom de voz protector: não lhe faltava nada.

- Meu caro Copperfield - disse-me ele, estendendo a mão - eis na verdade um encontro feito para nos convencer do sentimento de instabilidade e de

incerteza das coisas humanas; em suma, um encontro extraordinário. Eu passeava na rua, meditando na probabilidade de ver surgir qualquer coisa (tenho justamente grande confiança nisto), e vejo aparecer um amigo moço mas precioso, ligado ao período mais agitado da minha vida: devo dizer, caro Copperfield, o ponto crucial da minha existência. Como vai você?

Não confessarei que ficasse deliciado com o aparecimento de Micawber naquele lugar; mas agradava-me tornar a vê-lo e apertei-lhe com prazer a mão ao mesmo tempo que lhe perguntava pela mulher.

- Obrigado, está de boa saúde - respondeu, fazendo como outrora um sinal com os dedos e mergulhando o queixo no colarinho. - Os gémeos já não tiram o seu sustento das fontes da natureza: em resumo - concluiu Micawber num dos seus ímpetos de confiança - foram desmamados e ela é, ao presente, minha companheira de viagem. Há-de rejubilar, Copperfield, de reatar conhecimento com um jovem que se mostrou, em todas as circunstâncias, digno ministro do sagrado altar da amizade.

Repliquei que teria o maior prazer em vê-la.

- É muito amável - disse Micawber. Depois sorriu, ajustou novamente o queixo e olhou em volta de si. - Descobri o meu amigo Copperfield - recomeçou com ar benevolente, sem se dirigir a ninguém em particular - não na solidão mas compartilhando o repasto com uma dama viúva e um homem que, aparentemente, é a sua vergôntea; que em suma - esclareceu Micawber, noutro ímpeto de confiança - é o seu filho. Considero uma honra para mim estar presente.

Não podia, naquela conjuntura, fazer menos do que apresentar o senhor Micawber a Uriah Heep e à mãe. Fi-lo, pois. Enquanto eles se curvavam diante da visita, esta tomou uma cadeira, e, do modo mais cortês, esboçou um gesto breve com a mão.

- Todos os amigos do meu amigo Copperfield - disse ele - têm direitos sobre mim.

- Somos muito humildes - declarou a senhora Heep - para sermos amigos do senhor Copperfield. O senhor Copperfield teve a bondade de vir tomar connosco uma xícara de chá e nós estamos-lhe muito reconhecidos, assim como pela sua cortesia, senhor Micawber.

- Minha senhora - volveu Micawber, inclinando-se - é deveras amável. E você, Copperfield, que faz agora? Continua no comércio de vinhos?

Eu estava impaciente por afastá-lo dali e repliquei, de chapéu na mão e

decerto muito corado, que era aluno do colégio do doutor Strong.

- Aluno? - repetiu Micawber, erguendo as sobrancelhas. - Folgo imenso em sabê-lo... embora um cérebro como o do meu amigo Copperfield - continuou, virando-se para Uriah e a mãe - não necessite da cultura que precisaria se não conhecesse ainda os homens e as coisas: é um solo rico no qual se desenvolvem colheitas abundantes. Em resumo - rematou Micawber, sorridente, em mais um ímpeto de confiança - é uma inteligência capaz de assimilar todos os clássicos.

Uriah, passando lentamente as mãos uma sobre a outra, fez uma contorção horrível de todo o busto para exprimir que partilhava desse juízo a meu respeito.

- Vamos falar com a sua esposa? - propus a Micawber, no propósito de o afastar.

- Se realmente lhe quer dar essa honra, Copperfield - respondeu ele, pondo-se de pé. - Não tenho escrúpulo de dizer aqui, em presença dos nossos amigos, que sou uma pessoa que, desde há anos, luta contra a pressão das dificuldades financeiras. - Eu estava convencido de que ele não deixaria de aflorar este ponto, tanto apreciava vangloriar-se das suas dificuldades. - Em certas ocasiões as minhas dificuldades... em suma, têm-me vencido! Houve momentos em que vim ao de cima, outros em que elas me submergiam e eu cedi, repetindo a minha mulher as palavras catónicas: «Platão, dizes bem, está tudo agora decidido. Já não posso combater.» Todavia, a cada instante da minha vida, não experimentei maior satisfação do que entornando as minhas dores (se assim posso classificar as ditas dificuldades, que constavam principalmente de letras a dois e quatro meses da vista), entornando-as, repito, no seio do meu amigo Copperfield.

O senhor Micawber pôs ponto final neste belo elogio, exclamando: «Boa noite, senhor Heep. Boa noite, minha senhora. Sou um seu criado.» Em seguida saiu comigo, numa atitude das mais distintas, fazendo soar os tacões no pavimento e cantarolando uma canção.

Os esposos Micawbers haviam-se alojado numa estalagem modesta. Ocupavam um quarto separado da sala de estar por um tabique e bastante impregnado de cheiro a tabaco. Suponho que ficava por cima da cozinha, porque se diria que pelas fendas do soalho entrava o odor de banha quente e nas paredes havia uma sujidade gelatinosa. Também o cheiro das bebidas espirituosas e o tilintar dos corpos denunciavam uma vizinhança: a do botequim da estalagem. No quarto, sob uma gravura que representava um cavalo de corridas, a senhora Micawber estava estirada num canapé, com a cabeça perto do fogão e os pés quase sobre o tabuleiro com os restos de uma refeição. O marido preveniu-a nestes termos:

- Minha querida, deixa que te apresente um aluno do doutor Strong.

Notarei de passagem que Micawber, que se esquecia sempre da minha idade e da minha posição, nunca olvidava (título de nobreza aos seus olhos) que eu era aluno do doutor Strong.

A senhora Micawber ficou surpreendida, mas contente, de me ver. Experimentei igual sentimento e, após ternas efusões de parte a parte, sentei-me perto dela.

- Emma - disse o senhor Micawber - se queres expor ao Copperfield a nossa situação actual, que lhe despertará, estou certo, vivo interesse, eu vou entretanto passar a vista pela gazeta para ver o que há quanto a anúncios.

- Julgava-a em Plymouth - observei à dama, enquanto o marido saía.

- Caro Copperfield, fomos realmente a Plymouth.

- Para estar próximo - atrevi-me a alvitrar.

- Nem mais nem menos. Mas, na verdade, o talento não acha emprego nas alfândegas. A influência local da minha família mostrou-se inábil de nos obter, na administração aduaneira, um lugar que conviesse às faculdades de um homem como Micawber. Poria em relevo a incapacidade dos outros. Além disso não lhe oculto, meu caro Copperfield, que os meus parentes de Plymouth, ao saberem que Micawber chegara comigo, o pequeno Wilkins, a irmã e os gémeos, não lhe fizeram a recepção calorosa que ele tinha o direito de esperar, ele que acabava de recuperar a liberdade! De facto -e a senhora Micawber baixou a voz- a recepção foi bastante fria. Mas isto fica entre nós...

- Meu Deus!

- Sim, custa realmente considerar as pessoas sob esse aspecto, Copperfield, mas a recepção foi bastante fria. Não há dúvidas quanto a isto. De facto, a minha família de Plymouth revelou-se em absoluto desagradável para com Micawber, antes mesmo que decorresse uma semana.

Disse-lhe (e pensei) que deviam ter vergonha da sua atitude.

- Mas foi mesmo assim - prosseguiu a senhora Micawber. - Nestas circunstâncias, que devia fazer um homem da têmpera de Micawber? Evidentemente que só restava uma solução: pedir emprestado a esse ramo da família o dinheiro necessário para regressar a Londres, mesmo à custa de todos os sacrifícios.

- Nesse caso, voltaram?

- Voltámos. Desde então, tenho consultado outros ramos familiares acerca da deliberação que Micawber há-de tomar, pois sustenho que é preciso tomar uma - declarou a senhora Micawber, com lógica e energia. - É claro que uma família de seis membros, sem contar com o pessoal doméstico, não pode viver do ar.

- Sem dúvida, minha senhora.

- A opinião desses outros ramos familiares foi que o meu marido devia encaminhar imediatamente a sua atenção para os combustíveis.

- Para quê?

- Para o comércio do carvão. Informações colhidas esclareceram Micawber de que podia haver no Medway Coal Trade colocação para alguém com o talento dele. Neste caso, como logo disse o meu marido, era conveniente ver em primeiro lugar a região. Viemos ver. Digo no plural, Copperfield, porque nunca abandono Micawber.

Num murmúrio, testemunhei a minha admiração aprovadora.

- Viemos e vimos o Medway. Quanto ao negócio de carvão nesta zona, acho que exige na verdade talento mas também capitais. Micawber tem o primeiro mas falta-lhe o resto. Visitámos, creio, quase todo o Medway e essa foi igualmente a minha opinião pessoal. Mas, achando-nos tão perto daqui, Micawber pensou que seria absurdo não dar mais um passo e ver a catedral. Vale a pena ser visitada, e, além disso, há grandes probabilidades de que surja qualquer coisa numa cidade diocesana. Estamos cá há três dias. Ainda não apareceu nada, meu caro Copperfield, e talvez fique menos admirado do que outro qualquer se souber que esperamos neste momento, de Londres, a importância que nos libertará das obrigações pecuniárias nesta estalagem. Até à chegada dessa quantia - a senhora Micawber falava com certa comoção - estarei separada do meu lar, ou seja, da minha instalação de Pentonville, do meu pequeno, da minha pequena, e dos gémeos.

Senti a maior compaixão pelos Micawbers naquele aperto angustiante, e disse-o a Micawber, que reentrava nesse instante; acrescentei que gostaria de dispor de muito dinheiro para lhes emprestar a soma de que precisavam.

A resposta dele denotou bem o seu desvario. Confiou-me, apertando a minha dextra:

- Copperfield, você é um amigo verdadeiro. Mas, quando as coisas chegam a este extremo, ainda resta a um homem aquilo com que se barbeia.

A esta alusão terrível, a senhora Micawber lançou os braços ao pescoço do marido e suplicou-lhe que se acalmasse. Ele chorou, mas depressa se sentiu restabelecido, o suficiente para chamar o criado e ordenar que lhe trouxesse, ao primeiro almoço do dia seguinte, rins grelhados e um prato de camarões.

Quando me despedi, convidaram-me para jantar com eles quando quisesse, e tanto insistiram que não pude recusar. Como sabia que era impossível voltar no dia seguinte, pois tinha de trabalhar à noite, Micawber declarou que passaria por casa do doutor Strong, de manhã (estava persuadido de que o correio lhe traria o dinheiro desejado), e me proporia a melhor ocasião. Fui, pois, naquele dia, chamado ao locutório, antes das doze horas, e aí achei o senhor Micawber. A refeição realizar-se-ia na outra tarde. Perguntei-lhe se recebera o que esperava; ele apertou-me as duas mãos e afastou-se.

Estando à janela nessa noite, fiquei surpreendido e um pouco contrariado ao ver Micawber e Uriah Heep passarem na rua de braço-dado: Uriah consciente da sua humildade e da honra que lhe faziam, e Micawber muito satisfeito por dispensar protecção a Uriah. Mas fiquei ainda mais admirado quando compareci no dia seguinte, à hora marcada, na estalagem e soube que Micawber estivera a tomar aperitivos em casa da senhora Heep.

-E deixe-me dizer-lhe, meu caro Copperfield, que o seu amigo Heep é um moço digno de vir a ser procurador-geral. Se o houvesse conhecido no tempo em que as minhas dificuldades atingiram o seu ponto culminante, tudo o que posso dizer é que julgo que os meus credores teriam sido tratados muito melhor do que foram.

Não compreendi como isso teria sido possível, porque Micawber não pagara absolutamente nada; mas calei-me. Abstive-me igualmente de pedir que não fizesse muitas confidências a Uriah e de perguntar se haviam falado de mim. Receei ferir a susceptibilidade de Micawber e especialmente a da mulher, tão sensível; mas achei-me constrangido e aquele pensamento perturbou-me muitas vezes daí por diante.

A refeição foi excelente: um belo prato de peixe, vitela cozida, salsichas fritas, perdiz e um pudim. Havia não só vinho como cerveja. Depois do jantar, Micawber preparou, com as suas mãos, um ponche bem quente.

Era um conviva estupendo. Nunca o tinha visto tão bem disposto. À força do ponche, a cara começou a luzir-lhe, até parecer envernizada. Enterneceu-se a propósito da cidade e levantou-lhe um brinde, pois ele e a mulher tinham nela encontrado bem-estar e conforto e jamais esqueceriam as horas passadas na Cantuária. Em seguida bebeu à minha saúde. E todos três, eu e os Micawbers,

passámos revista às nossas relações de outro tempo, durante as quais vendêramos todo o mobiliário da casa.

Então brindei à senhora Micawber; pelo menos disse modestamente:

- Se me dá licença, vou beber à sua saúde, minha senhora.,.

Micawber aproveitou o ensejo para louvar as qualidades da esposa e confessou que ela fora sempre o seu guia, o seu consolo, a sua amiga. E respondeu-me que, ao atingir a idade de casar, escolhesse uma mulher como a sua, se é que tal coisa se podia encontrar.

Conforme o ponche se esgotava, Micawber tornava-se mais jovial e amistoso. O entusiasmo dela corria parelhas com o do marido. Cantámos Auld Lang Syne {8}, e, quando chegámos a «amigo fiel, aqui tens a minha mão», fizemos círculo, de mãos dadas, de roda da mesa. Ao entoarmos os versos de Willie Waught sem fazer a mínima ideia do que pudessem significar, sentimo-nos realmente comovidos.

Enfim, nunca vi ninguém tão regozijado como o senhor Micawber, até ao momento em que me despedi dele e da sua simpática esposa num adeus em que pus todo o meu coração. Não estava, pois, preparado para, no dia seguinte de manhã, às sete horas, receber a carta que transcrevo, datada da véspera às nove e meia da noite, um quarto de hora depois da minha partida.

«Meu jovem e caro amigo

«Os dados estão lançados: tudo acabou. Dissimulando o cuidado sob a dolorosa máscara da alegria, não lhe anunciei que não havia qualquer esperança de receber o dinheiro! Nestas circunstâncias, igualmente humilhantes para sofrer, para considerar e para descrever, liquidei as obrigações contraídas neste estabelecimento dando uma letra ao portador, pagável a quinze dias da emissão, na minha residência de Pentonville, Londres. Quando chegar o prazo, não poderei satisfazer o compromisso. O resultado é a mina. Vai cair o raio e a árvore será derrubada.

«Possa o desgraçado que hoje se lhe dirige, meu caro Copperfield, servir-lhe de farol na existência. Ele escreve nesta intenção e com essa esperança. Se lhe fosse possível jactar-se de representar esse papel, talvez que um reflexo de luz penetrasse no ergástulo sem júbilo da sua existência, futura,, embora a sobrevivência seja agora (e é o menos que posso dizer) extremamente problemática.

«Eis a derradeira comunicação, meu caro Copperfield, que lhe envia o

proscrito indigente

Wilkins Micawber.»

Recebi tamanho abalo com a leitura desta carta dilacerante que corri logo à estalagem, no propósito de sossegar o pobre Micawber com alguma palavra de consolação. Mas, de caminho, cruzei-me com a diligência de Londres, que levava já os Micawbers. Ele era a imagem da calma satisfeita, sorridente, ouvindo falar a mulher, e comendo nozes que tirava de um cartucho de papel. Via-se uma garrafa a sair-lhe do bolso interior. Não repararam em mim e eu pensei que, feitas as contas, mais valera que assim fosse. Com o espírito desanuviado, voltei pois por uma rua que encurtava o trajecto para o colégio. Afinal, aquela debandada aliviava-me de um grande peso, se bem que os estimasse bastante, a eles dois.

XVIII. UMA RETROSPECTIVA

O meu tempo de colégio! O deslizar silencioso da minha existência! A sua marcha invisível, insensível - da infância à adolescência! Vejamos se esta água móvel, que é hoje um barranco seco coberto de folhas, deixou na sua passagem algum vestígio que me permita reencontrar-lhe o curso.

Eis-me no meu lugar habitual da Sé, onde, após a concentração no colégio, nós íamos em grupo todos os domingos de manhã. O cheiro a terra, a atmosfera sem sol, a sensação de estar separado do mundo exterior, o órgão que ressoa através das tribunas da abóbada e das naves, todas estas recordações me arrebatam num adejo e me fazem pairar, em devaneio semiconsciente, por cima dos dias pretéritos.

No colégio, não sou o último. Em poucos meses saltei para a frente de vários. Mas o «primeiro» afigura-se-me um ente considerável, dominando ao longe a tão vertiginosa altura que me parece inatingível. Agnes pretende que não, eu todavia sustento que sim, digo-lhe que não pode fazer ideia da acumulação de saber conseguida por esse ser extraordinário, a cujo lugar ela pensa que eu - pobre de mim!-poderia aspirar a erguer-me. Esse «primeiro» não é nem meu íntimo nem meu protector oficial como era Steerforth, mas tributo-lhe o maior respeito. O que sobretudo me intriga é saber o que fará depois de sair do colégio e como a humanidade procederá com uma pessoa da sua categoria.

Mas que vejo de súbito? A menina Shepherd, que tanto estimo.

A menina Shepherd é pensionista na escola das senhoras Nettingalls. Adoro-a. Usa um casaquinho curto e bem cingido, é muito roliça e tem cabelos encaracolados, de um loiro de cânhamo. As alunas das senhoras Nettingalls também vão à catedral. Não consigo seguir o ofício divino porque olho para a menina Shepherd. Só a oiço durante os salmos e é o seu nome que, mentalmente, misturo com os membros da família real. Em casa, no meu quarto, acontece-me bradar num transporte de amor: «Menina Shepherd!»

Decorre certo tempo antes que eu compreenda quais são os sentimentos que a menina Shepherd me consagra, mas, graças a Deus, consigo encontrá-la numa aula de dança. Tenho-a como meu par. Logo que lhe toco na luva, sinto um arrepio subir-me por baixo da manga da camisa, ao longo do braço direito, até à raiz dos cabelos. Não trocamos palavrinhas doces, mas entendemo-nos. Estamos destinados um para o outro.

Dou-lhe às ocultas uma dúzia de nozes. Porquê? Nem o sei. Não são penhores de amor. Tão difíceis de conter num pacotinho decente, quase impossíveis de partir (mesmo nas portas), tão oleosas uma vez abertas! Todavia considero-as dignas de oferecer à menina Shepherd. Ofereço-lhe também bolachas e um número incalculável de laranjas. Certo dia, no vestiário, beijo-a - ó júbilo indizível! - mas qual não é o meu desespero, qual não é a minha indignação, quando oiço correr o boato, no dia seguinte, de que as senhoras Nettingalls lhe tinham metido os pés num aparelho de madeira para os adelgaçar!

A minha paixão pela menina Shepherd é o tema dominante, a razão da minha vida. Como se explica então que, um dia, tudo acabasse entre nós? Não sei. Consta-me que ela formulara o desejo de que eu não a olhasse tanto, e que dava manifesta preferência ao menino Jones. Jones? Ora, pois! Um insignificante! Alarga-se o abismo que nos separa. Enfim, certo dia encontro as alunas das senhoras Nettingalls a passear. A menina Shepherd faz-me uma careta e, rindo-se, volta-se para a sua vizinha. Assim acabou a paixão da minha vida, pois me parecia ter durado a vida inteira. Não me ocupo já da menina Shepherd no domingo seguinte, e ela já nada tem que ver com a família real.

Na aula, faço progressos e ninguém perturba o meu sossego. Já não tenho o mínimo respeito pelas meninas da escola Nettingalls e não me interessarei mais por nenhuma delas, por mais bonitas que sejam. Acho as lições de dança enfadonhas e pergunto por que diabo as pequenas não podem dançar umas com as outras, deixando-nos a nós tranquilos. Sou cada vez mais forte em versos latinos e cada vez mais desleixado com os cordões dos sapatos. O doutor Strong faz o meu elogio público. O senhor Dick está louco de alegria e a tia Betsey envia-me um guinéu na volta do correio.

A sombra de um moço de talho levanta-se diante de mim como a cabeça, revestida de capacete, de Macbeth. Quem é esse moço? É o terror da juventude de Cantuária. Correm vagos boatos a seu respeito. Parece que é o sebo o que lhe dá o brilho ao cabelo e o ar de força sobrenatural capaz de o fazer adversário de quem quer que seja. Possui estatura imponente, pescoço de toiro, faces encarnadas. Fala com grosseria e diz mal especialmente dos alunos do doutor Strong. Anuncia a toda a gente que nos castigará e designa alguns, entre os quais eu figuro: combater-nos-á só com uma das mãos, porque a outra será amarrada às costas. Espia a passagem dos mais novos e, cobardemente, desfecha-lhes socos na cabeça. A mim desafia-me em plena rua. Tudo isto, compreende-se, me decide a medir forças com ele.

É por um belo dia de Verão, ao canto de um muro, num recinto coberto de erva, que me encontro com o rapaz do talho, conforme previamente combináramos. Acompanha-me o escol do colégio.

Dois outros talhantes, um botequineiro e um limpa-chaminés assistem ao meu rival. Preenchem-se todas as formalidades e eis-nos em presença um do outro. Recebo um murro por cima do olho esquerdo e vejo as estrelas. Impossível de saber, daí a pouco, onde fica o muro, onde é que estou, onde é que estamos todos. A custo sei quem eu próprio sou e quem é o magarefe, pois lutamos corpo a corpo, agarrados, roçando a erva espezinhada. De vez em quando aparece-me o carniceiro, sangrando, mas seguro de si; ou então não vejo nada, e acho-me, ofegante, sob os joelhos do cortador; ou, ainda, atiro-me tão furiosamente a ele que trituro os dedos ao contacto com o seu rosto, sem que isto pareça comovê-lo. Finalmente, perturbado, confuso, como se despertasse de um sono agitado, recupero a consciência para ver o meu adversário afastar-se. Os dois outros carniceiros, o limpa-chaminés e o taberneiro vão-no felicitando, e ele, de caminho, veste o casaco; de tudo isto concluo que foi o meu rival quem obteve a vitória.

Levam-me para casa em estado deplorável. Põem-me nos olhos pedaços de carne crua. Esfregam-me o corpo com aguardente e vinagre. Tenho no lábio superior uma tumefacção que me dói horrivelmente. Conservo-me no quarto durante dois ou três dias e faço uma triste figura com uma pala verde a proteger-me a vista. Aborrecer-me-ia bastante sem a companhia de Agnes, autêntica irmã para mim. Toma parte do meu infortúnio, lê-me livros, e, graças a ela, o tempo afigura-se-me menos longo e eu sinto-me menos infeliz. Agnes goza sempre da minha confiança. Falo-lhe do moço do talho, conto-lhe tudo o que se passou. A rapariga também acha que eu não podia proceder de outro modo, mas ainda treme à ideia do nosso combate.

Insensivelmente para mim, Adams deixou de ser o «primeiro». Já nos deixou há tanto que só eu o conheço quando vem de visita ao doutor Strong. Adams está prestes a estagiar para advogado. Usará peruca. Admiro-me de lhe surpreender um ar mais humano e menos imponente do que imaginara. Enfim, ainda não revolucionou o mundo, pois o mundo, tanto quanto sei, prossegue o seu caminho sem dar pela existência de Adams.

Depois, mais nada. Todos os combatentes da Poesia e da História desfilam majestosos, infindàvelmente... e que sucede em seguida? Sou o «primeiro» no colégio. Domino os outros, olho cheio de condescendência para algum mais pequeno, que me lembra o que eu fui outrora, quando da minha chegada. Mas

esse «eu» de outro tempo dir-se-ia não fazer já parte de mim. Recordo-me como de qualquer coisa que ficou para trás no caminho da vida, qualquer coisa que eu vi passar e não como algo que realmente fui. Dá-me quase a impressão de um desconhecido.

Quanto à pequena que encontrei ao entrar em casa do doutor Wickfield, que é feito dela? Também desapareceu, e, em seu lugar, já não é uma rapariga que atravessa as salas, mas a réplica exacta do seu retrato. Agnes, minha doce irmã, como a chamo no meu foro interior, minha conselheira e amiga, anjo bom de todos os que sofreram a sua influência pacífica e generosa... Agnes tornou-se uma mulher.

E em mim houve outras mudanças além da idade e do aspecto e das muitas coisas que entretanto aprendi. Uso um relógio de ouro, um anel e sobrecasaca. Ponho cosmético no cabelo, o que, aliado ao anel, não inculca muito. Estarei outra vez apaixonado? Estou. Adoro a mais velha das Larkins.

Esta Larkins não é tão nova como isso. Trata-se de uma mulher grande e bela, alta, morena, de olhos pretos. Digo que já não é muito nova, porque a mais pequena também não é, e aquela deve ter mais quatro anos. A primogénita há-de orçar pelos trinta anos. Mas a minha paixão ultrapassa as marcas.

Vejo-a lidar com oficiais, o que considero intolerável. Vejo-a falar-lhes ao ar livre. Eles atravessam a rua para ir ao seu encontro, quando lhe reconhecem, no passeio, o chapéu de cores vivas, seguido do da irmã. Ela ri, dá-lhes conversa e parece satisfeita. Passo grande parte do tempo na ideia de dar de cara com essa criatura e cumprimentá-la (porque a conheço pessoalmente) e, se isto acontece, fico contentíssimo. Consigo que a minha saudação seja retribuída uma vez por outra. Sofro atrozmente na noite do baile dado por ocasião das corridas, pois sei que só dança com militares. Se há justiça neste mundo, espero merecer uma compensação a estes infortúnios.

Perco o apetite e uso continuamente o meu lenço novo de seda. A minha desforra é vestir-me o melhor possível. Ah, as vezes que engraxo o calçado! Assim, posso ter a impressão de ser mais digno dela. Enlevo-me por tudo quanto lhe pertence e lhe diz respeito. O pai (velhote mal humorado, de papada e de olho de vidro) chega a ter imenso interesse para mim. Quando não posso ver a filha, esforço-me por o encontrar e pergunto-lhe: «Como vai, senhor Larkins? Como vão as suas filhas e toda a família?» E como isto me parece forçado, coro de vergonha.

Penso sem cessar na minha idade. Tenho dezassete anos, o que é pouco para a mais velha das Larkins. Mas que importa? Hei-de chegar depressa aos vinte e

um. À noite, vagueio pelas imediações da casa delas, embora me corte o coração ver lá entrar oficiais e ouvi-los na sala em que a minha amada toca harpa. Não é raro, tomado por um sentimentalismo doentio, andar de roda da residência pensando onde será o quarto dela, isto depois de já terem recolhido aos aposentos. (O que eu julgava ser o da eleita do meu coração não era afinal senão o do pai.) Desejo que rebente um incêndio para que eu atravesse a correr a multidão paralisada pelo medo; encostaria uma escada à janela para a tomar nos braços e salvá-la: mas voltaria atrás, a fim de trazer qualquer objecto esquecido, e morreria entre as chamas. A minha paixão é assim uma coisa desinteressada: bastar-me-ia proceder como um herói e expirar num acto de abnegação.

Todavia há ocasiões em que tenho ideias mais alegres. Ao vestir-me (o que me ocupa duas horas) para ir a uma recepção oferecida pelos Larkins (convite feito com três semanas de antecipação), deixo-me invadir por deliciosas fantasias. Vejo-me, cheio de coragem, fazendo uma declaração à bela Larkins. Ela descansa a cabeça no ombro e murmura: «Oh, senhor Copperfield, mal posso acreditar nos meus ouvidos!» Na manhã seguinte o senhor Larkins procura-me e diz: «Meu caro Copperfield, a minha filha contou-me tudo. A idade não é obstáculo. Aqui tem vinte mil libras. Que sejam felizes!» Imagino a tia Betsey, condescendente, dar-nos a sua bênção. O senhor Dick e o doutor Strong assistem ao casamento. Sou um rapaz sensato - assim pensava nesse tempo - e modesto também. Mas estas fantasmagorias não foram menos verdadeiras!

Dirijo-me, pois, àquela casa encantada, repleta de flores e de luzes, onde se conversa e toca música, e, ai de mim!, abundam os oficiais. A primogénita das Larkins resplende de formosura. Está vestida de azul com flores azuis no cabelo - como se tivesse necessidade de usar «não-me-deixes»! É a primeira vez que sou convidado para uma festa a valer, de gente crescida, e sinto-me um tanto constrangido. Tenho a impressão de que não sou daquele meio, que ninguém se interessa por mim, excepto o senhor Larkins, que me pergunta pelos meus colegas. Bem podia ele ficar calado, não vou ali para que me considerem criança!

Passo certo tempo num vão de porta e devoro com os olhos a minha deusa. Ei-la que se aproxima... sim, a mais velha das Larkins, e me pergunta se quero dançar.

- Consigo só - tartamudeio, inclinando-me.

- Só? - repete a ninfa.

- Com outra não teria prazer.

A Larkins sorri e cora (assim me parece) e responde:

- Com todo o gosto. Não esta dança, mas a que se há-de seguir. Chega a ocasião.

- Creio que é uma valsa - diz ela, hesitante, quando me apresento. - Sabe valsar? Caso contrário, o capitão Bailey...

Mas valso (e menos mal, por acaso) e conduzo a Larkins. Furto-a implacavelmente ao capitão Bailey, que sofre, sem dúvida, mas não faço caso. Eu também sofri. Valso com a mais velha das Larkins! Não sei onde estou, nem entre quem, nem por quanto tempo. Sei apenas que pairo no espaço, com um anjo azul, numa espécie de delírio abençoado, até que nos encontramos sozinhos numa saleta. Descansamos num sofá. Ela admira a flor que ostento na lapela (camélia cor-de-rosa, preço meia coroa). Ofereço-lha, então, com estas palavras:

- Peço muito caro por isto.

- E quanto é? - replica a Larkins.

- Custa uma das flores que tem no cabelo e que eu guardarei como um avaro guarda o seu ouro.

- Que atrevido! - exclama. - Pois aqui a tem.

Dá-me a flor, e não parece zangada. Levo-a aos lábios antes de a esconder no peito. Rindo, a minha companheira enfia o braço no meu:

- Agora, leve-me ao capitão Bailey.

Absorto no pensamento dessa conversa deliciosa, penso ainda na valsa e vejo a Larkins voltar pelo braço de um cavalheiro de idade, tipo vulgar, que tinha estado a jogar toda a noite ao whist.

- Cá está - diz ela - o meu amigo atrevido. O senhor Chestle quer conhecê-lo, senhor Copperfield.

- Admiro o seu bom gosto - começa o senhor Chestle. - Faz-lhe honra. Suponho que se interessa muito pela cultura do lúpulo, que eu faço em larga escala. Se lhe apetecer ir um dia a Ashford, procure por mim, pois terei muito prazer em hospedá-lo o tempo que quiser.

Agradeço efusivamente ao senhor Chestle e aperto-lhe a mão. Ainda julgo que estou a sonhar: danço com ela uma vez, recebo felicitações por valsar bem, e sou convidado pelo senhor Chestle. É cheio de contentamento que regresso a casa. Toda a noite valso em pensamento, com o braço em torno do meu par vestido de azul. Durante mais uns dias, ando perdido num sonho delicioso, mas

não torno a encontrá-la na rua nem em sua própria casa quando a vou visitar. E mal me consola desta desilusão a flor murcha que ainda conservo e me foi oferecida no baile.

- Trotwood - diz-me Agnes um dia, depois do jantar. - Sabe quem se casa amanhã? É alguém que você admira.

- Não é a Agnes, pois não?

- Eu? Está a ouvir, papá? -exclama, levantando a face risonha da música que está a copiar. - Não! É a mais velha das meninas Larkins.

- Com... quem? - pergunto a custo. - Não é com o capitão Bailey.

- Não é nenhum capitão. Casa com um produtor de lúpulo, o senhor Chestle.

Por uma ou duas semanas vivo atrozmente deprimido. Tiro o anel do dedo, volto a usar o fato velho, deixo de pôr cosmético no cabelo. Contemplo a flor mirrada que me fora oferecida e lamento a minha sorte. Todavia, em pouco tempo me aborreço deste género de existência e, como o rapaz do talho me provocasse outra vez, deito fora a flor, atiro-me sobre o magarefe e dou-lhe uma sova.

Depois desta vitória, torno a pôr o anel no dedo e, sem exagerar muito, penteio-me com cosmético. Estas são as últimas recordações da minha vida no período que vai até aos dezassete anos.

XIX. OLHO DERREDOR E FAÇO UMA DESCOBERTA

Ao certo não sei se, no fundo, experimentava alegria ou tristeza quando terminei o curso liceal e deixei o colégio do doutor Strong. Fora aí bastante feliz, gostava deveras do director e havia-me tornado eminente e distinto nesse pequeno mundo. Por estas razões entristecia-me a partida; mas, por outro lado, e por motivos menos concretos, regozijava-me com o facto. Seduziam-me ideias ainda confusas de vir a ser independente, isto é, de me tornar personagem importante, um magnífico animal susceptível de ver e de fazer coisas que me valorizassem na sociedade. Estas considerações fantasistas pesaram tanto no meu espírito juvenil que, evocando-as agora, não creio que saísse desgostoso do colégio. Outras separações ocorridas na minha existência muito mais me impressionaram, do que essa. Tento em vão recordar-me das circunstâncias exactas que influíram em mim e do que senti então, mas nada disso me parece digno de registo. Talvez estivesse enleado pelas perspectivas que se me apresentavam. Tudo quanto sei é que as minhas aventuras infantis não me faziam saudades e que a vida, nessa época, me surgia como uma história fantástica cujo livro eu estava prestes a folhear.

Eu e a tia Betsey confabulávamos gravemente acerca da profissão que devia escolher. Havia já um ano que procurava resposta à sua pergunta incessante: «Que desejas ser?» Ora a verdade é que nada de especial me tentava. Calculo que teria aceitado o comando de uma expedição marítima e dado a volta ao mundo numa viagem triunfal de descobrimento se notasse em mim quaisquer aptidões para a arte de navegar. Na ausência, porém, dessas qualidades milagrosas, a minha vontade era enveredar por uma carreira que não pesasse muito no orçamento da tia, e a ela me consagraria de alma e coração.

O senhor Dick assistira regularmente às nossas reuniões, com ar prudente e meditativo. Só apresentou uma sugestão: e fê-la subitamente (não sei o que se lhe metera na cabeça), aconselhando a que me tornasse «caldeireiro». A tia acolheu tão friamente a proposta que ele não insistiu e se limitou, daí por diante, a tilintar o dinheiro no bolso, embora sempre atento às ideias que ela ia desenvolvendo.

- Vou-te dizer uma coisa, Trot - começou a tia uma manhã, naquele Natal que se seguiu ao meu regresso a casa. - Como este ponto ainda está por decidir, e

como não devemos tomar uma resolução imprópria, se a pudermos evitar, penso que seria preferível dar-mo-nos tempo para respirar.

Entretanto irás examinando o caso sob um aspecto diferente daquele por que o vias como aluno do colégio.

- Está bem, tia Betsey.

- Ocorreu-me a ideia - prosseguiu ela - de que conviria mudar de horizonte, lançar uma vista de olhos ao exterior para formar um juízo menos apaixonado. Por que não hás-de ir, por exemplo, viajar? Visitarias a tua terra natal e aquela mulherzinha que tem um nome extravagante - acrescentou, esfregando o nariz. (Nunca perdoará a Peggotty o facto de a tratarem por esse estranho apelido.)

- Ó tia, isso era o melhor que podia acontecer!

- Pois então, tens sorte, porque também é do meu agrado. Aliás, é natural e racional que te regozijes, pois estou convencida de que nunca farás senão o que for racional e natural.

- Assim espero, tia.

- Tua irmã Betsey Trotwood seria a rapariga mais natural e racional do mundo. E tu és digno dela, não és?

- De si é que conto ser digno. É já bastante para mim.

- Foi providencial que a tua pobre mãe não sobrevivesse, porque estaria agora tão vaidosa do filho que a coisa lhe transtornaria aquela cabecinha oca - ajuntou a tia, olhando-me com ar apreciador. (A senhora Trotwood desculpava-se sempre das próprias fraquezas atribuindo-as à minha mãe.) - Meu Deus, Trot, como te pareces com ela!

- Espero que seja do seu gosto...

- É tal qual a mãe, Dick - exclamou enfaticamente. - Faz-me recordá-la na véspera do dia em que ele nasceu. Tão certo como estar agora a vê-lo!

- Acha que sim? - retorquiu o senhor Dick.

- E também me lembra o David - declarou a tia em tom categórico.

- Parece-se muito com o David - corroborou o senhor Dick.

- Mas o que eu desejo, Trot - recomeçou a tia - é que sejas, não digo fisicamente (fisicamente estás bem) mas moralmente, um rapaz autêntico, firme, cheio de vontade. Quero que sejas resoluto, determinado - continuou, sacudindo a touca e cerrando o punho. - Que tenhas carácter, Trot, força de carácter, que

não te deixes influenciar pelas pessoas e pelas coisas, excepto para bom fim. Eis o que pretendo para ti, o mesmo que o teu pai ou a tua mãe podia ter sido, para bem de qualquer deles.

Manifestei à minha tia o propósito de a contentar.

- Para que possas habituar-te, até certa medida, a governar-te por ti mesmo, farás a viagem sozinho. A princípio era minha intenção que o senhor Dick te acompanhasse, mas, reflectindo bem no caso, ele ficará aqui para se ocupar de mim.

O senhor Dick parecia um pouco desiludido, mas logo o rosto se lhe iluminou à ideia de que teria a honra insigne de se ocupar da mulher mais extraordinária do mundo.

- Demais a mais - acrescentou a tia - ele tem o seu memorial...

- Ah, com certeza!-apressou-se a dizer o senhor Dick.- Tenciono acabá-lo imediatamente, Trotwood! Tenho de o acabar já e então seguirá o seu caminho, e... - interrompeu-se, fez uma pausa demorada e concluiu - ... fará estardalhaço no charco das rãs.

De acordo com o simpático projecto da senhora Trotwood, fui contemplado, sem tardar, com uma bela quantia de dinheiro e um saco de viagem. Despediram-se de mim o mais afectuosamente possível: nessa ocasião a tia deu-me bons conselhos e muitos beijos. Disse que, sendo o seu objectivo que eu visse as coisas e reflectisse, achava razoável, se fosse da minha vontade, passar uns dias em Londres, quer à ida para Suffolk, quer à volta. Em suma, tinha carta branca para agir durante três semanas ou um mês, sem outra obrigação, além da já mencionada, de contemplar e meditar, dando-lhe conta fielmente, três vezes por semana, dos meus pensamentos e acções.

Fui primeiramente a Cantuária, para cumprimentar o doutor Wickfield e a filha (ainda não renunciara ao meu antigo quarto em casa deles) e igualmente o bom amigo doutor Strong. Agnes ficou encantada por me ver e confessou que a residência já não parecia a mesma depois de eu ter partido.

- Eu também não me julgo o mesmo quando estou longe - respondi. - Se a não tenho, Agnes, considero-me privado do meu braço direito. Não é muito lisongeira a comparação, porque no braço não há coração nem cérebro. Mas a verdade é que todos os que a conhecem precisam dos seus conselhos e da sua ajuda.

- Creio que todos os que me conhecem me estragam com mimos - observou ela, sorrindo.

- Não. É porque a Agnes não se parece com mais ninguém. É tão bondosa, tão meiga... de uma natureza tão agradável... E tem sempre razão.

A filha de Wickfield desatou a rir.

- Quem ouvisse pensaria tratar-se da ex-menina Larkins - observou, ao mesmo tempo que ia reocupar a sua mesa de trabalho.

- Ora, não é ser amável abusar da minha confiança - atalhei ruborizado com aquela referência à minha antiga fada de vestido azul. - Mas, tanto pior, confiar-me-ei sempre a si. Agnes, não quero perder o hábito. Sempre que eu tiver aborrecimentos ou estiver apaixonado, dir-lhe-ei, caso mo permita. Dir-lho-ei até, se me apaixonar para sempre por alguém.

- Você esteve sempre apaixonado! - comentou ela em tom bastante jovial.

Por minha vez ri também, embora um pouco atrapalhado.

- Ora, não passava de uma criança... um colegial. Presentemente já não sou tão pueril e creio que, mais dia menos dia, me apaixonarei a valer. O que me surpreende, Agnes, é que a você também não aconteça o mesmo.

Ela continuava divertida. Sacudiu a cabeça, negando, e eu prossegui:

- Bem sei que não está, caso contrário ter-me-ia dito, ou, pelo menos - acrescentei, vendo-a corar - dar-mo-ia a entender. Não conheço quem seja digno de a amar, Agnes. Para que eu desse o meu consentimento, seria preciso que surgisse uma pessoa mais digna, mais nobre do que quantas têm vindo cá. Doravante estarei alerta quanto aos seus admiradores, e acredite que exigirei muito daquele que tiver a honra de lhe agradar.

Até aqui a nossa conversa oscilara entre o tom meio jocoso meio sério que a nossa velha amizade autorizava; mas foi numa voz muito diferente que Agnes respondeu, olhando-me de súbito.

- Trotwood, quero perguntar-lhe uma coisa. Talvez mais tarde não tenha oportunidade de o fazer, e é apenas a si que a desejo perguntar. Não acha que o meu pai está a mudar de dia para dia? Eu próprio o suspeitara e até pensava se a rapariga notava o facto. Devia ter lido o meu pensamento, porque baixou a vista e aos olhos lhe afloraram as lágrimas.

- Diga-me o que há - insistiu ela, em voz baixa.

- Creio... posso falar-lhe francamente, em atenção ao afecto que dedico a ele?

- Decerto, Trotwood.

- Suponho que o hábito a que ele se entrega cada vez mais, desde que cheguei aqui, lhe é muito prejudicial. Vejo-o tão nervoso...

- É verdade - confirmou Agnes, meneando a cabeça.

- Tremem-lhe as mãos, a língua entaramela-se, os olhos esbugalham-se... E é sempre nessas ocasiões em que está menos em si que alguém o vem chamar para qualquer processo.

- Uriah - disse Agnes.

- Sim, senhora. E preocupa-o tanto a circunstância de não se ter mostrado à altura da situação, de a não ter compreendido bem ou não ter podido dissimular o seu estado, que a doença se agrava de dia para dia. Tem um ar tão abatido, tão desnorteado! Não se assuste com o que lhe vou dizer, Agnes, mas ainda ontem espreitei para o consultório e vi-o a chorar como uma criança, com a cabeça apoiada à secretária.

Ainda eu estava a falar quando senti a mão de Agnes tapar-me a boca. Daí a um instante, ela ia ao encontro do pai, que acabava de entrar. Lançou-lhe os braços ao pescoço e olharam ambos para mim. A expressão da rapariga era impressionante.

A ternura pelo pai, o reconhecimento pelos cuidados com que a rodeara sempre, tudo isso se lhe podia ler no rosto. Parecia também suplicar-me, com grande fervor, que me mostrasse, mesmo em pensamentos, cheio de bondade para com ele e que nunca o julgasse severamente. Estava ao mesmo tempo orgulhosa do seu progenitor e compadecida e triste, e queria que eu partilhasse dos seus sentimentos. Nenhuma palavra me poderia ser mais eloquente do que essa expressão de Agnes.

Combináramos ir tomar chá a casa do doutor Strong. Comparecemos à hora habitual e encontrámo-los todos, ele, a mulher e a sogra, sentados em volta do fogão do escritório. O doutor, para quem a minha partida representava um acontecimento, como se se tratasse de uma viagem à China, recebeu-me como um convidado de distinção e mandou pôr mais uma acha no lume a fim de que, explicou, pudesse contemplar o seu antigo aluno à luz das chamas.

- Depois do Trotwood, não verei caras novas, Wickfield - declarou Strong, aquecendo as mãos. - Tornei-me preguiçoso e amigo do conforto. Dentro de seis meses deixarei tudo isto para levar uma vida mais a meu gosto.

- Há dez anos que você diz a mesma coisa! - redarguiu Wickfield.

- Desta vez é um propósito firme. O meu adjunto tomará o meu lugar. É

assunto decidido. Você terá de se ocupar menos dos nossos contratos.

- Mas também terei de verificar se não está iludido - retorquiu o advogado. - Sozinho, não se desenvencilha facilmente.

- E então - continuou Strong, sorridente - só pensarei no meu dicionário e nesta outra minha obra... Annie.

Annie Strong estava sentada atrás da mesa do chá. Wickfield lançou-lhe a vista, mas tive a impressão de que ela lhe evitava o olhar com uma hesitação e timidez tão fora do costume que ao advogado não passaram despercebidas; e disse, após um silêncio breve:

- Vejo que chegou mala da índia...

- É verdade. Notícias de Jack Maldon - anunciou o doutor.

- Ah, sim?

- Coitado do Jack! - disse a senhora Markleham, abanando a cabeça. - Que clima pavoroso! Parece que é o mesmo que viver num areal debaixo de um sol ardente. O rapaz tinha aspecto saudável, mas era só aspecto. O que o impunha era o seu espírito, não a sua constituição. Querida Annie, deves lembrar-te de que o teu primo nunca foi forte... não o que chamamos robusto - continuou ela, sublinhando a palavra e circunvagando o olhar pela sala - desde o tempo em que ele e a minha filha eram crianças e passeavam de mão dada todo o dia...

Annie, a quem este discurso fora dedicado, não se dignou responder.

- Em conclusão, minha senhora - interveio o doutor Wickfield - o senhor Maldon está doente?

- Doente? - respondeu o Veterano. - Meu caro doutor, está tudo o que quiser...

- Menos de saúde?

- Menos de saúde, realmente! Apanhou fortes insolações, malária, febres, que sei mais! Quanto ao fígado-acrescentou a sogra de Strong, com ar resignado - há muito que renunciou a ele.

- Diz isso tudo na carta?

- Se o diz? - volveu a senhora Markleham, agitando o leque.- Meu bom amigo, é que o não conhece com certeza para fazer semelhante pergunta. Se o diz? Deixar-se-ia antes esquartejar por quatro cavalos ferozes...

- Mamã! - acudiu a senhora Strong.

- Minha querida Annie - replicou a mãe - peço-te duma vez para sempre que não te intrometas onde não és chamada. Sabes tão bem como eu que o teu primo Maldon antes se faria esquartejar por não sei quantos cavalos... Para que me limitar a quatro? Por oito, dezasseis, trinta e dois, mas não diria nada que pudesse alterar os planos do doutor.

- Os planos de Wickfield - esclareceu Strong, passando a mão pela cara e olhando o seu conselheiro com ar penalizado. - Ou melhor, os nossos planos. Eu tinha proposto ou aqui ou no ultramar.

- E eu tinha dito no ultramar - acrescentou gravemente Wickfield. - Fui eu quem o mandou para lá. Sou o responsável.

- Oh, responsável! - repetiu o Veterano. - Fez-se tudo pelo melhor. Sim, sabemos isso muito bem. Foi com as melhores intenções. Mas, visto que o rapaz não consegue aclimatar-se, pronto, não se insista. O pior é que morrerá para não dificultar os planos do doutor. Conheço-o - prosseguiu, abanando-se com o leque e falando em tom doloroso e profético. - E sei que há-de morrer para não alterar esses planos.

- Ora, ora - acudiu com bom humor o genro - supõe-me tão agarrado a esses planos? Eu próprio os posso modificar, ou fazer outros. Se Maldon voltar por motivo de doença não o devemos deixar partir outra vez e procuraremos encontrar em Inglaterra alguma coisa que lhe convenha mais.

A senhora Markleham ficou tão comovida com estas palavras generosas, que, diga-se de passagem, não previra nem provocara, que declarou ao genro compreendê-lo muito bem, e por duas vezes lhe bateu de leve com o leque, depois de lhe ter aí deposto um beijo. Em seguida censurou a filha por não ser mais expansiva, visto que cumulavam de favores o seu velho camarada de jogos.

Então referiu-se a outros membros da família, que também mereciam ser protegidos.

Durante este tempo, a filha, Annie, não abriu a boca nem levantou a cabeça. Por seu lado, Wickfield não desviava a vista de cima dela, que estava sentada ao lado de Agnes; olhava-a tão atento que não percebia que outros, por seu turno, o observavam. Perguntou a certa altura o que, em resumo, escrevera Jack Maldon e a quem endereçara a carta.

- Aqui tem! - exclamou a senhora Markleham, tirando uma carta que estava na prateleira do fogão, mesmo acima da cabeça do doutor Strong.- O rapaz escreve ao próprio doutor... Onde é...? Ah, «tenho o desgosto de o informar que a minha saúde está seriamente abalada e que receio ser obrigado a regressar à

pátria por algum tempo. Nisso reside a minha única esperança de cura». É claro como água. Pobre rapaz! A única esperança de cura! Mas a carta enviada à Annie é mais explícita. Annie, queres mostrá-la outra vez?

- Agora, não, mamã - suplicou a interpelada, em voz baixa.

- Querida filha, tu és, em certos casos, a pessoa mais ridícula do mundo, e talvez a que menos sabe reconhecer os direitos da própria família. Se eu não perguntasse, nunca teríamos conhecimento dessa carta. É essa a confiança que depositas no teu marido? Causas-me espanto. Devias ser mais sensata.

De má vontade, Annie exibiu a carta. A mão tremia-lhe quando ma passou para que a entregasse à mãe.

- Ora vejamos - disse a senhora Markleham, pondo os óculos.- Onde está essa parte? Ah, «a saudade dos outros tempos, querida Annie...» Não, não é isto. «O velho director, tão amável... De quem se trata? Meu Deus, Annie, que letra tem o teu primo! Que estúpida sou! Deve ser «doutor» e não director [{9}]. Sim, na verdade amável. - Aqui interrompeu-se para beijar o leque e agitá-lo na direcção do genro, que nos mirava com o seu ar bonacheirão.- Pronto, já encontrei! «Não te admires, querida Annie, por saber...» Não, não é de admirar, se ele nunca foi muito saudável. Onde é que eu ia? «Resolvi partir daqui, custe o que custar, com baixa para tratamento, se for possível, ou apresentando a minha demissão. O que sofri e sofro é intolerável.» E sem a solicitude do melhor dos homens - rematou a senhora Markleham, fazendo com o leque o mesmo sinal ao doutor - seria para mim intolerável pensar.

A velhota observou Wickfield como se esperasse qualquer comentário da sua parte, mas este não disse uma palavra. Sentado, de olhos fitos no lume, guardava um silêncio austero. O assunto esgotara-se e nós começámos a falar de outras coisas, mas Wickfield manteve a mesma atitude.

Só erguia a vista de vez em quando para a desviar preocupado para o doutor ou a mulher, ou para ambos ao mesmo tempo.

Strong adorava música. A mulher e Agnes Wickfield cantavam com muito sentimento. Fizeram-no em dueto e tocaram piano a quatro mãos, o que nos proporcionou um pequeno concerto. Houve, todavia, duas coisas que me impressionaram: Annie recompusera-se e voltara a ser o que era, mas cavara-se como que um abismo entre ela e o doutor Wickfield. Quanto a este, eu desconfiei que ele não concordava com a intimidade entre a senhora Strong e Agnes e que lhe desagradava vê-las juntas. Devo acrescentar que me veio à memória a cena que presenciara no dia da partida de Jack Maldon, mas desta vez interpretei-a

diferentemente e fui tomado de certa inquietação. Annie já não tinha para mim a beleza inocente que outrora lhe achara; a sua graça natural, o encanto das maneiras pareceram-me suspeitos. Quando contemplei Agnes, sentada à minha beira, tão bondosa e leal, experimentei a vaga sensação de que a amizade entre as duas era mal empregada.

Mostravam-se, porém, tão contentes na companhia uma da outra que, mercê de ambas, o serão se passou animadamente. Não esqueci o incidente com que terminou. Despediam-se, e Agnes preparava-se para beijar a amiga quando o doutor Wickfield se colocou entre elas, como por acaso, e levou a filha a toda a pressa. Os seus olhares cruzaram-se e eu vi então nos olhos de Annie a expressão que já surpreendera na noite da partida do primo, como se todo o tempo decorrido desde então não fosse nenhum e eu ainda estivesse parado no limiar da porta a observá-la.

Não saberei descrever a impressão que senti; mais tarde, ao pensar nisso, revi esse rosto nimbado por uma beleza inocente, como sucedera noutro tempo. Ao entrar em casa, a mesma ideia obcecou-me. Parecia-me que, sobre o tecto do doutor Strong, se acumulava uma nuvem negra. O meu respeito por aquela cabeça encanecida misturava-se de compaixão à ideia da confiança que o doutor depositava nos que lhe faziam tanto mal. A sombra ameaçadora, ainda informe, de um grande desgosto, de uma desgraça imensa enublava de certa maneira os lugares tranquilos da minha mocidade, testemunhas dos meus esforços e das minhas brincadeiras de rapazes, e prejudicava-os cruelmente. Já não era com alegria que recordava os aloés venerandos de largas folhas, que se curvavam ao peso dos anos, a relva tão unida, tão cuidada, o Jardim do Doutor, as urnas de pedra, o som familiar dos sinos da Sé ecoando sobre a cidade. Dir-se-ia que esse monumento calmo fora profanado sob os meus olhos e a sua paz e a sua honra atiradas aos quatro ventos.

Mas, no dia seguinte, tive de deixar a velha residência, tão impregnada da doce presença de Agnes, e esta mudança absorveu-me suficientemente. Deveria voltar em breve, sem dúvida, e tornar a dormir, talvez muitas vezes, no meu antigo quarto... mas o tempo ali passado esse não voltaria mais. Fiz um embrulho de tudo o que me restava quanto a livros e roupa, a fim de o remeter para Dover. Sentia-me triste e custava-me a ideia de que Uriah tinha consciência disso: diligenciava ajudar-me com tanto afã que bem se via a vontade que nele havia de me ver pelas costas.

Despedi-me de Agnes e do pai afectando uma indiferença viril e subi para a diligência de Londres. Ao atravessar a cidade invadiu-me tamanha onda de

indulgência que me levou quase a fazer um sinal amigável ao meu ex-inimigo moço do talho e a atirar-lhe uma moeda de xelim, para que fosse beber. Mas o rapaz tinha um ar tão feroz, ali empertigado à porta da loja, que achei preferível conter os meus sentimentos - tanto mais que lhe notei a falta de um dente (consequência do soco que lhe aplicara), o que me esfriou o entusiasmo.

Lembro-me de que, durante a viagem, a minha maior preocupação foi parecer mais velho do que era aos olhos do cocheiro e falar com rudeza. Este último ponto consegui-o (com prejuízo da minha própria identidade) e perseverei no processo, porque julguei que me dava grande importância.

- Vai até Londres? - perguntou-me o cocheiro.

- Vou, sim, William - respondi familiar e condescendente, porque o conhecia. - Vou primeiramente a Londres e depois a Suffolk.

- Para caçar?-sugeriu ele.

O homem sabia tanto como eu que estávamos no defeso. Mas senti-me lisonjeado.

- Ainda não sei - retorqui, fingindo indecisão - se darei alguns tiritos.

- Consta que a passarada se está tornando rara.

- Parece que sim.

- É natural de Suffolk?

- Sou - asseverei com ar importante. - Sou de Suffolk.

- Dizem que as tortas de maçã são ali famosas - opiniou William.

Eu não sabia nada a esse respeito, mas considerei-me obrigado a sustentar a reputação do país natal e a me mostrar bem informado. Baixei, pois, a cabeça afirmativamente.

- E os cavalos de Suffolk!-prosseguiu ele. - Esses é que sim! Um bom cavalo de Suffolk vale quanto pesa. Já criou cavalos lá em Suffolk?

- Não... realmente não.

- Sou capaz de apostar que o senhor que vem aqui atrás se dedica à criação de cavalos em larga escala.

O referido cavalheiro envesgava um olho e tinha queixo de rabeca. Usava chapéu alto, claro, de aba lisa e estreita; calças castanhas muito justas, que pareciam abotoadas de cada lado desde as botas até às ancas. Enfiava a cabeça por cima do ombro do cocheiro, tão perto de mim que eu lhe sentia o hálito

bafejar-me a nuca. Quando me voltei para o ver, notei que ele observava, com o olho que não era estrábico, os cavalos da frente com ar de entendido.

- Não é verdade? - perguntou-lhe William.

- Não é o quê? - replicou o interpelado atrás de nós.

- Que tem criação de cavalos de Suffolk em grande escala?

- Mais que certo!-respondeu ele. - Crio todos os cavalos e cães, de todas as raças. Há pessoas como eu para quem os cavalos e os cães são tudo: substituem para mim o comer e o beber, a casa, a mulher e os filhos, a leitura, a escrita, as contas, o tabaco, o sono...

- Um passageiro destes ninguém pensaria ver ali atrás, hem?- segredou-me o cocheiro, enquanto sacudia as rédeas.

Compreendi que era uma forma de me insinuar que ele é que devia ocupar o meu lugar a seu lado, e, corando, propus a troca.

- Se não lhe faz diferença - disse William - creio que seria mais correcto.

Sempre me recordo deste incidente como de uma derrota, a primeira da minha vida, pois quando fora reservar aquele lugar escrevera «assento do cocheiro» no respectivo livro e dera meia coroa de gratificação ao empregado. A fim de ser digno desse banco dianteiro, levava um sobretudo especial e uma boa manta. Ia orgulhoso de tal situação e achava que fazia muita honra à diligência - e afinal, ainda antes da primeira estação de muda, via-me desapossado do lugar por um indivíduo ridículo, vesgo, cujo único mérito consistia em cheirar a estrebaria e perceber de cavalos.

Tamanho infortúnio, sucedido na diligência de Cantuária, em nada concorreu para diminuir a desconfiança de mim mesmo que já experimentara mais de uma vez na minha vida. Em vão usei uma linguagem varonil e rude durante o resto da viagem: o certo é que me sentia completamente aniquilado e irremediavelmente infantil.

Apesar disso, não desgostei da viagem: recebera uma boa educação, ia bem vestido, tinha dinheiro no bolso e reencontrava, de passagem, os sítios onde dormira durante a minha longa caminhada, depois da fuga de Londres. Cada ponto de referência, na estrada suscitava-me tantas recordações! Quando, do alto da diligência, via passar um vagabundo era como se tornasse a sentir na camisa suja a mão negra do funileiro. Quando atravessámos, com grande fragor, a estreita rua de Chatham, descobri de relance a viela em que habitava aquele monstro velho e asqueroso que me comprara o casaco e estiquei avidamente o

pescoço para observar o ponto em que me sentara, primeiro ao sol, em seguida à sombra, à espera de que o avarento me pagasse o que devia. Enfim, ao passar - no decurso do último troço - diante do colégio de Salem, em que o senhor Creackle exercera sobre mim a sua tirania, apeteceu-me pagar fosse o que fosse para me apear e ir pavonear-me cheio de importância diante desses alunos que lembravam pardalitos metidos numa gaiola.

Parámos no Golden Cross, em Charing Cross, hotel de aparência medíocre, situado num bairro populoso. Um criado indicou-me a casa de jantar, e a criada mostrou-me o quarto de dormir, muito pequenino, que cheirava a carruagem de aluguer e não seria maior do que uma cela. Mas a minha excessiva juventude era-me sempre prejudicial: a criada não me dava ouvidos, e o criado tinha familiaridades comigo e queria completar com os seus conselhos a minha inexperiência.

- Então que deseja para o jantar? - perguntou-me este último em tom confidencial. - A gente moça, em geral, prefere as aves. Que me diz a uma galinha?

Respondi tão dignamente quanto possível que a galinha não me seduzia muito.

- Deveras? As pessoas novas, geralmente, não gostam de vaca nem de carneiro. Que lhe parece uma costeleta de vitela?

Aceitei a sugestão, porque não me lembrava de mais nada.

- Aprecia batatas? - inquiriu com ar insinuante, inclinando-se para mim. - É uma coisa de que a rapaziada costuma atulhar-se.

Encomendei, pois - com voz cavernosa - uma costeleta de vitela com batatas, e pedi-lhe igualmente que fosse ao botequim ver se havia correspondência para o senhor Trotwood Copperfield, o que já sabia não ser provável mas que bem podia aumentar a minha consideração.

Voltou em breve para me informar que não havia nada para mim, do que me fingi surpreendido. O criado pôs a mesa num pequeno compartimento, perto do fogão, e entretanto perguntou-me o que desejava tomar. Respondi que um pouco de xerez; foi para ele excelente ocasião de encher um cálice esvaziando várias garrafas que já tinham servido há muito tempo. Sei isto porque o vi, olhando por cima do jornal, muito azafamado a fazer a trasfega, atrás de um meio tabique, como um boticário ou droguista que aviasse uma receita. Além disso, quando o vinho chegou, achei-o torvo e de mau gosto, mas bebi-o, estupidamente sem pestanejar.

Todavia não perdi o bom humor, o que prova que se pode estar prestes a morrer envenenado mas bem disposto, e decidi ir ao teatro. Escolhi Covent Garden e aí, num camarote de frente, apreciei Júlio César e uma pantomina nova. Foi para mim agradável ver todos aqueles romanos vivos e expeditos em vez de serem como os dos velhos textos lidos no liceu. Essa mistura de realidade e mistério, a influência da poesia, as luzes, a música, o público, os cenários cintilantes e pomposos que se sucediam com espantosa facilidade, tudo me deslumbrou tanto que à meia-noite, quando me encontrei na rua, sob a chuva, tive a impressão de haver descido das nuvens, após aí ter levado durante séculos uma vida romântica, para cair num mundo ruidoso e pobre, à claridade dos archotes, onde as pessoas patinhavam na lama e abriam caminho entre trens de praça servindo-se do guarda-chuva como arma de combate.

Eu saíra por uma porta lateral e fiquei um instante imóvel na rua, como se a terra me fosse estranha. Mas fui empurrado e acotovelado de tal maneira que a custo me recompus; por fim descobri o percurso para o hotel. Enquanto andava, não deixei de repisar no meu espírito o espectáculo extraordinário a que assistira; mais tarde, depois de haver tomado um cálice de Porto e comido ostras, ainda os meus pensamentos eram os mesmos, e à uma hora da manhã estava sentado diante do lume, na casa de jantar.

Achava-me tão absorto na lembrança da peça teatral e também nas saudades dos tempos idos (pois aquela fora de certo modo uma tela em que eu vira desfilar os meus anos de infância), que não sei dizer em que momento reparei a valer no vulto de um belo mancebo, bem constituído e trajado com uma negligência de fino gosto, que me deixou com boas razões para me recordar. A pouco e pouco dei fé da sua presença, sem todavia o ter visto entrar.

Levantei-me por fim para recolher ao quarto, com grande alívio do criado, que parecia cheio de sono, lá no seu posto habitual. Ao ir em direcção à porta, passei de fronte do tal rapaz e observei-o detidamente. Em seguida voltei atrás e tornei a olhar. Ele não me reconhecera, mas eu já sabia de quem se tratava.

Noutras circunstâncias, não teria a audácia de lhe dirigir a palavra: deixaria isso para o dia seguinte, e até talvez o perdesse de vista; mas, no meu estado de espírito de então, ainda obcecado pelo teatro, senti-me tão grato à protecção que esse rapaz me concedera em tempos que a velha afeição reapareceu espontaneamente e, de coração palpitante, aproximei-me dele.

- Steerforth! Não falas comigo? - bradei.

O interpelado olhou-me como fazia antigamente, mas sem dar mostras de me haver reconhecido.

- Creio que te esqueceste de mim - observei.

- Oh, cos diabos! - exclamou de súbito. - És o pequeno Copperfield!

Agarrei-lhe as duas mãos e apertei-as. Tê-lo-ia agarrado pelo pescoço e chorado no seu ombro se não tivesse medo de lhe desagradar.

- Nunca, nunca, nunca me senti tão feliz, meu caro Steerforth. Que alegria tornar a ver-te!

- E eu estou satisfeitíssimo também - replicou, apertando-me cordialmente a mão. - Então, caro Copperfield, que comoção é essa?

Bem via eu quanto ele estava contente de verificar como a sua presença me alegrava. Enxuguei uma lágrima, que não pudera reter a despeito dos meus esforços sobre-humanos, ri com um risinho contrafeito e sentei-me a seu lado.

- Mas por que cargas de água te encontro cá? - perguntou Steerforth, dando-me uma pancadinha no ombro.

- Cheguei hoje de Cantuária, pela diligência. Fui adoptado por uma tia que habita essa região e acabo de tirar o meu curso liceal. E tu, Steerforth, como se explica que te veja agora aqui?

- Olha, sou o que se chama estudante de Oxónia - respondeu ele. - Por outras palavras, vou lá periodicamente aborrecer-me. Nesta ocasião dirijo-me a casa da minha mãe. Estás um rapaz bem bonito, Copperfield. Afinal, não mudaste nada.

- Pois eu conheci-te logo, não és fácil de passar despercebido. Steerforth riu, passando a mão pela bela cabeleira ondulada e disse-me jovialmente:

- Como calculas, vou em viagem de obrigação. A minha mãe vive um pouco distante da cidade, e, como as estradas estão em péssimo estado e a casa me enfastia um tanto, passarei aqui a noite em vez de prosseguir a jornada. Cheguei apenas há seis horas e não fiz outra coisa senão dormir e ressonar no teatro.

- Eu também fui ao teatro - declarei. - Estive em Covent Garden. Que delícia, que representação magnífica, Steerforth!

O meu amigo riu com vontade.

- Meu pequeno Davy - retorquiu, tornando a afagar-me o ombro - és cândido como uma bonina. A bonina do campo, ao nascer do Sol, não tem mais frescura do que tu. Eu estive igualmente em Covent Garden e nunca vi coisa mais lamentável. Olá! - acrescentou, dirigindo-se ao criado, que de longe seguia

a nossa conversa e logo avançou cheio de deferência. - Onde puseram o senhor Copperfield?

- Como disse?

- Onde é que ele dorme? Qual é o número do quarto?

- Ah - redarguiu o criado, com ar contrafeito - o senhor Copperfield está actualmente no número 44.

- E que ideia foi essa de o meter nesse antro infecto, por cima da cavalariça?

- É que - respondeu o rapaz, sempre constrangido - não sabíamos que este senhor fosse exigente nesse particular. Podemos dar-lhe o 72, se ele preferir. Fica a seguir ao senhor Steerforth.

- Já se sabe que prefere. Trata disso imediatamente.

O criado foi logo cumprir a ordem. Steerforth, divertido pela ideia de que me haviam dado o 44, riu de novo e bateu-me nas costas. Em seguida convidou-me a tomar com ele o primeiro almoço, no outro dia às dez horas, o que eu aceitei com alvoroço. Já era bastante tarde e nós pegámos cada um na sua vela para subir ao quarto. Separámo-nos à porta, com a maior cordialidade. O meu novo aposento era muito superior ao primeiro: não cheirava a bafio, o leito de colunas parecia vastíssimo, um verdadeiro domínio. Aí, no meio de almofadas que davam para meia dúzia de pessoas, dormi de um sono feliz, sonhando com a velha Roma, com Steerforth e a Amizade, até que, na manhã seguinte, as primeiras diligências, rodando sob as abóbadas com grande fragor, me desviaram o sonho para os Deuses e a sua Cólera.

XX. EM CASA DE STEERFORTH

Quando, às oito horas, a criada me bateu à porta para me avisar de que a água da barba estava quente, eu corei na cama ao pensar na inutilidade da prevenção. A ideia de que a rapariga se risse, ao dizer aquilo, preocupou-me todo o tempo em que me vesti, e deu-me, creio eu, aquele ar mortificado que apresentei ao encontrá-la na escada, no momento de descer para o primeiro almoço. Sofria tanto com o reconhecimento da minha extrema juventude que, por instantes, hesitei se devia passar defronte dela, dada essa circunstância tão humilhante. Ouvindo-a afadigar-se na escada, a contas com a vassoura, fiquei parado à janela, donde avistava no meio de uma confusão de trens de praça, a estátua equestre do rei Carlos, que nada tinha de real entre a chuva miudinha e o nevoeiro acastanhado da manhã. Nessa altura o criado participou-me que o senhor com quem ia almoçar já estava à minha espera.

Não foi na casa de jantar que encontrei Steerforth, mas numa sala particular, muito confortável, com reposteiros encarnados e tapete oriental. O fogão estava aceso e, sobre a mesa coberta de uma toalha asseadíssima, via-se servida a refeição. A sala, o lume, o almoço, Steerforth, tudo se reflectia alegremente em miniatura num espelhinho redondo colocado em cima do aparador. De começo senti-me intimidado: Steerforth parecia tão elegante, tão senhor de si! Era-me tão superior, em todos os aspectos (incluindo a idade)! Mas depressa reapareceu a sua familiaridade protectora, e eu achei-me perfeitamente à vontade. Não me cansei de admirar as transformações que ele realizara no Golden Cross nem de comparar a minha lastimosa situação da véspera com o confronto e bem-estar dessa manhã. Quanto ao tom desdenhoso do criado, isso apagara-se como por encanto. O homem servia-nos com ar humilde e contricto.

- Agora, Copperfield - disse o meu amigo, quando ficámos sós -, gostaria de saber o que fazes e para onde vais. Fala-me de ti. Tenho a impressão de que me pertences.

Corando de gozo por ver que ainda se interessava por mim, contei-lhe as razões pelas quais a tia me propusera aquela digressão.

- Tens muito tempo à tua frente - comentou Steerforth. - Por que não vens passar um dia ou dois na minha casa de Highgate? A mãe há-de agradar-te (é um tanto vaidosa deste seu filho, mas tu desculpá-la-ás) e ela também há-de simpatizar contigo.

- Gostava de ter a certeza de que fosse verdade tudo quanto dizes - observei-lhe.

- Ah! - exclamou Steerforth - quem for meu amigo terá o reconhecimento eterno da minha mãe.

- Nesse caso, estimar-me-á sem dúvida.

- Óptimo. O que é preciso é ir prová-lo. Vamos primeiramente, durante uma hora ou duas, ver as curiosidades da cidade. É bom ter alguém a quem se possa fazer as honras da casa, Copperfield; depois empreenderemos a viagem para Highgate, na diligência.

Custava-me a crer em tanta felicidade. Não seria um sonho e não iria eu acordar daí a pouco no número 44 para a minha refeição solitária servida por um criado que tomava comigo excessiva familiaridade? Escrevi à tia Betsey para lhe contar que tivera a sorte de encontrar um antigo camarada de colégio, pessoa que eu muito admirava, e que aceitara um convite seu para o acompanhar ao lar paterno. Depois disso saímos de carruagem. Vimos, entre outras coisas, um Panorama, depois fomos visitar o Museu Britânico, e aqui verifiquei que o meu amigo estava ao par de muitos conhecimentos sem todavia parecer que lhes concedia qualquer importância.

- Hás-de tirar notas altíssimas na Universidade - disse eu a Steerforth - se é que já não começaste a tirá-las. Terão boas razões para se orgulhar de ti.

- Eu, distinções?! Ora, minha Bonina... importas-te que te chame assim?

- De maneira nenhuma.

- É amável da tua parte. Pois, querida Bonina - continuou ele, rindo -, não pretendo nem tenho a menor vontade de me distinguir desse modo. O que já fiz é bastante para mim, e até começa a pesar-me na vida...

- Mas a fama? - objectei.

- És um romântico! - volveu Steerforth, rindo sempre. - Para que irei esfalfar-me só para que meia dúzia de papalvos fiquem de boca aberta e me dêem palmas? Divirjam a sua admiração para outrem, que não me preocuparei nem um instante.

Envergonhei-me do meu equívoco e mudei logo de conversa, o que, felizmente, não era difícil com Steerforth, pois ele próprio possuía o dom de variar de assunto com extraordinária naturalidade.

Depois dessa curta volta pela cidade, fomos almoçar, e o dia breve de

Inverno passou tão rapidamente que já era quase noite quando a diligência nos deixou à porta de uma velha casa de tijolos, no alto da colina de Highgate. Uma senhora de certa idade (todavia não muita) recebeu-nos ao limiar. Tinha porte soberbo e rosto formoso. Apertou Steerforth nos braços e exclamou: «Querido James!» Fui-lhe apresentado, e ela, que era a mãe do meu amigo, acolheu-me cerimoniosamente.

A residência, antiga, aristocrática, muito calma, estava tratada com esmero. Das janelas do meu quarto via Londres estirar-se ao longe, qual uma imensa toalha de névoa em que cintilavam, aqui e ali, algumas luzes. Antes de me chamarem para jantar tive apenas tempo, enquanto mudava de fato, de relancear a mobília maciça e as paredes, das quais pendiam tapeçarias bordadas (obra, decerto, da juventude da senhora Steerforth) e alguns pastéis que representavam damas decotadas, de cabelo empoado, que o belo lume do fogão, acabado de acender, iluminava com uma claridade intermitente.

Havia outra senhora na casa de jantar, figura franzina, morena e de aspecto não muito agradável, se bem que não fosse desprovida de beleza. Ou por me encontrar sentado à sua frente, ou porque não esperava a sua presença, ou porque ela tinha realmente algo de peculiar, a minha atenção foi atraída para a sua pessoa. Era magra, como disse, tinha cabelo preto, olhos pretos muito vivos e uma cicatriz no lábio: uma velha cicatriz; não lhe chamaria costura, porque não estava descorada, e já fechara havia muitos anos. Essa cicatriz devia, tempos antes, atravessar-Lhe a boca até ao queixo, mas do meu lugar mal se via, salvo no lábio superior, levemente deformado. Em meu parecer a senhora orçaria pelos trinta anos e deu-me a impressão de que ansiava por se casar. Lembrava um prédio um tanto arruinado, por estar muito tempo sem locatário. Não era todavia uma criatura feia, repito, e a magreza dir-se-ia provocada por um fogo interior que a consumia e lhe brilhava nos olhos de órbitas fundas.

Quando da apresentação, ouvi o seu apelido: Dartle, mas Steerforth e a mãe tratavam-na por Rosa. Percebi que era, de há anos, a dama de companhia da senhora Steerforth. Afigurou-se-me que nunca dizia o que realmente desejava dizer; começava por insinuações e, deste modo, chegava melhor aos seus fins. Por exemplo: quando a dona da casa aludiu, por brincadeira, ao receio que tinha de que o filho levasse em Oxónia vida desregrada, a senhora Dartle observou:

- Ah, sim? Sabe como sou ignorante. Pergunto simplesmente para estar informada. Mas não será sempre assim? Imaginei que a vida, ali, era considerada como...

- Preparação para uma carreira séria, não era o que queria dizer, Rosa? -

volveu secamente a senhora Steerforth.

- Perfeitamente. Era isso. Mas é verdade? Gostaria me dissessem se estou enganada. Não é certo que...

- O quê? - perguntou a senhora Steerforth.

- Ah, quer dizer que não!-replicou Rosa. - Pois bem, alegro-me por ter aprendido. Sei agora o que devo fazer sempre. É muito útil perguntar. De hoje em diante não consentirei que, diante de mim, se fale de prodigalidade, de libertinagem, a propósito da vida dos estudantes...

- E terá razão - disse a senhora Steerforth. - O preceptor do meu filho é homem consciencioso. Nele depositaria a minha confiança se não a depositasse inteirinha no meu filho.

- Ah, sim? - replicou a senhora Dartle. - Meu Deus! É homem consciencioso? De facto?

- Disso estou persuadida - corroborou a mãe do meu amigo.

- Tanto melhor! - exclamou a outra. - Que felicidade! É, pois, realmente consciencioso. Então não é... mas, já se sabe que não pode ser... uma vez que é consciencioso. Pois bem, de hoje em diante terei dele a melhor opinião. Não imagina quanto sobe na minha estima, agora que estou absolutamente certa de que é consciencioso.

Quando expunha critérios pessoais ou contestava um alvitre, a senhora Dartle procedia sempre por insinuações. Mesmo ao contradizer Steerforth desenvolvia, como notei, uma habilidade exímia. Assim, por exemplo, antes do fim do jantar, a senhora Steerforth interrogou-me acerca da minha ida a Suffolk e eu disse, ao acaso, que me agradaria muito se Steerforth quisesse acompanhar-me; e expliquei a este último que ia visitar a minha velha criada e a família do senhor Peggotty. Perguntei-lhe se se lembrava do pescador que ele vira na escola.

- Ah, esse labrego! - acudiu o meu amigo. - O filho ainda está lá, creio eu...

- Não é filho, é sobrinho - repliquei. - Adoptou-o e trata-o como filho. Tem também uma linda sobrinha, que igualmente adoptou. Em suma, a sua casa (ou melhor, o barco, porque vivem num barco, em terra firme) está cheia de pessoas que dependem da sua generosidade. Hás-de achar divertido ver esse interior...

- Parece-te? - murmurou Steerforth. - Sim, é possível. Preciso de pensar. Sem falar do prazer que terei em viajar na tua companhia, Bonina, vale a pena ir lá para observar essa gente no seu meio.

A esperança de novo prazer fez-me palpitar o coração, mas o tom com que Steerforth dissera «essa gente» levou outra vez a senhora Dartle (cujos olhos não cessavam de nos espiar) a intervir deste modo:

- Ah, sim? Diga-me, por favor, eles são realmente?

- São o quê? Quem?

- Esses tais. Serão deveras seres de espécie diferente? Gostava de saber!

- De facto - replicou Steerforth, encolhendo os ombros - existe entre nós grande desigualdade. Não são tão sensíveis como nós. Não os podemos escandalizar ou irritar facilmente. Creio que são muito virtuosos... pelo menos é o que se pretende, e não sou eu quem o contradiz. Mas falta-lhes finura e podem gabar-se de que ninguém os pode atingir a fundo por causa da sua pele grossa e rugosa.

- Ah, sim? - retorquiu a senhora Dartle. - Nada me tinha até agora causado tanta satisfação como ouvir dizer isso! É tão consolador! Agrada tanto saber que não sentem o sofrimento! Muitas vezes me apoquentei por causa dessa gente: mas acabou-se, não pensarei mais no caso. Vivendo e aprendendo. Todos os dias nos instruímos. Tinha dúvidas, confesso, mas dissiparam-se. Não estava informada e agora estou. Isto demonstra quanto é útil fazer perguntas, não acha?

Eu pensava que Steerforth quisera arreliar a senhora Dartle e era todo ouvidos quando ficámos os dois sozinhos ao canto do lume; mas ele limitou-se a perguntar a minha opinião acerca dela.

- Julgo-a bastante inteligente...

- Inteligente? Reduz tudo e todos a farinha. Afia as coisas como tem afiado a cara e o corpo nestes últimos anos. Acabará por toda ela ser uma lâmina...

- Que cicatriz extraordinária tem no lábio!-observei.

O semblante de Steerforth entenebreceu-se e ele esteve um momento calado.

- Sim, de facto. E a culpa foi minha.

- Um acidente infortunado?

- Não. Eu era pequeno e ela exasperou-me. Então atirei-lhe um martelo à cara. Que criancinha meiga, hem? Prometia bastante...

Senti-me aborrecido por haver recordado um assunto penoso, mas já era tarde.

- Como viste, conservou a marca - disse Steerforth. - E conservá-la-á até ao túmulo, se é que essa mulher jamais repousará em qualquer parte, é filha de um primo afastado do meu pai. Perdeu a mãe, o pai morreu por seu turno, e a minha mãe, que já então era viúva, fê-la sua dama de companhia. Possui duas mil libras e economiza o rendimento para juntar ao capital. Aqui tens a história de Rosa Dartle.

- Naturalmente estima-te como a um irmão.

- Hum - replicou Steerforth, de olhos fitos nas chamas. - Há irmãos a quem se estima pouco... e outros... Serve-te, Copperfield, vamos beber, para tua honra, à saúde das boninas do campo, e, para minha honra... ou vergonha, à saúde dos lírios que não trabalham nem fiam.

Proferiu jovialmente estas palavras, e o sorriso melancólico, que tinha havia instantes, desapareceu-lhe por completo. Voltou a ser o rapaz franco, tão sedutor como nunca.

À hora do chá não pude coibir-me de contemplar a cicatriz, e fi-lo com dorido interesse. Reparei então que era essa a parte mais susceptível da fisionomia. Quando a senhora Dartle empalidecia, era a cicatriz que mudava em primeiro lugar, tornando-se cor de chumbo em todo o seu comprimento, como quando se aproxima do fogo um risco feito com tinta simpática.

Houve entre ela e Steerforth uma pequena disputa durante uma partida de gamão, e, por minutos, imaginei que Rosa estava indignadíssima: a cicatriz apareceu como as palavras fatídicas na parede do rei de Babilónia.

Não me admirei do culto que a senhora Steerforth votava ao filho. Dir-se-ia que não falava senão dele, que não pensava senão nele. Mostrou-me um medalhão que continha uma miniatura dele criança e uma madeixa dos seus cabelos; mostrou-me também um retrato tirado na idade em que eu o conhecera, e ainda uma miniatura recente, que sempre trazia consigo. Numa papeleira próxima do fogão estavam guardadas as cartas que o filho lhe escrevera; ter-me-ia lido algumas, o que me daria prazer, se Steerforth não interviesse e conseguisse, à força de artimanhas, que a mãe renunciasse a tal intento.

- Foi em casa do senhor Creakle que se viram pela primeira vez - disse ela, quando estávamos sentados a uma mesa, frente a frente, e Steerforth, noutra, jogava ao gamão com Rosa Dartle. - Lembro-me realmente de que James me falou de um colega mais novo, a quem se afeiçoara, mas, como pode calcular, o seu nome varreu-se-me da memória.

- Revelou-se por essa época tão generoso comigo, tão nobre! E eu tinha

necessidade de um amigo como ele. Sem o James, ficaria completamente desnorteado.

- É sempre nobre e generoso - garantiu a senhora Steerforth.

Sabe Deus com quanto calor apoiei este juízo! Ela compreendeu, pois se portou menos distante comigo; só para fazer o elogio do filho é que retomava as suas maneiras importantes.

- Dum modo geral, não era um colégio digno do James - observou. - Longe disso. Mas nessa ocasião houve circunstâncias particulares que foi preciso tomar em consideração. O meu filho era de um natural ardente, convinha pois confiá-lo a um homem capaz de reconhecer a sua superioridade e tê-la sempre em conta. Esse homem era o senhor Creakle.

Eu já suspeitava, porque conhecia o homem. E esse facto, em vez de aumentar o meu desprezo por ele, pelo contrário o melhorou aos meus olhos - se é que existe algum mérito em não resistir a uma pessoa tão irresistível como Steerforth.

- Foi lá que se desenvolveram os dons naturais do meu filho - prosseguiu aquela mãe orgulhosa - por um sentimento de emulação voluntária e orgulho consciente. James ter-se-ia revoltado contra qualquer pressão, mas achou-se como rei do lugar e quis mostrar-se digno da situação desfrutada. Estava bem no seu carácter.

Confirmei que estava realmente no carácter de James Steerforth, e fi-lo com toda a força da minha convicção.

- O meu filho seguiu, pois, de sua livre vontade e sem qualquer compulsão, o caminho em que sempre poderá ultrapassar todos os competidores quando esse for o seu desejo. Diz ele que o senhor lhe é extremamente dedicado e que ontem chorou de alegria ao encontrá-lo. James ficaria magoado se eu me mostrasse admirada de que ele inspire tamanha dedicação; mas não posso mostrar-me indiferente a quem saiba apreciar-lhe os méritos, e por isso me alegra vê-lo aqui, senhor Copperfield. Posso também afirmar-lhe que ele lhe dedica particular amizade e que pode contar sempre com a sua protecção.

A senhora Dartle jogava ao gamão com o ardor que punha em todas as coisas. Se eu a tivesse visto apenas ocupada com esse jogo, poderia imaginar que ela só vivera para isso. Creio não me iludir se disser que Rosa não perdeu uma só palavra da nossa conversa nem uma única expressão do meu rosto, enquanto eu ouvia, orgulhoso e feliz, as confidências da senhora Steerforth e me sentia mais idoso do que à minha partida de Cantuária.

O serão chegava ao seu termo. Trouxeram uma bandeja com garrafas e copos. Steerforth, sentado diante do lume, prometeu-me pensar a sério em acompanhar-me na viagem a Suffolk. Havia ainda muito tempo disponível, dizia ele: uma semana, por exemplo. A mãe incitava-o a fazer essa jornada. Durante a conversa, chamou-me várias vezes Bonina, o que provocou a intervenção da senhora Dartle.

- Mas isso é realmente uma alcunha? Por que é que ele lha dá? Será... por o achar novo e inocente? Tenho tanta dificuldade em compreender certas coisas!

Corei de leve e respondi que a resposta devia ser essa.

- Ah, como me satisfaz sabê-lo! - comentou Rosa. - Interrogo e fico contente por aumentar os meus conhecimentos. Ele acha-o novo e inocente e é por isso que são amigos? Que engraçado !

Com isto, foi-se deitar, seguida da dona da casa. Eu e Steerforth demorámo-nos mais meia hora diante do fogão. Falámos do Traddles e de outros camaradas do internato de Salem e, por nossa vez, recolhemos à cama. Steerforth ocupava um quarto ao lado do meu e eu fui lá deitar uma vista de olhos. Não se pode imaginar nada de mais confortável. Estava cheio de poltronas, coxins, tamboretes bordados pela mãe e tinha tudo o necessário para agradar. Havia também, na parede, um belo retrato da senhora Steerforth, que parecia contemplar o filho adorado, como se fosse um prazer para ela vigiar-lhe o sono, ainda que não em carne e osso.

Encontrei o fogão aceso no meu quarto e os cortinados da cama abertos. Instalei-me numa poltrona ampla, ao canto do lume, e meditei na minha felicidade. Já tinha decorrido um bom momento quando descobri, por cima da lareira, um retrato da senhora Dartle, que parecia fitar em mim os olhos ardentes.

A parecença era flagrante e o olhar, por isso, dir-se-ia trespassar-me. O pintor não desenhara a cicatriz, mas eu via-a bem: aparecia e desaparecia; às vezes não era visível, como sucedia quando estávamos à mesa, senão no lábio superior, mas depressa se revelava em todo o comprimento, como eu verificava nas ocasiões em que a senhora Dartle se excitava.

Achei que teriam feito melhor em pendurar esse retrato noutro quarto e não no que me destinavam. Fosse como fosse, despi-me à pressa, apaguei a vela e meti-me na cama. Mas, ao adormecer, não pude esquecer-me de que ela estava lá e que pretendia saber «se era realmente assim». Acordei a meio da noite e surpreendi-me a falar só: perguntava a toda a gente se era assim ou não era... sem saber ao certo a que é que me referia.

XXI. EMILY

Havia naquela casa um criado que, segundo averiguei, entrara para o serviço de Steerforth na Universidade e nunca mais o deixara. O homem parecia a respeitabilidade em pessoa. Creio que jamais existiu, entre gente da sua condição, ninguém mais respeitoso do que ele. Andava nas pontas dos pés, era calado, extremamente calmo, deferente, atencioso. Estava sempre à nossa beira quando era preciso, mas desaparecia logo que se tornava desnecessário. A respeitabilidade era, pois, a sua qualidade mais notável; a expressão do rosto nada tinha de servil; não dobrava a espinha; falava com voz branda. Se tivesse o nariz torto, acharia maneira de parecer ainda mais respeitador. Movia-se banhado numa atmosfera de respeito e aí se encontrava no seu elemento. Seria quase impossível suspeitá-lo de uma acção vil. Nunca a ninguém ocorreria a ideia de lhe vestir libré e considerar-se-ia uma ofensa encarregá-lo de trabalhos vulgares. Notei, quanto a isto, que o pessoal da casa tinha essa intuição, pois os outros criados é que tomavam à sua conta este género de serviço, enquanto ele, durante esse tempo, ficava instalado na despensa, geralmente a ler o jornal.

Raras vezes vi pessoa mais reservada, mas esta circunstância, como todas as outras, só contribuía a lhe aumentar a respeitabilidade. O facto de não lhe saber o nome de baptismo devia fazer parte do seu prestígio. Era tratado por Littimer, o que se não pode negar que seja perfeitamente respeitável: um primeiro nome, Peter ou Thomas, torná-lo-ia muito vulgar.

Não sei se era pela própria respeitabilidade do indivíduo, mas a verdade é que, na sua presença, eu me sentia extraordinariamente novo. Que idade tinha ele, não sou capaz de calcular: impassível e digno, tanto podia aparentar cinquenta anos como trinta, e este facto representava mais um trunfo a seu favor.

Littimer aparecia-me no quarto, de manhã, antes que eu me levantasse; trazia-me essa malfadada água quente para a barba e vinha preparar a roupa para eu vestir. Entreabrindo os cortinados do leito, para o observar, via-o envolto na mesma atmosfera de respeitabilidade, sem que a brisa de Janeiro o perturbasse sequer, pois nem respirava como fazem as pessoas que sentem frio. Colocava-me as botas direita e esquerda na posição de um primeiro passo de dança e sacudia-me os grãos de pó do fato, que punha depois em cima da cadeira, como se se destinasse a uma criança.

Da primeira vez dei-lhe bom dia e perguntei-lhe que horas eram. Littimer

tirou do bolso do colete um relógio respeitabilíssimo, como eu nunca vira, e, retendo a tampa com o polegar, para que ela se não abrisse em demasia, consultou o mostrador como se fosse uma ostra profética, tornou a fechar o relógio e disse.

- Se é do seu agrado, são oito horas e meia. O senhor Steerforth gostaria de saber como passou a noite o seu ilustre hóspede.

- Muito bem - respondi. - Como está o senhor Steerforth?

- Muito obrigado pela sua atenção. O senhor Steerforth vai menos mal.

Outra das suas características. Nunca empregava termos superlativos. Referia-se a tudo com uma calma que denotava perfeito equilíbrio.

- Terei a honra de lhe prestar mais algum serviço? O gongo soa às nove horas. A família toma o almoço às nove e meia.

- Não preciso de mais nada. Obrigado.

- Eu é que lhe agradeço.

Dizendo isto, passou diante do leito, fazendo-me uma pequena vénia, como a pedir desculpa de me haver incomodado, e saiu fechando a porta atrás de si, com tanta precaução como se eu tivesse recaído num sono de que dependesse a minha vida.

De cada vez era sempre a mesma conversa: nem uma palavra a mais, nem uma palavra a menos, e, sempre que me encontrava em presença desse homem tão respeitoso e respeitável, eu sentia-me retroceder à infância, a despeito dos progressos que fizera na véspera à noite e da maturidade que ia adquirindo no convívio de Steerforth, da mãe deste e da senhora Dartle.

Arranjámos cavalos, e Steerforth, que tinha conhecimentos universais, ensinou-me a montar. Obtivemos floretes e Steerforth ensinou-me a esgrimir. Conseguimos luvas e, sempre sob a direcção do mesmo mestre, aprendi a arte do pugilismo. Não me importava que o meu amigo me achasse novato em tudo isto, o que considerava insuportável era exibir a minha inabilidade diante de Littimer. Nada me fazia crer que ele soubesse qualquer dessas coisas, e nada, nem um simples estremecimento das suas pálpebras respeitáveis, me deixava supor a sua perícia em tais assuntos. Mas, sempre que o criado assistia aos exercícios, eu achava-me um mísero pexote, o mais inexperiente dos mortais.

Descrevi esta personagem com todo o cuidado por causa da impressão especial que me produziu então e devido ao que se passou em seguida.

A semana decorreu agradavelmente, e com a rapidez que se imagina, pois eu andava deslumbrado. Tive tantas oportunidades de conhecer melhor James Steerforth e de o admirar mais ainda em todos os aspectos que, por fim, me ficou a impressão de que passara com ele muito mais de oito dias. James tinha uma forma sedutora de me tratar como um brinquedo, e nenhuma outra atitude me seria mais agradável. Fazia-me lembrar a antiguidade das nossas relações, com um seguimento natural; provava-me que era o mesmo: já não havia razão para comparar os meus méritos com os dele, o que poderia constranger. Lisonjeava-me, sobretudo, vê-lo tão familiar comigo, sem esforço, afectuosíssimo, como se eu fosse o seu amigo dilecto. Recordava-me, com satisfação, que no colégio me tratava de modo diferente dos outros e que na vida prosseguia de igual maneira. Dava-me a impressão de lhe ser mais querido do que ninguém e o coração transbordava-me de afecto por ele.

James resolveu, pois, acompanhar-me na minha viagem. Chegou o dia da partida. De começo, pensara em levar o Littimer, mas desistiu da ideia. Esta personagem respeitabilíssima, sempre satisfeita com a sua sorte, fosse ela qual fosse, ordenou a nossa bagagem numa carruagem que devia transportar-nos a Londres duma forma tão segura que poderia sem perigo sofrer os maiores solavancos. E aceitou com perfeita tranquilidade a moeda que lhe ofereci humildemente.

Dissemos adeus às senhoras e eu agradeci com efusão à dona da casa. A senhora Steerforth replicou amavelmente às minhas palavras. O olhar calmo de Littimer, no qual julguei ler a convicção muda de que eu era bastante juvenil, foi a última coisa que me impressionou.

Não tentarei descrever o que senti ao voltar à minha terra natal em circunstâncias tão favoráveis. Chegámos lá em diligência. A reputação de Yarmouth importava-me tanto que fiquei reconhecido a Steerforth por o ouvir dizer, quando seguíamos pelas ruas sombrias que levavam à estalagem, que achava o país (tanto quanto podia julgar) um cantinho perdido cheio de beleza e originalidade. Fomo-nos deitar daí a pouco. De passagem notei que havia um par de botas sujas e polainas à porta do quarto chamado do Delfim, esse que eu outrora ocupara. Na manhã seguinte almoçámos tarde. Steerforth, que estava de excelente humor, passeara já na praia e achara processo, disse-me ele, de travar conhecimento com quase todos os pescadores. Alegava até que tinha visto, de longe, a casa do senhor Peggotty com a sua chaminé fumegante; sentira enorme desejo de lá entrar e de fingir que era eu: explicaria que crescera tanto ao ponto de ser irreconhecível!

- Bonina, quando fazes tenção de me apresentar? Estou às tuas ordens. Tu é que resolves.

-Pois bem, pensava ir esta noite, Steerforth, pois é a ocasião > em que se encontram todos reunidos à lareira. Gostava que os visses assim tão confortàvelmente instalados. É um interior tão curioso!

- Será, portanto, esta noite.

- Não os prevenirei da nossa chegada - acrescentei, radiante. - Faremos uma surpresa.

- Certamente - volveu o meu amigo. - De outra forma não teria graça. Veremos os indígenas ao natural!

- Embora seja aquela gente a que fizeste alusão...

--Ah, não esqueceste a minha escaramuça com a Rosa? - exclamou James, lançando-me uma olhadela rápida. - Diabos a levem! Chego a ter medo dessa criatura. Produz-me o efeito de um génio mau. Deixemo-la, porém. Que vais fazer agora? Visitar a tua antiga criada, não é isso?

- É, sim. Em primeiro lugar quero vê-la, e depois aos outros. - Nesse caso - opinou Steerforth, consultando o relógio -

podes gastar duas horas nessa visita. É tempo suficiente para matar saudades.

Respondi, rindo, que considerava bastante, mas que ele devia ir também, pois a sua fama precedera-o e era quase tão célebre como eu.

- Irei aonde quiseres e farei a tua vontade. Diz-me onde é, e daqui a duas horas ver-me-ás aparecer, sentimental ou irónico, consoante preferires.

Expliquei-lhe minuciosamente onde ficava a residência do senhor Barkis, cocheiro em Blunderstone e outros lugares. Feito isto, parti só. O ar estava frio e vivo, a terra seca, o mar claro e ondulado, o sol quase quente e muito luminoso. Por toda a parte viço e frescura. Eu próprio me sentia tão bem disposto, tão alegre por me achar ali que, por pouco, teria detido todos os transeuntes para lhes apertar a mão.

É claro que as ruas me pareceram pequenas (costuma assim acontecer às ruas que nós conhecemos na infância), mas eu não esquecera o mínimo pormenor e não verifiquei nenhuma alteração até chegar à loja do senhor Omer. Em vez de Omer lia-se então Omer & Joram, mas continuava a mesma inscrição: Negociante de Panos, Alfaiate, Capelista, Trajes de Luto.

Depois de ter lido a tabuleta, senti-me arrastado para a entrada do estabelecimento: atravessei a rua, fui dar uma vista de olhos ao interior. Ao fundo achava-se uma mulher bonita, com uma criança que lhe pulava nos braços, enquanto outro miúdo se lhe agarrava ao avental. Depressa reconheci Minnie: os pequenos deviam ser seus filhos. A porta envidraçada da loja não estava aberta, mas da oficina, no outro extremo do pátio, chegava-me o som débil de uma canção que se diria nunca se haver extinguido.

- O senhor Omer está? - perguntei da entrada. - Em caso afirmativo, gostaria de o ver por um instante.

- Sim, senhor, ele está - disse Minnie. - Com um tempo destes a asma não o deixa sair. Joe, vai chamar o teu avô.

O garoto que se agarrava ao avental de Minnie gritou com tanta força que até se assustou da própria voz. Escondeu a cara na saia da mãe, com grande admiração desta. Ouvi aproximar-se alguém, de respiração opressa, e o senhor Omer apareceu, mais esfalfado do que outrora, mas não muito envelhecido.

- Às suas ordens, senhor... - disse ele. - Que deseja de mim?

- Pode apertar a minha mão, senhor Omer, se lhe aprouver - disse-lhe, com a dextra estendida. - Já foi muito amável comigo e receio não me ter mostrado bastante reconhecido.

- Agrada-me muito ouvir isso, mas a verdade é que não me recordo. Tem a certeza?

- Absoluta.

- Parece que a minha memória não está melhor do que o meu fôlego - disse o senhor Omer, fitando-me e abanando a cabeça. - De facto não me lembro.

- Esqueceu-se de um rapazinho que foi buscar à diligência? Em seguida o tal rapazinho almoçou consigo. Era eu. Depois partimos para Blunderstone, nós dois, e também a senhora e o senhor Joram, que nesse tempo ainda não eram casados.

- Deus do Céu!-exclamou Omer, tão surpreendido que até teve um ataque de tosse. - Será possível? Minnie, minha filha, tu lembras-te? Eu creio que sim... não se tratava de uma senhora?

- A minha mãe - respondi.

- Pois, pois - repetiu Omer. - E havia um menino. Havia duas pessoas. Foi lá, em Blunderstone. Meu Deus! E como tem passado?

- Bem, obrigado - repliquei. - E o senhor?

- Não tenho razão de queixa. Respiro com dificuldade, mas isto acontece aos velhos. Tiro o melhor partido dos acontecimentos. É a melhor política, hem?

O senhor Omer começou a rir, tossiu de novo, e a filha, que esteve presente a toda a conversa e fazia dançar o filho mais novo em cima da mesa, veio ajudar o velho até que o ataque de tosse lhe passou.

- Pois é verdade - continuou ele. - E lembro-me agora que foi durante esse trajecto que se decidiu a data do casamento da Minnie com o Joram. «Marque-a, marque-a», dizia Minnie. Agora o Joram é meu sócio e aqui estão os seus rebentos.

Minnie sorriu, afagando os bandós, e o velho deu a mão ao pequerrucho, que continuava pulando sobre a mesa.

- Eram dois cadáveres - prosseguiu o senhor Omer nas suas reminiscências. - Nessa ocasião Joram fez um caixãozinho forrado de cinzento, com pregos prateados, do tamanho deste garoto, talvez menos duas polegadas... Quer tomar alguma coisa?

Agradeci recusando.

- Ora espere - acrescentou ele. - A mulher do cocheiro Barkis... irmã do pescador Peggotty... não tinha nada com a sua família?

A minha resposta afirmativa deu-lhe grande satisfação.

- Penso que em breve a minha respiração ainda será mais curta, assim como a memória - notou o velho cangalheiro. - Olhe, temos aqui uma parenta dos Peggottys, com muito jeito para a costura. Não há duquesa em Inglaterra que se lhe possa comparar.

- Não será a pequena Emily? - perguntei involuntariamente.

- É, sim, é. É pequena, na realidade. Mas creia que tem um rostinho que faz a inveja de metade das mulheres desta terra!

- Oh, papá! - acudiu Minnie.

- Minha querida, não digo isto por ti - e piscou-me um olho, assim falando - , mas sei que a metade das mulheres de Yarmouth e de cinco léguas em redor se mostram ciumentas por causa da Emily.

- Ela devia manter-se no seu lugar - replicou Minnie - e não dar motivo a falatórios. As outras ficariam sossegadas.

- Sossegadas, minha filha! É essa a tua experiência da vida? Uma mulher nunca está sossegada perante a beleza das outras.

Depois desta observação, julguei que chegara a derradeira hora para o senhor Omer; tossiu tão fortemente que lhe faltou o ar, a despeito das tentativas que fazia para impedir o ataque. Acabou no entanto por se recompor, mas respirava dificilmente. Ofegante, sentou-se num banco da loja.

- Como vê - disse ele, enxugando a testa - a rapariga não se dá com ninguém, não tem amigos... não falo de admiradores. Então espalharam maldosamente que queria fazer-se senhora. Mas a minha opinião é que tudo resulta do que ela dizia na escola: que, se fosse uma senhora, faria isto e aquilo pelo tio, que lhe compraria uma porção de coisas bonitas...

- A mim o declarou também - acudi vivamente - quando éramos pequenos.

O senhor Omer meneou a cabeça e esfregou o queixo.

- Tem razão. E a pequena sabe vestir-se melhor do que as mais ricas, e isto é que traz sarilhos. Demais a mais, é caprichosa. No fundo, não sabia bem o que queria, e, muito mimada, recusava submeter-se. Não disseram mais nada contra ela, não é verdade, Minnie?

- Não, papá - respondeu a senhora Joram. - E isto foi o pior, julgo eu.

- Então, quando arranjou um lugar de dama de companhia, em casa de uma velhota rabugenta, a coisa complicou-se e perdeu o emprego. Por fim fizeram-na aprendiza. Já se passaram dois anos e as más-línguas calaram-se. É uma rapariga que vale por seis, hem, Minnie?

- Com certeza, papá. Agora não vá dizer que eu também a caluniei.

- Está bem, está bem. Enfim, meu caro senhor - concluiu Omer, depois de esfregar o queixo por mais uns minutos - como não quero que pense que tenho a língua mais comprida do que o fôlego... declaro que já disse tudo.

Tinham falado de Emily a meia voz, o que me fez calcular que a rapariga não estaria longe. Perguntei isto ao senhor Omer, que com a cabeça me indicou a porta da oficina. Pedi logo licença, que me foi concedida, de lançar uma olhadela e vi Emily, através dos vidros, sentada a trabalhar. Continuava bela como sempre, com aqueles olhos azuis tão puros que me haviam traspassado o coração. Sorria para o outro filho da Minnie, que brincava a seu lado. O ar decidido que se lia no seu rosto bastava para justificar o que eu ouvira contar, mas notei igualmente aquela timidez caprichosa de outro tempo; nada na sua beleza deliciosa me dizia que Emily estivesse destinada a outra coisa senão a ser

boa e feliz numa existência de virtude e de ventura.

Durante este tempo, do outro lado do pátio, a canção do martelo (que se julgaria nunca ter cessado) prosseguia interminavelmente.

- Não quer entrar para falar com ela? - perguntou-me o senhor Omer. - Entre, esteja à sua vontade.

Mas eu acanhei-me. Tinha medo de a perturbar e de ficar por meu turno perturbado. Informei-me apenas da hora a que ela saía à noite, a fim de poder coincidir a nossa visita com a sua chegada a casa. Depois despedi-me do senhor Omer, da filha e dos netos, e fui visitar a minha velha amiga Pegotty.

Lá a encontrei, na sua cozinha ladrilhada, a contas com os preparativos do jantar. Bati à porta e Peggotty abriu-ma sem demora e perguntou o que eu desejava. Olhei-a sorrindo, mas não fui correspondido nesse sorriso. Nunca deixara de lhe escrever, porém tinham decorrido sete anos sem que nos tornássemos a encontrar.

- O senhor Barkis está? - inquiri, contrafazendo uma voz rude.

- Está, sim, senhor. O reumático obrigou-o a ficar de cama.

- Ainda vai a Blunderstone?

- Quando tem algumas melhoras, ainda vai.

- E a senhora, também o acompanha?

Olhou-me com mais atenção e vi-a esboçar um movimento rápido, como para unir as mãos.

- É que eu queria saber - acrescentei - uma coisa a respeito de certa casa de lá, chamada... como se chama?... ah, as «Gralhas».

Deu um passo atrás e estendeu os dedos, com ar indeciso, receoso, tal se me quisesse repelir.

- Peggotty! - exclamei.

- Querido menino! - replicou ela. E, chorando, caímos nos braços um do outro.

Os disparates que disse, o riso e as lágrimas que sobre mim verteu, o orgulho e alegria que mostrou, tudo misturado de tristeza pelas recordações do passado - eis o que nem tenho coragem de relatar. Não me acudiu a ideia de que seria pueril corresponder às suas efusões, e nunca, nunca na minha vida, dei vazão aos meus sentimentos com tanta naturalidade como naquela manhã.

- Barkis vai ficar tão contente! - disse Peggotty, secando os olhos com o avental. - Há-de lhe fazer melhor do que todos os remédios. Posso ir preveni-lo? Quer ir vê-lo?

Decerto que eu queria. Mas Peggotty não saiu da cozinha tão depressa como queria. Sempre que chegava à porta, voltava-se para me olhar e retrocedia a fim de chorar mais um pouco no meu ombro. Enfim, para facilitar as coisas, subi com ela e, depois de ter esperado um instante no patamar, enquanto ela o informava da minha visita, apresentei-me diante do doente.

Barkis recebeu-me com o maior entusiasmo. Não se lhe podia apertar a mão devido ao reumatismo, por isso me pediu que, em substituição, lhe sacudisse a borla do barrete de dormir, o que fiz calorosamente. Sentei-me à beira da cama e ele disse-me que lhe fazia grande bem pensar que estava outra vez a conduzir-me pela estrada de Blunderstone. Achava-se estendido, com a cabeça mais alta, e tão abafado que só se lhe via a cara.

- Que nome escrevi então na carruagem? - perguntou-me com um sorriso em que se lhe espelhava o sofrimento.

- Ah, senhor Barkis, tivemos muitas conversas sérias acerca disso, não é verdade?

- Eu há muito tempo que suspirava, bem sabe...

- De facto, há muito tempo, senhor Barkis.

- E não me arrependo. Lembra-se de que uma vez me contou que ela fazia tortas de maçã e muitas coisas mais?

- Lembro-me muito bem.

- Pois falou a pura verdade. Tão verdade como os impostos... a coisa mais verdadeira que há - acrescentou sacudindo a borla do barrete, a única maneira de dar ênfase às palavras.

Voltou os olhos para mim, como se esperasse o meu assentimento ao que acabava de dizer. Fiz-lhe a vontade, e ele repetiu:

- Nada mais verdadeiro do que os impostos. Um homem pobre como eu sou pensa mais nisto quando está de cama. Sou muito pobre, senhor David.

- Lastimo, senhor Barkis.

- Paupérrimo - confirmou ele.

Nisto, tirou penosamente e lentamente o braço de debaixo da roupa e, com mão hesitante, pegou numa bengala que estava apoiada ao leito. Com ela

começou a vasculhar o chão até que encontrou uma caixa cuja extremidade já eu notara ao entrar. Então pareceu sossegar.

- Velhos hábitos - comentou. - Oxalá fosse dinheiro.

- Decerto, senhor Barkis.

- Mas não é - declarou, abrindo os olhos o mais que podia. Garanti-lhe que acreditava e a expressão dulcificou-se. Virando-se para a mulher, disse:

- É a mais apta, a melhor das esposas, esta Peggotty Barkis. Merece todos os elogios que se lhe fizerem. Minha querida, não nos queres arranjar para hoje um jantarzinho catita? Qualquer coisa que se coma e beba?

Tencionava protestar contra este desperdício em minha honra, mas percebi que Peggotty, do outro lado da cama, temia que eu recusasse. Deixei-me, pois, ficar calado.

- Tenho algum dinheiro para isso, minha querida - participou ele. - Mas agora estou cansado. Se tu e o senhor David me deixásseis dormir um pouco, eu procurá-lo-ia quando acordar.

Acedendo ao seu desejo, saímos do quarto. Peggotty confidenciou-me que o marido se tornara um pouco mais «desconfiado» do que antigamente, que recorria sempre àquele estratagema antes de extrair a mínima moeda da sua reserva, e que era à custa de sofrimentos inauditos que conseguia levantar-se da cama para tirar dinheiro daquela malfadada caixa. De facto, ouvimo-lo daí a pouco soltar gemidos sufocados e lúgubres a cada esforço despendido em todas as articulações. Os olhos de Peggotty encheram-se de compaixão por ele, mas disse-me que mais valia deixá-lo proceder assim, pois esse generoso impulso só lhe podia causar bem. Continuou, pois, a gemer, até que voltou à cama, certamente com dores atrozes. Feito isso, chamou-nos, fingindo despertar de um sono reparador, e tirou um guinéu de debaixo do travesseiro. A sua satisfação à ideia de que nos enganara e que mantivera inviolado o segredo do cofre parecia compensá-lo de todos os tormentos por que acabava de passar.

Preveni Peggotty da visita de Steerforth, que não tardou a aparecer. Para a velha criada o ele ser meu amigo correspondia a ser seu benfeitor: em qualquer destes casos estava pronta a recebê-lo com a mesma gratidão e o mesmo fervor. As maneiras amáveis, o ar comunicativo de Steerforth, o seu físico agradável, o dom que ele tinha de se adaptar a tudo, quando queria, de tocar na corda sensível dos outros, alcançaram-lhe em cinco minutos a simpatia de Peggotty. Bastaria já a amizade que me dedicava para a conquistar de vez. Em resumo, por todas estas razões juntas, creio que Peggotty lhe votou desde logo verdadeira adoração.

Ficou para jantar. Fê-lo não só de boa vontade mas com entusiasmo e alegria. O ar e a luz entraram com ele no quarto de Barkis, como se fosse o bom tempo em pessoa, refrescando tudo na sua passagem. Fazia fosse o que fosse sem esforço, sem ruído, sem rudeza, pondo em tudo um tacto extraordinário, que se diria a suma perfeição. A atitude que tomava era tão graciosa e natural que, mesmo agora, ao lembrar-me, sinto invadir-me enorme comoção.

Passámos momentos deliciosos na saleta, onde o Livro dos Mártires, no qual ninguém pegara depois de mim, continuava colocado no mesmo lugar. Comecei a folhear as estampas horripilantes, recordei-me das sensações que em geral me despertavam, mas não tornei a experimentá-las. Peggotty falou-me do quarto que considerava sempre o meu; participou-me que esse aposento estava preparado para me receber e que esperava lhe fizesse o favor de aceitar. Steerforth dominou logo a situação e, sem sequer me dar tempo a olhá-lo, perplexo como eu ficara, declarou:

- Dormirás aqui, já se sabe, durante a nossa permanência na terra. Eu irei para a estalagem.

- Isso tem aspecto pouco amável... forçar-te a vir de tão longe para te abandonar em seguida!

- Meu Deus, a quem é que mais pertences? Não fales mais no caso, que está arrumado.

A questão resolveu-se, pois, nesse sentido.

James foi encantador até ao fim, isto é, até à ocasião em que, ouvindo dar oito horas, tomámos o caminho do barco do senhor Peggotty. Tornava-se até de instante para instante mais sedutor e revelava-me já esse dom de que eu hoje estou persuadido ser o seu: tinha a certeza do êxito no seu desejo de agradar, o que o fazia mais subtil e inteligentemente compreensivo. Se alguém, naquela noite, me viesse dizer que isso não passava de um jogo a que ele se entregava, na excitação da hora, só com o vão propósito de parecer superior e no desejo nefasto e irreflectido de conquistar aquilo que afinal lhe era indiferente; se alguém me viesse dizer tal coisa eu não sei como manifestaria a minha indignação.

Andando a seu lado, na praia sombria e glacial, em direcção ao barco-residência, eu experimentava redobrados sentimentos de fidelidade e amizade. O vento soprava lugubremente em volta de nós, mais ainda do que na primeira noite em que ali estivera.

- Que sítio ermo, Steerforth! - murmurei.

- Principalmente com esta escuridão - respondeu ele. - O mar uiva como se quisesse devorar-nos. É aquele o barco, onde vejo uma luz?

- É, sim, é aquele.

- Já o tinha visto esta manhã. Fui até lá instintivamente.

Calámo-nos ao chegar perto da luz e, silenciosamente, procurámos a porta. Pus a mão no fecho e, segredando a Steerforth que me seguisse, entrei...

Fora já tínhamos ouvido um sussurro de vozes. Na ocasião de entrarmos, alguém batia palmas e fiquei surpreendido ao verificar que fora a senhora Gummidge, de ordinário tão triste; mas não era só ela que dava provas de excitação: o dono da casa, de fisionomia radiante, soltava gargalhadas e, abrindo os braços rudes, preparava-se para neles acolher a pequena Emily. No rosto de Ham lia-se admiração, enlevo, certa timidez canhestra: o rapaz pegava na mão da prima como para a apresentar ao tio e protector. E a pequena Emily, corada e intimidada, mas contente (via-se-lhe bem no rosto jubiloso) com a alegria do senhor Peggotty, estava prestes a largar a mão de Ham para se lançar nos braços daquele. Foi ela, porém, a primeira pessoa que deu fé da nossa intrusão. Eis o espectáculo que se nos ofereceu quando passámos da noite sombria e gelada para o quarto claro e aquecido do navio. Em segundo plano, a senhora Gummidge dava palmas estrondosas.

Com a nossa chegada, a cena terminou como por encanto, de tal modo que se duvidaria da sua veracidade. Achei-me no meio da família estupefacta, frente a frente do pescador, a quem estendi a mão. Ham bradara:

- É o senhor Davy!

Daí a pouco estávamos todos a dar apertos de mão, a pedir notícias uns dos outros, a manifestar o prazer que o encontro nos proporcionava; falávamos todos ao mesmo tempo. O senhor Peggotty estava tão orgulhoso e encantado por nos ver que nem sabia que fizesse: apertou-me novamente a mão, depois a de Steerforth, e mais uma vez a minha. Enfiava os dedos pelo cabelo e ria com um riso tão triunfante, tão feliz, que dava prazer contemplá-lo.

- Pois... só pensar que senhores como estes... verdadeiros senhores... vêm aqui, a minha casa... Nunca me aconteceu nada parecido com esta noite, palavra de honra. Anda cá, Emily, minha filha; anda cá, feiticeira. Apresento-te o amigo do senhor Davy, aquele senhor de quem ouviste falar. Vieram juntos. Hoje é a noite mais bela da vida do teu tio... e nunca haverá outra igual!

Depois de fazer este pequeno discurso, todo de um fôlego, com extraordinária animação e entusiasmo, o senhor Peggotty apoiou as mãos presas

no rosto da sobrinha, beijou-a repetidamente, puxou-a com ternura para o seu peito largo e acariciou-a demoradamente. Depois deixou-a afastar-se, e a rapariga foi esconder-se no quartinho onde eu dormi outrora; então, voltando-se para nós, corado e ofegante, disse no auge do contentamento:

- Se estes dois senhores... verdadeiros senhores que eles são!...

- Muito bem - acudiu Ham. - Verdadeiros senhores!

- ... se estes dois senhores me não desculparem de estar no estado em que estou... quando souberem de que se trata... não sei como lhes pedir perdão! Emily, minha querida! Ela sabia que eu ia contar, e pisgou-se. - Aqui, a alegria do homem transbordou. -Quer ter a bondade de ir ver o que faz a pequena? - perguntou ele à senhora Gummidge.

A velha fez um sinal de assentimento e desapareceu.

Steerforth limitou-se a menear a cabeça, mas denotava tanto interesse e simpatia pelos sentimentos do senhor Peggotty, que este lhe respondeu como se o meu amigo houvesse falado:

- Tem razão. É isso mesmo. Ela é assim. Obrigado, senhor. Ham, como se quisesse dizer o mesmo, empregou, como Steerforth, uma linguagem muda.

- A nossa pequena Emily - começou o senhor Peggotty - tem sido na nossa casa (posso ser um ignorante, mas esta é a minha convicção) o que só uma criaturinha com aqueles olhos pode ser num lar. Não é minha filha. Nunca tive filhos. Mas, se os tivesse, não os amaria mais. Compreende?

- Perfeitamente - respondeu Steerforth.

- Sei que me compreende - continuou o senhor Peggotty - e, mais uma vez, obrigado. O senhor Davy há-de lembrar-se do que ela era, e julgar pelos seus olhos o que é ao presente. Mas nem o senhor nem o senhor Davy podem compreender inteiramente o lugar que a rapariga tem ocupado e sempre ocupará no meu coração. Sou rude, senhores, tão rude como um ouriço do mar, mas ninguém, salvo talvez uma mulher, poderá saber, creio, o que é para mim esta pequena Emily. E entre nós - ajuntou, baixando a voz -, essa mulher não seria a senhora Gummidge, por maiores méritos que tenha.

O senhor Peggotty enfiou de novo nos cabelos os dedos (agora das duas mãos), como quem se prepara para o mais difícil. E prosseguiu, poisando então os punhos nos joelhos:

- Havia certa pessoa que conhecia a nossa Emily desde que o pai dela morrera afogado, que a vira crescer e fazer-se rapariga e depois mulher. Não era

sujeito que a gente se embasbacasse a admirar... era mesmo como eu, um marinheiro rude, verdadeiro lobo-do-mar, mas, em suma, um rapaz digno, com o coração no seu lugar!

Bem me parece que nunca vi Ham rir com a boca tão dilatada como naquela ocasião.

- E eis que este marujinho se lembra de ficar apaixonado - continuou o senhor Peggotty, no cúmulo da satisfação. - Segue a pequena por toda a parte, faz-se a sua sombra, não come nem bebe por causa da menina, até que me conta aquilo que lhe vai lá por dentro. Ora, bem sabem, eu desejava que a nossa Emily viesse a dar o nó, mas queria vê-la apalavrada com um mancebo sério que a pudesse proteger. Não sei quanto tempo ainda tenho de vida, nem se vou morrer de um dia para outro; mas, se vir, numa noite de tempestade, da barra de Earmouth, pela última vez as luzes da cidade, morrerei mais sossegado pensando que está na praia um homem que é fiel à minha Emily (que Deus a abençoe!) e que nada poderá acontecer à minha sobrinha enquanto esse homem viver.

No entusiasmo do seu discurso, o senhor Peggotty agitava a mão direita como se dissesse eterno adeus às luzes da cidade; depois, tendo feito um sinal de cabeça a Ham, cujo olhar encontrara, prosseguiu:

- Pois bem, aconselhei-o a ir falar com a Emily. É um rapagão, mas tímido a valer e custa-lhe a falar de amores. Por fim fui eu quem tomou a palavra. «O quê? Ele?» disse a Emily. «Ele que eu conheço tão intimamente desde sempre e que estimo tanto. Oh, tio é impossível! No entanto, é um rapaz sério.» Dou-lhe um beijo e riposto: «Minha querida fazes bem em dizer o que pensas, faz o que quiseres, tens a liberdade dos passarinhos.» Nada mais. Então vou procurá-lo e falo assim: «Gostaria muito, mas não vejo- meio. Sê amigo dela como antes. Que entre ambos nada se altere. Sê um homem.» E ele, apertando a minha mão: «Está combinado.» Durante dois anos, continuou fiel e leal, sempre o mesmo connosco.

O rosto do senhor Peggotty, que mudara várias vezes de expressão no decurso do relato, retomou então o ar feliz e triunfante do começo e, com uma das mãos no meu joelho e a outra no de Steerforth (tivera o cuidado de as humedecer previamente, para dar mais energia ao gesto), dirigiu-nos esta prática, ora a um ora a outro:

- E eis que uma noite, uma noite que foi a de hoje, a pequena Emily volta do trabalho, e ele acompanha-a. Nada de estranho no caso, dir-me-ão. Com efeito, nada, pois o rapaz toma conta da prima como um irmão, quando anoitece, ou mesmo antes de anoitecer. Todo o tempo! Mas acontece que lhe pega na mão

e nos grita contentíssimo: «Reparem! Aqui está a minha futura mulherzinha!» E a Emily acrescenta, meio tímida meio descarada, rindo e chorando igualmente: «Sim, tio, se é da sua vontade.» Se era da minha vontade! - exclamou o senhor Peggotty, extasiado. - Como se pudesse ser de outra maneira! «Se é do seu agrado, tio, eu agora estou mais ajuizada. Mudei de opinião. Serei para ele uma boa esposa, tanto quanto puder, pois é muito bom rapaz.» Então a senhora Gummidge aplaudiu, como no teatro, e os senhores entraram nessa ocasião. Pronto. Cá está o homem que vai desposá-la, logo que a rapariga acabe o seu aprendizado.

Ham cambaleou (a coisa não tinha nada de extraordinário) sob o golpe que, na sua alegria sem limites, o senhor Peggotty lhe descarregara como prova de amizade e confiança; em seguida, achando-se obrigado a dizer-nos fosse o que fosse, principiou a balbuciar com enorme dificuldade:

- Ela não era mais alta que o senhor Davy... da primeira vez que o senhor veio cá... e eu já calculava o que prometia ser.

Vi-a desabrochar, meus senhores, como uma flor. Daria a vida por ela, senhor Davy. Oh, que felicidade, que alegria! Meus senhores, ela é para mim mais que... tudo o que eu desejo e mais do que nunca poderia dizer. Eu... eu... amo-a para sempre. Não há senhor na terra, nem no mar, que ame a sua dama como eu.

Sentir-me-ia, pois, constrangido se devesse tomar a palavra depois dessa manifestação de amor tão espontânea. Felizmente foi Steerforth quem se encarregou disso, e fê-lo de forma tão hábil que daí a pouco estávamos todos perfeitamente à vontade.

- Senhor Peggotty - disse Steerforth - o senhor é um homem sério e merece ser sempre tão feliz como está esta noite. Dê cá a sua mão, senhor Peggotty, e você, Ham, os meus votos de felicidade! A sua mão, também. Bonina, espevita o lume, é preciso que ele brilhe claro. Senhor Peggotty, se não convencer a sua linda sobrinha a vir ocupar este lugar à lareira, palavra que me vou embora. Não quero por nada deste mundo ser a causa de uma vaga aqui ao canto do fogão, e sobretudo uma vaga como essa, e numa noite como a de hoje!

Ouvindo isto, o senhor Peggotty foi ao meu antigo quarto buscar a pequena Emily. De começo a rapariga opôs-se, e foi necessário que o Ham comparecesse também. Ambos a trouxeram para o devido lugar à lareira: vinha confusa, intimidada, mas cedo recuperou a confiança quando viu com que doçura e respeito Steerforth lhe falava e com que habilidade evitava tudo o que a pudesse embaraçar. Referiu-se a navios, peixes, marés em conversa com o dono da casa.

Lembrou-me o dia em que ele conhecera Ham no internato de Salem. O barco, e tudo o que se lhe relacionava, parecia encantá-lo. Em resumo, mostrou tamanho tacto e à-vontade que acabou, a pouco e pouco, por nos enredar num círculo mágico e aí ficámos a tagarelar sem o menor constrangimento.

Emily não falou muito durante esse tempo, mas olhava, escutava; o rosto belo animou-se. Depois da sua conversa com o senhor Peggotty, Steerforth descreveu-nos um naufrágio pavoroso, tal como se o estivesse a ver nessa mesma ocasião, e a rapariga não desviou dele os olhos e pareceu, também, ver o naufrágio. Seguidamente, para variar, o meu amigo contou (com tal jovialidade como se o caso fosse tão novo para o narrador como para nós) uma aventura divertida que lhe sucedera, e a Emily riu a bom rir, fazendo ressoar no barco o seu riso argentino; contagiados por essa hilaridade simples, todos nós soltámos gargalhadas, incluindo o próprio Steerforth. Obrigou ainda o senhor Peggotty a cantar (ou antes, urrar) a canção Quando sopram os ventos de tempestade, e ele também entoou um canto de marinheiro tão belo e comovente que eu tive quase a impressão de que o vento que rondava a casa e murmurava surdamente, enquanto nos calávamos, se detivera por fim para lhe escutar a voz.

Conseguiu distrair a senhora Gummidge, essa vítima da melancolia, como ninguém (segredou-me o senhor Peggotty) pudera ainda fazê-lo depois da morte do marido. Deixou-lhe tão pouco tempo de estar triste que ela, no dia seguinte, declarou que se sentira enfeitiçada.

Contudo, Steerforth não foi o único a fazer as despesas da conversa nem monopolizou a atenção geral. A pequena Emily afoitou-se e aludiu, embora timidamente, aos nossos passeios na praia, quando apanhávamos conchinhas e seixos, e eu perguntei-Lhe se não se esquecera da admiração que lhe tributava. E, enquanto ríamos e corávamos ao recordar os bons tempos de outrora, que nos pareciam quase irreais, Steerforth ficou um instante silencioso e atento, a observar-nos com ar pensativo. Toda a noite, Emily conservou-se sentada no velho baú, no seu cantinho familiar à lareira. Ham ocupava junto dela o lugar que fora o meu, mas eu perguntava a mim mesmo se seria para o arreliar ou por pudor (devido à nossa presença) que a rapariga passou a noite sem nunca se chegar para o noivo.

Creio que já era meia-noite quando nos despedimos. Havíamos ceado bolachas e peixe seco, e Steerforth tirara do bolso um frasco de genebra holandesa, que nós outros homens (agora posso dizê-lo sem corar) esvaziámos por completo. Trocámos adeuses cordiais e a família Peggotty ficou no limiar da porta, a alumiar-nos, até desaparecermos. De longe ainda vi, atrás de Ham, os

olhos da pequena Emily, que nos contemplava, e ouvi a sua voz meiga recomendar-nos que déssemos atenção ao caminho.

- Que deliciosa criaturinha! -disse-me Steerforth, enfiando o braço no meu. - O sítio é patusco e esta gente é original. Lidar com eles dá-nos uma sensação diferente.

- Tivemos sorte - respondi - em sermos testemunhas da sua alegria pelo próximo casamento. Nunca vi ninguém tão feliz. Regala tanto presenciar estas coisas e tomar parte numa satisfação honesta!

- O noivo é um bocado rústico para ela, não te parece? - observou Steerforth.

O meu companheiro tratara Ham e os outros com tanta cordialidade, que esta resposta tão seca, tão inesperada, me causou impressão desagradável; mas, virando-me de repente para ele, notei-lhe um clarão de malícia no olhar e fiquei tranquilo.

- Ah, Steerforth! - repliquei. - Podes troçar destes simplórios. Podes discutir com a senhora Dartle a esse respeito, ou esconder os teus verdadeiros sentimentos, para me espicaçar. Mas eu percebo que tu, quando queres, os compreendes, e que sabes partilhar da sua felicidade, como acabas de fazer esta noite com este pobre pescador, ou lisonjear a adoração que me consagra a minha velha criada. No fim de contas, nenhumas das suas alegrias ou das suas dores te são indiferentes, e isto leva-me a estimar-te, Steerforth, vinte vezes mais!

Passo acelerado regressávamos a Yarmouth.

XXII. VELHOS CENÁRIOS E PERSONAGENS NOVAS

Eu e Steerforth passámos mais de quinze dias na região. Andávamos, como é natural, a maior parte do tempo juntos; no entanto, acontecia às vezes separarmo-nos durante horas. Ele era bom marinheiro, ao passo que eu preferia a terra; por isso ficava geralmente para trás, quando o meu amigo e o senhor Peggotty partiam de barco. Também não gozava de liberdade absoluta, pois aceitara a hospitalidade da minha antiga criada e, sabendo quanto esta última se desvelava a tratar todo o dia do marido doente, não desejava regressar muito tarde a casa. Mas Steerforth, que dormia na estalagem, podia fazer o que lhe apetecesse e dispor à sua vontade do tempo: vim até a saber que oferecia (quando eu já estava deitado) pequeninas festas no «Willing Mind», de que o senhor Peggotty era assíduo; ou que passava noites inteiras embarcado, se havia luar, vestido de pescador, para só voltar na manhã seguinte, com a maré alta. Nada disto, porém, me surpreendia, porque não ignorava que o seu espírito infatigável e intrépido gostava de arrostar com trabalhos rudes e tempestades, além de outras sensações fortes que por acaso se lhe apresentassem.

Além disso, eu queria naturalmente rever Blunderstone e as paisagens familiares da minha infância, ao passo que Steerforth, tendo ido lá só uma vez, já não achava motivo de aí regressar. Aconteceu-nos, pois, três ou quatro vezes, em seguida ao primeiro almoço, partirmos com rumos diferentes e só nos reencontrarmos à noite para cear. Em que ocupara ele o tempo? Não fazia a mais pequena ideia. Sabia apenas que o meu amigo era muito popular no país e que descobrira cem maneiras de empregar a sua actividade em coisas que outro qualquer não acharia que fazer.

Quanto a mim, durante as peregrinações solitárias, jamais deixava de admirar todos os pormenores do velho trajecto e de percorrer os lugares da minha infância. Frequentava-os de acordo com as saudades que sentia, demorava-me entre eles como, outrora, os meus pensamentos quando longe da terra natal. Passava horas inteiras a deambular próximo do jazigo de ao pé da árvore, em que dormiam os meus pais, esse jazigo que eu vi da casa, no tempo em que esta ainda não pertencia a estranhos; esse jazigo de que a Peggotty sempre cuidara tão devotadamente e que circundara de um jardim. Situava-se num ângulo tranquilo, um pouco afastado do passeio, mas suficientemente perto

para que eu pudesse ler os nomes gravados na pedra. Distraía-me então a andar cá e lá, sobressaltando-me todas as vezes que soavam horas no campanário da igreja, pois que me parecia escutar uma voz defunta. Durante essas visitas, os meus pensamentos eram sempre os mesmos: «Que papel estava eu destinado a desempenhar na vida? Que iria realizar de notável?» Os passos que eu dava não produziam eco noutro ambiente, mas apenas acolá, como se tivera voltado ao antigo lar para edificar as minhas ilusões junto de uma mãe ainda viva.

A nossa velha residência mudara muito. Haviam desaparecido os ninhos espedaçados que as gralhas abandonaram muito tempo antes. As árvores, podadas, desbastadas, surgiam-me irreconhecíveis. O jardim tornara ao estado selvagem. Quase todas as janelas estavam fechadas. Ali morava um pobre demente e os que dele se ocupavam: o infeliz passava o tempo sentado defronte da minha janelinha, a que dava para o cemitério: o seu cérebro doente conheceria algumas das fantasias que tinham povoado o meu, quando de lá escorregava mansamente, pela manhã, a fim de ir lançar uma vista de olhos aos rebanhos que pastavam nos prados?

Os nossos vizinhos de outrora, o senhor e a senhora Grayper, tinham embarcado para a América do Sul, e a chuva, abrindo caminho através do telhado da casa deserta, deixara grandes manchas nas paredes exteriores. O doutor Chillip tornara a casar-se, agora com uma mulher alta e descarnada, de nariz comprido; tinham um rebento enfermiço, de cabeça grande e pesada e olhinhos fixos que pareciam inquirir a razão de o haverem deitado ao mundo.

Era ao mesmo tempo com tristeza e alegria que eu errava por esses sítios da minha infância, até à hora em que, vendo avermelhar-se o sol de Inverno, sabia ser ocasião de tomar o caminho de regresso; mas, uma vez em casa, e sobretudo quando jantava festivamente em companhia de Steerforth, diante de um bom lume, tornava a pensar nas coisas que vira e recordara. Experimentava à noite a mesma impressão (todavia menos viva) ao achar-me no meu aposento tão asseado: folheava então o Livro dos Crocodilos, que continuava em cima da mesa, e lembrava-me com a alma cheia de gratidão, que bênção era para mim ter um amigo como Steerforth, uma amiga como Peggotty e uma tia generosa que substituía admiravelmente os entes queridos que eu perdera.

O processo mais fácil para voltar a Yarmouth, quando regressava desses longos passeios, era tomar um barco de passagem, que me deixava na extensa praia que fica entre o mar e a cidade. Podia, ao atravessá-la, evitar um grande desvio, pois não precisava de seguir pela estrada. E, apenas a cem metros do caminho que eu devia percorrer, encontrava-se a residência do senhor Peggotty,

o que me induzia a fazer-lhe uma visita curta. Steerforth esperava-me quase sempre e nós dirigíamo-nos, à hora em que a noite refresca e a névoa se adensa, para o lado das luzes cintilantes da cidade.

Por uma tarde escura, em que voltava mais tarde que o costume (estivera nesse dia em Blunderstone pela última vez, pois se aproximava o dia da partida), deparei Steerforth sentado, só e pensativo, à lareira do senhor Peggotty. Achava-se tão absorto que não me sentiu entrar. De qualquer maneira, tinha probabilidade de não me ouvir, atendendo a que a areia me sufocava o ruído dos passos, mas, depois de eu permanecer no quarto uns momentos, o certo é que ele não saiu do seu torpor. Fiquei preocupado por o ver assim perdido nas suas cogitações.

Pus-lhe a mão no ombro, e Steerforth sobressaltou-se tanto que por meu turno me sobressaltei igualmente.

- Chegas como um espectro vingador! - murmurou. A sua voz quase denotava cólera.

- Tinha de me anunciar de qualquer forma - respondi. - Fiz-te descer da lua?

- Não - replicou ele. - Não.

- Nesse caso, onde estavas? - inquiri, sentando-me a seu lado.

- Contemplava as imagens que dançam nas chamas.

- Agora impedes-me de as ver - observei-lhe, pois o meu amigo fora atiçar rapidamente o lume com uma acha inflamada, provocando girândolas de faíscas que se engolfaram, crepitando, na chaminé.

- Não as terias visto - respondeu. - Detesto esta hora crepuscular. Não é dia e ainda não é noite. Vens tão atrasado! Onde estiveste?

- Dei o meu passeio habitual, pela última vez.

- E eu - ripostou Steerforth circunvagando a vista - conservei-me aqui. Pensava como poderiam dispersar-se, ou morrer vítimas não sei de que catástrofe, os que se encontravam neste quarto tão alegres quando da noite da nossa chegada, e isto a avaliar pelo aspecto desolado que noto. David, quem me dera ter tido, nestes últimos vinte anos, um pai judicioso!

- Que aconteceu, meu caro James?

- Gostaria, de todo o coração, de haver sido mais bem aconselhado. Gostaria, com o mesmo ardor, de ser capaz de me reger a mim mesmo.

Havia na sua atitude qualquer coisa de tão desanimado que eu fiquei

estupefacto. Nunca pensara que ele pudesse ser tão diferente como o via nesse instante.

- Mais valera para mim ser esse pobre Peggotty ou o lorpa do sobrinho - declarou levantando-se e indo apoiar-se ao fogão, com ar sombrio - que ser o que sou, assim rico e instruído, e atormentar-me como o faço há meia hora neste barco diabólico.

A alteração que se produzira em Steerforth abalava-me tanto que o examinei durante uns minutos, em silêncio, enquanto ele, com a cabeça apoiada na mão, olhava tristemente para o fogo. por fim supliquei-lhe que me revelasse o que o contrariava tanto e me permitisse, senão dar-lhe conselhos, pelo menos partilhar da sua dor. Antes que eu terminasse, Steerforth começou a rir, nervosamente de início, depois com a jovialidade natural.

- Não é nada, Bonina! Quando nos encontrámos em Londres, disse-te que a minha própria companhia me era às vezes pesada. E ela fazia-me o efeito de um pesadelo, ainda agora quando chegaste: talvez até o houvesse tido. Nessas ocasiões, erguem-se-me do fundo da memória histórias da carochinha, e eu deixo-me embalar. Creio mesmo que me confundi com o rapazinho que troçava de tudo e que atiraram como alimento aos leões. Percorreu-me um arrepio da cabeça aos pés e assustei-me comigo mesmo.

- Fora isso, não tens medo de nada, se não me engano.

- Talvez. Contudo há muitas coisas com que poderia assustar-me. Pronto, acabou-se - disse ele. - Não tornarei a estar melancólico, David, mas repito-te, meu caro, que mais valera que houvesse tido um pai cheio de firmeza e bom senso.

O senso de Steerforth era sempre expressivo, porém nunca lhe vira, como então, quando o meu amigo contemplava as chamas, tanta convicção e tristeza.

- Não falemos mais deste assunto -propôs, fazendo o gesto de lançar qualquer coisa. - Pronto, acabou-se - repetiu.

«Porque, tendo morrido, sou de novo um homem», como Macbeth. E agora, vamos jantar, se é que não fui desmancha-prazeres, ainda como Macbeth.

- Mas para onde teriam ido todos? - exclamei.

- Sabe Deus! - volveu Steerforth. - Em passeio, fui até ao ancoradoiro, antes de chegares, e em seguida vim devagar até cá... e não achei ninguém! Então comecei a reflectir, e era isso que fazia quando entraste.

A chegada da senhora Gummidge, com um cabaz, deu-nos a explicação de

a casa estar vazia. Fora comprar qualquer coisa de que precisava, antes que o senhor Peggotty voltasse, e deixara a porta encostada a fim de que Ham e Emily, que nessa noite regressariam cedo, pudessem entrar durante a sua ausência. Steerforth divertiu-a muito ao saudá-la jovialmente e ao fingir, còmicamente, que a queria beijar; depois agarrou-me no braço e arrastou-me à pressa.

Alegrara a senhora Gummidge e recuperara a boa disposição, porque a sua conversa, durante o nosso trajecto, foi tão folgazã como de costume.

- Então - disse-me em tom afável - é amanhã que abandonamos a nossa existência de piratas?

- Foi o que decidimos - respondi -, e sabes que temos lugares marcados na diligência.

- Nesse caso, é inevitável - disse Steerforth. - Quase me esqueci de que havia mais coisas que fazer neste mundo vil além de se deixar embalar pelas ondas. E é pena!

- Tal a atracção da novidade!-repliquei, sorrindo.

- Provavelmente, embora isso seja uma reflexão sarcástica para uma pessoa tão inocente como o meu jovem amigo. Ah, bem sei que sou caprichoso, David, mas também sou capaz de qualquer coisa mais positiva. Quem diz que não poderia ser aprovado num exame para piloto, aqui nestas águas?

- O senhor Peggotty acha que és extraordinário.

- Um fenómeno náutico, hem?

- Decerto, e tu não ignoras como é verdade. Pões tanto ardor em tudo o que fazes, e consegues fazê-lo sem esforço. O que mais me admira, Steerforth, é contentares-te com o aspecto fantasista das tuas possibilidades.

- Contentar-me? - replicou. - Só uma coisa me contenta, Bonina: é a tua candura. Quanto ao aspecto caprichoso, nunca aprendi a arte de me atrelar às rodas em que hoje em dia giram os nossos Ixiões. Perdi-me num mau aprendizado, e agora é tarde. Sabes que comprei um barco?

- És incrível, James! - exclamei. - E se calhar não tencionas voltar cá...

- Não tenho a certeza. Afeiçoei-me a esta região. A verdade é que adquiri um barco que estava à venda. O senhor Peggotty diz que é um navio veleiro; na minha ausência será ele o patrão.

- Agora compreendo tudo, Steerforth! - bradei, entusiasmado. - Finges tê-lo comprado para ti, mas na realidade queres ser útil ao senhor Peggotty. Devia tê-

lo adivinhado, conhecendo-te como te conheço. Meu bom amigo, quanto aprecio a tua generosidade !

- Cala-te! Quanto menos disseres, melhor será - respondeu corando.

- Bem o sabia. Não disse já que tu compartilhavas das alegrias, dores e comoções desta boa gente?

- Sim, sim, disseste. Portanto, não se fala mais nisso. Parecia ligar ao caso tão pouca importância que eu me calei, receando ofendê-lo, mas continuava a pensar no facto enquanto prosseguíamos o nosso caminho com passo rápido.

- O barco precisa de ser aparelhado de alto a baixo - disse Steerforth. - Littimer vai ficar aqui para vigiar, de modo a que não lhe falte nada. Não sabias que ele chegou esta manhã?

- Não.

- Pois é verdade. E trouxe-me uma carta da minha mãe.

Os nossos olhares cruzaram-se e eu notei que ele empalidecera. Tinha os lábios brancos. Todavia, fitava-me sem pestanejar. Temi que um mal-entendido entre Steerforth e a mãe fosse a causa desse acesso de melancolia que o acabrunhara à lareira dos Peggottys, e comuniquei-lhe a minha suspeita.

- Ah, não! - redarguiu, abanando a cabeça, com um riso breve.-Nada disso! Pois o meu dedicadíssimo criado chegou hoje.

- Sempre o mesmo?

- Sempre. Tão distante e calmo como o Pólo Norte. Vai-se mudar o nome da embarcação, que se chama Procelária.

- E como há-de ser agora?

- Emily...

Steerforth continuava a fitar-me e eu supus que o seu propósito era prevenir-me de que não queria elogios. Contudo, não pude evitar que a satisfação se me estampasse na cara; quanto a falar, coibi-me de o fazer. O meu amigo retomou então o seu ar risonho, como se aliviado.

- Mas espera - observou ele, olhando em frente. - Parece que a Emily vem ali. Com o noivo, hem? Um autêntico cavaleiro andante. Nunca a larga.

Ham, por essa época, era carpinteiro naval. Cultivando disposições naturais, tornara-se excelente operário. Vestido com o seu traje de trabalho, rude mas viril, parecia ser o digno protector da criaturinha fresca e pura que o acompanhava.

Tinha um semblante tão franco, mostrava tão sinceramente o amor que sentia e o orgulho que isso lhe despertava, que o achei, no íntimo, ser merecedor de mil venturas e estarem os dois perfeitamente talhados um para o outro.

Quando parámos para lhes falar, ela retirou timidamente a mão do braço de Ham e no-la estendeu, corando. Trocámos algumas palavras, depois eles prosseguiram o seu caminho, mas desta vez, sempre um pouco tímida e constrangida, Emily não retomou o braço do noivo. Tudo isto me pareceu encantador, e Steerforth afigurou-se-me abundar nas mesmas ideias. Vimo-los desaparecer ao longe, sob a claridade da lua-nova.

De repente passou por nós uma rapariga. Dir-se-ia segui-los. Não a tínhamos notado, mas, reparando melhor, achei que já a havia encontrado algures. Era de aspecto ousado e vestida de maneira berrante, mas ao mesmo tempo pobre; naquele instante, julgar-se-ia não ter outro fito senão o de ir no encalço do casal, que se perdera já numa linha de sombra entre as nuvens e o mar; daí a pouco ela também se dissipava ao longe.

- Que quererá isto dizer? - perguntou Steerforth, detendo o passo. - É um vulto sinistro...

Falava com voz sufocada, que eu considerei deveras estranha.

- Penso que os segue para lhes pedir esmola - repliquei.

- Não seria caso inaudito uma mendiga, mas acho esquisito que tome essa forma, nesta noite.

- Porquê?

Steerforth meditou e respondeu:

- Pela simples razão de que eu pensava justamente em qualquer coisa análoga no momento em que ela passou por nós. Donde diabo poderia surgir?

- Da sombra desse muro, decerto - sugeri.

- E desapareceu! - exclamou o meu companheiro, olhando por cima do ombro. - Oxalá desapareça também o mau agoiro. Agora vamos jantar.

No entanto, ainda olhou várias vezes para trás, para a linha do horizonte que brilhava ténue à distância, e várias vezes exprimiu, durante o curto trajecto que nos faltava, o seu espanto em frases breves e concisas. Só pareceu ter esquecido este incidente na ocasião em que nos achámos instalados confortável e alegremente à mesa, iluminados pelas velas e pela lareira.

Littimer estava presente e não deixou de me produzir o efeito costumado.

Pedi-lhe notícias das senhoras e ele respondeu-me respeitosamente (e, já se sabe, com ar muito respeitável) que elas não iam mal e que me enviavam cumprimentos. Nada mais, e contudo tive a impressão de que acrescentava: «Como o senhor é novo, excessivamente novo!»

Acabávamos de jantar quando Littimer, saindo do seu canto (donde parecia espiar-nos, ou melhor, espiar-me), deu uns passos para nós e disse ao seu patrão:

- Desculpe, senhor, mas a senhora Mowcher está aqui.

- Quem? - exclamou Steerforth, surpreendido.

- A senhora Mowcher.

- Essa agora! Que diabo faz ela cá?

- Parece que é natural destes sítios. Disse-me que vem todos os anos por motivo de negócios. Encontrei-a na rua esta tarde e perguntou-me se poderia aparecer depois do jantar.

- Conheces a giganta de quem se fala, Bonina?

Fui obrigado a confessar, envergonhado por me ver inferior a Littimer neste assunto, que a senhora Mowcher me era totalmente desconhecida.

- Então tens de a conhecer - ripostou Steerforth. - É uma das sete maravilhas do mundo. Quando chegar a senhora Mowcher - acrescentou, dirigindo-se ao criado - manda-a entrar.

Eu fiquei cheio de curiosidade e excitadíssimo com a ideia de ver essa pessoa, tanto mais que o meu amigo desatava a rir sempre que eu fazia alusão à senhora Mowcher, recusando-se a dar explicações. Esperei, pois, com viva impaciência. Havia já meia hora que tinham levantado a toalha e nos sentáramos ao canto do lume, diante de uma garrafa de vinho, quando se abriu a porta e Littimer anunciou com a impassibilidade que nunca o largava:

- A senhora Mowcher!

Olhei para o lado da porta, mas não vi nada. Continuei a olhar, pensando que a senhora Mowcher se demorava em excesso, quando, com profunda estupefacção, lobriguei atrás do canapé que avultava entre mim e a porta uma anã ofegante, a avançar balanceando o corpo. Devia ter uns quarenta a quarenta e cinco anos. A cabeça era enorme, a cara espessa, olhos cinzentos maliciosos, e braços tão curtos que, ao pretender pôr o dedo no nariz achatado (numa atitude trocista e olhando de soslaio para Steerforth), teve de deixar o braço a meio caminho e de agachar a cabeça. O queixo (ou antes, a papada) parecia tão gordo

que escondia por inteiro as fitas e até o laço da touca. Não se lhe via pescoço nem cintura, e quase nada de pernas, pois, embora fosse acima da média até ao ponto em que, normalmente, devia ser a cintura, e se bem que terminasse, como o comum dos mortais, por um par de pés, era mulher tão pequenina que uma cadeira lhe serviu de mesa para nela colocar a bolsa que transportava. Esta criatura, vestida de modo original, uniu o dedo indicador ao nariz com a dificuldade que salientei; inclinava necessariamente a cabeça para uma banda, fechava um dos olhinhos e tomava um ar de perversidade postiça. Depois de ter observado Steerforth por momentos, deixou escapar uma torrente de palavras:

- O quê, minha flor? - começou jovialmente, sacudindo a cabeça enorme. - Está então aqui?! Que faz este menino travesso? Que faz tão longe da sua mamã? Nada de bom, seria capaz de apostar. Ah, o senhor é um sonso, e eu também sou uma sonsa. Hem? Ah, com certeza não esperava encontrar-me aqui, não é verdade? Meu amigo, eu estou ao mesmo tempo em toda a parte, como a moeda que o prestidigitador descobre no lenço da senhora. A propósito de lenços e de damas, que consolo deve ser para a sua bondosa mamã. Estou quase a pôr as mãos no fogo!

Neste comenos a senhora Mowcher desatou as fitas da touca, lançou-as para trás, e sentou-se, arquejando, num tamborete diante do fogão, mesmo sob a mesa de mogno, cujo rebordo lhe servia, de certo modo, de abrigo.

- Oh, deuses - prosseguiu ela, batendo nos joelhos e olhando-me irónica. - Sou muito gorda, Steerforth. Depois de ter subido a um andar, mal posso cobrar alento, como se houvesse carregado um balde de água. Se me visse da janela do último piso crer-me-ia bonita mulher, hem?

- Crê-lo-ia de qualquer maneira - respondeu Steerforth.

- Ah, que pantomineiro! - bradou a anã, ameaçando-o com o lenço com que enxugava a testa. - Nada de imprudências! O que lhe dou é a palavra de honra de que a semana passada me encontrava em casa de Lady Mithers... Essa é que se defende bem!

Esperava-a, quando vejo aparecer Mithers em pessoa... Esse também sabe defender-se! Tem a peruca bem conservada, há dez anos que a usa, e inundou-me de cumprimentos, a tal ponto que estive para gritar por socorro. Ah, ah, ah! Não é desagradável, mas tem falta de princípios.

- Que fazia em casa de Lady Mithers? - inquiriu Steerforth.

- São coisas que não lhe dizem respeito, meu menino - retorquiu ela, batendo no nariz, fazendo caretas, piscando os olhos, a pontos de me parecer um

duende em carne e osso. - Queria saber se eu impeço os cabelos dela de caírem, ou se os tinjo, ou ainda se lhe arranjo a cara e as sobrancelhas, hem? Sabê-lo-á, quando eu lho disser. Lembra-se do nome do meu bisavô?

- Não.

- Era Walker, meu menino, descendente de uma linhagem de Walkers, de quem herdei a propriedade de Hookey.

Jamais me fora dado observar um piscar de olhos como o da senhora Mowcher, nem uma confiança tão grande como a da mesma dama. Quando escutava uma resposta, tinha um modo extraordinário de inclinar a cabeça para o lado, um ar manhoso, de olho alerta, como as pegas. Eu estava deveras estupefacto e continuei a examiná-la, sem me preocupar com as normas da civilidade.

Ela entretanto puxara para si a cadeira e começara a esvaziar a bolsa. Aí mergulhava o bracinho curto até ao ombro e tirava sucessivamente frascos, esponjas, pentes, escovas, bocadinhos de flanela, ferros de frisar e outros instrumentos. Pôs tudo isto sobre a cadeira e, suspendendo de repente a tarefa, perguntou a Steerforth, com grande atrapalhação para mim:

- Quem é o seu amigo?

- É o senhor Copperfield, que a deseja conhecer.

- Isso é facílimo. Bem parece ser o que ele desejava - replicou a senhora Mowcher, que, sorridente, de bolsa na mão, se aproximou de mim bamboleando-se. - Que face de pêssego! - exclamou, pondo-se em bicos de pés para me beliscar a cara. - Gosto muito de pêssegos. Muito prazer em conhecê-lo, senhor Copperfield.

Informei-a de que me considerava feliz por ter a honra de lhe ser apresentado, por isso o prazer era recíproco.

- Oh, meu Deus, como somos delicados! - murmurou, fazendo menção de esconder, còmicamente, a cara larga por trás da mão minúscula. - Que mundo de embustes!

Dizia isto em tom confidencial, dirigindo-se ora a um ora a outro, e tirando a mão da face para a mergulhar outra vez na bolsa.

- Que quer dizer, senhora Mowcher? - perguntou Steerforth.

- Ah, ah, ah, não há dúvida de que somos todos bons farsantes, não é verdade, meu menino? - replicou a anã. - Olhe, - acrescentou, extraindo qualquer

coisa do saco. - Eis fragmentos de unha do príncipe russo, príncipe alfabeto de trás para diante, porque tem no seu nome todas as letras baralhadas.

- Esse príncipe russo é seu cliente? - indagou Steerf orth.

- É como diz. Sou eu quem, duas vezes por semana, lhe cuida das unhas das mãos e dos pés.

- E paga bem?

- Paga como fala... pelo nariz - explicou a senhora Mowcher. - Não tosquia as pessoas, como alguns que eu conheço. Mas também não tosquia os bigodes, que são ruivos de natureza e pretos pela arte.

- Devido aos seus artifícios, naturalmente - disse Steerforth. A senhora Mowcher piscou os olhos afirmativamente.

- Viu-se obrigado a recorrer a mim. Não pôde evitá-lo. O nosso clima prejudica-lhe a pintura. Na Rússia estava bem, mas aqui era impossível. Nunca se viu um príncipe tão cor de ferrugem...

- É por isso que o considera farsante?

- O senhor é a nata da rapaziada, meu caro - retorquiu a senhora Mowcher, meneando novamente a cabeça. - Referi-me a todos nós em geral, e exibi fragmentos das unhas do príncipe, para o demonstrar. As unhas do príncipe ajudam-me muito, mais do que todos os serviços que presto nos meios elegantes. Trago-as sempre comigo. São as melhores referências: se a Mowcher corta as unhas do príncipe, seguramente que é alguém. Ofereço-as às meninas, que as guardam nos seus álbuns, suponho eu. Ah, ah, ah! O conjunto do sistema social (como dizem os oradores no Parlamento) é baseado apenas nas unhas dos príncipes - rematou aquela mulher de palmo e meio, diligenciando cruzar os braços e oscilando sempre a cabeça.

Steerforth riu com vontade e eu acompanhei-o. A senhora Mowcher, entretanto, continuava a baloiçar a cabeça (que tinha sempre de banda), a levantar um dos olhos ao tecto e a piscar-nos o outro.

- Ora, ora! - prosseguiu ela, batendo nos joelhos e procurando erguer-se. - Isto não é vida. Chegue-se, Steerforth, deixe-me explorar as regiões polares e acabe-se a coisa de vez.

Escolheu então dois ou três instrumentos pequeninos e um frasco, e eu, admirado, ouvi perguntar se a mesa era sólida. Steerforth respondeu-lhe afirmativamente, e ela, apoiando a cadeira à mesa e pedindo-me que lhe desse a mão, trepou com agilidade, como se subisse para um palco.

- Se algum dos senhores me viu os tornozelos - observou ela, depois de estar empoleirada - terei então de me suicidar.

- Eu não vi nada - declarou Steerforth.

- Eu também não - disse por meu turno.

- Nesse caso, consinto em viver - volveu a senhora Mowcher. - Agora, meu menino, preste-se ao sacrifício.

Convidava assim o meu amigo a entregar-se-lhe nas mãos, e Steerforth sentou-se de costas para a mesa, voltando para mim o rosto risonho. Deixou que ela lhe inspeccionasse a cabeça, evidentemente com o propósito apenas de nos divertir: era um espectáculo fantástico, esse de ver a senhora Mowcher, de pé por trás dele, a examinar-lhe o cabelo castanho e abundante através duma lupa enorme que tirara da algibeira.

- Está muito bem - participou após um exame breve. - Sem mim estaria calvo em menos de um ano. Espere um instantinho, que já vamos fazer uma fricção para lhe conservar as ondas por mais dez anos.

Com isto, despejou um pouco do conteúdo do frasco num pedaço de flanela e numa das escovas, e começou a friccionar e escovar o crânio de Steerforth com energia extraordinária, sem todavia se calar um só momento.

- Charley Piegrave, filho do duque - disse ela curvando-se para olhar Steerforth por baixo do nariz - tem umas suíças... conhece Charley?

- Assim, assim.

- Que homem! Quanto às pernas... se ao menos possuísse as duas, o que não é o caso... poderia desafiar qualquer competição. Imagine o que quiser, mas sempre lhe digo que quis passar sem mim... ele que é oficial da Guarda!

-Que louco!-comentou Steerforth.

- Pois, louco ou não, foi o que pretendeu. E então foi a um perfumista pedir um frasco de água de Madagáscar.

- Fez isso? O Charley?

- É verdade. Mas o perfumista não tinha.

- Que é? Alguma coisa que se beba?

- Que se beba! - repetiu a senhora Mowcher.

E deteve-se para lhe dar uma pancadinha na face.

- Serve para os bigodes. Estava lá na loja uma mulher que nunca ouvira

falar daquilo e que perguntou a Charley: «Não será... carmim?» E ele: «Carmim»? Ora... (aqui um nome que não se diz na sociedade). Que julga que iria fazer com carmim? «Desculpe», tornou ela, «pensei que fosse Isto. Designam-no por tantos nomes!» Pois aí está, meus meninos - prosseguiu a senhora Mowcher - a razão por que falei há pouco de farsantes. - E continuou a friccionar o cabelo de Steerforth. - Eu também uso esse processo.

- Que processo? - acudiu o meu amigo. - Refere-se ao carmim?

- Digo que também uso esse processo, meu caro: há quem lhe chame pomada para os lábios, há quem o designe de outras maneiras; eu, por mim, dou-lhe o nome que os clientes querem e forneço-o. Quando aplico os meus cuidados às senhoras, perguntam-me às vezes: «Que tal me achas, Mowcher? Estou ainda pálida?» Ah, ah, ah! Não é reconfortante, meu menino?

Nunca na minha vida eu assistira a cena semelhante: a senhora Mowcher, empoleirada numa mesa da casa de jantar, esfregando com ardor a cabeça de Steerforth e piscando-me os olhos, encantada com o que acabava de relatar.

- Ah! - recomeçou ela - por estes sítios não pedem muitas coisas deste género. Isto obriga-me a partir. Não vi uma única mulher bonita desde que estou aqui, Jimmy!

- Palavra?

- É o que lhe digo.

- Podíamos mostrar-lhe uma em carne e osso - sugeriu Steerforth, olhando para mim. - Que tal, Bonina?

- Realmente...

- Oh!-exclamou a senhora Mowcher, que me lançou uma olhadela. Depois curvou-se a fim de olhar Steerforth de baixo para cima.-Hum...

A primeira exclamação tinha o aspecto de ser uma pergunta feita a nós dois, a segunda dirigia-se somente a Steerforth. Como nos calássemos, ela continuou a friccionar, de cabeça à banda e um dos olhos erguido ao tecto, como se dali viesse a explicação das suas dúvidas.

- É sua irmã, essa beldade? - indagou a senhora Mowcher, depois de um silêncio e sempre na mesma atitude. - Hem, senhor Copperfield?

- Não - replicou Steerforth, sem me dar tempo a esclarecê-la. - Pelo contrário, Copperfield, se não me engano, era outrora um dos seus admiradores.

- O quê? Já não a admira? Oh, é assim tão volúvel? Anda de flor em flor,

sugando-as e mudando de contínuo, até que Polly lhe retribua a paixão? Chama-se Polly?

Interpelou-me com uma vivacidade de duende, acompanhada de um olhar inquisitorial. Por instantes, fiquei desconcertado.

- Não - respondi. - Chama-se Emily.

- Ah! Senhor Copperfield, sou uma verdadeira matraca, não sou?

No tom de voz e no olhar houve qualquer coisa que me desagradou, tanto mais que se tratava da minha querida Emily. Redargui:

- Trata-se de uma rapariga tão virtuosa quanto bonita: está noiva de um homem digno, que a merece e que pertence ao seu meio. Aprecio-lhe tanto o bom senso como a sua beleza.

- Muito bem dito! - interveio Steerforth.-Agora vou satisfazer a curiosidade desta senhora, revelando-lhe tudo. Está presentemente como aprendiza, no estabelecimento Omer e Joram, capelistas, chapeleiros, etc., etc., nesta mesma cidade. Há, pois, como acaba de dizer o meu amigo, uma promessa de casamento entre ela e o primo cujo nome de baptismo é Ham e cujo apelido é Peggotty. O rapaz trabalha nos estaleiros navais desta cidade, a rapariga vive com um tio: não sei qual é o primeiro nome, mas o apelido também é Peggotty; profissão, pescador. Ela é a pequena mais linda e sedutora que eu conheço. Admiro-a deveras, como acontece ao meu companheiro. Se eu não tivesse medo de denegrir o noivo (o que sei que desagradaria a Copperfield) acrescentaria que a Emily malbarata as suas qualidades, pois que poderia conseguir coisa melhor. Palavra de honra que a considero nascida para ser uma senhora da sociedade.

A senhora Mowcher, de cabeça à banda e uma vista alçada ao tecto, escutou estas palavras com atenção e pareceu procurar uma resposta. Quando Steerforth se calou, ela readquiriu de súbito a costumada viveza e tagarelou com uma loquacidade surpreendente.

- Ah! Aí temos a história completa - exclamou enquanto aparava as suíças de Steerforth com uma tesoura que lhe cintilava de roda da cabeça. - Muito bem, muito bem. Contos largos... Isso devia acabar com o infalível «Viveram felizes muitos anos...» Não é verdade? Como é aquele jogo das prendas? Amo-a com um E porque é Encantadora, detesto-a com um E porque já está Empenhada... Levei-a a uma Estalagem e propus-lhe um Embarque. Mora para as bandas do Este... O seu nome é Emily. Ah, ah, ah! Não sou divertida, senhor Copperfield?

Olhou-me com ar extraordinariamente ladino e, sem aguardar resposta, prosseguiu de um fôlego:

- Se jamais um birbante se aperfeiçoou ao máximo, esse foi o senhor, caro Steerforth; e se jamais houve uma cabeça em que eu possa ler à vontade, essa é a sua. Percebe o que lhe digo, meu menino? Conheço-o - continuou ela inclinando-se para lhe observar o nariz. - Agora pode retirar-se, como se diz no tribunal. Se o senhor Copperfield se digna tomar-lhe o lugar, eu operarei nele em seguida.

- Que te parece, Bonina? - perguntou-me Steerforth, rindo e oferecendo-me o lugar. - Queres que te embelezem?

- Obrigado, senhora Mowcher. Hoje, não.

- Não diga não - replicou a anã, olhando-me com ar entendido.- Um pouco mais de sobrancelhas?

- Agora, não, obrigado.

- Posso alongá-las um nadinha para as fontes - propôs a senhora Mowcher. - Consegue-se em quinze dias.

- Não, obrigado. Para outra vez.

- E quanto a um par de suíças? - insistiu ela.

Recusei, mas não pude deixar de corar, porque aí é que era o meu ponto fraco. Enfim, a senhora Mowcher, vendo que eu não estava disposto a aproveitar-me dos seus artifícios, declarou que seria então da próxima vez e, pedindo-me lhe estendesse a mão para a ajudar a descer da mesa, saltou para o chão com grande presteza e em seguida começou a atar as fitas do chapéu sob o queixo.

- Quanto devo? - perguntou Steerforth.

- Cinco xelins - respondeu a senhora Mowcher - e é de graça. Não sou estouvada, senhor Copperfield?

Repliquei com um «não, senhora», mas pensei que ela o era na verdade vendo-a atirar ao ar as duas meias coroas, como um cozinheiro faz às panquecas, e tornar a apanhá-las, insinuando-as depois na algibeira, sobre que deu umas pancadinhas vigorosas.

- É o cofre!--elucidou.

Estava de novo diante da cadeira e repunha na bolsa todos os objectos que de lá havia tirado.

- Não perdi nenhuma das minhas armadilhas? Parece que não. Não se trata

de ser como o grande Ned Beadwood, que levaram à igreja para o «casar com alguém» (é ele quem o diz), mas esqueceram-se da noiva. Ah, ah, ah, que maroto, esse Ned! Mas ridículo. Bem sei que lhes vou causar enorme desgosto, no entanto previno-os de que me despeço. Sejam corajosos, e suportem esta dor. Adeus, senhor Copperfield. Trate de si, Jockey de Norfolk. Já falei de mais. Os senhores são os responsáveis. Mas perdoo-lhes. Bom suar!, como dizem os ingleses que começam a aprender francês. Bom suar, amiguinhos.

Falando sempre, com a bolsa enfiada no braço, a senhora Mowcher encaminhou-se para a porta, bamboleando-se. Aí se deteve para inquirir se queríamos uma madeixa dos seus cabelos. «Não sou estouvada?», acrescentou, como apreciação da sua própria pessoa. E, pondo o dedo no nariz achatado, foi-se embora.

Steerforth riu tanto que eu não resisti a acompanhá-lo nessa expansão de hilaridade; mas creio que o não teria feito, se ele me não provocasse. Depois de rirmos bastante, comentou-me o meu amigo que a senhora Mowcher conhecia uma porção de gente, a quem prestava serviços de toda a ordem. Muitas vezes não a tomavam a sério, considerando-a uma excêntrica, mas na verdade ela tinha rara finura e espírito muito observador. Se os braços eram curtos, a cabeça era bem avantajada. Disse-me ainda que a poderíamos julgar com poder de ubiquidade, pois estava em todos os lados ao mesmo tempo, na capital como na província, onde obtinha sempre novos clientes. Perguntei-lhe qual seria, afinal, o seu carácter: se na realidade malévolo, ou se benigno. Fiz esta pergunta duas ou três vezes, mas, não conseguindo interessá-lo no assunto, renunciei ao caso ou esqueci-me de insistir mais. Em vez de me informar cabalmente a esse respeito, Steerforth elogiou a perícia da senhora Mowcher e falou-me dos lucros que auferia, tudo isto numa dissertação muito rápida. E acabou declarando-me que, se eu precisasse dela, até podia aproveitá-la na aplicação de ventosas.

Este assunto continuou toda a noite; ao separarmo-nos, Steerforth atirou-me um bom suar do alto da escada, quando eu já me encontrava na porta da rua.

Quando cheguei a casa do senhor Barkis, admirei-me de aí ver o Ham a passear cá e lá diante da entrada, e mais admirado fiquei ao saber que a Emily se achava no interior da residência. Perguntei-lhe, naturalmente, por que se mantinha cá fora.

- É que - replicou, hesitante -, Emily está em conversa com alguém...

- Suporia que essa razão fosse ainda maior para você se encontrar a seu lado...

- Sim, senhor Davy, noutra ocasião assim seria. Mas, bem vê - esclareceu Ham, baixando a voz -, é uma rapariga com quem a Emily se dava... mas que não deve continuar a dar-se...

A estas palavras lembrei-me da pessoa que os seguira horas antes, e principiei a compreender.

- Trata-se de uma pobre criatura, senhor Davy. Toda a gente daqui lhe cai em cima... Não há cadáver no cemitério que provoque maior repulsa.

- Será a que eu vi na praia, esta tarde? Logo depois de nos termos cruzado...?

- Seguia-nos, não é verdade? - observou Ham. - Devia ser ela. Eu ignorava a sua presença, mas um pouco mais tarde a rapariga descobriu luz na janela de Emily e, aproximando-se, disse assim: «Emily, por amor de Deus, condói-te! Eu já fui como tu.» Ah, senhor Davy, que impressão fazia ouvir estas palavras!

- Realmente, Ham - retorqui. - E que fez a Emily?

- A Emily disse: «És tu, Martha? Oh, Martha, será possível que sejas tu?», porque elas tinham trabalhado juntas no senhor Omer, durante muito tempo.

- Agora me recordo! - exclamei, lembrando-me de uma das duas raparigas que eu vira aquando da minha primeira visita.

- Lembro-me muito bem!

- É Martha Endell - explicou Ham. - É mais velha dois ou três anos que a Emily, mas andaram juntas na escola.

- Não lhe conhecia o nome. Mas estava a dizer que...

- Senhor Davy, quase toda a história se resume nisto: «Emily, Emily, por amor de Deus! Condói-te de mim. Eu já fui como tu.» Queria falar à Emily, mas a Emily não podia falar-lhe lá em casa, porque o nosso querido tio já havia voltado e não gostaria que... Não, senhor Davy - prosseguiu Ham, cheio de convicção

- ele não gostaria, apesar de tão bondoso, de as ver juntas, nem por todos os tesouros escondidos no mar!

Compreendi perfeitamente. Sentia, nesse instante, o mesmo que o noivo de Emily.

- Então - continuou este - a Emily escreveu umas palavras a lápis, num pedacinho de papel, que ela deitou pela janela à Martha, para que o trouxesse cá. «Mostra isto à senhora Barkis, minha tia», disse Emily, «e, quando o meu tio

sair, irei ter contigo.» Em seguida, contou-me o que acabo de repetir, senhor Davy, e pediu-me que a acompanhasse até aqui. Que podia eu fazer? Ela não deve dar-se com uma rapariga dessa ordem, mas não podia recusar, vendo-a com as lágrimas nos olhos.

Enfiou a mão pelo interior da camisola e retirou, com muitas precauções, uma bonita bolsa encarnada.

- Como se eu pudesse dizer que não, vendo-a chorar, senhor Davy!- acrescentou Ham, pondo a bolsa carinhosamente na palma da mão rude. - E como recusar-lhe quando me confia isto e quando eu sei a razão por que traz a bolsa? É verdade que tem dentro pouco dinheiro... Querida Emily!

Depois de a haver guardado na algibeira, apertei-lhe calorosamente a mão, gesto preferível às palavras. Durante uns minutos, passeámos na rua em silêncio. Então abriu-se a porta e apareceu ao limiar a Peggotty, que fez sinal ao Ham para entrar. Quis ficar de parte, mas a minha velha criada pediu-me que entrasse também. Preferiria, ao menos, não comparecer no quarto onde estavam reunidos, mas como se encontravam precisamente na cozinha e a porta de entrada dava logo para lá, achei-me no meio deles antes de ter tempo de me compenetrar do facto.

A rapariga, que era na verdade a que eu vira na praia, estava sentada no chão, defronte da lareira, com a cabeça e os braços apoiados num banco. Pela sua atitude, calculei que Emily ocupara pouco antes esse banco e que a cabeça da infeliz devia então repousar-lhe nos joelhos. Vi mal o rosto da pobre criatura, porque o cabelo, desatado (dir-se-ia que a própria o despenteara), lho ocultava em parte; mas percebi que era de pele fresca e ar juvenil. A Peggotty tinha chorado, e Emily chorara também. Quando entrámos, ninguém falou e, neste silêncio, o tiquetaque do relógio colocado perto do aparador parecia fazer duas vezes mais barulho que de costume.

Foi Emily quem falou em primeiro lugar:

- Martha quer ir a Londres - disse ela ao noivo.

- A Londres porquê?

O rapaz estava entre ambas. Nunca esqueci a expressão do seu olhar: fitava compadecido a infeliz que se lhe amarfanhava aos pés, mas ao mesmo tempo experimentava ciúmes pelo facto de ela ser amiga da sua amada. Os dois exprimiam-se como se se tratasse de uma doente, em voz baixa, sufocada, quase num murmúrio, mas no entanto distinguia-se bem o que diziam.

- Mais vale que eu esteja em Londres do que nesta terra - redarguiu Martha,

que continuava imóvel. - Lá, ninguém sabe quem eu sou, mas aqui todos me conhecem.

- Para fazer o quê? - perguntou Ham.

Martha alçou a vista e lançou-lhe um olhar sombrio; depois tornou a baixá-la e passou o braço direito de roda do pescoço, no gesto doloroso de uma mulher ferida ou torturada pela febre.

- Esforçar-se-á por se comportar bem - esclareceu Emily. - Tu não sabes o que ela nos contou. Não é verdade, tia, que ele não sabe... que eles não sabem?

Peggotty, condoída, meneou a cabeça.

- É verdade - disse Martha. - Tentarei, se fizerem o favor de me valer. Já não posso fazer pior do que fiz. Devo portar-me melhor. Oh! - acrescentou num arrepio de medo -, ajudem-me a deixar estas ruas onde todos me conhecem desde pequena!

Emily estendeu a mão a Ham e viu que este lhe entregava uma bolsinha. Pensando que era a sua, Emily aceitou-a e deu uns passos, mas, notando o engano, voltou-se para o rapaz (que recuara para o meu lado) e mostrou-lhe o que tinha na mão. Ouvi o Ham responder:

- Pertence-te, minha querida. Tudo o que é meu também é teu. Aos olhos de Emily afloraram novas lágrimas. Virou-se para

Martha e deu-lhe qualquer coisa, ignoro o quê: só vi que no corpete da amiga deslizavam moedas. Murmurou umas palavras e inquiriu:

- Chega?

- É de mais - respondeu a outra, beijando-lhe a mão. Então Martha levantou-se, envolveu-se no xaile, cobriu com ele a cara e, soluçando alto, dirigiu-se lentamente, para a porta. No limiar, parou um instante como se quisesse retroceder ou dizer qualquer coisa, mas não proferiu uma só palavra. E saiu, soltando sempre o mesmo gemido sufocado, lúgubre, lamentoso.

Logo que a porta se fechou, Emily deitou-nos um olhar rápido e, apoiando a cabeça nas mãos, principiou a soluçar.

- Não chores, Emily -- disse Ham, tocando-lhe ao de leve no ombro. - Não chores, minha querida.

- Oh, Ham! - exclamou ela, chorando cada vez mais. - Não sou tão boa como devia ser. Sei que no meu coração não existe o reconhecimento que devia haver.

- Ora se existe!-replicou Ham.

- Não, não e não!-soluçava ela, abanando a cabeça. - Estou muito longe de ser tão boa como devia. Muito longe!-E continuou a chorar como se o coração lhe estalasse. - Ponho o teu amor exposto a uma prova rude - prosseguiu Emily. - Às vezes ando de mau humor, e caprichosa contigo. Por que razão procedo assim, se a minha obrigação era mostrar-me sempre grata e fazer-te feliz?

- Tornas-me sempre feliz, minha querida - insistiu Ham. - Basta-me ver-te para o ser. Sou feliz o dia inteiro, só por pensar em ti!

- Não basta - replicou ela. - É por seres bom e não por eu ser boa. Oh, caro Ham, como teria valido mais que fosse outra a amar-te! Uma rapariga mais sensata, mais digna de ti, que te pertencesse toda inteira. Nunca uma pessoa tão fútil e volúvel como eu.

- Este coraçãozinho...-comentou Ham em voz baixa. - Martha transtornou-o.

- Peço-lhe tia - disse Emily. - Venha cá, deixe-me descansar a cabeça no seu regaço. Sinto-me tão infeliz esta noite! Tia, eu não sou tão boa como devia ser. Sei bem que não sou.

Peggotty foi sem demora sentar-se perto do lume, e Emily, ajoelhando diante dela, passou-lhe os braços de roda do pescoço, fitando-a com olhos suplicantes.

- Socorra-me, tia, peço-lhe. Meu caro Ham, socorre-me também. E o senhor Davy igualmente, em nome da nossa velha amizade, por favor! Eu queria ser melhor, cem vezes melhor! Queria compreender que é uma bênção ser a mulher dum rapaz digno e levar uma vida tranquila.

Escondeu a cara nos joelhos da minha velha criada, e, cessando esse apelo cujos acentos de dor dilacerante eram tanto de criança como de mulher (como, aliás, toda a sua maneira de ser), principiou num choro silencioso, enquanto Peggotty a acalentava como se faz a um nené.

Sossegou a pouco e pouco e nós tratámos de a consolar prodigalizando-lhe incitamentos e chegando a gracejar. Por fim Emily ergueu a cabeça, sorriu e acabou rindo: endireitou-se, ainda um pouco confusa, e Peggotty compôs-lhe o cabelo desmanchado, enxugou-lhe os olhos, tudo de modo que o tio, à volta, não perguntasse se aquela sobrinha querida havia chorado.

Nessa noite vi-a fazer uma coisa que nunca tinha visto antes. Beijou castamente a face do noivo e cingiu-se ao corpo dele, como a um apoio natural.

Quando se afastaram, sob o luar, segui-os com os olhos, comparando essa partida à de Martha, e notei que ela lhe agarrava o braço com as duas mãos e o apertava fortemente.

XXIII. CONCORDO COM O SENHOR DICK E ESCOLHO UMA PROFISSÃO

Na manhã seguinte, ao acordar, pensei muito em Emily e na sua comoção da véspera, após a partida de Martha. Parecia-me ser da minha obrigação guardar fielmente o segredo daquela cena íntima de abandono e ternura e que seria mal feito, da minha parte, contar fosse a quem fosse, mesmo a Steerforth. Por ninguém deste mundo experimentava eu sentimentos mais ternos do que por essa deliciosa criaturinha que fora outrora minha companheira de jogos e que (estava persuadido de que o seria até à morte) eu amava então com tamanho enlevo. Achava ser uma acção vil e indigna de mim, indigna da nossa infância tão pura (e cuja claridade parecia ainda aureolar-me), repetir, mesmo a Steerforth, o que a rapariga não conseguira dissimular quando o acaso me permitira ler-lhe no coração. Resolvi, por consequência, guardar tudo isso para mim, e a imagem de Emily assumiu até novo encanto.

Íamos tomar o primeiro almoço quando me trouxeram uma carta da tia Betsey. Nela se tratava de um assunto em que Steerforth me poderia aconselhar tão bem como outrem, e eu rejubilei à ideia de o consultar; deliberei, pois, falar-lhe durante a nossa viagem de regresso: por então havia muito ainda que fazer, pois devíamo-nos despedir de todos os amigos. O senhor Barkis não era o último (longe disso) a lamentar a nossa partida, e bem me parece que extrairia mais um guinéu do seu baú se assim nos pudesse reter por umas vinte e quatro horas em Yarmouth. A nossa ausência ia mergulhar na desolação toda a família Peggotty. A casa Omer & Joram, patrões e empregados, veio em peso dizer-nos adeus; na ocasião de colocar a bagagem na diligência, os marítimos acorreram em tão grande número, para oferecer benevolamente os seus serviços a Steerforth, que mesmo que tivéssemos dez vezes mais de malas não deixaríamos de encontrar portador. Em suma, partimos no meio das saudades e da admiração de todos, deixando atrás de nós muitos corações alanceados.

- Ainda se demora muito, Littimer? - perguntei ao criado, quando ele assistia à nossa partida.

- Não, senhor - respondeu. - Não é provável.

- Não poderá dizer-observou Steerforth. - Sabe o que tem de fazer, e cumprirá o encargo.

- Não duvido - acrescentei.

Littimer tirou o chapéu como para me agradecer a minha frase justa; voltou a tirá-lo para nos desejar boa viagem, e ficou lá especado, no meio da rua, tão misterioso e respeitável como uma pirâmide do Egipto.

Por momentos não trocámos palavra. Steerforth estava anormalmente silencioso; quanto a mim, pensava quando tornaria a ver a minha terra natal e nas alterações que, ela e eu, sofreríamos até esse momento. Por fim Steerforth, de novo alegre e falador (tinha o dom de mudar subitamente de disposição), puxou-me por um braço e disse:

- Que fizeste da língua, David? Que há acerca dessa carta de que me falaste ao almoço?

- Ah, a carta da tia Betsey!-repliquei, tirando o papel da algibeira.

- E que há aí de tão importante?

- Minha tia, Steerforth, recorda-me que empreendi esta viagem no propósito de observar e reflectir um pouco.

- Naturalmente foi o que fizeste.

- Talvez não... A bem dizer, parece que me esqueci disso.

- Pois emenda-te da tua negligência - volveu Steerforth. - Olha à direita e verás um país plano e muito pantanoso; olha à esquerda, é a mesma coisa. Olha em frente e atrás... e é sempre o mesmo.

Respondi-lhe, rindo, que a paisagem, decerto em razão da sua lisura, me não sugeria a ideia de qualquer profissão que me conviesse.

- E que diz a tua tia? - perguntou Steerforth, lançando uma olhadela à carta que eu conservava na mão. - Tem alguma ideia?

- Tem. Quer saber se me agradaria ser solicitador. Que te parece?

- Sei lá - retorquiu pacificamente. - Ou isso ou outra coisa. Não pude coibir-me de rir de novo e observei-lhe que, para ele,

Steerforth, todas as profissões se equivaliam. E acrescentei:

- Em suma, que é isso de solicitador?

- É uma espécie de advogado. Trabalha num tribunal prestes a desaparecer, que funciona nos Doctor's Commons, lugar sossegado, perto do cemitério de São Paulo. Serviço semelhante ao de tribunal de Justiça. Essa função já devia estar extinta há mais de cem anos. Aí se aplica o Direito Canónico e se lida com os

Actos do Parlamento, verdadeiros monstros pré-históricos que a população quase ignora por completo ou julga que se desenterraram, como fósseis, no tempo dos descendentes do rei Eduardo. É aí também que, em virtude de um antigo privilégio, se dirimem questões relativas a testamentos, contratos de casamento, e processos marítimos.

- Que disparate, Steerforth - exclamei. - Não me digas que há relação entre os processos eclesiásticos e os marítimos!

- Não é bem assim, meu caro. Digo apenas que tudo isso está nos Doctor's Commons. Se lá fores vê-los-ás percorrer metade das páginas do Dicionário de Young em cata de termos náuticos por causa do abalroamento do Nancy com o Sarah Jane, ou porque o senhor Peggotty e os barqueiros de Yarmouth lançaram um cabo, em ocasião de tempestade, ao Nelson, paquete da carreira das índias, que estava em perigo. Noutra ocasião vê-los-ás entregues ao estudo dos depoimentos, favoráveis ou desfavoráveis, acerca de um ministro da Igreja cujo comportamento levantou dúvidas, É possível que o juiz esteja ocupado do processo marítimo e o causídico do processo eclesiástico, ou vice-versa. São como os actores, tanto fazem um papel como outro. Mudam continuamente. Mas é sempre uma espécie de teatro apresentado a um auditório selecto.

- Então solicitador e advogado não vem a dar no mesmo? - indaguei um tanto perplexo.

- Não. Os advogados tiraram carta na Universidade (o que explica a razão de eu estar tão ao facto disto). Os solicitadores aproveitam-se dos advogados. Uns e outros são bem pagos e formam um grupo muito próspero. Em resumo, David, se devo dar-te um conselho, decide-te pelos Doctor's Commons. Acrescentarei se te apraz, que os solicitadores não se envergonham nada da sua profissão.

Sem desprezar a ironia com que Steerforth tratara o assunto, lembrei-me da gravidade solene desse «lugar sossegado perto do cemitério de São Paulo» e achei que a proposta da senhora Trotwood me não desagradava de todo. Aliás, a tia deixava-me a maior liberdade na decisão e não escondia que tal ideia lhe ocorrera recentemente quando fora a esse tribunal consultar o seu procurador a fim de testar a favor da minha pessoa. Comuniquei isto a Steerforth.

- É em todo o caso, muito louvável da sua parte - opinou o meu amigo - e merece ser atendido. Bonina, aconselho-te os Doctor's Commons.

A decisão estava tomada. Expliquei a Steerforth que a tia me esperava em Londres (como já se via pelo carimbo da carta): reservara aposentos por uma

semana na Lincoln's Inn Fields, estalagem que tinha a vantagem de uma escada de serviço e porta de acesso fácil para o telhado. A tia estava persuadida de que todas as casas desse género, em Londres, podiam de um momento para outro ser pasto das chamas.

O resto da jornada decorreu agradavelmente. De vez em quando tornávamos a falar da profissão escolhida, pensando nos tempos ainda distantes em que eu seria solicitador. Steerforth aludia ao caso de forma tão cómica que nos fazia rir a bandeiras despregadas. Quando chegámos ao termo da viagem, Steerforth foi para a sua residência, prometendo ir visitar-me no dia seguinte, e eu tomei um trem para a Lincoln's Inn Fields, onde a tia me esperava para jantar.

Se eu tivesse dado a volta ao mundo, desde que nos víramos pela última vez, não seria maior o prazer que sentimos com o reencontro. A tia chorou beijando-me, e disse, com ar de riso, que se a minha mãe fosse viva não teria igualmente deixado de chorar.

- Com que então - observei - a tia abandonou o senhor Dick? Janet - acrescentei, dirigindo-me à criada - como vai isso?

Janet fez uma vénia e estimou que eu estivesse de saúde. Notei nessa ocasião que o rosto da senhora Trotwood tomava um aspecto taciturno.

- Estou desolada - declarou. - Desde que aqui cheguei não tenho um momento de descanso. - Antes que eu pudesse indagar a causa do seu desassossego, ela continuou: - Creio que o nosso Dick não tem jeito para escorraçar os burros. Estou convencida de que esse homem é um fraco. Devia ter deixado Janet no seu lugar, e talvez me encontrasse agora mais tranquila. Se alguma vez um burro me pisou a relva - sentenciou martelando as palavras- foi esta tarde às quatro horas. Fui tomada de um arrepio dos pés à cabeça, e fiquei com a firme impressão de que fora um burro.

Tentei, baldadamente, acalmá-la.

- Era um burro - insistiu ela - e com certeza o burro de cauda cortada que montava aquela irmã do Murdstone ou lá como se chama ele. Se há burro em Dover mais atrevido, juro que é o tal!

Janet ousou observar que a tia talvez se inquietasse sem razão; que em seu parecer o dito burro se ocupava agora no transporte de areia e cascalho, e não estava, portanto, disponível. Mas a tia não lhe deu ouvidos.

Os aposentos escolhidos na estalagem eram no andar mais elevado, naturalmente para se achar mais perto do telhado, em caso de incêndio. O jantar foi bem servido; compunha-se de galinha cozida, bife, legumes, tudo excelente.

A tia, que tinha ideias pessoais quanto à alimentação de Londres, comeu por isso mesmo muito pouco.

- Esta pobre galinha - disse ela - nasceu nalguma cave, onde foi criada. Quanto ao bife, espero que seja de vaca, mas tenho pouca confiança. Em minha opinião só é autêntica, nesta cidade, a lama.

- Não acha possível, tia - redargui - que a galinha viesse do campo?

- Com certeza que não. Que prazer teria um londrino em vender uma coisa pelo que ela é realmente?

Não procurei contradizê-la, mas jantei oplparamente, com grande satisfação da tia. Uma vez levantada a mesa, Janet ajudou a patroa a pentear-se, a pôr a touca de dormir (mais elegante que do costume, para a hipótese do incêndio, explicou ela) e a colocar-lhe o vestido, dobrado, em cima dos joelhos, tudo preparativos usuais destinados a aquecê-la antes de se deitar. Depois ocupei-me do copo de vinho com água quente, consoante as regras imutáveis de que jamais nos devíamos afastar, assim como da torrada, que cortava sempre em tiras compridas: a tia, olhando-me com ternura, sob os folhos da touca, principiou a tomar o vinho, no qual molhava as tiras de torrada.

- Ora muito bem, Trot, que dizes à ideia de fazer de ti um solicitador? Talvez ainda não reflectisses no caso...

- Reflecti bastante, tia Betsey, e falei disso ao Steerforth. A proposta é sedutora.

- Ainda bem. Estimo muito que te agrade.

- Só tenho uma objecção...

- Diz lá - replicou a tia.

- É esta: gostava de saber se essa carreira, tão reservada, lhe vai custar um preço excessivo.

- O estágio custa exactamente mil libras.

- Já vê como isso me preocupa - insisti, aproximando a cadeira.- É muito dinheiro! Já gastou tanto comigo, em matéria de educação, além das despesas que a sua generosidade a tem obrigado a fazer. Deve haver outra profissão menos dispendiosa, em que eu poderia iniciar-me com menos gastos mas na qual triunfasse à custa de boa vontade e coragem. Não acha que seria preferível? Está certa de que dispõe de tão elevada importância? A senhora tem sido para mim uma segunda mãe e eu peço-lhe que reflicta no assunto.

A senhora Trotwood, fitando-me, acabou o bocado de pão que estava a comer, descansou o copo na prateleira do fogão e, cruzando as mãos sobre o vestido dobrado, respondeu-me nestes termos:

- Trot, meu filho, só tenho um fim na vida: é o de fazer de ti um homem bom, sensato e feliz. Insisto nisso, assim como o senhor Dick. Gostaria que certas pessoas que eu conheço escutassem as conversas de Dick a este respeito. Que extraordinária sagacidade! Infelizmente, apenas eu estou ao par dos recursos do seu intelecto.

Interrompeu-se um instante e tomou a minha mão entre as suas.

- É inútil - continuou - recordar o passado, a não ser que influencie o presente. Talvez eu me entendesse melhor com o teu pai. Talvez pudesse entender-me melhor com a tua pobre mãe, mesmo depois da decepção que me causou tua irmã Betsey Trotwood. Devo ter pensado em tudo isto quando chegaste à minha casa, como um fugitivo, coberto de poeira e extenuado. Desde então, Trot, só me tens dado satisfação, tens sido o meu orgulho e alegria... Ninguém se arroga direitos aos meus bens, pelo menos ...- Aqui, com surpresa minha, hesitou e pareceu constrangida. - Não, ninguém se arroga direitos, salvo tu, e és meu filho adoptivo. Contenta-te com ser afectuoso para mim, na minha velhice, e tolera-me os caprichos e manias. Agradarás a uma velha cuja mocidade não foi tão venturosa nem tão triste quanto poderia ser, e farei o que nenhuma outra fez por ti.

Era a primeira vez que eu ouvia a senhora Trotwood aludir ao seu passado, e isto de uma forma tão nobre, tão calma e simples - como se falasse de uma vez para sempre - que maior seria o meu respeito e afecto se não fossem tão grandes.

- Fica, pois, entendido e combinado entre nós, Trot - concluiu a tia. - Não falemos mais no caso. Beija-me, e amanhã de manhã, depois do almoço, iremos aos Doctor's Commons.

Conversámos ainda um bom bocado ao canto do fogão, antes de nos irmos deitar. O meu quarto era no mesmo andar do da tia, que me acordou várias vezes durante a noite batendo-me à porta sempre que ouvia o rumor de carruagens... para me perguntar se havia incêndio. De manhã, porém, sossegou e deixou-me dormir em paz.

Pelo meio-dia, encaminhámo-nos para o escritório dos doutores Spenlow e Jorkins, advogados. A tia, que abundava na ideia geral de que todos os transeuntes eram carteiristas, confiou-me a bolsa, na qual guardava dez libras esterlinas e moedas de prata.

Detivemo-nos em frente de uma loja de brinquedos de Fleet Street para ver os gigantes da igreja de São Dustano martelar nos sinos do relógio (fizéramos de maneira a estar ali ao meio-dia em ponto); depois continuámos o nosso caminho em direcção a Ludgate Hill, quando notei que a senhora Trotwood apressava o passo e parecia alarmada. Vi ao mesmo tempo um homem pobremente vestido e de mau aspecto, que parara (tendo antes olhado uns momentos para nós); em seguida o sujeito principiou a seguir-nos de tão perto que roçava quase a saia da tia.

- Trot, querido Trot - disse ela, num murmúrio de terror, apertando-me o braço - não sei que hei-de fazer!

- Esteja tranquila - retorqui. - Não há motivo para ter medo. Entre numa loja e eu tratarei de a livrar do homenzinho.

- Não, não, filho! Peço-te que não lhe fales. Ordeno-te.

- Meu Deus, tia, é apenas um mendigo mais descarado.

- Não o conheces. Não sabes quem é. Não sabes o que dizes. Exprimindo-nos deste modo, parámos sob uma porta. O desconhecido fez o mesmo.

- Não olhes para ele - disse a tia, quando me virara com ar indignado -, mas chama um trem e vai esperar por mim no cemitério de São Paulo.

- Esperá-la? - repeti.

- Sim, convém que eu vá sozinha. Tenho de ir com ele.

- Só com ele, tia? Com este homem?

- Sei o que digo. Tenho de ir com ele. Chama um trem!

Por maior que fosse a minha estupefacção, compreendi que não tinha o direito de recusar-me a obedecer a uma ordem tão peremptória. Dei uns passos rápidos e fiz sinal a uma carruagem vazia que passava. Mal abaixara o degrau, a tia precipitou-se, seguida pelo homem: esboçou um gesto para me afastar e entrou no veículo, dizendo ao cocheiro que seguisse não sei para onde, e o trem partiu imediatamente, subindo a rua íngreme. Eu fiquei e fui ter ao cemitério, conforme o combinado, onde esperei cerca de meia hora. Então vi aparecer o trem, que parou onde eu me encontrava; a tia estava só lá dentro.

Lembrei-me do que me dissera o senhor Dick a respeito de uma pessoa misteriosa que vagueara de noite pelos arredores da vivenda. Supusera eu, então, que fosse ilusão da sua parte. Quem podia ter tanto ascendente sobre ela? O caso é que ainda não estava refeita da comoção sofrida. Entretanto pediu-me que

subisse e ordenou ao cocheiro que desse uma voltinha.

- Meu filho, nunca me perguntes quem era nem faças nenhuma alusão ao incidente.

Não disse mais nada até ao momento em que, recobrando a calma, me declarou que já se sentia bem e que nos podíamos apear. Entregou-me outra vez a bolsa, para que eu pagasse a corrida. O ouro havia desaparecido todo: só restavam as moedas de prata.

Entrava-se nos Doctor's Commons por uma porta abobadada. Mal déramos uns passos na rua que para lá se abria, sentimos atenuar-se o rumor da cidade, transformando-se num zumbido longínquo. Atravessámos uma série de pátios melancólicos e corredores estreitos e achámo-nos diante da banca dos advogados Spenlow e Jorkins. No átrio desse templo em que os fiéis eram admitidos sem se anunciar, trabalhavam três ou quatro escreventes. Um deles, pequenino e magro, cuja peruca tesa e acastanhada parecia um pão de espécie, levantou-se para receber a minha tia e introduziu-nos no gabinete do doutor Spenlow.

- O senhor doutor está no tribunal, minha senhora - disse o escrevente. - É dia de audiência. Mas como é aqui perto, vou já mandar-lhe recado.

Deixou-nos, e eu aproveitei a oportunidade para deitar uma vista de olhos derredor. O mobiliário da sala era antiquado e estava coberto de pó. O pano verde da secretária apresentava-se desbotadíssimo, e na dita secretária só se viam maços de papéis em que se lia Alegações ou Libelos, uns pertencentes a um juízo, outros a juízo diferente. Quanto tempo me seria necessário para compreender tudo isso? Havia vários autos de depoimentos, solidamente unidos e cosidos, formando um livro para cada processo, e cada processo devia ser uma história em dez ou vinte volumes. Quanto não custaria aquilo? Eis o que me dava uma ideia agradável da profissão de solicitador! Olhava em volta de mim, com satisfação crescente, quando ressoaram passos rápidos no átrio e o doutor Spenlow, de toga preta adornada de arminhos, entrou à pressa no gabinete, tirando a gorra.

Era um homenzinho loiro, impecavelmente calçado, com gravata branca e colarinho engomado maravilhosamente. A casaca estava abotoada até ao pescoço; as suíças, frisadas com esmero, deviam dar-lhe imenso trabalho. Tinha uma corrente de relógio tão maciça que imaginei ser preciso, para a puxar, uma daquelas mãos douradas que servem de insígnia nas lojas dos batedores de ouro. Pareceu-me rígido ao máximo, pois mal se podia curvar; uma vez sentado, tinha de desmanchar toda a rima de documentos para poder tirar este ou aquele.

A tia Betsey apresentou-me e ele acolheu-me cheio de cortesia, dizendo:

- Com que então, senhor Copperfield, deseja entrar para o foro? Já informei a senhora Trotwood, quando tive o gosto de a receber aqui outro dia, que havia cá uma vaga. A senhora Trotwood dignou-se comunicar-me a existência de um sobrinho por quem se interessava muito e que pretendia estabelecer uma carreira decente. É a esse sobrinho, calculo, que tenho o prazer de...

Inclinou-se, e eu fiz o mesmo, à laia de aquiescência. Depois expliquei que, de facto, a minha tia me dissera haver uma vaga e que o lugar me agradava. Que a profissão condizia com as minhas preferências e que aceitara logo a sugestão. Gostaria, porém, de a conhecer melhor. E que, embora fosse apenas uma formalidade, esperava me dessem o ensejo de me certificar de que a carreira me convinha, antes de a abraçar irrevogàvelmente.

- Oh, sem dúvida, sem dúvida! - exclamou o doutor Spenlow. - Aqui propomos sempre um mês de estágio. Por mim achava preferível dois ou três meses, ou mais ainda, mas tenho um sócio, o doutor Jorkins ...

- E o preço da admissão é de mil libras? - indaguei.

- Sim, senhor, mil libras, incluindo os direitos de inscrição - replicou o doutor Spenlow. - Como já notei à senhora Trotwood, eu não estou interessado. Poucos o estão menos do que eu. Mas o doutor Jorkins tem as suas ideias a esse respeito e eu devo acatá-las. Na realidade, o meu colega acha que as mil libras é pouco ...

- Não sei, senhor doutor - atalhei, querendo defender sempre os interesses da minha tia -, se é costume, aqui, ao admitir um empregado que se torne particularmente útil e fique logo dentro dos segredos do ofício... - Não pude coibir-me de corar, pois tinha o aspecto de que me gabava- ... não sei se é costume conceder-lhe ...

O doutor Spenlow, com grande esforço, conseguiu desembaraçar a cabeça do colarinho, para a abanar, e não me deixou acrescentar à minha frase a palavra «gratificação».

- Não - declarou ele. - Não quero dizer que, pessoalmente, eu não considerasse a justiça do caso, senhor Copperfield, se tivesse as mãos livres. Mas o doutor Jorkins é inabalável nesse ponto.

Senti-me apavorado à ideia desse terrível Jorkins, mas vim depois a verificar que se tratava de um homenzinho brando, melancólico, cujo papel consistia em manter-se à parte e ser constantemente citado como o mais duro, o mais impiedoso dos homens. Se um praticante pedia aumento de ordenado, o

doutor Jorkins não queria saber nada disso; se um constituinte tardava em pagar a conta de honorários, o doutor Jorkins exigia a sua satisfação; e embora isto fosse penoso para o compassivo doutor Spenlow (como acontecia sempre), o doutor Jorkins é que não perdoava. O bondoso Spenlow estava sempre pronto a todas as condescendências, mas o perverso Jorkins cortava-lhe de contínuo as vazas. Mais tarde conheci muitos estabelecimentos que funcionavam segundo o princípio Spenlow-Jorkins.

Ficou combinado que eu podia começar o estágio quando quisesse e que a tia Betsey não seria obrigada a permanecer em Londres até esse início da minha carreira, nem precisaria de voltar à capital, porque facilmente lhe mandariam o contrato para assinar. Após isto, o doutor Spenlow prontificou-se a levar-me sem demora ao tribunal para eu fazer uma ideia do que era e, como eu o desejasse com ardor, aí fomos, abandonando a senhora Trotwood, a quem todos os tribunais produziam o efeito de minas que poderiam rebentar de um momento para outro.

O advogado conduziu-me por um pátio lajeado, com austeras construções de tijolos em toda a volta. Supus, vendo os nomes que encimavam todas as portas, serem residências oficiais dos doutores eminentes de quem Steerforth me falara. Em seguida introduziu-me numa sala vasta, que se me afigurou uma capela: a extremidade da sala era dividida por uma barra, e aí, nos dois lados de um estrado em forma de ferradura, estavam sentados em poltronas confortáveis vários senhores de peruca branca e toga encarnada - precisamente os doutores da Lei. A meio da ferradura, um senhor de olhos piscos ocupava uma espécie de cátedra: se o tivesse visto numa gaiola decerto o tomaria por um mocho, mas afinal informaram-me que era o presidente do tribunal. Na mesma parte, mas um pouco mais abaixo, isto é, ao nível do estrado, os colegas do doutor Spenlow, revestidos como ele de toga ornada de arminhos, sentavam-se a uma mesa comprida coberta de baeta verde. Usavam gravata rígida e mostravam um ar altivo, mas depois verifiquei ser má interpretação minha, porque a uma pergunta do presidente, dois ou três responderam com inesperada humildade. O público compunha-se de um rapaz, com um lenço de lã ao pescoço, e de um sujeito que comia às escondidas bocados de pão que tirava da algibeira do sobretudo: ambos se aqueciam junto do fogão que ocupava o meio da sala.

A tranquilidade embaladora do local era perturbada pelo crepitar do lume e pela voz de um dos advogados; este dava a impressão de que passeava ao longo de uma biblioteca de provas testemunhais, e que parava, de vez em quando, à beira de uma estalagem de debates, no decurso da sua jornada. Em resumo, nunca na minha vida eu assistira a uma pequenina reunião de família tão íntima,

tão sonolenta, tão arredada do mundo, e pensei que seria um delicioso soporífero fazer parte dela sob qualquer título, excepto o de litigante.

Satisfeitíssimo com a atmosfera de sonho desse retiro, declarei ao doutor Spenlow que já vira o suficiente, e nós voltámos para o lado da senhora Trotwood, em cuja companhia cedo deixei os Doctor's Commons. Ao abandonar o escritório dos advogados, senti-me infinitamente remoçado: nessa altura os escreventes deram cotoveladas uns nos outros, indicando-me com as penas que empunhavam.

Chegámos sem novidade à Lincoln's Inn Fields, não falando no espectáculo de um pobre burro atrelado à carroça de um vendedor de hortaliça, que despertou as recordações da tia Betsey. Uma vez dentro da estalagem, repisámos o assunto da minha carreira e, como eu sabia que a senhora Trotwood tinha pressa de regressar à sua vivenda, e que não podia gozar Londres à vontade por causa dos incêndios, da comida e dos ladrões, roguei-Lhe que não se preocupasse comigo e me deixasse desenvencilhar sozinho.

- Desde que estou aqui - disse ela - tenho pensado também na tua instalação. Há uns aposentos mobilados, agora vagos, em Adelphi. Estão mesmo a calhar para ti, meu caro Trot.

Com isto, extraiu da algibeira um anúncio, que recortara cuidadosamente do jornal. Os aposentos ficavam na Buckingham Street, com vista para o rio, tudo muito agradável e próprio para um cavalheiro novo, um membro do tribunal, etc. Podiam ser ocupados imediatamente. Preço módico. Cediam-se, querendo, só por um mês.

- É uma pechincha, tia! - exclamei, corado de prazer pela ideia de ter a minha instalação condigna.

- Nesse caso, vamos ver - ripostou ela, tornando a pôr o chapéu que pouco antes tirara.

Eis-nos, pois, de novo a caminho. O anúncio dizia que se dirigissem ao local, à senhora Crupp. Tocámos à porta de serviço, supondo que a campainha iria soar no alojamento da referida dama, mas tivemos de o fazer duas e três vezes antes que esta se dignasse responder. Por fim apareceu. Era uma mulher opulenta, de saia de folhos, de flanela, e corpete de algodão amarelo.

- Podemos dar uma vista de olhos ao apartamento? - perguntou-lhe a tia.

- É para este senhor? - retorquiu a senhora Crupp, procurando as chaves na algibeira.

- Sim, é para o meu sobrinho.

- Aposentos lindíssimos para um rapaz! - comentou a dona da casa.

Subimos. Os quartos ficavam no último andar, o que para a minha tia representava grande vantagem, pela proximidade do telhado em caso de incêndio. Compunha-se de uma antecâmara um tanto escura, um gabinete, também sombrio, e um quarto de dormir. A mobília estava um bocado velhota, mas razoável para mim e, efectivamente, o rio deslizava defronte das janelas.

Como eu me mostrasse encantado, a tia e a senhora Crupp retiraram-se para o escritório, a fim de discutir o preço, enquanto eu ficava sentado no canapé da sala, mal me atrevendo a acreditar que iria viver nessa residência soberba. Voltaram por fim (após se haverem defrontado em combate singular durante uns bons minutos) e eu li-lhes na fisionomia, com imenso gáudio, que o negócio fora concluído.

- São os móveis do último locatário? - inquiriu a senhora Trotwood.

- São - respondeu a senhora Crupp.

- Que é feito dele?

A senhora Crupp, tomada de uma tosse impertinente, mal pôde articular:

- Adoeceu aqui... e morreu.

- Ah, sim? E de quê?

- Morreu por beber de mais - confidenciou a dona da casa. - E também por causa do fumo.

- Fumo? Refere-se à chaminé?

- Não, senhora. Refiro-me a charutos e cachimbo.

- Seja como for, não me parece contagioso - sentenciou a tia. - Que achas, Trot?

- Com efeito, não deve ser...

Em suma, vendo quanto o apartamento me agradava, a tia arrendou-o por um mês, com a faculdade de renovar a locação após aquele prazo. A senhora Crupp deveria fornecer a roupa de cama e fazer a comida. Quanto ao resto, eu já tinha tudo o que era necessário. A senhora Crupp prometeu tratar de mim como de um filho. Ficou estabelecido que me instalaria no dia seguinte. A dona da casa deu graças a Deus por haver encontrado alguém por quem se interessasse.

No regresso, a tia disse-me estar inteiramente convencida de que a nova

vida me daria a firmeza e confiança em mim, que me faltavam ainda. Repetiu-o no dia seguinte, enquanto tomávamos providências para mandar buscar os livros e roupa que eu deixara em casa do doutor Wickfield; a este respeito escrevi uma extensa carta a Agnes e aproveitei a ocasião para lhe descrever como passara as férias. A tia, que devia partir no dia seguinte, incumbiu-se de levar a carta. Para não me alargar em pormenores, acrescentarei apenas que ela me brindou com todo o dinheiro de que eu podia necessitar durante o mês de estágio; que tivemos pena de não ver aparecer Steerforth antes da partida; que fui acompanhar a tia e Janet à diligência de Dover, onde a deixei exultando à ideia de que os jumentos vagabundos iriam ser em breve desbaratados; e que, uma vez em marcha a diligência, me dirigi para Adelphi, pensando no tempo em que errava sob aquelas arcadas subterrâneas e nas mudanças felizes que me haviam trazido à superfície.

XXIV. A MINHA PRIMEIRA DISSIPAÇÃO

Era uma coisa extraordinária possuir para meu uso aquele castelo altaneiro e experimentar a sensação de Robinson Crusoe quando se recolhia por trás das suas muralhas e retirava a escada. E que coisa também extraordinária passear pela cidade, com a chave no bolso, e saber que podia convidar quem quisesse sem receio de incomodar fosse quem fosse! Que maravilha ter o direito de entrar e sair, ir e vir, sem dar contas a ninguém! E de tocar a campainha quando precisava da senhora Crupp e vê-la chegar - se estava disposta a isso - vinda das profundezas da terra, ofegante da caminhada! Na verdade, eram coisas maravilhosas... mas devo confessar igualmente que havia ocasiões em que não era assim tão agradável.

Tudo corria bem de manhã, sobretudo se estava bom tempo. De dia, a vida era tão pura, tão livre, e ainda mais pura e livre quando o sol brilhava; mas, à hora crepuscular, a vida parecia declinar também e, não sei porquê, a minha instalação perdia todo o seu encanto à luz das velas. Desejaria ter alguém com quem falasse. Agnes fazia-me falta. Sem tão graciosa confidente, à minha volta criava-se o vácuo. Achava que a senhora Crupp vivia em cascos de rolhas. Lembrava-me do meu predecessor no alojamento, esse que morrera por excesso de bebidas e tabaco: mais valia que ainda estivesse neste mundo e não me incomodasse com a recordação da sua morte.

Após dois dias e duas noites, considerei que já habitara nesses aposentos cerca de um ano, e afinal eu não envelhecera nada, a minha extrema juventude continuava a arreliar-me!

Como ainda não houvesse recebido a visita do Steerforth, pensei que ele estivesse doente e, no terceiro dia, deixei mais cedo os Doctor's Commons para me dirigir a Highgate. A senhora Steerforth ficou encantada por me ver: segundo me explicou, o filho partira com um dos seus amigos de Oxónia em visita a um camarada que habitava nos arredores de St. Albans; mas esperava que regressasse no dia seguinte. A amizade que eu dedicava a Steerforth era tão grande que cheguei a ter ciúmes desses amigos da Universidade.

Insistiu em que eu ficasse para jantar. Aceitei. Creio que, durante todo o tempo, James foi o nosso único tema de conversa. Contei-lhe quanto o

estimavam em Yarmouth e como ali se mostrara simpático. A senhora Dartle não se esqueceu de fazer insinuações e perguntas misteriosas. A nossa estada na minha terra natal pareceu interessá-la deveras. O caso é que conseguiu fazer-me falar e eu disse tudo o que ela queria saber. A sua aparência era a mesma que já descrevi depois de a ver pela primeira vez, porém a companhia das duas senhoras pareceu-me tão agradável e consoladora que senti certa afeição pela senhora Dartle. Por várias vezes no decurso do serão (e sobretudo ao voltar para casa, em plena noite), não me coibi de pensar quanto me seria grata a presença da senhora Dartle nos meus aposentos de Buckingham Street.

Tomava eu o meu café da manhã, antes de ir ao trabalho (devo observar que esse café não passava de uma água de castanhas) quando apareceu Steerforth em carne e osso, o que me causou imensa alegria.

- Meu caro! - exclamei - começava a supor que não te veria mais!

- Cheguei e vim logo visitar-te, Bonina. Tens uma instalação famosa!

Fiz-lhe as honras da casa, mostrando-lhe todas as minhas comodidades. Steerforth apreciou-as.

- Não sei se sabes - acrescentou ele - que vou servir-me dos teus aposentos como minha aposentadoria da cidade, até que me expulses de vez.

Que prazer ouvir uma coisa destas! Declarei-lhe que podia dispor eternamente do que era meu.

- Agora vais almoçar - ajuntei, dispondo-me a tocar a sineta. - A senhora Crupp far-te-á café. Tenho aqui uma grelha, arranjar-te-ei um pedaço de toucinho.

- Não, não, não toques! É impossível. Combinei almoçar com um dos meus colegas, que se hospedou no Piazza Hotel, de Covent Garden.

- Mas ao menos vens jantar?

- Também é impossível, apesar do prazer que teria nisso. Tenho de ficar com eles. Somos três, e amanhã pomo-nos a caminho.

- Trá-los aqui. Achas que aceitariam?

- Não se fariam rogados - disse Steerforth. - Todavia não quero que te incomodes. Mais vale que venhas jantar connosco a qualquer parte.

Recusei com energia, porque me lembrei que era a única oportunidade de lhes oferecer a minha casa. Steerforth gostara da instalação, o que me envaidecera, e eu ansiava por exibir o conforto de que dispunha. Obriguei-o,

pois, a prometer que traria os dois amigos. O jantar seria às seis horas.

Depois da partida dele, toquei a campainha e comuniquei à senhora Crupp o meu audacioso projecto. A senhora Crupp começou por me dizer que, é claro, se não podia contar com ela para servir à mesa, mas que conhecia um rapaz desembaraçado que, parecia-lhe, se desempenharia da função mediante cinco xelins e o mais que eu lhe quisesse dar.

Respondi que iria certamente precisar desse rapaz. Declarou em seguida a dona da casa que, não podendo estar em toda a parte ao mesmo tempo (observação que achei justa), me conviria dispor de uma rapariga que, postada no gabinete, fosse lavando os pratos, à luz de uma vela. Indaguei quais seriam as pretensões dessa rapariga e ela explicou-me que aí uns dezoito dinheiros não me deixariam arruinado. Repliquei que pensava o mesmo, e o acordo fez-se logo. A senhora Crupp atacou a seguir a questão da ementa.

O operário que instalara o fogão da senhora Crupp fora realmente de uma imprevidência inacreditável, pois era impossível cozer aí outra coisa além de costeletas e puré de batata. Aludi a peixe: a senhora Crupp propôs-me, à laia de resposta, que eu fosse à cozinha deitar uma vista de olhos ao forno. Seria uma coisa decisiva. Desejava eu ir ver? Como não adiantava nada esse exame, declinei o convite e renunciei ao peixe. «Por que não há-de ter ostras à mesa, já que estamos na estação?», sugeriu a senhora Crupp. O assunto ficou arrumado. Depois a senhora Crupp aconselhou-me a ementa seguinte: dois frangos assados, vindos da casa de pasto, um prato de carne de vaca e legumes, também da mesma proveniência, mais dois pratos, um de pastelão, outro de rins, idem, idem. E uma torta, ou creme, por exemplo, igualmente da casa de pasto. Isto, notou ela, deixar-lhe-ia plena liberdade para concentrar a atenção nas batatas, e servir o queijo e a salada à sua vontade.

Segui os conselhos da senhora Crupp e fui eu próprio fazer a encomenda na casa de pasto. Um pouco mais tarde, passeando pela Strand, descobri na montra de uma salsicharia um bloco estriado como mármore e com o letreiro «Para sopa falsa de tartaruga». Entrei e adquiri um pedaço que julguei suficiente para quinze pessoas. A senhora Crupp consentiu, depois de muito rogada, aquecer aquela substância, que assim se reduziu a estado líquido e que chegou exactamente para quatro pessoas, como observou à mesa James Steerforth.

Terminados que foram estes preparativos, fui comprar fruta ao mercado de Covent Garden e encontrei num retalhista da vizinhança uma quantidade razoável de vinho. Quando entrei em casa, de tarde, vi as garrafas alinhadas em ordem de batalha, no chão do gabinete, onde ocupavam enorme espaço, apesar

de faltarem duas (o que contrariou muito a senhora Crupp).

Um dos colegas de Steerforth chamava-se Grainger, e o outro Markham. Ambos eram alegres e animados. Grainger seria um pouco mais velho do que James, Markham aparentava ter quando muito vinte anos. Notei que este último falava sempre de si de forma indefinida, dizendo em geral «a gente», e raras vezes empregava a primeira pessoa do singular.

- A gente contentava-se com um alojamento destes, senhor

Copperfield - disse ele, querendo significar «eu contentava-me».

- Está bem situado - repliquei - e é muito prático.

- Espero que vocês venham ambos com excelente apetite - observou Steerforth.

- Palavra de honra - afirmou Markham - que a cidade nos põe sempre de estômago vazio. Sente-se fome todo o tempo. Passa-se o dia a comer.

Como, de início, me achasse um pouco intimidado e me considerasse novo de mais para presidir, cedi o meu lugar a Steerforth e sentei-me defronte dele. O jantar foi estupendo. O vinho correu com abundância e Steerforth desenvolveu tamanha jovialidade que do princípio ao fim estivemos sempre alegres. O que me aborreceu um tanto foi que, estando de frente para a porta, me distraía com as idas e vindas do criado: o rapaz saía a todo o instante ao corredor e eu via na parede projectar-se a sua sombra, com uma garrafa à boca. A criada também me causava certa inquietação. Esquecia-se de lavar os pratos e, pior do que isso, quebrava-os. De seu natural curiosa, e incapaz de se confinar, conforme a ordem que lhe fora dada, no meu gabinete, a rapariga passava o tempo a nos lançar olhadelas furtivas: vendo-se descoberta, recuava por cima dos pratos (que dispusera cuidadosamente no soalho) e provocava uma hecatombe.

Isto, porém, era de tão pouca importância que eu esqueci logo que levantaram a mesa para servir o vinho. Percebemos então que o criado desembaraçado perdera o uso da fala. Aconselhei-o discretamente a descer as escadas e a ir ter com a senhora Crupp, levando ao mesmo tempo consigo a criada - e então abandonei-me por completo à orgia.

De começo mostrei uma alegria descuidosa; voltavam-me à memória todas as coisas meio olvidadas. Discursei como jamais fizera até aí. Chegava a rir das minhas próprias pilhérias, assim como das dos outros. Chamara à ordem Steerforth, porque ele não passava a garrafa de vinho. Prometi-lhes, por várias vezes, que iria visitá-los a Oxónia; disse-lhes que tencionava oferecer jantares desse género uma vez por semana, e tive até a imprudência de tirar tão grande

pitada de rapé da tabaqueira de Grainger que precisei de me refugiar no gabinete a fim de espirrar à vontade durante dez minutos.

Em seguida, principiei a passar o vinho cada vez mais depressa. Munido de saca-rolhas, estava sempre a abrir uma garrafa nova, muito antes de ser necessário. Propus que se bebesse à saúde de Steerforth, meu amigo querido, protector da minha infância, companheiro da mocidade. Disse quanto me sentia feliz brindando por ele, que a minha dívida para com tal camarada nunca poderia ser paga, que a minha admiração era sem limites, e terminei exclamando: «À saúde de Steerforth, que Deus o proteja, hurra!»

Esvaziámos três vezes os copos, e depois mais uma, e outra para acabar. Quebrei o meu copo e dei volta à mesa para apertar a mão de Steerforth. Bradei: «Steerforth, és a estrela que guia a minha existência!»

Descobri de súbito que estava alguém a cantar. Era Markham, que entoava Quando o coração humano sofre de inquietação. Logo que terminou, propôs brindar pela Mulher. Objectei a isto, aleguei que não o permitiria. Disse que não achava coisa respeitosa, que jamais consentiria num brinde desses em minha casa, que ele devia ser substituído por este: «Às senhoras!» Fui em extremo acalorado, tanto mais que percebi que Steerforth e Grainger se riam de mim, ou de Markham, ou de ambos. Markham replicou que «a gente» não recebia ordens de ninguém. Insisti. E ele ripostou que não «se» queria ser ofendido. Redargui que nesse ponto o amigo tinha razão: jamais seria insultado debaixo do meu tecto, onde os deuses lares eram sagrados e a hospitalidade soberana. Ele concordou que não «se» perdia a dignidade confessando que eu era um tipo realmente fixe. Logo eu propus que se bebesse à sua saúde.

Alguém fumava. Fumávamos todos. Eu fumava e fazia esforços para contrariar os arrepios que me tomavam o corpo. Steerforth dissera qualquer coisa em meu louvor e eu quase fiquei de olhos arrasados de lágrimas. Agradeci-lhe e exprimi o desejo de que viessem todos três jantar comigo no dia seguinte e no outro, e às cinco horas para termos uma noite mais comprida e podermos gozar as delícias da conversa e do convívio. Achei-me obrigado a beber à saúde de alguém e propus-lhes: «A minha tia Betsey Trotwood, glória do seu sexo!»

Certa pessoa, debruçada à janela do meu quarto de dormir, apoiava, para a refrescar, a cabeça escaldante à pedra fria do peitoril. Essa pessoa era eu. Falava comigo mesmo. Dizia: «Copperfield, por que tentaste fumar? Bem sabes que isso te faz mal.» Depois alguém, vacilando, examinou-se no espelho: esse alguém fui eu. Parecia muito pálido, tinha os olhos vagos, e o cabelo - só o cabelo, nada mais - apresentava o aspecto da embriaguez.

Alguém propôs: «Vamos ao teatro, Copperfield.» Já não vi o meu quarto, mas outra vez a mesa cheia de copos que se entrechocavam, tilintando. E a luz. E os que me rodeavam, Grainger e Markham. E Steerforth, que se encontrava defronte de mim. Mas tudo isto entre nevoeiro, como que distante. Ir ao teatro? Por que não? Excelente ideia! A caminho! Mas que me permitissem ser o último a sair, para apagar as velas... por causa dos incêndios.

Era impossível dar com a porta, na escuridão. Procurava-a nas cortinas das janelas quando Steerforth, rindo e pegando-me por um braço, me colocou no verdadeiro trilho. Descemos os degraus uns atrás dos outros. Nos últimos, alguém tropeçou e caiu, rolando até ao patamar. Pretenderam que fosse Copperfield; indignei-me por ser caluniado dessa forma, mas, achando-me depois estirado na entrada, e de costas, acabei por pensar que afinal tinham razão.

Lá fora havia névoa cerrada, e os lampiões estavam rodeados de grandes círculos luminosos. Ouvi dizer, vagamente, que chovia, mas pessoalmente tinha a impressão de que gelava. Steerforth compôs-me o fato, à luz de um candeeiro, e enfiou-me o chapéu, que alguém lhe apresentou, vindo misteriosamente não sei donde, pois antes não o tinha na cabeça. Em seguida perguntou: «Como vai isso, Copperfield?» e eu respondi que ia o melhor possível.

Um homem sentado atrás de um cubículo, surgiu no meio do nevoeiro. Aceitou dinheiro de um de nós e indagou se eu estava com os outros, e pareceu hesitar (a custo o percebi) na recepção da importância relativa ao meu lugar. Pouco depois, achámo-nos sentados na parte mais alta de um teatro supinamente aquecido, dominando uma plateia vasta, que se me afigurou repleta de fumo, porque mal se distinguiam as pessoas que ali se encontravam. Havia ainda um palco imenso, que parecia liso como as ruas que acabávamos de atravessar. Nesse palco falavam pessoas umas com as outras, não se sabia de quê. Notava-se profusão de luzes, música, senhoras em camarotes, e tudo mais! A sala inteira portava-se de modo tão incompreensível, quando tentei observá-la, que tive a impressão de que todos aprendiam a nadar.

Por proposta de não sei quem, resolvemos descer aos camarotes da primeira ordem, onde havia damas. De passagem, vi um cavalheiro, de binóculo na mão, sentado num sofá, e vi também a minha própria figura, reflectida dos pés à cabeça, num espelho. Depois empurraram-me para dentro de um desses camarotes; quando me sentei devia ter dito qualquer coisa, porque me impuseram silêncio e as senhoras me lançaram olhares indignados. Oh, mas que surpresa! Ali estava Agnes, instalada defronte de mim, no mesmo camarote,

entre um senhor e uma dama, pessoas que eu não conhecia. Hoje evoco a sua imagem nesse momento, talvez com maior nitidez, e não esquecerei o espanto doloroso com que ela me contemplou.

- Agnes! - murmurei em tom rouco. - Deus me acuda! Agnes!

- Cale-se, por favor - retorquiu ela, sem que eu percebesse a razão. - Está a incomodar a assistência. Olhe para o palco.

Acedendo a este pedido, tentei fixar o cenário e perceber alguma coisa do que se passava entre os actores, mas foi tudo em vão. Tornei a olhar para Agnes e vi-a encafuar-se num canto, levando à testa a mão enluvada.

- Agnes! - disse. - Está indisposta?

- Sim, estou, mas não se preocupe comigo, Trotwood. Oiça: vai sair já?

- Se vou sair já? - repeti.

Tinha o desejo estúpido de lhe explicar que tencionava acompanhá-la no fim do espectáculo e devo ter conseguido fazê-lo, bem ou mal, porque ela me fitou, pareceu compreender e respondeu em voz baixa:

- Estou certa de que me obedecerá em tudo o que eu pedir, Trot. Pois vá-se embora imediatamente. Faça isso por mim. Peça aos seus amigos que o levem.

A sua presença já de si me era salutar, embora me sentisse melindrado com ela, e enchi-me de vergonha pela minha situação. Depois de haver murmurado um rápido «boa noite», levantei-me e saí. Os outros seguiram-me, e eu tive a impressão de passar directamente do camarote para o meu quarto, onde vi apenas Steerforth, que me ajudava a despir. Contei-lhe que Agnes era minha irmã e roguei-lhe que me fosse buscar o saca-rolhas para abrir outra garrafa.

Em seguida, alguém deitado na minha cama (transformada em mar agitado), passou a noite a evocar, febrilmente, confusamente, tudo o que havia sucedido. E então esse alguém, retomando lenta consciência, principiou a arder de sede; tinha a pele endurecida como se fosse de cartão, a língua era como o fundo de uma cafeteira vazia, coberta de sarro, que continuasse a aquecer a fogo brando; as palmas das mãos pareciam folhas de metal escaldante, que nem o gelo poderia refrescar.

Que dor, que remorsos, que vexame experimentei no dia seguinte, quando voltei a mim. Com que pavor recordei as mil tolices que devia ter cometido, de que já me esquecera e que nada poderia ressalvar! E os olhos que Agnes me lançara! A impossibilidade em que me achava de comunicar com ela ainda mais me torturava, pois nem sabia o que Agnes fazia em Londres nem onde se

hospedava. Causava-me náuseas a simples visão da sala em que decorrera a minha orgia. Toda ela cheirava a tabaco. E aquele espectáculo de copos vazios... Ah, que nem me apetecia sair, nem sequer levantar-me... Doía-me a cabeça... Que dia aquele, o da véspera!

E que serão o meu, agora, sentado ao canto do lume, com um caldo morno à minha frente. Não me iria acontecer o mesmo que ao meu antecessor nos aposentos? Seria eu herdeiro do seu destino inglório? Quase desejava regressar a toda a pressa a Dover e contar tudo à minha tia. Quando a senhora Crupp veio buscar o prato do caldo e apresentar-me um resto de rins (tudo quanto ficara do festim!), que vontade eu tive de me atirar ao seu peito e dizer, soluçando: «Que mísero sou!» Mas desconfiei, mesmo nesse instante crítico, que a senhora Crupp não era a confidente de que eu precisava.

XXV. ANJOS BONS E MAUS

Na manhã que se seguiu a esse dia de enxaqueca, de dores no estômago e de remorsos, vinha eu a descer a escada, com uma noção assaz confusa quanto à data do meu malfadado jantar, quando encontrei a meio caminho um portador munido de uma carta. Como me visse olhá-lo do patamar, o homem correu para mim e, ofegante, perguntou-me, tocando com a bengala na aba do chapéu:

- É o senhor T. Copperfield?

A custo confessei que era esse o meu nome, tão persuadido estava de que a carta procedia de Agnes Wickfield. Entretanto assegurei ser essa a minha identidade; o portador, acreditando-me, deu-me a carta e declarou que esperaria pela resposta. Fi-lo esperar à porta e reentrei em casa tão agitado que tive de pôr a missiva em cima da mesa para me familiarizar com o sobrescrito e me resolver a rasgar a obreia.

Abrindo-o, vi que eram breves linhas do punho de Agnes, sem a mínima alusão ao estado em que eu me apresentara no teatro. Eis o teor:

«Caro Trotwood

«Estou neste momento em casa do correspondente do papá, o senhor Waterbrook, em Ely Place, Holborn. Quer vir visitar-me hoje à hora que lhe agrade marcar?

«Sua afeiçoada

Agnes.»

Gastei tanto tempo a encontrar uma resposta que fosse satisfatória que o portador decerto julgou estar eu aprendendo a escrever. Na realidade, comecei várias. A primeira iniciava-se deste modo: «Jamais poderei apagar da sua lembrança, querida Agnes, a impressão de revolta que...» Mas isto não me agradou, e eu rasguei a folha. Outra principiava assim: «Shakespeare notou, querida Agnes, ser deveras estranho que a gente introduza um inimigo na própria boca...» Mas isto também não servia, porque me fez lembrar Markham, e suspendi o período. Comecei mesmo uma epístola em verso: «Oh, esquece, esquece...», o que se me afigurou, afinal, absurdo. Após todos estes ensaios,

escrevi: «Querida Agnes, a sua carta reflecte a signatária: que mais poderei dizer como elogio? Irei às quatro horas. Saudades do T. C.» Foi com esta resposta que o portador partiu, embora eu, mal a entreguei, tivesse desejado retê-la.

Se esse dia fosse tão terrível para algum profissional dos Doctor's Commons como o foi para mim, creio sinceramente que ele o teria expiado nesse queijo podre que era o Tribunal Eclesiástico. Se bem que saísse de lá às três horas e meia e começasse minutos depois a rondar as imediações de Ely Place, já trazia um bom quarto de hora de atraso, pelo relógio de Santo André, em Holborn, quando, levado pelo desespero, me atrevi finalmente a puxar a sineta particular colocada à esquerda da porta do senhor Waterbrook.

O rés-do-chão da casa era consagrado aos negócios e o andar superior às obrigações mundanas (estas em grande número). Introduziram-me numa sala bonita mas um tanto atravancada de móveis e lá se me deparou Agnes Wickfield entretida a fazer um saco de rede.

Agnes tinha um ar tão calmo e bondoso, recordou-me tanto os bons tempos descuidados da minha estada em Cantuária (em contraste com a atmosfera brumosa, saturada de álcool, do festim da véspera), que eu, achando-me assim a sós com ela, me abandonei aos remorsos e à vergonha... e me portei como um idiota. Confesso que verti lágrimas, e não sei ainda se isso foi o que podia fazer de mais sensato ou de mais ridículo.

- O que me aflije, Agnes, é o facto de a haver encontrado lá. Tinha de ser você! Oh, bem me parece que mais valia ter morrido.

A rapariga descansou um instante a mão no meu braço (essa mão cujo contacto não tinha par) e eu senti-me de tal modo aliviado e confortado que não resisti à tentação de a levar aos lábios e de a beijar, cheio de gratidão.

- Sente-se - disse ela jovialmente. - Não esteja aborrecido, Trotwood. Se não pudesse ter confiança em mim, em quem mais, pois, a poderia ter?

- Ah, Agnes, você é o meu anjo bom!

Ela sorriu, um pouco melancolicamente, segundo se me afigurou, e abanou a cabeça.

- Se na verdade o fosse, Trotwood, haveria uma coisa que eu tomaria muito a peito.

Interroguei-a com o olhar, mas já pressentia o que ela queria dizer.

- Seria - continuou, fitando-me -, pô-lo de sobreaviso contra o seu anjo mau!

- Querida Agnes, se se refere a Steerforth...

- Nem mais, Trotwood.

- Pois nesse caso está a ser injusta. Ele, o meu anjo mau... ou seja lá de quem for! Ele que foi sempre o meu guia, o meu sustentáculo, o meu grande amigo! Querida Agnes, não será impróprio da sua pessoa fazer esse juízo só pela maneira como o viu na outra noite?

- Não é por aí que eu o julgo.

- Então?

- Por certas coisas... talvez insignificantes em si mesmas, mas que reunidas podem adquirir importância. Julgo em parte pelo que você me disse dele e também pela influência que exerce no seu carácter, Trotwood.

Aquela voz branda tinha o condão de fazer vibrar em mim a corda sensível. Em geral era grave, porém quando era assim grave, como naquele momento, acrescentava-se de um frémito que me submetia. Quando Agnes se curvou de novo sobre o seu trabalho, demorei-me a contemplá-la, supondo ainda que a estava a ouvir. E, apesar de todo o meu entusiasmo por Steerforth, a sua imagem enublou-se diante de mim.

- Isto pode ser arriscado - disse ela, erguendo a vista - tanto mais que sempre vivi afastada e mal conheço a sociedade. Mas sei, Trotwood, que esta opinião se consolidou pela lembrança dos anos que vivemos juntos e pelo interesse que tomo por tudo quanto lhe respeita. É o que me torna tão ousada. Estou certa de que não me engano. Penso que não sou eu quem fala, mas outrem que o previne contra um amigo tão perigoso.

Mais uma vez a observei, crendo ainda escutá-la, embora Agnes já se tivesse calado. E mais uma vez, embora tão fiel eu fosse à amizade de Steerforth, a imagem deste se entenebreceu aos meus olhos.

- Não sou tão insensata - disse ela daí a pouco, com a sua voz habitual -, para supor que você queira ou possa mudar de um instante para o outro de sentimento, sobretudo quando esse sentimento está tão radicado e se liga a todas as fibras da sua natureza confiante. Não deve modificar-se levianamente. O que lhe peço Trotwood, é que se jamais pensar em mim... quero dizer - acrescentou com um sorriso calmo, vendo que eu a ia interromper e Agnes sabia porquê - ... quero dizer que de cada vez que pensar em mim não se esqueça de pensar nos meus conselhos. Espero que me perdoe...

- Perdoar-lhe-ei quando fizer justiça a Steerforth e o estimar tanto quanto eu

o estimo.

- Só então? - perguntou.

Notei-lhe uma sombra no rosto, mas Agnes sorriu e a nossa confiança restabeleceu-se por completo.

- E quando me perdoa, a mim, o meu procedimento do outro dia?

- Quando o recordar.

Gostaria ela de mudar de assunto, mas eu andava tão imbuído dele que não lho podia consentir, e insisti em lhe contar como chegara a cobrir-me assim de opróbrio e por que série de acasos havíamos acabado por ir ao teatro. Aliviava-me a ideia de repisar o reconhecimento que devia a Steerforth pelos cuidados que o amigo me dispensara, quando eu já não estava capaz de tomar conta de mim.

- Lembre-se - atalhou Agnes, passando tranquilamente a outro tema -, que tem obrigação de me revelar não só os seus aborrecimentos como também os seus amores. Quem sucedeu à menina Larkins, Trotwood?

- Ninguém.

- Mente! Com certeza que há outra... - volveu sorrindo e ameaçando-me com o dedo.

- Não, Agnes, juro-lhe. Há, por exemplo, em casa da senhora Steerforth, uma pessoa muito inteligente, com quem eu gosto de conversar... a senhora Dartle... mas não a amo.

Agnes riu-se da sua própria sagacidade e disse-me que, se eu continuasse a fazer-lhe fielmente as minhas confidências, ela organizaria um registo das minhas paixões, com datas, duração e fim de cada uma, como a relação dos reis e rainhas de Inglaterra. Depois perguntou-me se eu tinha visto Uriah.

- Uriah Heep? Não. Está em Londres?

- Vem todos os dias ao escritório do rés-do-chão deste prédio. Chegou uma semana antes de mim, creio que para um assunto desagradável.

- Um assunto que a inquieta, Agnes. Bem o percebo. Que é, afinal?

A rapariga descansou o trabalho e, cruzando as mãos, respondeu-me com um olhar pensativo.

- Suponho que vai ser sócio do papá.

- O quê? Uriah? Esse ente abjecto e servil, que rasteja como um verme,

pretende semelhante promoção? - exclamei indignadíssimo. - Você não opôs objecções, Agnes? Lembre-se o que podem vir a ser tais relações! Deve falar, impedir essa loucura do seu pai. E isto enquanto é tempo...

De olhos sempre fixos em mim, Agnes abanou a cabeça e sorriu um pouco da minha veemência. Respondeu então:

- Recorda-se da nossa última conversa a respeito do papá? Foi dias depois que ele me falou do projecto. Quanto confrangia vê-lo debater-se entre o desejo de me levar a crer que tomava essa decisão de livre vontade e a sua impotência em esconder-me que ela lhe era imposta! Fiquei tão condoída!

- Imposta, Agnes? Quem a impunha?

- Uriah - declarou após um momento de hesitação -, tornou-se indispensável ao papá. É manhoso e observador. Adivinhou todas as fraquezas do seu chefe, anima-se e tira partido delas ao ponto de (se quer saber tudo o que penso) o papá ter medo dele.

Agnes podia continuar. Conhecia mais coisas, ou suspeitava-as, isso via-se bem. Mas não quis causar-lhe maior dor interrogando-a, pois sabia que se calava para poupar a honra do pai. Compreendi que há muito tempo as coisas haviam tomado esse caminho; portanto, guardei silêncio.

- O seu ascendente sobre o papá - prosseguiu - é muito grande. Mostra-se humilde e reconhecido (ao menos espero que seja sincero), mas na realidade é todo poderoso e eu temo que ele abuse desse poderio.

Declarei que o considerava um cachorro, o que por momentos me deu grande satisfação. Agnes acrescentou:

- Quando o papá me falou, Uriah dissera-lhe que o ia deixar, que o fazia com pena e de má vontade, mas que lhe tinham oferecido um lugar melhor. O papá estava então muito deprimido e cheio de preocupações, como você nunca o vira antes, nem eu. Assim, a ideia de tomar Uriah como sócio pareceu aliviá-lo, apesar de o facto o ferir e vexar.

- E você que lhe disse, Agnes?

- Penso ter agido pelo melhor. Convencida de que o sacrifício era necessário ao repouso do papá, pedi-lhe que levasse isso a efeito. Observei-lhe que lhe mitigaria o mal-estar (creio que não me enganei) e que essa solução permitiria que estivéssemos mais tempo juntos. Oh, Trotwood - e Agnes escondeu a cara nas mãos, porque as lágrimas lhe deslizavam pelas faces - tenho quase a impressão de ter actuado mais como inimiga do papá do que como filha

amantíssima. Eu sei como a sua ternura por mim o transformou, quanto ele comprimiu o círculo das suas relações e dos seus deveres para concentrar em mim todos os seus pensamentos. Sei de quantas coisas se privou por minha causa, sei que a sua inquietação quanto a mim lhe diminuiu as forças, fazendo convergir a energia sempre para o mesmo ponto. Se eu pudesse reparar tudo isto! Se pudesse levar-lhe a cura, depois de haver sido a causadora involuntária do seu declínio!

Eu nunca vira Agnes chorar: vira, sim, lágrimas nos seus olhos quando me cobria de louros na escola, e na última vez que faláramos do doutor Wickfield; e reparara que ela desviara o rosto quando disséramos adeus; mas jamais a tinha visto desolar-se daquela maneira. Senti tanta mágoa que não pude deixar de balbuciar tolamente:

- Ó Agnes, não chore! Querida irmã!

Mas, como agora sei e então ignorava, Agnes era-me muito superior quanto a vontade e energia; não precisava, pois, das minhas súplicas. Essa bela tranquilidade que a extrema tanto nas minhas recordações reapareceu como reaparece o céu azul após a passagem da nuvem.

- Temos poucas ocasiões de estar sós - disse-me ela. - De maneira que, aproveitando esta, lhe peço que seja amável com Uriah. Não o repila. Não se irrite (pois creio que tem propensão para tal) com o que lhe é antipático na pessoa dele.

Não sabemos se o homem é realmente mau, e podemos estar a ser injustos. Em todo o caso, pense mais em mim e no papá.

Agnes não teve tempo de prosseguir, porque se abriu a porta e entrou, majestosamente, a senhora Waterbrook. Era uma dama imponente (ou pelo menos vestida com imponência; não cheguei a destrinçar o que, no caso, pertencia mais à portadora ou ao vestido). Eu tinha a vaga ideia de a ter visto no teatro, mas a senhora parecia recordar-se perfeitamente de mim e desconfiar que me encontrava ainda no mesmo estado de embriaguez.

Convencendo-se, porém, de que não bebera e (atrevo-me a supô-lo) de que se encontrava diante de um rapaz educado, a senhora Waterbrook abrandou consideràvelmente a sua prevenção e perguntou-me, em primeiro lugar, se eu ia muito aos parques, e, em segundo lugar, se frequentava a sociedade. Parece-me que a resposta negativa que dei às suas perguntas me fez descer de novo na sua estima, mas dissimulou, complacente, o facto e convi dou-me para jantar no dia seguinte. Aceitei o convite e despedi-me, mas, ao sair, passei no escritório para

visitar Uriah; como o não encontrasse, deixei-lhe um bilhete.

Logo que, na tarde seguinte, cheguei para jantar, e, uma vez transposta a entrada, me senti mergulhado num banho de vapor de perna de carneiro, percebi que não era o único conviva; com efeito, reconheci sem dificuldade o portador da carta disfarçado de lacaio para ajudar o criado da casa e colocado ao pé da porta para me anunciar. Tomou, ao perguntar-me confidencialmente o nome, o ar de quem nunca me vira antes, embora já fôssemos conhecidos.

O senhor Waterbrook, pessoa de idade madura, tinha o pescoço curto, com um colarinho postiço muito largo; só lhe faltava o nariz preto para ser o vivo retrato de um buldogue. Disse-me que experimentava grande prazer com a minha presença; depois, feitos os meus cumprimentos à dona da casa, ele apresentou-me cerimoniosamente a uma dama de aspecto rebarbativo, vestido de veludo negro e com um imenso chapéu de veludo da mesma cor. Dava a impressão (tanto quanto me lembro) de ser parente próxima do Hamlet, algo como sua tia.

Esta senhora era casada com o doutor Henry Spiker, que também se encontrava lá: homem tão frio que a cabeça, em vez de cabelos brancos, me pareceu estar polvilhada de gelo. Todos testemunhavam grande respeito aos Spikers, e isto porque (explicou-me Agnes) ele era advogado de qualquer coisa ou de alguém (esqueci quem ou quê) vagamente relacionado com a Fazenda Pública.

Entre os convivas figurava Uriah Heep, vestido de preto e nimbado de humildade. Quando lhe apertei a mão, declarou-se orgulhoso da deferência que eu lhe fazia e muito grato pela minha condescendência. Gostaria de o ver menos reconhecido, pois, na sua gratidão, rodou à minha volta toda a noite. E, sempre que eu dizia qualquer coisa a Agnes, tinha a certeza de ver atrás de nós o seu rosto cadavérico e os olhos cavos e sem pestanas.

Havia outras pessoas, todas geladas para o banquete, como se faz ao vinho. Uma, porém, atraiu-me a atenção antes que entrasse, porque ouvi proferir o nome: o senhor Traddles! Evoquei logo o internato de Salem; talvez fosse Tommy, pensei, esse que costumava desenhar esqueletos.

Esperei pelo senhor Traddles com enorme curiosidade. Era um rapaz de ar sério, com modos circunspectos, cabelo um tanto esquisito e olhos esbugalhados. Depressa se encafuou num canto sombrio, onde eu mal o distinguia. Por fim consegui extremá-lo, e, se o olhar me não atraiçoava, tratava-se realmente do infeliz Traddles.

Aproximei-me do senhor Waterbrook e disse-lhe que julgava ter o gosto de conhecer um dos meus antigos camaradas de curso.

- Palavra? - replicou, surpreendido. - Mas o senhor é muito novo para ter andado no liceu com o doutor Henry Spiker.

- Não falo desse. Refiro-me ao senhor Traddles.

- Ah, ah... Realmente?-volveu com interesse mais comedido. - É possível.

- Caso seja ele de facto, conhecemo-nos no internato de Salem. Era excelente rapaz.

- Sim, sim. Traddles é bom rapaz - respondeu o dono da casa, meneando a cabeça com indulgência. - Traddles é bom rapaz.

- Que estranha coincidência!

- Com efeito, é uma coincidência encontrar aqui o Traddles, pois só o convidei esta manhã, quando se verificou que o lugar destinado à mesa ao irmão da senhora Spiker não podia ser ocupado por este, devido a uma indisposição. Homem deveras notável, o irmão da senhora Spiker...

Murmurei uma confirmação, bastante sentida se se pensar que não sabia nada a seu respeito, e inquiri qual era a profissão do senhor Traddles.

- Estudante de Direito. Ah, sim, excelente rapaz. Só faz mal a si mesmo.

- Como? - retorqui, penalizado.

O senhor Waterbrook mordeu os lábios, brincou com a corrente do relógio, cheio de tranquila satisfação, e disse:

- Creio que é desses que se prejudicam a si próprios. Não me parece que venha a ganhar algum dia mais de quinhentas libras. Foi-me recomendado por um colega. Não há dúvida que tem talento para redigir sumários e expor claramente um caso. Estou até disposto a dar-lhe, este ano, qualquer coisa para experimentar... qualquer coisa importante.

O senhor Waterbrook lembrava não digo já um homem que nascera com uma barra de oiro no berço mas pelo menos com um escadote com que podia subir aos píncaros da existência; de maneira que lhe era agora fácil contemplar, do alto das muralhas, com o olhar protector de um filósofo, os infelizes que tinham ficado no fosso.

Prosseguia eu nestas cogitações quando anunciaram o jantar. O dono da casa ofereceu o braço à tia de Hamlet; o doutor Henry Spiker à senhora Waterbrook; Agnes, que eu tanto desejaria conduzir, teve de se deixar

acompanhar por um indivíduo de sorriso pateta e pernas flácidas. Uriah, Traddles e eu, por sermos os mais novos, fomos os últimos a descer para a sala da refeição, sem qualquer ordem estabelecida. Compensou-me a perda de Agnes o facto de poder falar com Traddles, que ficou encantado com o nosso reencontro. Uriah, durante este tempo, torcia-se com um misto de tão evidente satisfação e humildade que me apetecia atirá-lo por cima do corrimão da escada.

Ao jantar sentámo-nos nos dois extremos da mesa, ele faiscando ao lado de uma senhora vestida de veludo encarnado e eu à sombra da tia de Hamlet. O banquete foi demorado e a conversa versou sobre Aristocracia e Sangue. Por várias vezes nos disse a senhora Waterbrook que, se tinha um fraco, esse era o Sangue.

Se fôssemos menos distintos talvez nos houvéssemos aborrecido menos. Mas, sendo de uma distinção absoluta, os nossos temas forçosamente que resultaram limitados. Estavam presentes uns esposos Gulpidges, ligados de certa maneira (pelo menos ela) ao contencioso bancário; e assim, com os Bancos e a Fazenda Pública, nós formávamos um círculo bastante fechado. Ainda por cima, a tia de Hamlet fora atacada da mania dos solilóquios e começou a falar com desenvoltura de todos os assuntos que vinham à balha. Estes eram poucos, sem dúvida, e como recaíamos sempre no tema do Sangue, ela encontrou largo campo para especulações abstractas, no género do seu sobrinho. Até nos poderiam tomar por uma família de vampiros, tão sanguinária se tornou a nossa conversa.

- Confesso que sou da opinião de minha mulher - disse o dono da casa, com o copo de vinho em riste. - Há muitas coisas dignas de atenção, mas nenhuma como o Sangue.

- Não há nada tão consolador - observou a tia de Hamlet - nada que seja tão beau ideal de..., enfim, do que estamos a dizer. Há espíritos bastante vulgares (felizmente em pequeno número) para preferirem curvar-se diante do que chamarei os ídolos. Sim, verdadeiros ídolos: do Trabalho, da Inteligência... Mas isto são coisas impalpáveis, o que não acontece com o Sangue. O Sangue vê-se no nariz, vê-se no queixo, podemos dizer: «cá está!» A sua presença é inegável.

O jovem idiota de pernas flácidas, que conduzira Agnes à casa de jantar, resolveu a questão, em meu parecer, de forma definitiva.

- Diabos me levem - começou ele, circunvagando a vista pela mesa com um sorriso parvo -, o Sangue é coisa a que não se pode renunciar. Precisamos dele. Há rapazes cuja educação e comportamento deixam muito a desejar quando se pensa na classe a que pertencem... Mas diabos me levem se não é consolador

saber que têm sangue azul! Eu, por mim, prefiro ser derrubado por um homem que tenha sangue azul a ser levantado por um que o não tenha.

Esta opinião, que resumia tão eloquentemente o problema, causou grande contentamento e pôs em evidência o seu autor até à altura de as senhoras se retirarem da sala. Notei então que os senhores Gulpidge e Spiker, até aí reservados, formaram uma espécie de aliança defensiva contra o inimigo comum, isto é, contra nós, e trocaram através da mesa um diálogo misterioso destinado a confundir-nos e perder-nos.

- Esse caso das primeiras obrigações de quatro mil e quinhentas libras não deu o resultado que se esperava - observou Gulpidge.

- Refere-se à operação D. de A.?

- AC. de B.

Spiker alçou as sobrancelhas e pareceu contrariado.

- Quando a questão foi apresentada a Lorde...-explicou Gulpidge. Mas deteve-se, sem terminar a frase.

- Bem sei, Lorde N. - disse Spiker. O outro prosseguiu, com ar soturno:

- Quando a questão lhe foi apresentada, ele respondeu: «Ou o dinheiro, ou tribunal.»

- Meu Deus!-exclamou Spiker. E Gulpidge repetiu com firmeza:

- Ou o dinheiro ou tribunal. Então o fiador responsável...

- K. - declarou Spiker, no tom de quem esperava o pior.

- Recusou-se terminantemente a assinar, embora esperassem por ele em New Market, para esse mesmo fim.

Spiker estava tão atento que parecia petrificado.

- E assim estão as coisas neste momento - concluiu Gulpidge, reclinando-se no espaldar da cadeira. - O nosso amigo Waterbrook desculpar-me-á se não sou mais explícito, mas atendendo à magnitude dos interesses que isto envolve...

O senhor Waterbrook mostrava-se felicíssimo, segundo se me afigurou, pelo facto de se falar à sua mesa de tão grandes interesses e tão grandes nomes. Tomou um ar sombrio e compreensivo (embora percebesse tanto do assunto como eu) e concordou plenamente com a discrição observada pelos seus convivas. Depois de haver sido objecto de tamanha confiança, o doutor Spiker quis naturalmente retribuir a cortesia do seu amigo, e por isso o diálogo foi

seguido de outro, durante o qual chegou a vez a Gulpidge de ficar embasbacado. E assim por diante, sucedendo-se os diálogos no mesmo teor, enquanto o nosso anfitrião nos considerava com orgulho, a nós, vítimas de salutaríssimo temor e espanto.

Foi um alívio quando subi mais tarde e reencontrei Agnes, a quem apresentei Traddles, que era tímido mas simpático e tão bom rapaz como outrora. Como tinha de se retirar cedo, porque partia no dia seguinte, não pude conversar com ele demoradamente como desejava; mas tomámos nota dos respetivos endereços e prometemos encontrar-nos na sua volta a Londres. Ficou contente por saber que eu estivera com Steerforth, a quem se referiu com entusiasmo; pedi-lhe então que repetisse a Agnes o que pensava do nosso amigo comum, mas a rapariga limitou-se a olhar enquanto ele falava e a oscilar levemente a cabeça quando eu era o único a observá-la.

Tive a impressão de que Agnes não se sentia muito à vontade naquela casa, e assim rejubilei quando soube que regressava à sua dentro de poucos dias, embora por outro lado lastimasse separar-me dela. Esta perspectiva aconselhou-me a ser o último a sair: a sua presença recordava-me com delícia a minha existência feliz na austera mansão de Cantuária, que Agnes soubera tão bem aformosear; seria capaz de permanecer assim o resto da noite, mas como não tinha explicação para a minha demora e os convivas se haviam retirado já, despedi-me constrangido, sentindo mais do que nunca que ela era o meu anjo bom.

Disse que todos haviam partido, porém devia abrir uma excepção para Uriah Heep, que não deixava de nos rondar. Desceu comigo e saiu a meu lado, enfiando os longos dedos de esqueleto nos dedos, mais compridos ainda, de um par de luvas à Guy Fawkes [{10}]. Não era que me tentasse a companhia de Uriah, mas, lembrando-me do pedido de Agnes, tolerei a sua presença e perguntei-lhe se queria tomar café na minha casa.

- Ah, menino David... perdão, queria dizer senhor Copperfield... mas o hábito, não é verdade? Não quero que se sinta na obrigação de convidar uma pessoa tão humilde como eu...

- Não se trata de obrigação. Quer vir?

- Teria imenso prazer...

- Nesse caso, venha.

Não podia evitar falar-lhe em tom seco, mas o homem pareceu que não dava conta disso. Seguimos pelo caminho mais curto, sem dizer nada de

importante durante o trajecto. Aquelas luvas de espantalho causavam-lhe tão humilde respeito que ele ainda

*1.

330

estava a enfiá-las e realmente não fizera grandes progressos quando chegámos ao meu prédio.

Guiei-o pela escada escura, para impedir que esbarrasse em qualquer obstáculo; mas senti a impressão de pegar numa rã quando lhe toquei na mão fria e húmida. Até me apeteceu largá-la e fugir! A ideia de Agnes e os deveres da hospitalidade dominaram, porém, e eu introduzi-o na minha saleta e indiquei-lhe o canto do lume. Quando acendi as velas, Uriah desfez-se em exclamações quanto à excelência da minha instalação. E, ao aquecer café num modesto recipiente de zinco que a senhora Crupp usava para esse efeito (pela razão de que, sendo para a barba, lhe era inútil nesse aspecto, e que uma boa cafeteira podia enferrujar), o meu hóspede enterneceu-se tanto que eu de boa vontade o teria escaldado entornando-lhe por cima o líquido

fervente.

- Oh, menino David... isto é, senhor Copperfield... como poderia eu imaginar que me serviria assim algum dia? Mas acontecem-me tantas coisas, que eu jamais esperaria na minha humildade... Parece que chovem bênçãos sobre mim! Suponho que ouviu falar da mudança de situação ocorrida na minha existência, menino David... isto é, senhor Copperfield...

Vendo-o sentado no meu sofá, com os joelhos pontudos sob a xícara do café, e o chapéu e as luvas no chão, à sua beira, e a colher girando lentamente, e os olhos avermelhados (que pareciam ter queimado as pestanas) fixos nos meus, sem todavia me verem, e as narinas arfantes, e todo o corpo agitado, desde o queixo aos pés, numa espécie de ondulação, vendo-o dessa maneira senti quanto o detestava, do mais profundo do coração. Indignava-me tê-lo por convidado, porque eu era novo e não sabia ainda dissimular uma aversão tão forte como a que ele me inspirava.

- Suponho que ouviu falar da mudança de situação... - repetiu Uriah.

- De facto...

- Ah, já calculava que a menina Agnes soubesse - observou pacificamente. - Agrada-me verificar que ela sabe. Obrigado, menino Da... senhor Copperfield.

Ter-lhe-ia com prazer atirado à cara a calçadeira (que estava no tapete) por me haver apanhado em qualquer coisa relativa a Agnes, por menos importante que fosse. Mas contentei-me com levar à boca o resto do café.

- O senhor foi bom profeta - continuou ele. - Realmente, que bom profeta! Não se lembra decerto, mas disse-me um dia que eu seria sócio do doutor Wickfield e que a firma apresentaria esta constituição: Wickfield & Heep. Talvez já se esquecesse... Mas, quando se é humilde como eu, menino David, fixam-se preciosamente palavras destas...

- Recordo-me, na verdade, de ter falado disso. Mas nessa altura não acreditava.

- E quem poderia acreditar, senhor Copperfield! - exclamou fervoroso. - Eu não, pelo menos. Lembro-me de lhe ter respondido que me sentia muito humilde, e nisto é que eu cria a valer.

Olhava para o fogão, com um sorriso maquinal estampado nos lábios. Eu, por meu turno, olhava para ele.

- Mas os entes mais humildes, menino David - recomeçou daí a pouco - podem tornar-se instrumentos de felicidade. Alegro-me ao pensar que pude ser o instrumento da felicidade do doutor Wickfield, e que ainda posso tornar a sê-lo. Que homem digno, esse senhor! Mas que imprudente também!

- Lamento muito - repliquei. E não pude deixar de aduzir: - Por tudo.

- Exactamente, senhor Copperfield, por tudo. E sobretudo no que se refere à menina Agnes. O senhor já se esqueceu das palavras eloquentes que pronunciou, mas eu recordo-me bem de lhe ouvir dizer um dia que toda a gente devia admirá-la e dos agradecimentos que lhe fiz a esse respeito. Com certeza que se esqueceu, menino David.

- Não - declarei secamente.

- Oh, ainda bem! Pensar que o senhor foi o primeiro a provocar a faísca da ambição no meu peito humilde e que não se esqueceu desse facto! Oh!... Atrever-me-ei a pedir-lhe mais café?!

A ênfase que deu àquela frase e o olhar que me deitou fizeram-me estremecer como se a tal faísca se houvesse transformado em labareda. Recaindo

em mim, ao ouvir o último pedido formulado noutro tom, aproximei da sua xícara a vasilha de aquecer a água da barba, usada mais vulgarmente para o café; mas foi com mão trémula que o fiz, pensando ser incapaz de competir com ele e cheio de apreensão pelo que poderia seguir-se. Uriah devia fatalmente reparar na minha excitação, todavia calou-se e remexeu infindavelmente a bebida, tomou um gole, tacteou devagar o queixo com a mão ossuda, mirou o lume, circunvagou a vista pelo quarto, sorriu-me de uma orelha à outra, encolheu-se com obsequiosa deferência, tornou a açucarar e a mexer o café, mas por fim deixou-me o cuidado de renovar a conversa. Para dizer alguma coisa, observei:

- Com que então, o doutor Wickfield, que vale por quinhentos homens como o senhor... ou eu - não resisti a cortar em duas a minha frase -, foi, em sua opinião, imprudente, senhor Heep?

- Ah, sim, muito imprudente. Mas preferia que me tratasse por Uriah, se não se importa, como costumava...

- Está bem, Uriah - retorqui, proferindo esse nome com dificuldade.

- Obrigado - sacudiu caloroso. - Oh, muito obrigado, menino David! Sinto soprar as auras de outrora e soar os sinos desse tempo, quando diz Uriah! Desculpe... falava de...?

- O senhor falou-me do doutor Wickfield.

- Ah, sim, é verdade. Uma grande imprudência, menino David. Este assunto não o quereria aflorar com mais ninguém. Se outrem estivesse no meu lugar, durante todos estes anos, há muito que teria o doutor Wickfield... apesar de tão digno homem!... fechado na sua mão. Na sua mão - repetiu lentamente, estendendo a dextra cruel por cima da mesa, até que esta tremeu, fazendo estremecer a casa.

Creio que não o detestaria mais se o tivesse visto colocar o pé chato sobre a cabeça do doutor Wickfield.

- Pois, menino David - continuou em voz branda, contraste evidente com a acção do punho, de que não diminuía a pressão.

- Não há dúvida. Ele conheceria a ruína, a desonra e sabe Deus que mais! O doutor Wickfield não o ignora. Sou o instrumento humilde que humildemente o serviu; por isso me eleva a uma posição eminente que não poderia esperar atingir. Quanto reconhecimento lhe devo!

Dizendo estas palavras, de cara virada para mim, mas sem me olhar, Uriah retirou o dedo adunco do ponto da mesa em que o pusera, e devagar, com ar

pensativo, coçou o queixo magro como se estivesse a barbear-se.

Lembro-me da cólera que me fez bater o coração quando lhe percebi no rosto manhoso, em que tão bem acertava o reflexo vermelho do lume, que ele ainda tinha qualquer coisa de reserva.

- Menino David, naturalmente quer dormir...

- Não. Em geral deito-me tarde.

- Obrigado, menino David. Ergui-me acima da minha condição humilde desde a primeira vez que me viu, isso é verdade. Mas sou ainda humilde e espero sê-lo sempre. Não duvidará da minha humildade se eu lhe fizer uma pequena confidência?

- Não - respondi com esforço.

- Obrigado.

Tirou o lenço e começou a enxugar a palma das mãos.

- A menina Agnes...

- E então, Uriah?

- Oh, que prazer ouvi-lo chamar-me Uriah, espontaneamente

- exclamou dando um pulo convulsivo. - Achou-a bonita esta noite, não é verdade?

- Achei-a como sempre: superior em todos os aspectos aos que a rodeavam.

- Obrigado! Como isso é verdadeiro! Oh, obrigado por essas boas palavras.

- Mas porquê? - volvi desdenhoso. - Não tem nada que me agradecer.

- Tenho, menino David, é justamente a confidência que tomo a liberdade de lhe fazer. Por mais humilde que eu seja - enxugava as mãos com maior energia e olhava alternadamente as palmas e o fogo -, e por mais humilde que sempre fosse a nossa casa, pobre mas honesta, a imagem da menina Agnes habita o meu coração há muitos anos. Não hesito, menino David, em confiar-lhe o meu segredo, porque me inspirou grande simpatia desde o momento em que o vi pela primeira vez na carruagem da senhora Trotwood. Oh, quanto amo a menina Agnes! Até o chão que ela pisa...

Creio que tive, por momentos, a ideia louca de agarrar no atiçador, que estava ao rubro, e de traspassar com ele o meu convidado. Esta ideia, porém, atravessou-me o espírito como um relâmpago. Mas a imagem de Agnes, ultrajada pelos pensamentos daquele animal de cabeça ruiva, ficou fixada na

minha mente e, quando o tornei a olhar, sentado acolá, de lado, como se a sua alma vil lhe torcesse o corpo, senti uma vertigem e julguei vê-lo inchar sob os meus olhos. Os ecos da sua voz pareceram encher o quarto e apoderou-se de mim o sentimento estranho de que tudo aquilo se passara já, numa época indeterminada.

Li-lhe a tempo, no rosto, a consciência que ele tinha do seu poder e isto obrou mais que todos os esforços para acatar os rogos de Agnes. Perguntei-lhe, com o ar calmo que um minuto antes eu acharia impossível, se comunicara os seus sentimentos à filha do doutor Wickfield.

- Oh, não! Isso não! A ninguém excepto ao menino David. Bem compreende, eu acabo de sair da minha humilde condição. Conto muito com a circunstância de que ela avaliará o bem que faço ao pai, pois que lhe espero ser útil; verá como sei aplanar as dificuldades e encaminhá-lo pela boa via. A menina Agnes é muito afeiçoada ao pai... e que bela coisa esse amor filial! Talvez isso me seja favorável...

Medi a profundeza das maquinações daquele patife e compreendi a razão das suas revelações.

- Se fizer o favor de guardar este segredo - prosseguiu Uriah - e evitar prejudicar-me, ficar-lhe-ei profundamente reconhecido. Não há-de querer a minha infelicidade. Sei que tem um coração de ouro. Mas como só me conheceu na minha condição humilde (ou mais humilde, porque humilde sempre sou) poderia empecer-me junto da minha Agnes. Chamo-lhe minha Agnes, imagine, menino David!

Querida Agnes, tão bondosa, tão dedicada para todos! Estaria destinada a ser a mulher daquele miserável?

- Por enquanto não há pressa, menino David - continuou Uriah, com o seu tom melifluo, enquanto eu, preocupado com as ideias que ele me sugeria, me limitava a contemplá-lo. - A minha Agnes é ainda muito nova, e eu e a minha mãe teremos de conquistar a nossa posição e fazer preparativos antes que isso seja possível. Terei assim tempo de me familiarizar a pouco e pouco com as minhas esperanças conforme se for apresentando ocasião. Ah, quanto lhe agradeço haver-me facilitado esta confidência! Se soubesse que alívio é para mim saber que compreende a nossa situação e que (naturalmente desejoso de evitar dissabores à família) não tentará com certeza prejudicar-me.

Pegou-me na mão, que não ousei recusar-lhe, e, após um aperto húmido, consultou o seu relógio.

- Meu Deus! - exclamou-já passa da uma hora! Os minutos correm tão depressa quando se evocam os bons tempos antigos, menino David!

Respondi que pensava ser mais tarde, não que realmente acreditasse em tal mas porque estava esgotado o meu poder dialogador.

- Meu Deus! - repetiu, com ar perplexo. - A casa em que me hospedei, uma espécie de hotel ou de pensão familiar, perto de New River Head, já deve ter fechado as portas há duas horas.

- Lastimo que não haja aqui mais nenhuma cama e que eu...

- Oh, não fale de cama, menino David - respondeu cheio de beatitude. - Aborrecer-se-ia muito que eu passasse a noite deitado diante do fogão?

- Se é isso -- repliquei - peço-lhe então que se sirva do meu leito e serei eu quem ficará aqui.

O excesso de surpresa e a sua humildade impuseram-lhe recusa a esta oferta feita numa voz quase estridente para atingir os ouvidos da senhora Crupp, que estaria a dormir, suponho, nalgum quarto distante. Nenhuma das razões que invoquei, no meu susto, conseguiram decidir o modesto Uriah a aceitar a minha alcova, de maneira que o tive de instalar como pude numa cama improvisada diante do fogão. O colchão do sofá (demasiado curto para aquele grande corpo magro), as almofadas do mesmo, o pano da mesa, uma toalha limpa e um sobretudo serviram, pois, para esse efeito. Emprestei-lhe um barrete de dormir, que ele enfiou logo e com o qual ficou tão feio que resolvi nunca mais o usar.

Jamais esquecerei essa noite. Jamais esquecerei como a passei, a atormentar-me e a revolver-me na cama, a pensar em Agnes e naquela criatura, a perguntar o que devia e podia fazer, sem chegar a qualquer conclusão além desta: para a tranquilidade de Agnes, o melhor seria não fazer nada e guardar para mim o que sabia. Se adormecia por uns minutos, o rosto da rapariga, com os seus olhos meigos, e o do pai olhando-a com ternura, como eu vira tantas vezes, apareciam-me suplicantes e enchiam-me de terrores inominados. Quando despertava, a ideia de que Uriah dormia no quarto contíguo insistia em mim como um pesadelo e oprimia-me como se eu tivesse por hóspede um demónio da pior espécie.

O atiçador do fogão não me saía do pensamento. Na minha vaga sonolência, julgava-o ainda ao rubro e cria que o arrancara do lume para traspassar com ele Uriah Heep. Esta lembrança acabou por me obcecar ao ponto que, embora sabendo-a absurda, me vi forçado a ir ao quarto contíguo para observar o hóspede. Aí o vi deitado de costas, com as pernas infinitamente

compridas, gorgolejos na garganta, roncos no nariz, e a boca aberta como um marco de correio. Ainda se me afigurou mais feio na realidade do que na minha imaginação doentia, e a repulsa que me inspirou exerceu em mim tamanha atracção mórbida que não pude deixar de aí vir de meia em meia hora, para deitar uma vista de olhos. A noite imensa parecia-me tão triste, tão desesperadora! No céu torvo não surgia a mínima claridade.

Quando o senti descer a escada, de manhã cedinho (pois, graças a Deus, não quis ficar para almoçar), tive a impressão de que a noite desaparecia com ele; e quando fui ao tribunal, recomendei com insistência à senhora Crupp que abrisse as janelas de par em par para me arejar o gabinete e o expurgar da presença de Uriah.

XXVI. TORNO-ME CATIVO

Não voltei a encontrar Uriah Heep até ao dia em que Agnes deixou Londres. Topei-o no escritório da diligência, onde fora despedir-me da minha amiga e vê-la partir. O homem achava-se lá, para o regresso a Cantuária, e devia tomar o mesmo veículo. Experimentei certo consolo ao descobri-lo empoleirado no último degrau da imperial, com um guarda-sol que parecia uma barraca e um sobretudo violáceo, curto de ombros e de cintura, ao passo que Agnes ocupava, naturalmente, o interior da diligência. Esta recompensa bem a mereci pelos esforços que fiz para ser amável com ele sob os olhos de Agnes. Lá no alto do seu poleiro, como no jantar da outra noite, Uriah parecia pairar sobre nós, a todo o momento, como um abutre enorme, fartando-se de cada sílaba que eu e ela trocávamos.

Na perturbação que as confidências de Uriah me haviam lançado, eu pensara por mais de uma vez no que me dissera Agnes acerca da associação do pai com Uriah Heep: «Fiz o que devia fazer; persuadida de que este sacrifício era necessário ao repouso do papá, pedi-lhe que acedesse.» Pressentia tristemente que ela cederia também ao mesmo sentimento e que acharia nele a força necessária para realizar qualquer outro sacrifício em favor do pai. Isto, desde então, oprimia-me sem cessar. Sabia quanto Agnes o estimava, sabia de quanta dedicação era capaz, sabia (por a ter ouvido dizer) que se considerava causadora involuntária das fraquezas do doutor Wickfield. Sentia-se devedora para com ele de um débito de que desejava ardentemente descartar-se. Não experimentei nenhuma consolação ao vê-la tão diferente desse detestável patife do sobretudo violáceo, pois achava que essa mesma diferença entre a abnegação de uma alma pura e a baixeza sórdida de Uriah constituía o perigo principal. Tudo isto ele o sabia muito bem e sem dúvida que a sua manha pesara maduramente as consequências. E todavia eu estava convencido de que a perspectiva, mesmo longínqua, de semelhante sacrifício destruiria qualquer possível felicidade para Agnes; a sua atitude provava-me absolutamente que ainda a não visitara a sombra de uma apreensão desse género: ser-me-ia mais fácil causar-lhe mal do que preveni-la do que a esperava. Foi assim que nos separámos, sem nenhuma explicação. Ela agitava a mão e sorria-me à portinhola da diligência, e o seu génio mau contorcia-se na imperial como se já a tivesse, triunfante, nas suas garras. Custou muito a esquecer esta visão do adeus. Quando Agnes escreveu anunciando a sua chegada sem incidentes, fiquei tão triste como na ocasião em

que a vi partir. De cada vez que me entregava a estes pensamentos, o caso nunca deixava de se apresentar, redobrando o mal-estar que eu sentia. Tornara-se parte integrante da minha vida, um órgão vital inseparável dela.

Tive oportunidade de requintar esta minha inquietação, pois Steerforth estava em Oxónia, conforme me escreveu, e eu vivia muito só quando não me encontrava no estágio. Creio que já experimentava surda desconfiança quanto a Steerforth. Respondi-lhe com afecto, mas no fundo considerava-me contente por sabê-lo então longe de Londres. Na verdade, eu suspeitava a verdade: que a influência de Agnes se exercia em mim quando ele não estava presente, e isto em grande escala pelo facto de ela ocupar nessa altura lugar vasto nos meus pensamentos e cuidados.

Entretanto passavam-se os dias e as semanas. Eu firmara o meu contrato com Spenlow e Jorkins. A tia deveria dar-me noventa libras anuais, sem falar do alojamento nem de outras coisas anexas. O meu apartamento estava alugado por um ano; e embora achasse as noites longas e tristes, podia abandonar-me às delícias da melancolia e do café, de que (bem me recordo) consumia enormes quantidades por essa época. Foi também por essa altura que fiz três descobertas: primeira, que a senhora Crupp era vítima de um mal estranho, a que chamava «espasmos». Era geralmente acompanhado de uma inflamação nasal e precisava de ser tratado regularmente com mentol. Segunda: a temperatura da minha despensa fazia estalar as rolhas das garrafas de aguardente. Terceira: eu estava só no mundo e muito inclinado a proclamá-lo em numerosos exercícios de versificação inglesa.

A assinatura do meu contrato não teve celebração especial, além das sanduíches e do xerez que levei para o escritório, para oferecer aos escreventes, e da minha ida solitária ao teatro, à noite. Fui ver representar O Estrangeiro, peça que achei apropriada a um estagiário de Leis; saí tão perturbado que mal me reconheci no espelho, ao chegar a casa. Na ocasião da assinatura, o doutor Spenlow declarou que teria muito gosto em receber-me na sua residência de Norwood, para comemorar o facto, se a sua vida familiar não estivesse tão desorganizada, pois a filha deveria chegar em breve de Paris, onde terminava a sua educação. Mas deu-me a entender que, uma vez normalizada a sua existência, ele não dispensaria a minha presença. É claro que respondi aceitar com grande prazer; sabia que o doutor Spenlow era viúvo e que só tinha aquela filha.

Não faltou à sua palavra. Uma ou duas semanas depois, lembrou-me aquela promessa e disse-me que, se eu realmente quisesse dar-lhe a honra de o visitar no

fim de semana, ele ficaria reconhecido; e, como eu anuísse de bom grado, combinou-se que me levaria consigo e me traria na segunda-feira na sua carruagem.

Quando chegou o dia assinalado, o meu próprio saco de viagem foi objecto de veneração dos escreventes, para quem a casa de Norwood constituía um mistério sagrado. Um deles contou que o doutor Spenlow (segundo lhe constara) comia em baixela de ouro, prata e porcelana; outro fez-se eco de que à mesa tomavam champanhe como quem toma cerveja, do princípio ao fim das refeições. O velho da peruca, cujo nome era Tiffey, fora lá várias vezes fazer recados relativos à profissão e, de cada vez, entrara na casa de jantar. Descreveu-a como uma sala verdadeiramente sumptuosa. Tinham-lhe oferecido xerez da roda {11}, tão precioso que fazia a gente piscar os olhos.

Nesse dia julgava-se uma causa no tribunal, respeitante a um padeiro que devia ser excomungado por ter feito objecções, em plena sacristia, contra certo imposto. E como o processo tinha a extensão de páginas do Robinson Crusoe, só muito tarde é que ficámos livres. Em todo o caso, aplicou-se ao homem a excomunhão de seis semanas e pagamento das custas. Por fim o advogado do réu, o juiz e os outros intervenientes de ambas as partes (que eram todos aparentados) deixaram o edifício, e eu e o doutor Spenlow tomámos a carruagem deste último - um faetonte luxuoso, cujos cavalos arqueavam o pescoço e levantavam as patas como se pertencessem também ao nosso digno tribunal. Os membros deste rivalizam, aliás, em equipagens de ostentação; no entanto, creio que a sua maior rivalidade, nesse tempo, era o emprego da goma nos colarinhos: faziam tal uso dela que só o podia limitar a tolerância da natureza humana nesse aspecto. Pelo caminho conversámos agradavelmente, e o doutor Spenlow deu-me algumas indicações acerca da minha profissão. Disse-me que eu escolhera a mais perfeita do mundo e que não se devia confundir de modo nenhum com a do advogado: era realmente outra coisa, muito mais exclusiva, menos maquinal e mais rendosa. As coisas, nos Doctor's Commons, decorriam com mais facilidade do que noutro lado, o que nos constituía uma classe à parte. Seria impossível negar o facto (aliás pouco simpático) de serem os advogados quem nos fornecia as causas, mas quanto a este ponto soube tranquilizar-me por completo.

Perguntei ao doutor Spenlow o que é que ele considerava o género de processo mais interessante para nós. Respondeu-me que o de um testamento contestado, de bens de trinta a quarenta mil libras, era decerto o que havia de melhor, porque trazia excelentes proveitos durante todas as fases do processo, em razão das muitas tricas que se podiam fazer e das inúmeras deposições, interrogatórios e mais chicanas, como pelos recursos a interpor e apelos para as

instâncias superiores. As duas partes, convictas dos seus direitos, não olhavam a despesas. Depois iniciou o elogio do nosso tribunal especial. A sua maior vantagem residia nas convenções entre partes. Não havia outro mais bem organizado em todo o mundo. Era o ideal do sistema prático. Por exemplo, supondo que se intentava uma acção de separação ou de indemnização em primeira instância. Aquilo decorria como um jogo de cartas em família. Mas, admitindo que a sentença nos não agradava, passava-se então ao tribunal arquiepiscopal. De que se compunha este? Ora, dos mesmos elementos, mas com um juiz diverso, podendo o do julgamento anterior vir agora agir como advogado, em qualquer dia da audiência. Assim recomeçava o jogo familiar. Não se estava ainda contente? Muito bem. Que se fazia? Recorria-se para os desembargadores eclesiásticos. E quem eram estes? Eram os que assistiram como espectadores aos debates precedentes, que viam baralhar e dar as cartas, que discutiam com os jogadores e que, ao presente, muito frescos, podiam regularizar as coisas com geral satisfação. Os descontentes estavam no seu direito de falar da corrupção dos Doctor's Commons, do seu anacronismo, da necessidade da sua reforma, concluiu gravemente o doutor Spenlow; mas fora quando o preço do trigo por alqueire estivera mais elevado que esse tribunal tivera mais que fazer. E, pondo a mão na consciência, podia-se proclamar ao mundo inteiro: «Tocai no Commons e vereis o que será do país!»

Escutei tudo isto com a máxima atenção. E embora não estivesse tão persuadido como o doutor Spenlow de que o país dependia desse tribunal, aprovei respeitosamente a sua conclusão. Disse apenas, com modéstia, que essa história do preço do trigo ultrapassava a minha competência, e este final sanou em definitivo a questão. Ainda hoje não consigo perceber isso do preço do trigo: toda a vida o tenho visto reaparecer, para minha confusão, e a propósito de não sei quê. O certo é que sempre que o caso ressuscita, eu considero a batalha perdida.

Isto, porém, foi uma digressão. Eu não era pessoa para derrubar os Commons nem para causar a ruína do país. Exprimi docilmente, com o silêncio, o meu assentimento a tudo quanto acabara de ouvir da boca desse homem, meu superior pela idade e pelo saber, e falámos então de teatro, do Estrangeiro, dos dois cavalos que tiravam a carruagem, até à altura em que chegámos ao portão da residência do doutor Spenlow.

Rodeava-a um jardim magnífico e, embora a estação fosse mal escolhida para o ver, achava-se tão bem tratado que me encantou. Havia um relvado delicioso, grupos de árvores, alamedas que se entreviam na obscuridade e que eram cobertas de arquinhos e de pérgulas em que no Verão desabrochavam

flores.

«É aqui», pensei, «que o doutor Spenlow passeia sozinho.»

Entrámos na casa, que estava brilhantemente iluminada. No vestíbulo vi uma quantidade de chapéus, bonés, sobretudos, mantas, luvas, chicotes e bengalas.

- Onde está a menina Dora? - perguntou o doutor Spenlow a um criado.

«Dora!», disse de mim para mim. «Que lindo nome!»

A sala contígua devia ser a de jantar, a tal que o xerez tornara célebre. Ouvi uma voz que dizia:

- Senhor Copperfield, apresento-o à minha filha e à sua dama de companhia.

Era decerto a voz do doutor Spenlow, mas não a reconheci e não me importei com o facto. Aquilo fora num relance. O meu destino estava marcado. Tornara-me cativo, era escravo. Amava Dora Spenlow até à loucura.

Pareceu-me sobre-humana, uma fada, uma sílfide, a incarnação de tudo o que nunca se viu e que se deseja ver. Fiquei preso num abismo de amor. Fora impossível olhar para outro lado qualquer: desapareci de cabeça para baixo antes sequer de ter a ideia de dirigir uma só palavra à rapariga.

- Quanto a mim - observou uma voz já escutada outrora, quando me inclinei murmurando qualquer coisa -, já conheço o senhor Copperfield.

Não era Dora quem falava. Não, era a dama de companhia: a senhora Murdstone em carne e osso!

Não julgo que me tivesse admirado muito. Tanto quanto posso saber, não estava capaz de me admirar. O universo material não continha nada que valesse a pena uma pessoa admirar-se, além de Dora Spenlow.

- Ah, como passa, senhora Murdstone? - repliquei. - Bem, espero...

- Muito bem.

- E como vai o seu irmão?

- Está ainda robusto, obrigada.

O doutor Spenlow, surpreendido, suponho, por nos termos reconhecido, declarou então:

- Rejubilo, Copperfield, por ver que já se conhecem.

- Convivi com o senhor Copperfield - explicou a senhora Murdstone com austera tranquilidade - ainda na sua infância. Mais tarde, as vicissitudes separaram-nos. Não o teria reconhecido.

Respondi que, fosse onde fosse, não me passaria despercebida. O que era a pura verdade!

- A senhora Murdstone fez o favor - disse o doutor Spenlow - de aceitar as funções, se assim as posso qualificar, de confidente da minha filha Dora. Dora, que infelizmente já não tem mãe, encontrou na senhora Murdstone a sua companheira e protectora.

Atravessou-me o espírito a ideia de que a senhora Murdstone, como certas armas classificadas de defensivas, servia mais para atacar do que para proteger. Mas como eu só tinha pensamentos erradios para tudo o que não fosse Dora, voltei-me depressa para esta. Estava a pensar, vendo no seu semblante adorável um ar de aborrecimento, que decerto essa rapariga poucas confidências se disporia a fazer à sua dama de companhia, quando soou uma sineta. O dono da casa explicou-me que era o primeiro sinal para o jantar, e conduziu-me ao quarto para que me vestisse.

Imaginar, no estado em que me encontrava, que devia mudar de fato ou fazer fosse o que fosse pareceu-me coisa deslocada. No entanto sentei-me diante do fogão, empunhando a chave da mala e pensando nos olhos daquela Dora tão delicada e enfeitiçadora. Que figura, que rosto, que graciosidade, que encanto! A sineta tocou pela segunda vez: arranjei-me à pressa (pondo de lado a operação cuidadosa a que tencionava proceder), e desci a escada. Havia outros convidados. Dora falava com um senhor de idade, e, por mais velho que se me afigurasse, não deixei de experimentar ciúmes furiosos.

Que belo estado em que me achava, francamente! Tinha ciúmes de todos. Não podia suportar a ideia de que uma pessoa qualquer conhecesse o doutor Spenlow melhor do que eu. Representava para mim uma tortura ouvi-los falar de assuntos a que eu não estava ligado. Quando um senhor muito cortês, de crânio calvo e polido como um espelho, me perguntou se fora a primeira vez que eu tivera oportunidade de ver o parque, sei lá que horrível vingança me passou pelo espírito!

Não me recordo de nenhum dos comensais, salvo Dora. Nem do que houve ao jantar, excepto Dora. Creio ter jantado exclusivamente da sua pessoa e ter recusado, sem lhes tocar, meia dúzia de pratos. Encontrava-me instalado perto de Dora. Conversei com ela. A rapariga tinha a vozita mais delicada, o risinho mais alegre, as maneiras mais agradáveis e sedutoras que jamais reduziram um pobre

mancebo a uma escravidão sem esperança. Era fina em tudo, e, pensei, o mais preciosa que podia ser.

Quando saiu da sala na companhia da senhora Murdstone (não havia outras damas), fiquei mergulhado num devaneio, perturbado apenas pela apreensão cruel de ser denegrido junto dela pela Murdstone. O cavalheiro amável, de crânio polido, contou-me uma história sem fim, que tratava, suponho, de jardinagem. Parece-me que o ouvi dizer, por várias vezes, «o meu jardineiro». Eu fingia prestar-lhe a mais profunda atenção, mas na realidade vagueava nos jardins do Éden ao lado de Dora Spenlow.

A ideia de ser caluniado junto do objecto do meu único amor reavivou-se quando entrámos na sala de visitas em consequência do aspecto carrancudo da dama de companhia. Mas senti-me aliviado de uma maneira inesperada, porque ela me chamou para o vão de uma janela e me disse:

- Não tenciono reviver histórias de família, é um assunto pouco tentador.

- A quem o diz! - retorqui.

- Tem razão - continuou a senhora Murdstone. - Não desejo ressuscitar velhas querelas nem ofensas antigas. Fui insultada por uma pessoa (uma mulher, custa-me dizê-lo, porque tenho muita honra no nosso sexo), da qual não se pode falar sem desprezo nem aversão. Por consequência, prefiro não a nomear.

Esta alusão à minha tia enfureceu-me. Mas limitei-me a responder que seria realmente preferível que a senhora Murdstone a não nomeasse, pois eu não admitiria que, na minha presença, se lhe faltasse ao respeito, caso fosse a pessoa que eu pensava.

A minha interlocutora fechou os olhos, inclinou a cabeça, e depois, reabrindo-os com lentidão, prosseguiu:

- David Copperfield, não tentarei explicar que não concebi opinião desfavorável a seu respeito, no tempo da sua meninice. Seria injustificada? Talvez você já não a merecesse. Mas isso agora não importa. Pertenço a uma família que se notabilizou, creio, pela sua firmeza. Posso ter a opinião que quiser acerca dos outros. E você pode ter a opinião que lhe apetecer quanto a mim.

Foi a minha vez de inclinar a cabeça.

- Mas não é necessário - continuou a senhora Murdstone - que estas opiniões entrem aqui em conflito. Dadas as circunstâncias que sabemos, é muito melhor que assim seja. Como os azares da vida nos puseram de novo frente a frente, proponho que nos apresentemos como simples conhecidos. É o que

exigem as nossas histórias familiares. Que utilidade haverá em qualquer de nós fazer reflexões acerca do outro? Concorda?

- Eu penso que a senhora e o seu irmão procederam muito mal comigo, e que a senhora tratou minha mãe com crueldade. Não mudarei de parecer quanto a isto, mas aceito sem reservas o que me sugere.

A senhora Murdstone tornou a fechar os olhos e a curvar a cabeça. Em seguida, tocando com os dedos frios e duros as costas da minha mão, afastou-se compondo as cadeiazinhas metálicas que lhe fechavam o pescoço e os pulsos - os mesmos ornamentos, suponho, da última vez que eu a vira. Esses ornamentos, atendendo ao carácter da senhora Murdstone, evocaram-me as correntes que envolvem as portas das prisões e que, logo de entrada, nos previnem de que lá dentro não há nenhuma esperança.

Tudo o que sei do resto do serão é que ouvi cantar a minha deusa, em francês, acompanhando-se a um belo instrumento que devia ser viola: eram baladas perturbantes, cujo sentido geral seria este: aconteça o que acontecer, devemos sempre dançar, trá lá lá, trá lá lá. Sentia-me tomado de um delírio benéfico. Recusei todas as bebidas, e particularmente o ponche. Quando a senhora Murdstone levou Dora sob a sua custódia, esta estendeu-me, com um sorriso, a mão pequenina. Vi-me num espelho: tinha o ar perfeitamente imbecil, idiota.

Fui deitar-me num estado de embriaguez sentimental e levantei-me numa crise de paixão louca.

Estava um tempo óptimo, era cedo e eu resolvi ir passear sob aqueles caramanchéis e aí nutrir o amor com o pensamento de Dora. Ao atravessar o vestíbulo, descobri um cãozito a que chamavam Jip (diminutivo de Gipsy). Aproximei-me com ternura (a minha paixão estendia-se até ele), mas o animal mostrou-me os dentes, refugiou-se debaixo de uma cadeira e não consentiu em familiaridades.

No jardim não estava ninguém e havia fresco. Andei cá e lá imaginando a minha ventura se me casasse um dia com aquela beldade. Nessas questões de dinheiro e matrimónio eu devia ser tão inocentemente cândido como no tempo em que amava a pequena Emily. Ter o direito de lhe chamar Dora, de lhe escrever e de a adorar, ter motivos para crer que pensaria em mim, no meio de tantas outras pessoas, eis o que se me afigurava o cúmulo da felicidade humana ou em todo o caso o fastígio da minha. Eu seria, sem qualquer dúvida, um tolo sentimental; mas a pureza da minha paixão era tal que, embora hoje me ria ao pensar nela, não vejo razão para me desdenhar.

Não havia ainda muito tempo que começara a passear quando, ao voltar de uma alameda, me surgiu Dora. Estremeço da cabeça aos pés ao recordar-me desse instante, e a pena vibra-me na mão.

- Está... levantada... desde muito cedo...? - observei à rapariga.

- É tão estúpido permanecer em casa, e a senhora Murdstone é tão antipática! - retorquiu a filha do doutor Spenlow. - Conta tantas parvoíces. Acha que só se deve sair depois de o dia... arejado!- Ao dizer isto, Dora soltou uma risada cristalina. - Ao domingo de manhã tenho de fazer qualquer coisa, por isso disse ontem ao papá que hoje precisava de sair, já que não estudava. Demais a mais, agora é o momento mais agradável do dia, não lhe parece?

Ousei responder (sempre balbuciando) que a manhã estava, com efeito, radiante, embora um pouco antes estivesse nublada.

- É um cumprimento? - perguntou Dora. - Ou, na verdade, o tempo mudou assim tão depressa?

Expliquei, gaguejando um pouco, que dissera a pura verdade, sem intenção de ser amável, se bem que não houvesse notado qualquer alteração atmosférica. A mudança operara-se apenas nos meus sentimentos.

Eu nunca vira caracóis de cabelo - e como poderia ver semelhantes? - como os que ela agitou para esconder o rubor das faces. Quanto ao chapéu de palha e às fitas azuis que coroavam aqueles caracóis, se ao menos os pudesse pendurar no meu quarto da Buckingham Street, que tesouro inestimável seriam para mim!

- Vem de Paris? - inquiri.

- Venho. Já esteve lá?

- Nunca estive.

- Oh, espero que aí vá mais dia menos dia. Haveria de gostar

deveras!

No rosto estampou-se-me profunda angústia. Ela esperava que eu fosse a Paris! Julgava-o possível! Essa ideia foi-me insuportável. Comecei a denegrir Paris, a denegrir a França e a declarar que nada deste mundo me poderia arrancar de Inglaterra. Não, nada me faria resolver a tal coisa. A rapariga agitava outra vez os caracóis quando o cãozito chegou a correr.

Ficou ciumentíssimo por me ver e principiou a ladrar. Dora tomou-o nos braços (ó céus!) e acariciou-o; mas o animal continuou ladrando. Não consentia que eu lhe tocasse, quando tentava estender para ele a mão. Nessa altura a dona

ralhou-lhe e castigou-o, e o meu sofrimento aumentou com o espectáculo dessas pancadinhas que ela lhe dava, à maneira de punição, no focinhito achatado, enquanto Jip piscava os olhos e lhe lambia os dedos, rosnando ainda em surdina. Por fim sossegou, e não poderia fazer menos, porque Dora poisara a covinha do queixo na cabeça do bicho. Fomos depois visitar uma estufa.

- Não é muito íntimo da senhora Murdstone? - perguntou a menina Spenlow. - Querido! - esta última expressão dirigia-se ao cachorro, não a mim, infelizmente.

- Não sou - repliquei. - Mesmo nada.

- É uma pessoa aborrecida.- continuou Dora, fazendo trombas.- Não sei o que imaginou o papá quando escolheu uma mulher tão impertinente para tomar conta de mim. Preciso eu de ser protegida? A verdade é que não. O Jip melhor me protegerá do que a senhora Murdstone, não é verdade, queridinho?

O interpelado limitou-se a semicerrar preguiçosamente os olhos.

- O papá chama-lhe minha confidente, mas posso afirmar que não é nada disso. Hem, Jip? Quem vai confiar-se a criaturas tão azedas? Eu e o Jip tencionamos confiar apenas em amigos que nós mesmos escolheremos. Não é assim, Jip?

O cãozito respondeu com um rumor de satisfação, algo como o chiar de uma cafeteira. Mas, para mim, cada palavra de Dora rebitava-me mais os grilhões.

- É triste, quando não se tem mãe, ser-se obrigado a suportar uma solteirona triste e mal humorada, como a senhora Murdstone, sempre a vigiar a gente. Não é verdade, Jip? Deixá-la! Não se lhe farão confidências. Pelo contrário, há-de arreliar-se ainda mais aquela maçadora. Hem, Jip?

Se isto houvesse durado mais tempo, julgo que não deixaria de cair de joelhos no saibro, aos pés dela, com grande possibilidade de me esfolar e, ainda por cima, de ser posto na rua. Felizmente que a estufa não estava longe. E já chegávamos lá.

Continha uma colecção de belíssimos gerânios, que apreciámos sem nos deter, excepto quando Dora queria admirar de mais perto uma flor e eu a imitava nesse particular. A rapariga erguia puerilmente o cão para o fazer cheirar as plantas, e ria com gosto. Se estivéssemos no país das fadas, a coisa não seria diversa. Ainda hoje o odor de uma folha de gerânio me faz sorrir, divertido; então revejo um chapéu de palha e fitas azuis, caracóis de cabelo e um cãozinho levantado em dois braços frágeis salientando-se num fundo vegetal.

A senhora Murdstone veio à nossa procura; descobriu-nos e ofereceu a Dora as faces enrugadas, para que ela as beijasse. E, metendo o braço da pupila no seu, arrastou-a para a casa de jantar como se nos levasse para um enterro.

Não saberei dizer quantas xícaras de chá eu tomei só por haver sido feito por Dora. Lembro-me perfeitamente que fiquei a sorvê-lo, a tal ponto que o meu sistema nervoso (se o tivesse nessa época) seria afectado com certeza. Pouco depois fomos à igreja. A senhora Murdstone sentou-se no banco, entre mim e Dora: esta cantou e tudo desapareceu da minha vista. Houve um sermão (acerca de Dora, naturalmente), e é tudo quanto me recordo do ofício divino.

Passámos um dia muito calmo. Não vieram visitas. Um passeio, um jantar em família (quatro pessoas) e um serão ocupado com livros, cujas gravuras folheei na companhia de Dora, sob a vigilância da senhora Murdstone. O dono da casa, sentado defronte de mim, estava longe de pensar com que ternura de genro eu o abraçava em imaginação. Estaria também longe de pensar, quando me despedi para me ir deitar, que acabava de dar o seu consentimento aos meus esponsais com Dora e que eu invocara para ele todas as bênçãos do Céu.

Partimos de manhã cedo, porque tínhamos um caso de direito marítimo que exigia conhecimentos especiais de navegação; como não se podia esperar que fôssemos muito versados no assunto, o juiz convocara para a audiência dois velhos mestres de barca para o ajudarem a solucionar a querela. Apesar da hora matinal, Dora compareceu à mesa do primeiro almoço para tornar a fazer o chá. Já dentro do faetonte, tirei o chapéu, saudando-a, quando ela surgiu na escadaria, com o Jip nos braços, para nos dizer adeus.

Não dei grande importância ao processo, que se me afigurou cada vez mais absurdo conforme se ia desenrolando. Via o nome de DORA no remo de prata, espécie de maça que se coloca em cima da mesa do tribunal quando se discutem casos ligados ao Almirantado e é o emblema daquela alta jurisdição. O doutor Spenlow voltou para casa (desta vez sem mim) e eu imaginei-me como um marinheiro que vê partir o navio a que pertence depois de o deixar abandonado numa ilha deserta. Não farei todavia vãos esforços para descrever tudo isto. Se esse velho tribunal, sempre sonolento, pudesse despertar e denunciar os sonhos que à sua sombra sonhei a propósito de Dora, então nesse momento é que se conheceria a verdade!

Não quero falar dos sonhos que engendrei não só nesse dia como nos seguintes, de semana a semana e de trimestre a trimestre. Ia às audiências, não para ouvir o que ali se passava mas para evocar a minha Dora. Se jamais prestava atenção aos processos que se discutiam na minha presença era apenas

para me assombrar (nos casos de divórcio) de que pessoas casadas pudessem deixar de ser felizes, ou, quando se tratava de heranças, para perguntar a mim mesmo (se o dinheiro me fosse legado) como é que o empregaria em favor de Dora. Durante a primeira semana da minha paixão, comprei intencionalmente quatro coletes sumptuosos e usei luvas de camurça amarelas, com que passeei pelas ruas, e comprei calçado com que preparei o advento de futuros calos. Se as botas que estreei nessa ocasião fossem comparadas com o tamanho dos meus pés, ter-se-ia aí a explicação do estado a que chegara.

E contudo, por mais doloridos que tivesse os pés sacrificados ao altar do amor, eu percorria diariamente vários quilómetros na esperança de encontrar Dora. Não só comecei a ser conhecido na estrada de Norwood pelos carteiros que aí faziam serviço, como estendi a minha deambulação à própria Londres. Errava pelas ruas em que se situavam as melhores lojas de modas, frequentava o Bazar como uma alma penada, percorria o Parque de diante para trás e de trás para diante e ficava estafadíssimo. Às vezes avistava Dora, em raras ocasiões; ora agitava a luva à portinhola de uma carruagem, ora conseguia acompanhá-la uns metros, junto da senhora Murdstone. Nesta última circunstância, sentia-me infelicíssimo depois de a deixar: pensava que não lhe dissera nada que pudesse melhorar-me aos seus olhos, ou então desconfiava que a rapariga ignorava tudo, até a minha predilecção por ela, ou que lhe era completamente indiferente. Esperava todos os dias novo convite do doutor Spenlow, e a decepção repetia-se, porque esse convite não chegava.

A senhora Crupp devia ser mulher extremamente perspicaz. O meu afecto datava ainda de poucas semanas e eu nem tivera coragem de escrever a Agnes, acerca do assunto, senão que «a família do doutor Spenlow compõe-se apenas de uma filha», e já a minha hospedeira adivinhara tudo. Uma noite em que me sentia abatido, ela veio procurar-me para me perguntar (estava nessa altura sujeita aos acessos de que falei) se lhe podia ceder um pouco de «tintura de cardamomo e ruibarbo perfumada de sete gotas de essência de cravinho», que era o remédio de que necessitava; como não estivesse munido de tal coisa, achei que um cálice de conhaque serviria para o efeito, e ofereci-lho.

A senhora Crupp começou a tomar o conhaque na minha presença, não fosse eu supor que o queria para outro uso...

- Anime-se!-disse ela. - Custa-me vê-lo assim acabrunhado. Eu também sou mãe.

Não percebi a razão por que me dizia aquilo, mas sorri, tanto quanto me foi possível fazê-lo em semelhante ocasião.

- Desculpe - continuou - mas eu sei qual é o seu mal. Aí anda mulher!

- Oh, senhora Crupp! - exclamei, ruborizado.

- Não se preocupe - volveu, com um sorriso de incitamento. - Não se deixe esmorecer. Se ela o não quiser, outras não lhe faltarão. O senhor foi feito para agradar às damas; tem de aprender a saber quanto vale.

- Porque pensa que há mulher no caso? - retorqui.

- Eu também sou mãe - repetiu ela, em tom de pessoa convicta.

Por momentos, a senhora Crupp pôs a mão no corpete e sorveu mais um pouco do remédio que eu lhe oferecera, a fim de resistir a qualquer novo acesso da doença. Em seguida prosseguiu:

- Quando a sua digna tia reservou este quarto, eu disse-lhe que teria daí por diante alguém a quem estimar. O senhor não come o suficiente, e não bebe nada.

- É nisso que fundamenta a sua suspeita, senhora Crupp?

- Senhor Copperfield - replicou com uma voz que chegava a ser severa- eu lavei muita roupa a outros rapazes antes do senhor. Um moço precisa de andar bem cuidado, mas há ocasiões em que se desleixa. Deve pentear-se, mas às vezes aparece desgrenhado. Há ocasiões em que usa o calçado muito grande para o seu pé, e noutras muito pequeno. Tudo depende do carácter do moço em questão; mas, sempre que se verifica um ou outro destes extremos, é que existe rapariga no caso. - A senhora Crupp abanou a cabeça com ar tão decidido que eu me senti abalado na minha resistência. - Não é necessário ir mais longe, basta o exemplo do rapaz que ocupou estes aposentos antes do senhor. Apaixonou-se por uma empregada de botequim. Não tardou a ver-se obrigado a mandar encurtar os fatos, apesar de inchado como andava por causa da bebida.

- Senhora Crupp, peço-lhe que não compare a menina que me interessa com uma criada de botequim!

- Também sou mãe - insistiu a senhora Crupp - mas não costumo intrometer-me nos negócios alheios. Por nada deste mundo quererei impor-me! Mas o senhor é novo, e o conselho que lhe dou é de retomar coragem, de tornar a ser quem é, de não se deixar abater. Trate de se prender a qualquer coisa, ao jogo do chinquilho, por exemplo, que é saudável. Há-de ver que o faz mudar de ideia e o torna feliz.

Com estas palavras, a senhora Crupp (afectando não querer abusar do meu conhaque) agradeceu-me com uma vénia majestosa, e retirou-se. No momento em que o seu vulto se apagou na sombra do vestido, tive a impressão de que os

conselhos dados representavam excessiva liberdade da sua parte; mas, ao mesmo tempo, agradou-me tê-los recebido: homem prevenido vale por dois e eu, de futuro, procuraria guardar melhor o meu segredo.

XXVII. TOMMY TRADDLES

Talvez em consequência dos conselhos que me dera a senhora Crupp, veio-me à ideia, no dia seguinte, ir visitar Tommy Traddles, que habitava numa travessa perto da Escola de Medicina Veterinária, em Camden Town. Como me disse um dos escreventes da banca em que eu trabalhava, ali viviam sobretudo estudantes que compravam burros vivos para fazerem depois exames anatómicos nesses quadrúpedes. Depois de me inteirar do trajecto para chegar à dita escola, pus-me a caminho naquela tarde a fim de procurar o meu antigo camarada.

Descobri logo que a rua não era tão apropriada a Traddles como eu desejaria. Os habitantes parece que tinham por hábito atirar para o chão todos os detritos, e assim ela exalava mau cheiro e estava coberta de folhas de couve. As imundícies não pertenciam todas ao reino vegetal: ao verificar os números de polícia, para encontrar o de Traddles, dei conta de um sapato, uma frigideira velha, um chapéu preto e um guarda-chuva, tudo isto em vários graus de decomposição. O aspecto geral do sítio recordou-me o tempo em que eu morava com o casal Micawber, e a casa que me interessava acentuou esta semelhança, graças ao seu tom de elegância pelintra que a distinguia das outras, embora fossem todas do mesmo modelo e parecessem construídas por um arquitecto amador. Cheguei à porta ao mesmo tempo que o leiteiro da tarde, o que me trouxe de novo à lembrança a época dos Micawbers.

- A respeito da minha conta? - perguntou o leiteiro a uma criada bastante nova.

- O patrão diz que vai tratar disso - respondeu a rapariga. O homem, que lançava olhares furibundos para o corredor da casa, não fez caso da resposta e retorquiu de maneira a ser ouvido por mais alguém do que a criada:

- É que essa continha já data de há muito tempo! Não estou disposto a esperar mais.

E pensar que ele, em seguida, serviu um produto tão inofensivo como é o leite! Se ao menos fosse o rapaz do talho ou o fornecedor do vinho...

E então o distribuidor, olhando pela primeira vez directamente para a rapariga e pegando-lhe no queixo, perguntou:

- Gosta de leite?

- Se gosto!

- Pois amanhã já não terá nem uma gota!

Pareceu-me que ficara aliviada pelo facto de já o ter para aquele dia. O leiteiro considerou-a com um sinistro mover de cabeça, largou-lhe o queixo e mediu de mau modo a quantidade habitual no cangirão que ela lhe apresentara. Depois foi-se embora resmungando e lançou o seu pregão, com estridor vingativo, defronte do prédio contíguo.

- O senhor Traddles mora aqui? - indaguei nesse momento. Do fundo do corredor respondeu afirmativamente uma voz misteriosa, e a criada repetiu a declaração ouvida.

- E ele está? - insisti.

Replicou a mesma voz misteriosa, dizendo que sim, e de novo a criada se fez eco. Com isto, dei uns passos, seguido da rapariga, e encaminhei-me para a escada. Quando passei por uma porta tive a impressão de que me espiava um olhar misterioso, decerto pertencendo à voz misteriosa.

Ao chegar acima (a casa era só de rés-do-chão e primeiro andar), Traddles estava no patamar à minha espera. Ficou encantado por me ver, saudou-me com muita cordialidade e entrámos no seu quartinho, cuja janela deitava para a rua; era asseado, mas tinha pouca mobília: havia um divã, a escova dos sapatos misturava-se com os livros, na última prateleira da estante, por trás de um dicionário. A mesa cobria-se de papéis. Traddles ocupava-se de qualquer coisa, embrulhado num sobretudo velho, mas, ao sentar-me, descobri o desenho de uma igreja, junto do tinteiro. O meu camarada havia feito vários arranjos engenhosos para esconder a cómoda, os sapatos, o espelho da barba, etc. Lembrei-me desse Traddles que outrora construía enormes caixas de cartão para aprisionar moscas e que se consolava do seu mau passadio com as obras de arte que já atrás mencionei. Um canto do quarto ocultava não sei quê por baixo de um grande pano branco.

- Traddles - comecei, apertando-lhe outra vez a mão -, quanto prazer tenho em ver-te!

- O prazer é todo meu, Copperfield. Palavra que estou contentíssimo. Por isso, e por crer que também te agradava tornar a ver-me, é que outro dia, em Ely Place, te dei esta direcção em vez de ser a do meu escritório.

- Ah, tens um escritório?

- Tenho... isto é, a quarta parte de uma sala e de um corredor, e também de um empregado. Juntei-me a três colegas para alugar o escritório mobilado (o que dá mais a nota) e, quanto ao servente, partilhamo-lo entre nós. Custa-me meia

coroa por semana.

Reencontrava assim a sua antiga simplicidade, o seu velho optimismo e algo da sua pouca sorte no sorriso que acompanhou aquelas explicações.

- Não é nada por orgulho, bem me compreendes, Copperfield - acrescentou ele -, que em geral não dou este endereço, mas há pessoas que me procuram e preferem não estar aqui. Quanto a mim, debato-me contra as dificuldades para abrir caminho neste mundo. Seria ridículo da minha parte pretender o contrário.

- Estudaste Direito, segundo me disse o senhor Waterbrook...

- É verdade - confirmou Traddles, esfregando lentamente as mãos. - Estudei Direito. Para falar verdade, acabo de me inscrever no foro, porque terminei o estágio há já algum tempo, mas custou-me reunir as cem libras da inscrição. Custou muito - repetiu, fazendo uma careta, como se lhe arrancassem um dente.

- Sabes em que estive a pensar, Traddles, enquanto olhava para ti?

- Não.

- No fato azul-celeste que usavas.

- Tens razão! - exclamou, rindo. - Um pouco curto de mangas e de calças, lembras-te? Meu Deus, que bons tempos esses...

- Parece-me que o director podia tê-los tornado melhores, sem nos arreliar tanto - redargui.

- Com certeza, Copperfield. Em todo o caso, divertimo-nos bastante. Recordas-te dos serões no dormitório? Quando ceávamos? E quando tu contavas histórias? Ah, ah, ah! E o dia em que fui castigado porque chorei pela partida do senhor Mell? Aquele velho Creakle... Também gostava de o tornar a ver.

- Comportou-se contigo como um selvagem, Traddles - bradei indignado, por que o seu bom humor provinha das evocações, e eu recordo-me, como se fosse na véspera, de ter visto o director açoitá-lo.

- Parece-te? Talvez, no fim de contas. Mas foi há tanto tempo! Aquele velho Creakle...

- Era um tio teu que te custeava a educação?

- Era. Esse a quem eu estava sempre para escrever, sem nunca chegar a escrever... Ah, ah! Pois é verdade, nessa altura tinha um tio. Morreu pouco depois de eu sair do colégio. Negociava em fazendas, tecidos, panos... Quando cresci, começou a antipatizar comigo.

- Falas a sério? - perguntei.

Mostrava-se tão sereno que julguei que era brincadeira o que dizia.

- Pois, Copperfield! Falo muito a sério. Declarou que eu não dera aquilo que ele esperava de mim... e casou com a governanta.

- E então que fizeste?.

- Nada de especial. Vivi com eles, aguardando melhores dias, até que o reumatismo gotoso lhe atingiu o coração. Morreu, e a viúva passou a segundas núpcias com um rapaz. Foi assim que me encontrei desamparado.

- Não recebeste nada, no fim de contas?

- Recebi cinquenta libras. Não aprendera nenhuma profissão e não sabia que fizesse. Por fim liguei-me ao filho de um advogado, que estivera no internato de Salem, aquele Yawler que tinha o nariz torto. Não te lembras?

- Não. Não foi no meu tempo. Nessa época todos os narizes eram direitos.

- Não importa - disse Traddles. - Comecei, com o seu auxílio, a copiar escrituras. A coisa não rendia muito. Então principiei a resumir os processos, para eles, e a fazer outros trabalhos do género. Sabes como sou trabalhador. Aquilo deu-me a ideia de estudar Direito, e deste modo gastei o resto das cinquenta libras. Yawler recomendou-me entretanto em dois ou três escritórios, o do senhor Waterbrooks entre outros, e eu achei assim ocupação. Tive a sorte de encontrar uma pessoa relacionada com livros e que preparava a edição de uma enciclopédia: deu-me trabalho. Aliás - acrescentou, deitando uma vista de olhos à mesa - trabalho neste momento para ela. Não sou mau compilador, como sabes, Copperfield - disse com o mesmo ar de segurança jovial -, mas faltava-me por completo a imaginação. Acho que nunca houve ninguém menos original do que eu!

Traddles parecia esperar a minha concordância, como uma circunstância natural. Fiz um sinal de cabeça e ele continuou, sempre com a sua paciência risonha (não saberei definir melhor o temperamento de Traddles).

- Assim, a pouco e pouco, vivendo com parcimónia, consegui finalmente obter as cem libras de que precisava. Mas posso dizer que foi duro - observou com nova careta, como se lhe arrancassem outro dente. - Cá vou vivendo graças ao trabalho de que falei, e espero relacionar-me por estes dias com um jornal, o que será o caminho da sorte. Agora, como já não posso ocultar-te nada, ajuntarei que estou noivo!

«Noivo! Oh, minha Dora!», pensei.

- Ela é filha de um sacerdote de Devonshire. São dez irmãos. Sim - acrescentou, vendo-me lançar uma olhadela involuntária ao desenho junto do tinteiro - esta é a igreja. Volta-se aqui, à esquerda, sai-se por esta porta, mesmo no ponto em que tenho agora a pena, e eis a casa. Defronte da igreja, naturalmente.

A satisfação com que ele entrava em todos estes pormenores não me impressionou por então, enlevado como estava, egoistamente, nas minhas recordações: traçava em pensamento o plano da casa e do jardim do doutor Spenlow.

- É tão bonita! - disse Traddles. - Um pouco mais velha do que eu, mas encantadora. Não te informei ainda de que vou deixar Londres? Estive lá, fui a pé e voltei a pé, e passei momentos deliciosos. O nosso noivado será longo, porém adoptámos a divisa «Espera e confia», que repetimos sempre. E ela esperará, Copperfield, até aos sessenta anos por mim; até qualquer idade!

Traddles levantou-se e, com um sorriso triunfante, pôs a mão no invólucro branco de que falei.

- E contudo - continuou ele - não se pode dizer que não começássemos a montar a casa. Pois já começámos! A pouco e pouco, mas começámos. Eis - retirou o pano, orgulhosamente, com muitas precauções -, dois móveis para principiar. Este vaso de porcelana e a sua base foram comprados por ela. Põe-se isto diante da janela da sala - replicou, recuando um passo para o admirar - com uma planta dentro... hem? Esta mesinha redonda de tampo de mármore (tem uns setenta centímetros de circunferência) foi adquirida por mim. Apetece pôr-lhe um livro em cima. Ou, se se recebe alguém e se precisa de lugar para as xícaras de chá... pronto! Trabalho admirável, firme como rocha.

Elogiei tudo e Traddles tornou a colocar a cobertura com o mesmo cuidado que dispendera ao tirá-la.

- Isto ainda não é bastante para uma casa - disse ele -, mas assim é que se começa. - Toalhas, fronhas e todas as coisas deste género, eis o que me apavora mais, Copperfield! E então a quinquilharia, candeeiros, castiçais, grelhas, todos estes objectos indispensáveis. São precisos tantos e custam tão caro! Enfim, é necessário esperar e confiar. Afirmo-te que ela é uma rapariga estupenda.

- Não duvido, Traddles.

- Entretanto - prosseguiu o meu amigo, voltando a sentar-se -, safo-me o melhor que posso, para acabar de falar de mim. Não ganho muito mas também não gasto em excesso. Geralmente entendo-me, para a pensão, com os inquilinos

cá de baixo. O senhor e a senhora Micawber têm muita experiência e são um casal simpático a valer.

- Meu caro Traddles - interrompi -, que é que me estás a dizer?

Traddles olhou-me, como se não percebesse de que é que eu lhe falava. Acrescentei:

- Os Micawbers? São pessoas da minha intimidade!

Duas pancadinhas à porta vieram dissipar quaisquer dúvidas que ainda subsistissem no meu espírito quanto ao facto de que se tratava dos meus velhos amigos, porque depois da minha longa experiência em Windsor Terrace, ninguém, salvo Micawber, podia bater daquela forma. Pedi ao Traddles que convidasse o seu senhorio a entrar, e o senhor Micawber, sempre igual a si mesmo, penetrou no quarto com o seu ar distinto e juvenil. As calças justas, a bengala, o colarinho, o monóculo, nada nele havia mudado.

- Desculpe, senhor Traddles - disse o recém-chegado, suspendendo o que vinha a cantarolar. - Ignorava que tivesse visitas no seu santuário.

E Micawber inclinou-se perante mim, de leve, endireitando o colarinho.

- Como passou, senhor Micawber? - perguntei-lhe.

- É muito amável - replicou ele. - Eu estou in statuo quo.

- E a sua esposa?

- Ela também, graças a Deus, in statuo quo.

- E os seus filhos, senhor Micawber?

- Posso felizmente informá-lo de que estão de perfeita saúde.

Durante este diálogo, o senhor Micawber não me havia reconhecido, embora se conservasse à minha frente. Mas, de súbito, vendo-me sorrir, examinou-me com mais atenção, recuou, e disse:

- Será possível? Tenho o prazer de reencontrar Copperfield? E apertou-me as duas mãos efusivamente.

- Meu Deus, senhor Traddles, quem havia de supor que conhecia o amigo da minha mocidade, o companheiro dos velhos tempos! Emma! - gritou no patamar, enquanto Traddles parecia (e com razão) deveras perplexo com o que ouvira. - O senhor Traddles tem uma visita que ele gostaria de te apresentar! - Reapareceu em seguida e apertou de novo a minha mão.

- E como vai o nosso amigo doutor e toda a gente de Cantuária? - indagou.

- As notícias que tenho são boas - redargui.

- Folgo muito, Copperfield. A última vez que nos vimos foi em Cantuária. À sombra (se assim me posso exprimir simbolicamente) desse edifício sagrado, que Chaucer imortalizou e que foi outrora o ponto de reunião de peregrinos idos de todos os cantos mais afastados... em suma - concluiu - na vizinhança muito próxima da Catedral.

Respondi que era assim mesmo. Micawber continuou a falar com toda a volubilidade que eu lhe conhecia, mas não sem deixar entender, por certo constrangimento, que ouvia a senhora Micawber lavar as mãos num quarto não muito distante e abrir ou fechar precipitadamente gavetas um tanto emperradas.

- Você encontra-nos, Copperfield - disse Micawber, sem perder de vista Traddles -, presentemente estabelecidos no que podemos designar por uma situação modesta e despretenciosa. Mas não ignora que no decurso da minha carreira tenho superado grandes dificuldades e vencido inúmeros obstáculos. Bem sabe que houve momentos na minha vida em que fui obrigado a aguardar que os ventos mudassem; em que me foi necessário recuar antes de fazer aquilo a que tenho o direito de chamar um salto em frente. A situação actual é um desses instantes decisivos na vida de uma pessoa. Surpreende-me, Copperfield, no acto de recuo para dar o salto vigoroso que tudo resolverá.

Estava eu preparando-me para lhe manifestar a minha satisfação quando entrou a senhora Micawber. Vinha um pouco menos arranjada que antigamente (pelo menos assim me pareceu) mas em todo o caso vestira-se para a ocasião e até calçara um par de luvas.

- Querida Emma - disse-lhe o marido, trazendo-a ao meu encontro - aqui tens um senhor chamado Copperfield, que deseja renovar conhecimento contigo.

Mais valia tê-la preparado, para evitar a surpresa brusca, pois a senhora Micawber (que se achava então no estado interessante) ficou perturbadíssima e perdeu os sentidos. Ele então precipitou-se para o tonel de água da chuva do pátio e voltou com uma selhazinha cheia para banhar a testa da mulher. Esta recobrou consciência e mostrou grande contentamento por me ver. Conversámos por cerca de meia hora, todos quatro. Pedi ao casal notícias dos gémeos: tinham-se tornado «dois rapagões», conforme explicou a mãe; quanto à menina e ao menino Micawber, esses eram «dois gigantes». Mas desta vez não apareceram em cena.

O senhor Micawber quis reter-me para jantar. Eu não teria inconveniente em aceitar se não percebesse o olhar alarmado da dona da casa. Pretextei, pois,

um compromisso e, notando quanto ela se sentia aliviada, resisti a toda a insistência do marido.

Todavia declarei à senhora Micawber e a Traddles que os não deixava sem que prometessem vir jantar comigo noutro dia qualquer. As obrigações de Traddles forçaram-me a marcar uma data muito afastada, mas, enfim, fixámos a ocasião e eu despedi-me.

Micawber, com a desculpa de me ensinar um caminho mais curto, acompanhou-me até à esquina da rua. Precisava de dizer umas palavras em particular a um velho amigo como eu.

- Meu caro Copperfield, não tenho necessidade de lhe manifestar o prazer que sinto em recebê-lo sob o meu tecto, assim como ao seu amigo Traddles. Não imagina quanto a companhia deste é para nós consoladora, pois os nossos vizinhos são uma lavadeira, que expõe caramelos à janela, para venda, e, no prédio fronteiro, um guarda policial. Por agora ocupo-me em colocar trigo à comissão. Não é negócio muito compensador e dele resultam embaraços momentâneos de ordem financeira. Todavia estou esperançado em qualquer coisa, não posso dizer ainda o quê, capaz de providenciar, de forma permanente, às minhas necessidades e do seu amigo Traddles, por quem sinceramente me interesso. Você não se admirará de saber que o estado de saúde de minha mulher torna provável uma nova adição a esses penhores do afecto... em suma, ao número dos filhos! A família dela teve a amabilidade de nos insinuar o seu descontentamento perante esta situação. Limito-me a replicar que o caso lhe não diz respeito e que repudio com desprezo semelhante opinião.

Com isto, Micawber apertou-me novamente a mão e foi-se embora.

XXVIII. O DESAFIO DE MICAWBER

Até ao dia em que devia obsequiar os meus velhos amigos reencontrados, vivi principalmente de Dora e de café. O meu desespero amoroso tirava-me o apetite. Isso, porém, tornava-me feliz, porque seria uma traição a Dora sentir a mínima vontade de comer. Por mais exercícios físicos que executasse, o fastio continuava, porque àqueles contrabalançava-os a minha decepção. Aliás, gostaria de saber, se uma disposição normal será capaz de se conservar num ente humano submetido à tortura perpétua das botas apertadas. Não creio nessa capacidade: quando as extremidades não estão à vontade, como pode funcionar bem o estômago?

Para esse segundo jantar não procedi aos preparativos do primeiro. Forneci-me apenas de dois linguados, uma perna de carneiro e um pastelão de pombo. A senhora Crupp revoltou-se quando lhe perguntei timidamente se poderia cozer o peixe e a carne; respondeu-me com ar de dignidade ofendida:

- Não, não, senhor Copperfield! Conhece-me bem para supor que eu iria fazer fosse o que fosse contrariada.

Chegámos no entanto a um compromisso: a senhora Crupp consentiu em prestar-me aquele favor com a condição de eu jantar fora durante os quinze dias que se seguiriam.

Seja permitido anotar aqui quanto a tirania daquela senhora me fez passar por grandes tormentos. Nunca tive tanto medo de ninguém. Com ela tudo se terminava por compromissos. Se eu hesitava, vinha-me uma dessas indisposições, sempre à espreita em qualquer parte do corpo e prestes a atacar-lhe os órgãos vitais. Se eu tocava a campainha, cautelosamente, em chamadas tímidas e infrutíferas, e se a senhora Crupp acabava por comparecer (o que nem sempre acontecia), mostrava um ar de censura, punha a mão no corpete e sentia-se tão doente que o meu desejo era desembaraçar-me da criatura a todo o custo, fosse com o sacrifício do meu conhaque ou de outra coisa qualquer. Se achava desagradável que me fizessem a cama às cinco horas da tarde, um gesto da sua mão para o dito corpete bastava para que eu apresentasse todas as desculpas possíveis. Em resumo, estava pronto a fazer tudo só com o fim de evitar ofender a senhora Crupp, que era o imenso terror da minha existência.

Para esse jantar comprei um mòvelzito onde pudesse colocar a loiça, dispensando assim o criado, pois que, dias após o primeiro jantar, o encontrei

vestido com um dos meus coletes, precisamente aquele de que dera por falta, e, quanto à criada, tornei a contratá-la, mas estipulando bem que se limitaria a trazer a comida e a retirar-se em seguida para o patamar, onde lhe seria permitido fungar à vontade sem ser ouvida pelos meus convidados e onde não teria possibilidade material de me espezinhar os pratos.

Preparei os ingredientes necessários ao ponche do senhor Micawber, adquiri um frasco de água-de-colónia para a senhora Micawber, assim como duas velas, alfinetes de vários tamanhos e uma pregadeira, para facilitar o seu arranjo pessoal, acendi o fogão do meu quarto, estendi a toalha na mesa com as minhas próprias mãos e, com a máxima compostura, aguardei o resultado dos meus esforços.

À hora aprazada, chegaram juntos os meus três convidados. O senhor Micawber vinha de colarinho postiço mais alto que o habitual e usava no monóculo um cordão novo. A senhora Micawber trazia o chapéu na cabeça e a touca num embrulho de papel, que Traddles sobraçava, ao mesmo tempo que dava o braço à dama. Todos três manifestaram a admiração que lhes causou o meu apartamento. Quando levei a senhora Micawber ao toucador que lhe destinara, e ela viu os preparativos feitos em sua honra, ficou sinceramente deslumbrada e chamou o marido para que apreciasse também.

- Meu caro Copperfield - disse este - eis o que eu chamo luxo! Semelhante modo de vida faz-me lembrar o meu tempo de solteiro, quando ainda não solicitara Emma a empenhar a sua palavra no altar do himeneu!

- Solicitada por ele, é o que quer dizer. Não pode responder pelos outros.

- Minha querida - retorquiu Micawber com súbita seriedade -, não desejo responder pelos outros. Compreendo muito bem que, ao ligares o teu destino ao meu, os desígnios insondáveis da Providência juntaram-te a um ente destinado a ser, após luta prolongada, vítima de embaraços pecuniários complicados. Percebi a tua alusão, minha amiga, lastimo-a, mas não posso tolerá-la.

- Micawber - exclamou a mulher, lacrimosa - por acaso mereço isto? Eu que nunca te abandonei, nem te abandonarei jamais!

- Meu amor - atalhou ele, comovido - perdoa-me, e você, Copperfield, velho amigo, perdoe também a amargura momentânea de uma alma ulcerada, mais sensível agora pela colisão recente com um dos esbirros do Poder; por outras palavras, com um grosseiro funcionário das águas.

Então beijou ternamente a mulher e apertou a minha mão, deixando assim entender que a companhia lhe cortara o fornecimento da água por falta do

respectivo pagamento.

Para distrair o espírito do senhor Micawber desse assunto penoso, participei-lhe que contava com ele para a confecção de um ponche, e instalei-o diante dos limões. O abatimento, para não dizer o desespero, imediatamente lhe desapareceu. Nunca vi ninguém tão feliz no meio do perfume da casca de limão, do açúcar, dos vapores do rum e da água fervente, como o senhor Micawber naquele instante. Era um prazer admirar-lhe a fisionomia radiante através da nuvem ténue desses vapores aromáticos, enquanto ele mexia, misturava e provava com tanto ardor como se estivesse a fazer não um ponche mas o horóscopo da família até uma posteridade longínqua. Quanto à senhora Micawber, ou fosse o efeito do chapéu, da água-de-colónia, dos alfinetes ou do calor das velas, o caso é que saiu do meu quarto quase bonita. E jamais uma cotovia foi mais alegre do que essa excelente criatura.

Suponho - não me atrevi a averiguar, é só suposição - que a senhora Crupp, depois de ter frigido os linguados, se sentiu mal, porque daí em diante nada correu bem. A perna de carneiro chegou vermelha por dentro e muito pálida no exterior, e, pior ainda, polvilhada de uma substância estranha e estaladiça, como se houvesse caído nas cinzas daquela famosa lareira. O molho não nos permitiu esclarecer este ponto, porque a criada o espalhou por todos os degraus, enquanto subia, numa longa esteira que só os passos acabaram por apagar. O pastelão não estava mau, mas era uma ilusão: a crosta, na verdade, assemelhava-se a esses crânios que enganam os frenólogos por serem cobertos de protuberâncias e bossas sem nada de particular no meio. Em suma, o festim foi verdadeiro malogro, e eu ficaria deveras infeliz se os meus convivas não salvassem a situação com o seu bom humor e o senhor Micawber com uma ideia genial.

- Meu caro Copperfield - disse ele - os acidentes ocorrem nas famílias mais bem organizadas; e naquelas em que falta esta influência poderosa que santifica enquanto engrandece o... em suma, a influência da Mulher, no elevado papel de esposa, eles aparecem inevitavelmente e são suportados com filosofia. Ora, se me permite observar que há poucas iguarias mais delicadas, no seu género, do que os grelhados, e que é possível, dividindo o trabalho, fazer um deles, uma vez que a juvenil pessoa que nos serve consiga arranjar uma grelha, parece que poderíamos remediar este inconveniente com a maior facilidade...

Havia no escritório uma grelha em que se preparava a fatia de toucinho do meu primeiro almoço. Fui buscá-la e começámos a pôr em prática a ideia de Micawber. A divisão do trabalho, a que ele fizera alusão, consistiu no seguinte: Traddles cortava o carneiro em fatias; Micawber (especialista neste género de

coisas) cobria-as de pimenta branca e preta, mostarda e sal; eu punha-as na grelha, voltava-as com um garfo e retirava-as sob as instruções daquele grande entendido; e, enfim, a senhora Micawber aquecia-as num tacho com o molho de cogumelos que ela mexia de contínuo. Quando havia número suficiente de fatias, nós atacávamo-las, de mangas arregaçadas, enquanto outras fatias continuavam a chiar e a tostar ao lume e a nossa atenção se repartia entre o carneiro que tínhamos no prato e o que estava ainda na grelha. A novidade e excelência desta cozinha, as idas e vindas que provocava, a nossa azáfama, as faces coradas pelo fogo, os risos, tudo isto misturado com os odores e os ruídos tão apetitosos levaram-nos a devorar a perna de carneiro até ao osso. O apetite voltara-me como por milagre. É vergonha confessá-lo, mas creio que me esqueci de Dora durante uns momentos. Os Micawbers gozavam tanto com o banquete como se tivessem vendido uma cama para o pagar. Quanto a Traddles, ria quase sem cessar, com tão boa vontade como trabalhava e comia. Aliás, todos fazíamos o mesmo. E jamais um jantar obteve êxito mais completo.

A nossa alegria chegara ao auge e estávamos ocupados com as últimas fatias de carneiro, quando dei fé de uma presença estranha na sala. Era Littimer, que se apresentava defronte de mim, de chapéu na mão.

- Que há? - perguntei involuntariamente.

- Desculpe - volveu ele -, mas mandaram-me entrar. O meu patrão está aqui?

- Não.

- O senhor não o viu?

- Não. Não é ele quem o envia?

- Ao certo, não. Mas calculo que ele apareça cá amanhã, se não veio hoje.

- Volta de Oxónia?

- Peço-lhe, senhor Copperfield, que se sente e me deixe fazer esse trabalho.

Assim falando, tirou-me o garfo da mão e debruçou-se sobre a grelha com uma atenção que parecia absorvê-lo todo.

Se fosse o próprio Steerforth que ali surgisse, talvez não nos perturbássemos muito. Mas a entrada do respeitabilíssimo criado lançou-nos em certa confusão. Micawber começou a cantarolar, para se fingir à vontade, e deixou-se cair na cadeira, escondendo o garfo no colete, o que podia dar a impressão de que acabava de se apunhalar. A senhora Micawber calçou as luvas e tomou um ar de indiferença elegante. Traddles, depois de passar as mãos

engorduradas no cabelo, fitou a toalha com ar embaraçado. Quanto a mim, tinha o aspecto de uma criança à minha própria mesa, e a custo me atrevia a erguer a vista para aquele símbolo da respeitabilidade, vindo sabe Deus de onde, para restabelecer a ordem na minha residência.

Littimer retirara já o carneiro do lume e apresentava-no-lo com toda a solenidade. Cada um de nós tirou uma fatia, mas o apetite abandonara-nos e nós mal comemos. Quando depusemos o garfo e a faca, o digno homem, silenciosamente, mudou-nos os pratos e talheres e serviu-nos queijo. Depois procedeu de igual forma, terminada que foi esta fase, levantou a mesa, empilhou a loiça na mesita, trouxe copos de vinho, e, sempre de sua iniciativa, empurrou a dita mesa para o outro quarto. Desempenhou-se de todas estas funções com extrema perfeição, sem nunca levantar os olhos do trabalho. E contudo, mesmo quando estava de costas, parecia-me dizer sempre que me considerava ainda muito infantil.

- Precisa de mais alguma coisa, senhor Copperfield? Agradeci-lhe e perguntei se não queria comer também.

- Não, senhor Copperfield. Estou-lhe muito reconhecido.

- O senhor Steerforth chega de Oxónia?

- Não compreendo...

- Se o senhor Steerforth regressa de Oxónia?

- Suponho que estará aqui amanhã. Até pensei que fosse hoje. Mas deve ter sido engano meu.

- Se lhe falar antes de mim... - repliquei.

- Queira desculpar, mas não julgo que seja o primeiro a vê-lo.

- Mas caso tal suceda, diga-lhe que lastimo não viesse cá hoje, tanto mais que encontraria um antigo condiscípulo.

- Certamente - retorquiu, e fez uma vénia em que me envolvia a mim e ao Traddles, com uma olhadela rápida para este último.

Dirigiu-se lentamente para a porta quando eu o chamei, na esperança vã de dizer a esse homem qualquer coisa natural.

- Littimer!

- Senhor Copperfield.

- Ficou muito tempo em Yarmouth, daquela vez?

- Não muito, senhor Copperfield.

- Viu a conclusão do barco?

- Sim, senhor. Fiquei mesmo para isso.

- Bem sei - aduzi. Littimer ergueu a vista, respeitosamente, e eu continuei: - O senhor Steerforth ainda não viu o barco?

- Ao certo não posso dizer. Parece-me... mas ao certo não sei. Boa noite, senhor Copperfield.

Englobou todos os circunstantes na saudação respeitosa que se seguiu a estas palavras, e desapareceu. Os meus convidados respiraram mais livremente depois da sua partida, e eu próprio me senti aliviado. Além do constrangimento que me inspirava sempre a ideia de fazer triste figura em presença desse homem, a consciência nunca deixara de me insinuar que eu duvidara do seu patrão: não podia evitar o vago receio de que ele desconfiara. Então por que motivo, não tendo eu na realidade nada que me acusasse, andava sempre com a impressão de que esse indivíduo respeitável me apanhava em flagrante?

O senhor Micawber arrancou-me a estas reflexões (misturadas do temor, ditado pelo remorso, de ver chegar o próprio Steerforth) fazendo o elogio do ausente, que achou ser um criado estupendo.

Devo observar que Micawber aceitara a sua parte na saudação geral feita por aquele e a retribuíra com muita condescendência.

- O ponche, caro Copperfield - disse ele, provando-o - é como o tempo e a maré, não espera por ninguém. Nesta ocasião, ele está mesmo uma delícia! Meu amor, não me dás a tua opinião?

A senhora Micawber declarou que o ponche estava excelente.

- Então, se o meu amigo Copperfield mo permite, vou beber pelos tempos idos, em que ele e eu éramos mais novos e lutávamos lado a lado para abrir caminho na vida. Posso dizer de nós dois, citando estes versos que já cantámos em coro, que

Percorremos as colinas, Colhendo lindas boninas,

isto, é claro, em sentido figurado. Não sei ao certo - prosseguiu ele, com a sua voz arrastada e o indescritível ar de distinção - que boninas seriam essas, mas posso afirmar que eu e Copperfield as colheríamos aos molhos, se fosse exequível.

E Micawber, nesse mesmo instante, «colheu» um trago de ponche. Todos

lhe seguimos o exemplo. Traddles cogitava em que época recuada poderia eu ter travado batalha contra a vida, ao lado de Micawber.

- Hum - murmurou este, para clarear a voz, aquecendo-se sob a acção combinada do ponche e do lume. - Vai mais um copo, querida Emma?

A senhora Micawber respondeu que tomava apenas um dedal; não quisemos, porém, consentir-lhe semelhante coisa e ela esvaziou um copo grande.

- Como estamos em família, senhor Copperfield - disse ela - e visto que o senhor Traddles faz parte da nossa casa, gostaria de saber o que pensa das probabilidades do meu marido; pois, como já lhe disse várias vezes, o comércio do trigo está próspero mas não é muito remunerador. Uma comissão de dois xelins e nove dinheiros por quinzena, por mais modestos que sejamos, não pode ser considerada suficiente.

Concordámos com ela.

- Então - prosseguiu a senhora Micawber, que fazia gala em ver as coisas com clareza e manter no bom caminho o marido, pelo tacto feminino, sempre que ele mostrava tentação para se extraviar -, então eu faço a mim mesma esta pergunta: se não se pode contar com o trigo, com que é que se pode contar? Com o carvão? Não, decerto. Experimentámos isso, a conselho da minha família, e vimos a sua ineficácia.

Micawber, recostado na cadeira e de mãos nos bolsos, olhava-nos de soslaio e meneava a cabeça, como para significar que o problema estava bem apresentado.

- O trigo e o carvão - continuou a senhora Micawber - estão,

pois, fora de questão, e eu lanço a vista derredor e inquiro: em que terá probabilidades de vencer um homem tão bem dotado como Micawber? Ponho de lado tudo o que se resume a comissões, por não serem seguras. Ora, convencida estou de que o melhor para o temperamento dele deve ser algo de seguro.

Eu e Traddles exprimimos por um sussurro lisonjeiro a verdade dessa grande descoberta.

- Não lhe ocultarei, meu caro senhor Copperfield, que desde há muito tenho a impressão de que a cerveja seria o expediente ideal para Micawber. Veja Barclay & Perkins! Veja Truman, Hanbury & Baxton! Só num negócio desta envergadura é que ele teria possibilidade de brilhar (conheço-o bem para o saber) e não ignoro que os lucros são enor-mes! Todavia, se Micawber não pode entrar nestas firmas, que lhe recusam a proposta quando ele lhes oferece os seus

serviços, mesmo para um emprego inferior às suas capacidades... de que vale insistir nesse sentido? De nada! Estou convencida de que as boas maneiras de Micawber...

- Oh, Emma, então?! - acudiu o marido.

- Cala-te, meu amor - retrucou a mulher, pondo-lhe a mão enluvada no braço. - Estou convencida, senhor Copperfield, de que as maneiras de Micawber o recomendam particularmente para o comércio bancário. Se eu própria tivesse qualquer depósito num banco, as maneiras de Micawber, uma vez representante desse banco, me inspirariam confiança e favoreceriam os negócios. Mas se os bancos negam a Micawber o direito de se lhes associar, desdenhando as suas propostas, para que pensar nessa hipótese? Quanto a fundar um banco novo, é certo que alguns membros da minha família o poderiam fazer, se quisessem colocar o seu dinheiro nas mãos do meu marido. Se, porém, se negam a isso, para que tentar mais uma vez o projecto? No fim de contas, não adiantámos nada...

Abanei a cabeça e disse «Realmente...» E Traddles fez o mesmo gesto e repetiu idêntica palavra.

- Que conclusão se há-de extrair de tudo isto? - prosseguiu a senhora Micawber, sempre com o ar de expor claramente o assunto. - Que conclusão, caro senhor Copperfield? Não tenho razão se disser que é necessário viver?

- Absoluta - retorqui inconscientemente. E acrescentei: - Viver ou morrer!

- É a pura verdade - atalhou a senhora Micawber. - E o facto está em que não podemos continuar a viver se não aparecer em breve qualquer coisa decisiva. Ora estou persuadida, e já o notei várias vezes a Micawber, que não devemos ficar de braços caídos, à espera de uma oportunidade que nos caia do céu.

Precisamos de a provocar. Talvez me engane, mas esta é a conclusão a que cheguei.

Eu e o Traddles concordámos sem reservas.

- Óptimo. Então que hei-de recomendar? Temos aqui Micawber com o seu talento e uma infinidade de aptidões...

- Oh, filha!

- Peço-te, meu caro, que me deixes acabar. Temos aqui Micawber, dizia eu, dotado de aptidões variadíssimas, com grande talento, que poderei classificar de génio... a não ser que se trate de uma cegueira conjugal...

Eu e Traddles protestámos:

- Não, não!

- E eis Micawber sem situação nem emprego que lhe convenha. A quem cabe a responsabilidade? Evidentemente que à sociedade. Pois eu gostaria de intimar a sociedade a pôr cobro a essa injustiça. Parece-me, caro senhor Copperfield - acrescentou com energia--que a Micawber só resta lançar a luva e dizer: «Quem a levanta? Esse que avance!»

Tomei a liberdade de perguntar à senhora Micawber o que era necessário para realizar aquele desafio.

- Precisamos de anúncios nos jornais. Julgo que Micawber, por amor a si mesmo, à família, e (vou ao ponto de o proclamar) à sociedade, que até este momento o tem ignorado, devia anunciar em todos os jornais, descrever-se tal como é, dotado destas e daquelas qualidades, e concluir assim: «Deseja emprego adequado. Resposta a WM. Posta Restante. Camden Town.»

- A ideia de minha mulher, meu caro Copperfield - interveio ele, endireitando as pontas do colarinho e olhando-me de revés - é na realidade o famoso passo em frente de que falei no nosso último encontro.

- Os anúncios custam muito caro - observei timidamente.

- Isso é certo - exclamou a senhora Micawber, com a mesma aparência de lógica.-É muito certo, caro senhor Copperfield. Fiz o mesmo reparo ao meu marido. E é justamente por essa razão que ele deveria, parece-me (por amor a si mesmo, à família, à sociedade, repito) levantar determinada importância por meio de uma letra.

Micawber, reclinado na cadeira, brincava com o monóculo e contemplava o tecto. Mas supus vê-lo relancear Traddles, que olhava para o lume.

- Se algum membro da minha família - ajuntou a senhora Micawber - não tiver a generosidade suficiente para negociar essa letra... creio que há um termo mais técnico para exprimir o que quero dizer...

- Descontar - sugeriu o marido, de olhos sempre fitos no tecto.

- Para descontar essa letra, então sou de opinião que Micawber vá à City, se dirija a um banco e trate de conseguir o que pretende. Se lhe exigirem um grande sacrifício, será com eles e a sua consciência. Eu vejo a coisa como um investimento. Aconselho meu marido a fazer como eu, a considerar um investimento seguro e a se resignar seja a que sacrifício for.

Senti, não sei porquê, que era muita abnegação da parte da senhora Micawber e murmurei não sei quê nesse sentido. Traddles, imitando-me, fez o mesmo, sem desviar a vista do fogão. - Não desejo - concluiu ela, terminando o ponche e puxando o xaile para os ombros, a fim de se retirar para o meu quarto - não desejo prolongar estas reflexões acerca da situação financeira de Micawber. Na sua casa, senhor Copperfield, e em presença do senhor Traddles, que sendo embora amigo mais recente é todavia um dos nossos, não pude coibir-me de dar a conhecer o processo que aconselho a Micawber. Entendo que chegou o momento de ele se mexer, direi mesmo de se afirmar, e parece-me que indiquei o meio. Sou apenas uma mulher, e, em geral, prefere-se o juízo de um homem em semelhante matéria, mas em todo o caso não esqueço que o meu pai, quando eu vivia com ele, repetia frequentemente: «Emma é frágil, mas a sua compreensão dos assuntos não é inferior à dos outros.» Bem sei que o papá era muito indulgente, mas o meu amor filial e a minha razão proíbem-me de duvidar da sua sagacidade.

Com estas palavras e resistindo às nossas solicitações para uma última rodada de ponche, a senhora Micawber retirou-se para o meu quarto. E eu senti que ela era realmente uma mulher nobre, da raça das matronas romanas, capaz de todas as acções heróicas em tempos de calamidade pública. Imbuído destes sentimentos, felicitei o senhor Micawber pelo tesouro que possuía. Traddles seguiu-me o exemplo. Então Micawber estendeu-nos a mão e levou à cara o lenço, que, Deus me perdoe, me pareceu mais sujo de rapé do que ele suporia. Em seguida voltou ao ponche, já num estado de extrema jovialidade.

De súbito, tornou-se eloquentíssimo. Deu-nos a entender que revivíamos nos nossos filhos e que, sob o peso das dificuldades materiais, qualquer aumento da prole era ainda mais apreciado. A senhora Micawber, ao que parece, tivera dúvidas a este respeito, pouco tempo antes, mas ele dissipara-as e tranquilizara-a. Quanto à família dela, era na verdade indigna de Emma; Micawber troçara da opinião desse clã: bem podiam - cito as palavras do meu conviva - ir todos para o Inferno.

Em seguida, Micawber enveredou por um elogio entusiástico de Traddles. Declarou que o rapaz possuía qualidades sólidas, às quais ele (Micawber) não podia aspirar, mas que, louvado Deus!, sabia compreender. Fez uma alusão comovida à menina que Traddles honrava com o seu afecto, e bebeu à saúde da homenageada. Imitei-o, e Traddles agradeceu-nos dizendo numa simplicidade e franqueza que me encantaram:

- Estou imensamente grato e posso afirmar que é a rapariga mais gentil que

há!

Micawber aproveitou a ocasião que se lhe oferecia para aludir também, com muito tacto e cerimónia, ao estado do meu próprio coração. Declarou que só uma negação formal proferida por mim o impediria de acreditar que o seu amigo Copperfield amava e era amado. Depois de certo constrangimento e confusão, de muitos rogos, balbuciações e negativas, acabei por dizer, erguendo o copo: «Nesse caso, à saúde de Dora!» Isto comoveu tanto Micawber, que se precipitou no meu quarto, de copo em riste, para que a mulher pudesse beber também à saúde de Dora; fê-lo com tanto entusiasmo, que a sua voz aguda chegou do fundo do aposento: «Bravo, óptimo, caro Copperfield, estou satisfeitíssima.» E bateu na parede, à laia de aplauso.

A nossa conversa tomou daí por diante um aspecto mais prosaico. Micawber explicou achar Camden Town pouco prática; a primeira coisa que faria quando os seus anúncios produzissem efeito seria mudar de domicílio. Falou de uma rua transversal a Oxford Street, defronte de Hyde Park, a qual ele namorava há muito. Não a esperava conseguir imediatamente, porque na tal casa necessitaria de muitos criados. Haveria sem dúvida um período de transição, durante o qual ele se contentaria com a parte superior de um prédio de comércio respeitável, ou seja, em Piccadilly, bairro agradável para a senhora Micawber. Aí, mercê de vários pequenos arranjos (abririam, por exemplo, uma janela de sacada ou aumentariam mais um andar) habitariam confortável e dignamente por mais uns anos. Mas, fosse o que fosse o que o destino lhe reservava, e fosse onde fosse que estabelecesse a sua residência, nós poderíamos estar certos de uma coisa: teriam sempre um quarto para Traddles e um talher para mim. Agradecemos-lhe a sua generosidade, e ele pediu lhe desculpássemos esta pequena incursão comezinha, embora admissível e natural num homem prestes a mudar completamente o seu género de vida.

A senhora Micawber, batendo outra vez na parede para saber se o chá estava pronto, interrompeu a nossa conversa. Serviu-nos delicadamente o chá e, de cada vez que eu me aproximava dela, passando as xícaras e as fatias de pão, perguntava-me num sussurro se Dora era loira ou morena, alta ou baixa, etc., e não há dúvida que isso me dava prazer. Depois do chá, aflorámos diante do fogão toda a espécie de assuntos, e a senhora Micawber teve a amabilidade de cantar (com voz fraca e triste, que eu na infância consideraria a própria perfeição da arte musical) as suas baladas favoritas do Sargento Arrojado e do Pequeno Tafflin. Estas duas canções haviam sido o triunfo da senhora Micawber quando vivia em casa dos pais.

Contou-nos o marido que, da primeira vez que a vira no lar paterno, se sentira tão atraído ao ouvi-la entoar o Sargento Arrojado, que se resolvera a tê-la por mulher ou a morrer por ela.

Das dez para as onze horas, a senhora Micawber levantou-se para guardar a touca e tornar a pôr o chapéu. Micawber aproveitou a oportunidade de Traddles enfiar o sobretudo para me insinuar uma carta, murmurando-me ao ouvido que a lesse quando tivesse tempo. Servi-me também do ensejo em que conservava na mão o castiçal (a fim de os alumiar na escada) para reter Traddles um instante no patamar e lhe dizer em segredo:

- Ouve, o homem não tem más intenções, coitado, mas, no teu lugar, eu não lhe emprestaria nada.

- Meu caro Copperfield - replicou-me sorrindo - não tenho nada que empreste.

- Tens o teu nome, em todo o caso.

- Achas que é coisa que se possa emprestar?-volveu Traddles com ar sonhador.

- Certamente!

- Ah, sim, tens razão. Agradeço-te muito, Copperfield... mas já está feito.

- A letra...?

- Não, não foi isso. Só agora é que ouvi falar dela, e até pensei que, no regresso, ele me pediria a assinatura. Não. Trata-se de outra.

- Oxalá não te traga aborrecimentos.

- Creio que não. Disse-me que tinha cobertura. Foi mesmo a expressão que empregou.

Micawber ergueu nessa ocasião a vista para nós, e eu só tive de repetir o meu aviso; Traddles agradeceu-me e desceu os degraus. Vendo, porém, a docilidade com que ele seguia, dando o braço à senhora Micawber e segurando o embrulho do chapéu, receei que o meu amigo se deixasse levar sem resistência para o mundo financeiro...

Voltei para o canto do lume e pensei, com gravidade matizada de ironia, no carácter de Micawber e nas nossas relações de outrora. Nessa altura ouvi um passo rápido na escada. Julguei de começo que fosse Traddles que viesse buscar qualquer coisa esquecida pela senhora Micawber; mas, quando os passos se aproximaram, reconheci-os e senti o coração bater-me com força e o sangue

subir-me à cara, pois que o visitante era James Steerforth.

Eu nunca me esquecia de Agnes, que jamais deixava, se ouso expressar-me assim, o santuário do meu pensamento, onde desde o início a colocara. Mas quando Steerforth entrou e me apareceu de mão estendida, não tive dúvida de que este também era um amigo predilecto. Até me envergonhei de haver suspeitado dele.

Quanto a Agnes, considerava-a sempre o meu anjo bom, um anjo cheio de doçura e indulgência. Não lhe censurava nada, mas, no respeitante ao meu amigo, arrependia-me de o haver agravado em espírito e gostaria de reparar a ofensa se soubesse como fazê-lo.

- Pois, Bonina, meu caro, ficaste mudo! - disse Steerforth rindo e sacudindo-me cordialmente a mão. - Vejo que tiveste um banquete, meu sibarita! Vocês lá dos Doctor's Commons são os mais divertidos de Londres e batem aos pontos a rapaziada de Oxónia!

O seu olhar brilhante circunvagava jovialmente a sala, enquanto ele se sentava diante de mim, no sofá que a senhora Micawber acabava de deixar. Ao mesmo tempo espevitava o lume.

- Realmente fiquei surpreendido -- respondi por fim, com toda a cordialidade que me assistia. - Até me faltou o fôlego para te saudar.

- É que a minha vista é benéfica aos olhos fatigados, como dizem os escoceses, e a tua também é, Bonina, minha flor. Como passas, com as tuas bacanais?

- Muito bem, mas não houve bacanal nenhuma, apesar de terem estado aqui três convidados.

- Que eu acabo de encontrar, tecendo em voz alta os teus louvores. Quem era aquele homem de calças cingidas?

Descrevi-lhe, o melhor que pude, o senhor Micawber. Steerforth riu com vontade do meu esboço Imperfeito e declarou que lhe interessava conhecer o homem.

- E quem julgas que era o outro? - perguntei.

- Sei lá! Espero que não fosse um maçador, embora tivesse esse aspecto.

- Era Traddles! - bradei triunfante.

- Traddles? Quem é? - inquiriu Steerforth, com ar indiferente.

- Não te lembras? Aquele que ficava no nosso dormitório, no internato de

Salem.

- Ah, esse?! - replicou, batendo com o atiçador num bocado de carvão.- Continua estúpido? Onde diabo o desencantaste?

Procedi ao elogio de Traddles, pois vi que Steerforth o não apreciava como devia. Por fim participou-me que realmente o desejava tornar a ver, porque esse rapaz sempre fora um patusco. Depois, mudando de assunto, com um movimento de cabeça e um sorriso, perguntou-me se eu não tinha nada que se comesse. Durante todo este diálogo, Steerforth falara com animação um tanto estranha, e acabara por tornar a partir carvões no fogão. Notei que continuava a fazer o mesmo enquanto eu lhe trazia restos de pastelão e outras coisas.

- oh, Bonina, isto é uma ceia principesca! - exclamou quebrando bruscamente o silêncio e sentando-se à mesa. - Vou fazer-lhe as devidas honras, porque chego de Yarmouth.

- Julguei que era de Oxónia - observei.

- Ah, não. Estive no mar. É ocupação mais agradável.

- Littimer veio cá hoje informar-se de ti - observei-lhe -, e supus que te encontrasses na Universidade, se bem que, pensando melhor, ele se não referisse a tal coisa.

- Se veio com essas intenções, é mais estúpido do que eu julgava - redarguiu Steerforth, servindo-se de um copo de vinho. - Quanto a compreendê-lo, Bonina, serias mais esperto do que ninguém.

- Isso é verdade - concordei, aproximando a minha cadeira da mesa. - Com que então estiveste em Yarmouth - acrescentei, ansioso de saber tudo a este respeito. - Demoraste-te muito por lá?

- Não, uns oito dias.

- E como vão eles? A pequena Emily ainda não se casou, naturalmente...

- Ainda não. Será em breve, penso. Dentro de semanas... ou de anos... ou qualquer coisa assim. Vi-os poucas vezes. Ah, a propósito - e descansou o garfo e a faca a fim de procurar nas algibeiras - trouxe uma carta para ti.

- De quem?

- Da tua velha criada - esclareceu Steerforth, tirando papéis do bolso interior do casaco. - Não, isto é a conta do albergue. Paciência, hei-de achar. O velhote não vai bem e suponho que é por isso que ela te escreve.

- Referes-te a Barkis?

- Sim - confirmou, sempre a procurar nas algibeiras. - Receio que o pobre Barkis não dure muito, segundo depreendi da conversa com um médico, ou cirurgião, ou boticário, que teve a honra de te pôr neste mundo. Verifica aí no bolso de dentro do sobretudo, ali na cadeira. Encontraste?

- Ei-la!

- Óptimo.

Era realmente uma carta da Peggotty, menos legível ainda que de costume, e muito breve. Anunciava-me o estado desesperado do marido e, em termos velados, dizia que ele se mostrava cada vez mais «apertado» e que ela tinha maior dificuldade em tratá-lo como devia. Não falava da sua fadiga nem das vigílias e, piedosamente, chegava a elogiar o enfermo. Terminava essa missiva familiar e simples chamando-me, como sempre, «seu menino querido».

Enquanto eu decifrava estas linhas, Steerforth continuava a comer e a beber.

- É uma história triste - disse-me por fim. - Mas a todo o instante morre gente, de maneira que não nos devemos assustar com um destino que nos é comum. Se perdêssemos a coragem, por ter ouvido esses passos que se aproximam de cada qual, na sua hora, todas as alegrias do mundo nos fugiriam. Não, para a frente! Com energia, se for necessário. Mais devagar, se for suficiente. Mas sempre para diante! Saltemos por cima de todos os obstáculos, para ganhar a corrida.

- Que corrida?

- Aquela em que nos empenhámos. Para a frente! Lembro-me de que, no momento em que se calou, fitando-me, com a cabeça reclinada e de copo na mão, descobri no seu rosto queimado do ar marítimo sinais de cansaço que não tinha anteriormente. Pensei que ele se houvesse entregado a um desses transportes, habituais na sua pessoa, de entusiasmo que uma vez desencadeado não conhecia freio. Preparava-me para lhe dirigir censuras pela força desesperada que punha na busca de todas as suas fantasias - como, por exemplo, afrontar as ondas e desafiar os elementos arrebatados - mas os meus pensamentos retrocederam ao assunto principal da nossa conversa.

- Escuta - principiei. - Tenciono ir visitar a minha antiga criada. Não que lhe possa levar qualquer bem nem lhe prestar os mínimos serviços, mas a Peggotty estima-me tanto que a visita lhe há-de fazer o efeito de uns e outros. Ficará tão reconhecida e sem dúvida achará na minha presença conforto e auxílio. É o que posso fazer a essa criatura que me foi sempre tão dedicada. Se estivesses no meu lugar, não farias essa curta viagem, apenas de vinte e quatro horas?

O rosto de Steerforth tornou-se sério. O meu amigo reflectiu um instante antes de replicar em voz baixa:

- Fazes bem, vai.

- Apesar de que voltas de lá, sou capaz de te propor que me acompanhes. Queres?

- De facto - respondeu Steerforth -, devo ir para Highgate esta noite. Há muito que não vejo a minha mãe, e a consciência acusa-me desse desleixo. Não é pouco ser amado como ela ama o seu filho pródigo! Espera... contas partir amanhã?-pondo-me cada uma das mãos nos ombros.

- Conto, sim.

- Pois então vai só depois de amanhã. Tencionava pedir-te que fosses passar uns dias à minha casa. Foi para isso que vim cá. Mas falas-me de uma escapadela a Yarmouth!

- Ora, quem mais do que tu se escapa... sempre na mira de novas aventuras...

Olhou-me um momento calado; depois, segurando-me ainda nos ombros e sacudindo-me um pouco, ripostou:

- Espera até depois de amanhã e passa entretanto umas horas comigo em Highgate. Quem sabe quando nos voltaremos a ver? Hem, está combinado? Preciso da tua presença entre mim e Rosa Dartle.

- Amar-se-iam tanto se eu lá não estivesse?

- É verdade, a menos que nos odiássemos - declarou rindo -, Aliás, pouco importa. Então até depois de amanhã!

Concordei, ele vestiu o sobretudo, acendeu um charuto e preparou-se para regressar a casa, a pé. Vendo que era essa a sua intenção, enfiei também o sobretudo (mas sem acender charuto, porque já tinha a minha conta por algum tempo), e acompanhei-o até à estrada real, sítio pouco agradável à noite. Foi muito animado todo o caminho e, quando nos separámos e o vi seguir com ar desembaraçado, vieram-me à memória as suas palavras: «Saltemos por cima de todos os obstáculos, para ganhar a corrida.» E, pela primeira vez, desejei que ele tivesse uma boa corrida para ganhar.

Ao despir-me, a carta do senhor Micawber caiu-me da algibeira, o que me recordou a sua existência. Rasguei a obreia e li o que se segue. (Não sei se disse que Micawber, quando se achava nalguma crise, usava uma espécie de

fraseologia jurídica. Talvez supusesse que isso equivalia a resolver as dificuldades.)

«Amigo e senhor Copperfield (porque não me atrevo a chamar-lhe «meu caro») convém que o informe de que o abaixo assinado está vencido. É crível que note nele, hoje, esforços intermitentes para evitar um conhecimento prematuro da sua situação irremediável; todavia desapareceu qualquer esperança e o abaixo assinado está vencido.

«A presente comunicação é escrita na vizinhança pessoal (não ouso dizer na companhia) de um indivíduo cujo estado confina com a embriaguez e que é empregado de um corretor de câmbios. Esse indivíduo está na posse legal da minha habitação, por falta de pagamento da renda. O seu inventário compreende não só os bens móveis de todo o género pertencentes ao abaixo assinado, na qualidade de inquilino, mas também os que são propriedade do senhor Thomas Traddles, seu sublocatário, membro da digna corporação do Foro.

«Se faltasse uma gota de amargura à taça de fel já a transbordar e que (para retomar a expressão de um escritor imortal) se «dirige» agora aos lábios do abaixo assinado, bastaria o facto de o dito senhor Thomas Traddles ser fiador de uma letra do abaixo assinado, da importância de vinte e três libras, quatro xelins e nove dinheiros e para a qual NÃO há cobertura, e também o facto de que as responsabilidades do abaixo assinado irão, segundo todas as leis da natureza, ser aumentadas com uma nova vítima inocente. Em números redondos, pode-se calcular a expiração do prazo máximo do pagamento em seis lunações, a partir de hoje.

«Com estas premissas, seria supérfluo acrescentar que o pó e a cinza cobrem para sempre a cabeça de Wilins Micawber.»

Coitado do Traddles! Eu conhecia já suficientemente Micawber para saber que, ele pelo menos, se restabeleceria do infortúnio. Mas o meu sono, nessa noite, foi tristemente perturbado pela ideia de Traddles e da filha do sacerdote - uma das dez filhas desse digno homem - e que a amorosa rapariga esperaria pelo noivo (ó ominoso elogio!) até aos sessenta anos, senão mais!

XXIX. FAÇO NOVA VISITA A CASA DE STEERFORTH

Pedi ao doutor Spenlow que me desse licença para me ausentar por pouco tempo, e como, não recebendo vencimento, era bem visto do doutor Jorkins, a autorização foi depressa concedida. Aproveitei o ensejo para exprimir ao advogado a esperança de que sua filha se encontrasse de boa saúde, coisa que eu fiz com voz sufocada e certa perturbação no olhar. O doutor Spenlow replicou, tão calmamente como se falasse de um ente qualquer, que Dora estava bem e que me ficava muito agradecido.

Nós os estagiários éramos tratados com tanta consideração que eu quase dispunha de mim a qualquer hora. Como, porém, não desejava chegar a Highgate antes da uma ou duas daquele dia, e como tínhamos outro caso, aliás simples, de excomunhão naquela manhã (requerida por Topkins contra Bullock, para emenda da sua alma), aconteceu que passei uns momentos agradáveis a trabalhar com o doutor Spenlow. Tratava-se de uma questão entre dois sacristãos, um dos quais empurrara o outro contra uma bomba; ora como o braço da dita bomba embatera na parede duma escola, construída sob a empena da igreja, o delito caía debaixo da jurisdição eclesiástica. Era um caso divertido. Enquanto ia para Highgate, ao lado do cocheiro da diligência, eu continuava a pensar naquele tribunal e na opinião do doutor Spenlow quanto ao perigo que havia em extingui-lo.

A senhora Steerforth ficou muito contente por me ver, assim como Rosa Dartle. A ausência de Littimer constituiu para mim uma surpresa agradável: o serviço era feito por uma criadinha tímida, de touca ornamentada de fitas azuis e olhar simpático, muito menos desconcertante do que aquele criado respeitabilíssimo. Mas o que me impressionou de forma particular, antes mesmo de haver decorrido uma hora na casa, foi a atenção com que a senhora Dartle me espiava e a maneira como parecia comparar, disfarçadamente, o meu semblante com o de James Steerforth. Dir-se-ia não perder nada do que se passava entre nós. De cada vez que a olhava, estava certo de ver esse rosto ardente e esses olhos escuros voltados para mim, ou fugindo rápidos para James, ou ainda envolvendo-nos ao mesmo tempo. Muito longe de atenuar essa fixidez de lince, quando percebia que eu a observava, ela manifestava ainda maior curiosidade. Embora me considerasse inocente de todos os malefícios que a solteirona

pudesse suspeitar, aqueles olhos estranhos perturbavam-me e eu sentia-me absolutamente incapaz de suster o seu esplendor feroz.

Todo o dia dominou na casa inteira. Se eu falava com Steerforth no quarto dele, escutava-lhe o rumor das saias na galeria anexa. Quando iniciávamos uma das nossas deambulações predilectas, no relvado atrás da casa, eu via a cara de Rosa ora numa janela ora noutra, vigiando-nos, como uma luz que se acendesse e apagasse. E, ao irmos todos quatro passear à tarde, agarrou-me no braço, para que eu recuasse, enquanto Steerforth e a mãe se afastavam para fora do alcance da nossa voz; e disse-me:

- Esteve muito tempo sem aparecer. É porque a sua profissão o absorve tanto? Pergunto isto por gostar sempre de saber o que ignoro. Que me responde?

Expliquei que a profissão me não desagradava, mas que em todo o caso não estava assim tão absorvido por ela.

- Ah, quanto estimo saber! É tão bom ser-se elucidado!-exclamou Rosa Dartle. - Acha então que é uma carreira um tanto árdua?

- Talvez seja...

- E por essa razão prefere mudar, distrair-se com outras coisas? Muito bem. Mas, quanto a ele, não será um pouco porque...

Um relance para o lado de Steerforth, que seguia levando a mãe pelo braço, indicou-me a quem ela se referia. Escapava-me, porém, o significado da conversa. E foi decerto o espanto o que Rosa leu no meu rosto.

- Não acha... não digo que seja assim, pergunto simplesmente... que isso o absorve muito? que o torna ainda mais negligente nas visitas àquela que o adora? Hem?

E lançou outro olhar rápido na mesma direcção, depois fez igual coisa a mim, e eu senti-me como que traspassado.

- Senhora Dartle - respondi - peço-lhe que... não vá imaginar...

- Não imagino nada. Oh, meu Deus, não suponha que imagino seja o que for. Não apresento uma opinião. A minha opinião fundamentar-se-á no que me responder. Ah, então é que me enganei. Tanto melhor!

- O que não é verdade - declarei - é que eu seja responsável pela ausência prolongada de James. Até ignorava isso que acaba de me dizer. Não o tornara a ver, e só anteontem é que...

- Palavra?

- Palavra de honra.

Rosa olhava-me bem de frente. Vi-a empalidecer, e a cicatriz que lhe desfigurava o lábio superior começou a alongar-se, atravessando-lhe o outro lábio e vindo cortar de lado o queixo. Experimentei genuína impressão de pavor. O olhar tornou-se-lhe mais intenso quando inquiriu, sem desviar a vista:

- Mas então que faz ele?

Repeti a frase, mais para mim do que para ela, pois estava perplexo.

- sim, que faz ele? - insistiu Rosa, com uma angústia que parecia consumi-la como fogo. - Que ajuda encontra nesse homem que nunca me olha sem uma expressão de impenetrável falsidade? Se você é sincero e leal ao seu amigo, não lhe peço que o atraiçoe. Mas diga-me apenas isto: é a cólera, ou o ódio, ou o orgulho, ou a inquietação, ou algum capricho estranho, ou o amor... mas que é que o domina?

- Minha senhora - redargui -, como posso demonstrar-lhe que não acho nenhuma diferença no meu amigo? Não lhe noto mudança desde a última vez que estive cá. Creio absolutamente em que não há nada. Nem chego a perceber as suas insinuações...

Ela continuava a fitar-me e eu então vi uma espécie de contracção ou frémito (que não pude evitar de atribuir a doença) passar naquela extensa cicatriz e erguer o lábio superior num jeito de escárnio ou de piedade desdenhosa. Levou logo, precipitadamente, a mão à boca, essa mão tão frágil e delicada que, a primeira vez que a vi defronte do lume do fogão, se me afigurou feita de porcelana. Depois respondeu-me com brusquidão apaixonada: «Está bem, mas jure-me guardar segredo de tudo isto!» E não acrescentou nem mais uma palavra.

A senhora Steerforth parecia em especial muito feliz com a presença do filho, e este testemunhava-lhe mais atenção e respeito que em geral. Agradou-me vê-los juntos, por causa daquela afeição mútua e também pela grande semelhança que existia entre ambos: a altivez e impetuosidade de James, temperadas nela pela idade e o sexo, tornavam-se numa dignidade cheia de encanto. Contemplando-os, por mais de uma vez pensei quanto era bom que nunca surgisse entre eles nenhuma razão grave de dissentimento, pois essas duas naturezas (ou melhor, esses dois aspectos da mesma natureza) seriam mais difíceis de reconciliar do que se fossem absolutamente opostas. Devo confessar, aliás, que esta ideia não se originou na minha própria clarividência, foi-me sugerida por uma observação de Rosa Dartle, que disse à mesa:

- Gostava tanto de saber! Todo o dia tenho pensado nisso...

- Saber o quê, Rosa? - perguntou a senhora Steerforth. - Peço-te que não sejas tão dada a mistérios...

- Mistérios? Acha-me realmente com propensão para eles?

- Passo o tempo, Rosa, a pedir-te que sejas natural e que fales de uma maneira simples.

- Julga que esta maneira não é natural em mim? Ora, responda com paciência, pois eu gostava naturalmente de saber. Nunca nos conhecemos bem.

- Em ti isso tornou-se uma segunda natureza - replicou a senhora Steerforth, sem a menor irritação. - Mas eu lembro-me (como tu também, suponho) do tempo em que as tuas maneiras, Rosa, eram menos circunspectas e mais confiantes.

- Creio que tem razão - volveu a senhora Dartle. - É assim que se criam maus hábitos! Com que então menos circunspectas e mais confiantes? Como poderei ter mudado assim, sem dar por isso? É muito estranho. Farei o possível para voltar a ser o que era.

- Dar-me-ias grande satisfação - declarou, sorrindo, a dona da casa.

- Pois é a minha intenção. Vou tomar lições de franqueza com... ah, com o James!

- Não podes aprender franqueza - ripostou novamente a senhora Steerforth, porque havia sempre um tom de sarcasmo em Rosa Dartle, embora, como neste caso, pudesse ser inconsciente - com melhor professor do que James.

- Também o julgo - afirmou a dama de companhia com fervor. - Se tenho a certeza de alguma coisa, é dessa efectivamente.

Achei que a senhora Steerforth se arrependera de se ter melindrado um pouco, pois retorquiu muito amável:

- Então, querida Rosa, ainda não disseste o que desejavas saber.

- O que desejava saber? - repetiu a outra, com uma tranquilidade exasperante. - Ah, era apenas isto: se as pessoas que têm o mesmo temperamento... será este o termo adequado?

- É tão bom como outro - atalhou Steerforth.

- Obrigada. Repito: se as pessoas que têm o mesmo temperamento estão em maior perigo do que as outras, no caso de surgir entre elas dissentimento grave,

que as encolerize e separe?

- Parece-me que sim - observou Steerforth.

- Parece-lhe? Meu Deus, admitamos (por absurdo) que surgia uma coisa dessas entre você e a sua mãe.

- Querida Rosa - acudiu a senhora Steerforth, rindo com bonomia - procura outro exemplo. Eu e James sabemos na perfeição, creio eu, o que devemos um ao outro.

- Isso é verdade! - comentou Rosa Dartle, meneando a cabeça com ar pensativo. - Isso é verdade. Mas bastará para impedir tudo? Sim, naturalmente... Pois bem, alegro-me por ter sido bastante tola para levantar esta questão. Agrada tanto saber que a afeição recíproca impedirá tudo! Fico reconhecidíssima.

Devo notar também outro episódio relativo à senhora Dartle. Tive oportunidade de o recordar mais tarde, quando o passado irremediável já nada apresentava de misterioso. Todo o dia, sobretudo após esse momento, Steerforth pôs em jogo toda a sua habilidade (e com um à-vontade perfeito) para conquistar aquela criatura estranha e transformá-la numa companheira sorridente e simpática. Não me admirei que ele o conseguisse. Também não me admirei de que ela começasse por resistir à influência fascinadora da sua arte subtil (ou antes, como cria então da sua natureza subtil) pois eu sabia-a por vezes azeda e perversa. Vi que mudava de expressão e de modos, vi que o olhava com admiração crescente, vi-a tentar, cada vez mais debilmente, mas sempre com azedume, como se condenasse a própria fraqueza, vi-a tentar, repito, opor-se ao poder de sedução de que James era dotado; e, finalmente, vi-a dulcificar os olhares e o sorriso, e assim desapareceu o receio que me inspirara durante todo o dia. Instalámo-nos em volta do fogão, conversando e rindo com tão pouca cerimónia como se fôssemos crianças.

Seria por estarmos na casa de jantar há tanto tempo, ou porque Steerforth não quis perder a vantagem que alcançara, a verdade é que não ficámos ali mais de cinco minutos depois que Rosa Dartle se ergueu e saiu.

- Toca harpa - confidenciou-me Steerforth à porta da sala - mas penso que só minha mãe a tem ouvido, de há três anos a esta parte.

Pronunciou estas palavras com um sorriso estranho, que imediatamente se dissipou. E nós entrámos na sala, onde ela se achava só.

- Não se levante - pediu Steerforth, mas Rosa já estava de pé. - Seja amável, minha boa Rosa, e cante-nos uma balada irlandesa.

- Como se você se importasse com baladas irlandesas! - exclamou ela.

- Muito mais - volveu Steerforth - do que com outra coisa qualquer. Olhe, o Bonina adora a música. Cante-lhe pois uma ária irlandesa, Rosa! E deixe-me escutá-la como antigamente.

Não lhe tocou, não se aproximou da cadeira que a senhora Dartle acabava de deixar. Mas sentou-se perto da harpa. Rosa ficou de pé um Instante, ao lado do seu instrumento, estranhamente irresoluta, com a mão direita nas cordas mas sem as fazer vibrar. Por fim sentou-se, puxou a harpa com um movimento brusco e principiou a cantar, acompanhando-se a si mesma.

Não sei o que havia no seu tocar ou no seu cantar, mas pareceu-me a coisa mais fantástica que ainda ouvi ou sequer imaginei. Assustava pela sua força evocadora, e era também assustador na sua realidade. Dir-se-ia nunca haver sido escrito ou posto em música, mas surgir espontaneamente de uma paixão interior que achava expressão imperfeita nos sons graves da voz e depois recolher, quando a cantora se calava. Não pude dizer nada no momento em que Rosa Dartle terminou e, apoiada à harpa, manteve a mão direita sobre as cordas, sem as fazer ressoar.

Só um minuto - depois saí da minha estupefacção. Steerforth levantara-se, aproximou-se dela e, rindo, passou-lhe o braço de roda da cintura.

- Então, Rosa - disse ele - vamos ser, de futuro, bons amigos?

Ela, porém, repeliu-o com a fúria de um gato bravo e precipitou-se para fora da sala.

- Que aconteceu a Rosa? - perguntou a senhora Steerforth, que entrava nessa ocasião.

- Minha mãe, a Rosa foi um anjo durante uns momentos e, para se desforrar, passou de súbito para o extremo oposto.

- Devias ter cuidado em não a irritar, James. Tem-se tornado azeda e convém não a contrariar.

A senhora Dartle não voltou, e ninguém mais se lhe referiu até ao instante em que fui dar boa noite ao meu amigo, no seu quarto. Ele então riu-se da dama de companhia da mãe e quis saber se eu já vira criatura mais brusca e incompreensível.

Comuniquei-lhe o meu espanto e mostrei curiosidade pela causa de um mau humor tão exagerado e repentino.

- Sabe-se lá! - disse Steerforth. - Tudo o que quiseres... ou mesmo nada. Faz passar tudo sob a mó, incluindo-se a si própria. É um instrumento afiado, com que se há-de lidar cautelosamente. Um perigo constante! Boa noite.

- Boa noite - repliquei. - Amanhã, quando acordares, já eu terei partido.

James não queria separar-se de mim e, como fizera no meu quarto, colocou-me as duas mãos nos ombros, para me reter.

- Bonina - murmurou, sorrindo. - Bem sei que não foi este o nome que os teus padrinhos te deram... mas é aquele que eu prefiro conceder-te... Quem me dera que me pudesses também tratar assim!

- Nada o impede, se eu quiser.

- Bonina, se jamais alguma coisa nos apartar, lembra-te só do meu lado bom. Façamos uma combinação. Promete recordares-te apenas do meu lado bom, se as circunstâncias nos separarem!

- Para mim, Steerforth, não tens lados bons nem maus. Aprecio-te em conjunto, como um bloco.

Experimentei tamanhos remorsos por haver duvidado dele, mesmo em pensamentos informes, que a confissão me subiu aos lábios. Mas, não querendo atraiçoar a confiança de Agnes, o que fatalmente sucederia se abrisse a boca para me ocupar do assunto, calei-me por então: James não me deixou, todavia, falar antes que eu dominasse a minha indecisão, porque disse: «Deus te abençoe, Bonina.» E acrescentou: «Boa noite.» Por isso nos separámos, depois de havermos apertado a mão.

Levantei-me de madrugada e, após me ter vestido em silêncio, penetrei no quarto do meu amigo, que dormia com a cabeça recostada num braço, como o vira fazer tantas vezes no colégio.

Não me restava muito tempo. Nada lhe perturbou o repouso, enquanto eu o contemplava. Deixei-o dormir, e saí sem fazer barulho. Nunca mais eu haveria de tocar aquela mão inerte num gesto de amizade fraternal. Nunca, nunca mais!

XXX. UMA PERDA

Cheguei à noite a Yarmouth e hospedei-me na estalagem. Sabia que o quarto vazio da casa de Peggotty estava sempre à minha disposição, mas sabia também que para ela já caminhava aquela visitante perante quem todos os mortais se inclinam; assim, optei pela estalagem, onde jantei.

Às dez horas saí. Na maior parte, as lojas estavam encerradas e a cidade adormecida. Ao aproximar-me do estabelecimento de Omer & Joram, vi que tinham colocado os taipais; no entanto, a porta achava-se aberta. Lobriguei no interior o senhor Omer a fumar cachimbo, junto da porta do salão, e entrei para saber da sua saúde.

- Ora viva! - exclamou ele. - E como vai o senhor? Sente-se. Espero que o fumo o não incomode.

- Absolutamente nada. Até me dá prazer... quando o cachimbo é alheio.

- E não seu, hem? Tanto melhor! Seria mau hábito para um rapaz. Mas sente-se. Eu fumo por causa da minha asma.

O senhor Omer arranjara espaço para mim e trouxera uma cadeira. Tornou a sentar-se na sua, ofegante, e sorveu o cachimbo como se ele contivesse a reserva daquele ar sem o qual temia não resistir.

- Tive o desgosto de saber - comecei - que o senhor Barkis se encontra mal.

O velho olhou-me fixamente e abanou a cabeça.

- Como passa ele esta noite? - prossegui.

- Era o que lhe ia perguntar se não me devesse abster; aqui está um dos inconvenientes desta profissão: se alguém adoece, não é decente que indaguemos do seu estado.

Eu nunca pensara nisso, e contudo, ao entrar ali, receara ouvir o som das marteladas do carpinteiro. Reconheci que era delicada a posição do fabricante de caixões.

- Compreende - disse o senhor Omer. - Não nos atrevemos. Imagine o que pensaria a família de um doente se lhe mandássemos este recado: «Omer & Joram apresentam os seus cumprimentos e desejam saber como se sente nesta ocasião...»

Fitámo-nos, meneando a cabeça, e ele tornou a puxar uma fumaça, para manter o fôlego.

- É essa uma das considerações que nos impedem, a nós pessoas do ofício, de ter as atenções que os outros nos merecem. Veja o meu caso! Não é de ontem que eu conheço o Barkis, já há quarenta anos. Mas estou coagido neste ponto: como posso ir saber da sua saúde?

Compreendi quanto isso era melindroso, e disse-lho.

- Não estou mais interessado do que outro qualquer - continuou o senhor Omer. - Olhe para mim. Pode faltar-me a respiração de um momento para outro e, nestas circunstâncias, que interesse tenho eu em fabricar mais um ataúde? Até posso morrer primeiro.

- Com efeito - redargui.

- É claro que não estou a queixar-me da profissão. Não, não é isso. Há bom e mau, com certeza, em todas as profissões. Mas o que desejaria é que as pessoas tivessem mais um pouco de carácter.

O meu interlocutor, com ar complacente e amigável, puxou várias fumaças em silêncio. Em seguida voltou à vaca-fria:

- De maneira que, para sabermos como vai o Barkis, temos de recorrer à Emily. Esta não ignora o motivo por que não perguntamos directamente, nem nós lhe inspiramos receio. Minnie e Joram acabam de os ir visitar. Emily ajuda um pouco a tia depois do trabalho. Assim, se quiser notícias do Barkis, espere que eles regressem. Toma qualquer coisa? Um xarope quente? Eu tomo sempre um copo antes de fumar - acrescentou, levantando o seu - pois dizem que adoça as vias por onde passa este maldito fôlego. Mas garanto-lhe - declarou com voz rouca - que o mal não é das vias. Dêem-me o alento, e eu acharei as vias desentupidas!

Não possuía, realmente, um fôlego por aí além, e até fazia dó vê-lo rir. Quando foi possível reatar a conversa, disse-lhe que agradecia o xarope oferecido, mas que o não aceitava por ter acabado de jantar pouco antes. Depois informei-o de que esperaria pela volta da filha e do genro e perguntei como ia a pequena Emily.

- Gostava de a ver casada - declarou-me, tirando o cachimbo da boca para coçar o queixo.

- Porquê? - indaguei.

- Porque presentemente anda inquieta. Não que não esteja bonita como

sempre, até mais, palavra de honra. Também não se pode alegar que trabalhe menos. Vale por seis. Mas falta-lhe entusiasmo. Não sei se me entende... Ora o certo é que precisava de uma sacudidela. Deve ser porque vive no meio de indecisões. Tenho falado demoradamente com o tio e com o noivo: a minha opinião é que ela precisa de «assentar». Não nos esqueçamos de que a Emily é um ente demasiado afectuoso. Aquele velho barco tornou-se para a rapariga um lar mais querido do que todos os palácios construídos de pedra e cal.

- Bem me parece - comentei.

- O amor que tem ao tio, a maneira como se prende a ele, cada vez mais, é coisa de maravilhar! Pois, quando isso acontece, dá-se uma luta interior. Por que se há-de prolongá-la mais do que o necessário?

Eu escutava atento o bom do velho e concordava plenamente com as suas palavras.

- Por isso lhes disse que não considerassem Emily ligada pelo seu contrato de aprendizagem. Que podiam cancelá-lo quando lhes aprouvesse. A pequena já prestou bons serviços, aprendeu depressa, Omer & Joram estão prontos a dispensá-la. Se ainda quiser ser-nos útil nisto ou naquilo, muito bem; se não, é livre. Não ficamos prejudicados. Bem vê - continuou, tocando-me com a ponta do cachimbo - não é um velho já sem alento, e avô ainda por cima, que vai levantar dificuldades a uma florita de olhos azuis como aquela.

- Certamente - retorqui.

- Muito bem. Estamos na razão. O primo... sabe que é um primo o homem com quem ela vai casar?

- Bem sei.

- Ora o primo tinha, ao que parece, amealhado uns dinheiros, e agradeceu-me. Procede sempre de maneira muito digna. Pois com essa importância comprou uma linda vivenda, mobilou-a de alto a baixo e, se não fosse a doença do Barkis, coitado, já eles estariam como marido e mulher. Mas tiveram de retardar o casamento.

- E Emily, senhor Omer? «Assentou» mais?

- Quanto a isso pouco se pode esperar - respondeu coçando outra vez o queixo. - A perspectiva da mudança, da separação, como vê, encurta-se e alarga-se ao mesmo tempo. A morte do Barkis resolveria tudo, mas aquela agonia prolongada...

- Compreendo.

- Emily, abatida e agitada, cada vez se apega mais ao tio, sempre com pena de nos deixar. Se lhe digo qualquer coisa, vêm-lhe as lágrimas aos olhos. Se a visse com a minha netinha não a esqueceria mais! Deus a abençoe - concluiu com ar meditativo. - Como ela estima a pequena!

Aproveitando essa boa ocasião, e antes que a filha e o genro voltassem, veio-me a ideia de perguntar ao senhor Omer o que sabia quanto a Martha.

- Oh! - ripostou, abanando a cabeça. - Nada de bom. É uma história triste. Não sabia que o senhor estivesse ao facto. Não pensava que fosse má rapariga, e não quero falar do caso diante de Minnie. Aliás, nenhum de nós...

O senhor Omer ouviu os passos da filha, tocou-me com o cachimbo e fechou um olho, à laia de prevenção. Ela e o marido entraram daí a pouco. Disseram-nos que Barkis ia mal, que já nem dava acordo de si, e que o doutor Chillip confessara na cozinha, antes de sair, que nem toda a Faculdade de Medicina nem a Escola de Farmácia, salvariam o doente. A primeira seria incapaz de fazer qualquer coisa e a segunda só serviria para o envenenar.

Ouvindo isto, e sabendo que o senhor Peggotty se encontrava lá, dei boa noite ao senhor Omer, assim como ao senhor e à senhora Joram, e dirigi-me para casa dos Barkis, com uma gravidade que fazia do antigo carroceiro uma personagem nova e muito diferente. Foi o senhor Peggotty quem acudiu à pancada leve que desferi na porta. Não ficou tão surpreendido de me ver como eu esperava. A mesma reflexão fiz quanto à velha criada, quando esta compareceu: suponho que, na expectativa dessa coisa terrível que é a morte, outra qualquer mudança não surpreende ninguém.

- Foi muito amável em ter vindo, menino David - disse o tio Peggotty.

- Muito amável - repetiu o sobrinho.

- Emily, minha querida - continuou o primeiro - olha o menino Davy, que está aqui. Então, levanta a cabeça. Não lhe falas?

Ainda me parece ver o tremer que a tomou à primeira vista. Creio sentir a mão gelada e inerte que não se animou senão para fugir à minha; depois, passando para o outro lado do tio, inclinou a cabeça, ainda trémula, sobre o peito e continuou calada.

- É um coraçãozinho adorável - disse o senhor Peggotty, acariciando-lhe o cabelo espesso com a sua mão calosa. - Não suporta esta mágoa. É natural nas pessoas novas, que ainda não passaram por estes dissabores, sobretudo quando são tímidas como este passarinho.

Emily cingiu-se mais a ele, mas não ergueu a cabeça nem pronunciou uma palavra.

- Já é tarde, pequena - continuou o tio. - O Ham veio buscar-te. Vai com esse bom rapaz. Então, Emily?

A voz dela não me alcançara os ouvidos. O tio inclinou a cabeça, escutou o que a rapariga dizia, e replicou:

- Que te deixe ficar comigo? Não me peças semelhante coisa. Pois se está aqui o teu futuro marido, para te acompanhar a casa! Ninguém te acreditaria, vendo uma carinha tão linda ao lado deste velho lobo-do-mar! - exclamou ele, olhando-nos com imenso orgulho. - O mar não tem tanto sal como ela tem ternura pelo seu tio... esta tontinha da Emily!

- Ela tem razão, menino Davy - observou Ham. - E como está nervosa, e assustada, eu vou deixá-la cá até amanhã. Eu também fico.

- Não, não - acudiu o pescador. - Tens o teu trabalho, não podes perdê-lo. Ou bem vigias a tua noiva ou bem que vais à tua faina. Parte sozinho, se não receias que a Emily seja mal tratada.

Ham cedeu a estas instâncias e pegou no chapéu. No momento em que beijou a rapariga (vendo-o aproximar-se dela senti que a natureza lhe concedera uma alma de cavalheiro), Emily pareceu apertar-se mais de encontro ao tio, como para se livrar do marido que lhe haviam destinado. Fechei a porta, depois de o rapaz sair, para que o ruído do exterior não perturbasse o silêncio que reinava. Ao voltar-me para eles, vi o marítimo a falar com a sobrinha.

- Agora vou lá acima dizer à tua tia que o menino Davy está

aqui, o que a há-de consolar um pouco. Senta-te entretanto perto do lume e aquece essas mãos geladas. Não tenhas tanto medo nem te deixes abater pelo desgosto. O quê? Queres ir comigo? Se o tio fosse obrigado a dormir numa represa - acrescentou o senhor Peggotty, virando-se para mim, com o mesmo ar orgulhoso de há instantes - bem me parece que ela iria atrás. Mas não falta muito que eu seja substituído por outro.

Mais tarde, quando subi, passando diante da porta do meu quartinho mergulhado na obscuridade, julguei distinguir vagamente a pequena Emily deitada no chão. Mas não sei se era ela realmente se um efeito de sombra. Depois, à lareira, tive ensejo de pensar no receio que a morte inspirava à rapariga, o que, junto às confidências do senhor Omer, me explica a razão de Emily estar tão diferente do que era; até se me ofereceu oportunidade, antes que a Peggotty descesse, de considerar nessa fraqueza com maior indulgência,

enquanto contava o tiquetaque do relógio e sentia crescer à minha volta um silêncio impressionante.

A minha velha criada abriu-me os braços, abençoou-me, e agradeceu-me não sei quantas vezes o conforto que eu lhe proporcionava na desgraça em que se via (foram as suas próprias palavras). Em seguida pediu-me que subisse, acrescentando, com um soluço, que Barkis sempre me estimara e admirara; que falara muito de mim antes de entrar em estado comatoso, que se recuperasse consciência ficaria decerto contente com a minha presença, se fosse possível contentar-se com alguma coisa neste mundo.

As possibilidades de assim suceder dissiparam-se-me logo que o vi. Barkis jazia no leito, com a cabeça e os braços em grande evidência e numa posição nada cómoda, meio debruçado para o baú que fora para ele causa de tantos aborrecimentos. Informaram-me que pedira lhe colocassem aquela mala em cima da cadeira, junto da cama, uma vez que já não conseguia tocar-lhe com a vara, como costumava fazer; desde então, com o braço, cingia-a dia e noite e, naquele momento, repousava sobre ela. O tempo e o mundo fugiam-lhe, mas o baú estava ali e as últimas palavras que pronunciara haviam sido estas, como que a explicar o conteúdo dele: «Roupas velhas...»

- Barkis, meu amigo - disse a Peggotty, sem tristeza na voz e curvando-se para o marido, enquanto eu e o irmão estávamos a seu lado. - Olha o menino Davy, que nos ajudou a conhecer-nos e por quem me enviavas recados. Não lhe queres falar?

Permaneceu tão mudo e insensível como o baú a que se agarrara.

- Vai-se com a maré - segredou o senhor Peggotty, atrás de mim.

Eu tinha os olhos velados de lágrimas, assim como o cunhado do moribundo, mas repeti em tom sufocado:

- Com a maré?

- Sim, morre-se aqui na costa quando a maré desce, nasce-se quando ela sobe. A maré é baixa às três horas e meia e demora-se meia hora. Se ele aguentar até que ela suba, conservar-se-á durante a maré alta e morrerá na baixa-mar.

Ali ficámos todos, observando-o, durante horas. Que misteriosa influência exercia nele a minha presença, naquele estado inconsciente em que se achava? Não pretendo sabê-lo, mas a verdade é que, ao principiar delirando, com voz surda, Barkis julgava que me conduzia à escola.

- Volta a si - disse o senhor Peggotty. Pegou-me no braço e murmurou com

temor e respeito: - Descem ambos rapidamente.

- Querido Barkis - balbuciou a mulher.

- Clara Peggotty Barkis - retorquiu ele debilmente. - Não há melhor esposa neste mundo!

- Olha, está aqui o menino Davy - anunciou a Peggotty, vendo-o abrir os olhos.

Preparava-me para lhe perguntar se me reconhecia, mas o doente tentou estender o braço e disse distintamente, sorrindo: - Barkis suspira. E como era baixa-mar, ele foi-se com a maré.

XXXI. UMA PERDA AINDA MAIOR

Não foi difícil Peggotty decidir-me a ficar onde estava até que se realizasse o enterro do marido, que devia ser sepultado em Blunderstone. A minha velha criada havia comprado há muito tempo, com as suas economias, um pequeno talhão no cemitério da nossa terra, perto do jazigo da sua «querida menina», como ela sempre chamava à minha mãe. Aí devia o Barkis repousar.

Fazendo companhia à viúva, e prestando-lhe os serviços que podia (poucos, afinal), creio ter realizado tudo quanto, mesmo hoje, gostaria de cumprir como testemunho da minha gratidão. Mas suponho haver sentido uma suprema satisfação, de natureza pessoal e profissional, ao ocupar-me do testamento de Barkis e interpretar o seu conteúdo.

Posso reivindicar a honra de sugerir, antes de ninguém, o lugar onde o documento devia estar guardado: no célebre baú. Depois de buscas aturadas, aí o descobrimos com efeito, dentro de uma seira de cavalo, ainda com um resto de palha. Havia também o relógio de ouro que usara no dia do casamento (com a corrente e sinete) e que não mais fora visto em parte alguma; um calcador de cachimbo, de prata, em forma de perna; um limão artificial, cheio de xícaras e pires minúsculos, que julgo Barkis houvesse comprado para me oferecer, quando eu era pequeno, e depois não tivesse coragem de o perder; oitenta e sete guinéus e meio, em moedas de guinéu e de meio guinéu; duzentas e dez libras em notas novas; recibos de acções do Banco de Inglaterra; uma ferradura velha, um xelim falso, um bocado de cânfora e uma casca de ostra. Este último objecto fora polido com cuidado e reflectia todas as cores do arco-íris, pelo que concluí que o defunto devera possuir, acerca de pérolas, vagas noções que nunca se concretizaram numa ideia segura. Durante anos, Barkis transportara aquele baú na carroça, nas suas viagens diárias. Para que passasse mais facilmente despercebido, fingira ser pertença de um «senhor Blackboy e entregue ao senhor Barkis até ser reclamado», fábula que ele inventara e escrevera cuidadosamente na tampa, em letras que por fim se tornaram ilegíveis.

Assim, não economizara em vão no decurso daqueles anos. Os seus bens móveis somavam cerca de três mil libras; da terça parte legava o usufruto vitalício ao senhor Peggotty, devendo o capital ser dividido em partes iguais entre mim, a minha criada e a pequena Emily. O resto deixava-o à irmã, que nomeava herdeira universal e única executora da sua última vontade.

Senti-me realmente solicitador ao ler o documento em voz alta e tão solenemente quanto possível, e ao explicar as disposições quantas vezes foram necessárias àqueles a quem diziam respeito. Começava a supor que os Doctor's Commons tinham mais importância do que eu imaginara. Examinei o testamento com profunda atenção, declarei-o em ordem sob todos os aspectos, fiz dois ou três sinais à margem e admirei-me de saber tanto.

Foi nesta ocupação obscura que passei a semana que precedeu o enterro, organizando para a Peggotty o inventário de tudo o que ela herdava, aconselhando-a e esclarecendo todos os pontos necessários. Durante esse tempo não avistei Emily, mas constou-me que se casava daí a quinze dias, na maior intimidade.

Não assisti ao funeral revestido de todos os matadores, isto é, casaco preto, nem crepes. Parti cedo para Blunderstone e achava-me já no cemitério quando o féretro chegou, seguido apenas dos irmãos Peggottys. Na janelinha do meu antigo quarto, o louco espreitava. O filho do doutor Chillip abanava a cabeça pesada e esbugalhava os olhos para o sacerdote, por cima do ombro da ama. O senhor Omer arfava mais atrás. Não havia mais ninguém e tudo se passou com simplicidade. Passeámos por ali durante uma hora, depois de tudo haver acabado, e colhemos folhas da árvore plantada junto ao túmulo da minha mãe.

Um medo terrível se apoderara de mim. Pesa uma nuvem sobre a cidade distante, para onde me encaminho só. Temo aproximar-me. Não suporto a ideia do que se passou nessa noite memorável, e do que deve acontecer ainda, se eu prosseguir.

Não são piores as coisas, se eu acerca delas escrever, nem serão melhores se detiver a pena. Aconteceu. Nada desfará o que está feito, nem o modificará.

A minha velha criada devia acompanhar-me a Londres, por causa do testamento. Emily passava o dia em casa do senhor Omer. Nessa noite, devíamo-nos reencontrar todos no barco-residência. Eu devia voltar a pé, sem me apressar. O irmão e a irmã regressariam como tinham ido e, ao crepúsculo, esperar-nos-iam à lareira.

Deixei-os à porta, onde outrora o visionário Straps descansara com a mochila de Roderick Random. Em vez de ir a direito, dei uma volta pela estrada de Lowestoft. Depois retrocedi e fui para Yarmouth. Parei para jantar numa boa estalagem, a uma ou duas milhas do barco da travessia, de que já falei uma vez. Chovia a cântaros, a noite estava lúgubre; mas a Lua brilhava por trás das nuvens e dissipava a escuridão.

Não tardou muito em distinguir as janelas iluminadas da habitação do senhor Peggotty. Calcando a areia húmida, cheguei à porta e entrei.

Estava agradável no interior. O dono da casa fumava a sua cachimbada da noite. Esperava-nos uma ceia, o fogo brilhava, as cinzas tinham sido varridas, a caixa em que se sentava Emily aguardava a sua vinda. A Peggotty ocupava o seu lugar e, se não fosse o traje de luto, poder-se-ia julgar que ela nunca saíra dali. Já abrira o estojo de costura (que tinha na tampa a catedral de São Paulo) e retirara a fita métrica e o coto de vela. Nada se modificara. A senhora Gummidge, como de costume, lastimava-se no seu canto.

- O menino foi o primeiro a chegar - disse o senhor Peggotty, cujo rosto resplandecia. - Tire o casaco, está molhado.

- Obrigado - respondi, dando-lhe o sobretudo para ele pendurar. - Já começou a secar.

- Tem razão - replicou, tacteando os ombros. - Seco como um cavaco. Sente-se, menino. Não há necessidade de dizer que seja bem-vindo, mas eu digo-o do fundo do coração.

- Obrigado, senhor Peggotty, não duvido. Então, Peggotty? - acrescentei, beijando-a. - Como vai isso?

- Ah, ah! - exclamou o pescador, rindo, sentando-se a nosso lado, e esfregando as mãos, como se aliviado de ver findos os tristes acontecimentos e recuperando a cordialidade inata. - Não há mulher no mundo, menino Davy, que possa ter consciência tão tranquila como a minha irmã. Fez a sua obrigação junto do defunto, assim como ele tinha feito a sua. Vai tudo bem. A senhora Gummidge gemeu.

- Animo, velhota! - aconselhou-lhe o senhor Peggotty. Mas abanou a cabeça, olhando para nós, como se quisesse observar que os factos recentes não podiam deixar de lhe recordar o seu velho. - Não se deixe ir abaixo! Retome um pouco de coragem, um bocadinho só, e verá como o resto vem a seguir, muito naturalmente.

- Não, Daniel - respondeu a senhora Gummidge. - Para mim só é natural a solidão e o abandono.

- Ora - volveu ele, apaziguador.

- É assim mesmo, Daniel. Não fui feita para viver com aqueles a quem resta um pouco de dinheiro. Mais vale que desapareça.

- Mas como poderei gastar esse dinheiro se não também consigo? -

perguntou o senhor Peggotty em tom grave, de censura. - Que está a dizer? Mais do que nunca eu preciso de si.

- Eu sabia que nunca tinha precisado de mim, não era necessário dizer-mo - atalhou a velha, choramingando. - Já devia ter percebido, porque sou uma inútil, abandonada, e incómoda ainda por cima.

O senhor Peggotty pareceu consternado por ter pronunciado palavras susceptíveis de semelhante interpretação, mas a irmã puxou-lhe pela manga, para evitar que ele respondesse. Depois de ter contemplado uns minutos a senhora Gummidge, com um olhar compadecido, o homem voltou-se para o relógio, levantou-se, espevitou o morrão da vela e foi colocá-la diante da janelinha.

- Pronto! - disse alegremente. - Aqui está, senhora Gummidge. - Esta soltou um gemido débil. - A luz no sítio habitual. Quer saber porquê, menino Davy? Pois saiba que é para a nossa Emily. Como vê, o caminho está escuro e, quando estou aqui à hora em que ela regressa, ponho a luz à janela. Além disso, tem outro fim - acrescentou, curvando-se para o meu lado. - Ela diz consigo mesma: «Lá está a casa.» E diz também: «O tio está lá», pois, se eu não estou, ninguém mais põe a vela.

- Pareces uma criança! - notou-lhe a irmã, que por esta observação não queria tributar-lhe menos estima.

- Sei lá! - retorquiu ele, esfregando novamente as mãos e olhando ora para nós ora para o lume. - Não pelo aspecto.

- Isso não - confirmou a minha criada.

- Tens razão - disse ele, rindo -, mas... na reflexão. O que para mim dá na mesma. Ah, quando contemplo a casita da nossa Emily... diabos me levem! - exclamou, com súbita seriedade. - Não sei dizer senão que os diabos me levem se não tenho a impressão de que aquelas pequeninas coisas são ela mesma: pego nelas e torno a descansá-las, com tanto cuidado como se fossem a própria Emily. E igualmente quanto aos seus chapéus, e o resto. Não poderia vê-los maltratados. Achas-me uma criança na figura de um porco-espinho! - ajuntou o pescador, soltando uma gargalhada.

A irmã e eu rimos também, menos ruidosamente.

- Afigura-se-me - continuou Peggotty, resplandecendo de satisfação e depois de haver esfregado as pernas - que é por ter brincado tantas vezes com ela, fazendo de turcos, franceses e outros estrangeiros, de tubarões, leões e baleias, e não sei que mais! Nesse tempo, a Emily mal me chegava ao joelho. A gente habitua-se, é o que é. E essa vela - disse, apontando-a - eu não deixarei de

a pôr ali, mesmo depois de ela ter casado e partido. Quando, à noite, estiver aqui sentado (e para onde poderei ir, mesmo depois do legado que recebi?), julgarei que ainda a espero, vendo essa luz à janela. Falam duma criança que tem aspecto de porco-espinho... Pois bem. Nesse momento, vendo brilhar aquela chama, penso: «Emily está a vê-la, não tarda aí...» - Deteve-se, no meio da sua jovialidade, para exclamar: - Ei-la!

Era apenas Ham. A chuva devia cair mais grossa, porque o rapaz trazia o chapéu de oleado virado sobre a testa, a pingar.

- Que é feito da Emily? - perguntou o tio.

Ham esboçou um gesto de cabeça, como para dizer que ela estava lá fora. O senhor Peggotty levantou a vela, apagou-a e colocou-a em cima da mesa; estava a avivar o lume quando Ham, que não se mexera, me disse:

- Menino Davy, quer vir cá fora um instante ver o que eu e a Emily lhe queremos mostrar?

Saímos. Ao passar defronte dele, no limiar, notei, surpreendido e apavorado, a palidez mortal do seu rosto. Empurrou-me vivamente e fechou a porta. Ficámos sós.

- Que aconteceu, Ham?

- Oh, menino Davy!

Pobre moço, como chorava! O espectáculo de tamanha dor fez-me parar, e nem me lembro já do que pensei então. Não deixava de o olhar.

- Ham, por amor de Deus, diga-me o que sucedeu.

- O meu amor, menino Davy, o orgulho e esperança do meu coração, aquela por quem teria dado a vida e por quem darei ainda... partiu!

- Partiu?

- Emily fugiu, menino Davy! É tão verdade que eu até peço a Deus que a mate (essa que eu amo mais que tudo neste mundo) em vez de a deixar cair na desgraça e na desonra!

A cara que ergueu ao céu sinistro, o estremecimento das mãos enclavinhadas, a angústia de todo o seu ser, permaneceram para sempre na minha memória. Dir-se-ia que evoco Yarmouth sempre com o aspecto daquela noite e Ham é a personagem única da cena.

- O menino é instruído - disse-me com precipitação - e sabe o que está bem e o que é o melhor. Que lhes hei-de dizer, aos dois? Como devo informar o tio,

menino Davy?

Vi a porta mover-se e, instintivamente, procurei segurar a tranqueta pelo lado exterior, a fim de ganhar tempo. Tarde de mais! O senhor Peggotty enfiou a cabeça e, ainda que eu vivesse quinhentos anos, jamais esqueceria as alterações que descobri nas suas feições. Lembro-me de um gemido prolongado, um grito, mulheres que se acotovelavam em volta dele, de nós todos, no quarto; eu segurava um papel que Ham me dera, e o tio estava de rosto e lábios lívidos, cabelos desgrenhados, roupa desmanchada, peito manchado de sangue (que lhe escorria da boca, suponho) e olhos fitos em mim.

- Leia, menino - pediu-me em voz baixa e trémula. - Devagar, se faz favor. Não sei se sou capaz de compreender.

No silêncio mortal que se seguiu, eu comecei a ler estas frases numa carta humedecida de lágrimas:

«Quando tu, que me estimas tanto, mais do que eu merecia, mesmo no tempo em que o meu coração era inocente, quando leres isto, eu já estarei longe.»

«Quando eu deixar a minha querida casa, oh, a minha querida casa, amanhã de manhã...»

- Estarei longe! - repetiu lentamente o senhor Peggotty. - Espera! Emily está longe. E depois?

A carta era datada da véspera à noite.

«... será para nunca mais cá voltar, a não ser que ele me traga, se fizer de mim uma senhora. Encontrarás esta à noite, muitas horas após a minha partida, em vez de me encontrarem a mim. Ah, se soubesses a angústia do meu coração! Se tu, a quem faço tanto mal e que nunca poderás perdoar-me, chegasses a saber o que eu sofro! Sou demasiado má para me atrever a falar de mim. Consola-te pensando na minha maldade. Por amor de Deus, diz ao tio que nunca o estimei tanto como agora. Não te lembres mais da tua afeição nem te lembres de que devíamos casar, mas procura supor que morri em pequenina e que estou enterrada algures. Pede a Deus, de quem me afasto, que tenha dó do tio. Jamais o estimei tanto como hoje. Sê o seu consolo. Ama alguma rapariga que possa ser o que eu fui outrora para o tio, que te seja fiel e te mereça. Deus vos abençoe a todos, por quem remarei de joelhos. Se ele não fizer de mim uma senhora, e eu não puder orar por mim mesma, só me restará interceder por todos. Saudades ao tio, com as minhas lágrimas e os meus últimos agradecimentos.»

Nada mais.

O senhor Peggotty ficou ainda muito tempo a olhar-me, depois de eu me haver calado. Finalmente arrisquei-me a pegar-lhe na mão e a suplicar-lhe que se conformasse. Respondeu-me: «Obrigado», sem se mexer. Ham falou-lhe. O tio, que compreendia o desgosto do rapaz, apertou-lhe fortemente a dextra, mas em seguida tornou a imobilizar-se, sem que ninguém ousasse perturbá-lo.

Por fim, lentamente, desviou a vista da minha cara, como se despertasse de um sonho, e deixou-a errar à sua volta. E disse então em voz baixa:

- Quem é ele? Quero saber o nome.

Ham fitou-me e eu senti, de súbito, um abalo, que me fez recuar.

- Desconfias de alguém. Quem é?

- Menino Davy - rogou-me o Ham - afaste-se um pouco para eu dizer ao tio o que tenho de dizer. Não deve ouvir, menino Davy.

Senti novo abalo. Deixei-me cair numa cadeira, tentando articular umas palavras, mas tinha a língua perra e os olhos enublados.

- Quero saber o nome dele - ouvi outra vez o senhor Peggotty exigir do sobrinho.

- Havia já certo tempo que se via um criado rondar por aqui. Também se viu um senhor. Era o amo.

O pescador estava imóvel, e não largava dos olhos o noivo de Emily.

- Viram esse criado... com a nossa pobre pequena... ontem à noite. Esteve cá toda a semana, ou mesmo mais, sempre escondido. Julgava-se que fora embora, mas escondia-se. Vá-se, menino Davy, não oiça isto.

O homem tinha-me agarrado o pescoço, mas eu não seria capaz de mover-me ainda que a casa se desmoronasse sobre mim.

- viram uma sege e cavalos, tudo desconhecido destes sítios, saindo da cidade, de manhãzinha, pela estrada de Norwich - continuou Ham.-O criado andou cá e lá, e, da última vez, Emily estava com ele. O outro encontrava-se dentro da sege. Era o tal!

- Por amor de Deus! - exclamou o pescador, recuando e estendendo os braços, como para repelir o objecto dos seus receios. - Não me digas que era Steerforth!

- Menino Davy - atalhou Ham, com voz sufocada -, a culpa não foi sua e eu não tenciono torná-lo responsável, mas era esse infame do Steerforth!

O senhor Peggotty não soltou um grito, não derramou uma lágrima, não fez um só movimento até ao instante em que pareceu voltar a si: de repente, foi despendurar um gabão que estava a um canto do quarto.

- Ajuda-me a vestir isto. Estou atordoado e não consigo - disse ele, impaciente. - E agora - acrescentou - deixa-me ver o chapéu.

Ham perguntou-lhe para onde é que ia.

- Vou procurar a minha sobrinha. Vou buscar a minha Emily.

Mas, primeiro, rebento o fundo a esse barco e deixo-o afundar-se no ponto em que afogaria aquele homem se fizesse a mínima ideia do que ele tramava. Que me matem se não é verdade que eu o afogaria, sem quaisquer remorsos! Vou buscar a minha sobrinha.

- Onde? - ripostou Ham, barrando-lhe o caminho da porta.

- Seja lá onde for! Procurá-la-ei por todo o mundo. Encontrá-la-ei na sua desgraça, e ela há-de vir comigo. Juro que a vou buscar.

- Não, não - bradou a senhora Gummidge, lacrimosa, erguendo-se entre eles. - Não, Daniel, nesse estado não vá. Espere um momento, meu pobre Daniel. É natural o que pretende, mas não nesse estado. Sente-se e perdoe-me de o ter às vezes atormentado. As minhas contrariedades... que são ao lado disto? Sente-se e falemos um pouco do tempo em que a rapariga ficou órfã, e Ham também, e eu uma viúva infeliz, que vossemecê recolheu. Assim sossegará o seu coração, Daniel - declarou, apoiando-lhe a cabeça no ombro - e assim suportará melhor a sua dor. Conhece a promessa: «O que fizerdes ao mais pequeno dos vossos irmãos, é a mim que o fazeis.» Uma promessa destas não pode falhar sob este tecto que foi o nosso abrigo durante tantos anos.

Cedeu por fim o pescador e, quando o senti chorar, o impulso que experimentei de me deitar a seus pés, pedir-lhe perdão pelo desespero que causara e amaldiçoar Steerforth cedeu a um sentimento melhor. O coração transbordante achou o mesmo alívio e eu chorei também.

XXXII. COMEÇO DE UMA VIAGEM LONGA

O que é natural para mim deve sê-lo para muitos outros, suponho eu; por isso não tenho medo de escrever que nunca estimara tanto Steerforth como na ocasião em que os laços que me uniam a ele se romperam afinal. Na angústia em que a revelação da sua iniquidade me havia mergulhado, pensei mais em tudo o que ele possuía de bom, pensei mais nos seus aspectos brilhantes, enterneci-me por tudo o que existia de belo no meu amigo, prestei maior justiça às qualidades que poderiam ter feito dessa criatura uma natureza nobre e um grande nome - coisas que não me ocorriam tanto na época da minha adoração por James Steerforth. Embora profundamente sentisse a minha parte de responsabilidade na desonra que ele levara a esse lar honesto, creio que se nos pudéssemos encontrar cara a cara eu não seria capaz de proferir a mínima exprobração. Tê-lo-ia ainda estimado tanto - se bem que já sem cegueira -, teria ainda experimentado tanta ternura ao lembrar-me do meu afecto, como se fosse uma criança ferida nos seus sentimentos, apesar da certeza de uma reconciliação impossível. Como ele, admiti que estava tudo acabado entre nós. Que recordação conservou Steerforth de mim, eis o que nunca vim a saber: talvez fosse uma lembrança vaga, fácil de dissipar. Eu, porém, evoco-o como um amigo que me fosse querido e que a morte arrebatasse.

Sim, Steerforth, tu que vais por muito tempo deixar o cenário desta história triste. A minha mágoa testemunhará decerto, involuntariamente, contra ti no Juízo Final; mas não as minhas censuras nem a minha cólera. Isto sei-o muito bem.

A notícia do caso depressa se espalhou pela localidade. Ao atravessar as ruas, na manhã seguinte, ouvi gente que falava dele à porta de casa. Muitas pessoas condenavam severamente a pequena Emily; outras recriminavam-no, a ele; mas, para lastimar o pai adoptivo e o noivo, as vozes eram unânimes. Em todas o que predominava era o respeito pelo desgosto de ambos, um respeito cheio de amizade e delicadeza. Quando viram os dois divagar pela praia, os marítimos ficaram de parte, em pequenos grupos, discorrendo entre si com verdadeira compaixão. Foi aí, próximo do mar, que os encontrei. Facilmente percebi que não tinham dormido em toda a noite; nem era necessário que a minha criada me houvesse dito que eles estiveram sentados onde eu os deixara,

até de madrugada. Pareceram-me cansados; a cabeça do tio Peggotty curvara-se mais naquelas horas do que em todos os anos em que o conheci. Ambos se mostravam sérios, circunspectos, calmos como o mar então sem vagas, sob um céu sombrio no horizonte e atravessado de uma luz argêntea provinda do Sol invisível.

- Conversámos muito - disse o tio, quando passeámos um momento sós - acerca do que devíamos e não devíamos fazer. Mas agora vemos o caminho que temos de seguir.

O meu olhar envolveu Ham, que andava mais afastado, de olhos fitos na faixa de claridade, e uma ideia pavorosa me acudiu à mente: não que o seu rosto estivesse truculento, mas lembro-me de que aí se lia uma resolução terrível, a de matar Steerforth se alguma vez o encontrasse.

- As minhas obrigações aqui já acabaram - continuou o pescador.-Vou procurar a minha... - Deteve-se, e acrescentou com voz firme:-Vou procurá-la. De hoje em diante o meu dever é esse.

Abanou a cabeça quando lhe perguntei onde a encontraria. Quis saber se eu voltava para Londres no dia seguinte. Expliquei que ainda não partira com medo de perder uma oportunidade de lhe ser útil, mas que estava pronto a seguir quando ele quisesse.

- Então irei consigo, menino Davy. Amanhã, se for da sua vontade.

Demos uns passos em silêncio.

- Ham - continuou ele - ficará no seu trabalho e irá viver com minha irmã. Quanto àquele velho barco...

- Vai abandoná-lo, senhor Peggotty? - objectei-lhe com brandura.

- O meu lugar, menino Davy, já não é ali; e se jamais um barco naufragou na noite escura, à superfície das águas, esse foi o meu. Não, não, menino, não tenciono abandoná-lo. Longe disso.

Andámos mais, novamente silenciosos. Peggotty explicou-me:

- O que quero dizer é que, de dia como de noite, de Verão como de Inverno, ele há-de ter o aspecto que tem desde que ela o conhece. Se ela voltar e errar por aqui, não quero que o velho barco pareça repeli-la; pelo contrário, que pareça convidá-la a aproximar-se e, um pouco como um fantasma ao vento e à chuva, possa lançar-lhe uma olhadela pela janelinha e ver o seu antigo lugar junto do fogão. Talvez que então, menino Davy, caso não descubra lá dentro senão a senhora Gummidge, tenha a coragem de entrar e de se deitar na velha cama,

repousando a cabeça fatigada onde noutro tempo foi tão feliz...

Não consegui responder-lhe, apesar dos meus esforços.

- Todas as noites - prosseguiu o marítimo - será necessário que a vela fique acesa atrás da vidraça para que, vendo-a, ela possa julgar que a luz lhe está a dizer: «Volta, minha filha, volta.» Ham, se baterem à porta da tua tia, mesmo que seja uma pancadinha leve, não abras. Que seja ela, e não tu, quem veja a minha filha perdida.

Adiantou-se um pouco a nós e ficou uns instantes à nossa frente. Durante este tempo, tornei a olhar para Ham e, notando-lhe a mesma expressão nos olhos, fitos na claridade longínqua, toqueilhe no braço.

Foi preciso chamá-lo duas vezes seguidas, no tom próprio para acordar um dorminhoco; então ouviu-me e, quando lhe perguntei enfim o que o absorvia tanto, respondeu-me:

- Veja o que se estende diante de mim, menino Davy, lá ao longe...

- A vida à sua frente, não é isso?

Ham fizera um gesto vago em direcção ao mar.

- Ah, menino Davy, não sei como explicar... mas creio vir dali... o fim de tudo. - E olhou-me como se despertasse, porém sempre com a mesma expressão nos olhos.

- Que fim? - inquiri, de novo cheio de apreensão.

- Não sei - respondeu pensativamente. - Lembrei-me de que principiou tudo aqui e que depois veio o final. E acabou-se. Menino Davy - continuou, replicando, suponho, ao meu olhar - não tenha medo de mim. Mas as ideias embrulham-se-me. Não atino seja com o que for.

O tio parara, a fim de esperar por nós. Fomos ter com ele, e não tornámos a falar. Esta lembrança, reunida aos meus temores, não deixou contudo de me perseguir de tempos a tempos, até ao dia em que, à sua hora, chegou o desfecho inexorável.

Inconscientemente, fomo-nos aproximando do barco-residência, e entrámos. A senhora Gummidge, que deixara de gemer ao seu canto, preparava o almoço. Recebeu o chapéu do senhor Peggotty, chegou-lhe a cadeira e falou-lhe com voz tão reconfortante e tão meiga que eu mal a reconheci.

- Daniel, meu amigo, tem de comer e beber para conservar as forças, senão vai-se abaixo com certeza. Experimente, faça-me esse favor. Se a minha

tagarelice o fatiga, eu já me calarei.

Depois de nos servir à mesa, retirou-se para o vão da janela, onde se ocupou activamente a consertar as camisas e mais roupa do dono da casa; feito isso, dobrou tudo com cuidado e guardou num velho saco de oleado, como possuem os marítimos, sem todavia deixar de ir dizendo, na mesma voz calma:

- Sempre, em qualquer estação, sabe que estarei aqui, Daniel, e que tudo se fará segundo a sua vontade. Não sou muito instruída, mas escrever-lhe-ei nas minhas horas vagas, quando estiver longe, e mandarei as cartas ao menino Davy. Talvez o Daniel me escreva também, de vez em quando, para me dizer como passa durante as suas viagens solitárias.

- Temo que fique muito só, senhora Gummidge - disse o pescador.

- Não, não, Daniel. Decerto que não. Não se preocupe comigo.

Terei muito em que me ocupe, a guardar aqui uma casa para quando regressarem aqueles que esperamos. Nos dias bonitos, sento-me à porta, como de costume. Se aparecer alguém, logo verá, de longe, a velha viúva, fiel no seu posto.

Que mudança na senhora Gummidge, em tão pouco tempo! Parecia outra mulher. Mostrava-se tão dedicada, sabia tão bem o que devia dizer e o que devia calar, esquecia-se tanto de si mesma para só pensar nos que a rodeavam, que eu me senti tomado de grande respeito por ela. Que trabalho realizou naquele dia! Havia muitas coisas que se precisava de trazer da praia, para as conservar abrigadas no alpendre: remos, redes, velas, cordame, mastaréus, covos de lagostas, sacos de lastro, e muitas outras. Apesar das ajudas que lhe deram (não houve homem válido que não se oferecesse para ser útil a Peggotty), ela persistiu, o dia inteiro, a labutar com fardos muito pesados para o seu corpo, a ir e vir, a realizar todo o género de fainas supérfluas. Quanto aos desgostos próprios, até parecia nem se lembrar deles. Das alterações que manifestou, não foi das mais pequenas a que se refere à sua disposição: já não se lamentava; em todo o dia não lhe notei tremor na voz, nem lágrimas nos olhos, até à hora - o cair da tarde - em que, ficando só comigo (o dono da casa adormecera de fadiga), teve uma crise de choro e de soluços meio sufocados e me fez sinal de a seguir até à porta. Aí, murmurou: «Deus o abençoe, menino Davy, seja sempre amigo daquele pobre homem.» Em seguida foi à pressa lavar a cara, para que ele a visse trabalhar de rosto prazenteiro a seu lado, quando acordasse. Enfim, ao partir nessa noite, considerei-a como o sustentáculo, o apoio de Daniel Peggotty na sua aflição. Que lição a tirar do seu comportamento, que novos horizontes ela me abria!

Eram quase dez horas quando cheguei à porta do senhor Omer, depois de ter atravessado melancolicamente a povoação. O velho cangalheiro tomara a coisa tão a peito, disse-me a filha, que estivera todo o dia abatido e fora deitar-se sem haver fumado o seu cachimbo.

- Que rapariga falsa, sem coração! - comentou a senhora Joram. - Nunca teve nada de bom.

- Não fale assim. Com certeza que não pensa tais coisas.

- Penso, sim! - ripostou agastada.

- Não - insisti.

A senhora Joram oscilou a cabeça, procurou manter uma expressão severa, mas não pôde dominar os seus bons sentimentos e começou a chorar. Eu era novo, sem dúvida, mas soube apreciar aquela atitude que tanto convinha a uma esposa e mãe virtuosa.

- Que vai ela fazer? - balbuciou Minnie. - Para onde irá? Qual será o seu destino? Como pôde ser tão cruel para si mesma e para ele?

Lembrei-me do tempo em que Minnie era nova e bonita e agradou-me ver que ela se recordava também com tanta comoção. - A pequena Minnie - recomeçou a senhora Joram - está a adormecer, e, mesmo assim, ainda exige Emily, e chora. Todo o dia a menina chorou e perguntou várias vezes se a Emily era má. Que lhe posso responder? Quando penso que Emily, da última vez que aqui esteve, prendeu ao pescoço da miúda a fita que trazia no seu e ficou com a cabeça encostada ao travesseiro até que Minnie caiu no sono! A fita ainda ela a traz ao pescoço. Talvez devesse tirá-la, mas será justo? É possível que a Emily procedesse mal, contudo estimavam-se tanto! E a pequena não sabe nada.

A senhora Joram sentia-se tão infeliz que o marido veio consolá-la. Ao deixá-los, entrei em casa da minha criada, e ia ainda mais triste, se é possível. A digna criatura, sem manifestar a mínima fadiga depois das suas angústias recentes e das noites de insónia, fora para a residência do irmão, onde devia passar a noite, e eu só encontrei uma velha que viera ocupar-se do serviço doméstico nas últimas semanas. Como eu não precisasse dela, disse-lhe que se fosse deitar, o que fez sem qualquer protesto, e eu fiquei um momento diante do lume, na cozinha, pensando nos acontecimentos.

Estes confundiam-se-me no espírito com a morte do Barkis e eu já me imaginava a partir com a maré para esses longes que Ham contemplara com tão estranha expressão naquela manhã, quando um movimento na porta me arrancou a essas visões. Havia um batente, contudo o som não procedia dali. Eram uns

dedos que batiam directamente na madeira, e baixinho, como fazem as crianças.

Estremeci, fui abrir e o meu olhar poisou num imenso guarda-chuva que parecia andar sozinho. Depressa descobri que, debaixo dele, se abrigava a senhora Mowcher. Não me achava muito disposto a um acolhimento jovial, mas a anã, saindo de sob esse chapéu que apesar de todos os esforços ela não conseguira fechar, mostrou-me esse ar divertido que já da primeira vez me causara hilaridade. Todavia, ao fitar-me, o rosto tornou-se-lhe grave e, quando a desembaracei do guarda-chuva, contorceu as mãos de maneira tão aflitiva que eu acabei por me apiedar.

- Senhora Mowcher - disse-lhe após ter olhado de alto a baixo a rua deserta (sem aliás saber porquê) -, como se explica a sua presença aqui? Que aconteceu?

Passou rapidamente diante de mim e entrou na cozinha. Fechei a porta, segui-a com o guarda-chuva na mão e já a encontrei sentada ao canto do guarda-fogo, que era baixo, com duas barras por cima para colocar os pratos, e à sombra da panela, baloiçando-se e agitando as mãos (que descansavam nos joelhos) como uma pessoa sofredora.

Muito inquieto por ser a única testemunha dessa visitante tardia e único espectador desse comportamento alarmante, tornei a perguntar-lhe:

- Que aconteceu? Peço-lhe que me informe. Está doente?

- Meu caro mancebo - replicou, levando as duas mãos ao

peito - dói-me aqui, aqui. Quando penso que as coisas chegaram a este ponto! E eu que as podia ter impedido, se não fosse tão desmiolada!

De novo o chapéu da cabeça (grande de mais em proporção com o corpo) se agitou com o balanço deste, projectando uma sombra que se deslocava na parede.

- Estou admirado - disse-lhe - de a ver tão apoquentada...

Mas a senhora Mowcher interrompeu-me.

- É sempre a mesma coisa! - exclamou. - Ficam sempre surpreendidos, esses moços vaidosos, quando atingem o termo da sua bela adolescência, por encontrar sentimentos naturais num ente como eu. Fazem de mim um joguete de que se servem a seu bel-prazer e que repelem quando saciados... e ficam perplexos se verificam que tenho mais sentimentos do que um cavalo de pau ou um soldadinho de chumbo. É sempre assim!

- Talvez os outros façam isso - repliquei. - Eu, não, palavra de honra. Nem

devia sequer admirar-me de a ver como está nesta ocasião. Conheço-a menos mal. Se disse aquilo foi sem reflectir.

- Que posso fazer? - replicou a mulherzinha, levantando-se. - Sou como era meu pai, como é minha irmã. E o meu irmão! Trabalho para estes dois, e há muitos anos, arduamente, senhor Copperfield. O dia inteiro! Tem-se de viver. Não faço mal a ninguém. Se há pessoas inconscientes e cruéis que se riem de mim, que hei-de fazer se não rir também, de mim, deles e de tudo? Se assim procedo, de quem é a culpa? Minha?

Não, sua não, isso bem eu via.

- Se me apresentasse ao seu falso amigo com o aspecto de uma pigmeia sensível - prosseguiu a senhora Mowcher, sacudindo a cabeça com uma gravidade que exprimia censura -, julga que ele me tinha auxiliado e protegido? Se esta anã, que não é responsável do seu tamanho, se lhe dirigisse (e aos seus iguais) falando das próprias desditas, quando supõe que lhe escutariam a voz débil? Fosse eu azeda e enfadonha, como conseguiria viver?

Tornou a sentar-se, tirou um lenço e enxugou os olhos.

--Admire o facto de eu estar alegre e resignada, sabendo bem o que sou, e isto se o senhor tem realmente bom coração. Eu, pelo menos, regozijo-me por ser capaz de seguir o meu caminho, sem dever nada a ninguém. Se não discuto o que me falta, é melhor para mim e não prejudico os outros. Mas tratem-me com carinho, já que sirvo de brinquedo aos gigantes.

A senhora Mowcher guardou o lenço, sem deixar de olhar para mim com a máxima atenção. E prosseguiu ainda:

- Vi-o passar na rua. Compreende que não consigo andar tão depressa como o senhor, com estas perninhas e o fôlego curto, e que, por isso, o não alcancei. Mas adivinhei para onde vinha e segui-o. Já aqui estive hoje mesmo, sem no entanto ter a sorte de encontrar a dona da casa.

- Conhece-a?

- Ouvi falar dela no estabelecimento de Omer & Joram. Foi às sete horas da manhã. Lembra-se do que me disse Steerforth a respeito desta infeliz rapariga, na noite em que conversámos na estalagem?

Neste momento o grande chapéu da senhora Mowcher e a sua sombra enorme na parede retomaram a sua oscilação. Recordei-me perfeitamente do que ela sugeria, pois já tinha pensado nisso, e de tal a informei.

- Que o leve, a ele, o maior dos diabos! - bradou a mulherzinha, erguendo

um dedo à altura dos seus olhos cintilantes - e leve também esse criado perverso. Mas eu julguei que era o senhor quem estava apaixonado por ela.

- Eu?!

- Pois se a elogiou tanto, e corou, e pareceu perturbado! - replicou a anã, torcendo as mãos, impaciente.

Não pude negar que assim fizera, embora com intenção muito diferente.

- Como havia eu de saber? - contraveio a senhora Mowcher, tirando outra vez o lenço e batendo com os pés a compasso sempre que, a curtos intervalos, o levava aos olhos. - Eles ora o contrariavam, ora o mimavam, e o senhor Copperfield parecia moldar-se-lhes nas mãos. Mal eu deixei a sala, o criado disse-me que o «inocentinho» (era o nome que lhe dava, e o senhor poderia retribuir-lhe chamando-lhe o «malandrão») se apaixonara pela rapariga e que esta andava tontinha e lhe queria muito, e que o patrão desejava evitar qualquer coisa mais no interesse do senhor Copperfield do que da moça, e que esta era a razão da sua presença aqui. Quem não acredita nisto? Vi Steerforth sossegá-lo e louvar a pequena, para lhe dar gosto, a si. O senhor fora quem pronunciara primeiramente o nome dela. Confessou admirá-la desde há muito. Tinha frio e calor sucessivamente, corava e empalidecia ao mesmo tempo. Que podia eu imaginar senão que era um moço libertino, a quem só faltava experiência, e que caíra nas mãos de pessoas experimentadas, para o dirigirem (se quisessem)? Oh, oh, oh! Tinham medo de que eu descobrisse a verdade! - exclamou descendo do guarda-fogo e dando passinhos miúdos na cozinha, com os braços erguidos, desesperada. - É que eu sou esperta... assim é preciso, se tenho de viver! Mas o caso é que me ludibriaram por completo, e entreguei à pobre pequena uma carta que (estou persuadida) a decidiu a falar com Littimer, o qual aqui permanecia para esse mesmo fim. Fiquei mudo de estupefacção perante tamanha perfídia, enquanto via a senhora Mowcher andar cá e lá até perder alento: então voltou a sentar-se no guarda-fogo, levou outra vez o lenço aos olhos e esteve a oscilar a cabeça sem dizer palavra.

- As minhas diligências, senhor Copperfield - ajuntou ela - conduziram-me anteontem à noite a Norwich, e a descoberta que fiz, por acaso, das idas e vindas deles (sem a sua companhia) despertou-me desconfianças. Tomei então a mala-posta de Londres e cheguei cá esta manhã. Ah, era demasiado tarde!

A pobre anã, trémula dos pés à cabeça e lavada em lágrimas, deu meia volta no guarda-fogo, pôs os pèzinhos nas cinzas, para os aquecer, e contemplou o lume numa atitude de boneca. Eu estava sentado da outra banda, numa poltrona, perdido em reflexões sombrias, também com os olhos fitos no lume e, de vez em

quando, na minha companheira.

- Tenho de partir - declarou esta, pondo-se de pé. - Já é tarde. Não suspeita de mim?

Encontrando o seu olhar, mais penetrante do que nunca, eu não pude, perante esse desafio brusco, deixar de responder «não» com absoluta franqueza.

- Vamos - disse ela, aceitando a mão que lhe estendi para a ajudar a passar sobre o guarda-fogo e olhando-me com ar pensativo - confesse que não desconfiaria de mim se a minha estatura fosse normal.

Senti que havia verdade nessas palavras e tive vergonha de o confirmar.

- O senhor é novo - continuou. - Oiça um bom conselho, mesmo dito por uma pessoa de palmo e meio. Evite confundir defeitos físicos com defeitos morais, a não ser que haja motivo peremptório.

A senhora Mowcher já tinha passado por cima do guarda-fogo e eu já havia dominado a minha desconfiança. Respondi que acreditava na veracidade do que me dizia e que nós fôramos ambos tristes instrumentos em mãos pérfidas. Agradeceu-me afirmando que eu era bom rapaz.

- E agora oiça - acrescentou, virando-se para trás antes de chegar à porta e, de dedo erguido, lançando-me outro olhar perscrutante -, tenho razões para supor (os ouvidos estão sempre abertos, pois não desprezo nenhuma das minhas faculdades) que eles saíram de Inglaterra. Se, porém, algum dia voltarem, e eu esteja viva, é muito possível que o saiba e farei tudo para socorrer essa pobre rapariga seduzida. Creia, senhor Copperfield, que não deixarei de o informar. Quanto ao Littimer, mais vale que tenha um rafeiro às canelas do que esta anãzinha da Mowcher.

E acompanhou a declaração com um olhar tão significativo que, desta vez, me inspirou cega confiança.

- Não me considere nem mais nem menos do que uma mulher de estatura normal, senhor Copperfield. - Dizendo isto, poisou-me no braço uns dedos suplicantes. - Se alguma vez me vir diferente do que sou e do que era na primeira que me viu, repare em que sociedade me encontro. Olhe que sou um ente minúsculo, sem defesa. Pense em mim quando regresso a casa, depois do meu dia de trabalho, para o lado de uma irmã e um irmão que me são semelhantes. Talvez então me não julgue tão severamente; não se admire de que eu possa estar séria e preocupada. Boa noite.

Estendi-lhe a mão (modificara-se por completo a minha opinião a seu

respeito) e abri a porta para a deixar sair. Não foi muito fácil preparar-lhe o guarda-chuva e colocar-lho na mão, mas por fim vi-a afastar-se saltitando debaixo de água, sem que parecesse haver uma pessoa sob a imensa umbela, salvo quando a descarga de alguma goteira a atingia em cheio e fazia descobrir a senhora Mowcher lutando desesperada para manter o seu abrigo em equilíbrio. Depois de ter feito duas ou três tentativas para a ir socorrer, mas inutilmente, porque o chapéu-de-chuva já pulava ao longe, reentrei em casa, fui deitar-me e dormi até de manhã.

O senhor Peggotty apareceu então acompanhado da irmã, e fomos logo para o escritório da diligência, onde a senhora Gummidge e o Ham nos esperavam para se despedir de nós.

- Menino Davy - segredou-me o rapaz, puxando-me para um canto no momento em que o tio acondicionava o seu saco com a bagagem -, a vida dele está destroçada. Não sabe para onde vai, nem o que lhe pode acontecer. Parte para uma viagem que, com interrupções, pode durar até ao fim da sua existência, a não ser que encontre o que procura. Estou convencido de que o menino lhe será o melhor amigo nestas circunstâncias.

- Tenha confiança em mim - respondi, dando-lhe um aperto de mão.

- Muito obrigado. Mais uma coisa: tenho um bom emprego e agora não preciso de gastar o que ganho. O dinheiro já não me serve de nada, senão para viver. Se quiser guardá-lo para que sirva às despesas do meu tio, eu por mim continuarei aqui a trabalhar com coragem; não julgue que falto aos meus deveres e que não procedo sempre como um homem.

Declarei-lhe que acreditava plenamente, e acrescentei esperar que um dia ele deixasse a vida solitária que nesse momento planeava.

- Não, senhor, para mim tudo acabou. Ninguém jamais poderá preencher o lugar vazio. Mas, quanto ao dinheiro, faça o que lhe peço. Que esteja sempre à disposição do tio!

Prometi-lhe, embora lhe lembrasse que o senhor Peggotty receberia um rendimento, ainda que modesto, do legado de Barkis.

Em seguida despedimo-nos. Não posso recordar sem um aperto de coração a dignidade da sua coragem e a extensão do seu desgosto.

Quanto à senhora Gummidge, se eu tentasse descrever como correu ao longo da rua, junto da diligência, de olhos fitos em Daniel Peggotty e gemendo todo o tempo, decerto empreenderia um trabalho difícil. Por isso mais vale deixá-la sentada (onde por fim ficou) à porta da padaria, esbodegada e

esbaforida, com o chapéu desabado e um sapato esquecido no meio da rua.

Chegados ao termo da nossa viagem, o primeiro cuidado que tivemos foi de procurar alojamento para Clara Peggotty, com um quarto para o irmão. Por sorte, descobri coisa muito capaz e barata, por cima duma mercearia, à distância de dois quarteirões da minha casa. Uma vez apalavrada esta habitação, fui comprar carnes frias a um restaurante e levei os meus companheiros à minha residência, para tomarem chá comigo, o que, lastimo dizê-lo, não agradou à senhora Crupp, muito pelo contrário. Devo acrescentar que a ofendeu bastante ver a Peggotty, dez minutos depois de lá ter entrado, arregaçar o vestido de viúva e começar espanejando o pó do meu quarto. A senhora Crupp tomou o caso como uma impertinência, e as impertinências não as suportava nunca.

O senhor Peggotty comunicara-me, pelo caminho, a sua intenção (não inesperada para mim) de ir primeiramente visitar a senhora Steerforth. Como eu achasse do meu dever ajudá-lo nessa diligência, servindo de medianeiro, a fim de poupar quanto possível o amor maternal daquela dama, resolvi escrever-lhe naquela mesma noite. Disse-lhe, com a necessária circunspecção, quanto mal o filho fizera ao pai adoptivo de Emily e expliquei-lhe a minha interferência no caso. Acrescentei que Daniel Peggotty era de condição humilde, mas pessoa recta, de bom carácter, e concluía esperançado de que ela se não recusasse a recebê-lo naquele enorme desgosto por que o homem passava. Anunciei a nossa visita para as duas horas e eu próprio levei a carta à primeira mala-posta da manhã.

À hora aprazada, estávamos à porta da residência dos Steerforths, nessa em que, dias antes, eu fora tão feliz, em que a minha confiança juvenil e os meus sentimentos se haviam expandido à vontade, mas cuja entrada ao presente me era quase interdita.

Littimer não apareceu. A figura, mais agradável, que substituíra a dele quando da minha última visita acolheu-nos outra vez e precedeu-nos até à porta da sala, onde se achava a senhora Steerforth. Nesse momento, Rosa Dartle deixou o canto que ocupava e passou para trás da poltrona daquela, onde ficou de pé.

Vi logo, no rosto da mãe, que ela soubera do próprio James o que este havia feito. Este rosto mostrava-se pálido, denotando comoção mais profunda do que lhe podia ter causado a minha simples carta. Parecia-se como nunca com o filho, e eu percebi que esta semelhança não escapara ao meu companheiro.

Encontrámo-la sentada, muito hirta, na sua poltrona, com ar digno, tão impassível e fria que pensámos nada a poder perturbar. Olhava com fixidez para

o pescador, de pé à sua frente e fitando-a de igual modo. O olhar penetrante de Rosa Dartle envolveu-nos a todos. Durante minutos reinou silêncio. Então a dona da casa, com um gesto, convidou Daniel Peggotty a sentar-se, ao que ele respondeu em voz baixa:

- Não é natural, minha senhora, que me sente nesta casa. Prefiro estar de pé.

Seguiu-se novo silêncio, que ela quebrou com estas palavras: - Soube com profunda tristeza o motivo da sua vinda. Que exige de mim? Que quer que eu faça?

O marítimo enfiou o chapéu debaixo do braço para tirar do bolso a carta de Emily. Desdobrando-a, apresentou-a à senhora Steerforth.

- Tenha a bondade de ler, minha senhora. É da minha sobrinha. A dona da casa leu com ar calmo e digno, sem parecer impressionada com o conteúdo da carta, que restituiu.

- «Se ele fizer de mim uma senhora» - disse Peggotty, sublinhando esta frase com o dedo. - Venho saber se o seu filho cumprirá a palavra.

- Não cumpre.

- Porquê?

- Porque é impossível. Seria um casamento desigual. O senhor não ignora que a rapariga lhe é muito inferior.

- Eleve-a até à sua classe - ripostou o pescador.

- Não tem educação nem instrução.

- Talvez que sim, talvez que não. Eu creio que sim. Mas não sou bom juiz. Ensine-lhe o que lhe falta.

- Visto que me obriga a pôr os pontos nos iis, o que desejava evitar, digo que a baixa condição da família torna a coisa impossível, fora o resto.

- Escute, minha senhora - replicou ele tranquila e lentamente. - Sabe o que é estimar os filhos. Eu também sei. Fosse ela cem vezes minha filha que eu a não estimava mais. A senhora não sabe o que é perder uma filha. Eu sei. Todos os tesouros do mundo, se os tivesse, eu daria para a recuperar. Mas salve-a ao menos da desonra e nunca mais a importunaremos. Nenhum de nós, no meio de quem ela cresceu e viveu e de quem foi a razão da existência até agora, nenhum jamais tornará a ver-lhe o rosto. Basta-nos sabê-la sossegada, pensar nela de longe, como se estivesse debaixo de outro sol e de outro céu. Contentamo-nos com o facto de a confiar ao marido... aos filhos, talvez... e esperar o dia em que

seremos todos iguais diante de Nosso Senhor.

Esta eloquência rude não deixou de produzir algum efeito. Sem abandonar a sua expressão orgulhosa, mas com certa doçura na voz, a senhora Steerforth respondeu:

- Não justifico nada, abstenho-me de qualquer contestação.

Mas lamento ter de repetir: é impossível. Semelhante casamento prejudicaria irremediavelmente a carreira do meu filho e arruinar-lhe-ia o futuro. O casamento não se fará, nem agora nem nunca. Disso estou certa. Se outra compensação...

Mas o pescador, cujo olhar fixo se inflamara a pouco e pouco, atalhou:

- Estou a contemplar a imagem desse que, na minha casa, à lareira, me olhava com um sorriso mas sob o qual se escondia tal traição que só de nela pensar me enlouquece. Se a imagem desse rosto se não tornar escaldante de vergonha com a ideia de me oferecer dinheiro em troca da ruína e da desonra da minha filha adoptiva, é que não vale mais do que ele. Nem mesmo sei se, pertencendo a uma dama, não será pior...

A senhora Steerforth mudou então. Num instante, invadiu-lhe as faces uma onda de cólera. Implacável, de mãos crispadas nos braços da poltrona, redarguiu:

- E que compensação podia o senhor oferecer por ter cavado um abismo entre mim e o meu filho? Que é a sua afeição comparada com a minha? Que representa a sua separação ao lado da minha?

A senhora Dartle tocou-lhe de leve no ombro e inclinou a cabeça para lhe murmurar umas palavras ao ouvido. Mas a outra recusou-se a escutá-la.

- Não, Rosa, cala-te! Este homem tem de ouvir o que eu quero dizer-lhe. O meu filho, o único motivo da minha vida, a quem consagrei cada um dos meus pensamentos, cujos desejos satisfiz desde a infância, em cuja vida, desde que nasceu, eu perdi a minha... apaixonar-se assim, de repente, por uma rapariga qualquer, e abandonar-me! Pagar a minha confiança com dolos sistemáticos, por causa dela, por quem me trocou! Opor essa estúpida fantasia aos direitos da mãe e ao seu dever, ao respeito, amor, gratidão... Direitos que deviam fortalecer-se a cada hora e tornarem-se capazes de resistir a tudo! Não é isto um gravame?

Outra vez Rosa Dartle tratou de acalmar a senhora Steerforth, sem obter maior resultado.

- Repito-te, Rosa: cala-te. Se ele é capaz de apostar tudo por um assunto fútil, eu sou capaz de o fazer por um muito maior. Deixá-lo ir aonde quiser, com

os meios que o meu amor lhe garantiu. Julgará que me vence com uma ausência prolongada? Nesse caso conhece mal a própria mãe. Que renuncie desde já ao seu capricho, e será bem recebido; se o não fizer, jamais tornará a ver-me, viva ou morta, enquanto tiver forças para o impedir, a não ser que, desembaraçado dela, venha humildemente pedir-me perdão. É o meu direito, e exijo que ele o reconheça. Eis o abismo que se abriu entre nós. E não é isto - concluiu, olhando para o visitante com o ar altivo e implacável do começo - não é isto uma ofensa?

Enquanto escutava e via a mãe exprimir-se daquela forma, parecia-me escutar e ouvir o filho desafiá-la. Tudo o que eu sabia do espírito inflexível e voluntarioso de James, reencontrava nela. Todo o conhecimento que eu adquirira das energias mal encaminhadas do filho ajudava-me a compreender a mãe e a perceber que, afinal, o carácter de um e de outro era o mesmo. Voltando a achar as suas reservas primitivas, a senhora Steerforth virou-se para mim a fim de observar, em voz alta, que não tínhamos mais nada que dizer e nos pedia que saíssemos. Levantou-se com dignidade, para deixar a sala, mas o senhor Peggotty deu a entender que era inútil.

- Não receie que a importune, minha senhora, não tenho mais nada para acrescentar - declarou encaminhando-se para a porta.- Vim cá sem esperança e retiro-me sem esperança. Fiz o que julguei da minha obrigação, mas nunca pensei obter qualquer coisa da minha visita. Esta casa foi demasiado funesta para mim e os meus: que podia eu esperar?

Com isto, saímos, deixando-a de pé, bela estátua majestosa, ao lado da sua poltrona.

Precisávamos de atravessar uma varanda lajeada, de paredes e tecto de vidro, coberto de latada. As folhas já estavam verdes e, como havia sol, tinham deixado aberta a porta envidraçada que dava para o jardim. Ao aproximarmo-nos, Rosa Dartle, que viera atrás de nós silenciosamente, disse-me:

- Que boa ideia, na verdade, ter trazido aqui este homem!

A raiva e o desprezo que lhe ensombravam o rosto e se reflectiam nos olhos de azeviche eram mais intensos do que eu teria crido possível, mesmo naquela máscara. A cicatriz, como sempre que semelhante excitação lhe animava as feições, apresentava-se mais nítida. Quando o tremor, que eu pressentia, se manifestou ali, notei que ela levara a mão à boca para a esconder.

- Como se atreve a protegê-lo e a trazê-lo cá? - continuou. - Realmente, podemos confiar no senhor.

- Minha senhora - repliquei - não será injustiça condenar-me?

- Por que vem semear a discórdia entre esses dois impetuosos? Não sabe que ambos estão loucos de obstinação e orgulho?

- Tenho culpa? - inquiri.

- Por que é que se mete nisto? Por que trouxe cá esse indivíduo?

- É um homem profundamente magoado, minha senhora. - Talvez não saiba...

- O que sei - declarou com a mão no peito como para aplacar a tempestade que aí se desencadeara - é que James Steerforth tem o coração corrupto de um traidor. Mas a mim que me importa esse sujeito e a sua sobrinha intriguista?

- Está a aprofundar a ferida, que já era suficientemente dolorosa. Acrescentarei apenas, para acabar, que está a ser injusta para com este homem.

- Não estou. São todos uns refinados patifes. Gostava de a ver açoitada, a ela!

Daniel Peggotty não pronunciara palavra, e saiu à minha frente.

- Não tem vergonha, senhora Dartle? - disse indignado. - Como pode calcar aos pés uma dor tão pouco merecida?

- Quem me dera calcá-los todos aos pés! Queria ver a casa deles arruinada, e ela marcada a ferro quente, depois lançada à rua, em andrajos, para aí morrer de fome. Eis o que faria, se estivesse na minha mão julgá-la. E executaria a sentença, por mim mesma. Odeio-a. Se pudesse exprobrar-lhe a infâmia, iria fosse aonde fosse para o fazer. Se a pudesse perseguir até à cova, não hesitaria.. Se existisse uma palavra que a aliviasse à hora da morte, e que eu só a conhecesse, não a diria, mesmo a troco da vida.

A veemência das frases não basta para significar, senão debilmente, a paixão que a dominava e se exprimia por todo o seu ser, embora a voz, em vez de se elevar, se tornasse mais surda que de costume. As palavras são impotentes para expressar a memória que me ficou do seu arrebatamento e abandono de toda ela à cólera. Tenho visto a paixão sob muitas formas, mas nunca assim desencadeada.

Quando me reuni ao marítimo, ele descia lentamente a rua, com ar pensativo. Disse-me logo que, tendo-se desempenhado da missão que o trouxera a Londres, tencionava «pôr-se a caminho» nessa mesma tarde. Perguntei-lhe aonde queria ir: respondeu-me só que partia em busca da sobrinha.

Alcançámos os aposentos que eles haviam tomado e aí repeti à minha

antiga criada o que o irmão acabava de me participar. Por seu turno ela informou-me que já o sabia desde a manhã. Ignorava, como eu, o destino de Daniel, mas pensava que este tinha a sua ideia. Como eu não queria deixá-lo em semelhante conjuntura, resolvi que jantássemos todos juntos; a refeição constou de um pastelão de carne, especialidade da Peggotty, que nesse dia foi singularmente acompanhado dos aromas de chá, café, manteiga, toucinho, queijo, pão quente, lenha, velas e conserva de nozes verdes que sem cessar subiam da mercearia em baixo. Depois do jantar ficámos perto de uma hora sentados junto da janela, sem falar muito. Em seguida, Daniel levantou-se, foi buscar o saco de oleado e o bordão e poisou os objectos em cima da mesa.

Aceitou por conta do seu legado, uma pequena importância de dinheiro (o bastante, julgo, para viver um mês). Prometeu prevenir-me de tudo o que lhe acontecesse; e então, deitando o saco ao ombro, pegou no bordão e no chapéu e despediu-se de nós ambos com um «até à vista».

- Deus te guarde em tudo, boa irmã! - disse à minha criada, beijando-a. --E a si, menino David - acrescentou apertando a mão que lhe estendi. - Vou procurá-la tão longe quanto for preciso. Se ela voltar durante a minha ausência (o que, infelizmente, não é provável), ou se eu a trouxer, a minha intenção é ir viver e morrer na sua companhia, nalgum sítio onde ninguém a possa censurar. Caso me suceda qualquer desgraça, lembrem-se de que o meu último pensamento era de amor e perdão.

Proferiu isto de cabeça descoberta, solenemente; depois, pondo o chapéu, desceu a escada e partiu. Seguimo-lo até à porta. A tarde estava morna e poeirenta. Era a hora a que, na rua a que a nossa travessa ia dar, caía com a luz ardente essa calma momentânea que sucede ao constante deambular dos transeuntes. Daniel Peggotty dobrou, sozinho, a esquina e perdeu-se na reverberação crepuscular.

Será difícil que eu reveja esse momento da tarde, que acorde de noite, que contemple o luar e as estrelas, que sinta cair a chuva e oiça o vento sem rever na memória esse pobre peregrino caminhando desacompanhado, e sem me lembrar destas palavras: «Caso me suceda alguma desgraça, lembrem-se de que o meu último pensamento era de amor e perdão.»

XXXIII. FELICIDADE

Todo este tempo continuei a amar Dora, e com intensidade crescente. Pensar nela constituía o meu refúgio no meio das desilusões e tristezas, o que de certa maneira me compensou da perda do amigo. Quanto mais me lastimava, a mim ou aos outros, mais achava consolo na recordação de Dora. Quanto maior fosse a porção de mentiras e sofrimentos deste mundo, maior brilho tomava no zénite a estrela pura que se chamava Dora. Não me parece que tivesse uma ideia muito certa da natureza de Dora nem do seu parentesco com os entes siderais; mas estou convencido de que repudiaria indignado a hipótese de ela ser apenas uma criatura humana, como qualquer outra rapariga do nosso mundo.

Estava, se assim me posso exprimir, todo impregnado de Dora. Do oceano do meu amor podia tirar a água necessária para afogar quem quisesse: ainda ficaria bastante para o resto da minha vida. Desde o meu regresso que eu ia passear à noite por Norwood. Andava de roda da casa, sem lhe tocar, pensando sempre em Dora, como numa adivinha da minha infância que significava Lua. Fosse como fosse, escravo lunático de Dora, deambulava durante duas horas derredor da residência e do jardim, espreitando através das abertas da vedação, erguendo-me nas pontas dos pés, com esforços sobre-humanos, até aos ferros do topo, cobertos de ferrugem: dali atirava beijos às janelas iluminadas e fazia invocações românticas ao pálido planeta, rogando-lhe que protegesse a minha Dora... não sei ao certo de quê, calculo que dos incêndios - a não ser que fosse dos ratos, de que ela tinha muito medo. A minha paixão preocupava-me a valer, e era natural que me confiasse à Peggotty. Quando a encontrava à tarde, com todos os seus utensílios, ocupada a tratar da sua roupa, não me coibia de a pôr ao facto, com muitos circunlóquios, do meu segredo. Ela ficou deveras interessada, mas não viu as coisas sob o mesmo aspecto que eu. Punha tanto ardor em elevar-me às nuvens que não compreendia as minhas apreensões. A tal menina, dizia, devia considerar-se venturosa em possuir semelhante pretendente. E quanto ao pai, que podia esperar ele de melhor?

Notei todavia que a toga de advogado do doutor Spenlow e a sua volta engomada sossegaram a minha velha Peggotty e lhe inspiraram maior respeito ao homem que, aos meus olhos, tomava de dia para dia uma forma mais etérea, parecendo resplender quando se sentava, hirto, no tribunal, entre os processos, tal um farol num oceano de papelada. Entre parêntese direi que me parecia muito estranho pensar que, nesse tribunal em que eu também tomava parte, todos os

velhos juízes e velhos causídicos se não preocupassem com Dora se a conhecessem ou se alguém lhes propusesse casar com ela, ou que se não desviassem uma só polegada do seu caminho se a ouvissem cantar e tocar viola. Desprezava-os a todos, sem excepção. Velhos jardineiros enregelados dos canteiros do amor! Como a magistratura se me afigurava insensível! O foro era tão destituído de poesia como o balcão de um botequim.

Tomando à minha conta, não sem orgulho, os negócios de Clara Peggotty Barkis, homologuei o testamento do marido, regularizei a questão sucessória, acompanhei-a em todos os trâmites e em breve lhe concluí o assunto. Para variarmos destes trabalhos judiciais, fomos ver, na Fleet Street, as figuras de cera (hoje derretidas, quero crer, após estes vintes anos); visitámos a exposição da senhora Linwood {12}, que me ficou na memória como um mausoléu das artes femininas, propício à introspecção e ao arrependimento; observámos a Torre de Londres; e ascendemos ao zimbório de São Paulo. Todas estas maravilhas provocaram alegria na minha criada, tanta quanta lhe era possível experimentar nesse momento; todas menos a catedral de São Paulo, que lhe pareceu inferior à imagem da tampa da sua caixa de costura, objecto de tão grande afeição.

Uma vez concluído o assunto do testamento, levei-a uma manhã ao cartório para ela liquidar a conta. O doutor Spenlow não estava, disse-me o velho Tiffey, pois fora ao vicariato receber o juramento de certo cavalheiro que pretendia licença de matrimónio. Mas como eu sabia que ele se não demorava, aconselhei Clara Peggotty a esperar.

Quando se tratava de homologação testamentária, nós - como os agentes de serviços funerários - tomávamos uma expressão mais ou menos compungida perante os clientes de luto. A mesma delicadeza nos obrigava a estar alegres quando aqueles vinham para se casar. Por isso preveni a minha criada de que não se admirasse de ver o doutor Spenlow já refeito da comoção que lhe causara a morte de Barkis. E, de facto, o advogado entrou o mais sorridente e satisfeito que era possível.

Mas nem a Peggotty nem eu lhe demos muita atenção, porque os nossos olhos se dirigiram para o homem que o acompanhava, nem mais nem menos do que o senhor Murdstone. Este mudara pouco. Os cabelos continuavam bastos e tão pretos como nunca. O olhar não inspirava mais confiança do que outrora.

- Ah, Copperfield - exclamou o doutor Spenlow. - Creio que conhece este senhor...

Fiz ao dito cavalheiro uma saudação distante, e a Peggotty fingiu não o ver. Murdstone, de princípio, pareceu desconcertado, mas não tardou em tomar uma

decisão e aproximou-se de mim.

- Espero que esteja bem de saúde - disse ele.

- O que o não deve interessar - ripostei. - Mas, se quer realmente saber, eu estou bem.

Murdstone virou-se para a velha criada.

- Quanto à senhora, acabo de ter o desgosto de ser informado da morte do seu marido...

- Não é o primeiro luto da minha vida, senhor Murdstone - volveu Peggotty, tremendo da cabeça aos pés. - Ao menos, desta vez, ninguém se pode acusar de ser responsável.

- Ah, é uma consolação... Cumpriu o seu dever, não é isso?

- Graças a Deus, não levei ninguém à sepultura, prematuramente, à força de tormentos e terrores.

Murdstone fitou-a um instante com olhar sombrio, onde se podia ler remorso. Em seguida, voltando-se para mim, mas sem me encarar, acrescentou:

- É pouco provável que nos tornemos a ver, o que será agradável para ambos. Não creio que simpatize comigo, porque sempre se revoltou contra a justa autoridade que eu exercia para seu bem e sua emenda... Esse ódio envenenou-lhe o coração e ensombrou a vida da sua mãe. Espero que se tenha aperfeiçoado.

Este diálogo decorria em voz baixa, a um canto do cartório, e foi interrompido pela necessidade que Murdstone teve de passar ao gabinete do doutor Spenlow, onde pagou a sua licença. O advogado entregou-lha, dobrada, apertou-lhe a mão e desejou felicidades assim como à noiva juvenil. Com isto Murdstone saiu.

Ser-me-ia difícil guardar silêncio perante semelhantes palavras se devesse explicar à Peggotty (furiosa só por minha causa, coitada!) que o local era mal escolhido para uma discussão. Mas tudo terminou com um abraço entre nós dois, provocado pela evocação dos antigos sofrimentos comuns; aliás ela compreendeu a conveniência de fazer boa figura diante do advogado e dos escreventes.

O doutor Spenlow parecia desconhecer o grau de parentesco que existia entre mim e o senhor Murdstone, o que me facilitou as coisas. O que ele pensou foi que a tia Betsey era, na nossa família, chefe do partido governamental e que

havia oposição de princípios. Pelo menos assim o inferi das palavras que me dirigiu, enquanto esperávamos que fizesse o recibo da Peggotty.

- A senhora Trotwood - observou Spenlow - possui muita firmeza, sem dúvida, e é incapaz de ceder à oposição. Admiro deveras esse carácter e felicito-o, Copperfield, por estar do lado justo. Os dissentimentos entre familiares são de lastimar, embora vulgaríssimos, e o principal é estar do melhor lado.

Queria dizer, naturalmente, do lado do dinheiro.

- É um bom casamento - acrescentou ele. - Pelo menos assim me parece.

Repliquei-lhe que não estava ao facto.

- Ah, sim? A avaliar pelo que me disse o senhor Murdstone fiquei com a impressão de que se tratava de um enlace vantajoso.

- Refere-se a meios pecuniários? - perguntei.

- Isso mesmo. Acho que a noiva é rica, e, ainda por cima, bonita e nova. Acaba de atingir a maioridade.

- Deus a guarde! - comentou Clara Peggotty.

E pôs tanto fervor nesta prece inesperada que ficámos todos três desconcertados até ao momento em que Tiffey apareceu com o recibo.

O doutor Spenlow examinou-o, com o ar de quem lastima ter forçado os outros a gastarem o dinheiro. Parecia insinuar que fora tudo obra do seu colega e sócio doutor Jorkins. O seu aspecto melancólico correspondeu, pois, a um serviço gratuito da sua parte. Agradeci-lhe em nome da interessada e paguei em notas.

A Peggotty voltou para casa e eu acompanhei Spenlow ao tribunal, onde se julgava uma acção de divórcio, tornada possível por um engenhoso artigo da lei (hoje revogado, suponho), em virtude do qual vi desfazer vários casamentos. Eis o caso ocorrido nesse dia: o marido, cujo nome era Thomas Benjamin, requererá a licença matrimonial com o nome apenas de Thomas, suprimindo o Benjamin para a hipótese de não ser tão feliz quanto esperava. Tendo sido, na verdade, pouco feliz, ou havendo-se cansado da mulher, vinha agora, após dois anos de casado, declarar por intermédio de um amigo que se chamava Thomas Benjamin e que, por consequência, continuava solteiro. O tribunal confirmou isto, com grande satisfação do autor. Devo dizer que tive graves dúvidas quanto à justiça desta sentença. Mas o doutor Spenlow argumentou comigo deste modo:

- Observe o mundo: há nele bom e mau. Veja o Direito Canónico: também

tem bom e mau. Tudo faz parte do sistema. Ora aí está...

Não me atrevi a sugerir ao pai de Dora que se podia melhorar um pouco o mundo, intentando fazê-lo desde já e com coragem, mas declarei considerar possível melhorar os Doctor's Commons. Spenlow respondeu que me aconselhava a renunciar a qualquer ideia desse género, por indigna da minha educação. Todavia não se lhe dava saber qual o melhoramento que eu antevia.

Tomando como exemplo a parte do tribunal que estava à minha vista (pois divorciado que fora o homem e encerrada a audiência, nós dirigíamo-nos lentamente para a secção que se ocupava de matéria sucessória), opinei que achava ser aquilo uma instituição estranhamente organizada.

- Em quê? - redarguiu Spenlow.

Expliquei que, com o devido respeito pela sua experiência (mas a qualidade de pai de Dora infundia-me respeito maior), considerava absurdo estar o arquivo dos testamentos originais de todos os indivíduos da imensa comarca de Cantuária acumulados uns sobre os outros, desde três séculos, num edifício qualquer impróprio para esse destino, à mercê do fogo, sem a mínima ordem ou segurança. Demais a mais os escrivães encarregados do cartório extorquiam somas graúdas ao público, autênticas sinecuras que nem os obrigavam a acautelar os documentos mais importantes, ao passo que os escreventes que trabalhavam na grande sala fria e escura do andar superior tinham salários mínimos, apesar dos serviços que prestavam. E continuei neste teor, acentuando a injustiça que reinava a este respeito nos tribunais.

Spenlow sorriu vendo-me assim entusiasmado pelo assunto, e discutiu-o comigo como discutira outros.

- Que é isso, no fim de contas, senão uma questão sentimental? Que mal há em estarem os documentos mal guardados se as pessoas supõem o contrário? O sistema pode não ser perfeito (nada é perfeito neste mundo), mas eu recuso-me a dar-lhe o golpe.. Sob este regime processual o país conheceu a glória. A gente deve aceitar as coisas como são. Por mini acho que isto vai durar muito tempo ainda.

Sujeitei-me à sua opinião, guardando para mim as minhas dúvidas.

Contudo ele tinha razão, porque o sistema durou e até sobreviveu a uma intervenção parlamentar de há dezanove anos: intervenção que alegou todas as objecções, pormenorizadamente, e declarou que no edifício em causa não haveria lugar para mais testamentos dentro de pouco tempo. Que fizeram deles, depois disso? Perderam-nos? Venderam-nos, queimaram-nos? Ignoro. Mas

regozija-me saber que o meu lá não figura, pelo menos por enquanto.

Narrei todas estas minúcias no capítulo que intitulo de Felicidade porque é aí o seu lugar adequado. Eu e o doutor Spenlow, embalados nesta discussão, prolongámos a conversa e, a pouco e pouco, passámos a outros assuntos de ordem geral. E foi assim que ele me noticiou o próximo aniversário de Dora (oito dias mais tarde) e me disse contar comigo para um piquenique oferecido por essa ocasião. Fiquei radiante, e mais ainda quando, no dia seguinte, recebi um bilhete da rapariga a lembrar-me o convite do pai. Passei o tempo que faltava num verdadeiro estado de imbecilidade!

Julgo que pratiquei todos os absurdos possíveis preparando-me para tão venturoso acontecimento. Coro de vergonha ao recordar a gravata que comprei. As botas seriam dignas de um museu de instrumentos de tortura. Adquiri e mandei pela diligência de Norwood, na véspera à tarde, um lindo cabaz de doces que equivalia (em meu parecer) a uma declaração. Às dez horas, com um ramalhete na mão, montei um cavalo (que alugara para a circunstância) e trotei em direcção a Norwood.

Descobri Dora no jardim, mas fingi não a ter visto e passei sempre, como se a procurasse. Ao apear-me, no relvado, as botas cruéis provocaram-me dores horríveis. Ela estava sentada num banco, sob os lilases, e esvoaçavam borboletas à sua volta. Que regalo para a vista o contemplá-la assim, com o seu chapéu branco de palha e o seu vestido de um azul celestialíssimo!

Acompanhava-a uma dama que a seu lado parecia velha mas que teria os seus vinte anos. Chamava-se Julia Mills. Era amiga íntima de Dora.

Jip também lá se encontrava e tornou a ladrar à minha aproximação. Quando ofereci as flores, o ciúme do cão fez-lhe ranger os dentes. E tinha razão. Se ele soubesse quanto eu adorava a sua dona!

- Oh, senhor Copperfield, muito obrigada. Que flores deliciosas! - exclamou Dora.

Tinha planeado dizer (e reflectira, durante três milhas, na melhor forma de o fazer) que as havia julgado belas enquanto as não vira ao lado de Dora Spenlow. Mas não o consegui. Ela estava demasiado perturbante. Fiquei embasbacado a olhar para a cena: a rapariga pusera as flores junto da face e isso bastou para que eu perdesse a eloquência. Admiro-me de não ter declarado à senhora Mills: «Se tem coragem, mate-me aqui, diante da minha amada!»

Em seguida Dora deu as flores a cheirar ao cão: Jip rosnou, recusando-se a farejá-las. A dona riu e chegou-as mais ao animal, para o obrigar a sentir-lhes o

perfume. Jip mordiscou uma flor, Dora bateu-lhe, fingiu-se amuada e disse: «Oh, o meu lindo ramalhete!» com tanto dó como se o cachorro me houvese atacado.

- Há-de gostar de saber - participou ela - que a antipática da senhora Murdstone não está cá. Foi ao casamento do irmão e não volta antes de três semanas. Não foi sorte?

Disse-lhe que era uma grande sorte para ela e que, por isso, seria igualmente para mim. A senhora Mills escutava-nos, sorrindo com ar superior de prudência e complacência.

- É na verdade a pessoa mais desagradável que tenho visto na minha vida - disse Dora. - Não imaginas, Julia, a que ponto ela é arreliadora!

- Faço ideia - respondeu Julia Mills.

- Desculpa não ter aberto excepção para ti logo de começo. Sim, tu podes fazer ideia.

Concluí que a senhora Mills também tivera os seus dissabores no decurso de uma existência movimentada, e que isso talvez explicasse o ar prudente e condescendente de que falei. Mais tarde descobri que não me enganara: a senhora Mills fora protagonista de um amor contrariado e vivia longe da sociedade, com a terrível experiência adquirida, sem deixar de receber com tranquilo interesse as confissões amorosas da mocidade.

Nesse momento o doutor Spenlow saía da residência e Dora foi ao seu encontro, dizendo: «Veja, papá, que lindas flores!» A senhora Mills sorriu pensativamente, como se significasse: «Gozai, seres efémeros, a vossa brevidade na manhã luminosa da vida!» Então deixámos todos o relvado em direcção à carruagem que se aproximava.

Não tornarei a fazer jornada semelhante! Os três seguiam no faetonte aberto, com os cabazes (incluindo o meu) e a viola. Dora, instalada de costas para o cocheiro, ia defronte de mim, pois eu cavalgava atrás da carruagem. A minha amada depositara o ramalhete que eu lhe dera a seu lado, no assento, e não permitia que Jip se deitasse aí, para o não esmagar. Muitas vezes pegava nessas flores e aspirava-lhes o aroma. Então os nossos olhos encontravam-se: admiro-me de não ter saltado pela cabeça do meu buliçoso corcel e caído dentro da carruagem.

Havia poeira, se bem me recordo. Mesmo muita. Tenho a vaga impressão de que o doutor Spenlow tentara impedir-me de os seguir de tão perto, mas eu não via senão um halo de amor e beleza nimbando Dora e só ela. O pai levantou-se várias vezes para me perguntar o que pensava eu da paisagem. Respondi que

era arrebatadora, e estou persuadido de que sim; mas, para mim, só existia Dora. O sol doirava-a e os pássaros teciam-lhe louvores; a brisa embalsamava-a com o perfume das flores silvestres. A minha consolação era que a senhora Mills me compreendia; só a senhora Mills entendia os meus sentimentos.

Não sei de quanto tempo precisámos para chegar, e ainda hoje ignoro onde chegámos. Talvez próximo de Guildford; ou então algum mágico das Mil e Uma Noites nos deparou esse sítio para término do passeio e o fechou para sempre depois da nossa retirada. Era, num outeiro, um recanto verde coberto de erva macia, com árvores frondosas, urzes, e uma paisagem deliciosa até onde a vista abrangia. Desagradou-me encontrar ali pessoas que nos esperavam, e os meus ciúmes foram grandes, até em relação às senhoras. Quanto aos homens, esses tornaram-se meus inimigos figadais, sobretudo um rapaz mais velho três ou quatro anos do que eu, de suíças ruivas, que o faziam de uma presunção intolerável.

Abrimos todos os cabazes e tratámos de preparar a refeição. O das suíças ruivas teve o desplante de se propor para fazer uma salada (do que duvidei) e impôs a sua atenção a toda a gente. Várias raparigas se ofereceram para lavar as alfaces, e outras, as cortaram segundo as indicações dele. Dora fazia parte deste último grupo. Senti que o destino me colocava em frente desse homem e que um de nós devia sobreviver. O caso é que fez a salada (em que eu não toquei) e em seguida arvorou-se em guardião das garrafas e, não sendo de todo estúpido, enfiou-as na concavidade de uma árvore. Não tardou que o visse jantar aos pés de Dora, com uma lagosta, quase inteira, no prato.

Guardo apenas uma ideia vaga do que se passou durante os instantes que se seguiram a essa descoberta fatal. Sei que me mostrei alegre, mas uma alegria pouco convincente. Apeguei-me a uma menina vestida de cor-de-rosa, de olhos pequeninos, com a qual conversei de forma desesperada. Ela acolheu favoravelmente as minhas atenções, mas não sei dizer se foi por minha causa ou se por ter certas intenções acerca do ruivo.

Bebeu-se à saúde de Dora. Fi-lo afectando interromper o meu diálogo com a pequena, para o recomeçar logo a seguir. Encontrei o olhar de Dora no momento em que inclinava a cabeça na sua direcção, e achei-o suplicante. Contudo, esse olhar chegou-me por cima das suíças ruivas, e tornei-me inflexível.

A menina de cor-de-rosa estava acompanhada da mãe (esta de verde), que a separou de mim creio que por motivos de alta política. Fosse como fosse, toda a gente se ergueu para acomodar os restos do piquenique e eu fui errar sozinho

entre as árvores, cheio de raiva e de remorsos.

Achava-me indeciso se pretextaria uma indisposição qualquer para me ir embora (não sei para onde) a cavalo no meu corcel fogoso quando Dora e a senhora Julia Mills se acercaram de mim. Disse esta última:

- Senhor Copperfield, está muito taciturno...

Que não, ripostei. Pedi desculpa e insisti em que não estava taciturno...

- E tu, Dora - acrescentou Julia - também me pareces melancólica.

- De modo nenhum! - replicou Dora.

- Senhor Copperfield, e tu, Dora, não deixem que um vulgar mal-entendido venha fazer murchar as flores primaveris, as quais uma vez abertas e fanadas não recuperam o viço. Falo por experiência - prosseguiu Julia Mills - experiência de um passado já distante e irrevogável. Um simples capricho pode secar as fontes borbotantes que o sol faz resplandecer. Não destruam mãos indiferentes o oásis do meio do Sara.

Eu mal dava conta de mim, ruborizado dos pés à cabeça. Mas peguei na mãozinha de Dora e beijei-a. E ela consentiu! Beijei também a mão da senhora Mills e pareceu-me que subíamos direitinhos ao sétimo céu, todos três.

Daí não descemos. Lá nos conservámos toda a tarde. Começámos por vaguear sob as árvores, com o braço tímido de Dora sob o meu, e, sabe Deus, embora tudo isto fosse loucura, era um destino feliz entrar bruscamente na imortalidade, com sentimentos tão delirantes, e passear ociosamente, para sempre, debaixo do arvoredo.

Mais tarde ouvimos os nossos amigos rir, tagarelar e inquirir: «Onde está Dora?» Fomos ao seu encontro e eles pediram à rapariga que cantasse. O suíças ruivas quis ir buscar a viola à carruagem, mas Dora declarou que só eu sabia o lugar onde o instrumento ficara. E foi assim que, num abrir e fechar de olhos, o ruivo foi arredado. Encaminhei-me para o faetonte, abri a caixa, tirei a viola, vim sentar-me ao lado da minha amada, cujas luvas e lenço segurei, e bebi cada nota da sua voz preciosa. Ela cantou para mim, que a amava; os outros podiam aplaudir quanto quisessem, mas aquilo não era com eles.

Sentia-me embriagado de ventura. Parecia-me tudo bom de mais para ser verdadeiro. Não iria acordar, de um instante para outro, na Buckingham Street e ouvir a senhora Crupp tilintar as xícaras na preparação do meu almoço? Mas Dora tornou a cantar. Cantaram outras pessoas. Cantou a senhora Mills acerca dos ecos adormecidos das cavernas da memória, como se tivesse cem anos de

idade. Em seguida veio a noite e tomámos chá, com a chaleira posta num lume ateado entre pedras, à moda dos ciganos. A felicidade continuava! E fui mais feliz do que nunca ao terminar o piquenique e ao iniciar-se a debandada dos outros, incluindo o suíças ruivas. Nós voltámos pelo mesmo caminho, através da paz nocturna, com os últimos revérberos e o aroma doce que se evolava das flores.

O doutor Spenlow, mais ou menos aturdido pelo champanhe (honra ao sol em que cresceram as uvas, às uvas que fizeram o vinho, ao sol que o amadureceu e ao negociante que o fabricou!), o doutor Spenlow depressa mergulhou no sono, a um canto da carruagem, e eu, cavalgando à estribeira, troquei palavras com Dora. A rapariga admirou o cavalo e afagou-o (oh, que pequenina pareceu a mão sobre o pescoço do animal!). Às vezes o xaile escorregava-lhe e eu estendia o braço para lho tornar a pôr aos ombros. O próprio Jip começava a compreender e a não se opor às nossas relações. E que bondosa se mostrou Julia Mills, essa reclusa amável apesar do seu cansaço, essa matriarca mau grado a pouquidão da idade, que renunciava ao mundo e que não queria despertar os ecos das cavernas da memória!

- Senhor Copperfield - disse ela - venha a este lado por um momento. Gostava de falar consigo.

E eis-me, sobre o corcel veloz, inclinado para a senhora Mills, com a mão apoiada à portinhola.

- Dora há-de ir passar uns dias comigo. Chegará depois de amanhã à minha casa. Se você quiser aparecer, estou certa de que o meu pai ficará contente por o conhecer.

Que havia de fazer senão implorar silenciosamente a bênção do céu sobre a cabeça daquela criatura e decorar o seu endereço no recanto mais seguro da minha memória? Que havia de fazer senão agradecer à senhora Mills em termos ardentes e olhares de gratidão e manifestar o apreço pela sua cumplicidade e o valor que atribuía a tão bela camaradagem?

Então a senhora Mills afastou-me benignamente, dizendo: «Volte para Dora», e eu obedeci. Dora debruçou-se à portinhola e nós conversámos o resto do trajecto; e tão próximo ia o meu corcel nervoso que esfolou uma pata dianteira na roda, coisa para três libras e sete xelins de prejuízo, segundo o alquilador, e que eu paguei de indemnização, achando muito barato para a satisfação íntima que sentia. Entretanto Julia Mills contemplava o luar, lembrando-se, suponho, dos tempos em que ela e a vida terrena tinham ainda algo de comum.

Norwood estava perto e em pouco tempo alcançámos o final da digressão. Antes, porém, o doutor Spenlow havia acordado e dissera: «Copperfield, você vai entrar um bocadinho e descansar.» Assim se fez. Houve sanduíches e sangria. Na sala iluminada, o rubor de Dora oferecia um espectáculo encantador, que me prendia a vista. Admirei-a como num sonho até ao momento em que o ressonar do dono da casa me preveniu de que eram horas de me despedir. Separámo-nos, pois, e, até Londres, não deixei de sentir na mão o contacto da da minha amada, experimentado na ocasião do adeus. Evocava cada incidente, cada palavra, e isto inúmeras vezes. Por fim deitei-me verdadeiramente apaixonado.

Quando despertei, no dia seguinte, estava disposto a declarar-me a Dora e a conhecer a minha sorte. Tratava-se da minha felicidade ou da minha desdita. Para mim não havia outro problema no mundo e só Dora poderia resolvê-lo. Passei três dias num abismo de desânimo, torturando-me a procurar toda a espécie de interpretações pessimistas quanto ao que se passara entre mim e a rapariga. Finalmente, equipado para a circunstância (não sem alguma despesa), fui a casa da senhora Mills, com uma declaração na ponta da língua.

Não importa, agora, saber quantas vezes subi e desci a rua e quantas vezes dei volta ao jardim, antes de poder resolver-me a subir os degraus e bater à porta. Mesmo quando o fiz e enquanto esperava, tive a tentação idiota de perguntar a quem aparecesse se era ali que morava o senhor Blackboy (à imitação do pobre Barkis), de me desculpar e de me ir embora. Mas resisti.

O senhor Mills saíra. Já o tinha previsto. Quem é que precisava dele? E a filha? Essa estava. Muito bem, que me anunciassem à senhora Mills. Introduziram-me numa sala do primeiro andar, onde se encontrava a dona da casa com a amiga. Jip também se achava presente. A primeira copiava música (era uma canção nova, intitulada Ténia do Amor) e Dora pintava flores. Que senti, meu Deus, ao reconhecer as minhas próprias flores, as mesmas que eu comprara na praça do Convent Garden!

Não me atrevo a afirmar que estivessem muito parecidas, mas reconheci o modelo no papel que as envolvia e que ela reproduzira com exactidão.

A senhora Mills gostou muito de me ver e lamentou que o pai tivesse saído, mas nós três suportámos essa ausência com muito animo. Durante uns minutos, ela fez as despesas da conversa; depois, descansando a pena sobre a Ténia do Amor, levantou-se e saiu da sala.

Comecei a pensar que talvez fosse melhor transferir a declaração para o dia seguinte.

- Oxalá que o seu cavalo, coitado, não se esfalfasse muito no outro dia - disse-me Dora alçando para mim os olhos belos. - Foi uma grande caminhada.

Voltei com a ideia atrás: a declaração seria daí a pouco.

- Para ele foi uma caminhada longa, porque não tinha nada que o sustivesse durante o trajecto - repliquei.

- Não lhe deram comer, em todo o dia? - perguntou Dora. Recomecei a pensar que a declaração ficava para o dia seguinte.

- Oh, não, pelo contrário. Cuidaram muito dele. O que quero dizer é que não experimentava a mesma felicidade que eu... que estava tão perto de si, Dora!

A rapariga curvou a cabeça sobre o desenho e, passados momentos, durante os quais ardi de febre e me conservei imóvel, observou:

- Em certa altura do dia, não pareceu muito consciente dessa felicidade...

Percebi logo que não convinha recuar, mas que tinha de precipitar as coisas.

- Não parecia nada interessado por essa felicidade - insistiu ela, erguendo de leve as pálpebras e sacudindo a cabeça- -, quando se encontrava sentado junto da menina Kitt.

Kitt, devo explicar, era o nome da garota de cor-de-rosa e olhitos pequenos.

- Nem sei por que havia de se interessar nem por que chama a isso felicidade. Naturalmente, não fala a sério. Mas está no seu direito de fazer o que entender. Jip, meu mausão, anda aqui já.

Ignoro como o facto se produziu, o que sei é que foi rápido. Afastei Jip. Agarrei Dora, cingindo-a nos braços. Transbordei de eloquência. As palavras acudiram-me facilmente. Declarei quanto a amava, que morreria sem ela, que era o meu ídolo: durante todo este tempo o cão ladrava como um possesso.

Quando Dora, trémula, chorou, a minha eloquência atingiu o auge. Se queria que eu morresse por ela, bastava dizê-lo. A vida sem o amor de Dora não era admissível: não podia suportá-la, nem a suportaria. Amara-a em cada minuto de cada dia e de cada noite, desde que a conhecera. Amava-a agora até à loucura; amá-la-ia até à loucura, sempre e a todo o momento.

Havia gente que tinha amado antes de mim e haveria quem amasse depois de mim: nunca, porém, ninguém amaria como eu amava Dora. Quanto mais eu delirava, mais o Jip latia; cada um de nós, à sua maneira, de minuto para minuto, se tornava mais frenético. Fosse como fosse, o caso é que, daí a pouco, nos achávamos sentados, eu e Dora, no sofá, e mais calmos. Jip estava ao colo dela,

fitando-me sossegadamente de olhos semicerrados. Eu sentia o espírito liberto e mergulhara num êxtase profundo.

Estávamos noivos, Dora e eu.

Suponho que tínhamos a vaga ideia de que isso devia terminar por um casamento. Tenho mesmo a certeza, porque a rapariga estipulou que não casaríamos senão com o consentimento do pai. Mas, no embevecimento daquela hora, creio que não pensávamos em nada nem que aspirássemos a qualquer coisa alheia àquele instante. Devíamos guardar segredo, não revelar o caso ao senhor Spenlow, ideia que, a ter-me realmente ocorrido, concordo que não era muito honrosa.

A senhora Mills pareceu mais grave do que nunca, quando Dora a trouxe, depois de ter ido em sua busca. Este acontecimento despertara-lhe sem dúvida os ecos adormecidos nas cavernas da memória. Deu-nos, contudo, a sua bênção com a declaração de amizade eterna e falou-nos um pouco como uma voz monacal.

Que belos dias vivemos então! Que horas de deliciosa loucura! Medi o dedo de Dora para mandar fazer um anel (que devia fingir miosótis). E o ourives, a quem levei a encomenda, riu percebendo qual seria o destino dessa jóia de pedrinhas azuis e pediu-me um preço exagerado. Ainda ontem, ao ver um anel igual no dedo da minha própria filha, como senti uma comoção que, embora passageira, foi na verdade dolorosa!

Passeei, orgulhoso do meu segredo e da minha ventura, tão compenetrado da dignidade de amar e de ser amado que, se houvesse pairado nas nuvens, não me teria julgado mais acima dos outros homens que rastejavam na terra.

Reencontrámo-nos no jardim, sentámo-nos no caramanchel, e eu considerei-me tão feliz que ainda hoje adoro os pardais de Londres e suponho ver nas suas asas cobertas de fuligem a plumagem de aves raras e exóticas.

Tivemos a nossa primeira disputa (oito dias depois dos esponsais) e Dora devolveu-me o anel dentro de uma cartinha desesperada, que dobrou em triângulo, e em que escreveu esta frase tremenda: «O nosso amor começou por uma loucura e finda na demência!» Arrepelei os cabelos e clamei que estava tudo acabado.

E, com a cumplicidade do escuro, precipitei-me para a senhora Mills (que lobrigara no pátio da cozinha, onde havia uma máquina de calandrar) e implorei que interferisse para evitar o rompimento. Ela cumpriu a missão e voltou com Dora, exortando-nos, do púlpito da sua amarga juventude, a fazermos concessões

mútuas e a fugir ao deserto do Sara!

Chorámos, reconciliando-nos, e ficámos outra vez tão contentes que o pátio com a sua calandra e tudo mais se nos afigurou o Templo do Amor. Ali planeámos um sistema de correspondência por intermédio de Julia Mills, o qual devia compreender pelo menos uma carta por dia, de um e outro lado.

Oh, tempo ocioso! Que dias irreais, loucos, venturosos! De todas as épocas da minha vida, a que o Tempo lançou mão, não há outra de que eu possa simultaneamente sorrir e apiedar-me.

XXXIV. A TIA CAUSA-ME ESPANTO

Escrevi a Agnes, logo que eu e Dora ficámos noivos. Foi uma carta extensa, na qual diligenciei fazê-la compreender quanto era feliz e como Dora era adorável. Pedi a Agnes que não considerasse o caso como uma simples paixoneta, que pudesse ceder perante outra qualquer ou se assemelhasse aos caprichos infantis de que tanto ríramos juntos outrora. Afirmei-lhe que o meu amor era de uma profundeza insondável e que jamais experimentara coisa que se parecesse com isso.

Redigindo a missiva a Agnes, fazia-o numa noite agradável, perto da janela aberta, e a recordação do seu olhar calmo e franco e do seu rosto simpático infundiu-me tamanha paz de alma (no meio da agitação em que ultimamente vivia) que me senti comovido até às lágrimas. Lembro-me de que apoiei a cara nas mãos, a meio da escrita, imaginando vagamente que Agnes era um dos elementos naturais do meu lar, um pouco como se, no retiro de uma casa que a sua presença sagrasse, Dora e eu devêssemos ser mais felizes do que noutra parte; como se, no amor, alegrias, tristezas, esperanças ou desilusões, o meu coração voltasse espontaneamente para lá e aí encontrasse refúgio e consolo.

De Steerforth, não lhe disse nada. Limitei-me a informá-la de que em Yarmouth havia consternação pela fuga de Emily, e que eu lamentava duplamente o caso em consequência das circunstâncias que o acompanharam. Conhecia a sua perspicácia em descortinar sempre a verdade e sabia que ela nunca seria a primeira a pronunciar o nome de James.

Recebi resposta a esta carta na volta do correio. Parecia-me ouvir a voz de Agnes ao ler essas linhas, uma voz amigável que me soava bem aos ouvidos. Que mais posso dizer?

Durante as minhas últimas ausências, Traddles procurara-me por duas ou três vezes. Como encontrara a Peggotty em casa e soubera que se tratava da minha velha criada (estava sempre pronta a dar este esclarecimento), ele ficara uns momentos a conversar a meu respeito. Foi pelo menos a versão da Peggotty. Mas suponho que só ela falou, e, como de costume, imoderadamente. Era difícil interrompê-la quando eu era o assunto da conversa. Isto faz-me lembrar não só que esperei Traddles certa tarde fixada pelo próprio, mas também que a senhora Crupp resignara a todas as suas funções de hospedeira (excepto o pagamento da conta) até ao dia em que a Peggotty deixasse de ali comparecer. A senhora

Crupp, depois de vários colóquios, na escada, com Peggotty (e em voz agudíssima), endereçou-me uma carta em que expunha o seu ponto de vista. Começando por essa declaração universal, aplicável a todas as circunstâncias da vida, de que também era mãe, comunicava-me que conhecera dias melhores mas que sempre experimentara repulsa instintiva quanto a espiões, intrigantes e hipócritas. Não queria nomear ninguém: quem quisesse que enfiasse a carapuça. Mas tinha por costume lançar ao desprezo essa espécie de indivíduos, em especial quando se vestiam de viúvos (estas últimas palavras estavam sublinhadas). Se algum mancebo fosse vítima dos espiões, intrigantes e hipócritas (sempre sem querer nomear ninguém) isso então seria com ele. Tinha o direito de agir à vontade. O que ela, senhora Crupp, exigia era não ter de «estar em contacto» com tais criaturas. Por isso me pedia de a isentar de qualquer serviço no andar superior, até ao dia em que tudo reentrasse na ordem, o que muito desejava. Dizia que o seu livrinho de contas seria colocado semanalmente no tabuleiro do primeiro almoço, e rogava o favor de satisfazer prontamente para assim poupar às duas partes aborrecimentos e incómodos.

Após isto, a senhora Crupp contentou-se com armar laços na escada, sobretudo sob a forma de bilhas, incitando a Peggotty a partir aí uma perna. Achei demasiado fatigante viver em tal estado de sítio, mas tinha suficiente receio da senhoria para tentar uma escapatória.

- Meu caro Copperfield - disse-me Traddles ao chegar à porta, no dia e hora aprazada - como vais tu, a despeito destes obstáculos?

- Querido Traddles, rejubilo por te ver enfim e lastimo não ter estado mais vezes em casa para te receber. Mas andei tão ocupado...

- Sim, sim, bem sei. A tua mora em Londres, creio eu.

- Que dizes?

- Ela, a menina Dora - explicou, corando. - Habita em Londres, se não me engano.

- É verdade. Nos arredores.

- A minha, deves lembrar-te - acrescentou, com ar sério - vive no Devonshire. Dez irmãos! Por isso estou menos ocupado do que tu... em certo sentido.

- Admiro-me como te limitas a vê-la tão raramente.

- Ah! - volveu Traddles, pensativo. - Na verdade, custa a crer. Mas calculo, Copperfield, que é por não poder ser de outra forma.

- E porque tens muita constância e prudência - repliquei.

- Meu Deus, é o efeito que te produzo? Palavra que não conhecia em mim tais qualidades. Ela, porém, é tão extraordinária que decerto me comunicou algumas das suas virtudes. Agora que me fizeste pensar nisso, já não me admiro tanto. Acredita que passa o tempo a tratar dos seus nove irmãos dos dois sexos.

- É a mais velha?

- Ah, não. A mais velha é uma beldade.

Percebeu, julgo, que eu podia rir da ingenuidade da resposta, e acrescentou, com um sorriso também no rosto cândido:

- Não que a minha Sophy não seja bela aos meus olhos, e mesmo aos olhos dos outros, suponho. Mas quando digo que a mais velha é uma beldade, quero significar - pareceu descrever, com as duas mãos, nuvens à sua volta - que é esplêndida... compreendes, hem? - rematou em tom enérgico.

- Palavra?

- Afianço-te. Duma beleza rara, na verdade. E, além disso, nascida para a vida de sociedade e de adulação. E como não goza muito essa existência, devido à situação económica da família, anda por vezes irritada, com exigências. Sophy restitui-lhe a boa disposição.

- Essa tua é então a mais nova?

- Não é - respondeu Traddles, afagando o queixo. - As duas mais novas só têm nove e dez anos. Sophy é quem as educa.

- A segunda, nesse caso? - sugeri.

- Não. A segunda é Sarah. Tem qualquer coisa na coluna vertebral, coitada. Há-de passar a pouco e pouco, diz o médico, mas entretanto precisa de estar deitada. É Sophy quem trata dela. Sophy é a quarta das filhas.

- A mãe vive ainda?

- Ainda. Mulher superior. O clima húmido é que não lhe quadra... de maneira que perdeu o uso dos membros.

- Oh, diabo!

- Bastante triste, hem? Todavia, do ponto de vista puramente doméstico, a coisa não é assim tão grave. Sophy substitui-a. É tão maternal para com a mãe como para os nove irmãos.

Senti a maior admiração pelas virtudes dessa rapariga, e, sinceramente, a

fim de evitar que Traddles se deixasse iludir na sua boa fé quanto ao futuro de um e outro, indaguei o que sabia do senhor Micawber.

- Vai bem, Copperfield, mas agora não vivo em casa deles.

- Não?

- Olha - segredou-me - ele mudou de nome, por causa das dificuldades momentâneas. Chama-se Mortimer e só sai à noite... com óculos. Fizeram uma penhora à casa para pagar o arrendamento. A senhora Micawber achou-se em tal estado que não pude fugir a ser fiador de uma segunda letra, de que já falámos. Imagina o meu prazer em conseguir compor as coisas e proporcionar outra vez a paz à senhora Micawber.

- Hum... - murmurei.

- Não que a sua felicidade fosse duradoira, porque, infelizmente, passados oito dias, verificou-se novo sequestro, o que fez dissolver a nossa pensão de família. Desde então vivo num quarto mobilado e os Mortimers ocultam-se cada vez mais. Espero que não me consideres egoísta, pois com aquela falência fiquei sem a minha mesa redonda de tampo de mármore e o vaso e o seu invólucro, e a peanha.

- É duro! - comentei.

- Sim, foi um tanto duro para mim - disse Traddles, com a sua careta peculiar nestas circunstâncias. - Não estou, todavia, a queixar-me. Não pude resgatar esses objectos naquela ocasião, primeiro porque o juiz, percebendo que eu os queria conservar, os avaliou num valor excessivo, e depois porque... não tinha dinheiro. Mais tarde - continuou, orgulhoso do seu segredo - vi-os na loja da esquina de Tottenham Court Road. Hoje vão à venda. Só os distingui do outro lado da rua, porque se o homem me descobre pede-me um preço exagerado. Espero consintas que a tua velha criada vá lá comigo. Eu mostro a loja, a distância, e ela compra essas coisas mais barato, com certeza.

O embevecimento com que Traddles me apresentou este projecto, e a ideia que ele tinha da sua astúcia invulgar, ficaram entre as minhas recordações mais íntimas. Respondi-lhe que a velha Peggotty teria muito gosto em o auxiliar, e que nós íamos, todos três, agir nesse sentido, mas com uma condição: a de me prometer solenemente que nunca mais emprestaria o seu nome, ou fosse o que fosse, ao senhor Micawber.

- Meu caro Copperfield - respondeu-me - a coisa já está feita, pois começo a perceber que fui não só imprudente mas ainda deveras injusto com Sophy. Não há remédio agora. A primeira das dívidas já a liquidei. Não duvido de que o

senhor Micawber pagassse se tivesse disponibilidades; mas não as tinha. Há uma coisa que apreciei no senhor Micawber: é acerca da segunda letra, cujo termo do prazo ainda não chegou. Não me disse que tinha dinheiro, o que disse foi que o teria. Acho franco e honesto da sua parte. Não me apetecia arrefecer a confiança do bom do Traddles, de maneira que aquiesci. Depois de mais uns dedos de conversa, fomos na direcção da mercearia, à cata da Pegotty. Traddles recusara passar o serão comigo, não só porque desejava ardentemente resgatar as suas coisas como porque consagrava a noite a escrever à sua mais-que-tudo.

Nunca esquecerei a agitação do meu camarada quando viu a Peggotty regatear com o homem da loja. Este recusara o preço oferecido, mas tornou a chamá-la, e a minha criada retrocedeu. Enfim, o negócio ficou terminado em boas condições e Traddles não coube em si de contentamento.

- Fico muito grato a ambos - disse Traddles, ao saber que lhe seria tudo enviado na mesma noite. - Mas, se me permites, pediria mais um favor, caso não o aches absurdo, Copperfield. Antecipadamente respondi que não achava.

- Então, se quer ser realmente generosa - acrescentou, falando à Peggotty - gostaria que me fosse buscar o vaso agora mesmo. Pertence à Sophy e eu preferia levá-lo já.

Peggotty condescendeu e foi buscar o objecto. Depois de lhe ter agradecido calorosamente, Traddles voltou para Tottenham Court Road com o vaso apertado nos braços e, no rosto, a expressão mais satisfeita que eu vira até então.

Eu e a minha criada fomos para a minha casa. Peggotty deliciava-se na contemplação do que descobria nas lojas, e fazia-me parar a cada passo. Quanto tempo levámos durante a passagem por Adelphi!

Ao subirmos a escada, chamei a atenção de Peggotty para o facto de já não haver as armadilhas da senhora Crupp e de serem visíveis os vestígios de passos recentes. Ficámos mais surpreendidos ainda ao verificar que a porta estava aberta e ao ouvir som de vozes.

Olhámo-nos admirados, e em seguida entrámos na sala. Qual não foi o meu espanto ao descobrir ali a minha tia e o senhor Dick! A tia, sentada em cima de uma pilha de embrulhos, tinha o gato ao colo e duas aves à sua frente, qual um Robinson Crusoe feminino. E tomava chá. O senhor Dick apoiava-se melancolicamente a um enorme papagaio de papel, semelhante aos que muitas vezes alteáramos, e defrontava um montão de embrulhos ainda maior que o da senhora Trotwood.

- Tia Betsey! - exclamei. - Que bela surpresa! Beijámo-nos cordialmente, e

o senhor Dick e eu trocámos um aperto de mão não menos cordial. A senhora Crupp, que se ocupava do chá e prodigalizava atenções, declarou também com prazer que bem sabia quanto o senhor Copperfield ficaria encantado por ver a sua querida família.

- E você, como vai? - gritou a tia dirigindo-se a Peggotty, trémula perante aquela augusta presença.

- Lembras-te da minha tia? - perguntei-lhe. - Hem, Peggotty?

- Por amor de Deus, não dês a essa mulher um nome que faz lembrar ilhas dos mares do Sul! Visto que casou e se desembaraçou desse apelido (o melhor que podia fazer), por que não a deixas aproveitar-se dessa mudança? Como se chama agora? - inquiriu a tia, evitando pronunciar o nome que lhe era desagradável.

- Barkis, minha senhora - respondeu a interpelada, baixando a cabeça.

- Bem, isso já é nome de gente. Agora não dá a impressão de que necessita de um missionário. Como vai, Barkis? De saúde, não é verdade?

Animada por estas palavras amáveis e pela mão que a senhora Trotwood lhe estendia, Peggotty adiantou-se, apertou-lhe a mão, agradeceu e fez outra vénia.

- Temos envelhecido, é o caso -- observou a tia. - Só nos tínhamos visto uma vez, se se recorda. E foi uma bela história! Trot, meu filho, dá-me mais chá.

Servida respeitosamente. A tia recuperara a sua inflexibilidade e, nessa ocasião, preveni-a de que se sentara em cima de uma caixa.

- Deixe-me puxar o sofá ou a poltrona para junto da mesa. Por que se instalou tão mal, tia Betsey?

- Obrigada, Trot - replicou ela. - Prefiro um assento que me pertença. - Nesse momento fitou a senhora Crupp e observou-lhe: - Já não necessitamos de a incomodar mais.

- Precisa de mais chá, minha senhora?

- Não, obrigada.

- Talvez seja melhor trazer-lhe manteiga. Ou um ovo fresco? Quer que lhe prepare uma talhada de presunto? Senhor Copperfield, que mais posso fazer pela sua tia?

- Nada, minha senhora - repetiu a tia. - Isto chega, fico-lhe muito agradecida.

A senhora Crupp, que nunca deixara de sorrir para testemunhar a sua docilidade, e de curvar a cabeça ora para um lado ora para outro, para demonstrar a debilidade da sua constituição, e de esfregar as mãos a fim de exprimir o seu desejo de ser útil, retirou-se lentamente da sala, sorrindo, e continuando a esfregar as mãos e a pender a cabeça.

- Dick! - exclamou a tia -, lembra-se do que lhe disse acerca dos oportunistas e dos adoradores do oiro?

O senhor Dick, com o ar assustado de quem pudesse ter-se esquecido, apressou-se a declarar que se lembrava muito bem.

- Pois a senhora Crupp é dessas pessoas. Barkis, vou-lhe pedir que me dê mais uma xícara de chá; não suportaria que aquela mulher me tornasse a servir.

Eu conhecia bem a tia para saber que tinha qualquer coisa grave para me dizer, e que a sua viagem era mais importante do que qualquer pessoa poderia supor. Notei que o seu olhar se poisava em mim sempre que ela me julgava ocupado noutro assunto; e, ainda, que os seus pensamentos pareciam afectados por qualquer hesitação estranha, apesar de a aparência da senhora Trotwood ser como sempre austera e calma. Acabei por lhe perguntar se acaso a melindrara fosse no que fosse; a consciência sugeriu-me que ainda lhe não falara de Dora. Seria isso realmente?

Como sabia que ela só no momento próprio trataria do caso, sentei-me à sua beira, falei das aves e brinquei com o gato, com o ar mais indiferente possível. Mas estava longe de me sentir à vontade. Além disso, o senhor Dick, apoiado ao seu enorme papagaio de papel, atrás da senhora Trotwood, procurava todas as ocasiões para, às escondidas, me indicar aquele objecto, meneando a cabeça com ar sombrio.

- Trot - disse-me por fim a tia, depois de acabar o chá, de alisar cuidadosamente o vestido e de enxugar os lábios. - Trot, serás capaz de ser firme e de só contar com a tua pessoa? Barkis, podes ficar.

- Espero que sim - repliquei.

- Então, meu filho - prosseguiu ela, olhando-me com ar grave -, por que pensas que eu prefiro continuar aqui sentada sobre os embrulhos?

Abanei a cabeça, incapaz de resolver aquele enigma.

- Porque é tudo o que possuo. Estou arruinada, meu amigo. Se a casa se desmoronasse com todos nós, sobre o Tamisa, eu não teria recebido maior abalo.

- Dick bem o sabe - continuou a tia, poisando calmamente a mão no meu

ombro. - Estou arruinada, meu caro Trot. Tudo o que possuo no mundo está aqui nesta sala, exceptuando o prédio, que será arrendado. Janet encarregar-se-á disso. Barkis, é preciso descobrir uma cama para este senhor, esta noite mesmo. E, para comprimir despesas, talvez pudesses instalar-me uma nesta sala. Pouco importa o conforto. É só por uma noite. Amanhã tornaremos a falar do assunto.

Saí do meu pasmo e do desgosto que sentia por causa dela (só por ela, sublinho), quando a tia se me lançou ao pescoço chorando e dizendo que só tinha pena de mim. Mas depressa reprimiu a comoção. Daí a pouco, num tom mais de triunfo do que de abatimento, declarou:

- Temos de arrostar com a adversidade, corajosamente, não permitindo que ela nos apavore. Temos de aprender a nos mantermos até ao fim e a vencer, meu filho!

XXXV. DEPRESSÃO

Logo que pude recuperar a presença de espírito que me abandonara por completo com a revelação inesperada da minha tia, propus ao senhor Dick que me seguisse até à mercearia e tomasse posse da cama que Daniel Peggotty acabava de deixar livre. A mercearia situava-se em Hungerford Market, bairro muito diferente do que é hoje. Havia diante da porta uma colunata de madeira que foi do agrado do senhor Dick. A vaidade de morar junto dessa obra-prima bastava para o compensar de alguns inconvenientes; e como estes eram poucos (à parte a variedade de odores, de que já falei, e talvez certa falta de espaço) o homem apreciou a sua instalação. A senhora Crupp, indignada, afirmara-lhe que era tudo acanhadíssimo, mas Dick conformou-se depressa e sentou-se ao pé da cama, afagando as pernas.

Tentei descobrir se ele fazia alguma ideia das causas que provocaram tão grande alteração, e tão súbita, no estado financeiro da senhora Trotwood; mas, como era de calcular, Dick não sabia nada. Tudo o que pôde dizer-me foi que, na antevéspera, a tia lhe perguntara:

- Você é realmente o filósofo que eu julgo? Que sim, respondera. Então ela declarara-lhe:

- Dick, estou arruinada!

- Ah, sim? - volvera o filósofo.

A seguir a sua protectora enchera-o de elogios, com o que o agraciado se mostrou muito contente. Tinham, depois, vindo procurar-me e, durante a viagem, comeram sanduíches e tomaram cerveja engarrafada.

Dick apresentava um ar tão satisfeito, sentado perto da cama, esfregando as pernas e contando-me esses poucos pormenores, de olhos arregalados e o rosto banhado num sorriso de assombro, que eu (confesso penalizado) me senti disposto a explicar-lhe que ruína significava miséria, necessidades, privações, mas fui duramente castigado da minha crueldade vendo-o empalidecer e marejarem-se-lhe os olhos de lágrimas, enquanto fixava em mim um olhar tão triste que enterneceria um coração mais empedernido que o meu. Custou-me mais a consolá-lo do que me custara a causar-lhe desolação. Depois compreendi (e já o devia saber de antemão) que a sua serenidade era apenas o reflexo da fé que depositava na mais extraordinária das mulheres e da confiança ilimitada nos meus recursos intelectuais. Contava com estes para todo e qualquer desastre que

não fosse decididamente mortal.

- Que se vai fazer, Trot? - perguntou. - Há ainda o memorial...

- Com certeza - repliquei. - Mas, por agora, tudo o que podemos fazer, senhor Dick, é aparentar alegria e não dar a entender à senhora Trotwood que estamos a pensar no caso.

Consentiu com toda a seriedade e suplicou-me que, se eu o visse afastar-se, nem que fosse um nadinha, do bom caminho, o fizesse retroceder por um desses meios incomparáveis de que possuía o segredo. Mas lastimo observar que o medo que lhe incuti sublevou a todos os esforços que empreendeu para o dissimular. Toda a noite os seus olhos se poisaram na minha tia, repletos de apreensão, como se a visse desaparecer constantemente. Cônscio disto, tentou disfarçar, imobilizando-se, porém o movimento dos olhos traía-o a cada instante. À ceia, vi-o contemplar o pãozinho (na verdade, de reduzidas dimensões) como se representasse o prelúdio da miséria. Quando a tia insistiu por que comesse como de costume, surpreendi-o a guardar no bolso uma côdea e um pouco de queijo, que destinava, sem dúvida, a reanimar-nos quando atingíssemos um estado avançado de inanição.

Pelo contrário, a senhora Trotwood continuava imperturbável, o que, bem me parece, nos serviu de lição, pelo menos a mim. Mostrou-se simpática com a Peggotty, excepto quando eu tratava a minha criada por esse nome. Por mais deslocada que estivesse em Londres, sentia-se perfeitamente à vontade. Devia ocupar o meu leito, e eu dormiria na sala, para lhe servir de guarda. Apreciava imensamente a proximidade do rio, para o caso de incêndio, e eu creio que ela encontrava nisso, de facto, verdadeira satisfação.

- Trot, meu filho - disse-me ao ver que lhe ia preparar o vinho que usualmente ingeria à noite. - Não faças tal coisa.

- Não quer nada, tia Betsey?

- Vinho, não. Cerveja.

- Mas, aqui temos vinho. É a sua bebida costumada.

- Guarda-o para a hipótese de uma doença. Não desperdicemos, Trot. Basta-me um pouco de cerveja.

Pensei que o senhor Dick ia perder os sentidos. Mas a tia manteve-se inabalável e eu fui buscar a cerveja. Como já era tarde, ele aproveitou a ocasião para recolher aos seus aposentos por cima da mercearia. Deixei à esquina da rua o pobre homem, genuína imagem do desespero, com o enorme papagaio de

papel às costas.

Encontrei a senhora Trotwood a andar cá e lá no quarto, quando voltei, compondo com os dedos os cantos da touca de dormir. Amornei a cerveja e fiz a torrada, segundo os preceitos infalíveis e tradicionais. Uma vez tudo pronto, e ela também, com a touca na cabeça e a saia arregaçada até aos joelhos, disse-me a tia Betsey, depois de provar a bebida:

- Meu filho, isto é muito melhor do que o vinho. Pelo menos, menos indigesto. - Vendo o meu ar céptico, aduziu: - Se não nos acontecer coisa pior, podemo-nos considerar felizes.

- No que me diz respeito, acredito plenamente - respondi.

- E por que não crês quanto ao resto?

- Porque nós somos muito diferentes um do outro.

- Ora adeus!

A tia continuou, com o seu ar de satisfação pacata, um tanto afectada (se realmente o era), a tomar a cerveja tépida às colherinhas e a molhar aí fatias de pão torrado.

- Trot, não gosto geralmente de caras novas, mas agrada-me

a tua Barkis.

- Ouvi-la dizer isso regozija-me mais do que receber uma oferta de cem libras!

- Este mundo é esquisito - retorquiu, esfregando o nariz. - Não compreendo como essa mulher pôde vir a ele com semelhante nome. Seria mais fácil nascer Jackson, ou algo de parecido.

- Talvez seja também a opinião dela. Mas não o pôde evitar.

- Suponho que não - concordou a tia, embora de má vontade. - Mas olha que é vexatório! Enfim, agora chama-se Barkis, sempre lhe servirá de consolação. A Barkis estima-te deveras,

Trot.

- E faria tudo para no-lo provar, tia Betsey.

- Acredito. A pobre criatura insistiu comigo para que aceitasse dinheiro seu, de que dispõe com abundância. Uma simplória!

As lágrimas de prazer da tia chegavam a cair no copo de cerveja.

- É a criatura mais ridícula que Deus deitou ao mundo - prosseguiu ela. - Percebi-o logo quando a vi com essa pobre criança que era a tua mãe. Mas tem o seu lado bom, esta Barkis. - Fingiu rir, e aproveitou o ensejo para levar a mão aos olhos. Depois recomeçou a comer a torrada e a expender as suas opiniões. - Ah, Trot, eu sei tudo! Eu e Barkis conversámos enquanto saíste com o Dick. Sei tudo. Que julgarão poder vir a ser, essas pobres raparigas? Admiro-me de que não quebrem a cabeça de encontro... ao fogão - concluiu, ideia que lhe foi sugerida provavelmente pela contemplação do meu.

- Coitada da Emily! - murmurei.

- Coitada, não. Devia ter pensado um pouco antes de se meter numa aventura dessas. Dá-me um beijo, Trot. Lamento que conhecesses tão cedo os sofrimentos da existência.

Como eu me inclinasse, ela poisou-me o copo nos joelhos, a fim de evitar que me fosse embora; e disse:

- Ah, Trot, Trot... consideras-te assim apaixonado?

- Considerar-me apaixonado? Oh, tia, amo Dora de todo o coração!

- Sim, amas Dora. E vais dizer-me, naturalmente, que essa pequena é sedutora em extremo.

- Ninguém pode fazer ideia de como ela é.

- Não será patetinha?

- Qual!

Creio sinceramente que nunca se me formulara na mente semelhante problema. A simples ideia magoou-me; no entanto, feriu-me também por ser tão inesperada.

- Nem frívola?

- Frívola, minha tia?! - repeti, e, com igual vigor, repudiei uma suposição tão errónea.

- Está bem, Trot. Eram apenas perguntas. Não quero diminuí-la. Pobre casalinho! Com que então julgam-se feitos um para o outro e destinados a se completarem na vida?

Disse-me isto com tal expressão de bondade e doçura, meio divertida meio triste, que fiquei de todo enternecido.

- Somos novos e inexperientes - repliquei. - E sei também que pensamos e

dizemos muitas tolices. Mas o nosso amor é sincero, disto é que não tenho dúvida nenhuma. Nem sei o que faria se Dora deixasse o meu amor por outro ou se tal acontecesse a mim. Enlouqueceria, parece-me.

Abanando a cabeça, sorrindo pensativamente, a tia Betsey murmurou:

- Ah, Trot! Cego que és! - Suspendeu-se e daí a instantes acrescentou: - Conheço alguém que, embora de carácter maleável, tem grande seriedade nas feições, o que me faz lembrar a tua mãe. Seriedade é o que a gente precisa para que se mantenha e progrida. Seriedade profunda, completa, leal.

- Se a tia conhecesse a seriedade de Dora... - observei.

- Ah, Trot, cego que és - repetiu. - Cego!

E, sem saber porquê, senti uma impressão vaga e triste de fracasso passar sobre mim, como a sombra de uma nuvem.

- Não quero, todavia - acrescentou ela - tirar as ilusões a dois moços, nem torná-los infelizes. Por isso, apesar de ser apenas um amor de crianças, e apesar de geralmente (atenção, não digo sempre) tais amores não conduzirem a nada, falaremos disso a sério. Esperemos, mais dia menos dia, um desfecho venturoso. Há todo o tempo para esperar.

Isto, em resumo, não era muito animador para um apaixonado como eu; mas fiquei satisfeito por ter posto a tia no segredo do caso. Pensei que estivesse fatigada e agradeci-lhe profundamente essa prova de afecto e todas as outras atenções que tivera comigo. Depois de uma despedida terna, vi a sua touca de dormir desaparecer na obscuridade do meu quarto.

Uma vez deitado, quanta angústia sofri! Pensava e repensava na minha pobreza e no que imaginaria a esse respeito o doutor Spenlow. A verdade é que eu já não era o que julgara ser quando tinha falado com Dora: devia confessar-lhe, cavalheirescamente, qual a minha presente situação material e restituir-lhe a palavra, se ela o quisesse. Pensava também em como viveria até ao termo do meu estágio (visto ainda não ganhar), e no que poderia fazer para auxiliar a tia. Ficaria reduzido à última penúria, com um sobretudo esfiapado, sem possibilidade de oferecer a Dora fosse o que fosse, de montar belos cavalos, de me mostrar como até aí? Amava tanto Dora! No fundo, considerava vileza preocupar-me mais com o meu futuro do que com a sorte da senhora Trotwood; mas o egoismo surgia-me como inseparável da ideia da minha amada. Enfim, passei uma noite terrível. No pouco que dormi, sonhei com a miséria debaixo de todas as formas; ora, andrajoso, ia à porta da casa de Dora vender pacotes de fósforos, seis por meio dinheiro; ora, de roupão e chinelas, recebia o público na

banca dos advogados Spenlow e Jorkins e era severamente admoestado pelo primeiro; ora me precipitava para apanhar as migalhas do pão quotidiano que o escrevente Tiffey comia pontualmente quando o relógio de São Paulo soava a hora do almoço; ora tentava, debalde, obter licença para desposar Dora, sem ter nada com que a pagasse senão uma luva de Uriah Heep. Mas, no meio de tudo isto, conservei sempre a consciência de estar na minha casa, agitando-me como um navio em apuros, num mar de roupa de cama. A tia passou uma noite igualmente agitada, pois a ouvi, por várias vezes, andar de um lado para outro no quarto. De tempos a tempos, embrulhada num penteador de flanela, apareceu na sala e, como uma alma penada, aproximou-se do sofá em que eu me deitara. Da primeira vez soergui-me assustado: participou-me ela, então, que certo reflexo no céu lhe fizera suspeitar que a abadia de Westminster estava em chamas; desejava consultar-me quanto à probabilidade de o incêndio se comunicar à Buckingham Street, impelido pelo vento. Mas, como eu não tugisse nem mugisse, sentou-se à minha beira e murmurou: «Pobre pequeno!», o que me tornou vinte vezes mais infeliz, pois via a que ponto ela se preocupava comigo, ao passo que eu, egoisticamente, só pensava em mim.

Parecia difícil acreditar que uma noite tão comprida para uns pudesse ser curta para outros. Esta reflexão trouxe-me ao espírito uma festa em que as pessoas passassem o tempo a dançar, e isto transformou-se, a pouco e pouco, num sonho. Ouvi música que tocava sempre a mesma coisa, e vi Dora enlevada sempre numa dança, sem me prestar a mínima atenção. O homem que toda a noite desferira as cordas da harpa tentava em vão cobrir o instrumento com um barrete de dormir. Finalmente despertei (ou melhor, renunciei a lutar contra a insónia) e dei conta de que o sol me entrava pela janela.

Havia, ao fundo de uma das ruas que dão para a Strand, uns antigos banhos romanos, de que costumava servir-me. Depois de me vestir à pressa e de deixar à Peggotty o cuidado de se ocupar da senhora Trotwood, fui dar um mergulho na água fria desse balneário e em seguida segui para Hampstead. Esperava que aquele tratamento enérgico me refrescasse as ideias, e creio que, de facto, me fez bem, porque cheguei depressa à conclusão de que devia, em primeiro lugar, propor a anulação do meu contrato de estagiário e obter o reembolso de parte do pagamento feito. Almocei em Hampstead, encaminhei-me para os Doctor's Commons através de ruas regadas de fresco e aromatizadas pelas flores que as revendedoras levavam à cabeça, e alcancei o cartório - tão cedo ainda que tive de passear por meia hora nas imediações, antes que Tiffey (sempre o primeiro a chegar) aparecesse com a sua chave. Sentei-me no meu canto obscuro e contemplei o sol que brilhava nas chaminés do lado fronteiro; pensava em Dora,

quando vi surgir o doutor Spenlow, de ponto em branco.

- Bom dia, Copperfield. Que linda manhã!

- É verdade, senhor doutor. Permite-me uma palavrinha antes de ir ao tribunal?

- Sem dúvida. Vamos para o meu gabinete.

Segui-o até lá. O doutor Spenlow envergou a toga e fez uns últimos retoques ao traje diante de um espelhinho na parte interior da porta de um armário.

- Lamento informá-lo - comecei - que tenho notícias desagradáveis a respeito da minha tia.

- Meu Deus! Espero, ao menos, que não seja paralisia.

- Não se referem à saúde - repliquei. - Acaba de perder muito dinheiro. Para dizer tudo, está arruinada.

- Você deixa-me sem fôlego, Copperfield! - exclamou o advogado.

- Pois é verdade, senhor doutor. Os negócios dela tomaram tão mau rumo que lhe pergunto se é possível... naturalmente sacrificando uma percentagem - acrescentei, sob inspiração momentânea, vendo-o mudar de expressão - ... cancelar o nosso contrato...

Bem se Imagina quanto me custou propor semelhante coisa. Tanto como se pedisse, por favor, que me afastassem para sempre de Dora.

- Cancelar o contrato? - repetiu ele.

Expliquei-lhe então, com mais clareza, que não sabia como poderia subsistir, a não ser arranjando um emprego com que ganhasse a vida. Não receava o futuro, ajuntei, e insisti neste ponto para o fazer compreender que não deixava de ser um genro, para uma data mais ou menos próxima. Todavia, na ocasião, só me era possível contar comigo mesmo.

- Sinto muito saber tudo isso, Copperfield - respondeu o doutor Spenlow. - Sinto deveras. Não é costume cancelar um contrato por motivos dessa ordem. Foge às nossas tradições, e abrir um precedente traria inconvenientes. Entretanto...

- É muito bondoso, senhor doutor - murmurei, na esperança de uma concessão.

- Nem por isso. Não vale a pena falar de mim. Entretanto, ia eu dizendo, se

eu fosse só, se não tivesse um sócio... o doutor Jorkins...

Acabaram-se-me as esperanças. Contudo, tentei novo esforço.

- Não acha que, se eu falasse com o doutor Jorkins...? Spenlow oscilou a cabeça de forma desanimadora.

- Deus me livre, Copperfield, de agravar seja quem for... sobretudo um colega. Conheço bem o doutor Jorkins: não será pessoa para compreender uma proposta dessa natureza; é difícil fazê-lo sair da rotina. Você sabe como ele é!

Eu, é claro, nada sabia a seu respeito, a não ser que fora o fundador daquela banca e que vivia perto do Montagu Square, num prédio muito maltratado do tempo; que chegava tarde e se demorava pouco; que ninguém parecia consultá-lo fosse no que fosse; que o seu gabinete era um cubículo hediondo no andar de cima, onde se não resolvia nada e sobre cuja secretária existia uma agenda há vinte anos intacta.

- Vê algum inconveniente em que eu lhe fale? - perguntei.

- Nenhum - redarguiu Spenlow. - Mas, como disse, conheço

bem o doutor Jorkins. Gostava que ele fosse diferente, porque teria prazer em conformar-me com a sua vontade, Copperfield. Contudo, não posso objectar a que você lhe fale, se acha que isso tem alguma utilidade.

Aproveitando aquela autorização, dada com um aperto de mão caloroso, tornei a sentar-me, pensando em Dora e olhando para o sol, que deixava as chaminés dos prédios fronteiros e descia pela parede. Assim estive até à vinda do doutor Jorkins. Subi então ao seu gabinete e causei ao advogado o maior espanto com a minha presença inesperada.

- É você, Copperfield!

Entrei, sentei-me e expus o meu caso, mais ou menos nos mesmos termos com que o fizera ao sócio. Jorkins não era nada a personagem assustadora que se podia supor; tratava-se de um senhor dos seus sessenta anos, alto e moderado, de rosto plácido, e que consumia tanto rapé que se dizia no tribunal viver ele desse estimulante: parecia não haver no seu organismo mais espaço para outro alimento.

- Creio que explicou isso ao doutor Spenlow - observou Jorkins, depois de me ter escutado até ao fim, com certa agitação, devo acrescentar.

Respondi afirmativamente e notei que o colega me sugerira o seu nome.

- Disse que eu havia de me opor, não é verdade?

Fui obrigado a confessar que o doutor Spenlow achara essa opinião provável.

- Lamento responder-lhe, Copperfield, que não posso concordar com o seu projecto... Mas tenho uma entrevista no Banco e peço-Lhe me desculpe...

Com isto levantou-se à pressa e ia a sair quando me atrevi a dizer-lhe que, vistos os factos, não havia maneira de se arranjar a coisa...

- Pois não! - declarou, detendo-se à porta e abanando a cabeça. - Não. Oponho-me, como vê. - E acrescentou já no corredor, lançando um olhar inquieto ao gabinete: - Se o doutor Spenlow recusa...

- Pessoalmente não se recusa, senhor doutor.

- Oh, pessoalmente! - repetiu Jorkins, sempre impaciente. - Afianço-lhe que há um obstáculo, Copperfield. É inútil. O que você deseja não se pode fazer... e eu agora tenho uma entrevista no Banco.

Desta vez foi-se embora sem parar, e, se não me engano, esteve três dias sem reaparecer nos Doctor's Commons.

Ansioso por tentar tudo, esperei o regresso de Spenlow e contei-lhe o que se passara, dando-lhe a entender que não desesperava: talvez ele pudesse convencer o inflexível doutor Jorkins, se quisesse tomar a seu cargo essa tarefa.

- Copperfield - respondeu Spenlow com um sorriso amável - você não conhece o meu sócio tão bem como eu. Longe de mim atribuir ao doutor Jorkins a mínima astúcia. Ele o que tem é uma forma de expor as suas objecções que muitas vezes chega a iludir. Não, Copperfield - concluiu, meneando a cabeça - Jorkins não se deixará abalar, acredite-me.

Entre um e outro eu perdia-me por completo e não sabia de qual dos dois vinha afinal a oposição. Mas compreendi que a barreira era difícil de transpor e que não seria fácil reembolsar-me das mil libras da tia Betsey. Foi mergulhado neste desânimo que abandonei nesse dia o escritório e voltei para casa.

Procurava habituar-me ao pior e imaginar que resoluções se deviam tomar para um futuro que se antolhava tão sombrio, quando me ultrapassou um trem. Olhei para dentro do veículo, que acabava de parar, e vi que, por cima da portinhola, se me estendia uma mão delicada. Ao mesmo tempo fitava-me o olhar de um rosto sorridente, que eu conhecia e que jamais contemplava sem um sentimento de segurança - desde o dia em que se voltara para mim na velha escadaria de carvalho, de corrimão maciço, e que a sua beleza se associara no meu espírito ao vitral da igreja.

- Agnes! - exclamei radiante de alegria. - Oh, querida amiga, que prazer em vê-la! Logo você!

- Palavra? - disse ela com a sua voz cordial.

- Precisava tanto de falar consigo! Sinto-me de coração aliviado só de olhar para si. Tivesse eu uma varinha de condão e formulava o desejo de a ver.

- Hem?

- É como lhe digo: mas talvez, em primeiro lugar, quisesse ver Dora - confessei, corando.

- Agora sim - replicou Agnes, rindo.

- Mas você em seguida. Para onde vai?

Ia visitar a minha tia. O tempo estava bonito e Agnes saiu com prazer do trem, que mandou embora, tomou-me o braço e caminhámos juntos. Agnes era para mim a incarnação da Esperança. Considerei-me logo outro homem.

A senhora Trotwood escrevera-lhe uma das suas cartas estranhas e lacónicas, a que se limitava em geral o esforço epistolar que fazia: anunciava-lhe que caíra na adversidade e que deixara Dover para sempre; todavia tomara as necessárias disposições e estava tão bem que ninguém devia incomodar-se por sua causa. Agnes viera a Londres para a visitar, pois havia anos as ligava uma simpatia recíproca, precisamente desde a época em que eu me instalara em casa do doutor Wickfield. Não se encontrava só, acrescentou: tinha chegado com o pai e com... Uriah Heep.

- Ei-los então associados! - comentei. - Diabos o levem!

- Pois é verdade - confirmou Agnes. - Precisavam de tratar aqui de um processo e eu aproveitei para vir também. Não julgue que a minha visita seja apenas amigável e desinteressada, Trot, pois (lamento ter certas prevenções que podem ser injustas) não gosto de deixar partir o meu pai sozinho com ele.

- Exerce sempre a mesma influência sobre o doutor Wickfield? Agnes fez sinal afirmativo com a cabeça.

- A casa mudou tanto que você não a reconheceria. Eles estão agora lá instalados.

- Eles quem?

- Heep e a mãe. Heep dorme no seu antigo quarto, Trot - explicou Agnes erguendo os olhos para mim.

- Se ao menos eu pudesse destinar-lhe os sonhos! - murmurei. - O homem não dormiria lá muito tempo.

- Conservei uma saleta onde dava lições. Como o tempo passa! Lembra-se? É aquela forrada de lambrins, que liga com a sala grande...

- Se me lembro, Agnes! A primeira vez que a vi não foi defronte dessa porta? Você tinha o seu chaveiro...

- Ainda o tenho - disse ela sorrindo. - Foi bom ter guardado essa recordação agradável. Éramos tão felizes!

- É verdade.

- Pois conservo a tal saleta para mim. Contudo, não posso deixar a senhora Heep sempre só. Compreende, Trot? Sou obrigada a fazer-lhe companhia, nos momentos em que preferia estar desacompanhada. Outras razões de queixa não tenho. É claro que me fatiga às vezes com os elogios que faz do filho, no entanto naturais numa mãe. Ele, afinal, é bom filho.

Ao ouvir estas palavras, olhei para Agnes, porém não lhe surprendi nenhum reflexo dos anseios de Uriah. O seu olhar suave mas sério encontrou o meu e o rosto calmo não se modificou.

- O inconveniente principal da presença deles lá em casa é que não posso estar com o papá tanto quanto desejo... Uriah surge sempre de permeio... Desejaria cuidar do meu pai com maior solicitude... Se tentarem qualquer traição ou dolo contra a sua pessoa, espero que o amor e a sinceridade acabem por triunfar. Creio que esse triunfo é sempre certo sobre todas as injustiças e desgraças deste mundo.

Esse sorriso radioso, que nunca vi noutro rosto senão no seu, acabou por se extinguir no próprio momento em que eu pensava quanto era bom vê-lo e quão familiar me fora outrora. Agnes perguntou-me, mudando bruscamente de expressão (estávamos muito perto da minha rua), se eu sabia o que originara o revés da tia Betsey. Respondi-lhe que não, que ela ainda me não contara, e Agnes tornou-se pensativa; pareceu-me sentir o seu braço tremer no meu.

Encontrámos a senhora Trotwood sozinha e bastante agitada. Entre ela e a senhora Crupp levantara-se divergência de opinião acerca de um assunto abstracto (saber se era conveniente para o sexo fraco viver em quartos mobilados), e a tia, absolutamente alheia aos espasmos da senhora Crupp, cortara cerce a conversa declarando-lhe que ela cheirava ao rum do sobrinho (eu, evidentemente) e mandando-a sair do quarto. Estes dois factos foram considerados insultuosos pela dona da casa, que participou a sua resolução de

recorrer aos tribunais.

Entretanto a tia, acalmando-se nesse meio-tempo (a outra fora mostrar ao senhor Dick os soldados da polícia montada) e satisfeita por ver Agnes Wickfield, recebeu-nos de muito bom humor, que a própria história anterior lhe devolvia fortalecido. Quando a visita pôs o chapéu em cima da mesa e se sentou ao lado da senhora Trotwood, eu não pude deixar de compreender quanto o olhar luminoso da rapariga e a sua presença gentil continham de naturalidade. Apesar de se tratar de uma pessoa tão nova, inspirava à minha tia grande confiança, acrescida dos valores da afeição e da sinceridade.

Começámos a falar da perda de dinheiro e eu contei-lhe as minhas tentativas dessa manhã.

- Foste pouco sensato, mas bem intencionado - observou a senhora Trotwood. - És rapaz generoso (suponho que já devia dizer homem) e eu orgulho-me de ti. Por esse lado vai tudo bem. Trot e Agnes, enfrentemos o meu caso, analisemos os factos.

Vi Agnes empalidecer, olhando atentamente para a tia Betsey. Esta, afagando o gato, olhava por seu turno para a rapariga.

- Eu possuía certos bens - continuou. - Não importa qual o valor exacto. Enfim, o bastante para viver, e até mais, porque consegui economizar. De início, comprei fundos do Estado, depois, a conselho do meu procurador, coloquei o dinheiro em hipotecas. Os juros foram compensadores. Um dia, recuperei o capital e tive necessidade de arranjar nova colocação. Como o procurador já não estava tão esperto como era (falo do teu pai, Agnes), decidi ser mais inteligente do que os homens de negócios e optei pelo mercado estrangeiro. É, aparentemente, um péssimo mercado. Perdi, de começo, nas minas, em seguida nas pescarias... pesca de tesouros, feita por mergulhadores... uma história disparatada, à Tom Tiddeler - acrescentou, esfregando o nariz. - E novamente perdi nas minas, e por fim, como último recurso, perdi nos Bancos. Não explico a que se elevaram os dividendos durante certo tempo, nunca menos de cem por cento, parece-me. Mas o Banco ficava no outro extremo do mundo e, tanto quanto sei, evaporou-se. Nunca mais pagou absolutamente nada! Ora eu tinha lá tudo quanto possuía. Pronto. Quanto menos se falar no caso, tanto melhor.

A senhora Trotwood terminou este resumo filosófico da sua situação fitando Agnes Wickfield (que retomava a pouco e pouco as cores) com um ar que se podia classificar de triunfo.

- Foi isso realmente o que aconteceu? - perguntou a rapariga.

- Querida Agnes, parece-me que chega. Se ainda houvesse dinheiro para perder, a história continuava. Eu teria descoberto nova colocação e assim se abriria outro capítulo. Mas como o dinheiro se esgotou, a história acabou-se.

Agnes principiara por escutar com a respiração opressa. As faces empalideciam e purpurizavam-se alternadamente, mas já não se sentia tão sufocada. Pensei que tinha receio de ouvir que o pai fosse responsável, embora em pequeno grau, pelo que acontecera à amiga. A senhora Trotwood tomou-lhe as mãos nas suas e desatou a rir.

- Se foi isto, realmente? A não ser que acrescente ainda: vivi muito e fui feliz. Agora, tu, Agnes, que és pessoa de bom senso, e tu, Trot, que também és em certo sentido, embora às vezes... - e a tia abanou a cabeça, fitando-me - oiçam o que vou fazer. A vivenda pode render umas setenta libras por ano. Acho que é possível contar com isto. Pronto, é tudo o que me resta - concluiu. Como alguns cavalos, ela tinha a particularidade de estacar quando se supunha que iam bem lançados numa corrida.

- E também - recomeçou ela, depois dessa pausa -, há o senhor Dick. Recebe cem libras anuais, mas, naturalmente, para seu uso pessoal. Preferia mandá-lo embora (se bem que eu seja o único ente que o aprecia) em vez de o conservar e gastar com ele todo o seu dinheiro. Como será que eu e Trot nos arranjaremos, com os meios de que disponho? Que te parece, Agnes?

- A mim parece-me - atalhei - que devo fazer qualquer coisa.

- Alistares-te na tropa, é o que queres dizer? - acudiu ela. - Ou embarcar? Não me fales disso. Serás solicitador. Na nossa família não se perde a cabeça, ouviste?

Eu ia explicar que não tencionava seguir aquela carreira quando Agnes perguntou se os meus aposentos estavam alugados por um prazo longo.

- Aí é que bate o ponto, minha filha - disse a tia Betsey. - Não podemos largá-los antes de seis meses, a não ser que se consiga sublocá-los, o que não espero. O último inquilino morreu aqui. Esta mulher de corpete de algodão e saia de flanela bastaria, tenho a certeza, para matar cinco pessoas ou seis. Trago um pouco de dinheiro comigo e penso, como tu, que o melhor é aguardar o termo do contrato e arranjar um quarto para Dick, nestas imediações.

Achei do meu dever aludir à guerra aberta que se estabeleceria entre ela e a senhora Crupp; mas a tia afastou esta objecção declarando que, à primeira manifestação de hostilidade, espantaria a senhora Crupp para o resto dos seus dias.

- Pensei, Trot - observou Agnes - que se você tivesse tempo...

- Disponho de muito tempo - informei-a. - Estou sempre livre depois das quatro ou cinco horas, e de manhã cedo também. De qualquer maneira - acrescentei, sentindo-me ruborizar à ideia das minhas caminhadas pela estrada de Norwood -, sobra-me bastante tempo.

- Sei que um lugar de secretário lhe não desagradaria - replicou Agnes, aproximando-se e falando com voz baixa tão animadora e tão delicada que ainda julgo ouvi-la.

- Me não desagradaria, querida Agnes?

- É que o doutor Strong - prosseguiu ela - já se aposentou, como tencionava, e veio instalar-se em Londres. Sei que pediu ao meu pai lhe recomendasse um secretário. Não acha que ele gostaria mais de ter consigo o seu aluno predilecto do que outro qualquer?

- Oh, querida Agnes! Que seria eu sem você? É sempre o meu anjo bom. Já o disse. É só nestes termos que eu me refiro a si.

Agnes respondeu-me com o seu sorriso calmo, dizendo que bastava um único anjo bom (alusão a Dora). Depois lembrou-me de que o doutor Strong costumava trabalhar no seu escritório de manhã cedo, e à noite: provavelmente as minhas horas vagas convir-lhe-iam. Agradava-me ganhar não só na profissão como também trabalhando com o velho professor; em suma, aconselhado por Agnes, escrevi uma carta ao doutor Strong expondo-lhe os meus desejos e a intenção de o visitar no dia seguinte, às dez horas. E dirigi a carta para Highgate (pois era nesse lugar, tão memorável para mim, que ele vivia). Sem perder um minuto, fui levar a carta ao correio.

Em qualquer parte em que Agnes se encontrasse, aí se notava um sinal agradável da sua presença silenciosa. Quando voltei, vi os pássaros da tia Betsey empoleirados, como haviam estado durante muito tempo à janela da sala de Dover. A minha poltrona figurava defronte da janela aberta, assim como a da minha tia, muito mais confortável. Até o anteparo verde (que ela trouxera) se ostentava já no peitoril. Eu sabia quem colocara ali todos estes objectos, que tinham o ar de se haverem disposto por si próprios; e adivinharia quem distribuíra, na bela ordem de outro tempo, os meus livros abandonados, ainda que julgasse estar Agnes a muitas milhas de distância.

A senhora Trotwood apreciava imensamente o Tamisa (que, na verdade, aparentava excelente aspecto aos raios solares, embora não valesse tanto como o mar em frente da vivenda de Dover), mas não podia desculpar o fumo de

Londres que, segundo dizia, tinha a função de «apimentar tudo». Uma verdadeira revolução, na qual Peggotty representava o papel principal, operava-se em todos os cantos dos meus aposentos, em consequência desses efeitos fuliginosos: e eu pensei como Peggotty parecia fazer pouco trabalho agitando-se muito, ao passo que Agnes fazia tanto sem a menor agitação! Nesse momento bateram à porta. - Deve ser o meu pai. Prometeu vir - disse Agnes. Abri a porta e deixei entrar os recém-vindos: era não só o doutor Wickfield como também Uriah Heep. Havia muito tempo que eu não via o advogado e esperava encontrá-lo mudado, depois do que a filha me dissera; mas não pensava que fosse tanto! Não que parecesse muito envelhecido (o vestuário era sempre impecável); nem pela vermelhidão malsã que lhe coloria a cara, nem porque tivesse os olhos lacrimejantes injectados de sangue; nem pelo tremor nervoso das mãos, cuja causa eu não ignorava e que já principiara anos atrás. Também não era por ter perdido a beleza das feições ou a nobreza do porte (pois conservava uma e outra); mas o que me impressionou deveras foi ver que, mau grado os sinais ainda evidentes da sua superioridade inata, ele se submetia a esse indivíduo que representava a incarnação servil da mediocridade: Uriah Heep. A troca de posições dos dois - Uriah o superior, Wickfield o inferior - constituía para mim um espectáculo dos mais confrangedores. Se eu tivesse visto um homem às ordens de um macaco, isso não seria para mim mais degradante do que o caso presente.

Ele próprio parecia dar-se conta do facto. Ao entrar, permaneceu de pé, imóvel, de cabeça curvada; isto, porém, durou só um instante. Agnes falou-lhe brandamente:

- Papá! Está aqui a senhora Trotwood, com o sobrinho. Não os vê há muito tempo.

Ele então aproximou-se, apertou com ar submisso a mão da tia Betsey e mais cordialmente a minha. Entretanto eu vira o rosto de Uriah exibir um sorriso maligno. Agnes notou-o igualmente, suponho, porque se afastou. Quanto ao que a tia viu ou não viu, isso nem o melhor fisiognomónico do mundo poderia dizer. Creio que nunca houve semblante mais impassível que o dela. A senhora Trotwood quebrou o silêncio que se estabelecera, exprimindo-se com a costumada brusquidão:

- Ora viva, Wickfield. (Este olhou-a pela primeira vez.) - Acabo de contar à sua filha o belo uso que fiz do meu dinheiro, depois que o senhor deixou de se ocupar disso. Deliberámos já e chegámos a uma conclusão. Agnes, em meu entender, vale por meia dúzia de advogados.

- Se posso dar humildemente uma opinião - disse Uriah Heep - é que subscrevo a da senhora Trotwood a respeito da menina Agnes. Vale a pena tê-la como sócia!

- Como vai? - replicou a tia. - O senhor já é sócio, e isso deve bastar-lhe.

Uriah Heep, apertando constrangido a pasta que trazia, declarou que estava bem, que agradecia o interesse da senhora Trotwood e que esperava achá-la também da melhor saúde. E acrescentou:

- Quanto ao menino David... devia dizer senhor Copperfield... confio em que se encontra optimamente. Tenho muito gosto em tornar a vê-lo, mesmo nestas tristes circunstâncias. - No fundo, regozijava-se, tenho a certeza. - Mas não é o dinheiro o principal na vida, senhor Copperfield. Na realidade, as minhas modestas faculdades não me permitem explicar melhor - rematou ele, ao mesmo tempo que o corpo, agitado por um abalo nervoso, tomava uma atitude servil.

Concluído o discurso, apertou a minha mão, não como toda a gente, mas sacudindo-a a distância, de alto a baixo, como a picota de uma bomba de que se tivesse certo receio em manejar. Em seguida iniciou outra oração:

- Não acha o doutor Wickfield com esplêndido aspecto? Os anos passam sem deixar marca na nossa casa, senhor Copperfield, a não ser que elevam os humildes... isto é, minha mãe e eu - ajuntou. - E também fazem desabrochar a beleza, isto é, a menina Agnes...

Fez tal trejeito após este madrigal que a tia Betsey, que o observava, perdeu por completo a paciência.

- Diabos o levem! - exclamou. - Que é que tem? Choques eléctricos?

- Desculpe, senhora Trotwood - respondeu Uriah. - Compreendo que esteja nervosa.

- Deixe-me em paz! - intimou a tia Betsey, cada vez mais irritada - e não torne a chamar-me nervosa, que não sou.

Se o senhor é enguia, então proceda como uma enguia; mas, se é homem, tome cuidado com os gestos! - concluiu a tia, furiosissima. - Não consinto que um saca-rolhas... ou uma serpente... me faça perder a cabeça.

Heep, como aconteceria a outro qualquer no seu lugar, ficou desconcertado com aquela explosão, cujo efeito foi ainda consideravelmente aumentado pela raiva que a tia manifestava. Betsey agitava-se na cadeira e brandia a cabeça como se fosse atirar-se a ele. Mas Heep chamou-me de parte para dizer com voz humilde:

- Bem sei, senhor Copperfield, que a senhora Trotwood, excelente pessoa como é, possui um génio irascível. Conheci-a antes do senhor, quando eu era modesto empregado, e não admira que a situação actual lhe provoque o mau humor. Até me espanta que não esteja pior. Vim apenas dizer que, se lhe pudermos ser úteis nas circunstâncias presentes, eu, ou minha mãe, ou o escritório de Wickfield & Heep, ficaremos muito satisfeitos. Posso falar assim, não é verdade? - perguntou ao doutor Wickfield.

- Uriah Heep - explicou este com ar constrangido - desempenha na casa um papel muito activo. Apoio sem reservas o que ele acaba de dizer. Você, Trot, sabe que sempre me interessei por si e pela sua tia.

- Que bela recompensa - comentou Uriah - esta de inspirar semelhante confiança! Espero, senhor Copperfield, aliviar o doutor Wickfield de boa parte do seu trabalho.

- Heep é-me deveras útil - confirmou o advogado, com a. mesma voz sufocada. - Descarrega-me de um grande peso. É uma sorte ter um sócio como ele.

O astucioso Uriah forçava-o a dizer tudo aquilo, bem o sabia eu. No seu rosto via-lhe o sorriso mau tão meu conhecido. O homem observava-me com a maior atenção.

- Vamo-nos embora, papá? - insinuou Agnes. - Seguimos a pé e Trot acompanha-nos.

Creio que o advogado consultaria o seu sócio, pelo menos com o olhar, se o outro se não adiantasse.

- Tenho um encontro, para tratar de negócios - disse ele. - Senão gostaria muito de ficar com os meus amigos. Mas deixo o doutor a representar a nossa firma. Sempre às suas ordens, menina Agnes. Senhor Copperfield, adeus, e os meus respeitos à senhora Trotwood.

Com estas palavras, Heep retirou-se, depondo-lhe um beijo na mão larga; e a sua expressão, quando ele nos fitou, assemelhou-se à de uma carranca.

Demorámo-nos uma hora ou duas a conversar acerca dos bons tempos de outrora em Cantuária. O doutor Wickfield, ao ficar só com Agnes, voltou a ser mais semelhante a si próprio, apesar de certo abatimento de que não lograva descartar-se. Entretanto reanimou-me e manifestou sincero prazer em ouvir-nos recordar pequenos incidentes da nossa vida de então, de que em geral se lembrava bem. Disse-me que equivalia regressar a essa época achar-se sozinho comigo e a filha. Quem lhe dera, notou, que não houvesse mudado nada! Estou

persuadido de que a imagem plácida de Agnes e o simples contacto da sua mão no braço do pai exerciam neste uma influência miraculosa.

A tia Betsey, ocupada todo esse tempo no outro quarto, com Peggotty, não os pôde acompanhar ao domicílio, mas insistiu comigo por que o fizesse, e eu obedeci. Jantámos juntos e, depois, Agnes sentou-se ao lado do pai, como antigamente, e serviu-lhe o vinho. Wickfield tomou apenas o que ela lhe deu e nada mais, e nós três ficámos a admirar, pela janela, o cair da tarde. Quando começou a escurecer, o advogado estirou-se num canapé: de volta à janela, ainda estava luz suficiente para que eu lhe visse brilhar lágrimas nos olhos.

Peço a Deus que nunca me faça esquecer o amor e a fidelidade desta adorada rapariga, nesse período da minha existência; pois, se tal sucedesse, era que o meu fim se aproximava, e seria então a altura em que eu mais me desejaria lembrar. Agnes enchia-me a alma de resoluções excelentes, fortificava de tal maneira a minha fraqueza com o seu exemplo, dirigia tão bem (não sei como, visto ser tão modesta para me dar conselhos frequentes) o ardor vagabundo e a energia sem fito do meu coração, que julgo poder afirmar solenemente que lhe devo o pouco de probidade de que me revesti e todo o mal de que me abstive.

Sentada no poial da janela, na obscuridade, Agnes falou-me de Dora. Escutou os elogios que teci a respeito desta, louvou-a por seu turno, e espalhou sobre a fadazinha alguns raios de pura luz que me fizeram considerá-la ainda mais preciosa e mais inocente. Ó Agnes, irmã da minha infância, se eu tivesse sabido então o que soube muito tempo depois...

Quando saí, estava um pedinte na rua. Pensei nos olhos calmos e angélicos que deixava, virei a cabeça para a janela e estremeci no momento em que o mendigo murmurou, como se fosse o eco de palavras pronunciadas de manhã:

- Cego, cego!

XXXVI. ENTUSIASMO

Comecei o dia seguinte por outro mergulho no balneário romano; em seguida parti para Highgate. Já não estava abatido, já não tinha medo de um sobretudo esfiapado, já nem sentia saudades do corcel veloz. Mudara por completo a minha maneira de interpretar o nosso recente revés. Devia provar à tia Betsey que a sua bondade, demonstrada até aí, não fora mal aproveitada por um ser ingrato, sem coração. Precisava de me servir da triste disciplina aprendida na infância para poder trabalhar resolutamente. Necessitava de pegar no machado e abrir caminho através da floresta de dificuldades, abatendo as árvores que me separavam de Dora. E estuguei o passo, como se o andar rápido bastasse para realizar tudo isso.

Quando me achei na estrada familiar de Highgate, embrenhado num empreendimento tão diverso do giro agradável a que ela estava associada, pareceu-me que uma alteração radical surgira na minha vida. Mas não desanimei. Com uma existência nova vinham, novos interesses, novos desígnios. Grande era o esforço, porém incalculável a recompensa, visto que Dora era essa recompensa e que se fazia mister ganhá-la.

Acabei por me sentir arrebatado, ao ponto de ter pena de que o meu sobretudo ainda não estivesse no fio. Gostaria de cortar essas árvores da floresta das dificuldades em circunstâncias tais que se demonstrasse a minha força. Tive vontade de pedir a um operário que britava pedras no caminho que me emprestasse o martelo por momentos a fim de que eu trabalhasse uma senda que me transportasse até Dora. Esfalfava-me e estimulava-me a tal ponto que se me afigurou haver já obtido não sei que quantia. Foi neste estado que, descobrindo uma vivenda com o letreiro «Aluga-se», aí entrei e a examinei meticulosamente, experimentando a necessidade de ser um homem prático. A casa serviria bem para mim e para Dora, com o seu jardinzito em que Jip poderia correr e ladrar, e o seu quarto amplo no primeiro andar para a tia Betsey. Saí de lá mais entusiasmado do que nunca e tão ágil que me precipitei para Highgate com tamanha velocidade que cheguei uma hora mais cedo. Mesmo assim retardei a marcha para me acalmar antes de me tornar apresentável.

O meu primeiro cuidado, depois destes preparativos, foi procurar a casa do doutor Strong. Não ficava na parte de Highgate em que vivia a senhora Steerforth, mas do lado oposto. Feita esta descoberta, e levado por uma força irresistível, dirigi-me para o caminho que ladeava a residência dos Steerforths, e

olhei por cima do muro do jardim. As portas da estufa estavam abertas e Rosa Dartle, em cabelo, ia e vinha em passo vivo e impetuoso por um passeio de saibro que cercava o relvado. Deu-me a impressão de um animal selvagem movendo-se sem descanso até ao fim da corrente que o prendia.

Deixei cautelosamente o meu posto de observação, e, abandonando o lugar (arrependido de ali haver estacionado), dei umas voltas até às dez horas: nesse tempo ainda não existia o relógio no alto do outeiro, mas uma velha casa de tijolo encarnado, se bem me recordo, que servia de escola.

Ao aproximar-me do domicílio do doutor Strong, bonito edifício antigo que lhe devia ter custado muito dinheiro, a avaliar pelos melhoramentos acabados de realizar, vi-o passear no jardim, com as suas polainas e o resto, como se continuasse sempre a mesma vida deste os tempos do colégio. Rodeavam-no os companheiros de outrora: as árvores, grandes, da vizinhança, e duas ou três gralhas, tal como se as de Cantuária tivessem escrito a estas, a recomendar o amigo e a pedir que o vigiassem.

À distância a que eu estava não podia esperar que ele desse conta da minha presença, de maneira que resolvi abrir o portão e ir até onde o professor se encontrava. Quando me enfrentou, olhou-me com ar absorto durante uns minutos, evidentemente sem pensar em mim: depois reconheceu-me e agarrou-me nas duas mãos.

- Viva, caro Copperfield! Está um homem! Como tem passado? Agrada-me deveras tornar a vê-lo. Mas mudou tanto... Está realmente... oh, meu Deus!

Disse-lhe que esperava gozasse de boa saúde, assim como a esposa.

- Sim, sim, Annie vai bem, vai apreciar a sua visita. Você sempre foi o seu predilecto. Ainda ontem o confirmou, ao ler a sua carta. Pois, pois... Lembra-se do Jack Maldon?

- Perfeitamente, senhor doutor.

- Pois, pois... Ele também.

- Também voltou?

- É verdade, da índia. Não pôde suportar o clima. E a senhora Markleham... não se esqueceu da senhora Markleham?

Esquecer-me do Veterano?! Em tão pouco tempo!

- A senhora Markleham - continuou o doutor Strong - estava bastante contrariada, de forma que o mandámos buscar, e conseguimos-lhe um emprego

que lhe convirá melhor.

Eu conhecia suficientemente Jack Maldon para concluir que esse emprego devia ser uma sinecura. O professor, andando cá e lá, com a mão no meu ombro, e de rosto virado para mim, como se a animar-me, prosseguiu:

- Agora, caro Copperfield, falemos dessa proposta que você me fez. É muito lisonjeira para mim e regozijar-me-ia a valer.

Mas não lhe parece que pode descobrir coisa melhor? Foi aluno distinto, está apto para largos voos. Tem base para arcar com maiores responsabilidades. Não será pena sacrificar a primavera da sua existência ao trabalho modesto que lhe posso oferecer?

Não perdi o entusiasmo e, num estilo que julgo ter sido declamatório em excesso, apoiei o meu requerimento com veemência, observando ao doutor Strong que já tinha uma profissão.

- Tem razão - retorquiu ele. - É certo que o facto de ter uma carreira em vista (e de em breve completar o estágio para a exercer) modifica o aspecto das coisas. Mas, meu caro e juvenil amigo, que são setenta libras por ano?

- Duplica os nosos rendimentos, senhor doutor.

- Meu Deus! Quem imaginaria isso? Não é que a soma seja essa rigorosamente, porque a minha intenção era gratificar o rapaz a quem eu desse este emprego. Sem dúvida! - exclamou o professor, conduzindo-me sempre no seu passeio, com a mão em cima do meu ombro. - Sem dúvida. Sempre admiti a hipótese de uma gratificação anual.

- Senhor doutor - redargui (já sem estilo grandiloquente) - já lhe devo tantos favores...

- Não, não - acudiu ele, cortando-me o discurso.

- Se consentir em aproveitar o tempo de que disponho, isto é, as minhas manhãs e os serões, e se julgar que isso vale setenta libras por ano, prestar-me-á um serviço que nem sei como agradecer.

- Meu Deus! - murmurou pensativamente o doutor Strong. - Não sabia que tão pequena soma de dinheiro tinha tanto valor para alguém. Mas, se encontrar melhor, peço-lhe que aceite. Dê-me a sua palavra - concluiu ele, retomando a forma solene de que usava para incitar a honra dos rapazes.

- Dou-lhe a minha palavra - respondi como no colégio.

- Então, está combinado - disse o doutor, com uma pancadinha no meu

ombro, onde deixou a mão poisada durante todo o nosso passeio.

E eu, com uma pontinha de lisonja (decerto inocente), repliquei: - Serei vinte vezes mais feliz se for do dicionário que eu tenha de me ocupar.

Strong parou, tornou a dar-me uma pancadinha no ombro, e volveu com um ar de triunfo que tanto me agradou ver – como se eu houvesse atingido o próprio fundo da sagacidade humana.

- Adivinhou, meu amigo, é realmente do dicionário que se trata!

Como é que poderia ser outra coisa? As algibeiras do professor estavam tão repletas como a cabeça. O dicionário transbordava-lhe por todos os lados.

Explicou-me que, depois de haver deixado o ensino, avançara prodigiosamente no livro. Nada lhe podia convir mais do que a minha proposta de trabalho de manhã e à noite, visto que tinha por hábito passear durante o dia, meditando. Os papéis tinha-os um tanto em desordem, porque ultimamente Jack Maldon lhe oferecera os seus serviços uma vez por outra, como secretário, e o primo não era pessoa acostumada a uma tarefa daquela natureza; mas nós poríamos em breve a papelada em ordem e, seguidamente, tudo deslizaria como em cima de veludo. Mais tarde, quando a nossa faina cresceu, percebi que as tentativas ãe Jack Maldon haviam sido mais prejudiciais do que o supusera: não só cometera vários erros como desenhara tantas cabeças de soldados e de mulheres no manuscrito do doutor que eu, por diversas vezes, me perdi em labirintos de obscuridade.

Strong rejubilava com o facto de trabalhar nessa obra-prima, e nós marcámos entrevista para o dia seguinte, às sete horas da manhã. Devíamo-nos ocupar do dicionário todas as manhãs e duas ou três horas à noite, excepto ao sábado, em que eu descansaria. E, naturalmente, também no domingo. Estas condições pareceram-me muito brandas.

Feitos estes planos para mútua satisfação, o doutor convidou-me a entrar em casa. Encontrámos a mulher no escritório, a espanejar os livros, liberdade que ele não consentia senão à esposa, pois aqueles objectos eram-lhe sagrados.

Por minha causa, anteciparam a hora do primeiro almoço. Sentámo-nos os três à mesa. Mal nos instalámos, notei no rosto da senhora Strong a aproximação de alguém antes de ouvir o mínimo ruído. Chegou um cavaleiro ao portão e, com a rédea enfiada no braço, conduziu o animal para um pátio interior, como se estivesse na sua casa, e prendeu-o na argola fixa à parede da cavalariça vazia; depois entrou na casa de jantar, ainda de chicote na mão. Era Jack Maldon. «A índia não lhe fez bem», disse de mim para mim. Deve-se reconhecer que eu

considerava com virtuosa ferocidade todos os rapazes inaptos para abater as árvores da floresta das dificuldades: por isso esta minha impressão deve ser recebida com todas as reservas.

- Jack - disse o doutor - lembra-se do Copperfield? Maldon apertou a minha mão, porém sem entusiasmo, com uma indiferença superior que intimamente me magoou. Todavia a sua indiferença era um espectáculo digno de ser visto, só mudava de atitude quando se dirigia à prima Annie.

- Já almoçou? - perguntou-lhe o dono da casa.

- Raras vezes almoço - respondeu ele, com a cabeça reclinada no espaldar da poltrona. - É coisa que me enfada.

- Há novidades hoje?

- Nada, doutor. Parece que, pelo Norte, lavra a fome e o descontentamento. Mas há sempre, em toda a parte, pessoas descontentes e esfomeadas.

Strong tomou um ar grave e disse, para mudar de assunto:

- Com que então não há novidades. E, não as havendo, é bom sinal.

- Os jornais referem-se com minúcia a um assassínio. No entanto, assassina-se sempre este ou aquele, de maneira que não li.

Nesse tempo, a afecção de desdém pelos actos e paixões da humanidade não era considerada coisa tão distinta como hoje. Algumas senhoras elegantes adoptaram com tanto êxito esta atitude, assim como alguns senhores meus conhecidos, que bem podiam ter nascido toupeiras cegas. Mas como então era novidade para mim, fiquei impressionado, sem que todavia isso me desse melhor conceito do senhor Jack Maldon ou aumentasse a minha confiança nele.

- Vim saber se a Annie gostaria de ir esta noite à ópera - disse Maldon, voltando-se para a senhora Strong. - Será a última récita boa da temporada. Há uma cantora que vale a pena ouvir; canta na perfeição, e, além disso, é deliciosamente feia - concluiu ele, recaindo na sua indolência.

O doutor, sempre contente com tudo que pudesse agradar à mulher, virou-se também para ela e aconselhou:

- Deves ir, Annie.

- Preferia não ir - replicou Annie - e ficar em casa. Gostava muito mais de ficar em casa!

Sem olhar para o primo, ocupou-se de mim e pediu notícias de Agnes: se a veria, se havia qualquer probabilidade de ela aparecer nesse mesmo dia. E estava

tão agitada que me admirei de que o marido, que nesse momento punha manteiga no pão, não desse fé do que entrava pelos olhos dentro.

Mas nada viu. Disse jovialmente que ela era nova, que se devia distrair, sem se deixar aborrecer por um velho enfadonho. Demais a mais, acrescentou, desejava ouvi-la cantar todas as árias dessa actriz, e como poderia desempenhar-se convenientemente do encargo sem ir à ópera? Deste modo o doutor insistiu por que a mulher aceitasse o convite e pediu a Jack Maldon que fosse jantar com eles. Daí a pouco, este último regressou ao seu emprego (suponho eu), mas a verdade é que foi a cavalo, como se não tivesse nada que fazer.

Tive curiosidade de saber, no dia seguinte, se Annie saíra. Não. Descartara-se do convite e fora visitar Agnes, insistindo com o marido para que a acompanhasse. Tinham voltado pelo campo, contou-me o doutor, porque a noite estava deliciosa. Pensei se, no caso de Agnes não se encontrar na cidade, ela teria ido ao teatro, e qual seria a influência que no seu espírito exercia aquela boa amiga.

Annie não mostrava aparência muito feliz, mas o rosto infundia honestidade... ou então uma impostura muito grande. Observei-a muitas vezes, pois ficara sentada defronte da janela durante todo o tempo em que trabalhámos, e preparou-nos o primeiro almoço, que tomámos sem largar a nossa tarefa. Às nove horas, quando parti, Annie estava ajoelhada aos pés do marido a fim de o calçar e lhe pôr as polainas. Folhas verdes, sombreando a janela aberta do quarto, davam-lhe às faces um tom suave. Pelo caminho, vim a pensar naquela noite em que a vira contemplar o doutor enquanto ele lia.

Não me faltava ocupação. De pé logo às cinco horas, só recolhia às nove ou dez da noite. Mas experimentava imensa satisfação em estar assim ocupado. Nunca andava devagar; quanto mais me fatigasse, mais mereceria Dora, pensava. Ainda não me apresentara em casa dela no meu novo papel: como Dora devia visitar a senhora Mills daí a dias, eu retardava para essa altura o que tinha de lhe dizer, limitando-me a anunciar-lhe por escrito (a nossa correspondência secreta passava pelas mãos da amiga) que havia muitas coisas para contar. Entretanto, economizava o cosmético, renunciara por completo ao sabonete e à água de alfazema e vendi com prejuízo considerável três coletes, demasiado luxuosos para a minha vida austera.

Não satisfeito com todos estes sacrifícios e ansioso por fazer mais qualquer coisa, fui procurar Traddles, que morava agora nas águas-furtadas duma casa de Castle Street, em Holborn. Levei comigo o senhor Dick, que já fora também por duas vezes a Highgate, onde reatara a sua amizade com o doutor Strong. Levei-

o, porque, impressionado com o infortúnio da tia Betsey e sinceramente persuadido de que nenhum forçado trabalhava tanto como eu, ele acabara, no meio da sua inquietação, por perder a alegria e o apetite, tanto mais que reconhecia a sua inutilidade. Nestas condições, sentia-se incapaz de acabar algum dia o memorial; e quanto mais se encarniçava nele, mais a desgraçada cabeça de Carlos I porfiava em aí aparecer. Receando seriamente que a sua doença se agravasse se o não convencêssemos, por qualquer trapaça inocente, a crer que nos podia ser útil, decidira averiguar se Traddles nos poderia socorrer naquela conjuntura. Previamente escrevera-lhe para o pôr ao facto do caso e ele respondera-me com um belo testemunho de simpatia e amizade. Achámo-lo em pleno trabalho, rodeado dos seus papéis e do tinteiro e reconfortado com a presença do vaso e da mesinha redonda, que lhe faziam companhia a um canto da modesta instalação. Recebeu-nos muito cordialmente e mostrou-se agradado com o senhor Dick. Este declarou-se convencido de que já o encontrara em qualquer parte e nós ambos retorquimos que era muito provável.

O primeiro ponto sobre que desejava consultar Traddles era este. Eu ouvira dizer que muitos homens que se tinham distinguido, mais tarde, em diversas carreiras, haviam começado como redactores da Câmara dos Deputados.

Como Traddles me observasse uma vez que o jornalismo era uma das suas esperanças, eu aproximara os dois factos e dissera a Traddles, numa carta, que gostaria de saber como poderia iniciar-me naquela profissão. Traddles comunicou-me o resultado do seu inquérito, isto é, que a aquisição da ciência necessária para, na maior parte dos casos, vencer (ou seja, o conhecimento perfeito e completo dos mistérios da estenografia) era tão difícil como o estudo de seis línguas, mas que, à força de perseverança, seria possível obtê-la ao fim de alguns anos. Traddles achava, pois, que o caso estava arrumado. Mas eu, vendo nisso apenas uma oportunidade de abater mais árvores da floresta das dificuldades, resolvi logo abrir caminho para Dora através dessa mata espessa, empunhando o meu machado.

- Agradeço-te muito, caro Traddles - respondi-lhe. - Amanhã principiarei.

Traddles pareceu admirado, e com razão. Mas é que ele não conhecia o entusiasmo que me animava.

- Vou comprar um livro - acrescentei - em que essa arte venha claramente exposta. Estudarei no tribunal, onde nem sempre tenho que fazer. Vou estenografar os discursos dos advogados, para me exercitar. Traddles, meu caro, triunfarei!

- Deus do Céu! - exclamou o meu amigo, de olhos arregalados -, nunca

duvidei da tua energia, Copperfield!

Pensei como é que ele tinha tanta certeza, pois para mim a coisa era inteiramente nova. Mas não insisti e trouxe à balha o senhor Dick.

- Bem vê - disse este, com ar cobiçoso - se eu também pudesse fazer qualquer coisa... nem que fosse rufar tambor ou soprar algum instrumento...

Coitado! Estou certo de que, no fundo, ele teria preferido este género de ocupação a qualquer outro. Traddles, que era incapaz de se rir, volveu calmamente:

- O senhor tem excelente caligrafia. Não foi o que me disseste, Copperfield?

- Excelente - confirmei.

E era verdade, a caligrafia do senhor Dick possuía uma clareza pouco vulgar.

- Não lhe parece que podia fazer cópias, se eu conseguisse arranjar-lhas?

Dick olhou-me incrédulo. Eu abanei a cabeça, e ele pediu-me:

- Fale-lhe do memorial.

Expliquei ao Traddles que se tornava difícil impedir que o rei Carlos I invadisse o manuscrito do senhor Dick. Durante este tempo, o velhote olhava para Traddles com gravidade e respeito, mordendo o polegar.

- Mas as cópias a que me referi são coisas já redigidas, prontas - disse Traddles após uns momentos de reflexão.

- O senhor Dick não teria que recear pela sua composição. Faz, pois diferença, não achas, Copperfield? Fosse como fosse, se se fizesse uma experiência, hem?

Isto deu-nos esperança. Sob o olhar ansioso de Dick, que ficara na sua cadeira, Traddles e eu afastámo-nos para deliberar e elaborar um projecto, em virtude do qual pusemos mãos à obra, no dia seguinte, com êxito triunfal.

Numa mesa perto da janela que dava para Buckingham Street, instalámos o trabalho que Traddles obtivera, o qual consistia em fazer não sei quantas cópias de um documento legal relativo a certo direito de passagem; e, noutra mesa, dispusemos o último manuscrito inacabado do famoso memorial. O senhor Dick devia copiar exactamente o que tinha à sua frente, sem nunca se afastar do original; e, se sentisse a mínima necessidade de aludir a Carlos I, passaria logo para a mesa do memorial. Exortámo-lo a ser firme e deixámo-lo sob a vigilância

da tia Betsey. Esta contou-nos depois que ele lhe parecera um tocador de timbales, dispersando a sua atenção por dois instrumentos, mas que, com o tempo, cansado com essa manobra, se aplicara apenas à cópia, deixando o memorial para ocasião mais favorável. Em resumo: embora tivéssemos o cuidado de não lhe dar mais do que ele poderia fazer, e apesar de ter começado a meio da semana, a verdade é que, no sábado à noite, já ganhara dez xelins e nove dinheiros. Jamais me esquecerei das suas idas a todas as lojas da vizinhança para trocar esses xelins por moedas de cobre e levá-las à tia Betsey numa bandeja, distribuídas em forma de coração, com lágrimas de alegria e orgulho nos olhos.

Desde que pudera ser útil, assemelhava-se a uma pessoa que vivesse sob o efeito de uma encantação. E esse homem de coração grato considerava a minha tia como a mais extraordinária das mulheres e eu como o mais extraordinário dos rapazes.

- Agora não há receio de morrer de fome - declarou ele apertando a minha mão. - Concorrerei para as suas necessidades, Copperfield.

Não sei quem se sentia mais contente, se Traddles se eu.

- Isto fez-me esquecer o senhor Micawber - disse aquele tirando uma carta da algibeira e apresentando-ma.

A carta (Micawber nunca perdia ocasião de escrever cartas) era-me dirigida «ao cuidado do senhor T. Traddles, estudante de Direito». Rezava assim:

«Meu caro Copperfield

«É possível que não conte com a notícia de que aconteceu alguma coisa. Creio ter-lhe dito, no entanto, numa entrevista precedente, que esperava esse acontecimento.

«Estou prestes a estabelecer-me numa cidade de província da nossa ilha afortunada, e cuja sociedade se compõe de uma mistura feliz de agricultores e eclesiásticos. Minha mulher e filhos acompanhar-me-ão. Num futuro mais ou menos remoto encontrarão provavelmente as nossas cinzas no cemitério anexo ao edifício venerável que celebrizou o lugar de que falo.

«Dizendo adeus à Babilónia moderna em que sofremos tantas vicissitudes, creio que, sem desfalecer, eu e minha mulher não podemos esquecer que vamos deixar talvez por anos, talvez para sempre, um ente que poderosos elos ligam ao altar da nossa vida doméstica. Se, na véspera de semelhante separação se dignar vir com o nosso amigo comum senhor Thomas Traddles à nossa residência

actual, para trocarmos os votos adequados, consideraremos um favor feito àquele que será o sempre seu Wilkins Micawber».

Alegrou-me verificar que o senhor Micawber acabara por encontrar qualquer coisa. Como o convite era para essa mesma tarde, declarei-me pronto a aceitar, e nós partimos juntos para os aposentos que Micawber ocupava sob o nome de Mortimer e que ficavam situados no extremo da Gray's Inn Road.

Os recursos desse apartamento eram tão limitados que achámos os gémeos (agora de oito ou nove anos) deitados numa cama de armar, na sala de jantar da família, onde Micawber preparara num jarro de lavatório o que ele intitulava uma «fermentação» da agradável bebida em que era especialista. Tive o gosto, nessa ocasião, de renovar conhecimento com o filho mais velho, rapazinho dos seus doze anos, cheio de promessas e muito atreito àquela turbulência que é doença frequente nos da sua idade. Também reatei relações com a irmã, na qual, como dizia o senhor Micawber, a mãe reencontrava a sua mocidade.

- Depara-nos - disse ele -, em véspera de migração. Há-de desculpar todos os pequenos inconvenientes próprios da circunstância.

Ao lançar uma olhadela circular, para corresponder à observação de Micawber, vi que as coisas de uso já estavam emaladas e que a bagagem formava um conjunto sério. Felicitei a dona da casa pela mudança iminente.

- Meu caro senhor Copperfield - disse ela - nunca duvidei do interesse que tomava pelos nossos negócios. A minha família pode considerar esta mudança como um desterro, mas a verdade é que sou esposa e mãe e jamais abandonaria o meu marido.

Traddles, a quem a senhora Micawber fez apelo com o olhar, aquiesceu com expressão convicta.

- Tal é pelo menos - continuou ela - a maneira como interpreto a obrigação que assumi ao repetir estas palavras irrevogáveis: «Eu, Emma, tomo Wilkins por esposo.» Li o ofício do matrimónio à luz da vela, na véspera do casamento, e a conclusão a que cheguei foi que nunca poderia deixar o meu marido. E ainda que me houvesse enganado nessa interpretação, não volto atrás...

- Querida amiga - interveio Micawber com certa impaciência - não julgo que te peçam semelhante coisa.

- Compreendo - prosseguiu a senhora Micawber - que estou para me estabelecer no meio de estranhos, e sei igualmente por vários membros da

família a quem meu marido escreveu em termos corteses, para lhes anunciar a nossa chegada, que não prestaram a mínima atenção à comunicação feita. É possível, em suma, que eu seja supersticiosa, mas parece-me que o meu marido está destinado a nunca receber respostas, por mais cartas que escreva. Depreendo do silêncio da família que a resolução que tomámos lhe desagrada. Mas não permitiria a ninguém que me desviasse da senda do dever, nem a meu pai ou a minha mãe, se ainda fossem vivos.

Informei-a de que concordava com o que acabava de ouvir.

- Talvez seja um sacrifício isto de nos irmos enterrar numa cidade diocesana; mas, se o é para mim, muito maior será para um homem com as qualidades de Micawber.

- Ah, vão para a sede de uma diocese?

O marido, que nesse momento servia o ponche, explicou: - Para Cantuária. Em resumo, meu caro Copperfield, fiz um contrato, pelo qual me obrigo a servir o nosso amigo Heep na qualidade de... enfim, de seu secretário particular.

Olhei espantado para Micawber, que se divertiu com a minha estupefacção.

- Devo confessar - disse em tom solene - que o hábito dos negócios e os sábios conselhos de minha mulher concorreram em grande parte para este resultado. A luva, de que ela falou noutra ocasião, foi lançada sob a forma de anúncio, e quem a levantou foi o meu amigo Heep, que é homem de grande perspicácia. Ele não fixou a minha remuneração numa categoria muito elevada, mas fez muito para me subtrair à pressão dos embaraços pecuniários em atenção ao valor dos meus serviços. E é no valor desses serviços que eu fundamento a minha confiança. Qualquer habilidade e inteligência que eu possua - continuou Micawber, fingindo-se, com a sua distinção peculiar, pouco seguro dessas qualidades - pô-las-ei ao serviço do meu amigo Heep. Já adquiri alguns conhecimentos das leis, na defesa de processos cíveis, e vou embrenhar-me no estudo dos comentários de um dos jurisconsultos ingleses mais famosos. Acho supérfluo notar que se trata do doutor Blackstone...

Estas observações (como todas, aliás, feitas no decurso daquele serão) foram interrompidas pela senhora Micawber, quando descobria que o filho ou estava mal sentado, ou apoiava os cotovelos na mesa ou dava pontapés, por baixo desta, em Traddles, ou praticava ainda qualquer acto contrário às boas maneiras que se devem ter em sociedade.

Ainda me sentia atordoado com as revelações de Micawber, pensando o que poderia estar ,no fundo disso, quando a mulher dele retomou o fio da conversa e

me chamou a atenção.

- O que peço instantemente ao meu marido é que, votando-se a esse ramo subordinado de Direito, não deixe de se elevar, no fim de contas, a voos mais altos. Estou convencida de que se distinguirá se se aplicar a uma profissão bem adaptada ao seu espírito engenhoso e facilidades de oratória. Por exemplo, senhor Traddles - rematou a senhora Micawber com ar compenetrado - as funções de juiz, ou mesmo ministro da Justiça... Acha que uma pessoa que aceitou um lugar como o que vai desempenhar o meu marido renuncia voluntariamente a outras dignidades mais importantes?

- Querida amiga - atalhou Micawber (que todavia também olhava para Traddles com ar interrogador) - temos tempo suficiente para considerar esses problemas...

- Não, Micawber, não! O teu erro na vida foi sempre não veres suficientemente longe. Os teus deveres para com a família, senão para contigo mesmo, obrigam-te a abranger com olhar amplo o ponto do horizonte mais afastado, aonde te poderão conduzir as tuas capacidades.

Micawber tossiu e tomou o seu ponche com ar extremamente satisfeito, olhando no entanto para Traddles, como se quisesse saber a sua opinião.

- Pois bem, para falar com franqueza, minha senhora - disse Traddles, desejoso de lhe dar a verdade com prudência - a prosaica realidade... não sei se me entende...

- Precisamente, caro senhor Traddles, o que pretendo é conhecer a realidade, por mais prosaica que for, acerca de um assunto tão importante.

- É que - prosseguiu Traddles - esse ramo do Direito, ainda que o senhor Micawber fosse advogado provisionário...

- Vá, diga. - E, voltando-se para o marido: - Wilkins, estás a entortar os olhos. Como podes ver as coisas com clareza?

- ... não teria qualquer relação com as suas funções a que se refere. Só um advogado formado é capaz de subir a essas dignidades. E o senhor Micawber teria de estudar Direito durante cinco anos, numa Faculdade...

- Vejamos se o percebo bem - replicou a senhora Micawber, com gravidade mas sempre afável. - Ao fim desse prazo, caro senhor Traddles, o meu marido estaria apto a ser juiz ou ministro?

- Decerto, minha senhora.

- Obrigada. Se Micawber não renuncia a nenhum privilégio ao aceitar este emprego, já eu não me sinto preocupada. Falo como mulher, é evidente, porém sempre reconheci no meu marido aquilo que o meu papá classificava de espírito jurídico. Espero que ele se estreie agora numa carreira em que esse espirito se possa desenvolver e conduzi-lo a uma situação eminente.

Creio que de facto Micawber se via já sentado na tribuna ministerial da Câmara. Passou com ar condescendente a mão pelo crânio calvo e disse com resignação que não excluía a verdade:

- Querida amiga, não antecipemos os decretos da Providência. Se estou destinado a usar peruca, a natureza ao menos preparou-me para essa distinção - disse ele aludindo à calvície e à cabeleira de advogado ou juiz. - Não lamento a falta de cabelo, porque talvez fosse privado dele intencionalmente. Como pretendo fazer do meu filho um membro da Igreja, não nego que me seria agradável atingir uma situação elevada.

- Da Igreja? - repeti, pensando ao mesmo tempo em Uriah Heep.

- Sim, senhor. Como tem boa voz, destino-o primeiramente ao coro. A nossa residência em Cantuária e as nossas relações locais permitir-lhe-ão sem dúvida aproveitar a primeira vaga no magistério da Catedral.

Olhando de novo para o jovem Micawber, pareceu-me que, pela sua expressão, se poderia supor que a voz lhe vinha detrás das sobrancelhas, donde julguei realmente que procedia quando ele nos cantou (sendo-lhe permitido escolher entre isso e o ir para a cama) a Canção do Pica-Pau. Seguiram-se muitas felicitações, e depois a conversa generalizou-se. Eu pensava tanto nos meus projectos que não resisti a revelar os percalços financeiros da minha tia. Os Micawbers regozijaram-se com esta notícia inesperada e foi com satisfação que me encheram de consolações e me testemunharam a sua pena.

Por altura da última rodada de ponche, voltei-me para Traddles a fim de lhe lembrar que não devíamos partir sem desejar aos nossos amigos saúde e êxito na nova residência. Pedi a Micawber que nos enchesse os copos e fiz um brinde pomposo, apertando a mão dele por cima da mesa e beijando a senhora Micawber para celebrar aquele dia memorável. Traddles imitou-me na primeira das manifestações, mas não se considerou bastante íntimo para se permitir a segunda.

- Meu caro Copperfield - começou Micawber levantando-se, com um polegar enfiado em cada uma das algibeiras do colete - você, o companheiro da minha mocidade, se assim me posso exprimir, e o meu estimável amigo

Traddles, se me é lícito tratá-lo deste modo, consintam que em meu nome, como no de minha mulher e da nossa prole, eu agradeça os seus votos tão calorosos e espontâneos. É natural que na véspera de uma partida que há-de inaugurar para nós uma existência inteiramente nova - dir-se-ia que Micawber embarcava para os antípodas - dirija algumas palavras de despedida a dois amigos como os que tenho à minha frente. Mas tudo o que poderia expressar neste sentido já o fiz. Qualquer dignidade que eu atinja graças à profissão douta de que me vou tornar indigno representante, esforçar-me-ei por não a desmerecer, e minha mulher conta ser dela o necessário ornamento. Sob a pressão momentânea de obrigações pecuniárias, contraídas na esperança de uma liquidação imediata mas não solucionada ainda devido a um concurso de circunstâncias infelizes, vi-me constrangido a adoptar um acessório que repugna à minha natureza (refiro-me aos óculos) e a usar um nome a que legitimamente não aspiro. Tudo quanto quero dizer neste capítulo é que as nuvens já não obscurecem a triste paisagem e que o Sol reapareceu no alto dos montes. Na próxima segunda-feira, ao chegar a diligência das quatro horas a Cantuária, o meu pé poisará no solo natal e o meu nome voltará a ser Micawber!

Micawber sentou-se depois deste discurso e tomou dois copos de ponche seguidos. Então acrescentou com solenidade:

- Resta-me fazer uma coisa antes desta separação, e é um acto de justiça. O meu amigo Thomas Traddles por duas vezes subscreveu (se ouso empenhar uma expressão técnica) letras de que eu era devedor. Da primeira, pagou a totalidade; da segunda o prazo ainda não expirou. - Consultou cuidadosamente alguns apontamentos e disse: - A soma daquela foi, se não me engano, de vinte e três libras, quatro xelins e nove dinheiros e meio. Da segunda, conforme o levantamento que fiz, é de dezoito libras, seis xelins e dois dinheiros, o que faz, quanto a ambas, um total de quarenta e uma libras, dez xelins e onze dinheiros e meio. Meu caro Copperfield, quer ter a bondade de verificar? Fiz o que me pedia e declarei que estava certo. - Se eu deixasse esta metrópole e o meu amigo senhor Thomas Traddles sem me desonerar dessas obrigações, levaria um grande peso na consciência. Por isso preparei, para o amigo senhor Thomas Traddles, um documento que tenho aqui na mão e que satisfaz a intenção que pretendo, é, pois, com muito prazer que entrego ao meu amigo senhor Thomas Traddles um título de dívida de quarenta e uma libras, dez xelins e onze dinheiros e meio. Regozijo-me por recuperar a minha dignidade moral e por saber que posso de novo seguir de cabeça erguida à frente dos meus semelhantes.

Depois destas palavras (que a ele mesmo comoveram profundamente), o senhor Micawber colocou o documento nas mãos de Traddles e desejou-lhe

felicidades em todos os empreendimentos. Estou convencido não só de que ele se julgou desonerado mas o próprio Traddles só se compenetrou da verdade depois de ter reflectido no caso.

E assim, orgulhoso da sua acção, Micawber pareceu crescer, pareceu ter o peito mais largo, quando veio ao patamar alumiar-nos. Despedimo-nos com muita cordialidade de parte a parte. E quando vi Traddles entrar em casa, e fiquei só, pensei, entre outras coisas estranhas e contraditórias, que devia sem dúvida à circunstância de Micawber me ter conhecido criança e eu lhe haver inspirado compaixão o facto raro de nunca me embair com negócios daquela ordem. Faltar-me-ia decerto a coragem moral para lhe recusar dinheiro e, digamo-lo em seu favor, ele sabia-o tão bem como eu.

XXXVII. UM BALDE DE ÁGUA FRIA

A minha existência nova, passada que foi uma semana, fortalecera-me nas grandes resoluções práticas que a catástrofe económica me fizera tomar. Continuei a andar célere de um lado para o outro e a sentir que, no fim de contas, tudo ia bem. Impus-me a obrigação de empregar todos os esforços de que era capaz e alcei-me a uma espécie de mártir. Cheguei, por momentos, a admitir a ideia de me tornar vegetariano, levado pela impressão de que assim me sacrificava mais a Dora.

Esta, contudo, ainda ignorava a minha coragem desesperada, excepto o que pudesse depreender de vagas alusões epistolares. Mas chegou outro sábado e, nessa noite, eu devia encontrá-la em casa da senhora Mills. Logo que o pai saísse para ir ao seu clube de whist (partida que me seria indicada pelo aparecimento de uma gaiola na janela da sala), eu devia entrar para tomar chá com elas.

Entretanto havíamo-nos instalado todos na Buckingham Street, onde o senhor Dick prosseguia nas suas cópias, perfeitamente feliz. A tia Betsey obtivera sobre a senhora Crupp uma vitória notável: desterrou-a para a cozinha, atirou pela janela fora a primeira bilha que a outra pôs nos degraus e protegeu-se, à descida e subida da escada, com uma serviçal que contratou directamente. Estas providências enérgicas persuadiram a dona da casa de que a minha tia era louca, mas o caso é que a senhora Trotwood mostrava a maior indiferença pela opinião da outra e do resto do mundo, e assim a senhora Crupp, dantes tão ousada, ficou em poucos dias mansa como um cordeiro: a sua recente cobardia levava-a a esconder-se nas portas (deixando todavia parte da saia de fora) ou a meter-se pelos cantos escuros à aproximação da sua inimiga. A tia ficava tão satisfeita com isto que errava de propósito pela casa, com a touca excentricamente ao lado, quando julgava provável encontrar a senhora Crupp no meu caminho.

Com o seu espírito de ordem e o seu raro engenho, a tia Betsey concorreu com tantos melhoramentos na minha instalação -que eu, longe de me sentir pobre, tinha a impressão de ser mais rico. Entre outras coisas, transformou-me a despensa em quarto de vestir; e comprou-me uma armação de cama que se parecia tanto com uma estante, de dia, quanto uma cama pode parecê-lo. Eu era objecto da sua solicitude incansável. A minha própria mãe não gostaria mais de mim nem diligenciaria tanto para me tornar feliz.

Peggotty honrara-se com a parte que havia tomado nestes trabalhos. Sem estar inteiramente liberta do terror que a senhora Trotwood lhe inspirava, recebera dela imensas provas de estímulo e confiança, suficientes para que as duas se tornassem excelentes amigas. Chegara, porém, a ocasião de voltar para o seu lar, a fim de cumprir as obrigações que assumira para com Ham. Isto passava-se no sábado em que eu devia ir tomar chá a casa da senhora Mills.

- Até à vista, Barkis - disse a tia Betsey - e trate de si! Nunca pensei que pudesse vir um dia em que eu tivesse saudades de você.

Acompanhei Peggotty até à diligência, para a ver partir. Ela chorou ao deixar-me, e, como fizera Ham, confiou o irmão aos meus cuidados. Nunca recebêramos notícias dele desde a sua partida por uma bela tarde soalheira.

- E agora, menino David - disse a minha velha criada - se precisar de dinheiro durante o estágio ou se, no fim dele, necessitar de se estabelecer (o que lhe há-de acontecer num caso ou noutro, ou em ambos), quem mais direito terá de lhe ser útil do que eu?

Não era grande a minha independência para declarar que nunca pediria um empréstimo senão a ela; mas compreendi que aceitar de Peggotty uma boa soma seria proporcionar-lhe uma sensação de tranquilidade.

- E diga à sua querida que eu daria tudo para a ver, nem que fosse por um minuto. E diga-lhe também que, autorizada pelos dois, virei preparar-lhes o ninho e vestir a noiva condignamente.

Assegurei-lhe que não deixaria mais ninguém ocupar-se dessa função, o que muito agradou a Peggotty. E assim ela partiu contentíssima.

Usei de meios vários para me distrair nesse dia no tribunal, e à noite, à hora aprazada, alcancei a rua em que habitava o senhor Mills. Este, que tinha o hábito censurável de dormir depois do jantar, ainda não saíra e não havia, portanto, gaiola à janela da sala. Fez-me esperar tanto que desejei o multasse o clube pelo atraso. Por fim veio para a rua. Vi então a minha Dora suspender a gaiola e aparecer na varanda, para dar uma vista de olhos; vendo-me, porém, retrocedeu logo para o interior, ao passo que Jip continuava ali, ladrando furiosamente por causa de um canzarrão do magarefe, que o teria devorado como quem engole uma pílula.

Dora veio ao meu encontro, à porta da sala, e Jip saiu a rosnar, imaginando que eu era um ladrão. Entrámos todos três tão alegremente e ternamente quanto possível; mas depressa semeei a desolação no meio da nossa alegria (sem querer) perguntando a Dora, e sem a mínima preparação, se ela poderia amar um

indigente.

A minha mais-que-tudo ficou apavorada. A palavra, para ela, evocava apenas uma face macilenta sobreposta de um barrete de dormir, e um par de muletas ou perna de pau, com um cão de bandeja na boca ou algo deste género. Olhou-me com um ar deliciosamente surpreendido.

- Como pode perguntar-me semelhante disparate? - disse com uma carinha de amuo. - Amar um indigente?!

- Dora, querida Dora, o indigente sou eu!

- Não seja tontinho - replicou Dora, batendo-me na mão. - Vir para aqui dizer tontices! Vou dar ordem ao Jip para que o morda.

Os seus modos infantis afiguraram-se-me deliciosos. Mas precisava de ser explícito. Por isso repeti solenemente:

- Dora, meu anjo, o teu David está arruinado!

- Palavra que mando o Jip dar-lhe uma dentada - insistiu ela agitando os caracóis. - Deixe de ser ridículo.

Eu, porém, tinha o ar tão sério que Dora cessou de agitar os caracóis, colocou a mãozinha trémula no meu ombro, pareceu de começo assustada e inquieta e acabou por desatar num choro. Foi terrível. Caí de joelhos diante do sofá, acariciando-a e suplicando-lhe me não partisse o coração. Mas durante momentos a pobrezinha só pôde balbuciar: «ó meu Deus, meu Deus!» E estava tão estarrecida! Onde se teria metido Julia Mills? Esta é que poderia valer-lhe. Sentia-me quase fora de mim.

Finalmente, após súplicas e protestos veementes, consegui que Dora me fitasse: fê-lo com aspecto horrorizado, mas a pouco e pouco não pôde deixar de me exprimir a sua ternura. Daí a instantes encostara à minha a face adorada. Então cingi-a nos braços e disse-lhe que a amava tanto, tanto, que julgava necessário restituir-lhe a palavra dada, visto achar-me presentemente sem recursos; que não suportava a ideia de a perder; que não temia a pobreza, se ela a não temesse também; que já trabalhava com uma coragem que só os apaixonados conhecem; que começara a ser prático e a enfrentar o futuro; que uma côdea bem ganha era melhor que um festim herdado; e muitas outras coisas deste género, que proferi numa explosão de eloquência de que eu mesmo me surpreendi, embora já pensasse em tudo isso desde o dia em que a tia Betsey me causara tanto espanto com as suas revelações.

- O teu coração pertence-me sempre, querida Dora? - perguntei enlevado,

pois compreendia que assim era pela maneira como se apertava contra mim.

- Sim, sim, é só teu. Mas não me metas horror...

- Eu, meter horror? E a ti?

- Não repitas isso de ser pobre e de trabalhar sem descanso - explicou Dora, cingindo-se mais a mim. - Não e não!

- Minha querida, uma côdea que se ganhou honestamente..

- Sim, bem sei. Mas não quero ouvir falar de côdeas, e o Jip tem de comer a sua costeleta de carneiro todos os dias, à hora costumada, sem o que pode morrer.

Enfeitiçava-me aquela puerilidade encantadora. Sosseguei-a, dizendo que o Jip teria a sua costeleta com a regularidade habitual. Descrevi-lhe o nosso lar, ao qual o meu labor asseguraria a independência; evoquei a casita que vira em Highgate e a tia Betsey no quarto do primeiro andar.

- Já não causo horror? - perguntei ternamente.

- Oh, não! - respondeu Dora. - Mas espero que a tua tia fique a maior parte do tempo no seu quarto e que não seja uma velha muito rabugenta.

Se era possível, creio que o meu amor ainda aumentou mais. Notei, todavia, que à rapariga faltava senso prático, e o meu ardor de neófito arrefeceu quando vi a dificuldade que havia em lho transmitir. Fiz nova tentativa. Quando ela sossegou e começou a brincar com as orelhas do cachorro, deitado a seus pés, tomei um aspecto grave e disse-lhe:

- Meu amor, posso pedir-te uma coisa?

- Ah, por favor, não recomeces a ser prático, é uma coisa que assusta tanto!

- Não há motivo para alarmes. Gostaria que aceitasses o facto de maneira diferente. Preferia que ele te desse coragem, entusiasmo...

- Mas horroriza tanto!

- Enganas-te, minha querida. A perseverança e a força de carácter permitir-nos-ão suportar as coisas mais tremendas deste mundo.

- Essa força é que me falta - declarou Dora, fazendo oscilar os caracóis. - Não é verdade, Jip? Dá um beijo no Jip, e sê bonzinho.

Era impossível não beijar o cão quando ela o ergueu à minha altura, formando com a sua boca um arremedo a meio do focinho, segundo as leis da simetria. Obedeci, não sem me recompensar em seguida da minha obediência:

Dora arrancou-me às preocupações mais graves durante já não sei quanto tempo. Até que lhe disse:

- Eu ia falar-te de qualquer coisa, Dora...

O mais austero dos juízes ficaria enternecido se a visse juntar as mãozinhas e levantá-las, como que a suplicar que não voltasse a ser horroroso...

- Não o serei, minha querida, garanto-te. Mas, se pudesses pensar de vez em quando (não para te desesperares, vê bem), mas se pudesses pensar, de tempos a tempos, que estás noiva de um homem pobre...

- Não, não, por amor de Deus! É um horror!

- Não é, minha filha. Se quiseres pensar uma vez por outra... e, ocupando-te da casa de teu pai, te habituasses... a fazer contas, por exemplo...

A pobrezinha acolheu esta sugestão com algo que participava tanto do soluço como do clamor.

Mas eu persisti:

- Seria útil para o futuro, e ainda mais se me prometeres ler o livro de culinária que te enviarei. Se o nosso caminho através da vida, minha Dora - continuei, tomando calor - é presentemente rude e pedregoso, de nós depende torná-lo liso e fácil. Precisamos de lutar e ser corajosos. Teremos obstáculos à nossa frente, e é necessário derrubá-los.

Eis-me lançado para diante, de punhos crispados e o rosto resplandecente de entusiasmo. Inútil, porém, continuar. Já dissera de mais. Acabara e voltara ao princípio. Dora tinha tanto medo! Mas onde estava Julia Mills? Que a levassem a Julia Mills, para terminar de vez! A minha amada assustava-se, julguei mesmo tê-la matado. Corri pela sala, deitei-lhe água na cara, ajoelhei, arrepelei os cabelos. Considerava-me um animal cheio de selvajaria. Implorei o seu perdão, roguei-lhe que erguesse os olhos. Tendo encontrado a caixa de costura da senhora Mills quando procurava um frasco de sais, julguei havê-lo achado e dei-lhe a cheirar o estojo de marfim das agulhas, despejando em cima da rapariga todas as que lá se encontravam. Ameacei Jip, tão frenético como eu. Entreguei-me a todas as excentricidades possíveis. Quando a dona da casa entrou, eu tinha há muito perdido o último vestígio do bom senso.

- Quem fez isto? - perguntou ela, rindo em socorro da amiga.

- Fui eu!-respondi. - Aqui está o assassino. - E escondi o rosto nas almofadas do sofá.

De começo Julia Mills supôs que tínhamos discutido e que estávamos na orla do deserto do Sara. Mas depressa compreendeu de que se tratava, pois a minha Dora exclamou, abraçando-a, que eu era um «pobre operário». Em seguida chorou no meu peito, beijou-me e suplicou que aceitasse todo o seu dinheiro. Finalmente curvou-se sobre o ombro da amiga, soluçando como se tivesse o coração despedaçado.

Creio que Julia Mills nascera para fazer a nossa felicidade. Em poucas palavras lhe expliquei o sucedido, e ela consolou Dora, convencendo-a a pouco e pouco de que não era um operário (suponho que a minha amada julgou que eu era descarregador e que passava os dias cá e lá sobre uma prancha, a empurrar um carrinho de mão), e acabou por nos reconciliar. Uma vez sossegados, Dora subiu ao seu quarto, para se recompor, e a senhora Mills tocou a sineta a fim de que servissem o chá. Aproveitei o ensejo para lhe declarar que a considerava indispensável e que preferia morrer a ser ingrato para quem nos testemunhava tanta simpatia. Ajuntei que diligenciara convencer Dora da minha situação, sem qualquer resultado; ela replicou que a cabana da ventura seria preferível ao palácio glacial do luxo e que, onde houvesse amor, existia tudo.

Concordei com isto; ninguém saberia mais do que eu quanto amava Dora-com um amor que nenhum mortal conhecera até esse dia. Mas a senhora Mills redarguiu, melancólica, que mais valia, para certos corações, que assim fosse, e eu apressei-me a esclarecer que a minha observação não se aplicava aos mortais do sexo masculino.

Em seguida perguntei-lhe se reconhecia ou não valor prático à sugestão que eu quisera fazer acerca das contas domésticas e do livro de cozinha. Após uns segundos de reflexão, respondeu:

- Senhor Copperfield, vou ser leal consigo. Para certas naturezas, as provações e sofrimentos morais superam a experiência dos anos. Vou-lhe falar com tanta franqueza como se fosse a madre superiora de um convento. A sua sugestão não convém a Dora. A nossa querida Dora é uma menina mimada, é toda leviandade e alegria. Reconheço que estaria muito bem se a coisa fosse possível; mas...

E abanou a cabeça.

Esta concessão final animou-me a perguntar-lhe se, no caso de ter oportunidade de chamar a atenção de Dora para esses preparativos necessários a uma existência séria, ela a aproveitaria. Julia Mills anuiu de boa vontade, e eu solicitei-lhe mais: que se encarregasse de lhe incutir a ideia do manual de culinária. Seria um grande serviço que me prestava! A amiga de Dora aceitou

também esta missão de confiança, sem todavia me deixar muito esperançado.

Dora reapareceu, tão bela e adorável que eu pensei se havia realmente o direito de a importunar com pormenores comezinhos. E foi tão meiga e encantadora (sobretudo quando quis que Jip se sentasse para receber um bocado de torrada e ela fingiu esfregar-lhe o nariz no bule para o castigar da sua recusa), que me senti um monstro transviado no bosque de uma ninfa só ao considerar que a assustara e a obrigara a verter lágrimas.

Depois do chá, tocou viola e cantou as mesmas canções francesas que celebram a impossibilidade de jamais deixar de dançar, sob qualquer pretexto, lá rá lá, lá rá lá, até que me senti mais monstro do que nunca.

Houve uma nuvem na nossa alegria. Um pouco antes da minha partida, a senhora Mills aludiu ao dia seguinte, de manhã, e eu respondi que, tendo de trabalhar a valer, me levantava agora às cinco horas. Não sei se Dora julgou que eu era guarda-nocturno de algum armazém, mas a impressão que recebeu foi tão grande que deixou de tocar e cantar.

Pensava ainda nisso quando me despedi. Disse então com os seus modos travessos (que me faziam imaginar ser eu mesmo uma das suas bonecas):

- E não se levante às cinco horas, meu mauzão! É uma coisa tão estúpida!

- Mas, meu amor, tenho trabalho...

- Não o faças! Por que hás-de trabalhar?

Era impossível convencer aquele cèrebrozinho de que precisava de trabalhar para viver. Ainda retorqui:

- Então como viveríamos?

- Como? Não importa como! - disse Dora.

Parecia persuadida de ter solucionado a questão, e deu-me um beijo tão triunfante, vindo tão directo do seu coração inocente, que eu não a desiludiria nem por um reino.

Amava-a tanto, meu Deus! E continuei a amá-la profundamente, inteiramente, duma forma que me absorvia todo. Mas também continuei a trabalhar com afinco e a manter ao rubro todos os ferros que nessa altura levava ao fogo. Nas noites seguintes fiquei muitas vezes à lareira, defronte da tia Betsey, pensando no medo que incutira em Dora e a cogitar em qual seria a melhor forma de atravessar a floresta das dificuldades com o estojo da viola, até ao momento em que estivesse de todo encanecido.

XXXVIII. DISSOLUÇÃO DE SOCIEDADE

Não deixei arrefecer a minha resolução de assistir às sessões da Câmara dos Deputados. Era um dos ferros que eu começava a malhar e que continuava a aquecer e a levar à bigorna com uma perseverança de que tenho o direito de me orgulhar. Comprei um método dessa nobre ciência da estenografia e dos seus mistérios (que me custou dez xelins e seis dinheiros) e mergulhei num oceano de perplexidades que em poucas semanas me arrastou quase à loucura. As diferenças marcadas por pontos que, colocados de certa maneira, queriam dizer uma coisa e, de outra, algo de absolutamente diverso; as fantasias inconcebíveis a que se entregavam os círculos; as consequências inopinadas do emprego de simples pernas de moscas; os efeitos terríveis de uma curva mal delineada, tudo isto não só perturbava as minhas vigílias como me tirava o sono. Quando consegui avançar às cegas no meio destas complicações e dominar o alfabeto (ele só um verdadeiro templo egípcio!), vi aparecer novo cortejo de horrores qualificados de caracteres arbitrários e que eram de facto os caracteres mais tirânicos que algum dia vira. Por exemplo, um sinal que se assemelhava ao início de uma teia de aranha queria dizer expectativa, e o rabo de um foguete significava desvantagem. Depois de encaixar estes déspotas na cabeça, compreendi que eles haviam desalojado todo o resto; voltei então ao começo e foram eles, dessa vez, que me escaparam; porfiei por reencontrá-los, mas perdi a outra parte do sistema. Em suma, era um homem desesperado. E sê-lo-ia até sem a ansiedade que sentia quanto a Dora, Dora o esteio e a âncora da minha barca impelida pela tempestade! Cada dificuldade do método formava um carvalho nodoso na floresta das mesmas, mas eu abatia-os um após outro, com tamanho vigor que, ao cabo de três ou quatro meses, tive vontade de experimentar os meus conhecimentos estenografando o discurso de um dos nossos palradores do foro. Jamais esquecerei como o bacharel tomou a dianteira, sem esperar por mim, deixando o meu lápis perplexo errar no papel como se tomado de loucura.

A coisa não progredia, era evidente. Fora demasiado ambicioso e, dessa maneira, não alcançaria nada. Fui pedir conselho a Traddles e ele prontificou-se a ditar-me discursos a um ritmo e com as paragens adaptadas à minha fraqueza. Cheio de gratidão por essa ajuda amigável, aceitei-lhe a proposta; e, durante muitas e muitas noites, quase ininterruptamente, formámos uma espécie de

Parlamento em miniatura na Buckingham Street, quando eu regressava de casa do doutor Strong.

Era digno de ver-se, aquele Parlamento! A tia Betsey e o senhor Dick representavam o governo ou a oposição (conforme os casos) e Traddles, munido do Orador de Enfield {13}, ou de um volume de discursos parlamentares, fulminava-os de invectivas tremendas. De pé ao lado da mesa, com o dedo sobre o livro para conservar a página aberta, e o braço direito erguido acima da cabeça, Traddles personificava os senhores Pitt, Fox, Sheridan, Burke, lorde Castlereagh, visconde Sidmouth ou o senhor Canning. Atacava com eloquência a imoralidade e a corrupção da minha tia e do senhor Dick, ao passo que eu, sentado a certa distância e com o caderno sobre os joelhos, me esforçava como podia para o seguir. A inconsistência e a audácia de Traddles não cediam em nada às de nenhum homem público. No decurso de uma semana, adoptava alternadamente todas as opiniões políticas e içava no mastro os pavilhões de todos os partidos. A tia, tão imperturbável como um ministro das Finanças, fazia de tempos a tempos a sua interrupção: «Apoiado!» ou «Não apoiado!», ou um simples «Oh» sempre que o texto o exigia, o que era repetido, como um eco, pelo senhor Dick, com o máximo vigor. Mas o senhor Dick foi acusado de tantas irregularidades no decurso da sua carreira parlamentar, e responsabilizado por consequências tão espantosas, que acabou por ficar inquieto. Creio que sentiu verdadeiro medo de haver trabalhado para o aniquilamento da constituição britânica e para a ruína do país.

Muitas e muitas vezes aconteceu prosseguirmos estes debates até o relógio soar a meia-noite e as velas estarem todas consumidas. Mercê de um bom treino, pude a pouco e pouco seguir Traddles menos mal, e o meu triunfo teria sido completo se eu fizesse a mínima ideia do que diziam as minhas notas. Mas a verdade é que as decifrava tanto como se houvesse copiado caracteres chineses de uma vasta colecção de caixas de chá ou os signos dourados dos bocais verdes ou vermelhos das farmácias. Só me restava retroceder e principiar de novo.

Era penoso, porém resignei-me, embora de coração amargurado, e recomecei laboriosamente pelo mesmo caminho, a fim de examinar com cuidado cada sinal, por todos os lados, fazendo esforços consideráveis, desesperados, para reconhecer à primeira vista esses caracteres desconcertantes. Fui sempre pontual no meu estágio, assim como em casa do doutor e em tudo isto trabalhei como um moiro.

Certo dia, quando chegava ao tribunal à hora costumada, encontrei à porta o doutor Spenlow, a falar só, com ar extremamente preocupado. Como em geral se

queixava de dores de cabeça (tinha o pescoço curto e abusava da roupa muito engomada), pensei de início que se tratasse de uma coisa dessas, mas o advogado dissipou a minha apreensão nesse sentido.

Em lugar de corresponder aos meus bons-dias com a afabilidade habitual, olhou-me sobranceiro e cerimonioso e pediu-me com frieza que o acompanhasse a um café cuja porta dava para o pátio dos Doctor's Commons, perto da entrada do cemitério de São Paulo. Obedeci, intrigado. Quando o deixei passar à minha frente, devido à estreiteza do caminho, notei que ele erguia bem a cabeça, o que não me agoirava nada de bom. E quase sucumbi à ideia de que o pai de Dora houvesse descoberto as minhas relações com a filha.

Se eu já não tivesse suspeitado isto, não poderia deixar de perceber a natureza do assunto quando entrei atrás dele numa sala do primeiro andar em que se encontrava a senhora Murdstone. Esta estendeu-me a ponta dos dedos gelados e permaneceu rígida e severa na sua cadeira. O doutor Spenlow fechou a porta, fez-me sinal para que me sentasse e manteve-se de pé junto do fogão.

- Queira ter a bondade de mostrar ao senhor Copperfield - disse ele à senhora Murdstone - o que tem na sua bolsinha.

Suponho que era a mesma, de fecho de aço, que ela usava na minha infância e que se fechava como uma mandíbula. Mordendo os lábios, condoída, a solteirona abriu (não sem abrir ao mesmo tempo a boca) a dita bolsinha e exibiu a última carta que eu escrevera a Dora, epístola recheada de amor furibundo.

- Julgo ser a sua caligrafia, senhor Copperfield - observou o advogado.

Eu estava ruborizadíssimo e a voz que ouvi proferir não a reconheci como sendo minha, quando dei esta resposta:

- É, senhor doutor.

- Se não me engano - continuou ele, enquanto a senhora Murdstone tirava da bolsa um maço de cartas amarrado com uma linda fita azul - tudo isto lhe pertence, não é verdade?

Peguei no maço com uma sensação de desespero e, lobrigando inícios de carta do género de «Querida e adorada», «Meu anjo amado», «Dora da minha alma», fiquei ainda mais corado, se era possível, e baixei a cabeça.

- Não, obrigado - disse o doutor Spenlow, quando eu tentava maquinalmente devolver-lhe o maço. - Não quero privá-lo disso. Senhora Murdstone, continue, se faz favor.

Esta adorável criatura, depois de observação demorada e meditativa do tapete exprimiu-se nestes termos, com uma secura cheia de unção:

- Confesso que vinha tendo desconfianças acerca da menina Spenlow e das suas relações com o senhor David Copperfield. Espiara-os quando do seu primeiro encontro, e a minha impressão não fora boa. É tal a perversidade do coração humano que...

- Agradecia-lhe - atalhou o advogado - que se restringisse aos factos.

A dama baixou a vista, meneou a cabeça em sinal de protesto contra aquela interrupção descabida e prosseguiu com uma dignidade melindrada:

- Já que devo limitar-me aos factos, expô-los-ei tão sucintamente quanto puder. Talvez se ache aceitável esta atitude. Como disse, senhor doutor, eu já suspeitava da menina Spenlow e do senhor Copperfield. Diligenciei, por várias vezes, obter a confirmação definitiva destas dúvidas, mas sem êxito. Abstive-me, pois, de falar ao pai da menina Spenlow - acompanhou a frase com um olhar severo ao interessado - sabendo muito bem que se tende, em semelhante caso, a querer mal a quem pratica conscienciosamente o seu dever. Por isso a vigiei com redobrada atenção.

Querida e bela Dora, que não desconfiavas da vigilância do Dragão!

- Todavia - concluiu a senhora Murdstone - só anteontem obtive uma prova. Pareceu-me que a menina Spenlow recebia demasiadas cartas da sua amiga Julia Mills; mas como esta era íntima com o pleno assentimento do pai - outra pedra atirada ao jardim do doutor Spenlow - não me competia intervir. Se não estou autorizada a aludir à perversidade do coração humano, posso ao menos, assiste-me até o direito de alegar que a confiança está muita vez mal colocada...

O doutor Spenlow murmurou uma aquiescência contrita.

- Ontem à noite, depois do chá, vi o cãozinho saltar e rolar na sala, rosnando e brincando com qualquer coisa. Disse à menina: «Dora, que é que o seu cão tem na boca? Será papel?» Logo a menina Spenlow levou a mão ao vestido, soltou um grito, e precipitou-se para o animal. Interpus-me, dizendo: «Permita, Dora, que...»

Ó Jip! Miserável cachorro, esta catástrofe foi obra tua!

- A menina Spenlow tentou subornar-me com beijos, caixas de costura e jòiazinhas, naturalmente sem resultado. Quando me aproximei, o cão enfiou para baixo do canapé e foi preciso expulsá-lo com o atiçador do fogão. Mesmo assim, conservou a carta nos dentes e, quando procurei tirá-la, fi-lo devagar, com

grande dificuldade. Mas consegui-o. Depois de a ter percorrido com a vista, acusei a menina de ter em seu poder várias cartas da mesma origem, e acabei por obter dela o maço que está neste momento nas mãos do senhor David Copperfield.

Calou-se. Fechou a bolsa, mordeu os lábios e disse:

- Sou de antes quebrar que torcer.

- Copperfield, você ouviu a senhora Murdstone - recomeçou Spenlow, voltando-se para mim. - Posso perguntar-lhe se tem alguma coisa a acrescentar?

A imagem que eu tinha diante dos olhos, a do tesouro do meu coração chorando e soluçando toda a noite, amorteceu a pouca dignidade que conseguira manter. Via-a só, apavorada e infeliz. Tinha suplicado tão instantemente àquela mulher empedernida que lhe perdoasse, despendera vãmente os seus beijos, prometera as suas caixas de costura e os seus objectos de estimação. Estava deprimida, e tudo isto por minha causa! Suponho que fiquei trémulo por um ou dois minutos, apesar dos esforços que fizera para me dominar.

- Só posso dizer uma coisa, senhor doutor - respondi. - É que sou o único culpado. Dora...

- A menina Spenlow - rectificou o pai, com ar majestoso.

- ... foi impelida por mim - continuei, engolindo aquela admoestação cerimoniosa - a consentir na dissimulação, o que lamento deveras.

- Tenho muito que lhe censurar, Copperfield - disse o advogado, passeando cá e lá ao longo do fogão e acompanhando as palavras de movimentos não só da cabeça mas de todo o corpo, devido à rigidez do colarinho e da espinha. - Procedeu de forma clandestina e indecorosa. Copperfield, quando acolho em minha casa um homem bem educado, tenha ele dezanove, vinte e nove ou cinquenta anos, faço-o com toda a confiança. Se ilude essa confiança, comete um acção pouco digna.

- Compreendo, senhor doutor. Mas não tinha pensado nisso, francamente lho afirmo. Gosto tanto da menina Spenlow...

- Oh, que loucura! - exclamou, purpureando-se. - Peço-lhe, não me diga cara a cara que ama a minha filha!

- Que desculpa poderia ter o meu procedimento, se não fosse assim? - repliquei com a maior humildade.

- Que desculpa? - repetiu o doutor Spenlow, detendo-se de súbito no

passeio. - Pensou na sua idade e na da minha filha, Copperfield? Pensou no que é destruir a confiança que devia existir entre mim e ela? Pensou na categoria a que pertence a minha filha, nos projectos que tenha podido fazer a respeito do seu futuro, nas minhas intenções testamentárias? Pensou em alguma coisa destas, Copperfield?

- Confesso que pouco - retorqui, com o respeito que lhe tinha e o desgosto que experimentava. - Mas faça-me a justiça de crer que pensei na minha própria situação. Quando lhe participei a perda dos bens da minha tia, nós já estávamos noivos...

- Peço-lhe me não fale de noivado! - acudiu ele, batendo com energia as mãos uma contra a outra e com o ar mais teatral que é possível. (Por mais desesperado que eu estivesse, não pude coibir-me de o notar.)

A senhora Murdstone saiu da sua impassibilidade para soltar um risinho desdenhoso.

- Quando lhe participei a alteração ocorrida na minha existência - continuei, adoptando uma nova forma de expressão para substituir a que tanto lhe desagradava - já havia começado a dissimulação a que infelizmente arrastei a menina Spenlow. Desde essa mudança, procurei afincadamente melhorar a minha situação. Hoje estou confiante no futuro. Conceda-me tempo, senhor doutor, o tempo que quiser. Somos ambos tão novos, eu e ela...

- Tem razão - interrompeu Spenlow com vigorosos gestos de cabeça e carregando o cenho. - São ambos novos. Tudo isto é loucura. Não se fala mais do assunto. Leve essas cartas e deite-as ao lume. Depois restitua-me as que a minha filha lhe escreveu, para que eu as queime. Para o futuro, as nossas relações serão apenas de ordem profissional, e não se aludirá mais ao passado. Vamos, Copperfield, não lhe escasseia bom senso, e isso é a única solução sensata.

Eu é que não podia consentir em semelhante solução. Havia algo que se sobrepunha ao bom senso. O amor prevalecia sobre quaisquer outras considerações, e eu amava Dora até à idolatria, e era correspondido.

Não foi isto precisamente o que eu disse ao doutor Spenlow. Atenuei as expressões tanto quanto pude: mas foi o que lhe dei a entender, e fi-lo de maneira categórica. Ignoro se teria sido ridículo, mas categórico fui com certeza.

- Muito bem, Copperfield, recorrerei à influência que tenho sobre a minha filha.

A senhora Murdstone, por uma aspiração prolongada, que não era nem

suspiro nem gemido, mas partilhava dos dois, deu a entender que ele devia ter começado por ali.

- Experimentarei - declarou Spenlow, fortalecido com este apoio - usar a minha influência junto dela. Recusa-se a levar essas cartas, Copperfield?

Disse isto porque eu as colocara em cima da mesa.

- Recuso-me.

Esperava não o magoar, mas não podia aceitá-las da mão da senhora Murdstone.

- Nem da minha? - indagou Spenlow.

- Não, senhor - respondi com o mais profundo respeito. - Nem da sua mão.

- Muito bem.

No silêncio que se seguiu, eu pensava se mais valeria partir ou ficar. Decidira-me a alcançar lentamente a porta, achando que teria tempo de dizer que a minha retirada era melhor para ele, quando Spenlow, com as mãos enfiadas nas algibeiras do casaco, e com aspecto que, em suma, qualificarei de incontestavelmente compassivo declarou:

- Deve saber, Copperfield, que não estou desprovido de bens terrenos e que a minha filha é o meu parente mais próximo.

Respondi que esperava não ter sido levado por ideias interesseiras quando a violência da paixão amorosa me arrastou.

- Não é bem o que eu quero dizer. Mais valia para todos nós que o movesse o interesse, isto é, se fosse menos infantil e um pouco mais circunspecto. O que eu queria dizer era que possuo bens que hei-de legar à minha filha.

Ripostei que não punha em dúvida.

- E não há-de supor que, com os exemplos que temos todos os dias debaixo dos olhos quanto a negligências inexplicáveis que os homens se permitem quanto às suas disposições testamentárias (o que, entre tudo, nos revela em mais alto grau e inconsequência humana), eu não tenha tomado as minhas providências...

Inclinei a cabeça em sinal de concordância.

Spenlow, baloiçando o corpo sobre a ponta dos pés ou sobre os calcanhares, prosseguiu cada vez mais compungido:

- Ora eu não deixarei que as disposições tomadas em favor da minha filha

sejam anuladas por uma loucura da mocidade, como esta. Porque é autêntica loucura, é uma infantilidade! Daqui a tempos não restará nada dela, como se tivesse sido uma bola de sabão. Mas eu podia... podia... se se não desfizesse esta tolice... proteger a minha filha e pô-la ao abrigo das consequências de um casamento precipitado. Por isso, Copperfield, conto que não me obrigue a tanto. Não me obrigue a cancelar coisas que estão de há muito regularizadas.

Assim falando, mostrava uma aparência de serenidade perante a qual me sentia comovido, como se diante de um ameno pôr de Sol. Via-o tão tranquilo, tão resignado! Sem dúvida que os seus negócios estavam em perfeita ordem, metodicamente estabelecidos. Até enternecia, só de pensar! Creio mesmo que lhe notei lágrimas nos olhos, impressionado ele próprio com a regularização da sua existência.

Que podia eu, no entanto, fazer? Não ia renegar Dora nem o meu coração. Spenlow aconselhou-me uma semana de repouso para reflectir nas suas palavras. Como recusar, ainda que soubesse de antemão que um número infinito de semanas em nada alteraria um amor como o meu.

- Entretanto - disse ele - fale de tudo isto à senhora Trotwood ou a quem tiver experiência da vida. - Ajustou a gravata, com as duas mãos, e concluiu: - Aproveite a semana que lhe proponho, Copperfield.

Submeti-me. E, diligenciando dar ao rosto uma expressão de confiança desesperada, saí da sala. As sobrancelhas espessas da senhora Murdstone acompanharam-me até à porta. (Digo sobrancelhas em vez de olhos porque elas avultam muito mais do que estes.) Achei-a exactamente igual ao que fora, a essa mesma hora, em Blunderstone, e tanto que poderia supor que faltara de novo nas lições e que o peso morto que eu arrastava era o tremendo livro de leitura com gravuras ovais, desenhadas de tal modo que na minha imaginação surgiam como lentes de óculos.

No tribunal, isolei-me do velho Tiffey e dos outros, e sentei-me à minha secretária para meditar na catástrofe inesperada que se acabava de produzir, e para amaldiçoar o diabo do cachorro que a provocara. O meu tormento acerca de Dora tornou-se de tal ordem que me admiro de não ter corrido imediatamente para Norwood. A ideia de que a assustariam, que a fariam chorar sem que eu estivesse presente para a consolar, crescia de forma tão angustiante que não me coibi de escrever uma carta desvairada ao doutor Spenlow para lhe suplicar que não descarregasse na rapariga as consequências do meu desatino. Implorei-lhe que a poupasse, que não fizesse emurchecer uma flor frágil; enfim, falei-lhe como se ele, em vez de ser um pai, fosse um lobo ou um dragão! Lacrei a

epístola e coloquei-a no gabinete do doutor, antes que este regressasse. E quando ele voltou, enxerguei-o, pela porta entreaberta, a pegar na carta e a abri-la.

Não me dirigiu a palavra durante toda aquela manhã. Mas, antes de se ir embora, à tarde, chamou-me e disse-me que eu não tinha necessidade de me afligir quanto à felicidade da filha. Considerava tudo aquilo puerilidade e, como pai indulgente, não voltaria a tocar-lhe no assunto. Quanto a mim, achava que me devia abster de qualquer solicitude em relação à rapariga.

- Se você, Copperfield, persistisse, eu ver-me-ia obrigado a mandar de novo, e por algum tempo, a minha filha para o estrangeiro. Mas tenho melhor opinião a seu respeito. Espero que seja prudente. No que se refere à senhora Murdstone (eu aludira a ela na carta), respeito a sua vigilância e estou-lhe grato; mas recomendei-lhe que não tornasse a falar no assunto com a sua pupila. Tudo o que desejo, Copperfield, é que isto fique esquecido! A si compete principiar a esquecê-la.

Ora eu, na carta que mandei a Julia Mills, empregava mais ou menos aqueles termos. Tudo o que devia fazer, repeti com amargo sarcasmo, era esquecer Dora. Era tudo, e tão pouca coisa, afinal! Pedia à senhora Mills que me recebesse nessa noite. Se a entrevista se não pudesse realizar com o consentimento do dono da casa, sugeria na carta um encontro clandestino no pátio onde havia a máquina de calandrar. Acrescentei que não confiava já no meu juízo e que só a amiga de Dora me poderia impedir de endoidecer de todo. Rematei assim: «O seu desesperado...» E, quando reli esta obra-prima antes de a entregar ao portador, não deixei de pensar, sorrindo, que ela parecia saída da pena do senhor Micawber.

Todavia, despachei-a. À noite, segui para a rua em que morava a senhora Mills e esperei até que a criada me viesse buscar, às escondidas, para me introduzir pela entrada de serviço.

Aliás, bem poderia ser recebido pela porta principal e ir até à sala se não fosse o pendor romanesco e misterioso de Julia Mills.

Nesse pátio, dei largas aos meus sentimentos. Fora ali para me tornar ridículo e tenho a certeza de que o fui. Ela recebera à última hora um bilhete garatujado à pressa por Dora, no qual participava que fora tudo descoberto. Terminava assim: «Vem depressa, Julia, vem!» Mas a destinatária, calculando que a sua presença lá não seria bem vista pelos adultos, deixara-se ficar. E assim a noite nos envolveu, como o deserto do Sara.

Julia Mills era dotada de eloquência fora do vulgar e gostava de a expandir.

Não pude impedir-me de sentir, se bem que ela misturasse as suas lágrimas com as minhas, que extraía do nosso desgosto uma extraordinária volúpia. Saboreava-o, acarinhava-o por assim dizer. Um abismo, declarou, acabava de se abrir entre mim e Dora, o qual só poderia ser transposto pelo arco-íris do amor. O amor, neste mundo triste, estava destinado ao sofrimento. Sempre assim fora, e sempre assim havia de ser. Mas que importava! Os corações aprisionados em teias de aranha libertar-se-iam por fim, e o amor seria vingado.

Não era grande consolo, mas a senhora Mills não queria incutir-me vãs esperanças. Tornou-me ainda mais infeliz do que me sentia e compreendi (como lhe disse sinceramente) que a considerava amiga verdadeira. Resolvemos que Julia Mills fosse visitar Dora no dia seguinte, de manhã cedo, e que acharia maneira de lhe garantir, por palavras ou olhares, a minha devoção e o meu desespero. Separámo-nos acabrunhados pela dor. Creio que ela gozou essa dor até às fezes.

De regresso a casa, contei tudo à tia Betsey e, apesar dos seus lenitivos, deitei-me desanimado. Levantei-me ainda sob a impressão desse desânimo e fui direito ao tribunal. Era sábado.

Fiquei admirado, ao aproximar-me da nossa banca, por ver os porteiros discutindo e meia dúzia de ociosos olhando para as janelas fechadas. Estuguei o passo e atravessando o grupo, sem compreender ainda o que acontecia, apressei-me a entrar no edifício.

Os empregados estavam lá, mas não faziam nada. O velho Tiffey, talvez pela primeira vez na sua vida, sentara-se na carteira de outro escrevente e esquecera-se de pôr o chapéu no cabide.

- Que horrível calamidade, senhor Copperfield! - disse-me ele.

- Que foi? Que aconteceu?

- Então não sabe? - exclamaram todos, rodeando-me.

- Não - respondi, olhando-os sucessivamente.

- O doutor Spenlow... - começou Tiffey.

- E depois?

- Morreu!

Julguei ver oscilar as paredes do escritório, mas um dos empregados segurou-me. Sentaram-me numa cadeira e trouxeram-me água. Não sei quanto tempo durou isto.

- Morreu? - repeti.

- Ontem jantou fora de casa e regressou sozinho no faetonte - explicou Tiffey. - Tinha mandado embora o cocheiro, pela diligência, como fazia muitas vezes.

- E...?

- A carruagem voltou vazia. Os cavalos pararam diante da porta da estrebaria. O moço saiu com uma lanterna e não viu ninguém dentro da carruagem.

- Os animais desbocaram-se?

- Não estavam a transpirar - respondeu Tiffey, pondo os óculos. - Era como se tivessem andado em passo normal. As rédeas achavam-se rebentadas, mas por se terem arrastado no chão. Acordaram toda a gente da casa, e três criados partiram para inspeccionar a estrada. Encontraram o doutor Spenlow a uma milha dali.

- Mais de uma milha, senhor Tiffey - corrigiu um dos escreventes mais novos.

- Tem a certeza? Sim, deve ter razão, a mais de uma milha, perto da igreja, estendido de cara para baixo, meio na berma, meio no caminho. Foi um ataque ou foi uma queda? Ou sentiu-se mal e apeou-se antes? Estava morto quando o descobriram ou apenas desmaiado? Ninguém sabe. Se ainda respirava, em todo o caso perdera o uso da fala. Chamaram logo um médico, que não o pôde salvar.

Não consigo descrever o estado em que esta notícia me pôs. O abalo causado por semelhante facto, sucedido subitamente a uma pessoa com quem me encontrava mais ou menos em litígio; o vácuo terrível do gabinete que ele ainda na véspera ocupara, em que a poltrona e a secretária pareciam esperá-lo e onde o que ele escrevera nessa altura se me afigurava já a obra de um fantasma; a impossibilidade absoluta de imaginar aquela banca sem a sua presença, e a sensação, sempre que a porta se abria, de que ele ia entrar; o silêncio e a imobilidade que reinavam no ambiente e o prazer insaciável com que os empregados contavam o caso a toda a gente de fora, que desfilava sem descanso para se refastelar de pormenores; nada disto é fácil de imaginar e muito menos de descrever. E o próprio ciúme da Morte que eu senti, pois a via expulsar-me dos pensamentos de Dora! A inquietação ao lembrar-me que ela chorava com outros e que outros a consolavam, o desejo avaro e egoísta de expulsar os estranhos e de ser tudo para a minha amada no momento mais inoportuno de todos os momentos!

Neste estado de espírito perturbado - que espero não fosse só meu e que outros o tenham também experimentado na vida - apresentei-me naquela noite em Norwood. Sabendo por um criado, depois de haver tocado a sineta, que a senhora Mills se encontrava com a amiga, voltei a casa e pedi à tia Betsey que escrevesse uma carta, que eu próprio ditei. Nela deplorava de todo o coração a morte do doutor Spenlow. Suplicávamos a Julia Mills que comunicasse a Dora (caso esta fosse capaz de a escutar) que ele me falara sempre com muita cortesia e bondade e que pronunciara o nome da filha com a maior ternura, sem uma única palavra de exprobração. Bem sei que me impelia apenas o desejo egoísta de lhe impingir o meu nome, mas tentei persuadir-me de que praticava um acto de justiça para com a memória do defunto.

A tia recebeu no dia seguinte umas linhas de resposta, endereçadas a ela mas na realidade destinadas a mim. Dora estava prostrada com o desgosto, e, quando a amiga lhe perguntara se não tinha nenhum recado para David Copperfield, a rapariga dissera entre lágrimas (pois não cessava de as verter): «Oh, papá querido! Coitado do papá!» Todavia não proferira a palavra «não», e eu consolei-me com esta certeza.

O doutor Jorkins, que se instalara em Norwood logo no dia seguinte, compareceu na banca uns dias depois. Fechou-se com Tiffey durante uns minutos, no seu gabinete, até que o velho escrevente entreabriu a porta e me chamou.

- Copperfield - disse-me o advogado - eu e o Tiffey estamos a verificar as gavetas e as pastas do meu colega para separar os documentos e ver se, entre eles, aparece algum testamento que ele tenha feito. Mas por enquanto nem vestígios. Quer ajudar-nos?

Eu pensava com ansiedade qual seria a situação futura de Dora, quem deveria ser o seu tutor, etc. Talvez agora soubesse de tudo isso. Recomeçámos a busca. Jorkins abria as gavetas e retirava os papéis, que dividíamos, para um lado os da profissão e para outro os pessoais (que não eram muito abundantes). Fazíamos esse trabalho com recolhimento e, sempre que topávamos alguma coisa que nos recordasse o defunto, baixávamos a voz.

Já tínhamos formado alguns maços e continuávamos a tarefa no meio do silêncio e do pó, quando Jorkins nos disse, aplicando exactamente ao seu falecido sócio as palavras que este lhe consagrara:

- O doutor Spenlow raras vezes se afastava do ramerrao. Você sabe como ele era. Chego a crer que não fez testamento.

- Sei que fez! - exclamei. Pararam ambos e olharam-me.

- No último dia em que lhe falei - prossegui - ele informou-me de que fizera testamento e que as coisas estavam há muito tempo regularizadas.

Jorkins e Tiffey menearam a cabeça, significando comunidade de opinião.

- Não é animador - observou o escrevente.

- Mesmo nada - asentiu o advogado.

- Com certeza não duvidam de que... - comecei.

- Caro senhor Copperfield - disse-me Tiffey, poisando-me os dedos no braço e fechando os olhos com um gesto de cabeça - se estivesse há mais tempo nos Doctor's Commons saberia que não existe assunto em que os homens sejam mais inconsequentes e tão pouco dignos de confiança.

- Mas, meu Deus, isso foi precisamente o comentário que ele fez! - repliquei obstinado.

- Então é o mesmo que declarar que o caso está arrumado. Não há testamento, em minha opinião.

O facto pareceu-me extraordinário, mas a verdade é que não havia testamento. O doutor Spenlow nunca pensara em o fazer, a avaliar pelos seus papéis, porque não se encontrou nenhuma espécie de minuta, esboço ou o que quer que fosse. E o que não me espantou menos foi estarem os seus negócios na maior desordem. Era difícil saber o que devia, e o que fora pago, e o que ele possuía à sua morte. Achou-se provável que nem fizesse ideia muito clara desse assunto, e isso já desde há muito tempo. Tornava-se evidente que, para manter o seu nível na rivalidade que lavrava entre a gente daquele departamento em todas as questões de aparato e elegância, despendera mais do que lhe proporcionava a profissão e assim reduzira os bens pessoais (se algum dia foram avultados, o que se afigurava pouco crível) a uma soma muito pequena. Venderam-se os móveis de Norwood, e transferiu-se o arrendamento. Tiffey contou-me, sem calcular o interesse que tinha para mim, que uma vez pagas as dívidas do defunto (feita a dedução da parte que lhe competiria nos créditos da firma, alguns duvidosos e discutíveis), o activo do doutor Spenlow não ultrapassaria as mil libras.

Isto passava-se seis semanas depois do falecimento. Eu sofrera martírio durante esse mês e meio e cheguei por vezes a pensar pôr fim aos meus dias. A senhora Mills informou-me de que a querida Dora, reduzida ao desespero, só dizia, quando pronunciavam defronte dela o meu nome: «Oh, pobre papá! Coitado do papá!» Participou-me também que a parentela de Dora se limitava a

duas tias, irmãs do pai, solteiras e residentes em Putney, as quais desde muitos anos quase nenhumas relações tinham com o irmão. Não que tivessem brigado (acrescentou Julia Mills) mas porque, tendo sido convidadas para o copo-d'água no dia do baptizado de Dora, não o foram para o jantar. Daí fazerem constar que, «para bem de uns e outros, mais valia conservarem-se afastados». Depois disto, haviam seguido o seu próprio destino e o irmão seguira o dele.

Essas duas solteironas deixaram então o seu retiro e propuseram tomar conta de Dora. E Dora, agarrando-se a elas, chorava e gemia: «Sim, sim, queridas tias! Levem-me, e à Julia Mills, e ao Jip!» Deste modo seguiram todos para Putney, pouco tempo depois do enterro.

Nem eu sei como achava oportunidade de rondar, uma vez por outra, os arredores de Putney. A senhora Mills, para se desempenhar mais rigorosamente dos deveres da amizade, escrevia um diário. Não era raro vir ao meu encontro, à rua, para mo ler, ou (se não tinha tempo) para mo emprestar. Que tesouro para mim representava esse jornal, de que dou aqui um extracto!:

Segunda-feira. A minha querida D... ainda muito abatida. Dores de cabeça. Chamei-lhe a atenção para o pêlo sedoso de J... Ela acariciou-o. As recordações assim despertas reabriram as comportas do desgosto. Explosão de dor. As lágrimas serão o orvalho do coração?) J. M.

Terça-feira. D. adoentada e nervosa. Bela na Sua palidez. (Não será o mesmo quanto à Lua? D., J. M. e J. foram tomar ar, de carruagem. J., à portinhola, para ladrar a um varredor, provocou um sorriso nos lábios de D. (É destas frágeis malhas que se compõe a cadeia da vida!) J. M.

Quarta-feira. D. relativamente alegre. Cantei-lhe uma ária apropriada: Os Sinos da Tarde. Efeito longe de ser apaziguador. D. indizivelmente comovida. Achei-a instantes depois, no quarto, lavada em lágrimas. Citei-lhe versos feitos a mim e a uma Gazela, pequena. Sem êxito. É alusão à Paciência num monumento. (Pergunta: Porquê num monumento?) J. M.

Quinta-feira. D. parece que melhora. Progressos à noite. Leve rubor rosado nas faces. Decidi-me a mencionar o nome de D. C. Fi-lo com precaução, durante um passeio. D. imediatamente agitada,. «Júlia, querida Júlia, como fui ingrata e desobediente!» Consolei-a com afagos. Em seguida esbocei um retrato imaginário de D. C. levado à cova por desespero. D. de novo agitada. «Oh, que

hei-de fazer? Levem-me a qualquer parte!» Muito inquieta. Desmaiou. Fui-lhe buscar um copo de água a um café. (Afinidade poética: na porta, como emblema, um tabuleiro de xadrez. A vida humana, jogo de vicissitudes!} J. M.

Sexta-feira. Dia movimentado. Aparição à porta da casinha de um homem com um saco azul para levar «sapatos de senhora a conserto». A cozinheira vai indagar, deixando o homem só com J. À volta da mulher, ele torna a insistir, mas acaba por se ir embora. J. desapareceu. D. louca de aflição. Polícia prevenida. O homem pode ser identificado assim: nariz grosso, pernas como pilares de uma ponte. Buscas em todas as direcções. Nada de J. Inconsolável, D. chora. Nova alusão à Gazela pequena. Oportuna, mas infrutífera. Pela tarde, chegada de um rapaz de nariz grosso mas sem pilares. Pede uma libra para devolver o cão. Recusa-se a dizer mais, embora assediado de perguntas. D. entrega a libra. Ele leva a cozinheira a uma casita onde J., só, está amarrado à perna de uma mesa. Alegria de D. que dança em torno de J., enquanto este devora a sua ceia. Animada por esta mudança feliz, aproveito-a para falar de D. C., uma vez no quarto. D. chora de novo, suplicando:

«Oh, não, seria mal feito pensar noutra coisa além do meu querido papá!» Beija J. e adormece a chorar. (D. C. não deveria entregar-se aos remígios poderosos do Tempo?) J. M.

A senhora Mills e o seu jornal foram as únicas consolações que tive nessa época. Vê-la, a ela que acabava de ver Dora, descobrir a inicial do nome de Dora em todas as páginas do seu relato compassivo, eis o meu único reconforto. Tinha a impressão de haver vivido num castelo de cartas, que acabava de se desmoronar, deixando apenas a mim e a Júlia Mills entre as ruínas; tinha também a impressão de que um feiticeiro cruel traçara de roda da rainha inocente do meu coração um círculo mágico, o qual só essas asas poderosas, capazes de conduzir tanta gente através das procelas, me permitiriam fazer transpor!

XXXIX. WICKFIELD & HEEP

A tia Betsey, já seriamente inquieta com o meu prolongado abatimento, achou o pretexto de me enviar a Dover para verificar se tudo corria bem na vivenda alugada e para assinar com o locatário um arrendamento a mais largo prazo. Janet entrara para o serviço da senhora Strong, e aí eu a encontrava todos os dias. Ao deixar Dover, ela pensara se deveria dar um golpe de misericórdia nessa renúncia aos homens em que fora educada, casando com um piloto. Mas não se atrevera a correr o risco: não tanto pelo princípio (suponho), porém mais exactamente pela razão de que o não amava.

Se bem me custasse separar-me da senhora Mills, acedi de boa vontade à ideia da tia Betsey para ter oportunidade de passar umas horas tranquilas junto de Agnes. Perguntei ao doutor Strong se me concedia dispensa de três dias; ele até quis que eu lá ficasse por mais tempo, mas a minha energia não chegava para tanto. Enfim, resolvi-me a partir. Quanto ao estágio de solicitador, não tinha de me preocupar. Para ser franco, perdíamos prestígio entre os solicitadores de primeiro plano e a nova posição tornava-se duvidosa. A coisa não prosperara no tempo do doutor Jorkins, antes da sua sociedade com o doutor Spenlow; e, se bem que a entrada deste lhe insuflasse novo vigor, ainda a nossa posição não tomara o incremento que seria mister para resistir ao golpe desferido nela pela perda de um dos seus chefes. Rapidamente declinou. O doutor Jorkins, apesar da reputação da sua banca forense, era um desses homens negligentes, incapazes de manterem o bom nome da firma. Era agora com ele que eu devia lidar, e, quando o via tomar rapé e deixar os negócios ao deus-dará, lastimava cada vez mais o mau emprego das mil libras da minha tia.

Mas havia pior. Existiam então nos Doctor's Commons inúmeros parasitas, que sem serem procuradores se encarregavam de casos de direito civil em nome de outros que o eram, dividindo depois os lucros. Como o nosso escritório tinha necessidade de se ocupar de processos a todo o custo, associámo-nos àquela seita e tentámos convencer os ditos parasitas a nos confiarem os seus casos. Disputávamos todas as licenças de casamento e qualquer homologação testamentária. Isto constituía a parte mais proveitosa e a competição era grande. Angariadores e aliciadores colocavam-se às portas do tribunal, com ordem de fazer o possível para pescar todas as pessoas de luto e toda a gente de aspecto tímido e as encaminhar para os cartórios dos respectivos patrões. E estas instruções eram tão cumpridas que eu próprio, antes de ser conhecido no local,

fui por duas vezes arrastado ao cartório do nosso principal competidor. Os conflitos de interesses de tais indivíduos tornavam-nos irritáveis, donde se originavam conflitos. E o tribunal, durante vários dias, apresentou o espectáculo escandaloso do nosso angariador deambulando com um olho negro! Nenhum desses cavalheiros hesitava em ajudar a sair da carruagem uma dama de preto, a anunciar-lhe a morte do solicitador que ela procurava « a indicar-lhe o seu patrão como o sucessor legitimo do defunto, arrastando a criatura (por vezes alarmada) para o escritório do referido patrão. Muitos foram os cativos que nos trouxeram desta maneira. Quanto às licenças de casamento, a rivalidade era tamanha que um pobre rapaz, se fosse tímido, ou devia entregar-se ao primeiro engajador que lhe aparecesse ou ser joguete duma luta e tornar-se vítima do mais forte. Um dos nossos empregados, que pertencia ao número desses parasitas, entrava no mais aceso da refrega para arrancar um desgraçado e o obrigar a apresentar-se à nossa frente. Este sistema ainda dura, ao que suponho, pois, a última vez que lá fui, um mancebo robusto, emboscado num corredor, saltou sobre mim e segredou-me: «Quer uma licença?» E foi com dificuldade que o persuadi a me largar o braço e a não me conduzir ao seu solicitador.

Mas deixemos esta digressão e partamos para Dover. Achei a casa em excelente estado. Tive o prazer de comunicar à minha tia, no regresso, que o inquilino lhe sucedera nas querelas e tratava com os jumentos uma guerra perpétua. Depois de haver regularizado o assunto que ali me levara e dormido lá uma noite, parti a pé para Cantuária, no dia seguinte de manhã. Voltara o Inverno e, à brisa que soprava, perante o horizonte imenso dos médãos, senti as minhas esperanças reanimarem-se um pouco.

Ao chegar a Cantuária, divaguei uns momentos pelas ruas velhas, com uma alegria discreta que me acalmou a imaginação e aliviou a alma. Reencontrei antigas tabuletas, antigos nomes na fachada das lojas, as mesmas caras atrás dos balcões. Os meus anos de colégio pareciam-me tão recuados que me admirei de ver a cidade tão pouco mudada, até ao instante em que reflecti quão pouco eu mesmo mudara. Coisa singular, esta paz que o meu espírito associava sempre à presença de Agnes dir-se-ia impregnar a própria terra que ela habitava. Nas torres venerandas da catedral, que os gritos das gralhas tornavam ainda mais recolhidas do que se o silêncio as povoasse; nos portais desfeitos, outrora ornados de estátuas (que o tempo derrubara ou desfizera em pó, como aos peregrinos que as vinham admirar); nos cantos tranquilos em que a hera secular subia pelas paredes, cobrindo-lhes as ruínas; nas casas de outrora, no cenário pastoril dos campos, dos pomares e jardins, por toda a parte, enfim, eu senti pairar a mesma serenidade, o mesmo sopro calmo, pensativo, apaziguador.

Ao entrar na residência do doutor Wickfield, encontrei na saleta baixa do rés-do-chão o senhor Micawber a escrever com ar muito aplicado. Estava com um fato preto de aparência jurisdicional e enchia com a sua corpulência o compartimento exíguo.

Ficou satisfeitíssimo por me ver, mas ao mesmo tempo um tanto vexado. Desejou acompanhar-me logo à presença de Uriah; eu declinei a oferta.

- Conheço a casa há muito, como sabe - respondi - e sei orientar-me sozinho. Que impressão tem do Direito, senhor Micawber?

- Meu caro Copperfield, para uma pessoa dotada de imaginação superior, o inconveniente dos estudos jurídicos está na quantidade de minúcias que implicam. Até na nossa correspondência profissional - acrescentou relanceando as cartas que redigia - ao espírito escasseia liberdade de se elevar às formas mais altas da expressão. Contudo é uma bela carreira, uma belíssima carreira!

Disse-me em seguida que ia alugar a antiga casa de Uriah Heep, e que a mulher se regozijaria muito de me receber mais uma vez sob o seu tecto.

- Tecto humilde - sublinhou - para usar uma expressão predilecta do meu amigo Heep. Mas pode tornar-se um degrau para residência mais sumptuosa.

Perguntei-lhe se se sentia contente com a maneira como o tratava o seu amigo Heep. Levantou-se, para se certificar de que a porta estava bem fechada, e replicou baixando a voz:

- Copperfield, meu caro, uma pessoa que se debate no meio de embaraços pecuniários vê-se num pé de inferioridade em relação à maior parte dos mortais. E essa inferioridade decerto não se atenua quando a pressão das circunstâncias acarreta um adiantamento sobre os salários, antes que os emolumentos sejam estritamente devidos e pagos. Tudo o que posso observar-lhe é que o meu amigo correspondeu a apelos de que não necessito de precisar a natureza, fazendo igualmente honra à sua inteligência e ao seu coração.

- Não o julgava, a ele, tão liberal em matéria de dinheiro...

- Desculpe, mas falo do meu amigo Heep segundo a minha própria experiência.

- Rejubilo com o facto de essa experiência lhe ser favorável.

- Você é muito amável, meu caro Copperfield - concluiu ele, trauteando.

- Encontra-se muitas vezes com o doutor Wickfield? - inquiri, para mudar de assunto.

- Não muitas - volveu com ar desdenhoso. - O doutor Wickfield é, não duvido, um homem cheio de óptimas intenções, mas... em suma, envelheceu.

- Oxalá não tenha sido obra do seu associado.

- Meu caro Copperfield - recomeçou Micawber, após umas evoluções no tamborete, para disfarçar o constrangimento - permita um comentário. Ocupo aqui um lugar de confiança. Contam com a minha discrição. Discussões sobre certos assuntos, mesmo com a minha mulher (que é no entanto companheira de tantos anos de vicissitudes e, além disso, pessoa de espírito notavelmente sagaz), discussões destas, repito, são incompatíveis, em meu parecer, com as funções que desempenho. Atrevo-me, pois, a propor que, nas nossas relações tão amigáveis (as quais espero se mantenham), nós tracemos uma linha de demarcação. De um lado dessa linha - que Micawber representou na secretária servindo-se de uma régua - haverá todo o campo das preocupações humanas, com uma única excepção, e do outro, essa única excepção, isto é, os negócios dos senhores Wickfield e Heep, com todas as suas limitações. Espero não ofender o companheiro da minha mocidade submetendo esta proposta à imparcialidade do seu julgamento.

Ainda que adivinhasse em Micawber certo mal-estar (pois as novas funções pareciam constrangê-lo como um fato muito apertado), achei que não tinha razão para me considerar ofendido. Ele mostrou-se aliviado e apertou a minha mão.

- Que admiração eu sinto - disse Micawber - perante a senhora Wickfield! É mulher superior, cheia de encantos, de graças, de virtudes. Palavra de honra que me alegra prestar-lhe esta homenagem.

- Aí está, ao menos, uma coisa que me dará prazer.

- Se você, caro Copperfield, não nos tivesse afirmado, quando passámos aquele delicioso serão em sua casa, que tinha preferência pela letra D., eu julgaria que era pela letra A.

Acontece-nos termos às vezes a impressão de que o que estamos a fazer ou a dizer já foi por nós feito e dito noutra ocasião, que nos rodeavam nessa altura as mesmas caras e as mesmas circunstâncias; que sabemos com antecedência o que vai ser dito, como se tivéssemos uma recordação súbita do momento passado. Eu nunca experimentei aquela sensação misteriosa com tanta força como naquele instante em que falou o senhor Micawber.

Despedi-me dele por então, encarregando-o das minhas lembranças para todos os seus. No minuto em que o vi retomar o tamborete e a pena e ajeitar o pescoço no colarinho, como para dar à cabeça a verdadeira posição do escriba,

compreendi perfeitamente que havia entre nós, desde que ele entrara nas suas novas funções, algo que nos impedia o entendimento de outrora e mudava por completo o carácter das nossas relações.

Não estava ninguém na velha sala, embora aí se notassem vestígios da passagem recente da senhora Heep. Relanceei o compartimento que Agnes reservara para si e enxerguei-a sentada ao canto do lume, ocupada a escrever diante de uma linda secretariazinha, propriedade sua. Como eu a privasse da luz, ela ergueu a vista. Que felicidade ter sido a causa da expressão radiante que lhe apareceu no rosto e de um acolhimento tão afável!

- Agnes - disse-lhe após nos havermos sentado lado a lado - você fez-me tanta falta nos últimos tempos!

- Palavra? Outra vez? E já? Movi a cabeça afirmativamente.

- Não sei como isto é - continuei. - Julgo que me escasseia uma faculdade. Você habituara-se a pensar por mim e eu vinha tão naturalmente buscar conselhos junto de si que me privei de certa faculdade...

- Qual? - perguntou em tom festivo.

- Não sei que nome lhe dê. Acha que possuo seriedade e perseverança?

- Tenho a certeza - replicou Agnes.

- E paciência? - insisti hesitante.

- A suficiente, Trotwood.

- Contudo, sucede-me ser tão infeliz e estar tão inquieto! Tudo instável e tão indeciso! Quando quero ser firme... não encontro a necessária confiança.

- Prefiro esse nome a outro.

- Pois bem, veja: você chega a Londres, eu recupero a estabilidade, defino os meus propósitos... Depois extravio-me, venho cá, e num instante sou outro. As coisas que me atormentam não se alteraram desde que entrei nesta sala: mas nestes poucos minutos agiu sobre mim uma influência capaz de me transformar, e com que vantagem! Que é, pois? Qual é o seu segredo, Agnes?

A rapariga curvou a cabeça e olhou o lume.

- Não é nada de novo - recomecei. - Não se ria se lhe disser que sempre assim foi, tanto nas coisas grandes como nas pequenas. Os meus antigos cuidados eram apenas criancices, ao passo que presentemente são de vulto; mas, de cada vez que me afastei da minha irmã adoptiva...

Agnes levantou a vista. E que face angelical! Depois estendeu-me a mão, que beijei.

- De cada vez que você não estava, Agnes, para me reconduzir ao bom caminho e me dar coragem, eu parti à aventura e deparei dificuldades de todo o género. Mas, quando voltava para junto de si, como sempre fiz, achava paz e felicidade. Eis-me hoje de regresso, como um viajante fatigado que encontra o repouso bendito.

Sentia tão profundamente tudo quanto estava a dizer-lhe, achava-me tão comovido, que a voz me faltou e, escondendo a cara nas mãos, principiei a soluçar. Isto é a pura verdade. Fossem quais fossem as contradições e inconsequências da minha alma (que tantos outros também conhecem); fosse melhor ou pior o meu comportamento; fosse qual fosse a obstinação que usei por vezes em ignorar a voz do meu coração, tudo isto me passava despercebido. Sabia que experimentava sempre um sentimento profundo de descanso e de paz ao lado de Agnes; as suas maneiras plácidas e fraternais, o seu olhar cintilante, a voz branda, aquela serenidade que de todo o tempo me fizera sagrada a casa que ela habitava, depressa me arrancaram a esse desfalecimento, e eu contei-lhe tudo o que se havia passado desde o nosso último encontro.

- Não há mais nada para acrescentar - disse eu a Agnes, ao chegar ao fim das minhas confidências. - Agora conto consigo.

- Mas não é comigo que deve contar, Trotwood - respondeu ela com um sorriso meigo. - É com outra pessoa.

- Dora?

- Certamente.

- É que não lhe disse - ajuntei um tanto contrafeito - que se torna difícil... - Não queria, por nada deste mundo, confessar a impossibilidade de contar com Dora, por ser a personificação da lealdade e da pureza. - Não sei como exprimir-me... Ela é um ser tímido, fácil de se inquietar, fácil de se assustar. Há pouco tempo, antes da morte do pai, quando julguei azado falar-lhe de... Mas vou-lhe contar tudo, se tiver a paciência de me ouvir.

Expus então a Agnes a minha confissão, a história do livro de culinária, das contas domésticas e do resto.

- Oh, Trotwood! - replicou, com um sorriso de censura. - Isso é que é intrepidez! Nada o impedia de se resolver a um esforço para o desembaraçar na vida, sem, para tal, ter de assustar uma criança inexperiente e tímida. Coitada da Dora!

Jamais ouvi tanta indulgência expressa por alguém do que a contida nesta resposta. O efeito que me produziu foi semelhante ao que teria se a visse beijar Dora com admiração e ternura. Arrependi-me, de facto, de haver alarmado a minha amada. Fiquei altamente reconhecido a Agnes. Via-as, a uma e outra, reunidas num quadro encantador, amigas eleitas para se amarem mutuamente.

- Então que devo fazer, Agnes? Qual será a melhor solução?

- Penso que a maneira mais digna de proceder seria escrever às duas senhoras. Não lhe parece que estes segredinhos são desprezíveis?

- Decerto... visto ser a sua opinião.

- Não estou qualificada para ajuizar em semelhante matéria - replicou ela com hesitação e modéstia - mas afigura-se-me que... Em resumo, acho estas maneiras clandestinas e misteriosas incompatíveis com o seu carácter, Trotwood.

- Devido ao bom conceito que forma de mim, Agnes.

- Não, mas devido à sua honestidade natural. Eu própria escreverei às duas irmãs Spenlows. Pô-las-ei ao facto de tudo quanto se passou, e com simplicidade e franqueza. Pedirei licença para as visitar de vez em quando. Como você é novo e vai iniciar uma carreira, julgo que seria bom acrescentar que está disposto a aceitar todas as condições que elas considerem necessárias. Suplicarei que não indefiram o seu pedido sem ouvir Dora e que discutam com ela quando acharem ocasião favorável. Não serei muito veemente - ajuntou Agnes com doçura - nem muito imperiosa. Confiarei na minha fidelidade e perseverança, e na própria Dora.

- Mas se elas tornarem a meter medo à rapariga, falando-lhe no assunto? E se Dora chorar, sem dizer nada a meu respeito?

- Crê nessa probabilidade? - perguntou Agnes com a mesma benévola doçura de expressão.

- Coitada! É tão fácil de assustar como um passarinho. Sim, é provável. Ou se as duas Spenlows não forem acessíveis a um requerimento desta ordem... As velhas como elas são às vezes originais.

- Parece-me, Trotwood - volveu Agnes, alçando para mim os olhos - que não me deterei nessas considerações. Mais vale indagar somente se se deve agir assim, e, no caso afirmativo, pôr mãos à obra.

Não duvidei mais. De coração aliviado, ainda que imbuído da responsabilidade da minha tarefa, consagrei a tarde a fazer o rascunho da carta,

ocupação para que Agnes me cedera a sua secretária. Mas, primeiramente, fui visitar Wickfield e Uriah Heep.

Encontrei este último instalado num escritório novo, que ainda cheirava a estuque, construído a meio do jardim. Tinha um ar tão mesquinho entre os livros e a papelada que o rodeavam! Recebeu-me com a afabilidade costumada e fingiu que Micawber o não prevenira ainda da minha chegada. Acompanhou-me ao compartimento do doutor Wickfield, que já não parecia o que fora pois tinham retirado a maior parte dos móveis para adornar o do seu sócio. Este ficou de pé defronte do fogão, a aquecer as costas e a afagar o queixo com a mão ossuda, enquanto Wickfield e eu nos cumprimentávamos.

- Hospedar-se-á aqui, Copperfield, durante a sua permanência em Cantuária - disse o velho advogado, não sem lançar a Uriah um olhar com que pedia aprovação.

- Mas tem lugar para mim?

- Afianço-lhe, menino Davy... devia dizer senhor Copperfield mas isto vem instintivamente, que lhe cedo de bom grado o seu antigo quarto, se é que lhe dá gosto.

- Não, não - acudiu Wickfield - por que havia de ser você a desalojar-se? Há outro quarto, parece-me...

- Olhe que tenho o maior prazer! - insistiu Heep, com um sorriso que lembrava uma careta.

Para pôr ponto final na discussão, declarei que aceitava o outro quarto, e assim ficou decidido. Depois, despedi-me da firma até à hora do jantar, e subi a escada para voltar à saleta de Agnes. Esperava encontrá-la sozinha, mas a senhora Heep solicitara licença para se instalar ao pé do lume com o seu trabalho de malha (lugar mais favorável, dizia, para o seu reumatismo do que a sala grande ou a casa de jantar, devido à direcção do vento). Embora eu preferisse abandoná-la ao vento, sem remorsos, no mais alto campanário da Catedral, fiz das tripas coração e saudei-a cortesmente.

- Humildemente lhe agradeço, senhor Copperfield - disse ela respondendo às perguntas que lhe fiz acerca da sua saúde. - Vou indo como posso. Já não espero muito da vida. Bastar-me-á ver o meu Uriah bem estabelecido para não desejar mais nada. Como o achou?

Eu achara-o horrível como sempre, e informei-a de que não lhe encontrara mudança.

- Ah, encontrou-o na mesma? Pois rogo-lhe humildemente perdão para discordar do seu parecer. Não se lhe afigura mais magro?

- Nem por isso.

- Deveras? É que o não vê com os olhos de uma mãe.

Esse olhar materno, por mais meigo que fosse para ele, considerei-o o pior para as outras pessoas quando se poisou em mim. Mas creio realmente que eram muito dedicados um ao outro, mãe e filho. O dito olhar resvalou em seguida para Agnes.

- E a menina, não o acha mais magro e fatigado?

- Não - replicou Agnes, que prosseguiu pacificamente no seu trabalho. - A senhora apoquenta-se em excesso quanto a ele. Em minha opinião, direi que vai bem.

A senhora Heep retomou a sua malha, fungando ruidosamente.

Nem por um minuto abandonou as agulhas ou a vigilância. Eu chegara cedo e faltavam ainda umas três ou quatro horas para o jantar: mas a criatura manteve-se ali, trabalhando com a monotonia de uma ampulheta que deixa a areia escorrer. Estava sentada a um dos lados do fogão; eu, diante da secretária e do lume; e, um pouco mais longe, encontrava-se Agnes. De cada vez que, no meio das minhas lucubrações epistolares, levantava a vista e deparava o rosto pensativo da filha de Wickfield a iluminar-se e enviar-me um olhar de incitamento, logo sentia a influência maléfica da velha sobre mim e sobre Agnes. O que era a malha que ela fazia, não sei ao certo, por ser pouco versado nessa arte: pareceu-me uma espécie de rede. A mulher agitava as agulhas como pauzinhos de chinês, à luz das brasas, tal uma feiticeira horrenda conservada em atitude respeitosa pela fada boa que nos acompanhava, mas disposta a largar a rede à primeira oportunidade.

Durante o jantar, esses olhos que piscavam continuaram a observar-nos. Em seguida a fiscalização coube ao filho. Quando fiquei com ele e com o doutor Wickfield, o homem fez tantas caretas e contorções que me senti fora de mim. Na sala reunimo-nos à senhora Heep, que retomara as agulhas. Todo o tempo que Agnes tocou e cantou, a velha conservou-se ao pé do piano, e até pediu uma balada, da qual, segundo se depreendia, o seu Uriah gostava muito. Nesse momento, o mencionado Uriah bocejava na poltrona. De vez em quando, ela voltava-se para Agnes e dizia que o filho escutava extasiado. Nunca falava sem fazer alusão ao seu rebento. Dir-se-ia obedecer a uma combinação de família.

E assim foi até à hora de deitar. O facto de ter visto a mãe e o filho pairarem

como dois grandes morcegos pela casa toda, escurecendo-a com as suas sombras disformes, transtornara-me tanto que preferiria continuar onde estava (apesar da malha e do resto) a ir enfiar-me na cama. Quase nem dormi. No dia seguinte as agulhas e a vigilância recomeçaram e duraram até à noite.

Não tive oportunidade de ficar só com Agnes nem por dez minutos. Mal pude mostrar-lhe a carta definitivamente redigida. Propus-lhe ir passear comigo, mas a senhora Heep queixou-se de se sentir cada vez pior e Agnes conservou-se caridosamente em casa, para lhe fazer companhia. À noite saí só, pensando que partido devia tomar se não pudesse prevenir Agnes do que me dissera em Londres Uriah Heep.

Fui na direcção de Ramsgate, onde o caminho era bom: ainda não me afastara muito da cidade quando ouvi chamarem-me atrás de mim. Apesar do escuro, o vulto desengonçado e o sobretudo encolhido eram facilmente identificáveis. Parei, esperando por Uriah.

- Então? - murmurei.

- Como anda tão depressa! As minhas pernas não são curtas, mas custou-me a alcançá-lo.

- Aonde vai?

- Vou acompanhá-lo, menino Davy, se me quer dar esse prazer.

- Uriah! - disse-lhe após um momento de silêncio, tão delicadamente quanto pude.

- Menino Davy?!

- Para falar verdade... e espero que não se ofenda... saí expressamente para estar só; já tive hoje excesso de companhia...

Lançou-me um olhar de revés e observou com o mais cruel dos seus sorrisos:

- Refere-se à minha mãe?

- Desculpe, mas é verdade.

- Como sabe, temos tamanha consciência de sermos humildes que precisamos de tomar cuidado para que não nos suplantem aqueles que o não são. Em amor todos os estratagemas servem.

Levantou as mãos enormes, tocou no queixo e esfregou-o devagar, rindo baixinho; assemelhava-se tanto a um babuíno perverso como o pode ser um ente humano.

- Compreende - prosseguiu ele, continuando a sua picardia e oscilando a cabeça, enquanto me fitava. - O menino é um rival perigoso. Sempre o foi.

- Foi então por minha causa que montou essa vigilância em volta da menina Wickfield e que tornou o seu lar insuportável?

- Oh, menino Davy, que palavras tão rudes!

- Exprimo o meu pensamento com as palavras que quiser. Sabe o que pretendo insinuar, Uriah, e sabe-o tão bem como eu.

- Ah, não! Diga-o claramente, peço-lhe.

- Mas imagina - retorqui, procurando manter a calma e a moderação por causa de Agnes - que eu considero a menina Wickfield de outra forma diferente de uma irmã querida?

- Bem vê que não sou obrigado a responder a essa pergunta, menino Davy. Talvez não, talvez sim...

Nunca conheci astúcia semelhante àquela, tão abjecta. E, demais a mais, reflectida nuns olhos sem pestanas!

- Olhe - continuei - no próprio interesse da menina Wickfield...

- A minha Agnes! - bradou ele com uma contorção de epiléptico. - Tenha a bondade de lhe chamar Agnes, menino Davy.

- Então, no interesse de Agnes Wickfield (que Deus a proteja)...

- Obrigado por este voto...

- ... dir-lhe-ei o que, noutras circunstâncias, teria preferido dizer a Jack Ketch...

- A quem? - replicou Uriah, estendendo o pescoço e pondo a mão em concha na orelha.

- Ao carrasco, a pessoa mais inverosímil em que eu poderia pensar... - No entanto, fora a cara dele que me sugerira a comparação. - Estou noivo de outra rapariga. Espero que isto o tranquilize.

- Jura-mo?

Eu estava prestes a dar às minhas palavras, em tom indignado, a confirmação que ele requeria quando Uriah me agarrou a mão e a apertou.

- Oh, menino Davy, acaba de me honrar com as suas confidências, retribuindo assim a confiança com que lhe abri o meu coração nessa famosa noite em que o incomodei tanto, a ponto de dormir no sofá do seu escritório!

Jamais duvidaria de si. Mas, seja como for, vou já desembaraçá-lo da minha mãe, porque me sinto imensamente feliz. Estou certo que desculpará as precauções que tomei, como apaixonado ciumento. Que pena não me haver contado isso mais cedo! Não quis descer até mim, é o caso. Não ignora que a sua estima nunca igualou a que lhe dedico.

Sempre a falar, apertava a minha mão nos seus dedos húmidos e moles, embora eu fizesse mil esforços para a retirar. E não se contentou com isso mas passou o meu braço por baixo do seu e assim continuámos, unidos, o passeio.

- Volta-se para trás? - sugeriu Uriah, virando-se na direcção da cidade, sobre a qual nesse momento brilhava o luar, tornando prateadas as vidraças das janelas.

- Antes de concluir o assunto - ripostei, quebrando o silêncio que já se prolongava - gostaria que compreendesse isto: considero Agnes Wickfield tão superior a Uriah Heep, tão acima dele e tão estranha a todas as suas aspirações, como esta Lua que ora admiramos.

- Bem se vê que nunca me estimou, menino Davy. Sempre me achou muito humilde, não é verdade?

- Não aprecio muito as profissões de humildade, nem, aliás, as de fé, seja de quem for.

- Ah, não me admira - acudiu Uriah, com faces flácidas e cor de chumbo banhadas de luar. - No entanto, entende mal a humildade que convém aos da minha posição, menino Davy! Eu e meu pai fomos educados numa escola de rapazes sustentada pela caridade pública, e a minha mãe, por seu lado, criou-se num estabelecimento de beneficência. Aí, inculcavam-nos boa dose de humildade, e só isto, desde a manhã à noite. Devíamos ser humildes perante Fulano ou Sicrano, desbarretar-nos a este, fazer vénias àquele, estarmos sempre no nosso lugar e curvarmo-nos diante dos superiores. Meu pai ganhou, pela humildade, uma medalha de aluno mais bem comportado. Mais tarde foi sacristão, sempre devido à sua humildade. Tinha tal reputação de bem educado que estavam resolvidos a elevá-lo. «Sê humilde, Uriah», dizia-me, «e desbravarás o teu caminho. Foi o que me ensinaram na escola, e a ti ensinam também. E o que convém. Sê humilde, e vencerás!» E, de facto, a coisa não tem ido mal.

Pela primeira vez me acudiu a ideia de que se tratava de um produto consumado de falsa humildade, engendrado no seio de uma família que disso tirava o seu esteio.

- Ainda pequeno - prosseguiu Uriah - compreendi a força da humildade e tomei-lhe o gosto. Com apetite comia o pão da humildade. Detive-me, na educação, em um nível modesto e pensei: «Já chega.» Quando me propuseram ensinar-me latim, não me deixei tentar. «As pessoas gostam de se sentir superiores a ti», observava-me o pai. «Evita elevares-te.» Continuei humilde até hoje, menino Davy, mas disponho de certo poder.

Se me contava tudo aquilo (percebi-o vendo-lhe a cara na claridade argêntea) era para eu saber quanto estava decidido a se indemnizar usando desse poder. Nunca duvidara da sua abjecção, da sua habilidade ou da sua malícia; mas compreendi, pela primeira vez, que alma vil, impiedosa, sedenta de vingança, a sujeição da juventude criara naquele corpo.

A auto-apologia teve ao menos a consequência agradável de o levar a retirar o braço do meu para afagar o queixo, como de costume. E eu, com o braço liberto, estava disposto a não o deixar de novo no dele - e assim regressámos a casa, sem dizer mais nada de importante pelo caminho.

Não sei se Uriah se sentia exaltado pela comunicação que acabava de receber ou pela sua evocação do passado, mas havia efectivamente qualquer coisa que o entusiasmava. Durante o jantar, falou mais que de costume; perguntou à mãe (desobrigada da sua vigilância desde a nossa chegada) se não estava a tornar-se muito velho para continuar solteiro, e lançou tal olhar a Agnes que eu teria dado tudo, nesse instante, para o esmagar ali mesmo. Quando nós três, homens, ficámos na casa de jantar, ele usou de liberdades mais audaciosas. Tomara pouco vinho, se algum tomara, de maneira que só a insolência do triunfo o excitava, acirrada ainda, suponho, pela minha presença.

Notara eu, na Véspera, que Uriah se esforçava por que o doutor Wickfield ingerisse vinho. Por isso, interpretando o olhar que Agnes me deitara ao sair da sala, não consenti que a garrafa passasse mais de uma vez de um para outro, e propus que fôssemos reunir-nos às senhoras. Mas Uriah interrompeu-me:

- As visitas do nosso hóspede - disse ele dirigindo-se a Wickfield, que, sentado no extremo da mesa, formava perfeito contraste com o sócio - são tão raras que eu sugiro despejemos mais um ou dois copos em sua honra, se não vê nisso inconveniente. Senhor Copperfield, à sua saúde!

Vi-me obrigado a aceitar a mão que me estendia. Depois, com sentimentos muito diversos, apertei a do velho advogado, agora tão deprimido.

Não me alongarei nos brindes que Wickfield propôs à saúde da minha tia, do senhor Dick, do Tribunal, de Uriah, em todos bebendo duas vezes. Não

falarei também da consciência que ele tinha da sua fraqueza nem dos esforços vãos que fazia para resistir; nem da luta que nele se travava entre a vergonha que Uriah lhe inspirava e o seu desejo de a combater; nem da manifesta exaltação do velhaco, que se contorcia, agitava e impelia o velho sócio a fazer triste figura à sua frente. Tudo isto me causou náuseas e a mão recusa-se a descrever.

- Meu caro sócio - disse Uriah - vou alvitrar outro brinde, e peço-lhes humildemente que encham os copos, pois tenciono beber à saúde da mais divina do seu sexo.

O pai de Agnes conservava o copo vazio. Vi-o descansá-lo na mesa; olhar para o quadro da pessoa com quem ela tanto se parecia, levar a mão à testa e recair na cadeira.

- Sou muito humilde para ter lembrado isto - acrescentou Uriah - mas admiro-a tanto... adoro-a!

Creio que nenhuma dor física suportada por aquela cabeça grisalha me seria mais penosa de ver do que o sofrimento moral que Wickfield tentava comprimir, agora com as duas mãos.

- Agnes - continuou Uriah Heep, quer fingisse não notar a atitude do advogado, quer não compreendesse a significação do gesto. - Agnes Wickfield é, posso dizê-lo sem receio, a mais divina do seu sexo. Permitem-me que fale francamente, aqui entre amigos? Pois bem: ser pai dela é motivo de orgulho, mas ser seu marido...

Que Deus me guarde de jamais ouvir outro grito como o que soltou Wickfield, levantando-se da mesa.

- Que foi? - perguntou o biltre, empalidecendo horrorosamente. - Espero que o senhor não tenha enlouquecido... Se digo que tenciono tornar Agnes minha mulher é que tenho tanto direito como outro qualquer. Melhor: tenho mais direito do que outro!

Eu passara o braço de roda do corpo de Wickfield e implorava-lhe por tudo (e sobretudo por amor de Agnes) que se acalmasse um pouco. Nesse instante ele parecia doido, arrepelava os cabelos, batia na testa, procurava desembaraçar-se de mim... Não me respondia, não olhava nem via ninguém, mas debatia-se desesperado sem saber porquê, com a fisionomia alterada, os olhos alucinados.

Supliquei-lhe de forma incoerente, mas com veemência, que não se entregasse àquele arrebatamento e me escutasse; que pensasse em Agnes; que não se esquecesse de que eu e ela crescêramos juntos; que a respeitava e estimava; que para ele era um motivo de orgulho e de alegria. Diligenciei impor-

lhe a ideia de Agnes fosse de que forma fosse. Cheguei a incriminá-lo por não ter energia para ocultar da filha uma cena como aquela. Talvez lhe atingisse qualquer fibra, talvez a sua cólera esmorecesse por si mesma. O caso é que a pouco e pouco Wickfield sossegou e começou a olhar-me, a princípio de maneira estranha, depois como se me reconhecesse. Por fim disse-me:

- Bem sei, Trotwood! A minha querida filha e você... Bem sei. Mas veja-o!

Mostrava-me Uriah, que estava pálido e ameaçador, a um canto, evidentemente frustrado nos seus cálculos e apanhado de surpresa.

- Veja o meu algoz - continuou o dono da casa. - Cedi-lhe o terreno passo a passo, abandonando-lhe o meu nome, a minha reputação, o repouso e a tranquilidade, o meu tecto, o meu lar...

- Conservei-lhe o nome e a reputação, a paz e a tranquilidade do tecto e do lar - ripostou Uriah no tom precipitado e rabugento de um vencido. - Não seja ridículo, doutor Wickfield! Se ultrapassei um pouco os limites permitidos, poderei recuar. Não há nisso nenhum mal irremediável.

- Empreguei-o porque julguei que me podia ser útil - volveu Wickfield. - E de começo senti-me satisfeito. Mas olhe, Copperfield, em que ele se transformou!

- Mais vale que o detenha, David! - gritou-me Uriah, apontando-me o dedo magro e comprido. - É capaz de dizer qualquer coisa de que mais tarde se arrependa... e que o menino lastimará ter ouvido.

- Direi o que me apetecer - insistiu o advogado, que atingia o cúmulo do desespero. - Que me importa cair sob a alçada da sociedade, se já estou debaixo da sua?

- Tome cuidado, repito-lhe! - Uriah voltara-se para mim. - Se não lhe fechar a boca é que não é seu amigo. Por que não está à mercê de toda a gente? Porque tem uma filha. Eu e o senhor sabemos o que sabemos, não é verdade? Ah, não acorde o cão que dorme. Para quê? Não vê que sou o mais humilde que é possível? Torno a dizer: se me excedi, lamento. Que mais quer?

- Oh, Trotwood, Trotwood! - exclamou Wickfield, torcendo as mãos. - Em que me tornei desde que o vi pela primeira vez nesta casa! Já declinava, nessa altura, mas que caminho atroz percorri depois disso! A minha queda foi provocada por uma indulgência culposa: indulgência na lembrança e indulgência no esquecimento. A dor natural pela morte da minha mulher tornou-se uma coisa mórbida. Contaminei tudo em que pus as mãos. Causei a infelicidade do ente que tanto amo: sei-o e você também sabe. Julguei possível amar uma única

criatura no mundo, pondo de lado os demais. Julguei possível chorar um ente desaparecido, sem tomar parte no luto dos outros que choram. Assim se perverteram as lições da minha vida. Quis alimentar-me do sofrimento lânguido do coração, e esse coração nutriu-se de mim. Ignóbil na dor, ignóbil no amor, ignóbil na fuga cobarde para escapar às sombras de ambos, vejam a ruína que sou agora, detestem-me, fujam!

Deixou-se cair na poltrona e soluçou desabaladamente. Abandonara-o a excitação em que o lançara a objurgatória de Heep. Este regressou do seu canto. Wickfield continuou, estendendo as mãos como para repelir a sua condenação:

- Já nem sei o que fiz na minha cegueira. Ele sabe melhor do que eu - falava de Uriah - porque esteve sempre a meu lado, para me aconselhar. Já se pode ver que peso tenho ao pescoço. Encontramo-lo na casa, nos negócios. Ainda há pouco falou. Preciso de dizer mais?

- Não precisa de dizer tanto, nem metade, nem sequer nada - observou Uriah, meio impertinente, meio obsequioso. - O senhor não teria tomado as coisas dessa maneira se não fosse o vinho que bebeu. Amanhã estará mais lúcido. Se eu falei demais, ou mais do que queria, que importa? Não insisti.

Abriu-se a porta e Agnes, entrando sem ruído, de rosto imensamente pálido, passou o braço em torno do pescoço do pai e disse-lhe com firmeza:

- Papá, não se encontra bem de saúde. Venha comigo.

Wickfield apoiou a cabeça no ombro da filha, como se acabrunhado pela vergonha, e saiu com ela. O olhar de Agnes cruzou-se com o meu, por um segundo, mas isto bastou: compreendi que não ignorava o que tinha decorrido.

- Não pensei - observou-me Uriah - que ele tomasse a coisa tão a peito. Mas não tem importância. Amanhã reconciliar-nos-emos. É para seu bem. Trabalho humildemente para seu bem.

Sem responder, subi à saleta tranquila em que tantas vezes Agnes ficara a sós comigo, enquanto eu estudava. Até tarde ninguém mais entrou. Peguei num livro e comecei a lê-lo. Ouvi os relógios soarem meia-noite, e eu continuava a ler, sem dar fé do que fazia, quando Agnes me tocou no braço.

- Parte amanhã cedo, Trotwood. Vamos despedir-nos já. - Chorara, mas o rosto parecia outra vez belo e calmo. - Deus o acompanhe - acrescentou, com a mão estendida.

- Querida Agnes, vejo que não deseja que eu lhe fale desta noite... Mas não haverá outra solução?

- Devemos ter confiança em Deus! - respondeu.

- E eu não poderei ser útil, eu que vim importuná-la com os meus pequeninos dissabores?

- Que tornaram os meus muito mais leves! Não, caro Trotwood.

- Agnes, será presunção da minha parte, porque sou tão desprovido de tudo o que constitui a sua riqueza... bondade, energia, e as mais nobres qualidades... duvidar de si ou aconselhá-la; mas sabe quanto a estimo e quanto lhe devo. Não vai sacrificar-se a um falso sentimento do dever, pois não?

Mais comovida nesse momento do que eu a vira em toda a vida, Agnes retirou a mão da minha e recuou um passo. Insisti:

- Prometa-me que não tenciona fazer nada disso! Minha mais do que irmã! Pense no dom inestimável de um coração como o seu, de um amor como o seu!

Durante muito tempo, pela existência adiante, revi aquela face erguer-se diante de mim, com a mesma expressão em que se não lia nem espanto, nem censura, nem pena. Por muitos anos a evoquei e a vi transformando-se num sorriso encantador, como então, para me dizer que ela já não receava nada. Depois disso, com um adeus fraternal, Agnes desapareceu.

No dia seguinte ainda estava escuro quando subi para a imperial da diligência, à porta da estalagem. Eu pensava sempre em Agnes mas vi surgir no crepúsculo matutino a cabeça de Uriah Heep.

- Menino Davy - disse ele num grasnar abafado, agarrando-se ao varal do veículo - pensei que gostasse de saber, antes de partir, que não houve qualquer ruptura lá em casa. Já fui procurá-lo no seu quarto e tudo se recompôs. Meu Deus, sou tão humilde, mas não deixo de lhe ser útil. E ele compreende o seu interesse, quando não toma nada. Que homem simpático, em suma!

Forcei-me a participar-lhe quanto me senti feliz por saber que ele apresentara desculpas.

- Oh decerto! Quando se é humilde, que importância tem isso? É tão fácil! Oiça, creio que já lhe aconteceu colher uma pêra antes de estar madura, menino Davy...

- Julgo que sim.

- Foi o que eu fiz ontem. Ela, porém, há-de amadurecer. Só precisa de cuidados. Posso esperar.

Desfazendo-se em adeuses, Uriah desceu no momento em que o cocheiro

subia. Suponho que ele comia qualquer coisa para o preservar da frescura húmida do ar; mas o queixo movia-se como se a pêra estivesse já madura...

XL. O VIANDANTE

Nessa noite, na Buckingham Street, tivemos uma conversa séria a propósito dos acontecimentos relatados no capítulo anterior. A minha tia ficou profundamente impressionada e começou a andar cá e lá no quarto, de braços cruzados, durante mais de duas horas. Sempre que estava particularmente preocupada realizava sem descanso essas proezas pedestres; e a amplidão das suas inquietações media-se pela duração dos passeios. Desta vez o alvoroço que sentiu foi de tal ordem que ela achou necessário abrir a porta e andar também no quarto contíguo, fazendo o percurso de extremo a extremo. Enquanto eu e o senhor Dick nos conservávamos sossegados a um canto do lume, a tia não deixou de passar e repassar ao longo da sua trajectória, com a regularidade de um pêndulo.

Quando o senhor Dick se foi deitar, eu e a tia ficámos sós, de maneira que passei a limpo a carta para as duas Spenlows. A tia estava cansada de andar cá e lá: sentou-se junto do fogão, com a saia arregaçada, como habitualmente, mas em vez de conservar o copo de vinho nos joelhos, como de costume, pô-lo em cima da prateleira e, com o cotovelo esquerdo apoiado no braço direito e o queixo na mão esquerda, contemplou-me com ar pensativo. Sempre que eu levantava os olhos, encontrava os seus.

- Gosto muito de ti - observou-me - mas sinto-me triste e inquieta.

E fez com a cabeça um gesto afirmativo. Eu, absorto no meu trabalho, nem dei pela sua saída. Afinal nem tocara na bebida quente, sua tisana nocturna! Quando lhe bati à porta, para a prevenir disto, a tia Betsey aproximou-se e disse-me no tom mais afectuoso que pôde: «Trot, não me apetece tomá-la esta noite.» Abanou a cabeça e afastou-se.

Na manhã seguinte, leu a carta que eu escrevera às senhoras Spenlows e deu-lhe a sua aprovação. Levei a epístola ao correio e preparei-me para aguardar a resposta com toda a paciência de que dispunha. Vivi naquela expectativa cerca de uma semana, quando certa noite de neve deixei a casa do doutor Strong e voltei para a minha a pé.

O dia fora glacial, um vento açoitante soprara todo o tempo, de nordeste. Com o declinar do dia declinara o vento, e principiara a neve, que caíra espessa, sem cessar, em flocos grossos, formando já uma camada espessíssima. O ruído das rodas e dos passos era ensurdecido como se as ruas estivessem juncadas de

penas. O caminho mais curto para a minha residência (e, naturalmente, com um tempo daqueles) seria pelo Saint Martin's Lane. Ora a igreja que lhe dava o nome estava então menos desembaraçada do que é hoje: não havia largo defronte do pórtico e a travessa descia serpenteando para o Strand.

Quando passei diante dos degraus do adro, descortinei um rosto de mulher, que me olhou. Ela atravessou a via e desapareceu. Conhecia-a. Vira-a algures, embora não me lembrasse onde fora, mas despertou-me certa associação de ideias que me veio direita ao coração. Todavia pensei noutra coisa e a memória confundiu-se-me.

Nos degraus desenhava-se o vulto curvado de um homem que descansara um fardo em cima da neve para o repor aos ombros. Distingui-lhe também a cara,, mas, apesar da minha surpresa, continuei a andar. O homem entretanto endireitou-se e desceu na minha direcção. Achei-me então frente a frente com o senhor Peggotty.

Soube nesse momento quem era a mulher: era Martha, a quem Emily dera dinheiro, certa noite, na cozinha. Martha Endell, de quem Ham dissera que o tio não queria ver acompanhar a sobrinha nem por todos os bens deste mundo.

Apertámos a mão com força. De começo não pudemos falar, até que ele exclamou:

- Menino Davy! Que alegria vê-lo, que belo encontro!

- É verdade, meu amigo, um belo encontro.

- Tinha pensado ir procurà-lo esta noite, mas ao saber que a sua tia morava consigo (pois estive em Yarmouth), tive medo de que já fosse muito tarde. Irei amanhã de manhã, antes de tornar a partir.

- Outra vez?

- Sim, senhor - respondeu Peggotty oscilando a cabeça com resignação. - Parto amanhã.

- Aonde ia agora?

- A qualquer parte - disse ele, sacudindo a neve dos cabelos compridos. - A qualquer abrigo.

Havia nesse tempo, quase defronte do lugar onde estávamos, uma porta que dava acesso ao pátio da Golden Cross, estalagem que sempre me recorda o infortúnio de Peggotty. Indiquei-lhe a porta, tomei-lhe o braço e passámos. Dois ou três cafés tinham entrada por este pátio. Um deles estava deserto e tinha bom

lume. Convidei o meu companheiro a entrar.

Quando o vi à luz, notei que usava o cabelo mais comprido e revolto e que o rosto estava queimado do sol. Tinha algumas cãs, rugas nas faces e outras mais fundas na testa. Via-se bem que vagabundeara sob toda a espécie de intempéries. Mas dava ao mesmo tempo uma sensação de força, como um homem protegido por uma resolução inabalável, que por nada se deixa abater.

Sacudia a neve do chapéu e do fato e enxugava a cara enquanto eu fazia estas observações. Sentou-se defronte de mim, a uma das mesas, de costas para a porta por onde entráramos, e outra vez me estendeu a mão para apertar a minha.

- Vou contar-lhe, menino David - começou - tudo o que apurei nos lugares onde estive. Fui muito longe, sem grande resultado. Mas vou contar.

Chamei alguém para que trouxessem qualquer bebida quente. Eu não desejava nada mais forte do que cerveja. Enquanto no-la traziam e a punham a amornar perto do lume, ele permaneceu com ar pensativo. Via-se-lhe estampada no rosto uma expressão de bela gravidade, que não ousei perturbar.

- Quando era pequena - disse erguendo a cabeça, ao ficarmos sós - ela falava-me muito do mar, dessas costas em que o mar é de um azul profundo e se estende brilhante ao sol. Devia ser pelo facto de o pai se ter afogado que se interessava tanto pelo mar. Talvez supusesse... ou esperasse... que ele tivesse sido lançado para essas regiões em que as flores estão sempre desabrochadas e os campos são tão bonitos.

- Coisas de criança - observei.

- No dia em que ela... se perdeu... tive a certeza de que ele a levaria lá. Estava convencido de que lhe contara coisas extraordinárias, que a persuadira de que seria uma senhora, e que fora com esses discursos que a seduzira. Quando visitámos a mãe dele, compreendi que tivera razão. Atravessei a Mancha e desembarquei em França, como se caísse do céu.

Vi a porta mover-se e a neve entrar. A porta abriu-se mais, a pouco e pouco; alguém a segurava com a mão.

- Encontrei lá um senhor inglês, pessoa influente, e disse-lhe que andava em procura da minha sobrinha. Deu-me os papéis de que eu precisava (já não sei que nome tinham) e ter-me-ia dado dinheiro se a sorte não me houvesse favorecido com bastante. Agradeci-lhe do fundo do coração por tudo quanto fazia por mim. «Escrevi para os lugares por onde há-de passar», disse-me ele, «e falarei de si aos que se encaminharem na mesma direcção; muitos saberão quem o senhor é, mesmo longe daqui, quando chegar sozinho a qualquer parte». Tornei

a agradecer-lhe e parti através da França.

- Só e a pé?

- A maior parte do tempo a pé; às vezes em carroças, com pessoas que iam às feiras, outras em diligências vazias. Calcorreei muitos quilómetros, não raramente com algum soldado que visitava a família. Não nos podíamos entender por palavras, mas fazíamos mútua companhia ao longo das estradas poeirentas.

Bastou-me ouvir-lhe a voz cordial para acreditar que assim fora.

- Quando chegava a uma cidade - prosseguiu o senhor Peggotty - ia em demanda de uma estalagem e esperava no pátio até que viesse alguém que falasse inglês. Acontecia sempre haver quem soubesse e então informava-o do meu propósito e ele esclarecia-me quanto às pessoas ali alojadas: entre as que saíam e entravam, tinha esperança de ver Emily; se não via, tornava a partir. Cedo notei que, ao entrar nalguma aldeia, a gente da terra já ouvira falar de mim. Instalavam-me à porta das choupanas e davam-me de comer e beber, e depois indicavam-me o sítio onde poderia pernoitar. Quantas mulheres, menino Davy, mães de filhas da idade de Emily, me aguardavam à entrada da povoação para me ser úteis de qualquer forma! Às vezes a filha morrera, mas só Deus sabe a bondade que se albergava no coração dessas mães.

Era Martha que segurava a porta. Vi-lhe distintamente o rosto esquivo. Só sentia um receio: que o meu companheiro voltasse a cabeça e a descortinasse também.

- Às vezes punham-me nos joelhos os filhos, sobretudo as meninas - acrescentou o senhor Peggotty. - E havia de ver-me, sentado às portas, ao anoitecer, com essas criancinhas como se fossem filhos da minha Emily! Coitada da Emily!

Invadido por uma onda de saudades, começou a soluçar. Pus-Lhe a minha mão trémula sobre a mão com que ele tapara os olhos.

- Obrigado, menino. Não faça caso disto.

Daí a pouco retirou a mão para a enfiar na véstea, e prosseguiu a sua narrativa.

- Outras ocasiões, na manhã do dia seguinte, acompanhavam-me por dois ou três quilómetros e, quando nos separávamos, eu dizia-lhes: «Agradeço muito. Deus lhes pague!», e elas pareciam sempre compreender, porque me respondiam com afecto. Enfim, alcancei o mar. Não foi difícil para mim, como velho

marinheiro, conseguir chegar à Itália. Uma vez aí, recomecei os meus passos de erradio. Eram todos pessoas bondosas e eu iria de cidade em cidade até aos confins da nação se não tivesse sabido que a rapariga fora vista nas montanhas da Suíça. Alguém que conhecia o criado lobrigara-os a todos três. Parti para essas montanhas, menino Davy, e andei dia e noite. Quanto mais avançava mais as montanhas pareciam recuar. Finalmente atingi-as, atravessei-as e aproximei-me do lugar que me tinham indicado. Ali perguntei a mim mesmo: «Que vou fazer, quando a encontrar?»

O tal rosto ansioso, insensível à noite cruel, continuava a espreitar pela porta entreaberta. Com as mãos, a criatura implorava-me que a não mandasse embora.

- Nunca duvidei dela! - exclamou o pescador. - Não! Nunca! Que ela me veja apenas a cara, me oiça a voz, ou que a minha presença silenciosa lhe recorde o lar donde fugiu, e, ainda que se haja tornado princesa, logo cairá a meus pés. Disto tenho a certeza. Não raramente, durante o sono, lhe escutei as palavras «Meu tio!» E com frequência, também no sono, a ergui do chão onde ajoelhara e lhe disse baixinho: «Querida Emily, vim trazer-te o perdão e levar-te para casa.»

Deteve-se, meneou a cabeça, e continuou com um suspiro:

- Ele já não me interessa. Só ela conta para mim. Tinha-lhe comprado um vestido de aldeã, e sabia que, se a encontrasse, Emily me acompanharia pelos caminhos cobertos de pó, fosse para onde fosse, e nunca mais me deixaria. Só pensava persuadi-la a que vestisse esse traje, em troca do que usasse, tomar-lhe o braço, parar de vez em quando para lhe pensar os pés doridos da caminhada; eis unicamente o meu desejo, que, por infelicidade, menino Davy, ainda não se realizou. Eu chegava tarde de mais, eles já tinham partido... Para onde? Ninguém sabia dizer-me. Ora me apontavam um sítio, ora outro, eu ia aqui e ali, e nada de Emily. Agora, estou de regresso a casa.

- Desde quando?

- Há quatro dias. Ao cair da noite surgiu-me o velho barco e vi a luz brilhar na janelinha. Quando me acerquei, olhando através das vidraças, descobri a senhora Gummidge... santa criatura!... sentada à lareira, sozinha. «Não tenha medo», disse-lhe, «é o Daniel». E entrei. Nunca pensei que o velho barco me parecesse tão estranho.

De um bolso interior, extraiu com cuidado um maço de papéis, que colocou em cima da mesa. Eram cartas.

- Esta chegou em primeiro lugar - esclareceu, tirando uma do maço - logo na semana seguinte à minha partida. Continha uma nota de cinquenta libras, envolta numa folha de papel, e foi introduzida debaixo da porta, durante a noite. Procurou disfarçar a letra, mas a mim não me iludiu.

Com os mesmos cuidados, pôs a carta de lado e continuou, apresentando outra:

- Esta veio para a senhora Gummidge há dois ou três meses. - Mirou-a por minutos e apresentou-ma, dizendo em voz baixa: - Faça favor de a ler.

É o que se segue:

«Quais serão os seus pensamentos ao ver esta caligrafia e ao lembrar-se de que foi traçada por mão culposa? Mas tente, oh, tente (não por mim mas em nome da bondade do meu tio) deixar-se comover, nem que por um instantinho! Procure, suplico-lhe, ter dó desta rapariga infeliz e escrever num bocado de papel o que sabe a meu respeito, o que ele disse de mim, e, se à noite, à hora em que eu voltava outrora para casa, ainda o tio dá a impressão de pensar naquela que tanto estimou! O coração dilacera-se-me quando me lembro de tudo isso. Ajoelho diante de si para lhe pedir, rogar que não seja comigo tão cruel quanto mereço, mas tenha um poucachinho de generosidade para me falar dele e mandar-me umas palavrinhas. Não me trate por pequena, não me trate pelo nome que desonrei, mas atenda à minha angústia e haja ao menos a compaixão de me enviar notícias desse tio que decerto nunca mais verei.

«Querida senhora Gummidge, se lhe endureci o coração, não me posso queixar; mas oiça-me, e, se não se compadecer, consulte aquele a quem mais ofendi, aquele de quem deveria ser esposa; consulte-o antes de se mostrar surda aos meus rogos! Se ele tiver a bondade de dizer que pode escrever-me umas linhas (e creio que o fará); se quiser pedir-lhe isso (pois foi sempre tão generoso, tão digno), informe-o (mas só então) de que, ao escutar o vento à noite, tenho a impressão de que está cheio de cólera depois de ter visto o tio e ele, e que anda a acusar-me junto de Deus. Diga-lhe que se morrer amanhã (estivesse eu preparada, como seria feliz!) as minhas últimas palavras seriam para o abençoar, a ele e ao tio, e o meu derradeiro suspiro para rezar pela sua felicidade futura.»

Também havia dinheiro nesta carta: cinco libras. Intactas como as outras. Peggotty dobrou-a, tal qual fizera à primeira. Seguiam-se instruções minuciosas quanto ao endereço para a resposta; e, se bem que isto sugerisse vários intermediários e fosse difícil chegar a uma conclusão segura quanto ao sítio onde Emily se escondia, não parecia impossível que a rapariga tivesse escrito da

própria povoação em que se disse que fora vista.

- Que lhe responderam? - perguntei.

- Como a senhora Gummidge não é muito instruída, Ham ofereceu-se para fazer o borrão, que ela copiou. Diziam-lhe que eu partira em sua procura e repetiram-lhe as minhas últimas palavras.

- Essa é outra carta?

- Não, senhor, é dinheiro - replicou Peggotty, desdobrando o papel. - Dez libras, como vê, acompanhadas destas palavras: De um amigo sincero, como na primeira. Mas a primeira foi introduzida por baixo da porta e esta chegou pelo correio, anteontem. Investigarei através do carimbo aqui aposto.

Mostrou-me. Era uma cidade do Alto Reno. Em Yarmouth descobrira comerciantes estrangeiros que conheciam aquela região e lhe haviam desenhado numa folha de papel um mapa esquemático. Colocou-o na mesa, entre nós. E, com o queixo apoiado a uma das mãos, indicou com a outra o caminho que devia tomar. Pedi informações do Ham. Peggotty abanou a cabeça.

- Trabalha o mais corajosamente possível. O seu nome é respeitado onde quer que ele se encontre. Nunca ninguém o ouviu lamentar-se. Mas (aqui entre nós) a minha irmã diz que o rapaz ficou deveras abalado.

- Coitado do rapaz! Não me admira nada.

- Menino Davy - prosseguiu Daniel Peggoty, em voz baixa e grave - Ham expõe constantemente a vida. Quando é preciso alguém para arrostar com o mau tempo, ele é sempre o primeiro. Está à frente de todos os perigos. E, apesar disso, meigo como uma criança; aliás todas as crianças o conhecem em Yarmouth.

Recolheu as cartas, com ar apressado, alisando-as com os dedos, pô-las de novo sobre as outras, num maço, e guardou-as tenazmente junto do coração. O rosto que aparecera à porta já não estava lá. A neve continuava a entrar no aposento.

- Pois bem - disse o pescador, procurando a sacola. - Agora que lhe falei, menino Davy (o que me foi tão consolador!), partirei outra vez de manhã cedo. O que me preocupa é poder morrer sem entregar este dinheiro. Se o perder, ou mo furtarem, ou desaparecer de qualquer forma, sem que se saiba que o não aceitei, creio que não aguentaria na Eternidade e que voltaria a este mundo.

Levantou-se. Imitei-o e apertámos pela última vez a mão, antes de sair.

- Andaria milhares e milhares de quilómetros, até cair exausto, só para devolver este dinheiro. Se o conseguir, se encontrar Emily, nada mais pedirei. Se a não encontrar, talvez ela saiba um dia que o tio que tanto a amou nunca deixou de a procurar senão à hora da morte. E, se bem a conheço, sei que isso basta para a reconduzir a casa.

Na ocasião em que ele saía, enfrentando a algidez da noite, vi um vulto solitário fugir diante de nós. Tratei de deter Daniel Peggotty sob não sei que pretexto até que ele tivesse desaparecido.

Falou de uma hospedaria na estrada de Dover, onde tinha a certeza de achar uma cama modesta e limpa. Acompanhei-o até à porta de Westminster e deixei-o na margem direita. Vendo-o retomar a marcha, sozinho, através de neve, senti que tudo se calava por consideração para com ele.

Regressei ao pátio da estalagem e, impressionado com a lembrança do rosto entrevisto, busquei-o com uma espécie de receio supersticioso. Não o topei. A neve cobrira os vestígios dos passos recentes, só se notava o das minhas últimas pegadas, e estas começavam a desaparecer quando voltei a cara a fim de olhar para trás.

XLI. AS TIAS DE DORA

Finalmente recebi resposta das duas senhoras. Apresentavam cumprimentos ao senhor Copperfield e informavam-no de que tinham prestado à carta a atenção merecida «para a felicidade dos dois interessados», o que me pareceu expressão assaz inquietante, não só por causa do uso que dela haviam feito quando do dissentimento familiar de que já falei, como porque observara que tais fórmulas estereotipadas são uma espécie de fogo de artifício, fáceis de lançar e susceptíveis de tomar uma infinidade de formas e de cores impossíveis de prever na origem. As damas Spenlows acrescentavam ser seu desejo não se pronunciarem «em carta» acerca da comunicação que lhes fizera o senhor Copperfield; mas se o senhor Copperfield quisesse dar-lhes a honra de as visitar em determinado dia (na companhia, se achasse preferível, de um amigo íntimo), com muito gosto discutiriam com ele o assunto.

«O senhor Copperfield» respondeu logo com os seus cumprimentos respeitosos e declarou que teria a honra de comparecer em casa das senhoras Spenlows, na data fixada, acompanhado (em virtude da amável permissão) do seu amigo senhor Thomas Traddles, estudante de Direito. Expedida que foi a missiva, o senhor Copperfield caiu num estado de grande excitação nervosa, que durou até ao citado dia.

Afligia-me também a ideia de estar privado, nesse momento decisivo, dos serviços inestimáveis da senhora Mills. O pai dela, que passava o tempo a fazer coisas que me arreliavam, chegou ao cúmulo de projectar uma viagem à índia. Realmente, que tinha ele em vista com esta deliberação senão causar-me transtorno? Para falar verdade, o senhor Mills não precisava de ir a parte nenhuma senão à índia, porque aí é que residiam os seus interesses comerciais. Vivera em Calcutá na sua mocidade e resolvera lá voltar, acompanhado de Julia. Por isso iniciou as despedidas à família da província, deixando na casa de Londres letreiros que anunciavam a sua venda ou aluguer. E assim me tornava eu joguete da segunda catástrofe, ainda mal refeito da primeira!

Hesitei muito quanto à escolha do fato para esse dia assinalado, indeciso entre o desejo de parecer o melhor possível e o receio de exibir qualquer coisa que pudesse vir a prejudicar-me no espírito das Spenlows. Diligenciei encontrar um meio termo e a minha tia declarou-se satisfeita com o resultado. No tocante ao senhor Dick, esse atirou um sapato pela escada abaixo, atrás de mim e de Traddles, para nos dar sorte, velho costume inglês usado em especial nos

casamentos.

Por mais simpático que fosse Traddles e por maior amizade que eu lhe consagrasse, não me coibi de lamentar, nessa ocasião delicada, que ele usasse o cabelo tão cortado à escovinha. Isto proporcionava-lhe um ar espantado (para não dizer de vasculho de limpa-chaminés) e eu, no íntimo, augurava a esse propósito qualquer fatalidade. Pelo caminho, ousei comunicar-lhe os meus temores, sugerindo-lhe acamasse um pouco o cabelo.

- Meu caro Copperfield - disse ele tirando o chapéu e passando a mão pela cabeça, em todas as direcções - bem gostaria eu de o fazer. Mas é inútil.

- Não podes achatá-lo?

- Não. Nada o decidiria, nem que eu transportasse um peso de cinquenta libras até Putney: logo que o retirasse, o cabelo voltaria à posição habitual. Não fazes ideia de quanto é teimoso, Copperfield. Sou um autêntico porco-espinho.

Fiquei um tanto descoroçoado, confesso, embora o seu bom humor me fizesse sorrir. Disse-lhe quanto apreciava aquela disposição de espírito e observei que os cabelos deviam estar carregados de toda a obstinação da sua natureza, porque no resto não havia quaisquer vestígios.

- Ah - ripostou Traddles - estes cabelos não acabam de me dar aborrecimentos. A mulher de meu tio não os suportava, e bastante me constrangeram quando me apaixonei por Sophy.

- Também lhe desagradavam?

- A ela, não, mas à irmã mais velha, a que é uma beldade. Aliás, todas as outras irmãs se divertem à custa disto. Tornou-se objecto de chacota. Contam as raparigas que Sophy tem guardada uma madeixa, mas que precisa de a conservar dentro de um livro para evitar que se erice.

- A propósito, Traddles, a tua experiência pode ser-me útil. Quando ficaste noivo dessa menina, fizeste um pedido em forma aos pais? Quer dizer, uma diligência no género da que vamos fazer hoje - acrescentei ansioso.

- Oh! - retorquiu o meu amigo, cujo rosto pensativo se ensombrou. - Foi uma coisa deveras penosa para mim. Bem vês, Sophy é tão necessária à família que ninguém admitia a ideia de a poder dispensar. Até haviam decidido que ela jamais se casaria e já lhe chamavam solteirona. Foi por isso que, ao aflorar o assunto, com muitos circunlóquios, diante da senhora Crewler...

- É a mãe?

- E. O pai é o reverendo Horace Crewler. Falei, pois, com toda a circunspecção possível à senhora Crewler, e o resultado foi ela ter soltado um grito e desmaiado. Durante meses não me atrevi a tocar no assunto.

- E, por fim...

- Não fui eu, mas o reverendo Horace. Homem excelente, e exemplar a todos os respeitos. Fez-lhe compreender que era da sua obrigação de cristã aceitar esse sacrifício (afinal tão duvidoso!) e não me querer mal. Quanto a mim, Copperfield, tive a impressão de ser uma ave de rapina introduzida naquela casa.

- As irmãs tomaram o teu partido, naturalmente...

- Não bem assim. Depois de conseguirmos que a senhora Crewler aceitasse a ideia, foi preciso prevenir Sarah. Lembras-te de que te falei de Sarah, a que tem uma doença na coluna vertebral?

- Lembro-me, sim.

- Pois apertou os punhos - explicou Traddles, com ar consternado - fechou os punhos, empalideceu e ficou hirta. Durante dois dias só comeu pão torrado e bebeu água que lhe davam com uma colherinha.

- Que criatura antipática - exclamei.

- Espera, Copperfield. É uma rapariga encantadora, porém muito sensível. As outras também o são. Sophy, mais tarde, disse-me que as palavras não exprimiriam os remorsos que sentiu quando tratou de Sarah. Até me considerei criminoso! Quando Sarah se restabeleceu, tivemos de dar a notícia do futuro casamento às outras irmãs: em todas produziu efeitos penosos, embora diferentes. As duas mais pequenas, cuja educação está a cargo de Sophy, só agora começam a gostar mais de mim.

- Ao menos, conto que, presentemente, se hajam habituado à ideia.

- Hum... Talvez estejam resignadas. A verdade é que evitamos falar do caso. E a incerteza do dia de amanhã, de mistura com a mediocridade da minha situação, serve-lhes no fim de contas de consolo. Haverá uma cena das piores no dia em que nos casarmos! Vai parecer mais um enterro do que um casamento. Com que ódio verão levar a irmã do lar!

A modéstia do seu rosto, enquanto ele me considerava, meneando a cabeça com ar meio sério meio cómico, impressiona-me mais agora do que me impressionou então, porque nessa altura a minha ansiedade não me deixava fixar a atenção fosse no que fosse. Ao aproximarmo-nos da residência das irmãs Spenlows, eu tinha um aspecto tão lastimável que Traddles propôs um

estimulante sob a forma prosaica de cerveja. Tomei-a num café da vizinhança e ele encaminhou-me, vacilante, até à porta das duas solteironas.

Quando a criada veio abrir, tive a impressão vaga de ser, por assim dizer, inspeccionado; depois, a de atravessar, cambaleando, o vestíbulo, em que havia um barómetro, para entrar enfim numa saleta muito asseada do rés-do-chão, que dava para um jardim bem tratadinho. Sentei-me no sofá e vi o cabelo de Traddles eriçar-se, agora que ele tirara o chapéu, como aqueles diabinhos das caixas de molas quando se ergue a tampa. Ouvi o tiquetaque de um relógio na prateleira do fogão e tentei acertar com esse ritmo as pulsações desordenadas do coração. Procurei em volta um sinal da presença de Dora, sem o encontrar. Julguei mesmo ter sentido ao longe

um latido do Jip, logo refreado por alguém, E acabei dando por mim a repelir Traddles para um canto, no momento em que eu saudava cheio de embaraço as duas senhoras secas e idosas, vestidas de preto e ambas semelhantes a um esboço encolhido e crestado do defunto doutor Spenlow.

- Faça favor de se sentar - disse uma delas.

Quando, havendo tropeçado sobre Traddles, pude sentar-me sobre outra coisa que não o gato (à primeira tentativa quase esborrachei o felino), consegui a visão suficiente para verificar que o doutor Spenlow devia ter sido o mais novo da família e que haveria uma diferença de seis a oito anos entre as duas irmãs. A menos velha pareceu-me encarregada de orientar a conversa, pois exibia uma carta (tão familiar e todavia tão estranha aos meus olhos) e consultava-a através da luneta de cabo. Trajavam da mesma maneira, mas esta usava o vestido mais juvenilmente que a outra e ornava-o de uma gola suplementar, ou broche ou qualquer penduricalho que a tornava mais airosa. Conservavam-se direitas, rígidas, cerimoniosas, dignas e calmas. A que não segurava a minha carta tinha cruzado os braços no peito, um sobre o outro, como um ídolo.

- É o senhor Copperfield, creio eu - disse a que estava munida da epístola, voltando-se para Traddles.

Mau começo. Traddles precisou declarar que o Copperfield era eu, e eu tive de confirmar a asserção, e elas viram-se obrigadas a rejeitar a opinião preconcebida de que Traddles era Copperfield. Em suma, estávamos todos altamente embaraçados.

Para compor as coisas, soou distintamente o latir de Jip, por duas vezes, antes que fosse de novo sufocado.

- Senhor Copperfield... - recomeçou a da carta.

Fiz não sei quê (provavelmente um cumprimento) e tornei-me todo ouvidos. Mas a outra irmã interveio:

- Lavinia, que é mais versada nesta matéria, vai dizer-lhe o que se nos afigura susceptível de conduzir o assunto da melhor forma para o bem dos dois interessados.

Percebi a pouco e pouco que Lavinia se tornara autoridade em coisas de coração, devido à existência pretérita de um tal senhor Pidger, que jogava ao whist e que se pressupunha ter sido seu namorado. A minha opinião pessoal é de que se trata de uma suposição gratuita e que Pidger estava de todo inocente de haver mostrado semelhantes pretensões. Contudo, Lavinia e Clarisse haviam-se convencido de que o homem declararia o seu amor se não tivesse sido arrebatado em plena mocidade (cerca dos sessenta anos) por um pernicioso excesso de bebidas seguido, à laia de remédio, da absorção não menos excessiva de água de Bath. Chegaram a imaginar que o homem morrera de paixão solapada, embora na casa houvesse um retrato de Pidger que o representava de nariz rubicundo, o que não parecia favorável à persistência dessa hipótese romântica.

- Não insistiremos - disse Lavinia - sobre esta história passada. A morte do nosso pobre irmão Francis pôs-lhe ponto final.

- Nós não mantínhamos relações frequentes com o nosso irmão Francis - interveio Clarissa. - Mas não havia verdadeiro desacordo nem desunião entre nós. Francis seguia o seu caminho e nós o nosso. Acháramos que era preferível para o bem-estar de todos os interessados. E assim se fez.

Cada uma delas inclinava-se um pouco para a frente, quando falava, sacudia a cabeça ao terminar, e endireitava-se depois. Clarissa nunca movia os braços; às vezes dava pancadinhas nos cotovelos, com a ponta dos dedos, como se marcasse o compasso de um minuete ou de uma marcha, porém os braços, esses nunca mexiam.

- A posição da nossa sobrinha modificou-se com a morte do pai - disse Lavinia - e é como se a opinião dele tivesse mudado também. Não temos qualquer motivo, senhor Copperfield, para duvidar das suas qualidades e honradez, nem da afeição que sente (ou que julga sinceramente sentir) pela nossa sobrinha.

Respondi, como fazia sempre que tinha oportunidade, que ninguém jamais amara como eu amava Dora. Traddles confirmou com um murmúrio aprovador.

Lavinia preparava-se para replicar, quando Clarissa, que parecia obcecada pela tentação de falar do irmão Francis, interveio outra vez:

- Se a mãe de Dora houvesse dito, logo após o casamento, que não havia lugar à sua mesa para toda a família, isso teria sido melhor para todos os interessados.

- Mana Clarissa - objectou Lavinia - talvez seja supérfluo recordar agora essas coisas.

- Mana Lavinia, isto faz parte do assunto. Se se tratasse de matéria que só tu estás qualificada para resolver, eu não me atreveria a intervir. Mas a este respeito tenho a minha opinião e acho-me no direito de a expor. Mais valera para a felicidade de todos os interessados que a mãe de Dora houvesse dito claramente, ao casar com o nosso irmão Francis, quais eram as suas intenções. Saberíamos então em que regime vivíamos. Ter-lhe-íamos pedido que nunca nos convidasse e assim se evitaria qualquer risco de mal-entendido.

Depois de Clarissa menear a cabeça, Lavinia prosseguiu, lançando previamente um olhar à minha carta através da luneta de cabo. Notei que ambas tinham olhinhos redondos, brilhantes e piscos como os dos pássaros. Aliás, possuíam mais de uma semelhança com os indivíduos emplumados: um ar vivo, desperto, ágil, e um modo ao mesmo tempo brusco e garrido de alisar as penas, que fazia pensar nos canários.

Lavinia encetou o tema da minha visita à sua casa:

- O senhor pediu-nos licença, a mim e à minha irmã, senhor Copperfield, para vir cá como pretendente oficial à mão da nossa sobrinha.

- Se o nosso irmão Francis - acudiu Clarissa, com ar pacífico - desejasse viver no mundo da magistratura, e só aí, nós não estaríamos no direito nem desejávamos contrariá-lo. Sempre evitámos impor-nos fosse a quem fosse. Mas por que não dizê-lo francamente? Que o nosso irmão e a mulher tivessem os seus amigos! E eu e minha irmã os nossos! Não haveria necessidade de mais ninguém.

Como isto parecesse endereçado a mim e a Traddles, mastigámos ambos uma resposta. A de Traddles foi ininteligível. Quanto a mim, observei, suponho, que era tudo para honra dos interessados. Bem gostaria de saber o que é que eu entendia por aquilo!

- Mana - disse Clarissa, que já desabafara suficientemente - podes continuar.

Lavinia, pois continuou:

- Senhor Copperfield, eu e minha irmã Clarissa examinámos atentamente a

sua carta e não nos esquivámos a mostrá-la à nossa sobrinha e a discuti-la com ela. Estamos persuadidas de que a estimamos muito.

- Oh, se creio! - principiei, cheio de fervor. - Oh!

Mas Clarissa lançou-me um olhar perscrutante, como o de um canário, destinado a pedir-me que não interrompesse o oráculo, e eu desculpei-me.

- A afeição - continuou Lavinia, procurando com a vista a aquiescência que a irmã lhe dispensava sob forma de pequenos sinais de cabeça, no final de cada frase - a afeição amadurecida, feita de respeito e dedicação, não se exprime com facilidade. A voz dela é baixa, discreta, reservada: esconde-se e espera. Eis como é o fruto realmente maduro. Às vezes a vida passa, enquanto o fruto continua a amadurecer na sombra.

Naturalmente que não percebi logo tratar-se de uma alusão aos sentimentos imaginários do pobre Pidger. Mas, pela gravidade com que Clarissa movia a cabeça, adivinhei que ligavam grande importância àquelas palavras. Lavinia prosseguiu:

- As inclinações passageiras das pessoas muito novas são apenas pó em comparação com outros sentimentos que se assemelham a rochedos. Não será fácil saber-se se duram nem se o seu fundamento é sólido, e eu e minha irmã ficámos na verdade indecisas. O senhor Copperfield, e o senhor...

- Traddles - disse o meu amigo, vendo que esperavam declinasse o nome.

Nesse momento, embora ainda não me tivessem dado nenhum incitamento concreto, julguei discernir nas duas velhotas, em especial Lavinia, um prazer muito vivo nesse assunto cheio de novidade e fértil em sentimentalismo; deviam, calculei, preparar-se para o avolumar e extrair dele o maior partido possível, o que me fez luzir nos olhos um brilhante clarão de esperança. Compreendi que Lavinia experimentaria imensa satisfação em vigiar dois namorados e em tomar parte na conversa deles, no seu departamento particular, quando se sentisse impelida para tanto. Isto deu-me coragem para repetir com veemência que amava Dora mais do que o poderia dizer e do que o poderiam acreditar; que todos os meus amigos sabiam a intensidade do meu amor; que a minha tia, e Agnes, e Traddles eram testemunhas do facto e de quanto esse amor estava amadurecido. Recorri a Traddles, e Traddles, animando-se como se fosse intervir num debate parlamentar, confirmou admiravelmente os meus protestos, sem ambiguidade, e com uma franqueza imbuída de bom senso, o que, sem dúvida, causou a melhor impressão.

- Falo, se me permitem, por experiência - explicou ele - porque estou noivo

de uma menina de Devonshire, de uma família de dez irmãos, e porque não vemos, por enquanto, qualquer possibilidade de nos casarmos.

- Então pode corroborar o que acabo de dizer, senhor Traddles - observou Lavinia com um interesse crescente - quanto à afeição discreta e reservada, que sabe esperar...

- Absolutamente, minha senhora!

Clarissa olhou para Lavinia e moveu gravemente a cabeça. E Lavinia olhou para Clarissa com ar de circunstância, soltando um suspiro breve.

- Mana, tome dos meus sais - recomendou Clarissa. Lavinia recompôs-se mercê de algumas aspirações de vinagre

aromático, ao passo que eu e Traddles a envolvíamos num olhar repleto de solicitude. Ela então continuou, com voz sufocada: - Eu e minha irmã hesitámos muito, senhor Traddles, quanto à atitude que deveríamos adoptar relativamente aos sentimentos, reais ou imaginários, de dois entes tão novos como o seu amigo senhor Copperfield e a nossa sobrinha.

- A filha do nosso irmão Francis - esclareceu Clarissa. - Se a mulher do nosso irmão se dignasse, durante a sua vida (embora fosse livre para agir à sua vontade), convidar a família para a sua mesa, nós conheceríamos melhor a filha do nosso irmão, neste momento. Continua, mana.

Lavinia virou a carta para a página da assinatura e examinou com a ajuda da luneta de cabo os apontamentos de letra miúda que aí escrevera.

- Acho prudente, senhor Traddles, submeter esses sentimentos à nossa observação pessoal. Neste instante nada sabemos quanto a eles nem estamos aptas para julgar da profundidade que possam ter. Por isso tencionamos permitir as visitas do senhor Copperfield a fim de avaliar as intenções do seu pedido.

- Minhas senhoras - exclamei aliviado de um peso enorme - jamais esquecerei a sua bondade!

- Mas - acrescentou Lavinia - preferimos considerar, por enquanto, que essas visitas nos sejam feitas e não à nossa sobrinha. Temos de evitar o reconhecimento prematuro de qualquer compromisso oficial entre o senhor Copperfield e Dora, antes de termos oportunidade de...

- Antes de teres oportunidade, Lavinia - corrigiu Clarissa.

- Pois seja - concordou esta, suspirando. - Antes que eu tenha oportunidade de os observar.

- Copperfield - disse-me Traddles, voltando-se para mim - hás-de reconhecer que não pode existir nada de mais razoável...

- Certamente! - acudi eu. - Tenho plena consciência de que assim é.

- Posto isto - prosseguiu Lavinia, consultando outra vez os seus apontamentos - e admitidas as visitas apenas nessa base, devemos rogar ao senhor Copperfield que nos dê a sua palavra de honra que não procurará ter, às ocultas, qualquer comunicação com Dora nem combinará nada com ela sem no-lo comunicar previamente.

- Sem te comunicar previamente, mana - emendou Clarissa.

- Pois seja - respondeu Lavinia em tom resignado. - Insistiremos neste ponto, que é primordial. Desejámos que o senhor Copperfield viesse acompanhado de um amigo íntimo - fez um movimento de cabeça na direcção de Traddles, que se inclinou - a fim de que não houvesse dúvidas ou mal-entendidos acerca deste assunto. Se o senhor Copperfield ou se o senhor Traddles achar que precisa de tempo para reflectir, eu não me oponho.

Redargui, arrebatado de entusiasmo, que não precisava nem de um minuto de reflexão. Fiz a promessa requerida com solenidade e ardor. Pedi o testemunho de Traddles e declarei que seria o mais louco dos homens se algum dia faltasse à palavra dada.

- Espere - disse Lavinia, erguendo a mão - nós tínhamos decidido, antes de havermos o gosto de os receber aqui a ambos, que os deixaríamos sós um quarto de hora para meditação. Dêem-nos licença que nos retiremos por esse prazo.

Foi em vão que repeti a desnecessidade de qualquer reflexão. Elas insistiram em sair da sala durante o tempo fixado. E assim aquelas duas criaturas se afastaram com toda a dignidade, abandonando-me às felicitações de Traddles e à minha impressão de ser transportado para alguma região de suprema ventura. Exactamente à expiração dos quinze minutos, as Spenlows reapareceram com a mesma dignidade: tinham saído sussurrando as saias como se fossem feitas de folhas secas, e do mesmo modo regressaram.

Comprometi-me mais uma vez a observar as condições impostas.

- Mana - disse Lavinia - o resto é contigo.

Então Clarissa, descruzando os braços pela primeira vez, pegou nos apontamentos e percorreu-os com a vista.

- Teremos muito prazer - declarou - em receber todos os domingos, para jantar, o senhor Copperfield, se for do seu agrado. Jantamos às três horas.

Baixei a cabeça.

- Durante a semana teremos muito gosto em oferecer chá ao senhor Copperfield. Tomamo-lo às seis e meia.

Inclinei-me de novo.

- Será duas vezes por semana, não mais, como regra geral. Curvei-me imediatamente.

- A senhora Trotwood, de que o senhor Copperfield nos fala na sua carta, far-nos-á uma visita. Quando as visitas concorrem para o bem de todos os interessados, consideramo-nos felizes em as receber. Mas quando mais vale para o bem de todos os interessados que não se faça nenhuma visita (como no caso do nosso irmão Francis e da mulher), a coisa muda de figura.

Dei a entender que a minha tia se consideraria muito honrada em travar conhecimento com as senhoras Spenlows, embora no íntimo não tivesse a certeza de que se compreendessem por aí além. Combinado que foi tudo isto, agradeci-lhes calorosamente, pegando em primeiro lugar a mão de Clarissa e depois a de Lavinia, as quais levei sucessivamente aos lábios.

Lavinia pôs-se então de pé e, pedindo a Traddles que nos desculpasse por um minuto, convidou-me a acompanhá-la. Segui-a, trémulo, a outro quarto, onde encontrei a minha querida Dora tapando as orelhas, atrás da porta, de cara voltada para a parede, e Jip encerrado numa alcofa, com a cabeça envolta num pano.

Que linda estava no seu vestido preto, e como ela chorou, como soluçou, sem querer, a princípio, sair de trás da porta! Como me regozijei quando ela consentiu, finalmente, em se aproximar de mim, e em que felicidade me senti mergulhado quando retirámos Jip da alcofa para o restituir, espirrando, à luz do dia, e nos vimos de novo todos três reunidos!

- Querida Dora! Enfim, agora és minha para sempre!

- Oh, n-ã-o, por favor! - suplicou Dora.

- Não és minha para sempre?

- Com certeza - replicou. - Mas tenho tanto medo!

- Medo, meu amor?

- Sim, sim. Não é a ele que eu amo. Por que não se vai embora?

- Quem?

- O teu amigo. Nada disto lhe diz respeito. Deve ser muito estúpido!

- Meu amor! - Nunca vira nada tão encantador como a sua puerilidade. - É o melhor dos homens!

- Não temos necessidade dos melhores dos homens - retorquiu Dora, amuada.

- Queridíssima - objectei - em breve o conhecerás e hás-de gostar muito dele. E a minha tia virá igualmente e tu gostarás também dela, quando a conheceres.

- Não, peço-te, não ma tragas - ordenou-me Dora, dando-me um beijo apressado e unindo as mãos em súplica. - Estou convencida de que é uma velha má. Não a deixes vir, Doady.

Este nome era uma corruptela de David.

De nada me serviu entrar em explicações. Por isso ri, fui amável e considerei-me feliz. Dora mostrou-me a nova habilidade de Jip, que aprendera a estar nas patas traseiras, a um canto, durante uns segundos. Não sei quanto tempo eu seria capaz de ficar naquele quarto, esquecido do Traddles, se Lavinia não tivesse vindo buscar-me. Esta tia estimava muito a sobrinha - contou-me que Dora era o seu vivo retrato, na mesma idade; a velha devia ter mudado bastante! - e tratava-a como a uma criancinha. Tentei decidir Dora a ir cumprimentar Traddles, mas, quando lhe falei nisso, ela fugiu para o seu quarto e lá se fechou. De maneira que fui reencontrar Traddles sem a levar comigo e daí a pouco saí com ele. Julgava-me pairando nas nuvens.

- Decorreu tudo o melhor possível - disse Traddles - e as Spenlows são duas velhotas simpaticissimas. Não me admiraria se te visse casado muito antes de mim, Copperfield.

- A tua Sophy toca algum instrumento, Traddles? - perguntei-lhe envaidecido.

- Conhece suficientemente piano para ensinar às irmãs mais novas.

- E canta?

- Canta baladas, às vezes, para animar os outros, quando estão desmoralizados. Mas nada de perfeito.

- E canta acompanhando-se à viola?

- Isso não!

- Pinta?

- Também não.

Prometi a Traddles que ele ouviria Dora cantar e que veria flores pintadas por ela. Respondeu-me que gostaria muito e voltámos para casa contentíssimos, de braço dado. De caminho incitei-o a falar-me de Sophy. Revelou-me quanta confiança lhe inspirava a rapariga e eu admirei-a de antemão. Em espírito, comparei-a a Dora, mas reconheci que para Traddles é que ela estaria a matar.

Naturalmente que participei logo à tia Betsey o desfecho feliz da entrevista e tudo quanto se tinha dito e feito durante esses momentos. Ficou satisfeita por me ver tão entusiasmado e disse-me que iria visitar as senhoras Spenlows o mais cedo possível. Passeou tanto cá e lá no quarto, nessa noite, enquanto eu escrevia a Agnes, que eu pensei se ela continuaria assim até ao dia seguinte. A minha carta a Agnes era cheia de ardor e de gratidão. Contei-lhe as venturosas consequências dos seus conselhos sábios, e Agnes, pela volta do correio, repetiu-me as suas esperanças, num tom meio sério meio jovial.

Estive daí por diante mais ocupado do que nunca. Considerando as minhas idas diárias a Highgate, Putney somava uma distância razoável; eu, porém, fazia gala em lá ir tantas vezes quantas pudesse. Ao chá não me era fácil comparecer, mas obtive de Lavinia Spenlow licença para me apresentar aos sábados de tarde, sem prejuízo dos jantares dominicais. Deste modo os fins de semana se tornaram para mim um manancial de delícias, em cuja expectativa passava todo o resto do tempo.

Para meu imenso alívio, o encontro entre a minha tia e as tias de Dora produziu menos atritos do que seria de esperar. A tia fez a visita prometida uns dias depois, e, decorridos outros dias, as senhoras Spenlows retribuíram-na com grande aparato. Em seguida foram-se trocando atenções deste género, e com maior cordialidade, quase todos os meses. A tia Betsey escandalizou um pouco as tias de Dora com o seu desprezo das carruagens e da distinção que elas conferem, pois aparecia em Putney a pé, e a horas inconvenientes, como logo após o almoço e imediatamente antes do chá. Deploraram igualmente a sua indiferença quanto à forma de pôr o chapéu, sem se preocupar com as exigências da moda. Mas não tardaram a considerá-la como pessoa excêntrica e um tanto masculina, sem deixar de lhe reconhecer inteligência pouco vulgar. De vez em quando as duas Spenlows arrepiavam-se ao ver que a minha tia professava opiniões heréticas em matéria de etiqueta; contudo Betsey Trotwood estimava-me o bastante para sacrificar uma ou outra das suas extravagâncias e manter destarte a boa harmonia geral.

O único do nosso grupo que se recusou a adaptar-se às circunstâncias foi

Jip. Perante a minha tia arreganhava sempre os dentes, metia-se debaixo de uma cadeira e só deixava de rosnar para emitir de tempos a tempos um uivo aflitivo. Experimentaram todos os processos para o vencer, desde os castigos às lambarices, desde os ralhos às visitas à Buckingham Street (onde se precipitou logo atrás de dois gatos, com grande terror dos assistentes); nada conseguiu persuadi-lo a tolerar a presença da senhora Trotwood. Às vezes parecia ter dominado a sua aversão mostrando-se amável por momentos; mas em seguida, erguendo o focinho achatado, uivava tão forte que era preciso vendar-lhe os olhos e escondê-lo na alcofa. Dora, quando lhe anunciavam a minha tia, envolvia-o já numa toalha e punha-o no esconderijo.

Entretanto, quando este pacífico teor de vida se transformou em rotina, atormentei-me um tanto por ver que tratavam Dora como um brinquedo, uma linda bonequinha. A tia Betsey, com quem ela acabou por se dar muito bem, chamava-lhe sempre «Florinha»; e Lavinia não tinha maior gosto na vida do que servi-la, frisá-la, mimá-la de todas as maneiras. E o que Lavinia fazia a irmã achava-se na obrigação de imitar. A coisa afigurava-se-me deveras estranha: guardadas as proporções, faziam a Dora o que Dora por seu turno fazia ao Jip.

Resolvi-me a chamar para isto a atenção da própria rapariga. Certo dia em que passeávamos juntos (pois, ao fim de algum tempo, Lavinia autorizou-nos a andar sós), disse-lhe quanto gostaria que ela as convencesse a tratá-la de modo diverso.

- Porque - expliquei - bem sabes que já não és criança.

- Olá! Vais outra vez zangar-te?

- Eu, meu amor, zangar-me?

- Acho que são amáveis comigo e isso dá-me prazer.

- Tanto melhor, Dora. Mas o prazer seria outro se procedessem contigo de forma mais sensata.

Dora lançou-me um olhar de censura (um lindo olhar!) e começou soluçando. Se a não amava, alegou, por que motivo queria desposá-la? E por que não a deixava já, se a não podia suportar?

Que havia eu de fazer senão secar-lhe as lágrimas com beijos e dizer-lhe que a adorava?

- Tenho a certeza de que te amo bastante, Doady! Não devias ser tão cruel para mim.

- Cruel, meu amor? Como poderia, como teria alma de ser cruel contigo?

Nem que me dessem um império!

- Então não me repreendas - volveu Dora, pondo a boquinha em forma de botão de rosa. - E eu serei boazinha.

Fiquei encantado, daí a pouco, ao ouvi-la pedir-me espontaneamente que lhe desse o tal livro de cozinha de que falara um dia e que a ensinasse a fazer contas, como lhe prometera. Na visita seguinte levei-lhe o livro (mandara-o encadernar de forma a substituir-lhe o ar severo por um aspecto mais garrido) e, enquanto divagávamos no passeio, mostrei-lhe o velho caderno de despesas da tia Betsey; e ofereci-lhe um, novo, e uma lapiseira com recarga, para ela se exercitar na sua contabilidade.

Mas o manual de culinária provocou-lhe dores de cabeça, e os algarismos fizeram-na chorar. Recusavam-se às adições, declarou-me. E, em vez de contas, desenhou raminhos de flores ou esboços do Jip e da minha pessoa naquelas folhas ainda em branco.

Procurei depois, brincando, instruí-la em assuntos domésticos, sempre durante as nossas deambulações dos sábados à tarde. Por exemplo, ao passar defronte de um talho, observei-lhe:

- Suponhamos, minha querida, que estamos casados e que tu vais comprar uma costeleta de carneiro para o jantar. Serias capaz de a escolher?

O belo rosto da minha Dora ensombrou-se e a boca formou botão de rosa, como se desejasse fechar a minha com um beijo.

- Serias capaz de a comprar? - insisti, disposto a ser inflexível.

Dora meditou um minuto e depois respondeu triunfante qualquer coisa neste teor:

- Ora, o cortador sabe o que vende, que necessidade tenho eu de saber comprar? Não sejas pateta!

O mesmo aconteceu no dia em que, pensando no livro de cozinha, perguntei a Dora que faria ela se estivéssemos casados e eu lhe dissesse que gostava de carne guisada. Replicou-me:

- Recomendaria à cozinheira que a preparasse.

E isto foi acompanhado de uma gargalhada estrepitosa.

Assim o volume de culinária passou a servir ao Jip, que se punha em cima dele para exibir a sua última habilidade. Todavia não me arrependi de lho ter comprado, porque Dora ficava satisfeitíssima ao ver o animal naquela posição, e

até lhe metia na boca, para a equilibrar, a lapiseira que eu também lhe oferecera.

Regressámos, pois, à viola, à pintura e às canções e vivemos felizes semanas inteiras. Às vezes apetecia-me fazer compreender a Lavinia que tratava a sobrinha um pouco como uma boneca; outras, porém, surpreendia-me a fazer coro com os demais e a tratá-la, por meu turno, como o brinquedo que eu não queria que ela fosse. Mas isto era mais raro.

XLII. INJÚRIA

Embora este manuscrito seja só para meu uso pessoal, não sei se devo recordar aqui quanto trabalhei no aprendizado da estenografia, consciente das responsabilidades que assumira perante Dora e as tias. Mas acrescentarei ao que já disse da minha perseverança nessa época, e da minha energia e paciência, que olhando agora para trás reconheço estar aí a origem do meu êxito. Fui bastante afortunado quanto a resultados materiais; muita gente tem trabalhado com mais afinco do que eu e não conseguiu nem metade do que eu consegui. Contudo, nunca alcançaria esse triunfo sem os meus hábitos de pontualidade, de ordem, de presteza, sem esta decisão de concentrar os esforços num único objecto ao mesmo tempo, e sem tanta rapidez como a que despendi. Estas qualidades adquiri-as então. Deus sabe que não escrevo isto com a ideia de me elogiar. Quem passa em revista a sua vida, como eu faço, página a página, deve na verdade ter sido perfeito para não sentir remorsos à ideia de tantos talentos desprezados, tantas oportunidades perdidas, tantos sentimentos maus e levianos sempre em guerra com o coração e sempre vencedores. Não foi, todavia, um dom natural de que eu abusasse. O que pretendo dizer é isto: tudo o que procurei fazer na vida desejei que fosse bem realizado; tenho-me consagrado inteiramente ao meu trabalho, nas coisas grandes como nas pequenas, e fi-lo sempre com seriedade. Nunca fui de opinião de que uma prenda, natural ou adquirida, dispensasse essas virtudes mais humildes que são a perseverança e o labor. Semelhante ambição não é deste mundo. O talento e a oportunidade podem formar os sustentáculos da escada que certos homens sobem, mas os degraus devem ser resistentes e sólidos; nada substitui a sisudez, a consciência, o ardor sincero. Agora verifico que a minha melhor regra foi não me comprometer só até meio e não afectar denegrir a tarefa, fosse esta qual fosse.

Não repetirei aqui quanto devo a Agnes ter praticado os preceitos que acabo de indicar. Estou-lhe deveras reconhecido.

Ela veio passar quinze dias em casa do doutor Strong, de quem Wickfield era velho amigo e que desejava proporcionar-lhe todo o bem-estar. Pai e filha chegaram juntos. Não me surpreendi muito quando soube que Agnes resolvera arranjar alojamento na vizinhança para a senhora Heep, que precisava de mudança de ares por causa do seu reumatismo e que apreciaria fazê-lo em tão agradável companhia. Também me não admirei de ver, no dia seguinte, Uriah: como filho dedicado acompanhava a mãe e ajudá-la-ia na sua instalação.

- Bem vê, menino David - disse-me ele, quando me impôs a sua presença numa volta pelo jardim - a gente tem ciúmes sempre que se ama, pelo menos prefere conservar sob as suas vistas o objecto desse amor.

- De quem tem ciúmes, desta vez? - perguntei.

- Graças a si, menino David, de ninguém em particular. De nenhum homem, neste momento.

- Quer dizer que tem ciúmes de uma mulher? Lançou-me um olhar de revés, do canto dos seus olhos sinistros e avermelhados, e começou a rir.

- Com as suas insinuações consegue tirar-me nabos da púcara, menino David... devia dizer senhor Copperfield, mas sei que me desculpa a liberdade que tomo, a qual se tornou num hábito... Pois bem, posso declarar - acrescentou poisando na minha a sua mão gelada - que de uma forma geral não simpatizo com as mulheres... em especial a senhora Strong.

Os olhos de Uriah, que me fixavam, pareciam nessa ocasião verdes, cintilando de uma malícia ignóbil.

- Que quer dizer?

- Meu Deus, menino David! Olhe que sou homem de leis - replicou com um sorriso ácido. - Quero dizer precisamente o que digo.

- E o que significa o seu olhar? - volvi sem me desconcertar. - O meu olhar? Oh, que astúcia! Que tem ele?

Dir-se-ia gozar com o caso e riu com tanta vontade quanto lho permitia a sua natureza. Depois de haver coçado o queixo, recomeçou lentamente, de olhos baixos:

- Quando eu era apenas um humilde empregado, ela olhava-me com sobranceria. Convidava sempre a Agnes a visitá-la, e a Agnes aceitava. Mas eu era muito inferior para que a senhora Strong se preocupasse comigo.

- E então? Trata-se só disso?

- E ele também - prosseguiu Uriah com voz firme, porém de ar pensativo, sempre a coçar o queixo.

- Não conhece suficientemente o doutor para saber que a sua existência, Uriah, lhe passaria despercebida se não estivesse em sua presença?

Lançou-me um olhar oblíquo e encovou as faces para mais facilmente as afagar com os dedos. E respondeu:

- Não me refiro ao doutor. Pobre homem! Falo mas é do senhor Maldon.

O coração deixou-me de bater. Todas as minhas suspeitas e apreensões, toda a felicidade e paz do doutor Strong, todas as possibilidades de inocência e de culpabilidade que eu era incapaz de destrinçar, tudo isso vi, num momento, à mercê daquele indivíduo.

- Nunca foi capaz de vir ao cartório sem me dar ordens e maçar - declarou Heep. - Que belo cavalheiro, hem? Mas eu era muito dócil, muito humilde... e ainda o sou. O que não gostava, nem gosto, é dessa maneira de tratar as pessoas.

Deixou de coçar o queixo e chupou mais as faces, ao ponto de quase se encontrarem interiormente. Todavia continuou a olhar-me de través.

- Ela então é uma linda senhora, bem sei, mas pouco disposta a simpatizar comigo, isso vejo eu. Há-de incutir em Agnes ideias muito elevadas. Não, menino David, não estimo as mulheres, mas tenho os olhos abertos e sei servir-me deles há muito tempo. Em geral, nós os humildes sabemos servir-nos dos olhos.

Diligenciei não mostrar que compreendia nem que estava inquieto. No entanto, Uriah adivinhara o que eu sentia, como bem se revelava na cara dele.

- Pois não tenciono deixar que me ponham os pés em cima - acrescentou Uriah, com ar de triunfo cruel, erguendo a cabeça. - E farei tudo para acabar com aquela amizade. A dama não me agrada. Não hesito em confessar que talvez tenha ciúmes e que pretendo manter os intrusos a distância. Evitarei o risco de se tramar qualquer coisa contra mim.

- Você é que está sempre a tramar qualquer coisa e julga que os outros fazem o mesmo.

- É possível, menino David, mas tenho um alvo, como dizia o meu sócio, e para o atingir removerei o céu e a terra. Lá porque sou humilde não consinto que me comam as papas na cabeça. Ninguém me obstruirá o caminho. Todos aqueles que o tentem fazer serão afastados.

- Não o compreendo, Uriah.

- Ah, não? - replicou, com um dos seus trejeitos habituais. - Pois o menino David costuma ser muito sagaz. Para outra vez procurarei ser mais explícito. Olhe, não será o senhor Maldon que chegou a cavalo e toca ao portão?

- Parece que é - respondi, afectando a maior indiferença.

Uriah Heep dobrou o corpo, esfregou as mãos nos joelhos e começou a rir

em silêncio. Tão em silêncio que não se lhe ouvia o mínimo som. A sua atitude odiosa e sobretudo aquela última manifestação repugnaram-me a tal ponto que me afastei sem cerimónia, deixando-o dobrado em dois, no meio do jardim, como um espantalho despegado do seu suporte.

Não foi nessa noite, mas, se bem me recordo, na seguinte, um sábado, que levei Agnes a casa de Dora. Tinha combinado a visita com Lavinia Spenlow e, assim, esperavam Agnes para o chá.

Todo eu tremia de orgulho e ansiedade; orgulho à ideia da minha querida noiva, ansiedade pelo receio de que ela não agradasse a Agnes Wickfield. Pelo caminho, indo esta dentro da diligência e eu do lado de fora, fui imaginando Dora com os atributos que eu lhe conhecia: ora em tal atitude, ora noutra, conforme pensava que lhe assentaria melhor, e tão preocupado que até me sentia doente.

Bonita deveria estar, e quanto a isto não me restavam dúvidas. Ora aconteceu que eu nunca a vira parecendo tão bem. Não se encontrava na sala quando apresentei Agnes às donas da casa, ficara timidamente escondida; mas eu sabia onde a topar, e, com efeito, descobri-a outra vez atrás da porta, e também a tapar os ouvidos com os dedos.

De começo, recusou comparecer, depois pediu cinco minutos para se preparar; quando, por fim, enfiou o braço no meu para que eu a conduzisse à sala, aquele rosto encantador nunca se me afigurou tão belo. Mas quando empalideceu, ao entrar, ficou ainda mil vezes mais formosa. Dora tinha medo de Agnes; dissera que era «demasiado inteligente». Vendo-a, porém, tão alegre e acolhedora, soltou uma exclamação de prazer, maravilhada, e deitou os braços ao pescoço de Agnes, beijando-a com ternura.

Jamais fui tão feliz! Nada me dera até então tanto gosto como vê-las ambas sentadas lado a lado. Os olhos da minha amada alçavam-se com tanta naturalidade para os outros olhos tão cheios de bondade! E Agnes retribuía-lhe tão enternecidamente!

Lavinia e Clarissa partilharam, a seu modo, do meu contentamento. Nunca presenciara tanta cordialidade numa mesa de chá. Clarissa fazia as honras da casa. A outra contemplava-nos com ar de benevolência superior, como se a nossa felicidade fosse obra sua. Estávamos em absoluto satisfeitos connosco e com os demais.

A jovialidade branda de Agnes tocou-lhes o coração. O calmo interesse que ela tomava por tudo quanto fosse do agrado de Dora, a sua maneira de travar

relações com Jip (que logo a adoptou), a compreensão amável de que deu provas quando Dora hesitou em vir ocupar o seu lugar costumado junto de mim, a graça misturada de circunspecção e simplicidade que lhe valeu tímidas demonstrações de confiança da parte de Dora - tudo isto dir-se-ia pôr excelente remate ao nosso círculo.

- Que bom gostar de mim! - observou Dora no fim do chá, dirigindo-se a Agnes. - Nunca tive tanta necessidade de estima, depois que Julia Mills partiu!

De facto, esquecera-me de informar que a senhora Mills havia já embarcado: eu e Dora subíramos, em Gravesend, a um grande paquete da carreira da índia para nos despedirmos dos Mills. Ali almoçáramos doce de gengibre, goiabas e outras coisas deste género, até que deixámos Julia sentada numa cadeira de bordo, lacrimosa, a contas com um álbum novo, enorme, no qual tencionava consignar as reflexões que lhe sugerisse a contemplação do oceano.

Agnes notou que eu talvez houvesse feito da sua pessoa um retrato demasiado lisonjeiro. Dora contraveio logo, sacudindo a cabeça encaracolada:

- Não. Mas deu-me uma ideia tão elevada das suas opiniões que até me assustei.

- As minhas opiniões não podem reforçar o seu apego a certas pessoas que ele conhece. Não lhes trazem qualquer utilidade.

- No entanto, não se importe de as dar - retorquiu Dora, com malícia.

Troçámos de Dora, que sentia necessidade de ser amada. Dora ripostou, chamando-me pateta e declarando que não era a mim que ela amava. Enfim, aquele breve serão chegou ao termo. Aproximava-se o instante em que devia passar a diligência que nos levaria. Eu encontrava-me só defronte do lume quando Dora se introduziu furtivamente na sala para me dar o beijo costumado antes que eu partisse.

- Não te parece, Doady, que, se eu tivesse Agnes como amiga há mais tempo, seria mais inteligente? - perguntou-me Dora, de olhos brilhantes, torcendo com a mão direita um dos botões do meu casaco.

- Que ideia disparatada, meu amor!

- Achas que é disparatada? Tens a certeza?

- Naturalmente.

- Esqueci-me de qual é o parentesco entre vocês - continuou ela, torcendo

sempre o botão.

- Não há parentesco real, mas fomos educados juntos, como irmão e irmã.

- Gostava de saber por que foi que gostaste de mim - prosseguiu Dora, agarrando agora outro botão do casaco.

- Talvez porque não pude ver-te sem te amar.

- Mas se nunca me tivesses visto? - insistiu ela, passando ao terceiro botão.

- E se não tivéssemos nascido? - repliquei alegremente.

Cogitei em que pensaria aquele cèrebrozinho, enquanto a via correr a mão por todos os botões do meu casaco. De cabeça apoiada ao meu peito, e de olhos baixos para seguir o movimento maquinal dos dedos, Dora esteve uns momentos sem falar, e por fim, erguendo para mim a vista, pôs-se na ponta dos pés, com um ar mais sério que o habitual, e deu-me finalmente o beijo do costume, que repetiu duas e três vezes. Em seguida foi-se embora.

Voltaram juntas cinco minutos mais tarde. Desaparecera por completo o ar pensativo de Dora, tão pouco vulgar na sua pessoa. Resolveu, rindo, obrigar Jip a mostrar todas as suas habilidades, antes que passasse a diligência.

A coisa levou muito tempo (não tanto pela variedade como pela resistência que o cachorro opôs) e ainda não tínhamos chegado ao fim quando ouvimos o som da viatura. Agnes e Dora trocaram adeuses rápidos mas afectuosos: Dora escreveria a Agnes (que não devia tomar muito a sério as cartas) e a outra mandaria a resposta; ainda se despediram segunda vez à portinhola da diligência, e mais uma, a terceira, quando Dora (apesar das recomendações da tia Lavinia) tornou a sair, correndo, para lembrar a Agnes que não se esquecesse de escrever e para sacudir os caracóis olhando para a imperial, onde eu me havia sentado.

A carruagem devia deixar-nos perto de Covent Garden, e aí tomaríamos outra para Highgate. Esperei com impaciência o curto trajecto entre as duas para ouvir o que Agnes me diria de Dora, um elogio por certo. E que elogio tão grande! Com que ternura e fervor soube ela valorizar as graças inocentes da adorada criaturinha que eu conquistara! Com que gravidade salientou (sem ter o ar de que o fazia) a minha responsabilidade perante a órfã juvenil!

Nunca, nunca eu amara Dora tão profunda nem tão sinceramente como nessa noite. Quando, depois de sair da segunda diligência, nos dirigíamos pacificamente a pé até à casa do doutor Strong, eu disse a Agnes que a considerava o anjo-custódio da minha noiva, tanto como o meu.

- Pobre anjo - respondeu. - Mas fiel.

A voz clara de Agnes vinha-me direita ao coração. Repliquei naturalmente:

- A alegria que lhe é própria (a si somente, de todos quantos conheço) pareceu-me hoje tê-la cumulado. Suponho que também é feliz em casa.

- Sou feliz interiormente. Sinto-me feliz e de coração leve. Contemplei o rosto sereno, erguido para o céu, e imaginei que eram as estrelas que lhe davam tamanha nobreza.

- Não há alterações lá em casa - acrescentou Agnes, daí a poucos minutos.

- Sem querer aborrecê-la, aludindo outra vez ao assunto da nossa última conversa... torno no entanto a perguntar-lhe...

- Repito que não há alteração.

- Tenho pensado tanto nisso!

- Pois deve pensar menos. Lembre-se de que estou persuadida do triunfo final do amor e da rectidão. Nada receie por mim. Trotwood - acrescentou daí a instantes - nunca tomarei a deliberação que tanto o assusta.

Embora eu não tivesse esse receio nos meus momentos de sangue-frio, aquela resposta trouxe-me considerável alívio. Foi o que lhe disse, cheio de convicção:

- E, uma vez acabada esta visita... pois talvez não voltemos a encontrar-nos sós... virá a Londres de novo, querida Agnes?

- Não tão depressa, com certeza - replicou ela. - Penso que será melhor, para meu pai, que fiquemos lá. Não há muita probabilidade de nos vermos, mas garanto-lhe que serei fiel correspondente de Dora e, através dela, terá notícias minhas e vice-versa.

Chegávamos à casa do doutor Strong. Já era tarde. Via-se luz na janela da senhora Strong, e Agnes, indicando-ma, despediu-se de mim. E ajuntou:

- Que as nossas preocupações e azares o não inquietem mais! Nada poderá dar-me maior satisfação do que a sua felicidade. Se eu achar que você me pode ser útil, acredite que o chamarei. Deus o proteja!

Vendo-lhe o sorriso radiante e ouvindo-lhe estas últimas palavras, ditas em tom prazenteiro, pareceu-me ver e ouvir a minha Dora. Fiquei um bocado, com o coração repleto de amor e gratidão, a olhar para as estrelas, e em seguida prossegui o meu caminho. Hospedara-me numa estalagem não muito longe daquele sítio. Quando, por acaso, me voltei para trás, distingui claridade no escritório de Strong. Senti vagos remorsos de o não ter ajudado no dicionário,

em que ele naturalmente estava a trabalhar. Para me penitenciar, retrocedi, resolvido a ir dar boa-noite ao doutor. Atravessei de mansinho o vestíbulo, abri a porta sem ruído e lancei uma vista de olhos ao quarto.

A primeira pessoa que vi (com grande surpresa minha) à luz suave do candeeiro tamisado foi Uriah Heep. Estava de pé, com uma das mãos esqueléticas tapando a boca, a outra apoiada à mesa do doutor. Este, instalado na sua poltrona, ocultava o rosto nas mãos. Wickfield, com ar embaraçado, inclinava-se para a frente a fim de tocar timidamente no braço de Strong.

Por instantes, supus que este houvesse adoecido. Sob a influência desta impressão, dei uns passos rápidos para diante, mas, encontrando o olhar de Uriah, compreendi o que se passava. Ter-me-ía retirado se o dono da casa não fizesse um gesto para me deter. Por isso, fiquei.

- Ao menos - disse Uriah - podíamos conservar a porta fechada. Não precisamos de pôr toda a cidade ao facto do caso.

Assim falando, encaminhou-se em bicos de pés para a porta (pois eu a deixara entreaberta) e fechou-a com todo o cuidado, voltando em seguida para a posição anterior. Havia na voz dele e nas maneiras um excesso de compaixão e solicitude mais intoleráveis, em meu entender, do que qualquer outra atitude que ele pudesse tomar.

- Achei que era do meu dever, menino David, comunicar ao Doutor aquilo de que eu e o menino tínhamos falado. Se calhar não me compreendera bem...

Respondi-lhe apenas com um olhar, e, aproximando-me do meu velho professor, dirigi-lhe palavras de consolação, a fim de o animar. Strong descansou a mão no meu ombro, como costumava fazer quando eu era criança, mas não levantou a cabeça encanecida.

- Como não me compreendeu, menino David - recomeçou Uriah, sempre solícito - tomarei a liberdade de observar, entre amigos, que chamei a atenção do senhor doutor Strong para os actos e gestos de sua esposa. Afianço-lhes que me contraria muito intrometer-me em histórias desagradáveis, mas a verdade é que nos vemos sempre envolvidos em coisas que nos aborrecem. Era isso o que eu queria dizer há pouco ao menino David.

Pergunto agora a mim mesmo, recordando estas palavras, por que não lhe deitei as mãos ao pescoço e lhe apertei com força o gasganete.

- Creio que não me expliquei bem - continuou Heep - mas também da sua parte não recebi uma resposta clara. Naturalmente queríamos ambos evitar este assunto. Todavia acabei por me decidir e participei ao senhor doutor Strong

que... Que diz, senhor doutor?

Esta última frase endereçava-se ao próprio Strong, que soltara um gemido - um gemido que me pareceu susceptível de comover todos os corações mas que não produziu o menor efeito no de Uriah.

- ... participei-lhe que toda a gente reparava na ternura manifesta com que se tratavam essas duas pessoas, o senhor Maldon e a simpática esposa do senhor doutor. Realmente chegou a ocasião (pois que já estamos intrometidos na história) de o senhor doutor saber o que era claro para todos, já antes da partida do senhor Maldon para a índia. Este, se tratou de regressar, foi só por causa disso, e para o mesmo fim é que passa aqui todo o tempo. Quando o menino David entrou, eu acabava de pedir ao meu sócio - voltou-se para Wickfield - que dissesse ao senhor doutor Strong se tivera ou não quaisquer desconfianças. Então, prezado sócio? Quer ter a bondade de nos esclarecer?

- Por amor de Deus, caro amigo - interveio Wickfield, tornando a poisar a mão indecisa no braço de Strong - não ligue grande importância às suspeitas que eu pudesse ter.

- Ora aí está! - exclamou Heep - uma confirmação melancólica. E de quem? De um velho amigo! Palavra de honra, quando eu era apenas empregado de cartório, vi-o, ao doutor Wickfield, bastante preocupado por causa deste caso, e até irritado, o que é natural, porque tem uma filha e pensava que a menina Agnes poderia ser envolvida numa história que não lhe dizia respeito.

- Meu caro Strong - atalhou Wickfield com voz trémula - meu caro amigo, não preciso dizer que tenho a mania de procurar em todas as acções humanas um móbil e de as julgar segundo um critério único e rígido. Este erro pode estar na origem das suspeitas.

- Você suspeitou, Wickfield - redarguiu Strong, sem erguer a cabeça. - Você suspeitou!

- Responda, caro sócio - insistiu Uriah.

- Suspeitei em dado momento, é verdade - declarou Wickfield. - E, Deus me perdoe, supus que você também suspeitara.

- Não, não - replicou Strong, cuja voz denotava uma dor pungente.

- Julguei até que você queria mandar o Maldon para o estrangeiro por causa disto.

- Não, não - repetiu o doutor. - Era para dar gosto à Annie, assegurando o futuro do seu amigo de infância. Nada mais.

- Foi o que me constou e sempre julguei que o boato fosse do seu conhecimento. Demais a mais... desculpe a estreiteza de vistas, meu pecado principal... que numa união com idades tão desproporcionadas.

- Eis como as coisas se apresentam, não é verdade, menino David? - observou-me Uriah, com ar de dó ao mesmo tempo obsequioso e insultante.

- ... a mulher, nova e sedutora, fosse impelida ao casamento... por maior respeito que dedicasse ao marido... por consideração de ordem puramente material. Não fiz caso dos sentimentos e circunstâncias várias que podiam actuar num sentido favorável. Por amor de Deus, tenha isto em conta!

- Como ele apresenta bem os factos! - comentou Uriah, oscilando apreciativamente a cabeça.

- Observando apenas de um ponto de vista - prosseguiu Wickfield - ... e por tudo o que lhe é querido, meu bom amigo, peço-Lhe que se lembre disto... sou levado a confessar agora, visto que não posso fazer de outro modo...

- Não! - atalhou Uriah. - Não se pode fugir à realidade, já que as coisas chegaram a este ponto.

Wickfield teve uma expressão de impotência desesperada quando olhou para o seu sócio. Mas continuou:

- ... sou levado a confessar que duvidei dela e achei que faltava aos seus deveres de esposa, e até às vezes me aborreceu verificar a familiaridade que entre as duas se estabelecera (refiro-me a Agnes). Mas devia ser consequência da minha imaginação mórbida. Nunca falei disto a ninguém. Esperava que mais ninguém soubesse. Por mais desagradável que seja ouvir estas considerações, caro Strong, mais desagradável foi para mim formulá-las...

O professor, com a sua bondade inata, estendeu-lhe a mão, que Wickfield apertou por um momento, de cabeça baixa.

Como uma enguia, Uriah insinuou-se no silêncio que se estabelecera e disse:

- Este assunto é antipático para todos nós. Mas, já que nos adiantámos tanto, parece-me ser lícito acrescentar que David Copperfield também desconfiava.

Voltei-me para ele e perguntei como se atrevia a falar em meu nome.

- Oh, menino David - volveu, contorcendo-se da cabeça aos pés - é muito cortês da sua parte e só prova a bondade do seu carácter; mas bem sabe que, na

outra noite, logo que abri a boca para me referir ao caso, me compreendeu antes que eu dissesse pouco nem muito. Não negue! Se o negar, é com as melhores intenções. Mas de que serve?

Vi o olhar brando do meu velho professor virar-se para mim um momento e senti claramente que ele lia no meu rosto a confissão das minhas suspeitas. Era inútil zangar-me, o resultado não compensaria nada: seria o mesmo que negar a evidência.

Recaímos no silêncio, até que Strong se levantou para dar por duas ou três vezes volta ao quarto. Depressa regressou à poltrona e, apoiado ao espaldar, enxugou os olhos com o lenço, o que, em minha opinião, lhe deu maior dignidade do que se se limitasse a afectar indiferença. E disse então:

- A culpa foi minha. Creio realmente que foi minha. Expus um ente que me é querido aos juízos e calúnias de que ele, sem mim, nunca teria sido objecto. E chamo calúnias às simples suspeitas que nem hajam saído do coração de quem as concebeu.

Uriah Heep emitiu uma espécie de fungadela, suponho que para testemunhar concordância.

- Sem mim - repetiu Strong - Annie nunca teria sido objecto de semelhante malevolência. Meus senhores, já estou velho, como sabem, e agora vejo que não tenho motivos fortes para viver. Mas constituo-me fiador da honra e da fidelidade da minha querida mulher, que deu motivo a esta conversa.

Imagino que o protótipo da cavalaria, a incarnação do herói mais puro e romântico criado por algum pintor ou romancista, não pudesse proferir estas palavras com maior e mais comovedora nobreza do que essa com que as pronunciou o meu velho professor.

- No entanto - prosseguiu Strong - não devo negar, e até sou levado a confessá-lo, que tenha, de certo modo, impelido essa mulher a um casamento infeliz. Falta-me o hábito da observação, mas não posso deixar de reconhecer que a observação das outras pessoas de diferente idade e posição e tendente ao mesmo fim é certamente melhor do que a minha.

Eu muitas vezes admirara, como aliás já notei, a indulgência do doutor Strong para com a mulher; porém a ternura respeitosa que se inferia de cada uma das suas palavras proferidas

naquela ocasião, e com as quais afastou da virtude de Annie a mais leve suspeita, engrandeceu-o verdadeiramente aos meus olhos.

- Casei quando ela era ainda muito nova; mal formara a sua personalidade, e a mim coube, com prazer, o encargo de a ajudar nesse sentido. Conhecia muito bem o meu sogro, e à Annie igualmente. Ensinara-lhe o que pudera, em homenagem às nobres qualidades que o ornavam. Procedi mal (bem o receio) em me ter aproveitado, embora sem consciência disso, da sua gratidão e afecto, e do fundo da alma lhe peço me perdoe.

Atravessou o quarto, retrocedeu, e apertou o espaldar da cadeira com mão trémula, enquanto prosseguiu numa voz sufocada mas vibrante de sinceridade:

- Considerava-me como um refúgio para ela, um refúgio contra os perigos e vicissitudes da existência. Persuadia-me de que, apesar da diferença de idade, Annie viveria comigo tranquila e contente. Não cessava, todavia, de pensar no momento em que a deixaria livre, nova ainda e sempre bela mas de razão amadurecida. Juro-lhes, meus senhores, que era assim.

A sinceridade e a generosidade dir-se-ia iluminarem-lhe o rosto vulgar; e davam a cada uma das suas palavras uma força que mais nenhum dom lhe poderia conferir.

- A nossa vida em comum tem sido feliz. Até esta noite só tenho abençoado o dia em que casámos.

A voz tornava-se-lhe hesitante. Strong calou-se por momentos, e recomeçou:

- Uma vez desperto do meu sonho (de qualquer maneira, só tenho sido um sonhador na vida), compreendo que ela experimente alguma saudade ao lembrar-se deste velho companheiro. Talvez seja uma saudade inocente, pensando no que poderá ser, sem mim, a sua vida, Quantas coisas a que eu não prestei atenção suficiente me acodem agora oneradas de um sentido novo, nesta hora dolorosa! Fora disto, porém, não quero que o nome dessa querida criatura seja associado à mais pequena expressão de dúvida.

Durante um instante o olhar resplandeceu e a voz tornou-se mais segura. Em seguida a um silêncio prolongado, continuou no mesmo tom:

- Só me resta suportar, com a possível resignação, o conhecimento do mal que causei. Ela é que tem razão de queixa e não eu. O meu dever é preservá-la de qualquer interpretação injustificada e cruel que os meus próprios amigos não poderão coibir-se de formar. Quanto mais retirados vivermos, mais fácil será para mim esse dever. E, quando soar a hora (possa vir cedo, se for do agrado de Deus!) em que a minha morte a liberte do seu constrangimento, fecharei os olhos de cara voltada para o seu rosto digno, cheio de confiança e amor, e então deixá-

la-ei sem tristeza a uma vida mais feliz e alegre.

Mal o via através das lágrimas que me afloravam aos olhos, impressionado com tanta bondade e dedicação, realmente a carácter com a perfeita simplicidade da sua vida. Avançou até à porta e ajuntou:

- Meus senhores, acabei de lhes pôr a nu o meu coração. Estou certo de que respeitam estas confidências. O que dissemos não se repetirá. Wickfield, caro amigo, dê-me o seu braço para me ajudar a subir.

Wickfield aproximou-se logo. Sem trocar uma palavra, deixaram lentamente o quarto, sob o olhar de Uriah Heep.

- Pois, menino David - disse-me ele, virando-se muito amável para mim - as coisas não tomaram o curso que se poderia supor, porque este velho erudito... e, na verdade, que homem animoso!... é tão cego que não vê um palmo adiante do nariz. Mas bem me parece que é uma família liquidada.

O som daquela voz bastou para me enfurecer. A cólera que senti foi a maior da minha vida.

- Miserável! - ripostei-lhe. - Que pretende com essa ideia de me fazer cúmplice das suas maquinações? Como se atreve, seu biltre, a pedir a minha opinião como se tivéssemos discutido o caso?

Vendo-o à minha frente, li-lhe com toda a clareza, no ar de triunfo que ele procurava disfarçar, o que eu já sabia muito bem: que me impunha as suas confidências apenas com o propósito de me desgostar e que, deliberadamente, me queria armar um laço. Achei aquilo intolerável. A face magra era um alvo tentador, e eu ali assentei uma bofetada tremenda com a mão bem aberta e com tal força que os dedos me ficaram a arder.

Heep agarrou-me na mão e nós permanecemos assim, olhando-nos por muito tempo, tanto tempo que pude presenciar a substituição da marca branca que os meus dedos lhe tinham deixado na cara por uma vermelhidão intensa.

- Copperfield - disse por fim, sufocado de comoção - deixou de conhecer o bom senso?

- Deixei de o conhecer a si - repliquei, arrancando a minha mão da sua. - Não quero saber mais de você, patife!

- Palavra? - volveu ele. A dor obrigara-o a levar a mão à cara. - Talvez não possa proceder de outra maneira, Mas não será ingratidão da sua parte?

- Já lhe dei a entender várias vezes quanto o desprezo. E agora fi-lo de uma

forma irrefutável. Por que hei-de recear outros malefícios? Não pode fazer pior do que já fez.

Heep compreendeu perfeitamente esta alusão às considerações que até esse momento me tinham obrigado a conter-me. Creio que sem as garantias que Agnes me dera nessa noite eu não teria recorrido com tanta segurança nem à bofetada nem aos insultos.

Seguiu-se outro silêncio, também longo.

Enquanto ele me observava, os olhos adquiriam todas as tonalidades capazes de afeiar ainda mais um indivíduo já de si feio.

- Copperfield - disse Uriah, retirando finalmente a mão da cara - tem estado sempre contra mim. Já o notara em casa do doutor Wickfield.

- Pense o que quiser - redargui, sempre furioso. - Você merecia-o, se já não fosse verdade.

- No entanto sempre gostei de si.

Não me dignei responder-lhe e, pegando no chapéu, preparava-me para sair quando Uriah me barrou o caminho para a porta.

- Copperfield, para lutar é preciso haver dois. Não conte comigo.

- Diabos o levem!

- Veja como fala. Sei que se há-de arrepender. Como lhe foi possível mostrar-se tão inferior a mim com esta prova de mau humor? Todavia perdoo-lhe.

- Perdoa-me? - repeti, no tom mais desdenhoso.

- Sim, senhor, e não pode evitá-lo - declarou Uriah. - Pensar que se atreveu a atacar-me deste modo, a mim que sempre fui seu amigo! Mas, como disse, para uma luta são precisos dois, e eu não serei um deles. Contra sua vontade, continuarei a ser seu amigo. E agora já sabe o que pode esperar.

A obrigação que nos impúnhamos de baixar a voz neste diálogo, a fim de não acordar os da casa a uma hora já tardia, pouco contribuiu afinal para abrandar a minha cólera. Declarando-lhe que não esperaria dele mais do que esperara até aí, retirei-me fechando-Lhe a porta na cara e abandonei a residência. Mas Uriah também dormia fora, no mesmo prédio em que estava a mãe, de forma que daí a pouco ele alcançou-me na rua.

- Fique sabendo, Copperfield - disse-me ao ouvido (sem que eu sequer me dignasse voltar a cabeça) - que se encontra numa situação bastante falsa. - Isto

pareceu-me certo, o que mais me irritou. - Não pode considerar o seu acto como se fosse de bravura nem pode impedir-me de lhe perdoar. Não tenciono falar do que aconteceu nem à minha mãe nem a ninguém. Estou resolvido a desculpá-lo, Copperfield. O que me admira é que fosse capaz de levantar a mão para um ente tão humilde como eu.

A repulsa que a mim inspirava o meu próprio procedimento não cedia entretanto à que sentia por ele. Heep conhecia-me mais do que me conhecia a mim mesmo. Se ele ripostasse com violência ou me exasperasse abertamente, considerar-me-ia justificado, o que me daria certo alívio. Mas o velhaco fazia-me cozer a fogo brando, e eu nesse calor me revolvi toda a noite, sem poder pregar olho.

Quando saí, no dia seguinte de manhã, os sinos badalavam. Encontrei Uriah Heep, que passeava com a mãe. Dirigiu-me a palavra como se nada fosse, e eu não tive remédio senão

responder-lhe. Creio que a minha bofetada lhe provocara, com a força que lhe imprimi, dores de dentes, porque tinha um lenço de seda amarrado na cara. Com o chapéu desabado, o novo adorno estava longe de o embelezar. Soube pela conversa que fazia tenção de ir a Londres na segunda-feira de manhã, para consultar o dentista. Fiz votos, intimamente, por que o dente atingido tivesse duas raízes.

Strong mandou participar que não se sentia bem, e ficou sozinho a maior parte do dia, durante todo o resto da visita dos Wickfields. Só retomámos o nosso trabalho muitos dias depois, quando havia já uma semana que Agnes e o pai tinham partido. Na véspera, o doutor entregou-me pessoalmente um papel dobrado mas não lacrado, no qual me pedia, em termos afectuosos, que nunca aludisse ao que se passara nessa noite famosa. Eu abrira-me apenas com a minha tia: não era assunto que pudesse discutir com Agnes e Agnes não fazia decerto a mínima ideia do que acontecera. Do mesmo modo a senhora Strong, creio eu, pelo menos nessa altura. Decorreram várias semanas sem que observasse nela a menor alteração, mas esta sempre veio, e lentamente, como uma nuvem em dia calmo. Começou por se admirar da benignidade compassiva do marido e do desejo que ele exprimiu de ver a sogra instalar-se na residência do casal a fim de quebrar a monotonia que ali reinava. Muitas vezes, enquanto trabalhávamos e Annie se sentava perto de nós, notava que se interrompia e olhava interrogativamente para o doutor. Depois habituou-se a levantar-se dali e a sair do gabinete, com os olhos cheios de lágrimas. A pouco e pouco foi-se alastrando uma sombra de melancolia na sua beleza. A senhora Markleham ocupava agora

um quarto na vivenda, mas falava sem cessar e não reparava em nada. Ao passo que esta modificação se operava em Annie (outrora a alegria da casa), Strong parecia envelhecer e tornar-se mais grave; mas a brandura do seu carácter, a delicadeza inalterável das maneiras, a solicitude para com a mulher, isto aumentou ainda mais, se possível. Certa manhã, dia dos anos dela, quando veio sentar-se diante da janela (o que em geral fazia enquanto trabalhávamos, mas agora mais tímida e hesitante), vi-o segurar-Lhe a cabeça entre as mãos, beijar-lhe a testa e sair precipitadamente, demasiado comovido para ficar. Annie permaneceu imóvel como uma estátua no lugar em que o marido a deixara, depois curvou-se, uniu os dedos e chorou amarguradamente.

Várias vezes, depois disso, julguei que ela ia falar quando nos achávamos sós. Mas não disse palavra. O doutor tinha sempre qualquer projecto para diversão fora de casa, em que Annie participaria com a mãe, e a senhora Markleham, que se prestava voluntariamente a isso, regozijava-se bastante com a ideia. Era, porém, triste e indiferente que a filha a acompanhava, sem tomar gosto fosse no que fosse.

Eu nem sabia que pensar. A tia Betsey também andava intrigada e, magicando no caso, dava inúmeros passeios cá e lá no quarto. O mais estranho é que o único raio de alegria que pareceu penetrar no seio destas trevas conjugais veio na pessoa do senhor Dick.

O que pensava ele ou o que havia observado, eis o que sou incapaz de explicar ao vê-lo auxiliar-me nesta tarefa. Mas, como relatei ao falar do tempo do colégio, a sua veneração pelo professor Strong era ilimitada; em toda a afeição sincera, mesmo da parte dos animais, há uma percepção que ultrapassa o mais apurado intelecto. Foi por essa inteligência do coração, se assim posso chamar, que a verdade penetrou directamente no senhor Dick.

Muitas vezes, nos seus momentos de ócio, ele retomara orgulhosamente o privilégio de passear no Jardim em companhia do doutor, como outrora em Cantuária. Mas, quando as coisas tomaram certo aspecto, o senhor Dick consagrou todo o seu tempo disponível a tais deambulações, chegando a levantar-se mais cedo para não perder nem um minuto. Sempre se sentira felicíssimo quando o professor lhe fazia leitura de alguns extractos dessa obra-prima que era o Dicionário. Mais do que nunca apreciava agora esses momentos, mas, se eu e Strong estávamos ocupados, Dick acompanhava então Annie, ajudando-a a tratar das flores favoritas ou a sachar os canteiros. Talvez não chegasse a pronunciar uma dúzia de palavras por hora, porém a sua solicitude calma e o rosto sorridente encontravam eco nos corações do casal: cada um sabia

que ele os estimava e assim Dick se tornou um elo entre ambos, o que mais ninguém até aí conseguira.

Quando o evoco, com a sua fisionomia de tão impenetrável circunspecção, divagando entre os passeios com o doutor e encantado com a revelação dos artigos eruditos do Dicionário; quando o revejo ajoujado ao peso de regadores transbordantes de água, atrás de Annie, e a ajoelhar para fazer, com as mãos enormes e enluvadas, insignificantes trabalhos de paciência no meio das folhas; quando o recordo assim tão prestável, consciente de que havia qualquer coisa que não corria bem e até já esquecido das intromissões do rei Carlos, chego a ter vergonha de haver pensado que ele não possuía o juízo todo.

- Só eu conheço bem este homem! - dizia a senhora Trotwood, quando aludíamos ao caso. - Dick acabará por se tornar célebre!

Antes de terminar o capítulo, devo aflorar outro assunto. No tempo em que Strong ainda tinha hóspedes, eu notara que o carteiro trazia todas as manhãs duas ou três cartas para Uriah Heep, e que essas cartas lhe eram endereçadas por Micawber, o qual adoptara ultimamente uma caligrafia muito no género da que usam os advogados. Por este indício, embora fraco, deduzi que

Micawber prosperava. Fiquei pois deveras surpreendido ao receber por essa altura uma carta da mulher dele, concebida nestes termos:

«Cantuária, segunda-feira à noite.

«Vai ficar sem dúvida admirado, caro senhor Copperfield, de receber esta carta, e mais ainda do seu conteúdo - para não falar do pedido que lhe faço de guardar de tudo absoluto sigilo. Mas os meus sentimentos de esposa e mãe precisam de ser aliviados: ora eu não quero consultar a minha família (já tão mal vista de Micawber) e não conheço mais ninguém, a quem possa com maior justiça pedir conselho que ao meu amigo e antigo locatário.

«Sabe provavelmente, caro senhor Copperfield, que entre mim e Micawber (que jamais abandonarei) sempre reinou um espírito de confiança mútua; pode acontecer que ele assine às vezes uma letra sem me consultar ou me induza em erro quanto ao termo do vencimento. Isto tem sucedido, é verdade. Mas, em geral, Micawber não tinha segredos para o objecto central da sua afeição - quer dizer, a mulher - e invariavelmente, quando recolhíamos ao quarto, ele passava em revista os factos ocorridos durante o dia.

«Imagine, pois, caro senhor Copperfield, qual será a acuidade da minha

inquietação quando eu lhe disse que Micawber mudou por completo. É reservado. É discreto. A vida dele tornou-se um mistério para a companheira das suas alegrias e tristezas (refiro-me sempre à mulher), e, se lhe afirmasse que, à parte a circunstância de passar o tempo no escritório, de manhã à noite, eu sei menos a seu respeito do que acerca do homem do Sul (a respeito do qual as crianças repetem uma história tola em que há um pudim de sebo frio), não faria mais do que utilizar uma história popular para exprimir um facto verdadeiro.

«Mas não fica por aqui. Micawber anda melancólico, severo. Já não se interessa pelos filhos mais velhos nem se orgulha dos gémeos. Até lança um olhar froixo ao inocente recém-nascido, desde há pouco membro novo da nossa família. Só a custo me concede os meios para arcar com as despesas do lar, reduzidas ao mínimo, e, com isto, faz ameaças tremendas de se estabelecer (é esta a sua expressão), recusando-se teimosamente a dar outras explicações.

«Eis o que custa a suportar. Estou desolada. Se, conhecedor dos meus fracos recursos, me quisesse dar parecer quanto à melhor maneira de os utilizar nesta situação complicada, acrescentaria, caro senhor Copperfield, mais uma dívida de gratidão àquelas, tão numerosas, de que já é credor. Envio-lhe saudades dos pequenos e um sorriso do nené, ainda numa inconsciência venturosa, e confesso-me «sua dedicada Emma Micawber.»

Não me achei qualificado para dar a uma mulher de tanta experiência como a senhora Micawber os conselhos que ela solicitava, a não ser dizendo-lhe que reconquistasse o coração do marido pela sua paciência e bondade (como sabia que ela era capaz). Mas esta carta mergulhou-me em meditações profundas.

XLIII. OUTRA RETROSPECTIVA

Permitam-me, mais uma vez, deter-me num instante memorável da minha vida. Que me deixem ficar de lado para ver os espectros dos dias decorridos acompanhar a minha própria sombra numa procissão indistinta.

Passam semanas, meses, estações quase como se fossem, quando muito, um dia de Verão ou uma noite de Inverno. Tão depressa o baldio em que passeio com Dora está em flor como jaz, invisível, sob uma camada espessa de neve. Num momento, o riacho que atravessa o nosso caminho brilha ao sol estival e logo arrasta pedaços de gelo flutuantes. Mais rápido que outro curso de água na sua viagem para o mar, ele cintila, ensombra-se e desaparece.

Nada mudou na casa onde vivem as irmãs Spenlows. O relógio do fogão faz ouvir o seu tiquetaque, o barómetro continua na parede do vestíbulo. Nenhum está certo, mas apesar disso confiamos neles como se fossem exactos.

Legalmente sou maior. Mas é uma dignidade que se pode considerar aparente. Vejamos o que realizei.

Consegui dominar esse arrevesado método da estenografia. Obtenho um vencimento respeitável. Sou muito reputado pela minha habilidade em tudo o que se liga com essa arte e, com mais onze estenógrafos, comunico os debates da Câmara a um jornal da manhã. Cada noite levo ali predições que nunca se verificam, profissões de fé que não são cumpridas, explicações cujo único fim é mistificar. Espojo-me em palavras. Britânia, essa fêmea desgraçada, está sempre sob os meus olhos, como uma galinha perra, com penas administrativas a atravessá-la e obreias burocráticas a prendê-la. Frequento razoavelmente os corredores para me inteirar do valor da vida política. Neste aspecto sou um infiel, incapaz de me converter.

O meu velho amigo Traddles quis experimentar a mesma carreira, mas não estava no seu feitio. Aceita o malogro com bom humor e lembra-me que toda a vida foi preguiçoso. O mesmo jornal emprega-o às vezes para reunir documentos relativos a assuntos áridos, que depois serão escritos com desenvolvimento e arte. Traddles é advogado. À força de trabalho e de privações, ainda conseguiu economizar cem libras para pagar o estágio num escritório. No dia em que se estreou, fê-lo à custa de muitos cálices de Porto, consumidos sucessivamente.

Eu prosperei noutra direcção. Lancei-me cheio de angústia na profissão de escritor. Escrevi às escondidas qualquer coisa e mandei-a a uma revista, que a

publicou. Desde então escrevo muitas caganifâncias e recebo um salário razoável. Em resumo, estou bem de meios; quando conto os meus rendimentos pelos dedos da mão esquerda, chego ao terceiro e dobro o quarto pela falangeta.

Trocámos a casa da Buckingham Street por uma vivenda agradável, próxima daquela que eu ambicionara quando me nasceu este entusiasmo. A tia Betsey vendeu por bom preço a residência de Dover, mas não conta habitar a vivenda nova: tenciona escolher outra, ainda mais pequena, todavia nas proximidades. Que pressagia tudo isto? O meu casamento? Evidentemente!

É verdade: posso casar com Dora. As senhoras Lavinia e Clarissa deram o seu consentimento, e com que alvoroço o fizeram! Lavinia encarregou-se de superintender no enxoval da minha querida, passa o tempo a desembrulhar as encomendas e a discordar da opinião do moço respeitável que traz um fardo enorme e tem uma fita métrica no braço. Há uma costureira que dorme e come na residência e está sempre de agulha enfiada; mas, dormindo ou comendo, parece que nunca larga o dedal. Transformam a minha querida em manequim, chamam-na continuamente para provar qualquer coisa. À noite, não podemos usufruir cinco minutos da nossa felicidade sem que venha alguém bater à porta e dizer: «Se faz favor, menina Dora, suba ao seu quarto.» Clarissa e a tia Betsey erram por toda a cidade de Londres à procura de móveis, os quais eu e Dora teremos depois de ir ver. Mais valia que comprassem logo a mobília, sem esta cerimónia da inspecção: quando vamos examinar um guarda-fogo para a cozinha ou uma peneira, Dora descobre uma casota chinesa para o Jip, com campainhas no tecto, e dá-lhe a sua preferência. E custa tanto habituar o cachorro à nova instalação, depois de a termos comprado! De cada vez que ele entra ou sai, as campainhas tocam e o animal assusta-se a valer.

A Peggotty vem oferecer os seus serviços e põe imediatamente mãos à obra. A sua especialidade parece ser a de brunir tudo. Esfrega tudo quanto pode ser esfregado, até que brilhe como a sua testa luzidia, à força de perpétuas fricções. Encontro o irmão dela, que passa à noite, solitário, pelas ruas sombrias, olhando para todos os transeuntes. Nessas ocasiões nunca lhe falo; sei muito bem o que ele busca e o que ele receia.

Por que é que Traddles tem um ar tão importante quando vem ter comigo certa tarde, aos Doctor's Commons, onde eu ainda me apresento às vezes, por simples formalidade, se disponho de tempo? A realização do meu sonho da mocidade não tarda muito: vou levantar a minha licença de casamento.

É um documento pequenino mas de grande valor e Traddles contempla-o no meu escritório com ar meio de admiração meio de temor. Eis os nossos nomes

juntos como nos meus sonhos de outrora: David Copperfield e Dora Spenlow. A um canto, essa instituição tutelar, o Selo, que toma um interesse tão afectuoso pelas várias transacções da existência humana, contempla de alto a nossa união. E lá está a bênção impressa do arcebispo de Cantuária, conseguida com tão pouco dinheiro!

Entretanto vivo como num sonho agitado, feliz, febril. Custa-me a crer que seja verdadeiro, mas também não posso coibir-me de supor que todas as pessoas que encontro na rua hão-de ter a sensação mais ou menos vaga de que me vou casar depois de amanhã. O substituto conhece-me e, quando compareço para prestar juramento, faz despachar tudo com urgência, como se entre nós houvesse um entendimento maçónico. Embora não seja necessário, Traddles acompanha-me como padrinho em todas as circunstâncias.

- Espero que da primeira vez que venhas cá - disse-lhe eu - seja para fazer o mesmo que eu. E oxalá não tarde muito!

- Obrigado pelos teus votos, Copperfield - respondeu-me. - Também o espero. É um consolo saber que ela aguarda essa possibilidade com tanta paciência e que é na verdade uma rapariga tão carinhosa...

- A que horas contas que ela chegue hoje na diligência?

- Às sete - declarou Traddles, olhando para o velho relógio de prata, aquele de que tirara um dia, na escola, uma rodinha para fazer um moinho. - Será a mesma hora a que vais esperar Agnes Wickfield?

- Não, essa vem um pouco mais tarde, às oito e meia.

- Afianço-te, Copperfield, que me sinto quase tão feliz como se se tratasse do meu casamento. E, da tua parte, foi uma bela prova de amizade quereres que Sophy se associasse pessoalmente à tua festa, como dama de honor, juntamente com Agnes Wickfield. Estou muito reconhecido.

Oiço-o, aperto-lhe a mão, partimos, andamos, jantamos, movemo-nos, sem que eu creia na realidade de tudo isto.

Sophy chega a casa das tias de Dora no momento previsto. Tem um semblante dos mais agradáveis, sem ser precisamente belo; raras vezes conheci alguém tão cordial, de trato tão simples, franco, sedutor. Traddles apresenta-a com orgulho. Quando o tomo de parte, para um canto, a fim de o felicitar pela escolha que fez, o meu amigo esfrega as mãos durante dez minutos enquanto cada um dos cabelos se ergue individualmente no alto da cabeça.

Fui esperar Agnes à diligência de Cantuária e, pela segunda vez, a sua

deliciosa figura se encontra, sorridente, entre nós. Agnes simpatiza muito com Traddles, e é um encanto vê-los conversar.

Contudo ainda não acredito. Passamos uma noite agradabilíssima e sentimo-nos felicíssimos. Mas ainda não creio. Tenho dificuldade em voltar à singeleza da vida, à minha roda ondula uma névoa, como se me houvesse levantado muito cedo há oito ou quinze dias e não me tivesse deitado depois. Não sei discernir o que era ontem e o que é hoje. Julgo que trago no bolso, há meses, a minha licença de casamento.

No outro dia, quando fomos todos em cortejo visitar a casa nova, a que se destinava a mim e à Dora, achei-me absolutamente incapaz de me considerar como proprietário. Dir-se-ia ali estar por concessão de outrem e esperava ver surgir alguém, de um momento para outro, que me desse as boas-vindas. Trata-se de uma vivenda pequenina, onde tudo brilha, onde se pode supor que as flores do tapete foram colhidas nesse instante, que os ramos verdes do papel da parede acabam de crescer. As cortinas de cassa são de brancura imaculada, os móveis claros parecem ruborizar-se. O chapéu de Dora, com a sua fita azul (como recordo o amor que ela me inspirou com um chapéu semelhante, a primeira vez que a vi!) está já pendurado no cabide. O estojo da viola sente-se como em sua casa, aconchegado a um canto. E toda a gente tropeça no pagode de Jip, grande de mais para aquela instalação.

Mais um serão delicioso, também irreal, e entro na saleta do costume, antes de me ir embora. A minha noiva não está lá, creio que ainda não acabou as provas. Lavinia, de passagem, diz-me misteriosamente que ela se não demora. Todavia não chega. Até que oiço um sussurro atrás da porta e alguém que bate.

Mando entrar, mas batem outra vez. Vou à porta, pensando quem seria, e vejo dois olhos brilhantes e um rosto corado: são os olhos e o rosto de Dora. Lavinia vestiu-a com o traje de casamento, sem esquecer o toucado, para que eu a admire. Cinjo-a ao peito e Lavinia solta um grito, porque lhe amarfanho o traje. Dora, vendo-me contente, não sabe se ria se chore. E tudo se me afigura mais irreal do que nunca.

- Achas-me bonita, Doady? - pergunta.

Bonita! Quem o duvida?

- E tens a certeza do teu amor?

Este assunto é tão cheio de perigos para o toucado de Dora que Lavinia dá outro gritinho e me suplica que apenas contemple a noiva mas por nada deste mundo lhe toque. E Dora, confusa, fica um ou dois minutos em exposição. Em

seguida foge e volta mais tarde com o vestido usual, esboçando uns passos de dança. Depois ajoelha para obrigar Jip a manter-se nas patas traseiras, sobre o livro de cozinha, pela derradeira vez na sua existência de solteira.

Regresso a casa mais incrédulo ainda e levanto-me cedo no dia seguinte a fim de ir ao encontro da tia Betsey na estrada de Highgate. Nunca a tinha visto daquela maneira. Veste de seda lilás, usa um chapéu branco e toda ela resplandece. Janet ajudou-a a arranjar-se. A Peggotty vai partir para a igreja. O senhor Dick, que levará a minha prometida ao altar, frisou o cabelo. Traddles, a quem eu marcara ponto de reunião junto da portagem, oferece um espectáculo ofuscante de tons de creme e azul-celeste. Ele e o senhor Dick dão a impressão de estar enluvados da cabeça aos pés.

É claro que, se anoto tudo isto, é porque me lembro. Mas tenho a impressão de não ver nada. E muito menos acredito. Entretanto vamos numa carruagem descoberta e a realidade do meu casamento impõe-se-me por instantes, visto que me condoo dos que não participam nele, dos que varrem as lojas a essa hora, dos que seguem para as suas ocupações quotidianas.

A tia Betsey conserva em todo o percurso a minha mão na sua. Quando paramos um pouco antes da igreja, para deixar Peggotty apear-se, a senhora Trotwood aperta-me a dextra e dá-me um beijo.

- Deus te abençoe. O meu próprio filho não me seria mais querido.

Transbordante de cordialidade, estende a mão a Traddles, que dá a sua ao senhor Dick, que me dá a sua, e eu torno a apertar a de Traddles, até que chegamos à porta da igreja. Sem dúvida que o templo é apaziguador, mas, se fosse uma fábrica em plena laboração, o efeito sobre mim seria também sedativo. Agora já não estou sujeito a semelhantes influências.

O resto decorre num sonho mais ou menos incoerente. Um sonho é a entrada de Dora e das outras pessoas. A mulher do sacristão, que nos arruma, como um sargento aos recrutas, defronte dos degraus do altar, enquanto eu penso na razão por que escolhem sempre essas mulheres entre as mais desagradáveis que possam existir; talvez seja no receio de um contágio desastroso de bom humor que colocam tais galhetas de vinagre no caminho do céu.

Um sonho: a aparição do sacerdote e do seu acólito, a entrada de alguns barqueiros e outros curiosos, a presença, atrás de mim, de um velho marinheiro, que enche a igreja do seu hálito de rum. E o ofício principia em voz grave, no meio da atenção geral.

A chegada de Lavinia Spenlow, no papel de dama de honor auxiliar: é a

primeira a verter lágrimas e decerto o faz em memória de Pidger; de Clarissa Spenlow, com o seu frasquinho de sais; de Agnes, que se ocupa de Dora; da tia Betsey, que procura mostrar-se como um modelo de austeridade, mas evidentemente chorosa; e da querida Dora, que treme a valer e murmura as respostas numa voz sufocada.

O nosso ajoelhar lado a lado (Dora treme já muito menos, mas não larga a mão de Agnes); o ofício, que prossegue calmo e solene; as fisionomias que sorriem entre o pranto, como numa manhã de Abril; a minha mulherzinha, que parece histérica na sacristia e chama pelo papá, pelo defunto e querido papá.

O regresso de Dora à jovialidade, as assinaturas dos presentes, a minha ida à tribuna buscar Peggotty, para que assine também, o seu tomar-me de parte a fim de me beijar e me dizer que assistira ao casamento da minha mãe; a nossa partida, uma vez terminada a cerimónia.

Eu próprio a descer orgulhosamente a nave, com a graciosa esposa pelo braço, através de uma névoa de gente, púlpitos, monumentos fúnebres, bancos, pias baptismais, órgãos, vitrais, tudo entrevisto apenas e relacionado com vagas lembranças da igreja da minha infância, há tantos anos já!

O sussurro à nossa passagem, comentários acerca do par juvenil, da linda noiva...; a nossa alegria e exuberância na carruagem, de volta a casa; Sophy a contar-nos que, ao pedir a Traddles a nossa licença, quase desmaiara, convencida de que ele a havia perdido ou deixara que lha furtassem; Agnes rindo cordialmente, e Dora tão amiga desta que nem se queria separar, sempre de mão dada...

O almoço e a abundância de vinhos e pratos, bons e substanciosos, dos quais provo como se extasiado, sem lhes sentir o gosto; só comendo e bebendo, por assim dizer, a iguaria do amor e do matrimónio e não crendo mais em alimentos do que noutra coisa qualquer.

O discurso que faço com o mesmo ar de sonâmbulo, sem ter a mínima ideia do que quero dizer, salvo o que se compreenda fora daquilo que não disse; os momentos agradáveis que decorrem nesta companhia; e Jip a mastigar bolo-de-noiva e a ter uma indigestão...

O aparelhamento dos dois cavalos de aluguer, e Dora a ir mudar de vestido, enquanto a tia Betsey e Clarissa ficam connosco; a nossa descida ao jardim; e a minha tia ainda contente do brinde que fez ao almoço e no qual se referiu às tias de Dora.

O regresso de Dora, já com outro vestido, e Lavinia de roda dela, saudosa

daquele brinquedo que a entreteve tão deleitosamente durante semanas; Dora admirada das coisas que perdeu ou de que se esqueceu, e toda a gente a afadigar-se derredor para as descobrir.

O círculo que se forma em torno da noiva, quando principiam as despedidas e que dá a ideia de um canteiro de flores, tal a variedade de matizes; e a minha Dora quase sufocada sob essas flores, e fugindo dali, a rir e a chorar, para se me lançar nos braços.

O meu alvitre de levar Jip ao colo (o cachorro devia acompanhar-nos) e ela a protestar que mais ninguém faria isso senão a dona, para que ele não julgasse ser menos estimado, agora que é uma mulher casada e o animalzinho está tão comovido; a nossa partida, de braço dado, e Dora a deter-se para gritar: «Se algum dia dei motivo de queixa, peço que me perdoem:» e rompendo numa torrente de lágrimas.

A sua mãozinha que se agita num aceno dorido, e nós parando a cada passo, e ela retrocedendo para beijar Agnes, de preferência a todos os outros; e mais beijos e adeuses...

Partimos, enfim. Eu desperto do meu sonho. Agora já acredito. É a minha querida mulherzinha que eu tenho a meu lado.

- Estás satisfeito, meu pateta? - pergunta Dora. - Tens a certeza de que não te arrependes?

Mantive-me de parte, para ver desfilar diante de mim os fantasmas do passado. Desapareceram já, e eu retomo o fio da história.

XLIV. O NOSSO LAR

Uma coisa que me pareceu estranha - uma vez acabada a festa da boda e regressadas a casa as damas de honor - foi encontrar-me sentado com Dora na nossa vivenda; faltava-me a ocupação habitual de fazer a corte à minha noiva, que era agora a minha esposa.

Achava tão extraordinário tê-la acolá, para sempre, tão incrível não ser obrigado a sair para a visitar, não estar sujeito aos habituais motivos de preocupação, não dever escrever-lhe, não engendrar pretextos para me ver a sós com ela! Às vezes, à noite, quando levantava a vista do trabalho e descobria Dora numa poltrona a meu lado, reclinava-me na cadeira e pensava em quanto era singular que nos encontrássemos sós, como se o romance do nosso amor estivesse terminado e relegado para a prateleira. Mais ninguém a quem devesse agradar, senão nós mesmos! Agradarmo-nos somente um ao outro, a vida inteira!

Se havia sessão na Câmara e eu voltava tarde a penates, considerava esquisito o facto de pensar, pelo caminho, que Dora me esperava no próprio lar. Que extravagante isto de, nos primeiros tempos, Dora descer ao rés-do-chão e conversar comigo enquanto eu ceava! Que prodígio isto de saber, com certeza, que Dora metia o cabelo em papelotes, à noite! E que surpresa vê-la entregue a essa faina!

Não acredito que dois passarinhos pudessem ser mais ignorantes do que eu e Dora na manutenção de uma casa. Tínhamos criada, naturalmente. Ela é que dirigia a casa por nós. Ainda hoje suspeito de que fosse uma filha disfarçada da senhora Crupp, tanto essa Mary Anne nos arreliou.

O apelido era Paragon [{14}]. Quando a contratámos, a sua natureza já nos desmentia o nome. Apresentou-nos informações escritas, num papel do tamanho de uma proclamação: esse documento declarava-a apta a fazer o trivial e ainda muito mais coisas de que eu nunca ouvira falar. Era uma mulher na flor da idade, de aspecto severo, e sujeita (sobretudo nos braços) a uma espécie de rubéola ou erupção perpétua. Tinha um primo no Corpo da Guarda, de pernas tão compridas que se julgaria a sombra de alguém ao crepúsculo. O dólman era apertado de mais para ele, e ele demasiado grande para a nossa casa. Tornava o aspecto da vivenda mais pequeno devido às suas proporções exageradas.

Demais a mais, com as paredes pouco espessas, a sua presença denunciava-se por um grunhido contínuo vindo da cozinha.

O nosso tesouro fora-nos garantido como abstémio e honrado. Estou, pois, inclinado a crer que a rapariga teve um ataque no dia em que a descobrimos debaixo da lareira e que o desaparecimento das colheres de chá se deve ao limpa-chaminés.

Todavia representava para nós um pesadelo. Conhecíamos a nossa inexperiência e estávamos incapazes de solucionar o problema. Ficaríamos à sua mercê se de alguma mercê ela dispusesse; mas era uma criatura terrível e foi a causa da nossa primeira disputa,

- Minha querida - disse um dia a Dora - parece-te que a Mary Anne tem qualquer noção do tempo?

- Porquê, Doady? - perguntou Dora, erguendo, com ar inocente, a vista do desenho que fazia.

- Porque são cinco horas, meu amor, e nós jantamos às quatro.

Dora consultou o relógio do fogão, pensativa, e sugeriu que ele estivesse adiantado.

- Pelo contrário, minha querida, está uns minutos atrasado - ripostei exibindo o meu.

A linda mulherzinha veio sentar-se nos meus joelhos, a fim de me apaziguar com as suas blandícias, e traçou-me no nariz um risco com o lápis. Mas isso, por mais agradável que fosse, não substituia o jantar.

- Não achas, minha querida, que seria melhor falar à Mary

Anne?

- Não, por favor, Doady. Não posso.

- E porquê, meu amor? - insisti com brandura.

- Porque sou tímida, e ela não o ignora. Afigurou-se-me este sentimento bastante incompatível com a nossa autoridade sobre a criada, e enruguei a testa.

- Oh, rugas na testa deste mauzão! - exclamou Dora, que sempre sentada nos meus joelhos as reforçou a lápis, bafejando-as primeiro para o risco ficar mais negro e fazendo-o com um ar de azáfama que, apesar de tudo, me desconcertou.

- Ora ainda bem - disse ela. - O meu marido é mais bonito quando ri.

- Mas, minha querida...

- Não, não! - gritou Dora, que me deu um beijo. - Não sejas um infame

Barba Azul, não carregues outra vez o cenho.

- Adorada mulherzinha - retorqui - convém estar carrancudo, de vez em quando. Olha, senta-te nesta cadeira, perto de mim. Dá-me esse lápis. Agora falemos a sério. Bem sabes, minha querida... - Que mãozinha, que aliança minúscula no dedo! - Bem sabes que não é agradável sair sem ter jantado. Que te parece?

- N...ã...o - respondeu, hesitante.

- Por que tremes assim, meu amor?

- Porque estás a ralhar comigo - explicou Dora, confrangida. - Não, minha querida, só desejo chamar-te à razão.

- Mas isso é pior do que os ralhos! - bradou ela, desesperada. - Não casei para que me chamem à razão. Se eram essas as tuas intenções, devias ter-me prevenido. Ah, como és cruel!

Procurei acalmá-la, mas Dora virou a cara, sacudiu os caracóis para a direita e para a esquerda e repetiu: «Mauzão, mauzão!», tantas vezes que eu não sabia que partido tomar. De maneira que passeei, por momentos, a minha incerteza pelo quarto, até que voltei a sentar-me.

- Dora adorada!

- Não, não sou adorada! Tu o que estás é arrependido de ter casado comigo, senão deixar-te-ias desses sermões.

A falta de lógica desta acusação ofendeu-me a tal ponto que me animei a mostrar gravidade.

- Espera, querida Dora, procedes como uma criança e dizes tolices. Não te esqueças de que tenho de sair depois do jantar e que, anteontem, estive doente por ter comido de afogadilho vitela meio crua. Hoje não jantarei... sem falar do tempo que estive à espera do primeiro almoço... Não quero censurar-te, meu amor, mas isto chega a não ser agradável.

- Oh, que mauzão, que mauzão! Chamar-me desagradável!

- Perdão, Dora, bem sabes que não te chamei tal coisa.

- Disseste que chegava a ser desagradável.

- Disse que chegava a não ser agradável.

- É absolutamente a mesma coisa!

E assim o acreditou, porque chorava desalmadamente.

Dei outra volta no quarto, multiplicando-me em ternuras pela minha mulherzinha e tentado já a bater com a cabeça na porta, com os remorsos que sentia. Tornei a sentar-me e repliquei:

- Não te recrimino, Dora. Ambos temos muito que aprender. Tento apenas fazer-te compreender, minha querida, que deves... que deves realmente - estava resolvido a ir até ao fim - habituar-te a vigiar a Mary Anne e a agir um pouco em teu nome e no meu.

- Estou deveras admirada de que te atrevas a fazer-me discursos tão cheios de ingratidão - disse ela, soluçando - quando outro dia, porque observaste que não desgostavas de peixe, eu saí propositadamente e andei quilómetros para o conseguir, a fim de te causar uma surpresa.

- E foi muito simpático da tua parte, meu amor. Fiquei tão comovido que por nada deste mundo te notaria que compraste um salmão grande de mais para duas pessoas e que te custara uma libra e seis xelins, o que ultrapassa as nossas possibilidades económicas.

- Mas apreciaste o salmão - volveu Dora, soluçando. - E disseste que eu era um cordeirinho.

- Disse e repito, meu amor, um milhar de vezes!

Todavia magoara o coração terno da minha mulher e nada a podia consolar. Comoviam-me tanto os seus soluços e gemidos que estava disposto a considerar-me culpado. Tive de sair esbaforido. Só consegui voltar tarde, e toda a noite o remorso me pungiu. Tinha a sensação de haver cometido um crime e a mim mesmo me intitulava de assassino. Eram duas ou três horas da manhã quando entrei em casa. A tia Betsey achava-se presente e aguardava-me.

- Aconteceu qualquer coisa, tia? - perguntei, inquieto.

- Nada, Trot. Senta-te. O nosso botãozinho de rosa anda triste e eu fiz-lhe companhia. Apenas isto.

Sentei-me, com a cabeça entre as mãos; e, contemplando o fogo, sentia-me mais desanimado do que julgaria possível em tão pouco tempo, após a realização das nossas mais caras esperanças. Quando assim meditava, encontrei o olhar da tia fixo no meu: denotava certa preocupação, mas depressa se dissiparam as nuvens.

- Afianço-lhe - disse eu - que passei toda a noite apoquentado, imaginando que Dora também o estava. Mas afinal eu só quis falar-lhe da nossa vida doméstica, com ternura e amor.

A tia fez um gesto de incitamento.

- É preciso ter paciência, Trot.

- Naturalmente. Deus bem sabe que não desejo ser insensato.

- Decerto. O nosso botãozinho de rosa é, porém, uma flor muito delicada e a aragem deve apenas bafejá-la.

Agradeci à boa da tia, no íntimo, pelo afecto que dedicava a Dora, e ela deve-o ter compreendido. Depois de nova contemplação do lume, perguntei-lhe:

- Não acha que podia, de tempos a tempos, dar conselhos a Dora, para bem de nós dois?

- Não, Trot - replicou a senhora Trotwood, comovida. - Não me peças tal coisa.

A voz parecia tão grave que eu alcei a vista, surpreendido.

- Penso na minha vida, Trot, e na de pessoas, já mortas, com quem poderia ter estado em melhores relações. Se julguei com severidade os erros conjugais dos outros, era porque tinha razões amargas para julgar severamente o meu próprio casamento. Mas pouco importa. Fui durante muitos anos uma mulher caprichosa, pertinaz, obstinada. Ainda o sou e sempre o serei. Mas tu e eu só fizemos bem recíproco; pelo menos tu fizeste, Trot. Não convém que, entre nós, surjam agora querelas.

- Querelas... entre nós!

- Criança! Criança! - respondeu a tia, alisando o vestido. - Um profeta não saberia prever quando é que elas apareceriam, nem como eu poderia tornar infeliz o nosso botãozinho de rosa. Quero que Dora goste sempre de mim e ande tão alegre como um passarinho. Lembra-te do teu próprio lar, quando das segundas núpcias da tua mãe, e coíbe-te de fazer, a mim e à tua mulher, os males que acabaste de sugerir.

Compreendi imediatamente que a tia tinha razão; e compreendi também todo o alcance da sua generosidade para com minha mulher.

- Estás apenas no começo, Trot, e Roma e Pavia não se fizeram num dia, nem mesmo num ano. Procedeste livremente à tua escolha - julguei, por instantes, ver-lhe passar no rosto uma nuvem -, e escolheste uma criaturinha muito bonita e afectuosa. É do teu dever, e do teu gosto (isto eu sei bem, não te estou a pregar um sermão) apreciá-la pelas qualidades que tem e não pelas que não possui. Estas últimas a ti compete suscitá-las, se puderes; caso contrário,

meu filho, habitua-te a dispensá-las. Lembra-te, porém, que o futuro de um e outro depende de ambos. Ninguém lhes pode valer, ele será conforme vocês procederem. Assim é que é o matrimónio, Trot, e que Deus os abençoe aos dois como pobres criancinhas perdidas na floresta.

Betsey disse estas últimas palavras num tom prazenteiro e deu-me um beijo para ratificar a sua bênção.

- Agora - concluiu ela - acende a lanterninha e conduz-me à minha «caixa de cartão» pelo jardim. - As nossas vivendas comunicavam-se. - Dá as saudades de Betsey Trotwood ao botãozinho de rosa, quando voltares a casa; faças o que fizeres, não tentes transformar a velha Betsey num espantalho, pois já é de si mesma bastante esquelética e assustadora.

Dito isto, cobriu a testa com um lenço e ficou, como de costume nessas ocasiões, metamorfoseada num embrulho informe, e eu fiz-lhe escolta até à residência. Quando a vi no meio do seu jardim, com a lanterna erguida para me alumiar, pareceu-me que tinha outra vez uma expressão inquieta; mas eu estava muito ocupado a reflectir no que ela me dissera e muito convicto, pela primeira vez, de que devíamos talhar o futuro por nossas próprias mãos, sem o auxílio de ninguém - de modo que pouca atenção lhe prestei.

Dora desceu furtivamente, de pantufas, para vir ao meu encontro, agora que estávamos sós. Chorou no meu ombro, alegando a minha crueldade. Ripostei com termo semelhante, se me recordo. Mas reconciliámo-nos e resolvemos que esta pequenina disputa seria a última. Não haveria mais nenhuma, ainda que vivêssemos cem anos.

A aflição que depois nos visitou pode-se classificar de Provação das Criadas. O primo de Mary Anne desertou e veio esconder-se na nossa carvoeira, donde foi retirado, com grande espanto da nossa parte, por um piquete dos seus irmãos de armas, que o levaram algemado, num cortejo que encheu de ignomínia o nosso jardim. Isto animou-me a despedir Mary Anne, que partiu conformada depois de haver recebido o salário, o que me admirou - até ao momento em que dei pelo desaparecimento das colheres de chá e soube de certos empréstimos que ela contraíra em meu nome entre alguns fornecedores. Após um intervalo em que tivemos ao serviço a senhora Kidgerbury, suponho que a mais velha habitante de Kentish Town, que se mostrou debilmente apta para o trabalho, descobrimos outro tesouro, talvez a mais amável das mulheres mas que ao subir e descer a escada invariavelmente se desequilibrava com o tabuleiro e vinha estatelar-se com o bule e as xícaras na sala, como se mergulhasse numa piscina. Os prejuízos causados por esta desastrada obrigaram-nos a mandá-la embora.

Foi seguida (com readmissões temporárias da senhora Kidgerbury) por uma série de incapazes, até à chegada de uma rapariga de aspecto elegante, que ia à feira de Greenvinch com um chapéu surripiado a Dora. Depois disto, só me lembro de uma sucessão incrível de malogros.

Os fornecedores roubavam-nos à compita. A nossa entrada numa loja fazia surgir logo todas as mercadorias avariadas. Se comprávamos uma lagosta, ela estava cheia de água. A carne era sempre coriácea e o pão quase não tinha côdea. Para manter o princípio que devia presidir ao assado (não ficar cru nem muito queimado), recorri pessoalmente ao livro de cozinha, que prescrevia um quarto de hora de forno por libra de carne, e, quando muito, mais outro quarto. Mas, por estranha fatalidade, este princípio falhou sempre e nunca obtivemos um justo termo entre a carne em sangue e a carne carbonizada.

Tenho razões para crer que, com estes estenderetes, gastávamos muito mais do que com uma série de triunfos. Parece-me que, compulsando as contas dos fornecedores, poderíamos ter pavimentado de manteiga todo o rés-do-chão, tão grande era o gasto que fazíamos deste produto. Não sei se o imposto sobre a pimenta revelou nesse período um aumento considerável; mas se o nosso consumo não afectou o mercado é que várias famílias se abstiveram por completo de usar pimenta. E o mais curioso é que nunca havia disto em casa!

Quanto à lavadeira, depois de haver empenhado a nossa roupa, veio desculpar-se perante nós, lacrimosa, num dia de bebedeira. A coisa, é claro, podia ter acontecido a outras pessoas, assim como o fogo na chaminé, a que acudiu a bomba de incêndios da paróquia. Mas creio que fomos particularmente infelizes ao admitir uma criada que tinha um fraco pelas bebidas e que fez subir-nos a conta da cervejaria com acrescentamentos inexplicáveis de «um quarto de grogue com rum» (Sr.a C.), «meio quarto de genebra com cravinho» (Sr.a C.), «um copo de rum com hortelã-pimenta» (Sr.a C.). Os parênteses referem-se a Dora, que era aparentemente a pessoa que absorvia todos estes reconstituintes.

Uma das nossas primeiras extravagâncias domésticas foi um jantar que oferecemos a Traddles. Tinha-o encontrado na cidade e convidara-o a acompanhar-me a casa. Traddles aceitou logo e eu preveni Dora. O tempo estava óptimo e a minha felicidade conjugal fez, pelo caminho, as despesas da conversa. O meu amigo ficou bem inteirado a este respeito. Com uma residência como a minha, confidenciou ele, e Sophy a esperá-lo, nada lhe faltaria para ser inteiramente venturoso.

Eu não poderia desejar esposa mais bonita à minha frente, mas decerto que gostaria de ter maior espaço, uma vez todos sentados. Não sei como isso era,

porém a verdade é que, sendo apenas um casal, nos sentíamos sempre tolhidos, embora, por outro lado, a exiguidade não fosse bastante para que as coisas se não perdessem. Suspeito de que o motivo consistia em nada ter o seu lugar próprio, a não ser a casota-pagode de Jip, que atravancava tudo. Nesse dia, Traddles estava bloqueado pela casota, o estojo da viola, os apetrechos de desenho de Dora e a minha secretária; e eu perguntei-lhe se conseguiria realmente servir-se do garfo e da faca. Todavia o meu amigo protestou com a sua bonomia habitual:

- Estou muito à vontade, Copperfield. Palavra de honra!

Também teria eu gostado que o cachorro se não habituasse a saltar para cima da mesa durante as refeições. Comecei a pensar que a sua presença acolá era de qualquer maneira coisa imprópria, ainda que ele se limitasse a pôr as patinhas no sal ou na manteiga. O animal, nesse dia, achou que devia manter Traddles em respeito, ora ladrando ao meu velho amigo ora precipitando-se para o seu prato com tal obstinação que chamou a si as atenções gerais.

No entanto, conhecendo a sensibilidade da minha querida Dora e sabendo quanto ela se ressentia de qualquer censura feita ao seu Jip, evitei levantar a voz para objectar fosse o que fosse. Pela mesma razão não me permiti aludir aos pratos que tombavam para o chão, nem aos saleiros que corriam em debandada na mesa, nem ao bloqueio das coisas a que Traddles poderia deitar a mão. Mas, no íntimo, reflecti na circunstância de a nossa travessa de carne apresentar sempre formas tão insólitas, como se o talhante porfiasse em nos fornecer só carneiros estropiados. Em todo o caso, guardei para mim todas estas reflexões.

- Meu amor - disse a Dora - que tens nesse prato?

Não podia adivinhar a razão pela qual minha mulher fazia sinais incompreensíveis.

- Ostras, meu amor - respondeu ela timidamente.

- Pois tu pensaste nisso? - exclamei, entusiasmado.

- É verdade, Doady!

- Que ideia magnífica! - declarei, poisando a faca e o garfo. - É do que Traddles mais gosta.

- Pois, Doady, comprei uma boa quantidade delas, e o vendedor disse-me que eram muito boas. Mas... receio que não seja tanto assim. Não me parecem perfeitas.

Dora sacudiu a cabeça, enquanto nos seus olhos havia um brilho de diamante.

- Ainda não foram abertas - observei. - Abre a de cima, Dora.

- Não se consegue - respondeu ela, esforçando-se por separar a concha.

- Escuta, Copperfield - interveio Traddles, jovial, examinando o prato -, creio que é porque... Acho-as magníficas, mas julgo que nunca foram abertas.

Realmente assim era, e nós não possuíamos faca própria. De maneira que olhámos para as ostras e devorámos o carneiro, ou pelo menos o que estava suficientemente assado. Se eu lho consentisse, Traddles teria engolido também a parte crua, para mostrar quanto lhe agradava o jantar. Todavia não permiti semelhante sacrifício no altar da amizade e, para completar a refeição, comemos presunto, de que por sorte se encontrava algum na despensa.

A minha mulherzinha aparentou tanta desolação ao supor-me zangado e tanta alegria quando viu não ser esse o meu sentimento, que a desilusão que eu dissimulara cedo se dissipou, e passámos razoavelmente o resto do serão. Dora, sentada junto de mim e apoiada à minha poltrona, enquanto eu e Traddles tomávamos vinho, aproveitava todas as ocasiões para me segredar que eu fora muito amável em não ter sido cruel. Mais tarde, fez-nos chá: e era tão agradável contemplá-la nessa faina, como se lidasse com xícaras de boneca, que eu desculpei a má qualidade daquela beberagem. Em seguida jogámos às cartas, eu e Traddles, e Dora cantou acompanhando-se à viola. Isto recordou-me a primeira noite em que lhe ouvira a voz, no tempo em que o nosso noivado e casamento ainda figuravam no rol das coisas impossíveis.

Quando voltei à sala, depois de me ter despedido de Traddles, à porta da rua, Dora arrastou a sua cadeira até junto da minha e, sentando-se, disse-me:

- Estou penalizada. Não queres tentar ensinar-me?

- Preciso também de aprender, em primeiro lugar. Sei tanto como tu, meu amor.

- Pois sim, mas és capaz de aprender, tu, que tens bastante inteligência.

- Que ideia, tontinha!

- Se ao menos eu fosse passar uma temporada no campo, com Agnes! - replicou ela, após longo silêncio.

Tinha as mãos no meu ombro, apoiava nelas o queixo, e os olhos azuis mergulhavam o seu ardor nos meus.

- Porquê? - indaguei.

- Creio que Agnes me ensinaria muita coisa...

- Tudo virá com tempo, minha querida. Agnes teve de cuidar do pai desde pequena, e já nessa altura ela era como é hoje.

- Queres chamar-me por um nome que me soaria tão bem aos ouvidos, Doady?

- Que nome?

- Vais achá-lo estúpido. É este: mulher-criança... Quando eu te desiludir, dirás: «Já sabia que era uma mulher-criança.» Quando lastimares o que eu podia ter sido e nunca serei, dirás ainda: «A minha mulher-criança gosta de mim, apesar de tudo.» Porque te amo, Doady!

Eu não falara a sério, pois não me ocorrera até aí a ideia de que ela própria estivesse séria. Mas a sua natureza amorosa ficou tão satisfeita com o que lhe manifestei do fundo do coração, que o rosto se lhe tornou risonho antes que nos olhos brilhantes as lágrimas secassem. Não tardou a ser, de facto, a minha esposa-criança. Sentada no chão, diante do pagode do Jip, fez soar todas as campainhas, uma a uma, para castigar o cachorro pelo seu mau comportamento, enquanto o pobre animal continuava estirado, com a cabeça fora da casota e a piscar os olhos, sonolento de mais para se sentir arreliado.

Esta súplica de Dora impressionou-me profundamente. Evoco a época a que estas lembranças se reportam, rogo ao semblante inocente que ternamente amei o favor de sair da névoa e sombra do passado e voltar-se para mim mais uma vez ainda; e sou capaz de repetir que o seu breve discurso está de contínuo na minha memória. Não o poderia esquecer nunca. Eu era novo e inexperiente, mas não me fiz surdo aos seus rogos ingénuos.

Dora participou-me, tempos depois, que se ia tornar uma dona de casa modelar. Neste sentido, aparou as penas, comprou um livro de contas, consertou com esmero o volume de culinária que Jip dilacerara, e fez um esforço desesperado para ser sisuda. Mas os algarismos recusavam-se sempre a ser somados. Depois de ela escrever laboriosamente duas ou três parcelas, Jip vinha passar por cima da página, ondulando a cauda, e enlambuzava tudo. E foi este, creio, o único resultado positivo das diligências empreendidas por essa esposa-criança.

Às vezes, ao serão, estando eu a trabalhar (porque escrevia muito e começava a ser conhecido como autor), descansava a pena e contemplava Dora nas suas tentativas de sisudez. Começava por tirar o enorme livro de contas e pô-lo sobre a mesa, com um suspiro fundo. Depois abria-o no ponto em que Jip o tornara, na véspera, ilegível, e chamava o cão para lhe mostrar o que este fizera.

Era o pretexto de uma diversão a favor de Jip, cujo focinho ficava sujo de tinta, em sinal de castigo. Em seguida ordenava-lhe que se deitasse na mesa, «como um leão» (uma das suas habilidades, se bem que a semelhança não fosse muito convincente), e, se o cachorro estava bem disposto, obedecia. Então Dora pegava numa pena, principiava a escrever, e descobria nela um pêlo; punha-a de lado, e escolhia outra, voltava à escrita e dizia em voz baixa: «Como esta pena range, vai incomodar o Doady!» Desesperada, abandonava tudo e arrumava o livro de contas, depois de ter fingido que esborrachava, com ele, o «leão» adormecido.

Ou então, se estava séria, de ar grave, instalava-se com cadernos de apontamentos e outra papelada e esforçava-se por realizar qualquer coisa. Comparava as notas, de testa franzida, contava pelos dedos da mão esquerda, repetidas vezes, de trás para diante e de diante para trás, até que, sentindo-a tão infeliz, eu me aproximava devagar e lhe dizia:

-Que há, querida Dora?

Dora erguia a vista, desanimada, e replicava:

- Não consigo, decididamente. E já tenho dores de cabeça.

- Experimentemos ambos. Eu vou mostrar-te como se faz.

Iniciava uma demonstração prática, à qual ela prestava grande atenção durante uns cinco minutos; seguidamente começava a sentir-se muito cansada e a distrair-se, frisando-me o cabelo e experimentando o efeito que me faria a gola da camisa abaixada. Se eu reprovava tacitamente aquela brincadeira, continuando a lição, Dora tomava um ar tão espantado e aborrecido que a mim próprio me repreendia, lembrando-me da sua alegria natural e do facto de ser a minha esposa-criança. E então depunha o lápis e pedia-lhe que tocasse viola.

Tinha à minha conta imenso trabalho e inúmeras preocupações, mas achava que devia dissimular. Estou longe de acreditar que fazia bem procedendo assim, mas essa atitude era-me ditada pela consideração do seu bem-estar. Perscruto o coração e confio, sem reticências, a estas laudas, todos os segredos que averiguo. Sei que o mesmo fastio, que me atacava outrora, mantinha ainda na minha alma um pouco da sua amargura, não todavia ao ponto de me envenenar a existência. Quando passeava só, nos dias bonitos, pensando na época em que o ar se embalsamava do meu ardor juvenil, sentia confusamente que o sonho se não realizara como eu esperava. Mas reflectia em que o Passado resplandece sempre com uma luz suave que não pertence ao Presente. Teria desejado por vezes encontrar na minha mulher uma conselheira, ambicionaria achar nela mais energia e vontade para me suster e preencher o vácuo que por vezes se fazia em

mim; mas parecia-me ser isso uma aventura extraterrestre, impossível de se realizar e até de existir.

Eu próprio era um marido muito novo em idade. Não conhecera outra influência apaziguadora senão a da tristeza e das aventuras contadas nestas páginas. Se me enganei, como em geral sucede, foi por amor mal entendido e por falta de sabedoria. O que escrevo é a pura verdade. Não me serviria de nada atenuá-la.

Foi assim que tomei sobre os meus ombros as penas e os cuidados da nossa existência, sem os partilhar com mais ninguém. Continuámos a viver como antes, quanto a dificuldades domésticas, mas fui-me habituando e comprazia-me com a verificação de que Dora andava menos triste; pelo contrário, mostrava-se satisfeita, radiante ao seu modo, sempre infantil, gostava ternamente de mim e divertia-se com as mesmas frioleiras.

Quando as sessões parlamentares eram mortalmente opressivas - refiro-me à sua extensão e não à qualidade, porque em geral esta não podia ser pior-e eu regressava tarde a casa, Dora nunca estava deitada e até descia ao rés-do-chão para me receber. E se o serão não era preenchido com trabalhos para os quais me preparara com tanto custo, e escrevia obras da minha lavra, ela ficava tranquilamente sentada perto de mim, sem tomar em conta as horas, observando-me num silêncio tão profundo que se podia supor houvesse adormecido. Mas em geral, quando eu levantava a cabeça, via-lhe os olhos azuis fitarem-me com a calma atenção de que já falei.

- Oh, pobre rapaz fatigado - disse Dora uma noite, quando eu ia fechar a escrivaninha.

- E a pobre rapariga cansada! - ripostei. - É mais acertado. Vai ser preciso levar-te para a cama, mais uma vez, meu amor. E é demasiado tarde para ti.

- Ah, não, não me mandes deitar - suplicou Dora, chegando-se a mim. - Peço-te que não faças tal coisa.

Com grande surpresa minha, soluçou no meu ombro.

- Não te sentes bem? Não és feliz?

- Estou muito bem e sou feliz. Mas gosto de ficar a ver-te escrever.

- Que espectáculo para tão bonitos olhos, à meia-noite!

- Achas que são bonitos? - perguntou ela, rindo. - Agrada-me tanto sabê-lo!

- Vaidosa!

Mas não se tratava de vaidade, sim de alegria inocente que lhe causava a minha admiração. Já eu o sabia muito bem, antes que ela o dissesse.

- Então, se os consideras bonitos, diz-me que poderei ficar todas as noites a ver-te escrever.

- Isso não lhes aumentará o brilho, suponho - objectei.

- É que, rapaz inteligente como és, não me esquecerás quando te entregares às tuas ideias silenciosas. Não vais

aborrecer-te se eu te contar qualquer coisa de muito estúpido? De mais estúpido que do costume? - inquiriu Dora, curvando-se-me por cima do ombro para me observar a cara.

- Que é isso, afinal? Essa maravilha?

- Deixa-me encarregar das tuas penas. Queria estar ligada a todas estas horas em que trabalhas. Posso?

A lembrança da sua grande satisfação, quando a autorizei a desempenhar esse serviço, faz-me ainda hoje acudir lágrimas aos olhos. Daí por diante retomou o seu lugar junto de mim, com umas poucas de penas sobresselentes. Encantava-a a certeza de que se misturava assim ao meu labor. A alegria que mostrava quando eu tinha necessidade de outra pena (muitas vezes pedia-a só para lhe dar gosto) sugeriu-me novo processo de lhe ser agradável. De tempos a tempos fingia precisar de uma cópia de duas ou três páginas do meu manuscrito. E então, para Dora, era o cúmulo do prazer. Preparava-se demoradamente para essa grande obra, punha um avental, fazia render o tempo, interrompia-se para se distrair com o cachorro, como se ele compreendesse alguma coisa do caso. Achava que o seu trabalho não ficaria completo se não apusesse no final a sua assinatura; e depois trazia-mo como um exercício escolar e deitava-me os braços à roda do pescoço quando eu a cumprimentava pela boa caligrafia. Estas recordações são para mim deveras enternecedoras e devem parecer bastante pueris ao leitor.

Pouco tempo depois, Dora tomou posse das chaves e deambulou por toda a casa, fazendo-as tilintar amarradas à cintura delicada. Muitas vezes as fechaduras estavam abertas e as chaves serviam de brinquedos ao Jip; mas a minha mulher andava contente, e isso bastava. Persuadira-se de que trabalhava muito, divertindo-se assim a fazer de dona de casa; e sentia-se tão feliz como se dirigisse uma casita de bonecas.

Passavam os dias. Dora afeiçoara-se mais à tia Betsey e às vezes falava-lhe do tempo em que tinha medo de que ela fosse uma «velha rabugenta». Nunca

vira eu a senhora Trotwood desfazer-se tanto da sua severidade como ao tratar com Dora; até lisonjeava Jip, embora o cachorro se não mostrasse sensível a essas deferências. Ouvira tocar viola quase o dia inteiro, sem que tivesse qualquer inclinação para a música. Dava intermináveis passeios a pé só para adquirir objectos que sabia serem do gosto da sobrinha. E nunca chegara do jardim, quando Dora não estava na sala, sem gritar do baixo da escada, com uma voz que soava jovialmente por toda a casa:

- Onde está o nosso botãozinho de rosa?

XLV. O SENHOR DICK REALIZA AS PROFECIAS DE BETSEY

Havia já algum tempo que eu deixara o doutor Strong; mas habitava no mesmo bairro e visitava-o com frequência; por duas ou três vezes fomos a sua casa tomar chá ou jantar. O Veterano estabelecera-se sob o tecto do genro; não mudara muito, e as mesmas borboletas imortais continuavam a oscilar-lhe nas abas do chapéu. Semelhante a muitas outras mães que encontrei no decurso da minha existência, a senhora Markleham gostava mais de divertimentos do que a filha. Precisava de inúmeras distracções, e, como Veterano sagaz, fingia consagrar-se à sua vergôntea quando afinal só consultava os seus gostos pessoais. O desejo que tinha Strong de que a mulher se distraísse era pois agradável a esta mãe excelente, que louvava sem reservas este bom discernimento conjugal. Aliás não duvido de que ela fizesse sangrar a ferida do doutor, sem o saber, tudo devido à sua frivolidade e egoísmo próprio da idade madura (de que, no entanto, não são inseparáveis). O certo é que o confirmou na ideia de que ele representava um estorvo para a mulher e de que não existia qualquer afinidade entre os esposos. Assim, aprovava imediatamente todas as sugestões tendentes a aligeirar o fardo que pesava na vida de Annie.

- Meu caro amigo - disse-lhe ela um dia ,, na minha presença - você sabe muito bem que Annie acabará por se enfastiar de estar sempre aqui metida.

Indulgente, Strong fez um sinal afirmativo.

- Quando ela tiver a idade da mãe - prosseguiu a senhora Markleham, agitando o leque - então a coisa será diferente. A mim podem-me encarcerar, uma vez que eu tenha parceiros simpáticos para uma partida de cartas. Mas não sou Annie, e Annie não é a mãe!

- Evidentemente - corroborou o doutor.

- Você é o melhor dos homens. Sim, senhor - ele fizera um gesto como para negar - bem posso dizê-lo à sua frente como o repito nas costas: é o melhor dos homens, mas... não tem os mesmos interesses da sua mulher.

- Decerto... - volveu ele, melancólico.

- Pois é claro que não - insistiu o Veterano. - Vejamos, por exemplo, o dicionário. Que de mais útil haverá do que um dicionário? O significado das

palavras! Sem o doutor Johnson ou outros deste género, nós estaríamos agora privados de dizer um termo no seu sentido exacto. Mas não se pode exigir que uma obra dessas interesse a Annie, sobretudo durante a sua feitura. Não acha?

Strong assentiu com um sinal de cabeça.

- Eis porque concordo plenamente com a sua solicitude - concluiu a senhora Markleham, tocando-lhe no ombro com o leque fechado. - Isso prova, ao contrário de muita gente idosa, que não espera a dedicação excessiva das pessoas novas. Estudou o carácter de Annie e compreende-o. É isto o que se me afigura adorável!

Pareceu-me que o rosto do doutor Strong, apesar de toda a sua calma e paciência, deixava adivinhar a dor que tais cumprimentos lhe infligiam.

- Por isso, meu caro - acrescentou o Veterano, acompanhando as palavras com pancadinhas afáveis do leque - você pode dar-me as suas ordens em qualquer altura. Estou inteiramente à sua disposição, pronta a acompanhar Annie à ópera, a um concerto, a exposições, a toda a parte. E nunca me verá cansada. O dever, meu amigo, antes de quaisquer outras considerações!

Cumpriu a promessa. Era uma dessas pessoas capazes de suportar todas as distracções, e a sua perseverança jamais recuou diante de qualquer. Raras vezes pegava no jornal sem aí descobrir algo que a filha pudesse apreciar, como espectáculo. A Annie pouco valia protestar de que já estava farta de tudo. A mãe retorquia-lhe sempre:

- Não estás a ser sincera. E, além disso, deves corresponder à generosidade do teu marido.

Estas observações, feitas em geral diante do professor, constituíam para Annie a principal razão de renunciar às suas objecções. Resignava-se a seguir a mãe para toda a parte onde o Veterano quisesse ir.

Poucas vezes Maldon as acompanhava. Dora e a tia Betsey eram às vezes convidadas a fazê-lo, e aceitavam, ora uma ora outra, ou mesmo as duas. Noutro tempo a aquiescência de Dora causar-me-ia inquietação, mas reflectindo no que se passara no gabinete de Strong, naquela noite famosa, a minha desconfiança diminuiu. Achei que o doutor tinha razão, e as minhas suspeitas ficaram por aí.

Betsey coçava o nariz, quando estávamos sós, e afirmava-me que não percebia nada. Gostaria, é claro, que esses esposos fossem mais felizes, e não acreditava que «a nossa amiga marcial» (como chamava ao Veterano, ou seja, à senhora Markleham) pudesse resolver o problema. E observava: «Se a nossa amiga marcial começasse por cortar as borboletas do chapéu e as desse aos

limpa-chaminés para o 1 de Maio, seria o seu melhor passo na senda da razão.»

No senhor Dick é que a tia depositava uma confiança constante. Este homem, dizia-me ela, tem evidentemente a sua ideia, e «se conseguisse alguma vez deitá-la cá para fora, haveria de se cobrir de glória».

Desconhecedor desta predição, Dick continuava nos mesmos termos com o professor Strong, sem avançar nem recuar. Um dia, porém, meses depois do meu casamento, ele enfiou a cabeça pela porta do quarto onde eu trabalhava só (Dora fora tomar chá com a tia Trotwood e as tias Spenlows) e disse-me em tom misterioso:

- Não o incomodo com uma palavrinha, Trot?

- De maneira nenhuma, senhor Dick. Entre!

- Trot - principiou ele, apoiando o dedo no nariz, depois de me haver apertado a mão -, antes de me sentar desejaria que me permitisse uma observaçãozinha. Conhece a sua tia?

- Mais ou menos.

- É a mulher mais extraordinária do mundo!

Assim aliviado com esta declaração, o senhor Dick sentou-se com mais gravidade que usualmente e olhou para mim.

- E agora, meu filho, vou-lhe fazer uma pergunta.

- Quantas queira - respondi.

- Como me considera? - inquiriu Dick, cruzando os braços.

- Como um velho amigo muito estimado.

- Obrigado, Trot - replicou rindo e estendendo a mão, no seu entusiasmo. - Mas quero dizer, meu filho: como me considera neste aspecto? - E indicou a testa. Eu não sabia que retorquir, mas Dick sugeriu-me a resposta. - Débil?

- Não sei... Sim, talvez - concluí, hesitante.

- Exactamente! - acudiu ele, que parecia satisfeito com a minha opinião. - Quer dizer que... no dia em que me tiraram da cabeça os cuidados... há cerca de... - Aqui Dick fez girar as mãos, rapidamente, uma em torno da outra, o que repetiu várias vezes, para exprimir confusão. - Foi o que se produziu em mim, hem? - Anuí, com um gesto, e ele prosseguiu: - Enfim, meu filho, sou um pobre de espírito. - Isto foi proferido em voz mais baixa.

Eu ia fazer reservas a essa dedução, mas Dick impediu-mas.

- Sim, sim, é verdade. Ela entende que não, porém é a pura verdade. Sei-o bem. Se ela não tivesse tomado o meu partido e me não recolhesse durante todos estes anos, eu haveria levado uma vida miserável. Mas possuo para as minhas necessidades. Não toco no que me rendem as minhas cópias, ponho guardado numa caixa. Fiz testamento, em que lhe deixo tudo. Será rica e poderosa!

O senhor Dick exibiu o lenço e enxugou os olhos. Depois dobrou-o com cuidado, achatou-o entre as mãos, tornou a metê-lo na algibeira e pareceu então afastar a minha tia dos pensamentos.

- É rapaz sensato, Trot - disse o senhor Dick. - Sabe como o doutor Strong é pessoa erudita. Sabe a honra que me concede com a sua condescendência. Não é orgulhoso, apesar de sábio: chega a ser humilde diante deste pobre Dick, que é tão simplório e ignorante. Escrevi o nome dele num bocado de papel, que enfiei na guita do meu papagaio e ele subiu até às alturas em que este pairava no meio das aves. Até o céu se tornou mais azul!

Ficou felicíssimo quando observei que o doutor Strong merecia aquela homenagem.

- E a mulher, tão bela, é uma estrela - continuou. - Uma estrela cintilante. Vi-a brilhar, meu filho, mas... - aproximou a cadeira e colocou-me a sua mão no joelho - ... há nuvens, há muitas nuvens!

- Que nuvens? - indaguei.

Dick olhava-me com tanta ansiedade que diligenciei compreender e respondi-lhe tão devagar e distintamente como se desse explicações a uma criança:

- Existe entre eles um mal-entendido lamentável. É um segredo. Talvez seja consequência fatal da diferença de idades. Talvez, na origem, fosse apenas uma coisa insignificante...

Dick, que absorvia cada uma das minhas frases, ficou silencioso um momento e fitou-me com ar meditativo, sempre com a mão no meu joelho.

- O doutor não está zangado com ela, pois não? - perguntou ao fim de um instante.

- Não. Adora-a.

- Então já sei - exclamou Dick.

Ao ver o júbilo repentino com que ele me deu uma palmada e se reclinou na cadeira, erguendo as sobrancelhas tão altas quanto possível, julguei-o mais louco

do que nunca.

Mas, subitamente, tornou-se grave e, inclinando-se outra vez para a frente, disse-me depois de haver tirado novamente o lenço, com ar respeitoso, como se esse lenço representasse de facto a minha tia:

- É a mulher mais extraordinária deste mundo. Como se explica que ela não tenha ainda composto as coisas?

- Trata-se de um caso difícil e muito delicado para que alguém interfira.

- E este grande sábio - prosseguiu Dick, apontando-me com

o dedo -, por que não fez nada também?

- Pela mesma razão.

- Então já sei! - repetiu, erguendo-se à minha frente mais triunfante do que nunca se mostrara. Sacudiu a cabeça e bateu no peito com tanta insistência que julguei ir-lhe faltar a respiração.

- Um pobre diabo um tanto desassisado, um inocente, um pobre de espírito - de novo bateu no peito - é capaz de fazer o que não se atrevem a obrar criaturas mais conceituadas. Eu os reconciliarei, meu filho. Vou tentar. Não me quererão mal, a mim. Não se zangarão comigo. Pouco se importarão se eu lhes disser tolices. Sou apenas o senhor Dick. E quem se rala com o senhor Dick? Ninguém! Puf! - E assoprou como para fazer desaparecer a sua modesta pessoa.

Foi bom que chegasse a esse ponto das suas revelações, porque na mesma ocasião ouvimos parar à cancela do jardim a carruagem que trazia Dora e a tia Betsey.

- Nem uma palavra! - recomendou-me, num sussurro. - Que seja só Dick metido no caso, Dick o simplório, o louco. Há algum tempo que tinha a impressão de que isto aconteceria. Depois do que me disse, meu filho, estou absolutamente certo.

Realmente, não deixou escapar mais nada acerca deste assunto; mas durante meia hora fez-me accionados de género telegráfico (que provocaram perturbação no espírito da senhora Trotwood) para me impor o silêncio mais completo.

Com grande surpresa minha, não tornei a ouvir falar do assunto nas duas ou três semanas seguintes, ainda que eu tomasse muito interesse pelo resultado dos seus esforços, pois notara nas conclusões um clarão de bom senso (para não falar dos bons sentimentos, sempre activos no senhor Dick). Acabei por acreditar que ele abandonara o projecto, por leviandade e instabilidade de ideias.

Um dia em que Dora não tivera vontade de sair, fui com a tia Betsey, em passeio, até à casa do doutor Strong. Estávamos no Outono, estação em que as sessões do Parlamento não perturbam a paz da tarde; e recordo-me de que o cheiro das folhas que calcávamos aos pés me fazia evocar Blunderstone, e que a velha sensação das minhas desventuras pareceu passar nos suspiros do vento.

Caía a noite quando lá chegámos. A senhora Strong acabava de deixar o jardim, onde o senhor Dick se azafamava ainda a podar com o jardineiro. O doutor estava com alguém no escritório, mas a mulher explicou-nos que a visita seria breve e pediu-nos que esperássemos para falar com o marido. Entrámos com ela na sala e instalámo-nos junto da janela de persianas corridas. Recebiam sem cerimónia os amigos velhos e os vizinhos como nós.

Mal haviam decorrido uns minutos quando a senhora Markleham, que achava sempre ocasião de complicar as coisas, entrou de escantilhão, exibindo o jornal, e exclamou ofegante: - Annie, por que não me disseste que estava gente no escritório?

- Mamã - respondeu a senhora Strong, sem se perturbar - como podia eu adivinhar que isso lhe interessava?

- Interessar-me! - repetiu o Veterano, deixando-se cair no sofá. - Acabo de receber a maior comoção da minha vida!

- Então vem do escritório, mamã?

- Pois é claro que sim! E surpreendi o meu genro... imagine, senhora Trotwood, e você, David... a fazer o seu testamento!

A filha, que olhava pela janela, voltou bruscamente a cabeça.

- Sim, querida Annie - insistiu a senhora Markleham, colocando o jornal sobre os joelhos, como uma toalha, e dando-lhe pancadinhas com as duas mãos. - A fazer o seu testamento! Que previdência a sua e que prova de amor! Devo contar-te tudo com pormenores. É necessário. Presto assim justiça a esse homem admirável. Admirável, sim. Não sei se sabe, senhora Trotwood, que nesta casa não se acende uma vela antes que escureça de vez. Foi o que me atraiu ao escritório, onde vi luz. Abri a porta e descobri Strong na companhia de dois homens de leis, segundo depreendi da sua aparência. Estavam todos três de pé, de roda da mesa. O nosso doutor, com a pena na mão, dizia: «Isto é a prova»... ouve bem, Annie, são palavras suas... «da confiança que tenho em minha mulher, a quem lego tudo sem condições». Ouvindo isto, com o alvoroço natural numa mãe, exclamei: «Meu Deus! Peço desculpa!» e fugi pelo corredor adiante.

A senhora Strong abriu a janela (que também servia de porta) e saiu para a

varanda, apoiando-se a um dos pilares.

- Ora diga-me, senhora Trotwood, diga-me, David - continuou o Veterano, que seguira maquinalmente a filha com os olhos - não é consolador ver um homem da idade do doutor achar força de ânimo suficiente para fazer uma coisa destas? Isto prova que eu tinha carradas de razão. Quando o doutor Strong me foi visitar e me pediu a mão de Annie em casamento, eu observei a esta: «Quanto a mim não ponho qualquer dúvida de que ele fará por ti mesma mais do que se comprometeu a fazer.»

Neste comenos tocou a sineta e ouvimos os passos das visitas, que se afastavam.

- Deve estar tudo concluído - notou a senhora Markleham, depois de haver apurado o ouvido. - O simpático doutor assinou o seu testamento e pô-lo nas mãos do notário. Agora tem o espírito sossegado, e bem merece. Que grande espírito! Annie, minha filha, vou ao escritório, com o jornal, e averiguarei tudo. Senhora Trotwood, David, peço-lhes, venham também.

Tive a impressão de que o senhor Dick se encontrava no corredor, quando a acompanhámos, e que a minha tia, pelo caminho, esfregava violentamente o nariz, a fim de aliviar, sem ruído, a irritação que lhe causava a «nossa amiga marcial»; mas quem entrou em primeiro lugar no escritório, como é que a senhora Markleham tomou posse da sua poltrona ou como é que eu e a tia Betsey ficámos perto da porta, isso tudo esqueci, se é que realmente cheguei a saber.

O que sei é que vimos o doutor antes que ele nos visse, sentado à secretária, no meio dos livros que tanto amava, e com o rosto pálido apoiado à mão. No mesmo instante vimos a mulher deslizar na sala, pálida também e trémula, pelo braço do senhor Dick - que poisou a mão livre no braço de Strong. Este ergueu a cabeça com ar ausente, e, no momento em que fazia esse movimento, Annie caiu de joelhos a seus pés: erguendo para ele as mãos súplices, fitou-o com um olhar que jamais olvidarei.

Vendo isto, a senhora Markleham largou o jornal e arregalou tanto os olhos que não acho melhor comparação do que dizer que se assemelhou à figura de proa de um navio cujo nome fosse Surpresa.

Ao relatar estes factos, ainda tenho presente a doçura do professor e a sua admiração, a dignidade que conservava a mulher na sua atitude impetrante, a solicitude amável do senhor Dick e a convicção com que a tia Betsey murmurou, pensando nos benefícios com que até aí o cumulara: «E este homem é um

louco!»

- Annie! Levanta-te! - ordenou o marido. E ela então disse:

- Peço que ninguém saia daqui sem que ele, rompendo o silêncio com que esconde a sua generosidade, declare a todos o que houve entre nós.

A senhora Markleham, recuperando enfim o uso da fala, inchada de orgulho maternal e ao mesmo tempo de indignação, exclamou:

- Annie, põe-te de pé imediatamente e não cubras a família de vergonha humilhando-te desse modo, salvo se resolveste tirar-me o juízo.

- Mamã - respondeu Annie - não perca o tempo com palavreado. Faço apelo ao meu marido, e a senhora, neste momento, nada tem que fazer aqui.

- Nada tenho que fazer aqui? - repetiu a mãe. - Esta rapariga endoideceu. Tragam-me um copo de água!

Eu estava muito ocupado com o doutor e a mulher para satisfazer aquele pedido, que também não impressionou mais ninguém. E a senhora Markleham continuou a ofegar, a rebolar os olhos e a abanar-se com o leque.

- Annie - disse o professor, tomando-lhe ternamente a mão entre as suas. - Minha querida! Se na nossa vida conjugal se produziu a pouco e pouco uma alteração, a culpa não foi tua, foi minha, minha unicamente. O meu afecto não mudou, nem a minha admiração e respeito. Quero fazer-te feliz. Amo-te e respeito-te profundamente. Levanta-te, Annie, por favor!

Ela, porém não se mexeu. Depois de o haver contemplado um momento, arrastou-se mais para ele, pôs-lhe o braço nos joelhos e, aí apoiando a testa, respondeu:

- Se tenho aqui um amigo que possa dizer uma palavra neste assunto, um amigo capaz de formular as dúvidas que o meu coração me segreda às vezes, um amigo que respeite o meu marido e conheça seja o que for susceptível de nos ajudar ao entendimento mútuo, eu suplico a esse amigo o favor de se manifestar. Seguiu-se um silêncio profundo. Após instantes de hesitação constrangida, quebrei-o declarando:

- Senhora Strong, há uma coisa que eu sei, uma coisa que o doutor me pediu encarecidamente que ocultasse e de que nunca falei até agora. Mas creio ter chegado a hora em que seria má compreensão da palavra dada continuar calado, pois acho que é o momento de me desobrigar da promessa.

Annie voltou o rosto para mim e eu convenci-me de que tinha razão. Aliás

era-me difícil resistir a esse rogo mudo, ainda mesmo que a persuasão do meu direito fosse menos convincente.

- A nossa paz futura talvez esteja nas suas mãos - disse ela. - Confio em que não me esconderá nada. Sei de antemão que tudo quanto possa fazer me provará sempre o nobre coração do meu marido. De qualquer maneira que isso me atinja, não importa, eu falarei depois por mim, diante dele e diante de Deus.

Perante um requerimento desta ordem, não solicitei autorização do professor. Sem deformar a verdade, apenas o necessário para diminuir a grosseria de Uriah Heep, contei o que se havia passado uma noite naquela mesma sala. Seria impossível descrever a expressão da senhora Markleham durante o meu relato e as exclamações pungentes com que ela o sublinhou.

Quando acabei, Annie permaneceu uns segundos silenciosa, de cabeça curvada; em seguida pegou na mão do marido (sentado ainda na mesma atitude de quando entráramos), premiu-a contra o peito e beijou-a. O senhor Dick foi ajudá-la a erguer-se e Annie recomeçou, apoiando-se a este e olhando para Strong, de quem nunca desviara a vista.

- Vou revelar, diante de todos, o que senti desde o meu casamento - disse em voz baixa, terna e respeitosa. - Não poderia viver mais se conservasse só para mim o mínimo pormenor, sabendo o que sei agora.

- Annie - atalhou Strong com doçura - jamais duvidei de ti, minha querida. Isso não é necessário.

- É, sim! - replicou a mulher no mesmo tom. - Convém pôr o meu coração a descoberto diante do homem tão generoso e fiel que, de ano para ano e de dia para dia, vim amando e venerando mais. Deus é testemunha.

- Ora essa - contraveio a senhora Markleham - se eu tenho algum direito...

- Não tem nenhum direito - objectou a minha tia, indignada, mas em voz sumida.

- ... de observar que é perfeitamente supérfluo entrar em semelhantes minúcias...

- Só o meu marido pode ser juiz nesta matéria, mamã - respondeu Annie, sem desviar os olhos da cara do doutor. - E ele escutar-me-á. Fui a primeira a sofrer, e por muito tempo...

- Essa agora! - balbuciou a senhora Markleham.

- Quando eu era muito nova - prosseguiu a filha - tive um amigo e mestre,

cuja lembrança está ligada aos meus primeiros conhecimentos. Era um amigo cheio de paciência, íntimo de meu pai, e para mim sempre querido. Tudo quanto sei a ele o devo. Adornou-me a inteligência com os primeiros tesouros e imprimiu-lhe o seu espírito. Creio que não seriam tão preciosos se os houvesse recebido de outrem.

- A mãe não fez nada, hem?

- Fez, mamã, mas o seu a seu dono. Conforme cresci, guardei no coração a sua imagem. Orgulhava-me do interesse que esse homem me dispensava. Sentia-me ligada a ele por todos os laços da afeição e do reconhecimento. Considerava-o... como direi?... um pai, um director espiritual, cujas opiniões tinham maior valor para mim do que todos os elogios do resto do mundo, e em quem depositaria fé e confiança mesmo que duvidasse de toda a gente. A mamã sabe quanto eu era ainda nova e inexperiente na ocasião em que me apresentou de súbito um candidato à minha mão...

- Repeti-o pelo menos cinquenta vezes a todos os que aqui estão - declarou a senhora Markleham.

- Então cale-se - resmungou a minha tia - e não o diga mais.

- Seria tão grande mudança - prosseguiu Annie - tão grande perda que fiquei perturbadíssima. Não passava de uma criança! Teria de considerar de maneira diferente aquele para quem durante tanto tempo erguera o olhar cheia de veneração. Mas fiquei tão envaidecida com a sua escolha que aceitei, e assim nos casámos.

- Em St. Alphage de Cantuária - recordou a mãe.

- E não se cala! - disse a tia Betsey em voz baixa, com azedume. - Diabos a levem!

- Nunca pensei - continuou Annie, ruborizando-se - nas vantagens materiais que o meu marido me traria. No meu coração juvenil não havia lugar para preocupações tão mesquinhas. Mamã, desculpe se lhe recordo, mas foi a primeira a dar-me a entender que alguém me poderia lesar, tanto a mim como a ele.

- Eu? - exclamou o Veterano.

- Sim, você, com certeza - murmurou a tia Betsey - e esse leque não altera nada, minha amiga marcial.

- Foi a primeira tristeza da minha vida, a causa primária de todos os momentos de melancolia que conheci. Esses instantes de depressão desde há

algum tempo que se têm multiplicado, mas não, meu generoso amigo, pela razão que julgas. Não albergo na alma nem um só pensamento, saudade ou esperança que não venha de ti.

Alçou o olhar e uniu as mãos. Não creio que um anjo fosse mais belo nem mais sincero. O doutor fitou-a com tanta intensidade como Annie fazia a ele.

- A mamã nunca pediu nada para si, pelo que não pode ser censurada, nem sequer nas suas intenções. Mas, quando vi todas as solicitações que te faziam em meu nome, a exploração a que sujeitavam o amor que me dedicavas, a irritação que sentia o doutor Wickfield na sua amizade sincera por ti, compreendi que me expusera à desconfiança de haver vendido o meu amor e de o ter vendido, a ti! Vi-me acabrunhada sob o peso de uma vergonha imerecida, a qual te obrigava a partilhar. Não conseguirei exprimir, e a mamã não pode imaginar, o sofrimento que para mim foi este receio, este cuidado contínuo, quando no íntimo eu bem sabia que desde o casamento consagrara a ti a felicidade e a dignidade da minha vida.

- Aí está a gratidão que se pode esperar - observou a senhora Markleham, lamurienta - depois de se concorrer para o bem da família.

- Foi então que a mamã começou a importunar-te por causa do meu primo Jack Maldon. Afeiçoara-me muito a ele - Annie falava em voz baixa, mas sem a menor hesitação - e, na infância, brincáramos aos namorados. Noutras circunstâncias, persuadír-me-ia naturalmente de que o amava e tê-lo-ia desposado, para minha desgraça. Não poderia haver maior disparidade num casamento, tão incompatíveis somos em tudo.

Estas últimas palavras fizeram-me meditar, como se possuíssem um interesse especial ou qualquer aplicação mal definida. Ela, porém, continuou:

- Nada tínhamos de comum. Há muito tempo que me convenci disto. Se não existissem outras razões da minha gratidão para com Strong (e elas existem em abundância) bastaria esta de me evitar a consumação do primeiro impulso enganador de um coração indisciplinado.

Annie estava de pé, Imóvel diante do marido, e a sua gravidade inculcava não sei quê de impressionante, embora se exprimisse sempre com muita calma.

- Enquanto Jack esperava ser objecto das tuas liberalidades, generosamente consentidas pelo amor que me dedicavas, e eu me sentia infeliz pelo papel mercenário que me obrigavam a desempenhar, quanto mais digno seria que ele se desenvencilhasse sozinho das suas dificuldades! No seu lugar, era o que eu faria, por maiores privações por que tivesse de passar. Mas não o desprezava por

isso, até ao dia do seu embarque para a índia. Nessa ocasião, compreendi que era pérfido e ingrato, e qual a ideia que inspirava a atenção com que me observava o doutor Wickfield. Tive, pela primeira vez, a intuição das suspeitas que pesavam sobre mim.

- Suspeitas, não, Annie!

- No teu espírito talvez que não, meu amigo. Quando te procurei naquela noite, para depor diante de ti o meu fardo de dor e vergonha; quando percebi que mais valia confessar que sob o teu tecto um dos meus parentes (de quem eras benfeitor, para me seres agradável) ousara dizer palavras que nunca deviam ser proferidas, ainda que eu fosse a pessoa venal que ele supunha, então senti-me revoltar contra a ignomínia que significava semelhante declaração. Essa fala expirou-se-me nos lábios e jamais até hoje os transpôs.,

A senhora Markleham recostou-se na poltrona, com um gemido breve, e escondeu a cara no leque, como se resolvida a permanecer oculta o resto do tempo.

- Nunca mais, depois disso, troquei com ele uma palavra, senão na tua presença, e apenas para evitar explicações, passaram-se anos desde que soube, da minha boca, qual era aqui a sua situação. A bondade que lhe manifestavas às ocultas e que depois me contavas, para me fazer surpresa e dar prazer, só serviu, como deves supor, para tornar mais penoso e mais pesado o segredo da minha vida.

Deixou-se escorregar lentamente aos pés do marido, apesar dos esforços que este fez para a impedir, e recomeçou, mirando-o com os olhos cheios de lágrimas:

- Não fales ainda! Deixa-me acrescentar alguma coisa mais. Com ou sem razão, se tivesse de principiar, faria exactamente o mesmo. E todavia mal podes imaginar o que foi o meu sofrimento. Supunham que o meu coração era venal, e as aparências confirmavam tal suspeita. Eu era demasiado nova e não tinha ninguém que me aconselhasse. Entre mim e a minha mãe havia, no que respeitava à tua pessoa, um abismo profundo. Se me calei, ocultando a mágoa que me torturava, era pelo respeito que te devia e que desejava me fosse retribuído.

- Annie, minha querida Annie! - murmurou o doutor.

- Um pouco ainda, só mais umas palavras. Pensava que poderias ter casado com outra rapariga qualquer, que não te expusesse a estes percalços e te constituísse um lar digno de ambos. Achava que mais valera ter ficado tua aluna

e quase tua filha. Assustava-me a ideia de me sentir tão pouco merecedora de um homem como tu. Se protelei esta confissão, foi pelo respeito que te tributava e na esperança de que, um dia, me respeitasses do mesmo modo.

- Esse dia raiou há muito, Annie, e só a noite eterna lhe porá termo - respondeu Strong.

- Ainda não acabei. Decidi em seguida, e fiz juramento, suportar todo o opróbrio daquele que tu cumularas de benefícios. E agora, para terminar, meu querido, meu melhor amigo: acabo de compreender a razão da mudança que havia notado em ti ultimamente. Ela causara-me tanta apoquentação, tanta dor!

Mas atribuíra tudo ora às minhas velhas preocupações, ora a vagas suspeitas mais próximas da verdade. Por acaso, soube também esta noite toda a amplitude da nobre confiança que depositavas em mim, a despeito deste mal-entendido. Não posso esperar que todo o amor e respeito que te concederei em retribuição me tornem digna da tua preciosa confiança; mas, fortalecida por tudo o que me foi dado ouvir, é-me lícito erguer os olhos para o teu rosto amado, que eu venero como o de um pai e adoro como o de um marido; desde a infância me habituei a considerar-te um amigo, e declaro-te solenemente que, mesmo nos meus pensamentos mais frívolos, jamais te causei qualquer mal, nunca faltei ao amor e fidelidade que te devo.

Tinha passado os braços derredor do pescoço de Strong, que nela apoiou a cabeça, misturando os cabelos grisalhos aos caracóis castanhos da mulher.

- Guarda-me junto do teu coração - pediu ela. - Nunca me abandones. Não tornes a falar de disparidade entre nós, pois só existe aquela que se compõe das minhas imperfeições. O meu amor tem crescido todos os anos, e, como está alicerçado sobre rocha, durará perpetuamente.

No silêncio que se estabeleceu, a minha tia avançou gravemente para o senhor Dick, sem se apressar nada, e cingiu-o ao peito dando-lhe ao mesmo tempo um beijo. Creio que foi uma felicidade para o prestígio dele a senhora Trotwood achar-se ali, pois bem me palpitou que o nosso Dick, no cúmulo da alegria, se preparava para saltar na sala a pé coxinho.

- É um homem notável, Dick - disse a tia Betsey, com ar de profunda admiração. - E não me contrarie, porque eu o conheço muito bem! - Assim falando, puxou-me pelo casaco e nós três saímos do quarto sem ruído. Pelo caminho, acrescentou: - Em todo o caso, calou o bico à nossa amiga marcial. Isto basta para me fazer dormir sossegada, ainda que não houvesse mais nada que me regozijasse.

- Receio que ela ficasse acabrunhada - respondeu o senhor Dick, em tom condoído.

- O quê? Um crocodilo acabrunhado? - volveu a tia. - É uma coisa que nunca vi.

- Eu nem sequer jamais vi um crocodilo - rematou o senhor Dick.

- Nunca teriam sucedido estas complicações se não fosse essa criatura - declarou a tia, cheia de convicção. - Bom seria que certas mães deixassem as filhas em paz, depois de as casarem, sem lhes testemunhar afecto tão excessivo. Imaginam que, tendo dado ao mundo uma infeliz (que não teve culpa de nascer), lhes assiste o direito de a atormentar mortalmente. Não te parece, Trot?

Eu pensava em tudo o que ouvira. Algumas expressões ainda me ressoavam na cabeça. Casamentos desventurados por incompatibilidade de génios... o primeiro impulso ilusório de um coração indisciplinado... Amor alicerçado numa rocha... Chegávamos, porém a casa. As folhas secas, que os nossos pés calcavam, revestiam o chão, arrastadas pelo vento do Outono.

XLVI. COMPREENSÃO

Eu devia estar casado há cerca de um ano, se a minha fraca memória não falha, quando, ao voltar certa noite de um passeio solitário, pensando no livro que andava a escrever (o êxito bafejara-me e o meu primeiro romance ocupava-me o espírito), passei defronte da casa da senhora Steerforth. Isto acontecia-me muitas vezes desde que habitava na vizinhança, embora o evitasse, se me fosse possível tomar outro caminho (o que me obrigava a grandes desvios); por isso, com frequência me via diante do prédio em que ela morava.

Limitei-me a lançar uma olhadela, ao mesmo tempo que estugava o passo. A casa estava sempre com ar triste, sombrio; nenhuma das salas dava para a estrada, e as velhas janelas estreitas, de vidraças sólidas, fechadas, pareciam particularmente tenebrosas, se bem que nunca inculcassem júbilo. Havia um corredor coberto, através de um pátio pavimentado, mas dessa entrada nunca ninguém se servia. Existia também, para iluminar a escada, uma fresta oval, a única que não tinha cortina e partilhava, com o resto, do mesmo ar de abandono. Não me recordo de ter visto claridade em qualquer ponto da residência. Se eu fosse um transeunte qualquer, pensaria que o morador morrera e que mais ninguém vivia lá. E quantas especulações me viriam à mente se não me fosse dado conhecer esses recantos!

De maneira que procurei esquecer a habitação dos Steerforths, mas era uma coisa difícil porque ela despertava em mim um cortejo de reflexões. Nessa noite, as recordações da infância misturaram-se às minhas lembranças mais recentes, às esperanças mal desfolhadas e às sombras informes de decepções vagamente pressentidas - esta mescla de experiência e imaginação própria para o elaborar da obra que me absorvia o espírito. E que força de sugestão tomou, maior do que nunca! Prosseguia o meu caminho, fantasiando coisas, quando uma voz me fez estremecer.

Era uma voz de mulher, e não tardei a reconhecer a criadinha da senhora Steerforth, que outrora usava fitas azuis na touca. Nessa ocasião não as trazia, para condizer, suponho, com a nova atmosfera da casa, e substituíra-as por dois simples laços acastanhados, de tom bastante sério.

- Não se importa de entrar um instante para falar com a senhora Dartle? - perguntou-me ela.

- Foi a senhora Dartle que a mandou?

- Esta noite, não, mas vem a dar no mesmo. Viu-o passar há dois ou três dias e recomendou-me que ficasse na escada, a trabalhar, a fim de ver quando o senhor passava e lhe pedisse que entrasse.

Obedeci e, pelo caminho, perguntei à rapariga como ia a senhora Steerforth. Respondeu-me que a patroa não estava muito bem e, muitas vezes, nem saía do quarto.

Ao chegar a certo ponto, indicou-me em que parte do jardim se encontrava a senhora Dartle, e deixou-me só. Rosa achava-se sentada numa espécie de terraço alto, que dominava a cidade. Era uma noite escura, com uma luz baça no céu; ao ver o panorama que se estendia ameaçador a seus pés, com um objecto maior salientando-se aqui e ali na lúgubre claridade crepuscular, pareceu-me que tudo se casava perfeitamente com a estranha criatura que me aguardava.

Notando a minha aproximação, ela pôs-se de pé a fim de me receber. Afigurou-se-me ainda mais pálida e magra do que no nosso último encontro. Os olhos cintilavam mais e a cicatriz do lábio tornara-se mais visível. Não manifestámos grande cordialidade um para com o outro. Havíamo-nos separado sem amenidade nessa altura, e o desdém que lhe observei no rosto a senhora Dartle não tentou disfarçar.

- Disseram-me que desejava falar comigo - comecei, pondo a mão no espaldar do banco, porque me recusara a aceder ao seu convite para me sentar.

- Como quiser - retorquiu. - Já encontraram essa mulher?

- Não.

- Mas fugiu-lhe.

Enquanto me olhava, vi-lhe agitarem-se os lábios delgados como se ávidos de insultar a pessoa a quem se referia.

- Fugiu? - repeti.

- Sim, abandonou-o - declarou, soltando uma risada. - Se a não acharam, nunca mais ninguém lhe põe a vista em cima. Até é possível que tenha morrido.

Nunca me fora dado presenciar em nenhum rosto uma expressão de crueldade mais triunfante.

- Desejar-lhe a morte - redargui - talvez seja o voto mais caridoso que uma pessoa do seu sexo possa formular. Regozija-me verificar, senhora Dartle, que o tempo a dulcificou.

Rosa não se dignou responder-me, mas, virando-se para mim com novo riso

desdenhoso, disse daí a pouco:

- Faz parte do grupo de amigos dessa excelente mulher tão caluniada, não é verdade? É o seu campeão e defende-lhe os direitos. Quer saber tudo o que se diz a respeito dela?

- Quero.

Levantou-se, com um sorriso mau, deu uns passos em direcção a uma sebe de azevinhos que separava o relvado da horta, e ordenou em voz alta «Apareça!» no tom com que teria falado a um animal imundo.

- Abster-se-á, naturalmente, neste lugar, de qualquer acto de justiça ou de vingança, senhor Copperfield, não é assim? - ajuntou Rosa Dartle olhando-me por cima do ombro, com a mesma expressão irónica.

Aquiesci, num gesto afirmativo, sem compreender bem o que ela queria dizer: «Apareça!», repetiu, e daí a instantes voltou atrás acompanhada do muito digno mordomo Littimer, que, sempre respeitoso, se inclinou e ficou em posição de sentido. O ar de graça perversa e de vitória, estranhamente mesclado a certo encanto feminino, com que me fitou enquanto se sentava na cadeira que nos separava, era próprio de uma crudelíssima princesa lendária.

- E agora - continuou, imperiosa, sem olhar para o criado e tapando com a mão a cicatriz, que dessa vez devia estremecer não de dor mas de gozo - conte ao senhor Copperfield a história dessa fuga.

- Eu e o senhor James, minha senhora...

- Não se dirija a mim - atalhou ela, carregando o cenho.

- Eu e o senhor James, senhor Copperfield...

- Nem a mim! - disse por meu turno.

Littimer, sem se desconcertar, deu a entender, por uma leve inclinação de cabeça, que estava às nossas ordens, e recomeçou:

- Eu e o senhor James vivemos no estrangeiro com essa rapariga desde o dia em que ela deixou Yarmouth sob a protecção do senhor James. Fomos a muitas partes diferentes e vimos muitos países. Passámos em França, Suíça, Itália, em suma, quase por todos...

Olhava as costas do banco, como se se dirigisse a ele, tamborilando aí com as pontas dos dedos tal se extraísse acordes de um piano mudo. »

- O senhor James afeiçoou-se de maneira pouco vulgar a essa rapariga e esteve durante certo tempo mais calmo do que o fora durante todos os anos em

que o servi. A rapariga aperfeiçoou-se bastante e aprendeu a falar as línguas de todas essas nações; já não parecia a mesma criatura provinciana do princípio. Notei que a admiravam muito em todas as cidades por onde passávamos.

Rosa Dartle levou a mão a um lado do corpo. Vi Littimer relanceá-la e sorrir como para si mesmo.

- Sim, senhor, admiravam-na muito, essa menina. Com os seus vestidos, o aspecto saudável que lhe dava o sol e o ar, o interesse de que a rodeavam, e tudo mais... os seus méritos realçavam-se, chamando a atenção de toda a gente.

Deteve-se um minuto. Os olhos da senhora Dartle erravam sem repouso pelo horizonte distante, e ela mordia o lábio inferior para impedir o tremor da boca.

Tirando as mãos das costas do banco e unindo-as, enquanto se apoiava sobre uma perna, Littimer prosseguiu de olhar baixo, com a cabeça respeitável inclinada para o ombro.

- As coisas continuaram assim: a menina tinha momentos de depressão, até ao instante em que principiou, creio eu, a cansar-se do senhor James e a mostrar-se arrependida. Então as coisas pioraram. O senhor James tornou-se volúvel e irritável. E quanto mais ele se irritava, mais ela ficava triste. Entre os dois, a minha vida não corria em maré de rosas. Entretanto recompuseram-se e aquela existência arrastou-se por mais tempo do que seria de esperar.

Desviando o olhar do horizonte, Rosa Dartle poisou-o em mim, como anteriormente. O criado, depois de haver pigarreado de leve, atrás da mão, passou a apoiar-se na outra perna e recomeçou:

- Enfim, e em seguida a numerosas discussões e censuras, o senhor James deixou certa manhã a vivenda em que habitávamos, nos arredores de Nápoles (pois a menina gostava muito do mar) e, pretextando uma viagem de um ou dois dias, encarregou-me de anunciar àquela que, para bem de todos, resolvera - novo acesso de tosse - ir-se embora... Mas devo explicar que o senhor James procedeu muito bem, pois havia proposto à menina casá-la com um homem respeitável, disposto a esquecer o passado e que era o que ela acharia de melhor, matrimonialmente falando, visto a família da menina ser de condição tão humilde.

Recaiu sobre a outra perna e humedeceu os beiços. Eu estava convencido de que o miserável se referia a si mesmo, o que vi confirmado pela expressão de Rosa Dartle.

- Devia eu, também, propor esse casamento. Estava pronto a fazer o pedido

e tudo mais que me fosse possível para tirar o senhor James de embaraços e restabelecer a harmonia entre ele e a mãe, que tanto sofria por sua causa. Desempenhei-me, pois, da comissão. A violência da rapariga, quando se compenetrou da situação depois da partida do senhor James, ultrapassa tudo o que se possa imaginar. Parecia louca e foi necessário segurá-la à força, porque, no caso de não achar uma faca para se matar ou de não se atirar às ondas, seria pelo menos capaz de partir a cabeça no mármore do chão.

Rosa Dartle, reclinada no espaldar do banco, de cara transfigurada, parecia saborear as palavras que saíam da boca daquele homem.

- Mas - continuou o mordomo, esfregando as mãos com ar confuso - quando cheguei ao segundo recado que o patrão me confiara e que devia, ao que julgo, ser considerado em todo o caso como uma intenção generosa, é que a rapariga se mostrou verdadeiramente como era. Jamais assisti a tamanho acesso de furor! O seu comportamento foi abominável. Não manifestou nem gratidão, nem sensibilidade, nem paciência, nem bom senso. Se eu não estivesse de sobreaviso, ela ter-me-ia matado.

- O que depõe a seu favor - comentei, indignado.

Littimer curvou a cabeça, murmurando: «Realmente, senhor Copperfield? É porque é muito novo.» E prosseguiu a narração:

- Em resumo, necessitei de afastar dela, por algum tempo, qualquer objecto que lhe servisse para atentar contra a sua vida ou de outra pessoa, e conservá-la encarcerada. Conseguiu, no entanto, escapar de noite, arrancando os postigos que eu pregara por minhas próprias mãos e deixando-se cair numa latada por baixo da janela. Depois disto nunca mais se ouviu falar dessa criatura, que eu saiba.

- Decerto morreu - sugeriu a senhora Dartle, com um sorriso, como se tivesse repelido com o pé o cadáver da pobre rapariga.

- Ou talvez se afogasse - opinou Littimer, aproveitando a ocasião para se dirigir a alguém. - É muito possível. Ou encontrou, porventura, socorro entre os pescadores e suas famílias. Como se comprazia na frequentação dessa gente, ia muitas vezes para a praia, conversava com eles e sentava-se nas canoas. Aí passava dias inteiros, quando o senhor James estava ausente. O senhor James não gostou quando soube que ela dissera um dia às crianças que também era filha de pescador e que, como elas, correra outrora na praia do seu país.

Ó Emily! Bela e infeliz criatura! Evoquei-a sentada nessa costa longínqua, no meio daquelas crianças que lhe recordavam a inocência da sua infância,

escutando essas vozitas que poderiam chamá-la mamã se ela se houvesse tornado mulher de um pobre pescador, e ouvindo a grande voz do mar que exclamava um eterno «Nunca mais!»

- Quando se provou que era desnecessário tentar mais qualquer coisa, minha senhora...

- Já lhe disse que não se dirigisse a mim, Littimer - replicou Rosa Dartle com soberano desdém.

- Foi a senhora que me falou. Peço desculpa. Vou obedecer, que é a minha obrigação.

- Então acabe a sua história e retire-se.

- Quando se provou que era inútil procurar mais - recomeçou o criado com ar submisso, sem todavia perder a dignidade - fui encontrar-me com o senhor James no lugar para onde deveria escrever-lhe e contei-lhe o que se havia passado. Trocámos palavras um tanto acaloradas e eu achei preferível deixá-lo. Suportei muito da parte do meu patrão, mas ele fora longe de mais. Ofendera-me. Como conhecia a deplorável desavença entre o senhor James e a mãe, e calculava bem a ansiedade desta, tomei a liberdade de voltar para Inglaterra a fim de a pôr ao facto...

- Pago por mim - elucidou a senhora Dartle.

- Exactamente, minha senhora... a fim de lhe contar o que sabia. Não creio - rematou Littimer após um minuto de reflexão - que haja mais qualquer coisa que seja preciso acrescentar. Estou actualmente sem emprego e gostaria de descobrir um lugar adequado...

Rosa Dartle olhou-me, como para inquirir se eu desejava saber mais. Atravessou-me o espírito uma ideia, e repliquei:

- Pergunte a este indivíduo - era o qualificativo mais brando que me ocorria - se interceptaram uma carta enviada a essa rapariga pela família ou se ele supõe que ela a recebeu.

Littimer ficou imóvel e mudo, de olhos fitos no chão, unindo as pontas dos dedos da mão esquerda às pontas dos dedos da mão direita. Rosa virou-se desdenhosamente para ele.

- Peço perdão, minha senhora - disse o criado, como se emergisse de um sonho - mas, por mais dócil que eu seja, tenho a minha dignidade, embora de servo. A senhora e o senhor Copperfield são duas pessoas diferentes. Se o senhor Copperfield deseja mais alguma informação, tomarei a liberdade de lhe lembrar

que pode fazer-me directamente a pergunta. Preciso de salvaguardar a minha reputação.

Após uns instantes de luta interior, virei-me para o homem e declarei:

- Ouviu a minha pergunta. Considere que lhe foi dirigida pessoalmente, se insiste nisso. Que me responde?

- Senhor Copperfield - retorquiu ele, afastando e aproximando as pontas dos dedos - a minha resposta não pode ser categórica. Trair a confiança do senhor James em relação à mãe e traí-la quanto ao senhor, eis duas coisas diversas. É pouco provável, em minha opinião, que o senhor James tenha facilitado a recepção de cartas que aumentariam a tristeza e o mau humor; mas prefiro calar-me.

- Mais nada? - interveio Rosa Dartle.

Repliquei que não tinha mais nada que dizer, a não ser, acrescentei quando ele se afastava, que tendo compreendido o papel desempenhado por aquele indivíduo nesta história desagradável, participá-lo-ia ao homem honrado que servira de pai à rapariga e, por consequência, lhe recomendava não se mostrasse muito em público.

Littimer parara ao ouvir estas palavras, que escutara com a sua fleuma habitual.

- Muito obrigado, senhor Copperfield. Mas há-de desculpar-me se lhe disser que não há escravos nem negreiros neste país e que ninguém tem o direito de fazer justiça por suas mãos. Portanto, não temo ir aonde me aprouver.

Com isto, inclinou-se cortesmente, diante de cada um de nós, e desapareceu atrás da sebe de azevinhos por onde viera. Eu e Rosa Dartle contemplámo-nos um momento em silêncio; a sua atitude era exactamente a mesma de quando trouxera aquele homem.

- Além disso - acrescentou ela com ar desdenhoso - diz que o patrão deve andar ao longo das costas de Espanha e que assim continua a satisfazer o seu pendor pela navegação. Não é pormenor, todavia, que o interesse, Copperfield. Entre aqueles dois orgulhosos, a mãe e o filho, o abismo é cada vez mais fundo e muito fraca a esperança de uma reconciliação, pois têm carácter idêntico e são ambos obstinados. Também não é coisa que o interesse, mas justifica o que lhe vou dizer. Esse demónio de quem você faz um anjo, isto é, a criaturinha vulgar que James levantou do lodo, talvez esteja ainda viva - os olhos pretos de Rosa mergulharam nos meus, o dedo trémulo ergueu-se - porque os entes vulgares possuem em geral uma constituição rija. Neste caso, você decerto gostaria de

encontrar essa pérola valiosa e tomá-la ao seu cuidado. Igualmente o desejamos, para que James não lhe caia outra vez nas garras. Neste pormenor estamos ligados pelo interesse comum, e eis a razão pela qual, estando eu disposta a fazer à rapariga todo o mal possível, o mandei chamar para ouvir o que acabou de ouvir.

Notei na cara dela que alguém se aproximava por trás de mim. Era a senhora Steerforth, que me estendeu a mão com maior frieza do que antes, exagerando ainda a sua antiga majestade. Contudo surpreendi-lhe, comovido, a recordação da minha velha amizade pelo filho. Mudara muito. O vulto distinto estava menos erecto, no rosto sulcavam-se rugas, os cabelos apresentavam-se quase todos brancos. Mas, quando se sentou no banco, pareceu-me ainda bastante bela. Reconheci-lhe os olhos brilhantes, cujo esplendor me obsidiava os sonhos de colegial.

- Rosa, o senhor Copperfield sabe tudo?

- Sim, senhora.

- E ouviu pessoalmente o Littimer?

- Visto que assim era da sua vontade...

- Obrigada, Rosa. Tenho estado em correspondência sucinta com o seu amigo de outro tempo, senhor Copperfield - ajuntou voltando-se para mim - mas ele não recuperou o sentimento dos seus deveres filiais. Por isso o meu fito agora é aquele que Rosa lhe indicou. Se se puder tranquilizar esse honesto homem que o senhor trouxe cá, e que eu lastimo (é tudo quanto posso dizer), impedindo ao mesmo tempo o meu filho de recair nas malhas duma intrigante... tanto melhor.

Endireitou-se e mirou em frente, para a distância.

- Minha senhora - repliquei respeitosamente - não deixo de a compreender. Não receie que eu dê interpretação maldosa aos motivos que a levam a agir. Mas, conhecedor como sou, desde a infância, dessa desgraçada família, sinto-me na obrigação de declarar: se supõe que a rapariga a quem fizeram tanto mal não foi cruelmente enganada e não preferiria agora mil mortes a aceitar um copo de água da mão de James Steerforth, a senhora ilude-se redondamente!

- Não intervenhas, Rosa - bradou a dona da casa - isto não tem importância. É casado, senhor Copperfield?

Disse-lhe que efectivamente casara havia já algum tempo.

- E obtém êxito? - continuou ela. - Pouco sei do que se passa por fora, na vida retirada que levo; mas consta-me que o senhor começa a adquirir nome...

- Bafejou-me a sorte e, de facto, elogiam-me...

- Já não tem mãe? - A voz dela tornara-se mais suave.

- Não, senhora.

- É pena. Orgulhar-se-ia do filho. Boa noite!

Tomei a mão que me estendeu com uma dignidade inflexível. Essa não estava tão calma como se a paz remasse naquele espírito; o orgulho da senhora Steerforth mandava até nas palpitações do coração e fazia espalhar-se-lhe na cara essa máscara de placidez através da qual ela olhava a direito para o horizonte longínquo.

Ao afastar-me, pelo terraço adiante, não me coibi de observar a atenção que as duas senhoras davam à perspectiva urbana que se entenebrecia, como que a fechar-se de roda delas. Aqui e ali cintilavam as primeiras luzes na cidade distante; sobre o bairro do poente atardava-se, no céu, uma claridade lívida. Mas, em baixo, o nevoeiro subia do vale como uma onda que se perdia no escuro, e essa maré cheia parecia submergir a mãe e a prima de James. Tenho razões para me lembrar da cena e de o fazer com terror, pois quando tornei a ver as duas mulheres um mar tempestuoso soltara-se-lhes aos pés.

Competia-me informar Daniel Peggotty do que havia sabido. No dia seguinte, à noite, parti pelas ruas de Londres em sua procura. Ele errava sempre, tomado da ideia fixa de descobrir a sobrinha, e estava mais frequentemente na capital do que noutra parte qualquer. Quantas vezes o topara percorrendo essas vias para ver se encontrava a horas mortas aquela que tanto receava aí achar!

Conservava o quarto alugado por cima da mercearia de Hungerford Market, de que já falei noutras ocasiões, e donde saía para se consagrar à sua vagabundagem misericordiosa. Foi lá que compareci. Quando perguntei por ele, as pessoas da casa disseram-me que ainda estava no aposento.

Lia sentado ao pé da janela, em cujo peitoril se ostentavam vasos de flores. O quarto era de uma ordem, de um asseio meticuloso. Vi logo que Peggotty o desejava sempre pronto a receber a sobrinha e que nunca saía sem pensar que a poderia trazer consigo. Não me ouviu bater e só ergueu a vista ao sentir a minha mão poisar-se-lhe no ombro.

- O menino Davy! Oh, quanto lhe estou grato! Do fundo da alma lhe agradeço esta visita. Sente-se por favor. Muito me alegra vê-lo.

- Senhor Peggotty - disse eu, aceitando a cadeira que me apresentava - não tenha muita esperança. Recebi notícias...

- De Emily?

Levou a mão à boca, nervosamente, e empalideceu, fitando os olhos nos meus.

- Não sei onde se esconde, mas a verdade é que já não está com ele.

Sentou-se, olhando-me sempre, e escutou-me num silêncio profundo. Não esqueço a impressão de dignidade, até de beleza, que me deu a gravidade resignada desse rosto quando, tendo a pouco e pouco desviado a vista, curvou a cabeça e apoiou a testa na mão. Não me interrompeu uma única vez e ficou durante todo o tempo perfeitamente imóvel. Parecia que acompanhava, através do meu relato, o vulto de Emily e desdenhava todos os outros como sombras sem valor.

Quando acabei, ele cobriu a cara com as mãos e ficou calado. Olhei para a janela e, por momentos, admirei as flores.

- Que se lhe afigura tudo isto, menino Davy? - perguntou-me por fim.

- Creio que está viva - respondi.

- Não sei. O abalo devia ter sido muito violento e quem sabe se, desvairada... Essa água azul de que ela falava tanto... Se pensava tanto no mar, anos a fio, é que o mar devia ser o seu túmulo.

Pronunciou lentamente estas palavras, em voz baixa e como se assustado, ao mesmo tempo que passeava no quarto.

- Contudo, menino Davy - acrescentou - também me parece que está viva. É o meu pressentimento. Hei-de encontrá-la, é uma ideia que me tem conduzido e sustentado por tanto tempo que não posso acreditar que me engane. Não! Emily está viva.

Bateu com a mão na mesa e a cara tisnada tomou um ar de resolução irredutível.

--A minha Emily vive, menino Davy!-declarou com firmeza. - Não sei onde nem como, mas há uma voz que mo diz.

Tinha uma aparência de inspiração ao pronunciar estas palavras. Esperei um instante até que ele pudesse conceder-me toda a sua atenção; em seguida principiei a explicar-lhe as precauções que, na véspera à noite, achara ser conveniente tomar.

- E agora, meu caro amigo... - comecei.

- Muito obrigado pela sua bondade - exclamou, apertando-me a dextra.

- É provável - prossegui - que venha a Londres, onde mais facilmente se poderá esconder, e esconder-se há-de ser o seu maior desejo... A não ser que regresse a casa.

- A casa não voltará - volveu Peggotty abanando tristemente a cabeça. - Talvez o fizesse, se houvesse partido noutras circunstâncias, mas assim...

- Se vier a Londres - sugeri - julgo haver uma pessoa que tem probabilidades de a encontrar. Escute-me, meu amigo, e pense no seu generoso projecto. Lembra-se de Martha?

- Minha conterrânea?

- Essa mesma. Sabe que está nesta cidade?

- Vi-a por essas ruas - respondeu-me com um arrepio.

- Mas não sabe que a Emily se mostrou condoída de Martha, assim como Ham, muito antes da fuga, e que ela escutou a nossa conversa, atrás da porta, quando entrámos num café.

- Menino Davy! - disse o pescador, estupefacto. - Naquela noite em que nevava tanto?

- Justamente. Não a tornei a ver depois disso. Fui-lhe ainda no encalço, mas a rapariga desaparecera. Não achei conveniente mencionar o nome diante de si, meu amigo, mas parece-me agora que devemos procurá-la. É uma pista. Compreende?

- Muito bem, menino Davy.

Baixáramos a voz e continuámos a falar num sussurro. - Diz que não a viu? Acha que poderemos descobri-la? Quanto a mim, só por um acaso.

- Talvez eu saiba onde topá-la, menino Davy.

- Já é noite. Visto que estamos juntos, aproveitemos o ensejo e vamos tentar descobri-la.

Daniel Peggotty anuiu e preparou-se para me acompanhar. Fingindo que o não observava, notei no entanto que ele arranjava cuidadosamente o quarto, punha à mão uma vela e acessórios, compunha a cama e tirava duma gaveta um vestido de Emily (que me lembrava de já ter visto e que estava muito bem dobrado juntamente com os outros). Colocou-o em cima da cadeira, com alguma roupa branca e uma touca. Absteve-se de fazer qualquer comentário ao facto, e eu segui-lhe o exemplo. Quantas vezes já devia ele ter feito esses preparativos noite após noite!

- Houve um tempo - disse ele ao descer a escada - em que essa Martha me parecia boa para servir de lama aos sapatos de Emily. Deus me perdoe, como mudei!

Pelo caminho, parte para entreter a conversa, parte para satisfazer a curiosidade, pedi-lhe notícias de Ham. Respondeu-me quase nos mesmos termos que outrora: Ham não alterara os seus hábitos, continuava sem gosto pela vida, mas era incapaz de se queixar e toda a gente o estimava.

Indaguei se Daniel conhecia o estado de espírito do sobrinho quanto ao responsável da desgraça que afligia a todos. Se achava perigo nessa disposição e o que faria Ham se se encontrasse algum dia frente a frente com Steerforth.

- Não sei, menino Davy. Tenho pensado nisso muitas vezes, mas não cheguei a qualquer conclusão.

Recordei-lhe o nosso passeio matutino na praia, depois de Emily ter partido.

- Lembra-se - perguntei - do seu ar desvairado ao olhar para as ondas e da maneira como falou do «fim de tudo»?

- Lembro-me, sim.

- Em sua opinião, que queria ele dizer?

- Menino Davy, muita vez perguntei isso a mim mesmo e nunca fui capaz de responder. Coisa curiosa: apesar de saber que é pessoa branda, não me arrisco a averiguar qual a sua intenção. Sempre me falou o mais respeitosamente possível e não me parece que vá agora mudar; no entanto, o seu pensamento não é claro, é um mar fundo onde as ideias se agitam e eu nada consigo discernir.

- Tem razão. Também a mim me inquieta.

- E ainda os seus modos destemidos, embora igualmente resultem da alteração que nele se produziu. Não creio que jamais faça mal a quem quer que seja, e contudo preferia que esses dois homens nunca se encontrassem.

Acabávamos de entrar no centro da cidade pelo Temple Bar. Daniel Peggotty calou-se e, caminhando a meu lado, abandonou-se ao pensamento que ocupava toda a sua vida. Andava com aquela concentração de espírito que fazia dele uma pessoa silenciosa e solitária no meio da multidão. Aproximávamo-nos da Blackfriars Bridge quando Daniel se voltou para me mostrar o vulto de uma mulher que errava só do outro lado da rua. Reconheci logo Martha. Atravessámos para lá e apressámos o passo a fim de a alcançar; mas pensei que ela estaria decerto mais disposta a falar de Emily se a convidássemos a ir a um

sítio tranquilo, onde ninguém reparasse em nós. Aconselhei, pois, o meu companheiro a segui-la em vez de a fazer parar, com a vantagem ainda de sabermos para onde é que se dirigia.

Daniel aquiesceu e nós seguimo-la de longe, sem nunca a perder de vista. Entretanto tomámos precauções para que ela não nos visse. Martha deteve-se em certa altura, para escutar uma banda de música; imitámo-la.

Depois deambulou por muito tempo. Fomos sempre no seu encalço. Era evidente, pela maneira como regulava o passo, que se encaminhava para lugar determinado. Isto, combinado com o facto de que ela vagueava muito pelas ruas mais frequentadas e também com a ideia da estranha fascinação que existe em seguir alguém misteriosamente, levou-me a persistir na minha primeira ideia. Por fim, a rapariga virou para uma rua sombria e menos barulhenta.

- Agora podemos abordá-la - disse eu. E estugámos o passo na sua peugada.

XLVII. MARTHA

Chegáramos a Westminster. Fora necessário retroceder para a poder seguir, porque ela vinha em sentido contrário ao nosso quando a descobrimos; e a abadia foi o ponto em que passou da luz e movimento para lugares mais ermos. Uma vez fora do bulício, começou a avançar rapidamente, até que a alcançámos à beira de água, numa estreita rua de Millbank. Nessa ocasião, atravessou a calçada para fugir aos passos que ouvia próximos e, sem se voltar, acelerou mais ainda a marcha.

Para além de um pórtico sombrio, onde à noite estacionavam carroças, divisei uma nesga de rio; aí parei e, em silêncio, toquei no braço do meu companheiro; mas abstivemo-nos de passar para o outro lado e continuámos a espiá-la do passeio fronteiro, ocultos pelas sombras dos prédios.

Havia nesse tempo, e ainda hoje a podemos ver, no extremo dessa rua quase ao nível de água, uma pequena construção de madeira, talvez outrora estação dos barcos da travessia. Era mesmo no final da artéria, junto à fila de casas ribeirinhas. Uma vez aí, Martha estacou, como se chegasse ao seu destino; retomou, porém, o andamento pela margem, com maior lentidão, e sem nunca perder de vista o Tamisa.

Eu pensara sempre que ela ia entrar nalguma dessas casas, e tivera a vaga esperança de que isso se relacionasse com a nossa Emily. A tal hora o sítio é lúgubre, mais opressivo, triste, solitário do que outro qualquer ponto de Londres. Não havia nem cais nem armazéns nem residências na zona que abrange os muros lisos da Cadeia; ao pé desses muros ficava o fosso coberto de Iodo, e as ervas e plantas bravias cobriam as terras pantanosas das imediações. Ali apodreciam carcaças de casas, iniciadas sob maus auspícios e nunca concluídas. Além disso o solo estava juncado de caldeiras ferrugentas, de rodas, manivelas, tubos, fogões, pás, âncoras, sinos de mergulhador, asas de moinhos e não sei que mais objectos acumulados por algum sucateiro: emergiam da lama, onde se haviam enterrado em dias de chuva, pelo seu próprio peso, e onde pareciam querer esconder-se para sempre. O estridor e clarão das várias fábricas instaladas ao longo da margem vinham perturbar a noite sem todavia dissipar o fumo abundante que vomitavam as suas chaminés. Veredas e atalhos lodosos conduziam até ao rio através do limo da maré baixa, e serpenteavam entre velhas estacas cobertas de uma substância viscosa, semelhante a cabeleiras verdes, e de farrapos de cartazes do ano anterior, que ofereciam recompensas pelo

salvamento dos afogados. Constava que ficava nesse sítio uma das valas abertas para enterrar os mortos da Peste Grande: podia-se supor que ela espalhava em torno as suas emanações peçonhentas ou que a paisagem tomara esse aspecto de pesadelo devido à acção das cheias do rio putrefacto.

Como se fizesse parte das imundícies expelidas pelo rio e abandonadas à corrupção e apodrecimento, a mulher que seguíamos desceu até à borda de água e olhou a corrente, só e imóvel na noite.

Havia lanchas e barcaças encalhadas na vasa, e estas permitiram-nos chegar a uns metros da criatura, sem ser vistos nem pressentidos. Fiz então sinal a Daniel que ficasse onde estava e saí da sombra para falar à rapariga. Não foi sem receio que me aproximei, porque me incutiu realmente medo a sua atitude naquele lugar sinistro, a contemplar os reflexos tortuosos das luzes no fluxo vigoroso, à sombra cavernosa da ponte de ferro.

Julgo que mastigava palavras, e lembro-me de que, absorta na contemplação, tirara o xaile e o enrolava nas mãos, num movimento inquieto e maquinal que sugeria uma sonâmbula. Também não esqueci a ideia que então me ocorreu de que ela, assim transtornada, me fugisse antes que eu a pudesse agarrar.

- Martha! - bradei-lhe.

Soltou um grito de terror e debateu-se com tanta força que me parece não alcançaria o meu propósito sem ajuda de outra pessoa. Mas uns dedos mais fortes do que os meus se apoderaram dela e, quando levantei o olhar aterrado e vi quem era, Martha deixou-se cair entre nós, após um último esforço. Levámo-la a alguma distância da margem, a um ponto onde havia pedras enxutas. Aí, a rapariga chorou, lamentando-se. Por fim, sentou-se sobre essas pedras e apoiou a cabeça nas mãos.

- O rio! - exclamou desesperada. - O rio!

- Caluda! - intimei. - Sossegue.

Ela ainda repetiu a mesma palavra, com idêntico desespero.

- Sei que se parece comigo, e sei que lhe pertenço. É a única companhia possível para as mulheres como eu. Vem dos campos, onde ainda é puro, e depois arrasta-se conspurcado, e vai por caminhos torvos, como a minha vida, para o vasto mar sempre inquieto. Sei que tenho de ir com ele!

Nunca antes sentira uma voz que revelasse tanta amargura.

- Não posso afastar-me dele. Não posso esquecê-lo. Obceca-me dia e noite.

É a única coisa no mundo de que sou digna, ou que seja digna de mim. O rio pavoroso!

Olhando para o meu companheiro, li-lhe no rosto a história da sobrinha. Daniel fixava Martha, mudo e imóvel. Nunca antes eu vira, quer pintados quer na realidade, o horror e a compaixão tão pateticamente combinados. Daniel tremia como se estivesse prestes a cair, e a mão - em que toquei, tanto o seu aspecto me alarmava - era tão fria como o mármore.

- Ela delira - disse-lhe ao ouvido. - Daqui a pouco já não falará desta forma.

Não sei o que ele quis responder-me. Os lábios moveram-se e o homem julgou ter proferido qualquer coisa, mas limitara-se a designá-la com a mão estendida.

Uma nova crise de lágrimas sacudia a rapariga. Tornou a esconder a cara e ficou estendida no chão, entre as pedras, como a imagem prostrada da humilhação e do desânimo. Devíamos esperar pelo fim dessa crise se quiséssemos falar-lhe com esperança de ser ouvidos. Evitei que Daniel Peggotty a levantasse e aguardámos em silêncio que Martha se recompusesse. Curvei-me depois, para a ajudar a erguer-se, e vi-a tomar uma atitude de quem pretende ir-se embora; mas estava tão fraca que se encostou a uma das barcaças.

- Reconheceu quem me acompanha, Martha? - perguntei-lhe.

- Reconheci - confirmou em voz baixa.

- Sabe que esta noite a seguimos por muito tempo?

Abanou a cabeça, sem olhar para nós, e permaneceu de pé numa posição constrangida, com o chapéu e o xaile numa das mãos e comprimindo a testa com a outra mão fechada.

- Já está mais sossegada para falar de um assunto que também lhe interessa? Lembra-se daquela noite de nove?

Mais uma vez a rapariga soluçou, balbuciando agradecimentos inarticulados: ficara-me grata por não a haver expulsado então.

- Não quero dizer nada em minha defesa - declarou ela daí a um momento. - Sou má mulher. Uma perdida. Nenhuma esperança me resta. Mas - acrescentou, afastando-se de Peggotty - explique-lhe (se não me despreza muito) que em nada concorri para a desgraça da sobrinha.

- Ninguém a acusou - respondi-lhe com a mesma gravidade que ela pusera no seu requerimento.

- Foi o senhor, se não me engano, que entrou na cozinha, naquela noite em que ela teve dó de mim e se mostrou tão generosa; quando não fugiu, como faziam as outras, mas antes me socorreu bondosamente. Foi o senhor?

- Fui eu.

- Há muito tempo que eu me teria lançado ao rio - ajuntou com um olhar tremendo, na direcção do Tamisa - se na consciência me pesasse qualquer mal feito à Emily. Quanto a isto, nada tenho que me acuse.

- A razão por que Emily fugiu é suficientemente conhecida - repliquei-lhe. - Cremos firmemente, sabemos que você está inocente nesse ponto.

- Bem podia eu regenerar-me, graças a ela, se o meu coração não fosse tão ruim! - exclamou a rapariga num tom de grande amargura. - Emily foi sempre tão boa para mim! Só me dirigiu palavras cheias de juízo e bondade. Poderia lá tentar fazê-la como eu, sabendo o que sou? No dia em que perdi tudo quanto dá apreço à vida, o pior foi pensar que me separava dela para sempre.

Daniel Peggotty, de pé, com a mão poisada na proa de um barco e de olhos baixos, levou a outra mão à cara, enquanto Martha prosseguia:

- E quando soube o que se havia passado, um pouco antes dessa noite famosa, por informação de alguém da nossa terra, o que mais me afligiu foi a ideia de que muitos se lembrariam de que éramos amigas e que decerto fora eu quem a corrompera. Contudo, Deus sabe que daria a vida para que Emily reencontrasse a sua boa reputação.

Martha perdera havia muito o hábito de se dominar, e a expressão confrangedora dos remorsos e angústia que sentia chegava a ser uma coisa impressionante.

- Dar a vida teria sido pouco. Não, viveria para esperar a velhice por estas ruas miseráveis, para errar, objecto de aversão, nas trevas, para ver nascer o Sol por cima destas casas sórdidas e recordar-me do tempo em que esse mesmo astro vinha despertar-me no meu quarto. Aceitaria esta velhice para, em compensação, a salvar!

Abaixando-se para as pedras, agarrou algumas em cada mão, e apertou-as, como se as quisesse machucar. Contorcia-se, mudando constantemente de posição, estendendo os braços e cruzando-os diante dos olhos, qual se desejasse afastar o pouco de claridade que nos envolvia, e deixando tombar a cabeça como ao peso de recordações difíceis de suportar.

- Que posso fazer? - bradou, tomada de enorme desespero. - Como poderia

continuar a viver assim, para ser a minha própria maldição e a vergonha de todos quantos se aproximam de mim? - De súbito, virou-se para o meu companheiro. - Calque-me aos pés. Mate-me! Quando o senhor andava tão orgulhoso dela, acharia que eu a ofendia só com o facto de a acotovelar na rua. O senhor não acredita... e que razões teria para isso?... numa só palavra saída dos meus lábios. Sentir-se-ia diminuído, mesmo hoje, se nos visse falar uma com a outra, ela e eu. Não me queixo. Não tenho a ilusão de que sejamos parecidas, entre nós ambas cavou-se um abismo imenso. Todavia, do fundo do meu pecado e do meu sofrimento, estou-lhe calorosamente grata e estimo-a sempre. Repila-me, como os outros. Mate-me por ter ousado ser o que sou, depois de a haver conhecido. Mas não pense mal de mim!

Enquanto ela o suplicava deste modo, Daniel olhava-a com ar atónito. Quando a rapariga se calou, sentiu-se amparada nos braços do pescador, que a erguia mansamente e dizia:

- Martha, não queira Deus que eu seja teu juiz. Eu menos que outro qualquer, minha filha. Fizesses o que fizesses, o que não sabes é a alteração que a pouco e pouco se operou em mim.

Finalmente... - Calou-se um momento, e recomeçou: - Não sabes o motivo por que eu e este senhor quisemos falar contigo. Ignoras o que desejamos dizer-te. Agora escuta.

A influência de Daniel foi instantânea. Martha manteve-se de pé diante dele, tímida, como se receando encontrar os olhos desse homem. A violência, porém, da sua dor apaziguara-se por completo.

- Se tivesses ouvido o que se passou entre mim e o senhor Copperfield, nessa noite em que nevava tanto, saberias que tenho andado... por toda a parte, em busca da minha querida sobrinha. A minha querida sobrinha - repetiu com firmeza - porque me é agora mais querida, Martha, do que nunca.

A rapariga escondeu a cara nas mãos e não respondeu.

- Ouvi-a contar que tu tinhas ficado órfã de tenra idade, e sem amigos que pudessem substituir-te, de qualquer modo, os pais. Se houvesses tido alguém, amá-lo-ias com o tempo e compreenderias que a minha sobrinha era para mim como uma filha.

Como Martha tremesse, em silêncio, Daniel levantou o xaile, que caíra no chão, e abafou-a com desvelo.

- E eis porque - continuou ele - eu sei que Emily iria comigo até ao fim do mundo, logo que me tornasse a encontrar, mas que também seria capaz de ir até

ao fim do mundo para evitar esse encontro. Embora não haja nenhuma razão para que duvide da minha amizade, e ela não ponha essa amizade em dúvida, a vergonha instalou-se diante de nós e separou-nos.

Compreendi mais uma vez que o homem, pela maneira simples e comovedora como se exprimia, já havia revolvido esse problema por todos os lados.

- Segundo as nossas previsões, minhas e do senhor Copperfield, é crível que ela volte sozinha a Londres, um dia. Acreditamos, eu e o senhor Copperfield, que tu estás tão inocente de tudo isto como qualquer recém-nascido. Disseste que a Emily foi boa, generosa, amável contigo. Ainda bem. Já calculava que assim seria. Sempre o foi com toda a gente. Estás-lhe grata e gostas dela. Então, ajuda-nos com todas as tuas forças a descobri-la, e que o Céu te recompense.

Martha lançou-lhe uma olhadela rápida, e pela primeira vez - como se desconfiasse das palavras que ouvira.

- Tem confiança em mim? - perguntou com voz sufocada pela surpresa.

- Absoluta - replicou Peggotty.

- Para que eu lhe fale, se a encontrar, e lhe dê abrigo, caso tenha um abrigo para partilhar com ela? E para trazê-la junto de si, ou levá-lo junto da Emily, sem que esta suspeite do que se trata?

- Isso mesmo - respondemos nós dois ao mesmo tempo. Fitou-nos e prometeu solenemente consagrar-se com fervor e

fidelidade a essa tarefa, não recuar perante nada, nem renunciar ao que empreendera enquanto houvesse um clarão de esperança. Se faltasse à promessa, anulando assim o propósito que ora teria na vida e era isento de qualquer mal, então que ficasse mais desgraçada ainda do que no momento em que se aproximara do rio, abandonada de todo o socorro dos homens.

Pronunciou estas palavras em voz baixa, olhando desta vez para o céu. Ao terminar o juramento, continuou de pé, imóvel, contemplando as águas torvas do Tamisa.

Achámos então conveniente pô-la ao facto de tudo quanto sabíamos e que já contei pormenorizadamente. Escutou-me com a maior atenção. O rosto alterava-se-lhe às vezes, mas lia-se-lhe sempre a mesma deliberação nas diversas expressões. Os olhos não raramente se lhe encheram de lágrimas, que ela reprimia. Era perfeita agora a sua alma.

No final perguntou-nos para onde poderia escrever, se houvesse algo que

relatar. Escrevi, à luz frouxa que ali restava, o endereço de cada um de nós numa folha da minha agenda, papel que ela enfiou no corpete. Quisemos saber onde habitava. Respondeu, após um minuto de hesitação:

- Nunca muito tempo no mesmo lugar. Mais vale não saber. Peggotty segredou-me uma ideia que, aliás, me ocorrera já.

Tirei a bolsa e quis convencer a rapariga a aceitar dinheiro, ou, pelo menos, a vir mais tarde a aceitá-lo. Expliquei-lhe que o meu companheiro, para homem da sua condição, não se podia dizer que fosse pobre, e que a nós repugnava saber que ela se lançaria naquelas buscas apenas com os seus próprios recursos. Todavia Martha resistiu às sugestões e, neste aspecto, Daniel Peggotty não foi capaz de a persuadir; agradeceu sinceramente, mas continuou inflexível.

- Talvez encontre trabalho - replicou. - Vou tentar.

- Mas, entretanto, aceite qualquer coisa - propus-lhe.

- Nunca poderia fazer isto por dinheiro, ainda que morresse de fome. Darem-me a paga do serviço seria retirar-me a confiança depositada em mim, destruir-me a finalidade que concederam à minha existência, a única coisa que me impede de me atirar ao rio!

- Por amor de Deus, ponha de lado, e para sempre, semelhante pensamento! - ordenei. - Se quisermos, todos podemos ser úteis.

Estremeceu, moveram-se-lhe os lábios e o rosto ficou pálido.

- Quem sabe - redarguiu - se o senhor foi inspirado por Deus para salvar uma desgraçada e conduzi-la ao arrependimento? Não me atrevo a crer, seria muito ousado da minha parte. Mas, se puder realmente ser útil, é possível que assim suceda, pois até agora só tenho semeado o mal. Com o trabalho de que me incumbiram, não me arriscarei a pôr termo à vida. Eis tudo quanto sei e sou capaz de dizer.

De novo reprimiu as lágrimas que lhe afloravam aos olhos. Depois de haver tocado no pescador com mão trémula (como se ele tivesse o poder de curar), Martha encaminhou-se pela margem tenebrosa. Devia ter estado doente por muito tempo. Observando-a de perto, notei que estava envelhecida e feia e que os olhos esmorecidos revelavam privações e miséria.

Seguimo-la a distância, visto que íamos na mesma direcção, até ao momento em que tornámos a atingir as ruas iluminadas e populosas. A minha confiança na sua promessa era tão grande que perguntei a Peggotty se não seria indelicado continuar a espiá-la. Ele foi da minha opinião e, assim, virámos para

Highgate, deixando-a entregue ao seu destino. Peggotty acompanhou-me grande parte do caminho, e, quando nos separámos esperançados no êxito desta nova tentativa, vi-lhe no rosto uma compaixão profunda, cuja origem me não foi difícil compreender.

Cheguei a casa à meia-noite. Estava defronte da porta, ouvindo o timbre grave dos sinos de São Paulo, quando reparei, com enorme surpresa, que se encontrava aberta a cancela da vivenda de minha tia e que uma luz débil do vestíbulo projectava o seu reflexo na estrada. Sabendo que a tia era atreita a alarmes e calculando que estivesse a seguir no horizonte o progresso de um incêndio imaginário, entrei para lhe falar. Qual não foi o meu espanto ao ver um homem, de pé, no meio do jardinzito!

Tinha nas mãos uma grande garrafa e um copo e estava a beber. Detive-me logo, escondido pela verdura espessa da sebe, pois a Lua, embora um pouco velada, fizera a sua aparição. Reconheci naquele indivíduo o homem que eu julgara outrora ser apenas fruto da imaginação do senhor Dick e que um dia encontrara com a tia, nas ruas da cidade.

Bebia, mas comia também, e parecia esfomeado. Devia observar a vivenda com curiosidade, como se fosse a primeira vez que ali comparecia. Depois de se haver abaixado para descansar a garrafa, ergueu de novo os olhos para as janelas e mirou derredor, mas com ar inquieto e impaciente, como se já estivesse na hora de partir.

A luz do vestíbulo teve um eclipse momentâneo, e a tia Betsey surgiu. Vinha nervosa. Entregou dinheiro ao desconhecido, contando-lho na palma da mão; ouvi-o tilintar.

- Que hei-de fazer com estas moedas? - replicou ele.

- É tudo de quanto disponho - disse a tia.

- Então não me vou embora. E o dinheiro pode ficar aqui.

- Que homem nocivo! - exclamou Betsey, indignada. - E como

eu tenho sido fraca! Bastaria não abrir mais a porta para ficar livre destas visitas!

- E por que não o faz?

- É o senhor que mo pergunta? Que coração o seu!

Ele continuava na mesma atitude, a somar o dinheiro e a abanar a cabeça. E acabou por dizer:

- É tudo o que tencionava dar-me?

- É tudo o que posso dar - retrocou a tia. - Sabe que sofri prejuízos graves. Sou mais pobre do que noutro tempo. Já lho tinha dito. Agora que tem o dinheiro, por que me inflige o tormento da sua presença? Contemplar aquilo em que o senhor se tornou!

- Tornei-me numa pessoa que mete dó, se é isto que quer insinuar. Vivo uma vida de cão.

- Despojou-me da maior parte dos meus bens. Fechou-me o coração contra toda a gente, e isto durante anos. Tratou-me com perfídia, ingratidão e crueldade. Vá-se embora e arrependa-se. Não acrescente mais ultrajes à longa lista dos que me fez suportar.

- Tudo isso é muito bonito. Mas parece que tenho de me contentar com este pouco.

Apesar de tudo, devia ter-se impressionado com as lágrimas da minha tia, e saiu furtivamente do jardim. Dei dois ou três passos rápidos, como se acabasse de chegar, e cruzei-me com ele na porta: ele saía e eu entrava, e, de passagem, olhámo-nos sem muita simpatia.

Ao chegar junto da tia, comecei:

- Outra vez este homem que não deixa de a assustar! Quer que lhe fale? Quem é?

- Meu filho - respondeu Betsey, pegando-me no braço. - Entra, e não me digas nada antes de dez minutos.

Sentámo-nos na saleta. A tia retirou-se depois para trás de um biombo e, durante cerca de um quarto de hora, ali esteve enxugando os olhos. Até que reapareceu, se instalou perto de mim, e me disse sossegadamente:

- Trot, era o meu marido.

- O seu marido! Julgava-o morto.

- Morto para mim, mas ainda vivo. Eu estava estupefacto.

- Betsey Trotwood não foi feita para efusões sentimentais - declarou ela - mas houve um tempo em que acreditou cegamente neste homem. Em que o amou, Trot, sinceramente! Em que não lhe recusaria nenhuma prova de amor nem de fidelidade. Ele agradeceu-lhe delapidando-lhe a fazenda e despedaçando-lhe o coração. E foi por isso que ela abriu uma cova e lá enterrou toda essa sentimentalidade. Depois cobriu-a de terra e calcou-a.

- Querida tia!

- Deixei-o - continuou Betsey, poisando, como de costume, a sua mão na minha. - Fi-lo com generosidade. Posso dizer, Trot, que tenho sido generosa todos estes anos. Foi tão cruel comigo que eu facilmente conseguiria uma separação vantajosa para mim. Mas não quis. Gastou depressa tudo quanto lhe dei.

Degradou-se cada vez mais. Casou, suponho, com outra mulher, fez-se aventureiro, jogador, ratoneiro. Acabas de ver em que se tornou. Mas era homem bem parecido, quando casámos - acrescentou com um eco, na voz, da sua velha admiração, do seu antigo orgulho. - E julguei (como sou estúpida) que ele fosse a honra em pessoa!

Deu-me um aperto de mão e meneou a cabeça.

- Hoje não é nada para mim, Trot. Menos do que nada. Mas em lugar de o punir pelos seus malefícios (a que se entregaria, rondando por aqui), prefiro pagar-lhe, uma vez por outra, para que me deixe em paz. Fui tola no dia em que o aceitei por marido, e nisto não tenho cura, porque não tolero a ideia de ,que sofra em demasia essa sombra do ente que amei outrora. Porque eu amei realmente, Trot, talvez como nenhuma outra mulher.

A tia, com um suspiro, deu por terminado o assunto, ajuntando ainda:

- Ficaste a conhecer o princípio, o meio e o fim. Não tornaremos a falar do caso, e, naturalmente, tu não o repetirás a ninguém. Eis a história desagradável da minha vida. Guardá-la-emos para nós, Trot.

XLVIII. A MINHA VIDA DOMÉSTICA

Eu trabalhava com afinco no meu livro, sem todavia consentir que ele impedisse as minhas obrigações jornalísticas. O volume apareceu e alcançou muito êxito. Mas não me deixei atordoar pelos elogios que me soavam aos ouvidos, embora me desvanecessem e o autor não tivesse opinião inferior à dos outros pelo seu trabalho. A minha observação da natureza humana provou-me sempre que quem dispõe de razões para crer em si nunca se ufana diante do público, a fim de que este possa confiar nele. Por isso continuei modesto, para ser digno. E quanto mais louvores recebi mais diligenciei merecê-los.

Não tenho intenção, neste memorial (ainda que seja, em todos os aspectos, o reflexo da minha vida), de contar a história dos meus outros romances, que se exprimem por si mesmos. E, se falo deles acidentalmente, é porque constituíram balizas na minha carreira.

Tendo algumas razões para crer, por essa altura, que a natureza e as circunstâncias haviam feito de mim um escritor, prossegui confiante a minha vocação. Sem esta certeza, naturalmente abandonava a literatura, consagrando as minhas energias a outra actividade qualquer - e procuraria averiguar o que as circunstâncias e a natureza tinham ao certo operado em mim, e nada mais.

Por outro lado, os artigos que publiquei em jornais e revistas foram tão apreciados que após este novo triunfo me julguei com direito de dispensar aquelas sessões parlamentares, tão enfadonhas. Uma bela tarde anotei pela última vez a música celestial dos senhores deputados e nunca mais a tornei a ouvir, depois disso.

Estava casado há já um ano e meio. Feitas que foram aquelas referências de arranjo doméstico, abstivemo-nos por completo de nos interessar pela casa. Ela governava-se por si, e, além disso, havíamos contratado uma espécie de pajem. A função principal deste moço era de discutir com a cozinheira: representava, neste particular, o papel de um perfeito Whittington, mas sem gato e sem a mínima probabilidade de vir a ser presidente do Município. Creio que ele vivia no meio de uma saraivada de tampas de panela. Uma luta perpétua, essa existência. Gritava por socorro nas ocasiões mais inconvenientes: quando tínhamos convidados a jantar, ou amigos ao serão - e, nesses momentos, vinha a correr da cozinha sob uma chuva de projécteis. Ser-nos-ia agradável livrar-nos do rapaz, mas ele afeiçoara-se a nós e não nos queria deixar. Tinha a lágrima ao

canto do olho, e pranteava tanto quando falávamos em despedi-lo que fomos obrigados a mantê-lo. Órfão de mãe, e sem outros parentes, além de uma irmã que se safara para a América quando o tomámos ao serviço, ficou ao nosso cuidado como se de um enjeitado se tratasse. Sofria imensamente do seu infortúnio e passava o tempo a enxugar os olhos com a manga do casaco e a abaixar-se para assoar o nariz num canto do lenço, que por economia conservava em parte na algibeira.

Este pajem infeliz, admitido numa hora nefasta por seis libras e dez xelins anuais, foi origem, para mim, de uma série interminável de dissabores. Via-o crescer (e crescia como um feijão) e eu esperava apreensivo pelo dia em que o rapaz começasse a barbear-se, ou até a ter cabelos brancos ou a ficar calvo. Não fazia ideia de como poderia livrar-me dele, e, pensando no futuro, imaginava os embaraços que me traria quando chegasse a velho.

O que eu não esperava era o processo que esse desgraçado achou para me tirar de dificuldades. Furtou o relógio de Dora, que não tinha (como tudo o que nos pertencia) lugar certo para estar; depois vendeu-o e gastou o dinheiro assim obtido (sempre fora pouco inteligente, o pobre rapaz) em viagens de ida e volta na imperial da diligência que fazia serviço entre Londres e Uxbridge. Foi preso e levado à esquadra da Bow Street quando realizava (se bem me recordo) a sua décima quinta viagem. Possuía então quatro xelins e seis dinheiros, e um pífaro de segunda mão, de que aliás nem sabia servir-se.

A surpresa e suas consequências teriam sido menos desagradáveis para mim se ele não se mostrasse arrependido. Mas a sua contrição, deveras notável, manifestou-se de forma estranha: não por uma vez, mas às prestações. Por exemplo: no dia seguinte àquele em que eu tive de ser ouvido como queixoso, fez certas revelações acerca de uma grade de garrafas da adega, que julgávamos cheias mas que estavam completamente vazias.

Pensámos que ele, dessa forma, aliviaria a consciência (dizendo também o pior possível da cozinheira), porém dois dias mais tarde, espicaçado por novos remorsos, contou que a dita cozinheira tinha uma pequena que vinha todas as manhãs comer o nosso pão, e que ele próprio se deixara subornar pelo leiteiro para o ocultar na carvoeira. Passados mais dois ou três dias, as autoridades preveniram-me de que as confissões haviam aumentado com a descoberta de lombos de vaca sonegados e de lençóis escondidos. Um pouco depois, enveredou por um caminho diferente e participou a intenção que tinha o criado do café fronteiro de nos assaltar a casa, o que provocou a detenção imediata do indiciado. Acabei por ter tanta vergonha do meu papel de vítima que lhe teria

dado tudo para que o rapaz se calasse ou que o deixassem fugir. Mas, convencido de que me fazia grandes favores, prosseguiu impávido na senda das revelações!

Já para o fim, escapava-me quando via o enviado da polícia aproximar-se com novas informações; e passei a vida a dissimular-me até ao dia em que ele foi julgado e condenado a deportação. Mesmo assim não pôde ficar sossegado e começou a escrever-nos cartas, umas atrás das outras; desejava tanto ver Dora antes de partir, que ela o foi visitar e desmaiou ao reconhecê-lo através das grades da prisão. Enfim, a minha vida não conheceu verdadeira paz senão quando deixou a cidade mais tarde para cumprir a pena como pastor (vim a sabê-lo mais tarde) em «sítio montanhoso»: onde, não faço geogràficamente a mínima ideia.

Tudo isto nos forçou a reflexões graves, apresentando-me os nossos erros sob novo aspecto. Não pude coibir-me de um dia falar a Dora do assunto, apesar de toda a ternura que ela me inspirava.

- Meu amor - disse-lhe -, custa-me muito pensar que as consequências da nossa incúria e falta de ordem não só nos prejudicam (nós já estamos habituados), mas também os outros.

- Durante tanto tempo estiveste calado - ripostou Dora - e agora voltas a zangar-te!

- Não, querida. Deixa-me explicar a minha ideia.

- Parece-me que não desejo conhecê-la.

- Pois quero que a conheças, meu amor. Põe o Jip no chão.

Dora aproximou-me o focinho do cão, dando ao mesmo tempo um gritinho, para me fazer perder a seriedade. Não o conseguiu. Mandou então o animal para a casota-pagode e olhou com ar de resignação e de braços cruzados.

- A verdade é que, minha querida - principiei - somos pessoas contagiosas. Contaminamos todos os que nos rodeiam.

Poderia ter continuado neste estilo imaginoso se o rosto de Dora me não advertisse de que ela pensava a sério se eu lhe ia propor uma nova vacina ou qualquer remédio para combater semelhante doença. De maneira que suspendi as metáforas e me expliquei mais claramente.

- Não só, minha filha, perdemos dinheiro, conforto e até às vezes a boa disposição na desordem, mas incorremos na terrível responsabilidade de corromper todos os que entram ao nosso serviço ou que tratam connosco.

Principio a crer que a culpa não é inteiramente só de uma parte, mas que esta gente procede mal porque nós mesmos não procedemos como deve ser.

- Essa acusação é tremenda! - exclamou Dora, arregalando os olhos. - Já me viste furtar relógios de ouro?

- Minha querida, não digas tolices. Quem se referiu a relógios de ouro?

- Tu bem o sabes. Disseste que procedi mal e compararam-me a ele.

- A quem?

- Ao criado, ao pequeno - retorquiu ela, entre soluços. - É preciso seres muito mau para comparar tua mulher com um criado ladrão. Por que não me disseste o que pensavas de mim, antes do casamento? Por que não me disseste, redondamente, estar convencido de que eu valia menos do que um moço deportado? Ah, que opinião tens de mim! Oh, meu Deus!

- Espera, Dora, meu amor - acudi tentando retirar brandamente o lenço que ela levara aos olhos. - O que estás a dizer é não só ridículo como perverso. Aliás, não é verdade.

- Sempre afirmaste que ele mentia, e agora acusas-me do mesmo defeito. Que vai ser de mim?

- Meu amor, suplico-te que sejas sensata e escutes aquilo que te digo e repito. Querida Dora, a não ser que aprendamos a cumprir o nosso dever para com aqueles que empregamos, eles por sua vez não aprenderão a cumprir o seu para com os patrões. Creio que lhes damos oportunidade de transgredir. Ainda que o nosso desleixo fosse voluntário (o que não é), escasseia-nos o direito de continuar desta forma. Corrompemos positivamente o pessoal. É necessário pensar nisto. Não posso evitar de reflectir no caso, Dora. E aqui tens o que te queria dizer. Agora não fiques amuada.

Por muito tempo, Dora recusou-se a consentir que eu lhe tirasse o lenço da cara. Continuava soluçando e murmurava, por trás daquele anteparo, que se eu era tão difícil não me devia ter casado. Por que não lhe dissera, mesmo na véspera do enlace, que tinha a certeza de ir ser infeliz? Se a não podia suportar, por que a não recambiava para Putney, a casa das tias, ou para a índia, reunir-se a Julia Mills? Julia ficaria muito contente e não a compararia com um criado gatuno; Julia nunca a tratara de semelhante modo. Enfim, Dora mostrava-se tão desolada, e esta desolação afligia-me a tal ponto que senti a inutilidade de recomeçar tentativas desse género, por mais ternas palavras que empregasse. Fazia-se mister achar outra solução.

Mas qual? «Formar-lhe o espírito»? Este lugar-comum tinha algo de sonoro e de prometedor, e eu decidi formar o espírito de Dora.

Principiei logo. Quando minha mulher se fazia pueril, eu bem queria prestar-me aos seus caprichos, mas procurava tornar-me sério. Ela sentia-se descoroçoada - e eu também. Falava-lhe de assuntos que me interessavam. Li-lhe Shakespeare, o que a fatigou ao máximo. Adoptei o costume de lhe dar, como por acaso, pequenos esclarecimentos úteis ou opiniões graves, e isto sobressaltava-a, como se eu lhe rebentasse petardos aos ouvidos. Por mais hábil ou naturalmente que procedesse, para formar o espírito da minha juvenil esposa, não podia fugir a observar que ela compreendia por instinto aonde eu queria chegar e ficava logo tomada da mais viva inquietação. Considerava, em particular, Shakespeare um indivíduo perigoso. A formação daquele espírito progredia muito lentamente.

Recrutei Traddles para este serviço e, sempre que ele nos vinha visitar, eu começava a doutriná-lo, para edificação indirecta de Dora. Foi incrível a quantidade de conhecimentos práticos de que dotei Traddles, mas isso não teve outro efeito em Dora senão aterrá-la, no receio de que chegasse a sua vez. Tomei a atitude do mestre-escola, mas dava-me a impressão de que brincava com minha mulher à aranha e à mosca e que saía do meu buraco para pregar valentes sustos à rapariga.

Contudo, havendo decorrido esse estágio, achei que lhe «formara o espírito» e perseverei durante alguns meses. Por fim concluí que não lucrara nada, embora tivesse feito de ouriço ou de porco-espinho, e comecei a pensar se o espírito dela já não estaria definitivamente formado e, com estas considerações, abandonei de vez o projecto, mais sedutor em palavras do que em factos. Resolvi, assim, contentar-me com uma Dora infantil, sem tentar modificá-la fosse no que fosse. Estava seriamente fatigado de ser sagaz e prudente e de ver a minha mulher no pólo oposto, sempre constrangida. E, assim, vim um dia para casa com brincos para lhe oferecer e uma coleira para o Jip, e o desejo de passar a ser agradável.

Dora ficou encantada com os presentes e beijou-me cheia de satisfação. Continuava, porém, uma nuvem entre nós, e, se bem que ela fosse leve, decidi fazê-la desaparecer. Se devia haver uma sombra, que fosse apenas dentro de mim.

Sentei-me no sofá, junto de Dora, e pus-lhe os brincos nas orelhas. Depois declarei-lhe que não andávamos bem unidos nesses últimos tempos, e que a culpa era minha: disso estava persuadido - e talvez não me enganasse!

- Para encurtar razões, Dora: procuro aperfeiçoar-me.

- E fazer o mesmo a mim, Doady, não é verdade? Respondi com um sinal afirmativo e tornei a beijá-la.

- Isto não serve de nada - disse ela, oscilando a cabeça para fazer tilintar os brincos. - Sabes como sou criança, e como desejei que mo chamasses desde o princípio. Se o não conseguires, temo que não possas amar-me. Tens a certeza que não pensas, às vezes, que mais valera...

- O quê, meu amor?

- Nada.

Deitou-me os braços ao pescoço, desatou a rir, classificou-se de parvinha e escondeu o rosto no meu ombro: eram tantos os caracóis que foi difícil afastá-los para lhe tornar a ver a cara.

- ... que mais valera ficar sossegado em vez de tentar formar o espírito de uma esposa-criança? - disse eu por meu turno, troçando de mim próprio. - Era esta a pergunta? A resposta é afirmativa...

- Chegaste a essa conclusão? - redarguiu Dora. - Ah, que maroto!

- Mas não farei mais nenhumas tentativas. Amo a minha mulherzinha assim como ela é.

- Palavra? Não é intrujice? - perguntou Dora, chegando-se a mim.

- Porque hei-de querer alterar o que me tem sido tão precioso? Tu não podes ser mais encantadora do que sendo naturalmente o que és, e nós não empreenderemos experiências idiotas. Voltaremos aos velhos hábitos e seremos felizes.

- Seremos felizes! - repetiu Dora. - Sim, sim, o dia inteiro. E não te zangarás se as coisas correrem um pouco à matroca, de tempos a tempos?

- Não, nada. Faremos o melhor que pudermos.

- Não voltarás a dizer-me que tornamos os outros maus? - implorou Dora. - Não imaginas como é aborrecido ouvir uma coisa dessas!

- Não voltarei - prometi.

- É melhor que eu seja estúpida do que infeliz, não achas?

- É melhor seres Dora, e já chega!

Abanou a cabeça, fitou-me de olhos radiantes, beijou-me, riu jovialmente e fugiu para ir pôr no Jip a coleira nova.

Foi assim que findou a minha última tentativa para modificar Dora. Fora infeliz na experiência. Não podia suportar a minha sabedoria solitária, não a podia conciliar com o desejo dela de ser uma esposa-criança. Deliberei, pois, fazer sem alarde tudo quanto pudesse para melhorar o nosso modo de agir; previa, no entanto, que seria pouco útil se eu não retomasse o meu papel de aranha sempre a espreitar a ocasião.

E aquela sombra que nãO devia existir entre nós, para me ficar no fundo do coração? Como acontecera isso?

Pairava-me de contínuo na existência o velho mal-estar. Se se modificara, fora para se agravar mais. Permanecia de forma vaga, semelhante a uma canção triste ouvida ao longe, durante a noite. Eu amava a minha mulher com grande ternura e era feliz; mas a felicidade com que sonhara vagamente outrora não se parecia com aquela de que eu gozava; faltava-lhe sempre qualquer coisa.

Para ser fiel à promessa que a mim próprio fiz de transcrever neste livro rigorosamente, tudo o que sentia, perscruto de novo o coração e ponho-lhe a nu os segredos. O que eu perdera (considero agora e sempre considerarei) fora o sonho da mocidade, um sonho irrealizável e que me acompanhava com um sofrimento bastante compreensível, o que em geral acontece aos homens. Mas, por outro lado, sabia que seria melhor minha mulher ajudar-me mais um pouco e partilhar comigo os pensamentos que eu guardava só para mim. E isto não era irrealizável.

Entre estas duas conclusões, que se não conciliavam, eu ia oscilando sem me aperceber claramente da sua oposição. Quando pensava nesses sonhos alados da juventude, esses sonhos impossíveis, lembrava-me dessa idade feliz, a adolescência, que para mim passara já. À minha frente erguiam-se, como sombras, os tempos decorridos, as horas em que convivera com Agnes naquela querida e velha residência. Eram fantasmas que talvez venham a renascer noutro mundo mas que não se reanimaram neste em que vivemos.

Não raramente diligenciava imaginar o que teria podido suceder ou que fatalmente haveria acontecido se eu e Dora nunca nos tivéssemos encontrado. Ela, porém, estava tão intimamente ligada à minha existência que esta ideia não chegava a tomar vulto e logo se me desaparecia da vista, como filandras ao vento.

Amava-a sempre. O que analiso aqui dormia (e despertava em parte, para recair, logo adormecido) no mais obscuro da minha alma. Eu mal tinha consciência do facto, não acho que as minhas palavras ou acções pudessem de qualquer modo reflecti-lo. Suportava o peso de todas as nossas preocupações e

projectos. Dora aparava-me as penas, e nós sentíamos que o nosso fardo estava proporcionado às nossas forças. Ela tinha-me verdadeiro amor, orgulhava-se de mim; e quando Agnes, nas cartas que lhe escrevia, notava em frases sentidas o interesse com que os meus velhos amigos ouviam falar da minha reputação crescente, ou liam os livros que eu publicava, Dora referia-me essas cartas, com lágrimas de alegria nos olhos brilhantes, e acrescentava que eu era o seu adorado Doady e o seu marido célebre.

«O primeiro impulso ilusório de um coração indisciplinado.» Estas palavras da senhora Strong vinham-me constantemente à memória. Acordava muitas vezes de noite, escutando-as, e lembro-me até de as ter visto em sonho escritas nas paredes da casa. Pois eu sabia agora que o meu próprio coração estava indisciplinado quando me apaixonei por Dora e que, se assim não fosse, não sentiria, depois do casamento, o que experimentava em segredo.

«Não pode haver enlace mais desigual do que esse em que existe incompatibilidade de génios.» Outra frase que se me fixara no espírito. Tentara adaptar ao meu o temperamento de Dora e esta tentativa malograra-se. Só me restava adaptar o meu carácter ao seu, partilhar com ela o que pudesse, suportar-lhe o fardo sobre os meus ombros e ser feliz apesar de tudo. Tal foi a disciplina que forcejei por me impor quando comecei a reflectir. E, mercê dela, o meu segundo ano de casado foi mais venturoso do que o primeiro, e - o que ainda valia mais - a vida de Dora resplandeceu com isso.

Contudo, para os fins desse ano, a saúde de Dora fraquejou. Eu esperava que outras mãos mais leves do que as minhas ajudassem a formar-lhe o espírito e que um sorriso de nené no seu seio tornasse verdadeira mulher a que até aí fora apenas esposa-criança. Mas não seria assim. A almazinha bateu as asas um momento no limiar da sua prisão e depois, inconsciente do cativeiro, tomou o voo.

- Quando eu puder correr outra vez, tia - disse um dia Dora - levarei o Jip atrás de mim. Ele está a tornar-se mole, preguiçoso.

- Bem me parece - respondeu a tia, que trabalhava placidamente ao lado dela - que a sua única doença é a preguiça. Está velho, Dora.

- Acha isso? É esquisito, pensar que o Jip envelhece!

- É um mal a que estamos todos sujeitos, minha filha, conforme vamos avançando na vida.

- Mas o Jip... - retorquiu Dora, contemplando o cachorro cheia de dó. - Coitado...

- Estou certa de que ainda viverá bastante - replicou a tia acariciando a face de Dora, que se abaixara para contemplar Jip. O animal levantou-se logo nas patas traseiras e tentou diversos esforços asmáticos para erguer bem a cabeça. - Será bom pôr-lhe flanela na casota, no Inverno. Mas olha para ele. Por mais alquebrado que estiver, há-de encontrar fôlego para vir ladrar-me às saias.

Dora ajudara Jip a subir para o sofá, donde realmente desafiava a tia Betsey com tal furor que ia perdendo o equilíbrio. Quanto mais a senhora Trotwood o olhava, mais ele se insurgia, pois ela ultimamente usava óculos e o cachorro considerava isso uma ofensa pessoal.

Embora a custo, a dona persuadiu-o a deitar-se, e, vendo-o já calmo, distraiu-se a passar e repassar uma das longas orelhas entre os dedos, repetindo com ar pensativo: «Até este cãozinho! Coitado do Jip!»

- Seja como for, os pulmões ainda estão em bom estado - disse jovialmente Betsey - e as antipatias ainda vivas. Tem muitos anos à sua frente. Mas se queres um cão para correr contigo, este de facto já tem muita idade. Dar-te-ei outro.

- Obrigada, tia - respondeu Dora, hesitante.

- Não queres? - perguntou a tia, tirando os óculos.

- Não seria capaz de ter outro cão. Era uma crueldade feita a este. Nem poderia gostar de mais nenhum. Outro qualquer, não me tendo conhecido antes do casamento, não ladraria ao Doady quando o visse aparecer.

- É verdade - corroborou a tia. - Tens razão.

- Não ficou zangada?

- Eu! - exclamou Betsey curvando-se afectuosamente para ela. - Imaginares tal coisa!

- Na verdade, não o pensava a sério. O que estou é cansada, o que me provocou a tolice de falar do Jip. Sempre fui tola, como sabe. E tu, Jip, que viveste sempre comigo, conheces-me muito bem. Lá porque mudaste um pouco não há razão para te fazer mal.

O animal apertou-se contra a dona e lambeu-lhe vagarosamente a mão.

- Não és ainda tão velho que me queiras deixar, pois não? Ainda faremos companhia um ao outro.

Minha Dora querida! Quando ela desceu para almoçar, no domingo seguinte, ficou tão contente por ver Traddles (que todos os domingos jantava connosco) que nos convencemos que ela, dentro de pouco, estaria saudável

como antes. Mas alguém nos disse: «Esperem ainda uns dias.» E depois: «Mais outros dias.» Afinal não andava nem corria. Embora sempre bonita e alegre, os pés que dançavam tão ligeiros em volta de Jip pareciam imóveis e inertes.

Não tardou que eu a tivesse de trazer ao colo, todas as manhãs, e de a levar ao colo todas as noites. Agarrava-se-me ao pescoço e ria como se eu fizesse aquilo para ganhar uma aposta. Jip latia e pulava de roda, ou passava à frente e voltava atrás, ofegante, para verificar se realmente o seguíamos. A tia Betsey, a melhor e mais disposta das enfermeiras, acompanhava-nos, pesada e trôpega, verdadeira massa ambulante de xailes e almofadas. Dick não cederia a ninguém o seu papel de porta-facho. E Traddles contemplava-nos muita vez do baixo da escada e recebia recados de Dora para a sua sempre noiva. Fazíamos, na verdade, um cortejo divertido e a mais alegre era a minha esposa-criança.

Com frequência, porém, quando a tomava nos braços e a achava mais leve, penetrava-me uma sensação de frio inexplicável, como se me aproximasse de qualquer região gelada, ainda invisível, que me paralisava a vida. Evitava dar um nome a esse sentimento, ou analisá-lo. Mas certa noite em que o sentira mais forte do que nunca, e quando Betsey se despediu com um derradeiro grito de «adeus, botãozinho de flor», eu sentei-me só à escrivaninha e chorei ao pensar no nome fatal que se me impunha e na flor que se fanava, mal desabrochada ainda.

XLIX. ESTOU ENVOLTO EM MISTÉRIO

Uma bela manhã recebi pelo correio a carta seguinte (datada de Cantuária e remetida para Doctor's Commons), e que li com certa surpresa.

Meu caro senhor

Circunstâncias alheias à minha vontade originaram, por algum tempo, a interrupção desta convivência que, apesar dos poucos ócios que me deixa o cumprimento das obrigações da profissão para contemplar as cenas e acontecimentos pretéritos, coloridos pelos matizes prismáticos da memória, sempre me concedeu, e continuará a conceder-me, as mais raras e consoladoras sensações morais. Este facto, querido senhor, combinado com a posição eminente a que « seu talento o elevou, impede de me atrever a aspirar à honra de me dirigir ao companheiro da mocidade pelo nome familiar de Copperfield! Basta-me dizer que esse nome será sempre preciosamente conservado entre os tesouros da nossa casa, (refiro-me aos documentos coleccionados por minha mulher e respeitantes aos nossos antigos locatários) com sentimentos de grande estima a que não é estranha a afeição.

Não compete ao homem colocado, pelos seus erros e pelo concurso fortuito de acontecimentos tristes, na situação de um navio naufragado (se me é permitido empregar uma comparação marítima) pegar neste momento na pena para escrever com o vocabulário dos cumprimentos, das felicitações. Esse trabalho ficará para mãos mais hábeis e dignas.

Se as suas ocupações tão importantes lhe consentirem decifrar estes símbolos imperfeitos - o que pode ser, ou não ser, conforme as circunstâncias - perguntará naturalmente que motivo me levou a redigir esta missiva. Seja-me lícito confessar que reconheço o carácter justíssimo dessa pergunta e me proponho expô-lo, depois de o ter prevenido de que não se trata de assunto de natureza pecuniária.

Sem aludir de modo mais directo a qualquer capacidade latente que eu talvez possua de manejar o raio ou de orientar para aqui e ali a sua chama devoradora e vingativa, dar-me-á licença de observar, de passagem, que os meus

sonhos mais belos para sempre se desvaneceram; que a minha pás está perturbada e destruída a possibilidade de ser alegre; que o coração está há muito tempo fora do seu lugar e que já não ando de cabeça erguida entre os meus semelhantes. O pulgão atacou a flor, o cálice de amargura encheu-se até às bordas, as larvas trabalham e disporão qualquer dia da sua vítima. Quanto mais depressa melhor. Mas basta de digressões.

Posto numa situação moral particularmente penosa, onde nem chega a influência benéfica exercida por Emma na sua tripla qualidade de mulher, esposa e mãe, resolvi afastar-me por algum tempo e outorgar-me uma folga de quarenta e oito horas para rever o quadro metropolitano da felicidade transcorrida. Entre outras angras de paz doméstica e tranquilidade de alma, os meus pés encaminhar-se-ão certamente para a prisão de King's Bench. Ao dizer-lhe que estarei lá (D. V. {15}) defronte da muralha meridional dessa mansão de encarcerados por processos cíveis, às sete horas da noite de depois de amanhã, tenho cumprido o objecto desta comunicação epistolar.

Não me sinto qualificado para solicitar ao meu velho amigo senhor Copperfield nem ao meu outro velho amigo doutor Thomas Traddles, digno ornamento do foro (se ainda é vivo e ainda frequenta esses lugares) que condescendam em ir ao meu encontro e renovar (tanto quanto possível) as nossas relações de outro tempo. Limito-me a observar que à dita hora e dito local poderão encontrar os últimos vestígios que restam de uma torre em ruínas.

Wilkins Micawber.

P. S. Convém acrescentar ao texto supra que minha mulher não está no segredo destas minhas intenções.

Li e reli esta carta. Mesmo levando em conta a sublimidade do estilo epistolar de Micawber e o prazer extraordinário que ele sentia em redigir extensas cartas a propósito de tudo e de nada, não pude deixar de crer que algo de importante se ocultava nesta missiva tão arrevesada. Pu-la de lado, para reflectir, e depois tornei a pegar nela a fim de a ler mais uma vez. Nesse instante chegou Traddles e a minha perplexidade atingiu o cúmulo.

- Caro amigo - disse-lhe eu - nunca tive tanta satisfação em te ver. Chegas mesmo a propósito para me valeres com o teu bom senso. Acabo de receber uma carta deveras esquisita do senhor Micawber.

- Palavra? - exclamou Traddles. - Custa a crer! Pois eu acabo de receber uma carta da mulher dele.

Nesse comenos, animado pelo exercício pedestre e pela surpresa, Traddles apresentou-se de cabelos eriçados, como se tivesse visto um fantasma, e tirou a carta da algibeira. Eu, em troca, dei-lhe a que recebera.

Vi-o mergulhar no âmago da epístola de Micawber. Respondi com um encolher de ombros ao que ele fizera ao ler manejar o raio... orientar para aqui e ali a sua chama devoradora e vingativa. Depois engolfei-me na leitura da carta de Emma, que era assim concebida:

Os meus melhores cumprimentos ao doutor Thomas Traddles: se se lembra ainda de uma pessoa que conheceu outrora, permite que lhe peça uns minutos de atenção? Afianço-lhe que não abusaria assim da sua bondade se não me sentisse tão à beira da loucura.

Por mais penoso que tal assunto seja para mim, é a indiferença de Wilkins Micawber (dantes tão apegado à família) que me leva a rogar-lhe a sua indulgência, doutor Traddles. Não pode fazer ideia exacta da transformação que se operou no comportamento do meu marido, do seu desvario, da sua violência. Este estado tem vindo piorando gradualmente, a ponto de se aproximar já da alienação mental. Não se passa um só dia, garanto-lhe, sem que se dê uma manifestação do que digo. Micawber chegou a declarar que tinha vendido a alma ao diabo!

Há certo tempo que a dissimulação e o mistério se tornaram os aspectos fundamentais do seu carácter, substituindo a confiança ilimitada que depositava em mim. Basta que me dirija a ele para indicar o que desejaria comer para que me participe querer pedir a separação. Ontem à noite os gémeos pediram-lhe dois dinheiros para comprar uma especialidade da doçaria local - e ele ameaçou-os com uma faca de abrir ostras!

O senhor doutor perdoar-me-á todos estes pormenores, mas sem eles dificilmente compreenderia a situação deplorável em que nos achamos.

E agora ousarei confiar-lhe o propósito desta carta? Permitir-me-á que apele para a swa solicitude amiga? Decerto, porque conheço o seu coração.

O olhar perscrutante da afeição não se deixa cegar com facilidade, sobretudo numa mulher. Micawber vai partir para Londres. Embora dissimulasse, esta manhã, o rótulo que estava a escrever para colar na mala, a vista de lince da minha ansiedade conjugal ainda descobriu as letras finais (... d, r, e, s) distintamente traçadas. A diligência tem no West End, como ponto de chegada, a Golden Cross. Atrever-me-ei a solicitar-lhe que procure esse pobre

transviado e faça o possível de o persuadir a ser assisado! Atrever-me-ei a rogar ao doutor Traddles que tente intervir entre Micawber e a família, que ele tanto tortura? Talvez seja pedir de mais!

Se o senhor Copperfield se lembrasse ainda de uma pessoa obscura como eu, o doutor Traddles seria capaz de lhe transmitir a minha humilde súplica e inalterável estima? De qualquer maneira, peço o obséquio de considerar esta carta como estritamente confidencial e de não aludir a ela por nada deste mundo, o mais tènuamente que seja, diante de Micawber. Caso deseje responder-me (o que se me afigura pouco provável), umas palavras endereçadas a M. E., Posta Restante, Cantuária, engendraria consequências menos penosas do que se fosse dirigida directamente àquela que, na maior desolação, se assina muito amiga e impetrante

Emma Micawber.

- Que te parece essa carta? - perguntou-me Traddles, com um relance de olhos na minha direcção, depois de a ter percorrido com a vista pela segunda vez.

- E que pensas da outra? - repostei, pois ele continuava a soletrá-la, de cenho carregado.

- Creio que ambas, Copperfield, dizem mais do que marido e mulher costumam em geral dizer na sua correspondência... mas não sei o quê. Qualquer delas é escrita de boa fé, não duvido, e sem conivência. Coitada da senhora Micawber! -comparávamos agora a epístola de Emma com a do marido, ambos de pé ao lado um do outro. - Seria uma obra de caridade responder-lhe, ao menos para lhe afirmar que iremos encontrar-nos com ele.

Acedi logo, com tanto maior empenho quanto me censurava no íntimo por haver tratado com indiferença a carta da senhora Micawber. Fizera-me reflectir, como disse, durante algum tempo, porém as minhas próprias apoquentações e o que sabia da vida dos Micawbers depressa haviam afastado essa gente dos meus pensamentos. É claro que, se uma vez por outra o nome deles me acudia à mente, era para matutar em que «obrigações pecuniárias» estariam envolvidos em Cantuária e me recordar do tom reservado que Micawber adoptara diante de mim depois de ser empregado de Uriah Heep.

Escrevi, pois, a Emma uma carta consoladora, em nome de nós dois e que assinámos juntos. Ao irmos pô-la no correio,

conversámos bastante pelo caminho e evocámos todo o género de

suposições, que seria supérfluo enumerar aqui. Na mesma noite revelámos o segredo à tia Betsey e decidimos comparecer pontualmente à entrevista marcada por Micawber.

Embora tivéssemos cerca de um quarto de hora de avanço, ele já se encontrava no ponto indicado. Estava de braços cruzados, diante da muralha, considerando com expressão sentimental os espigões do topo, como se fossem raminhos de árvores entrelaçados que houvessem sombreado a sua juventude.

Quando nos aproximámos vimos quanto as suas maneiras tinham mudado, quanto ele era, de uma forma geral, menos distinto. Para esta espécie de excursão, de preferência ao fato preto das funções oficiais, envergara a sobrecasaca e calças muito justas de outro tempo, mas isto não lhe dava a mesma elegância de outrora. A pouco e pouco, no decurso da conversa, aquela recomeçou a impor-se: todavia o monóculo dir-se-ia pender com menos à-vontade, e o colarinho, embora ainda de proporções imponentes, não conservava a rigidez antiga.

- Cavalheiros - disse Micawber depois das primeiras saudações - são meus amigos nos dias de desgraça, portanto amigos verdadeiros. Permitam-me que pergunte pela saúde da senhora Copperfield in esse e da senhora Traddles in posse... supondo, é claro, que o meu amigo Traddles ainda não esteja unido ao objecto da sua afeição, para os bons como para os maus dias.

Agradecemos-lhe a delicadeza e respondemos como convinha. Ele então chamou-nos a atenção para a muralha e expressou-se nestes termos:

- Afianço-lhes, cavalheiros - e, quando o interrompi para protestar contra este vocativo cerimonioso, e pedir nos tratasse como dantes, continuou: - Meu caro Copperfield, a sua cordialidade comove-me. - Neste momento apertou-me a dextra. - Semelhante recepção feita às ruínas deste Templo (outrora digno do nome de Homem, se assim me ouso classificar) testemunha um coração que honra o género humano. Eu ia dizer-lhes que contemplava mais uma vez este asilo de paz em que decorreram algumas das horas mais felizes da minha vida!

- Graças à presença da senhora Micawber - observei. - Espero que ela esteja de boa saúde.

- Muito obrigado - replicou Micawber, cujo rosto se entenebreceu. - Ela vai menos-mal. E eis agora - recomeçou, meneando tristemente a cabeça - o King's Bench. Este lugar onde, pela primeira vez na minha vida, o peso esmagador das minhas obrigações pecuniárias não me era recordado dia após dia pela voz de intrusos que se recusavam a deixar-me o corredor; em que as portas não tinham

campainha que pudesse ser tocada pelos credores, e os meirinhos eram desnecessários e as reclamações sustidas ao portão. Cavalheiros, quando a sombra dos ornamentos de ferro desta muralha de tijolos caía sobre a areia da Parada, eu via os meus filhos percorrer o dédalo do intrincado desenho e tomar cuidado em não pôr os pés nos cantos sombrios. Cada pedra desta casa tornara-se-me familiar. Se eu denuncio alguma comoção, peço-lhes que a compreendam e a desculpem.

- Todos nós, senhor Micawber, seguimos depois disso o nosso fado... - observei-lhe.

- Senhor Copperfield - replicou com amargura - quando eu habitava este retiro, podia olhar de frente os meus semelhantes e seria capaz de os castigar se me ofendessem. Já não os posso tratar com essa segurança gloriosa! - Afastando-se, abatido, do edifício, Micawber aceitou o meu braço, de um lado, e do outro o de Traddles, e seguiu connosco, retomando o fio do seu discurso: - Há marcos na estrada do túmulo que nós desejaríamos (se tal desejo não fosse ímpio) jamais haver ultrapassado. O King's Bench é um desses marcos na minha carreira tão variada.

- Está desanimado, senhor Micawber? - disse-lhe Traddles.

- Se estou!

- Espero que não tivesse tomado aversão ao Direito, pois, como sabe, sou advogado.

Micawber não lhe respondeu.

- E como vai o nosso amigo Heep? - inquiri, após um momento de silêncio.

O homem empalideceu, ficou subitamente muito excitado e replicou:

- Se ele é seu amigo, lastimo; se o consideram meu amigo, só posso ter um sorriso sarcástico. De qualquer maneira (espero não os magoar) contentar-me-ei em responder isto: seja qual for o seu estado de saúde, ele tem sempre o aspecto de uma raposa... para não dizer de um demónio. Permitir-me-ão que não prossiga num assunto que me tem reduzido ao desespero no exercício da profissão.

Desculpei-me por haver involuntariamente aflorado um tema que o transtornava tanto, e acrescentei:

- Posso inquirir notícias da senhora Wickfield e do pai sem cair no mesmo erro?

- A senhora Wickfield - explicou ele, corando desta vez - é sempre um

modelo de virtudes. Meu caro Copperfield, acho que essa dama brilha como a única estrela na minha estrada sombria. O respeito que lhe consagro, a admiração que me inspira a sua docilidade, lealdade e demais partes... não têm limites! Oh, levem-me para uma artéria mais deserta, porque no estado em que me encontro esta comoção é demasiado forte para mim!

Levámo-lo rapidamente para uma travessa estreita, onde Micawber tirou o lenço e se apoiou a uma parede. Se eu o olhava com a mesma gravidade de Traddles, o nosso companheiro havia de nos achar pouco consoladores.

- Quer o meu destino - disse soluçando sinceramente, embora com um resto da sua velha afectação - que os mais nobres sentimentos naturais se tornem para mim em censuras. A homenagem que presto à senhora Wickfield cai-me como uma dúzia de frechas no coração. Mais valia que me deixassem partir, como um vagabundo, pela superfície do globo. Em pouco tempo, os vermes tomarão conta do meu corpo.

Sem darmos despacho a este requerimento, permanecemos imóveis até que ele voltou a guardar o lenço, endireitou o colarinho e, para disfarçar, pois havia vizinhança, cantarolou qualquer coisa, desabando o chapéu para a orelha. Declarei então, não sabendo que o tornaríamos a ver, que me daria muito gosto em apresentá-lo à minha tia, isto no caso de querer acompanhar-nos a Highgate, onde tinha cama ao seu dispor.

- Fará um ponche à sua moda - acrescentei - e esquecerá todas as suas preocupações na recordação dos bons tempos.

- E se isso o aliviar mais, senhor Micawber - acudiu Traddles com prudência - confie-nos o que o atormenta.

- Cavalheiros - redarguiu Micawber - façam de mim o que quiserem. Sou apenas uma palhinha à superfície do oceano, e estou empurrado por todos os lados pelos elefantes... perdão, queria dizer pelos elementos.

Prosseguimos de braço dado e chegámos à diligência na ocasião em que ela ia partir. Alcançámos Highgate sem nenhum incidente de viagem. Eu pensava o que seria preferível contar ou fazer em casa, e Traddles, evidentemente, cogitava no mesmo. Micawber viera a maior parte do trajecto mergulhado em melancolia profunda. Fez um ou outro esforço para se recompor e ainda cantarolou, mas, a cada recaída, o espectáculo irónico de um chapéu desabado e de um colarinho muito subido transformava a sua tristeza em algo de impressionante.

Entrámos na residência da senhora Trotwood, e não na minha, por causa do estado de saúde de Dora. A tia compareceu quando a prevenimos e recebeu o

senhor Micawber com grande amabilidade. Este beijou-lhe a mão, aproximou-se da janela e, tirando o lenço, lutou em silêncio contra as lágrimas que pretendiam aflorar-lhe aos olhos.

O senhor Dick estava presente. Confrangia-se tanto com as dores alheias que apertou a mão do visitante meia dúzia de vezes, pelo menos, no decurso de cinco minutos. Tão ardente compaixão da parte de um desconhecido influiu de tal maneira no coração de Micawber que não resistiu a exclamar, a cada aperto de mão: «Oh, cavalheiro, por quem é!» Com o que o senhor Dick, por seu turno comovido, recomeçava com maior vigor.

- A benevolência deste cavalheiro - disse Micawber à minha tia - derruba-me literalmente, se me consente empregar uma expressão tirada de um dos nossos desportos mais brutais.

Recepções como esta, minha senhora, são demolidoras para quem se debate sob o duplo fardo da inquietação e da perplexidade.

- O meu amigo Dick - replicou a tia Betsey - não é um homem vulgar.

- Também o creio. Caro cavalheiro - acrescentou virando-se para o senhor Dick, que lhe tornou a apertar a mão - estou profundamente sensibilizado com a sua cordialidade.

- Como se sente? - perguntou-lhe ansioso o senhor Dick.

- Assim assado, caro senhor - respondeu Micawber suspirando.

- Não deve deixar-se derrotar.

Estas palavras consoladoras e novo aperto de mão foram em excesso para Micawber.

- Tenho tido a sorte, às vezes - exclamou ele - de encontrar um oásis no meio das vicissitudes da existência; mas nunca se me deparou nenhum tão verde e tão cheio de refrigério!

Noutra ocasião qualquer isto ter-me-ia feito sorrir, mas estávamos constrangidos, pouco à vontade; inquietava-me tanto ver Micawber dividido entre os desejos contraditórios de falar e de se calar, que cheguei a sentir febre. Traddles, sentado à borda da cadeira, de olhos esbugalhados e cabelos mais hirtos do que nunca, fitava alternadamente o chão e o senhor Micawber, sem sequer tentar dizer fosse o que fosse. A tia Betsey concentrava sobre o visitante a sua atenção e era a única de nós todos que não perdera a serenidade. Fazia as honras da conversa e obrigava-o a falar, quer ele quisesse ou não.

- É um velho amigo do meu sobrinho, senhor Micawber. Tenho pena de não me haver sido dado o gosto de o conhecer há mais tempo.

- Minha senhora, eu por meu lado lamento não ter tido a honra de lhe ser apresentado antes desta noite. Não fui sempre a ruína que sou hoje.

- Espero que a senhora Micawber e os seus filhos estejam bem...

Micawber baixou acabeça, e com ar desesperado, depois de uns momentos de hesitação, disse:

- Tão bem como é de crer que estejam infelizes estrangeiros ou desterrados...

- Meu Deus, senhor Micawber! - exclamou Betsey, com a sua costumada brusquidão. - Que quer dizer com isso?

- A subsistência dos meus, minha senhora, periclita. O meu patrão...

Aqui Micawber deteve-se como se de propósito e começou a descascar os limões que por minha ordem, lhe tinham trazido juntamente com os demais ingredientes necessários à confecção do ponche.

- O seu patrão, dizia o senhor... - acudiu o senhor Dick, sacudindo-lhe o braço para lhe recordar o assunto interrompido.

- Ah, é verdade... Agradeço-lhe. - Novo aperto de mão. - Ele, o senhor Heep, deu-me um dia a honra de participar que, sem os emolumentos atinentes à minha situação, no seu cartório eu não seria decerto mais que um saltimbanco que percorre o país, a engolir espadas ou a tragar fogo. Pois, tanto quanto sei, os meus filhos estarão reduzidos ao extremo de ganhar a vida dando cabriolas, enquanto minha mulher animará as suas proezas desnaturadas servindo-se de um realejo.

Micawber, com um movimento da faca, ocasional mas expressivo, deu a entender que esses exercícios seriam prováveis depois da sua morte. Em seguida voltou a ocupar-se dos limões, com ar desesperado.

A tia Betsey apoiou o cotovelo sobre a mesinha de pé-de-galo, que estava próxima, e examinou atentamente o senhor Micawber. Apesar da repugnância que eu experimentava em lhe arrancar uma confidência que ele não parecia disposto a fazer livremente, apegar-me-ia às suas últimas palavras se o não visse proceder a estranhos preparativos. Deitou a casca do limão na chaleira, o açúcar no prato do espevitador de velas, a aguardente no jarro vazio, e esperou confiante que a água fervesse para a retirar com o castiçal. Compreendi que estava iminente uma crise. Juntou ao acaso todos os utensílios e ingredientes,

levantou-se da cadeira e, tirando o lenço, principiou a chorar.

- Meu caro Copperfield - murmurou no meio dos soluços - esta operação requer, mais do que nenhuma, um espírito calmo e o domínio de si mesmo. Não conseguirei levá-la a termo. Nem vale a pena pensar nisso!

- Mas que aconteceu, senhor Micawber? Estamos entre amigos.

- Entre amigos! - repetiu ele. E tudo o que tencionava ocultar subiu-lhe à boca. - Meu Deus, é precisamente por me ver entre amigos que me encontro em tal estado de espírito. O que há, meus senhores? O que não há, é que se devia perguntar. O que há é infâmia, vileza, ludíbrio, conspiração. E esta reunião atroz tem o nome de... Heep!

A senhora Trotwood bateu palmas e nós todos prestámos a maior atenção.

- Não lutarei mais! - exclamou Micawber, agitando frenético o lenço e lançando de tempos a tempos os braços para diante, como se nadasse contra uma corrente impetuosa. - Esta vida não continuará assim. Sou um ser miserável, posto à margem de tudo que torna a existência tolerável. Considerei-me como um interdito ao serviço de um canalha infernal. Restituam-me a esposa, os filhos, devolvam Micawber ao pobre indivíduo que vegeta agora sob este nome. Se amanhã me ordenarem que engula uma espada, obedecerei. E com apetite!

Eu nunca vira ninguém tão excitado. Tentei tranquilizá-lo, fazê-lo dizer coisas mais sensatas. Mas o homem excedia-se e não escutava a voz do bom senso.

- Não serei digno de convívio com gente sã - declarou Micawber, arquejando e soluçando sempre - antes de esmagar essa serpente asquerosa chamada... Heep! Não tornarei a aceitar a hospitalidade seja de quem for antes de ter sumido... na lava do Vesúvio... esse velhaco infame... que se chama Heep! Tomar qualquer coisa sob este tecto... especialmente ponche... sufocar-me-ia... a não ser que tivesse esganado primeiro esse biltre abominável... chamado Heep! Já não quero novos conhecimentos... nem falar com os outros... nem ir a parte nenhuma... sem ter destruído, reduzido a pó... esse hipócrita... esse perjuro consumado... que se chama... Heep!

Realmente, receei ver o senhor Micawber morrer-nos debaixo dos olhos. A maneira como ele se debatia através dessas frases inarticuladas e, sempre que se aproximava do nome de... Heep, a forma como abria caminho, quase desmaiando, para proferir esse apelido com uma violência inacreditável - tudo isto tinha muito de assustador. Mas depressa se deixou recair na cadeira, ainda espumando de todas as cores possíveis, um nó na garganta obstruía-lhe a fala,

Dir-se-ia estar nas vascas da agonia. Procurei socorrê-lo, mas repeliu-me com um gesto, surdo às minhas objecções.

- Não, Copperfield! Nem uma palavra antes que... senhora Wickfield... desagravar os malefícios desse patife... Heep! - Estou certo de que não poderia dizer seis palavras seguidas sem a energia com que esta última parecia electrizá-lo, quando ele a sentia vir. - Um segredo inviolável para todos... sem excepção... de hoje a uma semana... almoço... todos nós... até a senhora Trotwood e este excelente cavalheiro... no hotel de Cantuária onde... a senhora Micawber... e eu próprio... desmascararei esse celerado intolerável... esse... Heep! Não digo mais nada. Não escutarei nada... vou-me embora já... incapaz de suportar a companhia... na pista desse maldito traidor, esse... Heep!

Depois da repetição deste nome mágico, feita com maior energia do que nunca, Micawber precipitou-se para fora de casa, deixando-nos mergulhados num misto de agitação, de esperança e de espanto quase semelhantes ao seu. Mas mesmo então o seu amor da epistolografia foi mais forte que tudo, pois, antes que a nossa comoção se aquietasse, recebi de uma taberna próxima a seguinte pastoral escrita pouco antes:

Estritamente confidencial. Meu caro senhor

Venho rogar-lhe o favor de transmitir à sua ilustríssima tia as minhas desculpas pelos excessos a que me acabo de entregar.

Uma crise moral (mais fácil de imaginar do que de descrever) determinou a actividade de um vulcão que dormia há muito tempo.

Espero ter conseguido explicar claramente o encontro que lhes demos para de hoje a oito dias, na parte da manhã, nesse restaurante em que eu e minha mulher tivemos a honra, outrora, de unir as nossas vozes às dos senhores, no ardor das bem conhecidas estrofes escritas nas margens do Tweed {16}.

Uma vês; cumprido este dever e este acto de reparação, necessária para poder olhar de frente os meus semelhantes, nada mais terei que dizer, excepto que me ponham no campo do repouso eterno, onde Na estreita cela para sempre Dormem os rústicos avós...

E com esta simples inscrição:

Wilkins Micawber.

L. REALIZA-SE O SONHO DE DANIEL PEGGOTTY

Haviam decorrido uns meses depois da entrevista que tivéramos com Martha, à beira do Tamisa. Eu não a tornara a ver, ela todavia escrevera por várias vezes a Daniel Peggotty. Nada resultara das suas porfiadas diligências. Não se recolhera o menor indício que conduzisse à descoberta de Emily, Devo confessar que principiava a crer que ela tinha morrido.

Contudo a confiança do tio nunca enfraquecera. Tanto quanto sei - e esse coração simples creio que não tinha segredos para mim - ele manteve sempre a certeza de a encontrar. Dispunha de uma paciência infinita. E embora eu temesse ao pensar no que seria a sua angústia se um dia lhe fosse roubada essa firme certeza, havia nela qualquer coisa mística, e comovia tanto senti-la nas mais puras profundezas da sua alma que o respeito e veneração que ele me inspirava aumentavam constantemente.

Essa esperança não era do género que crê e não actua. Toda a vida fora homem de acção. Sabia quanto era necessário, em tudo, começar por agir sem desfalecimentos. Vi-o levantar-se a meio da noite, receando que por qualquer circunstância a luz se houvesse apagado na janela da velha embarcação ancorada; vi-o depois pôr-se a caminho para Yarmouth; vi-o pegar no bordão e calcorrear sessenta a oitenta milhas. Até Nápoles foi por mar, depois de ouvir a narrativa da senhora Dartle. Realizava todas estas viagens constante e resoluto, fazendo economias severas com vista ao instante em que toparia a sobrinha. Nunca, nessa busca porfiada, lhe ouvi soltar um queixume ou dizer que estava cansado, ou confessar desânimo.

Dora tinha-o visto por várias vezes depois do nosso casamento. Lembro-me dele, de pé ao lado do sofá, com o boné de pêlo comprido na mão; lembro-me do espanto tímido que se manifestava nos olhos azuis da minha mulher. Em certas ocasiões, quando ele vinha, ao cair da tarde, conversar comigo, eu animava-o a fumar cachimbo no jardim, enquanto passeávamos; e então confrangia-me a ideia do seu lar destruído. Recordava-me do bem-estar que ali sentira, em pequeno, quando o lume crepitava e o vento gemia derredor.

Certo dia, pela mesma hora, Peggotty veio dizer-me que Martha o esperara na véspera à noite, perto da sua casa, no momento em que ele saía. E

recomendara-lhe que de nenhum modo deixasse Londres antes de ela o procurar novamente.

- Explicou-lhe porquê? - indaguei.

- Não lhe perguntei, menino Davy, mas a rapariga nunca fala muito. Obrigou-me a prometer-lhe isso, e foi-se embora.

- Disse-lhe mais ou menos quando tornaria a procurá-lo?

- Não, menino Davy - replicou Peggotty, passando com ar pensativo a mão pela cara. - Também quis saber, mas não obtive outra informação.

Eu já evitava dar-lhe muitas esperanças, de maneira que me limitei a acrescentar, sem mais comentários, que ele decerto a veria em breve. Guardei para mim as reflexões que a notícia me inspirara; e essas reflexões não eram optimistas.

Outra vez à tarde, passeava eu no jardim. Guardo a recordação precisa do momento: era a segunda semana de incertezas acerca de Micawber. Chovera todo o dia e a atmosfera estava húmida, com a folhagem espessa vergando ao peso das gotas de água. Mas, embora ainda houvesse nuvens no céu, a chuva cessara e a passarada chilreava. Eu ia e vinha, e entretanto descera a noite e as vozes das aves calaram-se. Em mim se concentrou esse silêncio especial das noites do campo, quando os mais ténues dos ramos de árvore se imobilizam e não se ouve senão o ruído das folhas que largam os últimos pingos.

Existia ao lado da vivenda um corredor coberto de hera, ao fim do qual se descortinava a estrada. Absorto nos meus pensamentos, virei a cabeça naquela direcção e vi que estava alguém do lado de fora a olhar ansiosamente para mim e a fazer-me sinais.

- Martha! - exclamei, indo ao seu encontro.

- Pode sair comigo? - perguntou-me muito agitada. - Fui a casa dele, mas não estava. Deixei-lhe um bilhete dizendo-lhe onde nos encontraria, o qual ficou em cima da mesa. Informaram-me de que não tardava a entrar. Tenho notícias. Pode acompanhar-me já?

Por única resposta, transpus a vedação. A rapariga, com um gesto dos dedos, impôs-me silêncio, e encaminhou-se para Londres, donde devia ter vindo a pé e a toda a pressa.

Perguntei-lhe se era para lá que nós íamos. Respondeu-me afirmativamente, com o mesmo gesto rápido que já empregara, e eu mandei parar um trem vazio que passava... Subimos para ele. Disse a Martha que indicasse a direcção ao

cocheiro.

- Mais ou menos nas imediações de Golden Square. E sem demora! - elucidou.

Em seguida, encolheu-se num canto da carruagem, tapou a cara com a mão trémula, e, com a outra, fez gesto idêntico aos precedentes, como se não suportasse o som de vozes.

Agora já muito perturbado, e perdido entre os fogos cruzados da esperança e do temor, olhei para Martha em busca de uma explicação. Vendo-lhe, porém, o desejo insistente de silêncio e não tendo, por minha parte, grande vontade de falar, continuei mudo. Não trocámos uma palavra. De vez em quando, ela olhava para o exterior, como se achasse que íamos muito devagar, o que aliás não era o caso; depois retomava sempre a atitude primitiva. O trem deixou-nos numa das entradas do largo que ela indicara e eu disse ao cocheiro que esperasse, porque não sabíamos se ainda seria preciso. Martha apoiou a mão no meu braço e arrastou-me por uma dessas ruas escuras, tão numerosas naqueles sítios, onde as casas, outrora belas residências familiares, se haviam tornado há muito tempo pobres habitações de aposentos alugados. Depois de passarmos a porta aberta de uma delas, Martha largou-me o braço e fez sinal que a seguisse pela escada, tão concorrida que parecia um afluente da rua.

A casa estava repleta de inquilinos. À nossa passagem abriam-se portas e apareciam rostos; antes de entrar vi mulheres e crianças que nos espiavam à janela, atrás de vasos de plantas. Suponho que excitáramos a curiosidade dos locatários. A escada era larga e assoalhada, de corrimão maciço feito de madeira escura, as portas sobrepostas de cornijas, ornadas de frutos e flores esculpidas; havia bancos nos vãos. Mas todos estes sinais de grandeza pretérita se apresentavam lastimàvelmente desfigurados e sujos; a podridão, a humidade e a velhice tinham atacado o soalho, nalgumas partes já pouco sólido e perigoso. Notei que se tentara deter a derrocada geral insuflando sangue novo nessa carcaça oscilante; aqui e ali velhas obras de madeira consertadas com pinho: dir-se-ia a união inconveniente de um nobre arruinado com uma rapariga do povo, em que cada um se arrepia do outro. Algumas das janelas que davam para o pátio mostravam-se tapadas, e as outras exibiam vidraças partidas. Através dos caixilhos apodrecidos, pelos quais entrava ar corrupto, descobri outras janelas sem vidros de outras casas arruinadas.

Subimos até ao último andar. Duas ou três vezes, pelo caminho, parecera-me que ia à nossa frente uma mulher, pelo menos divisava-lhe a saia. Ao alcançarmos o derradeiro patamar, que nos separava do telhado, vimos

perfeitamente a desconhecida parar um instante defronte da porta, depois girar o puxador e entrar. - Que é isto? - murmurou Martha. - Entrou no meu quarto. E não a conheço.

Conhecia-a eu. Estupefacto, verificara que era Rosa Dartle. Em termos vagos, expliquei à minha companheira que se tratava de uma senhora que eu já tinha visto. Daí a pouco ouvimos-lhe a voz, mas sem poder distinguir ainda o que ela dizia. Martha, surpreendida, impôs-me outra vez silêncio e conduziu-me sem ruído por uma porta pequena, sem fecho, que pertencia a um quartinho minúsculo, pouco maior do que um armário. Entre este e o quarto que ela dissera ser o seu, existia uma comunicação, nesse momento entreaberta. Detivemo-nos ali, ofegantes da subida; não descortinava do aposento contíguo, que parecia grande, senão a cama e algumas vulgaríssimas estampas de navios nas paredes. Não podia lobrigar nem a senhora Dartle nem a pessoa com quem ela falava. E decerto a Martha acontecia o mesmo, porque eu estava mais bem colocado. Por instantes reinou silêncio absoluto.

- Não importa que essa criatura não esteja - dizia Rosa Dartle. - Nunca ouvi esse nome. A si é que eu desejo falar.

- A mim? - retorquiu uma voz branda. Percorreu-me o corpo um arrepio: a voz de Emily!

- Sim, senhora. Vim admirá-la. O quê? Não se envergonha desse rosto que tanto mal causou?

O ódio intenso e implacável que vibrava naquela voz, a violência fria e calculada, a raiva contida, deram-me o retrato exacto da senhora Dartle, como se a visse em plena claridade. Percebia-lhe os olhos pretos fulgurantes e o corpo emagrecido, e a cicatriz branca que lhe cruzava os lábios e que fremia e palpitava.

- Vim ver - continuou Rosa - o objecto dos caprichos de James Steerforth, a criatura que fugiu com ele e que alimenta as más linguas da sua terra natal, a companheira descarada, hábil e provocante de um homem como James Steerforth! Quis saber como era feita uma mulher desse género.

Ouviu-se um rumor, como se a pobre rapariga, a quem se dirigiam estes ultrajes, se houvesse precipitado para a porta. Mas a outra impediu-lhe a saída. Pairou o silêncio.

A senhora Dartle voltou a falar, de dentes cerrados e batendo o pé:

- Fique aí! Ou então participarei a todo o prédio e a toda a rua o que você é! Se tentar fugir, retê-la-ei, nem que seja pelos cabelos, e levantarei contra a sua

pessoa as pedras da calçada.

Como resposta, senti um murmúrio apavorado. Depois houve novo silêncio. Eu não sabia que fizesse. Por maior desejo que fosse o meu de pôr cobro à cena, achava que não tinha o direito de me mostrar. Só Daniel Peggotty poderia aparecer e levá-la. Não chegaria ele, nunca mais? Isto pensava eu cheio de impaciência.

- Com que então - prosseguiu Rosa, rindo desdenhosamente - vejo-a por fim! Coitado do rapaz, que se deixou prender por essa falsa modéstia e essa cabecinha à banda!

- Por amor de Deus, cale-se! - suplicou Emily. - Seja a senhora quem for, conhece a minha triste história. Então, poupe-me, por amor de Deus, se quer que os outros lhe façam o mesmo.

- A mim, querer que me poupem? - respondeu Rosa, enfurecida. - Que é que existe de comum entre nós, desejava saber!

- Apenas o sexo - volveu Emily lacrimosa.

- E isso, invocado por um ser tão abjecto como você, é um laço que bastaria para me gelar o coração, se nele houvesse ainda espaço para outra coisa além do desprezo e do horror. O nosso sexo! Muita honra faz ao nosso sexo...

- Mereço que assim me tratem, mas é cruel. Pense no que sofri e naquilo em que me tornei. Ó Martha, volta para cá, volta depressa!

Rosa instalara-se numa cadeira defronte da porta e baixou os olhos, como se Emily se lhe rojasse aos pés. Estando nesse momento entre mim e a janela, eu podia ver-lhe o lábio desdenhoso e o olhar atroz fixando-se intensamente num único ponto, com uma avidez triunfante.

- Oiça o que lhe vou dizer e reserve as suas manhas para os incautos. Espera comover-me, a mim, com lágrimas? Nem com lágrimas nem com sorrisos, sua escrava vendida!

- Tenha dó desta infeliz. Mostre-me um pouco de compaixão, para que eu não enlouqueça.

- Não seria grande castigo para as suas culpas. Sabe o que fez? Já pensou no lar que destruiu?

- Ah, não se passa um só dia, uma só noite em que eu não pense nisso! - exclamou Emily.

Pude então entrevê-la, de joelhos, com a cabeça lançada para trás, o rosto

pálido erguido ao céu, as mãos juntas e estendidas com desespero e o cabelo lustroso esparso pelos ombros.

- Não se passou um dia - continuou - em que o não revisse tal como na hora funesta em que lhe voltei costas para sempre. Ó minha casa! Querido tio! Se tu houvesses sabido a tortura que seria para mim o teu amor, quando me desviei do bom caminho, se ao menos te zangasses uma vez comigo... eu não conheceria a força desse amor nem experimentaria tantos remorsos... Que consolo posso ter, se foram sempre tão bons para com esta ingrata?

Caiu com a face para o chão perante a criatura imperiosa sentada na cadeira e, com gestos imploradores, tentou pegar-lhe na fímbria da saia.

Rosa Dartle não deixava de a contemplar, tão impassível como uma estátua de bronze. Apertava os lábios com força, talvez pela necessidade de se conter (esta foi a minha convicção) para não agredir com os pés a bela a eles ajoelhada. Distinguia-a perfeitamente: toda a energia da mulher se concentrava naqueles lábios cerrados. Peggotty nunca chegaria? - Oh, mísera vaidade dos vermes da terra! - disse ela quando acabou por dominar as pulsações desaustinadas do coração.

- O seu lar! Imagina que eu supus que você praticou um acto que se não emenda com dinheiro? Você era apenas uma mercadoria nesse lar, e foi vendida e comprada como todas as outras mercadorias que os da sua laia negoceiam.

- Ah, isso não! Diga o que quiser, mas não faça recair a minha desonra, o meu opróbrio, mais do que é necessário, sobre pessoas que são tão honestas como a senhora. De mim não tenha dó, mas a eles respeite-os, se é uma dama!

- Refiro-me - objectou Rosa Dartle, sem fazer caso daquela súplica e subtraindo a saia ao contacto impuro da mão de Emily - refiro-me ao lar dele, onde vivo! Realmente - acrescentou olhando para a pobre rapariga prostrada a seus pés e apontando para ela, com um riso desdenhoso - aí está um belo assunto de divisão entre mãe e filho de boas famílias, uma digna razão de desgosto onde você não seria admitida nem sequer como criada. Lama apanhada no rego da rua para divertimento de uma hora, e depois recambiada ao lugar de origem!

- Não, não! - bradou Emily, unindo as mãos. - Até ao dia em que ele se me atravessou no caminho... ah, por que alvoreceu esse dia para ele e não me trouxe, a mim, a tumba?... eu fui educada tão virtuosamente como a senhora ou outra dama qualquer, e ia casar com um homem como nenhum melhor casaria consigo ou com outra senhora da melhor estirpe! Se vive em casa desse homem e o conhece, a senhora sabe decerto o poder que James era capaz de exercer numa

rapariga fraca e frívola. Não me defendo, mas sei bem, e James sabe igualmente muito bem (pelo menos sabê-lo-á à hora da morte), que se serviu desse poder para me iludir e que eu nele acreditei e o amei.

Rosa Dartle pulou da cadeira, recuou, e, recuando sempre, ergueu a mão para Emily, com um rosto tão desfigurado pela cólera que eu estive quase a lançar-me entre ambas. Mas o golpe desferido ao acaso caiu no vácuo. Quando a vi de pé e ofegante, fitando Emily com todo o ódio de que era capaz, e tremendo dos pés à cabeça na sua raiva e no seu desprezo, pensei que não presenciara até aí e jamais voltaria a presenciar espectáculo semelhante.

- Você, amá-lo? Você? - gritou, de punhos fechados e tão trémula como se apenas esperasse encontrar uma arma para a brandir sobre o objecto da sua ira.

Emily afastara-se para longe do alcance da minha vista. Não houve resposta.

- E tem o descaramento de mo dizer? - insistiu Rosa. - Por que não são açoitadas criaturas desta ordem? Se estivesse na minha mão castigar, faria morrer sob o chicote esta mulher desaforada!

E tê-lo-ia feito, não tenho dúvida. Não seria eu que lhe confiaria qualquer instrumento de tortura, enquanto durou aquele olhar carregado de ódio.

Mas lentamente, muito lentamente, começou a rir e apontou para Emily com o dedo, qual se tratasse de um símbolo de chacota para toda a gente.

- Ela, amar! Aquela carcaça! E pretender que ele também a amou! Ah, ah, ah! Que intrujonas, estas criaturas!

A troça era pior do que o extravasar da raiva. Tivesse eu de ser exposto a alguma delas, haveria preferido a última.

Mas Rosa não consentiu a si mesma a continuação desse abandono à hilaridade. Depressa se dominou e, fossem quais fossem os seus sentimentos, soube então reprimi-los.

- Vim aqui - declarou - ver, como já disse, com que se parecia esta pura fonte de amor... Era a curiosidade que me impelia. Estou satisfeita. Também lhe queria dizer que mais vale voltar sem demora à sua casa e esconder-se aí no meio das dignas pessoas que a esperam e a quem o dinheiro que você leva consolará. Quando o gastar de todo, pode tornar a amar e a ter confiança... Eu julgava encontrar um brinquedo partido, que já durara o bastante: uma lantejoula barata, descorada, lançada fora. Mas, desde que tenho à minha frente ouro de lei, uma dama autêntica, uma inocente enganada, cujo coração juvenil está ainda

cheio de amor e confiança... é assim que finge ser, de acordo com a sua história... acrescentarei mais alguma coisa. Oiça bem, pois vou fazer o que digo. Está atenta? Isto é a sério!

Voltara a ser violenta, mas foi coisa rápida, e a fisionomia tornou-se risonha.

- Esconda-se - acrescentou - ou na sua casa ou noutro lado qualquer. Mas num lugar inatingível. Faça uma vida obscura, ou, melhor, uma vida de morta. Se o seu coração não estalou, admiro-me que não achasse meio de o forçar a calar-se. Tenho ouvido dizer que há processos para isso, e creio que são fáceis de encontrar.

Interrompeu-a um gemido sufocado de Emily. Rosa emudeceu e escutou o gemer da outra como música celestial.

- Talvez eu seja de uma natureza estranha - recomeçou a senhora Dartle. - Não posso respirar livremente o mesmo ar que você respira. Acho-o viciado. Por isso quero que ele se purifique, desembaraçando-o da sua presença. Se amanhã souber que ainda cá se encontra, contarei alto e bom som a sua história a toda a gente. Consta-me que há por aqui mulheres honestas, e é pena que tenham semelhante companheira no seu seio. Se, ao ir-se embora, procurar refúgio nesta cidade, sob qualquer condição que não a sua (que pode usar sem que ninguém a moleste), eu prestar-lhe-ei o mesmo serviço, se souber onde se abriga. Ajudada por um homem que ainda há pouco aspirava à honra de obter a sua mão, não duvido de que alcançarei os meus fins.

Peggotty nunca chegaria? Por quanto tempo mais suportaria eu aquilo?

- Meu Deus, meu Deus! - murmurou a infeliz Emily no tom que, pensei, sensibilizaria um coração empedernido mas que não provocou nenhuma comoção no rosto sorridente de Rosa Dartle. - Que vai ser de mim? Em que vou acabar?

- Acabar? - ripostou a outra. - Vai viver contente com os seus pensamentos. Consagrar a existência às recordações da ternura de James Steerforth (que desejava fazer de si a mulher do seu criado, não é verdade?) ou a um sentimento de gratidão para com o ente recto e virtuoso que a receberia como uma dádiva. Ou ainda, se essas lembranças magníficas, se a consciência da sua própria virtude e do esplendor que ela lhe deu aos olhos de tudo que tem figura humana lhe não bastarem, despose o homem sério de que lhe falei e que a condescendência dele lhe traga felicidade. Se isto, todavia, lhe não for suficiente, então morra! Há montes de lixo para tais mortes; suba-os e erga o seu voo para o

céu.

Senti um passo distante na escada; reconheci-o imediatamente. Era ele, graças a Deus!

Depois de dizer aquelas palavras, Rosa afastou-se e eu deixei de a ver.

- Mas tome cuidado - ouvi ainda recomendar aquele algoz, no momento em que abria a porta para sair - estou resolvida, por motivos pessoais, a originar a sua perdição se não se colocar longe da minha alçada ou não abandonar a máscara que ostenta. É isto que quero salientar. E, quando digo uma coisa, faço-a!

Os passos na escada aproximavam-se cada vez mais; o homem passou ao lado daquela que descia e entrou à pressa no quarto.

- Meu tio!

A este nome seguiu-se um grito tremendo. Esperei um momento, e então, olhando para lá, vi Daniel segurar o corpo inanimado de Emily. Contemplou-lhe a cara durante algum tempo, curvou-se para a beijar (com que ternura!) e tapou-a com um lenço.

- Menino Davy - disse-me ele em voz baixa e trémula - agradeço ao Pai celeste por ter realizado o meu sonho! Agradeço do fundo do coração por me ter conduzido, pelas Suas vias, até à minha querida sobrinha.

Dizendo estas palavras, levantou-a nos braços e, com aquelas faces veladas pendidas no seu peito, transportou-a imóvel e inconsciente até ao baixo da escada.

LI. INÍCIO DE UMA VIAGEM MAIS LONGA

De manhã cedo, no outro dia, passeava eu no jardim, com a minha tia (que já não fazia muito exercício, pois se ocupava quase sempre de Dora) quando me vieram dizer que Daniel Peggotty queria falar comigo. Entrou no jardim, caminhando ao meu encontro, logo que me viu ir em direcção do gradeamento; e, como de costume, desbarretou-se diante da senhora Trotwood, por quem tinha o maior respeito.

Eu acabara de contar à tia o que se havia passado na véspera à noite. Sem abrir a boca, ela aproximou-se do visitante, olhando-o com muita simpatia, apertou-lhe a mão e deu-lhe uma pancadinha no braço. Tudo isto foi tão expressivo que eram realmente desnecessárias as palavras, e Peggotty compreendeu tão bem como se Betsey Trotwood lhe tivesse feito um discurso.

- Volto para dentro, Trot - declarou ela - por causa do nosso botãozinho de rosa, que não tardará a levantar-se.

- Não é por mim que se vai embora? - observou o recém-chegado. - Dá-me a impressão de que a expulso...

- O senhor tem qualquer coisa que dizer - respondeu a tia - e isso far-se-á melhor sem mim.

- Pois, se não se importa, dar-me-ia prazer ficando... a não ser, é claro, que as minhas palavras a aborreçam.

- Realmente? - volveu Betsey, bem humorada. - Então ficarei. E passou o braço no de Peggotty a fim de o conduzir ao caramanchel do fundo do jardim, onde se sentou num banco a meu lado. Havia lugar para o pescador, mas este preferia conservar-se de pé, com a mão apoiada a uma mesa rústica. Não pude deixar de notar, vendo-o nesse momento, quanta força e energia revelava essa mão musculosa, assim como a harmonia que reinava entre ela e a testa serena, coroada de cabelos grisalhos.

- Levei ontem à noite - começou ele fitando-nos -, a minha querida sobrinha para os meus aposentos, onde a esperava havia tanto tempo e tudo preparara para ela. Emily esteve umas horas sem me reconhecer. Em seguida ajoelhou diante de mim e, depois de rezar, descreveu-me como tudo se passara. Bem pode calcular

como me senti confrangido, apesar de todo o meu reconhecimento ao Salvador, ao ouvir ressoar-lhe a voz que tão alegre escutara outrora no meu lar e ao vê-la humilhada no pó em que Ele um dia escreveu com o seu dedo divino.

Limpou a cara com a manga, sem se importar de esconder a razão do facto. Clareou a voz e prosseguiu:

- Mas não demorou muito, pois que a reencontrei.

Bastou-me essa ideia para não pensar em mais nada. E nem sei agora por que lhe falo do assunto. Ainda há pouco não tinha intenção de referir isto. Veio-me naturalmente à boca, antes que eu compreendesse.

- Nunca pensa na sua pessoa, senhor Peggotty - disse a minha tia. - Será um dia recompensado.

Daniel, em cujo rosto brincava a sombra das folhas, inclinou-se admirado diante da senhora Trotwood, para lhe agradecer a bondade, e retomou o fio do discurso:

- Quando a minha Emily fugiu dessa casa em que a fechara aquela serpente que o menino Davy conhece (a sua história é verdadeira, Deus o confunda!) aproveitou a noite para correr sempre. Havia escuro mas o céu estava estrelado. Ia como louca. Foi pela praia adiante, crendo topar o velho barco e gritando que não olhássemos, porque ela passava nesse instante. Ouvia a própria voz como se fosse alheia. Magoou-se nos seixos, mas não deu por isso, como se também fosse feita de pedra. Correu muito tempo, com zumbidos nos ouvidos e clarões nos olhos. De repente (pelo menos assim julgou) o dia apareceu. Chovia e soprava vento. Viu-se deitada ao pé de um monte de calhaus e uma mulher na língua do país, perguntando que lhe sucedera.

Daniel Peggotty via tudo quanto contava. A cena desfilava-lhe distintamente perante o olhar e por isso a descrevia com tanta nitidez. Até me parece que, neste momento em que escrevo, assisti de facto ao episódio.

- Quando Emily examinou essa mulher, reconheceu uma dessas com quem muitas vezes conversava à beira-mar. Conhecia tão bem o país, milhas e milhas de costa! Andara por ali a pé, de barco, de carruagem. A dita mulher não tinha filhos, casara pouco antes, mas esperava um. Que Deus me oiça quando rogo que essa criança seja a sua felicidade, o seu consolo, o seu orgulho até ao fim da vida! Possa amar a mãe e respeitá-la na velhice, ajudá-la até às derradeiras horas e ser o seu anjo bom neste mundo e no outro!

- Amém - disse a tia.

- De começo aquela mulher fora muito tímida e arisca, e punha-se de lado, com a sua roca, se Emily lhe ia falar e às crianças. Mas Emily tomara a iniciativa de se lhe dirigir e, como a criatura gostava muito dos miúdos, e a minha sobrinha também, depressa se tornaram amigas, e a tal ponto que, nessas ocasiões, oferecia flores à visitante. Pois na noite da fuga perguntou à Emily o que lhe acontecera, e a pequena contou-lhe tudo. A outra levou-a para sua casa. Sim, senhores, deu-lhe abrigo!

Peggotty tapou o rosto. Estava mais comovido com aquele acto de bondade do que por qualquer outra coisa ocorrida após a noite memorável. Eu e a tia não tentámos intervir.

- Era uma simples cabana, como se imagina - continuou ele. - Ali, porém, Emily achou lugar (o marido da sua protectora andava embarcado) e ali se manteve escondida: aos vizinhos haviam pedido o maior segredo. Emily adoeceu a certa altura, com imensa febre, e o que me parece estranho (mas talvez os sábios expliquem) a língua desse país esqueceu-a por completo, só conhecia presentemente a sua, a qual por seu lado ninguém compreendia. Emily recorda-se, como se se tratasse de um sonho, que estava deitada, a falar o seu idioma, e a julgar que o velho barco existia no outro lado da ponta mais próxima, na baía; orava e implorava que para aí mandassem alguém com a missão de participar que se encontrava moribunda e para lhe trazerem nem que fosse uma só palavra de perdão. Pensava a todo o tempo que esse de quem falei rondava perto ou então que entrara no próprio quarto, e gritava desalmadamente à mulher para que a livrasse dessa presença, embora soubesse que não podiam entender a linguagem. Sentia zumbidos outra vez, e via clarões diante dos olhos. Para ela não havia nem passado nem presente nem futuro, mas tudo ao mesmo tempo, juntamente com o que nunca houvera nem poderia haver. Tudo se lhe baralhava na cabeça, numa extraordinária confusão. De contínuo ria e cantava. Não sei quantos dias isto durou, o certo é que, após um sono muito prolongado, acordou mais fraca do que uma criancinha.

Aqui se deteve, como se buscasse lenitivo aos terrores sugeridos pela própria descrição. Em seguida a um silêncio que durou instantes prosseguiu a narrativa:

- Despertou, pois, uma bela tarde em que não havia outro rumor senão o marulho do mar azul. De princípio supôs que se achava em sua casa, num domingo de manhã: mas dissiparam-Lhe a ideia as folhas de vinha que enquadravam a janela e as colinas distantes. Então a amiga entrou e foi sentar-se à borda do leito. Emily compreendeu que o velho barco não estava do outro lado

da porta, porém muito mais longe; lembrou-se de onde se encontrava, e porquê, e desatou a soluçar ao peito daquela honrada mulher que a recolhera.

Não podia referir-se a esta boa amiga de Emily sem que lhe corressem as lágrimas. Seria difícil coibir-se e soluçou outra vez, abençoando-a.

- Isso fez bem à minha sobrinha - acrescentou, depois de haver testemunhado uma comoção que não pude impedir-me de partilhar, Quanto à tia Betsey, chorava como uma criança. - Fez bem à Emily, que começou a restabelecer-se. Mas esquecera por completo, como disse, a língua desse país e via-se obrigada a exprimir-se por sinais. Continuou melhorando de dia para dia, devagar mas com segurança. Aprendia os nomes dos objectos usuais (que parecia nunca ter ouvido na sua vida), quando um dia, sentada à janela, olhava para uma petiza que brincava na praia, a pequena estendeu-lhe de repente a mão e gritou qualquer coisa que significava: «Filha de pescador, vê esta concha!» Emily compreendeu-a, chorou, e a memória voltou-lhe de súbito.

«Quando Emily readquiriu forças - disse Peggotty depois de breve silêncio - tratou de deixar aqueles sítios e de regressar ao seu país. O marido da sua amiga voltara já, e ele e a mulher conseguiram embarcá-la num barco de carga que ia para Leorne e, de lá, para França. Emily possuía algum dinheiro, contudo eles não quiseram aceitar nada por tudo o que tinham feito. Quase me regozijo, embora fossem tão pobres. O que praticaram ser-Lhes-á contado na Eternidade, onde nem as traças nem a ferrugem fazem dano, nem os ladrões têm azo para roubar. Menino Davy, esse tesouro durará mais que todos os tesouros da terra.

«Emily chegou a França e empregou-se como criada numa estalagem do porto. E foi aí que, certo dia, surgiu a tal serpente. Se me cair sob as mãos nem sei o que lhe farei nessa altura! Logo que ela o enxergou (sem ser vista por ele) o seu terror voltou-lhe e desatou a fugir para longe do ar que esse maldito respirava. Veio ter a Inglaterra e desembarcou em Dover.

«Não sei ao certo quando principiou a lhe faltar a coragem, mas a verdade é que, a bordo, fizera tenção de regressar à velha residência. Uma vez em Inglaterra, pôs-se a caminho para lá ir ter. O medo, porém, de que não lhe perdoassem, de ser apontada a dedo, de haver causado a morte deste ou daquele dentre nós, e outras coisas mais, levaram-na a mudar de ideias, forçosamente, pelo caminho. «Querido tio!», disse-me ela, «o receio de não ser digna de fazer o que o meu coração despedaçado e sangrento tanto queria foi a pior das provações. Quanto desejei beijar a soleira da nossa porta, de aí poisar esta cara amaldiçoada e ser, de manhã, achada morta ali mesmo!»

«Veio a Londres - ajuntou Peggotty baixando a voz até ficar num murmúrio

temeroso. - Ela que, na sua vida, jamais viera aqui, e sem dinheiro, e bela, e nova! Logo que chegou, ainda atrapalhada, encontrou uma amiga: uma mulher decente, que lhe falou de costura, lhe prometeu arranjar trabalho e um abrigo para a noite e procurar por mim, na manhã seguinte. Quando a querida pequena - comentou o pescador com voz vibrante de gratidão - estava à beira de um abismo que eu nem quero imaginar, essa amiga, Martha, fiel à sua promessa, apareceu para a salvar.

Não pude reprimir um grito de alegria.

- Menino Davy - disse-me ele, apertando a minha mão com vigor - foi o menino quem me falou dessa Martha. Agradeço-lhe do coração. Ela não nos iludiu. Sabia, por amarga experiência, o que convinha fazer. E fê-lo. E o Senhor encaminhou-a. Veio, pálida e agitada, acordar Emily. «Levanta-te», disse, «foge a um perigo pior do que a morte. Vem comigo.»

As pessoas do prédio tentaram detê-la, mas era o mesmo que deter o mar. «Afastem-se», ordenou. Contou depois a Emily que me tinha visto, que sabia quanto eu a estimava e lhe perdoara. Cedeu-lhe a sua roupa e arrastou-a consigo, trémula e quase a desfalecer, sem dar ouvidos ao que diziam os outros. Cortou por meio deles com a minha querida sobrinha, no escuro da noite, para longe do abismo da perdição.

«Velou a minha Emily esgotada até bastante tarde, no dia seguinte - prosseguiu Peggotty, que levou a mão ao peito arfante - e em seguida andou à minha procura, e também à sua, menino Davy. Não dissera à pequena o motivo por que saía, com medo de que lhe faltasse a coragem, mais uma vez, e tentasse esconder-se. Como é que aquela mulher cruel soube que Emily estava ali, é que não percebo. Talvez esse de quem tenho falado as visse entrar. Não importa. O principal é que a minha sobrinha está salva.

«Ficámos juntos toda a noite. Terá sido pouco, como tempo (segundo ela observou); e menos ainda se pensar o que vi desse rosto adorado; mas os seus braços, a noite inteira, cingiram-me o pescoço e a cabeça poisou-se-me no peito. E sabemos que podemos confiar um no outro, para sempre.

Calou-se, e a mão que poisara na mesa sugeria, pela sua imobilidade absoluta, uma vontade capaz de combater leões.

- Trot - interveio a tia Betsey - foi uma alegria para mim quando tomei a decisão de amadrinhar tua malograda irmã; mas, depois disso, nada me daria tanto prazer como ser madrinha do filho dessa mulher.

Daniel inclinou a cabeça para corroborar a senhora Trotwood, mas a sua

comoção não lhe permitiu falar do objecto dos seus desvelos. Mantivemos todos silêncio, imersos nas nossas reflexões. A tia enxugava os olhos, por momentos chegava a chorar convulsivamente, e depois ria como uma tonta. Acabei por dizer:

- Ainda não lhe perguntei, senhor Peggotty, se tem planos feitos para o futuro.

- Sim, senhor, e já os participei à Emily. Há muitos países, longe deste, e o nosso futuro estende-se além dos mares...

- Tia - observei - eles vão emigrar, os dois.

- É verdade, menino Davy. Na Austrália ninguém fará censuras à minha querida sobrinha. Aí começaremos uma vida nova.

Quis saber se já tinham fixado a data da partida.

- Esta manhãzinha fui às docas pedir informações acerca de navios. Dentro de seis semanas ou dois meses há um que deve partir. Vi-o e até subi a bordo. Embarcaremos nesse.

- Coitado do Ham! - sussurrei.

- A minha irmã trata-lhe da casa, e ele afeiçoou-se-lhe - explicou Peggotty à tia Betsey. Habituara-se a falar-lhe pacificamente, ao passo que, diante de outras pessoas, nem se decidia a abrir a boca. - Coitado do Ham, sim! - disse por seu turno, abanando a cabeça. - Poucas esperanças lhe ficaram na vida.

- E a senhora Gummidge? - indaguei.

- Ah, bem arreliado me trouxe - replicou o pescador, com. um olhar de perplexidade que a pouco e pouco se foi dissipando e que lhe surgia quando se ocupava da viúva. - Bem sabe o menino, se ela começa a pensar no defunto não se torna muito divertida. Aqui para nós, se eu não tivesse conhecido o velhote, achá-la-ia implicante, mas, como conheci os méritos do marido, posso desculpá-la.

Eu e a tia concordámos.

- A minha irmã... não digo sempre, mas, enfim, algumas vezes... talvez achasse a senhora Gummidge enfadonha. Por isso não tenciono deixá-la muito tempo com eles; hei-de encontrar onde a instale, para que viva sozinha, e, antes de me ir embora, deixo-lhe estabelecida uma pensão, para que não passe dificuldades. Não há ninguém mais fiel do que esta criatura. Com a idade que tem, não se lhe vai pedir que entre num navio e demande terra desconhecida, do

outro lado do mundo. Pois é isto que penso fazer dela.

Não se esquecia de ninguém. Acudia às necessidades de todos, excepto as de si mesmo.

- Emily fica comigo. Coitada, precisa de repouso, de paz! Prepara o vestuário de que vamos carecer. Depois, embarcamos. Espero que os seus desgostos se dissipem um tanto ao ver-se de novo envolvida pelo carinho do tio.

A tia Betsey, com um sinal de cabeça, confirmou essa esperança, o que Peggotty considerou como uma grande honra.

- Há ainda uma coisa, menino Davy - disse ele enfiando a mão na algibeira interior e tirando gravemente o maço de papéis que eu já tinha visto e que ele espalhou na mesa. - Existem estas notas, cinquenta libras e dez xelins. Quis acrescentar-lhes o dinheiro com o qual ela fugiu; perguntei-lhe quanto era (sem a informar do motivo) e já o pus de parte. Não sou perito neste assunto; quer fazer o favor de verificar?

Apresentou-me um bocado de papel, desculpando-se da sua ignorância, e olhou-me enquanto eu somava. A conta estava certa.

- Muito obrigado - replicou, guardando a importância. - Isto, se não põe objecção, menino Davy, vou meter num sobrescrito com o nome dele, e esse noutro sobrescrito endereçado à mãe. Direi, sem mais explicações, qual a sua procedência; que me vou embora e que não vale a pena devolver-mo.

Afirmei-lhe que achava muito bem, e que esse rasgo o dignificava.

- Disse que havia ainda uma coisa - prosseguiu Daniel com um sorriso pensativo. - Mas afinal eram duas. Eu não tinha a certeza, ao sair esta manhã, de poder anunciar ao Ham, em pessoa, o que acabava tão miraculosamente de acontecer.

Por isso lhe escrevi uma carta, que pus no correio, e na qual conto tudo o que se passou, acrescentando que iria lá amanhã para regularizar tudo mais e, naturalmente, despedir-me das pessoas de Yarmouth.

- E gostava que eu o acompanhasse? - perguntei, vendo que ele não despejara todo o saco.

- Se puder prestar-me esse grande favor, menino Davy - replicou Peggotty.

Como Dora, que tinha bom fundo, desejasse que eu fosse útil a Daniel (segundo ela me sugeriu em conversa), prometi que de boa vontade iria com ele. No dia seguinte, de manhã, tomámos a diligência de Yarmouth para aquele

trajecto tão nosso conhecido.

À noite, ao atravessarmos a rua familiar (com Peggotty a carregar a minha mala, apesar dos meus protestos), deitei uma olhadela à loja de Omer & Joram e lobriguei ali o velho a fumar o seu cachimbo.

Eu preferia não estar presente quando Daniel encontrasse a irmã e o sobrinho, de maneira que o senhor Omer me serviu de pretexto para ficar uns momentos atrás.

- Então como vai -inquiri ao entrar na loja - depois deste tempo todo?

O ancião desfez com um gesto o fumo, para ver quem era, e reconheceu-me, o que lhe deu satisfação.

- Deveria levantar-me, senhor Copperfield, para lhe agradecer a honra desta visita, mas tenho as pernas em tal estado que só me desloco em cadeirinha de rodas. À excepção, porém, das pernas e dos pulmões, posso dizer-lhe, cheio de gratidão, que estou tão bem como qualquer mortal.

Felicitei-o pelo seu bom aspecto e bom humor e verifiquei então que a sua poltrona tinha realmente rodas.

- É engenhoso, não é? - observou-me, seguindo a direcção do meu olhar e afagando o braço da poltrona. - E tão leve como uma pena e vai tão direita como a mala-posta. Basta dizer-lhe que a minha neta apoia nas costas a cabeça e eis-me a caminho! E então para se fumar cachimbo não há melhor instalação do que esta.

Nunca ninguém soube, mais do que ele, tomar as coisas tão alegremente. Estava tão radiante como se a poltrona, a asma, a paralisia das pernas fossem estratagemas inventados para lhe dar mais valor ao cachimbo.

- Afianço-lhe - disse-me - que vejo melhor a vida daqui donde me confino do que de outra maneira qualquer. Ficaria surpreendido se soubesse a porção de gente que se detém um momento para tagarelar comigo durante o dia. Além disso, acho mais que ler nas gazetas, sentado nesta cadeira, do que antigamente quando andava por fora. Quanto aos livros em geral, é incrível a quantidade que devoro! Eis o que faz a minha força.

Se a doença fosse nos olhos, que teria sido de mim? Mas, nas pernas, que importância tem? Quando as utilizava, só serviam para me tornar o fôlego mais curto. Agora, quando quero ir até à rua ou mesmo à praia, chamo o Dick, o aprendiz mais novo de Joram, e parto de carrinho como o presidente do Município de Londres!

Ao proferir estas palavras quase sufocava de riso.

- Meu Deus! - concluiu, retomando o cachimbo - é preciso aceitar as coisas boas e más ao mesmo tempo. A nossa função é habituarmo-nos. Sabe que o Joram tem feito bom negócio?

- Ainda bem.

- Calculei que a notícia lhe agradasse. Joram e Minnie continuam a ser dois pombinhos. Que podia eu desejar de melhor? Que valem as minhas pernas ao lado disso?-O desprezo supremo que testemunhava aos próprios membros, enquanto fumava na sua poltrona, constituía uma das mais deliciosas extravagâncias que eu conheci. - E depois que comecei a ler, o senhor, por sua banda, principiou a escrever, hem? - acrescentou com um olhar de admiração. - Que belo livro compôs! Que expressões soberbas! E quanto a ter vontade de dormir... ah, não!

Ri, para lhe demonstrar a minha satisfação. Mas devo aduzir que essa associação de ideias me pareceu significativa.

- Quando ponho esse livro em cima da mesa - continuou o senhor Omer - e o contemplo, um, dois, três volumes, palavra que me sinto orgulhoso ao pensar que tive a honra de conhecer a sua família. Há quanto tempo já! Em Blunderstone, onde uma linda criança repousa ao lado da mãe. E o senhor também era pequenino, nessa altura. Meu Deus, meu Deus!

Desviei a conversa e falei de Emily. Depois de lhe haver garantido que não me esquecera do interesse que ele lhe dedicara sempre e da bondade com que a tratara, fiz-lhe um relato sucinto da forma como o tio a encontrou, graças a Martha, o que, sabia eu, dava gosto ao velho. Escutou com a maior atenção e, quando acabei, disse-me comovido:

- Alegra-me deveras, senhor Copperfield! Há muito tempo que não ouvia notícias tão boas. Meu Deus, meu Deus! E agora que vão fazer em benefício dessa pobre Martha?

- Toca num ponto em que ultimamente tenho pensado, senhor Omer, mas acerca do qual ainda o não posso esclarecer. Daniel Peggotty não se explicou ainda e eu tenho escrúpulo de o interrogar neste assunto. Estou certo de que ele a não esqueceu; nunca se esquece de quem é bom e desinteressado.

- Pois, senhor Copperfield - volveu ele, retomando o curso dos seus pensamentos - façam o que fizerem, eu insisto em participar de qualquer acção. Inscreva-me pela soma que achar conveniente, e previna-me. Nunca acreditei que essa rapariga fosse má no fundo, e apraz-me saber que tinha razão. Minha

filha Minnie também vai ficar contente por ver que eu tinha razão. As raparigas gostam de nos contradizer de vez em quando (a mãe dela era assim!), mas possuem bom coração. O que Minnie diz de Martha é só por falar. Não me atrevo a contar-lhe os motivos pelos quais a minha filha acha necessário dar tanto à língua. É só por falar, acredite. Será capaz de fazer tudo pela outra, com a condição de a coisa ficar secreta. Então, senhor Copperfield, inscreva-me pela quantia que quiser, e mande-me informar para onde devo expedir o dinheiro. Meu Deus! - continuou o senhor Omer - quando a gente percebe que se aproxima o Instante em que o fim da existência se liga com a infância; quando, por mais forte que for, se vê passeado de carrinho, como um nené, o que o pode regozijar é praticar uma boa acção. Não falo particularmente de mim, a minha opinião é que estamos todos a descer a encosta, não interessa a idade. Rejubilemos, portanto, se nos deparar ocasião de praticar o bem!

Sacudiu a cinza do cachimbo, que poisou no rebordo arranjado para isso, no braço da poltrona, e recomeçou:

- Olhe o primo de Emily, esse que deveria ser o seu marido, um dos mais belos moços de Yarmouth. Pois saiba que vem cá muitas vezes conversar ou ler-me em voz alta, não raramente durante uma hora. Eis o que classifico de boa acção. A vida deste rapaz é toda generosidade.

- Eu vinha precisamente visitá-lo - declarei.

- Palavra? Diga-lhe então que vou indo bem, que lhe mando cumprimentos. Minnie e Joram estão num baile. Haviam de apreciar muito a sua visita, como eu, se se encontrassem em casa. Minnie quase nem quer sair, «por causa do papá», como ela diz. De maneira que esta noite jurei que me deitava às seis horas, se a rapariga não saísse! O resultado - o senhor Omer riu com tal estrondo do seu ardil que a poltrona e todo o corpo estremeceram - foi ela e Joram comparecerem no baile!

Estendi-lhe a mão e dei-lhe boa-noite.

- Um momento, senhor Copperfield. Se se vai embora sem ver o meu elefantinho, nem sabe o que perde. Nunca viu coisa parecida! Minnie!

A voz musical da netinha respondeu de algures do andar de cima.

- Cá estou, avô.

Era uma linda petiza, de compridos cabelos loiros e encaracolados. Entrou a correr na loja.

- Eis o meu elefantinho - disse o senhor Omer, acariciando a pequena. - De

raça siamesa! Vamos, elefantinho.

Minnie abriu a porta que dava para a sala, o que me permitiu ver que estava agora convertida em quarto do velho, pois ele não podia transportar-se ao andar superior. Depois, com a cabeça, empurrou a poltrona de rodas.

- O elefante empurra com a cabeça - disse o senhor Omer. - Vamos, elefantinho, um, dois, três!

A este sinal, a pequena, com uma destreza que parecia miraculosa, fez a poltrona rodar para a sala, sem tocar na porta, enquanto o avô se divertia sinceramente com esta proeza, e virava para mim a face radiante, com ar de triunfo, como se fosse a consequência dos seus próprios esforços.

Após uma volta pela povoação, fui ao domicílio de Ham. A minha velha criada vivia agora aí e alugara a casa ao sucessor do defunto Barkis, que por óptimo preço adquirira a carroça, o cavalo e a clientela. Creio que era ainda o mesmo cavalo do tempo de Barkis.

Encontrei-a na cozinha muito asseada, em companhia da senhora Gummidge, que Daniel Peggotty fora pessoalmente chamar ao barco-residência. Suponho que mais ninguém a convenceria a abandonar o seu posto. A Peggotty e a senhora Gummidge tinham os respectivos aventais a cobrir-lhes a cabeça. Ham saíra nesse momento para «dar um giro pela praia»; daí a pouco regressou, agradou-se muito da minha presença e eu julgo que realmente dei prazer a todos com a visita. Aludimos com entusiasmo às riquezas que Daniel iria acumular nesse país novo e às maravilhas que nos descreveria nas suas cartas. Não se pronunciou o nome de Emily, mas fizemos-lhe várias referências veladas. Foi Ham quem se exprimiu com maior serenidade.

A minha velha criada, ao acompanhar-me com uma vela ao seu quartinho (onde vi em cima da mesa o Livro dos Crocodilos), deu-me a entender que o rapaz tinha o coração alanceado, embora mostrasse sempre muita coragem e doçura e trabalhasse mais e melhor do que qualquer carpinteiro naval dessa costa. Havia ocasiões, à noite, disse-me ela, em que falava dos tempos do barco-residência e da infância de Emily, mas nunca da mocidade da rapariga.

Afigurara-se-me, por certos indícios, que Ham desejava encontrar-se a sós comigo. Resolvi, pois, pôr-me a caminho, no dia seguinte, à tarde, a fim de o topar na volta do trabalho. Com esta decisão, adormeci. Nessa noite, pela primeira vez desde há muito tempo, a vela desapareceu de trás das vidraças da janela; Daniel dormiu na sua velha rede e o vento murmurou-lhe em torno da casa a sua canção de embalar.

. No outro dia, ele vendeu o barco e os apetrechos de pesca. Para Londres, mandou tudo aquilo de que podia precisar; desfez-se do resto ou deu-o à senhora Gummidge, que ficou todo o dia a acompanhá-lo. Como me assaltasse o desejo saudoso de rever o velho barco, disse-lhes que iria lá ter nessa noite. Mas fiz as coisas de forma a poder avistar-me, antes, com o sobrinho.

Era fácil encontrá-lo, pois sabia onde o rapaz trabalhava. Dei com ele, de facto, numa região deserta da praia, que eu sabia ser seu ponto de passagem. Não me enganei quanto à suspeita de que pretendia conversar comigo.

- Viu-a, menino Davy? - foi logo a sua primeira pergunta.

- Só um instante, e desmaiada - respondi-lhe brandamente. Daí a um minuto recomeçou:

- Espera vê-la, menino Davy?

- Seria penoso para ela, parece-me.

- Sim, também creio.

- Ham - disse-lhe com doçura - posso escrever-lhe da sua parte, no caso de me ser impossível falar-lhe directamente. Desempenhar-me-ei disso como de uma missão sagrada.

- Acredito, e agradeço-lhe do coração. Penso que há qualquer coisa que ela devia saber.

- O quê?

Demos uns passos em silêncio, e o rapaz explicou:

- Não é que eu lhe perdoe. Não, não é isso. Antes serei eu a pedir-lhe perdão por lhe haver imposto o meu amor. Às vezes considero que, se a Emily não tivesse prometido casar comigo, mostrar-me-ia tanta confiança fraterna que talvez me houvesse contado o que a atormentava e pedido conselho. Talvez eu a tivesse salvado.

Peguei-lhe na mão.

- Nada mais?

- Há ainda outra coisa, menino David, se é que sou capaz de me explicar.

Andámos desta vez maior espaço em silêncio antes que Ham retomasse a palavra. As pausas que eu indicar por reticências não significam que ele chorasse, mas apenas que se recolhia para se expressar com mais clareza.

- Amava-... e amo a saudade que sinto... tão profundamente... que seria,

capaz de a fazer crer que sou feliz. Só podia ser feliz esquecendo-a... mas não acho que tenha coragem de a deixar supor tal coisa. No entanto, o menino Davy, que é tão hábil, talvez descobrisse o que se deve dizer para que ela não julgue que eu sofro muito... embora a estime sempre e esteja tão triste... Não vá imaginar que estou fatigado da vida... se bem que espere reencontrá-la, sem recriminações... lá onde os perversos deixam de fazer mal e os aflitos têm repouso... para que os remorsos dela sejam apaziguados... apesar de saber que eu não poderia casar com outra... Diga-lhe que rezo por sua intenção... pelo muito amor que lhe tinha...

Apertei-lhe outra vez a mão viril e garanti-lhe que transmitiria tudo isso o melhor que pudesse.

- Muito obrigado, menino Davy. Foi bondade sua vir ao meu encontro. E ter acompanhado aqui o meu tio. A minha tia viúva deve ir a Londres antes da partida deles, de maneira que se acharão todos mais uma vez reunidos. Eu é que não tornarei a ver, isso bem no sei, o meu tio Daniel. Não o dizemos, mas sentimos. E mais vale que assim seja. A última vez que lhe falar, peço-lhe que lhe diga... quanta afeição e gratidão de órfão lhe tributo. Foi para mim mais do que um pai.

Também lhe fiz esta promessa, e da melhor vontade.

Com um gesto de mão, que significava a sua impossibilidade de tornar a entrar no barco-residência, Ham afastou-se.

Fiquei a vê-lo atravssar a praia, ao luar, e prosseguir o seu caminho, até ao momento em que se perdeu na distância.

A porta do barco-residência estava aberta e, ao entrar, achei-o vazio de todo o mobiliário, salvo um dos velhos baús, no qual estava sentada a senhora Gummidge, com um cabaz ao colo e de olhos fitos em Daniel Peggotty. Este, de cotovelo apoiado no fogão, via esmorecerem as brasas no fundo da lareira. Quando me pressentiu, ergueu a cabeça e falou com desembaraço.

- Com que então, menino Davy, vem dizer adeus como prometeu? - Pegou na vela, para iluminar o quarto, e acrescentou:

- Está nu de tudo, hem?

- Vejo que não perdeu o seu tempo.

- Não, não nos estivemos a divertir. A senhora Gummidge trabalhou como... - E Peggotty olhou para ela, esperando provocar-lhe um sorriso aprovador.

A mulher, curvada sobre o cabaz, não respondeu.

- Ali está o baú em cima do qual se sentava, sempre com a Emily - disse-me ela em voz baixa. - Levá-lo-ei comigo, assim como tudo mais. E olhe o seu aposento, menino Davy. Não se podia desejar maior desolação.

Na verdade, o vento, embora fraco, tinha um rumor solene e envolvia a casa abandonada, como se numa queixa lúgubre. Tudo desaparecera, até o espelhinho com moldura de embrechado. Lembrei-me das noites que ali passara, da rapariga de olhos azuis que me havia enfeitiçado tanto; lembrei-me de Steerforth - e logo me acudiu a ideia louca de que ele estivesse perto e eu o fosse encontrar de um momento para outro.

- Isto vai levar tempo - observou Peggotty, baixando a voz

- para achar novos inquilinos. Hão-de crer, agora, que dá pouca sorte!

- Pertence a alguém destas redondezas? - inquiri.

- A um construtor de mastros, que mora na parte alta da cidade. Esta noite vou entregar-lhe a chave.

Dirigimo-nos a outro aposento e voltámos junto da senhora Gummidge, sempre sentada no baú. Ao descansar o castiçal no fogão, Peggotty pediu-lhe que se levantasse, a fim de poder retirar aquele móvel antes de apagar a luz.

- Daniel - disse-lhe a viúva, largando o cabaz e agarrando-se ao seu protector - meu caro Daniel, as últimas palavras que quero proferir nesta casa é que não deve deixar-me. Com certeza não tem essa tenção, não é verdade?

Peggotty, estupefacto, relanceou a vista por mim e pela senhora Gummidge, como se despertasse de um sonho. Ela continuou, suplicante:

- Oh, não, Daniel, não! Leve-me consigo. Servi-lo-ei com fidelidade. Se há escravos nesse país para onde vai, serei eu a sua escrava, e com alegria; mas não me abandone, Daniel!

- Boa alma - retorquiu ele, abanando a cabeça - não faz ideia da duração desta viagem nem da nossa vida lá longe.

- Calculo, Daniel. Mas, pela primeira vez sob este tecto, digo-Lhe que voltarei aqui para morrer, se não me levar consigo. Sei trabalhar. Sei viver com dureza. Sei ser paciente e dócil, mais do que imagina. Ao menos experimente, Daniel! Não levantarei a minha pensão, ainda que esteja cheia de fome, mas irei consigo e com a Emily até ao fim do mundo, se mo consentir! Sei muito bem o que há, sei que me supõe uma inútil, mas já não é assim, Daniel: tanto pensei nas suas desgraças que fiquei um pouco melhor. Menino Davy, interceda por mim. Conheço os desgostos deles, conheço os hábitos da Emily, talvez os possa

consolar de vez em quando, ao mesmo tempo que trabalho. Daniel, meu caro Daniel, deixe-me partir consigo!

E a senhora Gummidge pegou na mão do pescador e beijou-a com afecto simples e comovente, num transporte humilde de abnegação e reconhecimento que ele bem merecia.

Pusemos o baú cá fora, apagámos a vela, fechámos a porta à chave e partimos, deixando o velho barco bem guardado, semelhante a um ponto negro no meio da noite.

No dia seguinte, quando nos encontrámos na imperial da diligência, a caminho de Londres, a senhora Gummidge e o seu cabaz já estavam no banco traseiro e ela resplandecia de satisfação.

LII. ASSISTO A UMA EXPLOSÃO

Quando estávamos a vinte e quatro horas do dia tão misteriosamente fixado pelo senhor Micawber, reunimo-nos, eu e a tia, para combinar o que faríamos, pois ela hesitava ainda em deixar a Dora só. Ah, com que facilidade eu levava agora ao colo minha mulher, de manhã e à noite, devido à sua magreza!

Pendíamos, apesar das recomendações de Micawber, para a solução de a tia ficar em casa e ser representada por mim e pelo senhor Dick. Tínhamos chegado a esta resolução quando Dora estragou o projecto declarando que jamais perdoaria, a si mesma e ao mauzão do marido se Betsey lhe fizesse companhia, sob qualquer pretexto.

- Não lhe falo mais - declarou Dora, sacudindo os caracóis. - Vou ser antipática. Mandarei o Jip ladrar-lhe todo o dia. Se a senhora não for, convenço-me de que é uma velha embirrenta.

- Botãozinho de rosa - respondeu a tia, rindo -- bem sabes que não podes passar sem mim.

- Posso, sim, senhora. Não me presta nenhum serviço. Só me conta histórias desagradáveis de quando Doady era pequeno e chegou a casa coberto de pó, com os sapatos esburacados. Nunca diz nada que me dê prazer! - Mas logo acrescentou, beijando Betsey: - Isto é a brincar!

Não fosse a senhora Trotwood tomá-la a sério...

- Mas ao menos escute - continuou Dora. - A senhora tem de ir. Não a deixo em paz sem me prometer que vai. Tornarei a vida deste mau marido de tal forma horrorosa, se ele não a obrigar a ir! E tome cuidado com o Jip, hem? Demais a mais - acrescentou, lançando para trás os cabelos soltos e olhando-nos com ar interrogativo - por que não haveriam de ir os dois? Eu não estou assim tão doente! Ou estarei?

- Que pergunta, filha - replicou a tia.

- Que ideia! - disse por meu turno.

- Bem sei que sou uma tonta! - disse ela olhando atentamente ora para um ora para outro de nós, e estendendo os lindos lábios para nos beijar, ao mesmo tempo que reclinava a cabeça no travesseiro. - Está pois combinado que vão ambos; de outro modo não os acreditarei e começo a chorar.

Vi então na fisionomia de Betsey que ela principiava a ceder, e assim o rosto de Dora iluminou-se, pois que também tivera a mesma desconfiança.

- À volta terão tanto que me contar! E eu levarei uma semana a compreendê-los; tenho a certeza de que os não compreenderei logo, se se tratar de negócios. Não há dúvida de que se trata de negócios. Demais a mais, se houver contas de somar, nunca eu as perceberei. Ah, já estou a ver a cara deste mauzão! Enfim, está decidido que vão os dois, hem? É apenas uma noite, o Jip ocupar-se-á de mim. Doady leva-me já para cima, antes de sair, e eu só tornarei a descer depois de voltarem. Digam à Agnes que lhe ralho muito porque nunca me vem visitar.

Sem mais discussão, consentimos em partir, mas declarámos a Dora que era uma hipòcritazinha, que se fingia mais doente do que estava, só para ter aqueles mimos. Minha mulher ficou contente e mostrou-se bem disposta com a solução. Nessa mesma tarde partimos os quatro, isto é, a tia, o senhor Dick, Traddles e eu, para Cantuária, tomando a mala-posta de Dover.

No hotel em que Micawber nos pedira que esperássemos, e onde fomos admitidos, com certa dificuldade, em plena noite, encontrei uma carta em que ele anunciava a sua vinda no dia seguinte de manhã, às nove horas e meia em ponto.

Depois disso recolhemos enregelados, a essa hora incómoda, às respectivas camas, atravessando corredores compridos, sem ar, cujo cheiro fazia supor que estavam há anos imersos numa atmosfera de cozinha e de cavalariça.

Cedinho, no outro dia, fui vaguear pelas ruas velhas e tranquilas da cidade, entre pórticos antigos e igrejas veneráveis. As gralhas voavam derredor das torres da catedral, e as mesmas torres, olhando sempre para a extensão imutável dos campos férteis cortados de arroios claros, recortavam-se no céu puro da manhã como se aquela terra não sofresse a mínima alteração. Contudo, quando os sinos soaram, foi para me falar com Voz triste de mudanças por toda a parte, da sua velhice e da mocidade de Dora, e de todos quantos, não tendo chegado a velhos, tinham vivido, amado e desaparecido. E as últimas vibrações das badaladas punham gemidos na armadura enferrujada do Príncipe Negro, que lá pendia, despertavam partículas de pó na profundidade do tempo e dissipavam-se no espaço como círculos na água.

Observei a velha casa do canto da rua, mas sem me aproximar, receoso de ser visto e de prejudicar involuntariamente o êxito do plano que eu viera servir. O sol matutino dardejava oblíquo sobre as empenas e as janelas, cujas vidraças doirava, e ao meu coração pareceu transmitir-se um pouco da sua paz.

Deambulei em seguida, por uma hora, no campo, e regressei pela rua direita, que entretanto acordara do seu repouso nocturno. Entre as pessoas que se azafamavam nas lojas, reconheci o meu inimigo de outrora, o rapaz do talho, promovido actualmente à dignidade de patrão, com as suas botas altas e acompanhado de uma criança. Acalentava o filho e tinha o aspecto de respeitável membro da colectividade.

Estávamos impacientes, inquietos, quando tomámos lugar à mesa. É que nos aproximávamos das nove e meia e assim a expectativa tornava-se ansiosa. Depressa deixámos de fingir que nos ocupávamos do almoço, que desde o começo fora para nós - salvo o senhor Dick - mera formalidade. Betsey passeou cá e lá na sala, Traddles foi sentar-se no canapé e eu fui até à janela para espiar a chegada do senhor Micawber. Não precisámos de esperar muito tempo, porque ao dar o relógio a meia hora ele apareceu na rua.

- Aí vem! - gritei. - E sem o traje «jurídico».

A tia apertou as fitas do chapéu (trouxera-o para a mesa do almoço) e pôs o xaile como quem se apresta para um acto solene. Traddles abotoou o casaco com ar resoluto. O senhor Dick, alarmado com estes preparativos, mas julgando necessário imitá-los, carregou com as duas mãos o chapéu na cabeça... e tirou-o logo para saudar o recém-vindo.

- Minha senhora e meus senhores, bom dia, cavalheiro - isto ao senhor Dick, que lhe apertava freneticamente a mão - é realmente muito amável...

- Já almoçou? - perguntou Dick. - Coma uma costeleta.

- Por nada deste mundo, cavalheiro - respondeu Micawber, detendo o outro, que já ia tocar a campainha. - Eu e o apetite, senhor Dixon, estamos de relações cortadas há muito tempo.

Dixon ficou tão contente por ouvir que o tratavam por este nome (o que considerava grande favor), que tornou a apertar a dextra de Micawber e riu como uma criança.

- Atenção, Dick - ordenou Betsey.

Dick, corando, assumiu um ar de seriedade.

- E agora, senhor Micawber - continuou a tia, calçando as luvas - estamos prontos para o Vesúvio ou seja lá o que for, desde que o deseje.

- Minha senhora - replicou este - creio que vão assistir dentro de pouco a uma erupção. Doutor Traddles, permite-me, espero, revelar que temos trocado correspondência?

- Certamente. Copperfield - acrescentou Traddles, que eu olhava com surpresa - o senhor Micawber consultou-me acerca das suas intenções e eu aconselhei-o o melhor que pude.

- Se não me engano, doutor Traddles, o que se vai seguir é uma comunicação importante.

- Em extremo - confirmou Traddles.

- Nestas condições, minha senhora e meus senhores, talvez me consintam a honra de lhes submeter, por agora, as directrizes de um homem que, não merecendo embora ser visto sob outro aspecto que o de ente abandonado na praia da natureza humana, é contudo seu semelhante, ainda que sob forma deturpada do original por via dos erros humanos e a força acumulada de um produto de circunstâncias...

- Temos inteira confiança no senhor - retorquiu - e faremos o que desejar.

- Senhor Copperfield, a sua confiança, no caso presente, é muito bem aceite. Pedir-lhes-ei, pois, dispensa de cinco minutos, e esperarei que vão informar-se da saúde da senhora Wickfield ao escritório de Wickfield & Heep, onde sou empregado.

Assim falando, e com grande pasmo da minha parte, englobou-nos no mesmo cumprimento e desapareceu. Os seus modos eram altamente distantes, e tinha o rosto muito pálido.

Traddles limitou-se a sorrir e fez com a cabeça um sinal de concordância (os cabelos haviam-se-lhe eriçado) quando olhámos para ele à cata de mais explicações. Então tirei o relógio e, como último recurso, contei até cinco minutos. A senhora Trotwood, com o seu na mão, fez o mesmo. Expirado que foi o prazo, Traddles deu-lhe o braço e nós partimos em cortejo para o velho prédio, sem trocar palavra pelo caminho.

Encontrámos Micawber à sua secretária, na torrinha do rés-do-chão. Escrevia, ou fingia escrever, com ardor. A régua grossa, que enfiara no colete, não estava tão bem escondida como ele supunha, e, surgindo umas polegadas abaixo do queixo, assemelhava-se a um plastrão de novo género.

Como parecesse que todos aguardavam ser eu a usar da palavra, perguntei em voz alta:

- Passou bem, senhor Micawber?

- Senhor Copperfield - respondeu ele gravemente - confio em que esteja de óptima saúde.

- A senhora Wickfield está em casa? - inquiri.

- O pai, com febre devido ao reumatismo, conserva-se de cama; a filha, porém, terá muito gosto, creio, em receber velhos amigos. Querem seguir-me?

Precedeu-nos na sala de jantar (a primeira divisão da residência onde eu havia entrado outrora) e, abrindo de par em par a porta do antigo gabinete de Wickfield, anunciou com voz estentórea:

- A senhora Trotwood, o senhor David Copperfield, o doutor Traddles e o senhor Dixon!

Eu não voltara a ver Uriah Heep depois da cena da bofetada. A nossa visita não deixou de o surpreender, tanto quanto nos surpreendia a nós mesmos. Não franzia as sobrancelhas, porque na verdade não as tinha, mas uniu de tal maneira as pálpebras que os olhinhos desapareceram quase por completo, e a mão ossuda que levou ao queixo denotou a inquietação que dele se apoderara. Isto, todavia, só demorou um instante, o tempo necessário para eu entrar na sala e o lobrigar por cima do ombro da minha tia. Daí a um segundo, o homem mostrava-se tão humilde e obsequioso como nunca.

- Sim, senhores, palavra que se pode considerar uma boa surpresa! Todos os meus amigos de São Paulo visitando-me ao mesmo tempo! Eis um prazer que eu não esperava. Senhor Copperfield, confio em que passe bem e, se me permite exprimir um humilde voto, que esteja de boa disposição para com aqueles que lhe serão sempre afeiçoados, quer o senhor queira ou não queira. Oxalá a senhora Copperfield tenha sentido melhoras. Inquietámo-nos muito com as más notícias que nos deram quanto á sua saúde nestes últimos tempos, acredite!

Eu não queria consentir que ele me apertasse a mão, mas como evitá-lo?

- As coisas modificaram-se muito por aqui, minha senhora, desde a época em que eu era humilde empregado e lhe segurava no cavalo, quando a senhora chegava cá - disse Heep à tia Betsey, com o seu sorriso mais melífluo. - Eu, porém, não mudei, senhora Trotwood.

- Na verdade - respondeu ela - acho que cumpriu as promessas da sua mocidade, se é que isto lhe pode dar satisfação!

- Obrigado, minha senhora, pela sua bondosa opinião - redarguiu Heep com uma das suas mais horrorosas contorções. - Micawber, previna a senhora Wickfield e a minha mãe. A mamã vai ficar deslumbrada quando vir tão distinta companhia - rematou ele, oferecendo cadeiras.

- Não estava ocupado, senhor Heep? - perguntou Traddles, cujo olhar

acabava de se cruzar com aquele olhar dissimulado que nos espiava e nos evitava ao mesmo tempo.

- Não, senhor doutor - volveu Uriah, retomando a cadeira à secretária e apertando uma na outra as mãos magras, palma contra palma, entre os joelhos esqueléticos. - Não tanto quanto desejaria. Mas, como sabe, os homens de leis, os tubarões e as sanguessugas são insaciáveis. E claro que não nos falta trabalho, para mim e para Micawber, visto que o doutor Wickfield se acha mais ou menos impossibilitado. Posso dizer, contudo, que é tanto por gosto como por obrigação que o substituímos. Creio que não o conheceu intimamente, não é verdade, doutor Traddles? Parece-me que só uma vez tive a honra de o encontrar aqui.

- Realmente, não o conheci tanto como isso - ripostou Traddles. - Aliás tê-lo-ia vindo procurar mais cedo, senhor Heep.

Havia qualquer coisa no tom desta resposta que obrigou Heep a relancear o seu interlocutor com sinistra expressão de desconfiança. Mas esta desapareceu ao deparar-se-lhe a boa figura de Traddles, as suas maneiras simples, os seus cabelos à escovinha; e Uriah recomeçou, com uma crispação nervosa no esguio corpo descarnado, mas sobretudo na garganta:

- Lastimo, doutor Traddles. Tê-lo-ia certamente estimado tanto como nós todos. As suas pequeninas fraquezas torná-lo-iam mais querido. Mas, se quer ouvir falar com eloquência do meu sócio, dirija-se ao senhor Copperfield. A família Wickfield é assunto sobre que ele está bem informado; se não o escutou ainda, aconselho-o a que o faça.

Não me competia recusar este cumprimento, mas nessa altura Agnes entrou, escoltada por Micawber. Achei-a menos senhora de si que de costume; parecia cansada e ansiosa. Todavia a cordialidade sincera e a beleza calma, que eram seu apanágio, brilhavam com uma luz mais suave.

Vi Uriah observá-la enquanto ela nos saudava, e a impressão que me deu foi de um génio mau contemplando um espírito benéfico. Durante esse tempo, Micawber e Traddles trocaram um breve sinal; o último deixou a sala, sem que ninguém notasse, excepto eu.

- Pode retirar-se, Micawber - disse Uriah.

Micawber, porém, com os dedos no regrão enfiado no colete, continuou de pé defronte da porta, olhando decididamente aquele homem, que era seu patrão, como de igual para igual.

- Que espera? - insistiu Uriah. - Micawber, não ouviu que lhe dei ordem para se retirar?

- Ouvi - respondeu Micawber, impassível.

- Então por que fica aí?

- Porque... ora, porque me apraz!

As faces de Uriah perderam o resto de cor e uma palidez malsã, apenas matizada pelo reflexo do rubor que lhe subira à testa, invadiu-as por completo. Mirou atentamente o seu ajudante, num ar de expectação, ofegando.

- É um indisciplinado, como todos sabem - disse-lhe com um sorriso amarelo - e bem suspeito que terei de o despedir. Saia! Falar-lhe-ei mais tarde.

- Se há velhacos neste mundo - exclamou de súbito Micawber, com inesperada violência - o maior de todos dá pelo nome de... HEEP!

Uriah recuou, como se o tivessem espancado ou mordido. Percorrendo-nos lentamente com o olhar, com a expressão mais sinistra de que o seu semblante podia ser susceptível, murmurou em voz sufocada:

- Oh! Trata-se de uma conspiração? Marcaram entrevista para aqui? Está conluiado com o meu ajudante, senhor Copperfield? Pois bem, tome cuidado. Isto não trará consequências. Sabemos de que força somos, eu e o senhor. Entre nós só existe antipatia. Sempre se mostrou, desde o primeiro dia que para cá veio, um pretensiosozinho, e agora tem inveja do meu êxito. Não é assim? Mas nada de maquinações contra mim! Derrotá-lo-ei neste campo. Desapareça, Micawber, daqui a pouco irei falar consigo.

- Senhor Micawber - intervim - este indivíduo acaba de mudar repentinamente sob muitos aspectos. Já é extraordinário que ele tivesse dito a verdade acerca de um ponto. Tudo me demonstra que está em apuros. Trate-o, portanto, como merece.

- Ah, que súcia! - replicou Uriah com a mesma voz surda, enxugando com a mão lívida o suor que lhe escorria da testa.

- Comprar o meu empregado, que é a escória da sociedade (tal qual o senhor Copperfield antes que se condoessem dele, como se sabe!), para me desonrar com as suas mentiras! Senhora Trotwood, devia pôr cobro a esta brincadeira... ou então eu é que porei cobro ao vagabundo do seu marido, mais depressa do que a senhora desejaria. Se a minha profissão me deu azo a conhecer a sua história, dela saberei servir-me, não tenha dúvida. Menina Wickfield, se mantém alguma afeição ao seu pai, mais vale que não se junte a esta corja. Alguns dos presentes tenho-os nas mãos. Pois que reflictam enquanto é tempo. E você em especial, Micawber, pense se não deseja ser liquidado. Aconselho-o a

retirar-se e a esperar que eu o procure, seu imbecil. Onde está a minha mãe? - perguntou de súbito, percebendo com ansiedade que Traddles se ausentara e puxando pelo cordão da campainha.

- Lindo procedimento, na minha própria casa!

- A senhora Heep está aqui - disse Traddles, que voltava com a digna mãe de semelhante filho. - Tomei a liberdade de me apresentar a ela.

- Quem é o senhor para se apresentar assim? E que faz aqui?

- Sou o procurador e amigo do doutor Wickfield - participou Traddles em tom calmo. - Tenho plenos poderes para agir quando for preciso.

- À força de beber, esse velho louco recaiu na infância e a procuração deve ter-lhe sido extorquida fraudulentamente - disse Uriah, com ar mais sinistro do que nunca.

- Sim, alguma coisa foi extorquida fraudulentamente - observou Traddles, sem se perturbar. - Eu sei, e o senhor Heep também sabe. Vamos submeter esta questão ao senhor Micawber, se nos permite.

- Ury! - bradou a senhora Heep, num tom que revelava angústia.

- Cale-se, mamã! Quanto menos se disser, melhor.

- Mas, Ury...

- Já lhe pedi que se calasse. Deixe-me tratar deste assunto.

Embora eu soubesse há muito que a sua amabilidade era fingida e as suas maneiras pérfidas e enganadoras, nunca havia apreciado a extensão daquela hipocrisia até ao momento em que o vi finalmente sem máscara. A rapidez com que ele a deixou cair, ao compreender que estava apanhado no laço, a maldade, insolência e ódio que deixou transparecer; o ricto que lhe dava ainda a alegria de pensar em todo o mal que havia feito (embora se sentisse perdido e já sem possibilidade de desforra), tudo isto, apesar de conforme à experiência que eu tinha dele, tomou-me a princípio de improviso, a mim, que o conhecia desde longa data e o detestava tão cordialmente.

Não me ocuparei do olhar que me lançou quando nos contemplou um após outro; sempre me convencera de que me detestava e se não esquecia da marca dos meus dedos na sua cara. Mas quando o olhar dele se poisou em Agnes, e eu vi a raiva que sentia por lhe escapar todo o poder sobre essa vítima (e a exibição, perante o malogro, da paixão odiosa que o forçara a aspirar a uma pessoa cujas virtudes jamais soubera apreciar), revoltou-me só a ideia de que ela devia viver

nas imediações daquele homem.

Após haver coçado por certo tempo a parte inferior do queixo, sempre a mirar-nos com aqueles olhos maus por cima dos dedos sinistros, Heep dirigiu-se mais uma vez a mim, num tom meio suplicante meio insultuoso.

- Considerará lícito uma coisa destas, senhor Copperfield, o senhor que se gaba de ser tão cavalheiro? Insinuar-se na minha casa e em seguida escutar às portas com o meu empregado? Se fosse eu, que fizesse semelhante coisa, nada haveria de extraordinário, pois não me faço passar por bem educado, embora nunca fosse vagabundo, como foi o senhor, segundo conta Micawber; mas o senhor Copperfield! Não receia proceder dessa forma? Não pensou no que eu posso fazer em retribuição nem nos inconvenientes que resultariam se o acusasse de cumplicidade delituosa? Muito bem. Veremos. O senhor... não sei quê... ia fazer uma pergunta a Micawber. Pois que a faça. Por que espera? Ele decorou a lição, como se vê...

Notando que nada disto produzia qualquer efeito na assistência, sentou-se na borda da mesa, com as mãos nos bolsos e um dos pés chatos passado sobre a outra perna, e esperou sem se mexer o que pudesse seguir-se.

Micawber, a quem eu com muita dificuldade contive a impetuosidade e que, por várias vezes, interviera com apartes, Micawber precipitou-se finalmente para diante, tirou o regrão do colete (na aparência à laia de arma defensiva) e extraiu da algibeira uma folha imensa de papel dobrada em forma de carta.

Desdobrou-a com o seu velho gesto nobre e, contemplando o conteúdo como se alimentasse grande admiração pela arte do seu estilo, principiou a ler o que se segue:

«Minha senhora e meus senhores...»

- Deus me acuda! - exclamou a meia voz a tia Betsey. - Este homem escreve cartas às resmas!

Sem lhe prestar atenção, Micawber continuou:

«... Ao vir denunciar perante os senhores talvez o mais consumado dos patifes... - Sem desviar a vista do papel, brandiu a régua, como uma batuta magistral, na direcção da cabeça de Uriah. - ... eu não peço clemência para mim. Exposto desde o meu nascimento a obrigações pecuniárias que não podia satisfazer, sempre fui joguete de circunstâncias degradantes. A Ignorância, a

Necessidade, o Desespero e a Loucura têm, colectiva ou separadamente, sido os servidores da minha carreira.»

O prazer com que Micawber se apresentava como vítima de horríveis catástrofes igualava a pompa com que lia o memorial e a espécie de homenagem que ele prestava à sua obra, meneando a cabeça quando havia um período que lhe agradava em cheio.

«Foi debaixo deste peso da Ignomínia, Necessidade, Desespero e Loucura que entrei no cartório da firma conhecida pelo nome de Wickfield & Heep, mas realmente dirigido por HEEP. HEEP só é a mola oculta desta máquina. HEEP o falsário. HEEP o embusteiro.»

Ao escutar estas últimas palavras, Uriah tomou uma lividez azulada, deu um pulo como para se apoderar do papel e rasgá-lo. Micawber, com prodigiosa habilidade, ou muita sorte, deixou cair a régua que tinha entre os dedos sobre a mão do seu antagonista, que a dobrou. O golpe soou seco, dir-se-ia que se partira um pedaço de madeira.

- Diabos o levem! - exclamou Heep contorcendo-se de forma nova, desta vez em consequência da dor sentida. - Despedi-lo-ei!

- Aproxime-se mais, seu HEEP... {17} de infâmia - ripostou ofegante Micawber. - Se tem cabeça, eu já lha arrebento. Aproxime-se, sendo capaz!

Creio bem que jamais vira coisa tão ridícula (mesmo na ocasião o notei): Micawber en garde com o regrão e gritando «Aproxime-se», ao passo que eu e Traddles o repelíamos para um canto, donde ele teimava em sair logo.

O adversário, resmungando entre dentes, depois de haver torcido e retorcido por momentos a mão magoada, acabou por tirar lentamente o lenço para a envolver, e em seguida, segurando-a com a outra, sentou-se de ar soturno, sobre a mesa, baixando a cabeça.

Micawber, vendo-o suficientemente sossegado, recomeçou a leitura:

«Os emolumentos, em virtude dos quais me resolvi a entrar para o serviço de HEEP - detinha-se sempre perante este nome e proferia-o com energia surpreendente - não estavam determinados, excepto quanto à soma irrisória de vinte e dois xelins e seis dinheiros por semana. O resto devia depender do valor dos meus serviços, ou, por outros termos mais expressivos, da mesquinhez da sua natureza, da cupidez dos meus móbiles, da pobreza da minha família, da maior ou menor semelhança moral (ou antes, imoral) entre mim e HEEP. Precisarei observar que em breve me vi forçado a solicitar dele adiantamentos monetários para o estipêndio de minha mulher e filhos, que embora esfaimados

iam crescendo? Necessitarei dizer que esta conjuntura fora prevista por HEEP? Que esses adiantamentos foram garantidos por letras e outras formas de reconhecimento de dívida, autorizadas pelas instituições jurídicas deste país? Que deste modo caí na rede que ele me preparara!»

A alegria que a sua destreza epistolar proporcionava a Micawber, na descrição deste triste estado de coisas, parecia largamente compensar-lhe o desgosto e as preocupações que a realidade pudesse ter-lhe causado. E prosseguiu:

«Foi então que HEEP começou a conceder-nos a sua confiança, pelo menos tanta quanto o exigia a realização das suas manobras infernais. Foi então que principiei, se posso exprimir-me num estilo shakespeariano, a languescer, a definhar-me, a consumir-me. Os meus serviços eram constantemente solicitados para falsificar documentos e mistificar uma personagem que designarei sob a inicial de sr. W. Este sr. W. estava a ser enganado, mantido na ignorância, iludido de todas as maneiras possíveis, mas entretanto o celerado do HEEP fingia perante ele uma gratidão e um afecto sem limites. Isto era de si já muito grave, mas como diz algures o príncipe dinamarquês dos filósofos, com essa naturalidade universal que caracteriza o mais ilustre ornamento da época isabelina: «o pior está ainda por vir!»

Micawber sentiu-se tão contente com esta citação tão bem colocada que se brindou (e nos brindou) com segunda leitura da frase, simulando haver perdido o fio do discurso.

é minha intenção - continuou - enumerar aqui com minúcias as várias prevaricações de importância secundária de que fui cúmplice com o meu silêncio. O meu propósito, quando cessei a luta que em mim se travava entre comer e não comer, existir e não existir, foi aproveitar a oportunidade que tinha de descobrir e denunciar os principais latrocínios cometidos à custa desse cavalheiro W. pelo réu HEEP. Calando-me interiormente, por sugestão dessa conselheira muda que Deus nos deu, e, exteriormente, por uma conselheira não menos convincente que nomearei também pela letra W. (a senhora W.), consagrei-me à tarefa árdua de investigador clandestino, tarefa que prossegue, tanto quanto sei, e creia e posso afirmar, há mais de uma dúzia de lunações.»

Leu este passo como se se tratasse de um Acto do Parlamento. Parecia imensamente reconfortado pelo simples som das palavras.

«As minhas acusações contra HEEP - acrescentou com um relance de vista na direcção deste e um movimento da régua colocada sob o braço esquerdo, para a ter pronta em caso de necessidade - são as que seguem.»

Retivemos a respiração, tanto quanto me recorda. Em todo o caso, tenho a certeza de que Uriah continha a sua. Micawber leu: «Em primeiro lugar: quando as faculdades e a memória do senhor W., por motivos que não vêm para o caso, principiaram a decrescer, HEEP complicou e intrincou voluntariamente os processos do cartório. Se W. estava menos apto a se ocupar dos autos, HEEP forçava-o a isso; foi assim que obteve a assinatura de W. em documentos importantes que lhe eram apresentados como de importância secundária. Levou nas mesmas condições W. a autorizar que se dispusesse de um depósito de doze mil seiscentas e catorze libras, dois xelins e nove dinheiros, que empregou para pagamento de falsas despesas ou défices que ou já estavam cobertos ou nunca tinham existido. Deu a esta operação a aparência de ter sido iniciada de modo infeliz e não desgraçadamente concluída; e depois disso serviu-se dela como meio de extorsão por ameaças e instrumento de tortura.»

- Tem de provar o que ele diz, Copperfield! - acudiu Uriah, sacudindo a cabeça com ar ameaçador. - Tudo em seu devido tempo.

Mas Micawber interveio, dizendo:

- Pergunte a HEEP, doutor Traddles, quem lhe sucedeu na casa que ele habitava.

- É esse imbecil em pessoa - volveu Heep em tom desdenhoso.

- E pergunte a HEEP se nunca guardou nessa casa uma agenda... - continuou Micawber.

Vi a mão descarnada de Uriah, que ainda coçava o queixo, imobilizar-se de repente.

- Ou então pergunte-lhe se queimou uma na dita casa. Se responder afirmativamente e indagar onde estão as cinzas, mande-o ter com Wilkins Micawber e ouvirá falar de uma coisa que não é do seu agrado.

A expressão de triunfo de Micawber inquietou deveras a mãe de Uriah, que exclamou impressionada:

- Ury! Ury! Sê humilde, capitula!

- Mamã - retorquiu Heep - faça favor de se calar. Está assustada e não sabe o que diz. Humilde! - repetiu olhando-me escarninho. - Com a minha humildade, humilhei razoavelmente alguns dos que estão aqui, em pouco tempo.

Micawber, repousando com distinção a papada na gravata, recomeçou a ler a sua prosa.

«Em segundo lugar: HEEP tem, por diversas vezes, ao que julgo e posso afirmar...»

- Isso não chega! - declarou Uriah, aliviado. - Mamã, não diga nada.

- Trataremos de apresentar qualquer coisa que seja prova suficiente. Não tarda muito - replicou Micawber, que prosseguiu:

«... sistematicamente imitou a assinatura do senhor W. em diferentes livros, registos e documentos, e imitou-a incontestavelmente num caso que eu posso provar. É o que segue...»

E Micawber deixou mais uma vez transparecer o gosto que lhe proporcionava a acumulação solene de palavras, a qual, embora ridícula nessa emergência, não era todavia circunstância peculiar apenas ao nosso amigo. Tenho-a observado no decurso da minha vida em legião. Chega a parecer-me uma regra geral. Assim, quando prestam juramento perante a Lei, dir-se-ia rejubilarem no instante em que, através de uma catarata de palavras sonoras, exprimem uma ideia vulgar. Falamos da tirania da linguagem, mas gostamos também de a tiranizar; apreciamos o facto de ter um exército de termos supérfluos (detestar, abominar e abjurar, etc.) às nossas ordens para as ocasiões de vulto, e achamos que esta superabundância denota grandiosidade, esplendor. Assim como em ocasiões de cerimónia o que nos interessa é exibir uniformes vistosos, sem atender ao seu significado, igualmente o sentido e a propriedade das nossas expressões assumem importância secundária, uma vez que estas sejam pomposas. E assim como certas pessoas se prejudicam por ostentar fardas em excesso, e como os escravos, quando numerosos, se revoltam contra os amos, eu julgo conhecer uma nação que incorreu em graves dificuldades pelo prazer de abusar de enorme séquito de palavras.

Foi quase com um estalo de língua que Micawber retomou a sua leitura:

«... O senhor W. estava doente e a sua morte inscrita no cálculo das probabilidades, o que poderia trazer certas descobertas e a ruína do domínio exercido por HEEP sobre a família W. (o que é a opinião do abaixo assinado, Wilkins Micawber)... a não ser que se conseguisse, por uma pressão secreta nos sentimentos filiais da senhora W., levá-la a impedir qualquer investigação nos negócios da firma. De maneira que o dito HEEP achou conveniente ter em seu nome um reconhecimento de dívida da parte do sr. W. quanto à soma de doze mil seiscentas e catorze libras, doze xelins e nove dinheiros e respectivos juros, hipoteticamente adiantada pelo mesmo HEEP ao sr. W. para salvar este da desonra. Na realidade, ele nunca emprestou semelhante soma. As assinaturas constantes da escritura são falsas; possuo da sua mão outras imitações, feitas na

tal agenda, as quais, embora em parte chamuscadas pelo fogo, são ainda perfeitamente legíveis. Ora eu nunca assinei, como testemunha, o acto de que acabo de falar, e guardo nos meus papéis a mencionada falsificação.»

Uriah Heep sobressaltou-se, puxou um molho de chaves da algibeira e abriu uma das gavetas da sua secretária; mas, dando subitamente conta do que fazia, desviou a vista, não sem a ter antes relanceado pelo conteúdo da gaveta.

- Guardo nos meus papéis a mencionada falsificação - repetiu Micawber; olhando derredor, como se anunciasse o texto de um sermão. - Isto é, tinha-a ainda esta manhã quando escrevi este memorial, mas entreguei-a depois ao doutor Traddles.

- Confirmo - acudiu este último.

- Ury, Ury! - gritou a senhora Heep - sê humilde e capitula. Meus senhores, sei que o meu filho será outra vez humilde se lhe deixarem tempo necessário para se recompor. Senhor Copperfield, sabe muito bem que ele sempre foi humilde, não é verdade?

Era estranho ver a mãe continuar fiel ao velho embuste, quando já o filho reconhecera a sua inutilidade.

- Mamã - retorquiu este, mordendo com, fúria o lenço que lhe atava a mão - seria preferível que pegasse numa espingarda e a descarregasse sobre mim!

- Estimo-te tanto, Ury! - murmurou a senhora Heep. E estou convencido de que ela realmente o estimava, e que ele também, por mais singular que pareça, lhe retribuía na mesma moeda. Faziam, no fundo, um lindo par! - Não suporto ver-te provocar estes senhores e ainda aumentar mais o perigo. Disse já ao cavalheiro que veio anunciar-me que estava tudo descoberto e que respondia pela tua humildade e a tua atitude conciliadora. Vejam, meus senhores, como sou humilde, eu! Não se importem com ele. Uriah supunha-me o instigador destas revelações - eu, aliás, nada fiz para o desiludir - e portanto a sua animosidade voltava-se contra mim. Então, respondendo à mãe, observou:

- Ele seria capaz de lhe dar cem libras para que a senhora dissesse muito menos do que disse.

- Não pude evitá-lo, Ury. Custa-me ver-te assim ameaçado só pela teima de não curvares a cabeça. Torna-te outra vez humilde!

Heep ficou silencioso, sempre a morder o lenço. Então, com ar provocante, replicou:

- Que há mais, senhor Copperfield? Se não há mais nada, saiam! Por que

olham todos dessa maneira?

Micawber retomou imediatamente a leitura, contente por haver descoberto uma ocupação que tanto lhe quadrava:

«Em terceiro e último lugar: declaro que, por meio de livros falsificados e dos memorandos reais de HEEP, a começar pela agenda em parte queimada (a qual não compreendi aquando da nossa instalação naquela casa) e que a senhora Micawber descobriu por acaso no cubículo destinado ao despejo das cinzas da nossa lareira, estou agora habilitado a provar que as fraquezas, erros e até as virtudes, o amor paternal e o sentimento da honra do infeliz sr. W. foram durante anos explorados e deformados por HEEP a fim de servir os seus desígnios abjectos. Que o sr. W. foi durante esses anos iludido de todas as formas possíveis e imagináveis para maior proveito desse mesmo HEEP, avaro, pérfido e cúpido. Que o único fim de HEEP, à parte a sua cupidez, era submeter inteiramente o sr. W. e sua filha (sobre a qual tinha outras vistas de que por enquanto não falarei). Que o seu derradeiro acto, datado de há poucos meses, foi decidir o sr. W. a renunciar à sua parte na firma e até a assinar um contrato de venda da casa com todo o recheio, em troca de certa anuidade que seria devidamente paga por HEEP em cada um dos quatro trimestres do ano. Que estas maquinações, iniciadas com relatórios alarmantes e fictícios acerca dos recursos de que dispunha o sr. W. numa época em que, havendo-se metido em especulações imprudentes, não tinha naturalmente à mão as somas de que era moralmente e legalmente responsável, continuaram com pretensos empréstimos de dinheiro a juros elevadíssimos, provenientes na realidade de Heep, mas fraudulentamente obtidos por Heep do próprio sr. W. ou por ele recusados, sob o pretexto das tais especulações; e ainda continuaram por uma série variada de chicanas sem escrúpulos, acabando por se multiplicar de tal maneira que o desgraçado sr. W. soçobrou numa onda de desespero. Acreditando na falência, não só dos seus bens como das suas esperanças e da sua honra, não dispunha o sr. W. doutro recurso senão este monstro de aparência humana - Micawber sublinhou a frase, compreendendo o valor da sua originalidade - que, tornando-se-lhe indispensável, consumara a sua ruína! Comprometo-me a provar tudo isto... e provavelmente ainda muitas outras coisas.»

Murmurei umas palavras a Agnes, que chorava de alegria e desgosto, junto de mim. Houve um movimento geral, como se Micawber tivesse acabado. Contudo, cheio de gravidade, ele pediu-nos desculpa e chegou à peroração do memorial, denunciando uma satisfação infinita, se bem que eivada de tristeza.

«Termino agora. Só me resta provar o fundamento das minhas acusações, e

em seguida, com a minha desditosa família, desaparecer de lugares em que parece que estamos a mais. Isto não tardará a acontecer. Pode-se naturalmente supor que o nosso filho mais novo venha a ser o primeiro a sucumbir de inanição, por ser o membro mais frágil do nosso grupo: em seguida acompanhá-lo-ão os nosssos famosos gémeos. Que seja! Quanto a mim, esta peregrinação a Cantuária contribuiu muito para me aproximar do túmulo; a prisão por processo cível e a miséria farão em breve o resto. Espero que as dificuldades e os riscos de uma investigação - cujas primeiras conclusões foram lentamente apuradas, apesar da urgência de ocupações árduas, sob o peso de cuidados esmagadores, ao nascer da alva, ao orvalho dos crepúsculos, até nas sombras da noite, sob o olhar vigilante de um ser que seria supérfluo chamar Demónio - combinados com o esforço de um pai de família sem pecúnia suficiente para disso tirar partido, quando completada a dita investigação, possam ser como borrifos de água fresca lançados na minha pira funerária. Mais não peço. Que ao menos se diga de mim, com justiça, o mesmo que disseram de um grande herói naval que não pretendo igualar: que o que fiz o foi com desprezo de considerações mercenárias e egoístas.

«Pela Inglaterra, pela Pátria e pela Beleza!

(assinado) Wilkins Micawber.»

Enormemente comovido, mas sempre contente, o senhor Micawber dobrou o papel e apresentou-o à minha tia, com uma vénia, como coisa que ela devesse querer conservar.

Havia ali, como já notara aquando da minha primeira visita, já tão distante, um cofre, e a chave estava na fechadura.

Pareceu-me que cruzara o espírito de Uriah uma rápida suspeita; sob o olhar de Micawber, ele atravessou a sala e abriu-o bruscamente de par em par. Encontrava-se vazio.

- Onde estão os livros? - bradou, com a cara congestionada. - Houve um ladrão que os roubou!

Micawber bateu no peito com a régua.

- Fui eu - confessou. - Quando vim pedir-lhe a chave, como de costume, mas um pouco mais cedo, esta manhã, para abrir o cofre.

- Não se preocupe - interveio Traddles. - Os livros estão em meu poder. Cuidarei deles, conforme me autoriza a procuração de que lhe falei.

- É então receptador de coisas roubadas? - perguntou Uriah.

- Sou, nas circunstâncias presentes - respondeu Traddles.

Qual não foi o meu espanto ver a tia Betsey, até aí profundamente silenciosa e atenta, precipitar-se para Heep e agarrá-lo pela gola do casaco com as duas mãos.

- Sabe o que quero, eu? - disse ela.

- Uma camisa-de-forças - sugeriu Heep.

- Não, mas o meu dinheiro! Querida Agnes, enquanto julguei que esse dinheiro fora realmente delapidado pelo seu pai, não quis (nem sequer a Trot) contar uma só palavra da entrega que lhe fizera de certas somas. Entretanto sei que esta criatura é o único responsável, e por isso quero o que é meu! Trot, ajuda-me a recuperá-lo!

Ignoro se a tia imaginou que Uriah tinha essa importância na gravata, mas o certo é que a puxou, como se de facto lá estivesse. Apressei-me a afastá-la e a garantir-lhe que procuraríamos fazer com que ele restituísse o que desviara, até ao último ceitil. Esta garantia, reforçada por uns minutos de reflexão, acabou por a tranquilizar; mas não pareceu de nenhum modo desconcertada com a atitude que tomara (embora não pudéssemos dizer o mesmo do chapéu) e retomou sossegadamente o seu lugar.

Havia já momentos que a senhora Heep não cessava de recomendar ao filho que fosse «humilde», e até ajoelhara sucessivamente diante de cada um de nós para nos fazer promessas extravagantes. Uriah sentou-a na poltrona e, de pé a seu lado, cabisbaixo, retendo-a por um braço (mas sem rudeza, aliás), disse-me com ar feroz:

- Que vai fazer?

- Já lho direi - acudiu Traddles.

- Este Copperfield não tem língua? - resmungou Uriah. - Não sei quanto lhe daria para saber se lha cortaram!

- O meu Ury vai ser muito humilde - prometeu a senhora Heep. - Não façam caso do que ele diz, meus senhores!

- Eis o que se vai fazer - principiou Traddles. - Começaremos por esse acto de renúncia, que nos deve ser entregue imediatamente, e do qual já se falou.

- E se eu o não tiver?

- Como sei que já o tem, não podemos supor nada de semelhante - retorquiu

Traddles.

Devo confessar que foi a primeira vez que prestei inteira justiça ao juízo claro, ao bom senso e à simplicidade do meu camarada, assim como à sua prática e paciência.

- Depois - continuou - tem de se preparar para largar mão de tudo quanto a sua rapacidade se apropriou. Todos os livros e documentos da firma ficarão em nosso poder, e igualmente todos os seus livros e documentos pessoais, contabilidade e títulos de ambas as proveniências. Numa palavra, tudo o que aqui está.

- Ah, sim? Isso veremos - volveu Uriah. - Preciso de reflectir.

- Decerto. Mas entretanto, e até que esteja tudo como queremos, as coisas estarão em nossa posse e convidamo-lo (ou obrigamo-lo, se prefere) a não sair do seu quarto nem falar com mais ninguém.

- Não aceito! - declarou com força Uriah Heep.

- A cadeia de Maidstone é lugar seguro para um detido. E embora a lei possa levar mais tempo para nos fazer justiça, e não esteja apta a praticá-la tão completamente como o senhor, a verdade, todavia, é que ela o castigará. Meu Deus, sabe isto tão bem como eu! Copperfield, queres ir à administração e voltar com dois polícias?

Ao ouvir estas palavras, a senhora Heep caiu de novo ajoelhada em frente de Agnes, chorando e afirmando que Uriah era muito humilde, que se passara tudo realmente como disséramos, e que, se ele não fizesse o que pretendíamos, ela o substituiria nesse mister, o que daria o mesmo resultado. Os seus temores pela sorte do filho quase lhe tiravam o juízo. Saber o que ele faria, se possuísse um pouco de coragem, equivaleria a indagar como procederia um vil rafeiro se tivesse a audácia do tigre. Heep não era mais do que cobardia, e esta manifestou-se mais nessa ocasião que em outro momento da sua vida.

- Espere! - gritou-me, enquanto passava a mão pela testa húmida. - Mamã, cale-se! Já que se lhe tem de dar o papel, vá buscá-lo.

- Queira acompanhá-la, senhor Dick, se faz favor - disse Traddles.

Orgulhoso desta missão, cujo alcance compreendia, Dick seguiu-a como um cão de pastor poderia seguir uma ovelha. A senhora Heep não lhe causou nenhum percalço, porque voltou não só com o documento, mas ainda com a caixa em que ele se guardava; aí achámos um livro de Banco e outros papéis que nos foram úteis mais tarde.

- Óptimo! - comentou Traddles. - Agora, senhor Heep, pode retirar-se para reflectir. E não se esqueça de que não há outra solução além daquela que estipulei e que esta tem de ser observada.

Uriah, sem erguer a vista do chão, dirigiu-se para a saída com passos pesados, ainda a coçar o queixo; detendo-se um instante, murmurou-me:

- Copperfield, munca deixei de o odiar! Sempre foi ambicioso, sempre esteve contra mim!

- Como já tive ocasião de lhe dizer, o senhor é que, na sua cupidez, esteve sempre contra toda a gente. Deve ser-lhe proveitoso reflectir, de futuro, em que a avidez e a manha acabam por ultrapassar os seus fins, neste mundo abjecto, e portanto terminam mal. Isto é tão certo como a morte.

Ao que Uriah respondeu, escarninho:

- Ou tão certo como o que nos ensinaram na escola (essa escola em que fiz tamanha provisão de humildade quando nos diziam das nove às onze horas que o trabalho era uma maldição, e das onze à uma hora que era um bem, uma alegria e uma honra, e não sei que mais. Os sermões são mais ou menos lógicos como os deles. Mas a humildade serve de qualquer coisa, hem? Sem ela eu jamais teria embaído o meu distinto patrão e sócio. Micawber, meu velho fanfarrão, hás-de mas pagar!

Micawber, com o mais soberano desprezo para com Uriah, e de dedo estendido, empertigou-se o mais que pôde, até que o adversário se esgueirou; em seguida, virando-se para mim, concedeu-me a satisfação de assistir «ao restabelecimento da confiança natural entre ele e a mulher». Após isto, convidou todo o grupo para ir contemplar tão comovente espectáculo.

- O véu que durante tanto tempo se interpôs entre mim e a senhora Micawber acaba de se rasgar - declarou. - Os meus filhos e o autor dos seus dias podem agora ver-se em pé de igualdade.

Estávamos todos gratíssimos e desejosos de lho testemunhar, tanto quanto no-lo permitia o nosso espírito agitado, e creio que iríamos de tropel se Agnes não tivesse de ficar tomando conta do pai, incapaz de suportar, por então, mais que um simples luzeiro de esperança. Além disto, era necessário estar de atalaia quanto a Heep. Traddles ficou para cumprir esta missão, enquanto esperava que o senhor Dick o viesse substituir, e nós partimos, eu, a tia Betsey e aquele último, na companhia de Micawber. Ao deixar assim precipitadamente a criatura a quem tanto devia, e pensando no destino a que ela milagrosamente escapara, abençoei os sofrimentos dos meus verdes anos, que me haviam permitido

conhecer a família de Wilkins.

A casa destes Micawbers não era longe e a porta de entrada dava directamente para a sala de visitas. Ele entrou com a sua pressa habitual e nós achamo-nos, de repente, no seio da família; correndo para os braços da mulher, exclamou: «Emma, Emma, meu amor!» Ela soltou um grito e cingiu o marido ao peito. A filha mais velha, que embalava o recém-nascido (a que se referiu o memorial de Micawber) ficou visivelmente comovida. O nené estremeceu. Os gémeos demonstraram o seu júbilo por meio de manifestações deslocadas, mas inocentes. O filho dos Micawbers, cujo temperamento parecia acidulado por decepções precoces, abandonou-se a melhores sentimentos e começou a choramingar.

- Emma! - continuou o dono da casa. - Dissipou-se a nuvem que pesava sobre a minha alma. A confiança mútua, que durante tanto tempo reinou entre nós, voltou para não mais sofrer qualquer eclipse. E agora, viva a pobreza! - concluiu chorando. - Viva a miséria, a fome, os farrapos, o temporal, a mendicidade! A confiança mútua amparar-nos-á até ao fim.

Sempre soltando exclamações, Micawber depositou a mulher numa cadeira e beijou os filhos, em roda, com o ar de que lhe eram agradáveis as sombrias perspectivas anunciadas, coisa que a geração nova decerto não considerou com tanto optimismo. Propôs-Lhes a seguir que fossem pelas ruas de Cantuária, entoando um coro, visto que não possuíam outros recursos.

Mas a senhora Micawber desmaiara devido à comoção sofrida, e tratou-se de a reanimar, mesmo antes de organizar o coro. Disso se encarregaram minha tia e o senhor Micawber, e então apresentaram-lhe a senhora Trotwood; a mim reconheceu-me sem dificuldade.

- Desculpe - disse a pobre esposa, estendendo-me a sua mão - mas não sou saudável e foi demasiado forte a circunstância de ver dissipar-se o mal-entendido que existia entre mim e o Wilkins.

- São todos os seus filhos? - perguntou-lhe a tia Betsey.

- Por agora não há mais - respondeu a senhora Micawber.

- E o primogénito a que se destina? - continuou Betsey, com ar meditativo.

- Ao chegar cá pensava fazê-lo entrar na Igreja, ou mais exactamente no coro - disse o pai. - Mas não precisavam de tenor nesta catedral, e ele... em suma, habituou-se a cantar nos botequins de preferência aos lugares santos.

- Todavia está cheio de boas intenções - interveio a mãe.

- Não duvido, minha querida, das suas boas intenções - redarguiu Micawber - mas ainda não dei fé de que as tivesse posto em prática, de uma maneira ou de outra.

O filho reassumiu o seu ar sorumbático e perguntou, com mau génio, que é que devia fazer. Por acaso nascera carpinteiro ou decorador, mais do que nascera pássaro? Devia ir fundar, na rua ao lado, uma loja de boticário? Correr ao tribunal, proclamando-se advogado? Ou estrear-se à força na ópera e vencer pela violência? Era-lhe lícito fazer qualquer destas coisas, sem estar preparado?

Betsey Trotwood meditou um instante.

- Senhor Micawber - disse ela - admiro-me de que não lhe ocorresse a ideia de emigrar...

- Esse foi o sonho da minha mocidade e esperança ilusória da idade madura - replicou Wilkins.

Entre parênteses direi estar convencido de que ele jamais pensara em semelhante coisa.

- Deveras? - volveu Betsey, lançando-me um olhar rápido. - E não seria agora excelente ocasião para realizar o projecto?

- O capital, minha senhora, o capital... - objectou Micawber. E a mulher observou:

- É a única dificuldade, meu caro senhor Copperfield. A única.

- Capital? - repetiu a tia Betsey. - O senhor prestou-nos um serviço enorme. Que podemos fazer de mais justo do que proporcionar-lhe esse capital?

- Eu não poderia aceitar presentes - retorquiu Wilkins Micawber, cheio de ardor e animação - mas se alguém nos quisesse adiantar uma importância suficiente (digamos, a cinco por cento ao ano), sob a minha simples garantia pessoal... por meio de letras a doze, dezoito e vinte e quatro meses, respectivamente, para dar tempo a que surgisse qualquer coisa.

- Se alguém quisesse? Com certeza que se quer e se há-de fazer, nas condições desejadas - afirmou-lhe a tia. - Pensem ambos no caso. David conhece gente que vai partir em breve para a Austrália. Se resolverem embarcar, por que não haveriam de seguir no mesmo navio? Podem ajudar-se uns aos outros. Reflicta nisto, senhor Micawber, e também a sua esposa. Pesem entretanto os prós e os contras.

- Só lhe quero fazer uma pergunta, minha senhora - interveio a mulher de

Micawber. - O clima é saudável?

- O mais saudável do mundo!

- Muito bem. A pergunta é esta: as condições do país serão de molde a permitir a um homem com os dotes de Micawber elevar-se na escala social? Não se trata, por ora, de saber se lhe é possível aspirar a ser governador ou algo de semelhante. Mas os seus talentos acharão aí campo bastante para se exercerem e atingir o seu verdadeiro desenvolvimento?

- Não haveria melhor sítio para uma pessoa os exercer, se se comportar bem e trabalhar com afinco.

- Comportar bem e trabalhar com afinco - repetiu a senhora Micawber, como criatura que sabe o que são coisas práticas. - Nessas condições - declarou - parece-me que a Austrália é evidentemente a esfera de acção requerida por alguém como Micawber.

- Estou certo - acudiu o marido - que nas circunstâncias presentes é esse o único país que convém a mim e à minha família, e que se há-de apresentar algo de muito extraordinário naquele ponto do mundo. Aliás não é longe, comparativamente falando. E embora a sua generosa proposta mereça ser bem ponderada, afianço-lhe que desde agora será apenas uma questão de formalidades.

Esquecerei algum dia como esse homem se tornou, do pé para a mão, o mais optimista de todos e logo se viu rico, ou como a mulher começou a discorrer acerca dos hábitos dos cangurus? Esquecerei jamais aquela rua de Cantuária em dia de mercado, quando Micawber, admirando os bois que passavam para a feira, sugeria o fazendeiro australiano que se encontra de passagem na sua terra natal?

LIII. OUTRA RETROSPECTIVA

Mais uma vez terei de fazer uma pausa. A minha esposa-criança! Na memória uma sombra se me desloca, um rosto calmo, cujo amor inocente, cuja beleza infantil parece murmurar: «Detém-te e pensa em mim. Volta-te para contemplar o botãozinho de rosa que se esfolha e palpita no chão.»

Obedeço. Empalidecem as outras imagens. Reencontro-me com Dora na pequenina casa que habitávamos. Já nem sei há quanto tempo está ela doente. Esse sofrimento tornou-se-me tão familiar que nem conto os dias que passam. O seu número, aliás, não é muito grande, semanas ou meses, mas, para mim, afigura-se extenuante.

Deixaram de me dizer «espera até ver». Comecei a acreditar, confusamente, que jamais despontará a manhã em que voltarei a admirar a minha Dora correndo ao sol, com o Jip, no jardim.

Tem-se a impressão de que Jip envelheceu subitamente. Talvez já não encontre na dona a razão da sua própria alegria comunicativa e da sua própria juventude. Está triste, de olhar baixo, fraco das pernas. Não ladra contra a senhora Trotwood e esta lamenta que ele se não encolerize: pelo contrário, arrasta-se na sua direcção, quando está na cama de Dora e a tia à cabeceira, a fim de lhe lamber meigamente a mão.

Dora sorri-nos, sempre bela. Nunca se queixa nem se impacienta. Acha-nos muito prestimosos, que o pobre do marido se afadiga, que a tia dorme menos e a trata com excessivo desvelo. Às vezes as velhotas Spenlows vêm visitá-la e nós falamos do nosso casamento e dos bons tempos de outrora.

Quanta calma e imobilidade parecem reflectir-se na existência - em toda a minha existência, interior e exterior - quando me sento nesse quartinho pacífico e bem ordenado, de luz velada, onde os olhos azuis da minha esposa-criança se poisam nos meus e onde os dedinhos dela se entrelaçam nas minhas mãos! Passam-se assim tantas horas! Todavia, entre todos estes instantes, três se me gravaram profundamente na memória.

É manhã. Dora, que sai airosa das mãos da minha tia, mostra-me os lindos cabelos encaracolados - tem a cabeça sobre o travesseiro - e ela gosta de os usar numa rede, finos e sedosos.

- Não sou vaidosa, nem trocista - diz vendo-me sorrir. - Mas tu achava-los

bonitos e, quando comecei a pensar em ti, olhava-me com frequência ao espelho pensando se apreciarias que te desse uma madeixa. Como ficaste tolinho, quando ta ofereci, Doady!

- Foi no dia em que pintavas as flores que eu te trouxera, Dora, e em que eu te confessei o meu amor.

- Eu é que não quis dizer-te então quanto havia chorado ao contemplá-las, porque compreendera como eras meu amigo. Se um dia puder andar como dantes, iremos rever todos esses sítios onde fomos tão patetas, não é verdade? Repetir alguns dos nossos passeios! E lembramo-nos do papá!

- Sim, sim, e seremos felicíssimos! Para isso tens de melhorar quanto antes, minha querida.

- Ah, não há-de tardar. Se soubesses como tenho progredido nas melhoras!

E de tarde. Encontro-me na mesma cadeira, junto ao leito, e as mesmas faces voltaram-se para mim. Temos estado silenciosos. No rosto de Dora paira um sorriso. Já deixei de carregar o meu querido fardo abaixo e acima nas escadas. Dora fica de cama todo o dia.

- Doady.

- Adorada esposa...

- Espero que não aches disparatado o que te pedir, depois do que me disseste há pouco tempo a respeito da saúde do doutor Wickfield. Gostava tanto de ver Agnes! Preciso muito de a ver.

- Escrever-lhe-ei, Dora.

- Palavra?

- Imediatamente.

- Que bom rapaz tu és, Doady. Segura-me com o teu braço. Afianço-te que não se trata de um capricho. Não, não é um capricho estúpido. Preciso realmente de lhe falar.

- Acredito. Basta-me comunicar-lhe esse teu desejo e ela virá logo.

- Sentes-te agora muito só quando estás no rés-do-chão?- pergunta-me Dora ao ouvido, com o braço passado em torno do meu pescoço.

- Fatalmente que assim devia ser, pois vejo a tua poltrona vazia.

- A minha poltrona vazia!

Agarra-se a mim por momentos, calada, e depois diz:

- E faço-te bastante falta, Doady? - Com um sorriso radiante, acrescenta: - Mesmo assim parvinha como sou?

- Querida Dora, quem me faria mais falta neste mundo?

- Ah, meu amigo, estou tão contente... e tão triste! - confessa cingindo-se ainda mais ao meu corpo e rodeando-me o pescoço com os braços.

Ri e chora ao mesmo tempo, depois acalma-se e garante-me que é muito feliz.

- Muito! - insiste. - Manda cumprimentos à Agnes e diz-lhe que necessito de lhe falar; em seguida não desejarei mais nada.

- Salvo curares-te, Dora.

- Ah, Doady! Às vezes penso... bem sabes como sou tontinha... que jamais me restabelecerei.

- Não digas isso! Nem sequer penses em semelhante coisa!

- Se puder evitá-lo, Doady. Mas sinto-me felicíssima, embora o meu querido marido se veja tão só diante da poltrona vazia da sua esposa-criança.

É noite e eu estou outra vez só com Dora. Agnes chegou. Já passou um dia inteiro e uma noite connosco.. Ficámos, eu, ela e a tia, junto da minha mulher desde a manhã. Não falámos muito, mas Dora esteve absolutamente satisfeita, de bom humor. Agora encontramo-nos sós.

Sei finalmente que a minha esposa-criança me vai deixar em breve. Disseram-mo, e nada do que me disseram alterou o que já eu pensava: o que estou é longe de me compenetrar dessa verdade. Não posso assimilá-la. Várias vezes, durante o dia, afastei-me para um canto e chorei às escondidas. Lembrei-me de Aquele que outrora chorou a propósito destas separações entre vivos e mortos. Penso nessa história repleta de bondade e compaixão. Tento resignar-me, consolar-me e espero consegui-lo. Mas do que não chego a persuadir-me é de que o fim chegará fatalmente. Tenho a sua mão na minha; o coração dela e o meu fazem só um. Vejo o seu amor ainda vivo e intacto. É impossível impedir-me de conservar um pálido raio de esperança. Quem sabe se ela será poupada à morte?

- Vou dizer-te uma coisa, Doady. Uma coisa que ultimamente tenho estado para dizer... Não te aborrecerás? - pergunta-me ela com um olhar repleto de doçura.

- Aborrecer-me, filha?

- É que não sei o que tu pensarás nem o que pode ter-te acontecido se pensaste antes. Quem sabe se já tiveste a mesma ideia que eu? Doady, meu querido... talvez eu fosse nova de mais.

Descanso a cara no travesseiro, ao lado dela, e ela olha-me enquanto se exprime com voz terna. A pouco e pouco, escutando-a, percebo desconsolado que Dora me fala de coisas idas.

--Creio, sim, que era nova de mais. Não me refiro apenas à idade, mas também à experiência, à reflexão, a tudo. Era tão patetinha! Mais valera que nos houvéssemos estimado como crianças, e depois tivéssemos esquecido... A conclusão que tiro é de que não estava apta ao casamento.

Esforço-me por deter as lágrimas e digo:

- Oh, Dora, meu amor, pelo menos estavas tão apta como eu.

- Não sei - insiste, sacudindo, como outrora, os caracóis. - Talvez. Mas, se fosse mais adulta, poderia influenciar-te. Aliás és bastante inteligente... e eu nunca o fui!

- Fomos felizes, minha adorada.

- Tenho sido muito feliz - confirmou ela. - Mas, com os anos, o meu querido marido deve ter-se enfastiado da sua esposa-criança. Cada vez menos lhe serve de companheira. Cada vez mais ele sente faltas no seu lar. Não, não fiz progressos. As coisas são o que são.

- Oh, Dora! Não fales assim! Cada uma das tuas palavras é uma censura.

- Enganas-te - replica, beijando-me. - Meu querido, nunca mereceste qualquer censura, e eu amo-te muito para me atrever a censurar-te. Este foi o meu único mérito, além do ser bonita, na tua opinião. Sentes-te sozinho, no andar de baixo?

- Muito só.

- Não chores. A minha poltrona continua lá?

- No lugar do costume.

- Ah, como tu choras! Cala-te! E agora promete-me uma coisa. Preciso de falar com a Agnes. Quando desceres, diz-lhe que venha ter comigo. Enquanto eu estiver com ela, que ninguém entre, nem sequer a tua tia. Quero falar-lhe a sós. Absolutamente sozinhas.

Prometo que chamarei a Agnes, sem demora; mas custa-me a deixá-la, tamanha é a minha dor.

Falando-me ao ouvido, Dora insiste:

- Será melhor assim. Doady, dentro de uns anos já não me poderias amar, e, outros anos decorridos, ter-te-ia desiludido tanto, e enfastiado, que o teu amor estaria morto. Sei que sou nova de mais e suficientemente idiota. Mais vale que isto acabe assim.

Agnes está na sala, quando desço ao rés-do-chão. Transmito-lhe o recado de Dora. Desaparece logo, deixando-me só com Jip.

O pagode deste encontra-se perto do lume, e ele, lá dentro na sua imensa cama de flanela, procura adormecer, gemebundo. A Lua brilha alta e clara. Contemplo a noite, derramo lágrimas, o coração indisciplinado sofre cruelmente.

Sento-me junto ao fogão e penso com remorsos vagos em todos estes sentimentos ocultos que alimentei depois do meu casamento: penso em todos estes pequenos nadas da minha vida com Dora e considero quanto é verdade o dizer-se que a existência é feita desses nadas. Emergindo do oceano das minhas recordações, revejo sempre a imagem da querida esposa-criança tal qual a conheci, adornada das graças do amor juvenil e de todos os encantos que pode haver numa paixão. Valeria mais, efectivamente, que nos tivéssemos estimado como crianças e depois nos esquecêssemos um do outro? Responde-me, coração indisciplinado!

Mal sei como o tempo passa até ao momento em que sou chamado à realidade pelo velho Jip. Sempre agitado,

sai da casota chinesa e olha-me; vai até à porta e chora para que eu o deixe subir ao primeiro andar.

- Esta noite, não, Jip, esta noite, não!

Volta lentamente para o meu lado, lambe-me as mãos e ergue até mim os olhos velados pela idade.

- Oh, Jip, quem sabe se nunca mais?

Deita-se-me aos pés, estende-se como para dormir e, com um grito de aflição, expira.

- Agnes, olhe! Olhe aqui!

Aquela expressão de dor e piedade, a torrente de lágrimas, o apelo que me dirige e que eu tanto receava, a mão alçada solenemente para o céu...

- Então, Agnes?

Acabou-se. A noite adensa-se em volta de mim e, durante um momento,

tudo desaparece da minha lembrança.

LIV. AS TRANSACÇÕES DE MICAWBER

Não é ocasião oportuna para descrever o meu estado de espírito acabrunhado pela dor. Cheguei a pensar que o Futuro se me fechara, que a energia e acção da minha vida tinham atingido o seu termo, que nunca mais acharia refúgio senão no túmulo. Assim vim a pensar, porém não sob o primeiro golpe da adversidade: a convicção invadiu-me a pouco e pouco. Se os acontecimentos que vou relatar se não tivessem precipitado à minha volta, de começo para confundir e depois para me aumentar a aflição, pode ser (embora não me pareça provável) que eu houvesse caído imediatamente naquele estado de ânimo. De facto produziu-se, antes que eu tomasse plena consciência da minha desgraça, um intervalo durante o qual até supus que o meu desgosto perdera a sua acuidade e em que o espírito se apaziguou ao pensar na imensa ingenuidade da história encerrada na sua última página.

Não me lembro com exactidão quando me propuseram pela primeira vez ir ao estrangeiro e quando decidimos que buscaria lenitivo na mudança de ares e nas viagens. A influência de Agnes inspirou de tal maneira todos os nossos pensamentos, palavras e acções nesses dias de luto que este projecto pode sem dúvida ser-Lhe atribuído; todavia aquela influência registou-se tão discretamente que me é impossível afirmar seja o que for.

E então principiei a ver nesta associação de ideias (que se fizera sempre na minha mente) entre ela e o vitral da igreja um pressentimento do que devia Agnes ser para mim no dia marcado para aquele meu infortúnio. Desde esse instante inolvidável em que ergueu à minha frente a mão, Agnes foi, durante as horas dolorosas, como um anjo celeste instalado no meu lar solitário. Quando a morte comparecera, a minha esposa-criança (contaram-me mais tarde) adormecera nos braços da minha amiga, com um sorriso nos lábios. Saí do meu torpor para ver as lágrimas compassivas de Agnes e ouvi as suas palavras de esperança e de paz. A sua fisionomia suave evocava um mundo mais puro e mais próximo dos céus, ali inclinada sobre o meu coração desordenado a fim de lhe temperar o sofrimento.

Mas adiante.

Eu deveria partir para o estrangeiro. Isto parecia ter-se resolvido entre nós,

desde os primeiros dias. A terra cobria agora o que, da minha defunta, era perecível: só faltava o que Micawber definia pela «pulverização final de Heep» e o embarque dos emigrantes.

A pedido de Traddles, o amigo mais dedicado desta época de luto, voltámos a Cantuária, eu, a tia Betsey e Agnes Wickfield. Traddles havia trabalhado sem descanso desde a «entrevista explosiva». Quando a senhora Micawber me viu chegar todo vestido de preto ficou visivelmente comovida. Naquele coração albergavam-se sentimentos bons, que o tempo não modificara. A tia falou-lhes deste modo:

- E agora, já pensaram na proposta que lhes fiz, da ida para a Austrália?

- Minha querida senhora - respondeu Wilkins Micawber - eu não saberia exprimir melhor a conclusão a que minha mulher chegou, assim como este seu fiel servidor (cada um por seu lado e conjuntamente), senão repetindo as palavras de um poeta ilustre e dizendo-lhe que a nossa canoa está na praia e o nosso navio no mar.

- Muitíssimo bem - declarou a senhora Trotwood. - Faço votos pelo bom êxito dessa deliberação tão sensata.

- Dá-nos muita honra, minha senhora. - Em seguida, reportando-se ao seu memorando: - Quanto à assistência material que nos permitirá lançar o nosso frágil esquife no oceano da aventura, reconsiderei nesta questão importante. Peço-lhe o favor de aceitar as minhas letras à ordem, devidamente preenchidas, a dezoito, vinte e quatro, e trinta meses. A proposta que previamente lhe submetera era de doze, dezoito e vinte e quatro meses, mas receei que tal prazo não fosse suficiente. É possível - continuou Micawber, lançando a vista derredor, como se a sala fosse um campo de muitas jeiras cultivadas - que à apresentação da primeira letra a nossa colheita não tenha sido boa ou ainda não haja começado. Creio que a mão-de-obra é às vezes difícil de obter nessa região do nosso império colonial, onde o destino nos porá em contacto com um solo fecundo.

- Faça as coisas como entender - replicou a minha tia.

- Eu e minha mulher ficamos profundamente gratos à delicadeza dos nossos amigos e protectores. Desejo ser extremamente prático e pontual. Como estamos prestes a mudar inteiramente de vida e reunimos as nossas forças (o que representa um rasgo de rara amplitude), parece-me Indispensável, para salvaguarda da nossa dignidade pessoal e exemplo aos nossos filhos, que estes preparativos fiquem concluídos, por assim dizer, tratando de homem para

homem.

Não sei se Micawber atribuía um sentido particular a esta última expressão; mas o caso é que pareceu agradar-lhe extraordinariamente, e ele repetiu-a, tossicando com ar grave: «de homem para homem.»

- Sugiro - acrescentou ele - letras à ordem, uma comodidade do mundo comercial (que nós devemos, suponho, aos judeus, os quais me parece que dela usaram e abusaram em seguida), por serem títulos negociáveis. Mas se preferir um recibo, ou outra garantia qualquer, terei muito gosto em anuir a essa modalidade. De homem para homem.

A tia observou que, num assunto em que as duas partes estavam dispostas a aceitar não importa quais condições, de bom grado anuiria a tudo. Micawber declarou-se da mesma opinião.

- No que respeita, minha senhora, aos nossos arranjos domésticos - prosseguiu Micawber, com certa ênfase - visto que vamos enfrentar novo destino, gostaria de lhos dar a entender. A minha filha mais velha vai todas as manhãs às cinco horas a uma casa da vizinhança para aprender a arte, se arte existe, de ordenhar vacas. Os pequenos mais novos receberam ordem de dar atenção, conforme as circunstâncias lhes permitam, aos hábitos dos porcos e das aves nos bairros mais pobres da cidade, ocupação em que já por duas vezes estiveram em risco de ser maltratados. Eu próprio estudei, na semana passada, a maneira de amassar e cozer pão, e o meu filho Wilkins sai sempre com um pau, a fim de conduzir gado na hipótese de os condutores dos animais lhe permitirem uma ajuda benévola... o que, lastimo dizer, é raro, pois em geral o recambiam com imprecações várias.

- Tudo isso é excelente - asseverou a tia Betsey, em tom animador. - Palpita-me que a senhora Micawber também está muito ocupada.

- Querida senhora - volveu esta, com o seu ar de pessoa prática - devo confessar que não estive assim tão ocupada em trabalhos respeitantes à faina da cultura da terra e criação de animais domésticos, embora saiba que isso exigirá a minha atenção nessas plagas longínquas. Os ócios que pude arrancar às tarefas caseiras empreguei-os em escrever demoradamente à minha família. Devo dizer-lhe, senhor Copperfield - ajuntou a senhora Micawber, que acabava sempre por se voltar para mim, por hábito adquirido, fosse qual fosse o seu interlocutor - devo dizer-lhe que chegou o momento em que o passado recua para o esquecimento e a família precisa de estender-nos a mão; em que o leão necessita reconciliar-se com o cordeiro, ou seja a minha gente com o senhor Micawber.

Respondi que abundava no mesmo parecer.

- É pelo menos, senhor Copperfield, a minha maneira de considerar o assunto. Quando eu ainda vivia em casa de meus pais, sempre que havia um tema de discussão no nosso pequenino grupo, o papá inquiria de mim: «Como é que a nossa Emma resolveria a questão?» Bem sei que o papá era muito indulgente; todavia tenho o meu modo de reflectir, por mais erróneo que possa ser, acerca da frieza que sempre reinou entre meu marido e a minha família.

- Certamente. É muito natural - ripostou a tia Betsey.

- Pois bem - recomeçou a senhora Micawber. - Não afirmo que as minhas conclusões não sejam falsas; isso é mesmo provável, mas, em meu entender, o abismo que se cavou entre Micawber e a minha família deve ser imputado ao receio que esta última tinha de ver o meu marido pedir-lhe auxílio financeiro. Não me coíbo de pensar - acrescentou com um ar de profunda sabedoria - que há membros desta família que temem ver Micawber ir solicitar-lhes o nome, não para dar aos filhos no dia do baptizado, mas para caucionar letras negociáveis na Bolsa.

O tom compenetrado com que ela nos participou esta descoberta, como se ninguém até então houvesse suspeitado de semelhante coisa, pareceu causar admiração (mais do que a notícia) à senhora Trotwood, que ripostou:

- Não me espantaria de que tivesse razão no que diz!

- Como Micawber está em véspera de derrubar os obstáculos financeiros que durante tanto tempo o impediram de se mover e de principiar vida nova num país em que as suas habilidades tão vastas encontrariam campo para se desenvolver (o que em minha opinião é muito importante, pois do que ele precisa, é realmente espaço) parece-me que a minha família deveria nesta ocasião dar um passo ao nosso encontro. Gostaria que Wilkins e os meus se juntassem num grande jantar oferecido pela minha família e em que um dos seus membros mais salientes bebesse à saúde e prosperidade do meu marido, o que proporcionaria a este oportunidade de expor os seus pontos de vista.

- Minha querida - interveio Wilkins, com certa animação - mais vale que eu diga redondamente e já que se um dia expusesse os meus pontos de vista a essa assembleia, eles haveriam de parecer deveras contundentes. Na verdade, acho que a tua família se compõe, no conjunto, de snobs impertinentes, e, em pormenor, de autênticos bandidos.

- Micawber - atalhou ela, abanando a cabeça. - Não! Tu nunqa os compreendeste, e eles nunca te compreenderam.

O marido tossiu.

- Emma, lamento muito ter-me deixado levar por frases que, em rigor, podem passar por violentas. Eu queria apenas dizer que bem posso embarcar para o estrangeiro sem que eles tenham dado um passo para me auxiliar... Prefiro deixar a Inglaterra pelo meu único esforço, sem ficar a dever-lhes nada. Por outro lado, a experiência diz-me que nem sequer se dignarão responder às tuas cartas.

A questão resolveu-se assim amigavelmente e Micawber deu o braço à mulher e declarou-nos, com um olhar para os livros e documentos que juncavam a mesa diante de Traddles, que nos iam deixar sós, o que logo fizeram cerimoniosamente.

- Meu caro Copperfield - disse-me Traddles reclinando-se no encosto da cadeira, quando eles já tinham partido, e olhando-me com um afecto que lhe fez humedecer a vista e levantar os cabelos em todas as direcções - não me desculpo de te importunar nesta altura, pois sei que te interessas bastante pelo caso e até podes desanuviar as ideias. Espero que não te sintas fatigado em excesso...

- Estou como sempre, Traddles - respondi após um silêncio. - É natural que pensemos na minha tia, antes de mais ninguém. Sabes tudo quanto ela fez.

- Decerto, decerto. Quem seria capaz de o esquecer?

- Mas há mais. ultimamente teve novos aborrecimentos. Vai todos os dias a Londres, e muitas vezes parte de manhã cedo para só voltar à noite. Ontem, com esta nossa viagem em perspectiva, não regressou antes da meia-noite. Sabes como é bondosa para com os outros. Não quer confessar-me o que a atormenta.

A tia Betsey, muito pálida, com o rosto sulcado de rugas profundas, não se moveu enquanto eu não acabei. Depois desceram-lhe lágrimas pelas faces. Poisando a mão na minha, continuou calada.

- É necessário prestar justiça ao senhor Micawber - declarou Traddles. - Se ele nunca foi capaz de fazer coisas boas para si, não tem descanso quando se trata de beneficiar os outros. Neste aspecto, é um trabalhador incansável! O ardor que desenvolveu, o ímpeto desesperado com que mergulhou, dia e noite, nesta papelada, sem falar do número incalculável de cartas que escreveu, tudo isto merece ser bem ponderado. É extraordinário!

- Cartas! - exclamou a senhora Trotwood. - Estou convencida de que os seus próprios sonhos se desenrolam sob a forma epistolar.

- Também o senhor Dick - prosseguiu Traddles - tem sido extraordinário.

Desde que o renderam na guarda à pessoa de Uriah Heep, o que realizou com zelo inexcedível, consagrou-se inteiramente ao doutor Wickfield. Sem falar da ajuda que nos presta em copiar os documentos de que precisamos, tarefa que ele cumpre aliás com muito gosto.

- Dick é homem notável - opinou a minha tia. - Sempre o disse, Trot.

- Agrada-me comunicar - participou Traddles - que na sua ausência, minha senhora, o doutor Wickfield fez grandes progressos quanto à saúde. Liberto do pesadelo que sobre ele impendia há tanto tempo e das terríveis preocupações que o esmagavam, o nosso amigo já não é o mesmo. Por momentos ainda lhe regressa a faculdade de concentrar a atenção num assunto; até nos auxiliou sobremaneira tornando claros certos pontos obscuros. Mas quero informá-los quanto aos resultados obtidos, passando por alto, por falta de tempo, outros estímulos recebidos de mais pessoas.

A naturalidade e simplicidade do seu discurso denunciavam claramente que Traddles se exprimia assim para nos incutir esperança e permitir a Agnes ouvir pronunciar com mais confiança o nome do pai; apesar de tudo, não era menos agradável de escutar.

- E agora, vejamos - acrescentou contemplando o que se alastrava sobre a mesa. - Depois de ter dado a isto uma certa ordem e desfeito algumas confusões, penso que o doutor Wickfield pode liquidar os seus negócios e fechar o cartório sem acusar défice nem desvio de qualquer espécie.

- Graças a Deus! - exclamou Agnes, cheia de fervor.

- Mas o remanescente (admitindo já a hipótese da venda da casa) será tão pouco para o seu sustento, umas centenas de libras quando muito, que penso talvez fosse preferível ele conservar a gestão dos bens que lhe foram de há muito confiados. Os amigos poderiam aconselhá-lo. Agora é livre. Mesmo a senhora - dirigia-se a Agnes - e Copperfield e eu...

- Pensei nisso, Trot - acudiu Agnes - e afigura-se-me que não convém, ainda que por conselho de um amigo a quem sou grata e a quem tanto devo.

- Não digo que seja um conselho - observou Traddles. - Foi apenas sugestão.

- Agrada-me ouvi-lo - volveu Agnes com firmeza - porque me dá a esperança, e quase a certeza, de que somos da mesma opinião. Meu caro Traddles, e você, Trot, que posso eu desejar mais do que ver o meu pai aposentado com honra? Sempre desejei, se o visse escapado aos laços que o prendiam, tornar-lhe a vida mais amena, consagrando-lhe a minha solicitude e

ternura.. Garantir o nosso futuro será a maior felicidade que me podem conceder, depois de o ver isento de cuidados e responsabilidades.

- Mas já pensou nos meios, Agnes?

- Quantas vezes! Não tenha medo, caro Trot. Estou certa de que triunfarei. Há aqui muita gente que me conhece e não me admiraria se obtivesse êxito. As nossas necessidades são poucas. Se alugar esta velha residência e fundar uma escola, serei ao mesmo tempo útil e venturosa.

O ardor tranquilo e a alacridade da voz evocaram-me tão vivamente primeiro a velha casa e depois o meu lar solitário que, de comoção, perdi a fala. Traddles, durante uns minutos, fingiu estar muito ocupado com os seus papéis.

- E agora, senhora Trotwood - disse ele virando-se para a minha tia - esse dinheiro que lhe pertence...

- Meu Deus, doutor! - suspirou Betsey. - Tudo quanto posso dizer é que, se ele desapareceu, eu saberei suportar o infortúnio. Se o recuperarmos...

- Havia inicialmente oito mil libras em títulos do Estado, não é assim? - indagou Traddles.

- Exactamente.

- Só pude encontrar cinco... - retorquiu o advogado, com ar perplexo.

- Cinco mil libras ou cinco libras? - perguntou Betsey, sem se desconcertar.

- Cinco mil - confirmou Traddles.

- Era tudo o que restava - explicou a tia. - Eu própria vendi três mil. Mil para pagar o teu estágio, Trot, e as outras duas mil tenho-as comigo. Quando perdi tudo o que possuía, achei mais sensato não falar neste dinheiro mas guardá-lo em segredo na previsão de dias piores. Queria ver como saía da experiência, Trot, e tu por teu lado saíste-te bem, à força de perseverança, renúncia e energia. Dick também. Não me digam mais nada, que tenho os nervos abalados.

Ninguém o acreditaria ao vê-la ali sentada, tão pacífica, de braços cruzados. A verdade é que estava notavelmente senhora de si.

- Então tenho o prazer de considerar - redarguiu Traddles, radiante - que entrámos na posse de todos os seus bens...

- Não me felicitem! - ordenou Betsey. - Mas como foi isso, doutor Traddles?

- Julgava que o doutor Wickfield a tinha desapossado desses títulos?

- Naturalmente - assentiu a senhora Trotwood. - E por isso me calei. Não dissemos nada, Agnes?

- Na realidade, eles foram vendidos, em virtude da procuração que passou ao doutor Wickfield, ou do subestabelecimento feito mais tarde por este. O patife do Heep fingiu perante o sócio (provando-lhe por meio de números!) que levantara o dinheiro segundo as instruções recebidas a fim de evitar outras descobertas e promover a novos embaraços. Wickfield, incapaz de lhe resistir, cedeu em seguida à fraqueza de lhe pagar, senhora Trotwood, por várias vezes, juros fictícios de um capital que sabia já não existir, fazendo-se assim cúmplice da fraude.

- E acabou por tomar sobre si todo o odioso da história - obtemperou Betsey - porque me escreveu uma carta desesperada em que se acusava de roubos, de concessões incríveis. Então visitei-o certa manhã, pedi uma vela, queimei a carta, e disse-lhe que reparasse, se um dia lhe fosse possível, o mal que me fizera e a si mesmo, mas em todo o caso que se calasse por causa da filha.

Observámos completo silêncio. Agnes cobriu o rosto com as mãos.

- De forma que o senhor - continuou a tia daí a uns segundos - conseguiu de facto arrancar-lhe todo esse dinheiro?

- Micawber pô-lo entre a espada e a parede e o homem não pôde escapar. Creio aliás que se apoderou desses valores não para satisfazer a sua avareza mas para se vingar de Copperfield.

A mim mo declarou, acrescentando que juntaria dinheiro seu, se necessário, para fazer mal a David.

- Ah! - exclamou Betsey, carregando o sobrolho e relanceando Agnes. - E que fim levou esse biltre?

- Não sei. Deixou Cantuária, com a mãe, que todo o tempo gemeu, suplicou e falou. Partiram para Londres, é tudo quanto posso dizer, excepto que se portou comigo, antes disso, o mais indignamente que se imagina. Pareceu acreditar que eu era tão responsável como Micawber da sua desonra, o que tomei (como lhe disse, ao próprio) por um cumprimento.

- Supões que levou dinheiro, Traddles? - perguntei.

- Bem me parece que sim! - replicou meneando gravemente a cabeça. - Estou convencido de que embolsou boa maquia, de qualquer maneira. Mas creio que podes verificar, se tiveres oportunidade de lhe seguir as pegadas, que o

dinheiro nunca o impedirá de praticar malfeitorias. É um trapaceiro da pior espécie e, seja qual for a carreira que empreender, tomará sempre por caminhos tortuosos. É a sua única consolação. Rastejando sempre para atingir qualquer fim mesquinho, passará o tempo a esbarrar em obstáculos e, por consequência, desconfiará de todos os que se lhe opuserem e odiá-los-á. Praticará o mal sob todos os pretextos ou mesmo sem nenhum. Nem é preciso conhecer-lhe aqui o cadastro para o adivinhar.

- Um monstro de baixeza! - comentou a tia. - E quanto ao senhor Micawber, que se há-de fazer entretanto?

- Mais uma vez terei de o louvar alto e bom som. Se a sua paciência e perseverança não fossem tão grandes, não teríamos chegado a este resultado tão satisfatório. Penso que Micawber fez o bem por amor do bem; não se percam de vista as condições que ele poderia ter imposto a Uriah Heep em troca do seu silêncio!

- Isso é verdade.

- Antes de mais - notou Traddles, um pouco embaraçado - devo dizer que achei razoável, não podendo realizar tudo por mim, negligenciar dois pontos neste arranjo ilegal (porque tudo isto é ilegal, de cabo a rabo). O caso era difícil. Aquelas letras que ele assinou por causa dos adiantamentos...

- Devem ser pagas.

- Mas não sei nem quando é o prazo nem onde estão - respondeu Traddles - e palpita-me que, entre esta data e a da sua partida, Micawber há-de ser constantemente preso e penhorado.

- Então passaremos o tempo a libertá-lo da prisão e da penhora." A quanto monta o total?

- Micawber registou todas essas transacções (assim lhes chama) num caderninho e a soma é de cento e trinta e três libras e cinco xelins - respondeu Traddles sorrindo.

- Pois bem, dar-lhe-emos isso e mais ainda. Agnes, minha filha, mais tarde trataremos da maneira de dividir esse encargo. Quanto deverá ser? Quinhentas libras?

Eu e Traddles chegámos logo a acordo a respeito desta importância. Recomendámos que lhe fosse entregue dinheiro de contado e que pagássemos todas as letras sacadas, cujo credor era Uriah Heep (mas sem prevenirmos o nosso amigo), conforme fosse expirando o respectivo prazo. Também

propusemos pagar a toda a família as passagens e equipamento necessário, e entregar-lhe mais cem libras; quanto a estas, aceitaríamos as condições por ele oferecidas para o reembolso, isto por mera formalidade, atendendo a que Micawber acharia que esta solução lhe dava dignidade. Sugeri, por outro lado, esclarecer Daniel Peggotty acerca do carácter e história do seu companheiro de viagem, e deixar-lhe toda a liberdade para lhe fazer um empréstimo de outras cem libras. Propus-me igualmente interessar Peggotty pela pessoa de Micawber, contando-lhe tudo o que se me afigurasse oportuno e esforçar-me por que houvesse entre eles simpatia recíproca. Ninguém discordou da ideia e posso acrescentar que o resultado foi bom.

Vendo que Traddles olhava outra vez, inquieto, para a minha tia, lembrei-lhe o segundo e último ponto que tínhamos anunciado.

- Tu e a tua tia desculpar-me-eis, Copperfield, se afloro um assunto penoso, como receio que seja - disse ele, hesitante. - Mas julgo necessário recordar que, no dia da memorável denúncia de Micawber, Heep aludiu ameaçador... ao marido da senhora Trotwood.

Betsey, sem perder a rigidez nem a calma aparente, fez sinal de cabeça aprovador.

- Talvez - continuou o advogado - fosse mera impertinência...

- Não foi - retorquiu ela.

- Então, e peço desculpa de insistir, esse indivíduo existe realmente e pode pô-la em risco?

- É verdade.

Traddles explicou que não se atrevera a falar disso, porque não pudera ser um caso que se incluísse nas condições impostas a Heep, tal qual acontecera com as letras sacadas. «Actualmente já não temos poder sobre o sócio do doutor Wickfield e, se ele estiver apto a causar-nos prejuízo, a qualquer de nós, fá-lo-á pela certa.»

A tia nem se mexeu; apenas lhe correram novas lágrimas pelas faces. Por fim disse:

- Tem absoluta razão. Ainda bem que se referiu a isso.

- Poderei eu, ou Copperfield, fazer qualquer coisa? - inquiriu Traddles com a maior candura.

- Não. Nada - replicou a tia. - Agradeço-lhe muito. Trot, meu filho, a

ameaça é vã. Chamemos agora o casal Micawber. E que ninguém me fale!

Deu uma pancadinha na saia e permaneceu hirta, de olhos fitos na porta. Quando os Micawbers apareceram, disse-lhes:

- Deliberámos quanto à sua viagem. Desculpem tê-los deixado tanto tempo lá fora. Vou explicar as combinações que lhes propomos.

E expô-las, com infinita satisfação da família candidata à emigração, nesse momento completa nos seus membros. Depois disso, como a pontualidade de Micawber era um ponto de honra, ele logo se precipitou para o exterior a fim de adquirir os impressos necessários ao preenchimento das letras. Mas a sua alegria foi de curta dura, por que daí a pouco voltou acompanhado de um meirinho para nos declarar, entre um dilúvio de lágrimas, que estava tudo acabado. Como já esperávamos este incidente, de que Uriah Heep era naturalmente a causa, arranjámos imediatamente o dinheiro requerido. Cinco minutos decorridos, já se podia ver Micawber, sentado à mesa, a redigir as letras com o ar de beatitude que só lhe conferia esse trabalho tão agradável (ou a preparação de um ponche). Manuseava aqueles papéis como se fossem quadros e mirava-os de revés com um prazer de artista. Anotava gravemente as datas e os algarismos na sua agenda, em seguida contemplava tudo com o sentimento profundo do seu alto valor: era um espectáculo que merecia realmente ser observado.

- E agora, o que pode fazer de melhor, se me permite um conselho - disse-lhe Betsey, após um silêncio - é renunciar para sempre a essa ocupação.

- Minha senhora, tenciono consignar o juramento na página virginal do meu porvir. Minha mulher será testemunha. Espero - ajuntou solenemente Micawber - que meu filho Wilkins se lembre toda a vida que mais vale para ele meter a mão no fogo do que dela se servir para tocar nas serpentes que empeçonharam o sangue de seu desgraçado pai.

Deveras comovido, oferecia a imagem do desespero e contemplava as serpentes (isto é, as letras) com horror melancólico, em que subsistia algo da sua antiga admiração. Após isto, dobrou-as e meteu-as na algibeira.

Com isto terminaram os acontecimentos do dia. Estávamos lassos de tristeza e fadiga. Minha tia devia voltar para Londres na manhã seguinte, acompanhada por mim. Resolveu-se que os Micawbers nos seguiriam depois de ter vendido os móveis a um ferro-velho; que os assuntos de Wickfield seriam regularizados o mais rapidamente possível sob a direcção de Traddles; e que Agnes regressaria também a Londres para aí aguardar o fim destes ajustes.

Passámos a noite na velha residência, a qual, desembaraçada da presença de

Heep, parecia convalescer de uma enfermidade. Dormi no meu antigo quarto, como um náufrago reposto no seu lar.

No dia seguinte partimos, mas para a casa da tia Betsey e não para a minha. Quando ficámos sós, como outrora, ela disse-me, antes de se ir deitar:

- Trot, queres realmente saber o que me atormentava nestes últimos dias?

- Decerto, tia. Se houvesse jamais um momento em que desejaria não ver cuidados nem aborrecimentos de que não pudesse partilhar, esse é o de agora.

- Já tens demasiados desgostos, rapaz, sem ser preciso que lhes acrescentes os meus. Foi só por isso que te ocultei o que se passava.

- Bem sei. Mas diga tudo então.

- Queres acompanhar-me para não muito longe, amanhã de manhã?

- Naturalmente.

- Nesse caso, combinemos para as nove horas. Será nessa ocasião que te revelarei o degredo.

Às nove horas, pois, do dia seguinte, partimos de carruagem para Londres. Atravessámos numerosas ruas antes de chegar a um dos hospitais. Perto do velho edifício esperava um churrião. O cocheiro reconheceu a minha tia e, obedecendo a um gesto que ela lhe fez da portinhola do veículo, começou a pôr-se lentamente em marcha. Nós seguimo-lo.

- Estás agora a perceber? - perguntou-me Betsey. - Ele finou-se.

- No hospital?

- Sim.

Mantinha-se impassível a meu lado, mas tornei a descortinar-lhe novas lágrimas nos olhos.

- Já estivera aqui uma vez - continuou. - Sofria há muito tempo. Era um homem gasto. Quando se apercebeu do seu estado, desta última vez, mandou-me prevenir. Mostrou-se amargamente arrependido.

- E veio cá, evidentemente, tia.

- Vim. Passei depois várias horas com ele.

- Morreu na véspera da nossa ida a Cantuária? Betsey fez sinal afirmativo.

Agora já ninguém podia fazer mal à senhora Trotwood. A ameaça era vã.

Deixámos Londres e encaminhámo-nos para o cemitério de Hornsey.

- É preferível aqui a outro lugar. Foi nesta parte que nasceu.

Apeámo-nos e fomos atrás do féretro modesto. Num canto de que bem me recordo, leu-se o ofício respectivo.

- Faz hoje trinta e seis anos, Trot - disse a tia no regresso, dentro da carruagem - que nós casámos. Deus nos perdoe a todos!

Betsey poisava a sua mão na minha. E, de repente, começou a soluçar.

- Era um belo homem nesse tempo! Mudou tanto depois!

Mas a sua comoção não demorou muito. Aliviada pelo pranto, ficou novamente calma e até alegre. Os nervos haviam sido abalados, confessou-me, senão ter-se-ia conservado mais serena.

Reentrámos na vivenda Highgate, onde esperava uma carta de Micawber, recebida nessa mesma manhã. Rezava assim:

«Cantuária, sexta-feira. «Ilustríssima Senhora e prezado Copperfield:

«A bela terra da promissão, que se revelava já no horizonte, está mais uma vez envolta em névoa impenetrável e para sempre Oculta aos olhos de um mísero à toa na vida, cuja sorte se consumou.

«Nova façanha acaba de se verificar (através do tribunal de King's Bench, em Westminster) com outra acção da série Heep contra Micawber. E o acusado está neste momento em poder do xerife, sob a sua jurisdição legal.

«É este o dia, é esta a hora,

Eis o combate que apavora!

Do fero Eduardo as tropas chegam

Com os grilhões e a escravidão. {18}

«Condenado a uma morte rápida (pois o sofrimento moral não é tolerável além de certa medida, e esta pressinto que a atingi), encontro-me no limite da minha carreira. Deus a guarde! Deus o guarde!

«Algum viajante futuro, ao visitar um dia (movido pela curiosidade, que espero matizada de compaixão) este cárcere destinado aos devedores insolventes, talvez medite um pouco se descobrir, traçadas com um prego ferrugento, naquelas paredes, «as iniciais obscuras de «W. M. «P. E. - Reabro a carta para lhes dizer que o nosso comum amigo doutor Thomas Traddles (que ainda nos não deixou e tem óptimo aspecto quanto à saúde) pagou a dívida e as

custas em nome da Ilustríssima Senhora Trotwood, e que nós estamos, eu e a família, cumulados de felicidade terrena.»

LV. TEMPESTADE

Abeiro-me de um acontecimento da minha vida, tão indelével, tão tremendo, tão preso por uma infinidade de laços a tudo o que o precedeu nestas páginas que, desde o começo da minha história, o vejo crescer mais e mais e mais como uma torre enorme na planície, e até julguei sentir-lhe antecipadamente a sombra nos incidentes da minha infância.

Com ele sonhei depois durante anos. Muitas vezes acordei em sobressalto, crendo ouvir a sua fúria desencadear-se no meu quarto, no silêncio da noite. Ainda hoje tenho esse sonho, embora a intervalos mais ou menos distanciados. Associo-o ora a um vento tempestuoso ora ao rumor mais atenuado de um marulho na praia. Tratarei de o registar tão claramente como o vi desenrolar-se. Não é uma lembrança, tenho-o à minha frente, desdobra-se de novo diante de mim.

Quando o navio dos emigrantes se preparava para se fazer ao largo, a minha velha criada chegou a Londres. Ela, o irmão, os Micawbers e eu tornámo-nos então inseparáveis. Mas nunca pude ver a Emily.

Uma noite dos últimos dias eu estava só com os dois Peggottys. Acertámos de falar do Ham. Contaram-me a ternura com que o rapaz se despedira da tia e a calma viril de que se revestira. Nos derradeiros tempos ele devia ter sofrido muito, segundo pensavam. A Peggoty não fazia segredo neste particular, e todos nós lhe escutámos atentos o que ela (que vivera com o sobrinho tantas semanas) nos aprouve contar a este respeito.

Eu e a minha tia, por essa altura, deixámos as nossas vivendas de Highgate, eu porque tencionava partir em viagem pelo estrangeiro, Betsey porque queria regressar à sua casa de Dover. Passámos entretanto a habitar um rés-do-chão em Covent Garden. Certa noite, depois da conversa de que acabo de falar, regressei a penates reflectindo no que Ham (quando da minha última visita a Yarmouth) me dissera e na ideia que me ocorrera de deixar então uma carta a Emily: afinal decidira escrever-lhe mais tarde, admitindo sempre a hipótese de a rapariga desejar remeter ao infeliz noivo duas palavras de despedida. Sentia-me na obrigação de lhe oferecer essa possibilidade.

Instalei-me, pois, no quarto, para lhe escrever antes de me deitar. Disse-lhe que falara com Ham e que ele me pedira lhe comunicasse o que os leitores já sabem. Repeti-lhe isso fielmente. Não havia oportunidade de fazer censuras,

ainda que me assistisse esse direito. Deixei a carta bem em evidência, para que a remetessem ao seu destino no dia seguinte, e escrevi umas palavras a Daniel Peggotty relativas ao assunto. Quando me deitei já era de madrugada.

Sentia-me mais fraco do que supunha, e, como o sono não veio logo, só me levantei muito tarde. O que me despertou foi a presença silenciosa da minha tia à cabeceira do leito. Percebi-a através de uma espécie de nevoeiro, como em geral sucede em casos semelhantes.

- Trot, meu filho - disse ela, quando abri os olhos - não podia decidir-me a acordar-te. O senhor Peggotty está lá fora. Deve entrar?

Respondi afirmativamente e ele apareceu logo.

- Menino Davy - começou, depois de me haver apertado a mão - entreguei a sua carta à Emily e ela envia-lhe esta. Roga-lhe o favor de a ler e de se encarregar de tudo.

- Conhece o texto? - indaguei.

O pescador, com ar triste, confirmou a hipótese. Abri o papel e inteirei-me do que se segue:

«Recebi a sua informação. Não sei que lhe diga para agradecer tanta bondade, tanta generosidade que me concede!

«Conservarei no meu coração, até à morte, as suas palavras. São espinhos cruéis, mas ao mesmo tempo grande consolação. Rezei, enquanto as lia; rezei tanto! Quando vejo o que o senhor é, e o que é o meu tio, compreendo o que deve ser Deus, e atrevo-me a implorá-Lo.

«Adeus para sempre, meu amigo, adeus para sempre neste mundo. Se, no outro, eu for perdoada, talvez lá me reveja criança e corra para si! Mais uma vês obrigada, que Deus lhe pague! Adeus para sempre.»

Tal era a carta, manchada das suas lágrimas.

- Poderei dizer, a ela, que o senhor não vê inconveniente... e que terá a bondade de se encarregar...? - perguntou-me Daniel, quando eu terminei a leitura.

- Sem dúvida - ripostei. - Mas estou a pensar...

- Em quê?

- Penso que vou voltar a Yarmouth. Ainda temos muito tempo, antes da

partida do navio. Lembro-me tanto do rapaz, que está tão só! Se eu lhe transmitisse esta carta e depois dissesse à Emily que ele a recebeu... não seria concorrer para o bem de ambos? A viagem não me custará nada: tenho o espírito perturbado e a deslocação ser-me-ia salutar. Partirei esta tarde.

Embora ele porfiasse em me dissuadir, eu percebia que Peggotty comungava nos meus sentimentos. Bastar-me-ia este incitamento, se eu precisasse de algum. A meu pedido, Daniel foi ao escritório da diligência marcar-me um lugar ao lado do cocheiro. E, à hora aprazada, seguimos por aquela longa estrada que eu já percorrera no meio de tantas vicissitudes.

- Não acha - perguntei ao cocheiro - este céu muito estranho? Não me lembro de ter visto nada semelhante.

- Eu também não - respondeu-me. - Isto pressagia vento. Não tarda muito que o mar esteja encapelado.

Realmente o céu, semeado de manchas num tom do fumo da lenha verde, era cruzado por nuvens rápidas, que formavam pirâmides enormes. A Lua dir-se-ia transtornada ao aparecer de vez em quando no meio daquela confusão, como se alguma perturbação terrível das leis naturais a assustasse e lhe fizesse perder o rumo.

O vento soprara todo o dia e o barulho que se ouvia agora tornava-se medonho. Uma hora após a nossa partida, a força dele aumentara imensamente e o firmamento enegrecera mais. Com o avanço da noite, as nuvens aproximavam-se umas das outras, cobriam todo o céu e adensavam as trevas. Os cavalos da diligência progrediam com dificuldade. Várias vezes pararam a meio da noite (estávamos em fins de Setembro, quando elas se tornam mais compridas). Podia-se recear que a viatura, impelida pelo vento, se voltasse na estrada. O temporal, de tempos a tempos, trazia consigo remoinhos de chuva fustigante. Então, quando um grupo de árvores ou um muro nos oferecia abrigo, nós sentia-mo-nos contentes por nos deter ali, na impossibilidade de prosseguir a luta.

Raiou a aurora e aumentou mais a força do vento. Recordava-me de, em Yarmouth, ter assistido a tempestades que apavoravam os marítimos, porém nunca vira nada que se comparasse a esta. Chegámos a Ipswich com grande atraso, depois de disputar às rajadas cada palmo de terreno das dez milhas que nos separavam de Londres, e topámos no mercado diversos moradores que tinham saído da cama, temendo que as chaminés das casas desabassem. Outros apareceram no pátio da estalagem, enquanto se fazia a muda dos cavalos. Contaram-nos que grandes placas de chumbo haviam sido arrancadas a um campanário e projectadas numa viela, que inteiramente bloqueavam. Dizia-se

que gente do campo, recentemente chegada, observara pelo caminho portentosas árvores desenraizadas e até mós atravessadas na passagem. E o vento, longe de se acalmar, soprava cada vez mais forte.

Quanto mais nos aproximávamos do mar (a pouco e pouco, e a custo), mais essa força se fazia poderosa, porque dali é que ela irradiava. Muito tempo antes de vermos as ondas, sentimos na boca os borrifos salgados. A maré estava baixa, e o mar havia-se retirado, deixando à mostra grande extensão plana da vizinhança de Yarmouth. Havia inúmeras poças disseminadas. Ao descobrirmos a água, por intervalos, no horizonte, acima dos abismos flutuantes, veio-nos a impressão de outra costa, com os seus edifícios, as suas torres. Atingimos finalmente a cidade. Os habitantes acorreram às respectivas portas, mostrando-se de través, com o cabelo despenteado, cheios de admiração pela proeza da diligência, que ousara afrontar semelhante noite.

Apeei-me na velha estalagem, e em seguida fui na direcção do mar, escorregando na rua invadida pela areia, pelas algas, pelos flocos de espuma. Tinha medo das telhas e ardósias que caíam e esbarrava com os transeuntes com quem me encontrava nas encruzilhadas mais fustigadas do vento. Próximo da praia, vi não só pescadores mas a metade dos moradores da terra encostados às paredes das casas; de vez em quando alguns atreviam-se à borrasca para contemplar ao largo o vendaval, mas logo recuavam aos ziguezagues.

Juntei-me a estes grupos. Havia mulheres lamuriando: os maridos tinham partido para a pesca do arenque e das ostras e, segundo todas as probabilidades, deviam ter naufragado antes de poder alcançar abrigo. Viam-se velhos marinheiros de cabelo branco, que oscilavam a cabeça olhando o céu e a água e conversavam entre si em voz baixa; armadores agitados e tristes; crianças apertadas umas contra as outras, interrogando mudamente os adultos; e até lobos do mar afeitos ao perigo mas que se mostravam preocupados como os outros homens: quando investigavam o mar, dir-se-ia que espiavam um inimigo.

Por fim houve uma calma suficiente para eu observar os elementos no meio da ventania que levantava pedras e areia, e fiquei estupefacto. A mais pequena dessas muralhas líquidas, que chegavam sempre mais altas, parecia capaz de submergir a cidade. Quando a vaga se retirava com um rugido rouco, dir-se-ia abrir furnas na areia como se quisesse minar a costa. De cada vez que uma dessas ondas de crina branca se quebrava com fragor antes de atingir a terra, os seus fragmentos, talvez animados da mesma fúria, reuniam-se imediatamente para formar um novo monstro. Colinas movediças cavavam-se em vales; outros vales em movimento (roçados por vezes pela asa de uma procelária isolada)

erguiam-se então em colinas; afundavam-se massas de água para logo ressaltar, abalando a costa com um trovão medonho. Todas estas formas rolavam tumultuosas, deslocando-se, transformando-se sem tréguas. A margem imaginária do horizonte subia e descia com as suas torres e edifícios, as nuvens corriam rápidas e negras; eu julgava assistir a uma dilaceração, a uma revolta da natureza inteira.

Ham não se achava entre as pessoas que essa tempestade memorável tinha reunido, e eu deliberei ir procurá-lo a casa. Bati à porta e ninguém veio abri-la. Fui então pelas ruas e travessas até ao arsenal em que o rapaz trabalhava. Aí me informaram de que ele partira para Lowestoft, chamado para reparações urgentes, em que era muito hábil; mas estaria de volta no dia seguinte de manhã.

Retrocedi para a estalagem e, depois de me ter lavado, vestido e tentado em vão dormir, vi que eram cinco horas da tarde. Estava ao canto do lume, no salão do café, quando o criado veio atiçar as brasas para ter oportunidade de tagarelar. Disse-me que dois navios carvoeiros haviam soçobrado com a equipagem, a algumas milhas da costa, e também que se avistavam barcos em perigo na baía, os quais diligenciavam evitar que o temporal os lançasse à terra. «Que Deus se amerceie deles e de todos os pobres marinheiros», acrescentou o homem, «se a próxima noite for igual à última!»

Muito abatido, sofrendo da solidão e mais inquieto pela ausência de Ham, perdera a noção do tempo e do espaço, pois a confusão dos últimos dias afectara-me mais do que eu supunha. Se, por exemplo, saísse, não me admiraria de ver na cidade alguém que eu sabia estar na capital. De uma forma estranha, trazia o espírito alheado, mas simultaneamente desperto pela recordação dos lugares sempre evocadores para mim e particularmente vivos e penetrantes na memória.

Assim neste estado, as notícias tristes que o criado me deu quanto àqueles barcos intensificaram a minha preocupação acerca de Ham. Não me coibia de pensar que ele era capaz de vir de Lowestoft por via marítima, arriscando-se a perecer afogado. Esta apreensão tornou-se tão obcecante que resolvi voltar ao arsenal antes do jantar a fim de perguntar ao capataz se ele julgava que Ham Peggotty tomaria, para regresso, alguma embarcação. Nesse caso, seguiria logo para Lowestoft no propósito de evitar essa viagem, e traria Ham comigo, por terra.

Na dúvida, porém, jantei à pressa e fui lá; cheguei mesmo a tempo, porque já iam fechar a porta. O capataz riu-se da minha desconfiança e disse-me que o carpinteiro não corria perigo. Era moço ajuizado, incapaz de embarcar com semelhante tempo. Estava, desde criança, habituado a conhecer o mar.

Era o que eu calculava, e quase tive vergonha da minha resolução, à qual todavia me senti obrigado. O uivar do vento, o bater de portas e janelas, a oscilação aparente dos muros e paredes e o tumulto prodigioso do mar eram ainda mais pavorosos que de manhã. Além disso reinava escuridão profunda, o que emprestava ao temporal aspectos medonhos, reais ou imaginários.

Eu não podia nem comer nem estar parado, nem fazer nada de concreto. Alguma coisa em mim, correspondendo dèbilmente à tempestade exterior, vinha perturbar-me as profundezas da memória e provocava aí o tumulto. Contudo, no turbilhão das ideias que corriam tão vertiginosas como as vagas, a minha apoquentação quanto a Ham ocupava sempre o primeiro lugar. Mal tinha jantado e procurei reconfortar-me com dois copos de vinho. Em vão!

Amolentado, sentei-me diante do lume, sem perder consciência do tropel dos elementos nem do lugar em que me encontrava. Em mim dir-se-ia pairar apenas um horror indefinido e, quando despertei, ou melhor, quando me desfiz da letargia que me pregava à poltrona, todo o meu ser fremiu de um medo inexplicável e sem objecto.

Andei cá e lá no quarto, quis ler uma velha gazeta, prestei atenção aos ruídos espantosos do exterior, e contemplei rostos, cenas e formas variadas que as chamas desenhavam. Por fim o tiquetaque regular do relógio imperturbável causou-me tamanha tortura que decidi ir para a cama.

Foi-me reconfortante, em tal noite, saber que alguns dos criados da estalagem, tinham deliberado ficar de vigília até de manhã. Deitei-me bastante cansado e cheio de sono, porém mal me estendi na cama estas sensações desapareceram como por mágica e eu senti-me bem acordado, com todos os sentidos alerta.

Fiquei horas a escutar a água e o vento, supondo ouvir ora gritos ao largo, ora o tiro de alarme, ora prédios que se desmoronavam. Levantei-me várias vezes para ir ver o que se passava: mas só enxergava, na vidraça, o reflexo da vela que deixara acesa e a minha cara de espanto a investigar o vazio da noite.

Até que a minha agitação atingiu tal paroxismo que enfiei precipitadamente o fato, e desci a escada. Na cozinha monumental, em cujas traves lobriguei presuntos e résteas de cebolas, os vigilantes agrupavam-se em atitudes várias de roda da mesa, expressamente afastada da chaminé e encostada à porta. Uma rapariga bonita, que tapara os ouvidos com o avental, soltou um grito ao ver-me chegar, crendo tratar-se de um fantasma; mas os outros tiveram maior presença de espírito e alegraram-se por ver aumentar o número dos circunstantes. Um dos homens, voltando ao tema da conversa interrompida, perguntou-me se eu

acreditava que as almas dos marinheiros dos dois barcos naufragados errassem no meio da tempestade.

Demorei-me com eles pelo menos duas horas. Uma vez fui abrir a porta do pátio, a fim de espreitar a rua deserta. A areia, as algas, os flocos de espuma continuavam a esvoaçar e eu vi-me obrigado a pedir ajuda para fechar a porta, que as rajadas impeliam para dentro.

Quando por fim voltei ao meu quarto solitário, reinava aí completa escuridão. Mas estava fatigadíssimo e, logo que me deitei, caí - do alto de uma torre ao fundo do precipício - no sono mais intenso. Fossem, porém, quais fossem as cenas variadas em que se desenvolveram os meus sonhos, o vento nunca deixou de soprar. Até que perdi este último contacto com a realidade, e, em companhia de dois amigos queridos, mas cujos nomes ignoro, me achei prestes a atacar uma cidade, sob o estrondo do canhão!

O canhoneio era tão violento e contínuo que eu não chegava a perceber uma coisa que no entanto desejava ouvir; enfim, com um esforço sobre-humano, acordei. Era dia, oito ou nove horas; a tempestade rugia, substituindo os tiros de canhão. Alguém batia e chamava por mim à porta.

- Que é? - perguntei.

- Um naufrágio! Muito perto.

Saltei da cama e indaguei que naufrágio era.

- Uma escuna espanhola ou portuguesa, carregada de fruta e vinho. Despache-se, senhor Copperfield, se quiser ver. Na praia dizem que ela vai despedaçar-se de um momento para outro.

A voz excitada afastou-se e esmoreceu na escada. Eu vesti-me tão depressa quanto pude a fim de me precipitar para a rua.

Adiante de mim corria a multidão, seguindo o mesmo caminho, o da praia. Apressei-me ainda mais e ultrapassei várias pessoas: dentro de pouco estava frente ao mar embravecido.

Talvez o vento se houvesse acalmado um pouco, mas na proporção, por exemplo, de meia dúzia de canhões que, em cem, se tivessem calado no meu sonho. E o mar, cuja agitação crescera durante a noite, estava sem dúvida mais pavoroso do que na véspera. Todos os aspectos que ele oferecera então dir-se-iam ampliados, e a altura a que as vagas se elevavam e de que se precipitavam depois cavalgando umas sobre as outras, para rebentar em hostes intermináveis, essa altura era uma coisa aterradora.

No primeiro instante, incapaz de ouvir outro som além do vento e das ondas, perdido na chusma em que remava indizível confusão, com a respiração sufocada pela tempestade, eu sentia-me tão aturdido que nem pude descobrir o navio quando olhei para o mar: via apenas a crista espumante das vagas alterosas. Um marinheiro, seminu, que se achava perto de mim, estendeu para a esquerda o braço, no qual uma seta tatuada indicava a mesma direcção. E, de repente, descobri o navio muito próximo!

Tinha um mastro quebrado, a cerca de meio metro do convés, e pendia pela borda fora numa baralhada de velas e aparelhos, e, enquanto o navio oscilava com violência inconcebível, essa massa de despojos vinha bater-lhe no costado como para o destruir de vez. A bordo lutavam por se desembaraçar dos destroços, pois, quando a embarcação, que estava de esguelha, se virou para nós por efeito do balanço, claramente distingui os homens que trabalhavam com machados e, entre eles, um vulto ágil de cabelos encaracolados e compridos. Mas, nessa ocasião, subiu um grito estridente da multidão, abafando o ruído do vento e das ondas. Uma vaga enorme cobriu o navio, submergindo-o com a tripulação, mastaréus, barris, tábuas, paveses, todos esses acessórios despedaçados.

Via-se ainda o segundo mastro com farrapos de uma vela e uma desordem indescritível de cordas partidas, que flutuavam ao vento. O mesmo marinheiro gritou-me aos ouvidos que o barco havia culapado uma primeira vez, e se erguera para de novo ir embater no fundo. Pareceu-me ouvir acrescentar que se partira pelo meio. Realmente, era impossível resistir a um ataque tão violento. Entretanto outro grito soava na praia. Do abismo surgiam quatro homens, que se agarravam ao cordame do segundo mastro; entre esses homens estava o rapaz ágil do cabelo encaracolado.

Havia a bordo um sino e, enquanto o navio balanceava, arrojando-se como um animal furioso, ora a mostrar todo o arqueamento quando se voltava na direcção em que estávamos, ora somente a quilha quando dava um salto selvático para as águas, o tal sino badalava dobrando a finados por aqueles infelizes; o som atingia-nos, trazido pelo vento. De novo se submergiu o destroço, para reaparecer à superfície. Já faltavam dois dos náufragos. Em terra a angústia aumentava. Os homens gemiam, unindo as mãos numa prece. As mulheres choravam e desviavam a cabeça. Corria gente como louca através da areia, pedindo socorro quando afinal já não havia possibilidade de o prestar. Supliquei também a um grupo de marítimos que eu conhecia: «Não deixem morrer esses dois desgraçados perante os nossos olhos!»

Aflitos, os homens davam-me a entender - não sei como, mas eu estava muito impressionado para compreender o pouco que conseguia ouvir - que tinham corajosamente preparado a canoa de salvamento havia já uma hora, mas que não podiam lançá-la ao mar. Ninguém perdera o juízo ao ponto de, por outro lado, se atirar às ondas amarrado a uma corda e ir buscar os náufragos. Nada mais se podia tentar. De repente, porém, correu uma notícia sensacional. Vi abrirem-se alas e aparecer Ham no primeiro plano.

Corri ao seu encontro, talvez para lhe repetir a minha súplica de salvação. Qual foi, porém, o meu terror - espectáculo terrível e novo para mim - ao perceber no seu ar resoluto (exactamente como no dia seguinte ao da fuga de Emily) que o rapaz se decidira a correr um sério risco. Agarrei-o então pelos braços e roguei aos camaradas que não o deixassem perder-se, que não consentissem no seu acto de heroísmo.

Sentindo novo burburinho, olhei para os destroços ao sabor das ondas. O resto de vela, com pancadas cruéis, forçou um dos náufragos a largá-la; o outro, mais ágil, continuou sozinho pendurado do pedaço de mastro.

Perante tal cena os meus rogos seriam já inúteis, tanto mais que conhecia a vontade indomável de Ham Peggotty.

- Menino Davy - disse-me ele em tom jovial, apertando-me as duas mãos - se chegou a minha hora, paciência. Que o Senhor nos abençoe a todos! Amigos, preparem-me. Eu vou.

Vi-me arrastado, mas suavemente, a alguns metros dali, e escutei confusamente as pessoas que me rodeavam explicar-me que ele estava decidido a ir, com ou sem ajuda, e que eu aumentaria o perigo se dificultasse as precauções que tomavam para sua salvaguarda. Não me lembro o que respondi nem o que eles alegaram mais. Havia idas e vindas na praia; notei que corriam velozes com a corda de um cabrestante e que entravam no grupo que escondia Ham aos meus olhos. Em seguida descobri-o, só, com a sua camisola e calças de marinheiro; tinha uma corda enrolada na mão ou no punho, e outra em volta do corpo; alguns dos melhores homens daquela costa seguravam na extremidade, deixando-a deslizar, sem que a esticassem, na areia que lhes estava aos pés.

Tornava-se evidente, mesmo para os meus olhos pouco experimentados, que o destroço se deslocava, separando-se pelo meio, e que a sobrevivência do último náufrago, agarrado ao mastro, seria coisa de minutos. O rapaz, no entanto, mantinha-se firme, tinha na cabeça um boné vermelho, de feitio esquisito: e enquanto a prancha que o sustinha se desfazia a pouco e pouco, ele agitava o boné num gesto que me recordou, de súbito, alguém outrora muito da

minha intimidade.

Ham espiava o mar, em lugar desviado, e havia atrás de si o grande silêncio da multidão que retinha o fôlego. À sua frente desenrolava-se a tempestade. Uma vaga enorme refluiu e ele, lançando um olhar aos que seguravam na corda, atirou-se na perseguição da onda. Daí a instantes entrava em luta com outras que retrocediam, elevando-se no cimo delas, caindo nos vales que se abriam, perdido no meio da espuma. Então foi repelido para a praia e os camaradas puxaram-no precipitadamente.

Estava ferido. Do lugar onde me conservava, enxerguei sangue no rosto. Ham, porém, não fazia caso disso. Pareceu-me que dissera aos camaradas para o deixarem mais lasso, afrouxando a corda (pelo menos assim inferi dos seus gestos); e voltou a atirar-se ao mar.

Desta vez dirigiu-se para o local do sinistro, alçado na crista das ondas, tombando no côncavo delas, tão depressa rechaçado como impelido para diante, mas lutando sempre sem desfalecimento. A distância era curta, mas a violência do mar e do vento tornavam o combate mortal. Por fim aproximou-se do destroço. Achava-se tão perto que bastaria uma braçada vigorosa para lhe tocar... quando uma imensa muralha de água verde avançou para a costa, subvertendo tudo - e os restos do navio desapareceram.

Ao correr para o ponto em que içavam a corda, vi voltear no mar uns pequenos fragmentos, como se fosse um simples barril que se houvesse despedaçado. Em todos os rostos lia-se sincera consternação. Puxaram o corpo e eu contemplei-o a meus pés, inerte. Era cadáver. Transportaram-no para a casa mais próxima e, como agora ninguém mo impedia, andei de volta dele, azafamado, porque eu procurava por todos os meios reanimar o que já não tinha vida. A vaga enorme matara-o num instante e aquele coração generoso tinha parado para sempre.

Encontrei-me sentado à beira do seu leito, perdidas que foram todas as esperanças. Um pescador, que me conhecia desde a minha infância e a de Emily, veio sussurrar o meu nome à porta.

- Quer descer? - perguntou-me alguém de uma palidez de cinza, com as lágrimas a correrem-lhe pelas faces.

O seu olhar despertou em mim uma antiga recordação, confirmando a suspeita que eu pouco antes tivera.

- Deu um cadáver à costa? - inquiri.

- Sim, senhor.

- Conhece-o?

Não me respondeu, mas conduziu-me à praia. E, no sítio onde eu e Emily, crianças, apanhámos conchinhas, ali onde o vento espalhara destroços do velho barco-residência, destruído nessa noite, no meio das ruínas daquele lar que ele injuriara, o rapaz de cabelo encaracolado jazia com a cabeça apoiada no braço, como muitas vezes eu o vira dormir no colégio.

LVI. A FERIDA NOVA E A ANTIGA

Não tinhas necessidade, ó Steerforth, de me recomendar, na última vez em que nos vimos, na ocasião de uma despedida que eu mal podia crer definitiva: «Promete-me que só te lembrarás do meu lado bom.» Assim eu fizera; como podia agora mudar de ideias, perante tal espectáculo?

Estenderam-no numa padiola, cobriram-no com uma bandeira e transportaram-no para a povoação. Todos os que o conduziam eram seus velhos conhecidos: tinham ido para o mar com ele, haviam-no admirado alegre e garboso. Seguiram no meio do estrépito do temporal, silenciosos entre todo aquele tumulto, e encaminharam-se para a vivenda onde já se alojara a Morte.

Mas, ao poisar a padiola na entrada, entreolharam-se cochichando. Eu sabia a razão disso. Achavam que não era conveniente colocá-lo no mesmo quarto do outro. Fomos, pois, para a cidade e depositámos a nossa carga na estalagem. Logo que pude conciliar as ideias, mandei chamar Joram e pedi-lhe que me arranjasse um veículo que o pudesse levar a Londres, durante a noite. A mais ninguém competiria, além de mim, tomar conta do cadáver e preparar a mãe para o receber. Tratava-se de um dever cruel, que me impus cumprir tão fielmente quanto possível.

Escolhi a noite para a viagem a fim de evitar os curiosos. Mas, embora fosse quase meia-noite, quando a minha carruagem saiu do pátio da estalagem, seguida daquilo que me estava confiado, muita gente esperava na rua. Em vários lugares, ao atravessar a cidade e até curta distância fora de portas, fui encontrando diversos grupos. Todavia daí a pouco achava-me em pleno campo, na desolação da noite, com os restos mortais do meu amigo de infância.

E foi por um belo dia de Outono, cerca do meio-dia, quando as folhas secas perfumavam a terra ou adornavam ainda os ramos doirados pelo sol, com os seus coloridos amarelos, rubros ou castanhos, que eu cheguei a Highgate. Percorri a derradeira milha a pé, pensando como devia proceder. A carruagem deixara-a a alguma distância, à espera das minhas ordens.

Não observei alteração na casa. Nenhuma janela estava aberta, não havia o menor sinal de vida no triste corredor pavimentado nem na galeria que levava à porta sempre fechada. O vento amainara e nada tugia nem mugia.

De começo não tive coragem de bater ao portão. Quando me compenetrei dessa necessidade, pareceu-me que o próprio som da campainha falava por mim.

A criadita apareceu, de chave na mão, e, olhando-me ansiosa, disse-me ao abrir:

- Desculpe, senhor Copperfield, mas está doente?

- Tive muitos aborrecimentos e estou cansado.

- Aconteceu alguma coisa? O senhor James...?

- Cale-se - ordenei-lhe. - Sim, aconteceu uma coisa, que devo participar à senhora Steerforth. Ela está em casa?

A rapariga respondeu-me, com ar inquieto, que a senhora raras vezes saía, mesmo de carruagem, e que me recebia com certeza. Aliás já se encontrava levantada, acrescentou, e a senhora Dartle acompanhava-a nesse momento. Que havia de dizer, ao anunciar-me?

Recomendei-lhe que não deixasse transparecer nada na expressão do rosto e se limitasse a apresentar-lhe o meu bilhete-de-visita, dizendo que eu esperava. Em seguida sentei-me na sala (aonde já havíamos chegado), até que a criada reapareceu. As janelas estavam meio fechadas, parecia que ninguém comparecia ali. Há muito tempo que não tocavam harpa. Na parede via-se o retrato de James criança. Continuava no mesmo canto a escrivaninha em que a senhora Steerforth guardava as cartas do filho; pensei se ela as lia agora, se jamais as tornaria a ler!

Reinava tanta tranquilidade na residência que eu sentia os passos leves da criada no primeiro andar. Voltou para me informar que a senhora estava doente, não podia descer, mas que, se eu quisesse ir ao seu quarto, me agradecia esse incómodo. Daí a poucos minutos achava-me defronte dela.

A senhora Steerforth, afinal, encontrava-se no quarto do filho e não no seu. Compreendi que a saudade a levara até lá e que, pela mesma razão, conservava derredor todos os troféus de James obtidos no colégio, na ordem em que ele os deixara. A explicação que deu foi que os seus aposentos não convinham a uma doente, mas o seu ar repelia qualquer indício de verdade no facto.

Como de costume, junto da poltrona da dona da casa encontrei a senhora Dartle. Logo que os olhos pretos desta última se poisaram nos meus, percebi que ela suspeitava de que eu lhes trazia más notícias. Instantaneamente se tornou visível a cicatriz do lábio. Rosa recuou um passo, de maneira a esconder a cara, não fosse a outra desconfiar, e perscrutou-me com um olhar penetrante que não esmoreceu e nem por um instante se desviou de mim.

- Lastimo verificar que está de luto, senhor Copperfield - disse a mãe de James.

- Tive a infelicidade de perder minha mulher.

- É muito novo para tamanha provação. As minhas condolências. Espero que o Tempo actue favoravelmente.

- Também eu - respondi, fitando-a - espero que o Tempo proceda igualmente consigo, minha senhora. É o que nos resta de melhor nas grandes desgraças.

A gravidade das minhas palavras e as lágrimas que me assomaram aos olhos acabaram por inquietá-la. O curso dos seus pensamentos pareceu deter-se de súbito e mudar de direcção.

Procurei manter firme a voz para suavemente proferir o nome do filho, mas não pude deixar de sucumbir a um leve tremor. A senhora Steerforth pronunciou duas ou três vezes esse nome em voz baixa. Depois observou com uma calma forçada:

- Meu filho está doente?

- Muito.

- Viu-o?

- Sim, senhora.

- Reconciliaram-se?

Era-me impossível afirmar ou negar. A senhora Steerforth virou de leve a cabeça para o ponto em que se achava Rosa Dartle e eu aproveitei esse instante para murmurar à dama de companhia:

- Morreu!

A fim de evitar que, fitando-a, a pobre mãe visse no rosto de Rosa escrita a verdade, o que não estava ainda preparada para suportar, apressei-me a chamar-lhe a atenção. Entretanto a outra levara as mãos à cabeça, num gesto de horror e desespero.

Então a viúva olhou para mim ao mesmo tempo que alçava os dedos à testa. Supliquei-lhe que sossegasse, preparando-se para sofrer o que eu tinha de contar; mais valera, porém, lhe pedisse que chorasse, pois a senhora Steerforth estava impassível como uma estátua de pedra.

- A última vez que aqui vim - balbuciei - a senhora Dartle disse-me que James andava embarcado. A noite de anteontem foi terrível no mar. Se ele navegava nessa ocasião, e perto de uma costa perigosa, e se o barco que avistaram era o seu, como disseram...

- Rosa! - ordenou a viúva. - Aproxima-te.

A dama de companhia obedeceu, mas sem amenidade nem comoção. Contemplou aquela mãe, envolvendo-a no seu olhar de fogo e desatou numa gargalhada pavorosa.

- Então, hem? Está satisfeito o seu orgulho? Mulher insensata! Agora, que ele pagou... com a vida! Está a perceber? Com a vida!

A senhora Steerforth, hirta na sua poltrona, não emitiu um gemido mas fitou-a com olhos desvairados.

- Sim! - continuou Rosa, batendo frenética no peito. - Olhe para mim, e gema, e chore! Repare na obra do seu filho defunto!

- E indicou a cicatriz da boca.

O queixume que a mãe exalava de tempos a tempos apertava-me o coração. Esse queixume era sempre igual. Inarticulado, sufocado. Sempre acompanhado de um movimento de impotência da cabeça, sem todavia mostrar alteração nas feições.

Passava pelos lábios cerrados, pelos dentes unidos, como se as maxilas se tivessem paralisado e o rosto petrificado de horror.

- Lembra-se do dia em que ele me fez isto? Lembra-se do dia em que, levado por esse orgulho e violência que herdou da senhora e que a senhora lisonjeava, ele me fez isto e desfigurou para sempre? Olhe, estou marcada até à morte pela sua cólera. Agora sofra e chore pelo que fez dele!

- Senhora Dartle - implorei - em nome de Deus...

- Deixe-me falar - ripostou, voltando para mim o olhar chamejante. - E o senhor cale-se! Olhe, repito, mãe orgulhosa de um filho orgulhoso e pérfido! Sofra pela educação que lhe deu. Deplore a corrupção em que o lançou! Lastime a sua perda! E chore pela minha!

Apertava os punhos, tremia-lhe todo o corpo magro, consumido, como se a paixão a matasse a pouco e pouco.

- Arrependa-se da teimosia que lhe transmitiu! O orgulho dele não a pode ferir, porque é também o seu orgulho. Desde o berço que a senhora o fez como ele era e atrofiou o que devia ser. Está recompensada agora dos seus anos de porfiado labor?

- Senhora Dartle - intervim - que crueldade!

- Nada impedirá que eu fale enquanto aqui estiver! Sofri todo este tempo para me calar agora? Estimava-o mais do que a senhora o estimou! - exclamou

Rosa virando-se para a mãe de James. - Fui capaz de o amar sem nada pedir como retribuição. Se tivesse sido mulher dele, tornar-me-ia escrava dos seus caprichos apenas em troca de uma palavra de amor por ano. Sim, sim, quem melhor do que eu o sabe? A senhora foi exigente, orgulhosa, formalista e egoísta. O meu amor seria devoção; teria calcado aos pés as suas lamúrias, senhora!

De olhos chispantes, bateu com o pé no chão para juntar o gesto à palavra.

- Olhe!-continuou tacteando a cicatriz com mão impiedosa. - Quando ele cresceu o suficiente para compreender o que fizera, ficou arrependido. Eu sabia cantar para seu deleite, sabia falar-lhe, sabia mostrar o interesse que sentia por tudo quanto ele praticava e adquiri com o meu trabalho os conhecimentos susceptíveis de o atrair e captar. Na idade em que foi puro e sincero, concedeu-me o seu amor. Amou-me, sim! Quantas vezes, depois de se haver desembaraçado da senhora, James veio ter comigo!

Disse isto com vaidade, em tom de desafio, no meio do seu delírio; mas também com um ardor em que a sua antiga ternura pareceu renascer um momento das cinzas frias.

- Acabei... como aliás devia ter previsto, se ele me não tivesse fascinado pelas suas assiduidades juvenis... acabei por ser uma boneca, um joguete que lhe ocupava as horas vagas, coisa que podia retomar e largar à vontade e com que podia divertir-se sempre que estivesse disposto a tal. Quando se cansou, eu cansei-me também. Quando o seu capricho terminou não tentei arraigar o meu poder, do mesmo modo que não consentiria em ser sua esposa se ele o quisesse à força. Separámo-nos sem uma palavra. Talvez a senhora o notasse, sem o lamentar. Em seguida fui, entre ambos, como um móvel deteriorado, sem olhos, sem ouvidos, sem coração e sem memória. Está a gemer? Pois vá gemendo sobre o que fez dele e não sobre o seu amor. Repito que houve tempo em que o estimei mais do que a senhora.

Aqueles olhos brilhantes e acusadores fixavam o olhar imóvel e o rosto gelado da senhora Steerforth; mas quando recomeçou o gemido, ela nem por isso se comoveu, como se esse rosto fosse apenas um retrato.

- Senhora Dartle - insisti - vejo que é insensível, aliás ter-se-ia compadecido desta mãe angustiada...

- Compadecer-me? - replicou violentamente. - Dela? Esta obra é sua. Que vá gemendo sobre a seara que semeou com as próprias mãos.

- E se as culpas do filho...?

- Culpas? - repetiu Rosa, soltando soluços convulsos. - Quem se atreve a

culpá-lo? A alma de James valia milhões de vezes mais que a dos amigos perante quem ele se rebaixava.

- Ninguém o podia ter estimado mais do que eu, nem conservar uma recordação mais querida - repliquei. - Eu queria dizer que, se a senhora se não compadece da mãe e se as culpas do filho... Foi muito rigoroso para com os seus pecados, senhora Dartle.

- É falso! - volveu vivamente. - Eu amava-o!

- ... Se as culpas de James se não podem apagar da sua lembrança em semelhante ocasião, olhe ao menos para esta mulher como se a visse pela primeira vez e socorra-a no que puder.

A senhora Steerforth não se mexera, parecia quase incapaz de um movimento. Direita, rígida, de olhar fixo, soltava a intervalos o mesmo queixume, com o mesmo oscilar de cabeça, mas sem dar outro sinal de vida.

Subitamente Rosa Dartle ajoelhou diante dela e começou a desacolchetar-lhe o vestido.

- Que sejas maldito! - gritou-me, virando-se para mim com ar colérico misturado de dor. - Vieste aqui só para espalhar a desgraça! Que sejas maldito! Vai-te embora!

Puxei o cordão da campainha, para chamar os criados. Rosa Dartle tomara nos braços aquela forma inanimada e, sempre de joelhos, inundava-a de lágrimas, beijava-a, embalando-a de encontro ao coração como se se tratasse de uma criança, e tentava, por todos os meios que pode inspirar a ternura, despertar-lhe os sentidos suspensos. Como já não receasse deixá-las sós, saí sem ruído do quarto.

Voltei mais tarde e estendemos James na cama do aposento materno. A senhora Steerforth continuava no mesmo estado, segundo me informaram. Rosa não a deixara. Os médicos estavam presentes. Tinham experimentado todos os processos de reanimação, porém ela mantinha-se como uma estátua, salvo um ou outro gemido que soltava de vez em quando.

Percorri a casa desolada e fechei todos os postigos, acabando pelos do quarto em que James repousava. Ergui-lhe a mão de chumbo e apoiei-a contra o meu coração. Não havia agora senão morte e silêncio, apenas perturbado pelos queixumes de uma mãe.

LVII. OS EMIGRANTES

Antes de me abandonar à minha mágoa, devia ainda ocultar estes acontecimentos aos que partiam, e despedir-me deles com ar de ignorância feliz. Não podia perder tempo.

Nessa mesma noite, chamei de parte Wilkins Micawber e encarreguei-o de impedir que a notícia das tristes ocorrências chegasse aos ouvidos de Daniel Peggotty. Micawber aceitou com entusiasmo esta missão e prometeu-me interceptar todos os jornais, sem o que seria impossível evitar o conhecimento da catástrofe.

- Para que ele os saiba - declarou - será preciso passar sobre o meu cadáver!

Devo informar que Micawber, para se adaptar à sua vida nova, tomara um aspecto de filibusteiro audaz, não bem à margem da lei mas antes na defensiva e muito vivo e pronto. Podia-se supô-lo um homem bastante confinado a uma região erma, longe da civilização e prestes a voltar à solidão nativa.

Entre outras coisas, obtivera um equipamento completo de oleado e chapéu de palha, de copa baixa, exteriormente alcatroado. Quando deambulava com esse traje rude, com um óculo de longo alcance debaixo do braço, disposto a perscrutar o céu e o horizonte, assemelhava-se mais a um marítimo do que o próprio Daniel. O resto da família estava também apto a entrar em acção. A mulher usava chapéu de fitas bem amarradas ao queixo, e envolvia-se num xaile que a fazia parecer-se (como eu na célebre noite da minha chegada a casa da tia Betsey) com um verdadeiro embrulho atado fortemente pelo lado de trás da cintura. A filha enfronhara-se igualmente, na previsão das piores tempestades e sem o menor adorno. O filho primogénito quase desaparecia numa camisola de lã, com óptimas calças de fazenda peluda como eu nunca vira. Quanto aos pequenos, andavam enfardados, como conservas, em forros impermeáveis. Micawber e o rapaz mais velho arregaçavam as mangas no punho a fim de estar prontos a dar um murro, a tropeçar ou a soltar o grito de «Iça!» à menor advertência.

Foi assim que nos encontrámos ao cair da noite. Traddles e eu, instalados nos degraus de pau então conhecidos pelo nome de Escada de Hungerford, dispúnhamo-nos a observar a partida de um navio que transportava grande parte dos seus bens.

Eu contara a Traddles a medonha tragédia e ele ficara profundamente

impressionado, mas achava também que a caridade nos ordenava que a mantivéssemos secreta e queria ajudar-me nessa obra de misericórdia. Nessa ocasião é que tomei Micawber de parte e obtive a sua promessa de guardar segredo.

Os Micawbers haviam-se hospedado por cima de uma taberna suja e arruinada, próximo desses degraus, e cujos quartos de tabiques de madeira davam para o rio. Como emigrantes, suscitavam a curiosidade de Hungerford e arredores. Atraíam tanto o interesse dos habitantes que nos vimos forçados a procurar refúgio naqueles aposentos. Era uma das divisões de ressalto do prédio, com as águas fluviais correndo em baixo. A minha tia e Agnes estavam ali ocupadas a confeccionar vestidos para as crianças poderem mudar durante a viagem. A velha criada Peggotty auxiliava-as na tarefa, muito calada, com a sua eterna caixa de costura, a sua fita métrica e o coto de vela, que tinham sobrevivido já a tanta coisa!

Não foi fácil responder às perguntas que nos fizeram, e muito menos sussurrar à Peggotty, quando Micawber lhe disse que entrasse, que eu entregara a carta e que tudo ia bem. Se deixasse transparecer um pouco da minha comoção, o próprio luto que usava bastaria para a justificar.

- E quando parte o navio, senhor Micawber? - perguntou a senhora Trotwood.

Micawber achou necessário prepará-las gradualmente, quer a tia Betsey quer a mulher, para essa notícia, pois declarou apenas que seria mais cedo do que na véspera se supunha.

- Preveniram-no, naturalmente...

- Sim, senhora.

- Então quando parte?

- Disseram-me que estivéssemos a bordo, sem falta, antes das sete horas da manhã.

- Côa breca! É muito cedo! - exclamou a tia. - Será por motivos relacionados com a navegação, senhor Peggotty?

- Deve ser, minha senhora. O barco descerá o rio antes da maré. Se o senhor Davy e a minha irmã forem a Gravesend, no outro dia, pelas doze horas, ver-nos-ão aí pela última vez.

- Lá estaremos, sem dúvida - asseverei.

- Até lá - observou Micawber lançando-me um olhar entendido - eu e o senhor Peggotty não perderemos de vista a nossa bagagem. Emma, meu amor -, continuou ele, pigarreando e assumindo o ar mais distinto que podia - o meu amigo doutor Thomas Traddles teve a bondade de me sugerir, em segredo, que fosse requisitar os ingredientes necessários à composição de uma quantidade moderada dessa bebida que está intimamente ligada na nossa memória ao rosbife da Velha Inglaterra. Enfim, refiro-me ao ponche. Em tempos normais não hesitaria em requerer a indulgência das senhoras Trotwood e Wickfield, mas...

- Tudo o que posso dizer - retorquiu Betsey - é que brindarei com o maior prazer à sua felicidade e êxito, senhor Micawber.

- E eu também - disse Agnes, sorridente.

Em seguida Micawber desceu ao botequim, onde tinha o ar de quem estava em casa, e voltou com um cântaro fumegante. Não pude deixar de notar que ele descascara todos os limões com o seu canivete, o qual (como convém a um colono experimentado) tinha comprimento razoável, e que depois limpou, com certa ostentação, na manga do casaco. Percebi então que a senhora Micawber e os dois filhos mais velhos possuíam também esses instrumentos temíveis, ao passo que cada um dos mais novos trazia uma simples colher de pau segura por um fio sólido. Sempre para se preparar quer para vida no mar ou na selva, Micawber, em vez de servir o ponche, à mulher e aos dois filhos mais velhos, em copos, o que poderia fazer facilmente, porque havia abundância deles, apresentou-lhes a bebida dentro de púcaros de estanho, que depois tornou a guardar na algibeira.

- Renunciamos - disse-me com intensa satisfação o senhor Micawber - a todo o conforto da velha mãe-pátria. Os habitantes da floresta não podem esperar, naturalmente, participar dos requintes do país da Liberdade.

Nessa altura veio um garoto dizer a Micawber que o esperavam em baixo.

- Tenho o pressentimento - disse a mulher dele - que é alguém da minha família.

- Nesse caso, minha querida - observou o marido com a impetuosidade costumada quando se falava desse assunto - como esse membro da tua família, seja qual for, nos tem feito esperar tanto tempo, agora é ocasião de esperar por sua vez.

- Micawber - replicou a mulher, baixando a voz - numa situação destas...

- Emma - redarguiu ele, levantando-se - as minhas culpas são sempre as mesmas. Continuo a ser um réprobo.

- Os meus parentes parece que, por fim, se convenceram do mau procedimento havido até agora - ripostou a mulher. - Se querem estender-te a mão, não a recuses!

- Pois seja, minha querida.

- E se não for por eles, ao menos fá-lo por mim, Micawber.

- Esse aspecto da questão é, neste momento, irresistível. Não estou disposto a cair nos braços de nenhum membro da tua família; contudo, esse que espera lá em baixo não verá a sua cordialidade frustrada.

Micawber saiu e esteve ausente uns minutos, durante os quais Emma deu mostras de recear que se ouvisse qualquer discussão entre o marido e o «parente». Por fim reapareceu o mesmo garoto, que me apresentou um papel escrito a lápis, no qual eu li esta fórmula jurídica: «Heep contra Micawber».

Por aí soube que ele fora de novo preso e, no cúmulo do desespero, me suplicava lhe mandasse o canivete e o copo (coisas que por acaso tirara do bolso pouco antes) porque lhe podiam ser úteis durante os breves instantes em que teria ainda de viver encarcerado. Pedia-me também, como derradeira prova de amizade, que acompanhasse a família ao hospício da paróquia e esquecesse que jamais existira um ente como ele.

Como resposta, desci naturalmente ao rés-do-chão para lhe dar o dinheiro preciso, e achei Micawber sentado a um canto, a olhar carrancudo para o meirinho responsável pela sua captura. Uma vez saldada a dívida, e ele liberto, abraçou-me com fervor, e em seguida apontou a transacção no seu canhenho, tomando cuidado em não omitir nem a mais pequena fracção da soma liquidada.

Essa famosa agenda lembrou-lhe outra transacção. De regresso ao quarto (onde explicou a ausência dizendo que fora retido por circunstâncias alheias à sua vontade), exibiu uma enorme folha de papel dobrado em muitas partes e coberta de numerosas operações feitas com esmero. Do relance de olhos que lhe deitei, devo confessar que nunca vi tais somas figurarem num caderno de apontamentos. Parece que se tratava de cálculos de juros compostos sobre o que ele chamava um «total de quarenta e uma libras, dez xelins e onze dinheiros e meio» em períodos variáveis. Após exame atento a esses cálculos e uma avaliação rigorosa dos seus recursos, conseguiu estabelecer a soma exacta, com os tais juros durante dois anos, quinze meses e catorze dias, a partir da presente data. Pela importância assim obtida preencheu uma letra, que entregou logo a Traddles, como quitação completa da sua dívida (sempre de «homem para homem») e com toda a espécie de agradecimentos.

- Tenho ainda o pressentimento - disse a senhora Micawber, meneando a cabeça com ar pensativo - de que a minha família fará a sua aparição a bordo antes da nossa partida.

Micawber deu a impressão de também ter pressentimentos a esse respeito, mas afundou-os no copo e engoliu-os com o ponche.

- Se tiver oportunidade de escrever para Inglaterra - disse a senhora Trotwood à senhora Micawber - não se esqueça de nos dar notícias suas.

- Sinto-me feliz por saber que desejam as nossas notícias - ripostou a última. - Eu não deixarei de lhes escrever. O senhor Copperfield, como velho amigo íntimo, igualmente se não recusará a enviar-nos uma carta de tempos a tempos, ele que conheceu os gémeos quando ainda vagiam!

Informei-a de que teria sempre muito gosto em retribuir a correspondência recebida.

- Se Deus quiser - interveio Micawber - não faltarão ocasiões. O oceano, nestes dias, está repleto de navios. Não deixaremos de encontrar alguns durante a travessia. No fim de contas, é uma pequena viagem - acrescentou, brincando com o monóculo. - A distância é puramente imaginária.

Que estranha coisa, penso hoje, ouvir Micawber falar de uma viagem da Inglaterra à Austrália como de um simples passeio à Mancha, ao passo que ele mesmo, referindo-se a uma ida de Londres a Cantuária, se expressava como quem fosse de uma ponta a outra do mundo!

- Diligenciarei - dizia o nosso amigo - durante a travessia, por lhes contar histórias, e penso que as melodias de meu filho Wilkins serão apreciadas do mesmo modo. Quando minha mulher se habituar ao balanço do navio, creio que não terá dúvida em cantar alguma peça do seu repertório. Espero ver muitas vezes golfinhos, tanto a bombordo como a estibordo. Não faltarão espectáculos interessantes. Em suma - concluiu com toda a distinção de outrora - é provável que a viagem seja tão excitante que nós fiquemos desconsolados quando o vigia gritar finalmente «Terra!»

Com isto, esvaziou o copo de estanho, num gesto gracioso, como se terminasse na realidade uma viagem e passasse, com brilho, no exame feito perante grandes autoridades navais. A mulher falou por seu turno:

- Confio, senhor Copperfield, em que certos ramos da nossa família se perpetuem no solo da pátria. Não te faças carrancudo, Micawber! Não me refiro à minha família propriamente dita, mas aos filhos dos nossos filhos. Por mais forte que seja a vergôntea, não posso esquecer a árvore que lhe deu origem -

murmurou oscilando a cabeça. - E quando a nossa linhagem atingir as honrarias e a riqueza, confesso que gostaria de ver essa riqueza entrar nos cofres da velha Albion.

- Minha querida - replicou o marido - que a velha Albion se arranje sozinha! Devo dizer que ela nunca fez muito por mim e que não tenho nada com que me regozijar.

- Não tens razão, Micawber! Partes para esse país longínquo não para enfraquecer mas para fortificar os laços que nos unem à mãe-pátria.

- Esses laços, minha filha, repito que nunca me impuseram tais obrigações que me levem a hesitar em atar novos laços.

- Mais uma vez, Micawber, digo que não tens razão. Não conheces as tuas possibilidades. São elas que, mesmo nas circunstâncias futuras, reforçarão esses laços que nos unem à pátria.

Micawber, de sobrancelhas erguidas, escutava do fundo da sua poltrona, ora aprovando ora repudiando os pontos de vista da mulher conforme ela os ia expondo - mas deveras compenetrado da sua previdência.

- Caro senhor Copperfield - prosseguiu ela, virando-se para mim - parece-me bastante desejável que Micawber, logo a seguir à partida, se convença da sua situação. Sabe que eu não partilho as opiniões optimistas do meu marido. Sou, se me permitem, essencialmente prática. Não ignoro que esta viagem é muito comprida, e que não deixará de haver privações e aborrecimentos. Mas sei, por outro lado, o que vale Wilkins Micawber. Conheço-lhe as faculdades latentes, por isso acredito que é de importância vital para ele compenetrar-se da sua posição.

- Meu amor, talvez me autorizes a observar ser mais provável que eu me compenetre dessa posição no momento presente.

- Não acho, Micawber. Não de todo. Veja, senhor Copperfield: o caso do meu marido é especialíssimo. Micawber parte para um país distante com o único propósito de ser compreendido e apreciado pela primeira vez na sua vida. Desejo que ele se coloque à proa desse navio e declare com firmeza: «Venho conquistar este país. Tendes honrarias para me dar? Tendes riquezas? Lugares bem retribuídos? Oferecei-mos! Mereço-os.»

Micawber olhou-nos: dir-se-ia concordar com a ideia.

- Desejo ainda - continuou Emma, com o seu ar pousado - que Micawber seja o César do seu próprio destino. Eis, senhor Copperfield, o que me parece ser

a verdadeira posição. Desde o primeiro dia da viagem, ele devia colocar-se à proa e dizer: «Basta de demoras e de decepções! Basta de pobreza! Tudo isto era bom no velho mundo. Aqui é o novo. Soou a hora das reparações. Que elas se apresentem!»

O marido cruzou os braços com ar resoluto, como se já estivesse à proa do navio.

- E se ele agir assim, se compreender as suas possibilidades, não tenho razão em afirmar que Micawber, em lugar de os enfraquecer, fortalecerá os braços que o prendem à Grã-Bretanha? Se, naquele hemisfério, se afirmar uma grande personalidade, quem me diz que a sua influência se não fará sentir na Inglaterra? Como se pode admitir que ele, erguendo o ceptro do poder na Austrália, não seja ninguém na velha pátria? Sou apenas mulher, mas não seria digna de mim, nem do meu pai, se acreditasse em semelhante absurdo!

A convicção da senhora Micawber quanto ao valor dos seus argumentos dava àquela eloquência uma elevação moral que eu ainda lhe não conhecia.

- E eis porque - rematou ela - eu desejo tão ardentemente regressar ao solo natal. É possível... direi mesmo provável... que Micawber entre na História, e convém que esteja representado neste país que lhe deu o ser mas se recusou a empregá-lo.

- Minha querida - atalhou o marido - é impossível não me sentir impressionado pelo teu afecto. Admirei sempre o teu bom senso. O que for soará. Não queira Deus que eu recuse à minha terra parte das riquezas que os meus descendentes decerto acumularão.

- Muito bem - disse a tia Betsey, com um sinalzinho de cabeça a Daniel Peggotty - e eu brindo à sua saúde e ao êxito de todos. Que as bênçãos do Céu os acompanhem!

Peggotty colocou no chão os dois pequenos Micawbers, que tinha nos joelhos, para se reunir ao casal e beberem todos pelas intenções manifestadas. Apertou a mão dos dois, como de camaradas, e o rosto iluminou-se-lhe com um sorriso. Previ que ele seria amado e respeitado em toda a parte onde estivesse.

Micawber autorizou até os miúdos a molhar as suas colheres de pau no copo dele, para comungarem do brinde. Acabado este, a tia Betsey e Agnes puseram-se de pé e despediram-se dos emigrantes. Os adeuses foram melancólicos. Todos choraram; os pequeninos agarraram-se a Agnes até ao último minuto, e nós deixámos a pobre senhora Micawber inconsolável, pranteando e soluçando à débil claridade de uma vela, que vista do exterior devia

assemelhar-se a um tristíssimo farol.

No dia seguinte voltei para saber se eles já tinham partido. Haviam seguido numa lancha às cinco horas da manhã. Compreendo melhor do que nunca o vácuo que provocam tais separações ao sentir como esse botequim de soalho oscilante, onde os vira na véspera à noite, me parecia desolado, agora que eles já não o ocupavam.

No dia seguinte à tarde fomos para Gravesend, eu e a minha velha criada. Vimos o navio a meio do rio, cercado de uma chusma de lanchas. O vento era favorável. O sinal de partida flutuava no topo do mastro. Aluguei imediatamente uma canoa para nos levar a bordo. Depois de haver atravessado aquele turbilhão em que a azáfama era enorme e de que o navio era o centro, chegámos junto do costado. Daniel recebeu-nos na coberta. Disse-me que Micawber acabava de ser preso mais uma (e última) vez a requerimento de Heep, e que (satisfeito o meu pedido) ele, Peggotty, liquidara a dívida. Reembolsei-o. Em seguida o emigrante conduziu-nos à entreponte. Aí se dissiparam os meus receios de que o boato dos acontecimentos de Yarmouth pudesse ter chegado aos seus ouvidos, pois Micawber surgiu da sombra, enfiou o braço no de Daniel, com ar de protecção amigável, e declarou-me que nunca se haviam separado desde o embarque.

O lugar era tão insólito para mim, tão escuro e estreito, que de começo não pude distinguir nada; mas a pouco e pouco os olhos habituaram-se à obscuridade e eu julguei-me no meio de um quadro de Van Ostade {19}. Entre barrotes, caixas, tábuas e peças várias do navio, beliches, malas, embrulhos, barris e pertences dos emigrantes, iluminados aqui e ali pela claridade amarelada que descia de lanternas suspensas e oscilantes e de uma escotilha ou respiradouro, acumulavam-se grupos de pessoas que entabulavam novos conhecimentos, ou se despediam, que riam, falavam, choravam, comiam ou bebiam; uns já estavam instalados como em sua casa, no cantinho que lhes fora atribuído, com os pequenos sentados em tamboretes ou cadeirinhas; outros porfiavam por descobrir lugar de repouso e erravam como almas penadas. Desde as crianças quase recém-nascidas até aos velhos, havia de todas as idades. Desde os agricultores que traziam terra da pátria na sola das botas até aos ferreiros que mostravam na pele restos de fuligem e de fumo, viam-se representantes de todas as profissões, ali se acotovelando no pouco espaço da entreponte. Como deixasse correr o olhar em volta de mim, julguei ver, sentado perto de uma portinhola aberta, um dos pequenos Micawbers ao lado de uma rapariga parecida com Emiily. A minha atenção foi atraída para ela pelo facto de que alguém a deixava depois de a ter beijado: essa pessoa, deslizando suavemente pelo meio daquele rebuliço, deu-me a impressão de ser Agnes. Mas perdi-a de vista naquela

confusão de idas e vindas e na agitação do meu próprio espírito. Compreendi que era chegado o momento de os visitantes abandonarem o navio. A minha velha criada Peggotty chorava sentada no baú, junto de mim, e a senhora Gummidge, auxiliada por uma rapariga vestida de preto, acomodava a bagagem de Daniel. Este perguntou-me:

- Tem algumas palavras para nos dirigir antes de partirmos? Teremos esquecido alguma coisa?

- Uma coisa só: Martha.

Daniel tocou no ombro da mulher de quem eu acabava de falar, e Martha surgiu à minha frente.

- Ah, digno homem que você é! - exclamei. - Deus o abençoe! Leva-a consigo, não é verdade?

Ela respondeu por ele, desfazendo-se em soluços. Não pude dizer mais nada, mas apertei com força a mão do pescador.

Os visitantes esvaziavam o navio. Restava-me fazer o mais difícil. Repeti a Daniel o que me encarregara de lhe transmitir o sobrinho. Daniel ficou profundamente comovido. Quando, porém, me recomendou retribuísse a Ham as provas de afecto e de saudade, ainda maior foi a minha comoção.

Soara a hora. Abracei-o, tomei pelo braço a minha criada e afastei-me rapidamente. Na coberta, encontrei a senhora Micawber, que lançava derredor olhar desvairado na esperança de ver aparecer a família. As suas últimas palavras foram para me dizer que jamais se separaria do marido.

Descemos para a nossa canoa e aguardámos, não muito longe, que o navio levantasse a âncora. A tarde estava calma e clara. O barco ficava entre nós e o poente, e cada mastro, cada verga se salientava no fundo avermelhado. Nunca vi nada de tão belo, nada que inspirasse tanta tristeza e esperança, ao mesmo tempo, como esse esplêndido navio imóvel nas ondas purpúreas, e todas aquelas cabeças que se comprimiam nos paveses, numa expectativa silenciosa.

Um momento só. Logo que as velas se enfunaram ao sopro do vento e o navio estremeceu, de todas as embarcações pequenas que o rodeavam estrugiram aclamações vibrantes, imitadas pelos que iam a bordo e que entre uns e outros se repetiam como um eco. O coração pareceu-me que rebentava quando ouvi esses gritos e vi agitarem-se lenços e chapéus. E então descobri-a, a ela!

Estava ao lado do tio, agarrada ao seu ombro, trémula. Ele designou-me com mão febril e ela, divisando-nos, lançou-me com um gesto o derradeiro

adeus.

Ah, sim, Emily, tão bela e abatida, continua sob a sua protecção, porque ele te foi sempre fiel no seu grande amor!

Nimbados de luz rósea, de pé no convés, ambos distanciados dos outros, ela cingida a ele, ele amparando-a com ternura, os dois se afastaram da minha vista a pouco e pouco. A noite descera sobre as colinas de Kent quando alcançámos a costa. Emily pesava-me, sombria, no coração.

LVIII. AUSÊNCIA

Foi uma noite longa e sombria que me envolveu, povoada pelos espectros de muitas esperanças, de recordações queridas, erros, sofrimentos vãos e saudades.

Deixei a Inglaterra sem estar ainda bem compenetrado do abalo que me atingira. Deixei todos os que me eram caros e parti imaginando que resistira à dor e que esta desaparecera. Como quem, no campo de batalha, recebe uma ferida mortal sem quase sentir que foi alvejado, eu não fiz, uma vez só com o meu coração indómito, a mais pequena ideia do ferimento com que teria de lutar.

E não o compreendi, depois, repentinamente, mas a pouco e pouco, passo a passo. A desolação que me acompanhara na partida tornou-se de hora para hora mais grave e mais profunda. Era, de início, uma sensação de vazio e de melancolia, em seguida, de modo imperceptível, transformou-se em consciência desesperada de tudo quanto eu perdera: amor, amizade, gosto à vida; de tudo quanto fora destruído: a minha esperança, o meu primeiro afecto, castelo no ar da minha vida; de tudo o que me restava: o vácuo e a solidão imensa que se estendia ininterrupta até ao negro horizonte.

Se a minha mágoa era egoísta, disso eu não dava fé. Chorava pela minha esposa-criança, arrancada, tão nova, à sua vida em flor. Chorava por aquele que podia ter ganhado o amor e a admiração de milhares de seres como havia desde há muito ganhado a minha estima. Chorava por aquele coração destroçado que encontrara repouso no mar enfurecido, e pelos sobreviventes dispersos de um lar humilde onde eu, ainda criança, ouvira soprar o vento da noite.

Julguei que nunca mais me desfaria dessa tristeza que se acumulara em mim. Errava por toda a parte acompanhado do meu triste fardo. Sentia-lhe o peso e dizia comigo que nada o poderia aliviar. Quando o desespero atingiu o cúmulo, supus que ia morrer. Pensava às vezes que preferia morrer na minha casa e que devia retomar o caminho para lá voltar. Outras, pelo contrário, afastava-me cada vez mais, passando de cidade em cidade, procurando não sei quê e fugindo não sei de que perigo.

Não me é possível reviver, uma após outra, todas as sombrias fases da minha perturbação mental. Há sonhos que não se podem contar senão vaga e imperfeitamente; e quando me forço a lançar a vista ao passado, a esse momento da minha existência, parece-me outra vez um sonho. Vejo-me entre as urbes

estrangeiras, palácios, catedrais, templos, castelos, túmulos, ruas fantásticas, lugares eternos que a História ou a Imaginação consagrou - exactamente como poderia fazer num sonho, arrastando sempre o fardo pesado, mal consciente dos objectos conforme eles se iam apagando perante mim. Uma tristeza universal no seio de uma melancolia obcecante, eis a noite em que soçobrou o meu coração indisciplinado. Mas deixemos isso, e, ao sair desse sonho longo e triste, contemplemos a aurora!

Viajei durante meses com esssa nuvem escura que se me adensava sem cessar na alma. Razões obscuras, que em mim ainda combatiam debilmente, impediam-me de voltar a casa, e eu continuava a minha peregrinação. Por vezes vagueava sem repouso de terra em terra, sem me deter em nenhuma parte; outras, demorava-me muito tempo no mesmo sítio. Nem propósito nem desejo me sustinham.

Achava-me então na Suíça. Saíra de Itália por um desses grandes desfiladeiros dos Alpes e errava com um guia pelos trilhos sinuosos das montanhas. Não sei se essas medonhas solidões me falavam ao coração. Descobrira uma sublimidade terrível naquelas altitudes e nesses precipícios assombrosos, nas torrentes estrondeantes, nos vastos campos de neve e de gelo: eles, porém, ainda me não tinham ensinado fosse o que fosse.

Cheguei uma tarde, antes do crepúsculo, a um vale em que devia passar a noite. Enquanto descia por uma vereda que serpenteava no flanco do monte, creio que se apoderou de mim, lentamente, uma sensação de beleza e serenidade (há muito esquecida), um apaziguamento originado na calma do vale que eu já via cintilar perante os olhos deslumbrados. Parei uma vez, recordo-me, sentindo uma tristeza que não era opressiva e de nenhum modo desesperada. Lembro-me da esperança que experimentei de que em mim se produzisse uma alteração para melhor. Entrei no vale quando o sol-poente brilhava nos altos picos nevosos que o rodeavam como nuvens eternas. As encostas inferiores da montanha, que formavam o espaço em que se anichava a aldeia, eram de um verde opulento. Por cima dessa vegetação luxuriante, afundavam-se pinhais sombrios como se fossem cunhas metidas nos campos de neve e protegiam o caminho quando se despenhavam aludes. Mais acima erguiam-se muralhas abruptas, rochas cinzentas, gelo cintilante, estreitas pastagens de um verde tenro que se perdiam na brancura fria. Espalhados no sopé da montanha, viam-se pontos minúsculos que representavam, cada um, um lar, casas de madeira isoladas que a grandeza do cenário tornava semelhantes a brinquedos. A própria aldeia era pequenina, acaçapada no vale, com a sua ponte de pau sobre a torrente que saltava de rocha em rocha e depois desaparecia sussurrando entre as árvores. No ar tranquilo

subia um canto longínquo de vozes de pastores. Mas, quando uma nuvem purpúrea veio pairar na ilharga da montanha, tive a impressão de que essas vozes saiam de lá e que essa música não era terrestre. De súbito, do meio desta serenidade, a mãe Natureza falou-me, e eu, pacificado, descansei a cabeça fatigada no chão e chorei como nunca mais o fizera após a morte de Dora.

Ao chegar, encontrei um maço de cartas que me esperavam; fui então passear fora da povoação a fim de as ler enquanto me preparavam a ceia. Outras cartas anteriores não as recebera ainda, e eu mesmo não tivera coragem de escrever além de duas linhas a este ou àquele para comunicar a minha presença em tal ponto. Abri, pois, o maço e vi numa das cartas a caligrafia de Agnes. A seu respeito só me dizia que estava satisfeita e que tudo corria bem como esperara. Em seguida ocupava-se apenas de mim.

Não me dava qualquer conselho, não me impunha nenhuma obrigação, repetia unicamente, com o fervor habitual, a confiança que depositava na minha pessoa. Sabia (acrescentava) que uma natureza assim era capaz de transformar o sofrimento numa bênção; sabia que as provações e aflições me exaltariam e fortificariam a alma. Tinha a certeza de que eu alcançaria, através do desgosto, maior energia e elevação nos meus sentimentos. Orgulhava-se da minha fama e desejava vê-la crescer; estava certa de que eu continuaria a trabalhar. Não ignorava que, em mim, a dor se transformaria em força, deixando de ser uma fraqueza. Tal como as infelicidades da minha infância haviam contribuído para me formar, também maiores desgraças me incitariam a aperfeiçoar-me e a concorrer para que ensinasse aos outros o que assim aprendera. Recomendava-me a Deus, que chamara a Si a minha esposa inocente; assegurava-me a sua afeição fraternal, que me acompanharia para toda a parte aonde eu fosse; e, vaidosa do que eu já realizara, mais o estava quanto àquilo que eu haveria ainda de realizar.

Apertei esta carta ao coração e pensei nos sentimentos que uma hora antes ainda experimentava. Quando ouvi as vozes esmorecerem ao longe, e a nuvem empalidecer, e o vale cobrir-se de sombras, e a neve doirada do cimo dos montes confundir-se com a palidez do céu nocturno, inversamente se me dissiparam no peito as sombras da noite interior e então compreendi o amor que Agnes me despertava. Doravante ela seria para mim mais querida do que o fora até esse instante!

Reli a carta muitas vezes. Escrevi-lhe antes de me deitar. Disse-lhe que tivera grande necessidade da sua ajuda; que, assim distante como estava, não era nem nunca fora o que me supunha ser, mas que me inspirava confiança em me

tornar o que ela imaginara e que o iria tentar.

Esforcei-me realmente. Dentro de três meses, faria um ano que principiara o meu luto. Decidi não tomar nenhuma resolução antes de expirarem esses três meses, mas fazer entretanto uma tentativa. Vivi todo esse tempo no vale e nas suas imediações.

Decorridos os noventa dias, deliberei ficar ainda mais alguns longe de casa, instalando-me provisoriamente na Suíça, país que a lembrança daquela noite me tornava querido. Pegaria de novo na pena e trabalharia.

Recorri humildemente a Deus como Agnes me aconselhara. Procurei a natureza, e não o fiz em vão; reabri o coração aos meus semelhantes, que evitava havia já tantos meses. Depressa tive quase tantos amigos nessa região como em Yarmouth, e, quando lá voltei na Primavera seguinte (pois fora obrigado a ir a Genebra no começo do Inverno), o acolhimento cordial dos seus habitantes, embora expresso em língua estrangeira, encontrou eco na minha alma.

Com paciência e afinco, trabalhei desde manhã cedo até noite adiantada. Escrevi uma história que se inspirava nas minhas recentes aventuras e mandei-a ao Traddles, que a publicou em boas condições para mim. Não tardou que os ecos da minha reputação crescente me fossem trazidos por viajantes que eu encontrava por acaso. Depois de um pouco de descanso e de algumas mudanças, recomecei a tarefa imposta com o velho ardor, desenvolvendo uma nova ideia que se engendrara na minha imaginação. Quanto mais avançava na execução da obra, mais desenvolvia os meus recursos para fazer o melhor que pudesse. Tratava-se do terceiro romance. Ia ainda muito no início quando, num intervalo de repouso, decidi regressar a Inglaterra.

Embora estudando e trabalhando com perseverança, habituara-me a fazer bastante exercício. A saúde, algo comprometida no começo das viagens, estava ao presente normalizada. Tinha visto muita coisa, percorrera numerosos países e aumentara, suponho, a minha bagagem de conhecimentos.

Disse tudo quanto valia a pena memorar acerca deste tempo de ausência, mas só com uma excepção: se ainda não falei disto, não foi para dissimular alguns dos meus pensamentos, pois, como informei no princípio, faço o relato da minha vida. Quis, porém, dar um lugar à parte quanto aos mistérios do coração; deixei-os para o fim, e a sua oportunidade chegou.

Em que momento fixei em Agnes as minhas esperanças? Não posso precisar qual o período em que a minha dor se achou ligada à ideia de que havia, durante uma mocidade caprichosa, desdenhado o tesouro do meu amor. Talvez

fosse o primeiro pressentimento dessa verdade que me provocara outrora um vago mal-estar, a sensação de vazio que jamais se preencheria. Mas esse pensamento invadiu-me como uma nova censura, como um novo remorso, agora que me encontrava tão só e triste no mundo.

Se eu me achasse, naquele instante, perto de Agnes, fatalmente que trairia os meus sentimentos nalguma hora de fraqueza.

Foi este vago receio que de começo me reteve fora de Inglaterra. Não poderia deixar perder a mínima parcela da sua afeição fraternal; e, se me denunciasse, criaria um constrangimento até aí desconhecido entre nós.

Como esquecer que era responsável, por pensamentos e actos, do sentimento que ela me consagrava? Se Agnes me tivesse algum dia amado com outra espécie de amor, eu tê-la-ia repelido. Ainda criança, habituara-me a considerá-la muito acima de caprichos levianos, pois era outro o objecto de todo o meu ardor e ternura. Não teria feito o que então fiz; se Agnes se tornara para mim uma irmã, foi por vontade minha e do seu nobre coração.

No início da mudança que se começava a operar em mim, quando procurei compreender-me e ser melhor, antevia - se bem que após uma fase de provação mais ou menos longa- o instante em que poderia esperar corrigir o erro passado e ter a ventura de a desposar. Mas, com o tempo, empalideceu e dissipou-se esta perspectiva frágil. Se Agnes nunca amara, mais sagrada se me tornava, depois de todas as confidências que lhe fizera, e o conhecimento que adquirira do meu coração inconstante, e o sacrifício a que se entregara para ser apenas uma irmã e uma amiga, ganhando deste modo, sobre si mesma, uma grande vitória. Se, pelo contrário, me tivesse amado algum dia, amar-me-ia ainda no presente?

Eu sempre sentira quanto era fraco perante a sua firmeza e força de ânimo, e agora sentia-o mais do que nunca. Fosse o que fosse aquilo em que nos tornássemos se eu então me portasse de outro modo, actualmente seria coisa que não poderíamos ser. Deixara passar a ocasião e, por minha culpa, perdera Agnes.

Na verdade, sofri muito com estas lutas; elas me encheram de tristeza e remorsos, mas sempre pensei que o meu dever e a minha honra me ordenavam que afastasse, com vergonha, qualquer tentação de virar de novo as minhas esperanças para a querida amiga de quem me desviara de forma tão leviana quando essas esperanças estavam em flor; este sentimento residia na base de todas as minhas reflexões. Agora já não buscava dissimular o meu amor, mas persuadira-me de que era tarde de mais e que as nossas relações deviam continuar a ser o que eram há já tanto tempo.

Muito havia eu pensado na ideia de Dora quanto ao que podia ter sucedido naqueles anos que deveríamos percorrer se o destino fosse outro. Sempre achei que os acontecimentos que não se realizam são muitas vezes tão reais nas suas consequências como esses que efectivamente se produzem. Esses anos de que Dora falara tornaram-se realidades para meu castigo, e sê-lo-iam de qualquer maneira (apenas um pouco mais tarde, por certo) se nos houvéssemos separado logo aos primeiros dias da aventura insensata. Esforcei-me por converter o que podia ter havido entre mim e Agnes num processo de desenvolver a minha abnegação, vontade e conhecimento íntimo, com todas as suas faltas e erros. Assim o pensamento do que poderia ter sido engendrou em mim a convicção de que daí em diante já era possível.

Estas perplexidades e hesitações foram as areias movediças em que o meu espírito vagueou desde o dia em que saí de casa até àquele em que a ela regressei, três anos mais tarde. Com efeito, três anos decorreram após a partida do navio dos emigrantes, quando uma tarde, à mesma hora crepuscular e no mesmo sítio contemplei da coberta do paquete que me devolvia ao lar as ondas róseas em que vira reflectir-se o navio que os transportara.

Três anos. Longos no conjunto, porém curtos para viver e rever a pátria que me era tão cara, e também Agnes, mas Agnes não era minha, nem o seria nunca; podia ter sido, contudo era tarde de mais!

LIX. REGRESSO

Desembarquei em Londres por uma tarde de Outono fria e chuvosa. Vi mais lama e nevoeiro num minuto do que vira durante um ano. Tive de ir a pé desde a Alfândega ao Monumento antes que encontrasse um trem; e embora as fachadas dos prédios que se erguiam acima dos passeios invadidos pela enxurrada fossem para mim velhos conhecimentos, não me coibi de pensar que eram conhecimentos pouco asseados.

Tenho pensado várias vezes que a partida de um sítio familiar parece sempre ser o sinal de uma alteração. Quando notei, pela portinhola da carruagem, que uma antiga casa da Fish Street, respeitada desde muito tempo pelos pintores, carpinteiros e pedreiros, fora demolida na minha ausência e que alargavam uma rua vizinha, cuja estreiteza e insalubridade eram proverbiais, quase esperei achar a catedral de São Paulo imensamente envelhecida.

Preparava-me assim a deparar mudanças na vida dos meus amigos. A tia Betsey estabelecera-se novamente na sua vivenda de Dover, e Traddles começara a ter uma clientela sofrível, como advogado, logo após a minha saída. Vivia na Gray's Inn e dissera-me numa das suas últimas cartas que tencionava unir-se finalmente à mais adorada rapariga do mundo.

Esperavam-me para o Natal, mas não pensavam que eu chegasse tão cedo. Deixava-os de propósito laborar no erro para ter o gosto de os surpreender. Contudo fui suficientemente perverso para experimentar certa decepção verificando que ninguém me aguardava, obrigado assim a ir só e silencioso no meu trem, pelas ruas nevoentas..

Todavia consolaram-me um pouco as lojas mais famosas, com os seus escaparates bem iluminados. Quando me apeei, diante do café da Gray's Inn, recuperara por completo o bom humor. Lembrei-me então do tempo, tão diverso, em que me hospedara na Golden Cross e de todas as vicissitudes que se lhe seguiram. O caso, porém, era bastante natural.

- Sabe onde é que mora o doutor Traddles? - perguntei ao criado, enquanto me aquecia ao fogão na sala do café.

- Holbom Court, número 2.

- Creio que o doutor Traddles se tem feito notar como advogado...

- Não sei de nada - replicou-me. - Mas é provável.

E o sujeito, que era de meia-idade e descamado, pediu melhor informação a um colega, homem robusto, de vasta papada, pessoa de maior autoridade. Este surgiu de uma espécie de banco de igreja, onde estava com uma caixa, a lista dos telefones, um anuário dos tribunais e outra papelada diversa.

- O doutor Traddles - repetiu o criado anémico - é no n.º 2, no pátio, não é verdade?

O outro despediu-o com um gesto e voltou-se gravemente para mim.

- Eu perguntava se o doutor Traddles, do n.o 2, no pátio, não começava a ser conhecido como advogado - expliquei ao empregado robusto.

- Nunca ouvi falar - replicou-me com voz cheia e rouca. Tive pena do Traddles.

- Deve ser pessoa nova - opinou ele, olhando-me com severidade. - Há quanto tempo mora esse senhor aqui?

- Há mais de três anos.

O interpelado, que ali vivia pelo menos há quarenta anos, não podia evidentemente prosseguir um assunto tão pouco interessante. Indagou o que é que eu desejava comer e eu compenetrei-me de que, de facto, me encontrava outra vez na Inglaterra. Sentia-me desconcertado quanto ao renome do pobre Traddles, pensando que não havia qualquer esperança de futuro para ele. Encomendei docilmente peixe e um bife e meditei defronte do lume sobre a obscuridade do meu amigo.

Percorri com o olhar o salão, cujo soalho tinha areia espalhada. O tampo das mesas, brilhante, reflectia a intensidade dos focos de luz; os reposteiros, que eram espessos, verdes, e pendiam de varões de cobre, dividiam o café em pequenos gabinetes íntimos; os dois fogões chamejavam; havia filas de garrafas cheias, e, contemplando tudo isso, pensei na dificuldade de tomar de assalto tanto a Inglaterra como o foro. Entretanto subia ao meu quarto para mudar de roupa, que estava molhada. As proporções daquele velho aposento forrado de papel, por cima da porta de entrada, a imensidade tranquila da cama de dossel, a gravidade impassível da cómoda, tudo parecia conjugar-se para ameaçar implacavelmente as esperanças de Traddles e de todos os moços temerários. Tornei à sala, para jantar. E ainda aí, a lentidão prudente do serviço, o silêncio apaziguador dos lugares deixados vazios pelos hóspedes em férias tudo isto me falava eloquentemente da audácia do Traddles e das poucas probabilidades que ele tinha de vincar a sua situação antes de decorridos vinte anos.

Nunca eu vira nada semelhante depois da minha partida e senti quanto eram

vãs as esperanças que depositara no meu amigo. O primeiro dos dois criados não se arriscou muito pelas imediações, consagrando-se de preferência ao serviço de um senhor de idade, de polainas, diante de quem um copo de vinho do Porto, colheita especial, parecia ter ido instalar-se de moto próprio, porque não dera nenhuma ordem nesse sentido. O outro criado explicou-me que o senhor de idade era um notário aposentado, que habitava ali e tinha dinheiro a rodos.

Constava que ia deixar todos os seus bens à filha da lavadeira, e que possuía um faqueiro de prata primoroso, fechado numa secretária e muito embaciado pela falta de uso. Em sua casa nunca se vira à mesa mais de um talher. Nesta altura deixei de pensar em Traddles, convicto de que não restava a mínima esperança ao rapaz.

Não obstante, ansioso como estava de ver Traddles, ingeri à pressa o meu jantar e saí pela porta que dava para o pátio. Encontrei sem dificuldade o n.o 2. O letreiro ali afixado informou-me que o causídico ocupava um apartamento no último andar. Subi para lá. A escada era velha e desconjuntada, mal alumiada em cada patamar por uma lamparina bruxuleante de vidro imundo.

Tropeçando nos degraus, julguei ao mesmo tempo ouvir francas gargalhadas, um riso que não era de advogado nem de empregados seus, mas antes de raparigas, duas ou três raparigas muito animadas. Todavia, ao deter-me para escutar, tive a infelicidade de meter o pé num buraco e de trambolhar ruidosamente. Quando me levantei, fizera-se silêncio. Acabei a minha ascensão um pouco às apalpadelas e devagar, e o coração pulsou-me com força ao descobrir uma porta em que havia um bilhete-de-visita de Traddles. Bati. Houve idas e vindas precipitadas, mas nada mais. Bati segunda vez.

Um homenzinho de ar dorminhoco, meio paquete meio escrevente, um tanto esbaforido, apareceu à porta, considerou-me com cara de desafio, e eu perguntei-lhe:

- O senhor doutor Traddles está?

- Sim, senhor, mas ocupado.

- Gostaria de lhe falar.

Depois de me ter examinado uns segundos, o rapaz decidiu-se a introduzir-me nos aposentos de Traddles. Para este efeito, abriu mais a porta e deixou-me entrar, primeiramente num vestíbulo ou coisa que o valha, depois numa saleta, onde me achei em presença do meu velho amigo (também esfalfado), diante de uma mesa e curvado sobre uma pilha de processos.

- Meu Deus! - exclamou Traddles, erguendo a vista. - És tu, Copperfield? -

E precipitou-se para os meus braços, em que o apertei calorosamente.

- Vai tudo bem, meu caro Traddles?

- Tudo, meu caro Copperfield. Só há notícias boas.

Quase chorámos ambos de alegria.

- Prezado amigo - disse-me ele, eriçando mais os cabelos, no seu entusiasmo, o que era afinal uma operação supérflua. - Meu velho camarada, que enfim reencontro! Que prazer em tornar a ver-te! Estás bastante queimado. Palavra de honra, nunca me senti tão feliz, caríssimo Copperfield, nunca!

Eu não conseguia exprimir a minha comoção. Nem sequer pude falar.

- Meu bom amigo - prosseguiu Traddles - eis-te célebre, famoso! Meu Deus, mas quando é que chegaste? E donde vens? Que é que fizeste?

Sem esperar resposta a qualquer destas perguntas, Traddles, que me instalara numa poltrona ao canto do fogão, atiçava o fogo vigorosamente com uma das mãos e, com a outra, puxava a minha gravata, na ideia extravagante de que fosse um sobretudo. Sem largar o atiçador, cingiu-me de novo nos braços e eu apertei-o nos meus; e, rindo e chorando, sentámo-nos de cada lado do fogão ainda de mão dada.

- Imagine-se! Estavas tão próximo do regresso e não assististe à cerimónia!

- Que cerimónia, Traddles?

- Não recebeste a minha última carta? - retorquiu abrindo muito os olhos.

- Pois não, se era a que falava da cerimónia.

Traddles enfiou os dedos pelos cabelos, que se eriçaram de vez, e, pondo-me depois as mãos nos joelhos, declarou:

- Estou casado!

- Casado?! - bradei jubilosamente.

- Sim, senhor. Que Deus me abençoe. Casado pelo reverendo Horace... com a Sophy... no Devonshire. Olha, ela está atrás do reposteiro. Aí a tens!

Para meu máximo assombro, saiu do seu esconderijo, nesse momento, risonha e corada, a mais amorosa rapariga do mundo. E (como não pude evitar de o dizer nesse instante), julgo que nunca vira nenhuma recém-casada tão contente, tão amável, tão radiante! Beijei-a como velho conhecido e, aos dois, enderecei as minhas felicitações sinceras.

- Que bela reunião - comentou Traddles. - E como tu estás bronzeado,

Copperfield! Ah, sou tão feliz...

- Eu também - participei.

- E eu! - acudiu Sophy, sempre risonha e corada.

- Somos todos tão felizes quanto possível - rematou Traddles. - Até as irmãs estão satisfeitas. É verdade, já me tinha esquecido delas!

- Esquecido?

- Sim, as irmãs de Sophy, as minhas cunhadas! Estão cá. Vieram conhecer Londres. A verdade é que... A propósito, foste tu que tropeçaste na escada, Copperfield?

- Fui eu - confessei, rindo.

- Pois nessa ocasião eu brincava doidamente com elas. Mais precisamente, brincávamos aos escondarelos. Mas como isso não parecia sério, se aparecesse algum dos meus constituintes, elas deram às de vila-diogo. Estão presentemente... a escutar à porta - concluiu Traddles, lançando uma olhadela à porta do outro quarto.

- Lastimo ter sido causa de se interromper o jogo... - observei.

- Gostava - volveu Traddles - que as visses a fugir quando bateste, e depois voltar para reunir as travessas que deixaram cair da cabeça na corrida. Minha querida, queres ir buscá-las?

Sophy obedeceu e nós ouvimos a risada com que receberam a irmã quando esta entrou no quarto contíguo.

- Verdadeiramente musical, este riso - notou Traddles. - Tão agradável de ouvir! Só isto basta para alegrar este pardieiro! E então para mim, que tenho sido um solteirão, a coisa soa divinamente. Uma delícia. Coitadas das pequenas! Sofreram muito ao perder Sophy, que continua a ser, afianço-te, a rapariga mais amorosa do mundo. Vê-las assim alegres torna-me tão feliz! A companhia da gente nova não tem que se lhe compare, Copperfield. Não é douta, nem jurídica...

Percebendo que ele hesitava levemente, compreendendo que, na sua bondade, temia haver-me melindrado com as suas palavras, apressei-me a aprová-lo com ardor, o que visivelmente o aliviou e lhe deu grande prazer.

- É que também - continuou ele - a nossa sociedade doméstica nada tem de jurídico. Nem sequer a presença de Sophy é regulamentar neste casarão todo dedicado à vida forense. Mas não temos outro domicílio. Embarcámos numa

casca-de-noz e estamos prontos a viver com privações. Sophy sabe sair de dificuldades. Queres saber, naturalmente, onde arrumamos estas pequenas. Pois nem eu próprio faço ideia!

- E são muitas?

- Há a mais velha, a Beldade - explicou-me Traddles em tom confidencial. - Chama-se Caroline. Sarah também está cá, aquela que eu te disse que sofria da espinha. Mas vai melhor. E depois as duas mais novas, de cuja educação Sophy se encarregou. Finalmente, Louisa.

- Realmente! - exclamei.

- Pois é verdade. E o apartamento compõe-se apenas de três divisões. No entanto, Sophy acomoda-as o melhor possível. Três ali - e Traddles indicou uma das portas - e duas acolá.

Não pude coibir-me de circunvagar a vista como que a descobrir o que ficava para o casal Traddles. O meu amigo compreendeu e disse:

- Estamos resolvidos a viver com dureza, como já te informei, e na semana passada improvisámos uma cama no chão, nesta saleta. Mas há ainda uma água-furtada, bastante aproveitável, que Sophy forrou, com grande espanto meu. É aí que presentemente dormimos. É um lindo acampamento de ciganos. E que bela vista se desfruta!

- Eis-te, pois, casado e bem casado, meu caro Traddles. Não imaginas quanto me regozijo.

- Obrigado, Copperfield - respondeu, apertando de novo a minha mão. - Sou tão feliz quanto é possível ser. Aí tens velhos conhecimentos: o invólucro para vasos de flores, com o seu suporte... e a mesa de tampo de mármore. Todos os outros móveis são simples e práticos, como vês. Quanto a baixela, nem possuímos uma colher de chá. É claro que tomamos chá, mas servimo-nos de colheres de estanho.

- Quando o dinheiro aparecer será mais apreciado.

- É o que nós dizemos. Olha, caro Copperfield - ajuntou confidencialmente - a minha defesa de Jipes no processo contra Wigzell deu-me certa nomeada. Fui depois a Devonshire e tive uma conversa séria com o reverendo Horace. Insisti no facto de que Sophy, que, afianço-te, é a rapariga mais amorosa do mundo...

- Não duvido!

- E fazes bem. Mas creio que me afasto do assunto. Estava a falar do

reverendo Horace...

- Dizias-me teres insistido no facto de...

- Exactamente. No facto de Sophy estar minha noiva há tanto tempo e ela, com licença dos pais, estar disposta a... aceitar o chá mexido com colheres de estanho. Propus então ao reverendo Horace... que é excelente pastor, Copperfield, acredita, e até já devia ser bispo, ou pelo menos ganhar bastante para viver sem privações... Pois eu disse-lhe que podíamos casar mesmo assim, logo que ultrapassasse as duzentas e cinquenta libras por ano... Que daí a meses conseguiria mobilar o nosso apartamento com esta simplicidade que vês... Tomei a liberdade de acrescentar que tínhamos esperado tempo suficiente, e que a necessidade da Sophy na casa paterna não devia prolongar-se ao ponto de os pais se oporem ao matrimónio... Não te parece?

- Naturalmente.

- Ainda bem que és da minha opinião, Copperfield, pois, sem acusar de nenhum modo o reverendo Horace, acho que os pais, irmãos e quejandos são deveras egoístas em certos casos. Enfim, declarei que o meu maior desejo era ser útil à família, e que, se eu prosperasse e alguma coisa lhe acontecesse... refiro-me ao reverendo Horace...

- Percebo.

- A ele ou à senhora Crewler... eu não teria maior prazer do que servir de pai às raparigas. O sacerdote respondeu-me de forma lisongeira para mim e comprometeu-se a conseguir o acordo da senhora Crewler. Esta, porém, fê-lo passar um mau bocado. A coisa atacou-lhe as pernas, subiu-lhe ao coração e atingiu-lhe a cabeça.

- O quê? - perguntei.

- O desgosto - replicou gravemente Traddles. - Como já te disse, é uma mulher superior, mas perdeu o uso dos membros locomotores. Desta vez, sentiu também no coração e na cabeça.

Em suma, todo o organismo foi invadido de maneira inquietante. Salvaram-na, entretanto, à custa de cuidados afectuosos e constantes. E nós casámo-nos há perto de seis semanas. Não fazes ideia de como eu me sentia culpado! Via toda a família chorar e desmaiar para cada lado. A senhora Crewler não quis ver-me antes da nossa partida (não me perdoava tê-la privado da filha), mas é boa pessoa e conformou-se. Até me escreveu uma carta catita, recebi-a esta manhã...

- Em resumo, caro Traddles, tens a felicidade que há muito merecias.

- Vê-se que és meu amigo, Copperfield. Na verdade, estou numa situação invejável. Trabalho a valer e estudo bem os meus processos. Levanto-me às cinco horas todas as manhãs, e isso nada me custa. Escondo as cunhadas durante o dia e, à noite, entretenho-me com elas. Garanto-te que é com pena que as verei partir na terça-feira, que é a véspera do recomeço das aulas. Mas aqui as tens em carne e osso... Caroline, Sarah, Louisa, Margaret e Lucy!

Dir-se-ia um verdadeiro ramo de rosas, tão frescas e sãs eram todas, todas bonitas, em especial a mais velha. Mas no rosto puro de Sophy notava-se algo de amorável, alegre e sério ao mesmo tempo. Em meu parecer, Traddles havia escolhido bem. Sentámo-nos todos de roda do fogão, enquanto o moço tosco, que perdera o fôlego (agora bem o via) a colocar os autos em cima da mesa, se encarregava de os tirar outra vez, substituindo-os por xícaras de chá. Feito isto, retirou-se por aquela noite, fechando com estrondo a porta do patamar. A mulher de Traddles, com os seus olhos de dona de casa recente a brilharem de satisfação, preparou o chá e sentou-se tranquilamente diante do fogão para aí fazer as torradas.

Ela tinha visto Agnes - foi-me dizendo - porque Tom a levara ao Kent em viagem de núpcias; e vira igualmente a minha tia. Ambas iam bem e só tinham falado de mim. Tom, pensava Sophy, não me esquecera um só instante durante a minha ausência. Reportava-se ao marido em tudo quanto contava. Tom era evidentemente o ídolo da sua vida, nada o faria cair do seu pedestal. Acontecesse o que acontecesse, tinha nele uma fé cega.

Agradou-me muito a deferência que os dois testemunharam à Beldade. Não seria decerto justo, mas era delicioso e deveras significativo. Se faziam falta a Traddles as colheres de prata isso sucedia quando o rapaz oferecia chá à Beldade; se a meiga Sophy fosse capaz de experimentar algum sentimento de orgulho, teria sido ao pensar que era irmã da Beldade. Notei nesta leves sinais de uma natureza caprichosa e em excesso adulada, mas Traddles e a mulher consideravam-nos sem dúvida mais um ornamento natural de Caroline. Fosse a Beldade a abelha-mestra e eles as obreiras, e essa convicção não estaria menos firmada.

Todavia extasiava-me o esquecimento em que ambos se conservavam de si mesmos. A vaidade que essas raparigas lhes inspiravam, forçando-os a curvarem-se aos seus caprichos, não seria a menor prova do seu próprio valor. Pelo menos doze vezes em cada hora daquele serão, Traddles foi tratado por «querido» e solicitado para trazer qualquer coisa, ou levar, ou procurar, e isto da parte de todas as irmãs, sucessivamente. Também não podia dispensar Sophy. O

carrapito de uma estava a cair? Logo pedia a Sophy que a tornasse a pentear. Outra esquecera-se de uma melodia, e apenas Sophy seria capaz de a cantarolar sem desafinação. Uma terceira precisava de se recordar do nome de certa aldeia do Devonshire: Sophy era a única a conhecê-lo. Alguém em casa tinha de escrever uma carta, e só contava com Sophy para o ajudar, antes do primeiro almoço do dia seguinte. Ou então era qualquer malha que havia caído no trabalho de uma das irmãs: Sophy estava pronta a remediar o percalço. Elas eram donas e senhoras naquele lar, e Sophy (como Tom) vivia às suas ordens. Pensei de quantas criaturas podia Sophy ter-se ocupado já na sua vida. Mas a sua especialidade consistia em saber todas as canções que jamais foram entoadas em inglês, para embalar meninos, e ela cantava-as por encomenda, umas atrás das outras, com a sua voz clara. Eu sentia-me verdadeiramente fascinado. E, apesar destas exigências, as manas eram cheias de ternura e respeito por Sophy e o marido. Quando me despedi, Traddles saiu para me acompanhar até ao café: jamais vi cabelos mais eriçados nem cabeça de homem receber tamanha chuva de beijos.

De um modo geral, foi uma cena que me ficou na memória por muito tempo, depois de me haver despedido de Traddles e regressado à estalagem. Recordava-a sempre com prazer, mais do que se tivesse visto um milhar de rosas desabrochadas nesse último andar do velho prédio sem graça da Gray's Inn. A presença dessas raparigas do Devonshire no meio da aridez dos autos e de outra papelada forense, à hora familiar do chá, das torradas e das canções infantis, nessa atmosfera sombria de ombreiras poeirentas e de areia de secar tinta, de processos e seus apensos, de leis e regulamentos, de recibos, custas e memoriais, parecia-me coisa tão deliciosamente fantástica como um sonho em que eu visse o harém do sultão transportado para uma sala de audiências. Achei que a minha descrença no êxito de Traddles já não tinha razão de ser, e comecei a acreditar que ele seguiria a sua carreira apesar do pessimismo de todos os criados de café.

Sentado no estabelecimento, ao canto do fogão, para mais à vontade evocar a vida do meu amigo, contemplei os carvões incandescentes, cujas mudanças de forma e cor despertaram em mim a recordação das vicissitudes que tinham ocorrido na minha existência. Havia três anos que deixara a Inglaterra. Podia agora virar-me para o passado, com tristeza mas sem amargura, e enfrentar o porvir com coragem. Não se tratava de possuir um lar, no verdadeiro sentido do termo. Aquela a quem me seria possível inspirar um amor mais compassivo transformara-se, por minha culpa, numa irmã. Casar-se-ia, outro teria direito à sua ternura, e ela nunca saberia o sentimento que crescera tão forte no meu peito. Era justo que eu expiasse uma paixão inconsiderada. Colhia o que semeara.

Estava prestes a inquirir de mim mesmo: «O coração aceitará isso? Suportarei com firmeza? Guardarei no seu lar o lugar que ela tão calmamente guardou no meu?», quando os olhos se me detiveram de repente num rosto que eu julguei, de começo, saído das chamas, tão misturado andava com as minhas saudades.

O doutor Chillip, simpático velhote que me fora útil no primeiro capítulo desta história, achava-se na penumbra do café, entretido a ler o jornal. Mais idoso, continuava, porém, amável e pacífico, e de certo quase igual ao que fora no dia em que aguardou a minha vinda ao mundo, na sala da nossa casa.

Chillip deixara Blunderstone havia cerca de seis a sete anos, e eu não o tornara a ver desde então. Lia muito sossegado a gazeta, com a cabeça um pouco à banda e um copo de xerez aquecido ao alcance da mão. Era tão conciliador nas suas maneiras que parecia pedir desculpa ao jornal pela liberdade que tomava de o ler.

Aproximei-me e disse-lhe:

- Senhor doutor Chillip, como vai?

Mostrou-se perturbado por ver um desconhecido interpelá-lo e respondeu com a costumada lentidão:

- Muito bem, obrigado. É muito amável. E o senhor?

- Não me conhece? - perguntei.

Abanou a cabeça, examinando-me, sorridente, e replicou:

- A sua cara não me é estranha. Mas sinto-me incapaz de ligar o nome à pessoa.

- Contudo, soube o meu nome antes de eu próprio o saber...

- Palavra? Teria eu a honra de assistir ao...

- Com certeza.

- Meu Deus! Mas depois disso mudou muito...

- É provável.

- Em todo o caso, não leve a mal se eu indagar, enfim, como se chama.

Quando me nomeei, a sua comoção não foi postiça. Apertou a minha mão com fervor, o que representava grande esforço da sua parte, pois tinha uns dedos moles e manifestava contrariedade se lhe agarravam com força a dextra. Desta vez, aliás, apressou-se a escondê-la na algibeira, logo que a pôde desembaraçar,

e pareceu aliviado por a ter em lugar seguro.

- Com que então é o senhor Copperfield? - disse inclinando a cabeça para me observar. - É claro que acabaria por o reconhecer, depois de o examinar atentamente. Parece-se extraordinariamente com o seu defunto pai.

- Não tive a felicidade de o conhecer - repliquei.

- Sim, é verdade. Foi uma pena. Pois não ignoramos a sua reputação, senhor Copperf ield - acrescentou meneando outra vez a cabeça, devagar. - Deve ter fatigado muito o cérebro. É uma ocupação demasiado absorvente.

- E agora onde vive, senhor doutor? - perguntei, sentando-me a seu lado.

- Fixei-me a algumas milhas de Bury St. Edmunds. Minha mulher herdou do pai uma pequena propriedade nas imediações, consegui certa clientela e posso dizer que prospero. A minha filha tem crescido muito. O tempo passa...

Ao fazer esta reflexão, o médico levou aos lábios, maquinalmente, o copo que já estava vazio. Propus-lhe tomar outro na minha companhia.

- Embora não esteja acostumado a beber tanto, o que não quero é privar-me da sua conversa - retorquiu ele com a mesma lentidão. - Ainda me parece que foi ontem que o tratei do sarampo. Curou-se lindamente.

Agradeci-lhe as palavras e pedi ao criado que trouxesse mais xerez aquecido.

- Isto é uma loucura - continuou - mas não posso recusar em semelhante ocasião. Não tem filhos, senhor Copperfield?

Fiz um sinal de negação.

- Soube há pouco tempo que lhe morrera uma pessoa de família. Disse-mo a irmã do seu padrasto, que é uma senhora muito decidida.

- A quem o diz! Mas onde a encontrou, senhor doutor?

- Não sabe - respondeu Chillip com um sorriso brando - que o seu padrasto é outra vez meu vizinho?

- Não sabia.

- Pois é como lhe digo. Casou com uma rapariga da região, muito endinheirada... E todo esse trabalho intelectual não o fatiga, senhor Copperf ield?

Tinha o ar de um pintarroxo extático de admiração diante de mim. Fingi não ter percebido a última pergunta e voltei à vaca-fria.

- Já sabia que o Murdstone tornara a casar. É o médico da família?

- Ao certo, não. Chamam-me só de tempos a tempos. Ele e a irmã só fazem o que querem.

Respondi com um olhar tão expressivo que o doutor, com a ajuda do vinho, se atreveu a oscilar a cabeça três vezes afirmativamente e a exclamar em tom melancólico:

- Não esquecemos o passado, senhor Copperf ield!

- Com que então os Murdstones não mudaram, conservam-se na mesma?

- Os médicos só devem preocupar-se com a sua profissão. Todavia aqueles dois irmãos são tão pouco indulgentes no que respeita à vida alheia, que...

Abanou outra vez a cabeça, sorveu um gole de vinho e declarou compadecido:

- Era uma pessoa encantadora, antes de casar.

- A segunda senhora Murdstone?

- É verdade. Depois perdeu a alegria, tornou-se quase neurasténica, segundo afirma a minha mulher. As mulheres são muito observadoras - ajuntou timidamente.

- Há-de ter sido submetida ao jugo do marido e da cunhada. Lamento-a muito.

- No começo produziram-se disputas violentas. Agora não passa da sombra do que foi, coitada. Não quero ser indiscreto, mas sempre lhe digo que a presença da solteirona em sua casa a tornou quase idiota.

Declarei que acreditava plenamente.

- E não hesito em acrescentar (isto aqui entre nós) - prosseguiu Chillip, mais animado com nova absorção de xerez - que a mãe dela morreu de desgosto e que a própria se imbecilizou à força de tirania, desgostos e tormentos. Era, como disse, uma senhora alegre antes do casamento, mas a austeridade e o rigor daquela gente aniquilaram-na de todo. São mais carcereiros do que marido e cunhada. Assim mo dizia a minha mulher, ainda na outra semana. E eu afianço-lhe que as mulheres são boas observadoras, senhor Copperfield. A minha, em particular, é tremenda nesse aspecto.

- Murdstone professa ainda... esta palavra é deslocada... estranhas opiniões religiosas?

- Antecipa-se, senhor Copperfield - disse o médico (o estimulante desusado que ele se permitia nessa altura avermelhava-lhe as pálpebras)-a uma das reflexões mais notáveis da minha mulher. Esta - explicou ele no seu tom mais lento e plácido - assombrou-me literalmente ao contar que o senhor Murdstone entronizou o seu próprio retrato e diz que é a sua divindade! Fiquei estarrecido quando ouvi tal coisa. As mulheres são realmente grandes observadoras...

- É a intuição - sugeri, com grande aprazimento do meu interlocutor.

- Ainda bem que vejo confirmado o meu ponto de vista, é raro eu arriscar-me a dar um parecer que não seja de natureza clínica. O senhor Murdstone faz de vez em quando alocuções em público... e diz-se... diz a minha mulher... que quanto mais tirânico se torna mais feroz é a sua doutrina.

- Creio que a senhora Chillip tem absoluta razão.

- Ela chega a supor - continuou o mais timorato dos homens perante o referido estímulo - que para tais homens a religião é só uma forma de expressar a sua maldade e arrogância. E quer saber? - acrescentou Chillip, baixando levemente a cabeça - eu sou obrigado a alegar que não encontro no Novo Testamento nada que justifique o ensinamento dos irmãos Murdstones.

- Eu também nada encontrei nesse sentido.

- O caso é que os detestam, e como eles votam deliberadamente à perdição todos os que não são concordantes, é incrível a quantidade de almas perdidas que temos nestas paragens. Mas, como diz minha mulher, ficam castigados porque se acham constrangidos a alimentar-se das suas próprias entranhas, que nada devem ter de apetitosas. Agora, senhor Copperfield, voltando ao seu labor intelectual, se mo permite: está certo de que não fatiga em demasia o cérebro?

Não tive dificuldade - atendendo à influência das libações no próprio cérebro de Chillip - em desviar a conversa para os seus assuntos pessoais e acerca disto ele discorreu com loquacidade durante meia hora, contando-me, entre outras coisas, que estava nessa noite na Gray's Inn para testemunhar, perante uma comissão adrede nomeada, a alienação mental de um indivíduo que dera provas de loucura após ter bebido em excesso.

- Asseguro-lhe, senhor Copperfield, que receio muito estas ocasiões. Detesto ser forçado a isto ou aquilo. Bem sabe como levei certo tempo a recompor-me do procedimento daquela pessoa tão autoritária, no dia do seu nascimento, meu amigo.

Disse-lhe que devia encontrar-me com minha tia - a tal pessoa autoritária - no dia seguinte de manhã, e que ela era mulher excelente, um coração de ouro,

como concluiria se a conhecesse melhor. A simples ideia de tal eventualidade pareceu aterrá-lo. Retorquiu-me com um sorriso amarelo: «Será possível, senhor Copperfield?» e logo pediu uma vela e se retirou para o seu quarto, como para estar em segurança. Não titubeava, mas creio bem que o coração devia bater mais duas ou três pulsações por minuto - como naquela noite famosa em que a senhora Trotwood o atingira com a touca.

Fatigadíssimo, fui também deitar-me. Era meia-noite. Passei todo o dia seguinte na diligência de Dover e fiz por fim irrupção, são e salvo, na sala da tia Betsey, onde a topei preparada para tomar chá (com óculos encavalitados no nariz) e onde ela, o senhor Dick e a velha Peggotty (agora ali governanta) me receberam de braços abertos, chorando de alegria. Quando principiámos a falar calmamente, a tia riu bastante do meu encontro com o doutor Chillip e da terrível recordação que ele conservava a seu respeito. Betsey e Peggotty tinham muito que dizer do segundo marido da minha pobre mãe e da irmã dele, cujo apelido de família [{20}] já lhes causava tanto horror.

LX. AGNES

Quando ficámos sós, eu e minha tia, continuámos a conversar pela noite adiante. Recebêramos cartas dos emigrantes e todas respiravam felicidade e optimismo. Micawber havia realmente reembolsado a credora com pequenas quantias, por conta das «obrigações pecuniárias» que tinham sido tratadas de «homem para homem». Janet voltara ao serviço da senhora Trotwood no seu regresso a Dover, e acabara por renunciar ao seu projecto de celibato, desposando um taberneiro próspero. A tia Betsey ratificara aquela deliberação, auxiliando em tudo a noiva e dignando-se assistir à cerimónia nupcial. Como de costume, o senhor Dick veio a talho de foice e a tia informou-me que ele passava o tempo a copiar tudo o que lhe caía debaixo da vista: com esse simulacro de ocupação mantinha o rei Carlos I a uma distância respeitável. Betsey confessou-me que uma das maiores alegrias da sua vida era vê-lo livre e feliz, pois bem poderia estar a essas horas internado num manicómio. Concluiu com a declaração de que só ela conhecia o valor do senhor Dick.

- E agora, Trot, quando pensas voltar a Cantuária? - perguntou a tia, dando-me uma palmadinha na mão, quando nos instalámos, como noutro tempo, ao canto do lume.

- Tenciono alugar um cavalo para lá ir, amanhã de manhã - respondi. - A não ser que a tia queira ir também.

- Não - replicou com a brusquidão costumada. - Não penso deslocar-me.

- Então irei a cavalo - declarei, acrescentando que podia ter ido directamente, se não fosse ela, que me fizera deter em Dover. Betsey ficou satisfeita com a resposta, mas observou:

- Cala-te, Trot. Eu podia esperar.

E outra vez me deu uma pancadinha na mão, enquanto eu contemplava melancolicamente o lume.

Melancolicamente, sim, porque a ideia de reencontrar Agnes ressuscitava-me os remorsos que tanto me haviam perseguido - embora ao presente mais atenuados pela ideia de que eles me ensinariam o que eu não soubera compreender.

Recaímos no silêncio por alguns minutos. Quando alcei a vista, percebi que Betsey me espiava atentamente. Talvez houvesse adivinhado o curso dos meus

pensamentos, pois eram na verdade fáceis de seguir.

- Encontrarás o pai dela muito mais encanecido - disse por fim a tia - porém melhor noutros aspectos. E não o verás agora medir todas as paixões por uma única bitola, as paixões, as alegrias, as dores humanas. Crê-me que tudo isto encolhe muito antes de ser medido por aquela forma.

- Certamente, minha tia.

- Achá-la-ás, a ela, tão bondosa, bonita, séria e desinteressada como sempre foi. Não te cansarás de a admirar, Trot. Não tenho palavras suficientes com que a louve.

Ah, como eu andara extraviado!, pensei.

- Agnes - inquiri de súbito - terá algum...?

- Algum quê?

- Pretendente!

- Uma data deles! - exclamou Betsey com ar ofendido. - Podia ter-se casado vinte vezes, desde que tu partiste.

- Acredito - redargui. - Mas haverá um pretendente que seja digno da sua mão? Só assim é que ela poderia casar.

A tia meditou um bocado, com o queixo apoiado à mão; depois, erguendo para mim os olhos, devagar, participou:

- Desconfio que tem uma afeição...

- Valiosa?

- Trot, nada mais sei - respondeu gravemente. - Nem tenho o direito de falar disto. Agnes nunca me fez confidências, é só uma suspeita minha.

Olhava-me com tanta ansiedade e atenção (até a vi tremer) que tive, mais do que nunca, a impressão de que me adivinhava os pensamentos. Por isso apelei para todas as resoluções que tomara no decurso dos últimos dias e noites de luta interior e comecei:

- Se é assim, Agnes mo dirá quando for altura. Uma irmã a quem confessei tantas coisas não hesitará em confiar por seu turno em mim.

E tão lentamente como poisara em mim o seu olhar, minha tia o desviou; pensativa, diante da vista colocou a mão, pôs-me a outra sobre o ombro, e nós ficámos ambos a reviver o passado, sem dizer palavra, até ao momento em que nos separámos por aquela noite.

Parti cedo, a cavalo, para os lugares em que haviam decorrido os meus anos de colegial. Não posso dizer que fosse inteiramente seguro de obter uma vitória, mas a perspectiva de tornar a ver Agnes tornava-me na realidade feliz.

Fiz depressa aquele trajecto familiar e cheguei a essas ruas tranquilas em que cada pavimento me falava da minha infância. Dirigi-me a pé para a velha residência, mas não tive coragem de entrar logo, de forma que lá voltei um pouco mais tarde. De passagem, olhei pela janelinha baixa da torre, onde primeiramente Uriah e depois Micawber se haviam instalado. Vi uma saleta: a secretária desaparecera. Foi, todavia, a única mudança que notei. A pacífica mansão apresentava-se asseada e perfeita como na primeira vez que eu lá entrara. Pedi à criada - nova no serviço e que me veio abrir a porta - dissesse à senhora Wickfield que um senhor desejava falar-lhe da parte de certo amigo actualmente no estrangeiro, e ela, aconselhando-me a tomar cuidado nos degraus (que eu tão bem conhecia!), convidou-me a subir pela escada vetusta e solene até à sala de visitas, onde nada se tinha alterado. Os livros que eu e Agnes havíamos lido juntos estavam nas prateleiras, e a carteira em que passara tantas noites a estudar as lições conservava-se sempre no mesmo ângulo do quarto. As modificações que Uriah introduzira já tinham sido remediadas. As coisas voltaram ao que eram nos bons tempos de outrora.

Aproximei-me de uma janela para observar as casas do outro lado da rua, essas que contemplara tanta vez em tardes chuvosas, ao mesmo tempo que formulava toda a espécie de suposições acerca das pessoas que apareciam às janelas, seguindo-as com o olhar quando vinham para o exterior: mulheres que faziam estalar os chapins, debaixo da chuva que caía em linhas oblíquas ou desabava na rua através das goteiras, inundando-a.

E o que eu sentia então ao ver os vagabundos que cruzavam a cidade, trôpegos, por essas tardes cinzentas, com um saco pendurado na extremidade do bordão, esse mesmo sentimento experimentei-o de novo, com toda a intensidade, acompanhado ainda do odor da terra húmida e do sopro de todos os ventos que me fustigaram durante a dolorosa viagem de algum dia.

Ao ruído da porta que se abria na parede forrada de papel, estremeci de repente e voltei-me. O belo rosto sereno encontrou-se com o meu a meio caminho. Agnes parou e levou a mão ao peito. Eu cingi-a nos braços.

- Agnes, minha querida! Fiz-lhe uma surpresa.

- O que me dá imenso prazer, Trot!

- Querida Agnes, que felicidade tornar a vê-la!

Apertava-a ao coração e assim ficámos uns instantes, silenciosos. Depois sentámo-nos lado a lado, e ela voltou para mim o rosto angélico, com aquele olhar de boas-vindas por que eu ansiara, dia e noite, durante anos.

Tão fiel, tão bela, tão bondosa! Devia-lhe tanto reconhecimento! Amava-a de tal forma que nem podia exprimir o que sentia. Procurei agradecer-lhe, contar-lhe (como fizera nas minhas cartas) o que era a sua influência sobre mim. Mas foi em vão. O meu amor e a minha alegria eram mudos.

Com a sua serenidade habitual, acalmou a minha agitação, desviou-me os pensamentos para o momento em que nos separámos, falou-me de Emily (que fora visitar clandestinamente, várias vezes) e referiu-se também com doçura à minha defunta Dora. Com o instinto infalível do seu nobre coração, pôs a vibrar as cordas da minha saudade, e tão harmoniosamente que nenhuma rangeu. Pude escutar-lhe a música triste e longínqua sem que nada do que ela evocava me ferisse. Como não poderia deixar de

ser assim, se, fundido em tudo isso, se achava a sua adorada alma, ela, o anjo da minha vida!

- E você, Agnes? - disse-lhe enfim. - Fale-me de si. Ainda não me contou quase nada do que fez durante todos estes meses!

- Que lhe haveria de contar? - respondeu-me com o seu sorriso radioso. - O meu pai vai bem. Estamos aqui sossegados, com a nossa ansiedade tranquilizada, o nosso lar reencontrado. Pronto, meu caro Trot, já sabe tudo.

- Tudo, Agnes? - perguntei.

Ela fitou-me e, no seu olhar, divisei um ar de espanto.

- Não há mais nada, minha irmã?

As faces, que lhe tinham empalidecido, retomaram a cor, e em seguida voltaram a empalidecer. De novo sorriu, melancólica e resignada, ao que supus, e então abanou a cabeça.

Tencionava encaminhá-la para o assunto a que a tia Betsey aludira. Por mais penoso que me fosse ouvir a confidência, eu devia disciplinar o coração e cumprir as minhas obrigações para com ela. Vi-a, porém, constrangida, e não insisti.

- Tem muito trabalho, Agnes?

- Com as lições? - indagou, recuperando a serenidade. - Sim, senhora. É trabalho absorvente, não é?

- Decerto, mas tão agradável que nem é justo classificar de trabalho.

- Nada do que é bom se nos torna difícil - sentenciei. Agnes ficou pálida, depois corou, e, quando baixou a cabeça,

tornei a ver-lhe o sorriso triste.

- Demora-se para falar com o papá, não é verdade? - sugeriu em tom jovial. - Passa o dia connosco? Talvez queira dormir na sua antiga cama... Chamamos-lhe sempre o seu quarto, não sabia?

Expliquei-lhe que não podia ficar, porque prometera à tia voltar nessa mesma noite. Mas o dia passava-o com eles, e com muito prazer.

- Vou estar uns momentos prisioneira - disse ela. - Entretanto, aqui tem os seus velhos livros, Trot, e as músicas também.

- E até as velhas flores - observei, circunvagando a vista pela sala. - Pelo menos iguais às de outrora.

- Tive muito gosto em conservar tudo assim... como no tempo da sua infância. Éramos então felicíssimos!

- Se éramos!

- E a mais pequena coisa que me lembrasse o meu irmão - acrescentou com um olhar cintilante - dava-me tanta alegria! Mesmo isto - e mostrou-me o chaveiro, que sempre usara - parecia tilintar com o som de outro tempo.

Tornou a sorrir e saiu pela mesma porta por onde entrara. Eu devia guardar com desvelos egoístas essa afeição fraternal. Tamanho tesouro era tudo quanto me restava. Se um dia abalasse os alicerces sagrados da confiança e do hábito, sobre que esse tesouro repousava, perdê-lo-ia para sempre.

Pus esta consideração à frente de outras. Quanto mais amasse Agnes, mais devia lembrar-me desse perigo.

Deambulei pelas ruas da cidade; ao ver mais uma vez o meu antigo adversário, o rapaz do talho - agora guarda-florestal, como depreendi da insígnia que ele pendurava na loja -, fui visitar o local onde havíamos combatido, e recordei-me da senhora Larkins, a mais velha do rancho de manas, a senhora Shepherd, e ainda todos os meus amores, simpatias e antipatias desse tempo. Do passado, só Agnes parecia sobreviver: como um astro, ela brilhava sempre mais clara no meu firmamento.

Quando regressei, o doutor Wickfield já voltara do jardim, onde passava em geral as manhãs. Achei-o tal qual a tia mo descrevera. Sentámo-nos para jantar,

com meia dúzia de meninas. Wickfield dir-se-ia apenas a sombra do belo homem cujo retrato se ostentava na parede.

Reinava ali de novo a tranquilidade, naquela sala pacífica de que a minha memória jamais se separara. Acabada a refeição, como o dono da casa já não tomava vinho, e a mim não apetecia prová-lo, subimos ao outro andar, e, na sala de visitas, Agnes e as suas alunas cantaram, brincaram e trabalharam. As pequenas retiraram-se depois do chá, e nós três sozinhos principiámos a conversar acerca dos tempos idos.

- A minha vida passada - disse o doutor, meneando a cabeça branca - só me deixou recordações amargas e tristes remorsos, mas, ainda que pudesse, não queria abolir esse passado.

Não duvidei, vendo a seu lado o rosto da filha.

- Porque - continuou - aboliria ao mesmo tempo anos de paciência, dedicação, fidelidade e amor filial, coisas que jamais esquecerei.

- Compreendo-o - retorqui. - Esse passado inspira-me, e, sempre me inspirou, a maior veneração.

- Mas ninguém sabe, excepto você, tudo quanto ela fez, tudo quanto suportou, todas as lutas que teve de sustentar. Querida Agnes!

A rapariga pusera-lhe a mão no braço para lhe suplicar que se calasse. Ficara tremendamente pálida.

- Está bem, está bem - disse ele suspirando.

Percebi que ocultava uma provação sofrida pela filha (ou ainda por sofrer) e que se relacionava com as suspeitas da minha tia.

- Nunca lhe falei da mãe dela, Trotwood. Alguém o fez por mim?

- Não, senhor doutor.

- Ah, é pouca coisa, se bem que eu padecesse muito. Casou comigo contra vontade paterna e ele renegou-a. Ela pediu que lhe perdoasse antes do nascimento de Agnes. Mas era um homem duro e a mãe já tinha morrido há muito tempo. Repeliu-a. Deste modo lhe destroçou o coração.

Agnes apoiou-se no ombro do pai e passou-lhe um braço de roda do pescoço.

- Como era pessoa terna e fraca, essa recusa aniquilou-a. Sei muito bem quanta ternura se albergava naquele peito! Quem o poderia saber melhor do que eu? Amava-me a valer, porém não se sentia feliz. Sofrera sempre em segredo

esse desgosto. E isto, com outros dissabores, causou-lhe a enfermidade de que morreu. Deixou-me só com Agnes, então de dois anos de idade, e eu fiquei com os cabelos encanecidos que você sempre conheceu.

Dizendo isto, beijou a face de Agnes.

- O meu amor à querida filha tornou-se então mórbido. Mas eu estava doente de espírito. Não falemos mais disto. Não quero falar mais de mim, Trotwood, mas dela e da mãe. Se eu lhe der a chave do meu próprio enigma, depressa o decifrará, tenho a certeza. Não preciso dizer-lhe como é Agnes. Sempre nela achei vestígios da história da mãe; digo-lhe isto hoje, quando nos voltámos a reunir após tão grandes mudanças. E pronto.

A cabeça curvada do pai, o rosto angélico e a dedicação da filha acentuavam o patético da narração. Se me faltasse alguma coisa para marcar de forma especial aquela reunião, aí a encontrava sem dúvida.

Agnes afastou-se para ir pé ante pé ao piano tocar-nos algumas das velhas melodias que tanto apreciáramos outrora naquela mesma sala.

- Pensa partir outra vez? - perguntou ela, vendo-me ali junto do piano.

- Que julga a minha irmã?

- Julgo que não.

- Então não partirei, Agnes.

- Já que me pede opinião, Trot - disse-me Agnes com doçura - direi que o não deve fazer. A sua reputação, o seu êxito crescente aumentam-lhe o poder de praticar o bem. E se eu puder dispensar o meu irmão, o que é provável é que o país o não possa - concluiu, de olhos fitos nos meus.

- Foi você que me tornou no que sou, Agnes. Não o sabia?

- Eu, Trot?

- Sim, querida Agnes - confirmei, inclinando-me para ela. -

Queria dizer isto esta manhã, quando nos encontrámos: é uma coisa que não me larga o pensamento, desde a morte de Dora. Lembra-se de quando veio ter comigo à nossa saleta, de mão erguida para o céu?

- Oh, Trot! - exclamou, com os olhos marejados de lágrimas. - Ela era tão gentil, tão nova, tão confiante! Não posso esquecê-la.

- Pensei muitas vezes, depois, que você sempre fora para mim o que foi nessa ocasião. Sempre me indicou o céu, sempre me conduziu para algo de

melhor, sempre me incitou a coisas grandes.

Agnes abanou tristemente a cabeça e eu vi-lhe, através do pranto, o sorriso meigo e melancólico.

- Sou-lhe imensamente grato, Agnes. Nem há nome para o afecto que lhe consagro. Queria que soubesse, embora sem achar modo de me exprimir, que toda a vida me deixarei guiar por si, como o fiz no meio das trevas do passado. Aconteça o que acontecer, seja qual for o laço que você forme na sua vida, e a mudança que se produza na existência de nós dois, sempre me voltarei para si e a amarei, como agora e como noutro tempo. Será constantemente o meu consolo e o meu recurso, como tem sido até agora. E, até à morte, querida irmã, vê-la-ei de contínuo diante de mim, mostrando-me o céu.

Pôs a mão sobre a minha e disse-me que, apesar de não merecer os meus encómios, tinha gosto em ouvi-los e se orgulhava da minha pessoa. Em seguida continuou a tocar em surdina, sem nunca me desfitar.

- Sabe, Agnes? Parece-me estranhamente que as suas palavras se ligam ao sentimento que me inspirou na primeira vez que a vi, e que sempre experimentava quando a seu lado, no tempo em que era um colegial ainda tosco.

- Não ignorava que eu era órfã de mãe e, naturalmente, compadecia-se de mim...

- Não, Agnes, não era isso. Sabia haver algo de indizivelmente brando e terno em todo o seu ser, qualquer coisa que, noutra criatura, poderia tomar-se por tristeza mas que, em si, não o era.

Agnes prosseguiu a música, olhando-me sem cessar.

- Troçará, decerto, de todas estas imaginações pueris...

- Não, Trot!

- Ou rirá se eu lhe disser o que sinto? Fará chacota do meu sonho?

- De modo nenhum.

No rosto passou-lhe uma sombra de desânimo, que se desfez logo no momento em que eu estremeci ao notá-la. Agnes continuou tocando e olhando para mim com o seu sorriso calmo.

Ao regressar, no meio da noite solitária, com o vento bailando-me ao redor como uma memória inquieta, pensei de novo nessa sombra fugidia e receei que Agnes não fosse feliz. Eu também não o era, mas até pusera resolutamente um selo no passado; e, lembrando-me dela e da sua mão erguida, esperava que no

mistério da vida futura eu pudesse amá-la com um amor desconhecido na terra e falar-lhe do combate que o meu coração havia travado quando a amava neste mundo.

LXI. MOSTRAM-ME DOIS PENITENTES INTERESSANTES

Instalei-me por algum tempo - pelo menos até que o meu livro se completasse, o que exigia vários meses - na casa da minha tia, em Dover. E ali, diante da janela donde vira o mar prateado de luar na noite da minha chegada, prossegui descansadamente o meu trabalho.

Neste relato, só falo dos meus romances quando eles interferem com a minha vida. Não entro em pormenores quanto a aspirações, alegrias, ansiedades e triunfos da minha arte. Já disse que lhe consagrava todo o ardor do meu entusiasmo e todas as energias da minha alma. Se esses livros têm algum valor, aí se lhes achará o resto; de outro modo, haveria escrito inutilmente e aquele resto não teria interesse para ninguém.

De tempos a tempos ia a Londres, quer para me perder no bulício da vida, quer para consultar Traddles acerca de um assunto. Traddles administrara-me muito judiciosamente os bens durante a minha ausência e eu desfrutava de uma situação material próspera. A notoriedade começava a proporcionar-me numerosas cartas de pessoas que até aí me eram completamente estranhas - em geral a propósito de nada, o que tornava a resposta muito difícil - e eu combinara com Traddles colocar um letreiro com o meu nome na porta. Assim, o dedicado carteiro da área descarregava lá os maços de cartas que me eram dirigidas, e eu de vez em quando ia examiná-las, como um ministro... sem vencimentos.

Nessa correspondência insinuava-se de tempos a tempos a proposta amável de um desses numerosos parasitas que estão sempre à coca nos Doctor's Commons: oferecia-se para actuar em meu nome (se eu me dignasse dar os últimos passos para ser nomeado solicitador) e pagar-me uma percentagem sobre os ganhos obtidos. Declinei sempre estas propostas. Sem isso, já havia tantos impostores e tanta corrupção naquele departamento judicial!

As cunhadas de Traddles já lá não estavam quando o meu nome começou a figurar na porta do advogado, e até o paquete dir-se-ia nunca ter ouvido falar de Sophy, que vivia encerrada no quartinho do lado do pátio, por onde, ao deixar a costura, ela mergulhava o olhar numa nesga de quintal negro de fuligem e dotado de uma bomba. Mas aí a encontraríamos sempre, activa na faina doméstica, cantarolando baladas do Devonshire quando não ouvia passos

estranhos na escada.

De início admirei-me por ver Sophy a escrever num caderno que ela tratava logo de esconder na gaveta, quando eu aparecia.

Este mistério, porém, acabou por me ser desvendado. Certo dia Traddles (que voltava do tribunal sob uma chuvinha fria) tirou da secretária um papel e perguntou o que eu pensava daquela caligrafia.

- Não, não, Tom! - interveio a mulher, que estava a aquecer-Lhe as pantufas diante do fogão.

- Por que não, minha querida? - volveu Traddles, entusiasmado. - Que te parece, hem, Copperfield?

- É muito regular e nítida. Não me lembro de ter visto nenhuma assim tão exacta.

- Nada de letra feminina, pois não?

- Feminina? Máscula é que ela é!

Traddles desatou a rir de satisfação e informou-me de que era a letra de Sophy. Esta tinha-lhe observado que em breve necessitaria de um escrevente e que ela podia ocupar esse lugar. Estudara aquela caligrafia numa norma e seria capaz de copiar não sei quantas páginas por hora. Sophy mostrava-se confusa por ouvir aqueles elogios e declarou que, se o Tom fosse nomeado juiz [{21}], já não teria necessidade de explicar isto a ninguém. Mas o marido declarou que, sucedesse o que sucedesse, orgulhar-se-ia sempre daquela prenda de mulher.

Depois de ela sair, muito risonha, eu comentei:

- Que esposa excelente e encantadora tu tens, meu caro Traddles!

- Prezado Copperfield - retorquiu ele - é sem excepção a rapariga mais adorável deste mundo. E se soubesses a forma como se encarrega deste apartamento, a sua exactidão, os seus conhecimentos domésticos, a ordem, o bom humor!

- Tens boas razões para a louvar - repliquei. - És um felizardo! Creio que dão um ao outro a maior dose possível de felicidade.

- Seja como for, acredito que somos felizes. Vejo-a levantar-se de madrugada, nestas manhãs de Inverno, e ocupar-se dos preparativos para o dia; ir à praça antes que cheguem os empregados do cartório e não se preocupar nunca com o tempo. Faz-me deliciosos primeiros almoços, utilizando as coisas mais simples. E também pudins, e tortas. Anda sempre tão bem arranjada e tão

garrida! Está comigo ao serão até altas horas da noite. Sempre bem disposta, sempre pronta a animar-se! Quando penso que procede assim por minha causa, mal posso crer, Copperfield!

Até as pantufas, que ela lhe aquecera, o fizeram enternecer-se. Estendeu beatificamente os pés para o lume e continuou:

- Há dias em que eu realmente tenho dificuldade de acreditar nesta ventura. Sem falar dos nossos prazeres mais simples... ah, não são dispendiosos, mas tão agradáveis! Quando ficamos aqui à tarde, fechamos a porta e puxamos os reposteiros, que são obra sua. Onde estaríamos melhor? Se o tempo está bonito, vamos dar uma voltinha. As ruas fervilham de distracções. Admiramos os escaparates das lojas, que cintilam de jóias, e eu mostro-lhe serpentes de olhos de brilhantes, enroladas em estojos de cetim branco, coisa que eu lhe daria se tivesse dinheiro. Sophy aponta-me para relógios de ouro em bocetas adornadas de pedras preciosas, com todos os aperfeiçoamentos da arte, objectos que ela me ofereceria se dispusesse de meios. Escolhemos mentalmente os pratos, os talheres de peixe, as facas da manteiga e as pinças dos torrões de açúcar, utensílios que adquiríríamos se ambos dispuséssemos daquilo com que se compram. Em seguida vamo-nos embora, tão satisfeitos como se trouxéssemos a mercadoria. Quando deambulamos pelos largos e avenidas e vemos uma casa para alugar, acontece pensarmos se ela nos serviria, se eu chegasse a ser juiz. E então contamos as divisões: tal quarto para nós, tais outros para as irmãs, e assim por diante. Concluímos que está ou não a calhar, conforme os casos. Às vezes vamos ao teatro com bilhetes mais baratos, de plateia, e saímos encantados com a peça. De caminho para o lar, não raramente compramos qualquer coisa numa salsicharia ou uma lagosta na marisqueira, e ceamos ainda a conversar acerca do espectáculo a que assistimos. Bem vês, Copperfield, se eu fosse ministro da Justiça, não poderíamos fazer melhor.

E eu pensei:

«Farás sempre algo de bom e agradável, sejas o que fores, meu caro Traddles!»

E em voz alta disse:

- A propósito, suponho que já não desenhas esqueletos...

- Para ser franco - respondeu-me rindo e corando ao mesmo tempo - não o posso negar de forma peremptória. Outro dia, estando numa das últimas filas do tribunal de King's Bench, com uma pena na mão, ocorreu-me a ideia de verificar se não perdera esse talento. E bem me parece que deixei lá, no tampo da carteira,

o esboço de um esqueleto de peruca.

Rimos ambos com vontade, e Traddles, mirando o lume com um sorriso, concluiu cheio de indulgência:

- Coitado do Creakle!

- Tenho uma carta desse velho patife - declarei, pouco disposto a perdoar-lhe as chibatadas que ele dava no Traddles e vendo como este se inclinava para a compaixão.

- O Creakle do colégio? Não me digas!

- Entre as pessoas que se sentem atraídas para a minha glória e riqueza incipiente, e que se julgam haver sido sempre muito dedicadas à minha pessoa, figura esse tal Creakle. Agora já não é professor, está aposentado. Tornou-se director de uma cadeia no Middlesex.

Contrariamente à minha previsão, Tradles não exteriorizou a menor surpresa.

- Como pensas que ele arranjou isso? - inquiri.

- Não é fácil responder-te, Copperfield. Se calhar votou em alguém, ou emprestou dinheiro a alguém, ou comprou qualquer coisa a alguém e obrigou alguém, ou especulou por alguém que conhece alguém que lhe conseguiu o cargo através do deputado do círculo.

- Seja como for, ei-lo carcereiro! - exclamei. - Escreveu-me dizendo que gostaria de me mostrar o único verdadeiro sistema de disciplina nas prisões, o método infalível para criar penitentes sinceros e conversões duradoiras. Enfim, o sistema celular. Que te parece?

- O seu sistema? - perguntou gravemente o meu amigo.

- Não, o convite. Devo aceitar? Queres ir comigo?

- Se for da tua vontade...

- Então vou-lhe escrever. Lembras-te (para não falar do que nos sucedia) como esse Creakle pôs o filho no olho da rua? E que inferno de vida passava a mulher e a filha?

- Se me lembro!

- Pois leste a carta e verás como é o mais terno dos homens para com os presos réus confessos de todos os crimes possíveis e imagináveis, sem que todavia essa ternura pareça estender-se a qualquer outra categoria de indivíduos.

Traddles encolheu os ombros, sem dar sinais de admiração. Aliás não esperava que ele estivesse admirado, porque eu também o não estava, para não desmentir a minha prática de semelhantes contra-sensos. Fixámos a data da nossa visita e eu enderecei nesse sentido uma carta ao Creakle, naquela mesma noite. No dia previsto (creio que era o seguinte, mas isso pouco importa), eu e Traddles apresentámo-nos na cadeia onde o director remava como senhor absoluto. Era um edifício enorme, de construção dispendiosa. Não pude coibir-me de pensar, atravessando o portão, no alarido que se levantaria no país se houvesse alguém suficientemente louco para propor que se despendesse metade do dinheiro que a prisão devia ter custado na fundação de uma escola técnica ou de um asilo para velhos achacados. Num escritório que se julgaria situado no rés-do-chão da Torre de Babel (tão maciça era a edificação), fomos recebidos pelo nosso antigo professor, que estava num grupo de dois ou três magistrados e alguns visitantes. Acolheu-me como quem tivesse outrora formado o meu espírito e me houvesse sempre ternamente estimado. Quando lhe apresentei Traddles, ele insinuou da mesma forma, ainda que com menos ardor, que fora sempre o seu guia espiritual, seu conselheiro e nosso amigo. Creakle envelhecera muito, e a velhice não o favorecia. A cara parecia mais rubicunda, os olhos continuavam pequeninos e talvez mais encovados.

Os cabelos ralos, brancos e oleosos, de que me lembrava ainda, já não existiam por assim dizer, e as veias grossas da testa calva continuavam a ser desagradáveis à vista.

Ao escutar a conversa daqueles senhores, poder-se-ia concluir que não havia mais nada neste mundo vil senão o supremo conforto dos presos, por mais custoso que fosse, e que nada existia na terra além das prisões. Em seguida iniciámos a visita. Era justamente a hora do jantar, e nós fomos em primeiro lugar à espaçosa cozinha, onde se preparava o jantar de cada recluso para o enviar separadamente à respectiva cela, com a regularidade e a precisão de um relógio. Murmurei ao ouvido de Traddles que ninguém decerto ainda notara o contraste surpreendente entre essas refeições copiosas e cuidadas e os jantares, não falo dos indigentes, mas dos soldados, dos marinheiros, dos operários, de todos os que trabalham honradamente. Mas soube então que o «sistema» exigia boa alimentação; para pôr ponto final no dito sistema, digamos sem demora que ele resolvia todas as dúvidas e todas as anomalias. Ninguém parecia suspeitar que se pudesse tomar em consideração outro sistema qualquer além deste.

Enquanto atravessávamos corredores magníficos, perguntei ao senhor Creakle e aos seus amigos quais eram as vantagens principais deste método universal e dominante. Por um lado, elucidaram-me, seria o isolamento completo

dos encarcerados, de forma que nenhum dos ali internados soubesse fosse o que fosse do seu vizinho, e, por outro lado, o restabelecimento naqueles espíritos de uma mentalidade sã, que os levasse a uma constrição sincera, a um arrependimento genuíno.

Com isto, trataram de nos proporcionar a visita dos reclusos nas suas celas: lá nos levaram através desses mesmos corredores, para onde elas davam, explicando-nos como os detidos iam à capela, etc.; achei todavia que estes sabiam alguma coisa da vida recíproca e que tinham encontrado meio de comunicar entre si. À hora em que escrevo, creio que isto é facto provado, mas nessa altura considerar-se-ia um insulto ao sistema insinuar tal suspeita, e eu apliquei-me a verificar os sintomas da verdadeira contrição.

Senti, porém, novas apreensões. No cárcere, a moda era a penitência, tão tirânica como a que reinava cá fora quanto ao corte de coletes e casacos nas lojas dos alfaiates. Escutei uma porção de confissões, mais ou menos semelhantes no fundo e também (o que me levou a desconfiar) na forma. Vi muitas raposas desfazendo de vinhas inteiras com cachos inacessíveis; mas poucas a quem eu deixasse ao alcance das uvas. Notei também que os homens que professavam maior arrependimento tinham a certeza de suscitar interesse. O amor-próprio, a vaidade, a falta de distracção e o hábito da mentira (que muitos possuíam em alto grau, como mostrava o seu cadastro) induziam-nos a essas declarações, em que pareciam deleitar-se.

Entretanto, ouvi tantas vezes falar, no decorrer das nossas idas e vindas, de um tal número 27 (que era o favorito e parecia ser de facto um prisioneiro modelo), que resolvi sustar o meu juízo até que o tivesse conhecido. Também o 28, conforme percebi, era astro particularmente brilhante mas, para sua infelicidade, o esplendor do 27 fazia empalidecer-lhe a glória. Realmente, tanto me mataram o bicho do ouvido com os louvores do 27, os seus discursos sensatos, as belas cartas que escrevia constantemente à mãe (como se ela estivesse no caminho da perdição) que fervia de impaciência por o ver.

Tive de reprimir esta impaciência, pois deixaram o 27 para um efeito espectacular. Finalmente chegámos à porta da sua cela. O senhor Creakle, olhando por um orifício, anunciou-nos, com a mais profunda admiração, que o preso lia um hinário.

Houve logo uma tal profusão de cabeças em busca do buraquinho que este ficou literalmente obstruído. Todos queriam ver o homem na sua ocupação seráfica. Para obviar a este inconveniente e nos permitir uma conversa com o recluso, o director deu ordem para se abrir a porta e convidou o 27 a vir ao

corredor. Assim fizeram. Qual não foi, porém, o meu assombro e o do Traddles ao reconhecermos nesse 27 o arrependido Uriah Heep em pessoa! Também ele nos reconheceu imediatamente e, ao sair da cela, disse-nos com uma das suas antigas contorções:

- Como está, senhor Copperf ield? Passou bem, senhor doutor Traddles?

Estas saudações causaram espanto nos circunstantes. Tive a impressão de que pasmaram de o ver tão humilde, pois confessava assim que não lhe desconhecíamos a história.

- E então - disse Creakle, com certa compunção - como vai hoje o nosso 27?

- Num estado de grande humildade - respondeu Uriah.

- Como de costume - retorquiu o director. Alguém indagou com profunda ansiedade:

- Não lhe falta nada? Sente-se bem?

- Sim, senhor, e agradeço reconhecido. Melhor do que me sentia anteriormente. Agora compreendo os meus desvarios. Por isso encontro aqui consolação.

Muitos daqueles senhores mostraram-se impressionados, e um terceiro curioso inquiriu deste modo, colocando-se na primeira fila:

- Que tal acha a carne de vaca?

- Obrigado pelo seu interesse, mas sempre digo que, ontem, estava razoavelmente rija. A minha obrigação é, todavia, ser paciente. Cometi erros, meus senhores - acrescentou com um sorriso humilde - e devo sofrer as consequências sem me queixar.

Um murmúrio de satisfação sublinhou o ar conformado do 27. Contudo houve certa indignação contra o ecónomo que dera origem àquela reclamação, e o director tomou logo nota. Uma vez acalmado, o 27 continuou de pé no meio de todos, como se se considerasse o objecto mais precioso duma colecção magnífica. A fim de que os visitantes ficassem ainda mais edificados, deram ordem para sair ao corredor o 28.

Eu estava já tão estupefacto que não me surpreendi demasiadamente ao ver surgir Littimer, antigo criado de Steerforth, mergulhado na leitura de uma obra de devoção.

- 28! - exclamou um cavalheiro de óculos, que ainda não havia falado -

você queixou-se do cacau, na semana passada. Como tem ele sido depois disso?

- Muito obrigado - replicou Littimer - ao presente já o preparam melhor. Se me permitem, no entanto, uma observação, direi que não acho o leite com que o fazem suficientemente puro. Sei, contudo, que o leite é muitas vezes falsificado em Londres e que este produto raras vezes se encontra em toda a sua pureza.

Pareceu-me que o cavalheiro dos óculos fazia valorizar o 28 em detrimento do 27 (o predilecto do senhor Creakle), porque cada um deles porfiava em evidenciar o seu favorito.

- E como se sente? - perguntou ainda o mesmo visitante, dirigindo-se a Littimer.

- Obrigado pela sua atenção, eu actualmente compreendo os meus erros. Sinto-me tão perturbado quando penso nos pecados dos meus velhos companheiros! Mas espero que lhes sejam perdoados.

- E você, considera-se realmente feliz? - insistiu o inquiridor, com um movimento de cabeça para o animar.

- Agradeço-lhe muito. Considero-me, de facto, perfeitamente feliz.

- Tem necessidade, neste momento, de dizer mais alguma coisa? Não receie.

- Se não me engano - respondeu o preso, sem levantar os olhos - vejo aqui alguém que me conheceu outrora. Talvez convenha a essa pessoa saber que eu atribuo os meus erros passados à vida negligente que levei ao serviço de gente moça e às fraquezas a que cedi por sua influência. Espero que esse senhor compreenda a minha advertência e não se ofenda com a liberdade que tomo. É para seu bem. Não ignoro as minhas culpas passadas; espero que ele se arrependa de todas as depravações e de todos os pecados em que participou.

Reparei que vários dos presentes se comportavam cheios de deferência, como se se encontrassem num templo.

- Isso faz-lhe honra, 28. Outra coisa não esperava de si. Não tem mais nada a acrescentar?

- Há uma rapariga que resvalou para vida dissoluta - retorquiu Littimer, erguendo de leve as sobrancelhas, mas sem mover os olhos - e que eu tentei salvar, sem o conseguir. Peço a este senhor, se lhe for possível, que informe essa criatura de que lhe perdoo o comportamento que teve comigo e que a convido a arrepender-se, se é que o mesmo senhor se digna de aceitar esta comissão.

- Não duvido, 28, de que o cavalheiro de quem fala não esteja impressionado, como nós todos, com o que você acaba de exprimir tão bem. Não o retenho mais.

- Muito obrigado. Desejo a todos felicidades e espero que os senhores e suas famílias compreendam também os seus pecados e se emendem.

Assim se retirou o 28, depois de haver trocado com Uriah um olhar que deixava supor que (por qualquer meio de comunicação) eles não se desconheciam inteiramente. Tornaram a fechar a porta da cela, no meio de murmúrios lisonjeiros, pois se tratava de um preso excelente e de um caso edificante.

- E agora, 27 - recomeçou o senhor Creakle, ocupando-se novamente do seu predilecto, já que o campo ficara livre com a saída do 28 - acha que se pode fazer alguma coisa por si? Nesse caso, diga-o!

- Gostaria de pedir muito humildemente - replicou Uriah Heep, com um tique nervoso que lhe fazia oscilar a cabeça - autorização para escrever mais uma vez à minha mãe.

- Ser-lhe-á naturalmente concedida - informou o director.

- Muito obrigado. Estou inquieto por causa dela. Receio que corra qualquer perigo.

Alguém perguntou estouvadamente que perigo seria. Mas um «caluda!» escandalizado obrigou-o a meter a viola no saco.

- Perigo quanto à salvação - explicou Uriah, virando-se com uma contorção para o lado donde viera a voz. - Queria que a minha mãe chegasse ao mesmo estado que eu. Nunca me sentiria como hoje se não tivesse vindo para aqui. Seria bom para toda a gente ser presa e conduzida cá.

Esta declaração causou imenso prazer, maior, suponho, que tudo o que fora dito até aqui.

- Antes de vir para aqui - continuou Uriah, lançando-nos um olhar furtivo como se quisesse aniquilar o mundo externo de que fazíamos parte - eu entregava-me ao pecado, mas agora tomei consciência dos meus erros. Há muitos pecados na terra. Há muitos pecados no coração da minha mãe. Por toda a parte só pecado! Salvo aqui.

- Está completamente transformado? - perguntou o senhor Creakle.

- Se estou! - redarguiu esse penitente cheio de optimismo.

- Não voltaria a pecar se saísse daqui? - perguntou alguém.

- Meu Deus, nunca!

- Muito bem - confirmou Creakle - isto é bastante animador. Você, 27, falou com o senhor Copperfield. Quer dizer-lhe mais alguma coisa?

- Senhor Copperfield, conheceu-me antes de vir para cá e salvar a minha alma - começou Uriah Heep, lançando-me um olhar mau, como eu nunca lhe vira. - No meio dos meus desvarios, eu era humilde com os orgulhosos e manso com os violentos. O senhor mesmo foi violento comigo, um dia, porque me deu uma bofetada. Há-de lembrar-se...

Comiseração geral. Houve olhares indignados na minha direcção.

- Mas eu perdoo-lhe, senhor Copperfield - prosseguiu Uriah, saboreando o seu perdão. - Perdoo a toda a gente. De nada me serviria querer mal fosse a quem fosse. Perdoo-lhe sem ideia preconcebida e espero que o senhor saiba dominar-se para o futuro. Espero que o doutor W. se arrependa e a filha também, e toda essa súcia de pecadores. O senhor teve desgostos e penso que isso lhe há-de ter feito bem; mas seria melhor ter vindo para aqui, assim como o doutor W. e a filha. O mais que posso desejar-lhe, senhor Copperfield, e aos outros senhores que me escutam, é serem todos presos e conduzidos para esta casa. Quando penso nos meus erros passados e na minha felicidade presente, fico persuadido que isto é o que mais convém a todos nós. Lastimo os que ainda não foram internados nesta cadeia!

Dizendo isto, escapuliu-se para a cela, no meio de um sussurro de aprovação, e nós sentimo-nos aliviados, eu e Traddles, por o ver desaparecer atrás das grades.

Entretanto eu pensava o que teria levado aqueles dois homens ao cárcere, pois que ninguém fizera alusão a isso. Dirigi-me nesse sentido a um dos guardas, o qual achei, por certos indícios fisionómicos, estar apto a tirar-me de dúvidas.

- Sabe em que consiste o último «erro» do 27?

Respondeu-me que era um caso relacionado com a vida bancária.

- Alguma fraude em prejuízo do Banco de Inglaterra?

- Nem mais - confirmou. - Foi preso por gatunice e falsificação, juntamente com outros. Ele é que esboçou o plano. Maquinação de grande envergadura. Foram condenados a deportação. Este 27 é o mais esperto do bando e esteve quase a escapar à justiça. O Banco, no entanto, conseguiu apanhá-lo, mas com dificuldade.

- E conhece o delito do 28?

- Esse - replicou o meu informador, falando sempre em voz baixa e virando-se para todos os lados, com medo de que o ouvissem dar-me estes esclarecimentos confidenciais - estava empregado e roubou ao patrão coisa como duzentas e cinquenta libras em dinheiro e objectos valiosos, na véspera do dia em que devia embarcar para o continente. Esse caso tem seu quê de impressionante, pois o homem foi surpreendido por uma anã.

- Uma...?

- Sim, senhor, uma mulherzinha muito pequena, cujo nome esqueci.

- Será Mowcher, por acaso?

- Justamente. Escapara às buscas e ia fugir para a. América, disfarçado com peruca e suíças loiras, quando a anã, que se encontrava em Southampton, o descobriu na rua. Reconheceu-o e agarrou-se a ele como um demónio.

- Excelente senhora Mowcher! - exclamei.

- Se a visse, como eu vi, em cima de uma cadeira, a servir de testemunha! Ele tinha-a tratado mal, mas a mulherzinha não o largou sem o ver engaiolado. Segurava-o com tanta força que os polícias tiveram de trazer os dois. Também, por isso, recebeu felicitações do Tribunal e aclamações da multidão.

Tínhamos visto tudo o que havia para ver. Seria inútil demonstrar a um homem como Creakle que o 27 e o 28 continuavam como eram - os mais consumados hipócritas deitados a este mundo. Em suma, toda esta história deixou-nos uma impressão penosa. Abandonámos, pois, os dois malvados a si mesmos e ao sistema prisional de que gozavam e retirámo-nos meditando no caso.

- Talvez seja proveitoso - disse eu a Traddles - quando cavalgamos uma montada perigosa, fazê-la correr a toda a brida. Rebentamo-la mais depressa.

- Parece-me que sim - respondeu Traddles.

LXII. DIVISO UMA LUZ NO MEU CAMINHO

Dois meses após o meu regresso do estrangeiro, era Natal. Frequentemente me encontrava com Agnes.

Fossem quais fossem os incitamentos do público e a satisfação que eles me proporcionavam, eu apreciava muito mais uma simples palavra de louvor da boca da minha amiga.

Pelo menos uma vez por semana, se não mais, ia a cavalo até Cantuária e aí passava a noite. Voltava, em geral, antes de amanhecer, pois aquela antiga sensação de mal-estar perseguia-me sempre (sobretudo depois de deixar Agnes) e assim evitava as insónias ou pesadelos nocturnos. Passava deste modo a maior parte das tristes noites invernosas em jornadas deste género, agitando pelo caminho pensamentos que me tinham ocupado o espírito durante a longa ausência no continente.

Ou, melhor dizendo, escutaria eu o eco desses mesmos pensamentos? Eles falavam-me de longe. Afastara-os de mim, e aceitara a inevitabilidade da minha situação. Quando lia a Agnes trechos do que escrevera, quando via a sua expressão atenta ou comovida até ao riso ou às lágrimas, e lhe escutava a voz meiga, interessada nos acontecimentos imaginários do mundo irreal em que eu vivia, pensava no que podia ter sido o meu destino, mas punha logo de parte a ideia, lembrando-me também do que teria sido a minha vida com Dora, se ela ainda existisse.

Era - tenho motivos de sobra para me lembrar - um dia de Inverno frio e agreste. Nevara durante horas e o chão estava coberto de uma camada pouco profunda mas em parte gelada. Da minha janela via soprar sobre o mar o vento violento do norte. Imaginei-me nos campos de neve das montanhas suíças, então inacessíveis a pés humanos, e pensava o que seria mais isolado, se essas regiões solitárias se o oceano deserto.

- Sais hoje a cavalo, Trot? - perguntou-me Betsey, enfiando a cabeça pela porta do meu quarto.

- Sim, tia, vou a Cantuária. Está um dia óptimo para se cavalgar.

- Espero que o teu cavalo seja da mesma opinião - disse ela - mas neste

momento pende a cabeça e as orelhas, ali à porta. Há-de supor que a estrebaria lhe conviria mais.

Devo explicar aqui que a senhora Trotwood consentia ao meu cavalo o acesso do terreno interdito, continuando, porém, a ser muito severa com os jumentos.

- Não tardará a espertar - repliquei.

- Em todo o caso, o passeio fará bem ao dono - observou ela, relanceando os linguados dispersos na minha mesa. - Ah, filho, quantas horas passas aqui! Não calculava, quando lia livros, que fosse tão grande trabalho escrevê-los!

- Não deixa também de ser grande trabalho o de os ler. E quanto a escrevê-los, tem também os seus encantos, minha tia!

- Bem vejo. A ambição, o amor dos elogios, a solidariedade, e tantas outras coisas, hem? Pois então monta e parte.

- Teve mais alguma informação acerca desse «afecto da Agnes»? - indaguei com a maior calma, de pé à sua frente, depois de Betsey me haver dado uma pancadinha no ombro e se ter sentado numa cadeira.

Fitou-me por momentos, antes de responder:

- Creio que sim, Trot.

- Confirmou a sua impressão?

- Creio que sim, Trot.

Olhava-me tão fixamente, com uma espécie de hesitação, piedade e afectuosa incerteza que eu apelei para todas as minhas energias a fim de lhe mostrar expressão jovial.

- E o que é mais, Trot, é que...

- Hem?

- Creio que Agnes se vai casar.

- Deus a abençoe! - repliquei alegremente.

- Que Deus a abençoe - repetiu Betsey - e igualmente ao seu marido.

Fiz-me eco desse voto, despedi-me e desci com ligeireza a escada, saltei para o cavalo e parti. Tinha mais do que nunca razões para fazer o que havia resolvido.

Recordo-me tão bem de todos os pormenores dessa jornada de Inverno: os

pequeninos caramelos que o vento arrancava à vegetação, para me lançar à cara, o bater seco das ferraduras da minha montada no solo endurecido, a neve saltando à minha frente, a parelha fumegante de uma carroça de palha que se detivera para resfolgar no alto da encosta e sacudir harmoniosamente as campainhas, o declive e as ondulações brancas dos médáos, perfilando-se contra o céu sombrio, como se fossem desenhados numa imensa ardósia...

Encontrei Agnes sozinha. As alunas estavam em férias. Lia defronte do lume e, ao ver-me entrar, descansou o livro. Depois de me acolher com a cordialidade costumada, pegou no cesto da costura, antes de se sentar no poial duma das janelas.

Sentei-me a seu lado, num tamborete, e falámos do meu livro, de quando o terminaria e do que fizera depois da minha última visita. Agnes, muito alegre, predisse rindo-se que eu em breve seria célebre de mais para que se conversasse comigo com aquela familiaridade. E concluiu:

- Já vê que eu aproveito o mais possível a situação presente, se é que não representa já bastante atrevimento...

Quando lhe contemplava o belo rosto atento ao trabalho, Agnes alçou os meigos olhos claros e viu que eu a observava.

- Hoje parecia muito absorto - disse ela.

- Precisa que lhe diga porquê? - ripostei. - Vim por causa disso.

Poisou o trabalho, como fazia sempre que discutíamos assuntos sérios, e olhou-me sem pestanejar:

- Querida Agnes, duvida da minha fidelidade?

- Não - declarou com certo espanto.

- Crê que eu já não seja o mesmo que era outrora?

- Isso não.

- Lembra-se de que tentei dizer-lhe, no meu regresso, quanto lhe estava grato e lhe era afeiçoado?

- Lembro-me muito bem - volveu brandamente.

- Você tem um segredo. Confesse-o, Agnes.

Ela baixou a vista e começou a tremer.

- Eu não podia deixar de adivinhar, ainda que me tivessem dito. Soube por outros lábios que não os seus, Agnes, o que é esquisito, que existe outro homem

a quem concedeu o tesouro do seu amor. Não me oculte o que lhe respeita de tão perto. Se tem confiança em mim, como afirma e como eu sei, permita-me que seja seu amigo e irmão, e isto antes de tudo mais!

Com um olhar suplicante e quase de censura, a rapariga deixou o vão da janela e, atravessando o compartimento a toda a pressa, como se não soubesse para onde ir, tapou o rosto com as mãos e desatou em soluços que cortavam o coração.

Todavia essas lágrimas caíam-lhe na alma como uma promessa de felicidade. Sem razão aparente, associavam-se-me no espírito ao sorriso meigo e triste de que tão bem me recordava. Estremeci mais de esperança que de receio ou de dor.

- Agnes, querida irmã, que lhe fiz?

- Deixe-me ir, Trot. Não me sinto bem... não estou em mim... Falar-lhe-ei mais tarde, noutra ocasião... Escrever-lhe-ei. Mas agora não me fale. Não, não!

Tratei de me lembrar do que ela me dissera, depois da minha viagem, acerca daquele afecto que não exigia retribuição. Pressenti uma imensidade de coisas que devia explorar imediatamente.

- Agnes, não posso vê-la nesse estado e pensar que sou eu a causa. Minha querida, mais querida do que tudo no mundo, se é infeliz, deixe-me partilhar da sua infelicidade. Caso precise de conselho, permita que eu procure dar-lho. Se o seu coração está triste, deixe que o alegre. Para quem pensa que eu vivo agora? Apenas para si!

- Oh, tenha dó de mim. Não me sinto bem. Mais tarde! Foi tudo o que pude apurar.

Seria um desvaire egoísta que me impelia, ou antes uma luz de esperança que me mostrava uma solução que eu não ousava contemplar?

- Devo acrescentar mais qualquer palavra, Agnes. Não posso deixá-la assim. Por amor de Deus, não consintamos que entre nós se crie um mal-entendido, depois de tantos anos que nos trouxeram e roubaram tantas coisas! Hei-de exprimir-me com clareza. Se ainda crê que eu podia invejar a ventura que concedesse a outrem, que não a deixaria escolher alguém da sua preferência, que não suportaria ser testemunha da sua alegria, expulse tais ideias, porque não mereço que assim me julgue. Não foi em vão que sofri. Não foi em vão que me aconselhou. No sentimento que lhe consagro não há sombra de egoísmo.

Agnes sossegou e voltou para mim as faces pálidas. Em seguida falou em

voz baixa, sufocada de vez em quando pela comoção.

- É forçoso dizer-lhe, em nome da sua amizade tão pura, que está enganado, Trot. Não posso acrescentar mais. Se às vezes tive necessidade de auxílio e conselhos, no decurso destes anos, você sempre mos deu. Se algumas vezes fui infeliz, a minha tristeza dissipou-se. Se jamais senti um peso no peito, ele foi-me retirado. Se há em mim um segredo, esse não é novo... E não é... o que você supõe. Não o posso revelar. Pertence-me há muito tempo e devo conservá-lo.

- Agnes! Espere um instante!

Ia sair, mas retive-a. Passei-lhe o braço de roda da cintura. «No decurso destes anos»... «O segredo não é novo»... Pensamentos e esperanças desconhecidas turbilhonavam-me no cérebro. A minha vida mudava de aspecto.

- Querida Agnes! Você, que eu respeito tanto, você que eu amo tão fervorosamente! Quando cheguei, julgava que não havia nada que pudesse arrancar-me esta confissão! Supunha que poderia guardá-la no fundo da minha alma a vida inteira, até que fôssemos ambos velhos. Mas, Agnes, se posso alimentar esta esperança nascente de a tratar um dia por um nome mais caro que o de irmã, por um nome tão diverso...

As lágrimas dela deslizavam, mas não eram as mesmas de ainda há pouco. Espelhavam a minha esperança.

- Agnes - disse eu - minha guia e meu amparo, em todos os tempos! Se tivesse pensado um pouco mais em si e um pouco menos em mim, quando crescíamos lado a lado, creio que o meu coração frívolo não teria nunca errado por longe. Mas você valia muito mais do que eu, era tão necessária a todas as minhas esperanças e decepções infantis, que a minha confiança e a minha fé se me tornaram como uma segunda natureza e me fizeram esquecer por momentos o meu primeiro e mais forte instinto, que era de a amar como a amo agora.

Ela chorava sempre, porém de alegria e não de tristeza. E eu conservava-a apertada nos braços, como jamais ela estivera e como jamais eu pensara tê-la.

- Quando eu amava Dora, -e ternamente, como você sabe, Agnes...

- Sim, sim - murmurou gravemente. - E isso consola-me.

- Quando eu a amava - continuei - mesmo então o meu amor teria sido incompleto sem o seu apoio. Mas a sua solidariedade veio coroar aquele amor. E, quando perdi Dora, que seria de mim sem a minha querida Agnes?

Continuei a cingi-la nos braços, mais perto do coração. A mão dela, trémula, descansava-me no ombro, e os seus olhos meigos brilhavam através das

lágrimas, mergulhando nos meus.

- Parti, querida Agnes, amando-a. Estive longe de si, amando-a. Voltei, amando-a.

Em seguida tratei de lhe contar as minhas lutas e a sua conclusão. Procurei pôr a minha alma a nu diante dela. Esforcei-me por lhe mostrar como julgava ter atingido melhor compreensão de mim mesmo e sua; como me abandonara às consequências desta compreensão; e como viera ali, nesse dia, para ser fiel aos meus sentimentos. Se Agnes me tinha bastante amor (disse-lhe) para me aceitar como marido, devia-o decerto não aos meus méritos próprios mas à sinceridade da minha estima, aos sofrimentos por que passara e que haviam amadurecido este amor, levando-me enfim a revelar-lho. E, ó Agnes, mesmo através dos teus olhos puros, era a alma da minha esposa-criança que me olhava nesse momento para me decidir a esta resolução e me lembrar por teu intermédio a terna saudade do Botão de Rosa murcho antes de desabrochar!

- sinto-me feliz, Trot, e o meu coração transborda, mas há uma coisa que é necessário te diga.

- Que é, meu amor?

Colocou as mãos suaves nos meus ombros e olhou-me tranquilamente.

- Não sabes o que é?

- Não me atrevo a perguntar. Di-lo tu, querida Agnes.

- Amei-te constantemente.

Grande era a nossa felicidade. Não chorávamos pelas provações sofridas (ela sobretudo), mas pela certeza de que nunca mais nos separaríamos.

De tarde, fomos passear ao campo. A atmosfera sossegada parecia corresponder à nossa calma interior. As primeiras estrelas começaram a cintilar quando ainda estávamos fora. Erguendo os olhos para elas, louvámos o Criador por nos haver conduzido a essa serenidade sublime.

Ficámos juntos no vão da janela, ao luar. Agnes contemplava pacificamente o céu, e eu seguia o seu olhar.

Julguei então ver abrir-se diante de mim uma extensa via, sobre a qual avançava a custo um pobre garoto andrajoso, exausto e abandonado, que vinha conquistar o coração que eu sentia nesse momento bater de encontro ao meu.

Aproximava-se a hora do jantar, no dia seguinte, quando fomos participar à tia Betsey a nossa deliberação. A velha Peggotty informou-me de que ela estava

no meu gabinete, pois fazia gala em tê-lo sempre na melhor ordem, pronto para me receber. Encontrámo-la sentada defronte do lume, de óculos na ponta do nariz.

- Meu Deus! - exclamou, perscrutando a obscuridade. - Quem me trazes aí?

- Agnes - declarei.

Como tínhamos ajustado não dizer nada de começo, a tia Betsey ficou um pouco desconcertada. Deitara-me um olhar de esperança quando eu dissera «Agnes», mas, vendo o meu ar habitual, tirou os óculos e esfregou o nariz, o que era sinal de desespero. Todavia recebeu a visita com muita cordialidade, e daí a pouco encaminhávamo-nos para a casa de jantar.

Durante a refeição, a tia pôs e repôs várias vezes os óculos para me lançar novos olhares, mas acabou por se sentir descoroçoada. O senhor Dick, que conhecia o significado da manobra, pareceu cheio de consternação.

- A propósito - disse eu depois do jantar - falei a Agnes daquilo que me aconselhou...

- Então, Trot - retorquiu Betsey, corando - fizeste mal e faltaste à tua promessa.

- Não está zangada, pois não? Estou certo de que não ficará quando souber que Agnes não tem nenhuma afeição que se deva lamentar.

- Que tolice!

Como dava a aparência de contrariedade, achei preferível pôr-Lhe cobro à inquietação. Cingi Agnes pela cintura, para a conduzir por trás da poltrona da tia, e ambos nos inclinámos para ela. A tia, depois de dar palmas e encaixando os óculos no nariz, passou imediatamente a uma crise de nervos... pela primeira e última vez da sua vida.

A Peggotty compareceu. Logo que a tia se recompôs, saltou ao pescoço da velha criada e apertou-a com toda a força nos braços. Após o que, fez o mesmo ao senhor Dick - muito honrado mas algo surpreendido. Por fim explicou-lhe a razão das suas demonstrações. E nós impámos de satisfação.

Não pude descobrir se a tia, na sua conversa anterior comigo, proferira uma mentira piedosa e se realmente se enganara quanto aos meus sentimentos. Uma coisa era certa, disse ela: dera-me a entender que Agnes se ia casar. E, afinal, mal sabia a que ponto falava verdade!

Casámo-nos duas semanas depois. Os únicos convidados para a cerimónia

foram Traddles e Sophy, o doutor Strong e a mulher. Deixámo-los radiantes de alegria.

Amparei nos braços aquela que era a fonte de todas as minhas mais nobres aspirações, o próprio centro do meu coração, a mulher que eu amava com um amor imarcessível.

- Adorado marido! - murmurou Agnes. - Agora que te posso dar este nome, resta-me uma coisa a acrescentar.

- Di-la, meu amor.

- Isto vem da noite em que Dora morreu. Ela tinha-me pedido...

- Continua.

- Adivinhas o que era?

Julguei que sim e apertei-a mais contra o peito.

- Disse-me que tinha um pedido para me fazer e uma missão para confiar.

- E era...

- Que ninguém mais, senão eu, ocupasse o lugar vazio.

E Agnes poisou a cabeça no meu coração e chorou. Eu chorei com ela, apesar de toda

LXIII. UMA VISITA

O que pretendia memorar está quase no fim, mas há ainda um incidente importante, em que muitas vezes penso deleitado e sem o qual ficaria embaraçado um dos fios da trama que teci.

A minha glória e o meu bem-estar iam crescendo, a felicidade conjugal era perfeita, e eu estava casado havia já dez anos venturosos. Certa tarde de Primavera, eu e Agnes achávamo-nos sentados à lareira quando nos anunciaram a visita de um desconhecido. Tinham-lhe perguntado se se tratava de negócios e ele respondera negativamente. Desejava apenas ter o gosto de me falar, e vinha de longe. Era velho, acrescentou a criada, e pelo aspecto parecia um fazendeiro.

Esta notícia soou como misteriosa às crianças, tanto mais que sugeria o começo de uma das suas histórias favoritas, em que entrava uma velha fada maldosa envolta numa capa e com cara de poucos amigos. A comoção foi grande. Um dos meus filhos escondeu a cabeça nos joelhos da mãe, para fugir a qualquer perigo, e a pequena Agnes (a nossa primogénita), deixando a boneca em cima de uma cadeira, para a substituir, ocultou-se atrás do reposteiro, donde assistiria à cena enfiando através dele a cabeça encaracolada.

- Manda-o entrar - ordenei.

Vimos daí a pouco aparecer - para se deter na sombra do limiar - um velho robusto de cabelo grisalho. A pequena Agnes, atraída pelo olhar do forasteiro, correra ao seu encontro, convidando-o a entrar. Eu ainda não conseguira ver-lhe bem o rosto quando minha mulher se levantou de repente e gritou com voz agitada e alegre:

- É o senhor Peggotty!

Era ele, de facto. Velho agora, mas ainda ágil e vigoroso. Passada a nossa primeira impressão, sentou-se diante do lume, com os meus filhos nos joelhos, e o reflexo das brasas na cara. Na verdade, devia ser o velhote mais robusto e mais belo que eu vira até então.

- Menino Davy - disse ele (e como me pareceu familiar este tratamento, e o tom da sua voz!). - Menino Davy, é para mim um momento de felicidade este em que o torno a ver, com a sua esposa e os seus meninos!

- Um momento feliz para nós todos - repliquei.

- Não era mais alto, menino Davy, do que a mais pequena destas crianças na

primeira vez que o vi. E Emily seria do mesmo tamanho, assim como o nosso malogrado Ham.

- O tempo, a mim, mudou mais do que a si, senhor Peggotty. Mas estes garotos não se vão deitar? O senhor está aqui na única casa de Inglaterra que o pode abrigar. Diga-me onde deixou a bagagem, para que a mande buscar, e depois, diante de um copo de grogue de Yarmouth, contar-me-á tudo o que se passou durante estes dez anos.

- Veio só? - perguntou Agnes.

- Sim, senhora, vim só.

Instalámo-lo na nossa casa e pusemo-lo à vontade. Ouvindo-lhe aquela voz familiar podia crer que ele ainda prosseguia as suas viagens em cata da sobrinha adorada.

- Tive de atravessar muita água - principiou Daniel - por espaço de umas quatro semanas. Mas a água, sobretudo a salgada, já me conhece bem. Além disso, havia os amigos que eu desejava ver, e cá me têm.

- Volta para tão longe, sem uma demora grande? - perguntou Agnes.

- Sim, senhora, prometi à Emily, antes de a deixar. Bem vê, os anos não me remoçam, e, se eu não viesse agora, jamais tornaria a fazer esta viagem. Sempre tive esta ideia de vir visitar o menino Davy e a sua senhora, e gozar da sua felicidade, antes de ser demasiadamente velho.

Olhava-nos sempre, como se não se fartasse do espectáculo. Agnes afastou-lhe, rindo, as madeixas grisalhas da testa, para que ele nos visse melhor.

- E agora - disse-lhe eu - conte-nos como é que as coisas se têm passado.

- Posso contar em duas palavras, menino Davy. As coisas têm andado menos mal. Tudo correu bem. Trabalhámos como devíamos, tanto mais que, a princípio, a vida foi dura. No entanto fomos prosperando. Com a criação das ovelhas e do gado graúdo, e mais isto e aquilo, conseguimos manter-nos tão à vontade quanto era de desejar. Fomos realmente abençoados - acrescentou Peggotty, inclinando a cabeça com respeito. - É claro que levou tempo. Mas tinha de ser.

- E Emily? - perguntámos em uníssono.

- Oh! Quando a senhora a deixou... e devo dizer que nunca a ouvi nas suas orações da noite, através do tabique que nos separava, na selva, nunca a ouvi rezar sem escutar também o seu nome proferido com fervor. Tínhamos perdido

de vista o menino Davy, naquele belo pôr de sol, e Emily estava tão abatida, de começo, que se soubesse logo o que o menino delicadamente nos ocultou, creio que ela não resistiria... Mas havia a bordo desgraçados que adoeceram e Emily ocupou-se a tratá-los. Além disso, havia crianças que nos acompanhavam e ela tomou-as ao seu cuidado. Entreteve-se, espalhou o bem à sua volta e isso ajudou-a muito.

- Quando é que ela soube?

- Não lhe disse nada durante um ano. Vivíamos então num lugar solitário, mas no meio de árvores magníficas e de roseiras que trepavam até ao topo da nossa cabana. Certo dia em que eu trabalhava no campo, apareceu um viajante cá de Norfolk ou de Suffolk (já não sei bem) e, naturalmente, convidámo-lo a entrar, demos-lhe de comer e de beber e, enfim, recebemo-lo muito bem. Toda a colónia procede sempre assim. Trazia um jornal velho e um relato impresso da tempestade. Foi assim que ela soube. Percebi-o, quando nessa tarde voltei para casa.

Baixou a voz, ao pronunciar estas palavras, e eu notei-lhe no rosto a expressão grave de que me recordava tão bem.

- Afligiu-se muito?

- Sim, senhor, e por bastante tempo - respondeu Daniel, meneando a cabeça - se é que o efeito não perdura ainda. Penso, todavia, que a solidão lhe fez bem. Tinha muito trabalho com a criação das aves, e isso também favoreceu a resignação. Quem sabe se o menino Davy ainda a reconheceria se a tornasse a ver?

- Emily mudou dessa forma?

- Não sei. Vejo-a todos os dias, de maneira que não posso dizer. Mas, às vezes, parece-me que sim. Está magra, um pouco fatigada. Olhos azuis meigos e tristes, rosto delicado, linda cabeça, um tanto curvada, voz e gestos calmos, quase tímidos... Eis a nossa Emily!.

Sem falarmos, víamo-lo contemplar o lume.

- Uns crêem que a sua afeição se dirigia a quem não era merecedor; outros pensam que o casamento foi frustrado pela morte. Ninguém sabe a verdade. Emily podia-se ter casado quantas vezes quisesse. Mas, como ela dizia, «tio, isto acabou!» Sempre alegre comigo, reservada com os demais, disposta a uma caminhada para ensinar uma rapariga na véspera do casamento (fê-lo muitas vezes, mas nunca comparecia às cerimónias), terna e afectuosa com o tio, paciente, querida de novos e velhos, procurada por todos os que tinham

dificuldades. Eis a nossa Emily!

Passou a mão pela cara, e em seguida, com um suspiro meio sufocado, ergueu a vista.

- Martha continua lá?

- Martha casou-se, menino Davy, no segundo ano da sua estada na Austrália. Um moço de lavoura, que passava pela nossa residência para ir ao mercado com os produtos da herdade (viagem de mais de quinhentas milhas, ida e volta), quis tomá-la por mulher (as mulheres ali são raras) e instalou-se por sua conta no mato. A mim ela pediu que contasse a sua história ao rapaz, o que fiz. Casaram-se e vivem a quatrocentas milhas de qualquer povoado.

- E a senhora Gummidge?

Ferira uma corda chocarreira, porque Peggotty soltou uma gargalhada e esfregou as pernas de alto a baixo, como fazia quando estava contente, no velho barco-residência.

- Imaginem! Pois houve quem a pedisse em casamento, também, a ela!

Eu nunca vira Agnes rir com tanta vontade. Essa súbita jovialidade do antigo pescador parecera-lhe tão deliciosa que não podia conter-se, e quanto mais ria mais me fazia rir a mim e mais aumentava a jovialidade de Peggotty, que não cessava de esfregar as pernas.

- E que respondeu a senhora Gummidge? - inquiri, quando me foi possível retomar a seriedade.

- Acredite se puder! A senhora Gummidge, em vez de dizer «Muito obrigada estou-lhe reconhecidíssima, no entanto na minha idade já não convém mudar de estado», ou coisa parecida, agarrou numa selha que tinha à mão e enfiou-a pela cabeça do pretendente. E eu tive de acudir aos gritos de socorro que o homem soltava.

Daniel tornou a dar uma gargalhada e eu e Agnes imitámo-lo.

- Mas devo acrescentar para a defender, coitada - continuou, depois de haver enxugado a cara com o lenço, porque rira até às lágrimas - que ela cumpriu tudo quanto nos prometera, e até mais. É mulher muito serviçal, fiel e útil, menino Davy. Nunca a ouvi queixar-se de estar só e abandonada, mesmo quando chegámos à colónia, onde tudo era novo para nós. Desde que saiu de Inglaterra nunca mais lamuriou a respeito do seu defunto.

- E agora... os últimos são os primeiros... fale-nos do senhor Micawber.

Pagou tudo o que ficara aqui a dever (até a letra de Traddles, como deves recordar-te, Agnes) e por conseguinte podemos deduzir que tem prosperado. Quais são as últimas novidades a seu respeito?

Com um sorriso, Peggotty levou a mão à algibeira e tirou um macete chato, donde extraiu com muito cuidado uma espécie de jornal.

- Deve saber, menino Davy, que ao presente já deixámos a selva, porque somos ricos, e fomos instalar-nos em Port Middlebay Harbour, que é o que lá se chama uma cidade.

- O senhor Micawber esteve consigo no interior?

- Sim, senhor, e com que entusiasmo pôs mãos à obra! Vi-lhe a cabeça calva suar em bica, ao sol, a ponto de julgar que se derretia. Presentemente é juiz de paz.

- Juiz de paz! - repeti.

Daniel mostrou-me um artigo da tal gazeta - era o Port Middlebay Times - e eu li em voz alta o que se segue:

«O banquete oferecido ao nosso distinto camarada e concidadão senhor Wilkins Micawber, juiz de paz do bairro de Port Middlebay, verificou-se ontem no salão do hotel, que estava repleto de gente. Crê-se que seriam nada menos de quarenta e sete comensais, sem falar dos que se acomodaram no corredor e patamar. Toda a sociedade de Port Middlebay porfiou em prestar homenagem a um homem tão justamente estimado, tão vastamente dotado e tão universalmente popular. Presidiu o doutor Mell (do colégio colonial de Salem House, Port Middlebay), que tinha à direita o nosso ilustre convidado. Depois de levantada a mesa e ouvido o Non Nobis (magnificamente cantado, em que sobressaiu a bela voz do talentoso amador Wilkins Micawber Júnior), fizeram-se com entusiasmo os brindes tradicionais de lealdade e patriotismo. O doutor Mell, num discurso que transbordava, de comoção, bebeu em seguida à saúde do nosso «distinto hóspede, ornamento da nossa cidade! Possa ele», acrescentou, «jamais a deixar, a não ser para melhoria da sua situação, e possa o seu êxito, entre nós ser de tal ordem que torne impossível semelhante melhoria!» Não é fácil descrever as aclamações que acolheram este brinde. Elevavam-se e desciam, para subir de novo, como as ondas do oceano. Por fim estabeleceu-se silêncio e o senhor Wilkins Micawber levantou-se para agradecer. Longe de nós a ideia, na imperfeição relativa dos recursos actuais da nossa imprensa, tentar seguir o nosso ilustre concidadão através dos períodos harmoniosos do seu discurso

elegante e floreado. Que nos baste dizer que era uma obra-prima de eloquência, e que os passos em que ele evocou mais particularmente a origem do seu êxito e pôs de sobreaviso os jovens contra o perigo de contrair obrigações pecuniárias de que não pudessem desquitar-se fizeram aflorar lágrimas aos olhos dos mais intrépidos. Os outros brindes foram à saúde do doutor Mell, da senhora Micawber (que saudou graciosamente da porta lateral, onde uma galáxia de beldades subiu às cadeiras para contemplar e ao mesmo tempo adornar essa cena agradável), da senhora Ridger Begs (em solteira, Micawber), da senhora Mell, de Wilkins Micawber Júnior (que deliciou a assistência declarando com humor que se sentia incapaz de agradecer com um discurso, mas que, se quisessem, o faria com uma canção}, da família da senhora Micawber (bastante conhecida na sua pátria, como todos sabem), etc., etc., etc. A cerimónia terminou, as mesas desapareceram como por encanto, e o espaço assim conquistado permitiu se iniciasse o baile. Entre os adoradores de Terpsicore, que se divertiram até ao momento em que Febo deu o sinal de partida, notou-se em especial Wilkins Micawber Júnior assim como a encantadora menina Helena, quarta filha do doutor Mell.»

Eu olhava para o nome do doutor Mell, contente por saber que se encontrava numa situação muito melhor do que o antigo senhor Mell, ex-prefeito do colégio da minha meninice, quando Peggotty me indicou outra coluna do jornal. O meu nome saltou à vista e eu li o seguinte:

«Ao Sr. David Copperfield, eminente escritor

Caro senhor

«Decorreram anos sem que eu tivesse oportunidade de rever com os meus próprios olhos essas feições familiares hoje a grande parte do mundo civilizado.

«Mais, prezado senhor, ainda que privado (pela força de circunstâncias independentes da minha vontade) da companhia do amigo e camarada de juventude, não o deixei de seguir na sua resplandecente carreira. Não me recuso ao prazer, «embora entre nós os mares bramem escumantes» (Burns), de tomar parte no festim intelectual que nos preparou.

«Não posso, pois, deixar de aproveitar esta ocasião, em que tenho portador, para lhe agradecer publicamente (em meu nome e, é justo acrescentar, no da totalidade da população de Port Middlebay) o prazer de que lhe somos todos devedores.

«Continue, caro senhor! Não é aqui desconhecido, nem sequer mal conhecido! Se bem que «afastados», não estamos «inimistosos», nem «melancólicos», nem (ouso ajuntar) «retardatários».

«Prossiga, caro senhor, o seu voo de águia. Os habitantes de Port Middlebay podem ao menos esperar segui-lo com os olhos, com alegria, interesse e proveito!

«E entre os olhos que desta parte do globo se erguem para si, encontrará sempre, enquanto houver vida e luz, os de Wilkins Micawber, magistrado.»

Percebi, observando o resto do jornal, que Micawber era um dos seus colaboradores mais estimados e diligentes. Havia nesse mesmo número outra carta dele acerca de uma ponte. Havia também o anúncio da reimpressão próxima, num bonito volume, de uma colecção de cartas do mesmo autor «consideràvelmente revista e aumentada»; e, por fim, se não me engano, o artigo de fundo igualmente subscrito por Micawber.

Falámos ainda durante vário tempo de Micawber, nos serões em que Peggotty passou connosco. Daniel esteve em nossa casa durante a sua permanência em Londres (cerca de um mês) e a irmã dele e a minha tia vieram de Dover visitá-lo. Quando nos deixou, eu e Agnes fomos despedir-nos ao navio, e foi o último adeus que trocámos neste mundo.

Antes, porém, de partir, acompanhou-me a Yarmouth para conhecer a inscrição que eu mandara pôr no cemitério, em memória de Ham. Enquanto, a seu pedido, copiei o texto, Daniel abaixou-se e apanhou na sepultura um pouco de erva e um pouco de terra.

- É para Emily - disse-me, guardando tudo no seio - Prometi-lhe, menino Davy.

LXIV. ÚLTIMA RETROSPECTIVA

Cheguei ao final da minha história. Olho mais uma vez para trás - a última - antes de terminar estas páginas.

Acompanho Agnes na estrada da vida. Rodeiam-nos os nossos filhos e os nossos amigos. Oiço de caminho o murmúrio de numerosas vozes que não me são indiferentes.

Que rostos se me evidenciam nesta turba movediça? Ei-los todos virados para mim, quando faço esta pergunta aos meus pensamentos.

Cá está a minha tia, com as suas lentes mais fortes. É agora uma velha de mais de oitenta anos, mas ainda erecta e capaz de percorrer sem descanso as suas seis milhas em pleno Inverno.

Sempre junto dela vejo a Peggotty, a minha antiga criada. Também usa óculos e, à noite, para coser, aproxima-se do candeeiro, porém jamais esquece o coto de vela, a fita métrica e a caixa da costura, cuja tampa apresenta o desenho da catedral de São Paulo.

As faces e os braços da Peggotty, tão rijos e corados na minha infância (o que me levava a pensar por que é que os pássaros os não preferiam às maçãs), estão agora enrugados, e os olhos, que sombreavam parte da cara, mostram-se indecisos, sem terem perdido inteiramente o brilho, mas o dedo rugoso, que outrora me fazia recordar uma lima, esse não mudou nada - e quando vejo o meu filho mais novo agarrá-lo para se segurar nos seus passos hesitantes entre ela e a tia, lembro-me da nossa saleta, onde aprendi a andar. A antiga decepção da minha tia já foi compensada. É agora madrinha de uma verdadeira Betsey Trotwood, bem viva, e Dora (a secundogénita) diz que ela a enche de mimos.

Lobrigo algo de volumoso na algibeira da Peggotty: é o Livro dos Crocodilos, já muito dilacerado, com as páginas recosidas, mas a velha criada mostra-o aos pequenos como uma relíquia preciosa. Julgo ver o meu próprio rosto de criança sair das histórias de crocodilos para se colocar à minha frente e lembrar-me o meu antigo conhecimento com Brooks de Sheffield.

Durante as férias, surge entre o grupo dos meus filhos um velho que faz papagaios gigantescos de papel e os contempla no seu voo com indizível satisfação. Aproxima-se de mim, enlevado, e segreda-me com um piscar de olhos e meneios de cabeça:

- Trot, há-de gostar de saber que vou acabar o memorial, quando não tiver nada entre mãos. A sua tia é a mulher mais extraordinária do mundo!

Mas quem é aquela senhora idosa, curvada, que se apoia a uma bengala e cujo rosto deixa adivinhar certos vestígios de beleza e de orgulho a contas com uma irritação senil e lacrimosa? Está no jardim e, a seu lado, avulta uma mulher magra, morena e fanada, com uma cicatriz branca no lábio. Que dizem elas?

- Rosa, esqueci-me do nome deste senhor. Rosa inclina-se e grita-lhe:

- Copperfield!

- Muito prazer em vê-lo, senhor Copperfield. É com desgosto que verifico que está de luto. Espero que o tempo o console.

A sua companheira, impaciente, repreende-a, diz-lhe que não estou de luto, pede-lhe que olhe outra vez para mim, procura despertar-lhe a memória.

- Viu o meu filho, senhor Copperfield? - pergunta a senhora idosa. - Reconciliaram-se?

Depois, fitando-me, leva a mão à testa e começa a gemer. De repente exclama com voz arrepiante:

- Rosa, chega aqui. Ele morreu!

Rosa, ajoelhada aos pés da dama, ora lhe ralha ora a acaricia. Tão depressa lhe diz com veemência «Eu amava-o mais que a senhora!», tão depressa a tranquiliza para a adormecer no peito como uma criança doente.

É assim que eu as deixo, é assim que as torno a encontrar, é assim que elas passam o tempo, ano após ano.

Que navio é este que regressa da índia e quem é esta inglesa casada com um velho ricaço escocês de orelhas grandes, que resmunga sem cessar? É realmente Julia Mills?

Sim, é Julia Mills, bela e impertinente, acompanhada de um preto que lhe apresenta cartas e bilhetes de visita numa bandeja, e de uma mulher de tom acobreado, trajada de linho e toucada de um lenço de cor viva; esta traz-lhe o almoço ao quarto de vestir. Mas Julia já não escreve o seu diário, questiona sem fim com o ricaço escocês, que é uma espécie de urso branco de pêlo sujo. Nada em dinheiro. Nem pensa noutra coisa, nem fala de mais nada. Preferia-a quando se preocupava com o deserto do Sara.

Quem sabe se ela agora está nesse deserto? Embora Julia possua uma casa soberba e viva em grande sociedade, dando todos os dias jantares sumptuosos,

não vejo junto dela nada que viceje, nada que possa dar flor e fruto. O que Julia chama «a sociedade», eu conheço. Nela figura, entre outros, Jack Maldon, instalado na sua sinecurazinha, rindo-se de quem lha deu e referindo-se ao doutor Strong como alguém «fora de moda». Mas quando a «sociedade» é a designação proferida por essas senhoras e cavalheiros sem estofo, quando a sua educação consiste na indiferença que professam por tudo que pode servir a humanidade, ou prejudicá-la, eu suponho, Julia, que estás perdida nesse Sara famoso e que devias fazer tudo para sair de lá.

E aqui temos o doutor, sempre nosso bom amigo, trabalhando no seu Dicionário (mais ou menos na letra D) e vivendo feliz no seu lar, em companhia da mulher. E eis também o Veterano, presentemente com muito menos meios e muito pouco da influência de que dispunha outrora.

Chego em seguida a casa do meu bom amigo Traddles, que trabalha no seu escritório do Temple; parece muito ocupado, e os cabelos (nos pontos da cabeça em que não é calvo) estão mais do que nunca revoltos sob a fricção constante da peruca de advogado. A mesa cobre-se de rimas de autos, e eu digo, lançando um olhar circular à sala:

- Se Sophy fosse o teu escrevente, Traddles, teria bastante que fazer!

- É como dizes, Copperfield. Foram belos tempos, assim como no tribunal de Holborn. Como vão longe!

- Quando ela te vaticinava que serias juiz? Mas não era um boato insistente.

- Em todo o caso, se vier a ser um dia...

- Ora, bem sabes que virás a ser.

- Pois então, Copperfield, quando o for, contarei a história como sempre a contei.

Saímos de braço dado. Vou jantar a casa do Traddles. É o dia de anos de Sophy, e, de caminho, ele fala-me da sorte que teve.

- Pude realmente fazer, caro Copperfield, tudo o que ambicionava. O reverendo Horace obteve o curato de quatrocentas e cinquenta libras anuais; os meus dois filhos vão receber educação aprimorada e tornar-se estudantes sérios e bons rapazes. As minhas cunhadas, três casaram, e bem, três outras vivem connosco, e as três restantes dirigem a casa do pai desde a morte da minha sogra. São todas felizes.

- Salvo... - observei.

- Salvo a Beldade. Foi uma tristeza ter casado com esse aventureiro. Mas era brilhante e romântico! Tinha-a fascinado. Enfim, agora que se encontra em segurança, livre dele, a nossa obrigação é restituir-lhe a alegria.

A casa de Traddles é uma dessas (ou, pelo menos, podia ser) que eles se entretinham a dividir e mobilar em imaginação durante os seus passeios à tarde. É grande, mas ainda assim tem processos no quarto de vestir, lado a lado com sapatos. Ele e a mulher ocupam a água-furtada para deixar espaço livre à Beldade e às irmãs. Nunca há ali um compartimento disponível, porque acontece estarem, por uma razão ou outra, mais algumas das irmãs. Eis um grupo que desce a escada de tropel, quando entramos, e que deixa Traddles sem fôlego com tantos beijos e abraços. Como é o aniversário de Sophy, as raparigas estão quase todas, solteiras e casadas, com os respectivos maridos, o irmão de um dos maridos, o primo de outro, e a irmã de um terceiro, que se me afigura ser noiva do primo. Traddles, sempre o mesmo, simples e natural, senta-se como um patriarca no extremo da mesa enorme, e Sophy, radiante, contempla-o da outra extremidade, através de um espaço em que o esplendor não provém certamente das colheres de estanho...

E agora, que terminei a minha tarefa, reprimo o desejo que me toma de me demorar nestas evocações. Todos estes rostos empalidecem. Mas há um que me ilumina como uma luz celeste, graças à qual tudo mais se torna visível, e que brilha acima dos outros. E este permanece.

Volto a cabeça e vejo-o, na sua bela serenidade, junto de mim. A candeia baixa, porque escrevi muito pela noite adiante; mas a querida presença (sem a qual eu já não seria nada) não me deixou um momento.

Ó Agnes! Ó minha alma! Possa o teu rosto estar ainda a meu lado quando eu acabar de vez os meus dias, e possa eu, na hora em que a realidade me fugir como estas sombras que presentemente me cercam, encontrar-te sempre à minha beira, de mão erguida para o Céu!

* * * * * *



BIBLIOTECA
DO EXILADO

{1} Membrana que cobre a cabeça do feto. Quando a criança a tem na ocasião de vir ao mundo, diz-se que nasceu num fole, isto é que será feliz - e que nunca se afogará.
{2} Hindu que afecta as maneiras e o modo de falar dos ingleses.
{3} Mulher de um cã.
{4} Ham, em inglês, corresponde ao português Cam ou Cão, um dos três filhos de Noé.
{5} Familiarmente, Topsawyer é um senhor de importância.
{6} Alusão ao prodigioso actor romano Quintus Roscius Gallus
{7} Experientia does it por experientia docet, trocadilho intraduzível.
{8} Escocês. Significa old long since (há muito tempo).
{9} No texto, proctor e doctor, portanto mais fácil a confusão
{10} Conspirador inglês, enforcado em 1605, acusado de, com outros, pretender matar o rei e fazer explodir o Parlamento.
{11} Xerez que era mandado à índia e de lá voltava, «amadurecendo» na viagem à roda dos continentes
{12} Cópias de quadros célebres feitas a bordado manual.
{13} W. Enfield, autor de Speaker: Selections from the best English Writers (1832).
{14} Modelo, exemplo.
{15} Deo Valente, querendo Deus.
{16} Alusão a versos escoceses de Robert Burns.
{17} O autor joga com a palavra «Heep», que soa como «Heap» (pilha, montão), tal se dissesse «monte de infâmia», etc.
{18} Versos do poeta escocês Robert Burns.
{19} Adriaen van Ostade, pintor holandês (1610-84), especializado em cenas de tabernas, entre fumo e bebidas.
{20} Murdstone, palavra que começa pelas mesmas letras de Murderer (assassino).
{21} Em Inglaterra podem ser nomeados juízes vultos eminentes do foro.